









S 1015.

# O INSTITUTO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

VOLUME QUINTO.



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE.

1857.

ATLANTIC

# INDICE ALPHABETICO

DO

## QUINTO VOLUME DO INSTITUTO.

Almanak de instrução pública .....	275	Integraes definidos.....	213
Almanak de Portugal .....	132	Introdução .....	1
Amôr (poesia) .....	78	Irmãs da caridade .....	222, 244, 270, 281
Annuncios .....	36, 48, 180, 204, 264, 288	Lucta (a) (poesia) .....	67
Annuncios (os) em Inglaterra .....	56, 155, 224	Lusiadas (os); tradução franceza .....	42, 166, 154, 173, 211, 226, 282
Apontamentos para a continuação da Bibliotheca Lusitana .....	259	Luz (a) artificial .....	54
Arredores de Coimbra .....	27, 88, 129, 141	Manual do processo commercial (bibliographia) ..	192
Astronomia .....	128	Memoria sobre as principaes causas da mortalidade nos hospitaes de S. José e meios de as attenuar (bibliographia) .....	252
Astronomia nautica .....	10	Methodo (o) do ensino paralelo ..	78, 90, 103, 113
Aviso da Redacção.....	276, 288	Monumentos de Coimbra .....	165, 284
Bases para a reforma da instrução primaria....	137	Neerlandia (a) e a vida hollandeza... ..	5, 29, 65, 88
Bibliographia .....	23, 130, 238, 275, 287	Notas ao ensaio sobre os principios de Mechanica .....	21, 33, 57, 71, 82
Caminhos (os) de ferro .....	105, 125, 151	Noticiario .....	84, 95, 106, 119, 131, 143, 168, 178, 192, 204, 239, 264
Carta do snr. Antonio F. de Castilho.....	17	Noticias litterarias .....	12, 23, 35, 47, 59
Castello (o) de Calabria .....	40, 53	Obras offercidas á bibliotheca do Instituto de Coimbra .....	72
Cathecismo popular de Agricultura .....	33	Observações meteorologicas .....	120
Collecção de productos das nossas possessões ultramarinas.....	168	Physiologia .....	103
Cometa (o) de 13 de junho .....	272	Piscicultura .....	69, 81
Compendio popular de Zoologia .....	59	Principios de mechanica por Silvestre P. Ferreira ..	93, 107
Conselho superior de instrução pública (relatorios) ..	37, 61, 73, 85, 97, 133, 145, 157, 169, 181, 193, 205, 218, 229, 278	Regulamento dos banhos de Luso.....	49
Diplomatica (a) em Portugal .....	208	Relação dos individuos despachados pelo conselho superior de instrução pública. ..	24, 36, 48, 60, 84, 96, 131, 144, 156, 180, 192, 204, 240, 252, 264, 276, 288
Direito (o) Natural como subsidio para a interpretação das leis positivas .....	236	Relatorio do commissario dos estudos do Funchal .....	2, 13, 25
Ensino (o) das linguas .....	16	Relatorio do commissario dos estudos de Lisboa.....	102, 109, 121, 135, 146, 159
Ensino (o) primario .....	62	Relatorio da direcção dos banhos de Luso .....	221, 232, 241
Escudo (o) de El-Rei D. Affonso Henriques ..	174	Representação que dirigiu a S. M. o conselho do lyceu nacional de Coimbra .....	39
Estado actual da fabricação do aluminio.....	178	Revelação dos crimes (influencia da) .....	235, 246
Estudo (o) das linguas grega e latina .....	67, 76	Revista da instrução pública .....	131
Erratas .....	12	Sinos (os) .....	167
Exames de grego em Coimbra .....	149	Saudade (a) (poesia).....	90
Expediente .....	145, 157, 169, 241	Sessão geral do Instituto .....	217
Excerptos de uma viagem a Inglaterra .....	162, 196, 249	Sessão da classe de litteratura .....	205
Gabinete de leitura do Instituto de Coimbra....	60	Sessões da classe de sciencias moraes.....	205, 277
Gloria (a) (poesia).....	66	Telegraphia electrica .....	11, 43
Grammatica elemental da lingua latina (bibliographia) .....	287	Tratamento das vinhas com enxofre .....	117, 142
Hermaphrodisismo nos vertebrados .....	96	Trovadores (os) e suas obras .....	129, 139
Hermeneutica (a).....	173	Tumulo (o) de D. Vetaça .....	228
Historia da conjuração de Catilina .....	189, 210, 234, 262, 285	Uma voz do céu (poesia) .....	23
Journal (novo) litterario.....	130	Versão das elegias de A. Tibullo .....	176, 183, 203, 237, 245
Inauguração de uma escola no Funchal .....	265		
Influencia do clero na sociedade .....	253		
Inconvenientes dos cemiterios .....	175		
Instrução primaria.....	7, 18, 30, 44		
Instrução pública, viação pública .....	201		

# COLLABORADORES

## DO QUINTO VOLUME

DO

## INSTITUTO.

Adriano de Abreu Cardoso Machado.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Antonio Augusto da Costa Simões.

Antonio Ayres de Gouvêa.

Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.

Antonio José Teixeira.

Antonio de Paula de Sousa Couceiro.

Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.

Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.

Francisco Antonio Veiga.

Francisco de Castro Freire.

Henrique O'Neill.

Jacinto Antonio de Sousa.

Jeronymo José de Mello.

Joaquim Alves de Sousa.

José Ferreira de Macedo Pinto.

José Maria de Abreu.

José Maria de Almeida Lacerda (D.).

Marceliano Ribeiro de Mendonça.

Marquez de Souza Holstein.

Mathias de Carvalho de Vasconcellos.

Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.

Rufino Guerra Ozorio.

Duque de Palmella D. Pedro . . . . .	} Obras posthumas.
Manuel Mathias Vieira Fialho . . . . .	
Silvestre Pinheiro Ferreira . . . . .	



# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INTRODUÇÃO.

Vai entrar O INSTITUTO no seu quinto anno de vida. É uma existencia bem curta ainda, mas que já transcende a ordinaria dos nossos jornaes litterarios, que, se não morrem logo á nascença, não deitam a maior parte d'elles o anno fora.

Mas a infancia do INSTITUTO não tem corrido alegre e folgada. Tem luctado com muitas difficuldades e embaraços, sendo o principal d'elles o pouco amparo que tem recebido de muitos que podiam e deviam auxilia-lo. No anno findo teve de mais a mais contra si, por motivo da invasão da cholera 'nesta Cidade, a suspensão por trez mezes dos estudos academicos, a qual dispersou a Associação do Instituto de Coimbra, e reduziu a poucos a Comissão Redactora do Jornal. Por alguns mezes todo o trabalho de redacção e composição do INSTITUTO pesou sobre dois somente dos seus membros, os quaes gratuitamente, e só por muito zêlo e amor á Associação e ás letras, conseguiram assim que a publicação d'este jornal não parasse.

Felizmente porém a Commissão Redactora nutre hoje boas esperanças, de que ainda durante o novo anno que principia não deixará apagar em suas mãos o fogo sagrado de Vesta, e que poderá transmittir-o mais vivo e brilhante á nova Commissão que tem de succeder-lhe.

Para isto confia pouco nas suas forças, que apezar de todo o zelo e bons desejos, tem na devida conta de muito limitada.

Confia porém, e muito, na continuação do auxilio valioso do Conselho Superior de Instrução Publica.

Confia no zêlo dos professores publicos, que reconhecendo o grande serviço, que estão prestando ás sciencias, com a publicação de seus escriptos no INSTITUTO, alguns distinctos professores de sciencias naturaes, não tardarão a vir aqui, como elles, expender muitas doutrinas importantes, que nem os

limites dos programmas, nem a estreiteza do tempo, lhes permittem desenvolver nas suas prelecções oraes.

Confia na coadjuvação de muitos sabios eminentes do paiz e estrangeiros, que o Instituto tem a honra de contar entre os seus socios.

Confia na vida, que de novo começa a desenvolver-se no seio da sua Associação, e que já se manifesta nas discussões publicas de pontos importantes, que de novo encetou a Classe de Litteratura, e que as outras Classes vão tambem renovar.

Confia por ultimo em muitos Academicos esperançosos, que para se iniciarem 'numa brilhante carreira litteraria e scientifica, hão de procurar, com todo o entusiasmo e vigor de mancebos, vir associar-se aos trabalhos do INSTITUTO.

Oxalá que estas esperanças não sejam mentirosas, e que o Instituto, crescendo em annos, vá tendo os aperfeiçoamentos litterarios e scientificos, que em tão boas circumstancias se encontra de poder alcançar, e que o público tem direito de exigir-lhe.

Os RR.

*Paulo de Castro  
Freitas.*

Assigna-se este Jornal em Coimbra no Gabinete do Instituto; em Lisboa na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia franca de porte será dirigida—A' Redacção do Instituto—Coimbra.

Preço, adiantado, por anno, ou 24  
numeros, francos de porte . . . . . 1\$440  
Por semestre, ou 12 numeros, dictos . . . . . 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem do 4.º volume serão pelo mesmo preço d'assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III e IV d'este Jornal vendem-se, cada um, por . . . . . 1\$200

## RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal, em 22 de outubro de 1856.**

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. — Em virtude do que dispõe, no artigo 37 §. 4.º, o decreto de 10 de novembro de 1843, tenho a honra de, por mãos de V. Excellencia, pôr na presença da primeira secção do conselho superior d'instrução pública o presente relatório sobre o estado da instrução primaria — pública — municipal — e particular, nos limites do districto a meu cargo.

Este relatório, que é — para assim dizer — a historia da visita d'inspecção que acabo de fazer á maxima parte das escolas do districto, dividil-o-hei em trez secções:

Na primeira, exporei tudo o que houver de particular e privativo a cada uma das escolas visitadas:

Na segunda, darei conta do estado presente das escolas ainda não visitadas no segundo semestre do anno lectivo findo:

Compreenderá a terceira o que houver de mais geral e commum a umas e outras escolas.

### SECÇÃO 1.ª

*Escolas visitadas. Observações particulares a cada uma.*

§. 1.º No dia 9 de julho ultimo dei principio á visita de inspecção ás escolas primarias do districto.

A primeira que visitei, foi a chamada *escola central*, cujo professor é Egidio Francisco de Sequeira, que desde julho de 1848 tem provimento vitalicio da cadeira d'ella.

Achei matriculados 'nesta escola 102 alumnos, mas presentes só 68; os quaes tinha o professor distribuidos em cinco classes.

A quinta, que comprehendia os mais adeantados, era assaz numerosa. Mas, dos muitos que continha, só oito deram mostra de alguma proficiencia nas materias do primeiro gráu. Todos os mais pareciam inteiramente estranhos aos estudos de grammatica, moral, civilidade, historia e chorographia patria.

Na secção 3.ª apontarei os principaes defeitos do methodo seguido 'nesta e 'noutras escolas publicas.

§. 2.º No dia seguinte fui á escola pública da extrema leste do Funchal.

Subira a matricula a 107 alumnos; mas presentes achei 68, distribuidos em trez classes, e cada uma d'estas subdividida em varias secções.

Os da classe superior, que era a terceira, achei-os soffrivelmente versados nas materias

do primeiro gráu, — principalmente em moral, doutrina christã, civilidade, historia e chorographia.

O professor, que é Luiz Corrêa da Silva Acciaoli, e que desde maio de 1843 tem titulo de propriedade da cadeira, tem muito zêlo pela applicação dos discipulos. Não se publica obra classica sobre instrução primaria, da qual não tracte de haver algum exemplar. Tem uma excellente collecção de tábuas de desenho linear; prometteu-me começar a fazer uso d'ellas no proximo futuro anno lectivo.

A casa, em que está a escola, que era da fazenda pública, foi arrematada, e hoje é propriedade do professor. A sala por elle prestada para serviço da escola, é sobremodo acanhada para a frequencia que tem. A mobilia escolar, que tambem pertence ao professor, está em pessimo estado; porque a camara municipal respectiva não tem querido contribuir para o reparamento d'ella.

§. 3.º No dia subsequente visitei a escola pública da extrema oeste, cujo professor é Frederico Sergio Droche, que tem provimento vitalicio.

Achei matriculados 50 alumnos, presentes só 34; dos quaes — 14 escreviam hastes e ligações, — 12 mau bastardo — e só 8 bastardinho.

Quanto ás outras materias do curso, o atraso era ainda maior. Nem um só tinha sufficiente conhecimento de grammatica, moral, chorographia etc.

O professor, posto que habil, tem pouco amor á sua profissão; d'aqui — a falta de zêlo pelo adiantamento dos alumnos, e d'esta falta — o atraso d'elles.

§. 4.º No dia 12 visitei a escola pública de meninas d'esta cidade, cuja mestra (habilitada) é Maria Emilia Cunha.

Achei matriculadas 141 alumnas, presentes 110.

O methodo d'ha muito seguido 'nesta escola, é o do ensino mútuo. Com este methodo, e principalmente com o incentivo de premios fornecidos por uma associação philantropica que as protege, as alumnas estão bem versadas em todos os trabalhos d'agulha proprios do sexo, e nas disciplinas de ler, escrever, contar e doutrina christã. Não sabem porém quasi nada dos outros ramos do primeiro gráu, — não que a mestra não tenha conhecimento d'elles, — senão porque a sociedade não tem fornecido os livros proprios para ensinal-os.

Em logar das materias que cumpria ensinar, vi que se ensinavam ás meninas, com o improprio nome de « *deveres de criadas e moças de servir* », certas regras practicas sobre o modo de *arranjar um quarto de dormir, fazer uma cama, varrer e lavar uma casa*, e outros quejandos exercicios servis, que não fazem, nem pôdem fazer parte do quadro da instrução primaria.



Foi-me indispensavel prohibir a continuação do ensino de taes *deveres*; e recomendei á mestra que, em lugar d'elles, ensinasse ás meninas os verdadeiros deveres moraes — dos filhos para com os paes, — dos irmãos uns para com os outros, — das espósas para com os maridos, — das mães para com os filhos, — das donas de casa para com os famulos etc.

§. 5.º Só no dia 27 de julho, (depois dos exames dos alumnos do lyceu) pude sahir do Funchal para visitar as escholas ruraes.

A primeira que inspecionei, foi a eschola municipal da villa de Camara de Lobos, cujo professor (não habilitado) é Anselmo Baptista de Freitas, que desde 1840 rege a cadeira d'ella, com o ordenado de 120\$000.

Achei matriculados 117 alumnos, mas presentes só 27. Mui pouco adiantados nas disciplinas de ler, escrever, contar e doutrina christã, estavam inteiramente hospedes nas de grammatica, historia, chorographia etc.

§. 6.º No dia seguinte passei á eschola pública da freguezia do Campanario, cujo professor tem provimento vitalicio, e é Jacintho Augusto Gonçalves — bom moço, de irreprehenivel comportamento, mas pouco zeloso pelo adiantamento dos discipulos.

A matricula da eschola era de 39 alumnos, achei presentes 22, e estes muito atrazados em todos os ramos do primeiro grau de instrução primaria.

A casa da eschola era da fazenda pública; acha-se arrematada por um terceiro, com prejuizo do serviço a que estava appropriada; porque, segundo me informam, não ha na freguezia outra que possa servir para o intento.

§. 7.º No dia 30 visitei a eschola pública da villa da Ponta do Sol, cujo professor habilitado é Miguel Luiz Valerio.

Alumnos matriculados contei 46, presentes 26.

Com quanto respondessem com desembaraço ás perguntas que lhe fazia o professor, pouca ou nenhuma intelligencia tinham das materias sobre que respondiam, porque só as tinham de memoria.

O professor esforça-se por adiantar os alumnos; mas, como sabe pouco, pouco lhes ensina.

§. 8.º 'Nesse mesmo dia visitei uma eschola particular que tem na villa Antonio Joaquim de Vasconcellos, sem habilitação legal.

Pelo exame a que chamara os alumnos, vi que tinha assaz de proficiencia, e excellente methodo para ensinar individualmente as materias do primeiro grau. Tem só 9 educandos; e assim mesmo realisa mensalmente honorario superior ao que paga o estado ao professor da eschola pública. Por isto não tem querido tomar parte em nenhum concurso.

§. 9.º De tarde passei a visitar a eschola

municipal de meninas, cuja mestra (não habilitada) é D. Maria Martha Jardim.

A eschola estava em pessimo estado de frequencia. 'Numa povoação de 4027 almas, das quaes 503 são meninas em idade de aprender, só 14 estavam matriculadas, e d'estas só 8 eram presentes.

A mestra ensina a ler, escrever, contar doutrina christã e trabalhos d'agulha. Ha muitos mezes que lhe não paga a camara o pequeno honorario que lhe arbitrou.

§. 10.º Em razão de se metter de permio um feriado, só no dia 3 d'agosto pude inspecionar a eschola pública da villa da Calheta no sitio da Palmeira — sitio o melhor possivel para reunir, como effectivamente reúne, alumnos das freguezias limithrophes, do Arco e Estreito da Calheta.

A matricula era de 46 alumnos, achei presentes 36, incluindo-se 'neste numero 5 meninas, que com muito aproveitamento têm frequentado esta eschola.

O professor, que tem provimento vitalicio, e é José Joaquim de Freitas, não ensina tudo o que devia ensinar; mas o que ensina, ensina bem, porque tem bom methodo: é funcionario de severa moralidade, que tem muito a peito o adiantamento dos alumnos.

§. 11.º Da Calheta segui para a Ponta do Pargo pelas freguezias do Estreito da Calheta, Prazeres e Fajã da Ovelha, onde não ha uma eschola só — nem pública — nem municipal — nem particular; mas onde foi preciso demorar-me quatro dias para informar-me das circumstancias de cada uma d'estas localidades pelo que toca ao numero de creanças educandas, povoação, e maior ou menor concentração d'esta em certos pontos de cada freguezia.

No dia 8 d'agosto achava-me na Ponta do Pargo visitando uma eschola municipal, cujo professor (não habilitado) é Eduardo Joaquim de Sousa Pestana.

Achei a eschola em pessimo estado a todos os respeito. O local é mau por improprio, acanhado, sujo e inteiramente desprovido de mobilia escolar. Todos os alumnos matriculados estavam presentes, eram 15; mas todos mui atrazados.

A camara, sobre pagar ao professor só rs. 30\$000 *per annum*, deve-lhe os ordenados de trez annos. Qual paga, tal professor; e qual professor, tal eschola!

§. 12.º No mesmo dia visitei uma eschola particular de meninas, cuja mestra (não habilitada) é D. Maria Amalia de Sousa, que desde março d'este anno, com summo proveito da povoação, tem aquella eschola.

Frequentam-na 21 meninas e 1 menino. As que só aprendem a cozer e outros trabalhos d'agulha, pagam á mestra uma mensalidade de rs. 200. As que além d'isto, aprendem a ler, escrever, contar e doutrina christã, pagam mensalmente mais um tostão.

§. 13. No dia 10 d'agosto achava-me no Porto do Moniz, inspecionando a escola publica, cujo professor e José Bernardino de Brito, que tem provimento temporario. Portase tão bem, e tão arranjado homem, que, apezar da escassez do ordenado que percebe, vive com certa independencia.

A matricula era de 23 alumnos, presentes achei só 18, mas alguns d'estes sufficientemente versados nas principaes materias d'este gráu d'instrução.

§. 14.º No dia 14 cheguei a S. Vicente. 'Nesse mesmo dia inspecionei a escola pública, cujo professor é Joaquim de Sousa Brasão, que tem provimento vitalicio.

Achei presentes só 12 alumnos; são todos os que frequentam a escola, e todos pouco adiantados no conhecimento das principaes materias do primeiro gráu.

A causa de tão escassa frequencia são, principalmente, intrigas movidas contra o professor por inimigos e invejosos que lhe cobicam o emprêgo. O ensino por elle dado aos alumnos é fraco, na verdade, não passa do meramente elementar; mas a severa moralidade que o recommenda é pelo menos seguro penhor da pureza da doutrina e exemplos que o formam. O professor é, em todo o rigor do termo, um homem de bem.

§. 15.º No dia 17 visitei a escola pública da freguezia da Ponta Delgada, que achei em bom estado, e cujo professor, João José de Brito Figueiroa, tem provimento temporario.

A matricula era de 42 alumnos; estiveram presentes á sessão 35, em cujo numero vão incluídas 9 meninas, ás quaes ensina o professor as disciplinas do primeiro gráu, e a esposa do professor os trabalhos e prendas proprias do sexo.

A casa da escola, que fôra da fazenda nacional, acaba de ser posta em praça e arrematada. Na freguezia ha outra casa da fazenda, mas tão arruinada, que não pode servir para a escola sem previo e despendioso concôrto.

A mobilia escolar, sobre velha e deficiente, é emprestada. A camara municipal pouco se lhe dá disso; não quer de modo algum contribuir para acquisição de outra, que seja propriedade da escola.

§. 16. No dia seguinte achava-me em S.<sup>ta</sup> Anna, fazendo a vizita da escola municipal, cujo professor, sem habilitação legal, é José Luiz de Nobrega, que desde 1851 rege a cadeira d'ella.

A matricula era de 34 alumnos; achei presentes 14, e estes muito pouco adiantados, porque o professor sabe pouco, posto que promova com muito zêlo o adiantamento dos alumnos.

§. 17. No dia 20 inspecionei a escola publica da freguezia do Fa.al, cujo professor é João Mauricio Fernandes, habilitado para haver provimento.

Achei matriculados 9 alumnos, todos presentes, e para o pouco tempo que tinham de escola, assaz adiantados. O professor funcionava havia dois mezes.

A requisição d'elle forneci para esta escola, pelo producto da subscrição que promovo, livros, lousas, lapis, papel e pennas, tudo na importancia de rs. 4,950.

§. 18.º No dia 22 fiz a visita á escola publica da villa de Machico, onde achei 31 alumnos matriculados, e presentes só 18.

A primeira classe, que se compunha dos mais adiantados, estava sufficientemente ensaiada pelo professor para o exame que lhe fiz. Dôis dos alumnos d'ella principalmente, achei-os em estado de passarem a estudos secundarios.

O professor, José Marciano da Silveira, tem provimento temporario, e assaz de aptidão natural e adquirida. Mas ou por falta de paciencia, ou por pouco assentamento de juizo não tira da propria aptidão o partido que aliás poderia tirar em proveito dos alumnos.

§. 19. No dia subseqüente visitei a escola publica da villa de S.<sup>ta</sup> Cruz, quero dizer — o local da escola, porque o professor, não obstante saber que eu andava visitando as escolas do districto, tinha sem annuencia minha, transferido as ferias para o mez d'agosto.

No ponto de vista material, achei a escola em bom estado. A sala tem sufficiente capacidade, e está bem fornecida de mobilia parte propriedade do professor, parte da camara.

Em officio confidencial terei a honra de dizer o mais que entendo a respeito d'esta escola.

§. 20. Cheguei á cidade no dia 25 d'agosto. Dois dias depois, fui á freguezia de S.<sup>to</sup> Antonio inspecionar as escolas que ali mantem a camara municipal.

A primeira que visitei, foi a escola de meninas, do sitio do Laranjal, cuja mestra (habilitada) é Antonia Umbelina Fernandes.

Achei matriculadas 76 alumnas, mas presentes só 19.

Sufficientemente versadas em trabalhos d'agulha, leitura, escripta e doutrina christã, pareceram-me quasi todas mui atrasadas nos outros ramos do primeiro gráu — mais por negligencia, que por ignorancia da mestra.

§. 21. Em seguida visitei a escola de meninas, do sitio da egreja, cuja mestra (tambem habilitada) é Maria Adelaide Gomes de Gouvêa.

A matricula era de 98 meninas, achei presentes 39.

Quanto a livros, utensilios e mobilia, estava na melhor ordem a escola. Até no ponto de vista litterario, é das melhores que tem a camara.

A mestra ensina muito bem a ler, escrever, contar, doutrina christã, e os trabalhos pro-

pios do sexo; mas não assim os outros ramos da instrução primaria.

§. 22. Visitei nesse mesmo dia a escola de meninos, no sitio da Quinta do Leme, cujo professor (habilitado) é Augusto Cesar de Freitas.

Depois de uma interrupção de mezes por falta de professor, reabriu-se esta escola com 40 discipulos; dos quaes achei presentes 25 — bons em escripta, leitura, e doutrina christã; mas mediocres nos outros ramos do ensino.

A sala da escola é excellente, e está bem provida de utensilios e mobilia escolar.

§. 23. No dia seguinte visitei a escola de meninos da freguezia de S. Martinho, cujo professor (habilitado) é Silverio Rodrigues de Mattos.

A matricula era de 21 alumnos, achei presentes 19.

Quanto a disciplina, pouco deixa que desejar esta escola; porque o professor tem um trato particular para manter ordem nos trabalhos, fazer-se respeitar e obedecer dos alumnos. Foi a escola em que vi mais á risca observado o principio — *um lugar para cada coisa, e cada coisa em seu lugar*. Se o professor tivesse mais cabedal d'instrução; se podesse ensinar tudo o que deve, como ensina o que sabe, é para mim fóra de duvida que seria o melhor dos professores municipaes.

§. 24. Passei depois a visitar a escola municipal de meninas, que tem no sitio Avistavios, da mesma freguezia, Emilia Fortunata Cardoso, sem habilitação legal.

A matricula era de 62 meninas; só 15 estavam presentes — e estas muito atrasadas em todos os ramos de instrução primaria; porque a mestra, sóbe saber muito pouco, ainda menos cuida de promover a applicação das alumnas.

Ha 'neste concelho mais nove escolas municipaes. Não continuei a fazer a visita d'ellas, porque com o mez de setembro começaram as ferias.

*Continúa.*

## A NEERLANDIA E A VIDA HOLLANDEZA.

Continuado de pag. 288 do IV vol.

À frente das excellentes instituições, que florescem na cidade de Harlem, apresenta-se em primeiro lugar a *Sociedade hollandeza de sciencias*, da qual é secretario perpetuo o distincto professor Van Breda. Esta sociedade tem trezentos annos d'existencia. É curioso ver uma especie de academia, independente do estado, e que, sustentada apenas pelas contribuições annuaes de uns trinta socios, possui um gabinete d'história natural, dá

premios de 1.000 florins, e publica grande numero de memorias. Estas creações particulares estão completamente nos costumes e no character da Hollanda. Existiu em Harlem um homem honrado chamado Teyler: não era sabio, era um fabricante e burguez da cidade; mas quando morreu, deixou uma somma avultada para fundar, entre outros estabelecimentos, um museu que hoje do seu nome é chamado o *Museu Teyleriano*<sup>1</sup>. Alli 'numa casa, simples exteriormente, mas no interior vasta e esplendida, se escondem uma bibliotheca rica em livros de sciencia e de viagens, uma galeria de quadros em que figuram as melhores obras dos pintores hollandezes vivos, um gabinete de mineralogia e de physica, e uma rara collecção de fosséis<sup>2</sup>. Causará sem duvida admiração saber que este museu, cujos thesouros fariam inveja a todas as cidades de França, foi fundado só por doze pessoas. Ainda mais liberaes que o doador, os directores actuaes admittem duas vezes por semana o publico hollandez 'neste sanctuario da arte e da natureza; mas é uma tolerancia, e quasi que se podia dizer uma infracção generosa do testamento.

As portas de Harlem encontra-se um bosque que rivalisa na amenidade e em belleza com o da Haya. Estes dois bosques foram tocados pela mão dos homens, mas com aquella arte delicada e perfeita, que respeita a natureza embelezando-a. Não é possível imaginar, no verão, passeio mais delicioso: aquellas tapadas onde vagam, quasi livres, os veados e os gamos; as ilhas povoadas de cysnes; tanques d'agua sobre os quaes desabam, para assim dizer, massas de viçosa e opulenta verdura; aquellos claros escuros que de repente interrompem a luz; aquellos silencios só perturbados pelo gorgoeio das aves; tudo isto chega a parecer um encanto, um sonho. Algumas porções do bosque de Harlem são evidentemente plantações recentes; mas nas alamedas sombrias depara-se com arvores d'apparencia soberba e centenar, de porte altivo, e que parecem ter certo ar de familia com as arvores da Haya. Alguns naturalistas accreditam mesmo que estes dois bosques são retalhos de uma extensa e antiga floresta, situada outr'ora a uma grande distancia do mar, e que foi dilacerada pelas revoluções do solo.

<sup>1</sup> Tomámos nota da seguinte inscripção commemorativa, gravada em letras d'ouro sobre marmore branco: *Museum Teylerianum ex testamento viri optimi de posteritate bene merentes aedificandum curaverunt*. . . Seguem-se os nomes dos commissarios que executaram as intenções do testador.

<sup>2</sup> Entre as ruinas do mundo primitivo, notámos quatro amostras preciosas do *mystrisaurus*, reptil que vivia e corria sobre a terra, uma serie d'insectos encontrados no terreno jurassico, fragmentos do *squalodon* ou grande serpente marinha, oito exemplares da salamandra, alguns ossos da ave gigante da Nova-Zelandia, e outros muitos monumentos unicos ou raros d'uma creação que já não existe.

À entrada do bosque de Harlem, 'numa antiga residencia real, tornada depois em museu de quadros, foi que depositou o resultado das suas indagações a comissão de geologia nacional. Este museu de antiguidades naturaes da Hollanda está ainda em embrião: encontram-se porém, apezar disso, exemplares curiosos: — a turfa nos seus diferentes graus de formação; os sedimentos dos rios de Hollanda e dos mares que banham as suas costas; as variedades de camadas encontradas nos poços artesianos ás diferentes profundezas da perfuração; numerosos fosséis do terreno terciario, os mesmos que se encontram nos arredores de Paris, de Londres e de Bruxellas. A comissão composta de tres membros, os srs. Van Breda, presidente, Miquel e Staring, propõe-se a publicar uma carta geologica dos Paizes Baixos. Pelos documentos que até hoje se têm colhido, pôde formar-se já uma idéa do que será esta carta. Arcentas ou argilosas nas regiões proximas do mar, as terras da Neerlandia transformam-se em greda do lado da Allemanha, e em camadas delgadas de carvão de pedra do lado do Limburgo. Estes monumentos mudos da natureza estão pedindo ser interpretados pelas vistas da comissão e pela historia scientifica dos factos.

Pôde dividir-se em trez epochas a formação do solo neerlandez pela acção das aguas doces: — um periodo anterior á existencia do Rheno, — outro periodo durante o qual o rio abriu passagem para o mar, — e finalmente o ultimo periodo durante o qual elle deu a forma actual á Hollanda.

Antes da existencia do Rheno, a maior parte dos Paizes Baixos era um mar. Limitado do lado da Allemanha por uma cadêa de rochedos, este mar deixou no seu antigo leito depositos de conchas quebradas, d'ossos de balea, de rhinoceronte e de mammoth, esmialhados e quebrados. Estes collossos d'um mundo primitivo encontram-se alli a cada passo, o mar do norte está cheio d'estas ruínas. O que mais admira sobre o theatro d'este oceano desaparecido, e posto em secco, é a presença d'enormes pedaços de granito e de gneiss, cuja origem hoje é conhecida. Encontram-se effectivamente nas montanhas da Scandinavia as massas d'onde foram destacados estes pedaços, ou por assim dizer as suas raizes. Mas perguntar-se-ha, como é que d'alli vieram? Ao que parece, estes quartos de rocha vieram muito provavelmente da Suecia e da Noruega sobre jangadas de gelo. A existencia d'estes bancos de gelo viajantes não é uma chimera geologica: ainda hoje os vemos passeando sobre nossos mares. Estas ilhas fluctuantes, algumas das quaes têm a brancura e o cristalino do assucar, têm sido vistas 'nestes ultimos annos: uma d'ellas chegou mesmo ao Cabo da Boa-Espe-

rança. No tempo em que a Hollanda se achava ainda debaixo d'agua, estes bancos de gelo chegavam dos mares polares, ou então eram fragmentos enormes das geleiras, que desabando do alto das serras da Scandinavia desciam até ao mar. Os quartos de rocha cahiam d'envolta como o gelo. Estes fragmentos, arrojados pela rapidez da queda para muito longe do seu assento, viam-se depois como levados e accarretados sobre os cumulos do gelo que em todos os sentidos atravessavam o Oceano. Encontram-se em massa estes montões erraticos; o Mar do Norte está empedrado com elles. É provavel que a maior parte destes fragmentos, quando a jangada do gelo se derretia, naufragasse nos bancos d'aréa, e até mesmo em algumas ilhas baixas, d'onde se elevavam á flor d'agua, como as pedras druidicas 'num campo de trigo.

Na epocha afastada em que nos collocamos, toda essa magestosa massa das Ardenas, appresentando immensas rugas do nordeste ao sudoeste, se erguia, formando uma muralha entre este mar antigo e os lagos engrossados no interior da Allemanha pelo desaguado dos rios. O mar embatia na cadêa das montanhas, as massas erraticas entravam pelas anfractuosidades d'estas muralhas, e paravam collando-se ás suas paredes como uma pedra arremessada pela funda. Um dia (se dias podemos chamar a estas epochas da natureza), ou por que se communicasse a impulsão á massa das aguas doces pelos tremores de terra, ou porque a força da gravitação só por si determinasse um conflicto, as Ardenas e suas dependencias foram batidas em brecha; e os lagos apertados 'num cinturão de rochedos sentiram-se abalados. O obstaculo era gigantesco, mas por fim cedeu, porque os rochedos, que a linguagem dos homens escolheu como termos de comparação para exprimir a força de resistencia, cedem sempre na natureza ao poder formidavel e lento das aguas comprimidas. Uma parte das montanhas foi arrastada. Este primeiro salto do Rheno (porque era elle) para o mar foi terrivel. A abertura por onde elle se despeñhou ainda lá está, visivel, com a bôcca aberta: esta abertura, muito mais consideravel que o actual leito do rio, está mostrando quanta era a massa d'agua pela qual foi forçada a barreira primitiva. Os signaes d'uma quebrada tão prodigiosa ainda se não apagaram no solo neerlandez: os olhos seguem-nos, por assim, dizer até bem longe; as ruínas da muralha do Rheno foram por ambos os lados arremessadas a distancias enormes. As ruínas de brecha immensa aberta pelo rio serviram para formar provincias inteiras. O solo de Gueldre, do Over-Yssel e da ilha de Texel está juncado de seixos arredondados, nos quaes se reconhecem os fragmentos de rochas de basalto, de granito e de porphyro

que na Allemanha se encontram ás margens do rio. Estes Titões do reino mineral foram fulminados pela explosão das aguas.

Como acaba de ver-se, o Rheno fez-se a si mesmo, através d'enormes entulhos abriu o seu caminho tempestuoso que devia conduzi-lo a novas formações. É agora que começamos a sahir da noite das edades, que sabemos da geologia conjectural para entrar na geologia positiva. Em toda a parte os rios dão a physionomia aos paizes que atravessam; esta acção porém exercida pelo curso das aguas em parte alguma apparece tão manifesta como na configuração do solo neerlandez. Tem-se dicto que o Egypto foi um presente do Nilo; e, com mais verdade ainda se poderia dizer, que a Hollanda é um presente do Rheno. Seriamos com tudo injustos se dessemos ao Rheno todas as honras d'esta formação geologica. A totalidade das aguas correntes do paiz constitue, através de mil caprichos, os dois lados de um triangulo que tem por base o Oceano. A terra, composta em grande parte das alluviões accarretadas pelos rios, e que se acha comprehendida entre estas linhas d'agua, apresenta por esta forma a figura mais ou menos regular da letra grega  $\Delta$ . A Hollanda é um delta do Rheno, do Meuse, e do Escaut.

A maior parte dos viajantes tem-se contentado com descrever o estado actual do Rheno; está porém ainda por abrir uma serie d'estudos novos, está ainda por fazer a historia d'este rio. Acabamos de ver que o Rheno não existiu sempre; não é agora o que foi no seu nascimento; a direcção das suas aguas e o nivel do seu leito tem variado desde os tempos historicos. O homem como vive pouco, figura-se-lhe facilmente que o natureza não muda; mas aquelle que remonta com o pensamento p-lo curso das edades, e que consulta os monumentos de sciencia, não tarda a reconhecer que no mundo physico não ha formas eternas. O curso mesmo dos rios é temporario, provisorio, sujeito a todas as causas de variação que influem na economia geral dos continentes. Torna-se necessario conhecer a lei, que preside a estas mudanças, para poder explicar os acontecimentos que traçaram a forma actual da Hollanda. A lei é esta: — ha duas grandes forças em perpetuo antagonismo sobre o nosso globo, os rios e o mar. A massa das aguas correntes encontra nas embocaduras a acção opposta das vagas, das marés e das aréas. Mais que nenhum outro sitio do globo, tem-se reconhecido que a Hollanda é, desde a sua origem, o theatro d'esta luta da natureza; pôde até dizer-se que a existencia do solo neerlandez é devido em grande parte á rivalidade entre o Rheno e o Oceano. Debaixo d'estas considerações, a historia d'este rio merece toda a nossa attenção, por que

está ligada com a historia physica do paiz que pretendemos conhecer.

Já acima demos conta dos obstaculos que reprimiram as aguas; logo que a passagem d'estas se abriu, viu-se começar a opposição secular entre o Rheno e o Oceano. No principio foi o rio que levou a vantagem; o Oceano recuou. Todos os geologos sabem que a força dos rios é bastante forte para arrojar para os mares os terrenos d'alluvião, que prolongam, ao cabo d'um certo numero de seculos, a extremidade dos continentes. O solo da Hollanda constituiu-se e estendeu-se em virtude d'este mechanismo. Formada das aréas viajantes que o Rheno trazia da Allemanha, a Hollanda, por assim dizermos, fluctuou sobre as aguas do rio, ficando por algum tempo em suspensão em consequencia da rapidez tormentosa da corrente, vindo por fim a ser depositada camada por camada no seio do Oceano que fugiu em retirada. Os progressos do delta não vieram com tudo a completar-se senão através de immensas reacções. As aguas doces e as salgadas disputavam entre si alternadamente o terreno que actualmente é occupado pelas duas mais ricas provincias dos Paizes Baixos. Mas o rio conservava uma reconhecida superioridade; fazia recuar o mar: e como tudo parece indicarnos, o nivel relativo da costa e das marés differia então do que hoje existe. Depois, por uma d'aquellas voltas que a fortuna costuma dar, e das quaes as proprias forças da natureza não são exemptas, o resultado d'esta luta parece, ha dois mil annos para cá, ter-se virado a favor do Oceano. O Rheno foi vencido, e vae arrastando no curso humilhado das suas aguas o sentimento da sua decadencia. Não ouvis os seus lamentos? Estes lamentos, este murmurio abafado das suas ondas, que se lembram saudosas da sua passada grandeza, tudo isto parece ressentir-se da poesia, mas ao mesmo tempo tem bastante da historia. O Rheno, de que tanta vezes fallaram os auctores do seculo XVII, acabou, como o reinado de Luiz XIV, pela divisão e pela diminuição.

*Continúa.*

## INSTRUÇÃO PRIMARIA.

**Resposta ao sr. A. F. de Castilho. Accréscito do Methodo portuguez, pela Associação dos professores do reino e ilhas.**

Continuado de pag. 232 do IV vol.

### QUESITO II.

*Qual dos dous ensinios se perfaz em menos tempo?*

Todos sabem que as crianças com a mesma facilidade, com que receberam de ouvido

quaesquer impressões, com equal facilidade as deixam fugir, por isso que estas impressões lhes não ficaram bastante gravadas na memoria. Comprovam esta asserção, assim a mesma razão, como tambem a lição dos philosophos, e a propria experiencia. Qualquer pessoa exercitada no ensino conhece facilmente, que os discipulos mais difficeis e renitentes em decorar e comprehender, são, de ordinario, os que por mais tempo conservam e retêm na memoria o que uma vez, a custo, decoraram e comprehenderam: outro tanto não succede commummente aos que têm memoria feliz.

Alem disso, prova igualmente a experiencia que poucas são as crianças ensinadas pelo methodo moderno que, no espaço de doze mezes, lêem seguidamente cinco ou seis linhas, porque acostumadas ao canto, e a ler em côro, quando se vêm privadas d'este adminiculo, acontece-lhes o mesmo que aos soldados em marcha, que, faltando-lhes a musica, perdem logo a cadencia, e até desaccertam o passo; e até muitas, que têm trez annos de ensino, além de já terem dois pelo methodo antigo, falham e tropeçam na leitura, a cada instante, como foi observado na escola d'um asylo (vede a nota 1.<sup>a</sup>); quando, pelo contrario, são numerosos os discipulos, que, ensinados em quatro annos, e alguns em menos, pelo methodo antigo, concorrem annualmente a exame no lyceu, sufficientemente instruidos não só em ler, escrever, contar, grammatica e analyse; mas tambem nas outras disciplinas, que hoje fazem parte da instrução primaria, e applicando-se ao mesmo tempo a estudos secundarios. Nos mesmos collegios de meninas, onde se professa o methodo antigo, ha muitas, que, em equal espaço de tempo, se acham grandemente habilitadas em ler, escrever, contar, grammatica, analyse, e elementos de historia portugueza, alem de se darem simultaneamente aos estudos proprios do seu sexo, e a outros pertencentes á instrução secundaria.

Note-se tambem que se o mestre, que ensinar pelo methodo moderno, for deficiente, e pouco zeloso no exercicio do seu ministerio, os seus discipulos necessariamente hão de atrazar-se, e ter menos progresso, que os discipulos ensinados no mesmo tempo pelo methodo antigo, apesar do mestre por este methodo não ser muito habil no desempenho do seu dever.

Note-se igualmente que não é o methodo, qualquer que seja, que geralmente concorre para o rapido aproveitamento, e melhor progresso dos que apprendem; e por muito bom que elle seja, torna-se moroso, e quasi inutil, se o mestre não for competentemente instruido, diligente e cuidadoso na educação dos seus discipulos. Deduz-se d'aqui, sem a

menor controversia, que o adiantamento dos discipulos depende muito mais do mestre, que do methodo.

Accresce tambem que, se por qualquer accidente, o que é mui trivial, houver alguma interrupção no ensino pelo methodo moderno, o discipulo infallivelmente se ha de atrazar muito mais, e se esquecerá mais depressa do que havia apprendido, por isso mesmo que não tinha as idéas, já adquiridas, tão impressas e estampadas na memoria, como os que são ensinados pelo methodo antigo.

Concedendo hypotheticamente que o discipulo pelo methodo moderno se achasse d'alguia forma instruido em ler, escrever e contar na idade de sete ou oito annos, pouca vantagem lhe resultaria d'aqui, e perderia em grande parte o que tinha apprendido; pois nos mostra a experiencia que 'nesta idade a memoria não está ainda bastante vigorosa e fortalecida para poder reter por longo tempo, sem o auxilio do estudo, os conhecimentos adquiridos, e, mórmente, attenta a circumstancia de serem recebidos com tanta facilidade. De muito menos vantagem poderia tambem servir aos que se destinam a outros estudos, porque o progresso 'nestas aulas seria assás diminuto, visto que 'nesta idade a intelligencia não se acha ainda bem desenvolvida, e capaz de se entregar a estudos, que demandam mais reflexão e seriedade; e tanto isto é verdade que, em muitas aulas de instrução secundaria e superior, é precisa certa idade para os estudantes se poderem 'nellas matricular, com quanto já estejam habilitados nos estudos preparatorios.

Accresce mais que, se o discipulo, prompto na instrução primaria na idade de sete ou oito annos, tivesse de esperar, a fim de poder matricular-se nas aulas secundarias, gravissimos inconvenientes lhe resultariam d'esta demora. Todos sabem que a memoria necessita de ser cultivada, e que esta cultura se consegue com a longa e não interrompida practica de estudar; se o discipulo pois tivesse de esperar a idade para poder matricular-se 'numa aula secundaria, havia de por força perder o habito de estudar e decorar, tão custoso de adquirir, o que sobremaneira lhe dificultaria o progresso.

Accresce alem d'isso que sendo a escripta e as contas o que se torna, geralmente, mais difficultoso ás crianças, não seria facil apprendem a escrever e contar bem e correctamente no mesmo tempo, em que apprendiam a ler, ainda quando tivessem mais propensão para a escripta e contas do que para a leitura. Segue-se portanto que os discipulos, dado o caso de apprendem mais depressa a ler pelo methodo moderno, tinham depois de gastar muito mais tempo no ensino de escrever e contar, em que este methodo, incontestavelmente, é muito menos proficuo

do que o antigo; por quanto nas contas, se limita unicamente a fazer conhecer a numeração arábica e romana, como foi declarado na escola d'um asylo (Vêde a nota 2.<sup>a</sup>).

Accresce mais que sendo hoje a calligraphia muito necessaria e exigida no provimento de empregos tanto publicos como particulares, os discipulos ensinados pelo methodo moderno nunca poderão ser bons calligraphos, ainda que para este fim procurassem depois um mestre capaz; por quanto os defeitos e vicios por este methodo contrahidos seriam mui difficeis de extirpar.

Accresce além disso que o professor está obrigado a dar aos seus discipulos não só a instrução litteraria, mas tambem a educação moral. Mostra a experiencia que o ensino moral é muitas vezes mais diffcil do que o litterario. Extinguir máus costumes arraigados na infancia; tornar mansos e doces os turbulentos; civis, polidos e bem criados os que por desleixo ou incuria dos paes laboram em taes vicios; mudar finalmente a indole, acções e porte d'uma criança, é um trabalho incomportavel, um trabalho, que demanda rigorosamente muito tempo, muita actividade e muitos e bons exemplos da parte do professor. Segue-se portanto que, concedendo hypotheticamente que o ensino litterario pelo methodo moderno se perfaça no tempo, que o seu illustre auctor pretende inculcar, não é esse tempo sufficiente para subministrar aos alumnos, em tal idade, o ensino moral, de que a maior parte d'elles tanto carece.

A commissão pois, pezando devidamente as razões allegadas e demonstradas, entende que o ensino pelo methodo *portuguez* não se perfaz em menos tempo que pelo methodo antigo, e que os resultados, obtidos por este methodo, são mais seguros e permanentes.

### QUESITO III.

*Qual dos dous methodos dá fructo mais abundante e melhor?*

Este quesito fica em grande parte respondido no quesito antecedente; accresce todavia o seguinte: tendo o methodo moderno sido adoptado ha cinco annos, era este tempo mais que sufficiente para terem apparecido fructos abundantes, obtidos no ensino por este methodo, e o seu illustre auctor, que, com bastante energia e actividade, tanto se tem empenhado na defeza do methodo, teria já appresentado ao publico uma relação ou mappa, em que mostrasse com toda a evidencia quaes os discipulos, que por meio d'elle haviam apprendido; e os mesmos professores d'estas escolas, tanto para louvor e credito seu, como do methodo, tambem já o teriam feito: mas nada d'isto consta ter acontecido, antes, pelo contrario, vê-se que a

maior parte das escolas se têm fechado, e que d'algumas, ainda existentes, umas o tem alterado, afastando-se mais ou menos das suas regras, e outras muito pouco se hão aproveitado d'elle. Comprova esta verdade, por exemplo, a escola do regimento de infantaria n.º 10, uma das melhores escolas do exercito, e que tanta honra dá ao seu illustrado professor. Nesta escola apenas se emprega o methodo moderno na decomposição das palavras por elementos, e syllabas, e quanto ao mais é inteiramente abandonado, pois que, segundo a opinião do seu professor, e o que elle, em officio de 22 de fevereiro de 1854, já levou ao conhecimento de v. ex.ª, o canto e as palmadas, acompanhadas quasi sempre de gesticulações pouco agradaveis, tornam o methodo inefficaz e irrisorio. Outros muitos exemplos poderiam apresentar-se, como os da escola de Setubal, de Castello-Branco, e do centro industrial do Porto. Todas estas escolas foram creadas para se ensinar 'nellas pelo methodo moderno, e de todas, passados mezes, foi expulso, pelas razões expendidas, e por outras, que a commissão terá de indicar em resposta a outros quesitos. Ainda ha muitos mais exemplos; mas escusado é consumir tempo com o que de todos é bem conhecido.

Nas mesmas escolas dos Asylos se tem notado, que o methodo não é empregado tão genuinamente, como o seu illustre auctor requer, e torna indispensavel, o que de certo modo confirma, ou que os resultados na prática não são de tanta vantagem, como na theoria se affiguram, ou que outras causas assás ponderosas se oppõem a que o methodo seja adoptado rigorosamente e sem algumas modificações.

Note-se tambem que os resultados do methodo moderno não são de tanta proficuidade, nem tão rapidos, como se pretende inculcar; por quanto, além das razões apontadas na resposta ao 2.º quesito, no proprio Asylo da rua dos Calafates, com que se tem feito demasiado arruido, se conheceu certa repugnancia na mestra d'esta escola em consentir que as meninas lessem individualmente, e em satisfazer a varias perguntas, feitas por pessoa, que ahi se dirigiu com o unico proposito de formar na prática um juizo consciencioso e imparcial ácerca do methodo. (Vede a nota 2.<sup>a</sup>)

Accresce além d'isto que, tendo o illustre auctor do methodo estabelecido 'nesta cidade um collegio, onde este se professava genuinamente e em toda a sua pureza, poucos ou nenhuns fructos appareceram obtidos no ensino pelo methodo, apezar do grande desvelo e esforços, que o seu professor, necessariamente, havia de empregar, afim de colher os bons e abundantes resultados, de que tanto carecia para o acreditar, e mesmo para o

defender d'alguma opposição, que de futuro se lhe poderia fazer. Aconteceu pois, contra a expectativa de toda a gente, não poder conservar-se o collegio, o que prova com toda a evidencia e sem a menor contradicção, que os resultados, alcançados pelo methodo, que a prática appresentava, não correspondiam de maneira alguma aos grandes resultados, que o seu illustre auctor concebera e inculcára na theoria.

Note-se igualmente que as provas e os factos, conforme a boa logica, são sempre os melhores e mais fortes argumentos, que nos levam ao conhecimento da verdade. No longo espaço de cinco annos, em que o methodo tem sido adoptado em algumas escolas, e pouco menos, nos asylos da infancia desvalida, já se teriam dado muitas provas e factos, que mostrassem clara e distinctamente os bons e abundantes resultados, obtidos pelo methodo, e que estes fossem tão authenticos, tão incontestaveis e tão notorios que não deixassem a menor duvida sobre a sua veracidade.

Não tendo portanto apparecido, até ao presente, provas e factos, que attemem evidentemente os bons e abundantes resultados, conseguidos pelo methodo moderno, ao passo que diariamente, e com especialidade na epo-

cha dos exames apparecem bons e centenares de resultados, obidos no ensino pelo methodo antigo, a commissão, attendendo sobre tudo a esta circumstancia, que julga de bastante peso, e que não pôde ser desprezada, é de parecer que este methodo appresenta fructo mais abundante e melhor do que o moderno.

*Continúa.*

## ASTRONOMIA NAUTICA.

Na sessão da academia das sciencias de Paris de 10 de março do corrente anno foi appresentado o parecer d'uma commissão sobre a carta de M. Wils Brown, na qual se indicava um novo methodo para o calculo das distancias lunares observadas no mar.

Chamando  $\begin{cases} H, h, \\ H', h', \\ D, D', \end{cases}$   $\begin{cases} \text{as alturas verdadeiras} \\ \text{do sol e da lua,} \\ \text{as alturas apparentes} \\ \text{d'estes dois astros,} \\ \text{as suas distancias, ver-} \\ \text{dadeira e apparente,} \end{cases}$

a formula, que facilmente se verifica, é

$$\cos D = \cos (H - h) - \sec H \sec h \cos h' \cos h' [\cos (H' - H') - \cos D'] = \cos (H - h) - N.$$

Para calcular commodamente esta formula procuram-se em uma taboa de cosenos naturaes  $\cos (H' - h')$ ,  $\cos D'$ ,  $\cos (H - h)$ ,  $\arccos [\cos = \cos (H - h) - N]$ ; e nas taboas de logarithmos das linhas trigonometricas  $\log [\cos (H' - h') - \cos D']$ ,  $\log \cos H'$ ,  $\log \cos h'$ ,  $c. \log \cos H$ ,  $c. \log \cos h$ ,  $N$ .

A commissão, achando vantajoso este methodo, lamenta não encontrar, nas bibliothecas do Instituto e do deposito das cartas da marinha, taboas que dêem os senos naturaes de  $10''$  em  $10''$ ; e, suppondo que em Inglaterra

existem estas taboas, propõe a reimpressão d'ellas, ou a construcção d'outras.

Agora diremos, que em um opusculo do illustre mathematico portuguez o sr. Francisco de Paula Travassos, impresso no anno de 1805 com o titulo de *Methodo de redução das distancias observadas no calculo das longitudes*, depois de examinados á luz d'uma clara analyse os methodos chamados *das alturas* e de *Bordá*, se lê a pagina 28 a formula fundamental d'um proposto pelo auctor, que, usando da notação precedente, é

$$\cos D = \cos (H - h) - \frac{\cos (H' + h') + \cos (H' - h')}{\cos (H + h) + \cos (H - h)} [\cos (H' - h') - \cos D'].$$

Esta formula é a mesma de que usa o auctor inglez, pondo  $\frac{1}{2} [\cos (H' + h') + \cos (H' - h')]$  e  $\frac{1}{2} [\cos (H + h) + \cos (H - h)]$  em logar de  $\cos H'$   $\cos h'$  e  $\cos H \cos h$ ; transformação que o sr. Travassos fez certamente por julgar preferivel ao uso simultaneo das taboas de cosenos naturaes e de logarithmos o da primeira, com a addição d'uma pequena taboa de factores que serve para converter a divisão por  $\cos (H + h) + \cos (H - h)$  em multiplicação por  $\frac{1}{\cos (H + h) + \cos (H - h)}$ .

Pela analyse d'este methodo, que se lê a paginas 33 e seguintes, o sr. Travassos mostra, que elle é não só tão seguro e exacto como o de *Bordá*, mas ainda mais simples e menos sujeito a erros na pratica.

No mesmo opusculo acha-se a desejada taboa de cosenos naturaes, até á sexta casa decimal, para todo o quadrante, não só de  $10''$  em  $10''$ , mas até de segundo em segundo por meio de pequenas taboas de partes proporcionaes collocadas no fundo de cada pagina.

Não intentamos tractar aqui da materia a que se referem os escriptos mencionados: moveu-nos porem a dar esta succinta noticia



o desejo de vêr reparadas ommissões involuntarias, que parecem provir de ser pouco conhecida nos paizes estrangeiros a lingua portugueza; porque sem ellas os trabalhos de muitos sabios, de veneranda memoria, teriam alli feito avultar mais a reputação scientifica da nossa patria. No caso actual teria o methodo do sr. Travassos augmentado utilmente o numero dos que dão a distancia verdadeira por meio da apparente, dos quaes se pôde vêr uma breve informação no *Essai sur les instruments et sur les tables de navigation de M. Richard*.

Coinbra, 9 d'abril de 1856.

S. P.

## TELEGRAPHIA ELECTRICA.

Continuado de pag. 142 do IV vol.

### V.

#### *Telegraphos Americanos.*

Osapparelhos do systema francez e inglez, que temos mencionado, servem sómente para repetir e transmittir certos e determinados signaes ou indicar letras, sem deixar d'ellas vestigio algum.

O telegrapho de Morse, geralmente usado nos Estados Unidos da America, e que por isso se chama *telegrapho americano*, differe dos antecedentes, em que os signaes transmittidos são ao mesmo tempo reproduzidos graphicamente sobre um papel, de maneira que possam ler-se. Este systema acha-se já em voga na Alemanha, e mesmo em França é practicamente conhecido.

Data de 1838 a invenção do telegrapho de Morse. « Se, dizia elle, por uma certa combinação posso dar á alavanca um movimento de vaivem, que de uma estação á outra se repete até ao extremo da linha com tal exactidão, que todos os movimentos da alavanca em Paris, por exemplo, se reproduzem quasi instantaneamente sem a menor discrepância em Ruão, por que não porei uma penna na extremidade da mesma alavanca? por que não será esta penna molhada em tinta? por que a cada impulso da alavanca não se hade traçar um risco com essa penna? »

Na descripção d'este apparelho feita á academia real das sciencias dizia-se: « uma das extremidades d'uma pequena alavanca está ligada a um apparelho electro-magnetico; na outra existe uma penna, debaixo da qual passava por meio de um certo numero de rodas uma tira de papel, que se move á vontade do operador. » E evidente, que, podendo este systema de rodas variar muito, a tira de papel pôde tambem ter um movimento circular continuo, ou rectilineo de vaivem, ou ambos estes

movimentos combinados, e assim a penna traçará sobre o papel pontos, linhas rectas, ou inclinadas, segundo a corrente electrica fôr mais ou menos rapidamente interrompida, e conforme o movimento que se der ao rôlo de papel. O apparelho, porém, de Morse é mui simples em seus movimentos; o rôlo de papel gira uniformemente, e a penna traça pontos, ou linhas rectas interrompidas, que se chamam pontinhadas.

Se se toma um ponto como representando a letra *A*, e dois pontos a letra *B* etc., facilmente poderá por este meio estabelecer-se uma correspondencia entre duas differentes estações. A letra *Z* deverá, porém, ser representada por vinte e cinco pontos, o que tornaria morosa a transmissão dos despachos ou correspondencias telegraphicas; para evitar estes embaraços, Morse empregara pontos e linhas rectas alternativamente, com que designavam letras, e até palavras inteiras, formando d'este modo uma especie de tachygraphia. Assim, por exemplo, um ponto significa *A*, dois pontos *B*, tres *C*, e seguidamente as mais letras até *F*, que seria representado por seis pontos; o *G* por um risco seguido de um ponto; *H* por um risco e dois pontos, e assim as outras letras até *L*, que se escreverá com um risco e seis pontos; o *M* será representado por um risco precedido de um ponto; o *N* por um risco precedido de dois pontos, e assim as outras letras até *R*, que se escreverá com um risco precedido de seis pontos; o *S* com um ponto entre dois riscos; o *T* com dois pontos entre dois riscos etc.

Este methodo, porém, offerece graves difficuldades, e uma grande perda de tempo na separação das letras para se confundirem; alem disto é precisa muita practica para poder decifrar os signaes que a penna traça sobre o papel. A penna substituiu-se um pincel, que se suppunha desenhar melhor os signaes; mas este, passado algum tempo, não podia servir, e passou-se por isso a usar de lapis; que todavia tinha tambem o inconveniente de ser necessario apara-l-o repetidas vezes, o que fazia estorvo á indispensavel rapidez das communicações, e por isso se adoptou definitivamente em logar de todos estes diversos meios que temos indicado, um ponteiro d'aço, que em consequencia dos impulsos mais ou menos prolongados, que recebia do apparelho electro-motôr traçava sobre o papel, chimicamente preparado, pontos ou riscos.

O ponteiro d'aço, porém, que serve de penna 'neste apparelho para traçar sobre o papel os differentes signaes, carece, para mover-se, de uma força maior, que a de um simples electro-magnete, que a grandes distancias era insufficiente para imprimir ao ponteiro o necessario movimento de vaivem. Para obviar a este inconveniente Morse empregava um segundo electro-magnete, que servia de mul-

tiplicador e que obrava também como força para fazer mover o ponteiro.

Arago, descrevendo este apparatus 'numa sessão da academia real das sciencias de Paris, explicava-se assim :

« Supponhamos que na estação, que deve receber o despacho, ou comunicação telegraphica existe uma longa tira de papel, que pode mover-se entre dois cylindros por uma força mechanica ; a peça de ferro, que successivamente deve ser magnetisada e não magnetisada, está collocada a cima do papel, e pelo seu movimento de vaivem faz girar um pincel ou penna. Quando a corrente passa, a peça de ferro magnetisada é attrahida por uma massa de ferro, que está firme, o que a faz balançar, e d'este modo o pincel toca o papel: se a corrente é instantanea, o pincel traça um ponto sómente; se a corrente continúa por algum tempo mais, o pincel traçará um risco de um certo comprimento sobre o papel, que vai passando entre os cylindros. Por este meio pôde fazer-se escrever a cem leguas de distancia sobre o papel collocado na estação um ou mais pontos seguidamente, ou um ponto entre dois riscos, ou *vice versa*, e constituir com estes mui variados elementos signaes, como já notámos. »

Mr. Froment aperfeiçoou o apparatus de Morse com grande vantagem, e o seu systema é sem duvida muito superior ao primitivamente usado.

No apparatus de Morse, que já mencionámos, os signaes, que representam as letras, não são separados, e é não menos difficil lê-los, que escrevê-los, porque o lapis, ou o ponteiro do ferro gasta-se, ou embota-se, e traça por isso mal os pontos ou riscos.

Para remediar estes inconvenientes, Froment por um mechanismo especial faz com que o lapis se vá apando ao mesmo passo, que traça sobre o papel os signaes, que representam as letras, e que ficam sempre, pela construcção d'aquelle machinismo, distinctamente separados uns dos outros para se poderem distinguir claramente. No apparatus de Froment o lapis traça linhas perpendiculares, que podem contar-se facilmente e traduzir-se em algarismos ; e significando estes por convenção, certas letras, pôde-se construir com elles palavras, phrases, e finalmente despachos : os riscos pôdem ser mais ou menos inclinados, e haver entre elles espaços maiores ou menores, segundo a intensidade e duração da corrente electro-magnetica pozêr alternativamente em movimento a alavanca, em cuja extremidade existe o lapis. Da rapidez d'estes movimentos depende o maior ou menor numero de riscos traçados sobre o papel e por consequencia de algarismos, que correspondem ás letras, ou palavras, podendo por isso variar á vontade os signaes, com que se escreve, e guardar-se assim melhor o segredo das cor-

respondencias tanto da parte do empregado que transmite um despacho, como d'aquelle que o recebe, e o guarda no archivo com o numero e data, em que for transmittido.

Com um fio só o apparatus de Froment trabalha com dupla velocidade do telegrapho Breguet, que emprega dois fios, e dois apparatus.

Entre nós, porém, ainda se não adoptou o systema de Froment como convinha, e a nossa primeira linha de telegraphia electrica, que já chega quasi a Cintra, e corre também já além de S.<sup>ta</sup> Apolonia é de dois fios, e duplo apparatus.

*Continúa.*

## NOTICIAS LITTERARIAS.

**Estadistica dos caminhos de ferro em Inglaterra.** 'Numa das ultimas sessões do Instituto dos engenheiros civis de Londres, M. Stephenson apresentou os seguintes e mui interessantes dados estadísticos sobre os caminhos de ferro inglezes.

« Existem em Inglaterra 8,054 milhas de caminhos de ferro completamente promptas; estendida 'numa só linha, esta immensa rede de *rails* podia formar um cinto completo em roda do globo. A despesa feita com estes mesmos caminhos de ferro foi de 280 milhões de libras sterlingas.

« Os caminhos subterraneos (*tunnels*) atravessam uma extensão de 60 milhas.

« As obras feitas de terra correspondem a 502.810,000 metros, e formariam uma pyramide de milha e meia de altura (perto de 503 milhões de metros cubicos); cuja base seria' mais larga, que o parque de S. James. Os trens nos caminhos de ferro percorrem annualmente 80,000 milhões de milhas. Este serviço é feito por 5,000 locomotivas, e 150,000 *wagons*.

« Annualmente consomem-se dois milhões de toneladas de carvão, de sorte que em cada minuto quatro toneladas de carvão vaporizam vinte d'agua. Empregam-se por anno em reparos 20,000 toneladas de ferro; e 300,000 arvores para engradaamentos; 'nestes serviços empregam-se directamente 90,000 homens, e 40,000 em trabalhos auxiliares.

« Estes 130,000 homens com suas mulheres e filhos representam uma população de 500,000 almas, de modo que pôde dizer-se, que em Inglaterra em relação á totalidade da sua população, 1 sobre 50 depende dos caminhos de ferro. Em 1854, 111 milhões de viajantes transitaram nos caminhos de ferro britannicos, e cada viajante andou, termo-medio, 12  $\frac{1}{2}$  milhas.

« O rendimento d'estes caminhos de ferro foi no dicto anno de 20.215,000 libras sterlingas. Os desastres occorridos nas locomotivas foram, por termo-medio, de 1 sobre 7.195,343 viajantes.

## ERRATA DO N.º 19 DO IV VOL.

Pag.	Col.	Lín.	Erro	Emenda
248	2.ª	40	foleado	boleado

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal, em 22 de outubro de 1856.**

Continuado de pag. 5.

### SECÇÃO SEGUNDA.

*Estado presente das escolas não visitadas neste semestre.*

Das escolas ainda não visitadas, uma ha pública, — outras municipaes — e outras particulares. D'aqui a subdivisão d'esta secção nos trez seguintes artigos.

#### ARTIGO PRIMEIRO.

##### *Escola publica.*

A unica escola pública que não visitei, e provavelmente não poderei visitar este anno, é a da villa do Porto Sancto.

É sede d'esta escola uma ilha a nord'este da Madeira, e d'esta separada por um braço de mar de onze leguas de largo. A communicação entre as duas ilhas faz-se por meio de barcos de poupa aberta, com grave risco dos mareantes, porque na travessa os mares andam revoltos, no verão principalmente, por causa de continuadas brisas. Eis-aqui a razão por que ainda não fui verificar por meus olhos as informações que tenho desta escola, e são as seguintes.

Em consequencia da demissão, que da cadeira d'ella dera João de Sanct'Anna e Vasconcellos Junior, nomeei para interinamente a reger a João Balbino Gomes, cura da parochia, já porque o ex-professor m'o propozera para o substituir na occasião de impedimento por molestia, já por ter elle titulo vitalicio de capacidade desde que teve a cadeira da escola pública de Machico. Confesso porém que, se então tivesse as informações que ora tenho, acerca da mui duvidosa moralidade d'este clérigo, teria committido a outrem a regencia interina da cadeira, ou, á mingua de melhor substituto, teria deixado ficar fecha-

da a escola; porque, como diz M. Cousin, «nenhuma escola num concelho, é um inconveniente; mas uma escola má, é uma calamidade.» Esta é a conta em que tenho a escola, cujo professor tem o habito da embriaguez.

Por duas vezes tem estado a concurso a cadeira d'esta escola; e ninguém a tem pretendido: — porque? Será porque a terra é má, por doentia, pobre e miseravel, principalmente depois da molestia das vinhas? — Não, ex.<sup>mo</sup> sr.; a principal razão é porque está muito mal retribuida a cadeira d'esta escola. Pessoa alguma, que alguma cousa valha para dar prova pública de proficiencia para o magisterio, tem a tentação de expatriar-se da Madeira para ir ganhar no Porto Sancto a insignificante mensalidade de réis 6\$195 liquidos.

Acham-se presentemente matriculados' nesta escola 29 alumnos, que o professor tem distribuido em trez classes em relação a cada um dos ramos de instrucção primaria. Não posso devidamente apreciar o merito d'esta classificação. Vejo que o professor tomou como modello para o mappa de frequencia, um livro de registo que lhe eu remettersa para a matricula da escola.

Consta-me que no ponto de vista material, a escola está em bom estado. A sala tem sufficiente capacidade, e está bem provida de mobilia e utensilios escolares, — graças á punctualidade da camara, que a este respeito é exemplar.

#### ARTIGO SEGUNDO.

##### *Escolas municipaes.*

As escolas municipaes que deixei de visitar pelo motivo apontado, são — nove da camara municipal do Funchal, — uma da de camara de Lobos, no Estreito de N. Senhora da Graça, — e outra da camara da Ponta do Sol, da freguezia da Ribeira Brava.

§. 1.º Na freguezia de S. Gonçalo tem a camara do Funchal uma escola de meninos, que ora está em muito mau estado.

O mappa de frequencia apresenta matriculados 52 alumnos; mas informações fidedignas me authorisam a dizer que 'nesta cifra

ha exaggeração. A frequência é tão miserável, que ha dias em que não concorrem a sessão mais de dois ou trez alumnos.

Qual seria a razão disto? Por um lado é a supina incapacidade litteraria do professor, Antonio Rodrigues do Espirito Sancto, que está habilitado. Por outro e o pouco interesse que a camara toma pelo bom regimen das suas escolas. Ha trez annos que não manda proceder a exames. Os regulamentos d'este ramo de serviço municipal são excellentes; mas falta na camara quem vigie pela execução d'elles: d'aqui o atrazo em que se ora acham as escolas do municipio.

§. 2.º No sitio da egreja da mesma freguezia tem a camara uma escola de meninas, cuja mestra (habilitada) é Domingas Candida Rodrigues.

Frequentaram esta escola 57 alumnas; das quaes — sahiram 5 com o curso completo, — e ficaram existindo 42 no fim do anno lectivo.

§. 3.º No sitio de Louros da mesma freguezia ha outra escola de meninas, cuja mestra é Thereza Barbara Nunes de Freitas, habilitada para o magisterio particular.

Está sendo mui frequentada esta escola. Teve matriculadas 109 alumnas; das quaes — sahiram 8 com o curso completo, e ficaram existindo no fim do anno 81.

A mestra, que de si tem sufficiente aptidão, é coadjuvada pelo marido na direcção da parte litteraria do ensino; e, como ambos precisam muito dos proventos da cadeira, têm muito zelo pelos progressos das alumnas; e eis-aqui a razão de tão boa frequência.

§. 4.º Tiburcio Antonio dos Reis, habilitado para o magisterio particular, tem no sitio da Pedra Molle, da freguezia do Monte, escola primaria pela camara municipal. Se é mais habil que Antonio Rodrigues do Espirito Sancto, é de menos severos costumes que os d'elle; não tem zelo algum pelo adiantamento dos alumnos.

Segundo o mappa appresentado pelo professor, frequentaram esta escola 63 alumnos; dos quaes — 12 formavam a primeira classe, — 16 a segunda, — 11 a terceira, — e 24 a quarta. Não sei qual o principio fundamental d'esta classificação. . . . Não é provavel que o alumno que é membro da primeira classe de escripta, o seja tambem da primeira de leitura, — da primeira de arithmetica, — da primeira de historia, etc. Tanto esta classificação, como a cifra da freguezia, parece-me não merecerem confiança. Sei por informações fidedignas que o numero dos alumnos é muito menor.

§. 5.º No sitio da Egreja, da mesma freguezia, tem a camara uma escola de meninas, cuja mestra (habilitada) é Maria Bem-vinda da Conceição.

Esta escola teve matriculadas 68 meninas;

mas a frequência diaria nunca passou de 30.

A mestra é habil, tem zelo pelo progresso das discipulas; mas o ensino resente-se da falta dos estímulos que outr'ora tiveram as escolas da camara.

Quando a camara mandava fazer exames annuaes, distribuir premios, dar livros e mais utensilios escolares, e sobre tudo fazer visitas de inspecção mui frequentes, rara era a escola municipal que não fosse uma escola-modelo. Hoje porém a decadencia de todas é progressiva.

§. 6.º Maria de Freitas (habilitada) e mestra d'outra escola de meninas, que tem a camara municipal 'nesta freguezia.

Visitei esta escola no semestre passado, e observei que 'nesta, como em quasi todas as escolas de meninas, o ensino industrial avantajase muito ao litterario. Os paes mais querem que as alumnas saibam cozer, marcar, bordar, fazer meia etc. do que ler, escrever, contar, etc. E como esta preocupação vai d'accordo com a maior conveniencia da mestra, cura esta mais de adestrar as mãos, que de cultivar a intelligencia e o coração das alumnas.

A matricula d'esta escola foi de 75 alumnas, mas a frequência diaria muito inferior a este numero. A mestra é das mais preste-aveis que tem a camara.

§. 7.º Na freguezia de S. Roque, sitio da Egreja, tem o municipio uma escola, cujo professor é Manuel Affonso, habilitado para o magisterio particular.

Desde que a camara tem escolas, esta ha sempre sido e ainda é a melhor; porque, além de ser o professor o mais habil dos professores municipaes, é vantajosamente coadjuvado pelo parcho da freguezia, o qual empenha, em prol da frequência da escola, todos quantos meios de suasação tem ao seu alcance.

De 74 alumnos que frequentaram este anno, ficaram existindo no fim d'agosto 44; porque, afóra outros que deixaram a escola, sahiram 20 em razão d'a camara ter supprimido a secção nocturna.

§. 8.º No sitio do Calhau, da mesma freguezia, tem a camara uma escola de meninas, cuja mestra (habilitada) é Thereza Maria da Silva.

Esta é uma das melhores escolas municipaes. Frequentaram-na este anno 108 alumnas, das quaes — ficaram existindo no fim d'agosto 99, — e sahiram com o curso acabado 3.

A mestra tem assaz de aptidão para o magisterio. E como por outro lado, de pobre que é, precise muito do honorario, faz quanto pode para conservar a escola em bom estado de frequência e disciplina.

Havia 'nesta freguezia mais outra escola de meninas, cuja mestra era Josephina da Silva Trindade. Mas, como a mestra largasse

a cadeira para sahir da terra, a camara supprimiu a escola.

§. 9.º Na freguezia de S. Martinho, sitio da Terra dos Alhos, tem a camara uma escola de meninas, cuja mestra é uma pobre velha, inhabil e não habilitada, por nome Joanna Maria de Bittencourt.

Esta escola está mal. O que mais se 'nella ensina são trabalhos d'agulha. A incapacidade da mestra, e a falta de inspecção da parte da camara têm aberto larga porta á negligencia e aos abusos.

Não sei qual foi a frequencia d'esta escola, porque a mestra ainda me não enviou o respectivo mappa.

§. 10.º A camara da villa da Ponta do Sol ainda conserva na freguezia da Ribeira Brava uma escola de meninas.

Quando andei visitando as escolas, passei por esta freguezia. Mas, como lá chegasse num sabbado á tarde, a tempo que as alumnas já tinham sahido, não visitei esta escola; só obtive ácerca d'ella os seguintes esclarecimentos.

Carlota Adelaide Camacho tem, desde 17 d'agosto de 1853, a cadeira d'ella, com o ordenado de rs. 48\$000, atrazado 19 mezes. Não está habilitada; mas ensina mui soffriavelmente a ler, escrever, contar, doutrina christã e trabalhos d'agulha. A povoação está satisfeita com o serviço d'ella.

§. 11.º Em fim, a camara de Camara de Lobos tem no estreito de N. Senhora da Graça uma escola de meninos, que não visitei por me desviar demasiado do meu itinerario.

O professor, que é José Francisco de Barros, (não habilitado) tem a cadeira desde dezembro de 1846, com o ordenado de rs. 120\$000 *per annum*. É pessoa de prestimo, porque teve bons estudos secundarios.

A escola foi frequentada por 61 meninos.

#### ARTIGO TERCEIRO.

##### *Escolas particulares.*

Para não enfiadar mais a V. Ex.ª, não tractarei de cada uma d'estas individualmente. O que houver de privativo a cada uma, referir-o-hei no mappa estatistico, que acompanha o presente relatorio. Aqui, só consignarei qualquer observação, que se me antolhe de mais alguma importancia em relação a uma ou outra.

Das vinte e duas escolas particulares que ha 'neste districto, a melhor de todas é, como já tive a honra de dizer no relatorio do semestre passado, a de Augusto Francisco Corrêa, e Julio da Silva Carvalho. Um facto recente acaba de firmar-me ainda mais 'nesta opinião. Foram examinados no fim do anno lectivo 18 alumnos de ensino primario para passarem ao secundario. Metade do numero d'estes,

sahiu d'aquella escola. Isto depõe alguma cousa em favor da attenção que prestam os professores ao adiantamento dos alumnos.

A escola de meninas, de Adelaide Amelia Pereira, ainda continúa em bom estado de frequencia e tirocinio. Mas em dias de junho ultimo abriu-se outra escola da mesma classe, que em breve ha de avantajarse muito áquella: porque, alem de fundada em melhor plano, é dirigida por duas senhoras, uma das quaes principalmente é muito habil. Refiro-me á escola que vai designada no mappa como empresa particular de D. Helena Telles de Sanct'Anna.

Apezar do pouco tempo de exercicio que tem esta escola, já conta 38 alumnos, — 8 meninos, — e 30 meninas. Ensinam-se 'nella todas as materias do primeiro gráu d'instrucção primaria, todos os trabalhos d'agulha e prendas proprias do sexo, e mais a lingua ingleza. A principal mestra tem muito bom methodo; não se contenta com estudos de memoria, cultiva a intelligencia das alumnas. Visto que d'estas umas são catholicas e outras protestantes, tem para ellas duas classes de ensino religioso, e dá séria attenção á cultura d'este ramo de instrucção primaria. Está tractando de habilitar-se para o magisterio; d'entro em pouco fará exame.

Havia no semestre passado crescido numero de escolas elementares, de meninas principalmente, subsidiadas por estrangeiros, cujos professores e mestras não tinham habilitações legaes. Estas escolas fecharam-se; porque os estrangeiros, regressando na primavera ao seu paiz, suspenderam os subsidios com que contribuam para taes escolas. Póde ser que tambem tenha contribuido para este resultado as diligencias que tenho feito para compellir todos os professores particulares a se habilitarem. Os que se esquivam ás exigencias da lei têm por ventura consciencia de sua incapacidade. Com fecharem as escolas fazem á sociedade um serviço; porque, — tórno a dizer, — antes nenhuma escola, que uma escola má.

Em logar das escolas que se fecharam, outras se têm aberto, tambem elementares. Entre estas farei especial menção das que vão designadas no mappa como empresas de Maria Candida dos Reis, e Germana Guilhermina Valeria. São modestos estabelecimentos de instrucção elementar, onde se ensinam, por modico preço, ás filhas de páes menos abastados, as disciplinas de ler, escrever, contar e trabalhos d'agulha.

Não fecharei este artigo, sem comunicar a V. Ex.ª uma boa nova: — é que está fazendo mui relevante serviço á povoação da freguezia dos Canhas, a excellentissima D. Carolina de França Netto, com o estabelecimento de uma *escola domingueira* para o ensino da doutrina christã ás adultas.

O estabelecimento, que já dura ha um anno, tem admiravelmente prosperado debaixo da intelligente e philanthropica direcção de pessoa tão competente. Conta umas 60 alumnas, que por ora só aprendem os rudimentos do catholicismo, mas, logo que estejam fortes 'nesta parte do tirocinio, dar-lhes-ha a benevolenta directora conhecimento das primeiras letras. Se o governo de S. M. houvesse por bem gratificar com uma palavra de louvor tão descommunal dedicação, pôde ser que esta não ficasse como exemplo unico e solitario entre nós. Devo acrescentar que esta senhora é mana de outra, que contribuiu para a subscrição das escholae com a quantia de rs. 40\$000.

*Continua.*

## O ENSINO DAS LINGUAS.

O programma dos estudos da instrucção secundaria 'nesta nossa terra é muito inferior, ainda hoje, ao de povos, que foram adiante de nós na cultura das letras, não obstante a reforma, e melhoramentos alcançados pela instrucção publica nos vinte annos ultimamente decorridos.

É defectivo o plano de estudos. O alumno adquire mais conhecimentos do passado, que do mundo que o cerca. Não se habilita sufficientemente a satisfazer as necessidades da vida presente, e antevar as do futuro. O additamento dos estudos da historia natural dos trez reinos ao quadro dos estudos classicos foi um melhoramento importante; e será de séria utilidade quando o ensino for mais pratico, mais no ponto de vista artistico, qual convém á instrucção secundaria, destinada principalmente á educação das classes medias. Cumpre todavia elevar ainda o nivel do ensino, alargar-lhe a esphera com o desenvolvimento dos ramos industriaes.

Mas com ser limitado ainda o campo dos estudos classicos, não é igualmente o tempo, que consome esse ramo de instrucção. O estudo das linguas, mórmente do latim, e grego, absorve a maior e melhor parte da epocha do apprendizado.

Emquanto as nações mais civilisadas se têm occupado, e occupam do estudo dos methodos que facilitam e amenisam o estudo; quando as sabias paginas de Rollin, Rousseau, e Kant são traduzidas em factos, e modificadas pela lição da experiencia; no seculo em que as exposições publicas vêm excitar a attenção e a emulação dos homens, que, penetrados da sua missão social, procuram fazer melhor a geração, que lhes hade succeder; e os congressos litterarios discutem as vantagens dos meios de communicar aos educandos os conhecimentos legados por nossos an-

tecessores, e os adquiridos por seus estudos, e esforços; nos (força é dizel-o) habituados a rotina, presos por força de habito aos methodos da meia idade, respeitadores dos preceitos e regras do collegio Gregoriano de Roma, temos estado estacionarios; e impassiveis vemos passar adiante povos, que outrora de nós apprenderam sciencias, artes, e letras.

Actualmente nenhum povo ha feito tantos esforços pela instrucção como os Estados da União-Americana. Não respeitam tradições em materia de ensino os americanos. Atravessam os mares repetidas vezes para observarem o que se faz na Europa; estudam os escriptos de Girard, Becker, Stowe, e Lambruschini; e vão pela practica apurando o que lhes parece melhor. Guiados pela philosophia do ensino deixam livre expansão ao espirito e ao coração do alumno, dirigindo um e outro na razão do desenvolvimento progressivo de suas faculdades intellectuaes e affectivas. Fugindo das noções abstractas, a que os alumnos não podem ligar idéas, insistem no ensino intuitivo e pratico; assim fazem que elles apprendam por si; e assim, ficando fixadas as idéas, se aprende em muito menos tempo.

Limitando-nos por agora ao ensino das linguas, tem-se visto progressos espantosos obtidos pelo melhoramento dos methodos. Alumnos com cinco e seis mezes de apprendizado têm sido apresentados em publico traduzindo latim soffrivelmente.

Preparado o tirocinio com o conhecimento das declinações de nomes, e conjugações dos verbos mais necessários, o alumno entra logo no exercicio pratico da versão. Livros elementares preparados com a traducção supralinear servem na primeira epocha do ensino. O mestre vai practicamente ensinando a relação das palavras entre si, e com a oração: ensina a grammatica pedagogica, a construcção empirica, reservando a grammatica dogmatica, a analyse philosophica para quando o discipulo já conhece a lingua. Aqui daremos por *especimen* uma oração em prosa, outra em verso:

*Moven porém guerra á cidade de Roma o rei Tarquinio*  
*Commovit autem bellum urbi Roma rex Tarquinius*  
*Aquelle eu, que outr'ora brincois cantava d'amor*  
*Ille ego, qui quondam lusus in dulcibus amoris.*

A razão mostra, e a experiencia confirma a vantagem d'este methodo, que em verdade não é todo novo, mas nunca fora desenvolvido e aproveitado tão racionalmente, como hoje está sendo.

De que serve fazer decorar paginas de regras e definições, a que o alumno não liga idéa; porque não conhece o objecto; porque na sua idade a tarefa excede a força de sua abstracção?

A que conduz o aprender de cór os generos e suas variadissimas excepções, os preteritos, as multiplicadas e contradictorias regras da syntaxe? A fatigar, e exhaurir a memoria; a fazer esteril, fastidioso e repugnante o estudo; a introduzir o mau habito de dizer palavras sem idéa.

O individuo, que souber bem todas essas regras e definições, poderá dizer-se que tem chegado ao conhecimento da estrutura da lingua? Todos os que aprenderam por esse methodo, e se recordarem do improbo trabalho, que sentiram na versão do latim, dirão unanimes que não.

Como aprende uma criança a sua lingua? Ensinando-lha practicamente sua mãe, que é o seu primeiro mestre. Emprega acaso a mãe o uso das regras e das definições? Não; vai ensinando seu filho a pronunciar palavras, indicando ao mesmo tempo as idéas, que lhes correspondem; a exprimir os pensamentos em proposições. É este o methodo natural, é instinctivo. Será pois natural, será logico o imitar esse methodo no ensino de linguas estranhas.

O menino que aprendeu de sua mãe a lingua, que por isso se diz materna, não sabe toda a lingua; conhece quanto ha mister para exprimir suas necessidades, para communicar com o seu semelhante, e trocarem os seus pensamentos. Para se aperfeiçoar, e grangear cabal conhecimento da sua lingua, tem de estudar toda a vida; e raro o consegue. Da composição philosophica, de analyse logica nada sabe: é estudo transcendente reservado á instrução primaria e secundaria. Por egual razão parece que a analyse logica do latim se deverá reservar para a ultima parte do ensino. O contrario é começar por onde se deve acabar. Rollin já presentia o defeito do methodo de ensino, quando exprimia o desejo de ver resumidas em pequeno volume as regras indispensaveis á intelligencia da lingua. Becker, Mullignan, Morell desenvolveram a idéa d'aquelle sabio, e têm feito serviços importantes á instrução pública.

É um erro julgar que as palavras são os elementos da lingua; e que as regras são indispensaveis para conhecer as relações das palavras. Se a lingua serve para exprimir os nossos pensamentos, as unidades do discurso são as proposições, e não as palavras; estas sem construcção não exprimem pensamento; servirão apenas para catalogar. As palavras são elementos constitutivos da proposição, assim como as syllabas são da palavra; mas isoladas nada exprimem do juizo. Devem portanto ser estudadas em relação á proposição; ou o estudo da grammatica será o emprego esteril de tempo em regras e definições.

Conhecer, e saber apreciar a relação das palavras com a proposição, cuja são os elementos, é a philosophia da lingua, a parte

mais difficil, e transcendente do ensino. Não é no começo do estudo d'ella que o alumno deve ser obrigado a trabalho superior ás suas forças. Sobre ingrato, será inutil e perdido esse trabalho.

Grande parte do tempo em aprender pelo methodo usual consome-se em buscar significados no dicionario. A versão supralinear é uma economia de tempo. Depois do conhecimento das palavras não ha alumno que sem auxilio alheio saiba ligal-as para formar a oração, e compor o discurso. Ainda com elle é improbo e fastidioso o estudo. O exercicio grammatical do mestre guiando o alumno no descobrimento da verdade, facilita-lhe e amenisa o estudo. Tiradas por esta arte as idéas, o educando vencerá o trabalho do apprendizado em muito menos tempo.

O ensino dado por esta fórma é sem dúvida mais penoso para o mestre, e exige muita afabilidade, moralidade, e vocação pedagogica da parte do professor: mas sem estas qualidades ninguem deve exercer o sacerdocio do ensino.

Preferindo para a brevidade no ensino o methodo synthetico ao analytico, e reservando este para complemento, e perfeição do ensino, entendemos que esse plano de educação deverá ser applicado tanto ás linguas antigas, como ás modernas; mas principalmente ao estudo do grego e do latim.

Submettemos porém as nossas reflexões ao juizo dos homens competentes; e fazemos votos sinceros para que os nossos professores hajam de ensaiar o novo methodo de ensino, que dizem ter produzido excellentes resultados.

Ha mais outro ponto importante, a que desejavamos chamar a atenção dos nossos humanistas. Tem sido practica geralmente seguida 'neste paiz o ensino singular, e successivo de cada uma das disciplinas da instrução secundaria. Estuda-se o latim; a este segue-se a rhetorica; a esta a philosophia racional e moral; depois geometria etc. Não é hoje este o plano de estudos fora do paiz. A mesma classe vai apprendendo disciplinas diversas em dias e horas diferentes. Assim aprende-se mais em menos tempo. A experiencia parece sancionar essa practica; e *a priori* se poderia sustentar; porque essa, forma de distribuição de estudos é uma gymnastica intellectual. M.

#### CARTA DO SR. A. F. DE CASTILHO.

*Sr. Redactor.* — Persuadido eu de que a associação dos mestres podia, e devia querer avaliar com lealdade o ensino primario pelo methodo portuguez, e o ensino primario pelo

methodo antigo, consultei-a confiadamente. A associação respondeu-me, dando em todos os pontos a palma ao systema velho sobre o novo, e publicou a sua resposta. Com tal facto se instaurou perante a nação um processo nacional de não modica importancia.

Era o depoimento de uma das partes, que se tinha ouvido; cabia antes da sentença, e para que a sentença podesse ser justa, receber-se igualmente o depoimento da parte contraria; e ainda as réplicas, e trélicas, se por ventura sobreviessem. Qualquer decisão, sem isso, haveria sido prematura, arriscada, e pouco justa.

*Qui statuit aliquid, parte inaudita altera,  
Aequum licet statuerit, haud aequus fuit.*

O mesmo principio de interesse commum, que me obrigára a consultar os professores da primeira vez, me obrigava d'esta segunda a refutal-os; por ser para mim, para muitos, e para todos que sabem o methodo portuguez, cousa de primeira intuição, que esses professores, ou o não tinham estudado, ou, tendo-o estudado, não o haviam comprehendido; contrariavam factos positivos, intervertiam os principios mais sãos, e os mais incontestaveis dogmas da verdadeira sciencia de ensinar. Escrevi logo essa refutação, reproduzindo 'nella integral e escrupulosamente o folheto impresso contra o methodo novo pelos professores do methodo velho; e no dia 25 de março proximo findo comecei a inserir-a no *Diário do Governo*, onde se tem continuado, e continuar á até ao fim, só com as interrupções que a affluencia de outros escriptos obrigados em tão limitada folha forçosamente occasiona.

Esperava eu (e desejava-o, Sr. Redactor) que o vosso jornal aguardasse impassivel as ultimas allegações e provas, para proclamar o seu juizo. Infelizmente não aconteceu assim: o numero vinte e quatro do quarto volume da vossa folha, que hoje recebo pelo correio, não só começa a reimprimir a resposta dos professores, sem accusar sequer a existencia da refutação, mas outorga desde já aos mesmos professores um vencimento de causa, que em nenhuma das duas instancias supremas—o senso público, e a posteridade—há de obter confirmação, segundo espero em Deus pela fé plena que tenho no dogma da perfectibilidade.

Fôra abusar da razão, Sr. Redactor, pedir-vos, que tão escassas e tão bem aproveitadas paginas, como são as vossas, fosseis confrontando successivamente, trecho por trecho, aquella extensa resposta, e a minha refutação, ainda mais extensa; se o fizesseis, darieis uma grande prova de imparcialidade; mas não a exijo: o que só vos peço, é: que vos digneis de inserir no vosso proximo numero esta carta, a fim de que os vossos leitores

saibam onde poderão encontrar os documentos, que lhes faltam, e que neutralizam os que já possuem.

A lei, em virtude da qual reclamo esta pequena satisfação, é anterior a todos os regulamentos d'imprensa; é a lei, que nenhuma lei de homens revogaria; a lei da honra, que para vós o não é por certo menos que para mim.

Sou com toda a devida consideração—  
Ill.<sup>mo</sup> Sr. Redactor do Instituto—Vosso venerador

A. F. CASTILHO.

Lisboa, 15 de abril de 1856.

## INSTRUÇÃO PRIMARIA.

**Resposta ao sr. A. F. de Castilho, ácerca do Methodo portuguez, pela Associação dos professores do reino e ilhas.**

Continuado de pag. 10.

### QUESITO IV.

*Qual dos dous (methodos) combina, mais efficaçmente, a correção da pronúncia, e a reforma da terminologia barbara da plebe? o ler expedito, entoado e intelligente, e o escrever legivel, correcto e pontuado?*

Contém este quesito duas partes. 1.<sup>a</sup> A correção da pronúncia, e a reforma da terminologia barbara da plebe. 2.<sup>a</sup> O ler expedito, entoado e intelligente; e o escrever legivel, correcto e pontuado.

Pelo que respeita á primeira parte, é um perfeito engano dizer-se que o methodo moderno concorre para a correção da pronúncia, e reforma da terminologia barbara da plebe; porquanto é inadmissivel, que por via do canto se corrijam mais depressa e melhor os defeitos da pronúncia do que por via da leitura individual e explicativa, que o mestre faz aos discipulos pelo methodo antigo, pois que por este methodo antigo não se lhes deixa ler viciosamente; e, quando não pronunciam bem alguma palavra, elle lhes faz conhecer o erro, em que cahiram, assim como o modo mais facil de o evitar, o que, certamente, não poderia fazer pelo methodo moderno, estando os discipulos agrupados, e lendo em côro, por isso que, no meio da gritaria, lhe seria mui custoso, e até impossivel perceber os erros, a fim de os emendar e corrigir.

A experiencia, que faz com que se não acceitem nuvens por castellos, a experiencia nos mostra que as crianças, de ordinario,



tomam facilmente a mesma pronúncia das pessoas, com quem mais convivem, e estão em maior contacto. Segue-se pois, que um dos gravíssimos defeitos do methodo moderno consiste principalmente na facilidade de tomarem os discipulos, por via do quotidiano canto, todos os vícios da pronúncia dos mestres, quer estes vícios procedam de defeito organico, quer do habito adquirido de má pronúncia, quer d'outras quaesquer causas; e, como é certo que fora das eschololas se não ensina por meio da cantilena, resulta inevitavelmente que os vícios tomem corpo, e se fortifiquem por não haver em casa pessoa, que ensine a lição ás crianças, e lhes dissipe os vícios contrahidos nas eschololas, o que, seguramente, não aconteceria, sendo ellas ensinadas pelo methodo antigo. Segue-se tambem que a terminologia barbara da plebe, em vez de enfraquecer, e desarreigar-se, antes, pelo contrario, obtem maior força e incremento, admittido o methodo moderno, visto não ter este outra regra de pronúncia para as crianças mais do que a propria dos mestres, tão incerta e vária, como é incerta e vária a organização da vocalidade dos mestres, a sua patria, e os seus defeitos de educação.

Quanto á 2.ª parte, supposto ser ponto quasi geralmente assentado entre os conhecedores do methodo moderno, que a decomposição das palavras por elementos e syllabas é conveniente, e facilita de certa fôrma a leitura d'algumas palavras, mórmente polysyllabas; não é todavia, por esta pequena vantagem, que elle merece a palma, e se torna preferivel ao methodo antigo; por quanto é tambem quasi geralmente assentado entre os mesmos conhecedores do methodo, e, como fica demonstrado nas respostas anteriores, que os defeitos e erros, resultados inevitaveis do methodo moderno, além dos accessorios, de que está revestido, o tornam moroso, inefficaz e inadotavel nas eschololas. Esta verdade é confirmada pelo completo abandono do methodo, que alguns professores habeis e competentes conheceram de absoluta necessidade fazer nas suas eschololas, depois de o terem seguido e practicado perto de dous annos.

Note-se igualmente que esta pequena vantagem, conhecida no methodo moderno, e que, como já se disse, apenas auxilia o desenvolvimento da leitura d'algumas palavras polysyllabas, não contribue de modo algum para que as crianças lêam mais expedita e desembaraçadamente do que pelo methodo antigo. É pois desnecessario comprovar aqui esta asserção, porque no 2.º §. da resposta ao 2.º quesito, já fica largamente demonstrada e comprovada.

Note-se mais que o lêr entoado é gravissimo defeito, adquirido no ensino pelo methodo moderno; porquanto, mostra a experien-

cia que este defeito, inveterado nas crianças pelo frequente habito do canto, é difficil de extirpar, e por isso ellas só tarde, e muito tarde poderão lêr sem entoarem.

Observe-se tambem que a leitura pelo methodo moderno não é, nem pode ser, mais intelligente do que pelo antigo; porque as crianças, seguindo unicamente a toada e harmonia do canto, não prestam a devida attenção á leitura, resultando infallivelmente quasi a completa ignorancia do que lêem, o que não acontece, como a razão nos dicta, e é assás notorio, no ensino pelo methodo antigo.

Observe-se finalmente que o escrever legivel so pertence á calligraphia, no que o methodo moderno não sómente é muito deficiente, mas tambem faz contrahir vícios e defeitos irremediaveis, como já se disse na resposta ao 2.º quesito. Quanto ao escrever correcto e pontuado, nem pelo methodo moderno, nem pelo antigo se pôde conseguir; pois que o escrever correctamente, e o uso da restricta pontuação dependem mais da practica de escrever, e d'outra habilitações litterarias, que do simples ensino primario; entretanto é certo que se torna mais facil adquirir maior perfeição em escrever correcto e pontuado pelo methodo antigo, por isso que este adopta, quanto é possivel, a orthographia etymologica, geralmente seguida por todos os litteratos, e mesmo pelo illustre auctor do methodo moderno em quasi todos os seus escriptos, sem o que é inadmissivel obterem-se as duas referidas condições de bem escrever.

Em vista pois das razões expendidas, entende a commissão que o methodo moderno na parte, que diz respeito ao presente quesito, não é mais prolicuo, nem de maior vantagem no ensino do que o methodo antigo.

### QUESITO V.

*Qual dos dous (methodos) se accomoda melhor ás exigencias physicas e instinctivas da puericia, á sua natural tendencia para o movimento, para o canto, para o rithmo, para as visualidades e imagens, para as narrações claras e amenas, para as mæmonisações singelas e efficazes?*

A imaginação, que é a faculdade predominante na puericia, não deve ser demasiadamente excitada, a fim de não augmentar a inconstancia, e com ella o tédio e o desgosto para tudo-que requer mais aturada applicação. A puericia necessita ser dirigida e guiada com geito para se tornar applicada e estudiosa. A mesma logica nos ensina que é tão grande erro atemorisar ou comprimir excessivamente as crianças, como dar azo a que as chamadas suas tendencias naturaes se desenvolvam, e

tomem demasiada força, a ponto de arrastarem caprichosamente as suas innocentes victimas. Freqüentes exemplos, tristes consequências ou da muita compressão, ou da excessiva liberdade concedida às crianças, estão depois, 'n'outras edades, apparecendo todos os dias na sociedade. O methodo antigo tem, sem dúvida, sobre o moderno a grande vantagem de poder empregar muitissimos meios de attrahir a attenção das crianças de tal modo, que esta seja levada com proveito ao fim desejado, enquanto que pelo methodo moderno se auxiliam talvez, sobejamente, os defeitos proprios da idade, tornando-as menos aptas, não lhes consentindo mais do que relancear simplesmente os assumptos, que lhes são propostos, sem reter d'elles senão impressões pouco estaveis. A experiencia, que sempre se oppõe a exaggeradas theorias, nos apresenta innumeraveis documentos, que robustecem e confirmam esta doutrina, por isso que é deduzida da mesma natureza das cousas.

Accresce além d'isso que o methodo moderno não pôde accomodar-se melhor ás exigencias instinctivas da puericia do que o antigo; porque, sendo os discipulos ensinados em globo, os que têm mais intelligencia, e melhor aptidão hão de necessariamente esperar pelos que a não tem, ou estes, havendo de os acompanhar na lição, ficam ignorando o que aquelles aprenderam em menos tempo. Estes inconvenientes, que devem ter-se em grande conta, pôde o professor pelo methodo antigo completamente destruir com a lição individual, o que forçosamente não poderá conseguir pelo moderno.

Note-se tambem que o canto, ou gritaria quotidiana, bem como a posição obrigada hão de ser, por certo, prejudiciaes ás crianças, como fica expellido na resposta ao 1.º quesito.

Note-se mais que as crianças são naturalmente inclinadas ao movimento, e á novidade, e, se o professor pouco a pouco as não reprimir, esta inclinação crescerá a passos largos, e de tal maneira, que trará após si a falta de respeito, a indisciplina, e a insubordinação na escola, o que, para desdouro do magisterio, consta haver acontecido nas escolas pelo methodo moderno em Setubal, Castello Branco, e no proprio collegio do illustre auctor do methodo, e o que provavelmente, muito contribuiria para a sua completa dissolução. Bem custoso e repugnante é á commissão o ver-se forçada a descer, muitas vezes, a semelhantes pormenores; porém a justiça e a imparcialidade reclamam imperiosamente não omitir, nem attenuar nenhuma das circumstancias, tendentes a louvar, ou objectar o methodo em questão, por isso que ella tem de rigorosa obrigação ser integral e conscienciosa no seu parecer.

Note-se mais que o bom professor, qual

paes extremoso por seus filhos, deve corrigir com certa gravidade e doçura os máos hábitos dos seus discipulos, a fim de que os males, acima referidos, não lhes venham, de futuro, a ser bastantemente funestos, o que, em vista dos factos apontados, não será facil obter pelo methodo moderno.

Observe-se tambem que as crianças ensinadas pelo methodo moderno perdem muito mais depressa o que aprenderam, do que as ensinadas pelo methodo antigo, e que, se houver alguma causa, que as obrigue a interromper as lições por alguns dias, quasi que ao depois se não lembrarão do que tinham aprendido. As razões, que comprovam esta asserção, podem ser vistas e ponderadas na resposta ao 2.º quesito.

Em conclusão, a commissão, tendo na vida conta o que deixa referido, assenta conscienciosamente que o methodo antigo pôde colher mais segura vantagem das naturaes disposições da puericia, do que o methodo moderno: e é isto o que importa, e é mais util saber, e não qual d'elles lisongea mais defeitos, que em vez de exaggerar-se, devem emendar-se e extinguir-se.

#### QUESITO VI.

*Qual dos dous (methodos) merece a palma, considerado sob o ponto de vista moral: qual emprega menos rigor e mais amor? qual afecção, em maior grau, os discipulos ao mestre, o mestre aos discipulos, e todos ao trabalho? qual deve deixar nos animos da mocidade maior tendencia, ou maior repugnancia para os livros, e para os estudos subsequentes.*

Quatro parecem ser as perguntas, que o illustre auctor do methodo portuguez faz 'neste quesito. A commissão as refunde e diz: que o illustre auctor parece perguntar qual dos dous methodos, o antigo, ou o moderno, é mais accommodado e favoravel á moral? A resposta será sem poesia, sem phrases rhetoricas, pois 'nesta materia melhor cabe a simplicidade real do objecto do que as periphrases, e circumlocuções fastidiosas.

O methodo portuguez é contrario á moral, sendo contrario á instrucção. Factos, demonstrados nas respostas anteriores, attestam com toda a evidencia que o methodo moderno é opposto á policia das escolas. E, sendo incontestavel que estas morrem conjunctamente no pessoal e no moral, não pôde por tanto merecer a palma o methodo, que lhes põe a existencia em perigo. Tambem na actualidade não merece rigorosamente a palma o methodo antigo; mas é muito susceptivel de a chegar a merecer, por isso que não afugenta as crianças, nem, sendo livre o professor nas funcções do magisterio, o prende

a rigoroso modo d'ensino. Em ambos os methodos o bom professor poderá tornar mais apazível qualquer d'elles, assim por sua paciencia, amabilidade e philantropia, como por sua indispensavel siudeza e gravidade. Não diz isto respeito sómente á puericia no conseguimento dos ramos da instrucção primaria; o mesmo se dá com os alumnos mais crescidos, e mais adiantados.

O mau professor faz mau o melhor methodo, e por isso é incompetente no magisterio, de que deve ser banido: tambem deve ser expulso o mau methodo, que não deixa ser bom o professor.

Os castigos corporaes não são determinações do methodo antigo, e n'elle nada ha que desafie o discipulo do mestre, pois que ninguém n'elle viu ainda o dominio absoluto da *palmatoria*. Os bons professores ensinam, geralmente, por meio da emulação, e muitas escolas ha d'estas, que podem servir de modelos de boa policia. Estão em provas os methodos, antigo e moderno. Os adeptos e defensores do methodo *portuguez* vão visitar as escolas do methodo antigo, perseguem a sua disciplina, e, em vez de reptos litterarios, de relatorios estudados, e de theorias imaginarias, corram ao lyceu no tempo dos exames, sejam testemunhas do progresso de centenaes de discipulos pelo ensino antigo, e, depois de bem convencidos da verdade, digam d'ellas o que for justo. Talvez as escolas do methodo moderno não offereçam melhor ordem, nem mais vantagem no ensino do que as do methodo antigo. A commissão, com quanto queira dispensar-se de ser tão minuciosa, conhece todavia que em assumpto de tanta gravidade, qual é a apreciação dos dous methodos, não pôde, nem deve prescindir de circumstancia alguma em favor, ou desabono de qualquer d'elles.

O methodo antigo é mais proveitoso aos discipulos, aos mestres, e ao publico: as provas d'esta asserção podem ser aviadas nas respostas antecedentes. O methodo moderno incita as tendencias da puericia, levando-a muitas vezes a grandes faltas, a males incalculaveis, já referidos na resposta ao 5.º quesito, e a castigos, que por ventura poderiam ser evitados. Apenas a intelligencia das crianças começa a desenvolver-se, começam ellas a aborrecer as causas das mesmas incitações, aborrecendo igualmente os mestres, que as castigam ou castigaram. D'aqui nasce o desgosto do trabalho, e as impressões desfavoraveis aos estudos subsequentes.

O professor pelo methodo antigo, que sabe viver com as crianças, consegue d'ellas a verdadeira affeição, e, sempre conciliando a gravidade e siudeza com a amabilidade, leva-as por applicação e brios a consideraveis melhoramentos. Este professor, não afrouxando no zelo, vai levando seus discipulos por

successivos progressos ao desenvolvimento da intelligencia. D'aqui dimana o verdadeiro amor aos estudos. A boa razão nos diz, que este amor, que elles começaram a sentir no ensino primario, tambem os acompanhará nos estudos secundarios.

A commissão, concluindo a sua resposta ao presente quesito, entende que aos professores, e só a elles, incumbe o fazerem-se bem-quistos de seus discipulos, a fim de, por seus bons exemplos e conselhos, tornarem agradaveis os primeiros estudos, e não aborrecidos os subsequentes.

*Continúa.*

## NOTAS

AO

### ENSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA,

OBRA POSTHUMA

DE

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

Ha doze annos, que estudando a mechanica na Universidade de Coimbra, debaixo da direcção d'um dos seus mais distinctos lentes, o Dr. José Joaquim de Faria<sup>1</sup>, conceli sobre os principios d'aquella sciencia, expostos no tractado, aliás excellentissimo, de Marie, varias duvidas, que com singeleza propuz ao meu douto e benigno mestre. Tive o gosto de ver que elle as não achava tão desacertadas, como eu o receava do meu pouco conhecimento da materia: e animado com esta sua tacita approvação, não desisti de reflectir sobre os pontos que me pareciam controversos, até achar uma solução, que sendo conforme ás minhas idéas de methodologia, satisfizesse ás difficuldades que me occorriam, sem abrir a porta a outras de novo.

Revêzes da fortuna, occasionados pela perseguição d'uma inveja sem provocação nem fundamento, me impediram de dar ás minhas reflexões sobre esta materia a assiduidade que o animo me pedia.

O socego de cuidados, que me procurava a viagem, que em septembro de 1802 fiz da Haya para Berlin, offereceu-me a primeira occasião de pôr em ordem as idéas soltas, que pelo decurso do tempo me tinham occorrido sobre os differentes objectos que me pareciam ainda controversos em mechanica elemental.

No tempo em que eu me occupava com este mesmo assumpto na Universidade de Coimbra, não tinham contribuido pouco ao

<sup>1</sup> Encarregado pela faculdade de dar uma nova edição dos elementos de algebra de Bezout traduzidos em portuguez, o Dr. José Joaquim de Faria enriqueceu de tal modo esta obra com as mudanças e edições que n'ella fez, que de um dos piores livros de mathematica fez os melhores elementos de calculo que existem, não fallando dos do novo auctor.

desenvolvimento das minhas idéas as discussões que sobre ellas tive repetidamente com o meu estimavel e penetrante amigo, o Dr. Manuel Pedro de Mello<sup>1</sup>.

Por tanto o primeiro passo que dei, depois de chegado a Berlin, foi o de communicar-lhe o esboço que acabava de traçar, pedindo-lhe me dêsse sobre elle a sua opinião, com a mesma franqueza e liberdade, com que tantas vezes me aconselhara e corrigira no decurso dos meus estudos mathematicos.

Quanto as suas idéas eram mais aliênas das minhas 'nestes pontos, tanto as observações que elle me communicou, eram proprias a mostrar-me os lugares em que aquelle meu ensaio peceava por obscuridade: e assim a critica d'aquelle meu amigo devo a emenda de varios defeitos d'este genero, em que por mim mesmo não poderia ter advertido.

O parecer do Dr. Manuel Pedro de Mello era de tanto maior pezo a meus olhos, que eu sabia ser fundado em grande parte nas idéas de seu grande mestre José Anastacio da Cunha, em cujos principios de mathematica eu tinha bebido as primeiras noções d'esta sciencia: e conhecido é que tudo quanto se encontra d'elementar e philosophico em todos os outros livros de mathematica, tanto nacionaes como estrangeiros, fica a perder de vista, comparado ao que encerram os preciosos principios que acabo de citar.

Eu sabia da existencia d'um esboço de principios de mechanica, que José Anastacio da Cunha havia deixado. O Dr. Manuel Pedro de Mello, a cujos rogos elle o fizera, m'o tinha louvado por vezes; mas nem elle tinha copia, nem nos foi jámais possivel descobrir onde se achava o manuscrito, depois da morte do auctor.

Em fim na Haya, onde eu começára a desenvolver seis annos antes os meus principios sobre esta sciencia, tive em novembro do corrente anno de 1808, a ventura de encontrar este tão desejado opusculo<sup>2</sup>, na escolhida livraria do Ex.<sup>mo</sup> Sr. João Paulo Bezerra de Seixas, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor na Côrte d'Hollanda,

<sup>1</sup> O Dr. Manuel Pedro de Mello, leute de hydraulica na universidade de Coimbra, obteve da academia real das sciencias de G. enbaque em 1806, o premio do programma sobre o parallelogramo das forças. Seria de grande gloria para o nome portuguez e utilidade para as sciencias, se elle, fazendo violencia á sua modestia, publicasse as suas numerosas vistas, verdadeiramente novas e originaes, sobre os diferentes ramos das mathematicas. Não ser este o juizo d'um amigo parcial prova uma simples memoria que d'elle se acha nos *Annales des arts et manufactures* d'Oreilly, sobre o nivelamento.

<sup>2</sup> O actual enviado de S. A. R. na Côrte de Londres, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, editor d'elle, não só tor um dos mais dis metos discipulos, e um dos mais zelosos entre os amigos e protectores de José Anastacio, mas á sua sociabilidade confessava o nosso auctor que devia o ter reconhecido a tempo um paraloisismo que inadvertidamente commettêra na demonstração da proposição 6.<sup>a</sup> do livro 3.<sup>o</sup> dos seus principios mathematicos. e que com effeito vem emendado entre as erratas.

aquelle mesmo nobre e generoso amigo, em cuja casa o nosso Auctor, perseguido da malevola inveja, encontrou consolação e asilo, e em cujos braços entregou á natureza o espirito subline que d'ella recebêra, e com que tanto enobrecêra a sciencia e a patria.

Seria preciso que eu podesse fazer conceber aos outros a alta idéa que eu tenho do ingenho transcendente de José Anastacio, para expressar o prazer que experimentei ao ler 'neste opusculo de ouro varios principios de methodologia, que fazendo, de vinte annos a esta parte, a base da minha philosophia 'nesta sciencia, eram inteiramente diversos e até oppositos a tudo quanto eu lêra e ouvira até agora. Mas a pezar d'a sua singularidade, pareciam-me tão certos e evidentes, que com plena confiança e sem receio de passar pela censura de extravagante, os expendi com a concisão que as circumstancias pediam, 'numa memoria que em 1806 escrevi em resposta ao programma que a academia de Wilna propoz sobre os progressos das sciencias moraes, comparados aos das sciencias physicas e mathematicas.

Porém não pude ver sem grande pena que um tão profundo philosopho confundisse a sciencia dos Aristoteles, dos Leibnitz, dos Lockes, dos Condillacs, com os sonhos e extravagancias dos Mirandolas, Soares, Wollfos e outros simillantes profanadores da sã psychologia.

Uma metaphysica sensata applicada aos principios mathematicos, é que conduziu José Anastacio a desterrar do meio d'elles as trevas em que os tinha envolto a falsa metaphysica.

Mas a natureza dos estudos, a que elle se tinha consagrado, parece não lhe ter permitido occupar-se com uma sciencia contra a qual existe um tão forte prejuizo fundado no abuso quasi geral, que d'ella fizeram os que se intrometteram a cultural-a sem principios nem discernimento.

Ha palavras communes a todas as sciencias. Em todas ellas ha uma certa e determinada vereda, que unica e exclusivamente conduz á verdade. Definir aquellas palavras communes a todas as sciencias; descrever esta vereda, que em todas ellas é a unica que conduz ao descobrimento da verdade, eis-aqui o que constitue a metaphysica.

Se as definições são falsas, se a vereda conduz ao erro, não é culpa da sciencia, mas sim e tão sómente do philosopho que se intrometteu a tractar materias superiores á sua habilidade e talentos.

Bem longe de se poder fazer cargo á sciencia dos erros 'nella committidos por alguns, e ainda mesmo pela maior parte dos que 'nella escreveram, deve-se antes concluir, que onde uns erram e outros acertam, ha certos principios, ha certa e determinada sciencia, tanto mais importante e digna de estudar-se, quanto houverem sido mais graves e absurdos os erros committidos.

Isto quando basta para justificar aos olhos de todo o homem imparcial uma sciencia tão injustamente desacreditada.

N'esta injustiça incorreu particularmente o nosso auctor, pois devera ter reconhecido, que ás idéas sãs que elle tinha em metaphysica, e que faltaram aos seus predecessores, é que era devedor do prodigiosa superioridade que levava a todos elles.

*Continúa.*

## NOTÍCIAS LITTERARIAS.

**Universidade d'Athenas.** Esta universidade conta 658 estudantes, dos quaes 388 são indigenas, e 270 estrangeiros. Sobre aquelle numero total, 25 cursam theologia; 253 jurisprudencia; 275 medicina; 73 philosophia, e 30 pharmacia.

Em 1855 receberam o grão de doutor em direito 4, em medicina 19, e em philosophia 2.

## BIBLIOGRAPHIA.

**T. Livii Patavini, res memorabiles et narrationes selectæ, quas primum collegerunt D. D. Lallemant. Nouv. edit., augmentée de quelques extraits nouveaux, et publiée avec des arguments et des notes en français par E. Sommer, Paris, 1855, 1 in 12 de 283 pag.**

Preço — 1 fr. 25 c.

Os extractos d'esta excellente selecta recommendam-se pela exactidão do texto de T. Livio, que reproduzem escrupulosamente, quanto podemos ajuizar das confrontações que havemos feito; — pela arte com que, 'naquellas 283 pag. se compendiarão os mais notaveis successos da historia romana, traçados por T. Livio, e por ventura a melhor parte de suas magnificas narrações; — pelas boas e mui breves e claras anotações que removem grande numero de difficuldades; — pela belleza da execução typographica; — e, como as outras edições, a que allude o Instituto a pag 274, pela maravilhosa barateza d'um franco e 25 c.!

Parece-nos fóra de toda a duvida que seria de grande conveniencia que este livro substituisse, desde o proximo anno, na aula de latinidade do lyceu de Coimbra, a chamada *Selecta* 3.<sup>a</sup>

Entre esta e as — *Res memorabiles* — não ha por ventura termo possivel de comparação, nem na substancia, nem na fôrma, menos ainda no preço.

A *Selecta* não comprehende mais que o 1.<sup>o</sup> tomo de T. Livio, seguidamente transcripto; e como os professores reconhecem que é mister estender mais longe a traducção, até mesmo porque os pontos do exame versam sobre materias, que

se encontram nos outros tomos, ahi ficam os alumnos obrigados a um acrescimo de dispendio, e não pequeno, que o — *Res memorabiles* — lhes pouparia. A *selecta* custa 560, e os cinco volumes restantes de T. Livio — 1\$440.

Para 1 fr. 25 c. (240 ou 300 rs.) a differença é d'um para seis.

E não será d'algum valor a noticia historica, que os alumnos poderão adquirir, não d'um ou outro feito destacado, e que lêem nos capitulos escolhidos pelo professor, mas dos principaes e successivos, desde a fundação até á morte de Cicero? Crêmos que sim.

A adopção das — *Res memorabiles* — teria esta vantagem, e não estorvaria que se tomassem egualmente para texto alguns dos outros classicos, para d'elles se aproveitarem as melhores passagens.

E ninguém julgue, que, restricto ás narrações, 'nelle se omittem as *conciones* ou orações, que tamanhas difficuldades, e asperos exercicios offerecem aos estudantes de latinidade. Encontram-se essas a cada passo.

*Narrationes excerptæ ex latinis scriptoribus (Narrations choisies de T. Live, Tacite, Salluste, Quinte-Curce, Val. Maxime, Plini second., Aul. Gelle, Cicero, A. Senque, Jul. Cesar, accompagnées d'analyses, par L. A. Vendel-Heyl, 10.<sup>e</sup> edit., Paris, 1855, 1 in 12, de 370 pag.*

*Choix de narrations tirées de Q. Curce, T. Live, Salluste, et Tacite, avec arguments, sommaires et notes, par Dubner, Paris 1855, 1 in 18.*

Se quizessemos fazer apparatus de sciencia bibliographica, poderiamos acrescentar um consideravel numero d'outras selectas de — *Narrationes*, — *Conciones*, — de prozadores, — de poetas, etc.; que tem sido publicadas 'nestes ultimos annos, em Paris, pelas cazas *Hachette, Delalain, Lecofre, Leclerc* etc., egualmente notaveis pelas mesmas qualidades que distinguem aquellas, de que damos noticia, e que temos á vista.

Facil é pois de emprehender uma razoavel reforma de textos latinos em nossos lyceus, aperfeiçoando e ampliando o estudo d'uma lingua, que essas mesmas tão multiplicadas e apuradas edições, barattissimas, de Paris, manifestam ser cada vez mais cultivada com esmero na Athenas do seculo 19.

Em cousa nenhuma a experiencia nos tem mostrado ser *absolutamente* verdadeiro o dictado que o habito não faz o frade.

A fôrma, o exterior, o envoltorio, tem grande e singular influencia sobre o homem.

Deem-nos hoje um exemplar do divino Camões impresso em papel pardo, e com caracteres safados, que ninguem o lerá. As artes, e os classicos que se lêem por ahi, são com effeito os antigos companheiros da ferula, seus irmãos no rosto e na apparencia. É mister que desapareçam, e com elles o enjão da lingua de Cicero e de Virgilio, que os antigos methodos, as pezadas e rançosas grammaticas, e as tediosas selectas, mantêm e propagam.

Ha sobêja razão para censurar os *soi-disant* litteratos, que mofam dos estudos classicos por ignorancia e leveza; mas é mister 'neste ponto, como em tudo o mais, largar a *capa* e a *batina*, por ventura mal escovada e enlameada, dos tempos que passaram, e tomar os trajes e louçanias do presente. É essa uma das necessarias condições para que possamos ser ouvidos.

Fallámos acima de Cicero. Que pena! e deixem-

nos que digámos, que vergonha não é a exclusão do grande orador em nossos estudos de latimidade!

Todavia as suas obras são em França de rigorosa lição, desde as primeiras classes; e os caderninhos, d'agradável forma, que temos diante dos olhos, contendo uns — *Epistulae selectae*, outros — *De officiis*, outros — *Tusculanarum* etc. (Hachette), manifestam pela simplicidade, brevidade, e clareza de suas notas, haverem sido destinados para os principiantes. Daremos um exemplo.

### LIBER PRIMUS

#### 1. CICERO BASILIO S. D.<sup>1</sup>.

*Ciceron felicitate Basilius, et l'assure de son devouement.*

Tibi gratulor; mihi gaudeo<sup>2</sup>. Te amo, tua tuor<sup>3</sup>; a te amari<sup>4</sup>, et quid agas, quidque agatur, certior fieri volo. (Liber VI, Epistola XV.)

<sup>1</sup> S. D. Abreviação de *salutem dat*, donne le salut, le bonjour.

<sup>2</sup> *Mihi gaudeo*, je me rejouis pour moi, je suis heureux (de ton succès).

<sup>3</sup> *Tua tuor*, je cultive ce qui te regarde, c'est-à-dire, j'é te suis tout devoué.

<sup>4</sup> Construez: *Volo amari a te, et fieri certior quid agas, quidque agatur*.

Possam estas humides observações, e succintas noticias, se não accelerar as reformas que desejámos, excitar ao menos a sérias reflexões acerca do objecto, da parte d'aquelles, que, melhor do que nós, plômbraão os meios mais convenientes para as dizer e realizar.

A. F.

### RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares d'instrução publica, desde o dia 15 até ao fim de fevereiro, em virtude de despachos do Conselho superior d'instrução publica, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

#### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

José Dias do Amaral, para professor temporario da cadeira de Atalain, districto da Guarda.

José Joaquim Diniz da Gama, para dicto de Lagares, districto de Coimbra.

José Pires de Carvalho, para dicto de Palla, districto da Guarda.

Manuel Neves de Castro, para dicto de Passos de Brandão, districto d'Aveiro.

Salvador Gonsalves Ozorio, para dicto de Escalhão, districto da Guarda.

Antonio Maria Pereira, para dicto de Murtoza, districto d'Aveiro.

Philippe Augusto de Mendonça, para dicto de Abrigador, districto d'Aveiro.

Joaquim Camillo Rodrigues d'Oliveira, para dicto de São Bartholomeu da Esperança, districto de Braga.

José Dias Pessoa, para dicto de Tucha, districto de Coimbra.

José Rodrigues Corrêa Meira, para dicto de Anha, districto de Viana.

Luiz Antonio Antunes, para dicto de Valdeu, districto de Braga.

José Rebello dos Sanctos, para professor substituto da de Chans de Tavares, districto de Vizeu.

Antonio Cardoso do Amaral, para professor vitalicio da de Couto de Covêlo, districto de Vizeu, decreto de 20 de fevereiro ultimo.

Carlos José Cardoso Pimentel, para dicto de Poço do Canto, por transferencia da de Meda.

Luiz Antonio Henriques, para dicto de Meda, por transferencia da de Poço do Canto, ambas no districto da Guarda, decreto de 20 de fevereiro ultimo.

Candido Lourenço Maximino, para dicto de Freguezia dos Trinta, districto da Guarda, decreto de 5 do corrente.

Francisco da Fonseca Mourinha, para dicto de Proença a Nova, por transferencia da de Castello Novo, districto de Castello Branco, decreto de 18 de fevereiro ultimo.

Bernardo Pinto de Sousa Alvim, para dicto de Lumiares, districto de Vizeu, decreto de 17 de fevereiro ultimo.

José Antonio d'Oliveira Ferreira, para dicto de Villarinho de Gallegos, por transferencia da de Izeda, districto de Bragança, decreto de 23 de fevereiro ultimo.

Antonio Corrêa de Abreu, para dicto de Aveiro, decreto de 5 do corrente.

#### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Christiano Frederico d'Aragão Moraes, para professor temporario da cadeira de principios de physica e chimica, e introdução á historia natural dos trez reinos do lyceu nacional de Ponta Delgada, portaria de 29 de fevereiro ultimo.

Carlos Maria Gomes Machado, para professor substituto da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> cadeira do lyceu nacional de Coimbra, decreto de 27 de fevereiro ultimo.

#### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

José Pereira Mendes para lente da 7.<sup>a</sup> cadeira da eschola medico cirurgica de Lisboa, decreto de 18 de fevereiro ultimo.

*Dicta de 15 até ao fim de março.*

#### INSTRUÇÃO PRIMARIA

Antonio Casimiro Almeida e Figueiredo, para professor temporario da cadeira de Fronteira, districto de Portalegre.

Eugenio Augusto da Costa Sales, para dicto da Mealhada, districto d'Aveiro.

Francisco Ignacio de Moraes, para dicto da Alfandega da Fé, districto de Bragança.

Isidoro Rodrigues Pereira d'Andrade, para dicto de Senhorim, districto de Vizeu.

Leopoldo de Sam-Paio Mello e Castro, para dicto da Varge, districto de Bragança.

Francisco Simões Ratolla, para professor vitalicio da de S. Pedro das Aradas, por transferencia da d'Ilhavo (2.<sup>a</sup>), ambas no districto d'Aveiro, decreto de 12 de Março corrente.

#### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Joaquim Pedro Nunes Pereira, para professor vitalicio das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cadeiras do lyceu nacional de Castello-Branco, decreto de 12 de Março corrente.

Joaquim José da Costa de Macedo, para guarda mór do real archivo da Torre do Tombo, decreto de 26 de março corrente.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal, em 22 de outubro de 1856.**

Continuado de pag. 16.

#### SECÇÃO TERCEIRA.

Nas secções antecedentes tractei do que havia de peculiar a cada uma das escolas primarias d'este districto. Nesta incluirei o que houver de mais geral a todas, com referência ás seguintes rubricas.

- 1.º — Frequencia :
- 2.º — Divisão da escola em classes, e distribuição das materias do ensino pelo tempo lectivo :
- 3.º — Methodos.

#### ARTIGO PRIMEIRO.

##### *Frequencia.*

A frequencia das escolas d'este districto, posto que não seja inferior á das escolas do continente do reino, — guardada a diferença numerica entre as povoações respectivas, — está comtudo bem longe de ser plenamente satisfactoria.

Ha presentemente em todo o districto 17,902 creanças em idade de frequentarem estudos primarios. Mas o numero dos alumnos matriculados nas escolas existentes não passa de 2551, quer dizer, é sete vezes menor do que poderia ser.

Acabo de visitar vinte e quatro escolas. O numero dos alumnos matriculados nellas era de 1,742 ; mas d'estes, só achei presentes, nos dias em que as visitei, 648, ainda menos de metade do numero dos matriculados.

A differença entre o numero da matricula e o da povoação educanda é consideravel, para não dizer escandalosa ; mas tambem não é insignificante a que se dá entre o numero da matricula e o da frequencia effectiva.

Para melhorar este estado de cousas, precisa-se, em meu entender, de duas especies

de medidas ; — d'ellas que promovam a matricula do maior numero de educandos, — e d'ellas, que fortalecendo a acção das primeiras, assegurem a frequencia dos matriculados.

Quanto ás providencias da primeira especie, parecem-me sufficientes as que estão na lei, — uma vez que haja pontualidade e firmeza na execução.

Mas, depois de matriculado um educando, se o pae faz mais cabedal do trabalho, que da educação d'elle, pôde não mandal-o á escola semanas e mezes inteiros. O nome do educando continúa a figurar no registro de matricula da escola — o que põe o pae a coberto da applicação dos meios coercivos. Mas, effectivamente o alumno não apprende, porque não frequenta a escola ; e assim fica illudido o fim da lei.

Para prevenir e pôr côbro a este abuso foram concebidas as providencias consignadas na capitulo 5.º da 3.ª secção do relatorio do semestre passado ; as quaes tive a honra de submitter á approvação do conselho superior de instrucção pública. Mas, como eu entendesse que em quanto o governo de S. M. as não sancionava (estas ou quaesquer outras que houvesse de adoptar o conselho) era de absoluta necessidade lançar mão de um meio qualquer, que animasse a frequencia das escolas, eis aqui o que fiz.

Sempre que chegava a uma freguezia para fazer a visita de inspecção ás escolas d'ella, procurava a honra de ser acompanhado 'nesta visita pelo reverendo parochio respectivo : e se a frequencia da escola me não agradava, depois de estygmatisar os inconvenientes d'ella, concluia pedindo ao reverendo parochio que houvesse de tomar a escola sôb sua protecção, — já visitando-a as mais vezes que podesse, — já coadjuvando com suas luzes o professor no ensino da moral e religião de Jesus Christo, — já exhortando os paes de familias seus parochianos a mandarem os filhos á escola.

E como o reverendo parochio respondesse que da melhor vontade acquiescia ao meu peticitorio, levantava eu a sessão, pedindo á assemblea que houvesse de acompanhar-me á egreja para darmos graças a Deos pelo bom resultado dos trabalhos do anno lectivo findo, e pelas vantagens que a escola adviriam da

protecção que promettia dar-lho o reverendo parcho. Assim se fazia.

Apenas regressára eu ao Funchal, tractei de dar a esta providencia consistencia e generalidade. Para isto requesitei a coadjuvação do Ex.<sup>mo</sup> prelado diocesano; o qual, da melhor vontade, fez immediatamente expedir uma circular a todos os parochos do bispado, exhortando-os a protegerem as escolas das respectivas freguezias no sentido do meu petitorio.

Mas, se os meios de suaso empregados pelos parochos não surtirem o desejado effeito, que deverá fazer-se em tal caso? Força é recorrer aos meios coercivos. Officiei ao Ex.<sup>mo</sup> Governador Civil, pedindo-lhe que houvesse de chamar a attenção dos srs. administradores de concelho sobre a necessidade de darem immediata execução ás disposições do artigo 33, §. unico, do decreto de 20 de setembro de 1844. Consta-me que esta requisição foi immediatamente satisfeita.

#### ARTIGO SEGUNDO.

##### *Divisão da escola em classes, e distribuição das materias d'ensino pelo tempo lectivo.*

Não visitei escola alguma publica, a cujo professor não entregasse trez livros em branco, methodicamente apparelhados para registros da respectiva escola, em conformidade do que dispoem os artigos 13 e 14 do decreto de 20 de dezembro de 1830, e o artigo 37, §. 2.º, do decreto de 15 de novembro de 1836. O modo, por que devem ser escripturados estes registros, consta do provimento de 9 de julho ultimo, publicado no n.º 63 do «*Semanario official*,» do qual tenho a honra de enviar a V. Excellencia um exemplar. Todos estes livros, que são 43, custaram a quantia de rs. 19.200, que paguei pelo producto da subscrição em favor das escolas, como se verá da respectiva conta.

Logo que eu chegava a uma escola para fazer a visita d'inspecção, pedia ao professor que funcionasse com ella, exactamente como costumava fazel-o quando eu lá não estava; e assim tive occasião de apreciar o methodo por elle seguido, e o theor de disciplina que presidia ao arranjo economico da sua escola. Eis-aqui em summa o que achei a tal respeito.

Ha escolas, cuja frequencia, por assaz diminuta, não permittia aos professores a adopção de outro methodo que não fosse o individual. Quanto a estas, não têm applicação as disposições do artigo 30 do decreto de 20 de dezembro de 1830.

Outras ha, de mais crescida frequencia, é verdade, onde se encontravam já vestigios de uma tal ou qual classificação; mas esta tão irregularmente feita, que faltava a todas as condições de perfeição da divisão de uma

escola em classes, consignadas no supracitado artigo; pôr quanto:

Numas não se ensinavam todas as materias que cumpria ensinar; o curso limitava-se ás disciplinas de ler, escrever, contar e doutrina christã.

Noutras ensinavam-se algumas materias mais, como *grammatica*, *moral*, *historia patria* e *chorographia*; mas o ensino de taes materias era tão perfunctorio e circunscripto a tão pequeno numero de alumnos, que muitos deixavam a escola, sem d'ellas levarem conhecimento algum. Só as estudavam os alumnos que, destinando-se a estudos secundarios, tinham de fazer exame.

Em todas, finalmente (salva a escola de meninas do Funchal), a distribuição das materias pelo tempo lectivo era tão malleita, que em quanto o professor funcionava com a classe superior, os alumnos das inferiores estavam ociosos; em quanto funcionavam as classes inferiores, nada faziam o professor e os alumnos que não fossem decuriões.

Fiz comprehender a cada um dos professores, como ia de encontro ás prescripções do artigo 30 do regulamento o arranjo economico da sua escola; e disse-lhe que, usando da faculdade conferida aos commissarios pelo artigo 31 do mesmo regulamento, eu proveria a este respeito como tivesse por mais vantajoso. Logo que cheguei á cidade, fiz imprimir e mandei a cada professor um exemplar do provimento de 20 de setembro ultimo, que ora submetto á approvação do conselho superior. Esta é uma medida essencialmente provisoria. Logo que se haja decretado um *directorio* para as escolas de ensino simultaneo, como o que regula as d'ensino mutuo, farei por dar ás escolas d'este districto melhor organisação.

#### ARTIGO TERCEIRO.

##### *Methodos.*

Um dos maiores obstaculos ao desenvolvimento da instrução primaria nas escolas d'este districto, está na ruindade dos methodos geralmente adoptados para o ensino dos diversos ramos d'ella.

Os methodos que presidem ao ensino da leitura e da escripta são viciosos. Longe de se auxiliarem mutuamente, segregam por tal modo uma da outra disciplina, e por tal modo actuam isolados, que augmentam consideravelmente o trabalho do alumno, e na mesma proporção o tempo do tirocinio.

Já hoje, nos paizes em que se olha com attenção para o desenvolvimento do ensino popular, é geralmente reconhecido—que a escripta deve preceder a leitura, como auxiliar mnemonica d'ella;—que a sollettração é um methodo vicioso por obrigar o alumno a fazer uma coisa que não comprehende;—e que



pelo livro *manuscripto* é que se lhe deve ensinar a interpretar os mysterios do livro *impresso*.

Neste sentido officiei aos professores publicos. Dirigi-lhes as circulares publicadas nos numeros 57, 58 e 60 do « *Semanario official*, » que tenho a honra de remeter a V. Excellencia; mas não me consta que algum d'elles tenha ensaiado na sua escola o methodo do *ensino parallelo*. Em alguém tractando de sahir da rotina, logo se lhe atravessam os habitos inveterados; porque ao passo que estes obram por si mesmos, a innovação requer estudo, o estudo trabalho, o trabalho zêlo, e não sei se esta é a qualidade que mais abunda na alma de funcionarios mal retribuidos e—até direi—mal habilitados.

Não quero impôr a ninguém as minhas idéas. Mas, se o methodo do *ensino parallelo* merecer a approvação do conselho superior d'instrução publica, hei-de empenhar-me por que elle demonstre pelos resultados que, assim como é o mais verdadeiro, é igualmente o mais util.

Quanto aos outros ramos do primeiro grau da instrução primaria, o methodo que preside ao ensino d'elles não é, em geral, mais feliz: é um methodo — para assim dizer — todo mechanico, triplicadamente vicioso porque assenta nos seguintes preconceitos.

1.º — Presuppõe que a unica faculdade do espirito de uma criança é a *memoria*.

2.º — Entende que ha só uma especie de memoria, que é a *memoria de palavras*.

3.º — Conclue que para communicar a uma criança idéas que ella não tem, tudo o que cumpre fazer é fixar-lhe bem na memoria as palavras que designam taes idéas.

Este methodo, — força, é reconhecê-lo, — é commoda cousa para quem ensina; até escusa sciencia no professor, porque para marcar-se no livro que serve de texto às lições um trecho qualquer, e ordenar ao alumno que o traga de cór no dia seguinte, não faz mingua nenhuma sciencia.

Mas para quem aprende! . . . tal methodo é sobremaneira estéril e enfadonho: — enfadonho, porque exige que se depositem na memoria tanto os sons articulados que formem as palavras do texto, como a ordem successiva d'elles; — estéril, porque só dá umas apparencias de saber, que promptamente se desvanecem com a lembrança dos sons que se decoraram. Já Condillac tinha dicto — « *Quem só de cór sabe seja o que fór, nada sabe inteiramente.* » — E a prova da verdade d'esta asserção é que — alumnos, que por este methodo deram de cór o compendio inteiro, em chegando ao fim, já se não lembram dos trechos do principio.

Eis-aqui as reflexões que tenho feito, e não cessarei de fazer aos professores, até conseguir d'elles que abandonem um methodo

tão vicioso, e em lugar d'este adoptem outro, pelo qual cultivem mais a intelligencia que a memoria dos alumnos, mais a memoria *das idéas* que a *das palavras*. As primeiras linhas d'este methodo que lhes aconselho, vão consignadas nos artigos 14 e 15 do provimento de 20 de setembro ultimo, que provisoriamente regulará a disciplina das escolas publicas d'este districto.

#### Conclusão.

Terminarei o presente relatorio, pedindo a V. Ex.<sup>a</sup> duas graças: — a primeira é que haja de fazer com que a primeira secção do conselho superior, a que preside, dê andamento e leve a prospero resultado as propostas, que tive a honra de submitter-lhe, acerca da criação de outras escolas 'neste districto, e da melhoria dos ordenados dos professores; — a segunda é que haja de relevar-me a proximidade d'este trabalho, na certeza de que nunca mais terei precisão de ser tão enfadonho, porque d'ora avante só terei de mencionar as novidades occurrentes, que alterarem a situação litteraria ou disciplinar das escolas, cuja historia vai consignada 'neste relatorio.

Deos guarde a V. Exc.<sup>a</sup> — Funchal, 22 d'outubro de 1855.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. V. Reitor da Universidade e V. presidente do Conselho Superior d'Instrução Publica etc. etc.

O Commissario dos Estudos.

Marcelliano Ribeiro de Mendonça.

## ARREDORES DE COIMBRA<sup>1</sup>.

### II.

#### Ponte d'Agua de Maías.

Estão os verdes campos povoados  
De troncos de homens mortos e feridos.  
Sobre seu proprio sangue reclinados  
Pelas roxas aréas estendidos.  
Lissa. Cant. VIII, Est. CXVI.

Não longe do templo de Sancta Justa, ao correr da margem direita do Mondego, onde<sup>\*</sup> começa o fresquissimo *Valle de Cozelhas*, fica a *Ponte d'Agua de Maías*.

E sitio aprazível, e memoravel por uma sanguinolenta batalha, que alli se pelejara em 1063.

Falleceu el-rei D. Fernando, o Magno, e pelos trez filhos, D. Sancho, D. Affonso, e D. Garcia, dividira os seus estados. Dera ao primeiro o reino de Castella e Navarra; ao segundo o de Leão; e ao terceiro a Galliza com a Lusitania até ao Mondego.

<sup>1</sup> Veja-se o n.º 13 do *Instituto*, vol. IV

Descontente da partilha contesta D. Garcia aos irmãos os direitos da herança; pactuam os dois invadir-lhe a sua, e repartil-a depois entre si.

Põe-se em campo o celebre heroe, D. Rodrigo Forjaz com seus irmãos, o conde D. Pedro Forjaz, e o conde D. Bermudes Forjaz, a favor do principe D. Garcia; sae-lhes ao encontro, pelos principes D. Sancho, e D. Affonso, o famoso Cid Campeador, D. Rodrigo Dias de Bivar, e os condes, D. Rodrigo de Lara, e D. Garcia de Capra. Em *Agua de Maías* travam rijo combate as duas hostes; de ambas as partes se obram gentilezas, maravilhas de valor; a victoria, porém, corôa o esforço e galhardia dos portuguezes<sup>1</sup>.

Crê-se, geralmente, que, em memoria d'esta batalha, se erigira a proxima *Ermida da Senhora do Loreto*<sup>2</sup>; Carvalho, porem, attribue a fundação ao bispo de Coimbra, D. Affonso de Castello-Branco; parece-nos monumento muito antigo (e por ser 'nessa conta havido, o visitou o marquez de Pombal, achando-se em Coimbra a reformar a Universidade, na tarde de 13 de outubro de 1772), e por isso mais para seguir a velha tradição, do que o simples asserto do insigne chorographo<sup>3</sup>.

R. DE GUSMÃO.

## UMA VOZ DO CÉU.

(Tradução de uma canção de M.<sup>lle</sup> P. Flaugergues).

Eu sentia como sombras  
Os meus dias deslizar-se,  
E os olhos de um vên sombrio,  
Quasi sem luz, a taldar-se.

Triste e pallida de medo,  
Eu me curvava abatida,  
Com os pulsos roxeados  
D'impios grilhões opprimida:  
Era o mal, o monstro horrendo,  
Que em meu coração entrára,  
Em meu coração, que debil  
De si mesmo se assustára.

Por seu halito de morte  
Foi minha vida arrojada,  
Como um tronco velho e secco.  
Como a espiga já ceifada.

<sup>1</sup> *Epitome Lusitanæ Historiæ studio et opera Hieronymi Suaresii Barbosa* — cap. VIII. pag. 210.

Gasco — *Antiquidades de Coimbra* — cap. X, pag.

47.

<sup>2</sup> « Neste sitio (*Agua de Maías*) ha uma ermida de Nossa Senhora do Loreto, onde concorre em romaria a gente de Coimbra a 8 de setembro á festa, que alli se faz este dia. » *Belezas de Coimbra* — cap. I, pag. 17.

<sup>3</sup> « A ermida de Nossa Senhora do Loreto é fundação do mesmo bispo (D. Affonso de Castello-Branco). »

*Chorographia Portugueza* — tom. 2.º, cap. 11, pag. 11.

Como a folha ressequida  
Nas azas do furacão,  
Eu caminhava perdida,  
Vacillante e sem razão:  
Na vertigem involvida  
Procurava a estrada em vão!  
A minh'alma impaciente  
Toda accesa 'num vulcão,  
Fluctuava como as aguas,  
Quando fervem em cachão,  
E eu disse para a existencia:  
— Não és mais do que um martyrio!  
Disse tambem á sciencia:  
— Es vaidade, és um delirio!  
Virtude, gloria, amizade,  
Os milagres da harmonia,  
Tudo na sua loucura,  
A minh'alma desdizia!

Minha cabeça esvadia  
Sobre a mão emagrecida  
Tristemente s'inclinou . . .  
Meu orgulho se quebrou.

Da duvida sob o péso  
A minh'alma foi turbada,  
Como um céu tempestuoso;  
Da minha face molhada  
Em ondas o pranto ardente  
Borbulhava impetuoso.

Pomba triste e solitaria  
De terror estremeceu . . .  
Fui á campá, fui dizer-lhe:  
— Agora só espero em ti . . .

Mas o impio pensamento  
Sôbre os labios espirou;  
Foi porque uma voz celeste  
Em meu peito ressoou:  
— O tu, que gemes, espera,  
Chora aos pés do Salvador,  
Uma lagrima sincera  
Abrandará seu rigor.

Como os orvalhos do céu  
As chagas do peito teu  
Verás a graça descer,  
E por fim a paz volver.

Do bom Deus que te convidá  
Cada palavra dá vida:  
Vem, seu jugo é amoroso;  
Vem, qual onda salutar,  
Essa voz, que regenera,  
Vai já do empirico baixar.

Cheia de susto e pavor  
Vim ter contigo, ó Senhor,  
Penitente a ti clamei,  
Contra mim mesmo fallei.

Mas no instante em que prostrada  
Eu tremia ao nome teu,  
Sobre a cabeça curvada  
O perdão logo desceu.  
Ó inefavel clemencia,  
Meu coração libertaste,  
Renascu para a virtude  
Quando á espra'ça o tornaste.

E eu bebi tuas palavras  
Inundada em pranto ardente,  
Como a arêa sequiosa  
Bebe as aguas da corrente.  
Ó Deus, ó summa bondade,  
Como é feliz quem te adora,  
Quem te adora com transporte!

Tu foste quem me chamaste,  
Foste tu quem me arrancaste,  
As impias garras da morte!

Tu foste quem m'escolheste,  
Que ao pé da campia vieste  
D'esta vida a fenecer  
O debil facho accender.

Como em deserta campina  
Uma fonte crystallina  
Apaga da sede o ardor:  
Como ao viandante cansado  
Um céu azul e estrellado  
O refresca do calor:  
Da minha vida agitada  
Largando o futil lavor,  
Vim abrigar-me opprimida  
Na habitação do Senhor.

Que paz tão meiga e suave!  
Como tudo está calado!  
Fogem os dias quaes horas  
'Neste recinto sagrado!  
Meu peito dilacerado  
Toma alento, quando eu óro,  
Mas no meio da ventura  
Ainda suspiro, ainda choro!

Sim na mystica morada,  
Em tristeza mergulhada,  
Nem uma prece, ó meu Deus,  
Ergo ás vezes para os céus.

Porque a minh'alma incendida,  
De desejos consumida,  
Quer mais alto remontar-se;  
Senhor, para ser-te unida  
Porque não pôde esta vida  
Em harmonia exhalar-se?

Ou de amor toda abrazada,  
Como um perfume cheiroso,  
Ir em nuvens enrolada  
Ao teu seio carinhoso?

Ó Deus, ó summa bondade,  
Como é feliz quem te adora,  
Quem te adora com transporte...  
Tu foste quem me chamaste,  
Foste tu quem me arrancaste  
As impias garras da morte.

(F.)

## A NEERLANDIA E A VIDA HOLLANDEZA.

Continuado de pag. 7.

A corrente dos rios tem pontos de similitude com a da vida humana: tem como esta a sua infancia, a sua mocidade, e a sua decrepitude. A velhice do Rheno não lhe falta nem a melancolia, nem a grandeza. Ao norte de Cleves, e um pouco abaixo da aldêa de Pannderden, este rio divide-se em duas ribeiras, uma das quaes toma o nome de *Wahal*, em quanto que a outra conserva o nome de *Velho-Rheno*. Logo mais abaixo, enfraquecido por novas divisões, perdendo a cada passo o nome e as aguas, o rio orgulhoso da grande

Allemanha corre miseravelmente para a sua extincção. Será este acaso o Rheno? Os proprios habitantes o desconhecem, dando novos nomes ás suas aguas. E ainda isto não é tudo; foi necessario que viesse a arte auxilia-o, e que, para assim dizer, lhe desse a mão para o conduzir até ao mar, por que, no principio d'este seculo, elle se extinguia vergonhosamente por entre as areias.

Todos os rios da Hollanda vão em decadencia. A corrente do Meusa, que parece ter sido menos sujeito ás mudanças que o Rheno, está todavia muito longe de ser agora o que foi noutros tempos. A sua embocadura, proxima de Brielle, ha dois seculos para cá tem-se estreitado muito. Foi d'alli, que, em 22 d'abril de 1691, partiu Guilherme III, com a sua frota para Inglaterra; e presentemente só um navio pequeno poderá, com difficuldade, entrar 'naquelle estreito. Um auctor hollandez provou que em 1606 e 1611 era esta embocadura quatro vezes mais larga do que em 1730. O Escalda tem perdido tambem muito da sua importancia; a sua foz tem-se arruinado com as irrupções do mar. Estas mudanças nas correntes dos rios não se fazem sem grandes perturbações interiores; neste paiz as innundações têm sido quasi periodicas. A força da immobilitade do mar contraposta á força das aguas correntes, a tendencia que têm os rios para encher d'areia as suas embocaduras, a violencia dos ventos do sudoeste, a abundancia das chuvas, principalmente no inverno, as neves derretidas, todas estas causas fizeram com que os rios refluíssem e transbordassem. As aguas espalhadas deixaram pelo paiz pantanos, lagos, quasi mares, cuja formação successiva não tem contribuido pouco para mudar, desde os tempos historicos, a physionomia da Hollanda. A historia das innundações conhecidas é longa e lamentosa. Graças a algumas cartas antigas, e ás noticias commemorativas, que reuniu na sua riquissima collecção geographica um habitante de Leyde, o sr. Bodel Nyenhuis, pudemos nós seguir, principalmente desde 1702, os traços d'estes repetidos flagellos. O seculo actual tinha presenciado duas innundações fluviais de triste celebridade, as de 1609 e 1820. Podemos junctar agora mais uma terceira data, 1855.

Foi no mez de março d'esse anno. Depois de um inverno, que suspendera as correntes do Rheno e do Meusa, a primavera tinha entrado de subito pela parte d'estes dois rios que fica ao sul, em quanto que a parte situada ao norte permanecia petrificada com o frio. A superficie solida do Rheno tendo-se partido

1 O Rheno nem sempre se tinha extinguido por esta maneira. Existe uma ordenação que manda desmanchar uma especie de tapada no Rheno perto de Zwammerdam, para que se não interrompa a corrente do rio,—prova evidente de que existia 'nessa epocha a embocadura de Katwijk.

pelo meio, fez com que este subito degelo viesse encontrar-se na Hollanda com a massa de rio que ainda se conservava gelada. Foi um choque pavoroso o das geleiras fluctuantes contra um rio immovel. A força de resistencia oposta a força de expansão devia produzir uma catastrophe. Houve um momento solemne e terrivel durante o qual o rio, luctando contra si mesmo, fez ouvir um ronco surdo. De repente a camada de gelo fende-se com grande estampido. Então a força tumultosa das aguas, exasperada pelas geleiras enormes que se embatam, não reconhece freio nem obstaculos. O rio, mugindo, levanta-se como se fôra um mar; e transborda. Os diques, por mais fortes e altos, que sejam, são todos arrojados, e cortados pelo gelo como pela folha de uma navalha de barba. Os campos ficam todos debaixo d'agua. Não é um degelo, é um diluvio. As geleiras precepitam-se sobre as geleiras; estas ruínas da descongelação arrancam, destroem, esmagam tudo quanto encontram na sua passagem. Grandes carvalhos cahem quebrados, esmigalhados, sobre a agua que sobe sempre. De todas as bandas os rios acodem como um rebanho de lobos uivando. Já o Rheno se apossa de mais de um quarto do paiz de Gueldre e da provincia de Utrecht: este paiz é já seu, e 'nelle se precipita. Uma porção do Brabant semptentrional desapareceu debaixo das aguas do Meusa. Não pergunteis por esses prados ferteis, pelos *polders* risinhos, pelas tão ricas culturas hollandezas: tudo o que se acha abaixo do nivel dos dois rios foi entulhado pelas suas ondas revoltas. Em alguns sitios, a agua eleva-se por cima dos tectos das habitações. Frageis barcas, que envolve um circulo de rochedos fluctuantes, luctam sós contra esta tempestade de gelos. Muralhas, pontes, tudo foi arrasado. De torre em torre se toca a rebate, e o canhão da almarra resoa ao longo da linha ameaçada.

Uma desolação infinita cahe com a noite sobre as aldeas, sobre as granjas e os curraes. Em todos os tons da afflicção e do terror se ouvem estes brados: « Rompeu-se o dique! » Os homens tremem e temem pelos seus lares, pelas suas riquezas rusticas, pelas suas provisões d'inverno, pelos seus gados; temem por si mesmos, e temem principalmente por suas mulheres e por seus filhos.

Deante do inimigo que avança sombrio, irresistivel, inevitavel, abandonam-se as habitações; busca-se refugio nos outeiros, nos «dificios edificadas em logarcs elevados, taes como as egrejas e os moinhos. E d'alli que se lançam vistas desvairadas sôbre os campos inundados, e sôbre as aldeas onde se deixavam amigos. Não descobris lá em baixo uma casa onde brilha uma luzinha? A sombra de uma mulher desenha-se na vidraça allumiada. Esta mulher não quiz fugir; uma ge-

leira enorme dá um encontrão na casa, e leva-a consigo.

D'istante a instante passam, 'num turbilhão d'agua e de gelo, telhados, moveis, cadaveres d'animaes domesticos. Não vistes passar boiando um berço vasio? Que foi feito do menino? Que foi feito da mãe? Um dó inerte, taciturno, gelado como o céu, parece que entorpeceu todos os braços. Mas nem todos os animos se deixaram abater. Grande é o desastre, porém também é grande a dedicação, e o homem mostra-se tão magnanimo, quanto a natureza inexoravel. É um espectáculo grandioso ver, no meio d'este flagello, desgraçados a luctar com sangue frio contra a grandeza do perigo, não por causa de si, mas por causa dos seus semelhantes, que elles trazem para terra tremulos, desmaiados e salvos. A desesperação, o terror, a alegria, todas as emoções d'alma que fazem enlouquecer o homem, cruzam-se, e combatem-se no meio da lucta dos elementos, como se as leis do mundo physico e as do mundo moral conjunctamente se confundissem.

## INSTRUCCÃO PRIMARIA.

**Resposta ao sr. A. F. de Castilho, ácerca do Methodo portuguez, pela Associação dos professores do reino e filhas.**

Continuado de pag. 21.

### QUESITO VII.

*Qual dos dous (metodos) emprega verdadeiramente o modo simultaneo, em todo o rigor do termo? e por consequente, qual dos dous promette melhor safra para a cultura popular em grande? se as primeiras impressões exercem algum influxo ao longo da vida, qual pela manifesta logica e patente encadeação dos seus processos, educa melhor os espiritos noreis, para que depois nas sciencias, nas artes e no proprio regimen do viver pratico, discorram com mais acerto; e não dêem, nem accitem palavras por idéas, e nuncs por castellos.*

Se o methodo portuguez é em rigor mais simultaneo do que o methodo antigo, é o que significa a 1.<sup>a</sup> parte d'este quesito. Ambos os methodos são simultaneos até onde os deixam ser. Mas o methodo moderno não pode deixar o seu modo, em quanto que o methodo antigo a bem da safra, que se pergunta, lhe leva grande vantagem, podendo usar, como effectivamente usa, dos outros modos sem mu-

dar de natureza. Não é, seguramente, o rigorismo do methodo simultaneo, que dá a primazia á escola, quando elle é o unico meio empregado no ensino geral e principal; esta primazia porém completa-se com os *modos individual e mutuo* indispensaveis á saíra, por isso que o talento não é propriedade commun.

Accresce além disso que, ou os discipulos, que vierem mais tarde á escola, e os que tiverem de sair mais cedo, hão de perder a lição, ou, para a não perderem, não é sufficiente o methodo simultaneo, por ser impossivel reunir em quaesquer escolas publicas, e mórtente nas de fóra das grandes povoações, todos os discipulos á mesma hora, e a determinada hora sabihem. Sendo pois sómente o modo simultaneo, de que póde fazer uso o methodo *portuguez*, é fóra de toda a dúvida ser mais vantajoso o methodo antigo, porque, acudindo em geral e em particular a todos os discipulos, dipõe melhor saíra.

Em virtude do que fica dicto, não póde o methodo moderno appresentar tambem melhor saíra para a instrução publica, por se limitar precisamente a um só modo de ensino. Não é necessario ter practicado o magisterio para conhecer que os resultados pelo methodo moderno não podem ser obtidos com egualdade, attenta a impossibilidade, além d'outras causas, de os discipulos se reunirem na escola á mesma hora, e n'ella se conservarem o mesmo espaço de tempo; em quanto que o professor pelo methodo antigo, sendo habil e diligente, póde dispór a sua escola, ainda que numerosa, com tal ordem e de tal maneira, que o tempo seja aproveitado por todos os discipulos; que a lição se torne extensiva a cada um d'elles; e que todos, em relação á sua comprehensão e frequencia, possam colher um bom resultado, o que por meio do methodo moderno não poderia effectivamente conseguir-se, postoque o professor por este methodo se achasse em identidade de circumstancias relativamente ao professor pelo methodo antigo.

Não é admissivel que o estudo da leitura possa transmittir ás crianças disposições logicas, nem fazer-lhes adquirir suas tendencias. Factos e provas, e a mesma razão mostram que o estudo de lér e escrever só serve de instrumento para entrar na apreciação das imagens, suas combinações e juizos sobre o que se lê e escreve.

Mostra tambem a experiencia que as crianças apprendem a lér e escrever, seja qual fór o methodo para este fim empregado, por via de habitos puramente materiaes, e que a intelligencia só 'nellas começa a desenvolver-se com o tempo, e com as primeiras noções arithmeticas, e que, á medida que se aperfeçoam no contar, vão pouco a pouco obtendo disposições e habitos logicos. Se não póde

haver fórmás antes de haver materia, tambem não ha logica antes de haver elementos intelligentes, que só se apreciam nas cogitações das noções. Não é pois de acreditar, a pezar do methodo *portuguez*, que chegasse a epocha das reflexões prematuras.

Note-se egualmente que as crianças, que unicamente sabem lér e escrever, de necessidade hão de aceitar palavras por idéas, e nuvens por castellos, e só com os estudos ulteriores, que lhes desenvolvem a intelligencia, poderão apprender a discurrir e a discernir o verdadeiro do apparente. Querer defender o contrario d'isto, é impugnar e destruir o axioma: — *Nemo dat, quod non habet*; é querer attribuir ao methodo moderno prerogativas e excellencias, que por modo nenhum lhe cabem, por isso que são oppostas á mesma natureza.

A commissão portanto, ponderando com circumspecção as razões expendidas, não póde admitir a preeminencia, que no presente quesito se pretende dar ao methodo *portuguez*, nem que os resultados, por elle adquiridos, devam ser considerados em melhor conta do que os resultados, obtidos no ensino pelo methodo antigo.

#### QUESITO VIII.

*Em qual dos dous (methodos) se poderão en-zertar com maior probabilidade de bom exito os outros ramos do primario ensino, que o estado tem razão para esperar das escolas, além do lér, escrever e contar, a saber: grammatica analytica, grammatica do entendimento, e não da memoria, logica prática; rhetorica usual; declamação elegante; noções, mas noções racionadas intelligíveis, de religião e de civilidade, de hygiene particular, de gymnastica; tinturas iniciais de historia, e ante-gostos, pelo menos, de encyclopedismo?*

Este quesito a muito eleva o methodo *portuguez*. Será muito ajunctar para pouco enfeixar. Examinado e analysado este methodo, não se encontra 'nelle essa superioridade, essa primazia no ensino, que o seu illustre auctor com tanto affinco procura dar-lhe. Não se divisam 'nelle vantagens sobre o methodo antigo, que, sem ostentação de seus professores, tem formado a instrução geral. Conhecido está o que tem sido, e será o methodo moderno: é improficuo para ensinar crianças a lér, por ser moroso, e demasiado exigente; é incapaz para ensinar a escrever, por ser 'neste ensino sobremaneira deficiente; é improprio para ensinar a contar, por se limitar unicamente a fazer conhecer a numeração arabica, e romana; é inefficaz para ensinar adultos, porque estes, seguramente, não quereriam amoldar-se a sempre

eternas cantilenas, e a ridiculas momices; é contrario aos estudos subsequentes, porque, além das razões apontadas na resposta ao 2.º quesito, os discipulos acostumados a distração no ensino primario, com difficuldade se sujeitariam ao socorro nos estudos secundarios, sem o qual não pôde haver attenção nem aproveitamento; é finalmente opposto á boa ordem das escolas por lisongear a imaginação das crianças, e dar azo á desenvoltura e á indisciplina, como sobejamente fica expellido na resposta ao 5.º quesito. Estes estorvos, estes embaraços não se dão, por certo, no ensino pelo methodo antigo, e querer attribuir-lh'o, seria uma sem-razão, e imperdoavel injustiça.

Só pelas theorias do methodo moderno, que vão morrendo nas provas, não se lhe pode conceder a palma. Se o illustre auctor do methodo *portuguez* tivesseprehendido a boa organização das regras do methodo antigo, regras, que se observam universalmente mais ou menos genuinas, houvera poupado a esta commissão o profundo dissabor de collocar-se na imperiosa necessidade de combater o seu methodo.

Accresce além d'isso que o methodo antigo não é fastidioso ás crianças, porque lhes não captiva rigorosamente a attenção, em quanto que o methodo moderno prende o discipulo physico e moral n'um jugo de repetições, que geram o aborrecimento. A simplicidade, sempre agradável, pertence ao methodo antigo; e a complicação, constantemente aborrecida, está no methodo *portuguez*. A verdade d'estas proposições pôde ser avaliada nas respostas anteriores.

Note-se tambem que os outros ramos da instrução primaria, enumerados ostentosamente 'neste quesito, nem os de qualquer outro ensino se podem enxertar, ou introduzir no ensino de lêr, escrever e contar; mas o discipulo com a meditação do que lê, é que se enxerta no objecto, que medita, e depois na sciencia do mesmo objecto. A leitura não é mais do que um meio de estudar as noções e os pensamentos retratados na escripta.

Note-se mais que seria gravissimo perigo ensinar aos discipulos, ainda de maiores estudos, quanto mais aos de simples rudimentos, e verdadeiramente de primeiras letras, a idéa orgulhosa de ser possivel ao homem o tornar-se encyclopedico. Os antegostos do encyclopedismo não são mais do que uma puerilidade vaidosa, que, mui longe de ser util, é demasiadamente nociva, por isso que sempre traz consigo a superfluidade, e a ridicula presumpção de saber.

Em presença pois das fortes razões 'nesta resposta allegadas, a commissão deixaria de ser imparcial no seu juizo, se não declarasse solemnemente que o methodo moderno, na parte relativa a este quesito, não leva, nem

de modo algum pôde levar a superioridade ao methodo antigo.

## QUESITO IX.

*Qual dos dous (methodos) affiança mais policia, attenção e decencia ás escolas?*

Appresentam-se 'neste quesito as consequencias d'uma só cousa, que o mesmo auctor do methodo *portuguez* não declara precisamente. Talvez d'aqui provenha o grande ardor, com que defende por exaggerados elogios as phantasiosas conquistas de preciosidades para o bem publico, as quaes decidiu fazer acreditar no seu methodo, que fere de morte a educação, que é o objecto, que ficou occulto, e é o ponto principal da questão. E com a educação que se affiança a boa ordem, ou a policia, que em si comprehende a attenção e a decencia. Qualquer methodo de ensino será bom, quando é conveniente ao professor, que leva os seus discipulos ao conseguimento da attenção na escola. Este professor será sempre o que o methodo lhe proporcionar que seja: bom, se lhes der meios de se manter com a gravidade e sisedeza, de que não pôde abster-se sem offensa da educação.

Vamos aos fructos do estudo, e ás indagações sobre o methodo *portuguez*. Este incita as crianças a imaginar o que não podem apreciar nos fins, e nas conveniencias públicas. A experiencia nos mostra que ellas, com a sua natural mobilidade, não encontram no methodo moderno senão occasiões de hilaridade, de distração e irreverencia, apenas o professor não só dê para isso motivos com os exercicios do dicto methodo, mas bastando que elle consinta que os discipulos façam os referidos exercicios, ou ainda qualquer d'elles. Os meios, que o methodo moderno estabelece, são contrarios aos seus fins; e é esta uma verdade, que superabundantes provas tornam incontrariavel. Similhante peccado não está no methodo antigo, apesar de suas remediaveis imperfeições.

E' na resposta ao presente quesito, por isso que elle tracta unicamente da policia, attenção e decencia nas escolas, que a commissão se vê compellida a descer a pormenores ainda mais minuciosos do que nas respostas antecedentes. Tendo ella de examinar e comparar, nos seus trabalhos, e nos seus productos, as escolas do methodo *portuguez*, e as do anterior, a fim de que sobre esta base positiva possa dar uma sentença imparcial, julga do seu honrado dever não desprezar quaesquer factos favoraveis ou desfavoraveis ao methodo em questão. A commissão pois, com vehemente mágoa, tem novamente de recorrer a alguns factos, já apontados nas respostas ao 3.º e 5.º quesitos; mas agora

expendidos com maior individualidade, e que, seguramente, devem ser de grande peso no juizo sobre o methodo *portuguez*. A camara municipal de Setubal, havendo estabelecido, a expensas suas, uma escola pelo methodo *portuguez*, pouco depois, pela falta de policia, d'attenção e decencia, nascida dos exercicios do mesmo methodo, sempre contrarios ás escolas e aos professores, teve, como unico remedio, de a mandar fechar, para assim terminar o grande mal, que via não poder impedir. Outro tanto aconteceu á escola, creada na cidade de Castello-Branco. Estes factos não são poeticamente improvisados, documentos authenticos attestam a sua veracidade. Em outras escolas pelo mesmo methodo, que hão desaparecido, algumas desaparecebidamente, se tem dado os mesmos casos de falta de respeito e subordinação. A propria escola do illustre auctor do methodo *portuguez* consta haver tambem succumbido pelos escandalos n'ella repetidos, e que ainda não podem esquecer.

Taes são as provas publicas, que matam o methodo *portuguez*, e lhe criam rijos adversarios, sempre armados de razões invenciveis. São estes adversarios os chefes de familia, que tiram as crianças d'estas escolas, declarando em alta voz que os discipulos, por este methodo, se arruinam na educação, e se inhabilitam para os outros estudos.

A commissão por tanto, terminada aqui a sua resposta, pelas razões da análise e da experiencia, pelas disposições de justiça e imparcialidade, entende que não pôde deixar de dizer que o methodo *portuguez* não affiança mais policia, attenção e decencia ás escolas do que o methodo antigo.

*Continúa.*

## CATHECISMO POPULAR DE AGRICULTURA

*Ou pequena Encyclopedica Agricola para as escolas primarias, e para as quintas de ensino.*

*Obra approvada em concurso pelo conselho superior d'instrução publica, e premiada. Por João Ignacio Ferreira Lapa, e Silvestre Bernardo Lima.*

Ahi tem o paiz uma obra de pouco volume, que val mais que muitas avolumadas produções.

O sr. João Ignacio Ferreira Lapa, já conhecido, e muito acreditado por outras obras de sciencias industriaes com applicação á instrução primaria, não quiz negar o seu valioso tributo á nossa instrução popular. Concorreu ao convite feito pelo conselho superior para a realisação do pensamento mais util e elevado, que podia lembrar a bem da

illustração popular; e trouxe-nos ao campo do certame litterario mais um habilissimo e denodado campeão, em quem pôde a instrução depositar muita e segura confiança.

De trez partes se compunha o programma, que o conselho superior offereceu para a lucta dos concorrentes. — Agricultura com as noções subsidiarias de Geologia, e Agrimensura, Botanica e Physiologia vegetal — Veterinaria — Economia rural.

O livreto, de que hoje damos noticia com muita satisfação, é o desempenho da 1.ª parte do programma; e anciosos esperamos a publicação do resto da pequena encyclopedia agricola.

A clareza na exposição, o methodo, a linguagem pura, mas singella e familiar, como destinada á instrução da parte menos instruida do povo, os são principios, e auctorisados preceitos, tudo recommenda o cathecismo, como obra no seu genero a mais perfeita e acabada, que talvez tenha sahido dos prêlos no seculo, em que vamos.

Só nos peza que o seu preço não seja muito menor; porque a circulação, e consummo dos livros de instrução primaria mal consente preços elevados. Poderá todavia aquelle defeito remediar-se, se, tornado o cathecismo obrigatorio para o ensino de todas as escolas, houver alguma convenção com os seus auctores, que sem sacrificio poderão reduzir o preço a menos de ametade tirando os muitos mil exemplares, que virão a ser necessarios; e ainda nessa convenção será facil incluir a clausula de ministrarem gratuitos os exemplares a meninos indigentes.

Concluido o cathecismo de agricultura ficará completa a collecção dos conhecimentos scientificos, que cabem á instrução popular, havendo, como ha, excellentes manuaes de physica, chimica e mechanica do sr. Lapa, igualmente premiados em concurso.

Oxalá que elementos tão fecundos sejam bem aproveitados, inoculando, sabia e prudentemente, nas massas nacionaes desde o berço da instrução, os raios da sciencia que rapidos irão despertar e animar a industria adormecida!

M.

## NOTAS

AO

### ENSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA,

OBRA POSTHUMA

DE

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

Tenho sido obrigado a demorar-me neste ponto, porque esta é origem primaria da discrepancia, que o leitor observará entre algumas das opiniões contidas no presente

ensaio e as que eu tinha enunciado no meu: e espero que quem ler com attenção as seguintes notas, se convencerá da verdade do que acabo de ponderar. Por isso, estabelecidos assim preliminarmente estes principios geraes, passo a analysar sem receio de ser mal interpretado, as passagens que me parecerem precisar de annotação no presente ensaio.

P. 1. 1. 10.

*Ficram grandes philosophos, e quasi todos os principios fundamentaes d'esta sciencia appareceram cercados de difficuldades.*

P. 2. 1. 3.

*Os philosophos principiaram a reconhecer os damnos que resultam do abuso da metaphysica.*

Bastariam estas unicas expressões para mostrar que o auctor não desconhecia que a sã metaphysica é quem descobre e só pôde descobrir os erros e paralogismos em mathematica, bem como em qualquer outra sciencia: e que só o abuso d'ella é que introduziu os erros que elle neste ensaio se propoz desterrar.

P. 2. 1. 8.

*Certos termos abstractos cujos objectos são puramente imaginarios, meros entes de razão.*

P. 2. 1. 16.

*Essas entidades phantasticas, vulgarmente designadas pelas palavras velocidade, movimento, força, etc.*

Estes epithetos de imaginarias e phantasticas são improprios, porque estão consagrados para denotarem objectos absurdos e contradictorios; entretanto que os termos de que o auctor aqui falla, têm um sentido certo e arrazoado.

P. 3. 1. 1.

*Se o tractado sobre que se disputa é puramente mathematico, ou se tambem é physico.*

*A mechanica de M. d'Alembert, v. g., é puramente mathematica: a obra dos principios é physico-mathematica.*

Esta observação, que o auctor reputava de tanto peso, não só é de muito pouca importancia, mas até perigosa, pela grande ambiguidade com que elle a expõe.

É falso que a mechanica de d'Alembert seja uma pura creação do entendimento do seu auctor, entretanto que o livro dos principios não é creação do entendimento de Newton, mas sim uma interpretação e comentario da natureza.

Ambas aquellas obras põem, como principios, certos factos não chimericos, mas fundados na observação da natureza: em ambas se enunciam estes factos em linguagem mathematica, quero dizer, geometrica ou algebrica, e depois se deduzem de similhantes expressões mathematicas tractadas *secundum*

*artem*, como diz o nosso auctor, varios resultados, que são uma interpretação mais ou menos fiel da natureza.

A unica differença que existe entre estas duas obras, é que Newton enuncia primeiro os phenomenos em linguagem vulgar, e chama a estes enunciados leis da natureza: depois tradul-os, como pôde, em linguagem mathematica.

D'Alembert ao contrario começa por dar a traducção mathematica, tal qual elle a pôde fazer, de similhantes enunciados que tinha diante dos olhos ao traduzir, mas que omittiu, as mais das vezes, não sempre, julgando inutil o apresentar ao lado das suas traducções os enunciados originaes em linguagem vulgar, ou por serem já conhecidos, ou por entender que qualquer os podia aclar á vista da simples traducção.

Seja como for, o trabalho mathematico de Newton nos seus principios consiste em tractar geometrica ou algebricamente varios phenomenos enunciados em linguagem geometrica ou algebrica. N'isto mesmo sem differença alguma consiste o trabalho mathematico de d'Alembert na sua dinamica. O primeiro põe diante dos olhos do leitor o problema que vai pôr em equação. O outro julga inutil enunciar o problema e começa por apresentar-o já posto em equação.

D'aqui se vê que em ambas as obras a observação dá os principios, e a mathematica a linguagem para os enunciar e o methodo para deduzir d'estes enunciados varias conclusões; e bem longe de serem as formulas de dinamica no livro de Newton interpretações mais fieis da natureza do que as da obra de d'Alembert, são nesta muito mais chegadas ao que a observação e a experiencia nos mostram. O mesmo se pôde dizer da mechanica de Lagrange e de Laplace.

É logo imaginaria a distincção entre Dynamica puramente mathematica e Dynamica physico-mathematica. Em ambas é a dinamica tractada em linguagem mathematica, e em ambas ellas se parte de factos exprimidos em linguagem mathematica.

É verdade que o nosso auctor accrescenta, que na primeira pôde o mathematico tomar arbitrariamente as hypotheses, axiomas, definições, lemmas e postulados que quizer, mas sobre esta asserção veja-se a seguinte nota.

Resumir-me-hei dizendo, que o que induziu em erro ao nosso auctor, foi o ver, que nas obras que elle chama physico-mathematicas, e não nas que denomina puramente mathematicas, se acha a par das expressões e fórmulas mathematicas a explicação dos phenomenos da natureza em linguagem vulgar, para se ver até onde aquellas formulas quadram com a experiencia. Mas isto são meras notas que em nada mudam a natureza, nem a verdadeira forma do texto; porque este, tiradas ellas, fica sendo o mesmo em ambas as suppostas differentes especies de dinamica.



P. 3, l. 15.

*As definições, postulados e axiomas pôde-se dizer que a nenhuma lei são sujeitos.*

As definições de palavras já usadas são sujeitas em mathematica ás mesmas leis a que as definições em qualquer outra sciencia se devem conformar.

Definir uma palavra technica é enumerar as idéas que por meio d'ella designam todos os homens da profissão.

É verdade, que cada individuo da profissão, designa pela mesma palavra, quando d'ella se serve ou quando a quer definir, certas idéas que lhe são particulares, e que outro jámais tem no sentido quando a emprega. Mas ha certas idéas que todos geralmente designam e concebem ao pronunciar-se aquella palavra: e a enumeração d'estas idéas communs a todos, deixadas de parte as que são particulares a cada um, é que constitue a definição; porque estas idéas communs, é que fazem que quem falla é entendido de quem ouve: e é o mais ou menos, segundo estas idéas são em maior ou menor numero.

Eis-aqui a lei geral e irrefragavel para qualquer definição e em qualquer sciencia.

O mathematico que, definindo circulo, enumerasse outras idéas que não fossem as que todos designam por esta palavra, mas as que se designam pela palavra pyramide ou qualquer outra, não faria uma obra inutil, como diz o auctor, mas sim um livro de delirios, bem como quem na linguagem ordinaria se propozesse chamar grande ao que se chama branco, duro ao que se chama quente, e assim do mais.

Pelo que toca aos axiomas, vê-se que o auctor se deixou levar das idéas erradas que vulgarmente se dão d'esta palavra.

Axioma não é outra cousa mais do que uma segunda definição da mesma palavra, que já se acha definida. Porém como seria desairoso para qualquer sciencia o dar sem rebuço duas definições, d'uma mesma palavra, convieram os methodistas em chamarem axioma a segunda definição, para assim salvarem, ao menos em apparencia, a honra da sciencia, e evitar o escandalo dos profanos, por me servir da engraçada phrase do nosso auctor.

Darei alguns exemplos em confirmação de que acabo de dizer.

*Linha recta, diz Euclides, é aquella que está posta igualmente entre dois extremos.*

E isto vem nas obras d'aquelle grande mathematico debaixo do titulo de definição.

Depois entre os axiomas, diz-se que duas linhas rectas não podem deixar espaço entre si; o que quer dizer: Que são rectas aquellas linhas, de que não pôde haver duas que deixem entre si espaço, quando tem dois pontos communs.

São parallelas, diz o mesmo auctor nas definições, duas linhas que produzidas de qualquer parte não concorrem.

E nos axiomas: são parallelas duas linhas que fazem com uma terceira os angulos internos de qualquer das partes, tomados junctos, eguaes a dois rectos.

Em fim entre os theoremas diz: que são parallelas duas linhas que fazem com uma terceira os angulos alternos eguaes.

Tanto na definição, como no axioma, como no theorema afirma-se, serem parallelas as linhas, que têm certa propriedade.

Mas no theorema mostra-se a identidade da propriedade que alli se lhes attribue, com outra que se supõe ser representada pelo nome de linhas parallelas. Entretanto que nem na definição, nem no axioma se mostra tal identidade, mas antes tanto 'numa como no outro se supõe que o nome de linhas parallelas designa, 1.º não se encontrarem, 2.º formarem os angulos internos eguaes a dois rectos.

Logo o theorema mostra a identidade d'uma propriedade que se attribue a uma expressão, com outra que se lhe suppoz. A definição e o axioma supõe que aquella expressão significa tal propriedade.

Assim tanto a definição como o axioma nada mais são do que hypotheses. Tanto 'numa como no outro se supõe que tal expressão designa taes idéas na boca dos que d'ella se servem. Em que differe pois a hypothese chamada definição da outra que se chama axioma? Em nada mais que em vir depois.

A ambas se poderia chamar definições ou axiomas.

*Continúa.*

## NOTICIAS LITTERARIAS.

M. Kellermann acaba de propôr a introdução em França da cultura das arvores de cêra. Alem de produzirem este genero importante têm estas arvores a propriedade de absorver o ar impuro, tornam sadios os terrenos pantanosos, onde são plantadas, e no tempo do calor exhalam um aroma muito agradável; as raizes gozam de virtudes medicinaes, e as folhas preservam os tecidos da traça.

Duas especies convinha ensaiar em o nosso paiz, a *myrica cerifera* da Carolina, e a *myrica pensylvanica* da Pensylvania: produzem ambas uma especie de cêra que se pôde branquear sem ser alterada, e transformar em bugias comparaveis ás de cêra ordinaria. Em Alger foi introduzida sem difficuldade a *myrica cerifera*, e virá a ser alli objecto de grande e proveitosa cultura; multiplica-se com extrema facilidade, já por sementes, já por estacas, e até por via de raizes.

Este genero de plantas, na America, é muito abundante: cobre a maior parte dos terrenos allagadiços. M. Kellermann julga muito urgente e vantajoso substituir as sebes de espinheiros nos terrenos humidos e pantanosos pelas de *myrica pensylvania*; a *myrica cerifera*, podia plantar-se utilmente em vez dos salgueiros nas margens das ribeiras ou rios: d'esta sorte, diz M. Kellermann, obter-se-hia um melhoramento real na salubridade do ar, a extinção dos focos pestiferos, e ao mesmo tempo uma colheita abundante de cêra vegetal, sem quasi despesa alguma de cultura.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares d'instrução publica, desde o dia 1.º até 15 d'abril, em virtude de despachos do Conselho superior d'instrução publica, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA

Alvaro Domingos Rodrigues Praça, para professor temporario da cadeira de Sulfure, districto de Bragança.

Domingos Ribeiro de Almeida, para dicto de Rendufe, districto de Braga.

João Baptista Guerra, para dicto de Aveiras de Baixo, districto de Lisboa.

Joaquim Gonçalves da Trindade, para dicto de Pousade, districto da Guarda.

Manuel Correa, para dicto de Arões, districto d'Aveiro  
Pedro Duarte de Castro, para dicto de Sines, districto de Lisboa.

Antonio Francisco Rosado, para dicto de Aguias, districto d'Evora.

Antonio Joaquim d'Oliveira Carvalho de Mattos, para dicto de São Torquato, districto de Braga.

Manuel Domingues Ribeiro, para dicto de Esposende.

Manuel Joaquim Vinagre, para dicto de Arraiolos, districto d'Evora.

Miguel José Pereira, para professor vitalicio da cadeira de Parada por transferencia da de Vinhas, no districto de Bragança, decreto de 9 do corrente.

Joaquim Antonio de Bastos, para professor vitalicio da cadeira de Sancta Justa, por transferencia da de São José, na cidade de Lisboa, decreto de 9 do corrente.

Dionizio Antonio Teixeira, para professor vitalicio da cadeira da freguezia de São José, por transferencia da da freguezia da Lapa, districto de Lisboa, decreto de 9 do corrente.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Luiz Carlos Rebello Trindade, para o logar de official, ajudante da bibliotheca nacional de Lisboa, decreto de 26 de março ultimo.

Francisco Germano Cardeira, para professor vitalicio da cadeira de latim da Villa de Borba, districto d'Evora, decreto de 20 do corrente.

Antonio Victor de Figueiredo Bastos, para professor proprietario da cadeira de desenho annexa á faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, decreto de 9 do corrente.

Antonio Luiz Telles da Silva e Menezes, para professor vitalicio das cadeiras de linguas franceza e iugleza do lyceu nacional de Brja, decreto de 9 do corrente.

*Dicta de 15 até ao fim de abril.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Alexandre Maria Duarte, para professor temporario da cadeira de Covões, districto de Coimbra.

Antonio Luciano Eduardo Pinto de Carvalho, para dicto de Teliões, districto do Porto.

Antonio Moniz Barreto, para dicto de Pataias districto de Leiria.

Antonio de Sousa e Silva, para dicto de São Mamede de Coronado, districto do Porto.

Eduardo Augusto Salgado, para dicto de São Thiago de Bougado, districto do Porto.

Francisco Caetano Couceiro, para dicto de Monte Mór o Velho, districto de Coimbra.

Francisco de Salles de Sousa, para dicto de São Pedro, districto d'Angra.

João Benicio Rebello Bacellar, para dicto de Ribeirinha.

João Guilherme da Costa, para dicto de Biscoutos.

José Joaquim Rodrigues Leite, para dicto de Arrifana, districto d'Aveiro.

Sebastião Teixeira de Sá Sarmento para dicto de São Lourenço de Riba-Pinhão, districto de Villa-Real.

Raimundo Bernardo Dias Machado, para dicto da freguezia de Castello-Branco, districto de Bragança.

Gertrudes Albina de Sousa Meirelles, para mestra temporaria da escola de mezinhas de Penafiel.

Lucrecia Leonina de Magalhães, para dicta de Amarante.

Maria Innocencia Terra, para dicta da freguezia das Angustias, districto da Horta.

Antonio Ferreira d'Almeida para professor vitalicio da cadeira de Famação, por transferencia da de Vahelhas, districto da Guarda, decreto de 21 d'abril ultimo.

Antonio Firmino da Cunha Cabral, para professor vitalicio da cadeira de Figueiró da Serra, districto da Guarda, decreto dicto.

Antonio Pedro Gonçalves Coutinho, para professor vitalicio da cadeira da freguezia de Nossa Senhora da Encarnação da cidade de Lisboa, decreto de 16 d'abril ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Antonio d'Andrade, para professor temporario da cadeira de latim de Campo Maior, decreto de 15 d'abril ultimo.

José Antonio Gomes Lages, para substituto da 3.ª e 4.ª cadeiras do lyceu de Lisboa, decreto de 21 d'abril ultimo.

## ANNUNCIO.

REFUTAÇÃO ANALYTICA do relatorio, medidas financeiras, e contractos sobre caminhos de ferro, que apresentou á Camara dos Srs. Deputados, em sessão de 8 e 29 de fevereiro do corrente anno o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, ministro e secretario de estado dos negocios da fazenda e interino das obras publicas, pedindo á mesma Camara a approvação de taes medidas e contractos por De J. a P. Acha-se á venda em Lisboa nas lojas de livros de Martins aos Paulistas; Lavado; e viuva Henriques, na rua Augusta; e no Porto nas do costume — preço por exemplar 200 rs.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

## RELATORIO ANNUAL.

1852—1853.

Senhora! O conselho superior d'instrução pública, tendo examinado os relatorios dos governadores civis, commissarios dos estudos, e directores dos diversos estabelecimentos litterarios e scientificos, sobre o estado da instrução pública, no decurso do anno lectivo findo, de 1851—1852, sente não poder colher d'elles informações tão vantajosas, que possam satisfazer plenamente o disvelo e empenho que V. M. tem mostrado em fazer prosperar aquelle ramo da administração pública: porém não podia elle deixar de correr a sorte de todos os outros; e se nenhum tem podido desinvolver-se, nem mesmo lançar raizes no meio das commoções politicas, porque temos passado, mal poderia medrar a instrução pública, que é de todos o mais melindroso.

A pendula ainda depois de ter cessado o impulso, que lhe deu movimento, continua a oscillar por muito tempo, antes de chegar ao estado de quietação. Assim succede com a instrução pública, e com todos os ramos d'administração. Abalados por aquellas commoções, sómente o tempo pôde acalmar as incertezas e receios, em que têm fluctuado, e dar-lhes estabilidade e segurança, sem a qual não ha progresso nem melhoramento possível.

Se porém não podemos ainda lisongear-nos de ter chegado a esse estado de prosperidade, aquelles relatorios, com tudo, fazem fé de que vamos dando passos para elle, posto que lentos; e que os esforços d'este conselho, bafejados pela efficaz protecção, que V. M. se empenha em dar ás letras, não têm sido de todo perdidos.

Este conselho posto que reduzido ao numero de seis vogaes, pelo fallecimento d'um, e pelo impedimento d'outro, servindo de vice-presidente, não tem deixado de fazer, com regularidade as suas conferencias ordinarias, dando prompto expediente aos negocios que fazem objecto d'ellas, resolvendo uns, e levando outros á resolução de V. M., como se vê da relação (n.º 1). Além d'isso: convencido de

que a instrução primaria não pôde melhorar sem o augmento de cadeiras, mas que os apuros do thesouro público não permitem fazer por elle a despeza da sua criação, celebrou as conferencias extraordinarias e geraes, que julgou necessarias para colher as luzes dos vogaes extraordinarios, e do público sobre este importante objecto, e levou á presença de V. M. o seu resultado, na consulta de 16 de março do corrente anno.

Seria o conselho injusto se desconhecesse o auxilio, que recebeu dos seus delegados no desempenho dos seus trabalhos: sente porém que alguns deixassem de fazer, em tempo competente, a remessa dos seus relatorios, porque sem elles não pôde ser exacto, como cumpria, este, que o conselho vai fazer sobre o estado dos diversos ramos d'instrução pública.

### *Instrução primaria.*

O movimento d'este ramo d'instrução consta dos mappas (n.º 1, 2 e 3). Á vista d'elles não pôde deixar de se reconhecer que o numero dos alumnos, ainda augmentado com o dos mappas que faltam, está 'numa relação mui desvantajosa para com a população: porém em quanto se não augmentarem as cadeiras, serão frustrados todos os esforços empregados para o elevar.

As mulctas comminadas aos superiores, que não mandarem os subditos ás escholás, estão em completo esquecimento; porque os executores d'ellas omittem qualquer exercicio d'auctoridade, que lhes possa trazer odio. Outro tanto succede com a preferencia para o recrutamento, e perda dos direitos politicos aos que não souberem ler e escrever, impostas nos art.º 35, 36, e 37 do decreto de 20 de setembro de 1844. E na verdade, em quanto a instrução se não levar á porta dos paes de familias, taes penas são injustas, e como taes impraticaveis: os conselhos e admoestações são perdidas.

Depois do augmento das cadeiras, são as habilitações dos professores a segunda necessidade da instrução primaria. Muitos d'elles têm dado provas de muita capacidade e zelo no cumprimento dos seus deveres, como informam o commissario dos estudos de Faro dos de seu districto em geral, e igualmente

o d'Evora, e com especialidade do dos Reguengos, Viana, Moura, e Villá Viçosa: porem força é confessar, que grande parte d'elles são indignos do importante officio que exercem, e que sómente a falta d'outros melhores os pode fazer tolerar. Para ter bons professores é precisa uma sufficiente dotação; a pontual satisfação d'ella; um rigoroso exame nas habilitações; uma incorruptível justiça no seu julgamento; uma exactissima superintendencia no cumprimento dos deveres do magisterio; e, como preliminar de tudo, as escholae normaes. Na falta d'estas condições, o rigor nas habilitações litterarias e na inspecção produziria nas cadeiras uma vacancia quasi geral.

Estabelecidas as cadeiras e os professores, merece o principal cuidado o methodo d'ensino, e por isso não podia o conselho superior d'instrucção pública deixar passar desapercibido o da leitura repentina de Antonio Feliciano de Castilho. Encarregou o commissario dos estudos de Lisboa de o fazer observar na practica do proprio auctor; e alguns dos seus vogaes extraordinarios, nas provincias. As primeiras informações, que lhe chegaram, foram pouco favoraveis áquelle methodo; porém o conselho entende, que obras de tal natureza sómente se devem avaliar pelos resultados practicos; mas que, para verificar esses resultados é preciso estar longe do enthusiasmo das novidades, que os encarece, assim como da aversão por ellas, que os deprime. Quando o conselho poder assentar o seu juizo sobre informações assim caracterizadas, não se descuidará de o levar ao conhecimento de V. M., com as providencias, que julgar conformes com elle.

Continúa o conselho a receber offerτας de livros elementares, com alguns dos quaes tem enriquecido o catalogo dos que manda publicar, como auctorizados para o ensino público e particular: e se nem todos têm merecido essa consideração, nem por isso são para desprezar. Alguns contêm boas doutrinas, e todos mostram nos seus auctores amor pelas lettras, o qual, sasonado pelo tempo e pelo estudo, poderá dar melhor fructo. D'estes esforços, aproveitados e fecundados por bons mestres, é que o conselho espera o maior progresso da instrucção primaria

#### *Instrucção secundaria.*

O progresso neste ramo d'instrucção tem sido mais sensivel, como se vê dos mapps n.º 45 com relação ao numero de cadeiras, e d'alumnos. Quasi todos os lyceus estão instalados, e providas as respectivas cadeiras: o numero dos alumnos tem crescido, sendo esse incremento devido em grande parte á portaria de 25 de setembro de 1851, que obrigou os ordinandos aos exames dos lyceus:

e os professores têm desempenhado com zelo, e regularidade os seus deveres. A concentração, porém, da instrucção secundaria nos lyceus encontra grande resistencia. Não ha povoação por insignificante, que seja, que não queira ser contemplada na partilha das cadeiras de latim permitida no art. 66 do decreto de 20 de setembro de 1844; e os mestres particulares chegam a assombrar os dos lyceus, cujos conselhos têm levantado contra elles um clamor geral, pedindo a repressão da sua preponderancia, com diversos arbitrios. O conselho, para obstar áquellas pretensões, formou o plano da distribuição das referidas cadeiras, que levou ao conhecimento de V. M. na consulta do 1.º de fevereiro de 1850.

Em quanto ao ensino particular, se tem por inconveniente a liberdade illimitada d'elle, não acha menor inconveniente no monopolio do estudo. Nos art.ºs 72, 73, 74 e 75 do citado decreto de 20 de setembro de 1844 dá-se grande consideração aos diplomas dos lyceus: no titulo 3 e regulamentos posteriores, exigem-se rigorosas habilitações aos professores particulares, e ordena-se uma inspecção vigilante e severa: na consulta de 15 de junho de 1852 propõe o conselho superior d'instrucção pública a V. M. a prohibição do ensino particular aos professores públicos: e todas estas providencias são sufficientes para garantir a preponderancia dos professores públicos sobre os particulares, se elles as quiserem acompanhar com o zelo e aptidão no desempenho das suas obrigações, porque sem elle aquella preponderancia não pôde nem deve existir.

Ainda na instrucção secundaria ha outro defeito, que demanda prompto remedio. A uniformidade e harmonia do ensino em todos os lyceus, e nas escholae annexas é indispensavel, não só para a regularidade da instrucção, senão tambem para a exacta apreciação do merecimento litterario dos alumnos; porém essa uniformidade não se pôde conseguir com a livre escolha dos compendios, deixada ao arbitrio de cada eschola pelo decreto de 20 de setembro de 1844, no art. 167. Para remediar este defeito, que se acha arguido em alguns dos relatorios, já o conselho levou á presença de V. M. na referida consulta de 15 de junho, uma proposta para que aquella escolha fique dependente da approvação do dicto conselho, como auctoridade central.

A falta de cadeiras d'applicação continúa a ser o thema obrigado das declamações contra a instrucção secundaria: e na verdade são ellas uma condição essencial para os resultados uteis, que d'esta se devem esperar: porém essa condição demanda despezas, que as actuaes circumstancias do thesoiro talvez não permitam satisfazer, e o gosto por essas applicações, que sómente pouco a pouco se

pôde ir formando. Para ensaio d'ellas foi provida e posta em exercicio a cadeira de geometria e mechanica applicada ás artes, em Lisboa; apesar de ser esta o centro da industria portugueza esteve aquella cadeira deserta. Com este fundamento propoz o commissario dos estudos o sobrestar no seu provimento: porém o conselho, querendo continuar aquelle ensaio, ordenou que se fizesse, mudando com tudo o seu local para o edificio, onde está collocada a secção commercial do lyceu, por ser mais accessivel ás classes industriosas; e permitindo a admissão á matricula sómente com certificado de professor auctorisado, por onde conste que o matriculando sabe ler, escrever e contar, como foi proposto pelo dicto commissario e approvado por V. M., na portaria de 21 d'outubro ultimo.

No lyceu de Lisboa acha-se vaga a cadeira de lingua arabe, cujo provimento é recommendado pelo reitor d'elle, como muito urgente. O conselho superior d'instrução pública, já na consulta de 7 d'outubro de 1831, levou á presença de V. M. a proposta para aquelle provimento, acompanhada dos mesmos motivos d'urgencia que o dito reitor pondera; e por isso nada mais tem a acrescentar: mas aguarda a resolução de V. M.

Das escholas d'instrução especial apenas chegaram ao conhecimento do conselho os reatorios da aula de diplomatica, e das academias de bellas artes de Lisboa e Porto, dos quaes consta ter sido regular o andamento d'aquelles estabelecimentos. Para a academia de bellas artes de Lisboa já foi auctorisada por lei a compra de modelos de gesso, estampas e livros: falta porém leva-la a effeito, e para isso já o conselho levou á presença de V. M. uma consulta sobre o modo de a verificar. A do Porto insta no seu relatorio por igual auctorisação, para a qual já o conselho levou á presença de V. M. uma proposta de lei, que acompanhou o relatorio do anno anterior.

*Continúa.*

## REPRESENTAÇÃO

**Que dirigiu a S. M. o conselho do lyceu de Coimbra.**

Senhor! — O conselho do lyceu nacional de Coimbra vai submeter á alta ponderação de Vossa Magestade as circumstancias, cada vez mais criticas, em que se encontra este importante estabelecimento.

Já em 15 de julho de 1834, supplicou este conselho a Vossa Magestade que ordenasse a mudança do lyceu para outro edificio; porque

o hospital da universidade entrara alli, e occupára os andares superiores ás aulas; e dos tectos choviam aguas entornadas nas enfermarias, e fazia-se 'nellas tanto ruido, que os professores frequentemente eram obrigados a interromperem as suas prelecções.

Hoje, senhor, não só continuam a ser enfermarias os andares superiores; mas até no mesmo andar das aulas, de cinco d'estas aulas se fez uma enfermaria de mulheres! E o lyceu ficou acantado nas restantes casas, onde mal se pôde fazer o serviço de uma secção da universidade, que se compõe de doze cadeiras e de uma livraria, que deve ter casas para congregações, para secretaria e para os guardas.

Em 1834 estava o hospital no lyceu, e o conselho pediu respeitosa e Vossa Magestade que lhe permittisse mudar-se para a parte do edificio do museu, ainda occupada pela faculdade de medicina, fiado em que a mesma faculdade deixaria aquellas casas devolutas; mas agora, senhor, bem pôde dizer-se que o lyceu de Coimbra está no hospital! Esta anomalia, afora os inconvenientes referidos, pôde trazer serias consequencias, se alli apparecer uma d'essas epidemias que, por vezes, grassam nos hospitaes, ou a cidade fôr invadida pela cholera-morbus, que infelizmente nos visitou o anno passado. Basta o panico de que naturalmente se deixa entrar a mocidade, e ainda os professores, para que, em taes circumstancias, se tornem a disciplina e o estudo irregulares.

Porém, senhor, um mal muito maior começa a nascer da mesma fonte, e é tão grande, que faz esquecer os outros presentes e futuros. A enfermaria de mulheres, que nos sequestrou cinco aulas, é unicamente separada dos geraes do lyceu por quatro portas, havendo em cada uma d'ellas dos buracos para ventilação. O lyceu é frequentado por 456 alumnos, e entre estes muitos contarão apenas doze annos de idade. Ora 'nesta quadra da vida em que as impressões ficam indelevelmente gravadas para sempre, ouvem aquellas crianças, nos geraes do lyceu, torpes discursos que lhes dirigem as mulheres convalescentes, vêem até acções deshonestas, que se trocam entre ellas e alguns estudantes. E tal é a primeira doutrina e exemplo que recebem antes de entrarem para as aulas!

O conselho não descobre edificio desoccupado onde possa o lyceu estabelecer-se. Tem feito repetidas investigações e vistorias, e a não ser a parte do museu, que em 1834 indicára ao governo de Vossa Magestade, só depara com cellas e estreitos corredores de conventos, onde a policia e vigilancia é impossivel. Mas 'naquelle local, onde com pequena despesa ficaria por ventura o lyceu tão bem accommodado como d'antes estava, persiste a botica da universidade, apesar de se achar fóra e distante do hospital, e poder resul-

tar d'abi não serem os doentes promptamente soccorridos, com remedios que, a deshoras, tenham de vir d'aquelle dispensatorio; persiste um theatro anatomico, sem luz, sem ventilação bastante, sem muitas outras condições exigidas, e por isso o decreto de 20 de setembro de 1854 mandou organizar outro theatro anatomico.

O conselho reconhece quão pouco convem á fazenda pública construir-se, em Coimbra, um novo edificio para lyceu, como se está fazendo em Aveiro, porque fôra isso augmentar as despesas do Estado com uma verba de mais deseseis contos de réis; mas, a olhos vistos, o conselho teria uma responsabilidade immensa para com Vossa Magestade, para com a Nação inteira, se, por todos os meios ao seu alcance, não clamasse que, nas actuaes circumstancias, — está o credito do lyceu em risco de perder-se, visto como, faltando algumas condições indispensaveis para que a instrução alli aproveite, dão-se outras que produzem a corrupção moral da mocidade, e podem comprometter até a saude e a vida dos alumnos e professores.

O conselho pois não enxerga meio algum de evitar estes males que não seja — occupar a faculdade de medicina o resto do antigo collegio das artes com os estabelecimentos, que tem 'naquelle parte do museu, e mudar-se o lyceu para alli, feitas algumas obras absolutamente necessarias. Aliás é forçoso que o hospital saia do antigo collegio das artes, que, desde a origem, foi sempre o edificio mais asado para um estabelecimento de instrução pública, qual é o lyceu nacional de Coimbra.

A elevada intelligencia de Vossa Magestade fará d'estes clamores uma devida apreciação: o amor que Vossa Magestade tem pela instrução publica optará pelo remedio, que o conselho tanto deseja e implora.

Deus guarde a Vossa Magestade, Coimbra em conselho, 13 de maio de 1856.

## O CASTELLO DE CALIABRIA.

Juncto ao vertice e dentro do angulo formado pelo soberbo rio Doiro e o pequeno rio ou ribeira d'Aguiar, está um ingreme e alcantilado monte, que sustenta ainda os restos de fortes muros. Este monumento denegrido pelo tempo incute respeito ao observador, e, como que lastimando-se, lhe implora um canto, duas paginas sequer de recordação do seu passado tão brilhante, mas já submerso e quasi riscado da historia. Seus altos feitos e

glorias alcançadas conservam-se apenas nos corações dos povos limitrophes, e na tradição.

São estes os restos do castello de Caliabria, hoje Calabre, distante de Villa Nova de Foz-Côa duas leguas a este; d'Almendra uma legua ao norte; de Moncorvo quatro leguas ao sul; e da Barca d'Alva, povoação nascente, uma legua a oeste.

Sua fundação é incerta e muito obscura, porque os dados historicos faltam, e a tradição 'neste ponto tambem não é verosimil. O mais crível e quasi certo é que fosse obra dos Romanos. Que fosse edificado no tempo da república ou no do imperio, pouco importa; porem opinamos pelo tempo do imperio, e se não foi no de Trajano, pouco excederá a esta epocha ou lhe será anterior. monumentos descobertos nas proximidades do castello parecem attesta-lo.

A soberba naumachia ou deposito de aguas, que vimos e examinamos, juncto á celebre cidade d'Aravor — hoje Marialva, quatro leguas ao noroeste de Caliabria; a ponte de Chaves construida por Vespasiano e Tito; uma formosa calçada, espaçosa, fronteira a Caliabria, e que tendo seu começo á beira direita do Doiro, vai findar juncto a Ligeas, uma legua ao norte do nosso castello; e finalmente juncto ao mesmo castello, subindo pela margem direita do Aguiar, 'numa explanada, que rivalisa com o peneado da saudade de Coimbra, quando as amendoeiras estão floridas, admirase um immenso pedregulho e tijolos dispersos, que indicam ruinas d'alguia povoação. Têm-se descoberto algumas medalhas d'ouro e prata, e ultimamente uma comprida cadêa de cobre, arrancada pelo arado; e com effeito a este logar ainda hoje chamam — Aldêa Nova, que dá o nome á romaria da Senhora dos Prazeres, cuja capella está na mesma explanada juncto ao Aguiar, cortado 'neste sitio por uma ponte moderna, que dá passagem para a Barca d'Alva. Os lusitanos antes e depois de Trajano ligados já com os romanos pelos privilegios, que estes lhes concederam para tornarem seus ferros menos odiosos, tinham de combater e obstar a invasão dos barbaros, que assollavam a Italia e mais tarde haviam de aggreir a peninsula. Tudo nos leva pois a crer que Caliabria foi construido por Trajano ou por Theodozio, os quaes, sendo hespanhoes, haviam de querer deixar na patria monumentos de sua memoria.

Em quanto á área do terreno comprehendido d'entro de seus muros, diremos que hoje leva de sementeira 40 alqueires de centeio, segundo nos affirmam todos os lavradores que o têm semeado. A superficie compõe-se de dois planos inclinados, formando um pequeno valle angular, cuja aresta constitue o diametro de todo o circuito. Ao norte, e da parte do Doiro, ha um espaço em forma de parallelogrammo terminado por marcos de canta-

ria, e tendo de comprimento 12 a 15 metros, e 9 a 10 de largura. No topo d'este paralelogrammo, existem grandes cunhaes de cantaria tombados em montões, deixando ver por entre elles tijolos, califa e pedra loisainha, de que é construida a muralha existente, sem liame e argamaga. Dizem que este espaço devia de ser o adro da Cathedral. caminhando d'este lugar ainda para a parte do Doiro, e junto do muro, maiores pedregulhos se observam; e notámos, que não seria difficil uma excavação, porque as pedras separaram-se facilmente, e existem entre ellas vãos d'alguia profundidade. Ao sul, e da parte da ribeira d'Aguiar, vê-se uma fonte de agua crystallina e saborosa, que no estio apaga a sede aos ceifadores, quando noutro tempo o fazia aos cidadãos. Fronteira a esta fonte e para o nascente, ficavam as portas da cidade, chamadas ainda hoje, portas do sol, e que já não existem.

A voz constante e geral é que, dentro d'estes muros (hoje de 2.<sup>o</sup> em alguns pontos, noutros de 1.<sup>o</sup>, 10 d'altura), houve uma cidade episcopal, que dizem chamar-se tambem Revena, e onde S. Apollinario foi martyrisado; o que é certo é que o corpo de S. Apollinario jaz 'numa capella da povoação d'Urros, fronteira a Caliabria, e cerca de uma pequena legua: a crença d'este povo é essa. No cume do monte onde está a capella do sancto, talvez mais de 60.<sup>m</sup> acima do nivel do Doiro, ha uma fonte, que communica com um poço, existente na capella, e dizem crescer ou diminuir a altura da sua agua, conforme o Doiro se eleva ou se abaixa.

Durante o imperio wisigothico, subjugados os suevos em 585, parece ter florescido Caliabria. A grande preponderancia do clero nas materias civis e criminaes, tractadas nos concilios, dava ao governo o cunho theocratico. A faculdade de eleger o monarcha confirmada no concilio 4.<sup>o</sup> de Toledo em 633, e a de dethronizar-o eram fracções do poder dos dois elementos da monarchia gothica—os magnates e os bispos. O rei apenas podia convocar o concilio; porque a approvação dependia d'estes. De todos os concilios, que tiveram logar na meia idade, os mais celebres são de certo os de Toledo; e foram n'estes que alguns bispos de Caliabria figuraram. Revolvendo as paginas dos diferentes concilios de Toledo, achamos ahi os seus nomes. No concilio 4.<sup>o</sup> em 633, no 6.<sup>o</sup> em 638, e no 7.<sup>o</sup> em 646, apparece o bispo de Caliabria Servusdei. No concilio 8.<sup>o</sup> em 653, figura, como bispo de Caliabria, Celedonio; e no concilio 15.<sup>o</sup> em 688, assigna-se Ervigio, bispo de Caliabria. Escriptores antigos testificam isto mesmo; posto que alguns queiram que esta Caliabria, ou Calabre seja da Italia e não de Portugal; o que parece destituido de fundamento. Existe na Italia uma Calabria, é verdade, provincia do reino de Napoles, porém cidade com este

nome, ignoramos-lhe a posição topographica, e cathgoria civil.

A Italia depois de Constantino continuou a ser uma das grandes divisões do imperio romano, pertencente ao occidente: comprehendia trez diocезes metropolitanas, que eram— a Italia, a Africa, e a Illyria occidental. De todas as diocезes e bispados da Italia nenhuma apparece com o nome de Caliabria, ou Calabria; pelo contrario as provincias da Calabria e Apullia estavam sujeitas á metropole de Luceria, que era a capital ecclesiastica das duas.

O imperio do occidente cahiu com a invasão dos barbaros: os godos dividiram-se em wisigodos e ostrogodos: os primeiros passaram á Hespanha, e formaram o vasto imperio wisigothico, que exclusivamente dominavam. Durante este imperio convocaram-se os concilios provinciaes de Toledo, dos quaes, e pelos bispos que assistiram, se collige, não tomarem parte n'elles senão os bispos de Hespanha e Lusitania, cuja Metropole era Merida, á qual Caliabria pertencia. Não póde portanto entender-se a Calabria d'Italia; já porque nem foi nem é cidade, já porque não fazia parte do imperio wisigothico, dado o caso que o fosse: de mais seu nome é diverso, porque foi sempre—Calabria na Italia, e na Lusitania dizia-se—Caliabria, e hoje—Calabre.

Que era Caliabria contada, no tempo de Wamba, entre as cadeiras episcopaes, e suffraganea a Merida, testifica-o Mariana na sua historia de Hespanha, acrescentando que havia desaparecido inteiramente.

Baudrand, —Diction. Geograf., e tambem De La Martinière—Diction, Geograf. verb. Caliabria, confirmam a opinião de Mariana, acrescentando—que foi uma das cidades que se perdeu com a invasão dos Sarracenos.

No Dictionario universal ecclesiastico verb. Hespanha, vem designada Caliabria como sede episcopal, e suffraganea a Merida, segundo a divisão feita por Wamba, e achada 'num manuscrito gothico na egreja d'Oviedo.

O nosso P.<sup>o</sup> Luiz Cardoso, Diccion Geograph. verb. Almendra diz—ha no seu districto um alto cerro, chamado Calabre, em que está uma grande praça e muralha muito forte dos moiros; porém está demolida e semea-se.

Raphael Bluteau, Vocab. Lusit. Latin. verb. Caliabria, diz—que foi cidade episcopal, de que restam só os muros, quasi demolidos no riba-Côa, junto ao Doiro e Aguiar. Alguns porém, como Moraes, Ambrozio e Marineo, julgam que ainda existe povoada, mas com o nome de—Montanjes.

Mas aonde fica Montanjes?

Poyares, no seu vocab. verb. Caliabria, diz—que existe ainda, chamando-lhe Calabre, que é Villa Nova de Foz-Côa. O mesmo, verb. Montanjes, diz—é logar de riba-Côa, que foi Caliabria: e diz logo—Calabre logar

do riba-Côa, que dista uma legua de Foz-Côa; e esta villa e Montanjes têm o mesmo nome de Caliabria. D'este escriptor tiramos nós duas consequências 1.º que Caliabria é hoje Foz-Côa 2.º que Caliabria dista uma legua d'esta villa; o que dá um paradoxo. Ainda mais — Montanjes também foi e é hoje a Caliabria antiga — logo, dizemos nós, Caliabria é Villa Nova de Foz-Côa, e ao mesmo tempo Montanjes!, estando estes dois logares separados. Nem Villa Nova de Foz-Côa está na chamada riba-Côa, nem Montanjes existe, pelo menos é povoação para nós desconhecida em toda a cima-Côa. D'este modo pensa Fr. Bernardo de Brito, dizendo que Caliabria pertencendo, no tempo dos Suevos, ao bispado de Viseu, foi erigida sede episcopal no imperio godo; e perdendo-se, ficou seu nome apenas, e seus restos firmes 'num monte, a uma legua de Villa Nova de Foz-Côa. Portanto Caliabria não pôde deixar de ter os seus restos na corôa do monte, chamado ainda hoje Calabre, termo d'Almendra.

Em que tempo começou a sua decadencia e ruina é ponto digno de particular attenção. A historia nada diz, e portanto recorremos a meras presumpções, que fundamentadas em factos historicos, podem ter algum valor.

*Continúa.*

F. A. VEIGA.

## OS LUSIADAS.

*Tradução franceza.*

### LES LUSIADES.

*Continuado de pag. 251 do IV vol.*

38

O Souverain des Dieux, toi de qui la puissance  
Regle cet Univers dont tu fus créateur,  
Pour quoi priverais-tu de sa noble espérance  
Ce peuple si longtemps l'objet de ta faveur?  
De tant de longs efforts la triste récompense  
Ainsi donc, à la fin, serait le déshonneur?  
Daigne exaucer ses vœux, et puisse ta justice  
Dévoiler en ce jour l'envie et l'artifice.

39

Si des soupçons jaloux, de noirs pressentiments,  
Ne remplissaient son cœur de funestes alarmes,  
Bacchus protégerait les braves descendants  
De celui, qui jadis fut son compagnon d'armes.  
Ne nous occupons plus de ces vils sentimens;  
Si ses anciens lauriers ont pour lui tant de charmes,  
Que loin de se livrer aux regrets envieux,  
Il cherche à ramener des jours si glorieux.

40

Et Toi des immortels le monarque et le père;  
O Toi, dont la constance est un des attributs,  
Protège ces héros, sois ferme et persévère  
Dans les nobles desseins par toi même conçus:  
Que Mercure semblable à la flèche légère  
Vole rapidement vers les fils de Lusus,  
Et que ce Dieu bientôt les guide et leur indique  
Un favorable abri sur la côte d'Afrique.

41

Ainsi parle en ce jour en présence des Dieux,  
Celui dont les combats lassent la renommée;  
Par un signe expressif du souverain des cieux  
La volonté de Mars est soudain confirmée.  
'A son ordre, aussitôt, d'un nectar précieux  
Qu'on répand à grands flots, la voute est embaumée,  
Les Dieux quittent l'Olympe, et traversant les airs  
Vont d'étoile en étoile, en leurs séjours divers.

42

Tandis que les destins de la Lusitanie  
Se pèsent dans le ciel; favorisé du vent  
Gama voyait déjà l'ardente Ethiopie  
Et l'aspect enchanteur des bords du St. Laurent.  
Il traversait ces flots où l'amant de Clytie  
Poursuit au fond des eaux de son flambeau brûlant  
Tous ces Dieux, qui jadis, dans leur terreur profonde  
En poissons transformés se sont enfuis dans l'onde.

43

Le Portugais jouit du souffle du zéphir,  
Qui semble de ces mers écarter les orages,  
Le ciel paraît déjà propice à son désir,  
Sur l'horison sercin il n'est point de nuages.  
Il passe le Prasus dont les vaisseaux de Tyr  
Connurent autrefois le nom et les parages;  
Ses regards, s'étendant sur la plaine de l'eau,  
Découvrent à l'instant un archipel nouveau.

44

En voyant ces pays le Héros intrépide,  
Qu'un bonheur sans mélange a constamment suivi,  
Vasco, de l'entreprise et le chef et le guide,  
Hésite quelque temps sur le choix d'un parti;  
A poursuivre sa route enfin il se décide,  
La côte lui paraît déserte et sans abri,  
Mais un événement, qu'il ne pouvait attendre,  
Sans changer ses projets le force à les suspendre

45

Il voit paraître au loin derrière les récifs  
De frêles batimens une flotte nombreuse,  
Gama se plait à voir sur des bateaux chétifs  
Des mortels affronter une mer dangereuse.  
Les marins ignorant leurs desseins, leurs motifs,  
Se demandent, remplis d'une ardeur curieuse,  
Quelles seront les mœurs, la croyance et les arts  
De ce pays nouveau qui s'offre à leurs regards.

46

Mais la flotte, qu'au loin ils avaient aperçue  
S'approche, les canots volent sur l'horizon,  
De feuilles de palmier chaque voile est tissée,  
De leur langue sauvage on distingue le son.  
De leur noire couleur l'origine est connue;  
Il faut t'en accuser, insensé Phédon,  
Quand remplissant les cieux de ton ardeur fougueuse  
Tu finis dans le Pô ta cours désastreuse!



47

Du coton bigarré qui fait leur vêtement  
On aime à regarder la bizarre parure,  
Quelquefois on le voit drapé négligemment,  
Plus souvent ses replis leur servent de ceinture.  
Leurs corps sont exposés aux traits d'un ciel brûlant,  
Un sabre, un bouclier, sont leur unique armure,  
Sur leurs fronts basanés ils portent le turban,  
Et s'avancent au bruit de leur clairon bruyant.

48

Agitant dans les airs une étoffe grossière  
Leurs signes répétés appellent les vaisseaux,  
Et l'escadre déjà navigue vers la terre;  
On resserre la voile, on mesure les eaux,  
A l'ardeur qui remplit la cohorte guerrière  
On croirait que ce jour termine ses travaux,  
Enfin on jette l'ancre, et dans la mer profonde  
Elle tombe, et ce choc a fait rejaillir l'onde.

49

Les Portugais à peine arrivés à ce port  
Sont entourés soudain par ces hôtes sauvages,  
La flotte retentit de leurs joyeux transports;  
On les voit s'élançer à l'aide des cordages;  
Avec douceur Gama les reçoit sur son bord,  
On leur offre à l'envi des mets et des breuvages;  
Et ce peuple brûlé des rayons du soleil  
S'enivre avidement d'un vin pur et vermeil.

50

Ils parlent presque tous la langue d'Arabie,  
Et demandent sans cesse aux enfants de Lus  
Quel dessein les conduit, le nom de leur patrie,  
Quelles mers, quels pays, leur flotte a parcourus.  
La troupe des héros de la Lusitanie  
Répondait par ces mots à leurs discours confus;  
Nous habitons les bords des mers occidentales,  
Et nous venons chercher les mers orientales.

51

Sur ces frères vaisseaux voguant vers le midi;  
Nous avons navigué vers le pôle antarctique,  
Nous avons découvert et longé jusqu'ici  
Le rivage inconnu de la côte d'Afrique,  
Nous sommes Portugais, sujets d'un roi chéri,  
Et pour plaire à ce roi puissant et magnifique,  
Ainsi que nous savons affronter l'Aquilon  
Nous verrions sans pâlir l'Averne, et l'Achéron.

52

Déjà depuis longtemps parcourant ces parages  
Dans l'espoir d'arriver jusqu'aux bords Indiens,  
Nous avons navigué, résistant aux orages,  
Au milieu des phoças, et des monstres marins.  
Mais vous, que nous trouvons sur ces lointains rivages,  
Veuillez nous confier votre nom, vos destins,  
Peut-être, répondant à notre juste envie,  
Pourrez-vous nous guider vers les côtes d'Asie.

53

Nés sous un autre ciel, enfants d'une autre foi,  
Nous sommes, répondit un de leurs interprètes,  
Etrangers à cette île, à son culte, à sa loi:  
Le sauvage habitant de ces âpres retraites  
De la raison encore semble ignorer l'emploi;  
Pour nous, adorateurs du plus grand des prophètes,  
Nous appartenons tous au peuple d'Israël  
Dont l'empire est immense et le nom immortel.

*Continúa.*

## TELEGRAPHIA ELECTRICA.

(Continuado de pag. 12.)

### *Telegraphos de Steinheil, e de Bain.*

Além dos telegraphos electricos, que temos descripto 'nesta succinta noticia, existem outros muitos systemas, que seria longo enumerar aqui. Mencionaremos, porém, os de *Steinheil*, e de *Bain*, porque são mui diferentes de todos os outros.

**Telegrapho graphico e phonetico.** Steinheil serve-se dosapparehos electro-magneticos em vez das pilhas, e da terra como de segundo conductor: para este fim um fio unico, em cuja extremidade existe uma lamina de cobre de 15 centimetros, se introduz no terreno. As agulhas movem-se da direita para a esquerda, por meio da electricidade, fazendo durante estes movimentos tocar diversas campainhas, cujos sons distinctos permitem que se falle uma linguagem musical, seguindo todas as notas da escala nos diferentes tons. Por um mechanismo especial, ao mesmo tempo que as agulhas se movem por meio da electricidade, tambem um papel de musica é movido verticalmente; e no momento em que uma das campainhas dá uma badalada, um tubosinho molhado em tinta marca na competente linha do papel um ponto, que indica o valor da *nota* dada pela campainha, de modo que um despacho telegraphico assim escripto assemelha-se a um solfejo de canto-chão.

Por este processo, ao mesmo tempo que os diversos signaes ou palavras, se obtêm a prova escripta d'esses tons, representados por outros tantos pontos sobre as competentes linhas do papel de muzica.

**Telegrapho electro-chimico.** Este systema, cujo auctor é Bain, parece uma inspiração do telegrapho de Morse. Como no telegrapho americano, os despachos são lançados sobre uma tira de papel, que se vai desenrolando pelo movimento de uma roda, ao mesmo tempo e em virtude da mesma força que transmite as communicações; o papel, porém, de que se usa no telegrapho de Bain é imbebido em iodureto de potassio. Este processo assenta na propriedade, que tem a corrente electrica, de decompor os saes metallicos, fazendo passar o metal para o pólo negativo. Quando pois uma haste metalica, tocando no papel chimicamente preparado, receber a corrente electrica, o iodureto de potassio, que elle contém, será decomposto no ponto tocado pela corrente, e o papel adquirirá nesse ponto a sua côr primitiva. Se a corrente for momentanea marcará só um ponto, se se prolongar marcará um risco, e isto

tantas vezes, e com tantos intervalos, quantas forem as correntes e a sua intermittencia.

Bain modificou ultimamente este aparelho, mas com pouca vantagem, pela morosidade que resultava na transmissão das letras por minuto.

## VII.

### *Organização do serviço dos telegraphos electricos.*

A America é incontestavelmente o paiz onde a telegraphia electrica tem sido empregada em mais vasta escala.

Nos Estados-Unidos o telegrapho electrico, nem é propriedade do Estado, como em França, e nos principaes estados d'Allemanha; nem é o monopolio concedido a uma companhia, como na Inglaterra.

N'America a transmissão dos despachos telegraphicos é objecto de industria particular exercida por muitas companhias, na administração das quaes o governo não tem ingerencia alguma, nem mesmo ellas carecem de auctorisação legal para se organisarem. A actividade do commercio, a extensão do territorio, as distancias a que se acham os grandes centros da população, em fim o amor de todas as innovações uteis, feições caracteristicas d'aquelle povo, taes foram as causas, que fizeram generalisar rapidamente 'neste paiz o estabelecimento dos telegraphos electricos, quando na Europa começavam apenas a ensaiar-se.

A concurrencia das diversas companhias tem feito, não só baixar o preço das communicações, mas facilitar essas mesmas communicações, que de trezentas se elevam hoje a seiscentas por dia em cada companhia, algumas das quaes possuem seis fios, custando cada despacho de dez palavras apenas um franco; e todavia apesar d'esta barateza é tal o movimento commercial em algumas das cidades dos Estados-Unidos, que em Nova York, por exemplo, negociantes ha, a quem as correspondencias pelo telegrapho electrico custam 400 francos por mez.

Os despachos são expedidos segundo a ordem da sua apresentação, e são transmitidos indistinctamente em todas as linguas, e até em cifras de segredo.

O jornaes americanos têm contractos especiaes com as diversas companhias para as suas communicações, e para este fim alguns d'entre elles estão associados, e são representados por um agente, que lhes transmite as noticias; assim mesmo os seis principaes jornaes de Nova York gastam por anno, com as communicações telegraphicas, 150:000 francos, o que corresponde a 25:000 francos por cada folha.

Em França foi a lei de 29 de dezembro de 1850, que regulou o serviço das linhas

telegraphicas; estabelecendo as condições necessarias para a expedição dos despachos dos particulares, e a tarifa dos preços, que são regulados segundo a extensão das respectivas linhas telegraphicas. Segundo aquella lei, um despacho de até vinte palavras deve custar 3 francos, mais o direito adicional de 12 centesimos por myriametro em proporção da distancia. Acima de 20 palavras a taxa augmenta um quarto por cada dezena de palavras. A lei de 7 de maio de 1853 tornou mais favoravel a tabella dos preços, fixando os despachos de 1 até 20 palavras em 2 francos, mais 10 centesimos por myriametro: o preço dos despachos trasmitidos de noite é o dobro.

Em Inglaterra está estabelecido por lei que todos, sem favor nem preferencia, tem direito de expedir ou receber communicações pelo telegrapho, salva unicamente a preferencia nos despachos do serviço real, ou da companhia dos telegraphos, *Telegraph Company*. Os preços estabelecidos por esta companhia são de 10 centesimos por milha, por cada 20 palavras, ou 6 centesimos por kilometro.

Esta companhia possui fios electricos na extensão de quasi quatro mil kilometros, e emprega mais de seiscentosapparelhos.

O rendimento dos telegraphos electricos tem de dia para dia augmentado extraordinariamente. Em França no mez de setembro de 1852, os despachos particulares renderam 40:000 francos, e logo no mez seguinte 60:000 francos. Hoje este rendimento tem quadruplicado.

A companhia dos telegraphos electricos de Washington a Nova York foi estabelecida em 1852, com o fundo de 370:000 dollars: anno e meio depois a sua receita total era de 385:641 dollars!

J. M. DE ABREU.

## INSTRUÇÃO PRIMARIA.

**Resposta ao sr. A. F. de Castilho, ácerca do Methodo portuguez, pela Associação dos professores do reino e ilhas.**

Continuado de pag. 33.

### QUESITO IX.

*Qual dos dous (metodos) affiança mais policia, attenção e decencia ás escholas?*

Appresentam-se n'este quesito as consequências d'uma só cousa, que o mesmo auctor do methodo portuguez não declara precisamente. Talvez d'aqui provenha o grande ardor, com que defende por exaggerados elogios as fantasiosas conquistas de preciosidades para o bem público, as quaes decidiu

fazer acreditar no seu methodo, que fere de morte a educação, que é o objecto, que ficou occulto, e é o ponto principal da questão. É com a educação que se affiança a boa ordem, ou a policia, que em si comprehende a attenção e a decencia. Qualquer methodo de ensino será bom, quando é conveniente ao professor, que leva os seus discipulos ao consequimento da attenção na escola. Este professor será sempre o que o methodo lhe proporcionar que seja: bom, se lhe der meios de se manter com a gravidade e sisudeza, de que não pôde abster-se sem offensa da educação.

Vamos aos fructos do estudo, e ás indagações sobre o methodo *portuguez*. Este incita as crianças a imaginar o que não podem apreciar nos fins, e nas conveniencias publicas. A experiencia nos mostra que ellas, com a sua natural mobilidade, não encontram no methodo moderno senão occasiões de hilaridade, de distracção e irreverencia, apenas o professor não só dê para isso motivo com os exercicios do dicto methodo, mas bastando que elle consinta que os discipulos façam os referidos exercicios, ou ainda qualquer d'elles. Os meios, que o methodo moderno estabelece, são contrarios aos seus fins; e é esta uma verdade, que superabundantes provas tornam incontrariavel. Semelhante peccado não está no methodo antigo, apezar de suas remediaveis imperfeições.

É na resposta ao presente quesito, por isso que elle tracta unicamente da policia, attenção e decencia nas escolas, que a commissão se vê compellida a descer a promenores ainda mais minuciosos do que nas respostas antecedentes. Tendo ella de examinar e comparar, nos seus trabalhos, e nos seus productos, as escolas do methodo *portuguez*, e as do anterior, a fim de que sobre esta base positiva possa dar uma sentença imparcial, julga do seu honrado dever não desprezar quaesquer factos favoraveis ou desfavoraveis ao methodo em questão. A commissão pois, com vehemente magoa, tem novamente de reccorrer a alguns factos, já apontados nas respostas ao 3.º e 5.º quesitos; mas agora expendidos com maior individualidade, e que, seguramente, devem ser de grande peso no juizo sobre o methodo *portuguez*. A camara municipal de Setubal, havendo estabelecido, a expensas suas, uma escola pelo methodo *portuguez*, pouco depois, pela falta de policia, d'attenção e decencia, nascida dos exercicios do mesmo methodo, sempre contrarios ás escolas e aos professores, teve, como unico remedio, de a mandar fechar, para assim terminar o grande mal, que via não poder impedir. Outro tanto aconteceu á escola creada na cidade de Castello-Branco. Estes factos não são poeticamente improvisados, documentos authenticos attestam a sua veracidade. Em

outras escolas pelo mesmo methodo, que hão desaparecido, algumas desaperecebidamente, se têm dado os mesmos casos de falta de respeito e subordinação. A propria escola do illustre auctor do methodo *portuguez* consta haver tambem succumbido pelos escandalos nella repetidos, e que ainda não podem esquecer.

Taes são as provas publicas, que matam o methodo *portuguez*, e lhe criam rijos adversarios, sempre armados de razões invenciveis. São estes adversarios os chefes de familia, que tiram as crianças d'estas escolas, declarando em alta voz que os discipulos, por este methodo, se arruinam na educação, e se inhabilitam para os outros estudos.

A commissão portanto, terminada aqui a sua resposta, pelas razões da analyse e da experiencia, pelas disposições de justiça e imparcialidade, entende que não pôde deixar de dizer que o methodo *portuguez* não affiança mais policia, attenção e decencia ás escolas, do que o methodo antigo.

### QUESITO X.

*Finalmente, em qual dos dous (metodos) se aperfeiçoará melhor e crescerá mais o professor primario aos olhos dos seus alumnos, no respeito das populações, na estima da sua propria consciencia, e no juizo da Providencia, cujo é delegado sobre a terra?*

Nas respostas aos quesitos anteriores, e particularmente ao 9.º, se tem mostrado com toda a evidencia, que o methodo *portuguez* não só traz consigo a decomposição moral, e a dissolução physica das escolas, onde é praticado, mas tambem que desconceitua o professor, que o exerce, e tanto mais, quanto mais genuinamente o methodo for observado. É necessario que se tracte d'este professor em complemento da ardua tarefa, imposta á commissão. A admissão do methodo moderno é inconveniente; e as razões, que auctorisam a commissão a assim o declarar, abundantemente ficam expressas nas suas diversas respostas, que não podem ser consideradas nuvens por castellos, nem palavras por idéas.

Tem provado a experiencia que, quanto mais zeloso for o professor pelo methodo *portuguez* no desempenho do seu ministerio, tanto mais se desconsidera, e destroe a policia da sua escola, abreviando-lhe a existencia na proporção da sua pontualidade. Desconsidera-se o professor, cantando, palmeando, contrafazendo sons, e fazendo tregeitos em presença dos seus discipulos; e tudo isto em observancia das disposições do methodo *portuguez*. As crianças tomando geralmente por divertimentos taes exercicios, que não podem ainda avaliar, levarão estes suppostos grace-

jos a folguedos e até ao enfurecimento d'alguns, por cantarem, gritarem, baterem palmas, imitando o professor. D'aqui nasce a inevitável decomposição moral, por taes exercicios levarem os discipulos a considerarem o seu mestre um companheiro no brinqueado, acabando com isto a reverencia, o respeito e a obediencia. Este mestre já não serve para manter a policia da eschola, que só d'elle pôde emanar. D'aqui provem a irremediável dissolução physica da eschola: abundantes são as provas d'esta verdade.

Tem tambem mostrado a experiencia que, ou o professor pelo methodo moderno ha de modificar, substituir, e por estas alterações abastardar o methodo, para ter alguma existencia a sua eschola, ou com o seu desempenho genuino ha de mais breve acabar a existencia da mesma eschola, ficando elle desconsiderado, e com grave prejuizo a instrução pública. As populações, que ignoram o methodo *portuguez* por ser, em geral, novo para ellas, cuidando que dos professores provém o maior mal, e ruina das escholas, hão de ter em pouco, e até mesmo desprezar estes professores; e, em vez de os olharem no engrandecimento, que o illustre auctor do methodo mordeno lhes augura, elles continuão a ser apupados, como, para vergonha do magisterio, o foram em Setubal e Castello-Branco. Nem o mesmo illustre auctor do methodo moderno escapou a tal desventura 'nesta capital, e n'outras partes.

Ve-se pois que o methodo *portuguez* inspira ás populações um sentimento bem contrario d'aquelle, que o seu illustre auctor certifica. As populações retiram seus filhos de tal ensino para os livrar de maior mal na educação. Os chefes de familia vão pedir aos professores, que pretendiam ensinar por este methodo, que continuem no ensino pelo methodo antigo, porque o moderno lhes não parecia proprio de pessoas sensatas. Este facto de que ha documento authenticico, deu-se, infelizmente, em 1853 na villa da Ericeira. Grita-se geralmente contra o ensino moderno, que induz os discipulos a zombar do mestre, e as populações a desprezarem os mesmos mestres. Com o methodo *portuguez*, teremos os paes não confiando seus filhos dos mestres; teremos um calamidade geral na instrução publica.

Finalmente, diz esta commissão que os delegados da Providencia não dilatam as trevas da ignorancia; destroem-na, porque imitam o Redemptor do mundo no disvelo da practica da verdadeira caridade, ensinando os ignorantes, dando luz á intelligencia dos meninos, e desenvolvendo-os das primeiras trevas. O Redemptor do mundo deixou nos seus discipulos os apóstolos, seus delegados; e os apóstolos, imitando o seu Divino Mestre, deixaram nos professores similhante delega-

ção á que haviam recebido, para que a caridade não soffresse. D'aqui nasce o magisterio, a que os professores pertencem. A commissão pois, que isto sabe e aprecia, diz, afim de não descer da sua alta dignidade, que o methodo *portuguez* lhe não convém, nem tambem convém ao público.

Esta commissão termina aqui a sua ardua tarefa, bastante ardua, assim por ter de expender o seu parecer em materia tão importante, e de tão alta gravidade, como por se achar assáz occupada no grande trabalho do magisterio. Taes foram os motivos, na verdade muito attendiveis, que obstaram a que a commissão fosse menos morosa no seu parecer, como desejava. Em fim, a commissão reconhece dever aproveitar esta occasião de tributar o seu profundo respeito, estima e consideração ao exm.º sr. Antonio Feliciano de Castilho, dignissimo commissario geral de instrução primaria pelo methodo *portuguez* no reino e ilhas, a quem

Deus guarde por dilatados annos.

Sala das sessões da commissão nomeada *ad hoc* pela associação dos professores d'este reino e ilhas, 23 de janeiro de 1856.

#### NOTA I.

Em 29 de novembro proximo foi visitada a eschola do Asylo da infancia desvalida de S. Thomé, a fim de se formar na practica um juizo sobre a proficuidade do methodo *portuguez*, e os resultados ahi obtidos são os seguintes:

Leitura individual. — Maria Candida, 11 annos de idade, cinco annos de frequencia, *trez* pelo methodo *portuguez*, e dous pelo antigo, leu soffrivelmente.

Adelaide Augusta da Conceição Antão, 11 annos de idade, quatro annos de frequencia, *trez* pelo methodo *portuguez*, e um pelo antigo, leu muito mal.

Maria José Pires, 11 annos de idade, quatro annos de frequencia, *trez* pelo methodo *portuguez*, e um pelo antigo, leu soffrivelmente.

José Guerra da Fonseca, seis annos e seis mezes de idade, quatro annos de frequencia, *trez* pelo methodo *portuguez*, e um pelo antigo, leu soffrivelmente.

Maria Gertrudes de Jesus, 7 annos de idade, quatro annos de frequencia, *trez* pelo methodo *portuguez*, e um pelo antigo, leu soffrivelmente.

Rosalina, 7 annos de idade, *trez* annos de frequencia pelo methodo *portuguez*, leu soffrivelmente.

No canto notou-se o seguinte: que algumas meninas não cantavam; outras estavam distraídas; no geral achou-se desentoação, o que, naturalmente, contribuia para que, a custo, se percebesse o que cantavam.

A orthographia adoptada tanto nos livros, por onde as meninas aprendem a ler, como na escripta, é a etymologica.

Nada se pôde ajuizar sobre contabilidade e escripta, por dizerem as mestras que estas disciplinas eram ensinadas pelo methodo antigo.

Nada tambem se pôde ajuizar ácerca do progresso em grammatica, analyse, elementos de historia portugueza, e civilidade, por se nos dizer que não se ensinavam estas disciplinas.

Não se pôde formar juizo sobre a leitura manuscrita, por nos esquecer esta circumstancia.

Segundo a opinião das mestras, que com toda a franqueza nos foi dada, o methodo *portuguez* não é repentino, e consome no ensino mais tempo do que o antigo, porque as pinturas, e os diversos valores dos elementos causam confusão ás crianças.

#### NOTA II.

Em 13 de dezembro proximo foi visitada a escola do Asylo da rua dos Calafates, e os resultados ahí obtidos são os seguintes:

No canto, em que se consumiu demasiado tempo, se achou muita harmonia, e bastante desinvolvimento nos preceitos theoricos do methodo *portuguez*.

Nada se pôde ajuizar sobre a leitura, por se conhecer na mestra certa repugnancia a que as meninas lessem individualmente, pretextando esta repugnancia com o estar a hora adiantada, e não poder alterar o tempo destinado aos differentes ensinios. Encontrou-se tambem a mesma repugnancia em se nos dizer o tempo, que as meninas tinham de frequencia, allegando-se-nos razões, que não julgámos attendíveis.

A orthographia adoptada tanto nos livros, por onde as meninas apprendem a ler, como na escripta, é, segundo nos foi dicto, a etymologica.

Nada se pôde ajuizar sobre contabilidade, por nos ser dicto pela mestra que o methodo *portuguez* ensina simplesmente a conhecer a numeração arabica e romana; nem tão pouco sobre a escripta, por falta de tempo.

Não se pôde tambem formar juizo ácerca do progresso em grammatica, analyse, elementos de historia portugueza, e civilidade, por se nos dizer que não se ensinavam estas disciplinas.

Segundo a opinião da mestra, que aqui se declara fielmente e com toda a ingenuidade, o methodo *portuguez*, no ensino de ler, é excellente, magnifico, e nada deixa a desejar.

NB. Muito desejava esta commissão visitar ainda mais algumas escolas dos Asylos; porém o máu tempo, e sobre tudo o trabalho do magisterio, a que está ligada, obstaram a

que ella podesse levar a effeito seus ardentes desejos.

O presidente, *José Pessoa*. — O relator, *Antonio Camillo Xavier de Quadros*. — O secretario, *Antonio José Baptista Hentze*. — *Antonio Pereira Ferrea Aragão*. — *Joaquim Antonio de Bastos*. — *João José Maria Jordão*. — *Antonio Joaquim de Figueiredo Eliser*. — *João Antonio Dias*. — *Manuel Bernardo da Fonseca Claro da Silva e Sousa*. — *José Florencio Michally*. — *Duarte Moreira de Campos*. — *José Maria Taveira*. — *Pedro Baptista Gonçalves de Macide*. — *Antonio Francisco Moreira de Sá*. — *José da Motta Pessoa de Amorim*. — *Domingos Felix Ferreira*. — *José Teixeira da Silva*. — *Antonio André Maciel* (vencido em partes). — *Joaquim Vital da Cunha Sargedas* (idem). — *João Rodrigues de Figueiredo* (vencido no todo).

### NOTICIAS LITTERARIAS.

As observações meteorologicas vão tomando grande incremento onde se tem a peito o progresso da meteorologia, sciencia que parece destinada a ministrar dados importantes ás outras sciencias physicas, mas que na verdade ainda está muito atrazada.

No observatorio meteorologico da escola polytechnica de Lisboa, já se fazem observações que merecem a attenção da academia das sciencias de Paris, e honrosa menção nos jornaes francezes. A faculdade de philosophia d'esta universidade parece querer seguir este nobre exemplo, e muito desejamos que 'nisto, como em tudo o mais, seja um modelo admirado 'neste paiz e fora d'elle. O gabinete de physica já possui dous excellentes barometros de Fortin, um hygrometro de Regnault, um anemometrographo electrico construido por Mr. Salleron, e um pluviometro; mas estes instrumentos, evidentemente, não bastam para se fazerem observações regulares e completas, de cuja discussão resultem grandes e novos resultados.

O *osone* que perece não ser outra cousa mais do que o oxigenio electrizado positivamente, e que, segundo as recentes observações de Mr. Scoutetten, é formado pela electrização d'este gaz expirado pelos vegetaes, pela do que se separa da agua, pela do que se desenvolve nas reacções chemicas, e finalmente pelos phenomenos electricos que reagem sobre o oxigenio do ar atmospherico, o *osone*, dizemos, é hoje um objecto de importantes observações, e para as fazer convinha que o gabinete de physica da universidade tivesse tambem um *osonometro*.

As indicações osnometricas, de feito, podem esclarecer muitos phenomenos meteorologicos ainda obscuros, e grande numero de factos do dominio da physiologia e da pathologia ve-

getal e animal. Sôbre a influencia do osone no estado sanitario de uma localidade, apresentou Mr. Wolf, na academia das sciencias de Pariz, uma interessante noticia. Grassava em Berne e Saanen, no verão de 1855, uma dysenteria epidemica, que, nos mezes d'agosto e setembro, produzia a media de seis a sete dejeções por dia, em vez de duas e meia, media ordinaria. Mr. Wolf, comparando as phases da epidemia com as indicações do osonometro, achou que a quantidade do osone, existente na atmospheria, era maior ou menor, segundo que a epidemia estava mais ou menos activa.

Uma das muitas questões que a meteorologia tracta de resolver é — quantos dias ha de ser em cada clima e em cada anno, e como se repartem esses dias. As observações actuaes, ainda as que melhor representam o estado do céu, não resolvem esta questão, porque os observadores não podem notar em seus registros, senão esse estado apparente em certas horas convencionadas. Mr. Pouillet fez ha pouco construir um instrumento simples, que trabalha por si mesmo, e ao qual chama *actinographo*. Funda-se em uma applicação da photographia, e tem por fim indicar os instantes do dia em que o sol apparece ou se esconde entre as nuvens, bem como o tempo que duram estas occultações.

É bem sabido que os liquidos se elevam ou se deprimem nos tubos capillares, segundo que são ou não susceptiveis de os molhar; sabe-se que a altura a que o liquido sobe nos tubos decresce, com a elevação da temperatura, e a lei de tal decrescimento foi achada por M. Brunner e muitos outros physicos. Porém nunca se investigou a exactidão d'essa lei em temperaturas superiores á ordinaria da ebulição do liquido. Mr. C. Wolf professor de physica no lyceu de Metz fez, com este intuito, sobre o ether sulfurico recentes experiencias, e observou que a 191° desaparece a columna liquida e a sua superficie torna-se plana — que a 198°, a superficie desce abaixo do nivel do liquido exterior e torna-se convexa. Parece pois existir, para cada liquido, uma temperatura á qual elle deixa de molhar o vaso que o contem, e que varia com a natureza do liquido e a do vaso.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes lugares d'instrução publica, desde o dia 1.º até 15 de maio corrente, em virtude de despachos do Conselho superior d'instrução publica, e decretos e portarias do Góverno communicados ao mesmo Conselho, no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Fortunato José d'Almeida, para professor temporario da cadeira de Albergaria a Velha, districto d'Aveiro.

Manuel Pedro Machado, para dicto de Coima, districto de Lisboa.

João Marques de Faria Faia, para dicto de Fratel, districto de Castello Branco.

Joaquim Manuel d'Almeida Diniz, para dicto de Portalegre.

Antonio Casimiro d'Almeida e Figueiredo, para dicto d'Arronches, districto de Portalegre.

Alvaro José dos Santos Claro, para dicto de Villa Verde do Estremo, districto de Villa Real.

Aurelio Augusto Pimentel d'Azevedo, para dicto de Riodades, districto de Viseu.

Daniel Maria Coelho Varão, para dicto da Marmelleira, districto de Viseu.

Francisco de Paula Ferreira Mendes, para dicto de Matacães, districto de Lisboa.

João da Cunha Lopes e Silva, para dicto de São Pedro de France, districto de Viseu.

João Lourenço de Barros, para dicto de Bellas, districto de Lisboa.

Manuel Gonçalves d'Almeida Bastos, para dicto do Sobral, districto de Viseu.

Manuel Mathews Rodrigues Sepeda, para dicto de São Julião, districto de Bragança.

Bento José de Mattos, para o lugar de ajudante da escola d'ensino mútuo de Viseu.

Joanna Vieira de Beltecourt, para mestra temporaria da escola de meninas da freguezia de S. Martinho, districto do Funchal.

Maria José da Silva Pinto, para dicta de Felgueiras, districto do Porto.

Antonio Domingues, para professor vitalicio da cadeira de Silva Escuro, por transferencia da de Sever do Vouga, districto d'Aveiro, decreto de 28 d'abril ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

João Lourenço dos Santos, para professor temporario da cadeira de latim de Mangualde, districto de Viseu, portaria de 3 de maio corrente.

Joaquim Freire de Macedo, para professor vitalicio da cadeira de historia, chronologia e geographia, da secção central do lyceu nacional de Lisboa, decreto de 30 d'abril ultimo.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, para o lugar de segundo substituto das cadeiras de medicina da escola medico cirurgica de Lisboa.

**O JORNAL DA SOCIEDADE AGRICOLA DO PORTO** publica-se no fim de cada mez, formando cada numero um folheto de não menos de 32 paginas.

Assigna-se no PORTO — na livraria de Moré, Praça de D. Pedro n.º 59, e 60; em casa de Cruz Coutinho, livreiro aos Caldeireiros n.º 14; no escriptorio da typographia Commercial, rua de Belmonte n.º 74. — Em COIMBRA, em casa de Moré e Companhia — Em LISBOA, na livraria de Lavado, rua Augusta n.º 8.

Preço da assignatura — por anno . . 1\$440 rs.  
" " — semestre . . 720 "

Não se recebem assignaturas por menos de um semestre, pago á entrega do 1.º numero sendo no Porto, ou pago adiantado sendo fóra do Porto. Para estas ultimas assignaturas, o jornal será enviado franco pelo preço acima marcado.

A correspondencia deve ser dirigida a A. L. F. Girão, Redactor do *Jornal da Sociedade Agricola do Porto*, Franca de porte.

Os annuncios relativos a agricultura recebem-se no escriptorio da typographia Commercial, rua de Belmonte n.º 74, sendo previamente pagos na razão de 40 réis por linha.

Todos os artigos que forem publicados no jornal, serão assignados por seus auctores.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## REGULAMENTO

DOS

### BANHOS DE LUSO.

*Administração dos banhos.*

Art. 1. A administração economica dos banhos de Luso, e todo o serviço do estabelecimento é incumbido, pela direcção da sociedade, a um medico director, e a um banheiro com os serventes precisos.

Art. 2. Os banhistas, pagarão vinte réis por cada banho de temperatura natural, que não exceder meia hora, a contar desde a entrada até á sahida do quarto do banho; e quarenta réis, por cada banho de temperatura artificial, tambem de meia hora.

Art. 3. Além das banheiras para banhos de meia hora com as taxas designadas no art. antecedente, haverá outras para banhos de trez quartos de hora, com a taxa de quarenta réis, para os banhos de temperatura natural, e de sessenta réis, para os de temperatura artificial.

Art. 4. Se o banhista se demorar no quarto do banho além do tempo designado para um banho, pagará segunda taxa; e demorando-se ainda além do tempo marcado para dois banhos, pagará terceira taxa, e assim progressivamente.

§. 1.º Nos dias de menos affluencia de banhistas, poderá o director permittir mais algum tempo para cada banho, do que o designado neste regulamento; uma vez que não se prolonguem os banhos para horas incommodas, e que os banhistas tenham sido avisados d'esta medida.

§. 2.º Quando se estabelecerem os banhos de chuva, de choque, de vapor, e outros, a assemblea geral dos accionistas lhes marcará as taxas.

Art. 5. Como ha em cada quarto de banho duas banheiras, estas serão occupadas ao mesmo tempo, por duas pessoas; e se algum banhista, por qualquer motivo, quizer ter a outra banheira desoccupada durante o seu banho, pagará taxa dobrada, como se foram dois banhistas.

Art. 6. É prohibida a entrada simultanea de pessoas de sexo differente, no mesmo quarto de banho, sem expressa licença do director, que só a concederá em casos excepçonaes, e muito urgentes.

Art. 7. São gratuitos os banhos de temperatura natural e artificial, para todos os pobres, e para os empregados do estabelecimento.

Art. 8. São considerados como pobres, para os effeitos do art. antecedente, todas as pessoas que se apresentarem ao director, com attestado de pobreza, passado pelo parcho da sua freguezia, e rubricado pelo administrador do concelho, ou presidente da camara; e além d'isso com outro attestado d'um facultativo legalmente habilitado, e tambem rubricado pelo administrador do concelho, ou presidente da camara, por onde conste que lhes são indicados os banhos de temperatura natural ou artificial.

§. 1.º Póde supprir aquelles dois attestados, uma guia de qualquer hospital ou misericordia, tambem rubricada pelo administrador do concelho, por onde conste a pobreza do individuo, e a indicação dos banhos.

§. 2.º As guias, e attestados de pobreza, serão archivados pelo director, e no fim da quadra dos banhos pelo secretario da direcção, para servirem de base aos processos judicaes que houverem de se intentar sobre a sua veracidade.

§. 3.º Se nos attestados dos pobres, não vier designada a qualidade, e o tempo dos seus banhos, ou se o medico director não os indicar d'outro modo; terão senhas para banhos de meia hora, e de temperatura natural; e em todo o caso, nas banheiras que lhes forem destinadas.

Art. 9. O pagamento das taxas dos banhos terá logar por meio de senhas de cartão ou metal, expostas á venda em logar determinado, e lançadas 'numa caixa á entrada do banho na presença do banheiro; os banhistas que pela sua demora no quarto do banho, houverem de pagar mais do que uma taxa, conforme o disposto no art. 4, entregarão as respectivas senhas, á sahida do banho.

Art. 10. Nas senhas dos banhos haverá a designação dos banhos de meia hora, ou trez quartos d'hora, de temperatura natural ou

artificial, e da respectiva taxa paga ou gratuita.

Art. 11. As caixas de que falla o art. 9, terão duas chaves, uma do director, e outra do banheiro; estas caixas serão abertas por estes empregados, quando for preciso; as senhas contadas, com a sua importancia; e tudo se lançará em um termo em livro apropriado, lavrado pelo banheiro, e assignado por ambos.

Art. 12. As senhas serão entregues ao vendedor pela direcção da sociedade, ou algum seu delegado, ficando o mesmo vendedor responsavel pela importancia respectiva. A entrega de novas senhas, ou a restituição de senhas que não se venderem constarão dos termos assignados pelo delegado da direcção, e pelo vendedor em cadernos rubricados pelo presidente da direcção da sociedade.

Art. 13. Uma lista de todos os banhistas, pela ordem da sua inscripção no livro do registro, indicará a ordem ou vez do banho, aos banhistas que se acharem ao mesmo tempo no estabelecimento, na occasião em que se forem desocuppando os quartos de banho.

§. 1.º O director, em casos de concorrência extraordinaria, ou quando o julgar conveniente, fará substituir estas listas, por tabellas, em que se marque aos banhistas a sua hora de banho, servindo-lhe tambem de base a mesma inscripção no livro do registro.

§. 2.º É permitido aos banhistas, a troca das horas entre si.

Art. 14. Nas listas ou tabellas de que tracta o art. antecedente, o banheiro, irá pondto sinais de convenção, que indiquem os banhos que for tomando cada banhista e a sua qualidade.

Art. 15. Além da casa d'entrada e corredores, para uso commum dos banhistas, haverá uma sala mais particular, para descanso, leitura, e jogo de vasa, onde só poderão entrar pessoas inscriptas na lista dos assignantes d'esta casa, ou suas familias, e que forem decentes no seu comportamento.

Art. 16. A taxa da assignatura da sala particular, de que tracta o art. antecedente, é de trezentos réis, por uma só vez, por todo o tempo que os assignantes se demorarem em Luso; e todo o serviço e regimen d'esta sala, será designado por um regulamento especial da direcção da sociedade.

§. unico. A taxa de que falla o art. antecedente, só poderá ser alterada por deliberação da assemblêa geral dos accionistas.

Art. 17. As horas de se abrir e fechar o estabelecimento serão fixadas pelo medico director, segundo a maior ou menor affluencia de banhistas.

§. unico. Fora d'estas horas, ainda o medico director poderá permittir que tome banho algum banhista, a quem seja muito precisa esta licença.

Art. 18. Dentro das casas de banho, e em todo o estabelecimento, é prohibido todo o comportamento que se julgar opposto á educação e bons costumes.

#### Medico director.

Art. 19. O medico director será nomeado annualmente pela direcção da sociedade; e o seu ordenado será previamente fixado pela assemblêa geral dos accionistas (Estat. da sociedade art. 8).

Art. 20. O medico director, no desempenho do seu emprego, é responsavel para com a direcção da sociedade.

Art. 21. O medico director, é obrigado a residir em Luso, desde o 1.º de junho até ao ultimo de novembro, não podendo ausentar-se, durante este tempo, por mais de quarenta e oito horas.

§. unico. 'Nalgum caso extraordinario poderá ausentar-se por mais tempo, deixando algum outro medico em seu lugar, se para isso for auctorisado com licença da direcção da sociedade.

Art. 22. O medico director fará todo o possivel por assistir á inscripção dos banhistas no livro do registro, todos os dias, das 8 horas ás 10 da manhã, segundo o disposto no art. 26, para dirigir a regularidade da escripturação, e evitar que fiquem na casa das — molestias — alguns padecimentos de segredo, de que tomará nota, nos seus apontamentos particulares.

Art. 23. O medico director ouvirá os banhistas que o quizerem consultar no gabinete do estabelecimento, ou noutra parte, não lhe ficando imposta a obrigação de fazer este serviço gratuitamente, se não aos banhistas que tiverem banhos gratuitos.

§. unico. Tambem serão gratuitos os conselhos que dêr a qualquer banhista, quando espontaneamente o procurar para se informar dos seus padecimentos, como dados de que precisar para a estatistica medica, ou para os dirigir sobre o máu uso, que estejam fazendo dos banhos ou aguas.

Art. 24. Compete ao medico director, fazer cumprir este regulamento; e em especial:

1.º Dirigir toda a escripturação do livro do registro, e das listas, ou tabellas, conforme o que se acha disposto nos artt. 13 e 26.

2.º Fazer a estatistica medica de todos os banhistas, e de todas as pessoas que fizerem uso interno das aguas do estabelecimento, ou das ferreas de Bussaco.

3.º Co-ordenar o resultado das suas observações physicas e chimicas, sobre as aguas de Luso, e as ferreas de Bussaco, com o resultado das suas observações meteorologicas.

4.º Fiscalisar a administração economica do estabelecimento, evitando o desleixo, e



prevaricações, no pagamento da taxa dos banhos.

5.º Evitar ou reprimir as irregularidades do serviço do banheiro e serventes.

6.º Designar as banheiras destinadas a molestias contagiosas e ascorosas, e as que forem destinadas a banhos de pobres, e de preços diferentes.

7.º Designar o serviço dos banhos, segundo a inscripção dos banhistas, por meio de listas ou tabellas, conforme o disposto no art. 13.

8. Providenciar de prompto sobre qualquer precisão ou occurrencia no estabelecimento, dando parte á direcção da sociedade, das medidas adoptadas.

9.º Mandar ao secretario da direcção, até ao dia 20 de dezembro, um relatório do serviço do estabelecimento, em que se mencionem as difficuldades que se encontraram na execução d'este regulamento, os meios de as remediar, etc., mencionando em seguida o movimento dos banhistas, com o rendimento dos banhos, a estatística medica, e o resultado das observações, de que trata o tit. 3 d'este art.; mandando igualmente o livro do registo, com as contas do estabelecimento; instruidas como os termos da entrega das senhas ao vendedor, e outros documentos.

§. 1.º Estas contas serão organisadas de combinação como delegado da direcção, e assignadas por ambos.

§. 2.º Estes relatórios do medico director, serão copiados todos os annos pelo secretario da direcção, em um livro appropriado.

### *Banheiro.*

Art. 25. O banheiro será nomeado pela direcção, e a assembléa geral dos accionistas, marcará o maximo do seu ordenado, delegando na direcção o seu ajuste definitivo (Estat. da sociedade art. 8).

Art. 26. Ao banheiro compete:

1.º Inscrever no livro do registo o nome, sexo, residencia, idade, estado e profissão de todos os banhistas, não só dos chefes de familia, mas ainda de todos os filhos e mais familiares; declarando-se tambem, se tomam banhos com fins hygienicos, ou a molestia que padecem, e o seu resultado depois dos banhos, quando seja possivel; e declarando finalmente o numero de banhos que forem tomando, e a sua qualidade.

2.º Patentear no escriptorio do estabelecimento, durante a quadra dos banhos, o livro do registo a todos os vogaes da camara municipal da Mealhada, e a todos os accionistas da sociedade, dando-lhes verbalmente ou por escripto os esclarecimentos de que precisarem.

Art. 27. Para o cumprimento do art. antecedente n.º 1.º, o banheiro não consen-

tirar que tome banho nenhuma pessoa, que não esteja inscripta no livro do registo, ainda mesmo que seja algum visitante, que só queira tomar um banho de limpeza.

Art. 28. É da obrigação do banheiro:

1.º Organisar as listas ou tabellas de que tracta o art. 13, §. 10, affixal-as no estabelecimento, e regular por ellas o serviço dos banhos.

2.º Prohibir a entrada dos banhistas nas casas de banho, sem que tenham lançado na caixa a respectiva senha, conforme o disposto no art. 9, e sem que estejam inscriptos no livro do registo na conformidade do art. 26.

3.º Fazer despejar e lavar cada banheira que acaba de servir, guardando a chave da torneira inferior.

4.º Fazer enxugar os estrados e moveis dos quartos de banhos, á sahida de cada banhista; e conservar em boa ordem e asseio toda a mobilia dos quartos e mais casas do edificio.

5.º Ventilar as casas de banhos, desde a sahida de cada banhista, até á entrada do immediato, e sempre que estiverem desoccupados os mesmos banhos.

6.º Fazer lavar todos os dias, o pavimento de todas as casas de banho, no interval-o desoccupado entre os banhos da manhã, e os banhos da tarde.

7.º Fazer lavar, todos os sabbados, o pavimento dos corredores, e de todas as casas do edificio; incluindo as de sua habitação.

8.º Mandar varrer todo o edificio, duas vezes por dia, antes dos banhos da manhã, e antes dos banhos da tarde.

9.º Vigiar o aquecimento da agua das banheiras de temperatura artificial por meio de machina de vapor, fazendo tomar á agua a temperatura de 33 graus do thermometro centigrado, para os banhistas que não designarem os graus de temperatura que lhe foram indicados.

10.º Fazer lavar com cinza, todos os dias á noite e ao meio dia, todos os copos em serviço do estabelecimento; e alem d'estas, as vezes que for preciso, para que se achem sempre no maior asseio; e conservar tambem na maior limpeza as duas fontes de agua mineral, e agua commun.

11.º Fazer toda a escripturação relativa á sala particular de que tracta o art. 15, e o serviço de guarda da mesma sala.

12.º Conservar em limpeza os terreiros em volta do estabelecimento; fazer regar as arvores, e flores, e conservar o buxo na altura conveniente, etc.

13.º Dar parte ao medico director, para este o communicar á direcção, das faltas que achar nos moveis e utensilios do estabelecimento; assim como das difficuldades que encontrar na execução d'este regulamento.

Art. 29. O banheiro é obrigado a residir

no estabelecimento, em toda a quadra dos banhos, que tem principio no primeiro de junho e acaba no fim de novembro, podendo alli viver o resto do anno, se quizer.

§. unico. Se o banheiro não viver em Luso desde dezembro até maio, a direcção providenciara, como julgar conveniente, sobre a guarda do estabelecimento 'nesta epocha.

Art. 30. O banheiro póde cozinhar todo o anno no fogão que lhe for destinado; mas só lhe será abonado o combustivel durante a quadra dos banhos.

Art. 31. O banheiro fará cumprir as disposições d'este regulamento dentro do edificio dos banhos, empregando meios de boa educação e urbanidade; e quando não seja attendido, dará parte ao medico director, que só em casos extremos recorrerá á auctoridade competente.

Art. 32. Durante a quadra dos banhos, o banheiro desempenhará as attribuições de guarda dos materiaes das obras de Luso, e de apontador das mesmas obras, quando estas pelo seu vulto, não exijam um empregado especial para este serviço.

#### *Serventes.*

Art. 33. O numero dos serventes de ambos os sexos, a sua nomeação, e o seu ajuste serão confiados á direcção, e propostos pelo director dos banhos.

Art. 34. Os serventes dos banhos fazem o serviço de lavagem e limpeza do estabelecimento, e o mais serviço que lhes indicarem o director e o banheiro.

§. unico. Entre os serventes, haverá um especialmente encarregado do serviço de fogueiro da machina de vapor.

#### *Direcção da Sociedade.*

Art. 35. O secretario da direcção da sociedade lançará todos os annos, em um livro appropriado, o inventario de todos os moveis e utensilios do estabelecimento; e mandará ao banheiro uma cópia d'este inventario, que o torne responsavel por aquelles objectos.

Art. 36. Finda a quadra dos banhos, o thesoureiro com a direcção da sociedade, organisarão as contas do estabelecimento, e as sujeitarão á approvação da assembléa geral dos accionistas no 1.º de janeiro, e seguidamente da camara municipal; e logo que sejam approvadas, abrir-se-ha o pagamento dos juros de 5 por cento, de todo o capital empregado; e tambem o pagamento de parte do mesmo capital, na proporção da quantia que sobrar de todas as despesas do estabelecimento.

§. unico. Este pagamento terá logar em Coimbra.

Art. 37. O vencimento dos juros de todo o capital empregado nas obras dos banhos, na

conformidade do art. 16 dos Estat. da sociedade, terá logar no 1.º de janeiro de cada anno, e serão pagos pelo rendimento dos banhos da quadra anterior.

Art. 38. Será reservada na thesouraria da sociedade, a quantia que for orçada para as despesas indispensaveis no estabelecimento, ate ao principio da seguinte quadra de banhos.

Art. 39. A direcção da sociedade solicitará das auctoridades administrativas dos districtos de Coimbra, Aveiro, Viseu, e Leiria, a publicação á missa conventual, e nos logares mais publicos de todas as parochias, d'uma circular em que a direcção annuncie a abertura do novo estabelecimento, dando conhecimento dos artt. 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8, d'este regulamento.

Approvado em sessão da direcção da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, de 27 de abril de 1856. — O presidente, *Antonio Luiz de Sousa Henriques Sécço*. — O secretario, *Antonio Augusto da Costa Simões*.

Approvado em sessão da assembléa geral dos accionistas da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, de 4 de maio de 1856. — O presidente, *Antonio Luiz de Sousa Henriques Sécço*. — O secretario, *Antonio Augusto da Costa Simões*.

Cópia do accordão n.º 586, tomado em sessão do conselho d'este districto de 3 de junho de 1856, sob a presidencia do exm.º governador civil, Anthero Albano da Silveira Pinto, sendo vogaes, Agostinho Fernandes Melicio, João de Moura Coutinho d'Almeida e Eça, Francisco Manuel Couceiro, Luiz Antonio da Fonseca e Silva, José Simões de Paiva, e Bento José Rodrigues Xavier de Magalhães.

Sobre o regulamento dos Banhos de Luso contido em trinta e nove artigos, confeccionado, e approved em sessão da direcção da sociedade de 27 d'abril ultimo, e egualmente approved em sessão d'assembléa geral dos accionistas para o melhoramento dos Banhos de Luso de 4 de maio proximamente findo; remetido pelo presidente da camara municipal do conselho da Mealhada a este tribunal, com o seu officio do 1.º do corrente, a fim de ser sujeito á sua approvação — Accordam os do conselho de districto, que visto, e examinado o presente regulamento, lhe prestam a sua approvação, para produzir os seus effeitos legaes, por isso que as suas disposições, sem conter infracções de lei, tendem a promover um dos melhores estabelecimentos de utilidade pública. — Pinto — Melicio — Moura Coutinho — Couceiro — Fonseca e Silva — Paiva — Bento de Magalhães.

Está conforme — *Luiz Candido F. de Moura*

## O CASTELLO DE CALIABRIA.

Continuado de pag. 42.

Os ultimos reis do imperio wisigothico Witiza e Rodrigo corromperam-se a ponto de abrirem um abismo ao seu imperio. Rodrigo instigado pela ambição destroniza a Witiza, creando d'esta arte dois inimigos valentes e poderosos, o Conde Julião e Oppas, arcebispo de Hispalis ou Sevilha—o primeiro, por causa da violencia feita a sua filha Florinda; Oppas, por não soffrer que a corôa gothica cingisse outra cabeça, que não fosse d'algun de de seus sobrinhos, filhos de Witiza. Ambos, preferindo ver passar a corôa de seus avós para a raça musulmana, a conservar-se nos seus, junctam-se a Mussa, e em Xerez, no anno de 714, derrotam a Rodrigo completamente: os que escapam á derrota e furia agarena correm para as Asturias. levando por chefe o grande Pelagio, fundador do reino d'Oviedo, e irmão da heroína do bem conhecido e excellente poema—o *Eurico*

Os moiros ficaram senhores da Peninsula: seguiu-se uma lucta viva entre os infieis e os christãos: a antipathia religiosa era grande; portanto a desordem devia de paralisar os congressos christãos: muitas egrejas foram privadas de seus pastores; porque os arabes procuravam substituir ao evangelho o alcorão, como haviam convertido a corôa no crescente. A cadeira episcopal de Caliabria devia de seguir a sorte de muitas outras profanadas pelo alfange sarraceno. Deixou de haver bispos, e começou a declinar o brilho e poder de Caliabria com a arribada d'esse enxame devastador.

Contra esta raça atrevida, restava ainda um punhado e fermento de godos, que lhe haviam de fazer continua guerra. Com effeito Pelagio, dois annos depois da batalha de Xerez, venceu Alahor, e seus descendentes, os reis de Leão, batalharam sempre, e foram sempre vencedores. D. Affonso I toma Leão e assenta alli a sua côrte; D. Affonso o Magno derrota os moiros em Viseu e Chaves: D. Affonso V. alarga mais seus dominios: D. Affonso VI., depois da morte de seus irmãos, reunindo os estados legados por seu pae Fernando Magno, derrota de todo os infieis; fere-os no coração com a tomada de Toledo em 1085, e fica a peninsula quasi completamente restaurada.

No meio d'esta lucta seguida e tão dura-doira devia de soffrer Caliabria, cuja ruina apressaram os saques e a assolação. Mas em que tempo, em que reinado foi desbaratada, despovoada, e reduzida a cinzas? Diz-se que a sua cadeira episcopal passou para a cidade Rodrigo, onde se encontram documentos do nome e sitio de Caliabria; tal é a opinião de S.<sup>a</sup> Roza de Viterbo no seu *Elucidario*.

Se porém notarmos que a Cidade Rodrigo foi edificada ou reconstruida por D. Fernando II de Leão em 1165, segundo nos diz o sr. Alexandre Herculano e outros escriptores, só depois d'esta epocha podia Caliabria deixar de ser cathedral, pela passagem da sede para aquella cidade; e por isso Caliabria devia naturalmente existir ainda em tempos posteriores a D. Affonso Henriques. Uma doação feita por Fernando II á sé da Cidade Rodrigo e ainda alli existente, convence-nos do que levamos dicto.

Que desaparecesse uma cidade, de que ainda restam alguns vestigios, sem que um só escriptor ou antiquario nos conte como teve logar este successo, muito é para lamentar! Esses restos da Caliabria famosa, que firmes em seus alicerces atravessaram tantos seculos, inspiraram-nos esta humilde poesia, unico tributo que podemos pagar a tão veneraveis reliquias da antiguidade.

Eu sou velho... minha origem  
'Num véu negro s'escondeu!  
De meus paes nada me dizem,  
Não sei quem aqui m'ergueu.  
Fallam-me na gente celta,  
No povo que até ao Delta,  
Rhoddes, Creta, o mar sulcou;  
E que Tyro grandiosa  
A rainha mais formosa  
Do mediterraneo tornou!.

Fallam-me em carthaginezes,  
No povo que ao meu paiz  
Em vão tentou por mil vezes<sup>2</sup>  
Domar-lhe a altiva cerviz!  
Mas qual d'estes? — não sei nada!  
Da historia malfadada  
Apenas meu nome ouvi!  
Tudo quanto hei passado  
'Neste monte alcantilado  
Tudo, eu pobre, leio ahi!..

Eu fui grande!... e tal grandeza  
Não tinha méta nem fim!  
Da aguda setta a rigeza  
Era nada para mim;  
Minha muralha cerrada  
Co'a mesma força embotada  
Repellia-a com desdem;  
Minha firmeza desmente  
O ariete valente;  
E d'elle mofei tambem.

Os suevos, os alanos,  
Pasmaram do meu 'splendor.  
'Nestes muros os romanos  
Encontraram meu vigor:  
Por estes despenhadeiros,

<sup>1</sup> Fallamos dos Phenicios navegadores.<sup>2</sup> O Povo Romano.

Ousados aventureiros,  
Espumando, rolar vi,  
Vindo um echo gembundo  
Do Doiro grande e profundo  
Repetir-me um — ai! — aqui.

'Neste espaço eu encerrava  
Cazas, ruas, paços mil;  
O meu nome retumbava  
Desde aqui té ao Xenil!  
Eu, o Calabria potente,  
Por toda essa antiga gente  
Sempre me fiz respeitar:  
Os godos meus conhecidos  
Por estes montes floridos  
Viram meu brilho sem par!...

Eu fui grande! O meu passado  
Teve encantos e fulgor.  
D'esse meu tempo doirado  
Lembrar-me eu!... é pena, é dôr!..  
Envolto 'nessa mortalha  
De minha velha muralha,  
Fui cidade episcopal.  
Hoje!... quem 'neste recinto  
Penetrar... dirá que minto.  
Bradará que não fui tal!..

Ide á cidade Rodrigo  
Lá no reino de Leão;  
E de tudo quanto digo  
Provas bem certas lá estão.  
Ouvireis meu nome e fama,  
E de longo e bello drama  
Ser eu um famoso heroe.  
Ouvireis minha desgraça  
Causada pela vil raça,  
Qu'inda hoje me corrôe!

Mas sou velho!... a ira, a raiva,  
Que ás vezes turbar-me vem,  
Não quero que o mundo as saiba,  
Não as vibro contra alguem.  
Uma coisa m'entristece...  
Que ninguem se compadece  
D'este meu triste jazer!...  
Que não me votem um canto,  
Que recorde o solio sancto,  
Meu valor, e o meu poder!..

Eu sou velho?!... minha ossada  
Por sec'los avultará...  
A fronte desfigurada  
Ergo-a firme! e firme está!  
Dos montes que senhoreio  
Ainda não tive receio.  
Elles... muitos!... eu... um só!  
Eu gigante e corpulento  
D'elles fracos, mais d'um cento,  
Esforçado, tenho dó!.

Este Doiro ruidoso  
C'o bramir de seus cachões;

E seu leito mal vistoso  
De cachopos em montões  
O meu socego não turva...  
Não m'abate!.. não me curva!  
E loucura se o tentar!..  
A meus pés sempre humilhado  
Rugirá, pobre, coitado!  
Sem que te possas vangar.

O Aguiar tão pequeno  
Juncto a mim eil-o a correr!..  
Este rio puro, ameno  
Nada me quer esconder;  
Foi sempre submisso e ledo:  
'Num revelado segredo  
Eu eri sempre e tive fe.  
O Doiro... esse... é orgulhoso!..  
Indomavel alteroso,  
Só elle cuida que o é!

Fui grande!... Mas d'esse estado  
Que bens tenho a disfructar?!  
Meu dominio foi roubado:  
Qu'riam-me o nome roubar;  
Mas não poudes a vil gentilha:  
Em vão s'esforça e trabalha!..  
Calabria sempre ficou!..  
E desde os carthaginezes  
Até hoje aos portuguezes  
Calabria se me chamou!...

Coimbra, 24 d'abril de 1836.

FRANCISCO ANTONIO VEIGA.

## A LUZ ARTIFICIAL.

Continuado de pag. 234 do IV vol.

A actividade dos espiritos que, desde o começo d'este seculo, se inclinou para as applicações industriaes dos agentes physicos, mechanicos e chimicos, descobriu, na chamma do gaz hydrogenio carbonado, uma rival poderosa da chamma do aceite obtida na alampada de corrente d'ar.

Conheciam os physicos a chamma da *alam-pada philosophica*, e facilmente a podiam obter, incendiando o hydrogenio á sahida de um tubo estreito ou terminado em pequeno orificio. Dava uma claridade mui fraca: mal se percebe em presença da luz do dia. Notou-se que o hydrogenio carbonado produzia chamma incomparavelmente mais viva do que o hydrogenio puro. Reconheceu-se que o carvão de pedra, aquecido em vasos fechados, desenvolvia grande quantidade de hydrogenio carbonado. A experiencia foi pouco e pouco ensinando a construir reservatorios fluctuantes, com bastante capacidade para conterem o gaz, com sufficiente mobilidade para o leva-

rem regularmente a tubos subterraneos. Achou-se a forma que mais convinha dar ao bico, onde sahe o gaz que se inflamma. Inventaram-se contadores, que mostram quanto de gaz sahe do reservatorio, e entra em cada uma das casas dos consumidores.

E o resultado de todos estes aperfeiçoamentos successivos foi uma industria immensa, que emprega trabalhadores aos centos e capitães aos milhões. A physica, a mechanica e a chimica tiveram mais uma occasião de serem applicadas as suas theorias, e os aperfeiçoamentos que sempre nascem da observação dos factos. Facilitou-se a illuminação de logares, onde difficilmente se estabeleceriam outrosapparelhos. E d'ahi, innumeraveis noções que se diffundem pelos trabalhadores, os quaes pouco e pouco vão adquirindo conhecimentos, que a classe elevada da sociedade nem sempre traz das escholas.

A instrução practica, que a direcção superior dos estudos deve fazer prevalecer, corresponde a esta tendencia nova da sociedade, inclinada cada vez mais á applicação, á *sciencia utilitaria*. Os inglezes tomaram dos allemães esta bella divisa — a cabeça e a mão, *mente et manu*. E a quem pretender reclamar os direitos da theoria pura, dir-lhe-hemos que, em geral, a reflexão completa os conhecimentos practicos; mas que a theoria nem sempre é praticavel. Bacon dizia — ha mais sciencia nas officinas do que nas universidades. Hoje devemos estar convencidos de que não basta saber, é mister tambem saber praticar. O pensador e o obreiro, a cabeça e a mão, a theoria e a practica não devem andar separados. Oxalá que um dia possamos afirmar, como os heroes de Homero — gloriamo-nos de valer mais que os nossos maiores!

Ἡμεῖς δὲ οὐ πατέρων μὲν ἀμείνων εὐχμεθ' εἶναι.

Voltemos ao nosso assumpto. Com a invenção da luz, o mundo industrial e scientifico produziu tanto, que bem podia julgar-se que ia repousar um pouco na contemplação do seu prospero successo. Mas não foi assim, não ficou, como diz Ariosto, o *espírito vivo de uma creatura finda*,

EL VIVO SPIRITO D'ELLA MORTA SPOGLIA.

O genio activo da sciencia industrial brada de continuo ao homem — Avante.

Depois do-gaz, que muito mais aproveitou do que a alampada, descobriu-se a luz electrica, e dous habéis physicos, MM. Foucault e Fizeau, ousaram comparal-a ao sol. Para fazer idéa exacta do poder d'esta luz, era mister ver em Pariz officinas, ao ar livre, illumina-das por ella, como o seriam pela luz do dia. Que de vantagens não podem as theorias d'optica derivar d'esta luz, que se presta á

illuminação dos logares mais inacessiveis aos raios do sol, que penetra a nevoa mais densa e capaz de absorver e inutilisar qualquer outra especie de illuminação?!

Mais duas palavras a respeito de uma luz, que precedeu a electrica, que foi abandonada por causa d'ella, mas que, em alguns casos, a pôde substituir com proveito: queremos falar da luz resultante d'um pau de giz mergulhado no oxigenio e hydrogenio, misturados na proporção conveniente para produzir agua, e inflammados á sahida do reservatorio que os contem. Esta formosa luz, quasi rival da electrica, é devida ao tenente inglez Drummond, e por isso lhe chamam os da mesma nação *Drummond light*.

É necessario advertir que, sendo esta mistura extraordinariamente explosiva, cumpre tomar serias precauções para que se não incendie toda a massa gazosa; o que succederia inevitavelmente, se a chamma, que arde no orificio, podesse retrogradar para o interior do reservatorio. Separando, por tubos, o reservatorio do ponto onde se effectua a combustão, fazendo alem d'isso passar o gaz a través de redes metalicas; evita-se que a chamma retrograde.

Se enchermos d'esta mistura gazosa um vaso de gomma elastica e, comprimindo-o, fizermos passar o gaz por um tubo estreito a travez de uma dissolução de sabão contida em um almofariz, formam-se bexigas que, na proximidade de um papel inflammado, detonam violentamente, produzindo um estrondo similhante ao do canhão, ou, mais exactamente, ao ruido penetrante de um obuz. Esta mistura é a que, encerrada num reservatorio e inflammada, á sahida d'elle por um pequeno orificio, produz uma chamma pouco brilhante que, indo quebrar-se contra um pedaço de giz ou de cal viva, torna esta tão incandescente, que os olhos não podem supportar-lhe o brilho. Se esta luz, assim como a electrica, fosse mais manevavel e menos cara, seria mui utilmente applicada aos pharóes, cujo fim é indicar, a grandes distancias e apezar da nevoa e cerração, a presença da terra e de seus perigos, aos navegantes que se approximam da costa.

As seguintes noções theoricas á cerca d'esta curiosa produção de luz devem de interessar o leitor.

Os corpos em geral não se tornam luminosos a uma mesma temperatura: repetidas experiencias demostram que os mais duros são os que primeiro incandescem. Assim que, expondo á mesma fonte de calor duas hastes, uma de ferro, outra de cobre; a primeira faz-se em braza, quando a segunda ainda não dá signal de luz. Por isso um liquido, para se tornar luminoso, precisa de mais calor que um corpo solido. E o que se observa no vidrio: faz-se em braza antes de fundir, escurece

apenas funde, e não recupera a incandescencia, senão applicando-lhe um grau de calor mais elevado.

Um gaz, por tanto, carece de uma prodigiosa temperatura para se tornar luminoso. Ora a combustão só por si produz essa temperatura, e é bastante para incandescer um gaz qualquer, como o empregado na illuminação ordinaria, ou a mistura detonante de que fallamos. Se 'neste gaz aceso imergirmos um pau de giz, este corpo solido, em contacto com o gaz luminoso, adquirira uma temperatura elevadissima e dará luz muito brilhante.

Eis-ahi como se pôde figurar a violenta ignição que nasce de um corpo solido em contacto com uma chamma activa; porém os nossos conhecimentos, em relação a este ponto delicado da theoria do calor e da luz, ainda estão muito atrasados.

*Continúa.*

## OS ANNUNCIOS EM INGLATERRA.

Continuado de pag. 221 do IV vol.

Em 1709 começou o *Daily Cowrant* a annunciar regularmente os divertimentos publicos, e os outros jornaes logo o imitaram. Um d'estes divertimentos, ainda hoje muito frequente em Inglaterra e já então predilecto dos habitantes da Gram-Bretanha, era o pugilato, denominado *Boxe* em inglez. Este genero de combate, pouco usado em Portugal, é muito da indole dos insulares cujos alliados temos a honra de ser. Um inglez *pur sang*, quando offendido, nunca pucha pela navalha, como o portuguez e o hespanhol, nem joga a *savate*, como o francez. *Good god!* isso fôra *shocking*. Arregaça tranquillamente as mangas da camisa; eleva o punho até a altura do nariz do seu aggressor, que, não se pondo logo em guarda, breve sente aquelle terrível ariete bater-lhe nas fossas nasaes, não já serena e placidamente, mas com arremesso e impeto.

A continuação do combate não se pôde descrever: é uma confusão de socos, de gritos dos dous adversarios, de epithetos pouco parlamentares, que mutuamente se dirigem; de maneira que ninguem se entende. O sangue, sulcando aquelles rostos contrahidos, goteja sobre as camisas, e as manchas; circulos azulados se desenhão onde assentou o punho, e pouco e pouco se vão alargando pelas faces dos combatentes. É um espectáculo ascoroso e immundo, mas ao mesmo tempo caricato, e risivel. Innumeros gaiatos circumdam os belligerantes, rindo e zombando.

A isto os inglezes chamam *divertir-se muito* e por isso não admira que sofram tanto de *spleen*.

O *boxe* que esboçamos é o *boxe* combate, o *boxe* desfôrço d'uma injuria, 'numa palavra o *boxe* a valer; porque ha outro que é um simples jogo, uma sombra do primeiro. No *boxe* jogo, os adversarios têm o peito e as mãos protegidas. Este genero, na epocha que nos occupa, era menos vulgar.

Acham-se em alguns jornaes d'então a noticia de varios desafios ao pugilato. Os desafios timbravam em não recusar o duello. As proprias mulheres não duvidavam empregar esta logica, tractando as suas questões particulares. Sabemos, pelo *Daily Post* de 7 de julho de 1728, que *Anna Field* de *Stoke Newington* desafiara a *Isabel Stokes* de Londres ao socco, e que o desafio fôra logo aceite, como o declara a propria reptada, em um dos seguintes numeros do mesmo jornal.

Os combates de gallos eram tambem mui frequentes 'naquelle epocha. Ainda hoje conservam os inglezes a mesma paixão, e nem as sociedades protectoras dos animaes, nem a civilisação, que 'naquelle paiz tão rapidamente progride, têm conseguido sequer diminuir-a. O povo continua a acudir aquelles divertimentos, e é sempre na presença do grande numero que se trava a luta.

Os gallos, seguros pelos seus respectivos padrinhos, estão nas extremidades d'um eirado feito de proposito e-guarnecido, em toda a roda, de grades que fecham o circulo, para que os belligerantes fugindo não evitem o combate, e deixem os circumstantes desapontados.

Quando o inspector, ou juiz do campo dá o signal, os padrinhos soltam no eirado os gallos, que se postam em frente um do outro. Este momento é o mais solemne. Cessa toda a algazarra; ondêa apenas pela multidão um susurro indicador de curiosa expectativa; estão os olhos todos fitos nos combatentes, que se contemplam immoveis, e como que se medem com a vista. Nos pés despojados dos naturaes exporões, brilham acieates de aço polido. Pouco e pouco as pennas se lhes encrespam; apuram-se-lhes as cristas, e pressurosos batem os flancos com as azas meio abertas.

Qual se cose com a terra; qual se firma nas pernas, para mais veloz formar o salto. Um e outro procura lançar-se de improvisio sobre o adversario e apanhal-o desprevenido. Decidem-se, acomettem-se ao mesmo tempo. A força d'aquelle primeiro recontro é tal, que quasi sempre ambos cahem no chão. Aturdidos ainda da pancada, levantam-se e de novo pelejam. Continua o combate e parece augmentar cada vez mais a furia dos gallos. As pennas esvoaçam pelo ar, o sangue tinge-lhes a multicolor plumagem, e por fim fica um, quando não ficam ambos mortos no campo.

Causa dó ver aquelles dois bellos animaes

romperem-se o peito irados e com o desesperado esforço, que só uma nobre colera pôde produzir; e isto tem o simples fim de divertir o público.

Findo o combate o gallo vencedor, quando o ha, é levado em triumpho por seu dono e pelos que por elle apostaram. Curam-se-lhe depois as feridas com todo o esmero e cuidado, para breve poder entrar 'noutro duello.

*Continúa.*

S. H.

## NOTAS

AO

### ENSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA,

OBRA POSTHUMA

DE

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

Continuado de pag. 35.

Assim para ser exacto devêra o nosso auctor ter dicto: que a verdade mathematica não consiste senão na legitimidade com que os theoremas se derivam das hypotheses: e estas são sujeitas á lei de se conformarem quanto fôr possível com a experiencia. Se a hypothese é contraria á experiencia, se eu supponho que tal palavra designa idéas que não são communs a todos os que d'ella se servem; tudo quanto edificio sobre taes hypotheses, sobre taes definições ou axiomas, não é trabalho util, são delirios.

Porém que ninguém julgue ser isto proprio e privativo das mathematicas. O mesmo acontece em todas as outras sciencias. Em todas ellas se pôde dizer, que a verdade theoretica não consiste senão na legitimidade com que os theoremas se derivam das hypotheses, entretanto que a verdade prática consiste na conformidade da asserção com as experiencias.

Se eu supponho determinadas significações ás palavras *virtude, vicio, amor, inveja*, etc. e d'estas definições derivo varios theoremas, a verdade moral (theoretica) consistirá na legitimidade com que eu os deduzir. E no caso das mesmas hypotheses ou definições, serem conformes á experiencia, isto é, ao que os homens em commun entendem por aquellas palavras; haverá tambem verdade prática.

O mesmo succede com as sciencias physico-mathematicas.

P. 4 l. 7.

Nos principios mathematicos de philosophia natural, não ha definições senão de nomes.

Definições só de nomes nem se podem dar, nem se encontrará livro algum, onde se supponha pretenda definir senão nomes.

Comparando a citada obra de Newton com as outras do mesmo genero, não se encontra outra differença no que toca a definições, e axiomas, senão que Newton tendo-se proposto applicar a mathematica á physica, chama leis o que os outros chamam axiomas ou definições, porque se haviam proposto como tractados puramente mathematicos: e é sabido que o que é lei da natureza em physica, deve-se chamar definição, axioma, ou lemma 'numa sciencia inteiramente abstracta.

Fallando propriamente de definições, não conheço nenhuma nos livros de mechanica, que 'nelles se não devesse encontrar. Podem-se accusar de serem más, porém não de serem escusadas.

P. 6 l. 21.

*Tem-se empenhado em achar demonstração mathematica d'aquellas leis, porém de balde.*

Estou muito longe de querer fazer a apologia das definições (ou se se quiserem chamar antes axiomas) erigidas em theoremas pelos differentes auctores. Mas estou igualmente longe de condemnar todos os que tendo posto certas definições no principio de seus tractados puramente mathematicos, derivam d'ellas como theorema o que 'numa obra physico-mathematica, como a de Newton, eram axiomas de physica, ou se se quizer, leis da natureza. Não de outro modo o nosso auctor nos seus sublimes principios mathematicos dá por definição de potencia o que os outros mathematicos demonstram, a seu modo, como propriedade, que derivam da definição que dão da mesma palavra potencia: e por consequente José Anastacio converte em theorema esta definição dos outros.

P. 7 l. 6.

*Subtilezas que antes pertencem ao que chamam ontologia e cosmologia.*

É verdade que os livros d'estas duas sciencias se acham vergonhosamente afeados com futeis subtilezas, e com grosseiros absurdos; mas pôde-se dizer d'ellas o que deixo dicto, na introdução a estas notas, a respeito da metaphysica em geral. Aqui sómente acrescentarei as definições d'estas duas sciencias, quanto ao meu modo de ver, porque não pareça que me empenho em defender os absurdos, que debaixo d'estes titulos têm publicado innumeraveis auctores, cujos nomes ou já são hoje inteiramente esquecidos, ou de todo desprezados.

Assim deixando de parte as idéas que este ou aquelle acrescenta ás palavras ontologia, cosmologia, creio que o sentido fundamental, em que tomam estas palavras os que d'ellas se servem, é que a ontologia abraça as definições dos nomes e os theoremas das propriedades communs a todos os entes — a cosmo-

logia sómente as que pertencem aos corpos, que se consideram como partes de um systema.

D'aqui se vê que aquella parte da ontologia que respeita aos corpos, e que serve de base á cosmologia, é o que eu na introdução a estas notas chamei a *mataphysica mechanica*: e o que os philosophos não-geometras chamaram cosmologia, é o que os mathematicos reivindicaram com grande vantagem da sciencia, debaixo do nome de *systema do mundo*.

### P. 713.

*A inercia dos corpos e a composição do movimento têm sido principalmente objecto da fadiga de alguns dos maiores geometras. Mas se o tractado que escreveis é puramente mathematico, a inercia vac sempre incluída na hypothese. Todas as vezes que 'num theorema ou problema suppozdes o corpo quieto, quieto o tereis, porque assim o suppozestes.*

O auctor tem razão; mas nem por isso são para censurar os que escrevendo tractados puramente mathematicos, quizeram demonstrar a inercia dos corpos.

O auctor suppõe, que elles entendem, como deveriam, por causa de movimento, aquella que uma vez posta, o corpo até então quieto se move com certa velocidade e direcção, até se suppôr outra causa de movimento.

Mas nem sempre se faz o que se deverá fazer: e os mathematicos têm limitado de ordinario o nome de causa de movimento áquella que posta, o corpo, até então quieto, se move, isto é, começa a mover-se, ou, o que vem a ser o mesmo, muda de lugar. Mas para preencher esta condição, basta que elle se mova no primeiro instante. Logo é preciso demonstrar que se elle se move no primeiro instante, não parará, em quanto não houver outra causa igual e contraria á primeira. O mesmo digo do estado de quietação. Ora isto é que é demonstrar a inercia dos corpos.

É verdade que jámais a poderão demonstrar: e por isso é que digo, que erraram em tomar uma tão limitada definição de causa de movimento: mas não se lhes pôde oppôr, que a razão de elles a não poderem demonstrar é por ella se achar já incluída na sua supposição. Antes a razão de elles a não poderem demonstrar é o não se incluir a perpetuidade do movimento na sua supposição da presença d'uma causa d'elle.

### P. 913.

*Que ha de resultar d'estas duas causas junctas? [na composição do movimento]. — Que deve resultar do conflicto das duas causas contradictorias?*

Contradictorias só o são na supposição de serem eguaes e contrarias. Em todo outro caso, são supposições muito compatíveis, uma

vez que se entendam os termos. Mas como se haviam elles de entender, se os mathematicos nem suspeitas tinham de que elles precisassem de definição?

Lisongea-me infinitamente haver-me encontrado com José Anastacio em ter sentido esta necessidade. Se ao definir nos afastamos um do outro, é porque elle indignado do abuso que outros tinham feito da *mataphysica*, fazia uso a medo das luzes que o seu claro entendimento lhe descobrira 'nesta sciencia, que unicamente o podia levar ao descobrimento da verdade, se elle afouta e confiadamente a tivesse cultivado.

### P. 913.

*Ha de descrever uma recta depois da outra?*

Esse caso está excluído pelas *hypotheses* do problema, pois que elle diz que o movel pela força F deve descrever a recta AB, e que ao mesmo tempo deve pela força G descrever a recta AC.

### Ibid. l. 14.

*Ha-de descrever alguma outra linha, e que linha?*

Isso é dado pelo problema; pois que elle diz, que essa linha deve satisfazer ao mesmo tempo a duas equações da linha recta. A quem resolve o problema, pertence provar se isso é possível ou impossível; mas sem mudar o problema, não se pôde duvidar da natureza da linha pedida.

### Ibid.

*Em que direcção?*

Tambem essa é dada pelas equações do problema.

### Ib. 15.

*Ha-de ficar parada?*

Tambem isso se deriva das mencionadas equações dadas, mas sómente no caso de resultar d'ellas que a linha da direcção é  $\equiv 0$ .

### Ibid.

*Ha-de-se anihilar, transformar?*

Eu não concebo a razão por que o auctor no decurso d'este ensaio mistura ás objecções serias, que o seu entendimento não lhe suggeria, as chimeras de certos mathematicos, que elle mais que ninguém reconhecia por phantasticas e absurdas. Parece inerivel que elle diga seriamente que ninguem pôde demonstrar *à priori*, que o corpo não se aniquila!

Eu creio que a propensão a ridicularisar os absurdos consagrados pela veneração das escholhas de mathematica, é causa do nosso auctor fazer menção d'elles, ainda quando a serie do discurso o não pede, com tanto que a occasião e o modo de os apresentar faça sentir o quanto são ridiculos.

*Continúa.*



## COMPENDIO POPULAR DE ZOOLOGIA,

**Brevissima descripção do reino animal — por João Ignacio Ferreira Lapa.**

Para recomendar este livro basta o nome do sr. Lapa, assaz conhecido pelos seus compendios de mechanica, de physica e chimica, e de agricultura, premiados pelo conselho superior d'instrução pública.

O compendio de zoologia, ultimamente publicado, veio enriquecer a bibliotheca popular de sciencias naturaes: o seu auctor conhece que a zoologia deve ser um complemento da instrucção primaria, e que tambem é necessaria para o estudo das sciencias industriaes; por isso, ministrando mais um elemento para o desenvolvimento da instrucção popular, bem mereceu da patria.

As pessoas encarregadas de dirigir esta instrucção incumbem aproveitar a obra do sr. Lapa, adoptando-a para as escholae de instrucção primaria, vulgarisando este ramo da historia natural, e concorrendo para que o auctor receba uma justa recompensa de suas fadigas, e até barateie a obra, como convem a livros d'este genero.

O auctor, dotado de uma natural disposição para o estylo compendioso, tornou a zoologia accessivel até a intelligencias pouco cultivadas, não só pela clareza da linguagem, mas tambem pela concisão da descripção. Com as generalidades que precedem a zoologia descriptiva, e as que vêm em frente de cada um dos quadros e das classes, muito facilitou o estudo d'esta parte da historia natural. Mas seguiu na classificação dos animais o methodo natural, antepondo o rigor da sciencia á simplicidade do systema que, em relação ao destino d'este livro, se poderia preferir.

Tambem nos parece que as estampas intercaladas no texto, como o auctor usará nas suas obras anteriores, poderiam ser mais facilmente consultadas.

M. P.

## NOTICIAS LITTERARIAS.

**Navio gigante.** Em Milwall, mandou a companhia ingleza de navegação oriental construir um navio a vapor de 22000 toneladas, com 207 metros de comprimento e 25 na maior largura. O interior está dividido por dous repartimentos longitudinaes, e trez transversaes, methodo de construcção cellular, que tem a duplicada vantagem de tornar a embarcação muito resistente ao choque, e de localisar a agua que possa fazer. O apparelho motor comprehende dez caldeiras tubulares

com dez fornalhas cada uma, e duas enormes machinas da força total de 2600 cavallos, as quaes fazem mover duas rodas lateraes e um helice. Póde accomodar 10:000 toneladas de carvão, reserva sufficiente para o consumo de 38 dias de viagem a todo o vapor. Assim que, auxiliado pelas velas irá da Inglaterra á Australia e voltará, sem mudar de rumo, nem demorar-se em parte alguma para receber carvão. Em caso de necessidade transporta 10:000 passageiros.

**Observações meteorologicas.** Por ordem dos ministros do interior e da instrucção publica, estabeleceram-se, em França, vinte e quatro estações meteorologicas, cujas observações apenas feitas, são transmitidas ao observatorio imperial de Pariz, pelos telegraphos electricos. Os instrumentos empregados nestas observações deviam de satisfazer a condições espeziaes, taes como serem facil e rapidamente observaveis, conservando todavia a exactidão dos instrumentos ordinarios, Mr. Liats foi um dos que acudiu a esta necessidade, inventando um novo barometro de uma só leitura, o qual se gradua por comparação com um padrão, no recipiente da machina pneumática. Este barometro satisfaz cabalmente ás condições exigidas. Cumpre fazer adoptar este systema de observações simultaneas nos outros paizes, e publicar os resultados obtidos, para que passando logo ás mãos dos amigos da sciencia, seja prompta e fructifera a sua discussão.

**Chloroformio.**—Este perigosissimo agente é mui recomendado por Mr. Liégard nos partos acompanhados de vivas dores nos rins e d'agitações quasi convulsivas, na eclampsia puerperal. Em taes circumstancias o chloroformio é um remedio innocente; mas deve ser empregado em pequena dose, bastante, todavia, para produzir a insensibilidade. E facil, diz Mr. Liégard, conhecer o momento em que se deve suspender a etherisação—se a mulher deixa de gritar; se o pulso, menos frequente, se torna regular e a respiração larga e facil é igual; pare-se,—se o utero continúa a contrahir-se com regularidade e energia, não ha receio, continue-se; a vida organica está intacta, a etherisação não passou além dos lobos cerebraes.

**Pão de bolota.** Mr. Thorel, pharmaceutico de Avellon, fez da bolota um pão que diz muito nutritivo e grato ao paladar. O processo para o obter é o seguinte. Empregam-se 4 kilogrammas de farinha de trigo, 4 kilogrammas de bolotas descascadas, 200 grammas de carbonato de soda, 15 grammas de sal marinho, e uma garrafa de vinagre. Forma-se primeiro uma massa com a farinha e fermento; fervem-se as bolotas no vinagre e carbo-

nato de soda, e ainda quentes esmagam-se com um rolo; desfazem-se depois em agua quente, e o producto lança-se sobre a massa já preparada, com a qual se mistura convenientemente, e põe-se a levedar. O pão assim obtido custa 20 a 25 centesimos cada kilogramma. E de notar que Mr. Braconnot já tinha achado que as bolotas descascadas contem 37 por cento de fécula e 7 de assucar; merece pois alguma attenção este objecto.

## GABINETE DE LEITURA DO INSTITUTO DE COIMBRA.

### REGULAMENTO.

Art.º 5.º §. 2.º Os assignantes do jornal, querendo ser assignantes do gabinete pagarão, além da assignatura do jornal, 300 rs. mensaes.

§. 3.º Os assignantes do gabinete pagarão por mez 480 rs.

§. 4.º As prestações dos assignantes do gabinete mencionadas nos §§. precedentes, são pagas adiantadas.

O gabinete recebe actualmente 72 jornaes, que são os seguintes:

#### DE LISBOA.

Diario de Governo.  
Diario da Camara dos Deputados.  
Revista Contemporanea.  
Revista Peninsular.  
Gazeta dos Tribunaes.  
Escholaste Medico.  
Gazeta Medica.  
Jornal de Pharmacia e sciencias accessorias.  
Jornal da Sociedade Pharmaceutica.  
Jornal do Commercio.  
Instrução Pública.  
Missão Portuguesa.  
Beneficencia.  
Domingo.  
Civilisação.  
Revolução de Setembro.  
Imprensa e Lei.  
Nação.  
Portuguez.  
Revista dos Espectaculos.

#### DO PORTO.

Jornal da Sociedade Agricola.  
Jornal da Associação Industrial Portuense.  
Commercio do Porto.  
Cruz.  
Nacional.  
Periodico dos Pobres.  
Braz Tisana.  
Ecco Popular.  
Lidador.  
Porto e Carta.  
Portugal.  
Monarchia.  
Verdade.  
Grinalda.

#### DE COIMBRA.

Instituto.  
Revista Juridica.  
Conimbricense.  
Popular.  
Tribuno.

#### DE BRAGA.

Bracarense.  
Atalaya Catholica.  
Pharol do Minho.  
Murmurio.

#### DE AVEIRO.

Campeão do Vouga.  
Imparcial.

#### DE VALENÇA DO MINHO.

Razão.

#### DE LAMEGO.

Lamecense.

#### DE LEIRIA.

Leiriense.

#### DE SETUBAL.

Setubalense.

#### DE VIANNA DO CASTELLO.

Aurora do Lima.

#### DA ILHA DA MADEIRA.

Ordem.  
Discussão.

#### DA ILHA DE S. MIGUEL.

Açoriano oriental.  
Correio Michaelense.  
Ilha.  
Aurora dos Açores.

#### DA ILHA TERCEIRA.

Lyceu.  
Agregense.

#### DO BRAZIL.

Diario do Maranhão.

#### DE MADRID.

Porvenir Medico.  
Chronica de los Hospitales.  
Revista de las obras publicas.  
Revista Universitaria.

#### DE BARCELONA.

Alianza Medica.

#### DE PARIS.

Institut 1 e 2 section.  
Cosmos.  
Revue des deux mondes.  
Journal d'Agriculture pratique.  
Athenium.  
Comptes Rendus des séances de l'Académie.  
Illustration.  
Presse litteraire.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares, d'instrução pública, desde o dia 15 até ao fim de maio ultimo, em virtude de despachos do Conselho superior d'instrução pública, e decretos e portarias do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

#### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio Cazimiro d'Almeida e Figueiredo, para professor temporario da cadeira d'Arrouches, districto de Portalegre.

Alvaro José dos Santos Claro, para dicto de Villa Verde do Estremo, districto de Villa Real.

Aurelio Augusto Pimentel d'Azevedo, para dicto de Riódades, districto de Viseu.

Daniel Maria Coelho Varão, para dicto da Mar-meleira.

Francisco de Paula Ferreira, para dicto de Matacães, districto de Lisboa.

João da Cunha Lopes e Silva, para dicto de São Pedro de France, districto de Viseu.

João Lourenço de Barros, para dicto de Bellas, districto de Lisboa.

Manuel Gonçalves d'Almeida Bastos, para dicto do Sobral, districto de Viseu.

Manuel Matheus Rodrigues Sepeda, para dicto de São Julião, districto de Bragança.

Bernardo Pinto de Sousa Alvim, para dicto de Villa Secca, districto de Viseu.

João Joaquim dos Reis Monzinho, para dicto da Casa Branca, districto de Portalegre.

José Diogo d'Azevedo Barata, para dicto d'Albu-feira, districto de Faro.

José de Pena Madeira e Abranches, para dicto de Penalva d'Alva, districto de Coimbra.

Gonçalo Pires Bandeira, para dicto de Nespereira, districto de Viseu.

José Francisco de Almeida Soares de Carvalho, para dicto de São Silvestre, districto de Coimbra.

Miguel de Sousa Pinto Mousinho da Silveira, para dicto de Castello de Vide, districto de Portalegre.

Bento José de Mattos, para o logar de ajudante da eschola d'ensino mútuo da cidade de Viseu.

#### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Ignacio Correa Carneiro, para professor temporario da cadeira de latim de Villa do Conde, districto do Porto, portaria de 17 de maio ultimo.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

## RELATORIO ANNUAL.

1852—1853.

Continuado de pag. 39.

### *Instrução superior.*

Este ramo de instrução pública acha-se reconcentrado, principalmente na universidade, a qual no meio das convulsões políticas, que tem abalado, entre nós, quasi todos os estabelecimentos, se não tem sido inteiramente estranha a elles, tem comtudo conservado na sua marcha tal firmeza e regularidade, que bem mostra serem os corpos scientificos, quando tem lançado raizes na antiguidade, os esteios mais firmes do Estado e da ordem pública.

A universidade não só tem sido conservadora d'essa ordem, mostrando-se firme como a rocha no meio das tempestades; mas tem acompanhado o progresso da civilisação sem abalar a sociedade. Reformada pelos decretos de 5 de dezembro de 1836, e de 20 de setembro de 1844, e dotada com novos ramos d'ensino, que n'ella faltavam, não só os tem cultivado com esmero, mas tem aperfeiçoado os methodos d'ensino; tem formado novos compendios, traduzido outros, e adoptado os melhores, de que ha noticia.

Não queremos dizer com isto que tenha chegado ao ultimo aperfeiçoamento, e que não precise de muitos melhoramentos; mas queremos confirmar a opinião já emitida na consulta de 16 de janeiro d'este anno, de que não precisa de reforma radical; mas somente das parciaes, que, quasi desapercebidas, e sem estrepito, vão accumulando nos estabelecimentos e instituições os fructos da reflexão, e da experiencia, que são os mais sazonados e saudaveis. Algumas d'essas reformas acham-se indicadas nos relatorios das diversas faculdades, e no do prelado da universidade; e muitas d'estas já tem sido levadas ao conhecimento de V. M. em varias consultas d'este conselho.

Entre ellas avultam, como mais urgentes, na faculdade de direito a criação d'uma cadeira de direito administrativo: na de medicina, o accrescimento de casa para alargar os hospitaes: na de mathematica, a de novos instrumentos para o observatorio. Em quanto á cadeira de direito administrativo, a criação d'ella já foi proposta pelo conselho superior d'instrução pública, na consulta de 8 de novembro de 1850. Como porém essa criação depende d'uma lei, e d'accrescimento de despeza, não duvida elle adoptar o arbitrio proposto pelo prelado da universidade, de substituir com ella a 2.<sup>a</sup> de direito canonico; para o que não é precisa lei, nem accrescimento de despeza; e talvez mesmo possa ser feita pela respectiva faculdade.

A necessidade de edificio mais largo para os hospitaes já de ha muito tempo é reconhecida; e já para esse fim foi destinado o edificio do convento de S. Bento pela portaria de 27 de dezembro de 1849, declarando-se no relatorio da faculdade de medicina de 1849—1850, que a transferencia dos hospitaes para aquelle edificio era tão necessaria, como o dinheiro para a alimentação dos doentes. Para levar a effeito esta transferencia é preciso destinar no orçamento a verba de despeza, assim como para o tractamento de maior numero de doentes, que tem affluido aos dictos hospitaes; em quanto se não pozer em practica o arbitrio proposto pelo prelado da universidade, de entregar estes á administração da misericórdia e municipalidade da cidade.

Para a compra dos instrumentos necessarios para o observatorio, já pela lei de 23 d'abril de 1850 foi autorisada a respectiva despeza; e por isso resta somente verificá-la; porque sem isso mal podem os trabalhos feitos no dicto observatorio ter o grau d'exactidão indispensavel para serem uteis, e correspondem ao fim para que são feitos.

Nos relatorios dos estabelecimentos annexos á universidade acham-se indicadas algumas necessidades, que é preciso remediar. Na secretaria são precisos amanuenses, que possam auxiliar os empregados d'ella carregados d'annos e de servicos, e exercitarem-se nos trabalhos d'ella, para poderem substituir aquelles. Na bibliotheca são precisos livros modernos, e jornaes, para cuja despeza não

chega a dotação actual, nem para a continuação dos catalogos das livrarias dos conventos extinctos, os quaes se acham incompletos. Na imprensa é preciso renovar os typos e prelos, e promover outros melhoramentos, para o que convém autorizar a conferencia d'ella, para fazer essa despesa pelos seus rendimentos, como já se tem feito por mais vezes.

Depois da universidade são comprehendidos no ramo da instrução superior a academia polytechnica do Porto, e as escolas medico-cirurgicas d'esta cidade de Lisboa, e do Funchal. No relatório da academia polytechnica pondera-se a necessidade d'um jardim botânico, de local para o laboratorio chimico, e de reparos no observatorio astronomico. Estas necessidades já se acham satisfeitas em parte, pelo decreto de 20 d'outubro ultimo, que mandou distribuir o edificio e cerca do extincto convento dos Carmelitas da cidade do Porto entre a dicta academia e a escola medico-cirurgica.

Assim ficaram tambem satisfeitas as instancias d'este ultimo estabelecimento, no que respeita á largueza do local para as aulas, e officinas. Em quanto ás outras, a que se refere no seu relatório, já o conselho teve occasião de mostrar o valor, em que devem ser tidas.

Das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Funchal nada pôde dizer o conselho, por que ainda não recebeu os seus relatórios.

Da imprensa regia de Lisboa continua o conselho a ter informações muito vantajosas pelo seu relatório, que veio acompanhado d'um projecto de regulamento já impresso, e posto em practica, com feliz resultado, segundo a informação do administrador, que pede a sua approvação.

Tambem chegaram ao conselho os relatórios das bibliothecas do Porto e Braga. Em nenhuma d'ellas apparece melhoramento digno de consideração: e a de Braga, além da morosidade da camara na construção das obras necessarias, teria soffrido grande prejuizo com o estabelecimento do collegio d'alunos internos no lyceu, se se houvesse de dar credito ás declamações do bibliothecario no respectivo relatório: porém tem um genio caustico e caprichoso, que lhe faz encarecer os defeitos de todas as obras, de que não é auctor, e perde assim o credito que devia merecer pelo seu zelo e intelligencia. Por este resumido quadro da instrução publica entre nós se vê que, se não tem dado passos de gigante, tambem não tem retrogradado. Os progressos que tem feito em tempos d'angustia e inquietação, posto que lentos, dão bem fundada esperanza de que serão mais accelerados em dias serenos. Assim a Providencia nos felicite com elles, e com a continuação da precisa vida de V. M. para os fazer prosperar.

E verdade que estes vagares do tempo não

agradam a genios insoffridos, que queriam ver sahir a instrução pública dos projectos do conselho, como Minerva da cabeça de Jupiter; porem o conselho, convencido como esta de que as grandes reformas tem mais d'apparente, do que de solido, e que a marcha da instrução publica, assim como de qualquer outro ramo de civilização, é sempre lenta e vagarosa, tem-se limitado a acompanhalla com providencias moderadas e reflectidas, e com reformas parciaes, reclamadas pela experiencia bem provada: deixando para esses genios transcendentos e arroçados os vãos da aguiá, e os planos espantosos, com que pretendem regenerar, não só a instrução e a sociedade, se não tambem o mundo inteiro. Assim em logar do parto de Jupiter, se não verifique o da Montanha em trabalho. Coimbra, em conselho de 30 de novembro de 1852.

## O ENSINO PRIMARIO.

A missão do professor de instrução primaria não tem sido bem comprehendida. O alcance d'este genero de ensino, e a influencia d'elle na formação do coração, e desenvolvimento da intelligencia das gerações, que se succedem, não são apreciados, como imperiosamente o exigem a natureza do ensino, e o progresso do estado social.

Confiada de ordinario aquella educação a individuos pouco habilitados, frequentes vezes a quem busca essa na falta de outra posição social, retribuidos os professores na razão da facilidade de obter o conhecimento das disciplinas, que constituem o objecto do ensino, sem consideração aos dotes elevados que a pedagogia prescreve na instrução, e educação da infancia, raro se encontra professor que saiba guiar as faculdades nascentes do discipulo, insinuar-lhe com arte os principios da virtude, que preparam o homem da sociedade.

É mais difficil a missão do magisterio na instrução primaria, do que nos outros ramos de instrução, em que o desenvolvimento intellectual do alumno lhe dá conhecimento do interesse da sua instrução, lhe inspira o gosto do estudo para nutrir aspirações inseparaveis das tendencias do espirito humano.

Quando um dia a reflexão nos convencer da importancia social do professor primario, a gratificação condigna á influencia da figura que representa attrahirá ao magisterio os homens especiaes, que requer tão importante mister.

No que levamos dicto não temos em vista só o nosso paiz. O mal é geral. Poucos povos ha em que os vencimentos dos professores excedam os da nossa terra. A vantagem que

nos levam está nas habilitações ministradas pelas escolas normaes, e no methodo de regular a inspecção, que é a alma da instrução. De um e outro objecto por vezes nos temos occupado 'neste jornal; e com empenho desvelado os tem recommendado o conselho superior de instrução publica.

E, porque temos a peito fortalecer uma idéa superior a quantas podem occorrer na administração do ensino publico, ali publicamos um factio, que muito recommendamos á attenção dos professores, e das autoridades prepostas á direcção das escolas primarias.

Ha perto de Paris uma escola notavel pela boa disciplina, e aproveitamento dos alumnos, assim como pelo talento e experiencia do seu professor. Esta reputação bem merecida tem grangeado ao professor a estima, e consideração dos seus collegas. Um d'estes lhe perguntou os meios que elle usava para dominar a attenção e o ardor de seus discipulos, e manter a applicação tão sustentada.

O que me perguntaes; lhe disse elle, é um verdadeiro segredo da nossa profissão. Tenho muito gosto em vol-o revelar; e em vez de perder tempo com theorias, e explicações vou narrar-vos um acto, que me fez aprender, referindo um successo da minha vida pedagogica, cuja recordação me dá prazer.

Quando sabi da escola normal, ha já bastantes annos, fui collocado á frente de uma escola mui numerosa. Trouxe para o exercicio das minhas funcções os conhecimentos adquiridos nos cursos com meus mestres, muito gosto para o estudo, e sincero amor pela profissão. Não tardou que soubesse ser tudo isso insufficiente, e que as sabias direcções e exemplos practicos da arte de governar uma escola não eram menos necesarios do que todos os conhecimentos adquiridos nos diferentes ramos do ensino escolar para estudar o character, e appropriar o ensino ás disposições do espirito dos alumnos, e aos interesses communs da vida. O que sobre tudo me affligia era a impotencia de dar aos discipulos o ardor para o estudo, que eu sentia, de os tirar da indolencia, tel-os attentos, e inspirar-lhes o gosto do trabalho. Via que a pezar dos meus esforços as classes eram languidas, e desordenadas; quasi sem proveito para os alumnos, e sem satisfação para mim. Por mais que eu preparasse as minhas lições, raramente ellas captivavam o meu auditorio; as reprehensões, e os castigos não davam remedio ao mal.

Felizmente tinhamos então um inspector excellent, cheio de sabedoria, e sympathia pelos mestres, e de zelo pelos progressos da instrução. Raro era visitar elle uma escola que não tivesse longa conversa familiar com o professor, que d'elle recebia sabios conselhos, e solida instrução. Logo na primeira visita, que elle fez á minha escola, conheceu-me por me

ter visto na escola normal, e tratou-me com tal benevolencia, que me abri com elle; expuz-lhe os meus queixumes, e pedi os seus auxilios.

De boa vontade vol-os darei; mas, para que aproveitem, é mister que eu veja o trabalho de que vos queixaes. Não vos desconsoléis. Quando se conhece o mal, e ha desejo de o remediar, toca-se de perto a cura. Continuaremos a nossa conversa depois da aula, a que eu vou assistir. Dirigi-a como costume, e como se eu ali não estivesse.

Esteve com effeito comigo á entrada dos alumnos; dirigiu-lhes, assim como a mim, expressões benevolas, e convidou-nos a encetar o trabalho das classes.

Os alumnos sem duvida excitados pela presença d'elle, estiveram, como nunca inquietos; adverti, ralhei, puni; começou em fim o exercicio. A lição do dia era a multiplicação; e como eu me preparara para ella, e possuia bem o objecto, esperava obter bom successo.

Comecei por expor a theoria da multiplicação; expliquei o mecanismo d'ella, conforme era de poucas ou muitas cifras, e se complicava de modos diversos.

Os discipulos, que a principio me prestaram attenção, começaram a estar inquietos, e distrahidos. O seu ar inquieto, e de indifferença me indicava o enfado pelo menos da maioria. Vi-me obrigado a interromper e chamar á ordem; mas estas interrupções cortaram o fio a alumnos, e mestre. Felizmente era então o termo da lição. Chamei á pedra um dos mais intelligentes, e adiantados, que justificou a confiança que 'nelle pozera. Mas ou cansasse, ou tivesse reparado mais no principio que no decurso da lição, começou a duvidar, e acabou por se callar. Em balde o interrogava, as minhas perguntas mais o embaraçavam; e este embaraço fatigava-me, e a toda a escola. Foi 'neste apuro que o inspector interveiu.

Visto que a lição de arithmetica findou, diz o inspector, quereis vós, sr. professor, dar-me licença que eu conte aos meninos uma historietta, que os ha de divertir, e recompensar da attenção, que vos têm dado? e voltando-se para os alumnos diz:

Meus meninos, a historia que vou contar-vos com ser velha não deixará de vos divertir, por ser maravilhosa. Ides ouvi-la.

A esta promessa do conto maravilhoso era de ver as cabeças todas levantadas, os olhos fitos e as phisionomias antes adormecidas, vivas e animadas.

Ha já bastantes annos, em dia de festa 'numa pequena villa de Flandres, festa magnifica, a que deviam concorrer gentes de dez leguas em roda para ver soberbas lojas que oito dias antes se preparavam, aonde se encontrariam todos os objectos que podiam lisongear a

vista, jogos, e espectáculos se apparelhavam, e provisões de todo o genero para os consumidores, que as pagassem, bem entendido.

Numa aldêa vizinha havia trez primos, rapazes todos que ardiam em desejos de ir a festa. Como fossem moços laboriosos, doccis e bem criados, obtiveram facilmente a licença, que desejavam; e com ella alguns cobres que as mães lhes metteram nas algibeiras. Eil-os postos a caminho brincando, e saltando pela estrada, prometendo divertirem-se muito na festa, e puchando das algibeiras pelos trocos que cada um levava. O mais novo, Luiz, levava 38 centesimos, João 47, e Barnabé 63. Era este o mais rico, mas não o mais caridoso como ideo ver.

Assim como caminhavam os trez viajantes contando o seus thesouros, de repente avistaram, na volta de um atalho, uma velhinha encostada a um páu que lhes sahia ao encontro. Era ella tão velha que seu rosto pallido, e enrugado pareceria o de uma mumia egypcia, se não foram seus olhos luzentes como azeviche por entre cabellos compridos grisalhos. Parou para pedir esmola. Barnabé passou sem fazer caso d'ella; João atirou-lhe com dous centesimos, que levava na mão; Luiz, vendo a velha tão extenuada, movido de compaixão puchou pelo seu dinheiro, contou ametade, e lançou-a na mirrada mão da pobre, correndo logo muito alegre a encontrar seus companheiros, que chegavam a festa.

Julgai que olhos elles abriam para ver tantas, e tão bellas cousas, como ahi estavam junctas; tantos jogos, tantos espectáculos, a que uma multidão de arlequins attrahiam o povo. Depois de uma partida de argolinha em cavallos de páu compraram alguns bolos para comer; gastando a sociedade por esse motivo 36 centesimos, repartidos por todos. Então foram attrahidos pelo estrondo de uma musica extraordinaria juncto de um theatro, aonde personagens representando as quatro partes do mundo promettiam um espectáculo o mais curioso e divertido aos que pagassem dez centesimos para entrar na salla, onde se hia representar. Mas todas as maravilhas que os nossos amigos iam ver eram nada em comparação de cousas mais maravilhosas que lhes iam succeder; porque ahi tocamos o ponto mais interessante da nossa historia.

Aqui parou o historiador: mas de todos os bancos sahiram vozes perguntando, o que foi.

E o que eu não posso dizer sem que primeiro me digaes quanto restava do dinheiro a todos trez em commun, e cada um em particular. Para isto foi mister fazer muitas addições, e subtracções que deram logar ao inspector a chamar a exame muitos principios de arithmetica. Os meus discipulos mostravam tanta attenção e empenho, como nunca eu lhes vira; porque suspiravam pelo fim da historia.

Mostrou o resultado dos calculos que Barnabé e João tinham de mais para pagar o espectáculo; mas o pobre Luiz explorando todos os bolços, apenas pôde apurar sete centesimos.

Eil-o condemnado a ficar á porta do magnifico espectáculo sem poder entrar para a salla, em que haviam entrado seus primos sem esperar por elle, por falta de trez centesimos. Retirava-se com ar confuso e triste, quando de repente a velhinha lhe apparece, como surgida da terra por algum buraco.

Que é o que vos afflige, meu generoso bem-feitor, disse a velha?—E não poder entrar com meus primos para o espectáculo das maravilhas do mundo.

E porque não podeis entrar, perguntou a velha?—Porque me não restou dinheiro, disse Luiz suspirando, para pagar o logar. Então, tornou a velha, tendes pena de haver repartido comigo esta manhã o vosso dinheiro.—Senhora, disse Luiz enfadado, tenho pezar de não entrar; mas não de vos ter dado o dinheiro.—Bom coração, exclamou a velha em voz doce, e harmoniosa, como de mãe para filho; não se dirá que eu te causei a dôr sem te dar reparação. Olhai para mim, meu caro menino, vede que não sou tão velha, tão doente, nem tão pobre, como vos pareci.

Com effeito o seu rosto não parecia enghado, como por fim de inverno; seus cabellos já não eram brancos, mas louros, e macios cobriam parte do seu rosto animado; os seus olhos brilhavam, como estrellas no firmamento em bella noite de verão. Tudo estava transformado. Em quanto Luiz a olhava maravilhado, lhe diz ella — a pobre velha, a quem d'estes a esmola, é uma fada poderosa. Graças ao talisman, que vedes no meu dedo, eu posso duplicar, triplicar e multiplicar quanto toco, ou aponto. É por isso que outras fadas me chamam fada multiplicadora. Para vos recompensar eu vos confio o meu talisman; em quanto o tiverdes, tereis o mesmo poder que eu.

A estas palavras o páu que tinha na mão, converte-se em carro de madre perola e diamante, no qual se assentou; e duas aves do paraíso, abrindo suas azas brilhantes, a levam aavez dos ares.

Decididamente tenho feiticeria, diz Luiz, correndo a mão pelos olhos: mas não importa. A pobre velha, a quem eu dei de tão boa vontade a esmola, não me havia de enganar. Que será esta pedra, que ella me deixou na mão? será o talisman, que faz multiplicar os objectos, e tocando-o será bastante desejar ter sete vezes mais dinheiro para elle apparecer no bolço?

Como ia pronunciando estas palavras sentia augmentar-lhe o peso do bolço: metteu-lhe de repente a mão, tirou, e poz-se a contar os centesimos.

Quantos achou? quarenta e nove, respon-

deram de todos os bancos. Exactamente, respondeu o inspector, e Luiz ficou estupefacto. Vejamos, diz elle, se o talisman tem ainda poder para multiplicar 49 por 49. Palavras não eram dictas sentiu inchar, inchar o boço a ponto que a calça ameaçava de romper.

Quer-se agora saber quantos centesimos achou? Aqui começou uma operação de multiplicar por todos os bancos, em que o inspector teve occasião de recordar todos os principios que antes eu explicára; com a differença que os alumnos em vez de distraídos eram todos olhos e orelhas.

Nisto bateu o relógio a hora do fim da aula; e os discipulos todos rogavam ao inspector quizesse acabar a historia.

Está acabada, lhe diz elle; por que foi justamente neste tempo que Luiz sentiu a mão, e a voz do pae, que dizia — vamos, levanta-te; e Luiz conheceu então que era sonho tudo o que acabava de ver.

Para mim não foi perdida a lição do inspector. Mas conversando depois com elle me convenci de que nem sempre basta um conto de fadas para prender a attenção das crianças: mais se ha mister. M.

## A NEERLANDIA E A VIDA HOLLANDEZA.

Continuado de pag. 30.

As inundações de 1855 apresentam-nos trez grandes theatros: 1.º os paizes submergidos desde o Wessel até á ribeira do Yssel, e mesmo para áquem, perto de Deventer e até ao Wahal, perto de Nimegue; 2.º os campos entre o Meusa e o Wahal, bem como entre o Wahal, o Rheno inferior e o Leck; 3.º o valle de Gueldre. Este diluvio, contemplado no seu todo, parece que em certo modo desafia a compaixão humana, porque uma das enfermidades da nossa natureza é não poder abranger cousa alguma no seu todo, nem mesmo as grandes dores. E bem, por isso, que demoremos as nossas attensões sobre um dos pontos salientes d'este desastre. A alguns minutos da estrada de ferro que liga Utrecht com Harlem, ergue-se a aldéa de Venhendam<sup>1</sup>. Assentada sobre antigas turfeiras, que noutro tempo foram exploradas e que deixaram um terreno humido, cortado de fossos cheios d'agua, principalmente d'inverno; é habitada por gente pobre, cuja occupação mais ordinaria é fiar lã. Havia já cento e quarenta e quatro annos que esta aldéa não tinha sido inundada.

Uma tregoa tão longa tinha inspirado aos habitantes uma funesta confiança, fazendo-os esquecer das precauções que a natureza do solo pedia. A 5 de março de 1855 soube-se que acabava de romper-se o dique, situado entre duas collinas, e que serve de anteparo ao valle de Gueldre. Mensageiros a cavallo de instante a instante chegavam com noticias cada vez mais aterradoras. Elst, uma das aldéas mais proximas, acabava de ser invadida pela inundação. Os seus habitantes correram logo na direcção do flagello; chegados porém a meio caminho, descobriram um aldeão, que, pálido e fóra de si, corria a toda a pressa, e lhes aconselhou que voltassem para traz se não queriam ser cortados pelo inimigo. Voltaram. Entrados n'aldéa, descobriram a inquietação em todos os semblantes: as mulheres estavam todas consternadas, as crianças agarravam-se ás mães, e soltavam gritos sentidos. Mais atrevidos, os rapazes, e os adolescentes mesmo, tractavam de tirar os moveis para cima dos carros, e de salvar os gados; tambem se empenhavam em livrar os doentes. As aguas porém não appareciam ainda. As duas horas da noite, viu-se, ao luar, o gelo erguido sobre as ondas que caminhavam. Houve um terror geral. A alvura das geleiras repuchava n'uma luz electrica bem comparada á que desenvolve nas nuvens um relampago ao longe. Este corisco do gelo foi seguido de um terrivel e prolongado estalido. Os moradores da parte baixa da aldéa refugiaram-se na parte mais elevada, e principalmente na egreja: os pobres fugitivos precipitavam-se nella como para pedir a Deus hospitalidade.

A noite passou-se em angustias que não podem descrever-se. No dia seguinte, as aguas penetraram na aldéa; invadiram successivamente as ruas e a estrada real, que foram sulcadas pelos bateis<sup>1</sup>. Dois dias depois, tambem a parte mais elevada de Venhendam tinha sido invadida, e as bateiras passavam por cima do mercado como por um lago. Felizmente porém, durante estes dias tão tristes, o céu esteve sereno: se o vento tivesse soprado, mais de um quarto da provincia teria desaparecido.

Em seguimento a estes desastres da natureza chegou um flagello, mais triste ainda, a fome. Os desgraçados que se tinham refugiado na egreja de Venhendam estavam sem viveres. Caravanas de mulheres, de crianças, de velhos, vagueavam silenciosas e sombrias em roda do theatro da inundação, em busca de terra firme e de um tecto onde repousassem de suas fadigas. Em consequencia d'esta accumulção de todas as miserias humanas,

<sup>1</sup> Venhendam quer dizer em hollandes « valle das turfeiras. »

<sup>1</sup> Os moradores de Venhendam, bem como quasi todos os das aldéas Neerlandezas, serviam-se, nos tempos ordinarios, de bateiras para o transporte de estumes e dos generos agricolas.

começaram a desenvolver-se doenças nas grangas. Quinhentos dos moradores mais pobres de Venhental foram então mandados, por ordem do rei para a cidade de Utrecht<sup>1</sup>. Uma igreja velha d'esta antiga cidade foi arranjada para os receber. Affluíram donativos de roupa branca, fato, e dinheiro. Uma comissão, que se tinha formado voluntariamente, recebia as subscrições e dirigia o serviço; mostrou-se constantemente intelligente para o bem, e superior ás difficuldades. Tivemos occasião de visitar os pobres inundados de Venhental na sua igreja; á hora da sua refeição são em commum, em roda de mesas muito simples, mas fornecidas com azeite e abundancia. No semblante d'estes desgraçados transluzia um ar de indifferença, quasi de alegria, que contrastava com a sua triste condição. Verdade é que muitos d'elles nunca tinham sido tão bem tractados: a charidade publica lhes havia grangeado ocios, que agradavelmente succediam a emoções penosas e a uma vida de rude trabalho. Uma velha, a quem se perguntava se estava já enfadada, respondeu com uma singeleza tocante « como quereis vós que eu me enfade, se não tenho nada que fazer! » Todavia a maior parte das fiadeiras de lá tinham voltado ás suas occupações ordinarias; as rodas em movimento palpitavam-lhes debaixo dos dedos. Algumas d'estas mulheres tinham essa belleza da desgraça, que penetra n'alma. O seu traço era rustico, mas appropriado. As senhoras da cidade tinham ao principio enviado objectos do seu guarda roupa para vestir estas infelizes; mas o presidente da commissão entendeu com um bom gosto perfeito que estes vestidos de luxo, em vez de realçarem a condição das pobres aldeãs, as transformariam em caricaturas vivas da beneficencia publica. A maior parte d'ellas tinham filhos, algumas mesmo tinham tido o seu successo depois da catastrophe. Estas pobres criancinhas d'olhos azues, de cabellos loiros, de physionomias d'innocencia, eram afagadas por suas mães com um orgulho e uma ternura que nada tinham de estudado. Em todas as condições da vida, em todas as classes da sociedade, nunca as mães se distinguem tanto como mães, como depois de um perigo que ameaçou a sua existencia e a dos seus filhos. A igreja convertida em asylo, tinha sido appropriada, não sem arte, ao seu novo destino, e permitta-se-me a expressão, ao novo culto que alli se vinha inaugurar. Os exercicios do dia eram designados por um toque de sino: reinava a ordem mais perfeita, e o laço d'esta disciplina era evidentemente o da gratidão. Uma parte do edificio fôra preparado para a noite, homens e mulheres dormiam em quartos se-

parados sobre um leito de palha. Nesta igreja, d'onde se havia retirado o serviço religioso para ceder o logar ao alivio das misérias humanas, volvêra o christianismo á historia do presepio. As paredes outr'ora sanctificadas pela oração, sanctificadas eram agora pela beneficencia publica; as victimas remidas pelo sentimento que mais honra as civilisações modernas; as dores consoladas: tudo isto se achava bem abrigado na casa d'aquelle que preferia a misericordia aos sacrificios.

*Continua.*

## A GLORIA.

(A Filinto Elysio no desterro.)

*Tradução da meditação de Mr. Lamartine.*

Dois caminhos em frente se vos abrem,  
 O das musas mimosas, bem diversos,  
 Um conduz á ventura, á gloria o outro:  
 Cumpre escolher, ó vates.

Ten destino seguiu, ó grão Filinto,  
 A lei commum: — tu foste desde a infancia  
 Da gloria o martyr, filho do infortunio;  
 E choras o teu fado?

Peja-te, ó vate, d'invejar ao vulgo  
 Esse inglorio descaem em que vegeta:  
 Se o ceu o cumulo dos bens da terra,  
 A nós deu-nos a lyra.

São teus os seculos, tua patria o mundo;  
 Hão-de aos manes por fim erguer-se altares;  
 Justicoso o futuro ha-de sagrar-te  
 Triumphos immortaes.

No destemido vôo aguia suberba,  
 Na estancia dos trovões assim pairando,  
 Parece um grito alçar: nasci na terra,  
 Mas eis-me em fim nos céus.

Tu da gloria serás, mas olha o preço.  
 Por que te é dado o entrar seu templo augusto:  
 Não vês de guarda á porta o infortunio  
 Sentado nos degraus?

Dentro não vês o velho, a quem a Grecia  
 Deixou de mar em mar curtir desgraças,  
 E cego mendigar um pão de lagrimas  
 Em paga dos seus hymnos?

Olha: alli tens o teu Camões divino:  
 O sublime cantor das glorias patrias  
 Morreu num hospital, e nem lhe destes  
 Ao menos a mortalha!!

Além ardendo em fogo expia em ferros  
 O Tasso a sua gloria e os seus amores:  
 Prestes a receber laurel tardio,  
 Eil-o descae na campa.

Por toda a parte victimas, proscriptos;  
 Uns lutando c'o algoz, outros c'o a sorte:  
 Parece o céu que manda ás almas grandes  
 Dóres tambem maiores.

<sup>1</sup> Metade da aldeia pertence á provincia de Utrecht, e a outra ametade á de Gueildres.



Oh! cala-me na lyra esses lamentos :  
Os fracos se lastimem; tu, Filinto,  
Rei sem throno, sorri para a desgraça  
Com generoso orgulho.

Os ferros dos tyrannos, nem o exilio,  
Poderão algemar a tua gloria  
'Nestas margens do Sêna; inda Lisboa  
Reclamará teus ossos.

Ao receber da herança ha-de chorar-te;  
Assim chorou Athenas seus proscriptos :  
Coriolano expirou, de Roma os filhos  
Seu nome reivindicam.

Quasi a de-cer para a mansão dos mortos  
Ergue supplices mãos aos céus Ovidio ;  
Ao Sarmata grosseiro as cinzas lega,  
Sua gloria aos Romanos.

F.

## AO MEU AMIGO MIGUEL OSORIO CABRAL DE CASTRO.

Amigo. Como me disseste que gostavas d'essa poesia, não quero que o tempo em que estudavas grego te fique na memoria como um arido deserto, sem sequer um pequenino oasis:—ahi a tens. E para ti, que me conheces, é ella tambem uma tal ou qual imagem do meu coração, sempre criança, sempre em lucta, desejando sempre a terra promettida . . mas sempre teu.

### A LUCTA.

Aqui no peito meu vem recostar-te,  
Esqueçamos o céu, a terra, o mundo !  
Em torno ao collo, assim, lança o teu braço,  
Que eu possa ver, beijar a dextra linda.  
Une essas faces de jasmim e rosas  
À minha face, e os labios entre-abertos  
Approxima dos meus; ai deixa, deixa  
Respirar, e viver da vida tua !  
Anjo, nascido p'ra perder minh'alma !  
Tu és a chamma onde a pobre louca  
Vai perdida queimar, qual mariposa,  
As lindas azas com que aos céus se vòta.  
Embora seja assim, embora, a morte,  
Fatal herança, tarde ou cedo havia  
Ceifar tambem minh'alma; pois que morra  
Farta d'incantos, beba, beba a morte,  
Mas em teus labios, entre mil carinhos.  
Um beijo, e cem e mil — um só, mas esse  
Sem fim, unamos 'num só ser dons seres . . . .

Mas não, não queiras branca flor que eu manche  
Teu puro calix, tem meus labios peste,  
Mortal veneno, que eu colhi sorrindo  
De torpe vida na carreira insana.  
Lembra-te aquella flor, que, á beira d'agua,  
Debruçada sorria ao ver as ondas  
Seu puro calix reflectir mil vezes?  
Louca não via lá no fundo o lodo,  
Julgou ser pura a crystallina veia,  
E á tona d'agua foi boiando a triste . . .  
Triste ludíbrio foi das aguas todas;  
Lá 'num remanso jaz a flor involta  
No torpe limo da fallaz corrente:  
Tal seria talvez, se acreditasses  
Esta febre d'amor — quem sabe um dia  
O remorso talvez . . mas cedo ou tarde

Não hasde tu morrer? O sol não hade  
Queimar-te, linda flor; não hade o vento  
Arrancar-te, sem dó, as folhas todas,  
Espalhadas no chão, no pó calçadas?  
Ai dor! E hei-de eu ver-te assim mudada,  
Morta, pensando que em teus labios pude  
Morrer . . . matar-te com famintos beijos! . .

Pois morre, linda flor, segue o destino  
Que o Senhor te traçou; mas eu não quero,  
Eu não hei-de manchar-te. E quando a morte  
Teu calix esmagar com a mão gelada,  
Manda ao throno de Deu, nas azas d'anjos,  
Teu alento final, teu puro arôma,  
Como eu mando estes ais, que o peito exhala.  
Coimbra.

HENRIQUE O'NEILL.

## O ESTUDO

DAS

### LINGUAS GREGA E LATINA

É necessario para o perfeito conhecimento  
da portugueza.

#### I.

Houve entre nós uma epocha, famosa por muito genero de glorias, em que as linguas Grega e Latina foram cultivadas com extremo fervor e esmero, julgando-se *lettrado* sómente o que era grande sabedor de ambas, ou insignissimo em alguma d'ellas.

Nossa historia litteraria offerece-nos prodigiosos exemplos do apuro, a que chegou tal estudo, e dos numerosos monumentos, que o attestam, poderão os curiosos achar noticia na *Memoria do começo, progressos, e decadencia da litteratura grega em Portugal*, pelo sr. D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, e na *Noticia Succincta dos Monumentos da lingua latina*, pelo sr. José Vicente Gomes de Moura.

É verdade que a juventude por ahí se consumia nos bancos das escholae, versando com mão nocturna e diurna os exemplares gregos e latinos, mas a final ficavam-se conhecendo todas as bellezas de *Homer*, e *Pindaro*, todos os primores de *Virgilio*, e *Horacio*, e a formosa elocução de *Demosthenes*, e *Cicero*.

É porém, desgraçadamente, a natureza humana por tal modo vária e caprichosa, que em quasi todo o genero de cousas como que folga de caminhar pelos extremos, descontentando-se das estradas medianas. A maxima prudencial — *Inter utrumque tene, medius tutissimus ibis*, — de maravilha se encontrará seculo, que possa gloriar-se de sempre a haver seguido.

Hoje alcunha-se, geralmente, de *retrogrado* (não ha dizel-o sem magoa) o que cultiva, e aconselha esta ordem de estudos, e até homens, que se reputam *grandes litteratos*, confessam, com certo ar de ufania (como se fôra

grande merito), sua completa ignorancia neste ramo de conhecimentos, bem á similhaça d'aquelles enfatuados nobres da idade media, que tinham em conta de menoscabo de sua prosapia o saberem escrever!

Diz-se, que são linguas mortas (e bem mortas são ellas, agora, entre nós); que seus escriptos se acham traduzidos nas vivas, em que se podem lêr; que no seu enfadoso estudo se consomem largos annos com grave detrimento do ensino dos outros ramos do saber humano; que finalmente, cessara já a causa do seu estudo, porque perdeu de moda o escrever-se 'nellas.

Estas razões, com quanto especiosas, têm sido corroboradas e auctorisadas por alguns varões de grande nomeada na república das letras, e têm ganhado entre nós tamanho vulto e sequito, que se tem quasi acabado com o latim, que desde 1834 se estuda com nimio desleixo, á conta de sua tão inculcada inutilidade; e também está, por um triz, a perder-se o grego, cujo conhecimento se presume uma erudição impertinente.

Nós convencidos dos gravissimos prejuizos, que o desmazelo no ensino do grego e do latim tem causado ás letras portuguezas, propomo-nos mostrar, não já a necessidade d'este genero de preparatorios para as faculdades academicas, mas a necessidade do estudo d'estas duas linguas, para se adquirir o perfeito conhecimento da portugueza.

De louco nos arguiriam, ha vinte dous annos, se enunciassemos, se quer, este proposito, tamanha era a geral convicção, entre nós, d'esta verdade; hoje acaso nos acoiarão de ocioso, ou dado a imaginações; mas embora, nem por isso desarredaremos do nosso intento.

## II.

Qualquer que seja o estado, profissão, ou mister, que o homem tenha na sociedade, o communicar os seus, e perceber os alheios pensamentos, é tão absolutamente necessario, que de maravilha se chegaria a constituir associação humana, sem o amplo gozo de prerogativa tão preciosa.

Sohe porém de ponto esta necessidade para quem cultiva suas faculdades intellectuaes; não é sómente a limitada, natural, e simpliçissima linguagem de uso vulgar, que tem de comprehender, é indispensavel ainda estudar e conhecer a extensa, artificiosa, e, não poucas vezes, abstrusa, em que se exprimem as puras abstracções, as concepções sublimes do espirito.

## III.

Com as escassas e imperfeitas noções, que na puericia apprendemos de nossos páes (embora no decurso dos annos, pela maior largueza de relações, e desenvolvimento da intel-

ligencia, se accrescentem e esclareçam), não ha preencher, e attingir cabalmente aquelle importantissimo fim; releva estudar, por preceitos e regras a lingua materna.

## IV.

Além de se corrigirem por tal estudo os numerosos erros, que pelo commercio de pessoas indoutas se houverem insinuado, adquirir-se-ha certeza e atilamento no que se falar e escrever; grangear-se-ha mais larga cópia de palavras, e d'ellas se usará com propriedade; ampliar-se-ha a lingua pelas conhecidas regras de compôr e derivar, junctando-se-lhe palavras externas com soffrivel corrupção, e formando-se de novo outras; saber-se-ha fugir de termos estranhos, ainda não recebidos, quando os haja proprios; obter-se-ha, finalmente, com maior facilidade, e sem perda de tempo, a perfeita intelligencia de outras differentes linguas, pois que, tendo todas principios communs, acharão 'nellas os principiantes menos que estudar, todos os rudimentos, que levarem sabidos da materna.

## V.

Estas e muitas outras vantagens, que seria longo memorar, persuadiram os governos de todas as nações cultas, antigas e modernas, a estabelecer escolas d'este genero d'ensino.

Foi por este methodo e espirito de educação, que as linguas grega e romana chegaram a elevar-se ao grau de gosto e perfeição, em que se viram nos formosos seculos de Athenas e Roma, e que bem testemunham as excellentes, e inimitaveis obras, que d'elles ainda nos restam: é também a este plano de estudo que as nações modernas da Europa devem as obras primas de sua litteratura.

## VI.

Entre nos, os portuguezes (que nos podemos pavonear com a honroza primazia do descobrimento d'esta conveniencia d'estudo muitos annos antes que em França se reconhecesse)<sup>1</sup>, ha já longo tempo que se ensina a lingua portugueza por arte, como indispensavel preparatorio para o estudo da latina, se bem que no desempenho d'este dever houve reprehensivel negligencia da parte de muitos professores, que, ou por se esquivarem ao trabalho, ou para agradarem aos páes de seus discipulos, dando os por promptos em menos tempo, que o que lhes prescreviam as instruções, os dispensavam d'este estudo com grave quebra do público ensino.

<sup>1</sup> Quando Ramos publicou em 1572 a primeira Grammatica Françeza, já Portugal tinha a de João de Barros, dada á luz em 1540. e a de Fernão de Oliveira, publicada em 1536.

## VII.

Esta criminosa corruptela remediou felizmente, alguns annos ha, o sr. José Vicente Gomes de Moura, distincto philologo e humanista, com a publicação do seu *Compendio de Grammatica Portuguesa e Latina*, em que compaginou as doutrinas das duas grammaticas, a primeira das quaes, segundo ordenava o alvará de 30 de setembro de 1770, deviam ensinal-a os professores de latim pelo espaço de seis mezes, antes de se entrar no estudo da latina.

Ao presente o estudo da grammatica portugueza commodamente acompanha o da latina; porque os principios geraes de grammatica são applicaveis ao ensino de uma e outra lingua; e a ordem geral das doutrinas é a mesma em ambas as grammaticas.

Nem era philosophico separar o estudo de duas linguas, ligadas por tão intimo parentesco, como é o de mãe e filha.

## VIII.

Com quanto porém seja commun opinião de nossos philólogos, que a lingua portugueza é filha primogenita da latina, não é, todavia, tão universalmente recebida esta verdade, que alguns escriptores de merecido renome a não hajam negado e combatido.

## IX.

O academico Antonio das Neves Pereira, crêmos nós, foi o primeiro, que pretendeu envilecer o predicamento de filiação latina, que, desde o tempo de João de Barros até nossos dias, geralmente se tem concedido á lingua portugueza.

Desagradou-lhe o que o entusiasmo do nosso Camões fingiu elegantemente de Venus, que era afeiçoada á lingua portugueza.

..... na qual quando imagina  
Com pouca corrupção crê, que é latina<sup>1</sup>.

Imagem poetica, que, posto que não funde em materia de philologia portugueza lei decisiva, exprime, todavia, a opinião do principe dos poetas portuguezes, e a dos homens doutos d'essa epocha.

Rejeitou o testemunho de todos os que depois de Camões têm repetido o seu conceito d'elle; lastima a cegueira de taes criticos, e tem para si, que, a argumentar-se pela *similhança dos nomes, imitação dos verbos, e propriedade dos vocabulos*, mais similhança tem a lingua portugueza com a grega, do que com a latina.

Taxou de pueril a prova tirada de varios poemas, que *com pouca mudança de pronunciação já se lêem em portuguez, já se lêem em*

*latim*, os quaes versos, no seu entender, têm, pela maior parte, mais de *macarronico*, do que de legitimo latim, como obra feita de aposta<sup>1</sup>.

Continúa.

R. DE GUSMÃO.

## PISCICULTURA.

Os ensaios de dous pescadores Gehin e Remy, as observações do naturalista Milne Edwards, as experiencias de Bertot, que povoou o canal de Huningue de salmões, trutas, e mestiços d'estas duas especies, e, em fim, os trabalhos de Coste deram á ichtyologia tamanha importancia, que fizeram conceber o plano de estabelecer grandes depositos de peixes e até de crustaceos, nas aguas da França; e esta nação possui já grande numero de viveiros não só de peixes indigenas, mas até de especies exóticas.

A practica da piscicultura não é objecto novo: conheciam-na já os antigos Romanos, como nos attestam as piscinas do Golfo de Napoles onde, entre outras, se encontra ainda a que Lucullo legara a seu filho, como cousa de grande rendimento.

Na actualidade a piscicultura deve considerar-se em Portugal assumpto do maior interesse; porque, escasseando as subsistencias tiradas do reino vegetal, o peixe fresco offerece um excellente alimento. Mas o nosso povo desconhece esta verdade, e despovoa os rios, envenenando o peixe com trovisco, embude, coca do Levante, etc.; arrastado pela cega cobiça, não attende nem á qualidade do peixe que assim obtem, origem de gravissimas molestias, nem a que este genero de pesca altera a agua, tornando-a uma bebida deletéria, tanto para o homem, como para os animaes domesticos. Em fim o nosso povo esquece que, por esta forma, destroe 'num momento myriadas de novos peixes, que deviam para o futuro constituir uma verdadeira riqueza.

Á auctoridade administrativa incumbem providenciar sobre este calamitoso abuso, fazendo executar as providentes leis que a este respeito possuímos.

Já 'noutra occasião indicámos 'neste jornal a necessidade de melhorar a alimentação das classes industriaes, e os recursos de que podíamos dispor para conseguir este melhoramento, fazendo prosperar a industria pecuaria, por forma que o baixo preço da carne permittisse a entrada d'este alimento na mesa da classe pobre; hoje lembramos as grandes vantagens que podem tirar-se da piscicultura,

<sup>1</sup> Ensaio critico sobre qual seja o uso prudente das palavras, de que se serviram os nossos bons escriptores do seculo XV, XVI, etc.—Tomo IV das Mem. de Litt. Port. ad Ac. R. das Sc. de Lisboa.

<sup>1</sup> Lusiad. Cant. I.

povoando os nossos rios, ribeiras e lagos de peixes que ainda os não habitam, multiplicando aquelles que nelles vivem, e ate construindo piscinas destinadas á sua criação. D'este modo poderemos subordinar ao nosso capricho algumas especies de peixes, considerando-as como animaes domesticos, e augmentar com ellas as subsistencias que nos offerece o reino animal.

Animados do proposito de excitar os curiosos a tentar este genero de producção, vamos ministrar-lhes alguns preceitos concernentes ao processo da colheita, fecundação, incubação e transporte das ovas, nascença, e alimentação dos peixes.

*Colheita e fecundação.* As especies de peixes, que podem ser destinados para alimento, são ovíparas, e a fecundação das ovas faz-se exteriormente; logo que a femêa põe as ovas, o macho orvalha-as com a materia fecundante, chamada vulgarmente *leite de peixe*: quando esta materia chega ao conveniente estado de madureza, assemelha-se ao leite ordinario; e posta então em contacto com as ovas, tem a propriedade de as fecundar e desenvolver o germen dos peixes.

A fecundação artificial applicada á criação dos peixes exige duas operações importantes: consiste a primeira na colheita das ovas e do leite em bom estado de madureza, e a segunda em submeter as ovas ao contacto do leite, nas condições necessarias para se realisar a fecundação. As fecundações artificiaes exigem, como condição essencia, que as ovas e o leite fecundante estejam maduros e perfeitamente sãos, e o melhor meio de obter peixes, que possam satisfazer a esta condição, é pescal-os na epocha da geração, nos desovadouros, ou nas suas proximidades.

Cumprê notar que a mûgem, a truta etc. deixam os logares ordinarios da sua habitação, subindo pelas correntes das aguas até encontrarem as condições proprias para a postura das ovas. O salmão, a lampreia, o savel etc. abandonam as aguas salgadas, e vêm procurar na agua doce logar opportuno para o acto da sua reprodução. Nestes logares e na epocha da postura é que devemos pescar o peixe. Então o anus das femeas acha-se intumescido e como que inflamado; as ovas sahem naturalmente, ou quando se faz ligeira pressão no ventre do peixe. D'ordinario uma parte das ovas cahe no mingacho ou no batel do pescador, quando o peixe se agita, ou é suspendido com a cabeça para cima.

As ovas bem maduras, denominadas *mi-lheras*, são claras, transparentes, de côr cinzenta, esverdeada, amarellada, ou rosada como as do salmão e da truta; são separadas umas das outras ou adherentes, conforme as especies. Quando as ovas são baças, não pulidas, e de forma irregular devem desprezar-se, por não serem boas.

O leite fecundante é bom quando corre em jacto ou gottas como leite ou creme, quer naturalmente, quer por meio de leve pressão no ventre do peixe. Se no acto da pesca a sahida do leite ou das ovas não é facil e natural, e se interrompe com frequencia, convem deixar os peixes em reserva na agua para nos servirmos d'elles no dia seguinte ou nos immediatos. Todavia é necessario evitar, quanto fôr possivel, reter os peixes em captivoiro por muito tempo; porque as especies mais delicadas não supportam este estado, sem que as ovas e o leite se alterem; ainda que os machos da maior parte das especies fornecem, durante muitos dias consecutivos, jactos de bom leite.

Nos casos em que for necessario ter os peixes em captivoiro por alguns dias, devemos approximal-os quanto fôr possivel do seu estado natural, conservando-os em agua da qualidade e temperatura da que elles habitavam, dando-lhes abrigos ou refugios etc., semelhantes aos que anteriormente possuam. Tambem se pôde conservar o peixe no rio em que vivia, prendendo-o com um cordel que lhe passe das guelras para a boca, ou encerrando-o em uma naça de vergas.

*Fecundação das ovas livres.* Obtidos um macho e uma femêa em bom estado, procede-se a fecundação pela forma seguinte. Toma-se um vaso bem limpo (terrina ou prato côvo) lança-se-lhe agua até a altura de algumas polegadas. Esta agua deve ser tomada no logar em que os peixes costumam desovar, e conservada na mesma temperatura, que ordinariamente é de 2 até 10 graus, para os peixes que desovam no inverno. Approxima-se quanto fôr possivel o anus da femêa da agua contida no vaso, e algum recommenda ser mais vantajoso o mergulhar-lhe o anus na agua, de modo que se não exponham as ovas ao contacto do ar exterior. Ao passo que tem logar a postura das ovas, e estas vão ao fundo do vaso, borrifam-se com alguns jactos ou gottas de leite de peixe, até que branqueie levemente a agua, ou tome uma côr opalina. Agita-se docemente esta agua leitosa, com o fim de conseguir que todas as ovas sejam postas em contacto com o principio fecundante.

Em cada operação deve colher-se sómente a quantidade de ovas que forme uma camada no fundo do vaso, para que se não agglomem umas em cima das outras. Quando as ovas não correm naturalmente, facilita-se a sua sahida, opprimindo levemente o ventre do peixe, da cabeça para a cauda, ou arqueando-lhe dôçemente o corpo.

Podem aproveitar-se as ovas das femeas recentemente mortas, mas são preferiveis as das vivas; é porém indispensavel que o leite fecundante provenha de peixe vivo. Quando podermos obter dous ou mais peixes com leite maduro, convem empregar successivamente algumas gottas de leite de diversos individuos,

para termos mais probabilidade de bom resultado, evitando assim o que succede quando se emprega um só peixe, cujo leite fecundante e inerte ou pouco activo.

No fim de quatro ou cinco minutos vasa-se a agua leitosa, e substitue-se por outra limpa para lavar as ovas: esta agua deve ser da mesma natureza e temperatura da que se empregou na fecundação das ovas.

Nas especies que enterram ou occultam as ovas, como as trutas, é necessario evitar a acção da luz principalmente a dos raios solares, cuja influencia é prejudicial: é igualmente prejudicial para todas as especies a acção do vento frio ou secco, as variações repentinas de temperatura, e o deixar as ovas em secco, na totalidade ou em parte.

*Fecundação das ovas adherentes.* Para se fecundarem as ovas adherentes como as do barbo, boga, tenca, e mugem é necessario lançar, no vaso destinado á fecundação, plantas aquaticas, ramos vegetaes, ou filamentos de qualquer substancia inerte, a fim de que as ovas, cabindo sobre estes objectos, se collem 'nelles, adherindo-lhes fortemente; todavia é mister ter o cuidado de agitar a agua durante a postura das ovas, para que ellas se espalhem, e não formem agglomerações, que prejudiquem o desenvolvimento dos embriões. Para o barbo e a tenca não se deve empregar agua fria das fontes e ribeiros, mas sim de uma temperatura um pouco superior a esta, como é a agua dos rios.

Procede-se á fecundação, orvalhando as ovas com o leite de peixe pela forma já mencionada, e o melhor processo consiste em ter uma pessoa a fema para dirigir a postura, e outra, o macho para pôr o leite em contacto com as ovas logo depois da postura.

Tanto na fecundação das ovas livres, como na das adherentes é indispensavel que o leite de peixe, no momento em que é lançado na agua e se divide, seja logo posto em contacto com as ovas; porque o seu poder fecundante é de curta duração: na maior parte dos peixes não excede um a dous minutos, e nas trutas e salmões, a meio minuto. Por tanto é erronea a practica de preparar uma agua leitosa, para 'nella deitar depois as ovas; devendo preferir-se deitar-se o leite sobre as ovas logo immediatamente á postura, imitando assim o processo que a natureza emprega.

Na fecundação artificial pôde tambem empregar-se o tamiz, ou teia metalica galvanizada, tendo-a convenientemente mergulhada na agua. Este apparelho serve para fazer as fecundações nos rios ou 'num vaso com agua, lançando as ovas no fundo do tamiz ou sobre ervas 'nelle contidas. O lixo e as materias estranhas ao leite, que são inuteis, passam atravez das malhas do tamiz; e faz-se a incubação, deixando as ovas fecundadas sobre o tamiz, que se fecha 'num vaso, appropriado

(celha ou barril), para se transportarem a distancia quando é necessario.

*Continúa.*

M. P.

## NOTAS

AO

### EXSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA.

OBRA POSTHUMA

DE

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

Continuado de pag. 42.

P. 10, l. 10

*O movel deve por uma razão achar-se na recta AB e por outra na recta AC.*

Achar-se não é a expressão propria do problema, mas sim descrever a recta AB, como o auctor mesmo até'gora tem usado dizer. Esta simples reflexão faz desvanecer quanto elle diz 'neste paragrapho; porque uma vez que o movel deve descrever a recta AB, não pôde ficar no ponto A, nem mover-se no ponto A etc. etc.

P. 11, l. 11.

*Remetter-vos-hei aos analysts modernos.*

Eis-aqui outra vez o auctor argumentando aos seus contrarios com razões que elle mesmo tracta de ridiculas. Se fossem razões aliás admittidas pelos seus adversarios, seria o chamado argumento *ad hominem*. Mas porque um mathematico pretende que se pôde demonstrar a composição do movimento, não se segue que elle admitte os absurdos que em analyse se têm amontoado sobre as expressões infinito, infinitamente pequeno etc.

P. 14, l. 14.

*Perigosa companhia de metaphysica.*

Esta phrase do auctor tem um sentido muito verdadeiro, mas nem por isso deixa de ser muito equivocada. A linguagem da mathematica consiste em certos signaes simplicissimos, taes como um numero, uma letra, uma +, um —, uma ×, etc. A linguagem da metaphysica consiste em palavras e em phrases, frequentemente longas e complicadas. Assim, posto que o mathematico deve servir-se dos methodos que a metaphysica ensina para traduzir na linguagem mathematica as noções que tem de expender, contudo não deve servir-se da linguagem da metaphysica. Se os signaes que existem em mathematica lhe não bastam deve crear outros, *ad instar* dos primeiros, mas deve fugir de introduzir na sua uma lingua estrangeira.

P. 14, Def. 1.

Esta definição suppõe a de tempo; e por tanto devia vir depois da 4.<sup>a</sup>

*Ib.*, Def. 2.

Custa a conceber como o auctor, que julgou necessario definir instante apesar de dar defi-

nição de tempo, não sentiu que era preciso definir logar. Se o tivesse feito, ter-se-ia poupado ao inconveniente de carregar este ensaio com o axioma 1.º

Já vimos acima e largamente demonstrei na memoria sobre os progressos comparativos das sciencias Moraes e das sciencias physicas e mathematicas, que estes chamados axiomas nada mais são do que segundas definições, a que se dá o nome de axiomas, para encobrir o feissimo defeito de dar mais de uma definição d'um mesmo nome.

Com effeito depois de se ter dicto na definição 2.ª que *movel* é o que muda continuamente de lugar, diz-se 'neste axioma que *movel* é o que descreve uma linha. Bem se vê que a chamada definição, se converte em axioma, e o chamado axioma em definição sem mudar a natureza de enunciado; e só differem em que se chama definição o que se põe em primeiro lugar, e axioma o que se põe depois.

P. 15, l. 7.

*O ponto movel descreve uma linha. Esta linha chama-se espaço.*

Esta é uma das significações de espaço, mas não a unica. Noto isto, não por que condemne o auctor de haver mal definido, pois é a mesma definição que eu dei; mas porque sendo a palavra espaço uma das mais obscuras (como provam os abusos que d'ella se tem feito), convinha defini-la em toda a sua generalidade, e depois observar o sentido mais restricto, que na mechanica, e em outras mais occasiões se lhe dá.

1b, Postulado e Def. 4.

*Haja uma linha, que seja como o tempo que o movel gasta em descrever o espaço; essa linha chama-se tempo.*

Pela segunda vez commette o auctor um erro que parece incrível á vista da rigorosa logica que elle mostra 'noutras occasiões. Quero dizer, o metter 'numa definição uma palavra ainda não definida, e que no seu conceito precisa de o ser, visto que depois a define.

Mas 'neste postulado e definição 4.ª commette além d'isso um erro ainda mais grave qual é o que chamam *idem per idem*. Com effeito tiremos os titulos, que não fazem nada ao discurso, e então fica: Chama-se tempo a linha que é como o tempo que o movel gasta em descrever o espaço. Quem não vê que era preciso ter explicado, que cousa seja uma linha que é como o tempo? A unica significação mathematica admissivel, é esta: uma linha que é para outra linha, como o tempo que o movel gasta em descrever o espaço, é para outro tempo. Mas duvido que alguem, e muito menos o auctor, se contentasse de semelhante definição.

Não quero dizer com isto, que o nosso auctor não tinha diante dos olhos a verdade; ao contrario, vê-se que elle contemplou o ponto debaixo do seu verdadeiro aspecto, mas

quando foi a fazer a deducção das suas idéas, largou da mão o fio da analyse: e não expondo mais do que uma pequena parte d'estas idéas, cahiu na obscuridade que queria evitar.

1b. hypothese 1.

*Entre o espaço e o tempo haja relação determinada.*

Esta hypothese não sómente é superflua, mas até antilogica; por que quando o auctor tomou por certo, que tempo é a linha, que é como o tempo, que o movel gasta em descrever o espaço, já faz entrar na idéa d'essa linha, a que chama tempo, que ella tem uma determinada relação com o espaço, relação designada pelas palavras como o tempo que gasta o movel em descrever o espaço: d'onde se vê, que aquella linha chamada tempo, não é qualquer linha, mas tão sómente a que tem com o espaço certa e determinada relação.

P. 16. Def. 8, isto é 6.

*Direcção é a recta tirada pelo principio do espaço de sorte que não faça angulo com elle.*

Seria mais simples dizer que a direcção é o espaço. Porque a recta que tirada do espaço não faz angulo com a linha que o representa, e que é tambem recta, coincide com ella.

Mas o auctor sentiu que essa seria uma definição evidentemente errada: e por isso elle lhe deu outra forma. Porém o erro não deixa de existir por se achar menos visível.

O que mais me admira 'nesta definição, é o estabelecer-se, que a linha da direcção haja sempre de ser recta, e que não faça angulo com a do espaço.

E se esta ultima for curva?

A maior parte dos analysts responderiam: que pois se tracta de espaço infinitissimo, este não differe da linha recta. Mas o nosso auctor está muito longe de abraçar semelhantes paradoxos. Nova prova de que a sua definição é viciosa, até porque conduz a consequências incompatíveis com os seus proprios principios.

*Continúa.*

## OBRAS OFFERECIDAS Á BIBLIOTHECA DO INSTITUTO DE COIMBRA.

Segundo volume da Geographia historica ou chronologica para uso das escholas, por Joaquim Lopes Carreira de Mello, socio correspondente do Instituto.

Resumo da Historia Sagrada antiga e da Egreja Christã para as escholas de instrucção primaria de 1.º e 2.º grão, pelo mesmo auctor.

Biographia do padre José Agostinho de Macedo, pelo mesmo auctor.

Demonstração dos direitos que tem a corôa de Portugal sobre os territorios situados na costa occidental d'Africa, pelo Visconde de Santarem, socio honorario do Instituto.

Factos e considerações relativos aos direitos de Portugal sobre os territorios de Molembo, Cabinda e Ambria, pelo Visconde de Sá da Bandeira, socio honorario do Instituto.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

#### RELATORIO ANNUAL.

1852—1853.

Senhor!—Corre o mez de novembro e com elle a obrigação ao conselho superior d'instrução pública de dar a V. M. noticia cabal e circumstanciada do estado da instrução 'neste paiz. — Um anno se volveu depois do ultimo relatorio geral, que em observancia do art. 155 do decreto de 20 de setembro de 1844, e do art. 40 do de novembro de 1845 o conselho superior teve a honra de elevar ao soberano conhecimento de V. M.: e forga é dizer que o estado litterario, moral, e material das escolas públicas pouco tem melhorado mórmente na instrução primaria. Faltam os primeiros elementos d'esse suspirado melhoramento, que são os bons professores, e inspectores zelosos e intelligentes. Faltam os edificios públicos e appropriados para o ensino, principalmente no ramo da instrução primaria: ensinada quasi geralmente nas cazas de habitação dos proprios professores, negam até as camaras a mobilia e reparos das escolas, a que foram obrigadas pelo art. 2.º do dec. de 20 de janeiro de 1850; o numero das escolas 'neste ramo é muito inferior á cifra que deve corresponder á população, e necessidades do paiz. — Não menos faltam os elementos estadísticos indispensaveis para se elevar este relatorio ao gráu de perfeição em que o conselho pôz mira desde o momento da sua instalação: e assim renova, a seu pezar, a já por vezes repetida indulgencia dos involuntarios defeitos, que ainda d'esta vez não pôde remediar. E por esta occasião consinta V. M. que o conselho exponha respeitosa e a impossibilidade de em novembro apresentar um relatorio exacto como cumpre. Fôra mister para isso que em setembro recebesse todos os relatorios parciaes: mas sobre ser este mez de ferias, accresce o descuido de uns, e impossibilidade de outros, extraviados de correios, e de ordinario a demora irremediavel nas communicações entre o continente e ilhas adjacentes: sendo já sabido, e confirmado

pela experiencia de oito annos que a conferencia geral de abril fôra a mais propria, e accomodada á exactidão, que se requer em relatorio de tal importancia e gravidade, com referencia ao anno litterario findo, por setembro anterior. — Procurando todavia approximar-nos, quanto é possível, á verdade historica, daremos noticia do estado da instrução considerado primeiramente no de sua administração central; e seguidamente nos ramos de primaria, secundaria, e superior, em que se acha actualmente dividido o ensino público; concluindo com as reflexões, que suscita o estudo de cada um d'aquelles ramos; apontando as necessidades, e remedios mais adequados com respeito á situação economica intellectual do paiz.

#### *Administração central.*

Tem sido regular no anno decorrido o andamento dos negocios a cargo do conselho superior. A falta de dois vogaes, um por vacancia, ha pouco preenchida, outro por despacho para vice-presidente do conselho; e os impedimentos do terceiro por occupado em serviço de côrtes, e d'outro por achaques, não têm demorado o expediente do serviço ordinario, nem quebrado o zeloso empenho com que o conselho procura o ponto de perfeição na administração geral dos estudos. — A secretaria do conselho tem sido pontual no desempenho dos seus deveres. Não lhe sobeja tempo apezar de não ter ferias, nem dias feriados, do muito serviço a seu cargo. Os ordenados e emolumentos dos empregados são, com tudo, inferiores aos de outras repartições litterarias, a que são superiores em categoria. Não pareceria injusto, nem ainda inconveniente o realisar a promessa feita no art 64 do decreto de 10 de novembro de 1845; havendo elles recebido desde 1844 até agora provisoriamente os ordenados dos antigos officiaes do extinto conselho director. Sobre este objecto já o conselho teve a honra de consultar em 21 de fevereiro de 1851, e 7 d'outubro d'este anno. — A cooperação dos delegados do conselho, com especialidade dos commissarios de estudos, não tem correspondido plenamente ás esperanças do conselho, ao plano da lei, e ás exigencias do ser-

vigo. Occupados com a direcção dos lyceus cujos são reitores, e simultanea regencia de cadeiras, na maior parte os commissarios não curam em geral, nem podem curar da visita, e inspecção das escolas primarias, e das secundarias distantes, mas annexas aos lyceus. Os subdelegados que a lei creou para coadjuvar aquellos no exercicio do seu emprego não existem; nem tem sido possível alcançal-os apesar das diligencias do conselho. Recommendar este a todos os commissarios que lhe lembrassem pessoas intelligentes e devotas da instrucção, que inspirando confiança podessem ser propostas para ser delegados, e ainda até agora não houve commissario que lembrasse pessoa alguma com aquellos predicados havendo proposto pela maior parte professores, que não devem fiscalizar-se a si proprios. A causa será antes o serviço gratuito, para que hoje os animos se vêem tão pouco dispostos, do que a carencia absoluta de pessoas competentemente habilitadas 'naquelle genero. Assim que podemos asseverar serem as limitadas informações, que por via dos commissarios chegam ao conselho acerca do estado litterario, moral, e material das escolas, resultado do que as autoridades administrativas locais informam, nem sempre limpo das intrigas, e paixões acesas entre visinhos da mesma terra. — O conselho penetrado da necessidade do conhecimento exacto das escolas, e desenganado de obtel-o pelos meios que a lei prescreve, tem chamado a seria attenção dos vogaes ordinarios e extraordinarios sobre aquelle ponto; e concordou em resultado da discussão pausada, e seguida em conferencias da 1.<sup>a</sup> secção, ser indispensavel a creação de inspectores de instrucção primaria, que visitando a miude estas escolas possam informar com exactidão ao conselho sobre o estado d'ellas, e melhoramentos admissiveis; instituindo até conferencias com os professores mais acreditados, de que muita luz se pôde esperar para as reformas, de que carece o ramo de instrucção mais necessitado. Querendo porém conciliar a utilidade do serviço com a indispensavel economia, julga o conselho que, havendo em todos os lyceus substitutos para supprir impedimentos de cathedraicos, poderão os commissarios fazer as visitas das escolas, mediante algum subsidio de jornada; e levar a inspecção a um estado regular, sendo auxiliados por commissões locais permanentes e gratuitas, compostas de pessoas interessadas no progresso da instrucção e educação primaria: e deverá ser esta a primeira tentativa para a organização do novo ramo de serviço publico, em que presume grande vantagem, e melhoramento á instrucção primaria. Neste sentido preparou, e tem a honra de elevar ao soberano conhecimento de V. M. a proposta n.º 1 para a creação de substitutos, que na instrucção secundaria

evitem a interrupção do ensino, e habilitem os commissarios para a visita das escolas: esperando o conselho as lições da experiencia para a definitiva organização do serviço da inspecção. O conselho celebrou as conferencias geraes, sessões ordinarias, e sessões ordenadas por lei; e na primeira secção, conferencias extraordinarias para discussão de trez questões importantes propostas em secção de conferencia geral de outubro de 1852 por um dos seus vogaes ordinarios. Expediu 289 consultas: 1:791 portarias e officios; 157 diplomas de provimento temporario; 2 propostas de lei; 9 circulares; e 2 regulamentos.

### *Instrucção primaria.*

Conta hoje este ramo d' instrucção 1:175 cadeiras pagas pelo Estado, sendo 7 creadas no anno findo. D'estas ha 1:121 no continente, e 34 nas ilhas adjacentes. Para a instrucção do sexo masculino 1:128 e para a do feminino 47. O methodo d' ensino mutuo é seguido em 15 cadeiras: em todas as outras achase adoptado o simultaneo; e o mixto simultaneo-mutuo mais geralmente. Nas ilhas a maior parte das cadeiras publicas são sustentadas promiscuamente pelos cofres publicos, e pelos rendimentos de confrarias, junctas de parochia, e municipalidades. No continente a despeito dos mais energicos esforços do conselho superior, ha apenas duas cadeiras para cuja sustentação concorrem as confrarias com alguma parte das despesas, e outras duas sustentadas pelas camaras. É summamente estranho e notavel, que haja nas ilhas tanta disposição e boa vontade d'applicar á instrucção primaria os sobejos dos rendimentos locais, e no continente tanta repugnancia! Pois ha bem fundadas suspeitas de que sejam proporcionalmente mais avultados os rendimentos das irmandades e confrarias no continente, e não superiores os seus encargos pios. De escolas particulares ha inscriptas nos registos do conselho 203, sendo d'estas 141 no continente, e 62 nas ilhas. Algumas d'estas escolas particulares são sustentadas por legados; e outras pelos sobejos dos rendimentos de confrarias; e tambem pelas rendas dos municipios. Merece especial e honrosa menção, neste ultimo genero, a camara do Funchal pelo numero d'escolas, que sustenta; e regularidade exemplar em sua administração. No anno escolar de 1851 a 1852 foram as escolas publicas frequentadas por 45:282 alumnos do sexo masculino; e 2:189 do feminino. Nas escolas particulares regulou a frequencia por 10:766 do sexo masculino; e 1:899 do feminino. A totalidade da população das escolas neste anno sobe a 66:136 alumnos. No derradeiro anno de 1852-1853, a que se refere o presente relatorio, não se



póde desde já dizer ao certo a frequencia, que houve, sem risco de errar; mas póde por calculo de approximação contar-se que não foi inferior á do anno antecedente. Tem chegado á secretaria do conselho 824 mappas de frequencia nas escolas do Estado, a que corresponde o numero de 37:172 alumnos; e das escolas particulares apenas temos noticia de 74 mappas com a frequencia de 3:487 alumnos; faltando a maior parte. O mappa n.º 1 representa a frequencia das escolas primarias no anno findo de 1852—1853 na razão dos dados estadísticos atraz dictos; assim como o numero, distribuição, e collocação das escolas com referencia aos districtos, e conselhos do reino. Avaliando a população do paiz em 3:600:000 habitantes, e constando pelos factos da estadística universal que a das escolas primarias regula por um sexto da população geral, devera de haver 600:000 individuos de ambos os sexos frequentando as escolas. Fica assim a cifra da frequencia effectiva para a que podia haver: 1:14 approximadamente. Mas porque no calculo não deve desprezar-se o numero dos que são educados no seio de suas familias; nem deslembrar que a demora nas escolas não costuma durar desde os 7 até os 14 annos de idade, ficará mais favoravel a proporção; e sem temeridade, nem receio de grande erro, se poderá haver :: 1 : 10. Assim se avalia em globo a frequencia actual das escolas. Mas com referencia a cada uma das provincias ha muita differença d'umas para outras; sendo Minho, Tras os Montes, e Beira as em que ella é maior; Alemtejo, Algarve e Extremadura aonde é inferior. É causa a pouca frequencia das escolas da maior despesa dos alumnos. Comparada a verba de despesa do orçamento (97:795\$200) com a cifra da frequencia, custa cada alumno annualmente ao Estado 2:265. É mui subida esta despesa com relação a outros povos. Nos em que a cifra da população das escolas quasi toca a dos individuos entre os 7 e 14 annos, como acontece nos estados da União Americana, e muitos da Allemanha, a despesa regula por um oitavo da que fica declarada. Ainda nos em que ella é menos favoravel, como são a França, a Inglaterra, e Espanha a despesa é muito inferior a nossa. Sendo aquella cifra da frequencia o indicador do movimento intellectual, e da illustração consecutiva de um povo, augmentar a frequencia parece o remedio mais obvio e facil. Assim o entendeu a nossa ultima lei vigente quando impõe penas nos chefes de familia, que não mandarem seus filhos ás escolas, nem mostrarem que recebem ensino em suas casas. O conselho superior porém avisado pela experiencia e practica de povos illustrados, que nos precederam 'nesses meios de progresso e melhoramento da instrucção popular, tem recommendado aos seus delegados,

por ora o emprego exclusivo dos meios suaves; esperando que d'elles se tire maior proveito, que das penas comminadas na lei. Meios coercivos empregados só e exclusivamente, afugentariam, por odiosos, a devoção, o amor á instrucção, que o conselho deseja promover. Ainda depois de esgotados os meios suaves e mais poderosos da convicção, a applicação das penas não poderá ter logar sem que se realice a condição da lei de não haver povo distante mais de um quarto de legua da escola de instrucção primaria. Bem longe estamos nós ainda d'esse suspirado estado. O numero das nossas escolas é summamente limitado, ou se compare com o numero das parochias, ou com o de outros povos, a que somos mais chegados em população, e condições sociaes. Augmental-o é a primeira das necessidades; e não foi ella inteiramente desattendida na ultima sessão legislativa, votando auctorisação para crear novas cadeiras. Lastima-nos declarar que poucos são os bons professores, que temos em instrucção primaria. Crê-se geralmente ser a causa d'este mal a pequenez dos ordenados, e irregularidade nos pagamentos d'elles. Hoje não póde allegar-se a ultima circumstancia; que os ordenados felizmente andam pagos mensalmente ('neste districto ao menos). Não são vantajosos os ordenados dos professores é verdade, mas tambem se não podem dizer muito inferiores aos das outras nações. Em França não podiam reputar-se maiores desde 1833 até 1848; e em Espanha ainda não são superiores aos nossos. O que todavia é certo é que, havendo muitos empregos mais lucrativos, e poucos homens de merecimento litterario, estes não concorrem ás cadeiras vagas, ficando ellas assim á disposição da mediocridade: e onde os interesses do ensino livre são avultados, não ha opposição ás cadeiras publicas, como succedeu em Moura, em quanto o digno commissario dos estudos não elevou a 150\$000 rs. os vencimentos do professor pelos recursos locais. O conselho não sente remedio ao mal indicado que não seja o exercicio d'escolas normaes. Sobre este ponto chamou a attenção de todos os seus vogaes, querendo resolver se por economia poderia obter o resultado, a que aspira, das escolas normaes menores, muito menos dispendiosas do que as grandes escolas, como a que existe em Belem, ainda sem exercicio. O conselho entende que as grandes escolas normaes não convem nas povoações ricas e populosas pelas idéas que inspira o luxo, e distracções d'elas, inteiramente oppostas á vida modesta, e singela de um professor de instrucção primaria: e que as escolas normaes menores nos davam o resultado que queremos sendo a nossa maior necessidade de professores para escolas ruraes, em que só o necessario se deverá ensinar. O conselho que tem posto olhos mui

attentos na instrução primaria. não será estranhado propondo com verdadeiro empenho a criação d'escholas normaes, e de um corpo regular de inspecção. Não ha dúvida que em quanto se não obtem numero sufficiente de individuos habilitados para o magisterio 'neste grau, a melhoria em vencimentos fôra o melhor dos incentivos para attrahir a elle professores de mais merecimento. Mas sentindo o conselho que os encargos do thesouro possam, por essa traça, ser aggravados, lembra a modica subvenção escolar, de que fallou na consulta de 16 de março de 1852; e crê que imitando assim outros paizes, em que tem florescido a instrução primaria, não introduz novidade que seja estranha; nem mesmo opposta á lei fundamental do Estado. E para remate do que se offerece a dizer na instrução primaria resta fallar dos methodos de ensino. O individual, que deve haver-se pelo methodo natural, nem é admissivel em escholas publicas de numero superior a dez alumnos; nem exempto de outros inconvenientes. O mutuo tem sido quasi geralmente abandonado pelo maior consumo de tempo de apprendizado, e deficiencia na educação moral. Se em algum paiz se segue ainda, só a economia o pôde justificar. O simultaneo puro é impossivel em escholas com grande numero de alumnos. O simultaneo-mutuo é o que satisfaz melhor ás indicações do ensino; e o que é geralmente seguido entre nós. O methodo de leitura, dicta repentina, fôra de principio abraçado com o entusiasmo da novidade, alentado pelo prestigio do nome, e amenisado pela harmonia musical, de que ordinariamente era acompanhado o seu exercicio. Hoje terminada a impressão primeira da novidade, e desacompanhado da recreação da musica, é pouco frequentado. Talvez a força de habito, e a impericia dos instructores lhe tenham tambem embargado o passo. Nem deslumbrou, nem suprehendeu aquelle enthusiasmo ao conselho superior. Sabia o que em Inglaterra acontecera em 1830, em França pouco depois, e posteriormente na Belgica, que em materia de instrução publica não tem systema legal, nem da exemplos. O conselho porém não devia proscrever, nem recomendar positivamente a adopção legal de um methodo, sem que estivesse auctorisado com factos do proprio paiz. Mandou ensaiar-o em escholas publicas, e particulares; fez viagar os resultados pelos seus delegados. Das informações encontradas, até agora recolhidas, o que pôde concluir-se é que os effectos do methodo dependem essencialmente dos dotes pessoas do professor, que produz tanto melhor resultado, quanto maior é a idade do alumno a que se applica; sendo de pouco proveito na primeira infancia; que o nome *repentina* é perfeitamente illusorio; mas que alguma brevidade se consegue no tempo do

ensino; e que não pôde negar-se a vantagem de as letras entrarem na leitura pelo valor de suas combinações, e não pelo nominal. Mas nas escholas publicas, a que diariamente acodem novos alumnos, uns analphabetos, outros com diferentes graus de instrução, será talvez o methodo inapplicavel sem a construcção de edificios proprios, accomodados ás muitas classes, em que tem de dividir-se a eschola, e sem um professor para cada classe. Resta saber se as vantagens do methodo compensam os sacrificios que elle exige. Não parece muito provavel; mas o conselho aguarda a sancção do tempo.

*Continúa.*

## O ESTUDO

DAS

### LINGUAS GREGA E LATINA

É necessario para o perfeito conhecimento da portugueza.

Continuado de pag. 69.

#### X.

Em nossos dias um dos mais esclarecidos luminaries de nossa litteratura pretendeu demonstrar, em uma extensa e erudita memoria, não só os simplicis assertos de Antonio das Neves Pereira, mas a grave injustiça, com que a lingua portugueza ainda goza da duplicada prerogativa de filha primogenita da latina<sup>1</sup>.

Mas, ainda bem, não valeram as fadigas, e subidos creditos de tão valente campeão a desbautizal-a de tão nobre titulo; continuará na posse d'esse antigo fôro.

Embora contemporanea bem reputada se acham refutados cabalmente, um por um, os singulares argumentos d'aquelle insignissimo escriptor, e produzidos outros mui ponderosos em abono, e confirmação da primitiva crença dos Barros, dos Camões, dos Severins, Vieiras, Farias, etc.<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Memoria, em que se pretende mostrar, que a lingua portugueza não é filha da latina etc.* — Por D. Francisco de S. Luiz — Mem. da Ac. R. das Sc. de Lisboa — Tom. XII. Part. 1.

<sup>2</sup> *A lingua portugueza é filha da latina, ou Refutação da Memoria, em que o sr. Patriarcha Eleito D. Francisco de S. Luiz, nega esta filiação.* — Lisbon: 1843: — Em confirmação do juizo, que fizemos d'esta obra, e da justa reivindicção, que 'nella se sustenta, vejam-se *Reflexões Ethnograficas, Philologicas, e Historicas*, etc. — Pelo sr. A. Herculanio. — *Panorania* — 2.<sup>a</sup> Serie — Vol. III.

## XI.

Por ventura dominados por esta veneranda crença, melhor diríamos, convicção profunda, é que todos os que, entre nós, mais desveladamente se têm dado ao estudo da lingua materna, julgam, de todo o ponto, impossivel conhecer as suas galas, e formula, sem o previo, e mui aturado estudo dos monumentos da latina, que afincadamente recommendam.

Nestes claros, e terminantissimos termos se exprime um auctor de grande nome:

« Ouso dizer, sem temor de exageração, que quem quizer entender os nossos classicos, e ter um conhecimento completo dos termos e expressões da nossa lingua, precisa saber a latina, porque d'ella tiramos a maxima parte dos vocabulos e formas, e só ella nos pôde conduzir na decomposição dos termos, e revelar-nos sua verdadeira significação: sem o seu conhecimento julgo absolutamente impossivel, que ninguém possa saber soffrivelmente o portuguez »

Um outro escriptor mui abalisado, fallando dos subsidios necessarios ao estudioso da lingua portugueza, diz, ácerca da necessidade do conhecimento da latina, estas notaveis palavras:

« Sem esta luz marchará ás escuras em o entendimento, e analyse de nossos termos, e de nossas locuções, em grande parte tomadas d'esta lingua mãe, a quem tem recorrido, todos os dias, em caso de mingua, como a quem melhor pôde soccorrel-a com sua riqueza caudal »

Em verdade todos os nossos poetas de renome, e historiadores insignes, seguiram os romanos, apropriando-se a locução e estylo, e até adoptando, ás vezes, suas divisões metricas, e chronologicas.

Por conta de tão louvavel imitação é que logramos a ventura de citar, antonomasticamente, o *nosso* Plauto, o *nosso* Cicero, o *nosso* Livio, etc., quando queremos fallar de Gil Vicente, Jeronymo Osorio, João de Barros, etc.

## XII.

Não se entenda, porém, que somente dos classicos latinos da florenteidade da lingua recommendam nossos escriptores o estudo; por conveniente, e necessario aconselham ainda o dos auctores, que escreveram já na ultima decadencia, e com justa razão: que, por ventura, dos corruptos documentos d'essa epocha herdámos boa parte, se não a maior, dos vocabulos, que possuímos.

O erudito João Pedro Ribeiro<sup>1</sup> pretende, se colligam em especial glossario todos os termos

do latim barbaro, obra indispensavel para a intelligencia dos documentos dos primeiros seculos de nossa monarchia<sup>2</sup>. O mesmo estudo (do latim barbaro) recommendará tambem já o legislador dos estatutos novissimos da universidade de Coimbra<sup>3</sup>.

## XIII.

É todavia geral opinião dos philologos, que não pôde alcançar-se conhecimento cabal da lingua latina sem o previo estudo da grega, as quaes em muitas escholhas estrangeiras<sup>4</sup> (noutro tempo, em algumas das nossas) se ensinam em commun.

A seu estudo indefesso deveram os latinos a forma, perfeição, e riqueza da sua, segundo o commun sentimento dos homens eruditos<sup>5</sup>.

De maravilha apparecia em Roma, na florentissima idade dos Ciceros, e Virgilios, mancebo ingenuo, e de boas prendas, que não tomasse singularmente a peito o estudo da lingua grega<sup>6</sup>.

De muitos contam os historiadores (nomeadamente de Titus Pomponius o affirmo Cornelius Nepos)<sup>7</sup>, a entendiam e fallavam tão despejada e elegantemente, que mais pareciam nascidos, e educados em Athenas, do que naturaes, e moradores de Roma.

Nem pôde comprehender-se, como, ignorando-se o grego, possa dar-se a razão da etymologia, e noção primitiva dos vocabulos, da orthographia, e da syntaxe da lingua latina, tão basta de hellenismos, que é um dos maiores enleios dos mancebos, que a estudam, conhecel-os, e explical-os.

## XIV.

Não é sômente ao estudo da lingua latina, que presta valiosos subsidios a grega, tambem os ministra directos, e muito proveitosos á portugueza.

Quem se dá á lição, e ao estudo de nossos classicos vê-se, a cada passo, atalhado, sem poder atinar com o verdadeiro entendimento de muitas passagens; e então recorre, por necessidade, aos subsidios, que lhe ministra a litteratura grega.

<sup>1</sup> Reflexões philologicas, Parte 2.<sup>a</sup> n.º 3.

<sup>2</sup> L. II, tit. VI, cap. III, §. 43.

<sup>3</sup> Alguem ha, que pretende, que a lingua latina formada pelas dos antigos habitantes do Lacio, se achasse já polida, ao gosto dos Romanos, antes da communicação d'estes com os Gregos; mas esta opinião é singular, e destituida de fundamento.

<sup>4</sup> Cicero no proemio dos seus trez livros sobre as obrigações civis diz a seu filho, então residente em Athenas, a frequentar a eschola de Cratippo, que sempre unira, para seu proveito, as letras gregas com as latinas, e que era sua tenção, que elle ficesse o mesmo.

<sup>5</sup> Sic enim Graece loquebatur ut Athenis natus videretur. — Vita T. Pomponii Attici. — Cap. IV — Foi d'esta singular prenda, que lhe veio o appellido Atticus.

<sup>1</sup> Considerações sobre a lingua portugueza, o seu estudo — Pelo sr. Agostinho de Mendonça Falcão

Quem lêr, por exemplo, em Fr. Luiz de Sousa, aquella passagem da *Parte Segunda* fol. 101 da *Historia de S. Domingos*: «Aqui temos o lecyto da velha de Elias:» achar-se-ha embaraçado, para alcançar a noção de *lecyto*; folheara, debalde, os dictionarios, e somente em algum Lexicon grego deparara com a verdadeira significação d'aquelle termo, que tanto quer dizer como *almotolia*.

Egual difficuldade encontrará ainda quem, no abrir as *Memorias para a Historia Ecclesiastica do bispado da Guarda*, topa, na *Dissertação Exegetica*, a pag. 104, com a seguinte passagem:

«É certo que o uso das armas, e estemmas gentilicios, é muitos seculos mais moderno:» não attingirá a significação de *estemmas*, que é palavra puramente grega, ainda não definida em nossos dictionarios, mas bem explicada nos gregos.

E que nossos escriptores de mais culto e extremado dizer eram tambem consumados na erudição das letras gregas, mostrando-a, a cada passo, não só nas continuadas elegancias do seu stylo, no proprio tecido, e construcção dos discursos, mas ainda nos termos, que d'ella adoptam em algum feliz desatino.

#### XV.

Nem é sómente uma ou outra palavra grega, que se acha incorporada na lingua portugueza; são muitas as moedas, tiradas dos thesouros da Grecia, que gyram, entre nós, retocados os cunhos pelo nosso buril.

Avultado é o numero de termos gregos, que, como é sabido, nos vieram da primitiva linguagem dos Lusitanos, e, por ventura, mais serão os posteriormente adoptados, ou derivados.

Uns quinhentos vocabulos portuguezes derivados do grego nos diz Andre de Resende chegára a colligir. A academia real das sciencias de Lisboa offereceu tambem um insignissimo cultor das letras gregas (o sr. D. Fr. Fortunato de S. Boaventura) o *Ensaio de um Indice das palavras, adagios, dictos, sentenças, annexus, e phrases, que a lingua portugueza tirou da grega, sem passarem pelo intermedio da latina*.

H. DE GUSMÃO.

AO MEU AMIGO ADOLFO SOARES CARDOSO.

### AMOR.

Volve os olhos sequer, volve esses olhos  
Com sorriso d'amor que o peito abraça,  
E verás o poder que os céus lhes deram.  
Volve os olhos sequer, solta um sorriso:  
Como o sol afastando as densas nuvens,  
Ilumina o chão de luz, e á flor mimosa,  
Que acia estiva entrou com o rijo sopra,

Do norte queimador, dá vida nova;  
Assim meu coração, talvez celado  
Sem fé e sem amor, já morto á esperança,  
À vida voltará com o brando riso.

Mulher, que mandas tu—desejas gloria?  
D'este sangue que é teu a gotta extrema  
Vou na lida verter; quero em teu nome  
Fazer laçanhas tuas, que o mundo pae-me.  
Afrontando por ti as bravas ondas,  
Em leve lenho, vou juntar ao mundo  
Um mundo novo, que teu nome tenha:  
Fita os olhos em mim, solta um sorriso,  
E um canto ouvirás sahir desta alma.  
Novo canto d'amor jámais ouvido,  
Harmonia, do céu por ti trazida,  
Que o mundo ha-de escutar prostrado às plantas  
Do anjo que dos céus tuas canções trouxe:  
Fita os olhos em mim, sanctificando  
Por esse teu olhar, eu corro ás chamma  
Confessar do Seuhor a mão potente  
Que em ti se revelou. Talvez creado  
Te tenha o céu de mim, talvez no peito  
Me falte ao coração metade pura  
Que elle em ti divison, buscando ansioso  
Esse sangue que é meu. Que digo insano!  
Como pôde formar-se a luz das trévas,  
Do lodo impuro e vil a essencia etherea!  
Mas quem sabe? talvez—O sol não tira  
D'esse lodo tão vil o puro orvalho,  
Das frescas rosas perfumado pranto?  
Ah! diz-me o coração que o céu benigno  
'Nesses olhos lançou poder mais forte—  
Se quizeses mudar a noite em dia,  
Formar um puro céu do negro inferno,  
Criar do nada um mundo de venturas,  
Fita os olhos em mim, solta um sorriso.  
Tu podes tudo num sorriso apenas:—  
Mas tu não podes—ai de mim—nem posso  
Matar, no peito meu, amor tão louco.

Coimbra.

HENRIQUE O'NEILL.

## O METHODO DO ENSINO PARALLELO

DE

ESCRIPTA E LEITURA

Do Juizo do respeitavel Inspector General das escolas do chamado methodo portuguez.

Amigo Redactor:—Li com satisfação os artigos de critica litteraria, que a pedido do sr. A. F. de Castilho foram publicados nos numeros 39, 40, 43, 44, 45 e 46 do Diario do Governo, á cerca da memoria sobre o ensino paralelo da escripta e leitura, inserita nos numeros 21, 22 e 23 do Instituto.

A satisfação que me causou aquella leitura, impôz-me o dever de agradecer-lhe, como cordalmente agradeço, o ter para ella contribuido com a publicação da minha memoria: porque, em verdade, se eu tentasse fazer nova critica ao *methodo-castilho*, ou uma apologia ao do *ensino paralelo*, mal poderia para isso elaborar discurso tão feliz e apropriado, como o que fizera, com a intenção contraria, o sr. Castilho nos mencionados artigos.

A bondade do sr. Castilho para comigo dispensar-me-ha de dar-lhe uma resposta longa. Além de não querer enfiar o público com minudencias que bem poucos apreciam, ainda por outra razão o não farei. Deus me livre da tentação de querer convencer o sr. Castilho! s. s.<sup>a</sup> anda tão enamorado do seu methodo, que ao presente é absolutamente incapaz de ver os defeitos, que elle tenha, ou as excellencias que recommendem qualquer outro.

Se algum dia, (e o tempo é a melhor triaga para achaques d'esta ordem,) se algum dia tiver mais desabafado o animo de tão exaltado amor paterno, então não fará mingua dizer al, para que tão elevado espirito caia em si; para que reconheça que o methodo portuguez não prospera, não pode prosperar, porque já do berço vicia cívado de erros philosophicos, que s. s.<sup>a</sup> teve a boa fortuna de entrever, mas que não quiz evitar, não sei porque animadversão de má morte á pobre da philosophia.

A prova do que aqui digo, dá-m'a o sr. Castilho, citando o trecho de uma obra sua, em que leio com pasmo o seguinte: — «O ensino da escripta, se houvessemos de pro-ceder com extrema philosophia, se a philosophia fosse cousa a que 'neste mundo se per-doasse, deveria preceder ao ensino da leitura; como porém o haver duas especies de « alphabeto, o redondo e o de mão, e o ser o « redondo mais usual e facil, induzem a in-« verter a ordem logica das cousas, e a pormos « a leitura, arte filha, antes da escripta, arte « mãe, primeiro fallámos da leitura que da « escripta. »

O sr. Castilho não quiz deixar devoluta a ninguém a honra de apreciar o seu methodo; aprecia-o elle proprio; e muito folga de recommendal-o, como uma inversão da ordem logica das cousas, e completa aberração da philosophia da linguagem! . . .

Ora, para que o meu silencio não induza alguem a dar a este methodo maior prego que o que elle tem na estima do proprio auctor, sempre resumirei aqui o menos que poder dizer a tal respeito; sempre darei um lance d'olhos aos artigos do sr. Castilho, publicados no Diario; examinarei rapidamente o que fez; e citarei alguns trechos, que dão cabal documento da lealdade e proficiencia litteraria, com que entrara s. s.<sup>a</sup> numa discussão, na qual tinha de zelar igualmente os creditos de sua intelligencia e os do seu character.

### O que fez o Sr. Castilho?

O sr. Castilho que — por certo — não é pantheista, admite mais de uma natureza. Sabe que ha corpos, que ha espiritos, e que assim como o systema das leis dos corpos constitue a natureza physica, assim o das leis dos espiritos forma a natureza moral. Ora a

esta natureza e que alludia o auctor da memoria sobre o ensino paralelo, quando na primeira secção d'ella escreveu — « que a natureza creára para andarem junctas as artes de escrever e ler. »

Que faz porém o sr. Castilho? Affecta a este respeito uma ignorancia que não tem; e no artigo publicado no n.º 40 do « Diario diz em tom de sarcastica piedade. — « Abste-mo-nos de perguntar ao nosso profundo « philosopho por que elle attribue á natureza « a criação da cousa mais artificial que o « mundo tem : o escrever e ler. »

Não se abstenha. Formule desaffrontadamente a pergunta. Quer saber por que attribuo á natureza a criação das artes de ler e escrever? Abra a segunda edição do seu methodo; e ahi, a paginas 34, achará 'nestas palavras a resposta: — Toda a arte teve principio e crescimento, e é perfectivel. O principio de qual-quer arte provém sempre da natureza e da necessidade; os seus progressos, da reflexão e de necessidades novas, e de casualidades subministradas tambem mil vezes pela natureza. »

Se pois, no entender do sr. Castilho, da natureza é que provém o principio e progressos de todas as artes, d'onde, senão da natureza, poderão ter vindo os progressos e principio das disciplinas de ler e escrever, que tambem são artes? O sr. Castilho tem amplo direito de rir das necesdades dos outros; mas 'neste caso — permita-me dizer-lhe — só tem de rir de si proprio, porque, se o auctor da memoria cincou, foi por haver seguido a s. s.<sup>a</sup> por mestre.

Na memoria publicada no « Instituto » escreveu eu o seguinte: — « O instincto philologico do povo, dando a certas consoantes nomes dissyllabos, quizera significar com isso que cada uma d'estas tinha differente valor segundo viesse antes ou depois de vogal. Assim, chamando emme, éne, elle, erre, esse etc. a estes signaes m, n, l, r, e s, « o pensamento do povo era indicar que m « antes de vogal val me, depois val em; n « antes de vogal val ne, depois val en etc. »

O sr. Castilho transcreve integralmente este paragrapho; mas quando passa a censurar a doutrina, eis-aqui como repete a citação: — « O pensamento do povo, diz o auctor, era « indicar que m antes de vogal val emme, e « depois val em etc. »

Onde digo eu que m antes de vogal valha emme? O que eu disse, e o que o sr. Castilho sabia que eu dissera, porque assim o transcreveu do texto original, é que m antes de vogal val me. Mas não lhe convinha ser fiel na citação . . . se o fosse, como teria azo de mimosear-me com aquella amabilidade tão sua: — « Nem o povo, nem pessoa alguma no recto « uso de suas faculdades podia ou poude ja- « mais acreditar que m antes de vogal vale-

«se *émme*, depois valesse em; porque nem «depois val em nem antes val *émme*?»

Que o sr. Castilho fosse parcial, vendo interessada na contenda a inviolabilidade do seu methodo, entende-se. Mas que fosse desleal!... e desleal a ponto de inverter o que eu dissera, para fazer-me dizer uma *bernardice*, para assim ter margem a irrogar-me o docto de *mentecapto*!... proceder e este inqualificavel, que profundamente me contrista por vir de pessoa, que eu tinha em conta d'*homem de verdade*, que respeitava como mestre, que estimava como amigo, e de quem ainda agora só posso ter do...

Nega o sr. Castilho que *m* e *n* depois de vogal na mesma syllaba valham em e *en*, como se diz na memoria sobre o *ensino parallelo*. Mas quer saber o leitor quaes as razões em que assenta a sua negativa? Veja-o no artigo publicado no n.º 45 do «Diário.»

— «O *m* e o *n* não tem cada um mais que um unico valor phonico, mas podem tambem não ter valor algum. O *m* e o *n* antes de vogal tem o valor de *me* ou *ne*, (como se dissera na mencionada memoria,) proferidos com a minima voz possivel; mas depois de vogal e na mesma syllaba tornam-se (atenção! atenção!) tornam-se meros *signaes de que essa vogal é nasalada*. Neste sentido, o *m* e o *n* não são letras; são tão letras como o *til*: *ã*, *am*, *an* são tudo a mesmíssima cousa para o som — prova de que o som *ã* não é mais nem menos que uma modificação nasal do som *ã*, a qual modificação vai indicada por aquelle d'esses tres modos, que na hypothese dada lhe é prescripto pela alcunhada orthographia.»

Vê o leitor? O critico illustre, conscio da contradicção em que se entalára, barafusta por aberrar do ponto da questão!... Ninguém quer saber se o som *a* com *m*, com *n*, ou com *til* é um e o mesmo som. O que se pergunta, o que se quer saber, é o que são o *m* e o *n*, quando postos a vogal na mesma syllaba. A isto é que é forçoso responder.

E então, em que ficamos? Têm neste caso, valor ou não têm valor estas letras? — Se não têm valor, isto é, se não significam cousa alguma, como é que são *signaes da nasalidade das vogaes* a que se junctam? — Se porém significam esta nasalidade, como é que não têm valor, que não são consoantes, que nem sequer são letras em tal caso? A contradicção é palmar.

Se o *m* e o *n* depois de vogal e na mesma syllaba não têm valor algum, isto é, não significam elemento algum do som, conservá-los na syllaba, ou eliminá-los d'ella, será cousa igualmente indifferente para o ouvido. Mas isto é falso; porque, em se eliminando da syllaba nasal o *m* ou o *n* que vem depois da vogal respectiva, esta, de nasal que era, passa a ser vogal pura. Logo é falso que *m*

e *n* depois de vogal na mesma syllaba não signifiquem cousa alguma, não tenham algum valor.

Estas letras (que na opinião do sr. Castilho não são letras!) significam todavia a nasalidade das vozes, a cujos signaes se acostam. Mas a nasalidade de uma voz é a modificação que nella resulta de ser emitto pelas narinas o som que a constitue. E se, por outro lado, toda a letra que significar a modificação de um som, é uma consoante: é evidente que o *m* e o *n* depois da vogal e na mesma syllaba, significando a nasalidade da voz respectiva, são verdadeiras letras, são letras consoantes.

Isto que aqui pomos, não é de nossa lavra; quem nol-o ensinou, foi o sr. Castilho, estampando a paginas 26 da segunda edição do seu *methodo* esta doutrina. — «Os sons sahem da garganta já formados. Não assim os outros valores. O *f*, o *m*, o *x*, o *l*, o *n*, o mesmo *r* etc. são modificações que os sons recebem pelas varias posições que ao passar d'elles tomam a lingua, os beicos e em geral as partes do instrumento vocal, que ficam para cima da garganta.»

Ora as narinas, por onde sahem os sons nasaes, são uma parte do instrumento vocal, que fica para cima da garganta. Quando o som passa por esta parte, recebe d'ella certa modificação, que o determina a ser nasal. O signal d'esta modificação, d'esta nasalidade do som e o *m* ou *n*, e por abreviatura o *til*. Mas como toda a letra que signifique a modificação de um som, é uma consoante: — que serão o *m* e o *n*, significando tal modificação, senão verdadeiras letras, senão verdadeiras consoantes?

Estas letras, o auctor do artigo do «Diário» as reduz a puros *nadas* — mas *nadas*, que significam alguma cousa. Já se não lembra s.ª do que escrevera acerca d'ellas, a paginas 136 do seu *methodo*? Já se não lembra que ahí lhes dera maior e mais subido valor, que o do carrilhão de Mafra? Já se não lembra que com ellas construiu aquelle *immortal campanario*, que tem a cargo annunciar, aonde quer que chegue o livro, a immarcessivel gloria do auctor? Veja se reconhece esta bella estrophe.....

«M ou N, se a vogal segue.

«E em fim de syllaba está.

«*Am, ão, en, in, ou, um*

«Como os sinos, *soar*».

Cicero diz que a cólera tira o tino: — *Quid insanie similis quam ira?* — O sr. Castilho é prova de que tambem tira a memoria. O seu despeito contra a tentativa do *ensino parallelo* tem-lhe por tal modo toldado a cabeça, que já se não lembra do que pensou, do que disse, do que escreveu, ainda não ha trez annos.

Continúa.

N. BAPTISTA DE MENDONÇA

## PISCICULTURA.

Continuado de pag. 71.

**Incubação e transporte.** Algumas espécies, como o salmão, a lampreia e a truta, que escolhem para desovar logares onde ha pequenas pedras e areia grossa, cobrem as ovas para que as não leve a agua; outras, como o barbo, a boga etc., põem as ovas sobre vegetaes aquaticos ou corpos a que possam adherir; e 'nestes logares é que umas e outras passam o periodo da incubação. Convem pois imitar este processo nas fecundações artificiaes.

Na maior parte dos casos, não se pôde effectuar a incubação no proprio local em que teve logar a fecundação, e é necessario transportar as ovas immediatamente depois d'esta operação, ou pouco tempo depois. O transporte das ovas na agua tem vantagens reaes, quando para pequena distancia, principalmente 'nalgumas espécies de peixes, em que a organização primitiva do embrião segue uma marcha rapida; por este modo transportam-se as ovas sem as expôr á acção do ar exterior, que lhes é nociva. Mas se o transporte é para grande distancia, alem de ser dispendioso, o risco de se alterarem as ovas, durante o periodo da incubação, augmenta na razão da distancia, e por isso emprega-se outro processo.

Mostra a experiencia que basta conservar as ovas 'num ar muito humido, para que o seu desenvolvimento possa continuar: satisfaz-se a tal condição depositando-as entre corpos que conservem este gráu de humidade, e se não alterem facilmente; assim podem dispor-se por camadas pouco espessas, sobre panno de linho, ou papel molhado e guardado dentro de uma caixa de madeira.

Para attenuar a desiccação, e os effeitos dos abalos e compressões que podem soffrer as ovas, separa-se cada porção de linho por uma camada de musgo bem lavado, limpo, e humedecido com agua; tambem se emprega o carvão embebido de agua para o mesmo fim. Quando se temer a influencia do gelo, podem collocar-se as caixas 'numa canastra, tendo o cuidado de as envolver em palha, feno, ou folhas seccas.

Estes meios de transporte são particularmente applicaveis ás ovas livres; porque nas adherentes basta haver o cuidado de envolver os objectos a que estão agarradas, em linho humido, e collocar-os depois em caixas guardadas de palha. Todavia o transporte das ovas mergulhadas na agua é sempre preferivel a qualquer outro.

Logo que as caixas cheguem ao seu destino, tira-se o panno de linho com as ovas, e mergulha-se 'num vaso ou no logar onde tem de effectuar-se a incubação.

Se as ovas podem soffrer a incubação no proprio logar da fecundação ou nas suas proximidades, basta effectuar o transporte no meio do periodo da incubação, quando commecam a apparecer os vestigios do embrião, e os olhos do novo peixe formam dous pontos negros bem distinctos. No caso contrario, e quando se não pôde esperar por este estado de desenvolvimento do embrião, é de incuestionavel vantagem transportar as ovas immediatamente depois da sua fecundação; e nem é necessario esperar que soffram o principio de incubação; porque, 'nestas circumstancias, são mais sensiveis ás influencias exteriores. É geralmente conhecido que o transporte dos peixes novos é sempre muito ariscado, por isso se prefere fazer nascer as ovas nas mesmas aguas em que o peixe tem de ser criado.

**Nascença.** Durante o periodo da incubação as ovas mostram, por signaes manifestos, o resultado da fecundação e a qualidade das ovas, e assim podem transportar-se na certeza de que estão fecundadas.

Nas ovas de grande volume, como as do salmão, truta, etc.; e nas que são transparentes, como as dos lucios, da perca, do temulo, etc. é facil apreciar as transformações por que passam: a ova apresenta uma especie de mancha branca em volta da qual estão reunidas pequenas gottas oleosas, mais ou menos coradas, segundo as espécies; assim no salmão, e nas trutas, tem estas gottas grande volume, mostrando uma côr amarella avermelhada. Passado algum tempo extingue-se esta mancha bem como as gottas oleosas, e principia a ova a alongar-se, tomando a forma de pequena forquilha, cujos ramos se curvam ligeiramente um para o outro, apresentando depois dous pontos escuros, que são os olhos: pouco e pouco a cabeça se torna visivel, assim como as outras partes do corpo, transformando-se assim a ova no embrião.

Tambem se podem ver distinctamente as diversas gradações da côr do sangue nas ovas de peixes de sangue rubro, taes como o salmão a truta, o lucio etc. No peixe perca e 'noutros cuja incubação é de curto espaço, as ovas nascem com sangue branco; 'nestas o embrião manifesta-se logo com dous pontos negros que são os olhos, e com a forma de um pequeno filamento cinzento.

Estes diversos caracteres podem reconhecer-se facilmente 'numa collecção de ovas de diversas espécies de peixes, observando-as desde que começa o desenvolvimento do embrião; tambem se pôde notar que nas ovas improduttivas, apezar de apresentarem sempre as gottas oleosas, a mancha esbranquiçada forma uma vesicula ou bolha de forma circular, que se distingue da mancha que apparece nas ovas productivas. Nas fecundações artificiaes bem dirigidas apenas deixam de nascer 4 a 6

em cada 100 ovas. Collocando uma ova de salmão ou truta dentro de um pequeno tubo de vidro cheio de agua, podem observar-se bem os phenomenos do desenvolvimento do embrião, em todas as suas phases.

*Alimentação dos peixes.* Animalculos infusorios de diversas especies são o alimento mais appetecido dos peixes, e para alguns, até outros peixes, minhocas etc.; porem a experiencia tem mostrado que se podem alimentar de carne de qualquer animal, e até de substancias farinaceas. Deve todavia advertir-se que o peixe come melhor a preza fluctuante, e por isso se costuma metter o alimento 'numa rede metallica galvanizada, ou 'num cestinho de vergas, suspenso a uma boia de cortiça que fluctua na superficie da agua. Lança-se ahi o alimento, comprimindo-o por forma que faça saliencia atravez das malhas do cesto, ou rede. Podemos empregar qualquer especie de carne, ainda a de animaes com que o homem se não alimenta, como a de cão, gato, cavallo, etc. Este alimento pôde ser cozido ou cru; mas é essencial que seja picado muito miúdo.

Quando se empregam os farinaceos, devem triturar-se os grãos, reduzindo-os a pequenos fragmentos: tambem se pôde usar de qualquer especie de pão, fazendo-o em migalhas; e em fim de restos da nossa comida, formando d'elles uma massa, que se possa introduzir dentro do referido cesto.

Na primavera encontram os peixes grande quantidade de animalculos, que se desenvolvem principalmente nas aguas pantanosas; mas quando é grande o numero dos peixes, pôde não ser bastante o alimento que a natureza lhes offerece; por isso, 'neste caso, e nas outras estações do anno, é sempre vantajoso alimentar o peixe artificialmente. E note-se que por esta forma podemos obter, 'numa piscina, peixe não só em grande quantidade, mas até de um gosto tanto mais exquisiteso e saboroso, quanto mais variada for a alimentação que lhe ministrarmos.

M. P.

## NOTAS

AO

### ENSAIO SOBRE OS PRINCIPIOS DE MECHANICA,

OBRA POSTHUMA

DE

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA.

Continuado de pag. 42.

P. 20, l. 9.

*Hypotheses.*

De tudo o que fica dicto sobre a differença das hypotheses aos theoremas, e sobre a dependencia que estes têm das definições, se

deduz facilmente, que, emendadas as definições defeituosas do auctor, talvez poderiam demonstrar-se, como theoremas, as que elle é obrigado a dar aqui como hypotheses.

P. 23 l. 3.

*Na hydrostatica e hydraulica... tem a mathematica bem pouco que fazer. Ahi tambem quasi todos os principios fundamentaes não podem ser senão hypotheses.*

Porque os principios fundamentaes d'estas duas sciencias são hypotheses, não se segue que a mathematica tenha 'nellas pouco que fazer, antes pelo contrario já para assentar hypotheses não tem a mathematica pouco que fazer, tanto 'nestas duas, como em qualquer outra sciencia.

Para assentar as suas hypotheses, deve o mathematico traduzir em linguagem geometrica ou algebraica as leis da natureza. Quanto esta traducção for mais exacta, tanto as hypotheses se approximarão da verdade.

A mesma grandissima simplicidade da linguagem mathematica augmenta a difficuldade de traduzir 'nella a prodigiosa variedade de phenomenos, que a experiencia nos mostra na natureza.

D'aqui é que vem que tem sido necessarios ingenhos taes, como o de Newton, d'Alembert, Lagrange, Laplace, para assentarem hypotheses susceptiveis de serem manejadas pela mathematica, e darem resultados que se approximem da realidade da natureza.

Porem depois de assim ter traduzido estas hypotheses em linguagem mathematica, começa o trabalho da deducção dos theoremas: e sobre a vastidão d'este trabalho nada influe, que os principios, de que se parte, sejam meras hypotheses, ou que sejam factos exactamente conformes á experiencia.

Antes pelo contrario 'numa sciencia, digamos, 'numa hydrostatica ou 'numa hydraulica, cujos principios, não são senão hypotheses, tem a mathematica muito mais que fazer do que 'naquellas, em que o numero e as condições dos principios são limitados aos dados da experiencia. Pôde todo este trabalho de mechanica hypothetica ser um sonho, mas nem por isso deu menos que fazer á mathematica.

P. 28, l. 10.

*Erros que tem introduzido nas sciencias que chamam exactas por excellencia a metaphysica poetica, o costume, digo, de substancialisar as palavras: velocidade, movimento, força, acção, resistencia, pressão, percussão, potencia, etc. da mesma sorte que os poetas personalisam a virtude, o vicio, o amor, a inveja, o somno.*

Com razão se queixa o auctor do abuso que os mathematicos têm feito da metaphysica.



Mas engana-se singularmente quando vai a explicar o em que consiste este abuso.

Jámais os mathematicos attribuíram á velocidade, ao movimento, á força etc. as dimensões de comprimento, largura, e grossura, sem o que não tem significação nenhuma o cargo que aqui lhe faz o auctor de haverem substancializado estas palavras.

O em que elles peccaram, e ainda peccam a cada passo, é em fazerem uso da linguagem da metaphysica, que é a linguagem vulgar, em vez de se servirem da linguagem mathematica que consiste nos signaes de convenção, particulares aos geometras e algebristas.

A simplicidade d'esta linguagem e nenhuma outra cousa, é que grangea ás mathematicas o epitheto de exactas por excellencia.

Toda e qualquer sciencia se reduz a um discurso sobre taes ou taes phenomenos da natureza. Discorrer sem palavras é absurdo. Por isso toda e qualquer sciencia se reduz ao manejo da linguagem que lhe é propria.

Quanto mais simples e privativa é a linguagem de uma sciencia, tanto esta é mais exacta. Mas por isso mesmo é preciso não introduzir 'nella a linguagem d'outra nenhuma sciencia.

Este é que foi o erro dos mathematicos; 'nisto é que consistiu o abuso que o nosso auctor aqui lhes lança em rosto com razão. Vender por demonstrações mathematicas as que são concebidas 'numa lingua que é estranha á mathematica, 'numa lingua que no tocante á simplicidade é tão inferior á d'esta sciencia, isso deve-o ter por desdouro qualquer geometra, como diz muito bem o nosso auctor.

P. 30, l. 11.

*Podia-se chamar velocidade a qualquer função de  $e$  dt. Tudo isto não por outra razão senão porque o mesmo homem que se chama Pedro podia chamar-se Marmaduk.*

A doutrina que o auctor aqui enuncia, não só é falsa, mas perigosa, pela plausibilidade com que elle a expõe.

Mas a errada escolha da comparação, prova que elle não entreviu a questão debaixo do verdadeiro ponto de vista.

É verdade que, quando pela primeira vez se dá nome a uma cousa que o não tem, por exemplo a um homem que acaba de nascer, é indifferente chamar-lhe Pedro ou Marmaduk.

Mas quando se tracta d'uma cousa que já tem um nome, seria tão extravagante e insensato dar-lhe outro nome, como o obstar-se em chamar Marmaduk a um homem que se chama Pedro.

Ora este, e não o primeiro, é o caso das palavras existentes em mechanica ou em qualquer outra sciencia. A palavra velocidade, p.

ex. tem uma significação determinada, e seria tão absurdo traduzil-a em linguagem mathematica por qualquer outra função de  $t$  e de  $e$ , que não fosse  $\frac{de}{dt}$ , como o seria traduzir em francez a palavra *pedra* pela de *plume*.

O auctor reconhece isto mesmo, porque diz mais abaixo (p. 33 l. 2), que o prestimo dos novos nomes que arbitrassemos em dar ás cousas em vez dos que já têm, seria o mesmo quanto á precisão do calculo.

Mas 'numa obra de mechanica não basta satisfazer á precisão do calculo, é tambem necessario achar formulas que exprimam com a maior approximação possível os phenomenos da natureza.

Por tanto já se vê quão encontrado é aos principios de mechanica, de que o auctor se propunha dar aqui um modelo, o dizer elle (P. 33 l. 4). Ponhamos v. g.  $V = \frac{dt}{de}$ , seria necessario dizer, què quanto maior é o tempo em que um movel descreve um espaço dado, maior é a sua velocidade. Mas que importa?

Que importa? Importa tudo. Assim não importa nada o fallarmos ao avesso dos outros, com tanto que sejamos consequentes!

Admira que os olhos aliás tão perspicazes do auctor não cahissem sobre os paradoxos que se seguem d'aquella sua asserção. Bem longe disso continúa dizendo: Da mesma sorte

podiamos pôr  $V = \frac{em}{tn}$ .., da mesma sorte que podiamos inventar novos nomes para as côres, para os vestidos etc. etc.

Se o auctor quer dizer que nada se oppunha a que as cousas recebessem em sua origem outros nomes, em vez dos que agora têm, ou que qualquer por extravagancia as nomêe d'outro modo; esta sua observação é tão trivial, como inutil: e não valia a pena de a fazer. Mas se o seu sentido é, que quem assim substituísse novos nomes aos de velocidade, força, direcção, etc. o podia fazer sem inconveniente: então a sua propria comparação lhe está dizendo que quem o fizesse, andaria 'n'isso tão avisado, como quem chamasse preto ao que se chama branco, e capote ao que se chama collete.

P. 35, l. 7.

*Fica desnecessaria, trabalhosa e escholastica distincção entre velocidade actual, e velocidade potencial.*

Propendo para a opinião do auctor quanto á inutilidade d'estas duas expressões, mas não quanto á qualificação de trabalhosa e escholastica distincção. A distincção é real, e facil de conceber. A velocidade que se suppo-

existir, sem restrição, chama-se actual; a que se suppõe existir logo que cesse alguma das condições da hypothese, chama-se potencial.

Apezar d'estas observações, que o amor da verdade, e até o alto apreço que faço de tudo quanto sahii da penna do nosso auctor, me tem dictado; torno a protestar que este fragmento é a meu ver, o melhor escripto que sobre os principios de mathematica em geral, e particularmente sobre a mechanica se tem publicado.

Oxalá que triumphando das perseguições da perfidia, elle houvesse prolongado seus preciosos dias até finalizar a bella empreza de que este ensaio apenas é um fraco esboço

## NOTICIARIO.

**Novo processo para conservar carnes cruas.** «Descobri, escreve o Dr. Du-sourd, em 8 de junho d'este anno, descobri o modo de conservar carnes cruas, com seus succos, sabor, cor e consistencia normal. Cortada a carne assim preparada, e posta no talho entre outras carnes frescas, não differe d'estas pelo seu aspecto.

«Este processo é o resultado de quinze annos de experiencias continuas, dirigidas com particular attenção. Convencido da immensa vantagem que d'elle pôde tirar a Sociedade, agora mais que nunca, quando as carnes estão já tão caras, e podem encarecer mais ainda, julgo um dever tornar conhecida a minha descoberta, que permitirá fazer vir da America do sul sufficiente quantidade de carnes para abastecer a Europa.

«As despesas da conservação não excedem quinze a vinte centessimos por kilometro. O methodo de preparação consiste simplesmente em *mergulhar a carne em um xarope de assucar bem cozido*, e sem addição de nenhuma substancia metallica.

«Carnes assim conservadas, desde 9 de março de 1847, passaram pelas seguintes provas:

«Tiradas do xarope, foram expostas durante dous mezes ao ar puro; fizeram muitas viagens longas nos caminhos de ferro; fizeram muitas viagens por mar; ficaram quinze dias sujeitas a uma temperatura de 35° acima de zero; estiveram muitas noites ao ar livre, a uma temperatura de 12° abaixo de zero; estiveram durante os trinta dias mais quentes do verão de 1848, em um angulo formado por dous muros brancos, sobre que o sol dardejava seus raios, desde as 9 horas da manhã até ás 4 da tarde.»

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para os seguintes lugares d'instrução pública, desde o dia 1.º até ao dia 15 de junho, em virtude de despachos do Conselho superior d'instrução pública, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Amancio José Dias Furtado, para professor temporario da cadeira de Villa do Porto, da Ilha de Sancta Maria, districto de Ponta Delgada.

João José Monteiro da Rocha, para professor temporario da cadeira de São Lourenço d'Assnes, districto do Porto.

José Antonio Gomes, para dicto de Vermuil, districto de Leiria.

Manuel Maria Lobo de Mello, para dicto de São Bartolomeu da Charneca, districto de Lisboa.

Francisco Lopes Roscira, para dicto de Mondrões, districto de Villa Real.

Joaquim Antonio de Carvalho Junior, para dicto da Gollegã, districto de Santarem.

José Maria Rodrigues, para dicto de Estremoz, districto d'Evora.

Manuel de Mendonça, para dicto de Aljezur, districto de Faro.

Emilia Margarida de Freitas, para mestra temporaria da escola de meninas de Peniche, districto de Leiria.

José Duarte Ribeiro, para professor vitalicio da cadeira de São João da Pesqueira, por transferencia da de Paredes da Beira, districto da Guarda, decreto de 14 de maio ultimo.

Antonio Homem Goularte, para professor vitalicio da cadeira de Porto Judeu, districto d'Angra do Heroismo, decreto de 14 de maio ultimo.

Antonio José da Mota, para dicto do Rabaçal, districto de Coimbra, decreto de 26 de maio ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

José Manuel da Costa Basto, para o lugar de official diplomatico do real Archivo da Torre do Tombo, decreto de 14 de maio ultimo.

### Dicta até ao fim do dicto.

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Alvaro José dos Santos, para professor temporario da cadeira de Villa Verde do Estremo, districto de Villa Real.

Antonio da Roza Munhós, para dicto de Terena, districto d'Evora.

Antonio de Sousa Ferreira de Queiroz, para dicto de Lega de Baló, districto do Porto.

Damazo Augusto Teixeira, para dicto de Arega, districto de Leiria.

Francisco Ferreira d'Abreu, para dicto do Lourçal, districto de Leiria.

Francisco Baptista Lopes da Silva Gonçalves, para dicto de Lomredo, districto do Porto.

José Maria Pexoto de Miranda e Vasconcellos, para dicto de Vez d'Aviz, districto do Porto.

Pedro Vasques Martins da Silva, para dicto de Canecas, districto de Lisboa.

Joaquim Henriques da Rocha, para dicto de Castello Novo, districto de Castello Branco.

José Maria Ferreira Fresco, para dicto de Ceira, districto de Coimbra.

José Bento d'Oliveira, para professor proprietario da cadeira d'ensino mutuo de Coimbra, decreto de 10 de junho.

José Paulo Pimenta, para o lugar de ajudante da cadeira d'ensino mutuo de Lisboa, decreto de 18 dicto.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

## RELATORIO ANNUAL.

1852—1853.

Continuado de pag. 76.

### *Instrução secundaria.*

Se o estado d'este ramo de instrução ainda não satisfaz a todas as exigencias sociaes, não poderemos negar que elle seja muito mais lisonjeiro do que o da instrução primaria. Aham-se em exercicio os lyceus em todos os districtos administrativos com excepção de Beja, Guarda, Horta, Ponta Delgada, e Viana, em que estão por installar, por não ter havido oppositores a algumas cadeiras postas a concursos repetidos. Todavia as cadeiras providas 'nesses districtos vão em exercicio regular. Ha nos seis lyceus maiores de Coimbra, Lisboa, Evora, Porto, Braga, e Funchal cursos completos das lettras humanas antigas e modernas mais necessarias; e em todos os outros, os ramos mais essenciaes com respeito às necessidades locais. Todos procuram acreditar-se; e de alguns têm apparecido publicações litterarias de merecimento. Neste ponto merecem menção especial o de Coimbra, Braga, Lisboa, e Funchal. Mas sendo a instrução secundaria a que forma o homem social, a que o prepara para todas as carreiras e profissões; e tendo, no seculo em que vamos, crescido progressivamente as necessidades sociaes, e tomado uma physionomia diversa a civilização; não bastando ter conhecimento do passado, mas precisando de apreciar o presente, e ante-ter o futuro: o simples conhecimento das lettras humanas, posto que mui necessario, e vantajoso, não satisfaz cabalmente. É mister pedir a sciencia o espirito vivificador das artes, para assentar a base solida da riqueza e prosperidade dos povos. O ensino das sciencias industriaes deve associar-se ao das humanidades. As artes physicas, chimicas e agricolas merecem com especialidade ser ensinadas nos lyceus. Mas não é no ponto de vista theorico, que esses ramos se estudam na

instrução secundaria. Não é com abstracções, nem theorias especulativas que as artes devem prosperar. A instrução scientifica 'nestes estabelecimentos é essencialmente prática; não forma sabios, nem eruditos. E 'nesse intuito escolhem-se professores especiaes para o magisterio d'esse genero. Muito conviria, julga o conselho, que se mandassem visitar no estrangeiro os estabelecimentos d'aquella natureza, por individuos habilitados com os principios das sciencias physico-mathematicas, a fim de crear entre nós o novo ramo de instrução, que as circunstancias imperiosamente exigem. Além das cadeiras de instrução nos lyceus temos 118 de grammatica e lingua latina; 3 de philosophia racional e moral, e 1 de rhetorica annexas aos lyceus, e collocadas nas cidades e villas mais populosas (mappa n.º 2). A frequencia do anno findo não pôde dizer-se ao certo qual fosse, por faltarem ainda 55 mappas de lyceus, e cadeiras annexas; mas pôde julgar-se provavel em vista das informações recebidas, que não fosse inferior á do anno antecedente, em numero de 3:513 alumnos. A verba de despeza votada no orçamento geral do Estado dividida por este numero, dá o resultado de 15:930, despeza annual de cada alumno. Approxima-se esta cifra, mais do que a da instrução primaria, da que as estadisticas indicam 'noutros paizes cultos; mas ainda é excessiva. As informações dadas ao conselho superior, pelos commissarios de estudos, e governadores civis, são favoraveis ao procedimento litterario e moral dos professores. Mas não deve o conselho dissimular as repetidas queixas, que tem chegado ao seu conhecimento, de se empregarem muitos d'elles no ensino particular, para ter occasião de lembrar a resolução da proposta de lei, que respectivamente elevou ao conhecimento de V. M. em 18 de Março ultimo para esse effeito, e para se uniformar o ensino. A lei actual não inhibe os professores publicos de se occuparem do ensino particular: e o conselho não pôde exigir d'elles mais que o cumprimento dos seus deveres. Mas é certo que o professor publico, empregando no serviço de interesse pessoal, parte do tempo votado ao serviço publico, não inspira muita confiança, ainda que os seus talentos e applicação o

habilitem a bem cumprir ambas as funções: e ao serviço publico se deve suppor votado todo o tempo do empregado, que quiz ligar-se as condições da função publica. Demais a tendencia que se nota, em toda a parte, para o ensino particular, e os exemplos da recente prohibição d'este, na França e na Hespanha, revelam por toda a parte abusos que auctorisam a medida proposta, necessaria até aos professores, para desviar d'elles a censura, que têm soffrido na opinião publica. O conselho, seguindo este voto, falla com a voz das pessoas mais auctorizadas e competentes. A approvação do regulamento dos lyceus submettida á soberana resolução de V. M., em 26 d'abril do corrente anno, será de grande conveniencia para a disciplina, e regularidade no ensino. E não será menos util para a frequencia dos estudos universitarios, o dos exames de madureza, que o conselho teve a honra de propor, em consulta de 26 de junho de 1849, e 21 de outubro de 1853. Tambem parece ao conselho justa a exigencia que os lyceus fazem da creação de substitutos para as cadeiras de linguas vivas nos lyceus maiores, e das outras disciplinas nos menores. Foi regular o serviço d'este anno lectivo nas academias de bellas artes, e na aula de diplomatica. Foi frequentada esta por 8 alumnos. A academia de Lisboa, por 198 de dia, e 179 de noite. A do Porto por 127 alumnos (Mappa n.º 3).

#### *Instrução superior.*

Não temos que lastimar 'neste ramo a falta de estabelecimentos, que deploramos na instrução primaria. Talvez haja de mais. A universidade reunindo todos os recursos de sciencias e lettras, rica de conhecimentos accumulados por seculos, e ufana de suas tradições em organização de estudos, disciplinas, e methodos de ensino, foi bastante, por longo tempo, para habilitar theorica, e 'nalguns estudos tambem practicamente, os individuos necessarios a todos os ramos de serviço publico. Variando as exigencias d'este com a nossa phase da civilização, a necessidade que havia era de estudos mais especiaes como de direito administrativo, felizmente attendida e satisfeita na lei de 19 de agosto d'este anno. Havia out'ora duas escolas de applicação especial em cirurgia, e outras tantas em commercio, artes e marinha. Acontecimentos politicos não cuidados, e fataes, paralyzando a energia e o genio aventureiro portuguez, nos tinham cortado os vãos, e feito ceder o passo a povos, que out'ora ensinamos, e hoje somos forçados a imitar. Acordados por fim de um longo lethargo vimos sciencias, artes, e lettras muito adiantadas. As artes industriaes, especialmente, haviam conquistado vastos dominios por descobrimentos

importantes no campo das sciencias. Era indispensavel alargar a esphera das escolas industriaes: este pensamento benefico e summamente fecundo creou entre nós as academias de bellas artes, a escola e academia polytechnicas, os conservatorios d'artes, e elevou o ensino scientifico nas escolas chirurgicas. Se a utilidade practica d'estas reformas corresponde á elevação do pensamento, que as concebêra, não é cousa tão averiguada, que muitos a não tenham por duvidosa. Havendo, como havia na universidade todos os conhecimentos theoricos, talvez fosse melhor comprehendido, e mais cabalmente desenvolvido aquelle sublime pensamento, creando antes escolas de applicação, sem augmentar o ensino theorico, dando a esses institutos polytechnicos o character do instituto polytechnico de Londres, da escola de Vienna d'Austria, ou da ultima reforma da de França. A das escolas chirurgicas tem sido reputada muito prejudicial ao serviço publico, pelos homens mais competentes. E quando não houvera outro inconveniente além do conflicto levantado com esta reforma, entre a faculdade de medicina, e as escolas chirurgicas, fôra elle fundamente bem provado, para ser considerado, e dar segurança ao publico na escolha dos empregados de saude. A administração da saude publica tem exigencias muito respeitaveis. Os estudos superiores foram frequentados 'neste anno por 1:492 alumnos. (Mappa n.º 4). D'estes seguiram os da universidade 1:212; a academia polytechnica do Porto 219; e a escola cirurgica do Porto 61. Dos que frequentaram as aulas da universidade 365 pertenciam á provincia da Beira; 299 ao Minho; 176 á Estremadura: 88 ao Alentejo; 59 ao Algarve; 70 a Traz-os-Montes; 60 ás Ilhas adjacentes; 61 ao Imperio do Brazil; 20 ás nossas possessões ultramarinas; 3 á França; 2 á Belgica; um á Inglaterra. Seguiram a theologia 114; a sciencia de direito 458; as sciencias medicas 56; as mathematicas 141; as philosophicas 181. Sendo setenta e oito contos (numero redondo e sem deducção) a despeza annual com a universidade, e estabelecimentos annexos, e 1:212 o numero d'alumnos; ficou a despeza de cada um por 64\$350; deduzindo a importancia de matriculas e diplomas (22:000\$000 approximadamente), ficará reduzida a despeza de cada alumno a 46\$200 reis. Na escola cirurgica do Porto importa a despeza annual em 9:860\$000 reis. Tendo sido frequentada por 61 alumnos, fica cada um de despeza ao Estado 161\$639 reis. O ensino 'nesta escola ha sempre marchado com regularidade, e desvelo. Lembra o conselho da escola a conveniencia de crear uma classe de aggregados como viveiro de aspirantes ao magisterio. Parece digna de aproveitar-se a lembrança; porque sem educação especial raro se encon-

tra quem dignamente satisfizesse ao sacerdócio do ensino. Também requer providências para o ensino e exercício de pharmacia, que foram prevenidas no regulamento respectivo submettido á consideração de V. M., em 2 de julho de 1852. A despeza annual da academia polytechnica foi, segundo o orçamento, 10:324\$000 réis; e sendo frequentada por 219 alumnos, custou cada um ao Estado 47\$000 rs. A academia pede novo local para laboratorio chimico, e observatorio astronomico; e meios pecuniarios para compra de machinas e instrumentos. Parece a requisição mui justa, e necessaria ao ensino. Da eschola chirurgica de Lisboa não tem o conselho recebido relatorios desde 1850. A regularidade na administração parece exigir 'neste ponto alguma demonstração em desagravo da lei. Na instrução primaria tem o conselho estabelecido a practica de suspender pagamentos aos professores, que não cumprem; e assim tem feito respeitar a lei. Talvez fosse este o meio menos severo e mais efficaz para lembrar á eschola os seus deveres. Foram 'neste anno impressas e publicadas obras de merecimento em instrução superior, assim como na secundaria e primaria. O movimento intellectual dá signaes de vida e animação entre nós. Os principios de mechanica de Antonio Sanches Goulão, lente da faculdade de philosophia; as Taboas do Calculo da Lua, por Florencio Mago Barreto Feio, lente de mathematica; o *Index plantarum* do jardim botanico de Coimbra, por Antonino José Rodrigues Vidal, lente da faculdade de philosophia; os elementos de Geometria descriptiva de Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, lente da faculdade de mathematica; e um opusculo sobre o estado do ensino da medicina e cirurgia em Portugal, sustentando o bom nome adquirido pelos escriptos universitarios; honraram a já merecida reputação de seus auctores. Em instrução secundaria e na primaria vieram ao conhecimento e juizo do conselho varias produções, que elle julgou dignas de ajunctar ao já crescido catalogo dos livros auctorisados para o ensino publico. Se nem todos tocam os pontos da perfeição, o que é raro especialmente nos livrinhos elementares da instrução primaria; não são elles por certo inferiores aos que vemos approvados em outros paizes: e o nimio escrupulo em julgamentos d'esta especie, não faria senão afugentar a devoção de escrever; e obstar a que pelo uso continuado, chegasse a perfeição desejada. Também foram presentes ao conselho, em resultado do concurso aberto a premios offercidos, trez obras elementares, sobre physica, mechanica, e chimica, para uso das escholas primarias.

#### Conclusão.

Quanto fica exposto ácerca do estado da in-

strução 'neste paiz, indica a necessidade de reforma, que póde resumir-se em uma formula geral e simples. — Cuidar da instrução primaria e industrial, ainda com algum sacrificio da superior. — Se em todos os povos illustrados convergem, hoje, as attentões para esses dois ramos, com muita mais razão, deve isso acontecer entre nós, faltos da instrução primaria e quasi absolutamente privados da industrial, favorecidos em todos os tempos com a largueza de estudos superiores, e habituados ainda ao methodo especulativo e abstracto, que até chega a dominar as escholasticas especiaes. O espirito do seculo é todo positivo e práctico. Respiremos o ar do seculo, em que vivemos; e é de esperar que os excellentes conhecimentos theoricos, em que nos avantajamos, sendo fecundados pelo espirito positivo e práctico da epocha, dê resultados que nos restituam o nome e alta consideração, que em arredadas eras soubemos grangear.

O que todavia não é para esquecer na instrução superior, é a experimentada necessidade de entrarem os alumnos no primeiro anno de cada faculdade e eschola, apparelhados com todos os estudos preparatorios, que a lei julgou necesarios. Assim era preparada a base, em que deve assentar segura a instrução da faculdade e eschola; e se desviará a compaixão natural, que muitas vezes obsta ao cumprimento rigoroso da justiça, em annos de ensino adiantados. Esta providencia julga o conselho de interesse indubitavel. E sendo acompanhada de um rigoroso exame no que toca a programmas de cursos, e methodos de ensino, respeitada a natureza, e fins de cada uma das escholas; procurando evitar-se a tendencia manifestada, ainda nas de applicação practica, para a parte especulativa, será esta a reforma mais adequada ao estado actual da instrução superior, se havendo-as por bem V. M. se dignar de as tomar na consideração, que materia tão importante requer. — O systema de habilitações para o magisterio soffreu uma reforma radical, com a lei de 19 d'agosto de 1853. Fôra intempestivo, temerario até, julgar os seus resultados antecipadamente. É de crer que fossem fundadas, e ponderosas as razões que inspiraram aquella reforma, e talvez fosse ella mais proficua, se a exemplo d'outros se exigisse como habilitação para o concurso o exercicio práctico do ensino em escholas publicas, ou particulares. A lei nova, querendo obviar inconvenientes das anteriores, estabeleceu um systema misto de concurso d'ostentação, longa opposição, e antiguidade. 'Neste ponto aguarda o conselho as lições do tempo, que é o melhor mestre para conselhos humanos. A providencia ultimamente legislada para a jubilação dos professores de instrução publica foi geralmente recebida, como um tributo de homenagem rendida á opinião

pública. Apreciada a importância e consideração devida ao serviço das letras, sentia-se a necessidade de regular a diferença entre as habilitações, estudos, cabedal, e consumo intellectual de um professor d'instrução primaria, e o de instrução secundaria ou superior. Finalmente, Senhora, sobre elevar os estudos practicos no ramo da instrução superior, o que muito conviria era estabelecer um nexo permanente; fundar um verdadeiro e regular commercio litterario entre as diversas escolas do paiz, hoje desligadas, para que mutuamente se fecundem, pondo em contacto reaes esforços no commum empenho da illustração dos povos. O objecto é grave, interessante, e transcendente; digno das serias meditações de V. M., que em sua alta sabedoria resolverá como fór mais acertado. Coimbra, em conselho de 29 de novembro de 1853.

## ARREDORES DE COIMBRA<sup>1</sup>.

### III.

#### ERMIDA DO ESPIRITO SANTO.

Alli tinha em retrato affigurada  
Do alto e *Santo Espirito* a pintura,  
A candida pombinha debuchada  
Sobre a unica phenix, virgem pura.  
CAMÕES.

Em um valle ameno, proximo do convento de Santo Antonio dos Oliveas, fica esta ermida.

A historia da sua fundação esconde-se na noite dos tempos; fôra, segundo o testemunho de Gasco<sup>2</sup>, mui celebrada, por sua devoção, dos antigos reis portuguezes, e d'elles tem, ainda, as armas na porta principal.

É certo, que, quando em 1540 vieram a Coimbra os primeiros jesuitas, já lograva fôros de veneranda ancianidade; não o é menos, que, por conta de sua conhecida religiosidade, a escolheram estes filhos de Loyola, para 'nella renovarem os votos, que haviam proferido em Roma, aos pés do Pontifice Paulo III.

É fresquissima na estação calmosa; brota-lhe dentro uma fonte perenne de aguas excellentes, em que mitigam a sede os numerosos romeiros, que a visitam pela paschoa do Espirito Sancto.

O cabido da Sé Cathedral de Coimbra, depois de cantar, no mosteiro de Sanct'Anna, um funebre *memento* sobre o tumulo do bispo

D. Affonso de Castello Branco<sup>3</sup>, aqui vinha processionalmente, todos os annos, celebrar uma missa solemne, na primeira oitava d'aquella festa.

Logo que, ao descer o monte, se avistava a capellinha, parava a procissão, e todos, de joelhos, cantavam o hymno *Veni creator spiritus*.

*Ce moment avoit quelque chose d'auguste; tous les pèlerins, le chapelet à la main, étaient restés en silence dans la même attitude; bem poderíamos nós dizer com Chateaubriand<sup>4</sup>, ao presenciar esta scena piedosa.*

Era, em verdade, um espectáculo edificante! Tantos sacerdotes venerandos, prostrados por terra, e desbarretados, entoando, com majestosos accentos, este cantico sagrado, e um povo immenso, disperso pela collina, parando, como por encanto, ao ouvir as inespereadas vozes d'este côro formosissimo!

Estas sanctas harmonias, repercutidas pelos échos da montanha, a verdura das arvores, o ciciar da folhagem, o aroma das flores, o murmuro das fontes, um céu esplendido, tudo exaltava a imaginação, e inspirava religioso respeito à solitaria ermidinha.

O espirito innovador, que anniquillou tantas practicas piedosas, tambem pôz termo ao antigo prestito.

R. DE GUSMÃO.

## A NEERLANDIA E A VIDA HOLLANDEZA.

Continuado de pag. 66.

No dia immediato ao da nossa visita aos inundados, dirigimo-nos pelo caminho de ferro ao proprio theatro da inundação. Íam connosco no mesmo comboi algumas das mulheres que na vespera tinhamos visto na igreja d'Utrecht, e que voltavam agora para Venhendaal a fim de revistarem as suas pobres casas, e assegurarem-se por si mesmas da extensão dos desastres. O caminho de ferro tinha tambem sido atacado e rompido pelas vagas, e apenas havia uma semana que se restabelecera a circulação. Chegando á estação, perto de Venhendaal, procurámos pela sege que deveria levar-nos á aldêa; mostraram-nos um barco. Effectivamente ainda as estradas se achavam cobertas d'agua. Foi uma viagem triste e penosa. Só a vista d'estes logares

<sup>1</sup> Veja-se o n.º 13 do *Instituto* — vol. IV, e o n.º 3 do mesmo jornal — vol. V.

<sup>2</sup> *Antiguidades de Coimbra* — cap. XXIII — pag. 128.

<sup>3</sup> O bispo D. Affonso de Castello Branco foi o fundador do magnifico mosteiro de Sanct'Anna, que passou de lhe custar cento e vinte mil cruzados; ennobrecceu Coimbra com outros muitos monumentos, deixando á camara municipal duzentos mil réis annuaes para calçadas. Falleceu a 12 de maio de 1615.

<sup>4</sup> *Mémoires d'Outre-Tombe* — tom. 3.º — pag. 22.

poderia dar idéa das perdas soffridas pelos seus habitantes. A cada passo, ao longo de um profundo lodagal que d'antes fôra uma calçada, iamos encontrando telhados cujas telhas tinham, para assim dizer, sido varridas, pannos de paredes derrubados ou abertos, portas arrombadas, vidraças quebradas, graneis pendendo miseravelmente sobre estacas desguarnecidas, 'numa palavra só esqueletos de casas. 'Noutras partes apenas havia alguns signaes d'edificação, montões de calça e telhas, um entulho sem nome. Quanto mais nos adiantavamos pelo interior da aldêa, tanto mais dobrava a nossa commoção por vermos estas habitações sem habitantes, essa pequena egreja que servira d'arca no meio do diluvio, essas ruas tornadas em canaes. O nosso barco parou. Entrámos em algumas casas: os menos maltractados dessa pobre gente occupavam-se em reparar os moveis e instrumentos de trabalho que ainda poderam salvar. Uma risca em ondulações marcava nas paredes interiores a altura a que as aguas tinham subido. Por toda a parte só deparámos com scenas de desolação, de ruína e de miseria.

O barco que tinhamos fretado tornou a navegar, dirigindo-se para os campos visinhos. Tudo era mar e só mar, por cima do qual se elevavam os cocurutos das arvores. Uma banda de patos nadava, brincando e grasnando, em volta do barco, e insultava com a sua alegria o aspecto melancolico dos arredores. Até onde a vista podia alcançar, via-se agua, e so agua. Um raio de sol tinha-se espalhado como um sorriso de reconciliação ou de ironia sobre este valle, ainda ha pouco cortado pela enchada ou pela charrua, e rasgado agora pelo remo. Se nos fosse possível esquecer o homem, talvez encontrassemos prazer na contemplação d'este lago, debaixo do qual se achavam sepultadas as sementeiras e as esperanças de um anno. A natureza apresentava-se bella ainda mesmo nas suas devastações. Tivemos a curiosidade de ir até ao sitio onde se rompera o dique do Rheno. A ferida através da qual o rio tinha perdido as suas aguas havia já sido fechada á custa de trabalhos provisorios. A vista d'esta cicatriz já endurecida sobre uma das ilhargas do gigante era bem propria para inspirar uma idéa subida das obras do homem e das forças tumultuosas da natureza. Em quanto ao Rheno, já havia entrado para o seu leito, tranquillo e dormente, como o leão para o seu auto depois de ter errado o golpe.

Se algumas vezes o homem se mostra superior ao poder cego dos elementos, é principalmente pela força moral, pelo esquecimento de si mesmo, e pelo exercicio da generosidade publica. A poesia e a pintura tomam logo conta d'essas scenas loaes, em que a sympathia, a admiração e a piedade se elevaram ás proporções terriveis do flagello. Viu-

se no paiz inundado pelo Rheno o que pôde o sentimento do dever em lucta com o furor dos elementos. Deante de uma tal calamidade, deante de um heroismo tão desinteressado, toda a Hollanda se commoveu. Abriu-se logo uma subscrição, que foi olhada como negocio nacional. Os mealheiros correram de cidade em cidade. So por si, a Haya contribuiu com uma somma de 65000 florins. 'Num paiz, em que todos se encontram de algum modo ameaçados pelas aguas nos seus lares, e em seus altares, existe entre todos os Hollandezes uma fraternidade tocante e rapida a favor das victimas de qualquer inundação consideravel. Esta compaixão que nasce da communidade do perigo, está tambem no sangue, porque a raça neerlandeza mostra-se em geral sempre caridosa. A emoção produzida pelas ultimas desgraças ultrapassou as fronteiras hollandezas: da Belgica, de Inglaterra, de Allemanha, chegaram socorros ás victimas da inundação<sup>1</sup>. Queira o céu que este movimento generoso se propague, e atraia mais alguns donativos para as populações, cujas chagas ainda sangram! A consciencia antiga estremeceu no dia em que um actor recitou sobre a scena romana estas simples palavras: *Homo sum, humani nihil a me alienum puto*. E tempo, é justo que as nações digam tambem: «Sou um povo, nada do que acontece aos outros povos me é estranho.»

Hoje ainda não estão apagados os traços do ultimo diluvio; as aguas retiram-se, mas lentamente, e esta retirada vai cada vez descobrindo maior extensão de destroços. Enormes troncos d'arvores foram cortados pelo gelo; casas apodrecidas pelas aguas desabam ainda todos os dias. Com tudo a paizagem renasce. É um espectáculo tristemente bello, unico no mundo, este archipelago d'ilhas, estas quintas, estes campos, estas aldêas surgindo com a primavera das ondas de um mar que se abate. Similhante á donzella que, sahindo do banho, esperguica ao sol seus membros fortalecidos e vigorosos, as terras de Gueldre, d'Overdweil, do Brabante septentrional se apresentam mais fecundas que antes da inundação. As pommas vêm, como nos tempos de Noé, reconhecer que o paiz está sêcco, e reconduzem a esperança. Tractava-se de ha muito de abrir na provincia de Utrecht um canal para o Zuirdzéc: as aguas depois da ultima inundação encarregaram-se de traçar o plano d'este canal, franqueando uma passagem para o golfo. Dir-se-ia que era um novo rio provisorio que a Neerlandia tinha aberto. As mudanças introduzidas por este modo na conli-

<sup>1</sup> Ainda ultimamente veio de Malinas uma sociedade de musicos dar concertos a favor dos inundados de Haya, de Rotterdam, de Dordrecht. Todas estas cidades estavam empavezadas como para uma festa. Era a reconciliação da Belgica e da Hollanda sobre o altar da caridade.

guração do delta pelo transbordar dos rios devem ter sido consideráveis. No fim de cada inundação, viram-se terras estereis fecundadas pelo lodo do Meusa ou do Rheno, especie de estrumes viajantes que as aguas arrastam comsigo, ao passo que outras partes ferteis da provincia se tem tornado em areaes. Em certos pontos elevou-se o nivel das terras, em outros abaixou-se. Esta acção dos rios é lenta; são necessarios muitos diluvios successivos para que se possam reconhecer; mas cumpre que nos lembremos sempre que os seculos são como a poeira na ampolheta da natureza. Estas mudanças seriam por ventura mais rapidas, se a mão dos homens não estivesse sempre presente para apagar os signaes da alteração, e para reduzir o paiz ás condições artificiaes de cultura das terras. Antigamente o leito dos rios era muito mais incerto do que agora, e sendo a intervenção dos homens menos efficaz, as inundações deveriam ser mais frequentes, e as consequências das cheias muito mais graves. Uma grande porção da Hollanda consiste effectivamente em terrenos d'origem recente, devidos principalmente á acção das aguas. A epocha historica viu nascer estes terrenos, e formam-se ainda todos os dias á nossa vista. Uma creação incessante, e cujos signaes são visiveis, não deve causar espanto 'num paiz, em que os diluvios, que aliás pertencem á historia antiga, ou quasi á historia fabulosa, constituem a sua historia moderna. Provou-se além d'isto, por meio de numerosas excavações, que os terrenos que devem a sua origem ás aguas doces, se alternavam na Hollanda com os terrenos que as aguas salgadas depositam. Para explicar o mysterio d'esta nova formação, é forçoso recorrer a outra ordem de phenomenos naturaes, que são mais ou menos particulares á geographia dos Paizes-Baixos.

*Continúa.*

## AO MEU AMIGO ERNESTO DO CANTO.

### SAUDADE.

Onde estás? Onde estás que em vão procuro  
 Tua sombra sequer? Eu vejo os astros  
 Teus olhos imitar, mas em não vejo  
 Os teus olhos gentis nos meus fitados,  
 Escuto o murmurar das frescas fontes,  
 Nas folhas secas o gemer da aragem,  
 No denso bosque a solitaria rôla,  
 O terno rouxinol nas verdes balsas;  
 Mas nem o rouxinol, com seus trinados,  
 Nem a rôla do bosque, nem as folhas  
 Quando sussurram ao soprar da aragem,  
 Nem o sonoro murmurar das fontes  
 De longe imitam teu dizer singelo.  
 Eu vejo o lírio ostentar vaidoso

Seu puro caliz, entre mil boninas:  
 Eu vejo a rosa, entre as virentes folhas,  
 A linda fronte debruçar mimosa;  
 Vejo entre as rejas a violeta, a custo,  
 Tanto se esconde envergonhada a louca;  
 Mas em caudura tu venceste o lírio,  
 Venceste em graça a purpurina rosa;  
 Ingenna mostras o teu rosto, espelho,  
 D'alma singela onde tudo é puro,  
 Que o pejo, sombra que o peccado lança  
 Nas fronteas virginaes, qual lança a nuvem  
 No puro lago sua negra imagem,  
 O pejo, que nasceu nas faces d'Éva.  
 Quando o peccado desvendou seus olhos,  
 Nem longe assoma no teu rosto d'anjo.  
 Onde te escondes, que deserto esteril  
 Vai contigo alcançar frescura e vida?  
 Que pobre choça transformaste em templo?  
 Dize, que eu possa lá correr, ditoso,  
 Se eu puder a teus pés, dias e noites,  
 Anos sem fim passar — ai — breves annos!  
 Para ventura tal é curia a vida!  
 Mas não, o mundo de miseria abysmo  
 Não te pôde guardar, fugiste, ó anjo,  
 Recendo manchar as azas brancas,  
 As vestes puras 'neste immundo lodo.  
 Fugiste para o céu; fugiste, e é noite  
 Dentro em meu coração. Oh! volve ao mundo,  
 Como volve esse sol que o mundo anima!  
 Não me deixes assim sepulto em trevas!  
 Desde o amanhecer té que as estrellas  
 Brilham puras no céu, em vão te busco;  
 Desde que em sombras nos envolve a noite,  
 Té que as estrellas apressadas fogem,  
 Ao primeiro fulgor da roxa aurora,  
 Em vão te chamo; tudo é ermo em torno.  
 Tudo é ermo para mim! Oh! volve á vida:  
 Volve ao mundo outra vez — ou se não podes,  
 Qual anjo tutelar guia meus passos,  
 E quando a morte, que me rupe em torno,  
 No extremo golpe me trazer a vida,  
 Iremos junctos, pelos céus infandos,  
 Um astro procurar, viver ditosos  
 No seio do Senhor eternos amos.

Coimbra.

HENRIQUE O'NEILL.

## O METHODO DO ENSINO PARALLELO

DE

### ESCRITA E LEITURA

No juizo do respeitavel Inspector General das escholhas do chamado methodo portuguez.

Continuado de pag. 80.

No artigo publicado no n.º 43 do «Diario» passa a ser delicioso o sr. Castilho. Lembra-se das obras de misericórdia; quer ensinar os ignorantes; e assumindo, para isso, ora a gravidade do pedagogo, ora os esgares e ademanes de oráculo, põe-se nos bicos dos pés e falla *urbi et orbi*. Escutemos a lição do mestre.

— «O h,» diz o illustre philosopho, «a não ser talvez nas interjeições aspiradas, «como hui, hai, não tem valor algum; não



« o tem em principio de palavras, como em « *homem*; não o tem depois de *l*, nem depois « de *n*, nem depois de *c*; ahí só indica a « mudança de valor do *l* secco para o *l* mo- « lhado, do *n* secco para o *n* molhado, do *c* « secco para o *c* molhado. »

Então, como é isto, sapientissimo censor? Significa o *h*, 'nestes ultimos casos, que uma letra, que tinha certo valor, passa a ter outro; — significa que esta letra tem novo valor, em razão de vir com ella combinar-se o *h*; — e todavia o *h* não tem valor?

D'onde vem a modificação que soffrem o *l*, o *n*, e o *c* quando molhados? Vem do *h*, ou não vem do *h*?

Se vem do *h*, o *h* significa esta modificação, é signal de certo elemento phonico, é uma letra, e letra consoante 'neste caso; porque, segundo a definição do sr. Castilho, *consoante é toda a letra que significar qualquer modificação de um som*.

Se porém essa modificação não vem do *h*, qualquer d'aquellas letras, com *h* ou sem elle, ha de ter precisamente o mesmo valor phonico. Mas isto é falso; porque quem eliminar o *h*, que acaso concorra com alguma d'ellas, altera o valor phonico d'essa letra, tira-lhe a qualidade de *molhada*, converte-a em consoante *secca*. Logo é falso que, combinado com o *l*, com o *n*, ou com o *c*, não tenha valor algum o *h*, não signifique nada, não seja consoante, não seja letra.

O que, em verdade, bem merece a admiração do leitor, é a *razão* em que estriba o sr. Castilho a sua opinião relativamente ao não-valor do *h*. — « A razão » diz s. s.ª « met- « te-se pelos olhos da alma. Um elemento vocal « não pôde, sem absurdo, ser representado « por dois elementos visuaes. Ora os sons *lh*, « *nh*, *ch*, são simplicies elementos vocaes, e « tão simplicies e indecomponiveis como *l*, *n*, *c*: « logo em cada um d'aquelles pares de figuras « que se escrevem, ha uma, a primeira, que « pondo então de parte o seu valor mais usual, « vem representar este excepcional, sendo o « *h* o que nos adverte da metamorphose. »

Valha-nos Deus! Aqui tudo é extraordinario!.. Aqui, é só exclamar com o sr. Castilho. — « Contrista presencarmos um grande « espirito nos seus grandes extravios! É im- « possível que a serie de palavras que se acaba « de ler (se por ventura se leu até o fim) re- « considerada por seu grave auctor em alguma « sua hora menos enturvada de animosidades, « se lhe não represente como uma especie de « entre-somno do talento que dormita! »

Escrevendo a paginas 26 do seu *methodo* « que os sons *sahem já formados da garganta*, » o sr. Castilho visivelmente confunde os sons com as *voces*, que são cousas diferentes. Aqui — Sancto Deus! — torna a confundir as articulações com os sons, porque dá este nome ás articulações significadas pelas consoantes

molhadas *lh*, *nh*, *ch*: de modo que, no vocabulario do illustre philologo, sons são tudo; são as articulações, são as voces, e são os signaes de umas e outras!

Diz que o *h*, *advertindo-nos da metamorphose das molhadas*, não é letra todavia; porque é absurdo que um só elemento vocal seja representado por dois elementos visuaes. Pois o que o sr. Castilho tem, por absurdo, em conta de *impossível*, é exactamente o *facto* mais regular, mais conspicio e trivial que ha em toda a escriptura alphabetica.

Os elementos vocaes de uma palavra são os sons articulados que a formam. *Liberdade*, por exemplo, tem quatro d'estes elementos, porque são quatro os sons articulados de que esta palavra se compõe — *li-ber-da-de*. E com razão se dá a estes sons o nome de *elementos*. São-no com effeito; porque não ha lingua d'homem, que possa decompor oralmente algum d'elles. Posso representar aos olhos o *l* separado do *i*, e o *i* separado do *l*; mas em tentando realizar phoneticamente a decomposição, — não decomponho — substituo ao som *li* outros dois sons igualmente elementares, que não são nem podem ser eguaes ao primeiro. *Lê* mais *li* nunca darão *li*. Vê-se pois que todo o som articulado é um verdadeiro elemento vocal.

Ora, como se representa aos olhos cada um d'estes elementos? A escriptura alphabetica designa cada um d'elles por um *par de signaes visuaes*. Quando ha mais ou menos de dois, é que a syllaba é *artificial* v. g. *Plan-tar*. Toda a syllaba *natural*, por meio de dois signaes graphicos (*vogal e consoante*) representa um só elemento da palavra, só um som articulado. E d'aqui se vê que não ha absurdo nem impossibilidade alguma em *representar um só elemento vocal por dois elementos visuaes*.

Se o nosso alphabeto fosse rigorosamente perfeito, significaria por um signal unico cada uma das articulações (articulações, e não sons) *lh*, *nh*, *ch*. Não o é porém; remedia esta falta com dois signaes; nem 'nisto ha absurdo algum, porque ha muitos outros elementos de palavras, que são artificialmente significados por trez e quatro signaes reunidos. Aquellas articulações porém são mui differentes das significadas pelas consoantes *l*, *n*, *c*. Esta differença é, como reconhece o sr. Castilho, designada pelo *h* que se pospõe a qualquer d'ellas. E então, o *h* não tem valor? não significa nada o *h*? nem se quer é letra 'neste caso?... Tem carta branca para responder *negativamente* a estas perguntas quem, para elaborar melhor um novo methodo de ensino, começou por *apostatar de toda a philosophia e inverter a ordem logica das cousas*.

Escrevendo maravilhas acerca do *h*, quer o sr. Castilho (a paginas 160 do seu *methodo*) que o alumno reconheça esta letra pela pro-

priedade que ella tem, de não significar nada. Eis aqui a regra :

„ O h que a palavra encela,  
„ Não fala, é como um pateta. ”

Dizem que certo alumno, a quem explicava o professor a regra, retorquirá nestes termos: — « Quando uma pessoa mais prova da de pateta, mestre, — não é quando cala — e quando falla do que não entende. »

Não sabemos se a anedota é verídica ; o que sabemos é que, se o sr. Castilho, antes de fallar do *h*, se tivesse dado ao incommodo de estudar os factos da linguagem, sem opinião antecipada, sem a intenção de torcêl-os a bel-prazer de um systema improvisado, de uma adivinhação extemporanea; teria visto que o *h* em nosso abecedario é sempre signal da aspiração — ora branda, — ora forte : é como o *spiritus lenis* e o *spiritus asper* dos gregos.

Quando significa a aspiração branda, pôde na escripta omitir-se o *h*, — pôde, se o permite a etymologia, — porque neste caso não modifica a voz correlata de uma maneira sensível para o ouvido. Eis-aqui a razão porque devem escrever-se — com *h* as palavras *homem*, *honra*, *hoje* etc., — e sem elle, as palavras *ir*, *é*, um etc.

Quando porém é signal de aspiração forte, o *h* tem um valor *quasi-gutural* ; é uma verdadeira consoante ; onde quer que appareça, é signal de uma syllaba distincta ; faz de um diphthongo duas syllabas, e articula fortemente a vogal a que se arrima : v. g. *ca-hir*, *sa-hir*, *co-hibir*, *ba-hu*, e tambem *thama*, *chama*, *punho*. Quem d'estas palavras eliminar os *hh*, eis aqui o que lhe fica : — *cáir*, *sáir*, *coi-hir*, *bau*, e tambem *lama*, *cuma*, *puno*.

Mas, como sem ar aspirado não pôde haver voz, claro está que, ainda quando se escreve só o signal da voz, ha sempre ellipse do signal da aspiração que esta presuppõe. Ace, por exemplo, tem duas syllabas ; uma artificial — *a* ; outra natural — *ce*. Esta, que é natural, escreve tanto o signal da voz, como o da articulação respectiva ; aquella, que é artificial, escrevendo o signal da voz, omite o da articulação — *h*.

Em nenhum d'estes casos escreviam os gregos a letra *h*, porque a não tinham ; mas em ambos suppiam a falta d'ella com um signal sobreposto á vogal respectiva, como usámos fazer com o *til*, quando omitimos o *m* ou *n*, que é signal da nasalidade da voz. Quando o *h*, se o tivessem, teria de significar aspiração branda, punham por cima da vogal o seu *spiritus lenis* (λ) — quando porém, teria de ser signal de aspiração forte, sobrepunham á vogal respectiva o *spiritus asper* (ρ). Ora, juntem-se os signaes d'estes dois *spiritos* : ahí temos a figura da nossa letra *h*.

O povo, isto é, alguém do povo, cuja opinião teve logo o assenso de todo elle, deu a esta letra o nome *haga*, para que? para mnemonisar com as duas syllabas d'este nome os dois valores d'ella. A primeira indica o valor de aspiração branda ; a segunda, o de aspiração forte. Isto foi o que tive a honra de dizer na 1.ª secção da memoria — menos desenvolvadamente, é verdade, — não só ácerca do *h*, como, *mutatis mutandis*, a respeito d'outras consoantes, que têm em nossa lingua nomes dissyllabos.

O sr. Castilho porém, achando indignas de sua alta consideração estas minudencias philologicas, nega redondamente os dois valores do *h* ; e em vez de discutir, chacoteia ! Diz no artigo inserto no n.º 44 do « Diario : » — « Eis-aqui qual seria, com as suas vogaes « aspiradas, o alphabeto de predilecção para « o auctor do ensino parallelo. A-Ia, B-Heb, « C-Ilesse, D-He-de, E-Ile, F-Heffe, G-Ilege etc. etc. » — O leitor está habilitado para apreciar a lealdade com que o sr. Castilho, na forma do seu louvavel costume, põe a cargo do auctor da memoria sobre o ensino parallelo uma *bernardice*, que nunca lhe passou pela idea, e que nem por sublimação pôde extrahir-se da doutrina chã e corrente que alli delibêra, e a que ora dá aqui mais algum desenvolvimento.

Dissera eu na memoria sobre o ensino parallelo — « que ninguém pôde proferir, ler uma consoante sem junctar-lhe uma voz qualquer, sem pelo menos junctar-lhe o « e mudo », que é a mais tenue das vozes que pode formar o órgão vocal. »

Na impossibilidade de negar este facto, que o illustre critico alcunha de *subtleza ociosa e prejudicial*, que faz s. s.ª? Confessa-o, diz isto mesmo ; mas dil-o, como costuma dizer as cousas que não pôde negar ; dil-o com taes rodeios e ambages, que só revelam os impotentes esforços que faz para soffocar a voz da propria consciencia, e dizer o contrario do que tem no pensamento. Ouçam-no.

— « Não ha dúvida, é até uma verdade conhecida, trivial e das mais velhas, que para « as consoantes se ouvirem necessitam de que « as profiramos com uma especie de *e* quasi « imperceptível em *b*, *l*, *r* etc. e imperceptível em *f*, *s*, *x* etc., mas essa liga forçada « de uma tenue *parcella estranha* addicionada « ao que é verdadeira e genuinamente a inflexão, « isso que é para ella o que é a *ganga* para « o mineral, ou mais propriamente o corpo « para a *côr*, isso, repetimos é de si tão pouco, « tão fugaz, tão sumido, que sendo o mestre « habil, e executando escriptulosamente a de- « composição elemental dos vocabulos, desap- « parece quasi de todo. »

Mas quem diz « que a voz desaparece quasi de todo, » implicitamente confessa que não

*desapparece*, que não *desapparece nunca*, porque não pôde *desapparecer*.

O sr. Castilho, que a paginas 26 do seu *methodo* já chamára ás vogaes *elementos substantivos*, e ás consoantes *elementos adjectivos*, passa agora a comparar — aquellos elementos com a *ganga* e com o *corpo*, — estes com o *mineral* e com a *côr*. É obvio a todas as luzes, que em cada uma d'estas comparações o principal é o primeiro termo, e o segundo é o *accessorio*. Mas, applicando a comparação á materia de que tracta, s. s.<sup>a</sup> *inverte a ordem logica das cousas*, põe o *accessorio* em logar do principal, e este em logar d'aquelle; diz que a articulação é *tudo*, e a voz um *quasi nada* — é cousa tão pouca, tão fugaz, tão sumida que *desapparece quasi inteiramente* deante da habilidade do mestre!... Este desconchavo de ideias, em que labuta, a cada passo, o *philosopho da antiphilosophia* (algunha, que pozera a Bonald M.<sup>mo</sup> de Staël), é o bem merecido castigo da obstinação com que repelle o fulgor da verdade.

É tão impossivel haver qualidade sem substancia, mineral sem ganga, *côr* sem corpo, como articulação sem voz. E se o sr. Castilho reconhece que esta é *uma verdade conhecida, trivial e até das mais velhas* (porque para s. s.<sup>a</sup> a verdade val na razão *inversa dos annos que tem*,) para que é chicanar? Para que é dar-lhe o nome de *subtileza ociosa e prejudicial*? Para que é exigir da habilidade do mestre que faça o *absolutamente impossivel* — separar a articulação da voz, e proferir só a articulação?

Curve a cabeça, sr. Castilho, á eterna necessidade d'este principio; e á luz d'elle atinará com a origem da maxima das difficuldades do seu *methodo*. Quem ao signal de uma articulação *junctar fixamente* uma voz qualquer, ha-de necessariamente vêr-se embaraçado em acertar com o valor d'elle, quando a leitura lh'o offerecer combinado com o signal de outra voz differente.

Dizer a uma criança « que *p*, por exemplo, val *pé* ou *pê*, » é metter-lhe na cabeça um erro; porque *p*, por si só, não val nada; é uma abstracção, que ella não comprehende, como a qualidade *sem substancia*, *côr* *sem corpo*, mineral *sem ganga*. Mas depois de lhe haver mettido na cabeça este erro, força-a a reconhecer que *pê* mais *ha* é igual a *pa*; — mais *he*, igual a *pe*; — mais *hi*, igual a *pi* etc. é uma barbaridade, porque é junctar o mysterio ao erro para compellil-a a aprender o que não pôde comprehender. O absurdo da solletração ordinaria e da leitura repentina demonstra-se 'nestas formulas: (*Pê* ou *pê* + *ha* = *pa*), (*Pê* ou *pê* + *he* = *pe*), (*Pê* ou *pê* + *hi* = *pi*) etc. Isto importa o mesmo que dizer ( $2 = 1$ .)

Se porém em logar d'isto, ensinarem a uma criança a rigorosa *verdade*; se lhe disserem,

por exemplo, que este signal *p* per si só não é nada, mas combinado com mais este (*a*), é *pa*; — com mais este (*e*) é *pe*, — com mais este (*i*) é *pi* etc.; se lhe disserem que os *nomes* dados ás letras pouco ou nada têm de commum com os *valores phonicos* d'ellas, porque o valor de cada uma tem de variar segundo as *combinações* que lhe derem os *habitos orthographicos* da lingua; terá a criança alguma difficuldade em comprehender, e por consequencia em aprender, que estes signaes (*Li* + *ber* + *da* + *de*) significam esta palavra — *Liberdade*? Parece-me que não.

Continúa.

M. RIBEIRO DE MENDONÇA.

## PRINCIPIOS DE MECHANICA

POR

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

### ADVERTENCIA DO AUCTOR.

A publicação d'este fragmento é talvez prematura, visto que a obra de que elle faz parte, carece de grandes reformas, não obstante as muitas por que já tem passado no decurso de doze annos. Mas o receio de ver mal interpretadas algumas das precedentes Notas ao ensaio de José Anastacio da Cunha sobre este mesmo assumpto, me obriga a publicar de antemão estes paragraphs, que contém a substancia das mesmas idéas sobre os pontos alli controversos, e ás quaes me não era possivel dar o necessario desenvolvimento nas referidas notas.

Para intelligencia d'algumas expressões algebricas de que aqui uso, e que se não encontram do mesmo modo na practica geral dos mathematicos, convem saber que 'nellas me conformo ás elegantes innovações que o nosso auctor expoz nos seus sublimes principios mathematicos.

1. A recta tirada do ponto *A* ao ponto *B*, chama-se distancia entre *A* e *B*.

2. A perpendicular tirada do ponto *A* a uma linha ou a um plano, chama-se distancia de *A* a essa linha ou a esse plano.

3. Quando a distancia entre *A* e *B* for tal, que de se não attender a ella, nunca resulta erro notavel, dir-se-ha, que se tocam ou que são contiguos.

4. Qualquer ponto extremo da distancia chama-se logar.

5. Qualquer numero de distancia chama-se espaço.

6. Escolhidos alguns pontos, para se considerarem as distancias de todos os outros a elles; chamam-se fixos ou quietos aquellas cujas distancias aos dictos pontos são con-tan-

tes; e moveis aquelles cujas distancias a algum dos mesmos dictos pontos são variaveis: e diz-se que elles se movem.

7. A palavra *movel* toma-se em dois sentidos, que ordinariamente se distinguem pelas circumstancias em que se falla, mas que para maior clareza se denotam pelos epithetos de *potencial*, ou *virtual*, *effectivo* ou *actual*. Os dois primeiros denotam que no caso de que se tracta, ha alguma supposição que torna igual a zero as differenças das distancias variaveis de que se fallou no §. precedente. Quando não ha tal supposição, então diz-se, que o *movel* é *actual* ou *effectivo*.

8. A linha de que se suppõe ter sido cada um dos seus pontos lugar de um *movel A* a respeito de um ponto *B*, chama-se *espaço corrido por A*.

8. E quando a sua equação é dada relativamente a uma base tambem dada, chama-se-lhe *direcção*.

18. Quando assim se suppõe, que ella têm de satisfazer a mais de uma equação, diz-se, que o *movel* têm de seguir mais do que uma direcção: e o seu movimento chama-se *composto*.

11. O *espaço T* corrido por *N* considere-se como uma serie de termos dados, todos eguaes entre si: e o *espaço E* corrido por *A*, como outra serie de termos eguaes ou desiguaes, mas conforme a uma lei dada.

Se suppozermos, que o numero dos termos de *E* é sempre igual ao numero dos termos de *T*, chamar-se-ha *T* o tempo em que o *movel A* corre o *espaço E*.

13. Cada um dos termos de *T* se chama *momento* ou *instante*.

13. Seja  $dT$  qualquer termo infinitesimo de *T*;  $dE$  o termo geral de *E*, e tambem infinitesimo; chamar-se-ha  $\frac{dE}{dT}$  a *velocidade* com que *A* corre o *espaço E* no tempo *T*.

14. Se fôr  $\frac{dE}{dT}$  constante, chamar-se-ha o movimento *uniforme*. Mas se fôr  $\frac{dE}{dT}$  variavel, então ou cada termo particular é maior que o seu precedente, e 'nesse caso chama-se o movimento *acelerado*: ou cada termo é menor que o seu precedente, e então chama-se o movimento *retardado*.

15. Em quanto se não adverte o contrario, entenda-se que o *movel* continúa sempre o seu movimento no mesmo plano, e na mesma linha recta que se tem supposto, e com movimento *uniforme*. E isto é o que se chama lei da *inercia*, *força de inercia*, ou *sómente inercia*.

16. Seja  $x$  a distancia entre *A* e *B* no momento  $m$ ;  $t$  a *velocidade* do primeiro, e  $u$  a do segundo 'nesse mesmo momento. No momento seguinte seja a *velocidade* de *A*,  $t \pm r(x, t, u)$ , e a de *B*,  $u \mp \Delta(x, t, u)$ ; diz-se-ha, que *A* e *B* *obram* um sobre o outro:

e escolhido qualquer d'elles, *A*, para se lhe chamar *agente*, *causa* ou *potencia* [que todas estas trez expressões são synonymas], chamar-se-ha a *B* *paciente* ou *resistencia*.

17.  $\Delta(x, t, u)$  chama-se *acção* de *A* sobre *B*, *effeito*, *effeito da acção*, *força*, *potencia*, *effeito da força*, ou da *potencia*.

18.  $r(x, t, u)$  chama-se *reacção*, *resistencia*, *effeito da reacção*, *effeito da resistencia*, e tambem *potencia*, *força*, *effeito da potencia*, *effeito da força*.

19. A *palavra* *força*, dão-se os epithetos de *virtual*, *potencial*, ou *morta*, e de *effectiva*, *actual*, ou *viva* no mesmo sentido que fica exposto a respeito da *palavra* *movel* [§. 7].

20. A *distancia*  $x$  [§. 16] chama-se *esphera* da *acção* de *A* sobre *B*, e da *reacção* de *B* sobre *A*: e tambem *razão* dos *effeitos*  $r(x, t, u)$  e  $\Delta(x, t, u)$ .

21. Se esta *distancia* diminue no momento seguinte a  $m$ , dá-se o nome de *atração*, tanto à *acção* como à *reacção*: mas se ella augmenta, chama-se-lhes *repulsão*: e em ambos os casos é  $\Delta(x, t, u)$  contrario a  $r(x, t, u)$ .

22. Qualquer numero de pontos que se consideram uns como *agentes*, outros como *pacientes*, entre si, chama-se *systema*.

23. Se no *systema* se suppõe, em vez de pontos, *corpos*, a cujo comprimento se não pôde deixar de attender sem erro notavel; cada um d'estes *corpos* se considera como um *systema* de pontos, cujo numero se chama *massa*.

24. Supponha-se tirado por entre os pontos de um *systema* de *massa M* um plano *P*, tal que a *somma* das *differentes distancias* contadas d'elle até cada um dos pontos, que ficam para uma parte, seja igual à *somma* de *similhantes distancias*, que ficam para a outra parte; chamar-se-ha a este, plano *equisector* do *systema*.

25. Seja *T* outro plano paralelo ao primeiro. Sejam  $x, y, z$ , as *distancias* dos pontos situados áquem de *P*, entre *P* e *T*, e além de *T*. E sejam em fim  $d, d', d''$ , as *porções* que 'nestas distancias, [produzidas, se necessario fôr] interceptam os dois planos.

Qualquer d'estas porções  $x, d', d''$  será a *distancia* entre os planos *P* e *T*.

Será tambem  $fx = f(y+z)$ ; e  $f(d+d'+d'') = Md$ .

A *somma* das *distancias* do plano *T* aos pontos situados áquem d'elle é  $=fx + fd + fd' - fy$ ; e a dos situados além d'elle é  $=fz - fd''$ . Logo a *differença* d'estas duas *sommas*  $[=fx - fy - fz + fd + fd' + fd - fx - f(y+z) + f(d+d'+d'')] = Md$ .

26. Logo quando a *distancia* entre dois planos paralelos, multiplicada pelo numero dos pontos do *systema* fôr igual à *differença*

das sommas das distancias d'um dos planos aos pontos situados áquem e além d'elle, a somma das distancias do outro plano aos pontos situados para uma parte será igual á somma das distancias dos que estão da outra parte.

27. Como  $\frac{f x - f y - f z + f d + f d' + f d''}{M}$ ,

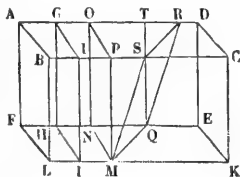
valor de  $d$  é sempre possível; segue-se que sempre é possível achar um plano que, sendo paralelo a outro plano dado, seja equisector de um systema também dado.

28. E pois que este valor é um e unico, não poderá haver mais do que um plano que, sendo paralelo ao plano dado, seja equisector do systema dado.

29. Sejam dados tres planos  $ABCD$ ,  $ADEF$ ,  $GHIJ$ , que sem terem intersecção commum, passem todos por um ponto  $G$  de um systema.

Tirem-se paralelamente a elles os planos equisectores  $FEKL$ ,  $KLBC$ ,  $MNOP$ .

Será  $PM$  [intersecção  $KLBC$  e  $MNOP$ ] parallel a  $GH$  [intersecção de  $ADEF$  e  $GHIJ$ ]; e pois que o plano  $ABCD$  corta  $GH$  num ponto  $G$ , também  $KLFE$  cortará  $PM$  nalgum ponto  $M$ . Logo dado um systema, é sempre possível achar um ponto  $M$ , em que se encontrem tres planos equisectores d'elle.



30. Tire-se por este ponto  $M$  outro plano  $MQRS$ , que não seja paralelo a nenhum dos outros.

Chame-se a distancia do ponto  $G$  ao plano  $KLFE$ ,  $u$ ; ao plano  $KLBC$ ,  $x$ ; ao plano  $MNOP$ ,  $y$ ; e ao plano  $MQRS$ ,  $z$ . Visto ser dada a posição de todos estes planos, teremos

$$u = \frac{GH}{a}; x = \frac{GJ}{b}; y = \frac{GO}{c}; \text{ e } z = \frac{GO}{c}$$

$$[z = GO + OR] = cy + OR.$$

Para acabar de achar a relação da distancia  $z$  com as outras,  $u, x, y$ , basta observar que  $bx$  [ou  $GJ$ ], igual e parallel a  $HJ$ , igual e parallel a  $MN$ ]  $\hat{=}$   $\frac{NQ}{a}$ . corte-se pois em

$OR$ ,  $OT = NQ$  e tire-se  $QT$ : será  $OT = bx$ , e por conseguinte  $z = cy + bx + TR$ . Porém

$$au [ = GH, \text{ igual e parallel a } TQ ] \hat{=} \frac{TR}{g};$$

logo  $TR = agu$ ; logo  $z = cy + bx + agu = h(u + x + y)$ ; e logo  $z = h(u + x + y)$ ;

$$fz = hf(u + x + y); f-z = hf(-u - x - y); \text{ inas } f(x + u + y) - f(-x - u - y) \hat{=} 0;$$

logo  $fz - f - z = 0$ ; e logo o plano  $MQRS$  é equisector.

D'aqui se segue, que qualquer plano que passar pelo ponto, onde se encontram tres planos equisectores, é também equisector.

31. O ponto de que assim se verifica, que qualquer plano que por elle passar, é equisector, chama-se centro das forças.

Continúa.

## NOTICIARIO.

### Passagem simultanea, e na mesma direcção, de dous despachos telegraphicos, por um mesmo fio metalico.

Mr. Sturk chefe da repartição telegraphica central de Vienna apresentou, á academia das sciencias d'aquella cidade, a solução d'este problema, empregando tres correntes de diferente força, e fazendo-as passar alternativamente pelo fio conductor.

Os elementos galvanicos, ou pares de pilha estão divididos em tres grupos desiguales, e postos em comunicação com dous registros ou teclas, de maneira que, tocando na tecla ( $T_1$ ), a corrente é produzida pelo grupo que tem menor numero de pares; tocando na tecla ( $T_2$ ), entra em actividade o grupo de maior intensidade; tocando ao mesmo tempo em ambas as teclas ( $T_1 T_2$ ), a corrente resulta dos dous grupos, e é maxima. Estão as duas teclas dispostas de modo, que a transmissão da corrente não soffre interrupção alguma, no momento em que se faz a mudança de um para outro gráu de intensidade.

O apparelho dos signaes é o mesmo que se emprega no systema de Morse, exceptuando um dos tres electromagnetes (*relais*<sup>1</sup>), que é de duplo contacto — tem dous apoios separados por cada um dos parafusos de contacto. O machinismo está combinado e regulado de feição que cada um dos apparelhos graphicos sómente registra os signaes dados pela tecla correspondente.

O electromagnete de duplo contacto ( $R_2$ ), cuja mola espiral offerece sufficiente resistencia, para que a sua alavanca se não ponha em movimento, senão quando uma das correntes mais intensas passar no conductor (isto é, quando se tocar na tecla ( $T_2$ ), ou nas duas ( $T_1$  e  $T_2$ ) ao mesmo tempo) communica dire-

<sup>1</sup> No systema de Morse, a ponta que escreve os signaes, deve comprimir o papel com bastante força. e a uma grande distancia não era possível magnetisar um pedaço de ferro em ordem a communicar esta força de pressão. Morse resolveu a difficuldade empregando outro electromagnete, a que chamou *relais*; porque em se lhe dando a sua força, põe outra em actividade por via de uma pilha local, que está ao lado do apparelho. E como a corrente d'esta pilha não tem de atravessar nenhum conductor estranho, toda a sua força é transmittida ao electromagnete.

clamente com um dosapparelhos graphicos ( $M_2$ ), o qual por consequencia não funciona senão nas condições enunciadas. O segundo electromagnete ( $R_1$ ) é influenciado por cada uma das trez correntes, e serve para transmittir os signaes dados pela tecla ( $T_1$ ), quando estes não coincidem com os da tecla ( $T_2$ ). Este electromagnete acha-se por isso em communicação indirecta com o segundo apparelho graphico ( $M_1$ ), com o apoio do parafuso de contacto superior, a alavanca e o apoio da mola espiral do electromagnete de duplo contacto ( $R_2$ ), fazendo todos trez parte da cadeia local, de modo que ( $R_1$ ) só pode fechar um circuito com esta cadeia, no caso em que a alavanca correspondente a ( $R_2$ ) se ache em contacto com o parafuso superior. O terceiro electromagnete ( $R_3$ ) serve para fazer funcionar o apparelho ( $M_1$ ), todas as vezes que se tocarem simultaneamente as teclas ( $T_1$  e  $T_2$ ), e, por isso, a corrente adquirir a maxima intensidade. Este electromagnete é regulado de modo, que fica insensivel ás duas correntes de menor força, e não fecha a cadeia local ( $M_1$ ), senão pela influencia da maior corrente.

Vê-se pois que os dous ultimos electromagnetes ( $R_1$  e  $R_3$ ) transmittem alternativamente os signaes dados pela tecla ( $T_1$ ), ou pelas teclas  $T_1$  e  $T_2$ ; e ( $M_1$ ) escreve só o despacho dado pela tecla ( $T_1$ ). D'esta sorte podem transmittir-se, na mesma direcção, dous despachos diferentes a duas estações separadas, e duas estações podem corresponder-se simultaneamente com uma terceira, empregando um só fio conductor. Em principio, este methodo offerece a possibilidade de transmittir, simultaneamente e por um só fio, trez despachos na mesma direcção.

Mr. Sturk fez perante a academia numerosas experiencias que provaram a vantagem da sua invenção. A corrente electrica era produzida por trez baterias—Daniel, e os obstaculos que se oppozeram á transmissão da corrente equivaliam a uma distancia de 30 a 90 milhas. Empregada na correspondencia de Gratz com Vienna (e vice versa), de Trieste com Vienna, e de Gratz com Trieste; achou-se que nada se oppunha á sua applicação em grande,

#### **Hermaphroditismo nos vertebrados.**

Cavolini e depois MM. Coste e Quatrefages haviam observado que nos peixes do genero *Serranus* se encontrava abaixo do ovario um corpo branco, semelhante a um testiculo de peixe; que na epocha em que o ovario estava vazio, este corpo era apenas perceptivel; mas que tomava um volume consideravel quando o ovario estava cheio d'ovas.

Era mister porém mostrar a existencia dos espermatozoides, o que fez ha pouco Mr. Du-

roff, com um só individuo, e com individuos diferentes. So trez especies do mediterraneo são hermaphroditas—o *S. escriba*, o *S. cabrilla*, e o *S. hepatus*.

Esta descoberta explica a notavel passagem de Aristoteles onde se lê — que todos os individuos da especie *χάυν* são femeas—idea reproduzida por Ovidio—*Halieut. v. 107* —*Ex se concipiens channe gemino fraudata parente.*

### **RELAÇÃO**

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares d'instrução publica, desde o dia 1.º até 15 de julho corrente, por despachos do Conselho superior d'instrução publica, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

#### **INSTRUÇÃO PRIMARIA.**

Adriano Emilio de Miranda, para professor temporario da cadeira de Villa Nova de Regengos, districto d'Evora.

Antonio d'Almeida Morujão, para dicto do Banho, districto de Vizeu.

Antonio Pinto de Freitas, para dicto de Tontello.

Francisco Martins Bispo, para dicto d'Olleiros, districto de Castello Branco.

Joaquim Lopes da Cruz, para dicto d'Evora.

José Manuel Ferreira, para dicto de Monseraz, districto d'Evora.

José Maria d'Albuquerque, para dicto de Veiros, districto de Portalegre.

Manuel Teixeira Pinto, para dicto de Ferreiros d'Avões, districto de Vizeu.

Albino d'Oliveira Rodrigues dos Santos, para dicto de Sangalhos, districto d'Aveiro.

Andre Pereira de Lacerda, para dicto de Pedro de Miguel, districto da Horta.

Joaquim Daniel d'Almeida Oliveira Araujo, para dicto d'Arrancada, districto d'Aveiro.

José Maria Raphael, para dicto d'Escoural, districto d'Evora.

José da Silva, para dicto de Monte Rodondo, districto de Leiria.

Luiz Antonio Alves, para dicto de Espinhozella, districto de Bragança.

Manuel Joaquim Ferreira, para dicto de São Matheus (Ilha do Pico) districto da Horta.

Margarida Augusta Seixas, para mestra temporaria da escola de meninas (2) da Ponta Delgada.

Maria Maximina da Silva Sampaio, para dicta de Villa Nova da Gaia.

Antonio Xavier Rodrigues, para professor vitalicio da cadeira de Macedo de Cavalleiros, districto de Bragança, decreto de 2 de julho.

Joaquim José Pessoa, para dicto do Bairro Alto de Coimbra, por transferencia da de Cantanhede, decreto de 9 dicto.

#### **INSTRUÇÃO SECUNDARIA.**

Francisco Alexandre de Vilhena, para professor temporario da cadeira de latim de São Thiago de Cacem, districto de Lisboa, portaria de 1 dicto.

João Antonio Pires Villar, para dicto da 3.ª e 4.ª cadeiras do lyceu de Bragança, portaria de 5 dicto.

João Chrysostomo Valejo Espada, para dicto da 1.ª e 2.ª cadeiras do lyceu de Portalegre, portaria de 5 dicto.

Gaspar Joaquim Telles da Silva Menezes, para professor vitalicio da 1.ª e 2.ª cadeiras do lyceu de Beja, decreto de 8 dicto.

Manuel da Costa Carvalho Marques de Paiva, para dicto da 1.ª cadeira da Secção Occidental do lyceu de Lisboa, decreto de 8 dicto.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

#### RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Senhor! — Á soberana presença de V. M. eleva, com o maior respeito, o Conselho S. de I. P. o Relatório geral do anno lectivo de 1853 a 1854, em cumprimento do decreto de 25 de fevereiro de 1841, sobre o estado, execução das leis, e dos regulamentos de instrução pública do paiz; inconvenientes e difficuldades, que appareceram na prática; modo de as prevenir; e necessidade de algumas providencias, para que o governo de V. M. possa tomar as medidas, que tiver por convenientes e opportunas.

A direcção, regimento, e inspecção geral de todo o ensino, e educação pública, encarregada ao Conselho S. de I. P., não comprehende as escholas militares do exercito e marinha; polytechnica de Lisboa, veterinaria, nem o instituto, e escholas industriaes. Tem por tanto o Relatório de limitar-se á instrução primaria, secundaria, e superior comprehendendo as escholas e estabelecimentos sujeitos ao ministerio do reino.

Pelo art. 169 do decreto de 20 de setembro de 1844, o Conselho S. de I. P. tem por seus delegados — os reitores, directores, administradores, ou chefes dos differentes estabelecimentos e escholas d'instrução —, os governadores civis e sob sua auctoridade os administradores do concelho —, os commissarios dos estudos, e os seus respectivos delegados e sub-delegados. Se todos tivessem cumprido a tempo e exactamente, o que lhes incumbe pelos artt. 37 e seguintes do regulamento de 10 de novembro de 1843, este Relatório geral do conselho superior seria um documento d'alguma importancia perante o governo de V. M., porque vendo 'nelle expostos com verdade, e exactidão os factos, e necessidades experimentadas no espaço d'um annos 'neste ramo d'administração, o governo de V. M. ficaria habilitado a providenciar, como melhor entendesse, sobre a instrução pública do paiz, objecto da maior solici-

tude para todos os governos, como principio fundamental da civilisação, meio o mais poderoso de promover e manter a ordem interior, e condição a mais essencial d'existencia d'um governo representativo. Mas, Senhor, ás secções do conselho superior só foram presentes os relatorios, e mappas n.º 1 até 5.

O Conselho já nos annos precedentes expoz a V. M. que não era possivel formar-se no mez de novembro o relatório geral, por faltarem a maior parte dos elementos para elle, que só no mez d'abril se poderia completar, e que melhor fôra transferir-o para esse tempo; e como ainda encontra a mesma impossibilidade, respeitosamente pede a V. M. se digne tomar na sua alta consideração essa exposição, e seus motivos, bem como a consulta de 17 de janeiro do corrente anno, em que o Conselho propõe providencia, que sem exorbitar a esphera das leis, poderia dar esperanza de melhorar esta parte de serviço.

Entretanto, como pela portaria de 6 d'agosto de 1845 art. 2 está determinado, que a falta d'algum de taes esclarecimentos não sirva ao Conselho superior de retardar os seus trabalhos, e a exactissima remessa d'elles ao governo, o conselho passa a dar conta a V. M. d'aquillo somente, para que se acha habilitado, sobre administração central — instrução primaria — instrução secundaria — instrução especial — e instrução superior.

#### *Administração central.*

A direcção, e inspecção geral de todo o ensino, e educação pública, foi pelo conselho superior desempenhada com o mais serio cuidado e zelo durante todo o anno de 1853 a 1854, fazendo constantemente suas conferencias ordinarias, e extraordinarias, nos dias marcados na lei, e todas as vezes que a necessidade ou conveniencia do serviço o exigiam; e tem consciencia de que fizera tudo quanto estava da sua parte, e para que fôra habilitado pelos seus delegados. Se, porém, cumpriu e satisfez, só V. M. poderá avalial-o na sua alta sabedoria pelas consultas, cópias das actas, e mais trabalhos, que elevou á augusta presença de V. M.; e o Conselho respeitosamente pede a V. M. indulgencia

sobre tudo aquillo, que não soube, ou não pôde fazer melhor.

A secretaria do conselho tem sido pontual no cumprimento dos seus deveres, e assidua no trabalho, fazendo serviço todos os dias, como esta ordenado no art. 63 do Regulamento de 10 de novembro de 1843. A fixação definitiva do quadro de seus empregados e vencimentos esteve pelo art. 163, §. 2 do decreto de 20 de setembro de 1844, e pelos arts. 58 e 64 do regulamento de 10 de novembro de 1843, pendente, até que V. M. foi servido providenciar por decreto de 28 de novembro de 1853, communicado ao Conselho superior por portaria do ministerio do reino de 12 de julho de 1854, estabelecendo os ordenados, e a distribuição dos emolumentos para cada empregado; mas como era preciso collocar a cada um no respectivo logar, visto haver differença de ordenados, para pagamento de direitos de mercê, e mais effectos, o Conselho elevou a soberana presença de V. M. a consulta de 2 d'agosto de 1854. V. M. não houve por bem resolver por ora sobre esta consulta; e na tabella official publicada no *Diario do Governo* d'este anno n.º 234 appareceram ainda todos os empregados considerados com os ordenados antigos, quando por portaria de 12 de julho de 1854 pelo ministerio do reino se tinha ordenado, que ficasse o Conselho na intelligencia de que já no organimento do ministerio do reino apresentado ás côrtes em relação ao corrente anno economico foi considerada a dicta secretaria nos termos do mencionado decreto (de 28 de novembro 1853). De facto estão todos os empregados da secretaria percebendo os ordenados, e distribuindo os emolumentos, como antes do referido decreto; e isso não pôde deixar de desgostar taes empregados. O Conselho pede respeitosa e a V. M. se digne tomar isto em consideração, e dar providencias para que se torne effectivo o decreto de 28 de novembro, dignando-se V. M. resolver, como melhor entender em sua alta sabedoria, sobre a consulta pendente de 2 d'agosto de 1854.

O Conselho sente ter de repetir o que já representou a V. M. nos relatorios dos annos precedentes: que a cooperação dos seus delegados, especialmente dos commissarios dos estudos não tem correspondido ao pensamento da lei, e exigencias do serviço; e que não tem sido conveniente estabelecer as commissões inspectoras do art. 37 do decreto de 15 de novembro de 1836, nem possivel estabelecer os sub-delegados do art. 37 do decreto de 20 de setembro de 1844. Com o intuito de minorar este mal propoz a V. M. como primeira tentativa que se provessem os logares de substitutos em todos os lyceus, para que tendo os commissarios, que forem mestres quem os alivie no serviço das cadeiras, fiquem

livres para desempenhar o serviço das visitas ás escholas. Tal medida levada a effecto minorará certamente o mal 'naquelles logares onde os commissarios são reitores e mestres dos lyceus, mas não o extinguirá de todo, porque os commissarios, ainda aliviados pelos substitutos, mal poderão ir fazer as visitas ás escholas distantes, sendo retribuidos somente com a gratificação de 120\$000 réis, reduzida a 101\$100, que lhes não chega para as despesas extraordinarias, e de jornadas. Os commissarios que não forem mestres ficarão sempre no mesmo estado.

Em todos os paizes se tem reconhecido que, tão indispensavel é multiplicar as escholas populares, como acompanhar-as d'uma inspecção e fiscalisação, vigorosas e continuas. Nuns paizes têm sido creadas commissões especiaes compostas do parcho, auctoridade civil de parochia, e vogaes eleitos pelos municipios; noutros compostas de pessoas todas nomeadas pelo governo. Tem-se porém reconhecido em toda a parte que não se pôde esperar bom serviço gratuitamente, e é por isso que nem se poderam estabelecer de modo proveitoso as commissões lembradas no art. 37 do decreto de 15 do novembro de 1836, nem se estabelecem os sub-delegados do art. 161 do decreto de 20 de setembro de 1844, que as substituiram. Este Conselho sente a mais viva repugnancia em pedir providencias, que custem sacrificios do thesouro; mas espera que o progresso dos costumes publicos, o sincero amor do povo, a intelligencia da verdadeira liberdade, e a necessidade reconhecida de aperfeçoar o mais importante de todos os serviços—o da instrucção publica—por meio de boa inspecção e fiscalisação locais, inspirem a nossos legisladores providencias opportunas, e efficazes para dar ao Conselho superior delegados independentes, de quem se possa exigir uma severa responsabilidade, especialmente pelo serviço das visitas; e anima-se a pedir a V. M. se digne tomar na sua alta consideração que o Conselho mal pôde desempenhar sua missão em quanto não tiver bons delegados; e que os não poderá ter em quanto forem mal retribuidos, e peor inteiramente gratuitos.

O Conselho expediu 209 consultas, 2 regulamento, 1:018 portarias e officios, 6 circulares, 4 programmas, 862 editaes, 98 diplomas de provimento temporario.

#### *Instrucção primaria.*

A instrucção primaria ainda que se não ache por ora entre nós em estado tão adiantado e prospero como V. M. quer, o paiz precisa, e o Conselho superior muito deseja; ainda que se não ache por ora em tão bom estado entre nós, como 'noutros paizes da



Europa, tem comtudo, desde á 20 annos, melhorado muito consideravelmente, apesar de difficuldades e estorvos, que não têm sido possível remover de todo; e vai progredindo e melhorando quanto é possível.

Adiante e n.º 1A vae conta de quaes foram os relatorios parciaes, e quantos os mappaes de professores de instrucção primaria, que chegaram ao Conselho superior. Por tão poucos elementos e informações estatísticas não é possível ao Conselho superior formar um relatorio exacto, e dar conta perfeita do estado em que acha esta parte da instrucção pública, e do seu movimento no anno escolar de 1853 a 1854; e só na seguinte conferencia de abril se poderá concluir este quadro, se todos os professores que faltam, mandarem seus relatorios como devem, e todos os delegados do Conselho, que ainda não satisfizeram, cumprirem o que lhes está ordenado no art. 37, §§. 3 e 4, e art. 38 do regulamento de novembro de 1843.

No relatorio de novembro de 1853 deu o conselho conta a V. M. de existirem 1:173 cadeiras publicas pagas pelo Estado, e 203 particulares de que havia registos no Conselho. Agora são as escolas publicas 1:199, e 325 as particulares, umas e outras espalhadas por todas as provincias do continente e ilhas adjacentes, e com o numero d'alumnos do sexo masculino e do feminino, como se vê no mappa n.º 1, no qual vão declaradas as 24 que se crearam de novo, e em que terras.

Pelas relações estatísticas, que o Conselho superior tem presentes para o relatorio do anno proximo passado, e o numero total de alumnos de ambos os sexos, que frequentaram as escolas publicas e particulares, andou por 60:136 no anno de 1851 a 1852. No de 1852 a 1853 não se pôde chegar a liquidar a totalidade de alumnos: e na conferencia de abril ultimo, calculou-se por approximação em 65:103; a mesma impossibilidade sentiu o conselho 'neste de 1853 para 1854 pela falta que já referiu dos mappas e relatorios. Não deve porém considerar-se menor do que a de 1851 a 1852: antes muito augmentado, visto que se crearam de novo 24 escolas publicas e appareceram 122 escolas particulares mais do que no anno anterior.

Esta totalidade d'alumnos 'num paiz de trez milhoes e seicentos mil individuos dá um alumno por 51 individuos. Não chega a ser o sexto da população geral que por approximação se calcula ser a população das escolas primarias 'noutros paizes, e por ventura poderá contar-se 'num ou 'noutro mais adeantado; mas tambem não é tão desanimador como parece, attendendo-se ás nossas circumstancias especiaes, aos nossos costumes, usos, e habitos, que não é possível vencer e reformar em tão poucos annos, como tem decorrido desde 1834. Entre nós as escolas ruraes

são mui poucas, e rarrissimas vezes, frequentadas por meninas: e mesmo meninos são muito raros os que as frequentam menores de 8 para 9 annos, a não serem muito visinhos da escola; nas terras mais populosas muitos apprendem com mestres que nem se habilitam perante o Conselho, nem dão para elle mappas; em todas os paes, que querem, e podem dar instrucção ás meninas, preferem pela maior parte a instrucção domestica, e taes mestrass aos habilitados legalmente.

O Conselho sente muito que as escolas não sejam frequentadas por ambos os sexos igualmente; e que as distancias, e máus caminhos atravez de despovoados, não permitam aos paes mandar as escolas seus filhos, em todos os tempos do anno, antes da idade, em que tenham tino, e forças para se defender de perigos, que lhes possam acontecer nos caminhos. Á população rural, e ás classes pobres, que sem dúvida são as mais numerosas no nosso paiz, custa-lhes desprender os filhos dos serviços domesticos, e dos campos, para os mandar á escola. O Conselho não quer desculpar taes defeitos nos nossos paes de familia; pelo contrario sente muitissimo que existam; mas refere-se a elles para attennar, se é possível, as impressões desfavoraveis, quando se comparar a concorrência das nossas escolas com a d'outros paizes. Taes estorvos não se podem remover directamente: é preciso esperar que a civilisação e instrucção mesma pouco a pouco os removam a poder de tempo, e com a força da razão, que se vá desinvolvendo nos paes de familia.

O augmento de 122 escolas prova, sem dúvida, que se vae estendendo o gosto pela instrucção primaria, que é procurada em grande parte do paiz á custa mesmo de sacrificios particulares dos paes. Este facto prova incontestavelmente que o paiz inteiro vae entrando no util movimento, que o governo de V. M. tem imprimido na instrucção do povo desde 1834; e d'aqui não poderá deixar d'esperar-se, que em todas as classes vá penetrando o respeito ás leis, os sentimentos honestos que acompanham sempre as idéas justas, o gosto do trabalho, e o conhecimento dos bens que elle procura, a moderação dos desejos, e este amor esclarecido d'ordem que é hoje o unico sacrificio dos povos. Bem merecidos louvores se devem ao governador civil de Villa-Real, por cujo zelo e esforços se estabeleceram escolas gratuitas, regidas pelos parochos, sobressahindo a de Montalegre, em que foram educados 'neste anno 56 meninos pelo methodo simultaneo, e com provado aproveitamento; e ao juiz de direito d'Angra do Heroismo, a cujos esforços e zelo se devem as escolas d'adultos sustentadas pela beneficencia d'alguns cidadãos, e nos quaes foram ensinados 221 alumnos a lér, escrever, e contar no espaço d'um anno.

Resta que o corpo legislativo habilite o governo de V. M. a crear mais cadeiras publicas, e a appresentar o Estado a rivalizar em sacrificios com os paes de familias. Dar instrucção ao povo é hoje dever do Estado, e o Estado não pôde descansar em que particulares cumpram o dever d'elle. Bom é que haja essa industria privada, que o Conselho tanto procura animar, facilitando quanto é possível nos termos do decreto de 15 de novembro de 1836 art. 2, de 29 de Setembro de 1844 art. 83 e segg. e regulamentos de 20 e 30 de dezembro de 1850 art. 21, e 10 de janeiro de 1851 art. 22 e segg., e reconhecendo-a como auxiliar muito poderoso para a instrucção geral. Mas não pode desconhecer-se que o ensino particular, sendo uma industria privada, incerta e precaria, não pôde segurar a estabilidade e futuro para a instrucção geral do paiz, que so podem esperar-se das escolas publicas.

Círculos que hajam de concorrer sessenta meninos como está determinado no art. 4 do decreto de 15 de novembro de 1836, são muito grandes para frequencias ruraes, onde so de uma área muito extensa poderão reunir-se tantas creanças. Parochias ha no campo tão grandes, que ainda será difficil pelas distancias reunir todas as creanças d'ellas numa só escola. So depois que o Estado tiver feito boa divisão de parochias e collocado uma escola pelo menos em cada uma, para que os alumnos possam concorrer a ellas facilmente, se poderão tornar effectivas as providencias do art. 32 do decreto de 20 de setembro de 1844, e por ventura algumas outras que o Conselho terá de propor a V. M. para obrigar os paes de familia, que d'isso precisarem, a mandar os filhos á escola.

As causas que mais obstem, além das ja referidas, ao progresso da instrucção primaria, poderão reduzir-se a trez — má collocação das cadeiras — falta de bons mestres — falta de casas proprias, utensilios, aprestes para o ensino, e livrinhos. Se as parochias fossem reduzidas a um círculo conveniente para o serviço religioso, poderiam esses círculos considerar-se tambem apropriados para o serviço das escolas, fosse qual fosse a população, a não ser tanta que demandasse mais de uma escola. Antes mesmo de tal redução as escolas, em alguns logares, poderiam ser collocadas de modo que aproveitasse a maior numero de alumnos; e para isso já existe auctorisação no decreto de 20 de setembro de 1844 art. 4, §. unico; porém falta quem com zelo e desinteresse conheça de tal conveniencia, e informe o Conselho superior para a propor a V. M. Algumas transferencias de cadeiras que o Conselho tem proposto a V. M., d'uns logares para outros, tem sido feitas sobre representações d'alguem, e informações das auctoridades locais; mas o

Conselho não está plenamente seguro de que não tenha sido illudido, e receia que taes pretensões sendo aparentemente fundadas no interesse publico, não tenham realmente por fim senão conveniencias individuais. E é este um dos servicos para que muito se sente a falta de bons delegados locais inspectores das escolas.

Faltam mestres capazes muito especialmente para as cadeiras ruraes. O Conselho entende que similhante falta não provem da pequenez de ordenados: elles em verdade não são grandes; mas andando pagos exactamente não são tão pequenos que não bastem á sustentação sufficientemente honesta d'um mestre em terras onde as despesas tambem não avultam. Nos concursos apparecem oppositores e já são muito raras aquellas cadeiras, que os não têm; não os haveria se se não contentassem com o ordenado. O mal vem de os não haver sufficientemente instruidos; e esta falta é filha de outra — a de escolas normaes —. Em quanto não é possível dar-se plena execução ao art. 10 e segg. do decreto de 20 de setembro de 1844, conviria talvez applicar-se o disposto no art. 3 do decreto de 15 de novembro de 1836 ás escolas do 2.º grau do art. 1.º do decreto de 20 de setembro, mandando-se estabelecer por essa forma em cada capital de districto uma escola de 2.º grau, como escola normal, para alumnos adultos que procurassem habilitar-se para professores de 1.º grau, embora se lhe reduzisse a pensão do art. 13 do decreto de 20 de setembro para minorar o sacrificio do thesouro. Não ha escolas onde os candidatos ao professorado se habilitem especialmente, porque ainda nem execução plena se tem podido dar ao art. 17 do decreto de 20 de setembro; e em quanto se espera pelo estabelecimento de escolas normaes perfeitas, sente-se com gravissimo prejuizo dos povos a falta de quem habilite professores, por algum modo possível; e as cadeiras ou estão fechadas ou regidas por quem mal sabe, e não instrue sufficientemente.

Em quanto á falta de casas proprias, utensilios e livrinhos, é muito geral o clamor de todos os professores. Edifícios publicos para accommodação das escolas são rarissimas; as camaras municipais, sejam as causas quaes forem rarissimas vezes se prestam a fornecer utensilios; e a pobreza da maior parte dos paes, especialmente nas parochias ruraes e tal que não podem comprar para seus filhos, mesmo por preços baratissimos os livrinhos indispensaveis dos muitos que existem approvados pelo Conselho superior para o ensino. Ao Conselho parece que a esta falta só poderá occorrer-se impondo ás juntas de parochia, auxiliadas pelos municipios, rigorosa obrigação de prover as despesas para casas da escola, utensilios, livrinhos, e aprestes pre-

cizes nas respectivas parochias, fintoando para isso debaixo da inspecção e auctorisação de seus superiores legitimos, todas as pessoas que podem pagar uma moderada quantia, na proporção de seus fructos.

Comparado o estado actual da nossa instrucção primaria com o de tempos passados, ninguém poderá deixar de conhecer que a esphera do ensino se tem alargado e vaee alargando consideravelmente, e que tem melhorado muito os methodos, os quaes todavia se poderão aperfeiçoar ainda muito mais. Pelos art. 22 e 23 do decreto de 13 de novembro o methodo para ensino primario devia ser o de—ensino mutuo—, subsistindo o simultaneo em quanto aquelle não pedesse ter logar por qualquer circumstancia; e pelo art. 5 se ordenou que nas capitães dos districtos houvesse uma escola de ensino mutuo, que seria tambem escola normal para habilitação dos professores. Deram-se ajudantes aos mestres de ensino mutuo; deram-se-lhes maiores ordenados; deram-se-lhes mais vantagens; e apesar de tudo, poucas foram, em relação ao todo, as cadeiras que chegaram a estabelecer-se do tal methodo; e hoje estão todas reduzidas a quinze como se vê do mappa n.º 1. Havia em 1836 entre nós grande enthusiasmo pelo methodo do — ensino mutuo — apesar de já nesse tempo ter caído em outros paizes; mas em 1844 já eram tão conhecidos pela prática os inconvenientes d'esse methodo, que pelo art. 20 do decreto de 20 de setembro—o methodo ficou sendo regulado, por determinações de V. M., segundo o que mais convier ao bem da instrucção e ás diversas circumstancias.

Hoje os methodos geralmente seguidos entre nós são o—simultaneo—e o—mixto de simultaneo e mutuo—, servindo o que a experiencia aproveitou de melhor 'neste, a aperfeiçoar o que havia de mais defeituoso 'naquelle; e o d'ensino mutuo só por excepção é seguido nas quinze cadeiras que já estavam criadas no tempo em que foi obrigatorio.

O methodo de ensino repentino, ou Castilho, ainda está em prova, e por ora não pode ser julgado. A applicação e uso do vapor, da electricidade, do gaz, etc., são descobertas maravilhosas d'este seculo, que assemblam, e ninguém accreditaria em resultados antes de ver: a quadratura do circulo—o moto continuo—a direcção aos Balões aerostaticos—ainda não saíram de chimeras, apesar de annunciadas pomposa e arrogantemente como descobertas já feitas. O Conselho estimará muito que esteja reservada para o insigne philologo A. F. de Castilho a immensa gloria que merece, se se realisarem as vantagens de facilidade, brevidade, e perfeição que promette ao ensino por esse seu methodo, que publicou ha seis annos, e desde então tem forcejado tanto para ensinal-o, propagal-o, e

com elle substituir nas escolas publicas os outros methodos, que por si mesmo condemnava como pessimos.

Quando as descobertas são boas, não é preciso recommendal-as. Ninguém recommendou os phosphoros, e elles com uma rapidez e pantoza fizeram desaparecer os fuzis e pedrneiras, e os petiscos hydroplatinicos, e espalharam-se por toda a parte e entre todas as classes. O Conselho espera pela demonstração *à posteriori*, espera pelos factos bem averiguados, e constantes que assegurem as excellencias ou defeitos de tal methodo, pela admissão espontanea, e uso voluntario d'elle, para o ter, ou não, por uma das maravilhas.

O governo de V. M. tem prestado ao auctor d'este methodo os melhores auxilios para elle o desinvolver e estabelecer practicamente no paiz. Dispensaram-se os mestres de instrucção primaria do exercicio em suas escolas, pagando-se-lhes os ordenados por inteiro e gratificações a substitutos que fiquem extraordinariamente regendo as cadeiras em quanto os mestres vão estudar esse methodo, com o proprio auctor d'elle, como já aconteceu em Lisboa, Leiria, Porto, e agora em Coimbra: e é de esperar, que elle terá enviado ao governo de V. M. relação dos mestres que deixar habilitados 'nesses cursos normaes.

O Conselho tem permitido o uso d'elle nas escolas, classes apartadas, para não prejudicar o ensino regular; tem mandado que seja ensaiado em escolas publicas, e particulares; tem recommendado a seus delegados e commissarios que vigiem e participem os resultados, e espera ansioso pela informação dos factos. Até á ultima conferencia geral d'abril só constou que 19 professores o haviam ensaiado, quasi todos com pouco progresso. Entre os poucos relatorios e informações que posteriormente vieram dos commissarios dos estudos, ainda não apparecem provas sufficientes e decisivas, nos de Beja, Braga, Evora, Leiria, Ponta Delgada, Portalegre, Santarem, e Villa-Real, unicos que d'elle fallaram. Em cada um d'estes districtos foi tal methodo ensaiado mais ou menos; mas nenhum commissario apresenta factos que apoiem um juizo seguro; e o parecer particular de cada um, ainda quando enunciado com trepidez, é mais desfavoravel do que em abono do methodo. E certo que em parte nenhuma elle apparece adoptado, practicado e seguido francamente e com bons resultados constantes e publicos; e em taes circumstancias o Conselho nada tem por ora que propor a V. M. acerca d'elle; e espera ainda mais tempo e mais experiencias para um desengano formal, depois que o mandar ensaiar aqui mesmo na cidade, ou perto por alguns dos professores que ouviram o curso normal do proprio auctor.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa de 24 de dezembro de 1855.**

Senhor! — Venho cumprir o dever, que me impõe o decreto de 25 de fevereiro de 1841, e portaria circular expedida pela secretaria d'estado dos negocios do reino, com data de 6 de agosto de 1843. Além de dever, era meu ardente desejo satisfazer a este encargo tão cabalmente, como a lei requer, e como convem ao maior aperfeiçoamento da instrução primaria, e secundaria d'este districto litterario; porem ainda não é possível 'neste anno: e não o é, não por falta de vontade, e de perseverante diligencia, mas porque, não tendo sido adoptadas as providencias relativas a formação da secretaria d'esta commissão dos estudos, segundo o que tive a honra de propor a V. M. no meu relatorio do anno passado, não tem sido possível supprir a anterior mingoa dos elementos indispensaveis, nem obter as informações precisas; o será, em quanto carecer dos meios convenientes para alcançar os resultados, que a lei pretende. Entretanto, tendo a peito, como tenho, dar a melhor conta ao meu alcance do encargo, que me foi commettido, não me forrei ao trabalho, cujo fructo me cumpre agora pôr na presença de V. M.

Não é possível 'num relatorio, que tem de tractar assumptos muito variados, seguir nenhuma ordem certa e determinada; porém, a fim de evitar confusão, separarei as materias em capitulos, que inscreverei com a clareza necessaria para poder aventar-se desde logo o seu objecto, e collocarei estes na ordem, que se me allega menos irregular.

## CAPITULO I.

*De como é muito necessario, que se adoptem as differentes providencias propostas no relatorio de 1854.*

E tão instante esta necessidade, que, como acabo de ter a honra de ponderar, embora de passo, a V. M., não pode conter ainda no presente anno este meu relatorio as informações estatísticas, e de vária natureza, que todavia são indispensaveis para que V. M. possa formar conceito não inexacto do estado da instrução primaria e secundaria 'neste districto. Com tudo é certo, que fiz lidadas diligencias, e que se perdeu muito tempo e trabalho para colligir elementos seguros, de que pudesse tirar vantagem e, ainda assim, pela maior parte, só muito imperfeitamente, satisfazem ao meu intento.

E por este motivo, tão ponderoso, que me

considero obrigado a occupar-me novamente, de modo especial, de algumas das providencias já examinadas e pedidas e, se não menciono todas, de quantas tratei singularmente no meu relatorio anterior, renovando as propostas feitas, e se me contento, em quanto a muitas, de so as recordar agora aqui cumulativamente, é porque julgo, que pareceria estranho, que fosse este relatorio quasi uma repetição do que tive a honra de elevar ao conhecimento de V. M. no anno findo. A intima convicção, confirmada por mais um anno de experiencia, e de observações, constrange-me a ser assim explicito; e a rogar com a maior instancia a V. M. a adopção de todas as propostas incluídas n'aquelle relatorio, como absolutamente necessarias para que a instrução publica primaria e secundaria possa ter incremento, e progredir aperfeiçoadamente 'neste districto. E todavia um dever superior a todos os deveres, o dever da consciencia, não me consente que feche este capitulo, sem pedir outra vez a V. M., que se digne crear em todos, ou nos trez lyceus principaes do reino, pelo menos, a cadeira de religião pelo modo, e para o fim alli declarado, em conformidade com o que tive a honra de propor a V. M. no meu anterior relatorio. Senhor, a minha consciencia diz-me ser este um objecto, ácerca do qual não devo acovardar-me de supplicar a V. M. opportuna, e importunamente.

## CAPITULO II.

*Da frequencia, e aproveitamento dos alumnos das escolas de instrução primaria.*

Ainda não é qual devia ser, e muito convem, que se torne a frequencia das escolas de instrução primaria. Os obstaculos, que se têm opposto a que se augmente, e vá crescendo em proporção lisonjeira para as necessidades sociaes, a frequencia d'estas escolas, subsistem, e perduram com pequena alteração; e é nas classes da camada inferior da sociedade, as quaes com tudo mais immediato proveito deviam tirar d'esta instrução, que se encontra maior resistencia. Os paes carecem dos serviços, que seus filhos podem prestar-lhes, e segundo lh'os podem prestar, logo desde a puericia, e, não duvidam deixar os filhos na total carencia de instrução, com tanto que, por tal motivo, não padeçam minimo 'incommodo. Esta causa, poderosissima nas povoações ruraes, não é menos efficaz na capital. D'aqui procede não mandarem os filhos á escola, ou não os mandarem senão por mui limitado espaço de tempo em cada dia, e sempre sem regularidade na frequencia.

Além d'esta, ha ainda outra causa, geralmente allegada, a saber, a pobreza, que não consente ao operario, ao artista, e a um sem

conto paes de familia, cercar o minguado producto do seu trabalho para haverem quantia destinada á compra dos compendios, taboadas, papel, pennas, etc., de que seus filhos precisam absolutamente: quanto ganham, ainda não chega, segundo protestam, e clamam, e eu não duvido, para satisfazer as urgentes necessidades da familia.

Ha ainda uma terceira causa, que deve tomar-se em muita conta, e é o desleixo dos paes, desleixo communmente culpavel, mas tambem ás vezes involuntario; por que, forçados a sair de casa ao amanhecer, e, não raro, para distancia, ou a entregar-se a trabalho, que lhes absorve todo o dia, e cuidado, descaram completamente o ensino, e educação dos filhos.

Em quanto o governo de V. M. não empregar meios effectivos para destruir estas causas maleficas, não é possível, que a frequencia das escolas primarias seja a que se deve desejar: e todavia não julgo de difficuldade invencivel o destrui-las. A primeira, e terceira causa desaparecerão logo que seja imposta multa, pequena, mas que se faça pargar inexoravelmente, a todos os paes de familia, sem excepção, que não mandarem regularmente ás escolas primarias da sua localidade os filhos, logo que tenham completado seis annos de idade. A segunda causa desaparecerá egualmente, se o governo de V. M., como lhe cumpre, fizer que seja observada fielmente a disposição do art. 2 do decreto de 20 de dezembro de 1839, que manda, que as camaras municipaes provejam as escolas primarias com a mobilia necessaria, e taboadas, papel, tinta e pennas. Pois têm as camaras municipaes meios sobejos até para despesas de aformoseamentos materiaes, e não os têm para recorrer ás muito mais urgentes precisões intellectuaes, e moraes? É um epigramma intoleravel.

Tambem o aproveitamento dos alumnos das escolas primarias está longe de ser o que se pertende; e não por causa do methodo empregado pelos professores, o qual tenho observado ser, geralmente, o mais accommodado ás circumstancias das nossas actuaes escolas, e que sem duvida, com os melhoramentos, que se vão 'nelle introduzindo, se tornará com facilidade sufficientissimo; sem que seja preciso recorrer a methodos perigrinos de mais que duvidoso resultado; porém por causa da irregularidade da frequencia dos alumnos, e da variedade, por assim dizer, infinita dos livros, compendios, impressos, manuscriptos, de que, pretextando falta de meios, e outras razões, se servem nas escolas; o que impossibilita os professores de obterem senão pouquissimo fructo do seu excessivo trabalho. Tão pouco reputo de extraordinaria difficuldade para o governo de V. M. o destruir, como as demais, esta causa

lamentavel do pouco aproveitamento dos alumnos das escolas primarias. Adoptadas as propostas, que tenho a honra de elevar ao conhecimento de V. M. nos capitulos, em que tratei mais especialmente d'este assumpto, ficarão cabalmente remeditados estes diversos, e todos muito graves inconvenientes.

A pezar porém de todos estes estorvos, V. M. verá de certo com satisfação, pelo mappa junto, que, segundo as informações, que recebi dos respectivos professores publicos, e particulares, frequentaram 'neste anno lectivo as escolas primarias sete mil novecentos e vinte (7:920) alumnos, cinco mil oitocentos sessenta e oito (5:868) do sexo masculino, e dous mil cincoenta e dois (2:052) do sexo feminino. D'estes pertencem ás escolas publicas dous mil setecentos noventa e sete (2:797) do sexo masculino, e seiscentos trinta e dous (632) do sexo feminino. As escolas particulares pertencem trez mil setenta e um (4:071) do sexo masculino, e mil quatrocentos e vinte (1:420) do sexo feminino.

Ultimamente cumpre-me observar a V. M., que ficaram habilitados duzentos e vinte (220) alumnos de instrução primaria, tendo feito exame duzentos setenta e um (271), e ficado approvados duzentos e vinte (220).

*Continua.*

## O METHODO DO ENSINO PARALLELO

DE

### ESCRIPTA E LEITURA

**No juízo do respeitavel Inspector Geral das escolas do chamado methodo portuguez.**

*Continuado de pag. 93.*

Tanto na segunda edição do seu *methodo* como nos artigos de critica publicados no «Diario,» confunde o sr. Castilho os *elementos* das palavras com as *letras*—com as que até para cegos são distinctas. Os *elementos* das palavras não são *letras*. Os *elementos* das palavras são, como já se disse acima, os *sons articulados* de que se essas palavras compoem.

Para fazer-se a decomposição de uma palavra em seus *elementos*,—'nestes *elementos*, a que o sr. Castilho dá impropriamente o nome de *syllabas*, e rediculamente o de *postas*, qualquer grau de attenção é de sobra; porque cada um d'estes *elementos* é um *son articulado*, uma cousa *real*, que o ouvido pôde sentir, e o orgão vocal imitar.

Tome de parte o sr. Castilho, o primeiro homem do povo, que encontrar, e que não saiba ler; pronuncie, deante d'este homem, o vocabulo *liberdade*; e pergunte-lhe—de

quantos sons articulados se compõe este vocabulo. O homem hesitará a principio, reflectirá um pouco, e a final dirá: — « De quatro: *li-ber-da-de*. »

Pega-lhe então v. s.<sup>a</sup> que vá mais longe. Pega-lhe que decomponha cada um d'estes sons — não em *letras*, que *letras* não formão sons — mas nas *vozes* e *articulações* de que se componha cada um dos quatro. Cortem-me a cabeça, se esse homem for capaz de responder ao pedido, enumerando seguidamente as articulações e vozes que entrem na composição d'elles.

Decompor cada som articulado nos seus elementos phonicos — nestes elementos, a que o sr. Castilho impropriamente chama *letras*, e ridiculamente *lascas* — operação e esta que nem o homem do povo, nem o mais bem acabado alumno do *methodo dos postas e das lascas* podera realizar; porque para isso fóra necessario, que algum podesse proferir uma articulação sem voz, e a voz sem articulação.

Que não é possível proferir articulação sem voz, todos o reconhecem, e até o sr. Castilho, como acaba de ver-se. Mas proferir-se a voz sem articulação! . . . isso é cousa tão commun e trivial, que até o sr. Castilho, apezar de ter feito abstenção da logica, taxa de *erro formal* a proposição que o negar. Isso não obstante, reparemos um pouco mais. . . . . Vejamos — pode proferir-se uma voz sem articulação?

A este respeito, diz o sr. Castilho: — « O erro formal é dizer-se que as vozes, isto é, « os elementos phonicos, de que são representativos convençionaes as vogaes, se não « podem proferir sem articulação, ainda quando tal articulação se não escreve. Isto é um « paradoxo, » acrescenta o illustre censor, « o « qual nos não recordamos de ter jámais encontrado em escripto anterior ao d'este analista. »

Capitula o sr. Castilho de *paradoxal e erronea* a proposição que responder negativamente aquella pergunta, pela razão de *a não ter encontrado em escripto anterior a Memoria sobre o ensino parallelo*. Se este é o fundamento de tão desfavoravel juizo que forma d'esta proposição, está s. s.<sup>a</sup> compromettido, pela sua mesma logica, a dal-a por verdadeira, uma vez que eu tenha a dita de mostrar-lhe, em escripto anterior á minha Memoria, a mesma doutrina. *Sublata causâ, cessat effectus*.

Conhece o sr. Castilho a obra *Elémens d'ideologie* por Destutt de Tracy, publicada pela segunda vez em 1817? Faça-me a mercê de consultar o 2.<sup>o</sup> volume d'ella; e a paginas 321 e 317, achará dois passos, que dizem em vulgar o seguinte:

1.<sup>o</sup> « D'aqui resulta que não ha som algum « que mereça mais o nome de *articulação* que « o de *voz*, mais o de *tom* que o de *duração*. « Pode haver um caracter especial para re-

« apresentar cada uma d'estas quatro qualidades de um som; mas é indispensavel o « conjuncto d'estes quatro caracteres para exprimir o som todo inteiro, e determiná-lo « completamente; como e mister enumerar « todas as qualidades de um corpo, para fazer-se a cabal descripção d'elle. Quando, « portanto, escrevemos o caracter *a*, que so « representa a voz de um som, e para ler « este caracter preferimos o som que appellidamos *a*, estranhamente nos enganamos « se entendemos que pronunciamos uma voz « sozinha; porque isto é impossivel. A esta « voz que está representada, junctamos uma « articulação (aspiração mais ou menos forte) « um tom e uma duração que não têm figura; « e tudo isto forma o som completo e real, — « unica cousa que o orgão vocal pode produzir, — porque, quando não produz um « som qualquer, nada faz que possa impressionar o do ouvido. »

2.<sup>o</sup> « Vê-se pelo que levo dicto que não « creio haver som sem articulação. Effectivamente não imagino que o possa haver; porque que não concebo cousa que não tenha um « principio, que não comece de algum modo. « Não só vejo na aspiração uma articulação; « até penso que esta articulação, com mais « ou menos força, tem sempre logar, quando « não haja outra na emissão de um som. « Creio que quando imaginamos pronunciar « uma vogal sozinha, não a preferimos sem « articulação, como sem um tom qualquer; e « esta articulação é a aspiração, que só differe mais ou menos da aspiração forte, representada pelo *h*. »

Mas o sr. Castilho ainda allega outra razão, em virtude da qual refusa admittir como verdadeira a doutrina de Tracy. E tão solida como a primeira. Ouçamol-a:

— « Ignoramos como pronuncia as vogaes, « o sr. Commissario do Funchal e as pessoas « que elle comprehende no seu *nós*; nos « porém, e quantas pessoas temos ouvido « desde que nascemos até esta hora, só ouvimos e só disemos muito naturalmente « *a, e, i, o, u*, e não com arrancos interjectivos *ha, he, hi, ho, hu*. Insistimos 'nisto « fóra insultar o senso commun. »

Reduz-se esta razão a dizer — « que as vogaes podem proferir-se sem articulação, por « que o uso as escreve sem o signal d'ella. » — Mas esta não é a questão. A questão é saber o que faz o uso; a questão é saber o que deveria fazer-se, caso o uso consentisse em ser sempre guiado pela luz dos principios, caso não modificasse talvez os principios a ponto de converter o *natural* em *artificial*. — Quando se lê uma vogal, que está escripta só, não se profere de envolta com ella uma articulação, que á escriptura deixára de notar por ser mais ou menos imperceptivel para o ouvido? Eis aqui a questão.

Se me não engano, esta questão está sufficientemente elucidada pelo que fica dicto. Meu dever, porém, e, não só responder às argúcias do sr. Castilho, se não fazel-o de modo, que no espirito do leitor não fique a menor dúvida sobre a solidez da doutrina que defendendo, e do methodo que aconselho. Por este motivo peço licença para addicionar ao que levo dicto o seguinte desinvolvimento.

*Continúa.*

## OS CAMINHOS DE FERRO.

Até á epoca em que se abriu o caminho de ferro de Liverpool a Manchester em 1829, e se inventou a locomotiva de caldeira tubular, as vias ferreas serviam apenas para transportar aos rios e canaes, ou aos portos de mar os productos das minas e das diversas officinas; e ainda, tempo depois d'aquelle importante ensaio, os partidistas das antigas vias de comunicação pertendiam, que taes caminhos de ferro só podiam admittir-se por excepção, e unicamente para curtas distancias. A extraordinaria circulação, porém, que se desinvolue nos caminhos de Londres a Birmingham, e a Bristol, abertos ao público alguns annos depois do de Liverpool, deu um cabal desengano, aos que se deixavam levar de tão errada opinião.

Eni presença dos factos, e das experiencias repetidas, impossivel fôra negar a importancia e superioridade d'esta nova via de comunicação, que, fazendo desaparecer as distancias entre os estados, as cidades e os homens; multiplicando as relações entre os individuos; facilitando o commercio das mercadorias, e das idéas; tornando communs os interesses dos povos mais afastados, e acabando, pelo contacto e frequente convivencia, os prejuizos locais, os odios, e as rivalidades nacionaes, devia operar uma completa transformação no mundo politico e commercial.

A utilidade economica e philosophica dos caminhos de ferro é portanto hoje por todos reconhecida; ha porém ainda diversas opiniões sobre os limites d'esta nova potencia: uns querem circunscrevel-a ao transporte dos viajantes, com suas bagagens, e as mercadorias de maior preço, e pequeno volume, preferido para todos os outros serviços as estradas ordinarias, ou os canaes, cujo estabelecimento é muito mais barato: para outros escriptores a superioridade dos caminhos de ferro é absoluta; não ha concorrência possível com elles, nem deve admittir-se outro algum systema de comunicações.

Tal é o problema, que cumpre, se não resolver, simplificar pelo menos, apreciando devidamente os diversos factos observados.

As estradas macadamisadas perpendiculares aos caminhos de ferro são da maior utilidade, porque por ellas são transportados para estes os viajantes e mercadorias do centro das povoações collocadas na zona d'acção do caminho de ferro, zona que se dilata proporcionalmente á extensão de cada linha ferrea. Parallelas a estas linhas as estradas entre pequenas distancias são ainda vantajosas, porque facilitam as comunicações para o interior das cidades, e transportam os generos commerciaes sem o trabalho, nem as despesas accessorias, são em fim commodas para os viajantes, que habitam pontos intermediarios, e distantes por consequencia das estações do caminho de ferro.

Nos paizes muito montanhosos as estradas macadamisadas são tambem preferiveis aos caminhos de ferro, cuja exploração é excessivamente custosa pela construcção de curvas de pequeno raio, e para vencer as rampas de grande inclinação. Uma tal exploração só deverá emprender-se atravez das grandes cadeas de montanhas para ligar as linhas ferreas construidas em regiões menos difficéis.

Em geral o estabelecimento de uma linha ferrea não é preferivel ás estradas macadamisadas, quando a sua circulação annual é menor de 60 a 80 mil toneladas de mercadorias, ou o equivalente em viajantes, ou quando as circumstancias locais, e geraes não indicam, que tal será o resultado da exploração de uma dada linha ferrea.

*Continúa.*

## PHYSIOLOGIA.

### *Do ether como antidoto do chloroformio.*

M. Agostinho Fabre, alumno de medicina, apresentou á academia das sciencias, de Paris na sessão de 28 de julho ultimo, o resultado das suas experiencias feitas em diversos animaes, e particularmente nos coelhos, para demonstrar que o ether pode ser empregado como antidoto do chloroformio na anesthesia.

O ether produz na economia animal effeitos oppostos, segundo as doses em que se emprega, e a frequencia e duração das inspirações.

A excitação é o seu primitivo effeito: todos os auctores therapeuticos o classificam entre os estimulantes diffusiveis: o ether é usado como remedio nos desmaios e synopes. E portanto racional empregal-o como estimulante, para fazer cessar a adynamia, os desmaios e as synopes, que o chloroformio produz. A experiencia assim o confirmou.

M. Fabre examinou a influencia das inspirações intermitentes do ether applicado em pequenas doses (meia colher de cha na duração do sono produzido pelo chloroformio, e nas funcções da economia animal retardadas,

ou suspensas por este agente. Por um lado mediu a duração media do somno anesthesico não perturbado; por outro lado a duração media do somno contra que se empregára o ether. O primeiro foi de vinte minutos; o segundo de quatro. Oito vezes o ether fez acordar instantaneamente o animal adormecido.

M. Fabre fez numerosas experiencias comparativas sobre individuos collocados em identicas condições, e sobre os mesmos individuos. Chegou a adormecer e despertar o mesmo animal duas, trez e quatro vezes seguidamente sem deixar de o fazer inspirar ora chloroformio, ora ether. Este ultimo agente activou primeiro a respiração e as palpações do coração, depois as palpebras, o movimento das maxillas, do pescoço, dos membros anteriores, e por ultimo dos membros posteriores.

M. Fabre empregou tambem maior dose (duas colheres de chá) e as continuas inspirações do ether, que são inefficazes e até perigosas.

Applicou o ether durante o periodo da excitação produzida pelo chloroformio; a excitação durou um espaço de tempo, que estava na razão inversa das doses inspiradas. Finalmente fez a experiencia com uma mistura d'ether e chloroformio, em doses eguaes, e possuindo as mesmas propriedades, estas duas substancias obram no mesmo sentido, mas em proporções mais fracas. O ether, como estimulante retarda a acção adynamica e anesthesica do chloroformio.

O ether é portanto um antidoto physiologico do chloroformio; mas será o unico, e o melhor?

O ammoniaco, conhecido por suas propriedades excitantes, preenche o mesmo fim, mas com menor efficacia; alem d'isso empregado em grandes doses, e sendo inspirado continuamente, produz um somno anesthesico, que dura, termo medio, um quarto d'hora, mas que o ether dissipa em um minuto.

M. Fabre applicou igualmente o aldehyde, como antidoto do chloroformio, com bom resultado, posto que é menos efficaz do que o ether.

Se estas experiencias repetidas no homem produzirem os mesmos resultados, que nos animaes, a medicina poderá tirar d'aqui grandes vantagens.

A applicação do chloroformio será menos perigosa, e por isso mais frequente e mais util; poderá applicar-se sem receio nos individuos mais debéis; e empregar-se repetidas vezes nas operações multiphas, e nos partos; e não será preciso suspendel-o no periodo de meio somno, em que a sensibilidade está apenas embotada, quando não está exaltada.

Os antidotos physiologicos produzem no organismo uma dupla acção, e effectos oppostos, um similhante e outro contrario a influencia, que elles destroem: é em virtude

d'esta segunda acção, e não pelo principio da similhança, que obram estes antidotos.

Duas substancias, que em doses diferentes são antidoto uma da outra, obram no mesmo sentido empregadas em eguaes proporções.

Os antidotos podem tornar-se succedaneos e reciprocamente.

Estas experiencias mostram tambem, que um mesmo agente, segundo condições conhecidas, produz na economia animal effectos oppostos.

E para desejar que os nossos clinicos repitam estas experiencias nos hospitaes para verificarem practicamente tão importantes resultados.

A.

## NOTICIARIO.

**Gaz extrahido da madeira:** Este gaz, extrahido pelo methodo allemão, substitue completa e vantajosamente o do carvão de pedra na illuminação de S. Petersburgo desde 1855.

Alem d'aquelle gaz obtido com grande facilidade; o residuo da destillação da madeira dá um excellente carvão, alcatrão de boa qualidade, e vinagre, de que se faz uso em diversas industrias.

Segundo as experiencias feitas no inverno proximo passado mil kilometros de madeira de pinheiro manso produziram 280 metros cubicos de gaz, e a luz de um litro d'este gaz queimado equivale á de dez bugias.

**Manuscriptos de Galileu:** Por morte de Galileo a maior parte dos seus manuscriptos extraviaram-se; uns foram vendidos a pezo, e outros jazeram esquecidos no pó das bibliothecas. Em 1840 o grã-duque da Toscana Leopoldo II emprehendeu a grande custo colligir os manuscriptos, que ainda existiam d'essa preciosa collecção das obras do illustre philosopho, cuja memória aquelle esclarecido principe assim quiz honrar. E com esses manuscriptos, que poderam descobrir-se, se deu ao prelo a edição das obras completas de Galileo, cujo decimo-quinto e ultimo tomo acaba de sair á luz, sob a direcção do professor Eugenio Alben.

Esta edição é assim dividida: cinco volumes comprehendem os escriptos sobre astronomia; cinco as correspondencias; quatro sobre physica e mathematica; e seis d'ensaios litterarios, trabalhos de critica e poesias.

Muitos d'estes escriptos são até hoje inditos; taes são as *Observações* sobre os satelites de Jupiter desde 13 de janeiro de 1610 até 16 de novembro de 1619: cento e dесеis cartas de Galileo a seus amigos, e quinhentas e sesenta d'estes para Galileo, todas de grande valor para a historia das sciencias: os *Discursos* sobre o movimento dos graves



(*sermões de motu gravium*); as notas e correções ao *Rolando furioso d'Ariosto*.

Entre os factos novos que se encontram nesta vasta collecção, nota-se 'numa correspondencia de Galileo, que elle observara o anel de Saturno desde 1616; isto é quarenta annos primeiro, que Huyghens se attribuisse a gloria d'esta descoberta.

Galileo não só mencionou essa descoberta, mas enriqueceu o seu ms. com um desenho, de que a presente edição nos dá um *fac simile*. O IV volume contém a historia do seu processo, e longos extractos das actas e o texto da sentença.

**Missões scientificas:** M. Lamont, director do observatorio de Munich, vai por ordem do rei de Baviera estudar e observar o magnetismo terrestre no sul da França, em Hespanha e Portugal: e M. Piazz Smith, director do observatorio de Edimburgo irá, a custa do governo inglez, fazer observações de physica astronomica ao pico de Teneriffe.

## PRINCIPIOS DE MECHANICA

POR

SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA.

Continuado de pag. 76.

32. Poderá haver 'num systema dois centros de forças?

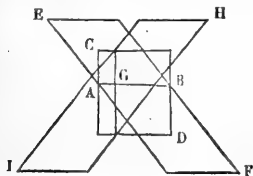
Se é possível havel-os, tire-se pelo segundo d'elles um plano paralelo a qualquer dos equisectores, que passem pelo primeiro; e deverá também ser equisector [§. 30]: o que é absurdo.

Logo em qualquer systema não pôde haver mais que um centro de forças.

33. Sejam  $A$ , e  $B$  os centros das forças das massas  $M$  e  $N$ ;  $CD$   $EF$  dois planos, que passem pelos dictos centros.

Cada um d'elles será equisector de cada uma das massas; e logo também equisector do systema que d'ellas se compõe.

Logo estará o centro  $G$  das forças d'este systema na intersecção dos dictos dois planos; isto é, na distancia dos centros das forças das duas massas  $M$  e  $N$ .



34. D'onde se segue, que se os centros das forças de varios systemas parciaes estiverem 'numa mesma recta, 'nella estará também o centro das forças do systema total.

35. Passe por este centro outro plano  $HJ$ . Também este será equisector do systema.

A differença das distancias d'este plano aos pontos de  $M$  situados áquem e além d'elle  $he = M(AG)$ ; e a das distancias aos pontos de  $N$  situados áquem e além d'elle  $hc = N(BG)$ .

Mas visto ser elle equisector, será  $M(AG) = N(BG)$ ; e logo  $AG : BG :: N : M$ ; isto é, as distancias dos centros das massas ao centro do systema, estão na razão inversa das mesmas massas.

36. Represente  $M$  a massa do agente;  $N$  a do paciente;  $ex$  [§ 16] a distancia dos centros das forças. Suppor-se-ha sempre que  $\Delta(x, t, u) : r(x, t, u) :: BG : AG$ , e por consequente ::  $M : N$ .

37. D'onde se segue que  $\pm Mr(x, t, u) = \pm N\Delta(x, t, u)$ ; e logo  $Mt + Nu = M(t \pm r(x, t, u)) + N(u \mp \Delta(x, t, u))$ . E como semelhantes productos se chamam quantidades de movimento; a saber,  $Mt$  da massa  $M$ , e  $Nu$  da massa  $N$ , no momento  $m$ ; e  $M(t \pm r(x, t, u))$ ,  $N(u \mp \Delta(x, t, u))$  no momento seguinte; por isso se diz, que a somma das quantidades de movimento é sempre a mesma, tanto antes, como depois da acção.

38. D'estes theoremas se derivam facilmente methodos para achar o centro das forças de diferentes systemas.

Se estes não forem mais, do que dois, bastará cortar a distancia do centro das forças de um ao centro das forças do outro na razão inversa das massas d'elles.

39. Sejam mais, e formem um corpo homogenio [isto é, um systema cujas massas componentes estejam entre si como os seus volumes]: formem por exemplo um triangulo homogenio  $ABC$ .

O centro commum das forças dos pontos que se acham em  $AB$ , estará no meio d'esta recta. Do mesmo modo o centro das forças de cada uma das parallelas, que se tirarem a  $AB$ , estará no meio de cada uma.

Mas se do vertice  $C$  tirarmos sobre o lado  $AB$  uma recta, que a corte em duas partes eguaes, também cortará em duas partes eguaes todas as parallelas a este lado dentro do triangulo. Estam logo 'nesta recta os centros das forças de todos os systemas parciaes de que o corpo  $ABC$  se compõe; por consequente 'nella estará o do triangulo  $ABC$  [§. 34].

O mesmo raciocinio se pôde applicar ao lado  $AC$  e vertice  $B$ . Logo será centro das forças do triangulo  $ABC$  o ponto em que a recta tirada do vertice  $C$  ao meio do lado  $AB$ , cortar a recta tirada do vertice  $B$  ao meio do lado  $AC$ .



29. Pelo centro das forças da massa  $M$  passe um plano  $MO$ ; e pelo da massa  $N$  ou plano  $NP$  paralelo ao primeiro.

Seja  $x$  a distancia de qualquer dos pontos collocados alem do plano  $MO$ ;  $y$  qualquer dos que estão áquem d'elle;  $y'$  a de qualquer dos que estão alem do plano  $NP$ ; e  $x'$  qualquer dos que estão áquem d'elle.

A distancia de  $x$  a  $x'$  seja  $d$ ; e a  $y'$ ,  $d'$ ; a de  $y$  a  $x'$  seja  $d''$ ; e a  $y'$ ,  $d''$ .

$D$ ,  $D'$ ,  $D''$ ,  $D'''$ , sejam as porções que os planos  $MO$ ,  $NP$  interceptam em  $d$ ,  $d'$ ,  $d''$ ,  $d'''$ .

Será

$$d = D + x + x'$$

$$d' = D' + x - y'$$

$$d'' = D'' - y + x'$$

$$d''' = D''' - y - y'$$

Represente  $T$  a totalidade das distancias dos pontos de  $M$  aos de  $N$ .

Será  $T = N (fd + fd' + fd'' + fd''') = NMD + 2N (fx - fy + x' - y') = MND$ , isto é, a totalidade das distancias de todos os pontos de  $M$  a todos os de  $N$ , egual ao producto de ambas as massas multiplicado pela distancia do centro das forças de uma ao centro das forças da outra.

Como  $MN$  é constante, suppõe-se egual á unidade; isto é  $T = D$ .

40. Todas as vezes que um ponto de um systema vier a tocar um ponto de outro systema, de modo que as rectas tiradas dos centros das forças d'ambos os systemas ao ponto do contacto, fiquem em direitura; chamar-se-ha esse contacto Colisão central dos dois systemas.

41. A colisão suppõe-se sempre central, se se não adverte o contrario. Por isso se podem applicar aos systemas que se collidem, todos os theoremas sobre a acção reciproca de simples pontos.

O mesmo é em geral de qualquer acção central de varios systemas.

42. Seja  $x$  [§. 16.] a distancia dos centros das forças de um systema de dois corpos  $M$  e  $N$ ;  $y$  a distancia do centro das forças do systema ao centro das forças de  $M$ ;  $z$  a distancia d'este mesmo centro do systema ao de  $N$ .

Supponhamos, que depois da colisão central de  $M$  e  $N$ , é

$$r(x, t, u) = \frac{y}{x}(u - t), \text{ e } \Delta(x, t, u) = \frac{z}{x}(t - u).$$

$$\text{Será } t + r(x, t, u) = \frac{yu + zt}{x}, \text{ e } u + \Delta(x, t, u) = \frac{zt + yu}{x}.$$

E visto ser  $y : z :: N : M$  [§. 37.] e poder a direcção de  $u$  ser contraria á de  $t$ ; será

$$t + r(x, t, u) = \frac{Mt + Nu}{M + N} = u + \Delta(x, t, u).$$

Os corpos cuja acção, quando vem a collidir, é conforme a esta theoria, chamam-se duros.

43. Porém se suppozermos que sendo tudo o mais como no caso precedente, é

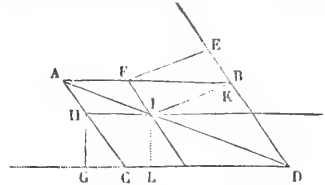
$$r(x, t, u) = \frac{2y}{x}(u - t), \text{ e } \Delta(x, t, u) = \frac{z}{x}(t - u);$$

$$\text{será } t + r(x, t, u) = \frac{(M - N)t + 2Nu}{M + N};$$

$$\text{e } u + \Delta(x, t, u) = \frac{(N - M)u + 2Mt}{M + N};$$

e os corpos em que isto se verifica, chamam-se elasticos.

44. É dada, de grandeza e de posição, a direcção  $AB$  que o movel  $M$  impellido por  $N$  correria num tempo dado, com movimento uniforme; e a direcção  $AC$  (concorrendo com  $AB$  no ponto  $A$ ), que em egual tempo, e tambem com movimento uniforme, correria impellido por  $P$ .



Complete-se o parallelogramo  $ABCD$ : e tome-se a lado  $DB$  por base da recta  $AB$ , e o lado  $DC$  por base da recta  $AC$ .

Sejam  $EF$ , e  $GH$  as ordenadas que determinam o lugar de  $M$  ao cabo de um tempo dado, em  $AB$ , quando fosse impellido por  $N$ , e em  $AC$  quando o fosse por  $P$ .

Tire-se  $HJ$  parallela a  $AB$ , e  $FJ$  parallela a  $AC$ .

Pois é  $AF:AB::AH:AC$  [supp. e §. 14] será  $J$  um ponto da diagonal do parallelogramo  $ABCD$ .

Qualquer recta levantada da base  $DB$  até á recta  $FJ$  parallelamente a  $EF$ , é egual a  $EF$ ; bem como qualquer recta, levantada da base  $DC$  até á recta  $HJ$  parallelamente a  $GH$  é  $GH$ . Mas o ponto  $J$  é o unico de que se verifica serem ao mesmo tempo  $KJ$  egual e parallela a  $EF$ , e  $LJ$  egual e parallela a  $GH$ .

Dado pois o lugar de  $M$  ao cabo de um certo tempo, na direcção  $AB$ , quando fosse impellido com movimento uniforme por  $N$ , e na direcção  $AC$  quando o fosse por  $P$ ; será ao cabo de egual tempo lugar de  $M$ , impellido simultaneamente por  $N$  e  $P$ , o ponto extremo da diagonal do parallelogramo, de que aquelles espaços que elle correria em  $AB$  e em  $AC$ , são lados; pois que esse ponto satisfaz simultaneamente, tanto á equação de  $AB$ , como á de  $AC$  para o momento dado [dem. e §. 10]. E tambem será uniforme o movimento composto, com que o movel assim corre aquella diagonal, por ser  $AJ:AD::AF:AB::AH:AC$  [§. 14].

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa de 24 de dezembro de 1855.**

Continuado de pag. 103.

#### CAPITULO III.

*Da frequencia, e aproveitamento dos alumnos da instrucção secundaria.*

No meu precedente relatorio apontei as causas geraes, que explicam o porque não são as aulas do lyceu, apesar de gratuitas, frequentadas por numero tão consideravel de alumnos, como o são as aulas dos estabelecimentos particulares, e alli indiquei ao mesmo tempo algumas das providencias, que julgo indispensaveis, e cuja adopção, a meu ver, traria o resultado, que se deseja. Porém as providencias não se tomaram, e portanto, perdurando as mesmas causas, não é de maravilhar, que perdurem os mesmos effeitos: é logico.

Pela sua parte o conselho cathedratico d'este lyceu, e eu, no que a mim me pertence, temos empregado, como nos cumpre, o que em nós está para remover causas accidentaes; e o rigor, com que são mantidos os regulamentos policiaes, tem produzido o melhor resultado. Os professores desempenham com toda a regularidade os seus deveres, e os alumnos, em vez de se tornarem merecedores de censura, o têm sido de louvor. Não ha pois motivo, que possa fundadamente afastar os pães, e educadores, de mandarem seus filhos, ou pupillos, ás aulas publicas; pelo contrario só ha razões, que devam persuadir os a envia-los ás aulas do lyceu. Mas estão fóra do alcance do conselho do lyceu, e do reitor commissario dos estudos ess'outras causas alludidas, com as quaes só V. M. Póde acabar mediante as providencias já lembradas, a *prescripção de condições bem cuidadosamente definidas da existencia dos estabelecimentos particulares de instrucção, e educação da mocidade; e a uniformidade legal dos compendios, por onde no lyceu se lêem as disci-*

*plinas. Acrescentarei uma terceira providencia, acêrea da qual me explicarei mais largamente 'noutro capitulo: a declaração de que são valiosos para habilitação publica, e para habilitação dos estudos superiores, sem dependencia de novo exame, os exames feitos 'neste lyceu.*

Em quanto ao movimento litterario, é satisfatorio, pois, como V. M. póde fazer verificar, abriram matricula nas aulas do lyceu duzentos noventa e sete (297) alumnos, e a fecharam cento sessenta e cinco (165). D'estes deixaram de fazer exame dezesseis (16); e dos restantes, que são cento quarenta e nove (149), fizeram exame em julho, e ficaram approvados cento trinta e cinco (135), e quatorze (14) reprovados. Em outubro tinham feito exame dezesseis (16), dos quaes ficaram approvados doze (12) e reprovados quatro (4).

Dos alumnos do ensino particular, ou estranhos ao lyceu fizeram 'nelle exame, em julho, cento e seis, ficando approvados noventa e dous (92) e quatorze (14) reprovados. Em outubro tinham feito exame cento e quarenta (140), dos quaes ficaram approvados cento e dezoito (118), e reprovados vinte e dous (22). D'onde resulta, que os exames feitos no lyceu no anno lectivo, que findou em 30 de setembro de 1855, foram quatrocentos e onze (411), obtendo approvação trezentos cincoenta e sete (357), e ficando cincoenta e quatro (54) reprovados. O que tudo consta do mappa, que acompanhou o relatorio annual do conselho cathedratico d'este lyceu.

#### CAPITULO IV.

*De como se ha de conseguir, que as aulas do lyceu de Lisboa sejam frequentadas por maior numero de alumnos.*

Desde muito tempo, que se lamenta a pouca frequencia das aulas do lyceu nacional de Lisboa, e que se procura remedio adequado para obviar a este mal, que parece revelar desleixo nos pães, e inapplicação da mocidade. Muitas causas se tem apontado, que explicam satisfatoriamente esta pouca frequencia: todas são verdadeiras; e não repetirei o que por vezes se tem escripto, e eu mesmo ponderei

no meu relatório. Hoje basta-me-ha considerar o facto certo, como é; e indicar os meios de destruir as causas, que o motivam.

Depois de maduro exame, e para mim fora de duvida, que a principal causa da pouca frequência do lyceu de Lisboa é não resultar da sua frequência nenhuma vantagem especial para os alumnos. Os collegios particulares offerecem commodidades apreciaveis para os paes, e tutores dos alumnos; para conhecer o que sobeja comparar a dependencia, em que os collegios, e aulas particulares estão dos paes, tutores dos alumnos, com a independencia, em que para com elles estão os professores do lyceu; o resguardo, em que se conservam os alumnos, sem tornar precisos criados, quasi exclusivamente destinados a acompanhá-los ás aulas, afim de evitar que se desmandem, ou se pervertam em más companhias; e a certeza de que nem os calores do verão, nem os frios e chuvas do inverno lhes arriscarão a saúde, e talvez a vida. Deixo de parte, como notei, um sem numero de outras causas não menos efficazes, nem menos conhecidas do que estas. E que vantagens offerece o lyceu, que sobrepujem as mencionadas? Serão difficéis de achar. E não é obvio, que, em quanto não existirem estas, prevalecerão aquellas? Assim o creio.

Entretanto não é impossivel tornar mais avantajada a frequência do lyceu de Lisboa: francamente direi o que penso a este respeito, pedindo a V. M. a applicação do remedio, que julgo infallivel.

Considero providencia indispensavel o determinar-se, que nenhuns alumnos dos estabelecimentos litterarios particulares sejam admittidos a exame no lyceu, sem que juntem documento de que estudaram com professor competentemente auctorisado, e de que este os julga promptos para exame publico.

O remedio porém verdadeiramente heroico para curar radicalmente o mal, de que se trata, consiste em estabelecer, que os exames de instrucção primaria, de todas as disciplinas, que constituem a instrucção secundaria, sejam feitos exclusivamente no lyceu; e em que, feitos aqui, não hajam de ser em nenhuma outra parte repetidos. Então os alumnos, convencidos de que lucram em ser discipulos dos professores do lyceu; porque a boa conta do anno lhes pôde e deve affiançar votação equitativa, quando tiver logar alguma das muitas occorrencias, que fazem, que estudantes optimos se mostrem, no acto do exame, inferiores a si mesmos, parecendo merecer uma reprovação, que, tido o anno em conta, seria uma injustiça, preferirão sem nenhuma duvida o estudar nas aulas publicas a frequentar os collegios particulares.

Nem é só aquella razão, que os moverá; mas outras muitas de não menor valia, como a certeza de que estudam pelos compendios,

por onde têm de ser examinados; de que não o serão por methodo diverso do methodo, por que os ensinaram; e finalmente de que não serão seus juizes homens para elles inteiramente desconhecidos, porém sim homens, que, em mais ou menos contacto com elles durante o anno lectivo, longe de lhes causarem temor ou receios, lhes inspirarão confiança, a não a terem desmerecido por mau procedimento, e culpa propria.

E haverá algum inconveniente, que se opponha á adopção da medida, que proponho? Não o posso achar; porque não vejo nenhuma razão de peso, em que se fundamente a resolução tomada, e hoje em pratica de fazer repetir, no lyceu de Coimbra, os exames feitos no lyceu de Lisboa, aos que vão ser alumnos da Universidade; e menos ainda, se é possivel, a encontro para que, na escola polytechnica de Lisboa, hajam de ter logar os exames preparatorios para a primeira matricula na referida escola.

Porque motivo não hão de valer em Coimbra para matricula na universidade, á excepção do exame de instrucção primaria, como hoje succede, os exames, que tiverem sido feitos no lyceu de Lisboa? Duvida-se acaso da competencia dos professores? Não é possivel, não só porque as provas, porque passaram estes professores, foram taes, que os fizeram julgar dignos das funcções, que desempenham; mas tambem porque estão sendo examinadores e juizes legaos dos professores publicos dos demais lyceus e aulas do reino. Será porque são feitos 'neste lyceu os exames com indulgencia? Não sou eu, nem os professores do lyceu, são os factos, que protestam contra a calumnia. Os exames são feitos com a maior publicidade; os professores hão-se com estrita imparcialidade, e independencia, e o resultado attesta a rectidão do seu procedimento. E nem, quando o quizessem, poderiam haver-se menos imparcialmente; porque os espectadores, em grande parte condiscipulos dos examinandos, e por isso ao alcance do seu verdadeiro merecimento, não consentiriam, que os examinadores infringissem impunemente as prescripções da justiça. Pelo contrario; e por estas razões talvez os exames no lyceu são reccitados, e se reputam, geralmente, em demasia rigorosos. Não sei, que possam ser destruidas, e nem se quer abaladas estas considerações; e por isso não recorerei a algumas outras de moralidade indisputavel para o magisterio; de manifesta economia para os alumnos; e de vantagem certa para a instrucção publica.

Mas, se não pôde apresentar-se razão ponderosa, que sustente a pratica de só se terem por valiosos para a matricula da universidade os exames das disciplinas da instrucção secundaria feitos no lyceu de Coimbra; como poderão achar-se, que mantenham a

escola polytechnica na posse do *privilegio* odioso, e tão contrario aos proprios fins da instrucção pública, de fazer examinar os que aspiram a ser seus alumnos, dispensados, ou não tidos em conta os exames do lyceu?

Senhor, se não é, como creio que não é, faltar ao respeito devido a V. M. qualificar devidamente esta practica, eu a direi, alem de nociva, absurda. É nociva, Senhor, porque os exames de instrucção primaria, que se fazem na escola polytechnica, não satisfazem ao que se requer para que seja aquella habilitação o que deve ser; e o que acontece com a instrucção primaria acontece igualmente com os exames das disciplinas, que pertencem á secundaria, não exceptuando mesmo os exames das linguas vivas. Sobre isto não pôde excitar-se nenhuma dúvida: o facto ali está público, e, o que peor é, convertido em regra! E não será de grandissima inconveniencia, que continue a praticar-se d'esta sorte? Pois, porque um alumno se dedica á vida militar, ha-de consentir-se, que, desde o principio, fique menos bem habilitado na instrucção primaria, na doutrina da religião, que professa, na philosophia racional e moral, e no conhecimento e practica das linguas franceza e ingleza, do que os que se destinam á vida civil, ou ecclesiastica? O simples bom senso persuade o contrario: é obvio, que muito grande prejuizo deve d'aqui provir para a sociedade.

Agora, Senhor, permita-me V. M. dizer tudo o que penso a este respeito. A concessão feita á escola polytechnica é absurda. Quem é, que exerce na escola polytechnica o mister de examinadores? São os professores e examinadores do lyceu. Então, porque não hão-de ser examinados no lyceu, conforme á norma de justa severidade, os alumnos da escola polytechnica, e hão-de ir ser examinados alli segundo o arbitrio de uma regra abusiva, que tende a relaxar o saudavel rigor, sem o qual os exames quasi que equivallem a uma vã formalidade? E consinta-me V. M. advertir, que o absurdo sobe de ponto, se por ventura se attender a outro abuso posto em practica, e que todavia talvez possa considerar-se como uma consequencia necessaria da concessão inconsiderada, que, por menos advertida contemplação para com a escola polytechnica, lhe foi feita. Tanto é certo, que um abismo chama sempre outro abismo! Este abuso, a que intendo alludir, é a requerida *unanimidade* dos votos dos examinadores para a approvação dos examinandos! Senhor! V. M. bem o conhece: a doutrina da *unanimidade* das votações está abaixo de toda a critica, e de toda a censura; repugna ao principio constitutivo da sociedade; repugna á practica de todos os tempos; repugna á razão, e repugna á consciencia; produz sempre o effeito contrario do que parece indi-

car a sua simples enunciação; é um absurdo, para o qual não ha nome. Contudo a escola polytechnica, para não prescindir do seu privilegio, viu-se obrigada a devorá-lo. Constituidas as mezas (commissões) de exames com dous professores do lyceu, e um (que serve de presidente) da escola, este ficaria annullado, a não admitir-se o absurdo de que dous são eguaes a um, a doutrina da *unanimidade*! Entretanto o absurdo triumphou: e em trez votos, um salva com injustiça, ou com injustiça condemna, o, em ambos os casos, infeliz alumno!

Basta, Senhor, e já V. M. vê, que não existe nenhuma razão sufficiente para que deixem de valer em toda a parte, sem terem de repetir-se debaixo de nenhum pretexto, onde quer que seja, os exames feitos com approvação no lyceu nacional de Lisboa: e vê ao mesmo tempo V. M., que, não havendo nada a perder, ha muito a ganhar com que assim haja de ser d'ora em diante. O proveito affiançado não pôde demorar-se. A razão assim o convence com evidencia, e assim o persuadem todas as mais sidas considerações. Nestes termos tenho a honra de propor, e de rogar a V. M., que approve a seguinte proposta de lei.

#### PROPOSTA.

##### *Projecto de lei.*

Art. 1. Os exames preparatorios das disciplinas de instrucção secundaria, e os de todas as disciplinas, que se ensinam no lyceu nacional de Lisboa, serão feitos publicamente, e sempre com saudavel rigor no mesmo lyceu, conforme ao que nos regulamentos em vigor se acha estabelecido.

Art. 2. Os exames feitos no lyceu de Lisboa valerão, para todos os effeitos, como preparatorios consumados da instrucção superior, sem que tenham de repetir-se em alguma outra parte sob nenhum pretexto.

Art. 3. Fica revogada a legislação em contrario.

#### CAPITULO V.

*De como hão de evitar-se os inconvenientes de serem os alumnos examinados pelos proprios professores, que os têm ensinado publicamente, ou particularmente.*

São, geralmente, reconhecidos os gravissimos inconvenientes, que resultam de serem os alumnos examinados pelos proprios professores, que os têm ensinado ou publicamente, ou particularmente. A previsão d'estes inconvenientes suscitou na Prussia a criação das commissões permanentes de exames; na Belgica os professores das differentes academias

se revezam quasi diariamente para os exames dos alumnos; 'noutras nações se têm os governos soccorrido a outros alvitres. Entre nós estabeleceu-se a publicidade dos exames, e a prova escripta nos de instrucção primaria e secundaria; mas a experiencia tem mostrado, que estes meios entre nós adoptados para obviar aquelles inconvenientes, com quanto sejam muito acertados, e opportunos, são com tudo inefficazes, se não forem acompanhados de algumas outras, que cortem, por assim dizer, o mal pela raiz, sem ao mesmo passo offender direitos. Nas circumstancias, em que nos achamos, parece-me, que estas providencias por ora não podem ser, senão as que se contém na seguinte proposta de lei, que tenho a honra de elevar ao conhecimento, e approvação de V. M.

#### PROPOSTA.

##### *Projecto de lei.*

Art. 1. Para que qualquer individuo estranho aos lyceus possa ser admittido a exame nos mesmos lyceus, conforme ao disposto no decreto de 20 de setembro de 1844, art. 76. deverá exhibir as habilitações litterarias, que se requererem para a matricula de frequencia na aula respectiva.

§. unico. O governo fixará a epocha d'uns, e outros exames, e a serie de habilitações litterarias, que devem preceder as diversas matriculas.

Art. 2. Nenhum individuo será admittido a fazer exame de qualquer disciplina de instrucção primaria ou secundaria, sem que prove ou tê-a aprendido em escola publica, ou ter sido julgado apto por professor *auctorisado legalmente* para a ensinar.

Art. 3. Os exames de instrucção primaria serão feitos perante uma ou mais commissões compostas de um professor do respectivo lyceu, que presidirá, e de dous professores de instrucção primaria, dos quaes o mais novo servirá de secretario.

§. unico. O commissario dos estudos do respectivo districto nomeará os membros d'estas commissões, podendo escolher d'entre os professores de instrucção primaria de todo o districto.

Art. 4. Os exames das disciplinas de instrucção secundaria, que se professam nos lyceus, e escolas annexas, serão feitos perante commissões especiaes periodicamente nomeadas pelo conselho superior de instrucção publica.

§. unico. Estas commissões serão compostas pelo menos de trez vogaes, dos quaes o mais velho presidirá, e o mais novo servirá de secretario: poderão ser nomeados para ellas tanto os professores publicos, como ou-

tros quaesquer cidadãos, que o conselho superior de instrucção publica julgar para isso habilitados.

Art. 5. As provas escriptas, requeridas por lei em cada um dos exames de instrucção primaria, ou secundaria, serão feitas com a mesma publicidade, e perante as mesmas commissões, que as provas oraes: datadas e assignadas pelos examinados, serão depois de revistas pelos examinadores, por estes igualmente assignadas, significando 'nellas o secretario da commissão pelas iniciais « A » « R » o resultado do exame, e logo enviadas ao commissario dos estudos, o qual depois de colligidas, as fara subir ao conselho superior de instrucção publica, para ali serem archivadas.

Art. 6. O conselho superior de instrucção publica mandará publicar programmas, largamente desinvolvidos, para todos os exames assim de instrucção primaria, como secundaria, e por elles se regularão impreterivelmente as respectivas commissões.

Art. 7. Os vogaes das commissões de exames, tanto de instrucção primaria, como secundaria, vencerão uma gratificação *pro rata* pelos dias, em que servirem, equal ao vencimento da propriedade da respectiva cadeira, no caso de terem outro vencimento pago pelo estado: quando não tiverem outro algum vencimento, a gratificação será o dobro.

§. 1. Aos vogaes, que funcționarem fóra da terra da sua residencia, abonar-se-ha esta gratificação em todos os dias, que decorrerem desde aquelle, em que se apresentarem, até o dia, em que terminar o serviço; e além d'isso uma ajuda de custo para as despesas de ida, e volta, que será arbitrada na razão de quatrocentos réis por legua.

§. 2. Todas estas despesas serão dadas em orçamento, e pagas immediatamente pelo cofre do respectivo lyceu.

Art. 8. Os alumnos estranhos aos lyceus, onde requererem ser examinados, pagarão previamente pela admissão ao exame de instrucção primaria quatrocentos réis (400 réis); e pela admissão ao exame de cada uma das disciplinas da instrucção secundaria tanto, quanto deveriam pagar pela matricula da referida disciplina, se a tivessem frequentado nos mesmos lyceus.

§. unico. 'Nestas sommas será tomada em conta qualquer quantia, que os examinandos mostrem ter pago 'nesse mesmo anno lectivo pela matricula de frequencia da mesma disciplina em diverso lyceu.

Art. 9. A nenhum professor publico fica licito dar lições particulares retribuidas aos alumnos dos lyceus, ou de outra aula publica das disciplinas, que professa na qualidade de professor publico, ou seja como explicador annual, ou seja como preparador de exames: o que contravier, reputar-se-ha ter renun-

ciado ao magisterio público, e contra elle se procederá 'nesta conformidade.

Art. 10. O governo fará os regulamentos necessários para a inteira execução d'esta lei.

Art. 11. Fica revogada toda a legislação em contrario.

## CAPITULO VI.

*De como o provimento dos professores das cadeiras de instrução secundaria não deve ser vitalicio, senão depois de trez annos de ensino effectivo, e de obtida boa qualificação no 2.º exame, que não poderá ser-lhes dispensado.*

A experiencia tem evidenciado, que não deve subsistir a disposição da lei vigente, que declarou vitalicio o provimento das cadeiras da instrução secundaria. Não soejam oppositores áquellas cadeiras, e muitas vezes acontece, que as habilitações, com que se apresentam ao exame de concurso, não podendo reputar-se bastantes para desobrigar de perseverante applicação, e de segundo exame de futuro os candidatos, são com tudo sufficientes para que possa aperfeiçoar-se ensinando por algum tempo, com a condição expressa de novo exame, findo um triennio; pois que este obriga os candidatos a indefesso estudo, e ao cuidado proprio de quem precisa de dar provas de que aproveitou, e effectivamente aprendeu ensinando. Entretanto, na presença da lei, não fica arbitrio aos examinadores; hão-de approvar, ou reprovav. Se approvam, a segurança do logar obtido faz com que o oppositor (salvas honrosas excepções) não chegue a obter a perfeição, a que devia e podia aspirar; e padece a instrução pública: se reprovam, a consciencia não lhes fica tranquilla com o receio de terem sido rigorosos em demasia para com o candidato; e, se algumas cadeiras estão vagas por falta de oppositores competentemente habilitados, maior, por causa de tanto rigor, será o numero das que fiquem sem exercicio; e o serviço público padecerá com grave prejuizo da mocidade.

'Nestes termos tenho a honra de propôr a Vossa Magestade a adopção de uma antiga prática, muito para imitar, por isso que provadamente proficua; e que é seguida já até certo ponto pelo conselho da escola polytechnica de Lisboa: a saber, que o provimento dos logares de professores de instrução secundaria seja triennial somente, nem possa tornar-se vitalicio, senão depois do professor ter ensinado por trez annos effectivos, e obtido, no segundo exame, a qualificação de apto definitivamente para o magisterio.

Com esta providencia remediar-se-ha o grave inconveniente, que deixo notado, e colher-se-

hão singulares vantagens para o ensino público.

Em harmonia com o que fica substanciado, tenho a honra de propôr a Vossa Magestade a seguinte:

### Proposta de lei.

Art. 1.º Nenhum professor de instrução secundaria poderá obter provimento vitalicio, sem que tenha regido por espaço de trez annos a cadeira, a que fez opposição, e que lhe foi conferida.

Art. 2.º Ao professor, que, terminado um triennio de exercicio effectivo, fôr approvedo no seguinte exame com a qualificação de apto definitivamente para o magisterio, passar-se-ha provimento de professor vitalicio, ao que não obtiver a sobredicta qualificação, não se passará provimento; e a cadeira será posta a concurso.

Art. 3.º Ficam d'esta sorte alterados e declarados, na parte respectiva, o §. 2.º do art. 58, e o art. 60 do decreto de 20 de setembro de 1844, e revogada a legislação em contrario.

*Continua.*

## O METHODO DO ENSINO PARALLELO

DE

### ESCRITA E LEITURA

**No juizo do respeitavel Inspector Geral das escolas do chamado methodo portuguez.**

Continuado de pag. 105.

Se o sr. Castilho não tivesse feito abjuração publica da logica; se tivesse acuradamente estremado os sons das vozes, e estas das articulações; se procurasse formar exacta idéa do que é a *articulação*; de plano teria visto que a verdadeira doutrina, á cerca do ponto em questão, é a de Tracy.

Quando queremos emitir um som, não o formámos, senão aspirámos, com mais ou menos força, certo volume de ar, que o órgão vocal torna sonoro, d'este ou d'aquelle modo, conforme á posição que occupa, e á differente força d'elle, que actua em quanto o ar passa dos pulmões á bocca.

D'aqui se vê que a porção d'ar aspirada é — para assim dizer — o *substratum* de quatro qualidades ou elementos que d'ella formam um som: estas qualidades são — articulação, voz, tom e duração.

Voz é a modificação, que imprime no ar aspirado a diversa disposição do órgão vocal.

A modificação que lhe advem tanto da *força* com que é aspirado, como da differente peça

do órgão, que sobre elle actua no momento, e a articulação.

Duração é o tempo que gasta o som em formar-se e sair dos pulmões até á bocca.

O grau mais ou menos elevado que lhe compete na escala da musica, é o tom.

Logo, cada som articulado é o producto simultaneo e complexo de quatro elementos, que o espirito pôde por abstracção considerar separados, mas que a natureza só cria e forma reunidos. Naturalmente nenhum som é mais voz ou quantidade, tom ou articulação; porque toda a porção d'ar aspirado, que não reunir estas quatro modificações, não é um som.

Ora, visto que nenhum d'estes elementos existiria, se a vontade de quem falla ou canta, não aspirasse dos pulmões a porção d'ar que o órgão vocal converte em som, é evidente que a primeira condição de todo o som é a aspiração.

Está é uma verdadeira articulação mas é uma articulação *sui generis*; é uma articulação, a muitos respeito, differente de todas as outras.

Quando proferimos um som fortemente articulado, a articulação respectiva apenas impressiona a voz no seu começo, cessa logo. Se queremos continuar a proferir a mesma voz, logo vem unir-se a essa outra articulação, que é a aspiração, tantas vezes successivamente, quantos forem a este respeito os actos da vontade de quem falla ou canta. Começo, por exemplo, por dizer *dá*; mas, prolongando a voz, só fico dizendo *ha-ha-ha-ha*... A articulação designada pela consoante *d* desapareceu: veio substitui-la a consoante *h*.

Assim como se não escrevem o tom e quantidade de cada som, por não terem na escriptura signaes proprios, se bem que não haja som real sem elles; tambem pôde omitir-se o signal da aspiração, que é o *h*, ainda que sem ella não possa haver som, nem elemento algum d'elle. Esta omissão porém, comparada a muitas outras que a orthographia tem adoptado por mera commodidade sua, nem por isso auctorisa a igual omissão na pronuncia. Quem ha abi que nas palavras *digno*, *magno*, *gnoma*, não perceba um *e* «mudo» entre o *g* e o *n* de cada uma? *Plantar* tem duas syllabas *usuaes*: pronunciem-na pausadamente; logo verão que tem quatro — *pe-lan-ta-re*.

A razão de tudo isto é uma e a mesma. Como não pôde haver som, que não seja ao mesmo tempo articulação e voz, tom e duração, quando a escripta apresenta sósinho algum d'estes elementos, o espirito para ler o signal subentende e aggrega-lhe todos os outros que estejam omitidos. Assim é que o sentido tropologico das palavras dá um sentido verdadeiro. Assim é que a escriptura jerogliphica dos egypcios traduzia e expressava

um pensamento. — *a Ah! vêm trinta cellas*.

— Quem tiraria d'estas palavras o que se por ellas quer dizer, se o espirito não tivesse a faculdade de *subentender* o que se *não diz*, de tomar a *parte pelo todo*, o *signal pela causa significada*, a *materia pela obra*, e *vice versa*?

Note-se porém que nem a respeito de todos os signaes graphicos tem a orthographia a faculdade de supprimi-los. Esta faculdade é circunscripta a dois signaes unicos. — na ordem das consoantes, ao *h*; — na das vogaes, ao *e* mudo. Qualquer outra articulação ou voz, que sóe mais ou menos distinctamente na pronuncia, não pôde na escripta a boa orthographia omitir o signal d'ella. D'aqui vem dirmos *pae*, e escrevemos *pae*; — *halema*, e escrevemos *alma*; — *hamore*, e escrevemos *amor*; — *felore*, e escrevemos *flor*; — *peschudo*, e escrevemos *pseudo* etc. D'aqui vem a conversão de varias syllabas naturaes em syllabas artificiaes; as quaes se resolvem em *diphthongos* e *monothongos*, segundo que a letra supprimida fôr o *h* ou o *e* mudo.

Em geral, as articulações modificam as vozes no seu começo; e por isso os signaes d'ellas, que são as *consoantes*, vão quasi sempre antepostos aos d'estas, que são as *vogaes*. Ha porém certas articulações que podem modificar as vozes correlatas, tanto no principio como no fim; e por isso os signaes d'ellas podem combinar-se com vogaes, tanto antecedendo-as como seguindo-as.

As articulações designadas pelas consoantes *b, p, d, t, v, c, k, q, j, g, lh, nh, ch*, so podem, segundo os habitos de nossa lingua, preceder as vozes que modificam: *v. g. baba, capa, papa, touca, jaspe, gomma, dado, linho, filho, chicote* etc. Mas as assignaladas pelas consoantes *m, n, l, f, r, h, s, x, e, z*, estas podem modificar as vozes, tanto no principio como no fim d'ellas, advertindo que, neste segundo caso, seu valor phonico é diverso do que têm no primeiro.

Quando alguma d'estas consoantes modifica a vogal seguinte, tem valor aproximado ao da syllaba resultante da combinação d'ella com o *e* «mudo»; e digo *aproximado*, porque este *e* será sempre substituido pela vogal, que effectivamente concorrer com a consoante; *v. g. m* val *me* em *mano*; — *n*, *ne* em *nabo*; — *l*, *le* em *limo*; — *f*, *fe* em *fama*; — *r*, *re* em *rosa*; — *h*, *he* em *hora*; — *s*, *se* em *sola*; — *x*, *xe* em *xarope*; — *z*, *ze* em *zote*.

Quando porém é o contrario; quando a articulação modifica a voz que a procede; então o valor da consoante respectiva é proximoamente igual ao da syllaba que se forma pondo o *e* «mudo» antes d'ella: *v. g. m* val *em* em *ambos*; — *n*, *en* em *entre*; — *l*, *el* em *alto*; — *f*, *ef* em *affecto*; — *r*, *er* em *arma*; — *s*, *es* em *asco*; — *x*, *ex* em *exemplo*; — *z*, *ez* em *feliz* etc.



Dizer isto, dizer que ha certas consoantes cada uma das quaes tem dois valores; val dizer que ha duas especies de consoantes, que se escrevem com o mesmo caracter, mas têm valor diverso. Como chamaremos a estas consoantes? Daremos a cada uma um nome formado á *semelhança dos dois valores* que ella tem. D'aqui vem chamar-se a este signal *m êmme*—a este *n enne*,—a este *l êlle*,—a este *f êffe*—a este *r erre* etc. Estas denominações são mais exactas e philosophicas, que as que profere a leitura repentina, *capitalisando* metade do valor da consoante respectiva.

Tanto o methodo da leitura repentina, como o da solettração ordinaria, partindo dos *nomes dados ás letras* para o *valor phonico* d'ellas, têm confundido cousas diferentes; têm ambos cabido 'num erro, que é a principal causa das difficuldades que encontra a creança que aprende a ler quer por um, quer por outro methodo.

Sim; os nomes dados ás letras são uma cousa; os valores phonicos d'ellas são outra.

Dão-se nomes ás letras para se poder falar de cada uma no seu estado de isolamento, —estado em que nenhuma letra tem valor phonico, porque a consoante o não tem sem vogal, nem esta sem aquella. Cada letra, de per si, não val nada phonicamente, não tem valor algum *real*; é apenas um signal para os olhos, ou —mais propriamente — *parte* d'um signal; a qual todavia, embôra tenha um *nome*, não val phonicamente conforme a este nome; val conforme a combinação em que se achar com outras letras, segundo os habitos orthographicos da lingua. Assim — *c* em *capa* val *que*, em *cima* val *se*; — *l* em *lona* val *le*, em *alto* val *el*; — *ch* em *chita* val *xe*, em *monarchia* val *que* ou *ke* etc.

Os nomes das letras são *fixos*, nem têm relação alguma necessaria com o phonico valor d'ellas, que *varia* a belprazer das combinações que lhes der a orthographia da lingua. Ora querer chegar ao conhecimento d'estes valores, tomando por ponto de partida os nomes das letras, é querer tirar certa conclusão, de premissas que a não contemham; é procurar um *fim* com *meio*, que o não pôde dar; é tender para um *termo*, por *caminho* que lá não vae; é *inverter a ordem logica* das *cousas*.

E visto que o espirito humano só parte do composto para o simples, do real para o ideal; do concreto para o abstracto, e não ao contrario; o que pede a *ordem logica das cousas*, o que pedem as leis do espirito humano, é que se parta do valor phonico das letras para os nomes d'ellas; é que primeiro se ensine o valor das syllabas, para depois, pela decomposição d'estas, chegar-se aos nomes das letras; é que para ensinar-se a ler, se adopte um methodo *inverso* ao da leitura repentina e ao da solettração ordinaria.

Ora, como para aprender o valor phonico das letras, isto é, das syllabas que se d'ellas formem, é de summa conveniencia empregar signaes *graphicos*, porque tudo o que se escreve, parece estampar-se, ao mesmo tempo, no papel e na memoria; força é ensinar a creança a traçar com mais ou menos facilidade estes signaes, antes de dar-lhe conhecimento do phonico valor d'elles. É em seu começo um exercicio puramente *mechanico* para a creança, que ao deante lhe servirá de meio mnemonico para outro exercicio *intellectual*. Escreve primeiro, para ler depois. É um ensino, que precede a outro por algum tempo, para depois ir de companhia com elle. Eis aqui o *ideal* do methodo do ensino *parallelo da escripta e leitura*.

### Conclusão.

Quem acaso tiver lido a memoria sobre este methodo, sabe que, fazendo eu varios reparos ao chamado *methodo-portuguez* (que todos os portuguezes repellem,) tractei só da obra; nem uma só vez nomeei o illustre auctor d'ella; porque estava e estou persuadido que a critica litteraria pôde sempre fazer e deve respeitar esta distincção: —a obra de um homem é uma cousa, a sua pessoa é outra. Uma vez publicada pela imprensa, a obra torna-se um facto público, e do dominio do público, ácerca do qual é licito a qualquer fazer os reparos que bem lhe praza e por ventura lhe aconselhe a logica, o bom gosto, a sciencia. Mas a pessoa!... nunca. Essa, entendendo eu que nunca deve ser materia de discussão para a imprensa; porque, por muitos e grandes que sejam os defeitos, os vicios, até os crimes de um homem, nunca este perde o direito que tem ao respeito dos outros, em quanto fôr uma *pessoa*, em quanto fôr um symbolo da humanidade pelo corpo, de Deos pelo espirito. Por esta razão nunca deixei escorregar dos bicos da penna nem uma palavra só, directamente contra a pessoa do auctor do *methodo portuguez*.

Desgraçadamente porém, a esta reserva cortei da parte de um *plebeo*, não foi sensível a *fidalguidade* do sr. Castilho! Entendeu, pelo contrario, que no campo das personalidades estava mais a seu gosto; ... e o certo é que, a despeito de todas suas aspirações de *fidalgo*, e do invencivel horror que tem, a tudo quanto cheire a *plebeismo*, s. s.<sup>a</sup> desceu á liça —para assim dizer—de casaca fóra; e por de traz de uma ironia, mais acre, talvez, que o mais desbragado insulto, poz-se a agredir com chufas e alevies um homem que lh'o não merecia.

Quizera 'nisto dar-me o sr. Castilho uma lição mais. Com quanto me pezasse, força foi accceitar a lição, e dar ao mestre documento de minha docilidade. Respondi ao sr. Cas-

tilho nos termos da sua pergunta. Sou o primeiro a reprovar o que fiz; devo porém acrescentar que o fiz contra meu gosto, mas de proposito, para pagar uma divida de delicadeza, para agradecer ao sr. Castilho os epithetos de *plebeu*, de *mentecapto*, e outras quejandas *amabilidades* com que se dignou honrar-me, e penhorar todo o meu reconhecimento. Creio que estamos quites.

O sr. Castilho (que em tudo é mestre) leva com tudo sua modestia ao ponto de appropriar a sua pessoa, em sentido translató, o que de si dissera Napoleão no proprio. Ha, com effeito, grande paridade entre Napoleão e o sr. Castilho! — *Ainda não está fundida a bala, que ha de levar-me* — é palavra de grande alcance, na bocca de um fatalista como era Napoleão; revela a confiança que tinha em si, no seu destino, do qual aguardava não o levar d'este mundo, sem estar consummada a obra para que a elle viera, e para que lhe fôra dada por Deos a corôa do genio. No sentido translató porém!... e applica la pelo sr. Castilho ao sr. Castilho!... tal palavra só revela um accesso de vaidade, que nos deixa em sustos pela vida d'este senhor... Deus o livre da sorte da rã, que tentou hombrar com o touro!

Engana-se porém o sr. Castilho. *A bala que ha-de levar-o, já está fundida*: E sabe s. s.<sup>a</sup> quem foi o *fundidor*?... foi s. s.<sup>a</sup> mesmo!... Para dar-lhe a resposta que aqui vae, minha unica tarefa tem sido oppor o Castilho *autor do methodo d'este nome*, ao Castilho *autor dos artigos publicados no «Diario»*; e como estas duas entidades, de tão antipathicas e contradictorias que eram, se hão destruido mutuamente, pede a piedade christã que d'ora avante deixemos em paz o sr. Castilho; porque já não existe... aos olhos da logica; suicidou-se! *Parce sepultis!* A associação dos professores de Lisboa fez-lhe o enterro!... Estas palavras, que aqui pomos, sirvam-lhe de epitaphio.

Funchal 20 de junho de 1836.

M. RIBEIRO DE MENDONÇA.

## OS LUSIADAS.

Tradução franceza.

### LES LUSIADES.

Continuado de pag. 43.

54.

Le lieu que vous voyez, offre un accès facile A ceux qui de l'Afrique emportent les trésors; De Sofale et Mombacé, ainsi que de cette île. Le maure industrieux fréquente seul les ports. Le désir de garder ce favorable asile Nous a depuis longtemps retenus sur ces bords, Et nous possédons seuls tout l'immense commerce Des rivages de l'Inde et du golfe de Perse.

55.

Et puisque vers les bords du Gange et de l'Indus, A travers les dangers, la gloire vous amène, Un guide vers ces lieux, qui vous sont inconnus, Fixera désormais votre marche incertaine. Vous serez par nos soins promptement secourus Et poursuivrez après votre course lointaine; Mais déjà nôtre chef prêt à vous recevoir Vous offre un sûr asile et demande à vous voir.

56.

Ainsi parla le maure, et la troupe guerrière Répond à ce discours qui lui paraît loyal; Les Arabes bientôt retournent vers la terre, Ils quittent les vaisseaux tous au même signal. En ce moment Phébus terminant sa carrière S'élançait vers la mer sur son char de cristal, Et sa sœur aussitôt chassant la nuit obscure Du départ d'Apollon consolait la nature.

57.

Ah! combien la douceur de cette heureuse nuit Ranime les enfants de la Lusitanie! Déjà de leurs travaux le souvenir s'enfuit, Ce n'est plus sans espoir qu'ils consacrent leur vie A ce but glorieux où l'honneur les conduit; Leurs penses parcourant et l'Europe et l'Asie, Ils s'étonnent de voir du Prophète odieux Le nom si détesté commander en ces lieux!

58.

Sur son sein argenté l'onde pure et calmée Réfléchit de Phébé les tremblantes lueurs, D'astres étincelants la voûte est parsemée Comme un jardin brillant est émaillé de fleurs. La troupe des autans dans sa grotte enfermée Contre les rochers seuls exerce ses fureurs, Tout dort; du portugal la seule vigilance Interrompt par moments cet auguste silence.

59.

Mais aussitôt qu'on voit l'épouse de Titon Délivrer dans les cieux sa blonde chevelure, Sur son char coloré précéder Apollon, Et rendre à l'univers sa splendeur vive et pure, Les vaisseaux arborant soudain leur pavillon De voiles, de drapeaux se font une parure, Et Gama sur son bord se dispose à fêter Le chef des africains qui doit le visiter.

60.

On voit déjà le Maure et sa flotte légère, Les esquifs sont chargés de fruits rafraichissants, Il ignore les noms des peuples de la terre Et les fils de Lusos lui semblent musulmans; Il les croit tous issus de la horde guerrière, Qui par tant de succès, de triomphes sanglants, Etablit à la fin dans les murs de Bysance Son empire barbare et sa fausse croyance

61.

Le héros portugal reçoit avec plaisir Le cortège du Maure et sa troupe sauvage, Il leur fait aussitôt, prévenant leur désir, Des dons qu'il leur destine un pompeux étalage. Par son ordre chacun s'empresse à leur offrir La liqueur qui des sens nous dérober l'usage, Et l'on se plaît à voir ces enfants du désert S'étonner et jouir du banquet qu'on leur sert.

62.

Jamais jusqu'à ce jour un spectacle aussi rare  
Ne frappa les regards des enfants de Lusus ;  
Ils observent les mœurs de ce peuple bizarre,  
Et son aspect sauvage et ses accents confus.  
Étonnée à son tour, cette troupe barbare,  
Contemple des vaisseaux, qui lui sont inconnus  
Et demande aux enfants de la Lusitanie  
Si leur escadre vient des bords de la Turquie.

63.

Ils demandent à voir le livre révéral,  
Qui de nos dogmes saints renferme les mystères ;  
Ils voudraient s'assurer si ce livre sacré  
Est semblable à celui qui contient leurs chimères.  
Et ce peuple, que rien encor n'a rassuré,  
Ignorant les desseins des troupes étrangères,  
Veut contempler aussi les armes dont leurs bras  
Se servent pour porter la mort dans les combats.

64.

L'empire du croissant, les rivages d'Asie,  
Leur répondit Gama, sont étrangers pour nous ;  
Vous saurez notre nom, nos lois, notre patrie,  
Et quel noble dessein nous conduit jusqu'à vous.  
Brulant de mériter au péril de la vie  
Cet honneur immortel dont leurs cœurs sont jaloux,  
Les enfants de l'Europe illustre et belliqueuse  
Cherchent l'Inde, à travers une mer orageuse.

65.

Le Dieu que nous servons, règle seul à la fois  
Et le monde terrestre et le monde invisible,  
Il créa l'univers, et conduit par ses lois  
Depuis l'être animé jusqu'à l'être insensible.  
C'est ce Dieu tout puissant qui souffrit sur la croix,  
Les tourments d'un trépas flétrissant et terrible,  
Et daigna s'abaisser à descendre du ciel  
À fin d'élever l'homme au séjour éternel.

66.

Le livre dans lequel sa loi sainte est prescrite  
Ne peut être par nous offert à vos regards,  
Sa parole divine en nos cœurs est écrite,  
Et son Nom seul nous guide au milieu des hasards.  
Voyez, pour contenter l'ardeur qui vous agite,  
Nos armes, nos soldats, leurs nobles étendards,  
Voyez les en amis, car l'aspect de ces armes  
Inspire aux ennemis les plus vives alarmes.

67.

Il dit, et dans l'instant tous ces braves marins  
Montrent aux Africains leurs superbes armures ;  
Les glaives redoutés dont les coups sont certains,  
Les boucliers ornés de brillantes peintures,  
Et ces tubes de fer, terreur des Sarrazins,  
Et le plomb meurtrier dont on craint les blessures,  
Les harnais reluisants, les lances, les poignards,  
Les cuirasses, les traits, les javetots, les dards.

68.

Les vases sulfureux qui portent l'épouvante  
Et font voler au loin l'incendie et la mort,  
Et le canon d'airain, et la bombe éclatante  
Qui part, et retombant se brise avec effort ;  
Gama ne consent point qu'une salve bruyante,  
Dans ces lieux inconnus, célèbre son abord,  
Trop noble, pour vouloir en suivant cet usage  
Inspirer des terreurs à ce peuple sauvage.

69.

Cependant l'africain a juré dans son cœur,  
Aux enfants de Lusus, une haine éternelle ;  
Désormais revenu de sa première erreur,  
Son esprit est glacé d'une terreur mortelle ;  
Cherchant à déguiser, sous un aspect trompeur,  
Le perfide projet de son âme cruelle,  
Tandis qu'il leur sourit, il médite en secret  
La perte des héros qu'il accueille à regret.

Continúa.

## TRACTAMENTO DAS VINHAS COM ENXOFRE.

Do *Journal d'Agriculture pratique* extraimos as observações seguintes, de um agricultor de Montpellier, sobre o tractamento das vinhas atacadas pelo *oidium*, que nos pareceram dignas de attenção. Este trabalho é o resultado das repetidas e numerosas experiencias feitas por M. Marés, nos annos de 1854 e 1855 em diversas vinhas do meio dia da França, e sobre videiras de diversas especies. O A. ensaiou vinte e dois diferentes processos e receitas, dando a final preferencia á enxofragem com a flor d'enxofre applicada nas epochas proprias.

### I.

#### Meios practicos proprios para destruir a molestia das vinhas.

« Os diferentes meios empregados para preservar as vinhas da molestia, que as têm atacado, podem dividir-se em quatro classes. *Meios chimicos — mecanicos — de cultura — e mixtos.*

Os *meios chimicos* comprehendem : 1.º A lavagem com o pincel ou de toda a cepa, tirada a casca velha, ou somente dos *pollegares*, logo depois da poda, de 15 de fevereiro a 15 d'abril, com uma dissolução de sulfato de cobre de 4 por cento em peso.

2.º A lavagem com o pincel, e na mesma epocha, ou de toda a cepa, ou somente dos *pollegares*, com um liquido deterativo, composto por Cauvy, e cujo agente activo é o acido arsenioso, ou um sal d'arsenico, ou sulfureto de soda.

3.º O alcatrão applicado sobre a cepa até aos *pollegares*, tirando-lhe primeiro a casca antiga. Este processo costuma empregar-se em março depois da poda, e antes que rebentem os gommos.

4.º A lavagem das uvas com agua alcalina e saponacea, nos mezes de julho e agosto.

5.º O acido sulfuroso applicado, cobrindo a cepa com um vaso, no interior do qual se faz queimar uma quantidade d'enxofre sufficiente para saturar a capacidade d'elle, e impregnar fortemente toda a cepa por espaço de meia hora com o vapor d'enxofre, ou d'acido sulfuroso. Esta operação foi feita a 21 de março, quando a vinha entrava em seiva,

e os gomos começavam a intumescer: a acção do enxofre fôra tão energica, que os pollegares, humidos pela seiva, chegaram a mudar de côr.

6.º O enxofre em pó espalhado sobre as videiras desde que os gomos rebentam até a maturação da uva (do 1.º d'abril até 13 d'agosto).

7.º A mistura do enxofre em pó com substancias, tãohem em pó, indifferentes, ou que neutralisem a acidez da flor d'enxofre, por exemplo, o carbonato de cal. — As combinações d'enxofre e de cal (sulfureto de calcium) lançadas sobre as videiras como o enxofre em pó; ou em lavatorio, segundo o processo de Grison, desde que os gomos rebentam até ao completo desenvolvimento da uva.

8.º Os poz, cinzas, etc.

#### *Meios mechanicos:*

9.º O emprego do fogo, chamuscando as cepas depois da poda com cortiças breadas.

10.º A agua a ferver lançada depois da poda sobre os troncos e pollegares.

11.º Escovar os cachos d'uvas, segundo o processo Catany, em julho e agosto.

#### *Meios de cultura:*

12.º Cercar com terra os troncos até aos pollegares, depois da poda (do meio de janeiro até ao meado de março).

13.º Abacellar as cepas desde abril até ao fim de julho.

14.º A poda temporã, ou retardada, repetida muitas vezes até maio.

15.º A poda serodia combinada com a incisão do tronco, bem limpo da casca velha, segundo o processo italiano.

16.º A racha dos gomos, segundo as indicações de Fabre, e d'Agde.

17.º A mergulhia das cepas.

18.º A mergulhia das varas.

19.º A enchertia.

20.º Os diversos estrumes.

#### *Meios mistos:*

21.º Cercar com terra a cêpa toda, e lavar junctamente com vetriolo os pollegares.

22.º Aplicar sobre os pollegares, no inverno; ou sobre as uvas, no estio, uma colla de batatas com enxofre, processo indicado por Escale.

H. Marés ensaiou sobre uma extensão de 8 hectares plantados de videiras de diversas qualidades, e em todas as exposições o processo n.º 12: sobre 10 hectares nas mesmas condições a lavagem dos pollegares com sulfato de cobre: sobre 28 hectares os processos n.º 1 e 13 simultaneamente; e sobre 20 hectares empregou a flor d'enxofre. Cada um dos outros processos foi ensaiado sobre 70 cêpas. Em todas estas experiencias aquelle agronomo deixara sempre um certo numero de videiras sem tratamento algum, para servirem de termo de comparação.

A applicação dos meios indicados nos n.ºs

1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 19 e 20 antes de começar a vegetação das videiras, podadas em tempo competente, ainda que pouco custosa, e de facil execução, a excepção do acido sulfuroso, da lavagem das cêpas com agua fervendo, do alcatrão e de chamuscar os troncos, cujos processos são longos e dispendiosos, não deu o resultado, que se esperava. As vinhas submettidas a esses diversos tractamentos foram do mesmo modo, ainda que em epochas diversas, desde 9 de maio até 20 de julho (1851 e 1852) atacadas pela molestia, e algumas tão rapidamente, que a colheita se perdeu totalmente.

Os meios fundados na modificação do movimento da seiva, como por exemplo a poda tardia, a incisão italiana, a ferida no gomo, foram completamente infructuosos. O escovar ou lavar os cachos, foi não só ainda mais inutil, mas até prejudicial, porque occasionou a perda de muitas uvas; além de que tal processo é impracticavel nas grandes vinhas.

A mergulhia systematica das cêpas é dispendiosa, e, em grande escala, egualmente impracticavel; e, como remedio contra a molestia das vinhas, é completamente inutil.

A mergulhia das cêpas, estendendo tambem os cachos d'uvas sobre a terra tem produzido bons resultados nas vinhas pouco atacadas; porém, quando a molestia é antiga e se tem apossado das videiras, nem sempre o fructo fica isento do mal. Além de que, sendo o outono humido, as uvas que estão juncto á terra apodrecem, e o vinho é de inferior qualidade.

A enchertia é cara, e não cura o mal das vinhas. O A. enchertou em 1854 trez hectares de vinha, e todos os garfos foram invadidos pelo *oidium* no mez de julho.

Os estrumes de per si não têm acção alguma, mas quando aquecem muito o terreno, a molestia augmenta muito em intensidade, que não é compensada pelo maior vigor, que as plantas adquirem, quando são estrumadas.

As lavagens com sulfato de cobre, ou outras sustancias, ainda que applicadas cuidadosamente sobre as cêpas, ou sobre os pollegares, não deram resultado algum vantajoso, sendo tão bem inutil tirar a casca velha dos troncos.

Os meios mistos indicados no n.º 21 retardam o nascimento dos gomos, mas não livram da molestia as plantas; que foram atacadas ao mesmo tempo e com equal intensidade, que aquellas que, para termo de comparação, não tiveram tractamento algum. Além de que, enterrando os troncos, aborta um grande numero de gomos fructiferos, e os que ficam mais fundos se convertem em raizes na sua base.

O processo n.º 13, retardou algum tempo a invasão da molestia; mas quando as videiras foram atacadas a sua destruição foi mui rapida.

As cêpas tractadas pelo acido sulfuroso, segundo o processo indicado no n.º 5, resis-

tiram mais tempo; a molestia só se manifestou pelo fim de julho, e uma parte das uvas não foi destruída.

A agua a ferver, e a colla de batatas com enxofre foram inteiramente inúteis; e o mesmo aconteceu chamuscando as cépas. Pelo contrario o enxofre em pó deu sempre bons resultados. Applicado ás vinhas antes que as partes verdes, as varas, folhas e fructos atacados pelo *oidium* tivessem soffrido alteração, produziu optimos effectos; quando, porem, o mal está mui adiantado o remedio pouco vale.

O enxofre em pó misturado com outras substancias não obra com a mesma vantagem, e os seus effectos são tanto menores, quanto nessas misturas mais diminuta fór a porção do enxofre. O sulfureto de calcio preparado pelo processo de M. Grisou, e applicado por aspersão tem sido ensaiado com alguma vantagem, sem que possa todavia comparar-se a flor de enxofre em pó, a que esses mesmos saudaveis effectos são devidos.

Os carbonatos de cal em pó, as cinzas etc. applicadas sem a mistura do enxofre não têm accção alguma contra o *oidium*.

Para destruir o *oidium* não se deve empregar o enxofre durante o somno da vegetação, porque ainda que então se destruam os germens da molestia, nem por isso esta se extingue: é o que se observa empregando o acido sulfuroso, ou a agua a ferver.

Logo que a vegetação entra em movimento uma multidão de germens reproductores, trasi-dos pelas correntes d'ar cae sobre todos os órgãos verdes, apossa-se d'elles, e a molestia se declara de novo com toda a fôrça; o *oidium* cresce, fructifica, implanta-se sobre todas as partes da videira, destroe os fructos e estiola as plantas.

Quando a molestia das vinhas não tem ainda apparecido 'numa região, o ar não está saturado de sementes de *o. diu*, e algumas que são transportadas de longe não chegam senão mui tarde e em pequenas porções, e por isso só atacam individuos isolados: quando, porém, a região esta infectada, e o ar periodicamente saturado de germens reproductores do *oidium*, e sómente sobre as partes verdes da videira, que se devem destruir esses germens, porque são ellas as primeiro atacadas; e é 'neste ponto que a flor do enxofre obra admiravelmente, porque possui duas propriedades essencialmente necessarias para o curativo da molestia — destroe o *o. diu*, logo que se põe em contacto com elle — e o pó da flor d'enxofre, sendo mui fino, envolve por uma simples projecção todas partes da vinha que estão em vegetação, e ataca portanto todos os germens da molestia.

A flor d'enxofre é barata, e pôde applicar-se sem risco da saúde dos operarios.

Repetidas experiencias feitas nos annos de 1854 e 1855 nas vinhas collocadas em ter-

renos, e exposições diversas, sobre individuos de diferentes qualidades e edades, têm constantemente provado a excellencia da flor do enxofre como remedio efficaz para destruir completamente os germens do *oidium*.

A colheita nas vinhas, a que se applicou a flor do enxofre, tem sido abundante, e as uvas tem tocado a madureza sem alteração alguma, ao mesmo tempo, que nas mesmas localidades continuam a ser atacadas pela molestia com grande intensidade as vinhas, a que se não tem applicado aquelle remedio<sup>1</sup>.

Continúa.

J. M. DE ABREU.

## NOTICIARIO.

**Observações meteorologicas na Universidade de Coimbra.** O gabinete de physica da Universidade, obteve ultimamente uma boa collecção de instrumentos para os trabalhos das observações meteorologicas, e entre estes um excellente anemometro com os mais recentes aperfeiçoamentos, e o primeiro que 'neste genero apparece entre nós.

Era portanto indispensavel estabelecer-se um observatorio meteorologico para se fazerem aquellas observações, segundo todas as indicações da sciencia. Para este fim assentou o conselho de Faculdade de philosophia, que, não havendo meios para construir por ora um observatorio especial, conviria aproveitar o observatorio astronomico, que tem a necessaria capacidade e todas as condições para este serviço, sem prejuizo dos trabalhos astronomicos; e auctorizou por isso o sr. Dr. Goulão, director do gabinete de physica, para a este respeito se entender com o sr. director do observatorio afim de, ouvidas as respectivas faculdades, se proceder aos arranjos e regulamentos necessarios para se dar o maior desinvolvimento ás dictas observações.

Julgamos este objecto mui importante, e de grande responsabilidade para a Faculdade de philosophia, que não podia ficar atraz dos outros estabelecimentos de sciencias naturaes: nem ser menos sollicita em promover aquelles estudos, que são hoje objecto dos assiduos trabalhos dos mais distinctos naturalistas, e que em todas as universidades se cultivam com a maior diligencia, e aos quaes a meteorologia deve os rapidos e assignalados progressos, que ultimamente tem feito 'noutros paizes, e mesmo entre nós.

<sup>1</sup> Entre nós a applicação da flor d'enxofre nas vinhas dos srs. B. Pereira Leitão (Quinta do Mourão, conde de Samodães, e visconde da Varzea, no Douro, tem sido coroada de um feliz successo.

Esperamos, que eguaes experiencias se verifiquem no Estabelecimento agricola da Universidade, porque é este um estado que deve merecer a especial attenção dos nossos agronomos, e em que o exemplo deve partir da nossa primeira e mais auctorizada escola.

**OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS, FEITAS NO GABINETE DE PHYSICA  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.**

Anno de 1856	Pressão atmospherica ao meio dia			Estado hygrometrico da atmosfera ao meio dia		Rumo dos ventos ao meio dia	Estado do céu e do tempo ao meio dia.	
Moz de Janeiro	Temperatura at- mospherica ao meio dia	Altura baro- metrica a 0° da escala cen- tigrada.	Tensão do vapor aquoso contido no ar	Pressão do ar secco	Grau d'humid- dade repre- sentando por 1 o estado de saturação.			Quantid. de vapor contido em um metro cubico d'ar
		Millimetros	Millimetro	Millimetros				Grammas
Dias	Graus centig.							
1	10	749,849	7,765	742,084	0,847	7,957	S.	Encuberto. T. chuvoso.
2	11	747,455	6,992	740,463	0,714	7,140	S.	O mesmo. O mesmo.
3	10	744,280	7,066	737,214	0,771	7,240	S.	O mesmo. O mesmo.
4	11	737,820	8,351	729,469	0,853	8,527	S.	O mesmo. O mesmo.
5	10	733,224	8,288	724,936	0,904	8,493	S.	O mesmo. O mesmo.
6	10	726,304	8,087	720,217	0,882	8,287	S.	O mesmo. O mesmo.
7	11	725,904	9,364	716,543	0,956	9,562	S.	O mesmo. O mesmo.
8	11	723,206	9,364	723,845	0,936	9,562	S.	O mesmo. O mesmo.
9	11,5	731,322	9,789	721,533	0,967	9,988	S.	O mesmo. O mesmo.
10	12	738,461	10,228	728,233	0,973	10,416	S.	O mesmo. O mesmo.
11	11	744,971	8,754	736,217	0,894	8,939	S.	O mesmo. O mesmo.
12	10,5	745,741	8,468	737,273	0,893	8,662	S.	O mesmo. O mesmo.
13	9	747,698	7,459	740,239	0,870	7,670	S.	Nublado. Bom tempo.
14	8,5	749,027	7,269	741,758	0,876	7,489	S.	O mesmo. O mesmo.
15	9	756,068	8,012	748,056	0,934	8,239	S.	O mesmo. O mesmo.
16	10	750,873	8,564	742,309	0,934	8,776	S.	O mesmo. O mesmo.
17	11	753,033	9,364	743,669	0,956	9,562	S.	Encuberto. T. chuvoso.
18	11	740,356	9,577	730,779	0,978	9,779	S.	O mesmo. O mesmo.
19	11	739,849	9,577	730,272	0,978	9,779	S.	O mesmo. O mesmo.
20	12	743,024	10,228	732,797	0,978	10,416	S.	O mesmo. O mesmo.
21	13	743,664	10,919	732,745	0,978	11,071	S.	O mesmo. O mesmo.
22	13	754,309	10,919	743,390	0,978	11,071	S.	O mesmo. O mesmo.
23	13	754,055	11,039	743,016	0,989	11,212	S.	O mesmo. O mesmo.
24	13	750,254	11,039	739,215	0,989	11,212	S.	O mesmo. O mesmo.
25	13,5	753,741	10,403	743,338	0,989	10,530	S.	O mesmo. O mesmo.
26	13	752,788	10,425	742,363	0,934	10,570	S.	O mesmo. O mesmo.
27	13	752,788	10,919	741,869	0,978	11,071	S.	O mesmo. O mesmo.
28	13	753,549	10,972	742,577	0,983	10,124	O.	O mesmo. O mesmo.
29	14	755,961	11,776	744,185	0,978	11,899	S.	O mesmo. O mesmo.
30	13	748,986	10,425	738,561	0,934	10,570	S.	Nublado. Bom tempo.
31	13	746,462	9,924	736,538	0,890	10,062	E.	Cl. e limp. O mesmo
medias do mez		11°,45	745,388			0,927		
Extremas do mez	Temperatura		Pressão atmospherica		Grau d'humidade do ar		Vento dominant	
	Mag. absol. 14°		Max. absol. 756,068		Maximo . . . , 0,989		S.	
	Min. absol. 8°,5		Min. absolut. 725,904		Minimo . . . , 0,714			
	Max. variaç. 5°,5		Max. excurs. 30,164		Maxima variaç. 0,275			

Coimbra, 1.º de Fevereiro de 1856.

Mathias do Carvalho de Vasconcellos, Lente Substituto de Physica.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa, de 24 de dezembro de 1855.**

Continuado de pag. 113.

### CAPITULO VII.

*De como deve reduzir-se o termo da idade, marcado para o magisterio das disciplinas da instrução secundaria, e ser posto em harmonia com o que marcam os regulamentos para o magisterio da instrução primaria.*

Senhor, o decreto de 30 de dezembro de 1850 dispõe no art. 4.º do cap. 3.º, que a idade de 21 annos completos seja a indispensavel para o magisterio da instrução primaria; mas no art. 4.º do cap. 2.º do decreto de 10 de janeiro de 1851 determina-se, que a idade para o magisterio das disciplinas, que formam a instrução secundaria, seja o de 25 annos. Permitta-me V. M., que eu diga submissa, e respeitosa, com a minha habitual franqueza, que não ha boa razão, em que possa fundamentar-se esta distincção; e que acrescente, que, a ter de conservar-se aquella distincção, deverá ser antes na razão inversa; e que, de mais a mais veio d'esta diversa disposição grave prejuizo para o serviço publico.

A experiencia de todos os dias está evidenciando, que se não fundou em nenhuma relação real de necessidade, ou conveniencia, moral, ou litteraria, a distincção estabelecida; poisque, contando apenas 21, 22, ou 23 annos de idade, se apresentam cabalmente habilitados, e com boas informações moraes alguns candidatos ao magisterio da instrução secundaria. A que fim esperar em pura perda sua (d'elles candidatos), e do ensino publico, que decorram mais dous, ou trez annos antes de serem admittidos a exame em concurso? As leis não duvidam confiar já 'naquella idade aos moços, que possuem as competentes habilitações; não só a administração do seu proprio patrimonio, mas tambem a da justiça, e da fazenda, e do viver, e haver dos seus

conciudadãos; e até a egreja não duvida dispensar o prazo, e elevar ao sacerdocio, os que se dedicam ao serviço dos altares, antes de terem completado 24 annos de idade. E bem; porquanto na differença de dous ou trez annos, de certo não pôde achar-se razão sufficiente da prudencia, e da moralidade, que, completas as habilitações, que se requerem para o magisterio, não existe depois dos 21 annos.

Menos ainda é sustentavel a distincção, que desejo ver abolida, se por ventura se reflectir, que são mais para ter em conta, e fiscalisar mais cuidadosamente, com respeito á educação publica, os professores de instrução primaria, do que os professores de instrução secundaria. É obvia a razão: a puericia é entregue aos cuidados dos professores de instrução primaria, ingenua, e sem forma: aquelles professores incumbem preparal-a, dispol-a, afeiçoal-a. Assim pois, se pôde haver perigo em confiar a educação da primeira mocidade a annos ainda não sobejamente amadurecidos, é manifesto, que de preferencia deveria exigir-se a idade de 25 annos completos dos professores de instrução primaria.

Finalmente, senhor, o prejuizo, que resulta para o serviço publico da prescrição do decreto em vigor, está demonstrado de facto. No anno que vai correndo, têm deixado de ser providas algumas cadeiras de grammatica portugueza, e latina, e de latinidade, não por não haverem a ellas concorrentes, mas porque a alguns oppositores, que se apresentaram, faltavam-lhes mais de dous annos de idade, tendo completado, uns, 21 annos, outros 22, ou 23.

Este facto não carece de commentario.

Tenho portanto a honra de propôr a V. M., pedindo a sua prompta approvação, a seguinte proposta.

#### *Projecto de lei.*

Art. 1.º A idade, para o magisterio das disciplinas de instrução secundaria, será a que está marcada para o magisterio da instrução primaria no art. 4.º do cap. 2.º do decreto de 30 de dezembro de 1850, isto é, 21 annos completos.

Art. 2.º Fica d'esta sorte revogado o art. 4.º cap. 2.º do decreto de 10 de janeiro de 1851.

### CAPITULO VIII.

*De como o curso da lingua grega deve ser biennal, e dividido em duas epochas, em cada uma das quaes haja de ter lugar um exame.*

O exame da lingua grega, d'essa lingua tão rica, e tão formosa, não pôde deixar de merecer muito seria attenção. Do seu conhecimento, quando não superficial, depende o perfeito conhecimento da lingua latina, d'essa lingua mãe, por assim dizer, a qual as linguas modernas todas, e com muita especialidade a lingua portugueza, tanto são devedoras. Gregos foram os maiores poetas, e os melhores prosadores, ainda até hoje conhecidos, e as suas obras, lidas em versões, que sejam embora trabalhadas versões latinas, não são senão somente pallido reflexo de tão admiraveis originaes, não podem transmitir de nenhuma sorte aquellas bellezas, tão suas, tão incomparaveis, aos que são ignorantes da lingua grega.

Além de que, o progressivo aperfeiçoamento das artes, e das sciencias, torna cada dia mais necessaria larga noticia d'esta lingua, pois que, de outro modo, até a nomenclatura scientifica deixará de ser convenientemente comprehendida. Houve tempo, em que Portugal se avantajou sobre maneira no estudo da lingua grega, como honrosamente recorda a historia litteraria peculiar da nossa terra, e geral da Europa: hoje os estudos hellenicos, em tão grande fulgôr em França, na Alemanha, e em outros paizes, acham-se entre nós em lamentavel esmorecimento.

E preciso reanimar-os; e como, no meu entender, e no entender dos que o reflectem competentemente, o mal deriva não só do methodo do ensino, mas tambem da nimia indulgencia nos repectivos exames, julgo de absoluta necessidade a adopção da seguinte proposta, que tenho a honra de offerecer, da qual as provisões per si mesmas indicam a razão, que as estabelece.

#### *Proposta.*

Art. 1.º A lingua grega será ensinada, como a latina, em curso biennal.

§. 1.º Será materia do 1.º anno: elementos geraes da lingua grega comparada com a latina, e com a portugueza; traducção, até onde couber no tempo, da taboa de Cebes, dialogo de Luciano, e cyropedia de Xenofonte; conjugação escripta de verbos regulares e irregulares, e traducção, tambem por escripto, para latim ou portuguez de logares dos auctores, que ficam designados, á escolha do professor.

§. 2.º Será materia do 2.º anno: traducção, até onde couber no tempo, de Thucydes, e de Herodoto; de Homero, de Theocrito, de Pindaro, e de Aristophanes; caracteres distinctivos, e vantagens relativas dos differentes dialectos; e composição, no dialecto attico, de um logar, tomado de alguma collecção de themas, dos de que se servem nas escholhas de França, ou de Alemanha.

§. 3.º Os exames de cada um dos annos versarão sobre a materia do estudo do anno respectivo.

Art. 2. O conselho superior de instrucção publica declarará para quaes estudos superiores basta o exame do 1.º anno, e para quaes se requer exame do curso biennal.

Art. 3. Para a candidatura ás cadeiras da lingua grega dos lyceus nacionaes, é habilitação indispensavel ter frequentado, e obtido approvação em ambos os exames prescriptos nos §§. 1.º e 2.º do art. 1.

Art. 4. É permitido aos alumnos da aula da lingua grega a repetição de cada um dos annos, de que o curso é composto, quer não tenham feito exame, quer o tenham feito sem obter approvação.

Art. 5. Fica revogada a legislação em contrario.

### CAPITULO IX.

*De como convém, que o curso da lingua hebraica seja dividido em duas epochas, devendo completar-se cada uma d'ellas com o exame publico das respectivas materias.*

Se a lei dividiu em duas epochas o estudo da lingua latina, e sujeitou cada uma d'ellas a uma prova especial, ou exame publico, é porque a experiencia convenceu desde larguissimo tempo, que não era possivel de nenhuma sorte vencer as difficuldades, que se oppõem a alcançar cabal conhecimento d'ella em menos tempo.

Com equal fundamento tive a honra de propor a V. M. no capitulo antecedente, que, como a latina, a lingua grega seja ensinada em curso biennal. E será mais facil do que a latina, e do que a grega, a lingua hebraica? Não por certo: sabem-no os que a estudaram com aproveitamento, e é facil de comprehender dos proprios, que a ignoram.

Esta consideração, a que me limito, por a julgar sobeja, me obriga a elevar á approvação de V. M. uma proposta, adoptada a qual, poderão os alumnos da lingua hebraica tomar d'esta cabal conhecimento, cessando de ser antes um titulo de mero atavio, do que uma habilitação competente, e de maxima importancia, ou antes essencial necessidade, para os estudos, que respeitam á religião, o exame, que se requer, da lingua hebraica. Em consequencia tenho a honra de offerecer



a V. M., e pedir a sua real approvação para a seguinte proposta.

### *Projecto de lei.*

Art. 1. O estudo da lingua hebraica será dividido em dous annos.

Art. 2. No fim de cada anno terá lugar o exame público das materias, que fizerem objecto do ensino do anno lectivo.

§. unico. O curso de cada anno poderá ser repetido sem exame, o qual 'nesse caso será feito so no fim da repetição; porém, não poderá o alumno ser admittido á matricula do 2.º anno, sem que tenha obtido approvação, em exame publico, da materia do 1.º anno.

Art. 3. A materia para o exame do 1.º anno será, na parte oral: 1.º toda a grammatica, excepto a theoria dos verbos defectivos irregulares, e a mudança das moções: 2.º traducção de um logar, tirado á sorte, dos primeiros 3 capitulos do Genesis: 3.º Na prova escripta, á traducção de dous ou trez versos do 1.º Psalmo, tirados á sorte.

Art. 4. A materia para o exame do 2.º anno será, na parte oral: 1.º toda a grammatica, incluindo o que ficou exceptuado no exame do 1.º anno: 2.º traducção, á sorte, do Genesis, Esther, Rutti, e alguns Psalmos: 3.º Na parte escripta, um periodo de cinco, ou seis linhas, tirado á sorte, do Genesis, ou do livro de Rutti.

Art. 5. O alumno, que se destinar ao magisterio, deverá frequentar 3.º anno. A materia para este anno será, na parte oral, traducção, á sorte, em trez logares de diferentes livros da Biblia, antigo Testamento; e na parte escripta, trez, ou quatro versos, á sorte, do livro de Job.

Art. 6. Nenhum individuo será admittido á candidatura d'esta cadeira, sem junctar documento, que prove a frequencia d'este 3.º anno, e que obteve approvação nos trez exames respectivos.

Art. 7. Fica revogada a legislação em contrario.

### CAPITULO X.

*De como o estudo da lingua arabe deve ser dividido em trez cursos separados, sendo cada um d'elles concluido pelo respectivo exame.*

Razões analogas ás que fundamentam as propostas, que tenho a honra de offerecer, nos dous capitulos antecedentes, á approvação V. M., a fim de que o estudo das linguas grega e hebraica seja feito em cursos bienaes, terminando cada um dos annos pelo exame público das materias d'aquelle anno, me obrigam a propôr agora a V. M., que o estudo da lingua arabe seja dividido em trez

cursos separados, sendo cada um d'elles concluido pelo respectivo exame público. Acrescentarei todavia, que são ainda mais ponderosos, se é possível, do que aquellos, os motivos d'esta proposta; porque são muito maiores as difficuldades da lingua arabe; sendo que não só carece de muito mais tempo, mas tambem de methodo mais escriptuloso, e de que se lance mão de todos os meios convenientes, que facilitem, e aperfeicem o seu estudo. Não julgo necessario entrar em larga demonstração de uma verdade, que devo reputar de evidencia, e por isso limitar-me-hei a elevar novamente á presença de V. M., para que haja de obter a approvação de V. M. a proposta do respectivo professor da lingua arabe 'neste lyceu, a qual já tive a honra de fazer presente a V. M. pelo conselho superior. Digne-se pois V. M. tomar em consideração, e mandar, que seja adoptada a seguinte:

### PROPOSTA.

### *Projecto de lei.*

Art. 1. O estudo da lingua arabe é dividido em trez cursos separados; e cada um d'elles será concluido pelo respectivo exame público.

Art. 2. A duração de cada curso não poderá exceder a trez annos; sendo-lhe applicavel, em quanto ás faltas, o que se acha disposto na lei para as mais linguas e disciplinas.

Art. 3. Nenhum alumno poderá matricular-se em qualquer dos mencionados cursos, sem que se habilite, para o primeiro, com approvação na lingua latina, para o segundo, e terceiro, com approvação no precedente.

Art. 4. O processo, e forma de qualquer dos supradictos exames será em tudo conforme no das mais disciplinas, e linguas; observando-se comtudo as seguintes especialidades.

§. 1.º A materia propria, para o exame do primeiro curso, é, na parte oral: 1.º Toda a grammatica vaga, excepto as regras das letras enfermas, e uso das particulas, e sua influencia; 2.º leitura, traducção, e analyse em algum logar dos seguintes classicos impressos: Lokman — Apologos, Ediz — Geographia, Abuljafar — Historia Sarracénica, ou os que forem approvados pelo conselho. Na parte por escripto — um logar dos classicos manuscritos, mais facéis, como — Pharmacopéa de Banin, ou o Tractado de pesos e medidas legaes de Makrizi. O examinando: 1.º copiará o dicto logar em caracteres typographicos: 2.º addicionará a todas as palavras as vogaes, com que devem ser lidas: 3.º fará a traducção em portuguez.

Deve dar-se-lhe o Dicionario, e o espaço de duas horas.

§. 2.º A materia propria para o exame do segundo curso, é na parte oral, a leitura, traducção, e analyse (entrando 'nesta a parte da grammatica omissa no primeiro curso) em dous classicos manuscriptos, diversos nos assumptos, e nos caracteres. Na parte por escripto — uma carta, ou dous artigos de algum tractado de paz, ou commercio (manuscripto, que o examinando copiará em caracteres typographicos, e lhe fará a traducção em portuguez. Ser-lhe-ha dado o Diccionario, e o espaço de quatro horas.

§. 3.º A materia propria, para o exame do terceiro curso, é, na parte oral; além da leitura, e traducção dos manuscriptos historicos, scientificos, e cartas, ou officios, o examinando deve satisfazer a todas as perguntas, que se lhe dirigem sobre a Paleographia, usos, e costumes arabicos; seus dialectos, e principaes noções archeologicas; — na parte por escripto, o examinando tirará, a sorte, uma carta, ou um pedaço sufficiente de um tractado tudo em portuguez, cuja traducção em arabe deverá apresentar ao jury, passadas quarenta e oito horas, contadas do acto da tiragem do ponto.

§. 4.º Se este exame fôr de concurso para o magisterio, seguir-se-ha então fielmente, *mutatis mutandis*, o programma, que se acha estabelecido para servir nos concursos para o magisterio da lingua latina.

## CAPITULO XI.

*De como é preciso definir de modo diverso, do que o está presentemente, o 1.º gráu da instrução primaria, e de outras consequentes providencias para diffundir, e facilitar o ensino da instrução primaria.*

Mestra da vida, a experiencia estabelece alguns axiomas, contra a exactidão dos quaes (embora algumas vezes não appareça desde logo) lucha em vão caprichoso discurso: é indispensavel, não raro, voltar atraz, para se poder caminhar com segurança, e não perder os passos. O desejo, sem dúvida louvavel, de alargar a esphera da instrução primaria, e diffundir-la abundantemente em toda a parte, foi causa de que se determinasse um só, e o mesmo programma para a candidatura de todas as cadeiras d'aquelle ensino, sem distincção da capital ás cidades das provincias, das grandes povoações ás aldeas, ou povoações ruraes, e das habilitações para estudos superiores á simples habilitação para os misteres communs da vida. Contudo desde logo a lei marcou differença de ordenados; e não podia deixar de ter ao mesmo tempo em conta, conquanto não expresse, a differença de maiores vantagens, que os professores da capital e das grandes povoações necessaria-

mente haviam de ter sobre os professores residentes em outras localidades, e mormente nas povoações ruraes. A consequencia foi a que não podia deixar de ser: mal remuneradas, e não favorecidas de nenhuma outras compensações, as escholas da instrução primaria das terras não notaveis, e das povoações ruraes, não têm com que estimular concorrentes, e por isso ou não são procuradas, ou o são por oppositores não habilitados para preencher as condições do programma, a que lhes cumpre satisfazer. D'aqui resulta um gravissimo inconveniente, qual é o de se acharem os examinadores na penosa alternativa ou de postergar a lei, desprezando o programma; ou de tolher a instrução gratuita em quasi todo o reino, se não approvarem senão os oppositores, que preencherem cabalmente as condições do programma: por ventura não ha mez, no qual, em razão do meu cargo, que me impõe a presidencia dos exames, em concurso, para o provimento d'estas escholas, eu não seja testemunha, e comparte, de conflictos semelhantes; e por mais de uma vez e mera execução do programma tem sido causa de ficarem sem concorrentes, e por tanto fechadas algumas escholas. E não perderão muito as classes mais numerosas, mais desvalidas, que, por não apparecer professor habilitado, que lhes dê tanta, quanta instrução o governo queria facultar-lhes, são privadas da que podiam obter, e que por ventura lhes bastava?

Por outra parte; a multiplicidade das materias, que estão designadas por lei para objecto do ensino, e do exame do 1.º gráu de instrução primaria, e a latitude, em que podem ser tomadas pelos examinadores assim dos candidatos ás cadeiras das differentes escholas, como dos alumnos das mesmas escholas, difficulta infinitamente os exames; a tal ponto, que se torna raro encontrar candidato, ou alumno, que satisfaça competentemente ao exame; e d'ahi provém de necessidade ficar dependente a apreciação do exame de inevitavel arbitrio; arbitrio, que, se pôde ser algum'hora favoravel, pôde ser muitas vezes contrario aos interesses dos examinandos: em ambos os casos vacilla a rectidão do examinador consciencioso.

É indispensavel portanto obviar a tão grandes inconvenientes. O meio não é difficultoso, e consiste em voltar atraz, e não requerer dos professores senão habilitação proporcionada ás precisões da instrução, que têm de transmittir aos seus discipulos. E quaes são essas precisões? Demonstra de modo invencivel a experiencia, que se cifram no sufficiente conhecimento — do lér, escrever e contar por numeros inteiros, e fraccionarios — dos pesos, medidas e moedas legaes — da doutrina christã — e da civilidade. Effectivamente de nada mais se carece no 1.º

grau da instrução primaria; porque, se o alumno houver de passar á instrução secundaria, lá aprenderá melhor, e mais facilmente, por isso que mais desenvolvida já a intelligencia, as restantes disciplinas, que fazem agora, inconvenientemente, parte da instrução primaria; e, se não tem de frequentar estudos ultteriores, basta-lhe a instrução aqui designada para 1.º grau.

Contudo, para manter a distincção, que deve ficar existindo entre os professores do 1.º grau de instrução primaria, assim modificada, e os professores do 2.º grau, segundo os creou a lei de 20 de setembro de 1844 aquelles que, assim como têm menores ordenados, e menos vantagens, têm também menos habilitações a adquirir, serão chamados *mestres de primeiras letras*, em quanto que os outros conservarão a denominação e categoria de *professores de instrução primaria*. Ao conselho superior incumbirá formar programmas, devidamente desinvolvidos para o exame dos *mestres de primeiras letras*, limitando-os contudo ás materias do respectivo ensino; e programmas para os exames dos alumnos, que pertenderem ser admittidos á matricula das disciplinas de instrução secundaria.

Senhor! julgo de grandissima urgencia a adopção da medida, que tenho a honra de propor a V. M.; porque attendendo a todas as verdadeiras necessidades da primeira instrução; e, moralizando os oppositores, pois lhe facilita as habilitações, e destarte os exime de pertenderem temerariamente, moralisa também os examinadores, porque mais seguramente poderão ser austeros no cumprimento do seu dever, sem que se converta seu rigor em damno da instrução das populações ruraes.

De mais d'isto, a medida proposta aplanará as difficuldades, sem nenhum inconveniente, dos primeiros exames da mocidade, o que se deve ter na maior conta, a fim de que, modesta, mas confiada, longe de arrecear-se, deseje encetar os arduos caminhos dos estudos secundarios e superiores.

Além de que, por este modo, será dado ao governo de V. M. realisar, com pouco dispendio do thesouro publico, um ardente desejo de todos quantos têm a peito a instrução do maior numero, de ver abertas escolas de primeiras letras em todas as parochias do reino; pois que não faltarão oppositores para as escolas já creadas, e dever-se-ha conceder aos parochos das aldeas e povoações ruraes, regerem escolas de primeiras letras, independentemente de previo exame, e mediante a gratificação de *cincoenta mil réis annuaes*, pagos pelo thesouro; ficando todavia sujeitos ás leis e regulamentos do ensino publico.

Em presença do exposto, tenho a honra de apresentar a V. M., para ser adoptada a seguinte proposta de lei.

Art. 1. O primeiro grau de instrução primaria fica reduzido ás artes de lèr, escrever e contar por numeros inteiros, e fraccionarios; — á noticia dos pesos, medidas, e moedas legais; — á doutrina christã; — e á civilidade.

Art. 2. As escholas do primeiro grau de instrução primaria serão denominadas escholas de primeiras letras.

Art. 3. Todas as actuaes escholas de instrução primaria serão desde já consideradas escholas de primeiras letras para os effeitos do disposto no art. 1.

Art. 4. O governo irá estabelecendo successivamente mestres de primeiras letras em todas as parochias do reino sem excepção.

Art. 5. Nas aldeas, e povoações ruraes, os parochos, que se offerecerem, serão mestres de primeiras letras, sem dependencia de previo exame, e vencerão pelo thesouro a gratificação annual de 50\$000 réis.

§. 1.º Nas parochias das villas, e das cidades, onde não houver ainda mestres de primeiras letras, os parochos o poderão ser, se fôr compativel com o desempenho das suas funções parochiaes.

§. 2.º Os parochos, que forem mestres de primeiras letras, 'nesta qualidade ficam sujeitos ás leis e regulamentos do ensino publico.

Art. 6. O conselho superior de instrução publica formará programmas desinvolvidos para o exame de candidatura dos mestres de primeiras letras, limitando-os ás materias de ensino, que ficam designadas no art. 1; e bem assim para o exame dos alumnos d'estas disciplinas, que pertenderem matricular-se nas da instrução secundaria.

Art. 7. Fica d'este modo alterada a disposição do art. 1.º do decreto de 20 de setembro de 1844, e revogada a legislação em contrario.

*Continúa.*

## OS CAMINHOS DE FERRO.

Continuado de pag. 105.

A questão de preferencia economica entre os caminhos de ferro e os canaes, não é de tão facil resolução, como entre aquelles e as estradas ordinarias: por um lado a vantagem dos canaes sobre as estradas, é incontestavel para a facilidade e actividade do commercio; por outro lado, porém, os canaes, não podendo construir se não em dadas circumstancias naturais, e sendo por isso pequeno o seu numero em muitos paizes, os interesses e os

habitos dos viajantes ligam-se com preferencia aos caminhos de ferro e as estradas ordinarias.

Nos paizes montanhosos, onde é preciso buscar grandes massas d'agua para alimentar os canaes; construir muitas comportas, grandes bacias, e extensos aqueductos, são estas despesas tão avultadas, e torna-se as vezes tão difficil obter as necessarias porções d'agua, que 'neste caso é muito mais vantajoso construir caminhos de ferro.

Quando, porem, o terreno é pouco montanhoso, e que um canal se pôde construir tão facilmente como um caminho de ferro, da-se uma especie de rivalidade entre as duas vias de communicação, não quanto á incontestavel superioridade dos caminhos de ferro para o transporte dos viajantes e das mercadorias de carriagem, mas somente em relação ás despesas do transporte sobre uma ou outra d'aquellas vias das mercadorias e generos commerciaes mais pesados, e de pouco valor, que são o principal objecto da condução nos canaes.

Se um caminho de ferro ou um canal é destinado principal, ou exclusivamente para transportar um só genero de objectos, o carvão mineral por exemplo; o caminho de ferro tem 'neste caso uma só via; pôde admittir curvas de pequeno raio, e no sentido do movimento, e ter algumas descidas de maior declive, sobre tudo podendo empregar-se os planos automotores. Com estas condições a despesa por kilometro da construção de um caminho de ferro não excede, e pode mesmo ser inferior á de um canal; e as despesas do transporte, admittindo que os combos voltem sem carga, são menores no caminho de ferro, de que no canal. Tal é o caso do caminho de ferro, e eanal de Sarre na Alsacia. O primeiro custou 200:000 francos por kilometro, e o segundo 190:000; os transportes 'neste custam o minimo 4 centimos; e 'naquelle não excedem trez. Além d'isto a companhia d'este caminho de ferro exegiu apenas o direito de portagem de 6 centimos por tonelada e por kilometro sem subvenção alguma; e a do canal não se contentou com esta condição, exigiu a cessão gratuita dos terrenos cortados pelo canal, e outras vantagens, que faziam subir muito o preço d'aquelle empresa comparativamente com a do caminho de ferro.

A construção, porém, de vias ferreas só para transportar mercadorias pesadas, e de pouco valor, raras vezes tem logar. Em geral quando o movimento d'estas mercadorias é tal, que exige a abertura de um canal ou d'um caminho de ferro, também é avultado o numero dos viajantes, e de mercadorias de carriagem. 'Neste caso o caminho de ferro deve ser construido com duas vias para o serviço de grande e pequena velocidade, porque se por isso as despesas da exploração augmenta, são estas compensadas pelo beneficio que

se tira da condução dos viajantes, e das mercadorias de pequeno volume, que pagam uma parte dos interesses do capital; e caminhos de ferro ha, em que supprim todas as despesas de conservação das obras, da sua administração, e até os lucros do capital; de maneira que as companhias podem fazer transportar as mercadorias de pouco valor, taes como productos brutos das minas, madeiras, grãos, e outros objectos por preços muito modicos, contentando-se para chamar a concorrência com uma pequena tarifa para as despesas de tracção.

'Neste caso estão em França os caminhos de ferro do Norte, de Orleães, de Ruão, e Strasburgo, e em Inglaterra, os de Londres para Birmingham, e para Bristol, e outros muitos; e por isso todas as grandes linhas de caminhos de ferro transportam hoje aquellas mercadorias por preços eguaes, senão inferiores aos da navegação, a 3 ou 3½ centimos por kilometro.

« Cumpre não perder de vista, dizia ultimamente o relator da commissão, nomeada pelo parlamento inglez para dar o seu parecer sobre as projectadas associações de muitas companhias de canaes e caminhos de ferro, cumpre não perder de vista, dizia elle em nome da commissão, que posto esteja assentado, que os canaes bem administrados podem sustentar a concorrência com os caminhos de ferro, quanto ao transporte de mercadorias mui volumosas; até hoje esta concorrência só se realisou para elles em condições mui desfavoraveis, por causa dos grandes lucros que os caminhos de ferro tiram dos viajantes, lucros taes, que permitem ás empresas dos caminhos de ferro fazer um sacrificio quanto á condução dos materiaes mais pesados para supplantar a navegação nos canaes. »

Se por consequencia a construção de um caminho de ferro é, debaixo do ponto de vista economico, preferivel á de um canal só para condução das mercadorias pesadas, e de grande volume, com muito maior razão o deve ser nas linhas em que accrescer a concorrência dos viajantes, e das mercadorias de maior valor.

A experiencia tem confirmado tanto estes resultados, que em Inglaterra cessaram as empresas, que se projectavam para a abertura de novos canaes desde que 'neste paiz começaram a estabelecer-se os caminhos de ferro, posto que os lucros de alguns dos antigos canaes são ainda superiores aos dos caminhos de ferro; porque este facto é devido á circunstancia de estar já mui reduzido pela amortisação o capital empregado 'nesses canaes, aliás feitos em epochas, em que a mão d'obra era muito mais barata do que hoje.

E, porém, certo, que a construção dos canaes inglezes não é a melhor, e que não podem comparar-se aos de França, da Belgica,

ou da Hollanda, onde podem neugar barcos de 28 a 30 metros de comprido, e carregando 150 e mais toneladas: canaes que tem caminhos largos para a sirga de uma e outra margem, pontes de 5 a 6 metros acima do nivel do terreno, canaes em fim perfeitamente alinhados, e cujas curvas são de 180 a 200 metros de raio pelo menos, em quanto que em Inglaterra são estreitos e sinuosos, com um só caminho para a sirga e cortados por pontes, por baixo das quaes apenas podem passar barcos de arqueação de 30 a 40 toneladas, e é portanto evidente que as pequenas carregações, que podem levar os barcos 'nestes canaes, e a maior resistencia que estes offercem á navegação pelas suas dimensões; tornam-na muito mais dispendiosa; posto que por outro lado estas desvantagens sejam, em parte, compensadas pela maior facilidade, com que em todas as estações do anno os canaes inglezes pela humidade e egualdade do clima são regularmente alimentados d'aguas. Estas mesmas vantagens, porém não podem compensar os graves inconvenientes, que offerece a navegação desses canaes a sua estreiteza, e pequenas compor-tas.

A escala em que se acham estebelecidos em França, os caminhos de ferro não é por ora tal, que, postos em concurrencia com os canaes, se possa deduzir dos seus resultados comparativos alguma consequencia geral. Sobre trez pontos unicamente se dá na actualidade esta concurrencia entre as duas vias rivaes com verdadeira importancia: de Rive-de-Gier a Givors, onde existe um caminho de ferro a par de um canal, explorados ambos por companhias; de Paris a Valenciennes, onde o caminho de ferro do Norte concorre com uma linha composta parte de canaes, e parte de rios navegaveis; e a de Strasburgo a Mulhouse; porque os caminhos de Paris a Strasburgo, e a Lião, foram abertos mui recentemente á circulação.

A administração do canal de Rive-de-Gier a Givors, reconheceu expressamente a impossibilidade de se sustentar em presença do caminho de ferro, que lhe absorvia todos os interesses, a pezar de faltarem a este caminho muitas condições d'arte, e de não poder servir-se das grandes machinas hoje empregadas.

Entre os canaes do Norte e os caminhos de ferro a lucta tem sido mui viva, e, com vantagem até hoje para os canaes, talvez porque 'nesta parte da França, como na Belgica, são excepçionaes as suas condições para effectuar os transportes por preços muito modicos.

De Strasburgo a Mulhouse ha um canal e um caminho de ferro, ambos administrados pelo thesouro, e para sustentar a navegação no canal tem sido necessario reduzir as taxas a ponto, que o seu rendimento nem chega para as despesas de reparos, administração e cobrança, em quanto o caminho de ferro, a pezar

do pequeno movimento de viajantes, tem successivamente augmentado os seus interesses, e tirado ao canal metade das mercadorias, que por elle erão condusidas.

A Belgica está, como a Inglaterra, cortada de numerosos canaes e grandes vias ferreas; estas, porém são mui imperfeitas, em quanto os canaes têm todas as condições d'arte, offerecem por isso muita facilidade ao transporte de todos os generos de mercadorias: e como o governo administra tanto uns como outros, não tem interesse em sacrificar uma d'estas vias de comunicação á outra, e por tanto não ha verdadeira concurrencia entre elles.

E além disto sabido, que 'neste paiz os canaes foram construidos em epochas, em que todo o serviço era muito mais barato, do que hoje é.

Os defensores dos canaes têm como argumento a seu favor a construcção do canal de Campina, ordenada ultimamente pelo governo belga; este canal, porém, não é só destinado para a navegação senão tambem para irrigação, e não pôde por consequencia dizer-se, que esta obra fôra comprehendida com o unico fim de servir de via de comunicação de preferencia aos caminhos de ferro. Ao mesmo tempo as companhias que haviam tomado as empresas dos canaes de Mons e de Lovaina ao Sambre, renunciaram aos seus projectos para substituil-os por caminhos do ferro.

Nos Estados-Unidos, os canaes são como em Inglaterra e na Belgica, eguaes em numero e extensão aos caminhos de ferro, mas por via de regra não são parallelos. Ha entretanto uma importante linha ferrea, que de Este a Oeste corre parallelamente ao grande canal Erié; a concurrencia entre estas duas vias de comunicação não pôde avaliar-se, porque por uma lei, segundo diz M. Stucklé, foi prohibido o transporte das mercadorias 'neste caminho de ferro durante o tempo da navegação, o que equivale a um exclusivo concedido em beneficio d'aquelle canal, provavelmente porque se receava aquella concurrencia.

Na Pensylvania o caminho de ferro de Reading obteve a preferencia sobre o canal de Schuy-Kill para condução do carvão mineral.

No estado de Nova-Jersey ha tambem um caminho de ferro de Camden-Amboy parallelo ao canal Raritan, que pelas suas dimensões permite a navegação de grandes barcos, e está por consequencia em circumstancias muito favoraveis ao transporte das diversas mercadorias; assim mesmo os accionistas d'esta companhia julgaram prudente associar-se aos do caminho de ferro.

E pois evidente que nem ás empresas particulares, nem aos governos convém empregar a abertura de novos canaes, sempre que fôr possivel sem graves difficuldades, estabelecer linhas ferreas.

A navegação fluvial não estando, como a dos canaes, onerada com os juros do capital empregado nestes, é em certos casos a mais economica, e pode por isso algumas vezes entrar em concorrência com os caminhos de ferro com melhor vantagem.

Entretanto na epocha actual, o systema creado pela marcha progressiva da industria consiste em fazer, e ainda mais em caminhar muito; e um tal systema mal se coaduna com o movimento lento e pacifico dos canaes e da maior parte dos nossos rios.

Como vias strategicas, a despeito da opinião do conde Daru, os caminhos de ferro podem ser de grande vantagem em caso de guerra.

Napoleão dizia, que a arte de fazer a guerra consistia principalmente, em saber reunir 'num momento dado o maximo numero de tropas possivel sobre um mesmo ponto; e seguramente são os caminhos de ferro os que melhor podem facilitar a solução d'este problema. Uma parte dos triumphos obtidos pelos austriacos na ultima guerra da Hongria forão devidos aos caminhos de ferro.

Ainda recentemente a guerra do Oriente provou, quão uteis podiam ser os caminhos de ferro para a defeza de um paiz. Se o caminho de ferro, que liga S. Petersburgo a Moscú continuasse pelo meio dia da Russia, o czar podia ter enviado quasi instantaneamente á Crimea um exercito de muitos centenaes de mil homens, que terião obstado á tomada de Sébastopol e á invasão do territorio pelas armas dos aliados, e com igual facilidade podia ter provido ao seu abastecimento.

Continúa.

J. M. DE ABREU.

## ASTRONOMIA.

No terceiro volume do Instituto, pag. 292, demos a relação dos pequenos planetas descobertos nos annos de 1853 e 1854. Desde então no anno de 1855 e na parte decorrida do de 1856, descobriram-se os seguintes:

- (34) *Circe* . . . — por Chacornac em 6 d'abril de 1855.
- (35) *Leucothea* . — por Luther em 19 d'abril de 1855.
- (36) *Atalante* . . — por Goldschmidt em 5 d'outubro de 1855.
- (37) *Fides* . . . — por Luther em 5 d'outubro de 1855.
- (38) *Leda* . . . — por Chacornac em 12 de janeiro de 1856.
- (39) *Laetitia* . . — por Chacornac em 8 de fevereiro de 1856.
- (40) *Harmonia* — por Goldschmidt em 31 de março de 1856.

(41) *Daphne* . . — por Goldschmidt em 22 de maio de 1856.

(42) *Isis* . . . — por Pogson em 23 de maio de 1856.

Para os curiosos d'este ramo da astronomia extrahimos do n.º 1178 do jornal *l'Institut* a noticia da distribuição, que os observadores fizeram entre si dos trabalhos relativos a elle.

« O anno de 1856 parece não ceder aos  
« precedentes em descobertas celestes; porque,  
« em menos de seis mezes, os observadores,  
« na falta de cometas, deram-se á pesquisa  
« dos pequenos planetas, e acharam cinco  
« novos, elevando assim o numero d'elles a  
« quarenta e dois, de quatro que era antes  
« de 8 de dezembro de 1845. Já eu adverti,  
« em uma communicação relativa ao planeta  
« *Harmonia*, publicada no n.º 1166 de *l'Insti-*  
« *tut*, que, em quanto a estes asteroides que  
« circulam entre Marte e Jupiter, devemos  
« esperar, que o seu numero cresça á me-  
« dida que se forem empregando telescopios  
« de maior força; particularmente, se se pro-  
« curarem entre as estrellas mais fracas, ainda  
« além da duodecima grandeza, por meio  
« das excellentes cartas eclipticas da acade-  
« mia das sciencias de Berlim, e das de Mrs.  
« Bishop, Chacornac e Cooper, das quaes as  
« ultimas comprehenderão até estrellas de  
« decima terceira grandeza. Esta esperança  
« deve fortalecer-se com a consideração de  
« ficarem os asteroides até hoje conhecidos  
« muito mais visinhos de Marte do que de  
« Jupiter: porque ha uma lacuna para as  
« distancias medias ao sol superiores ás dos  
« planetas Themis, Hygia e Euphrosina, que  
« presentemente figuram entre os mais afas-  
« tados de Marte; e a distancia d'Euphrosina  
« a Jupiter é mais que tripla da de Marte a  
« Flora, o pequeno planeta mais proximo do  
« sol.

« Porque o numero sempre crescente dos  
« pequenos planetas é já tão grande que a  
« sua observação fatigaria os astrónomos, M.  
« W. Maury, director do observatorio de  
« Washington, acaba de propor, que se repar-  
« tam entre estes os trabalhos relativos aqúel-  
« les asteroides, escolhendo cada um um pe-  
« queno numero, e encarregando-se de o sub-  
« metter a uma investigação continua. A distri-  
« buição fez-se escolhendo:

« M. Maury oito — Egeria, Irene, Phocéea,  
« Fides, Psyche, Melpomene, Circe e Thetis,  
« cujas observações promette consignar no  
« *astronomical journal* de Cambridge, redigido  
« por M. Gould.

« M. Peters, director do observatorio d'Al-  
« tona, oito — Hebe, Iris, Hygia, Eunomia,  
« Parthenope, Fortuna, Amphitrite e Laetitia.

« M. J. Challis, director do observatorio  
« de Cambridge em Inglaterra, oito — Flora,  
« Metis, Victoria, Themis, Proserpina, Bel-  
« lona, Urania e Leucothea.

« O observatorio de Berlin, cinco — Luetetia, Thalia, Euphrosina, Polymnia e Atalante.

« M. Littrow, director do observatorio de Vienna, nove — Astrea, Massalia, Euterpe, « Callopie, Pomona, Leda, Harmonia, Daphne e Isis.

« Restando assim dos quarenta e dois poucos planetas somente os quatro descubertos no principio do seculo. »

S. P.

## ARREDORES DE COIMBRA<sup>1</sup>.

### IV.

#### Villa Franca<sup>2</sup>.

Et Monda auriferos latices instillat, et agros,  
Ad Villam placido dum fluit amne, beat.

D'entre os formosissimos passeios de Coimbra sempre nos mereceu singular predilecção o de Villa-Franca.

Não nos attrahia alli os passos a fresca sombra dos álamos, o suave murmurio da corrente, os encantos de uma vegetação luxuriante; mais poderosa que a amenidade do sitio, a grata recordação de um nome illustre bastas vezes nos levava áquelle vergel saudoso.

Fôra Villa-Franca a morada mimosa de um varão de peregrino ingenho; alli vivêra, alli feriara de graves cuidados o inclito Antonio Vieira.

Sublime pelos remontados vãos de sua eloquencia, admiravel pela profundidade dos conceitos, e pureza de linguagem, grangeou eterna fama, veneração universal o celebre Jesuista.

Quando, porém, 'neste seu remanso querido, o hiamos conversar, em algum dos seus escriptos, apparecia-nos mais radiante de gloria o vulto majestoso do principe dos oradores portuguezes<sup>3</sup>. O seu espirito como que vinha aviventar as bellas paginas do nosso livro<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Veja-se o n.º 13 do *Instituto* — vol. IV, e os n.ºs 3 e 8 do mesmo jornal — vol. V.

<sup>2</sup> Fica esta quinta na margem direita do Mondego entre a Arregaça e a Portella. Fôra casa de recreio, e convalescença dos Jesuitas. Os versos, que servem de epigraphe, pertencem a um epigramma aqui feito por A. incerto, que, com outras poesias, vem no fim da carta 29 do tomo 3.º, das *cartas do P. Antonio Vieira*. O Marquez de Pombal, quando esteve em Coimbra a reformar a Universidade, visitou com sua esposa esta quinta, no dia 14 de setembro de 1772.

<sup>3</sup> Veja-se *Mapa de Portugal*. — *Quarta parte*, — cap. II, §. VII — pelo Padre João Baptista de Castro.

<sup>4</sup> Veja-se a *Memoria Historica e Critica ácerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras* no tomo segundo das obras de D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu.

Precioso condão de todos os luminares de intelligencia summa! Depois do seu occaso ainda um raio de luz esclarece as estancias, em que resplandeceram, reflectindo-se nos monumentos, que nos legaram.

R. DE GUSMÃO.

## OS TROVADORES E SUAS OBRAS.

Um dos mais bellos espectaculos que a historia da humanidade nos offerece, é por certo a transição do estado de lastimosa ignorancia e barbaria para a cultura dos costumes, da razão e do ingenho. Quando a sociedade se agita para dar este passo, tudo fermenta no cáhos; ha uma especie de nova criação, e os seres, que saem d'esse cáhos, ainda que estão longe de tocar a perfeição, trazem impresso o cunho de uma certa belleza original, que atráe tanto a nossa attenção, como a propria perfeição.

Apoz uma prolongada serie de males, em que o erro e a anarchia haviam submergido a Europa, a ignorancia do X seculo, acompanhada dos estragos causados por uma inundação de barbaros, acabou de embrutecer os povos deixando-os involvidos no mais fatal obscurantismo. O seculo seguinte viu renascer alguns estudos, sem dúvida máus, e por ventura mais fecundos em erros, que a mesma ignorancia; mas mui proprios para despertar o espirito do fatal lethargo, em que jazera. O pontificado de Gregorio VII; os abalos que produziu nas nações a violenta luta do sacerdocio e do imperio, perpetuada por seus successores, causaram um movimento universal, e crearam poderosos interesses, que muito concorreram para excitar os espiritos; ao mesmo tempo que a cavallaria abria uma nova senda ao heroismo, em que algumas idéas sociaes brilhavam entre as virtudes ou os feitos cavalleirosos d'essa nova milicia.

A estas diversas causas acresceu a cruzada, que se levantou pelo fim do mesmo seculo. Um inaudito enthusiasmo fez desaparecer as barreiras, que separavam as nações, para, reunidas, levarem ao cabo uma conquista religiosa, ou consagrada por um pretexto religioso. Todos esses diferentes povos, assim transportados sob taes influencias á patria de Phidias e de Homero, foram respirar o ar embalsamado da voluptuosa Azia; e quantos novos sentimentos; quantas novas idéas, quantos novos gostos!

Facto singular! A devoção sangrenta e insensata dos cruzados serviu ao desinvolvimento das artes e da razão; concorreu para o triumpho das muzas e para os engenhosos prazeres, que de seus trabalhos deviam nascer.

Foi então que se multiplicaram os poetas conhecidos debaixo do nome de *trovadores*, nome verdadeiramente digno do genio, porque envolve a idéa de achar — inventar — crear (*trouver*), como é proprio do genio.

O exemplo de um principe tão esclarecido, como o conde de Poitou, devia excitar a sua phantasia e emulação. Muitos outros principes e grandes senhores chegaram a ser seus modelos, e seus protectores. As côrtes, quasi tão numerosas como os castellos, os atraíam â porfia, e agasalhavam no recinto de seus muros. Alli lhes sorria a fortuna e os prazeres; alli gosavam favor e consideração. As belezas, cujos encantos celebravam; essas divindades da cavallaria andante as acolhiam com officiosa generosidade, e ás vezes tambem com os ternos afagos do amor.

Que alimento para esses espiritos, a quem o attractivo da novidade e a natural inclinação levavam, quem sabe se para o prazer, se para o estudo...? Então os poetas disputavam o premio de seus cantares, os applausos e a protecção nos castellos, onde residia o valor e a belleza. Expressavam-se uns com mais elegancia e finura, outros com mais força e concisão; uns aperfeiçoaram o mechanismo do verso; crearam outros novos generos de poesia: as graças deram o tom ao sentimento; a ficção e o dialogo sasonaram a moralidade. O gosto deixou por assim dizer, de ser escravo da humilde rotina; seguiu o progresso das idéas, abraçando uma variedade de objectos até então desconhecida, e diversificando os generos de composição, insipidos pelos rigores da mais esteril uniformidade.

O gosto, porém, assim como as idéas, obscurecidas pela ignorancia, distava ainda muito da verdadeira perfeição, que só alcançou lentamente e á proporção, que a sociedade se illustrou e civilisou.

Fôra tambem um grande obstaculo ao aperfeiçoamento da arte a mania, que havia multiplicado os poetas, ou os aspirantes ás recompensas poeticas.

*Continúa.*

## NOVO JORNAL LITTERARIO.

Annuncia-se a proxima publicação de um jornal, que, sob a direcção dos srs. Antonio Feliciano de Castilho, e Luiz Filipe Leite, e destinado á instrucção e educação dos povos de ambos os hemispherios, que fallam a lingua portugueza.

Os amadores das letras patrias não podem deixar de saudar com satisfação a appareição de um novo orgão da imprensa periodica, que, abandonando o campo saíado da politica, onde

tantas intelligencias viris vão embótar o vigor do seu ingenho em inuteis discussões, se dedica á cultura e educação popular, e aos mais caros interesses da instrucção pública, sem a qual impossivel fôra todo o progresso e futuro aperfeiçoamento d'essas grandes conquistas, que têm enriquecido o estadio das sciencias, estabelecido as bases da moderna civilisação em todos os ramos das artes, da industria, e estreitado as relações e o trato entre os mais afastados povos do mundo.

Poucos são, é verdade, os jornaes, que entre nós militam neste campo, porque onde se cura só do presente, não pôde ser lucrativa a tarefa generosa d'aquelles, que só miram no futuro da geração, que um dia nos ha de pedir contas do abandono em que a deixamos; da ignorancia que lhe legamos; da fatalidade a que a condemnamos; mas por isso mesmo maior louvor cabe aquelles, que procuraram levar-lhes a luz do ensino, e o pão da educação.

O serviço será tanto mais meritorio, quanto mais generosa e desinteressadamente fôr prestado.

Publicamos por isso o prospecto da *Revista da Instrucção Publica*, que nos dirigiu o nosso digno socio honorario o sr. A. F. de Castilho, e que esperamos corresponderá em tudo á auctoridade do seu nome.

J. M. DE ABREU.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Almanack de Portugal para 1836, pelo sr. Luiz Travassos Valdez, 1. vol. em 8.º grande, com o calendario para 1837.*

O novo *Almanack de Portugal* para o corrente anno, é uma obra completamente acabada no seu genero, e de reconhecida utilidade.

Nun paiz onde são tão escassos os documentos estatísticos; em que faltam tantos dados para avaliar o seu movimento industrial, economico e litterario; e em que esses mesmos documentos existem disseminados pelas diversas repartições publicas, e acaso tambem dependentes da informação de pessoas pouco competentes; laboriosa e difficilima empresa é colligir tão grande copia de factos e noticias interessantes; tantos esclarecimentos indispensaveis; tantos mappas estadísticos, e tão cabal informação do pessoal de todas as repartições do estado no reino e nas possessões ultramarinas, como se encontram no *Almanack de Portugal*, publicado pelo cuidado e summa diligencia do sr. Luiz Travassos Valdez, que neste segundo anno da publicação d'esta sua obra se esmerou em corresponder á merecida accitação, que obtivera o *Almanack* de 1835, a que este segundo muito se avantajava pelos numerosos e im-



portantes additamentos, com que o completou e enriqueceu, tornando-o um livro não só muito útil, mas também necessario.

A edição é nitida, e o seu preço por extremo modico, não só quanto ao trabalho da obra, mas até simplesmente em relação ao trabalho artistico.

J. M. DE ABREU.

## NOTICIARIO.

**Valor do diametro das planctas, cujo disco se pôde medir.** Este valor, segundo se lê no *Bolletim* da sociedade real astronomica de Londres, foi determinado por meio do micrometro de dupla imagem pelo rev. R. Main, adjuncto ao observatorio de Greenwich.

*Mercurio*, diametro á distancia media da terra ao sol . . . . . 6",89  
*Venus* . . . . . 17",55

Este segundo valor é notavel, porque, tendo Main em conta a irradiação, que aliás nenhuma influencia tem sobre as medidas tomadas de noute, excede o diametro da terra, que, com a parallaxe de 8",57, que é a actualmente admittida, seria de 17",14.

Ha portanto um excesso a favor de *Venus*, que equival a  $\frac{1}{12}$ , e por consequente o volume de *Venus* seria superior ao da terra perto de  $\frac{1}{12}$ , que é o contrario do que está geralmente admittido em todos os tractados de astronomia.

*Marte* — diametro da unidade de distancia, como acima . . 9",84. O achatamento de *Marte* é  $\frac{1}{2}$ ; numero inferior ao até hoje admittido.

*Jupiter*; — segundo um grande numero de observações o seu diametro equatorial á distancia de 5,20279, que é a distancia media d'este planeta ao sol 37",91.

Á unidade de distancia 197",24.

Achatamento  $\frac{1}{68,84}$

Segundo Stuve este achatamento é de  $\frac{1}{38,8}$ .

É o quociente da differença dos dois diametros polar e equatorial do planeta dividido pelo diametro equatorial.

**Eschola pelo methodo natural:** Acha-se finalmente estabelecida no Jardim botanico da Universidade pelo zelo do seu digno director, o sr. Henrique do Couto, uma eschola pelo methodo natural de Endlicher, independente da antiga eschola *linneana*; na qual os alumnos poderão conhecer practicamente as vantagens de um e outro systema, e completar os seus estudos botanicos pela inspecção

das duas escholas, collocadas a par uma da outra.

É um bom serviço, que além de tantos outros, aquelle distincto professor acaba de fazer, satisfazendo aos votos, já por muitas vezes manifestados pela faculdade de philosophia, para que se ensiasse 'neste jardim botanico aquelle methodo, que felizmente se vai generalisando nos principaes jardins botanicos.

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para as seguintes logares d'instrução pública, desde o dia 1.º até 15 de agosto do corrente anno, por despachos do Conselho superior d'instrução pública, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Carlos Augusto Zurarte de Mendonça, para professor temporario da cadeira de Sancta Suzana do Machial, districto de Lisboa.

João Cerqueria Lopes, para dicto de Geraz do Lima, districto de Vianna.

Antonio Pedro Gonçalves Continho, para professor vitalicio da cadeira da Freguezia de Sancta Catharina, por transferencia da de Nossa Senhora da Encarnação da cidade de Lisboa.

Luiz da Silva Coutinho, para dicto da freguezia de Nossa Senhora da Encarnação por transferencia da de Sancta Catharina, decreto de 29 de julho ultimo.

Bernardo Ferreira, para dicto da cadeira da freguezia de Nossa Senhora d'Ajuda, por transferencia da de Santos o Velho da cidade de Lisboa, decreto de 30 de julho ultimo.

## REVISTA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA.

PARA

PORTUGAL E BRAZIL

REDACÇÃO:

Antonio Feliciano de Castilho e Luiz Filippe Leit

A unica politica actualmente possivel, não só para a Europa, mas para a America, e para todos os povos livres, é da luz para todos; é a da civilisação universal. A opinião popular educada, é a mais segura fiança de estabilidade para os bons governos e de felicidade pública. Por ella, se operará no interesse commum, o que aliás ficaria circumscripto á limitada esphera das conveniencias individuaes.

Portugal e o Brazil, que derivam de origem commum as suas mais gloriosas tradições, palpítam com aspirações identicas e não demandam outro norte, senão esse para onde lhes está apon-

tando a consciencia das proprias provações e a sciencia na sua expressão mais sincera.

Sem um systema de pública instrucção que atinja a verdadeira altura da respectiva destinação social, infructiferos serão quaisquer esforços com que se pretenda fazer progredir um paiz na estrada providencial da perfectibilidade.

Entre nós, portuguezes e brasileiros, se confesse com amor e franqueza de irmãos, que, nem aqum, nem além mar se possui ainda educação nacional organizada segundo as mais recentes revelações da sciencia, e conforme as nossas peculiares necessidades e conveniencias. E com a mesma franqueza concordaremos em que ambas as nossas legislações respectivas, se acham mui longe não só da sua importancia, mas das exigencias imperiosas da posição politica, de qualquer dos dois paizes.

Portugal, abraçado com a industria agricola e fabril e empenhado nos melhoramentos materiaes, vae construindo de boa fé, sem attentar seriamente para a solidez dos alicerces. Quando mais arrojada se lhe estiver affigurando a projecção que delineou, mais proxima da sua ruina lhe andará a grandeza da edificação. O desenvolvimento publico, que espera do plano de reformas que traçou, será quasi uma chimera, em quanto não disposer rasgada e francamente os caminhos da illustração popular. Pouco lhe amadurecerá o futuro, em quanto não emendar os erros que lhe legou o passado, fazendo caminhar junctos os interesses intellectuaes com os materiaes do paiz.

O Brazil, na força da sua adolescencia como nação, entrevê largos horizontes de prosperidade e riqueza pública; mas, para que o seu influxo no continente meridional da America, seja tal como lhe cumpre, é-lhe mister partir do mesmo principio de engrandecimento intellectual e não hesitar perante a amplitude do commettimento.

Eis as nossas posições, a nosso ver, definidas.

Portugal, pela sua situação geografica, pela importancia das suas condições historicas, deve assumir o logar que lhe compete na communhão Europa.

O Brazil, pela vastidão do seu territorio, pelo vigor de todos os seus recursos, tende a elevar-se ao grau de influencia politica, de que só o fará participar o seu desenvolvimento intellectual.

O primeiro, não obterá a prosperidade pública, sem basear na educação nacional os seus esforços. O segundo, não aproveitará convenientemente os seus inexauriveis recursos, sem elevar a massa nacional ao nivel a que lhe não é licito ficar inferior.

Que nos propomos nós, com a presente publicação?

Em duas palavras o diremos. Pesar na balança do senso commun e á luz da sciencia actual, o que existe, bom ou mau, optimo ou pessimo nas duas legislações; inquirir o que falta e devia existir; examinar com a mesma consciencia o que se faz, e o que se tem feito nos paizes onde mais adiantada se acha a organização da instrucção pública, considerada quer administrativamente, quer nos seus pormenores pedagogicos e didacticos. Da meditada confrontação de tão diversos elementos, ir-mos propondo o que em boa razão se não pôde deixar de propor, para o aperfeiçoamento, ou antes radical reforma da instrucção publica, em cada um dos dois paizes.

A tarefa, não é facil. Supprirá porém, a boa vontade, se, como esperamos, os especialistas e os sabios d'um e d'outro paiz, a quem muitas vezes havemos de recorrer, repartirem connosco do fructo das suas observações e dos seus estudos.

Considerando que o agrado nascido da amenidade, é para o gosto da maioria uma innocente sedução, e que era favor do sancto fim que demandámos, nenhum meio se deveria desprezar, quanto mais a formosa litteratura, procuraremos desenfadar algumas vezes com ella o cansaço dos estudos sérios, mesmo afim de crear para estes maior numero de sectarios. O exemplo não é novo, temol-o nos jornaes especiaes de todas as linguas; temol-o na França principalmente.

## CONDIÇÕES.

A REVISTA DA INSTRUÇÃO PUBLICA, sahirá duas vezes por mez. Terá 12 paginas neste formato, ou 24 columnas cada numero. As correspondencias, serão dirigidas francas de porte á officina do PROGRESSO em Lisboa, rua da Cruz de Pau n.º 15: Para a redacção, a Luiz Filippe Leite. Para a administração, a Francisco Gonçalves Lopes. Por anno. *Com estampilha* 2\$040, semestre 1\$020, trimestre 540. Avulso cada numero, 130. Por anno. *Sem estampilha* 1\$700, semestre 900, trimestre 480. Avulso, cada numero 120. Para o ultramar e Brazil, será remetida a REVISTA pelas malas dos navios de vela. Os preços são em moeda forte. As assignaturas, pagas adiantadas, por trez mezes, pelo menos. Roga-se a quem assignar no prospecto, ou para elle colher assignaturas no Imperio do Brazil, queira entregal-o, com a respectiva importancia, ao agente consular portuguez na localidade, ou a pessoa por elle designada.

## ALMANACK DE PORTUGAL

Por L. T. Valdez.

Contém muitas noticias estatisticas e de interesse geral, e artigos a respeito dos pesos, medidas e moedas de Portugal e do Brazil; os nomes dos titulares, empregados públicos, advogados-medicos e cirurgiões, parochos, negociantes, etc. das capitães dos districtos, com as suas condecorações e datas das nomeações para os empregos; e o Calendario para o anno de 1857.

Vende-se em Coimbra, na imprensa da Universidade; em Aveiro, na typographia do Campeão do Vouga; em Braga, na do Bracharense; no Porto, na rua dos Caldeireiros, n.º 18; em Vianna, em casa do sr. André Joaquim Pereira.

Preço 800 réis; em melhor papel 1\$000 réis; encadernado 1\$100 réis.

O Almanach de 1855, que contém muitas noticias estatisticas, vende-se por 400 réis.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Continuado de pag. 66.

*Instrução secundaria.*

Habilitado o homem com a instrução primaria, tem o meio indispensavel para proseguir no desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes; esse desenvolvimento é hoje muito mais necessario depois que centenaes de novos inventos vieram libertar o homem do trabalho bruto, e deixar-lhe o que é só proprio d'elle — o trabalho de intelligencia.

A instrução pública demanda um systema vastissimo, muito variado, em harmonia com a forma de governo e com cada uma das funcções que todo o homem é chamado a exercer, não só no interesse da sua felicidade pessoal, mas no da prosperidade nacional. Foi guiada por este pensamento a reforma litteraria, que se começou em 1836, e que supposto já modificada e aperfeiçoada em 1844, ainda carece de muito mais amplo, aperfeiçoamento. Crearam-se os lyceus para os estudos de humanidades, instrução secundaria; nelles se ensinam em maior ou menor escala, segundo as localidades, estudos elementares que servem a desinvolver o espirito, cultivar a memoria, e habilitar os alumnos para leitura dos classicos antigos, e por ella colher lições de experiencia que sirvam ao aperfeiçoamento, quer seja nos estudos espeziaes e profissões, quer nos mais vastos e transcendentales das sciencias superiores; a que cada um se destina.

Por ora hábitos e tendencias antigas levam entre nós a maior parte dos paes a dirigir seus filhos para a instrução superior, e, quando menos, para a vida ecclesiastica; mas pouco a pouco se hão-de desenganar de que perdem tempo e capital em procurar-lhes habilitações, que lhes não dão arrumação em parte alguma; e só servem a crear parasitas nas familias e proletarios na sociedade. No fim da carreira litteraria (quando mesmo ao fim podem chegar) deixam muitas vezes as familias arruinadas pelas despesas, e não

achando em que se empreguem por serem demasiados, agglomeram-se nas avenidas do poder, desconsiderando o governo que se serve d'elles, e ás vezes insurgindo-se contra aquelle que os repelle: a maior parte chega a morrer na impaciencia de esperar que se desobstruam os empregos públicos, ou as profissões chamadas liberaes a que aspiravam, com insano desprezo das industriaes, em que podiam ter sido felizes e fundar familias proveitosas para o estado.

Em chegando, á força de tempo e da civilisação mesmo, o desengano aos paes, V. M. terá a satisfação de ver crescer o numero d'alumnos que procuram nos lyceus a instrução precisa para irem completar a especial professional que mais lhes convenha nas diversas localidades, e que V. M. tem já proporcionado com a creação d'algumas escolas espeziaes e industriaes nos maiores centros de população, d'onde a civilisação se hã-de diffundir para os cantos mais remotos de todo o paiz.

Nos nossos lyceus ensina-se muito — talvez demasiado — do passado; é o conselho, guiado pela prudencia entre conservação e progresso, muito deseja alargar a esphera de ensino, inclinando-o mais para o presente e futuro; e associar ás humanidades ramos d'estudos, que habilitem para profissões uteis a quem as siga e ao paiz, e em que possam empregar-se não só alumnos chamados a ellas por genio e vocação, mas os que não podendo, por qualquer principio, chegar a outras, se accomodem naquellas a que chegam. Então o conselho proporá a V. M. que, nos termos do art. 49 do decreto de 20 de setembro de 1844, e lei de 12 d'agosto de 1851, se digne crear novas cadeiras com todos os apprestos precisos para exercicios practicos, de physica, chimica, historia natural, e mathematicas elementares com applicação á industria, ás artes, e á agricultura, fazendo-se o ensino debaixo do ponto da vista practico.

Por ora ainda não é chegado o tempo. No lyceu de Lisboa ha cadeiras espeziaes de commercio; mas pelos mappas que têm chegado ao conselho, vê-se que são muy pouco frequentadas; ha uma cadeira de geometria e mechanica applicada ás artes e officios; mas neste ultimo anno nem um só alumno con-

correu a habilitar-se com exame, nem consta que fosse frequentada. Estão já creadas pelo art. 48 do decreto de 20 de setembro de 1844, nos lyceus de Braga, Evora e Faro, cadeiras de economia industrial e escripturação; nos de Portalegre, Villa-Real e Castello Branco, cadeiras de agricultura e economia rural; porém, nem para ellas têm apparecido professores, nem ha discipulos.

As mais concorridas são as de latim, e frequentes vezes apparecem peticões a requisitar restabelecimento das que foram supprimidas, ou criação de novas; e já foram restabelecidas, em conformidade com o plano e consulta do 1.º de fevereiro de 1850, uma em Montalegre, outra em Villa-Nova de Famelicao. No lyceu de Viseu creou-se uma de francez e inglez; e o conselho já consultou a V. M. a favor da pretensão da camara da cidade de Guimarães que pedira a criação d'uma cadeira de philosophia racional e moral, para que se estabeleça 'naquella notavel e populosa cidade uma cadeira d'arithmeticas e geometria com applicação ás artes, e primeiras noções d'algebra, e philosophia racional e moral, e principios de direito natural em curso biennal nos termos do art. 57 do decreto de 20 de setembro de 1844. As tendencias estão por ora para os estudos elementares somente, que preparam para a vida ecclesiastica ou para os estudos superiores; e a prudencia pede que se esperem resultados do Instituto industrial de Lisboa, das escolas industriaes do Porto, a que V. M. Houve por bem dar regulamento por decreto do 1.º de dezembro de 1853, e das escolas de bellas artes de Lisboa e Porto. O conselho espera que 'nessas escolas se habilitem professores, visto não haver escolas normaes para isso; espera que 'nellas se forme o gosto para taes estudos, e d'esses centros se espalhem para as outras terras do paiz. Para ensinar não basta só ter conhecimento do que se ensina, é preciso brandura de maneiras, circumspecção, prudencia, paciencia e constancia, e sobre tudo accomodar-se o ensino á capacidade dos alumnos; e para se haverem professores com taes qualidades é preciso que elles se formem 'nessas escolas especiaes. Antes de haver professores com as precisas qualidades, antes de haver discipulos, crear cadeiras semelhantes por toda a parte seria gravar o thesouro com despesas sem proveito algum para a instrução publica.

Até á conferencia geral de outubro ultimo não tinham chegado a este conselho senão os relatorios dos lyceus de Coimbra, Evora, Lisboa, e Viana; das academias de bellas artes de Lisboa, e do Porto; aula de diplomatica; e bibliothecas do Porto, e Braga; e o conselho não pôde deixar de sentir profundamente, que a falta de noticias e dados estatisticos dos outros lyceus, o colloque na

penosa impossibilidade de comparal-os todos; comparar a frequencia de uns e outros; o seu aproveitamento; as tendencias especiaes nas localidades para os estudos; e as esperanças que cada um offerece á geração presente, que os sustenta á custa de sacrificios para bem das gerações futuras, que aproveitarão as reformas; e finalmente prive o conselho dos elementos estatisticos indispensaveis para assentar juizo seguro sobre o estado nacional do progresso e aperfeiçoamento intellectual pela comparação do movimento das escolas com a população geral. O conselho não pôde por essa falta calcular a despesa geral da instrução secundaria, distribui-la pelo numero total de alumnos para se conhecer o que cada um custou ao thesouro; e é forçado a esperar, como deixa exposto á V. M. até á conferencia d'abril para formar mappa geral dos alumnos, que procuraram a instrução secundaria, e os calculos estatisticos, que dependem d'esse mappa.

Pelas relações estatisticas, que se completaram na conferencia ordinaria do conselho geral em abril de 1854, com referencia ao anno de 1852 a 1853, o numero total das cadeiras publicas de instrução secundaria no continente e ilhas foi de 248, sendo nos lyceus 124, e annexas outras tantas. O numero total d'alumnos, que as frequentaram no anno lectivo de 1852 a 1853 foi de 4:252 em 177 cadeiras, segundo os relatorios, que tinham chegado ao conselho. O numero total de cadeiras particulares era de 49; e os alumnos que as frequentaram foram 1:131. O numero total de alumnos que frequentaram as cadeiras publicas, e particulares foi de 5:387. Aquelle numero de cadeiras publicas acrescercam duas de latim, a saber uma em Montalegre, outra em Villa Nova de Famelicao, uma de francez e inglez no lyceu de Viseu, que foram creadas por decretos de 30 de maio, 22 e 23 d'agosto do corrente anno; e por virtude da lei de 12 de agosto de 1854 acrescercam mais uma de principios de physica, chimica, e introdução á historia natural dos trez reinos, outra de arithmetica, principios d'algebra, geometria syntetica, trigonometria plana, e geographia mathematica nos lyceus de Coimbra e do Porto. Com estes acrescimos ficam sendo actualmente as cadeiras publicas de instrução secundaria 255. A somma votada no orçamento para a instrução secundaria é de 61:089\$000, rs.; a qual repartida pelos 4:252 alumnos, veio a custar ao thesouro cada um 14\$367 <sup>114</sup>/<sub>4252</sub>.

O conselho espera que, quando na conferencia d'abril se apresentar mappa exacto dos alumnos, que frequentaram as cadeiras publicas em todo o continente, e ilhas adjacentes, o numero total d'elles ha-de ser muito maior; e assim o custo de cada um será menor pela razão inversa.

O lyceu de Coimbra tracta d'acomodar suas aulas em locaes apropriados na parte do edificio dos hospitaes, que a faculdade de medicina desoccupou, quando mudou os hospitaes da Conceição e Convalescença para o collegio das Artes, em que desde tempos antiquissimos se ensinavam as humanidades. O de Beja precisa meios para fazer os reparos e concertos necessarios nas cazas, que o bispo d'aquella dioocese lhe cedeu para collocação das aulas; e o conselho pede a V. M. se digne resolver sobre a consulta de 17 de outubro de 1853.

Tambem respeitosamente pede a V. M. se digne attender como melhor parecer em Sua alta sabedoria a representação da camara municipal de Villa Real para a collocação do lyceu d'aquelle districto na rua das Recolhidas de Nossa Senhora das Dóres d'aquella villa, passando estas para o convento de S.<sup>a</sup> Clara, e sobre que pendem perante V. M. as consultas d'este conselho, com datas de 11 de febreiro e 20 de maio de 1853.

Está ordenado pelos decretos com sanção legislativa de 15 de novembro de 1836 art. 26 e 27, lei de 27 de outubro de 1844 art. 16, decreto de 20 de setembro de 1844 art. 6, 84 e 168, e regulamento de 20 de dezembro de 1850 art. 1; que as escholhas publicas sejam collocadas em edificios publicos. O conselho faz todas as diligencias possiveis para assim as collocar; mas na maior parte das localidades não ha edificios publicos; e naquelles mesmo aonde os ha, apparecem difficuldades e estorvos, que só com o tempo se poderão remover. Assim aconteceu a respeito do lyceu de Viana, a cujo governador civil o conselho se tem dirigido para indicar edificio publico, em que se possa collocar definitivamente o lyceu d'aquelle districto; e em quanto se não consegue tal collocação, teve o conselho de consultar a V. M. em data de 13 de outubro ultimo, favoravelmente sobre o officio do governador civil d'aquelle districto para que pelo saldo da conta dos lyceus, que o conselho elevou á soberana presença de V. M. em data de 21 de julho ultimo, se autorize a despesa de 60\$000 rs. annuaes para aluguel d'uma caza, em que se colloque aquelle lyceu, que vae sendo cada vez mais concorrido.

A lei de 12 de agosto ultimo creou nos lyceus do Porto e de Coimbra uma cadeira para ensino de principios de physica, e chimica e introdução á historia natural dos trez reinos, e outra de arithmetica, principios de algebra, geometria synthetica, trigonometria plana, e geographia mathematica para o lyceu de Coimbra. A primeira é inteiramente nova entre nós, e precisa d'uma organização especial em harmonia com o pensamento, que a creou; e o conselho já d'elle se occupa para servir em ambos os lyceus. Mas attenta a conveniencia de se abrir já no outubro pas-

sado a do lyceu de Coimbra, teve o conselho de limitar-se por ora a formalizar um programma provisorio, pelo qual o professor haja de reger-se interinamente. Tanto uma como outra d'estas cadeiras estão sendo regidas provisoriamente no lyceu de Coimbra por doutores das faculdades de mathematica, e de philosophia; e como ambas essas disciplinas passam a ser preparatorio necessario para matricula nos estudos superiores da universidade não deixarão de ser frequentadas na razão directa da tendencia geral do paiz para a instrução superior.

As mais urgentes necessidades, que affectam todos os lyceus versam sobre regulamento geral, e compendios. O conselho não pôde deixar de pedir mui respeitosamente a V. M. se digne resolver como melhor entender em Sua alta sabedoria, sobre a consulta, que foi elevada a presença de V. M., em data de 26 d'abril de 1853, com o regulamento.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa, de 24 de dezembro de 1855.**

Continuado de pag. 125.

### CAPITULO XII.

*De como é absolutamente indispensavel a uniformidade do ensino em geral, e de como em especial são precisos livros e compendios das diversas disciplinas de instrução primaria, pelos quaes se ensine conformemente em todas as escholhas do reino.*

No meu relatorio do anno proximo passado tive a honra de ponderar, com sufficiente largueza, a necessidade de uniformar os compendios das diferentes disciplinas, que se ensinam em todos os lyceus e aulas publicas do reino, e designadamente das trez primeiras secções d'este lyceu, e das aulas particulares de Lisboa; e tive a honra de propôr a V. M. sob o n.<sup>o</sup> 7, um *projecto de lei*, que, na minha opinião preenche cabalmente o fim proposto, prevenindo os inconvenientes tão lastimosamente experimentados, e salvando todos os direitos. Por infortunio ainda até hoje nem se adoptou aquella minha proposta, nem se tomou nenhuma outra providencia. O mal, para que se pedia o remedio, continua pois com grave detrimento da instrução publica, prejuizo dos alumnos, e desgosto dos professores: cumpre por tanto insistir, como insisto, pedindo a V. M. a prompta adopção

da medida lembrada, ou de alguma semelhante; porém de natureza, que corte o mal pela raiz; sendo que (tenho-o por inteiramente fôr de dúvida) não ha outra senão tolher o uso do dom funesto, como já lhe chamei, outorgado aos lyceus, e estabelecimentos de ensino particular, de adoptarem os compendios, que lhes aprez escolher.

E agora irei mais longe, porque depende sómente de mero decreto do governo de V. M. fazer dar um passo vantajado ao ensino da instrucção primaria: agora peço, que se mandem adoptar livros e compendios uniformes para o ensino das escholas de instrucção primaria. Se ao ensino da instrucção secundaria é sobremodo nociva a variedade dos compendios, pelos quaes os alumnos são ensinados, como fiz ver no meu anterior relatório; e alias é obvio; o que não podia eu ponderar com respeito á instrucção primaria? Esta abrange muito maior numero de alumnos, e os professores acham grave, e invencivel obstaculo ao seu zelo, e boa vontade para leccionarem, e instruirem devidamente um grande numero de discipulos, quando estes se servem de diferentes livros ou compendios. Os alumnos, pela sua parte, padecem muito de não poderem aproveitar-se competentemente das advertencias, e explicações do professor, as quaes, cabendo a outra leitura diversa da que lhes suggere a elles o livro ou compendio, de que fazem uso, quasi se lhes tornam inuteis, porque a mais não alcança a sua curta idade, e limitado desenvolvimento intellectual. Com a variedade dos compendios de doutrina christã, até corre perigo a fé religiosa. E que direi dos exames? É de evidencia, que se tornam muito mais difficeis, do que o seriam, se as perguntas dos examinadores houvessem de ter necessariamente por assumpto a materia e forma dos compendios, por onde estudaram os examinandos. Finalmente, devendo as camaras municipaes dar compendios aos alumnos, cujos pães por sua provada pobreza não podem proporcionar-lhos, não hesitariam na escolha, e porventura os poderiam haver a preço muito commodo; porque podia, e devia impôr-se ao auctor, cujo compendio de leitura, ou de doutrina christã fosse adoptado, não só a obrigação de o vender por preço fixo, e barato, mas tambem de fazer uma edição por preço ainda mais baixo, destinada aos alumnos pobres: d'esta se serviriam as camaras municipaes para o fim indicado.

Senhor! A medida, que proponho, é da maior conveniencia, e é urgentissima: não ha professor, que não a reclame, e que não se queixe da variedade sem fim dos compendios de doutrina christã, e dos demais livros, de que fazem uso os seus discipulos. Se querem exigir a uniformidade na adopção do compendio, que melhor lhes parece, os pães

de uns resistem, os de outros dizem, que não têm meios de os comprar; e as escholas em breve estariam desertas, e grandissimo numero de alumnos deixaria de aprender, se os professores não cedessem, e não se sujeitassem ao improbo, tão mal galardoad, e tão pouco productivo trabalho, a que os obriga, não direi a liberdade, direi a relaxação, a licença introduzida a este respeito. Assim que, supplico a V. M., para melhor, e mais prompto aproveitamento dos alumnos da instrucção primaria, e por consequente para vantagem certa de muito grande numero de desvalidos subditos de V. M., que se ligue mandar adoptar a seguinte proposta:

#### Projecto de lei.

Art. 1. O conselho superior de instrucção publica escolherá os compendios, que devem uniformemente servir para o ensino das disciplinas da *instrucção primaria* em todas as escholas publicas e particulares de instrucção primaria, ou de primeiras letras de toda a monarchia.

Art. 2. Em nenhuma aula publica ou particular de *instrucção primaria* ou de *primeiras letras* será permitido ensinar, senão pelos compendios designados pelo conselho superior de instrucção publica.

Art. 3. Não será permitido aos examinadores interrogar os examinandos acerca de materia, que se não ache tractada nos compendios adoptados para uso das escholas na forma dos art. 1 e 2.

Art. 4. As camaras municipaes fornecerão annualmente os compendios adoptados para uso das escholas de *instrucção primaria*, ou de *primeiras letras*, aos alumnos pobres, que provarem com attestados especiaes dos respectivos parochos e regedores, que os não podem comprar á sua custa.

Art. 5. O acrescimo de despesa, que, por este motivo, houverem de fazer as camaras municipaes, será abonado no seu organimento.

Art. 6. Fica revogada a legislacão em contrario.

#### CAPITULO XIII.

*De como as camaras municipaes devem dar livros e compendios elementares, tractados de doutrina christã, taboadas, papel, penas etc. aos alumnos pobres das escholas de instrucção primaria dos respectivos concelhos.*

O benefico pensamento, em que se originaram as diferentes provisões, que têm creado, e successivamente vão accrescentando o numero das cadeiras de instrucção primaria por todo o reino, pensamento verdadeiramente esclarecido, não alcançará de nenhuma

sorte o fim, que tanto importa ao bem da sociedade, em quanto não fôr auxiliado com alguma disposição, em virtude de qual as camaras municipaes sejam obrigadas a dar, e de feito dêem annualmente aos alumnos pobres e desvalidos, livros e compendios elementares, tractados de doutrina christã, taboadas, papel, pennas, pedras e lapis. Esta despesa é insignificante, e comtudo o seu resultado será de grande alcance, não só porque tirará aos paes de familia, pobres, o pretexto, que principalmente allegam para não mandar os filhos a escola — a falta absoluta de meios, com que possam subministrar-lhes aquelles objectos; mas tambem fará, que muito grande numero de crianças infelizes possam aproveitar-se do ensino, que se lhes deve, porém que na realidade lhes está vedado; pois que seus paes não lhes fornecem, porque não podem, aquelles objectos indispensaveis; e os professores, tão mesquinamente remunerados, certo não têm com que lh'os subministrar á propria custa. Não se presume haver minima exaggeração no que deixo observado; por quanto não me fundo só na informação dos professores, e de outras pessoas dignas de credito, fundo-me tambem na minha propria experiencia, adquirida nas visitas escolares, e no exame, por mim proprio feito, dos motivos da pouca frequencia das escolas de instrucção primaria.

Senhor! a providencia, que proponho, urge tanto mais, quanto que, sem ella, fôra injusta a que tenho a honra de pedir a V. M. no capitulo seguinte, e que todavia é de necessidade confessada e indisputavel. E digne-se V. M. advertir, que não pôde oppôr-se-me nenhuma dúvida razoavel; pois que o decreto de 20 de dezembro de 1850, cap. 1, art. 2, mandando que os reparos na casa pública da escola, e as mais despesas com a mobilia e costeamento indispensavel para o exercicio escolar fiquem a cargo das camaras municipaes, justifica de modo cabal esta minha instantissima reclamação; e a meu ver, de tal modo, que não julgo necessaria nova medida legislativa. Por estas razões tenho a honra de propôr a V. M. a seguinte proposta:

#### *Projecto de lei.*

Art. 1. As camaras municipaes de todo o reino farão distribuir annualmente aos alumnos pobres das escolas de instrucção primaria, dos respectivos concelhos, compendios elementares de leitura e de arithmetica, tractados de doutrina christã e de civilidade accommodada a todas as classes da sociedade, taboadas, trashedos, papel, pennas, pedras e lapis.

Art. 2. A despesa, feita para este fim, será incluída no orçamento das camaras municipaes, e abonada pelos respectivos conce-

lhos de districto, em harmonia com o que se acha determinado no art. 2 do cap. 1.º do decreto de 20 de dezembro de 1850.

*Continúa.*

O Conselho Superior d'Instrucção Pública, desejando ouvir as opiniões dos homens competentes, interessados no progresso e melhoramento da instrucção primaria, antes de elevar á augusta presenca de Sua Magestade um plano de reforma, que deverá ser preparado por todo o mez de novembro immediato, resolveu, em sessão de conferencia geral de 31 d'outubro, que no *Instituto* se desse publicidade ás seguintes bases preparadas sobre trabalhos do governo, da camara legislativa, e do conselho, a fim de habilitar convenientemente os homens de letras, que se dignarem tomar parte em uma discussão do mais subido interesse nacional. — O secretario geral, *José Antonio d'Anorim*.

Senhor: — A commissão de instrucção pública, tomando em consideração as diferentes propostas offerecidas por alguns srs. deputados, durante a discussão de bases para a reforma da instrucção primaria, e os projectos apresentados pelo governo, e pela commissão de instrucção pública, na sessão do anno proximo passado, tem a honra de submeter á vossa deliberação, em conformidade da resolução tomada na sessão de 21 de abril do corrente anno, as seguintes:

#### **BASES.**

I. A instrucção primaria será dividida em dois grãos; e são obrigatorias no 1.º as seguintes materias:

Lêr, escrever, e contar, incluído o systema metrico-decimal; religião christã, e elementos de grammatica portugueza.

No 2.º, além d'estas, as disciplinas seguintes:

Grammatica portugueza, elementos de geometria prática, noções de geographia e historia geral e patria, principaes deveres e obrigações do cidadão. Noções elementares de sciencias naturaes e de hygiene.

II. Crear-se-hão successivamente tantas escolas do 1.º grão, quantas forem necessarias, para que os alumnos não sejam obrigados a andar mais de meia legua para frequentar as respectivas aulas.

III. Nas cidades e nas principaes villas, todas as escolas serão do 2.º grão.

IV. Em todas as escolas de instrucção primaria, que tiverem mais de oitenta alumnos, não chegando comtudo a cento e sessenta, haverá um ajudante.

V. O governo organizará immediatamente as duas escolas normaes, estabelecidas pelo decreto de 20 de setembro de 1844, e seguidamente as mais que julgar indispensáveis, não excedendo um por cada districto administrativo; e poderá conceder prestações mensaes ao numero de alumnos que fôr absolutamente necessario, que 'nellas se habilitem para o magisterio, precedendo concurso para a sua admissão.

VI. Nos districtos administrativos, onde não existe escola normal, poderá o governo dar prestações mensaes a alguns alumnos que frequentarem, debaixo das mesmas condições dos d'aquellas escolas, alguns estabelecimentos, ou escolas de instrução primaria, tão completos e bem dirigidos, que 'nelles se possam adquirir os conhecimentos e prática necessaria para o magisterio.

VII. Serão creadas escolas nocturnas, e de domingos e dias festivos, para aperfeiçoamento ou instrução dos que não poderem frequentar as aulas durante o dia, ou nos dias de trabalho.

VIII. O governo creará e organizará com a possível brevidade um ou mais estabelecimentos correccionaes de educação, onde sejam recolhidos e ensinados:

1.º Os alumnos das escolas publicas ou particulares, que pela sua indisciplina possam transtornar a ordem e subordinação nas respectivas aulas;

2.º Os mancebos que tiverem praticado actos criminosos, mas que os juizes entendam que não devem ser punidos com as penas ordinarias, por falta das condições necessarias para a imputação legal.

3.º Os mancebos que, tendo praticado actos criminosos em idade tal, que os juizes e autoridades administrativas entendam que lhes pôde ainda aproveitar o ensino em estabelecimentos correccionaes d'esta ordem.

IX. 'Nestes estabelecimentos, além do ensino religioso e litterario, os mancebos 'nelles recolhidos serão obrigados a aprender uma ou mais profissões industriaes.

X. Os juizes são autorizados para commutarem as penas, a que deveriam ser condemnados os mancebos até á idade de dezoito annos, em residencia, por tempo determinado ou indeterminado, nos estabelecimentos correccionaes, logo que estes estejam organisados.

XI. Em cada cabeça de concelho, pelo menos, haverá necessariamente uma escola do sexo feminino; devendo o governo crear, além d'estas, o maior numero que fôr possível.

XII. Em cada districto administrativo haverá uma escola normal de mestras de meninas, que será collocada com preferencia nos conventos ou collegios de religiosas existentes, mas com institutos apropriados para aquelle fim.

XIII. Os bens que actualmente possuem os conventos de religiosas, depois de assegurada a competente subsistencia das respectivas comunidades, serão applicados á dotação dos estabelecimentos de educação do sexo feminino já existentes, e dos que de novo se crearem.

XIV. O governo deverá promover a criação das salas de asylo da infancia desvalida, em todas as povoações, onde seja possível estabelecê-las, e prestar-lhe todo o auxilio e protecção.

XV. O ensino primario continuará a ser obrigatorio nos termos da legislação vigente, salvo a perda dos direitos politicos.

XVI. O producto das multas, estabelecidas na conformidade da base antecedente, será applicado em beneficio das respectivas escolas.

XVII. Os alumnos de todas as escolas de instrução primaria de ambos os sexos são obrigados a fazer exame das materias que tiverem estudado.

XVIII. Nas capitães dos districtos administrativos haverá exames publicos para habilitação para o magisterio em duas epochas do anno. Estes exames serão feitos perante commissões nomeadas pelo governo.

XIX. Os candidatos approvados 'nestes exames serão providos nas cadeiras dos districtos, onde tiverem sido examinados, sem dependencia de novo exame, e sómente em attenção ao seu maior merito moral e litterario.

XX. Os alumnos das escolas normaes, que tiverem 'nellas sido approvados, poderão exercer o magisterio em qualquer parte do reino.

XXI. Os exames para mestras não serão publicos.

XXII. Os professores de instrução primaria continuarão a ser exemptos dos direitos de mercê, e vencerão um ordenado, que nem excederá 200\$000 réis, nem será inferior a 120\$000 réis.

XXIII. Os ordenados das mestras não excederão 100\$000 réis, nem serão inferiores a 60\$000 réis.

XXIV. A melhoria dos ordenados será fixada pelo governo, segundo o gráu do ensino, e as mais circumstancias de cada local.

XXV. O minimo dos ordenados dos professores das escolas normaes será de 300\$000 réis, e o maximo 400\$000 réis.

XXVI. Aos professores das escolas nocturnas, e de aperfeiçoamento, que tiverem algum vencimento por qualquer outro serviço publico, se arbitrará uma conveniente gratificação.

XXVII. Os professores de instrução primaria, que completarem trinta e cinco annos de bom e effectivo serviço, serão jubilados com o ordenado por inteiro, se assim o requererem.

XXVIII. Uma parte de todas as deducções



por desconto nos ordenados dos professores de instrução primaria será privativamente applicada para um monte-pio litterario, em beneficio dos individuos d'aquella classe, que se inhabilitarem para o magisterio, e das suas familias.

XXIX. As camaras municipaes incumbem preparar o local para as escolas dos seus concelhos, e a mobilia e mais objectos necessarios para o serviço das aulas.

XXX. O governo auxiliará as camaras municipaes, concedendo-lhes para este fim edificios, ou terrenos nacionaes, sem prejuizo de outros ramos do serviço publico.

XXXI. As irmandades e confrarias serão obrigadas a concorrer para a sustentação das salas do asylo da infancia desvalida, e das escolas nocturnas, e de aperfeiçoamento.

XXXII. Os inspectores da instrução primaria em cada districto visitarão annualmente a respectivas escolas.

XXXIII. O cargo de inspector de instrução é incompativel com o exercicio effectivo do Magisterio.

XXXIV. A inspecção de intrução primaria será convenientemente dotada para satisfazer a todas as necessidades d'este ramo do serviço publico.

XXXV. Em todos os concelhos se organizarão commissões de beneficencia para auxiliar as escolas e asylos existentes, ou que de novo se crearem, e promover a sua frequencia, e aperfeiçoamento.

XXXVI. O governo desenvolverá as disposições da presente lei por meio dos competentes regulamentos, codificando tambem toda a legislação vigente sobre a instrução primaria.

Fica revogada toda a legislação em contrario.

Sala da commissão de instrução pública, em 19 de junho de 1854. — Antonio José d'Avila — Joaquim Gonçalves Mamede — Justino Antonio de Freitas — A. F. de Macedo Pinto — José Maria de Abreu — José Teixeira de Queiroz — Julio Maximo d'Oliveira Pimentel (vencido quanto á inspecção) — José Tavares de Macedo (com declaração).

## OS TROVADORES E SUAS OBRAS.

Continuado de pag. 130.

Uma multidão d'homens sem talento, condemnados á obscuridade e ao esquecimento, tanto pela natureza como pela fortuna, lançavam-se numa carreira, em cujo termo descobriam uma perspectiva mais lisongeira. Os chocarreiros, cujo mister era cantar os versos dos trovadores, aspiravam ás vanta-

gens de uma outra profissão: a maior parte mesmo dos proprios trovadores tinham apenas uma ligeira tintura das letras, e alguns, muito distinctos para a sua classe, vinham a ser modelos perigosos, quando o interesse ou a adulação apreciava o merito de seus trabalhos. Muitos, para distinguir-se da multidão, affectavam perigosos defeitos, que lhes granjeavam admiradores: uma combinação de versos e rimas capaz de extinguir o fogo do genio; uma obscuridade de estilo, em que tudo parecia enigmatico, sem excitar a menor curiosidade, eram titulos valiosos para obter o applauso publico.

Assim os progressos do gosto, ainda que notaveis a muitos respeito, eram contrariados não só pela geral ignorancia, mas tambem por uma especie de corrupção, que nascia da cultura de uma arte sem principios.

Todavia as obras dos trovadores são preciosas, por que nellas se encontram mais bem retractadas ao natural os costumes da epocha, do que em outro algum monumento d'aquelles seculos.

Os antigos chronicistas, educados no seio das trevas, e dos prejuizos dos claustros, não sabiam por via de regra narrar senão vagamente os acontecimentos publicos mesclados com boatos e ridiculas lendas populares. Os poetas, porém, eram naturalmente os pintores da sociedade. O que viam e ouviam; os usos, as opiniões e as paixões dominantes, eram, sem que os trovadores tivessem em mira instruir a posteridade, o fundamento, e ornato de suas poesias. Entre os antigos Homero supre 'nesta parte os monumentos historicos; e suas proprias ficções são fontes de verdade, que debalde procuraríamos 'noutra parte; nos trovadores ha uma vantagem mais, porque seus generos de poesia, restrictos quasi sempre á vida commum, e aos objectos contemporaneos, tornam saliente o desenho de suas pinturas, e deixam tirar melhor as consequências.

Vê-se alli essa ardente e impetuosa bravura, que ainda caracterisava as nações; que lhes fazia respirar os combates como os prazeres, e que tornava o barbaro direito da espada o primeiro direito da natureza: essa prodigalidade dos senhores castellões erigida em virtude essencial da sua classe, tão pouco delicada nos meios de adquirir como nos de dissipar; não se pejava de accumular rapinas para adornar-se com ruinosa ostentação. — Vê-se esse espirito de independencia, que levava após de si a anarchia, representando, ás vezes por interesse, o humilde corteção papel de simples, mas prompto sempre a levantar-se com audacia, se era excitado por algum acontecimento; essa rude mas varonil franqueza, que exprobase aos grandes como aos pequenos os vícios ou os defeitos das pessoas ou das cousas. — Nota-se alli a cega superstição, alimentando-se de

absurdos e loucuras, sacrificando a seus fantasmas a razão, a humanidade e até o proprio Deus; ultrajando o Ente Supremo com as homenagens que lhe tributava a despeito das leis por elle estabelecidas, e subministrando com seus excessos armas á impiedade; a ignorancia e fanatismo d'um clero vicioso; a petulancia de uma nobreza inquieta e indomavel; a actividade e arrojo de um povo, que sahia da escravidão; os vícios ainda mais que as virtudes dos homens de todas as classes, dominadas ainda pela barbaria dos costumes, ou que começavam a illustrar-se com falsas luzes. — Reconhece-se em fim nesses escriptos dos trovadores o systema e ordem da cavallaria com todo o seu desenvolvimento, seus exercicios e seus jogos; com suas regras e costumes de ordinario contrarios á moral; e sobre tudo essa famosa galanteria, que chegou a ser um dos principaes moveis da sociedade, e que por isso é mister conhecer mais a fundo.

A historia de todos os tempos attesta a veneração, em que as mulheres eram tidas pelos povos do norte. Este sentimento mais ou menos vivo era commun a todas as nações Celticas, entre as quaes figuravam os Germanos, os Escandinavos, e ainda os Escitas; tanto é certo, que a similhança de costumes nem sempre prova a identidade de origem.

Estes povos ferozes, cuja sensibilidade estava mui longe da que reina nos paizes ardentes, tributavam todavia uma especie de culto á mulher, que 'noutras partes se achava reduzida á dura escravidão. Viam 'nella uma especie de divindade; davam-lhe a auctoridade dos oraculos; e o imperio da belleza se firmava no coração d'aquelles povos por uma confiança religiosa. Ou fosse por effeito d'essa força de imaginação, que torna as mulheres tão susceptiveis de extraordinarias commoções, e que ora as arrebatava de enthusiasmo, ora as submerge em deliciosa contemplação; ou fosse por essa finissima sagacidade que ainda sem estar exercitada, as faz penetrar o segredo dos corações; cortar rapidamente de um golpe o nó das intrigas e dos negocios, e dar ao homem inexperados conselhos, superiores ao fructo de suas pausadas meditações; ou já por essa discreta insinuação com que as graças subjugam a força, e a doçura triumphava da ferocidade: ou já finalmente porque todas estas causas e outras mais reunidas concorressem para o mesmo effeito, é incontestavel a extraordinaria influencia d'este facto nos costumes públicos, e no feliz resultado das mais brilhantes empresas.

Para alcançar a belleza que idolatrava, tinha o guerreiro em pouco as fadigas dos combates, as feridas e a propria morte. Os despojos de um inimigo immolado por suas mãos, haviam de acompanhar as pretensões amoro-

sas, vindo em apoio das supplicas do extremado cavalleiro, como tributo de sua admiração. As idéas de amor e valor pareciam inseparaveis; e o poeta confunde-as, cantando os heroes, ou excitando-os ao heroismo. Quantas vezes não deram as mulheres brilhantes exemplos do valor, que ellas proprias inspiravam? Quantas se não associaram aos perigos e trabalhos das mais ousadas expedições? Quantas em fim em temerosos encontros não preferiram a morte a entregar-se ao inimigo vencedor?

Quando os costumes públicos têm tomado na sua origem uma tão determinada direcção, os seus vestigios não se apagam apesar das vicissitudes do volver dos seculos: não é por isso para estranhar, que os Provençães conservassem os mesmos sentimentos de respeito para com a mulher. A cavallaria não creou pois um novo systema, não fez mais que ampliar e polir o antigo.

É sabido, que a guerra, o amor e a religião formavam a base d'aquella notavel instituição: por mui devotos, porém, que fossem n'aquellas eras os grandes senhores, e o povo, e ainda que as idéas religiosas bem ou mal entendidas se envolviam em todos os negocios do seculo, a guerra e o amor, estas paixões tão poderosas, e tão azadas para commover a alma pelos sentidos, deviam geralmente supplantar os objectos invisiveis, que fallavam só ao pensamento para a felicidade de uma outra vida. Suas devoções, como seu fanatismo não desviavam um apice aquelles heroes de respirar o halito saugrento da guerra, nem de servir constantemente ás suas bellas com muito maior fervor, que ao seu Deus.

Consagrar coração e serviços á dama de seus pensamentos; viver exclusivamente para ella; aspirar só por ella á gloria das armas, e da virtude; admirar suas perfeições, e tornar-a o alvo da admiração pública; ambicionar o titulo de seu cavalleiro servente, de seu escravo; e, em recompensa de tanto amor, de tantos esforços, julgar-se ditoso, se ella se dignava-se aceitar-lh'os; em uma palavra servir a sua dama como a uma especie de divindade, cujos favores só podem ser o premio dos mais nobres sentimentos; divindade que só se ama com respeito, que só se reverencia com amor; eis um dos principaes deveres de todo o cavalleiro, ou d'aquelle, que aspirava a sel-o.

Com tal systema d'amor não podia deixar de exaltar-se a phantasia, e assim ao mesmo tempo que elle creava heroes, fazia renascer todas as loucuras da mythologia.

Se a galanteria reinou na sociedade civil, não pouco contribuíram os trovadores para engrandecer o seu imperio e a celebridade de seus triumphos. Quasi todos se dedicaram ao culto das damas; uns por sentimento, outros por ostentação, e muitos por interesses

porque era o caminho da fortuna; e as damas, ansiosas de um incenso, que parecia eternizar seus encantos, não deixavam de favorecer o poeta adorador.

A paixão e a lisonja concorreram igualmente para exaltar a fama do parnaso provençal.

Quanto, porém, distava o amor n'aquelles ditosos tempos da cavallaria, do estado em que o imaginaram alguns auctores de outros tempos, que se julgaram menos felizes, por serem mais modernos?! Se a historia não attestasse a desordem e licença dos costumes, as obras dos trovadores offereceriam multiplicas e incontestaveis provas d'esse facto. Entre alguns exemplos de um puro amor, sujeito ás leis do pudor e aos deveres da moral, encontram-se mil rasgos de escandalosa libertinagem; os sentidos só apoderando-se do coração; a fé conjugal frequente e impudicamente violada; ás vezes os costumes ultrajados com cynica indecência; em fim os mesmos vícios de epochas mais remotas, ainda que menos disfarçados debaixo de honestas apparencias.

D'aqui nasceram as satyras com que muitos d'aquelles poetas, exaltando os tempos passados, bem dignos de censura, pintam com mui sombrias côres os excessos de seus contemporaneos; tanto é natural a exaggeração das antigas virtudes para criticar com mais azedume os vícios presentes.

A indulgencia, porém, para com os mortos não deve fazer-nos injustos para com os vivos; elogiemos o que nestes havia digno de louvor, reconhecendo ao mesmo tempo, o que aquelles tiveram de máu. O valor, cavalheirismo, e os galanteios d'aquelles tempos eram frequentemente obscurecidos pelos mais grosseiros vícios, inherentes ao estado informe d'aquella sociedade; e no meio dos nossos refinados vícios brilham ainda eminentes virtudes, que a melhor cultura dos costumes, e o imperio da razão devem multiplicar e aperfeiçoar no futuro.

La Rev. Unversitaria.

## ARREDORES DE COIMBRA'.

### V.

#### Penédo da Saudade<sup>2</sup>.

Entre a folhagem densa acastellado,  
Horizonte, que basta aos olhos meus,  
Alli vou encontrar, d'alli sozinho  
Contemplo o valle, e o rio, e o bosque, e os ceus.

LAMARTINE.

Com este poetico nome condecorou o mais

formoso, e ameno sitio de Coimbra o infeliz amante de D. Ignez de Castro, o principe D. Pedro<sup>1</sup>.

Sobranceiro a um extenso valle, povoado de espesso olivedo, e alvas casinhas, entesta com a graciosa quinta da Boa Vista, com a das Varandas, e Arregaça, e descobre, entre S. Jorge, e Villa Franca, a branda corrente do placido Mondego.

Fica-lhe proxima a fonte do Cidral, memoravel pela frescura, e abundancia de suas aguas, e mais distante, e quasi de frente, a celebrada fonte do Castanheiro<sup>2</sup>, onde, na madrugada do dia de S. João, concorrem, em festivos descantes, numerososromeiros.

Todos os dias visitam os estudantes esta deleitosa estancia, consagrada ao mais terno sentimento, que só a lingua portugueza logra exprimir por termo adequado<sup>3</sup>:

Saudade!

Mavioso nome, que tam meigo soas  
Nos lusitanos labios, não sabido  
Das orgulhosas bocças dos Sycambros  
D'estas alheias terras<sup>4</sup>.

Aqui, neste famoso assento, vem espaiarecer o espirito, divertindo os olhos por tão dilatados horisontes; contemplando tão risonhos quadros.

Aqui passam algumas d'essas horas subcessivas, que tanto lembram depois ao regressar á patria<sup>5</sup>.

E não sei, que fragrancia vaga de melancólica poesia se respira neste sitio, que raro é o poeta, que, visitando-o, não o celebre em seus cantares;

E d'elle inda confiam mil amantes

Brandos queixumes, com que amor exulta<sup>6</sup>.

M. DE GUSMÃO.

Lobo na sua Primavera — floresta terceira; Penédo das Saudades escreveu tambem Duarte Ribeiro de Macedo nas suas Obras metricas; porém Domingos Maximiano Torres (Alfeno Cynthio), Malhão, Seabra, e outros poetas modernos, escrevem Penédo da Saudade.

<sup>1</sup> Bellezas de Coimbra — cap. XXIII — pag. 142.

<sup>2</sup> Veja-se a mimosa poesia — A fonte do Castanheiro, — que o sr. dr. Francisco de Castro Freire publicou no Tropador — pag. 215; e outra não menos mimosa Almira e Felizco, ou a fonte do Castanheiro — Metamorphose — por Manuel Ferreira de Seabra — publicada na Revista Academica — n.º 7.

<sup>3</sup> «Só o portuguez com a unica palavra saudade sabe exprimir com muito maior força e energia a constancia do amor ausente.» — Castro — Mappa de Portugal — Parte 1.ª — cap. XIII.

<sup>4</sup> Camões — Pelo Visconde de Almeida Garrett — canto primeiro — e nota A.

<sup>5</sup> Coimbra — (Recordações) — Pelo sr. J. de Lemos.

<sup>6</sup> Anfriso, ou o Penédo da Saudade — metamorphose — por Manuel Ferreira de Seabra — Jornal de Coimbra — n.º 36 — Parte II — pag. 264.

<sup>1</sup> Veja-se o n.º 13 do Instituto — vol. IV, e os n.ºs 3, 8, 11 do mesmo jornal — vol V.

<sup>2</sup> Penédo das Saudades escreveu Francisco Rodrigues

## TRATAMENTO DAS VINHAS COM ENXOFRE.

Continuado de pag. 119.

### II.

#### Aplicação do enxofre.

A aspersão com a flor d'enxofre deve repetir-se duas, trez e o maximo quatro vezes, segundo as diversas variedades do videiras, e a maior ou menor intensidade da molestia.

Quando o *oidium* tem atacado levemente, pelo meado de junho, as cepas e varas, não é ordinariamente necessario applicar-lhes mais de uma vez a flor d'enxofre. Num grande numero de casos a operação duas vezes repetida dá um resultado satisfactorio. A vegetação torna-se excellente, as uvas crescem com vigor, e tocam a madureza, sem que a molestia as acometta de novo. Nas vinhas onde a molestia começa a apparecer logo na primavera, invadindo as cepas e os gomos com força, é indispensavel applicar-lhes o enxofre até trez vezes; o ponto, porém, essencial para o bom resultado da operação está, em applical-o na época propria, e no momento dado, que pôde variar por assim dizer em cada vinha, e em cada cêpa; e é seguramente por se não ter attendido bem a estas e outras circumstancias, que o remedio nem sempre tem feito desaparecer o mal, dando assim logar á incerteza, em que ainda laboram muitos agrônomos distinctos sobre a efficacia d'esse remedio.

A flor d'enxofre deve applicar-se no momento em que a molestia começa a apparecer nas cepas, porque, se o *oidium* chega a apoderar-se da vinha, não é possivel extingui-lo completamente; em certas cepas os cachos serão completamente destruidos, 'noutras se tornarão denegridos, e na época da madureza a cuticula fende-se e arregôa, inutilisando-se completamente.

Para conhecer, porém, a occasião propria, em que deve começar-se a operação, é necessaria uma longa prática.

A época, em que a molestia principia a invadir as primeiras cepas, varia, como já dissemos, segundo a qualidade das videiras, e as condições meteorologicas de cada anno.

Em geral a molestia começa em abril, e vai augmentando no mez seguinte sobre as cepas, pollegares, e gomos; e é então indispensavel sacrificar todos os renovos e applicar immediatamente ás videiras o enxofre; os renovos arrancados poderiam curar-se, mas a alteração que a molestia tem produzido 'nelles é tal, que ficariam sempre definhados, e o fructo seria de má qualidade.

Se 'nesta epocha (maio) não sobrevem chuvas, e que a flor d'enxofre applicada sobre as videirasahi permanece exposta ao sol por algumas horas; ou não é levada pelas chuvas

nas primeiras 48 horas, o remedio deve produzir o devido effeito, que só se conhece muitos dias depois; os gomos atacados perdem então o cheiro ao bolôr, que é caracteristico do *oidium* e um dos signaes da molestia; as manchas brancas das folhas tornam-se cinzentas, e o pó, que as envolvia, desaparece.

A molestia pôde então julgar-se extincta; e os gomos crescem muito vigorosos; é preciso, porém, examinal-os com attenção ao cabo de trez semanas; se no reverso e nos recortes das folhas mais novas se descobrem manchas brancas, é signal de que a molestia torna a apparecer, e é necessario repetir a aspersão da flôr d'enxofre por tempo eacuto, como da primeira vez.

Deve continuar a observar-se o effeito do remedio, passadas trez semanas, e repetir terceira, e até quarta vez, o mesmo processo, se assim fôr necessario.

Applicando o enxofre depois do meado de julho duas ou trez vezes, escusado será renovar a operação, porque a colheita pôde reputar-se salva.

Nalgumas variedades de videiras a molestia não se declara antes dos fins de maio; 'nesta epocha as folhas amarellecem, e encarquilham-se, apresentando tambem as manchas brancas.

A flôr d'enxofre applicada pelo processo, que deixamos indicado, produz excellentes resultados. Ao cabo de oito ou dez dias as videiras tornam a apresentar a sua côr verde natural, e as manchas brancas na extremidade das folhas, ou dos cachos desaparecem.

Por vinte ou trinta dias a molestia cessa de todo, segundo o tempo corre mais ou menos favoravel; passado este periodo, os signaes de uma nova invasão começam a manifestar-se; os tenros pampanos das parras amarellecem, e no reverso cobrem-se de manchas brancas, que atacam tambem alguns bagos dos cachos.

'Nestas circumstancias deve repetir-se logo a aspersão do enxofre, porque, se esta operação se demora muito, as folhas tornam-se cada vez mais amarellas; encarquilham-se; novos renovos de folhas petisêcas e encarquilhadas rebentam ao longo da vara, o que é signal tão caracteristico da molestia, como o cheiro do bolôr; finalmente as manchas brancas dos cachos envolvem-nos completamente, e tornam-se cinzentas, e chegando a este estado, não é possivel fazer desaparecer de todo nos cachos os signaes da molestia, ainda que esta possa curar-se, porque a uva já então tem soffrido alguma alteração, e de ordinario a cuticula fende-se na época da maturação. E eis-aqui porque se deve applicar o enxofre, logo que apparecem os primeiros signaes do mal repetindo-se a operação de oito em oito dias, sobre todas as partes verdes da planta. Quando a flôr d'enxofre se applicou, logo que appareceram os primeiros indicios da molestia,

até ao meado de julho, é escusado repetir mais a operação.

Ha algumas variedades de videiras que, sendo atacadas pelo *oidium*, apresentam anomalias notaveis: A molestia manifesta-se ordinariamente na época da florescencia pela amarelidão dos pampas e pelas manchas esbranquiçadas nas folhas e particularmente no seu recorte; os cachos tanto antes, como depois da florescencia cobrem-se de pó do *oidium*.

Dados estes primeiros symptomas, deve applicar-se logo a enxofragem; toda a demora é prejudicial, porque a molestia toma repentinamente uma nova e terrivel forma: a vegetação das cepas suspende-se; a folha torna-se *arroxeada*, seca, e cae; o fructo seco tambem, ou se atrophia, e muitas vezes continúa a cobrir-se lentamente de pó cinzento; os bagos separam-se uns dos outros ou ficam tão pequenos, que apenas se vê o engão.

Esta forma especial da molestia é conhecida hoje com o nome de *arroxeado* — *rouget*, que é comtudo differente da affecção conhecida entre os vinhateiros com aquelle mesmo nome.

O *arroxeado*, que se segue ao *oidium*, é uma consequencia d'este, e não chega a manifestar-se, quando a enxofragem tem sido applicada logo no começo da invasão do *oidium*.

O *arroxeado* faz os seus maiores estragos, quando os calores são mais intensos, desde 15 de julho até 15 de agosto. De todas as formas da molestia esta é a mais fatal, e cujos effeitos são mais destruidores.

O enxofre applicado 'num anno não' é um preservativo infalivel da molestia para os annos seguintes; mas é simplesmente um agente por excellencia destruidor do *oidium*, que morre, posto em contacto com elle: a acção do enxofre é simplesmente curativa, e como tal os seus bons effeitos não podem hoje constatar-se á face das numerosas experiencias feitas em diversos paizes vinhateiros, e autorizada já pela pratica entre nós.

J. M. DE ABREU.

## NOTICIARIO.

**Necrologio scientifico.** Na mesma semana a Inglaterra e a França perderam dois dos mais illustres geologos da época actual, o doutor Buckland, e M. Constant Prevost.

O Dr. Buckland morreu a 14, e Constant Prevost a 16 de agosto; o primeiro contava 72, e o segundo 70 annos de idade.

Buckland obteve em 1801 um logar de pensionista no collegio de *Corpus Christi* de Oxford, e recebeu o gráu de bacharel em artes em 1803.

'Nesta época Oxford não era notavel pelo estudo das sciencias naturaes, apesar de possuir cadeiras de botanica, chimica e mineralogia.

Buckland tinha uma decidida inclinação pela mineralogia, de que foi professor 'naquella universidade em 1813, e posteriormente passou para a cadeira de geologia, a cujos estudos elle dera um grande impulso.

Em 1820 Buckland leu perante a universidade de Oxford um discurso com o titulo— *Vindiciae geologicae*, em que tractava das relações entre a religião e a geologia, mostrando que entre as obras e a palavra de Deus não pôde haver opposição, e que a influencia do estudo das sciencias naturaes, longe de abrir o caminho para o atheismo, e para a irreligião, conduzia infalivelmente ao conhecimento de Deus e das suas obras. 'Nesta época Buckland defendia, ainda a tradição do diluvio universal; em 1836, porém, na sua obra sobre a *geologia e a mineralogia consideradas de baixo do ponto de vista da religião natural*, adoptou a opinião de Lyell e d'outros geologos modernos.

As *Reliquiae diluvianae* é outra obra muy notavel d'este sabio geologo, além de muitas memorias e dissertações publicadas em diversos jornaes scientificos.

Em 1825 o doutor Buckland accitou o curato de Stoke-Charity proximo de Whitchurch, e no mesmo anno foi nomeado conego da cathedra de Christ-Church. Em 1847 foi nomeado administrador do Museu britanico, onde augmentou muito as colleções geologicas e mineralogicas. Em 1845 tinha sido nomeado deão de Westminster.

Constant Prevost desde a sua mocidade mostrara grande paixão pelo estudo das sciencias, e sacrificara pela sua cultura as vantagens e interesses ligados ás mais nobres tradições de uma familia illustre.

Discipulo de Cuvier, Duméril, e Brogniart, associado depois aos seus trabalhos, e posteriormente intimo amigo e collaborador de Blainville, M. Prevost hesitara primeiro entre a geologia e a historia natural, decidindo-se á final por aquella sciencia, a que exclusivamente se dedicou no decurso dos seus estudos.

As suas observações sobre os terrenos terciarios de Vienna, e os secundarios da Normandia foram um assignalado serviço para a sciencia.

Persuadido que todos os phenomenos naturaes do globo se ligam sem interrupção aos das épocas geologicas anteriores, M. Prevost desinvolveu em muitas obras importantes esta doutrina, separando-se assim das tradições da eschola geologica de seus primeiros mestres, e abrindo um novo caminho ás mais importantes descobertas.

Mr. Despretz communicou á Academia das

sciencias na sessão de 26 de agosto a prematura morte de Mr. Gerhardt com estas sentidas expressões:

« Eu tenho a dôr de annunciar á Academia a morte de um dos seus mais jovens e activos correspondentes, M. Gerhardt, professor na faculdade das sciencias, e na escola de pharmacia de Strasburgo.

« Mr. Gerhardt era reputado pelos homens mais competentes como um dos mais sabios chimicos da Europa.

« Gerhardt teve a sorte do seu desgraçado amigo e collaborador M. Laurent. Foi roubado á sciencia no vigor do talento, quando tractava de dar a ultima demão á publicação de uma obra mui extensa e completa sobre a chimica organica. »

**O jardim das plantas de Paris.** A riqueza de animaes raros e curiosos é hoje maior que nunca 'neste estabelecimento, segundo diz o *Bulletin de Paris*; existem actualmente alli onze leões, duas hyenas, um tigre real, duas pantheras, um *oulot*, sete ursos, um gupard, duas vacas sem pontas, sete *yacks*, trez bufalos, trez girafas, um elefante, dois hippopotamos, treze zebras, camelos lhamas do Peru, apagas, um tapirete, javalis, antilopes, gazellas, etc. e uma riquissima collecção de aves vivas, quatro grandes condors, aguias, abestruzes. Entre os macacos admira-se o grande *Chimpanzé*, um dos individuos mais raros d'esta familia.

**Gelo americano.** O gelo é na America um objecto de commercio cada vez mais importante, e cujo principal centro é Boston; o total da exportação em 1855 foi de 150 mil toneladas, ou trezentos mil kilogrammas. Os dois terços d'esta enorme porção de gelo foram consumidos nas provincias do sul dos Estados Unidos; o outro terço foi transportado para a America do sul e Indias occidentaes. O consumo do gelo nas principaes cidades da America do norte foi calculado do seguinte modo: Boston, sessenta mil toneladas; Nova York, trezentas mil; Philadelphia, duzentas mil; Baltimore, quarenta e cinco mil; Washington, vinte mil; Charleston, quinze mil; Nova Orleans, quarenta mil; S. Luiz, vinte cinco mil; Cincinnati, vinte cinco mil.

**Observatorio de Paris.** O poder optico dos actuaes instrumentos do observatorio imperial, diz M. Le Verrier, é mui fraco para se poderem observar, regular e rigorosamente, debaixo do céu de Paris a maior parte dos pequenos planetas. Os nossos grandes circulos de Fortin e de Gambey, obras primas de uma arte maravilhosa, e de que tanto se tem gabado

a incomparavel precisão, estão como tocados de uma myopia incuravel. O grande equatorial, com o seu objectivo de 14 polegadas, e cujo pé tem como passado ao estado de mytho, e que não poderá ser instalado na cupula construida para elle á custa de grandes despesas, não existe e talvez nunca existirá, de maneira que nada, ou quasi nada possuimos á excepção da luneta meridional de Cauchoix, cujo objectivo de 6 polegadas, apesar da sua rara perfeição, é muitas vezes insufficiente; assim, diz o illustre astronomo, a França está 'neste ponto 'numa inferioridade tal, que lhe não permite concorrer com os principaes observatorios de Inglaterra e da America.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares d'instrução publica, desde o dia 15 de agosto até egual dia de setembro do corrente anno, por despachos do Conselho superior d'instrução publica, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio Cezario Corrêa, para professor temporario da cadeira de Mouriscas, districto de Santarem.

Bernardino José Ignacio Pinheiro de Sena, para dicto de Pouzafolles, districto da Guarda.

João dos Sanctos de Sousa Cordeiro, para dicto de Izedo, districto de Bragança.

Antonio Caetano Moreira Pinto da Veiga, para dicto de Porco de Varzim, districto do Porto.

João Maria Pessoa Godinho, para dicto de Taveiro, districto de Coimbra.

João Marques Raphael, para dicto de Seiga, districto de Santarem.

João Theodoro da Silva Ribeiro, para dicto da Zibreira, districto de Castello Branco.

Luiz Delgado Ribeiro da Silva, para dicto da Perucha, districto de Santarem.

Manuel Marques d'Oliveira, para dicto de Sellir de Mattos, districto de Leiria.

Thomazia Emilia Monteiro Magalhães Pinto, para mestra de meninas da villa de Vallongo, districto do Porto.

Matilde José da Silva Pinto, para dicta de Villa do Conde.

José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, para professor vitalicio da villa d'Ilhavo, districto d'Aveiro, por decreto de 27 d'agosto ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Joaquim Adriano, para guarda do Museu Portuense, por decreto de 20 d'agosto ultimo.

José Maria Gomes d'Abreu, para professor vitalicio da cadeira de latim de Celorico de Basto, districto de Braga, por decreto de 27 d'agosto ultimo.

Antonio Francisco Moreira de Sá, para o logar de fiel e agente da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por decreto de 4 de setembro corrente.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

José de Souza Ribeiro Pinto, para o logar de secretario da Academia Polytechnica do Porto, por decreto de 19 d'agosto ultimo.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto*; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia *franca de porte* será dirigida — A' *Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24  
numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$440  
Por semestre, ou 12 numeros, dictos 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem d'este 5.º volume serão pelo mesmo preço d'assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III e IV d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Continuado de pag. 135.

Em quanto a compendios. Pelo decreto de 17 de novembro de 1836 art. 64, §. 3.º estava ordenado, que aos conselhos dos lyceus pertencia o exame, escolha, e composição d'elles, *fazendo sobre isso proposta á direcção geral dos estudos*; mas pelo art. 167 do decreto de 20 de setembro de 1844 se ordenou, que os compendios, por onde devem lêr-se as disciplinas d'ensino público, serão propostos pelos professores, e approvados pelos conselhos das respectivas escolas.

Em consequencia d'esta ultima legislação, os compendios são approvados e adoptados

VOL. V.

OUTUBRO 1.º—1856.

pelos conselhos dos lyceus, sem dependencia alguma do conselho superior, nem approvação de V. M. D'aqui resulta que em tal conselho do lyceu é adoptado tal compendio, menos perfeito, mais deficiente, e ás vezes mesmo defeituoso; e é rejeitado, ou pelo menos não se faz uso d'elle, outro incomparavelmente melhor, que foi adoptado pelo conselho d'outro lyceu, e onde por elle se ensina. Muitas vezes são vogaes do conselho do lyceu os auctores do compendio, que se propõe; e 'nesses casos é de recear, que a deferencia para com o auctor prefira ao merecimento real do livro.

Pelo art. 27 do regulamento de 10 de novembro de 1845, n.º 4 e 6, é o conselho encarregado de dar providencias para, nas escolas publicas e particulares, se estabelecer a uniformidade de doutrina, e methodo em todos os ramos de ensino, promovendo a introdução de compendios d'instrução, e approvando os que forem accommodados aos usos das escolas. Mas no art. 167 §.º un. do dec. de 20 de setembro de 1844 se ordenou qu o governo poderá mandar imprimir os compendios approvados para o ensino público, guardada a disposição do art. 3.º *quanto á instrução primaria*, ficando todavia sujeitos ás taxas, que devidamente lhes forem impostas, isto é, como diz o art. 3, §. 2.º, para serem mandados usar nas escolas, sujeitar-se-hão seus auctores aos preços, e condições d'impressão, que o governo lhes designar. Á vista d'esta segunda lei tem-se entendido, que, não sendo comprehendidos 'naquella restricção os compendios dos lyceus e escolas, ficarão estes fóra de toda a dependencia do conselho superior; para nada se lhe dá conhecimento dos compendios adoptados, e o conselho superior fica na impossibilidade de regular a uniformidade do ensino, nem propôr a V. M. as respectivas taxas. Resulta d'isto que alumnos d'uns lyceus mal podem satisfazer a exames 'noutros, porque estudaram por livros diversos, materias, e methodos differentes; e os auctores vendem por preços arbitrarios, ás vezes carissimos, compendios, que os alumnos são obrigados a comprar.

Em V. M. está remover todos estes inconvenientes por um simples acto executivo, porque, pelo art. 165 do dec. de 20 de setembro de 1844, *as materias e methodo d'ensino são*

NUM. 13.

objecto de disposições regulamentares; e ninguém dirá, que compendios não involva materia e methodo de ensino. Para regular objecto tão importante e tirar o conselho superior da impossibilidade, em que se acha de cumprir o que lhe incumbem pelo art. 27 do regulamento de 10 de novembro de 1843, n.º 4 e 6, o conselho respeitosamente implora a V. M. se digne mandar declarar como disposição regulamentar, que a escolha e approvação de compendios para uso das escolas, facultada aos conselhos dos lyceus, e a quaesquer escolas de qualquer categoria, que sejam, fica sempre subordinada ao conselho superior, para este poder previamente exercer suas attribuições de uniformizar doutrina e methodo em todos os ramos de ensino, e propôr a V. M. quanto convier sobre taxas, e quaesquer condições, com que hajam de ser admittidos a uso das escolas.

A aula de diplomatica, annexa ao lyceu de Lisboa, foi frequentada com aproveitamento por nove alumnos, a quem se passou a respectiva attestação de frequencia e aproveitamento.

A academia de Bellas Artes de Lisboa foi frequentada por 293 alumnos, concorrendo 161 ás aulas de dia, e 131 ás aulas nocturnas; e á vista das declarações nos respectivos mappas, o conselho não pôde deixar de se comprazer por ver que tantos alumnos, de tão variadas artes e officios, procuram 'nesta escola habilitar-se com principios da sciencia, que hajam de guial-os no vasto e escabroso campo da industria.

A academia de Bellas Artes do Porto foi frequentada por 117 alumnos, dos quaes foram afinal approvados 71, e com elogio 17. Nos mappas d'esta academia não apparece como nos de Lisboa declaração das profissões, a que os alumnos pertencem; mas pôde suppor-se, que a maior parte sejam tambem das profissões industriaes: e e de esperar que no porvir estes alumnos tão poderosamente auxiliados com os principios da sciencia, correlativos ás suas profissões, farão mui proveitosos esforços para 'nellas sair da rotina, e elevar-se pela illustração, e pela perfeição das suas obras, á categoria, que a civilisação lhes destina.

E para sentir que esta academia, bem como a polytechnica, a medico-cirurgica, e todos os estabelecimentos litterarios da grande cidade do Porto estejam tão mal accommodados em diversos edificios, todos acanhados, mal apropriados, e desprovidos geralmente de apprestos, e meios para desempenhar perfeitamente as funcções do ensino, para que foram creados. A cidade depositaria fiel do coração do grande D. Pedro; a cidade que se fez digna de tamanha honra, e que tantos sacrificios fez a bem da liberdade de todo o paiz, é digna de ter um edificio, em que reuna todos os seus estabelecimentos litterarios —

Lyceu — Polytechnica — Medico-Cirurgica — Bellas-Artes — Escola industrial — Museu — Bibliotheca — com todas as pertencças respectivas a cada um: e a opinião geral indica como local apropriado, e com capacidade para tudo isso, o começado edificio da Graça, acabando-se debaixo d'um plano bem detalhado para accommodação de todas essas repartições, havendo a vantagem de se poder estabelecer o Jardim Botanico no terreno que lhe fica juncto, e se acha desocupado pelos cordoeiros. O governo que levasse a effeito tal empresa ergueria o melhor dos monumentos á sua illustração e patriotismo.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa, de 24 de dezembro de 1855.**

*Continuado de pag. 137.*

### CAPITULO XIV.

*De como é da maior necessidade impor multas aos paes de familia, que não mandarem os filhos, que tiverem completado seis annos de idade, á escola publica de instrução primaria.*

É mais que muito para lamentar, e de so-bejo ha sido lamentado, que sejam tão pouco frequentadas pelas classes inferiores da sociedade as escolas publicas da instrução primaria. As causas têm sido indicadas por vezes; e, no meu relatorio do anno passado, tornei a mencional-as: são sempre as mesmas. Os paes allegam a sua extrema pobreza, e a necessidade, que têm dos pequenos serviços dos filhos, mal estes os podem prestar de qualquer natureza, que sejam. Allega-se este pretexto nas maiores povoações; e apresenta-se como razão invencivel nas povoações mais pequenas, e sobre tudo nas povoações ruraes. O queixume é tão geral, como a falta de frequencia: não é culpa, ou senão privativamente nosso; mas, 'nontas partes, applicou-se ao mal remedio efficaz; e é d'esse, que precisamos.

Quando se estuda atento a indole do nosso povo, e se reflecte com seriedade nas pessimas consequencias da crassa ignorancia de tão avultada porção da sociedade, não pôde deixar de nascer a convicção de que, tendo de perder-se, como ate hoje se tem perdido, o tempo, e o trabalho, que se empregar em mover pelos meios suasorios os paes de familia a que mandem seus filhos a frequentar as escolas, não ha senão a appellar para providencias, cujo resultado não fique duvidoso.

Assim como as causas do mal são princi-



palmente as duas, que tenho indicado, assim também são principalmente dous os remedios. O primeiro é o que deixo indicado no capitulo antecedente; pois que, subministrando-se ás crianças pobres tudo que lhes é necessario para aprender, sem que os paes de familia tenham de sujeitar-se a nenhuma despesa por tal motivo, cessa, na maxima parte, o motivo pretextado, ou, talvez que infelizmente, não poucas vezes com verdade produzido. O segundo é a imposição de uma multa moderada, mas exigida *impreterivelmente*, a qual será applicada para as despesas litterarias do municipio, e cobrada administrativa, e summarissimamente de simples ordem do administrador do concelho. Os paes de familia, que não mandarem os seus filhos á escola, e que não vigiarem a sua effectiva frequencia, vendo-se assim multados inexoravelmente, preferirão sem dúvida satisfazer ao preceito da lei; sobre tudo se a auctoridade administrativa, na mesma occasião de fazer effectiva a multa, lhes fizer sentir a conveniencia geral, e mais ainda a utilidade, d'elles paes e filhos, de se habilitarem com a instrucção, que a uns e outros a sociedade proporciona tão facil e benignamente. Não é este o lugar proprio de entrar na deduzida justificação da providencia proposta; mas sim tão sómente de a apresentar como resultado consciencioso de amadurecidas considerações sobre tão importante assumpto. Além de que, V. M. sabe, que se está praticando assim em paizes sobremaneira esclarecidos; e que é materia já entre nós legislada, posto que sem execução, como por infortunio em tantas outras cousas nos acontece.

Estas considerações merecerão de certo a attenção de V. M.; porém maior a merecerão ainda, se V. M. se dignar volver olhos reflectidos sobre o mappa juncto, d'onde se deprehende, que de ordinario ficam sem nenhuma instrucção litteraria, nesta capital, e districto, approximadamente 16:602 crianças, de ambos os sexos, de idade de 7 a 12 annos.

Os calculos, a que me refiro, são fructo de muito trabalho, porque me vi na necessidade de mendigar informações particulares, mas authenticas, de cada um dos reverendos parochos d'este districto, para o que pedi auctorisação que benevolmente me foi concedida, ao em.<sup>o</sup> e r.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha; foram além d'isso examinados escrupulosamente os mappas, e informações officiaes dos professores publicos, e particulares; o egualmente se tiveram em conta outros elementos sufficientemente qualificados. Entretanto com franqueza direi, que não confio ainda, como desejava poder confiar, neste trabalho, e que desde já medito os meios de o levar a muito maior perfeição; porém serve desde já, para tirar-se com segurança a inferencia, que mais deve importar, isto é, que fica sem nenhuma

instrucção muito maior numero de crianças de 7 a 12 annos de idade, do que é o numero dos que frequentam as escolas publicas, pois que é, provavelmente, um numero egual ao d'estas, e mais o terço.

Em consequencia tenho a honra de propor a V. M., pedindo que seja convertida em lei, a seguinte proposta:

### *Projecto de lei.*

Art. 1. O pae de familia, ou quem suas vezes fizer, que não mandar seus filhos, alumnos, ou tutorados, á escola publica da freguezia da sua residencia, ou mais proxima, logo que tenham completado seis annos de idade, pagará de multa 250 réis.

§. unico. Quando convier ao pae de familia, ou a quem suas vezes fizer, mandar o filho, alumno, ou tutorado, a outra escola, que não seja a da freguezia da propria residencia, ou mais proxima, assim o fará constar ao administrador do bairro ou concelho, perante o qual provará com documento competente, que seu filho, alumno, ou tutorado, frequenta a escola, que for declarada.

Art. 2. Se o pae de familia, ou quem suas vezes fizer, depois de ter pago uma vez a multa estabelecida no art. 1, reincidir, pagará multa dobrada, isto é, 500 réis. Se tiver logar terceira reincidencia, será julgado correccionalmente, e aggravada a multa a prudente arbitrio do juiz. Isto se praticará por tantas, quantas vezes as reincidencias se repetirem.

Art. 3. Estas multas serão cobradas pelo regedor da freguezia em virtude de mera ordem do administrador do bairro ou concelho.

Art. 4. O administrador de bairro, ou concelho, sob sua responsabilidade pessoal, investigará por via dos regedores das freguezias, cabos de policia, e por outra qualquer via, que julgar conveniente, quaes são os paes de familia, ou pessoas, que suas vezes fizerem, infractores d'esta prescripção, ás quaes a multa deve ser imposta.

Art. 5. O producto das multas estabelecidas, e mencionadas nos artt. antecedentes será arrecadado pela respectiva camara, a qual dará contas d'elle; será incluído no seu orçamento da receita; e será applicado ás despesas a fazer com os soccorros prestados aos alumnos pobres da instrucção primaria.

Art. 6. Fica revogada a legislação em contrario.

### CAPITULO XV.

*De como pede a equidade, que se dê um auxilio pecuniario aos professores de instrucção primaria, que leccionarem effectivamente mais de 100 discipulos.*

O decreto de 20 de setembro de 1844 no §. unico do art. 26 estabelece uma gratifica-

ção annual de 10\$000 réis aos professores de instrução primaria, d'um, e outro sexo, que tiverem mais de 60 discipulos na cidade de Lisboa e em algumas outras cidades, das quaes não tracto, porque não me compete occupar-me agora senão somente do que diz respeito ao districto litterario a meu cargo. Esta providencia é fundada em manifesta equidade; porque não só cresce o trabalho com o augmento dos discipulos, porém crescem tambem as despesas dos professores com a maior renda da casa, mobilia, limpeza, e outros objectos. Sendo assim, como não pode disputar-se, torna-se de evidencia que, quando o numero dos discipulos subir muito além de 60, por identica razão á que lhe assegura a gratificação de 10\$000 réis annuaes, se deve conceder aos professores mais avultada gratificação. E na verdade em Lisboa ha professores, e não poucos, que têm muito mais de 100 discipulos, e tambem os ha, que têm para cima de 150. E manifesto, que os professores, assim frequentados, estão sujeitos a grande augmento de despesa, porque so por preço muito alto se pode alugar casa em Lisboa, onde haja sala com a capacidade sufficiente para conter, sem grande incommodo, tão crescido numero de discipulos, ficando sufficiente espaço para os exercicios escriptos. E quanto não se agrava o trabalho material do professor, embora o seu methodo de ensino seja o mais approvedo? Só o não apreciará devidamente quem de todo o ponto ignorar as grandes difficuldades, de que se acha rodeado o professor de instrução primaria para poder regular as classes, o tempo, e as materias do ensino; difficuldades, algumas das quaes todavia, a haverem de ser renovadas, afugentar-se-hia de frequencia talvez a maior parte dos discipulos; porque os paes, e tutores geralmente, não querem prender a instrução dos seus filhos, ou pupillos, nem a epochas determinadas de matricula, nem a horas certas de lição, nem a uniformidade dos compendios, etc., etc.

Se porventura se pretendesse acabar com taes tropeços e difficuldades, seria o remedio peor, do que a doença, pois que diminuiria notavelmente o numero dos discipulos, e mais se circumscreveria a já tão circumscripta diffusão da instrução menos dispensavel, como é a primaria.

Além d'isto a providencia alludida, que se estabelece no citado §. unico do art. 26, tão fundada, e de tanta equidade, tornar-se-hia, de alguma maneira, relativamente injusta, porque equalaria o trabalho, despesa, e vexame dos professores de 60 discipulos ao vexame, despesa, e trabalho dos professores de mais de 100, 120, ou 140 discipulos.

E note-se, que não é a só um professor, que tem acontecido ver-se na precisão de fechar a porta a discipulos, que se apresen-

tam por não caberem já na sala destinada aos exercicios escolares. E não se diga, que a culpa é do professor, porque, para diminuir despesas, aluga casa impropria, e acanhada. Não é assim, por que taes factos se têm dado com professores, que pagam 43\$200, 45\$600, e 48\$000 réis de renda de casa; mas que não a poderiam obter de maior capacidade por menos de 55\$000, ou de 57\$600 réis. E que fica a um professor, como remuneração do seu trabalho, e para sustentação sua, e da familia, já não digo pagando 55\$000, ou 57\$600 réis; mas pagando 43\$200, ou 48\$000 réis, como pagam, e não podem deixar de pagar os professores, que têm para cima de 140 discipulos? Ficam-lhes 81\$680, ou 76\$880 réis!!

Em vista do exposto, que tem por base, factos incontrovertidos, e de mim conhecidos officialmente; e cuja solução parece que mero bom senso, á parte mais altas considerações que não julgo necessario invocar agora, basta a persuadir, tenho a honra de propor a V. M. que, a todos os professores de instrução primaria, que tiverem mais de 100 discipulos effectivos, seja paga, em logar da gratificação de 10\$000, a de 20\$000 réis annuaes; e que a gratificação a pagar aos professores de mais de 140 discipulos, seja de 30\$000 réis igualmente annuaes, na conformidade da seguinte proposta:

#### *Projecto de lei.*

Art. 1.º Será paga pela camara municipal de Lisboa a gratificação annual de 20\$000 réis aos professores, que tiverem mais de 100 discipulos effectivos; e de 30\$000 réis aos que tiverem mais de 140 discipulos.

Art. 2.º Os professores, que se julgarem com direito a alguma das gratificações estabelecidas no art. 1.º, serão obrigados a deduzil-o perante o commissario dos estudos, o qual, julgando a prova boa, mandará fazer folha additional, em que os mesmos professores sejam incluídos.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrario.

#### CAPITULO XVI.

*De como é necessario crear mais algumas escolas de instrução primaria para alumnos do sexo masculino, e do sexo feminino.*

Nos capitulos 2, 11 e 14, tractando dos meios de promover a instrução primaria, evidencie, se me não engano, a dura necessidade de recorrer á imposição de multa pecuniaria dos paes, e tutores, que consentirem, que seus filhos, ou pupillos, deixem de frequentar as escolas publicas; porem é certo, que não póde aquella providencia, quando

adoptada, como espero, pelo governo de V. M., applicar-se indistinctamente; por quanto não é menos certo, que se carece ainda de que sejam creadas, em não poucas terras, escolas da primeira instrução, a fim de que os paes, e tutores, hajam de ser obrigados, sem injustiça, a mandar alli seus pequenos filhos, ou pupillos, e com especialidade os do sexo feminino. Em Lisboa mesmo, comparativamente com a sua população, o numero das mestras é diminuto, pois que sendo, provavelmente termo medio, o numero das crianças de 7 a 12 annos de idade do sexo feminino de 5:697, como se deprehende do mappa juncto (v. observação n.º 8); e não havendo ao presente se não 17 escolas do sexo feminino, cabe a cada uma das respectivas mestras ensinar 335 meninas, o que não é praticavel, como tambem não fôra ensinar nem ametade se quer de tão crescido numero.

Não ignoro, que não é possivel crear de repente tantas novas escolas de instrução primaria de ambos os sexos, quantas são as de que se precisa, porque se oppõe o consideravel augmento da despesa correspondente; porém não posso deixar de propôr a criação, na villa de Setubal, de uma escola para os alumnos do sexo masculino e de duas do sexo feminino; assim como de uma escola na villa de Cascaes, e mais duas, pelo menos, em Lisboa tambem para o sexo feminino.

Pelo que respeita a Lisboa é obvia, pelo que deixo observado, esta necessidade, sendo certo contudo, que fica ainda muito menor, do que deve ser, o numero das mestras; pois que, se fôr adoptada esta proposta, elevar-se-ha apenas a 19 o numero das mestras, quando é de 35 o das parochias, e não pôde, em Lisboa haver menos de uma mestra para cada freguezia, havendo de caber, ainda assim; a cada uma mais de 162 discipulas.

Em quanto a villa de Setubal, são poderosissimas as razões, deduzidas no relatório do professor de latim d'aquella villa Antonio Pereira da Silva (documento, que vai juncto por copia); e, para convencer a instante necessidade de crear alli mais uma escola do sexo masculino, sobejá observar, que existem actualmente 'naquella villa 2:140 crianças de 5 a 12 annos de idade, e que ha somente duas escolas publicas; uma paga pelo thesouro, e outra paga pela Camara Municipal. No tocante á necessidade de crear duas escolas do sexo feminino, bastará da mesma sorte reflectir, que, nas 4 freguezias de Setubal, existem 2:318 crianças de sexo feminino de 5 a 12 annos de idade, e que não ha alli nem sequer uma só mestra paga pelo estado! É fôr de duvida que deviam criar-se em Setubal 4 escolas do sexo feminino; porém lemito-me a propôr somente a criação de duas, a fim de facilitar o ser attendida desde já esta minha justissima reclamação.

Emfim, na villa de Cascaes, como consta de documento authenticico, é de 177 o numero de creanças do sexo feminino de 7 a 12 annos, e não só em nenhuma das trez freguezias (Nossa Senhora d'Assumpção, Ressurreição, e S. Domingos), não ha nenhuma mestra paga pela Estado; mas, de mais a mais, são mui pouco frequentadas por causa da geral pobreza; e muito somenos em habilitações proprias de tão importante mister as mestras particulares, que alli existem, como eu proprio pude verificar na visita, que fiz detidamente á escola pública do sexo masculino, e ás escolas particulares de ambos os sexos d'aquella villa.

Senhor, em quanto o numero das escolas não fôr proporcionado ás necessidades da população, de nenhuma sorte pôde dizer-se, que se dão ao povo meios de instruir-se, a que tem direito sagrado. Senhor, certo de que V. M. tem sobre tudo a peito a instrução popular, a todos os respeito de tanta vantagem pública, ousou esperar que V. M. se dignará approvar a seguinte proposta que tenho a honra de elevar á real presença do V. M.

#### *Projecto de lei.*

Art. 1. São creadas em Lisboa mais duas escolas para alumnos do sexo feminino.

§. unico. O local, onde devem ter exercicio as duas novas escolas, será designado pelo commissario dos estudos do districto de Lisboa.

Art. 2. São creadas, na villa de Setubal, uma escola primaria para alumnos do sexo masculino, e duas para alumnos do sexo feminino; e, na villa de Cascaes, uma para alumnos do sexo feminino.

Art. 3. O conselho superior mandará abrir os respectivos concursos, e procederá ao provimento do professor e mestras, na conformidade do que determina a lei, e os regulamentos actuaes.

Art. 4. O professor; e as mestras das novas escolas, creadas pelos artt. 1 e 2 terão os vencimentos, e gozarão das prerogativas, que a lei, e os regulamentos concedem aos professores, e mestras do ensino publico.

*Continua.*

#### **EXAMES DE GREGO EM COIMBRA.**

Lendo o cap. 8.º do relatório da Comissão dos estudos de Lisboa, publicado no n.º 11 do Instituto, lembrou-me apresentar algumas idéas acerca dos exames de grego em Coimbra. Apresento-as a medo, e como quem não acredita na sua propria infallibilidade, mas seguindo a

opinião de Paulo Luiz Courier que diz, ser bom o escrever, e o imprimir ser cousa excellente; porque se a obra é boa aproveitam-se d'ella, e se é má, também os erros aproveitam, para se evitarem.

Limitar-me-hei aos exames de grego, como preparatorios para os estudos universitarios, se preparatorios se podem chamar exames, só exigidos no fim, ou quasi no fim, das formaturas de philosophia, medicina e theologia.

O effeito da lei, decreto ou portaria, que tal permite, é tão desgraçado que melhor fôra não se exigir similhante exame, que estorva os estudos universitarios, e põe os examinadores na triste collisão, ou de approvar quem não sabe, ou de fazer perder um anno a um estudante, muitas vezes distincto, que, a ponto de acabar a sua formatura, lhes podia provar, se tal prova podesse ser admittida, que já não precisava d'aquelle preparatorio.

A condição pois, *sine qua non*, de se estudar a lingua grega em Coimbra, digo mais, de se terem d'ella as mais leves noções, é tornar aquelle exame um verdadeiro preparatorio, feito antes da matricula do primeiro anno das faculdades para que fôr exigido. Isto é de simples senso commun para quem conhece a prática, necessariamente seguida pelos estudantes, sobrecarregados com os seus trabalhos universitarios; sem isto qualquer lei que se promulgue a respeito de exames de grego, ha de ser letra morta.

As razões que a Comissão apresenta para provar a utilidade do estudo da lingua grega, são muito attendiveis. Quem poderá negar a grande utilidade do estudo do grego para o medico e para o philosopho que, de continuo, empregam termos derivados d'aquella lingua? Quem poderá negar a sua necessidade para o theologo, que tem de ler, analysar, meditar e defender o Novo Testamento, cujo texto, admittido por todas as communhões christãs, é em grego?

Levada d'estes motivos, a Comissão dos estudos do districto de Lisboa propõe que seja ensinada a lingua grega em curso biennal, sendo materia do primeiro anno: — elementos geraes da lingua grega comparada com a latina e com a portugueza; traducção, até onde couber no tempo, da taboa de Cebes, dialogos de Luciano e Cyropedia de Xenophonte, — e materia do segundo anno: — traducção, até onde couber no tempo, de Thucydides e de Herodoto; de Homero, de Theocrito, de Pindaro e de Aristophanes; characteres distinctivos e vantagens dos differentes dialectos; composição, no dialecto attico, de um logar tomado de alguma collecção de themas etc. etc., devendo o Conselho Superior d'instrucção pública declarar para quaes estudos superiores basta o exame do 1.º anno, e para quaes se hade exigir o exame do curso biennal.

Sendo porém a proposta convertida em lei, quer o Conselho Superior exija como preparatorio para as faculdades de medicina, philosophia e theologia o 1.º exame, quer o segundo, não me parece que o preparatorio corresponda ao fim desejado, qual o de preparar convenientemente para aquelles estudos.

Em quanto a medicina e philosophia parece-me fora de duvida que o sabio Conselho só hade exigir o 1.º exame. Ninguém pôde negar a grande utilidade que o medico e o philosopho hão-de tirar d'um conhecimento da lingua grega, sufficiente para entenderem os termos technicos d'aquellas sciencias; mas seria cruel obrigar quem se quizer matricular em philosophia, ou tenciona estudar medicina, a uma admiração forçada da litteratura grega, e isso durante um anno, que podia empregar no estudo das linguas ingleza ou allemã, cuja utilidade para aquelles estudos ninguem de certo contestará.

Mas, como vimos, o exame do 1.º anno consta, além dos elementos geraes de grammatica, da traducção até onde couber no tempo, da taboa de Cebes, dos dialogos de Luciano e da Cyropedia de Xenophonte. Traducção até onde couber no tempo, diz muito bem a Comissão de Lisboa, pois que 'num anno lectivo não é possível traduzir completamente as obras citadas.

Que conhecimento da lingua grega terá pois o estudante que se matricular em philosophia ou medicina? O de algumas raizes d'aquella lingua. E para que lhe devia servir o preparatorio? Para lhe facilitar os seus estudos, dando-lhe o maior conhecimento possível das mesmas raizes.

Passemos á theologia. Para essa faculdade é provavel que o Conselho Superior exija o exame do curso biennal. Pois ainda assim me não parece que a proposta corresponda ao fim que se deseja alcançar.

Seria optimo que um theologo possuísse o profundo conhecimento da lingua grega; mas estou convencido que 'neste ponto, como em quasi tudo, o optimo é o maior inimigo do bom. Os bons desejos, quando se não medem as forças, dão quasi sempre em resultado palacios da Ajuda e obras de S.<sup>ta</sup> Engracia.

Um theologo deve saber grego; mas deve saber portuguez, e não lh'o ensinam; mas deve saber bem latim, e sabe Deus os que o sabem; mas deve ter conhecimento das sciencias naturaes; mas deve saber bem traduzir francez; mas deve saber geographia e historia deve também saber rhetorica, philosophia racional e moral . . . . deve um theologo saber muita cousa; porém deve sobre tudo saber entender perfeitamente o seu livro por excellencia — o Novo Testamento.

Ora eu estou convencido, e parece-me que também o estará quem souber o que é estudar grego, que um estudante, não depois

## OS CAMINHOS DE FERRO

Continuado de pag. 128.

de ter traduzido e analysado Herodoto, Thucydides, Homero, Theocrito, Pindaro e Aristophanes, pois tudo isso corre risco de não passar de apparato de programma, e pedia annos, e não poucos de trabalho, mas depois de ter traduzido algumas paginas d'aquelles auctores, não fica, em dous annos, convenientemente habilitado para traduzir e analysar, com facilidade, o Novo Testamento, fim principal para que se deve exigir o exame de grego como preparatorio da faculdade de theologia.

A vista do que leve exposto parecia-me mais util, para não dizer rasoavel, que se exigisse ao philosopho (já que o 1.º anno philosophico é preparatorio para medicina), o estudo o mais completo possivel das raizes da lingua grega; ao theologo o perfeito conhecimento do Novo Testamento no texto grego.

O exame para o primeiro deveria pois constar, no meu entender, dos elementos de grammatica, até ao fim dos verbos em *mi*, elementos que elle comparasse, tendo vagar, e em sua casa, com o que soubesse da portuguez, e um ponto ou mais, á sorte, tirado do poema, — *Ulysses do Padre Giraudeau* <sup>1</sup>, que teve a monastica paciencia de reunir em 600 versos as principaes raizes gregas. Parece-me que 'num anno, um estudante de mediana capacidade, poderia, com regular estudo, habilitar-se para fazer um bom exame; ficando-lhe para o futuro a consolação, de não ter perdido o seu tempo.

O theologo, esse, além das raizes gregas, estudasse mais a fundo a grammatica, e fosse examinado 'nun ou mais pontos, tirados á sorte, do Novo Testamento; estudo que talvez lhe não levasse dous annos, mas que, quando lh'os levasse, lhe poupava grande trabalho em toda a sua formatura, e o familiarizava com aquelle livro, que elle tem missão de ensinar ao mundo.

Em quanto á litteratura grega, ao estudo dos Homeros e dos Pindaros, ficasse embora sendo materia do exame de preferencia, e fosse exigido aquelle que quizesse alcançar uma cadeira da lingua grega 'nalgum dos lyceus nacionaes.

Longe de mim, porém, o pensamento de querer censurar a proposta da Commissão do districto de Lisboa; mas levada do louvavel desejo de ver renascer o estudo da lingua grega em Portugal, a sabia Commissão encarou a questão debaixo d'esse ponto de vista; eu, como disse em principio, attendi só á utilidade d'aquelle estudo, como preparatorio para os estudos universitarios.

HENRIQUE O'NEILL.

<sup>1</sup> Ulysses, poème héroïque de B. Giraudeau — Paris, de l'imprimerie d'Auguste Delalaín.

As mais gigantescas empresas da moderna civilisação constituem hoje a phase caracteristica dos caminhos de ferro; e todavia muitas das graves questões, que elles suscitam, estão ainda longe de uma cabal resolução. A proporção, que as vias ferreas se multiplicam na Europa, e que se dilata a esphera d'acção das companhias; criam-se entre as nações novos laços, que hão de poderosamente influir sobre a politica de cada paiz, e sobre o estado da sociabilidade geral. Por isso as proprias condições de exploração, os deveres e encargos das companhias, os abusos, que podem germinar á sombra dos privilegios concedidos a estas poderosas sociedades, preocupam com justa razão a attenção publica; e offerecem vasto assumpto para profundas investigações a todos os espiritos, que desejam o melhoramento d'estas novas vias da civilisação. A questão é de interesse commum para a maior parte dos paizes da Europa; e é por consequencia indispensavel apreciar bem as feições da epocha actual em relação a estas empresas, debaixo do ponto de vista europeu.

O desenvolvimento, que tem tido os caminhos de ferro em cada paiz, não é de certo a caracteristica mais importante d'esta situação. Um facto ha mais transcendente: é o estabelecimento das linhas chamadas internacionais, que tornando as vias ferreas dos differentes estados ramaes de um tronco commum, estreitam os laços, que unem já as diversas nações, e que são um seguro penhor da solidariedade, que tende cada vez mais a estabelecer-se entre ellas.

Ha, porém, 'neste ponto uma distincção essencial quanto aos dois povos, que precederam todos os outros 'neste genero de construcções; os inglezes, e os americanos. Nos Estados Unidos e em Inglaterra, esta tarefa está consummada, e na sua maior grandeza não passa de ser uma obra puramente nacional. A ligação pelo lado do Norte, dos caminhos da confederação com os do Canadá não muda o aspecto do grupo americano. O isolamento não é um facto imprevisto para os Estados Unidos. Transplantado sobre este solo longinquo, o ramo destacadado do tronco europeu obedece alli em seu desenvolvimento a leis particulares. A terra, onde lançou raizes, lhe offerece uma inextinguivel seiva, que, apezar da prodigiosa rapidez do seu impulso, conserva todo o seu vigor. Dotado da singular disposição de afastar para longe de si a solidão, o povo americano investiu-se da missão de civilisar, ou antes de explorar o novo mundo.

Assim a construcção dos caminhos de fer-

ro, que não altera debaixo de ponto algum de vista as relações da Europa e dos Estados Unidos, torna, pelo contrario, mais salientes as diferenças, que existiam já entre o continente e as ilhas britannicas.

As relações internacionaes não existem, pelo menos directamente, para os caminhos de ferro inglezes, por que a creação de um caminho de ferro submariinho entre *Douvers* e *Calais*, em que se tem fallado, e para o qual, dizem, bastariam 7 annos e 150 milhões de francos, não passa na actualidade de um projecto chimerico.

Que interessam á Inglaterra a maior parte dos anneis da vasta cadêa continental? Que lhe importam, por exemplo, todas as linhas ao Norte e Oeste da Europa? Estes novos affluentes das grandes vias da Allemanha e da França poderão até occasionar no movimento commercial modificações mais ou menos prejudiciaes á navegação ingleza, e suscitar-lhe politicamente alguma inquietação. A epocha, em que nos achamos, das grandes emprezas de caminhos de ferro não offerece á Inglaterra tão dilatado horizonte, como aos outros estados europeus. Nas ilhas britannicas os caminhos de ferro, tocando os limites do territorio nacional, têm chegado ao cabo do mundo, *ad fines terrae*.

Encontrar paizes para explorar, e que offereçam vasto campo ao prolongamento de seus *railways*, é a condição mais favoravel para os caminhos de ferro. E tal é o destino, e incomparavel vantagem das principaes linhas da Europa central.

No continente ainda esta exploração não tocou o seu termo, e já uma extensa rede de caminhos de ferro liga muitos povos. Todos os estados do centro da Europa estão em comunicação por aquelle meio. Este grupo reúne uma enorme massa de forças e interesses; forças animadas por inspirações diversas; interesses nascidos de origens diferentes. Os caminhos de ferro não ligam só as capitães da Europa central, mas chegam ás ás cidades entre si mais distantes. Os *rails* estendem-se de Bayonna a Koenig-berg; de Marselha a Hamburgo; de Bordeaux a Varsovia; de Nantes ás mais remotas cidades da Galicia; junctam as bacias de todos os grandes rios, do Loire, do Sena, do Oder, do Rhono, do Vistula, do Rheno; e alongam-se em fim para o Niemen, o Dniester, o Pruth, e o Baixo-Danubio.

Neste assignalado movimento, que aproxima os diversos povos, ha dois periodos bem distinctos. O primeiro, considerando não os simples projectos, mas os trabalhos definitivos, começa com o anno de 1846; o segundo data de 1851.

Foi em 1846 que a linha do Norte de Paris ligou esta capital com Bruxellas, ao mesmo tempo que muitas capitães d'Allemanha esta-

belleceram entre si eguaes communicações. Nesta primeira phase das grandes explorações das vias ferreas, a Belgica occupa um logar distincto. Favorecida pela configuração do seu terreno, e decididamente empenhada, desde que se constituiu independente, em promover as suas relações internacionaes, a Belgica primou entre os outros estados da Europa na construção das grandes vias ferreas. Todavia um mais instante interesse promovia o progresso dos caminhos germanicos, porque a Allemanha devia ser na Europa o ponto de união entre o occidente e as regiões do Este e Norte. Desde o principio a Allemanha se apressára em seguir esta carreira, na qual precedêra dois ou trez annos a França. Foi em 1839, que começou a manifestar-se além do Rheno esse grande empenho pelas emprezas dos caminhos de ferro, que a França só em 1842 pôde emprender em vasta escala. E d'aquella epocha, que datam os trabalhos successivamente emprendidos da exploração dos caminhos de ferro de Colonia a Aix-la-Chapelle; de Vienna a Raab, e as diversas secções da linha de Vienna á Polonia, chamada hoje a linha do Norte do imperador Fernando, e que já communicava as cidades de Brunn e Olmutz.

Foi tambem 'neste periodo, que a França emprendeu o tracado das mais importantes linhas sobre diversos pontos da sua fronteira para a Belgica, para os Alpes, para o Rheno e para os Pyreneos; as successivas revoluções, porém, que agitaram aquelle paiz, e as crises porque passou desde a queda da dynastia de julho até ao estabelecimento do governo imperial, paralyzaram em grande parte os seus exforços e retardaram o desenvolvimento das grandes explorações, que havia emprendido.

Se entretanto examinamos a carta dos caminhos de ferro sobre o continente europeu em 1851, vemos os consideraveis elementos, que já então existiam para a união dos paizes da Europa central e occidental. Unicamente as linhas allemãs em relação ás francezas apresentavam como uma quebra 'neste vasto systema de communicações, apesar das boas disposições, que por uma e outra parte se notavam, mas que se não haviam ainda traduzido em factos decisivos.

Demais 'neste primeiro periodo o movimento de cada paiz para alongar as communicações além de suas fronteiras, nascera apenas de impulsos vagos e puramente instinctivos, e não havia produzido senão obras parciaes. Não se tinha então pensado ainda 'nessas gigantescas emprezas das grandes linhas ferreas entre os principaes povos da Europa. As arterias em que já começa a circular, e em que circulará cada vez com mais força, a seiva, que vivifica o corpo europeu, são compostas de secções construidas sob a influencia dos parciaes interesses de cada

estado. As nações não haviam reflectido sobre o novo elemento, que devia transformar suas relações, senão desde que as linhas ferreas tocaram os extremos limites do seu territorio.

O segundo periodo é caracterizado por uma diversa feição. Uma irresistivel tendencia, uma resolução profundamente assentada, uma invariavel preseverança dominava todos os animos, e fazia convergir todos os esforços para a realisação d'esses vastos projectos, das grandes vias ferreas, a que a França desde 1851 dera um prodigioso impulso, que fôra imitado pelos outros paizes com igual interesse; e que o estrepito das armas, e os perigos da guerra, que ameaçava a Europa de uma geral conflagração, não haviam podido suspender.

No começo de 1855, quando mais ateadas se achavam as hostilidades entre a França e a Russia, o imperador d'Austria concedeu a uma companhia franceza o grupo dos caminhos de ferro, cuja principal linha, passando por Pesth na Hungria, devia tocar, no Baixo Danubio, as fronteiras do imperio Ottomano.

Na mesma epocha se tractava de approximar Vienna de Paris, pondo-a a 38 horas de distancia d'esta ultima cidade, pelo prolongamento, comprehendido pela Austria e Baviera, da linha de Vienna e Munich até Salzburgo. A mesma tendencia se dava então no Norte d'Allemanha, que se approximava de França pela linha directa de Paris para Liege, Aix-la-Chapelle e Colonia.

Durante este segundo periodo eguaes emprezas se fundam até 'naquelles paizes, onde mais atrazada estava, se não era completamente desconhecida a construção dos caminhos de ferro. Com tudo nem todos esses caminhos de ferro construidos, ou delineados, são de igual interesse para as relações internacionais; alguns ha, porém que merecem propriamente a qualificação de europeus; taes são em França as linhas, que se estendem para os Pyreneos destinadas para as communicações da Peninsula Iberica: as do Norte e Este, que estabelecem as relações com a Belgica, Hollanda, Suissa, Allemanha e Italia: taes são além do Rheno as trez grandes linhas de Oeste a Este, e as trez de Norte a Sul. Nas primeiras de Oeste e Este, se comprehende a maior, das que hoje existe na Europa, que segue por Colonia e Berlim para Koenigsberg até Tilsitt; a de Francfort sobre o Meno, Leipzig, Dresden, Berlau e Varzovia; e a que do Rheno se dirige por Munich para a capital da Austria, continuando por Presburgo, Pesth e Szegegin.

Das trez outras do Norte e Sul, a de Stettin no Baltico segue até o Oder e Trieste no Adriatico, passando por Vienna, Breslau, Francfort sobre o Oder e Berlim; a de Lindau sobre o lago de Constancia estende-se até Hamburgo, Nuremberg, Leipzig e Magd-

burgo; em fim a da Suissa segue por Bale para Cassel, Hanover e Breme.

Depois da França e da Allemanha, a Belgica é de todos os paizes europeus, o que maior contingente dá para esta grande rede de communicações. A alta Italia apresenta tambem já algumas importantes construcções, tal é o caminho de Turim a Alexandria e Genova; de Turim a Novara e Arona proximo do Lago Maior; os caminhos lombardos de Milão a Côme sobre a fronteira do Tessino; e de Milão a Veneza; ao mesmo passo que se projecta estender para os paizes limitrophes as vias ferreas do Piemonte e da Lombardia, penetrar a Italia central, e prolongar até Roma a linha de Napoles a Capua: por outro lado tracta-se egualmente de ligar a Peninsula italica á França e Allemanha occidental por uma via directa, atravessando a Suissa de Genova ao Lago Maior, e abrindo uma passagem através do Simplon.

Menos adiantada que a Italia septentrional, a Peninsula Iberica procura sair da sua longa inação. As linhas de Madrid para França já delineadas, e em parte concedidas a companhias poderosas; o caminho de ferro de leste em Portugal, já parte aberto ao serviço publico, parte em exploração, são uma prova evidente de que o exemplo das nações da Europa central achára echo nos povos do occidente; e é de esperar que tal impulso se communique dentro em pouco ás vastas regiões do Este, que até hoje se tem conservado fóra d'esta arena. Na actualidade a Russia não concorre para este systema de communicações internacionaes, porque a linha de S. Petersburg a Moscú só se poderá considerar como tal, quando fôr entroncar-se nos caminhos germanicos; e esta obra é de tanta importancia para a Russia, que mal pôde suspesar-se, que ella queira adiar por muito tempo a sua realisação.

O imperio Ottomano, que novos e estreitos laços prendem hoje á Europa, não pôde tambem esquecer por muito tempo os seus interesses, e certo não tardará a epocha em que a Turquia concorrerá para se aproximar pelo Bosphoro das grandes vias internacionaes da Europa.

No principio d'este anno, a rede continental de caminhos de ferro comprehendia um total de 25:000 kilometros em exploração; em cujo numero a Allemanha tinha o maior quinhão, contando 10:000 kil., e a França 6:000. E se a estes 25:000 kil. do nosso continente juntarmos 13:000 kil. da Inglaterra; 33:000 dos Estados Unidos; 6:000 das colonias inglezas d'America, os do caminho de Panamá, e de diversos ramaes n'America meridional, na India ingleza etc., teremos para todo o mundo 'neste anno 77:000 kil. de caminhos de ferro já explorados.

*Continúa.*

J. M. DE ABREU.

## OS LUSIADAS.

## Tradução franceza.

## LES LUSIADES.

Continuado de pag. 117.

70, 71, et 72.

Il annonce à Gama qu'un habile pilote  
 Guidera ses vaisseaux jusqu'aux bords indiens,  
 Pour plaire à ce héros, pour reparer sa flotte  
 Il offre ses trésors, ses sujets, et leurs biens;  
 Trahissant à la fois sa parole et son hôte,  
 Des droits les plus sacrés méprisant les liens,  
 Il part en promettant d'aider et de conduire  
 Ces héros que son cœur a juré de détruire.

73.

Les projets qu'en son cœur le barbare a conçus  
 Troublent les habitants de la voûte céleste,  
 Les dieux sont partagés; la fureur de Bacchus  
 Embrasse cet espoir, le dernier qui lui reste;  
 L'ardeur qu'il a de nuire aux enfants de Lusus  
 Inspire au dieu de l'Inde une ruse funeste:  
 Et tandis que Gama s'abandonne au repos  
 La fureur de ce dieu s'exhale par ces mots.

74, 75, et 76.

Faudra-t-il donc souffrir que ces troupes fameuses  
 Obtiennent dans l'Asie un triomphe éclatant,  
 Que domptant de l'Indus les hordes belliqueuses  
 Les guerriers de Lusus dominent l'Orient?  
 Non, non, de mes exploits les traces glorieuses  
 Ne pourraient me sauver d'un oubli flétrissant,  
 Et l'on préférerait ces mortels sur la terre  
 Au fils du Dieu puissant qui lance le tonnerre!

77.

Il dit, et dans l'instant transporté de fureur  
 Il s'élance, et descend sur les rives d'Afrique,  
 Dérobant aux regards sa divine splendeur  
 Il s'entoure aussitôt d'un voile fantastique:  
 Aux jeux des africains, qu'il induit en erreur,  
 Le fils de Jupiter est tre dans Mossambique,  
 Et pour tromper leur chef au gré de ses souhaits  
 D'un vieillard musulman il emprunte les traits.

78.

Le vieillard dont Bacchus a pris la ressemblance  
 Chez le prince barbare à toute heure est reçu,  
 Le dieu parle en son nom, avec la confiance  
 Qu'inspire au souverain son austère vertu;  
 Sous ces traits, à l'abri de toute défiance,  
 Il remplit de terreur l'africain éperdu;  
 Redoutez, lui dit-il, cette troupe étrangère  
 Qui respire en secret le pillage et la guerre!

79.

Du sein des nations, et des nombreux états,  
 Qu'a déjà parcourus ce peuple téméraire,  
 Un cri s'est élevé contre les attentats  
 Que commet en tous lieux sa horde sanguinaire.  
 Par les plus noirs succès, ces féroces soldats,  
 Ont signalé leurs noms et sur mer et sur terre,  
 Et bientôt, si contre eux vous ne vous liguez tous,  
 Vos femmes, vos enfants tomberont sous leurs coups!

80.

Pour puiser sur ces bords une eau pure et limpide,  
 Vous les verrez demain précéder le soleil;  
 Craignez les trahisons de ce peuple perfide,  
 S'il surprend vos guerriers dans les bras du sommeil.  
 Pour le punir, ainsi que son barbare guide,  
 O prince, d'un vieillard acceptez le conseil:  
 Dissimulez: peut-être un heureux stratagème  
 Vous vengera du traître, et le perdra lui même.

81.

Que vos soldats cachés auprès de ce séjour  
 D'un moment de délai supportent la contrainte;  
 Vous les verrez paraître avant l'aube du jour,  
 Car en tous temps le crime est suivi par la crainte:  
 Découvrez-vous alors, et surpris à leur tour,  
 Ils recevront le prix de leur perfide feinte;  
 Mais si dans cet instant ils trompaient notre effort,  
 D'autres moyens, bientôt, assureront leur mort.

82, et 83.

Qu'un pitote affidé soit entre vous le gage  
 Qui vous reconcilie; annoncez leur la paix:  
 Et bientôt par ses soins qu'un horrible naufrage  
 De ces vils étrangers nous délivre à jamais.  
 Ainsi parle Bacchus, et l'africain sauvage  
 Lui promet d'accomplir ces sinistres projets,  
 Et s'empresse aussitôt plein d'un zèle barbare  
 D'assurer le succès du combat qu'il prépare.

84, et 85.

Mais déjà le sommet des monts nabathéens  
 Réfléchit du soleil la naissante lumière;  
 Le chef des portugais, vers les bords africains  
 Se dispose à guider sa cohorte guerrière.  
 Gama, des musulmans présentant les desseins,  
 A cru dans leur conduite entrevoir du mystère;  
 Mais il craint peu leur nombre, et trois frères bateaux  
 Contiennent sur leur bord l'escorte du héros.

86.

On distingue bientôt à l'entour de la baie  
 Quelques maures épars qui d'un air forcené  
 Embrassent leurs écus, brandissent la zagaie,  
 Ou font siffler au loin le dard empoisonné.  
 Ils veulent éviter que leur nombre n'effraye  
 Le héros qui par eux doit être assassiné,  
 Dans l'espoir d'enrouler, sortant d'une embuscade,  
 Les guerriers irrités par leur lâche bravade.

87.

Le portugais voyait les africains errants  
 Suivre dans ses contours la plage sablonneuse;  
 Leur hostile appareil, leurs gestes menaçants,  
 Excitent au combat la troupe belliqueuse.  
 A l'aspect détesté de ces fiers musulmans  
 Nul ne peut retenir son ardeur furieuse,  
 Ils s'élancent ensemble, et chacun des soldats  
 Est embrasé soudain de l'ardeur des combats.

88.

C'est ainsi que l'on voit sur la sanglante arène  
 Un jeune chevalier, bouillant, audacieux,  
 Pour plaire à la beauté dont il porte la chaîne  
 Défier et braver un taureau furieux:  
 Mais l'animal suivant la rage qui l'entraîne,  
 Baisse son front armé, mugit, ferme les yeux,  
 Court, renverse, détruit, blesse, et se précipite  
 Sur le faible ennemi dont l'audace l'irrite.



89.

Aussitôt le fracas du canon éclatant  
Retentit, et le feu brille dans les chaloupes;  
Les maures consternés reculent; à l'instant  
Le boulet siffle et tombe au milieu de leurs groupes;  
La peur glace leur sang; le chef en combattant  
Veut en vain ranimer ses fugitives troupes:  
Les plus audacieux ont terminé leur sort,  
Et le reste en fuyant se soustrait à la mort.

90.

Mais l'ardent portugais d'une victoire aisée  
Sur ces vils ennemis ne se contente pas;  
Il les poursuit encor, et leur ville embrasée  
De morts et de mourants bientôt qu'un amas:  
La fureur des guerriers ne peut être apaisée,  
Le maure veut en vain éviter le trépas;  
L'air retentit des cris, des plaintes gémissantes  
Des vieillards, des enfants, et des mères tremblantes.

91.

De moments en moments vainement le fuyard  
Ajuste en s'arrêtant ses flèches acérées,  
Sans force et sans succès il décoche le dard,  
Et la terreur poursuit ces troupes égarées.  
De branches, de cailloux, qu'il saisit au hasard,  
Il arme vainement ses mains désespérées;  
Il cède enfin au sort, et traversant les eaux  
Abandonne cette ile aux conquérants nouveaux.

Continúa.

## OS ANNUNCIOS EM INGLATERRA.

Continuado de pag. 57.

É curioso estudar nos annuncios do fim do seculo XVII, os sentimentos dos inglezes a respeito da escravatura, e, comparando-os com as idéas, que ácerca d'este objecto hoje professam, avaliar até certo ponto os progressos d'aquelle povo.

Sem seguirmos absolutamente a opinião do auctor do já citado artigo da *Quarterly Review*, que, em nosso entender, exaggera as vantagens d'este modo d'estudar philosophia da historia, não podemos deixar de confessar, que para aquelle estudo são de grande auxilio os annuncios dos jornaes, e que, debaixo de certo ponto de vista, uma epocha se pôde dizer caracterisada pelos seus annuncios. Quando a tendencia do seculo é para futilidades, para devassidão, como se nota em certos periodos da historia d'Inglaterra, os annuncios são quasi nenhuns, e esses mesmos insignificantes e frivolos; á medida, porém, que nos aproximamos da epocha em que predomina o commercio, os annuncios vão adquirindo um character mais súzido, mais util, mais significativo.

Os sentimentos dos inglezes sobre a escrava-

tura variaram muito, diziamos, do seculo XVII para cá. Em 1694 era tolerada em Inglaterra: nos annuncios d'aquella epocha muitos encontramos que dizem respeito a vendas e fugidas d'escravos. Os mercados ordinarios d'estas transacções eram os cafés e botequins, onde, entre duas botijas de cerveja, os ascendentes dos que hoje mandam esquadras vigiar as costas d'Africa para impedir esse trafico, dispunham da vida e da liberdade de um misero, cujo unico crime era ser preto. Para se poderem reconhecer no caso de fugirem, punha-se-lhes uma colleira com o nome do dono.

Acha-se em um dos numeros da *London Gazette* de 1694, o avizo de se ter perdido um negro de idade de 13 annos pouco mais ou menos, que trazia uma colleira com a inscripção « o preto de *Lady Bloomfield*. » As elegantes d'então não dispensavam um pretinho para as acompanhar em seus passeios e segurar-lhes na cauda dos vestidos. A prova d'isso está nos retratos e quadros da epocha nos quaes se vê, quasi sempre e como accessorio, um preto. Eram elles o que depois foram os cãesinhos de regaço e hoje são as crinolines, *cachet* da suprema elegancia.

São frequentissimos 'naquelle tempo os annuncios de maridos, que declaram terem-lhes fugido suas mulheres, e não pagarem dividas algumas que ellas contraíam. A este respeito é melindroso dizer se tem havido ou não progresso da parte dos inglezes ou antes das inglezas; nota-se porém, que os maridos que hoje se acham em similhantes circumstancias guardam um silencio prudente, e não apregoam nos periodicos que são... o que não poderiam ser se ficassem solteiros; é por isso mais difficil a comparação das duas epochas 'neste ponto.

Estamos chegados ao periodo mais interessante e de maior desenvolvimento para os jornaes. De 1770 por diante é que se criam a maior parte dos jornaes de manhã que hoje existem em Inglaterra. Havia alguns annos começára a publicar-se o *General Advertiser*, o primeiro que adoptou um systema regular d'annuncios. Começa o predominio do commercio, os annuncios tractam pela maior parte de entradas e sahidas de navios mercantes, de lojas, de vendas, de transacções mercantis, de tudo, 'numa palavra, que tem relação com o commercio.

So no começo do seculo XIX é que se descobriu o *puff*.

*Puff*, sopro, baforada, em sentido proprio, emprega-se no metaphorico para designar uma especie de charlatanismo pouco conhecida, direi mesmo ignorada entre nós. Não é o pomposo e rutilante charlatanismo d'alguns empavezados embaidores, nem a toska e conhecida trapaça dos ridiculos embusteiros que exploram a credulidade do vulgo; é um char-

latanismo delicado e bem dirigido, que umas vezes fascina, outras completamente engana.

O *puff* tem tido grandes mestres que se abalisaram pela destreza com que o exerceram, e pelos proveitos que d'elle tiraram. Raro é o *puffista* que se não tenha enriquecido. P. T. Barnum, por exemplo, o celebre emprehendedor americano, que mostrou *Tom-Pouce* aos europeus, e Jenny Lind aos americanos, foi um dos que deu mais extensão a este genero d'industria. Nas suas memorias recentemente publicadas confessa todas as mystificações que empregou, e revela os segredos da sua arte.

Entre outras curiosidades que este insigne *bachelar em charlatanismo* (como lhe chama um auctor inglez) exhibia, é notavel a ama de leite de George Washington, que elle inculcava ter 160 annos de idade. Era uma preta chamada *Joice Heth*, rosto secco e mirrado, dentes nenhuns, conservando porém ainda muito cabello crespo e grisalho, perfeitamente cega, e com todos os membros paralyzados, a excepção de um braço. Quem a visse, diz Barnum, dil-a-hia tão facilmente de mil como de 160 annos. Com esta preta disfrutou elle muito tempo os habitantes de Nova York. Percebendo porém que o publico começava a enfastiar-se e a desertar das salas da sua *exhibição*, lembrou-se de mandar inserir nos periodicos uma correspondencia assignada «alguem que visitou *Joice Heth*,» em que se contestava a authenticidade da pretendida ama de Washington, e se declarava que ella não era mais que um automato tão artisticamente feito, que de todo illudia os que o examinavam. Barnum conseguiu o que desejava, viu outra vez as suas sellas encherem-se de curiosos que acudiam, não já a ver a *macrobia phenoménal*, mas a procurar descobrir se era ou não um mannequin o que tinham diante dos olhos.

Outro *puffista* celebre foi o *pregoeiro George Robins*. Tornava seus annuncios tão poeticos e importantes que tudo poderiam ser, menos annuncios. Tractava-se, por exemplo, de descrever certa propriedade que se achava á venda: *Robins* depois de pintar com as mais vivas côres as bellezas sem conto, que nella havia, accrescentou suspirando «é-me com tudo forçoso, senhores, não vos occultar dois defeitos que tem esta propriedade: o canto dos rouxinões que não cessa todo o dia, e a quantidade de folhas de rosas que juncam as ruas.»

Warren fez a sua fortuna com uma linda vinhetta de *Cruikshank*, que representava um gato mirando-se com pasmo n'uma bota muito lustrosa. Um vendedor de moveis enriqueceu-se com uma engraçada facecia do pequeno jornal *Punch*; annunciára este mercador que tinha á venda um sortimento variado de camas e diferentes outros moveis, com o se-

guinte rotulo «avizo ás pessoas que pretendem casar.» «Não o façam» escreveu o *Punch*, em vez do catalogo de moveis que seguia o titulo do annunciante.

*Continúa.*

S. H.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes lugares d'instrução publica, desde o dia 15 de agosto até igual dia de setembro d' corrente anno, por despachos do Conselho superior d' instrução publica, e decretos do Governo e communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Francisco José Nobre da Silva, para professor temporario da cadeira de Sancta Catharina, districto de Faro.

Joaquim dos Sanctos Ribeiro, para dicto da Villa de Mourão, districto d'Evoa.

Joaquim Simão da Magdalena, para dicto da freguezia de São Thiago, districto de Leiria.

José Luiz da Silva, para dicto de Sancta Quiteria de Meca, districto de Lisboa.

José da Silva Junior, para dicto de Penajoya, districto de Viseu.

Escholastica da Conceição, para mestra temporaria da escola de educação de meninas da villa da Ericeira, districto de Lisboa.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Isidoro Rodrigues Pereira d'Andrade, para professor vitalicio da cadeira de latim de Villa Nova de Foscão, decreto de 9 de setembro ultimo.

Nicolau Malaquias Delgado, para dicto da Villa d'Aviz, por transferencia da d'Alemquer, decreto de 11 de setembro ultimo.

João Luiz Garmon, para professor interino da 1.<sup>a</sup> cadeira do Lyceu Nacional de Santarem.

Francisco Simões d'Almeida, para dicto da 2.<sup>a</sup> cadeira.

Americo Ferreira dos Sanctos Silva, para dicto da de lingua franceza.

Henrique Bailie Maria Hughes, para dicto da de lingua ingleza.

Augusto Henriques, para dicto das de linguas grega e Hebraica.

Julião Cazimiro Ferreira, para dicto da de historia geographica e chronologica.

Alvandre Manuel Thomaz dos Sanctos Viegas, para dicto da de oratoria, poetica e litteratura.

Joaquim Maria da Silva, para dicto da de philosophia racional e moral e principios de direito natural.

Augusto Ernesto de Castilho e Mello, para dicto da de arithmetica, algebra elemental, principios de trigonometria plana, e geographia mathematica.

Francisco Maria Rodrigues de Oliveira Grainha, para dicto da de principios de physica e chimica, e introdução á historia natural dos trez reinos.

Carlos Joaquim Martinho Calderon, para dicto da de economia industrial e rural, e escripturação commercial.

Carlos Maria Machado, para dicto da de musica, decreto de 12 de setembro ultimo.

Hypolito Monet, para professor interino das aulas de dança e mimica do conservatorio real de Lisboa, decreto de 9 de setembro ultimo.

José Joaquim da Silva Bastos, para professor vitalicio da cadeira de latim da villa de Torres Vedras, decreto de 9 dicto.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto*; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte*, será dirigida — A' *Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24  
numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$410  
Por semestre, ou 12 numeros, dictos . . . . . 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem d'este 5.º volume serão pelo mesmo preço d'assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III e IV d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Continuado de pag. 146.

#### *Bibliotheca do Porto.*

A Camara Municipal não tem adiantado trabalhos alguns no projectado acrescensamento em parte do edificio para mais extensão, e regularidade no arranjo da bibliotheca. As remessas de quaesquer exemplares d'obras, publicadas pelas typographias do paiz, são ahi entregues pelo correio, francas de porte; mas as remessas de jornaes periodicos, incluindo

Vol. V.

OUTUBRO 15—1856.

mesmo o Diario do Governo, mandado oficialmente, e quaesquer publicações semanarias etc., não são entregues por falta de pagamento de porte; e lá estão retidos no correio desde que se fez a reforma postal. Como porém o chefe da bibliotheca tem sobre isso representado directamente ao Governo de V. M., este conselho limita-se a pedir respeitosamente a V. M. resolução como approuver a V. M. sobre este negocio, para remover o gravissimo inconveniente de estar privada de taes publicações litterarias, uma bibliotheca tão concorrida, que no ultimo anno teve 2:492 leitores, que consultaram 3:338 obras.

Na bibliotheca de Braga, ainda não estão concluidas todos as obras necessarias para a competente collocação dos livros, e para ser exposta regularmente ao publico, mas vai-se trabalhando nos indices. O conselho não cessará de fazer todas as diligencias possíveis, para que este estabelecimento chegue a ponto de prestar o serviço para que foi creado.

#### *Instrucção superior.*

Até á conferencia geral de outubro ultimo chegaram ao conselho os relatorios constantes dos mappas n.º 3, 4 e 5, faltando os das escholas de Lisboa e Funchal. Este ramo de instrucção é sem dúvida o mais concorrido de todos, proporcionadamente, entre nós, e concorrido em demasia na faculdade de direito; e isso provém, como já se observou, dos habitos e tendencias antigas, que ainda nos restam de tempos passados, e de certas idéas falsas de nobreza, que predominam por ora em alguns espiritos. A reforma precisa 'nessa parte, só se poderá operar sem intervenção do Governo, e unicamente pela vontade das familias. Em os páes se desenganando, á força de tempo, que a instrucção recebida pela maior parte dos alumnos na Universidade é sem um fim, e não pôde segurar a seus filhos um destino certo, e que os sacrificios para adquiril-a são pura perda para as familias; os páes no fim da instrucção primaria farão os precisos calculos, para desde principio destinarem seus filhos á instrucção complementar, que devam possuir, para exercer com distincção as profissões, que mais lhes convenham, e maiores

Núm. 14.

vantagens promettam. O espirito do seculo é todo positivo e practico: todas as prolições são nobres, quando exercidas com intelligencia, probidade e honra; e as melhores serão aquellas, que assegurem melhor futuro; aquellas, que o prometterem mais prompto, mais facil, e melhor arrumação, e modo de vida.

O primeiro estabelecimento em todo o paiz para esta instrução é a Universidade, restaurada pelos estatutos de 1772, monumento da mais transcendente sabedoria, e que ainda são lidos com respeito em todas as escolas dos paizes civilisados. O estado de desinvolvimento e perfeição, a que se foram elevando as sciencias; descobertas novas; divisões, e subdivisões de diversos ramos das sciencias; conveniencias de practica, e exercicio d'aquelles ramos mais applicaveis, e de maior uso na vida dos povos, etc., inspiraram a idéa de crear escolas, em que se ensinem no ponto de vista practico, e de applicação especial aquillo, que mais immediata, e proxima-mente convinha; e d'aqui resultou a criação da academia real de Marinha e commercio do Porto em 1803 convertida em academia polytechnica em 1837; as escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto creadas em 1825, reformadas uma e outra em 1837, e todas em 1844.

Sendo certo que em materia de instrução pública se deve antes procurar regularisar, e melhorar o que existe, do que destruir para inventar e renovar sobre fé de theorias ariscadas, parece ao conselho que este ramo de instrução superior não ha por ora necessidade de reformas em ponto grande na parte moral. O aperfeiçoamento dos professores ha-de ir introduzindo melhoramentos no ensino, com pequenas modificações, que se poderão ir fazendo pouco a pouco, e por este conselho serão propostas e pedidas a V. M. opportunamente, sem alterar a base de organização de cada escola, nem o systema geral nesta parte d'instrução. O de que necessita, é de meios pecuniarios para melhoramentos materiaes; e o conselho vai propor a V. M. 'neste relatório os mais urgentes.

#### *Universidade.*

Pelo relatório do chefe d'esse estabelecimento, consta que todas as faculdades funcionaram regularmente, e cumpriram seus respectivos deveres d'ensino. Pelo mappa n.º 3, que acompanha este relatório geral, se vê a estatística do movimento dos estudantes da Universidade, classificados pelas respectivas faculdades, e com a nota do seu aproveitamento em referencia ao anno lectivo de 1853 a 1854. No mappa n.º 3 A apresenta-se a estatística dos exames preparatorios feitos no lyceu de Coimbra, que forma uma secção da

Universidade pelo art. 43 do decreto de 17 de novembro de 1836: e pelo numero de 291 reprovões em 1:286 exames se vê que supposto foi grande o numero d'alumnos, que se apresentaram a estas provas, sem estarem sufficientemente habilitados, não acharam relaxação nos respectivos jurs, que os julgaram. Quando se puder dar execução ao regulamento de 4 de julho de 1854, e d'esperar que este serviço se faça ainda com a maior perfeição.

No mappa n.º 3 B vê-se o quadro comparativo da receita e despesa da Universidade, no anno economico de 1853 a 1854, importando a receita em 20:423\$580 réis, e a despesa total em 54:364\$930. Balanceada uma com outra veio o thesouro a pagar somente 33:941\$350 réis. Com tão pequena despesa deu-se instrução superior a 894 alumnos, que custaram cada um somente 37\$965 <sup>22</sup>/<sub>100</sub>. No anno anterior cada alumno custou 46\$200 réis: mas esse calculo não era tão exacto, porque se consideraram os estudantes 1:212, numero das matriculas que sempre é muito maior do que o dos individuos; e a despesa 78 contos, numero redondo como estava votado no orçamento do Estado, sem abatimentos nem descontos nos ordenados; e agora considera-se a despesa pelo effectivo, e que realmente foi pago; afora o producto das matriculas e cartas de formatura, e os alumnos são considerados pelo numero individual, e não pelas matriculas: e este calculo apresenta agora verdadeira exactidão. Em paiz nenhum da Europa, aonde a despesa da instrução superior nas Universidades fôr paga pelo Estado, apparece tão pequena cifra de despesa com cada alumno.

#### *Faculdade de theologia.*

As aulas d'esta faculdade foram frequentadas por 58 alumnos ordinarios, isto é filhos da faculdade, e 36 que pretendem a instrução precisa para o Estado ecclesiastico. A organização, distribuição de materias, methodo d'ensino, e compendios, de que se usa 'nesta faculdade, se a não tornam a mais excellente, em nada a deixam inferior ás melhores da Europa. E se V. M. se dignar attender ás medidas já propostas pelo conselho da faculdade em relatórios d'annos anteriores, acerca da instrução de alumnos, que se destinam especialmente ao Estado ecclesiastico, estabelecer-se-ha, a par da escola de theologia mais transcendente, uma escola especial, profissional sem augmento de despesa, e com grande proveito para o paiz, que tanto necessita de clero instruido.

O prelado em seu relatório debaixo do artigo — *Lyceu de Coimbra* — propõe a annexação da cadeira de hebraico, que está no Lyceu, para a faculdade, a fim de ser regida

por um Doutor que a mesma faculdade designar com a gratificação de 200\$000 reis annuaes, de que resulta a economia de 200\$000 réis para o Thesouro, e a conveniencia de haver para o futuro maior numero de Lentes mais profundamente instruidos 'nessa lingua, que sómente serve a theologos, e resulta, além de tudo, a conveniencia de ser essa lingua estudada mais seriamente por alumnos, que tenham de dar conta do seu aproveitamento perante os seus mestres de theologia. Essa cadeira já 'noutro tempo e por muitos annos esteve incorporada mesmo na faculdade. Ao Conselho Superior parece attendivel o que se expõe no relatório do prelado, e pede a V. M. se digne attender como melhor parecer em sua alta sabedoria.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da commissão dos estudos do districto de Lisboa, de 24 de dezembro de 1855.**

Continuado de pag. 149.

### CAPITULO XVII.

*De como é preciso, que, quanto antes, a escola normal entre na effectividade do exercicio de suas fuuncções.*

No meu relatório de novembro de 1854 tive a honra de supplicar a V. M. a adopção das precisas providencias, para que possa entrar em exercicio effectivo a escola normal de instrução primaria d'este districto; e, notando quão leves eram as difficuldades, que se oppõem a que se realize este melhoramento de tanta vantagem para a instrução pública, observei, quão instantemente urgia resolvê-las.

No capitulo respectivo do meu citado relatório acha-se tudo isto considerado succinta, mas, a meu ver, sufficientemente. Hoje accresce uma razão ponderosa, que me obriga a pedir a V. M. ainda mais instantemente, se é possível, a resolução indicada. Aham-se inhabilitados alguns professores, e fechadas as respectivas escolas. Ora, como em Lisboa não pôde ter execução o disposto no §. 1.º do art. 9 do decreto de 20 de dezembro de 1855, porque o meio ordenado, a que o serventuario sómente teria direito, não lhe proporciona meios bastantes para aluguel de casa, promptificação de mobilia, e subsistencia, o resultado é ficarem sem exercicio as escolas por tanto tempo, quanto dura o impedimento, o qual todavia pôde continuar por mezes, e talvez annos, sem que possa remediar-

se tão grave inconveniente do ensino publico de nenhuma outra maneira; pois que não pôde declarar-se vaga a cadeira, nem, consequentemente pôr-se a concurso. Entre tanto, se a escola normal d'este districto estivesse em exercicio effectivo, de prompto, e facilmente, haveria meio de providenciar na hypothese lembrada; a qual, infelizmente, já não é mera hypothese, mas facto muito para lamentar; porque seria supprido o serviço por um dos alumnos d'aquella escola, com proveito seu, e do publico. A efficacia da providencia é certa; e, por tanto, torna-se evidente a necessidade, por mais esta razão, de que o governo de V. M., acabando com quaisquer obstaculos, faça, que a escola normal de instrução primaria do districto de Lisboa se constitua definitivamente, e desde já encette os seus trabalhos.

### CAPITULO XVIII.

*De como insta a necessidade das visitas ás escolas publicas e particulares, d'este districto litterario.*

No meu relatório do anno passado tive a honra de elevar á real presença de V. M., ponderações de momento ácerca da grande conveniencia das visitas, feitas pelo commissario dos estudos, segundo a lei determina, ás escolas publicas de instrução secundaria e primaria, e aos estabelecimentos particulares de educação, e instrução da mocidade; e tambem por essa occasião, tive a honra de observar a V. M. a impossibilidade, em que estou de cumprir esta minha tão importante obrigação, por carecer dos meios pecuniarios para isso indispensaveis. Até hoje nenhuma providencia ha sido adoptada; e por tanto sou forçado, por que assim o requer instantemente o andamento regular, e sobre tudo o aperfeiçoamento progressivo d'este ramo tão transcendente do serviço publico, a chamar de novo a attenção de V. M. para este objecto, e a supplicar a V. M. que se digne tomar na sua alta consideração aquellas minhas observações. Senhor! São de grande proveito, são indispensaveis as visitas alludidas; que, por essa razão, V. M. ha por tão recommendadas, e o conselho superior não cessa de insistir em que, na conformidade da lei, sejam feitas amiudadas vezes. Entretanto, Senhor, não é, nem será possível ao commissario dos estudos de Lisboa desempenhar-se d'esta obrigação, em quanto não fôr attendida a *Proposta* n.º 2 do meu já citado relatório.

Comtudo, Senhor, avaliando eu devidamente, por uma parte, as consequencias tão nocivas, que, da falta das visitas, devem resultar á instrução pública; e, por outra parte, não podendo, pelo motivo allegado, fazer senão raras visitas (fora de Lisboa), e occasio-

nalmente; obrigado do sincero, e ardente desejo de sempre dar a melhor conta de mim; procurei conciliar de algum modo esta grave dificuldade, e ensaiei um arbitrio, que, se não preenche cabalmente as necessidades existentes, e a intenção da lei, todavia até certo ponto as pôde satisfazer, e por ventura algumas vezes proficuaemente. Encarreguei alguns professores, que, pelas boas partes que concorrem nelles, me merecem confiança, de visitarem as escolas publicas e particulares, que, por se acharem na proximidade da sua residencia, ou por outras circumstancias, embora fortuitas, podiam auxiliar-me, sem proprio vexame, neste serviço tão arduo, como importante.

Tenho a honra de juntar aqui por cópia (porque os originaes ficam archivados competentemente) os relatorios do professor de Grammatica Portugueza e Latina, e Latinidade da villa de Setubal, Antonio Pereira da Silva, e do professor de Historia, e Chronologia, e Geographia da secção occidental d'este lyceu, o bacharel rev.<sup>do</sup> José de Sousa Amado; aquelle por mim encarregado da visita das escolas da instrucção primaria, publicas, e particulares, de ambos os sexos, na villa de Setubal; e este, primeiramente na villa da Ericeira, e por segunda vez na mesma villa da Ericeira, na de Mafra, e em Oeiras. Foi excellento o serviço prestado por estes dous benemeritos professores, e como tal lh'o louvei, e tenho a satisfação de levar ao conhecimento de V. M. As providencias mais urgentes, suggeridas pelos dous dignos professores, e as que de mais me pareceram, e cabiam na minha alçada, estão tomadas; outras serão por mim postas na real presença de V. M.; e, em todo o caso, tractarei incessantemente de vigiar, para que se torne effectivo o fructo recolhido d'estas visitas. Mas, Senhor, é facil de ver, que, se uma ou outra vez, para uma ou outra localidade, posso lançar mão d'este alvitre, não posso utilisar-me d'elle nem para a minima parte do districto litterario a meu cargo, nem permanentemente; e, por consequencia, que, só por esta, além de outras obvias considerações, é muito limitada a vantagem a tirar d'elle; com quanto na falta de outro auxilio conveniente, haja de socorrer-me a este, quando se offerecer ensejo opportuno.

Não rematarei este capitulo, fazendo nova proposta. A necessidade de se darem ao commissario dos estudos de Lisboa meios para fazer, como está obrigado, a visita do districto litterario a seu cargo com a devida regularidade, torna-se cada dia mais urgente; e no meu anterior relatorio tive a honra de apresentar a proposta n.º 2 a elle annexa. Assim a necessidade está patente, e o remedio indicado; agora ao governo de V. M. pertence providenciar.

## CAPITULO XIX.

*De como é preciso formar uma bibliotheca privativa do lyceu nacional de Lisboa.*

A conveniencia, mais ainda, a necessidade de uma bibliotheca especial, destinada ao serviço privativo do lyceu nacional de Lisboa, aonde os professores, e tambem alumnos, possam ir sem difficuldade, nem estorvo consultar auctores classicos das differentes linguas, que nelle se ensinam, Commentarios, Expositores, Dictionarios, e outros livros proprios a esclarecer, e facilitar o estudo das varias disciplinas, que formam o curso completo do lyceu; esta necessidade (dizia eu) é de tão facil, e cabal demonstração, que seria por de mais consumir tempo dando-lhe desenvolvimento. É certo porém, que, supposto o lyceu conte para mais de dezasete annos de existencia, ainda não pôde formar-se a lembrada bibliotheca; porque não merecem de nenhum modo este nome alguns poucos livros, absoluta e indispensavelmente precisos por occasião dos exames annuaes, ou de concurso; e que, todavia, não são ainda todos, de quantos se precisa, como está verificando a experiencia quotidiana.

Além disso, a fim de poderem adoptar-se methodos ou mais facéis, ou mais adiantados; e a fim igualmente de se obter conhecimento do que, lá fóra, se vai publicando, tendente a aperfeicoar o ensino primario e secundario; para que, tirando d'ahi a maior vantagem possivel, sejam adoptados, sem delongas, os novos melhoramentos, e possam elevar-se, entre nós, aquelles estudos a par dos mais accreditados da Europa; e, sem nenhuma duvida, preciso não só que se forme a alludida bibliotheca, mas tambem que possa esta dispor de alguns meios pecuniaris, que a habilitem a adquirir o que lhe falta, e o que successivamente for apparecendo, que seja digno de ter-se em maior conta.

Não é meu intento, porque sei as difficuldades, que se oppõem, que se forme de rapido esta bibliotheca, toda especial; porém não é nem muito arduo, nem muito dispendioso, formal-a no espaço de poucos annos. Para obter-se este resultado, será sufficiente, que o governo de V. M. mande, que, pela bibliotheca publica d'esta capital, seja entregue ao lyceu nacional um exemplar (quando naquelle bibliotheca houver exemplares em duplicado) dos auctores classicos gregos, latinos e portuguezes; dos Dictionarios das linguas, que se ensinam no mesmo lyceu; das obras fundamentaes, e dos tractados meramente elementares das disciplinas, que se comprehendem no curso da instrucção secundaria. Depois disto será preciso, que o governo de V. M. conceda ao lyceu, por espaço de alguns annos, a quantia de 100\$000 réis para compra

dos livros necessarios, a fim de que a bibliotheca d'este lyceu preencha as condições, que lhe são essencialmente inherentes.

Em presença do exposto, que de certo ha de ser devidamente avaliado por V. M., ousou rogar com a maior instancia a V. M., que se digne approvar a seguinte proposta.

#### *Proposta de lei.*

**Art. 1.** A bibliotheca pública de Lisboa subministrará ao lyceu nacional da mesma cidade exemplares dos classicos gregos, latinos e portuguezes, dos Dictionarios de todas as linguas (vivas, ou não), das obras mais notaveis, e dos tractados elementares das disciplinas, que são ensinadas no referido lyceu, quando na mesma bibliotheca os houver em duplicado.

**Art. 2.** E concedido, por espaço de seis annos, ao lyceu nacional de Lisboa o subsidio annual de 100\$000 réis para compra de livros, cartas geographicas, e mais objectos, que se julgarem indispensaveis, para que o serviço escholar do mesmo lyceu seja elevado progressivamente á maior perfeição possivel.

**Art. 3.** Fica revogada a legislação em contrario.

#### CAPITULO XX.

*De como é preciso providenciar de modo verdadeiramente effcaz á cerca das habilitações dos professores particulares do ensino primario e secundario.*

Não terminarei, Senhor, este meu relatório, sem pedir a V. M. effcaz providencia acerca de um abuso de graves consequencias, o qual achei introduzido, quando tomei posse do cargo, que exerce, de commissario dos estudos d'este districto litterario. Senhor, o decreto de 20 de dezembro de 1850, nos artigos 42 e 43 do cap. 8.º, e o decreto de 10 de janeiro de 1851, em todo o cap. 3.º prescrevem providentemente os preceitos, que devem observar-se, para que seja permitido a qualquer cidadão abrir aula, ou estabelecimento de educação moral, e de instrução litteraria. Sem a fiel, e escrupulosa observancia d'aquelles preceitos, os páes de familia, e a desprezada mocidade correm perigos de grande alcance; porque os páes, cuidando entregar seus filhos a quem é capaz de educal-os, e instruil-os, vão entregal-os a quem, curando abjectamente só do lucro, lh'os estraga moral e intellectualmente; e a confiada puericia embebe em si erros e noções inexactas, quando julga adquirir os esclarecimentos, e instrução, que procura, e de que precisa.

Não cabe na minha alçada oppôr dique assás forte á torrente, que tem engrossado com o transcorrer dos annos, e que todos os dias

crece, e ganha forças. Está todo este districto, e com especialidade a capital, inçada de estabelecimentos, dictos de educação moral, e de instrução primaria, e secundaria, de diversa natureza e forma, e bem poucos são os que, regidos por directores e professores, habilitados em conformidade do que dispõem os decretos já citados, possam continuar a subsistir. A liberdade do ensino tem limites, e não podia deixar de os ter; porque *ensinar* não é *perverter*, nem *illudir* ou *desacertar*; é *moralisar*, e *esclarecer*: os citados decretos marcarão esses limites; é por tanto indispensavel, que tenha cumprida execução o que foi sabiamente decretado. Senhor, se por ventura muito poderia esperar-se da boa educação moral, e litteraria, dada conjuntamente á mocidade desde a sua puericia; pelo contrario tudo tem a ordem social a temer-se dos perigos, que rodeiam a nossa, 'nisto bem pouco feliz mocidade, a qual, não bem educada, e mal instruida, se nos apresenta eivada de erros, talvez de vicios, vaidosa, indocil, e quasi perdida para si; e para a patria. Fallo, Senhor, na maxima generalidade; mas fallo convencido intimamente do que digo; e, poisque digo a verdade, calar-me, seria em mim, attentas as razões, que me obrigam, crime imperdoavel. Senhor, a reforma da primeira educação moral e litteraria, que se dá em grande, acaso na maior parte dos estabelecimentos, a que me tenho referido, é uma necessidade inevitavel para os páes de familia, e para os proprios mancebos, quando, já adultos e alumados, por boa sorte sua, de luz salvadora, conhecem o que lhes falta para se tornarem quaes se devem aos seus concidadãos. Senhor, é de absoluta necessidade providenciar com effcazia e urgencia, a este respeito. Não indicarei nenhuma providencia em particular; porem direi francamente, que, as que houverem de ser adoptadas, o sejam de modo que produzam effectivamente o resultado, que se deseja; e não se desvirtue, mais uma vez, a auctoridade respectiva, consentindo-se impunes os infractores dos preceitos decretados, e das providencias, que peço para a sua fiel execução.

Senhor, é tempo de pôr fim a este relatório, o qual fechearei, pedindo, supplicando a V. M. que se digne tomar na sua alta consideração, não só as propostas, que tenho a honra de elevar por via d'elle á presença de V. M.; mas tambem as que tive a honra de consignar no meu relatório do anno passado. Senhor, acabo de cumprir o meu dever, e a minha consciencia está satisfeita; porém o bem público requer, que não fiquem em letra morta as providencias, que tive a honra de propor á approvação de V. M., ao menos sem que previamente hajam sido examinadas. E minha convicção, que, quanto propuz, é de vantagem pública: a não ser assim, outro

fôra o meu procedimento; porque não me move senão o sincero desejo de acertar no desempenho dos meus deveres. Posso ter errado: se assim é, faltou o entendimento, mas não peccou a vontade, a qual tem por timbre corresponder à confiança, que foi em mim depositada. V. M. mandará o que for servido.

Deus guarde a V. M. Comissão dos estudos do districto de Lisboa, 24 de dezembro de 1833. — O commissario, o conselheiro D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda.

## EXCERPTOS

D'uma viagem a Inglaterra.

A. S. A. A. S. S. P. A. M.

CAPITULO . . . .

Visita ao castello d'Windsor.

São 7 horas da manhã, e salto da cama embebecido com a luz do sol, que me entra clarissima pela nesga das vidraças, que as cortinas deixam a descoberto. Que luz do sol tão pura em Londres! e assim ás 7 horas da manhã invadindo indiscreta o meu quarto! Como assim! — a minha casa seria, durante a noite, arrancada dos fundamentos e transportada para outros climas por capricho de *Lord Mayor*, como os agronomos inglezes costumam carrear as arvores com todas as raizes e terra que as nutre, com tronco e ramos e ninhos de passaros! É certo que o meu sangue como que me adivinhara este alvorecer improvisto: — quasi me foi toda noite velada, e rica de lembranças saudozissimas da patria.

Por ventura a postura municipal, que obriga todas as fabricas a terem um consumidor do fumo, já hoje começaria a levar-se a effeito? Londres desvestiria hoje, pela primeira e ultima vez, a mortalha tristissima e defumadissima que a envolvia? Seria o estrangeiro defraudado á surrelta do direito consuetudinário de jogar dois chascos a capital dos trez reinos d'Inglaterra, Escossia e Irlanda? — Deus tal não permita. Pois Londres ha de para sempre desescrevar-se do fumo e continuar a proteger, furtivamente, a escuravatura da serra Leão!

« Com um dia assim o melhor é vestirmo'-nos e sair para o campo, » disse eu comigo; — o campo é a vida da alma e do coração, como o povoado é a existencia do corpo e dos sentidos: — a natureza folga e delicia, aonde o braço do homem a não constringe e nivella pelo prumo da sua pequenez.

Passada uma hora, desembetsegava-me de *Cecil St.* e entrava no *Strand*, á cata d'um cab em disponibilidade. Encontrei-o a poucos passos com a mesma facilidade com que se encontra, em Londres, quasi tudo quanto o desejo lembra, menos um retalho de céu azul, ou uma briza perfumada com o inebriante aroma do laranjal florido, que dê margem aos devaneios d'um poeta bucolico. Saltei dentro e fiquei confuso com a vista do cocheiro impertigado á porta, esperando silencioso a direcção desejada.

Eu, com a pressa, não tinha ainda pensado em tal, quanto mais assentado o logar para o meu inesperado recreio campestre. Não importa: o verdadeiro *tourist* aproveita sempre o primeiro ensejo que se lhe abre, sem calcular previamente no mappa o numero de sensações, que ha de experimentar, ou os subsidiarios romances ineditos, que ha de colher em flagrante.

« Para a estação d'Waterloo » disse eu maquinalmente ao fleumatico Phaeton. Foi o unico expediente que d'improviso me saltou. Lá e durante o transitio resolveria o local mais apropriado ao intento, se, ao atravessar a ponte de Waterloo, não visse lá em baixo o *Thamisa* lodacento e anegrado como me descrevia o *Cocyto*, em sua phantasiosa previsão, o meu preceptor de latinidade.

Vendo-o lembrou-me a minha viagemzita da vespera e, mais que tudo, a solida abobada dos arcos da ponte, cujos eu agora passava por cima. — Assim são todas as coisas d'este mundo sublunar, em que aprouve á Providencia distribuir-nos temporariamente um papel: — ora por baixo, ora por cima. « A vida é uma nora, em que os alcatruzes são representados pelos dias », dizia-me um amigo meu, em cuja cabeça ha mais philosophia do que em todos os philosophos antigos e modernos, sem exceptuar o do tunel e o filho da graciosa aldêa de Rammenau, ou aquelle de quem Voltaire, na aspereza da sua critica, dizia;

*Lui qui voit tout en Dieu, ne voit pas qu'il est fou!*

*E, vendo tudo em Deus, não vê que é tolo!*

Confesso, candidamente, que esta comparação da vida com uma nora me deu muito no gôto; porque, na verdade, tomando o corpo humano pelas rodas engranzadas; os alcatruzes pelos dias que passamos; a agua que tiram, pelas verdades, ou prazeres ou penas, que vamos descobrindo ou gozando ou sofrendo, só me ficava por comparar a alma. A alma, principio activo, intelligente, soberano, que nos distancêa infinitamente de todo o resto da criação, que nos arrebatada em pares d'amor e de poesia, que nos circunda a fronte com a aureola do genio, que vela em quanto este involucro terreno adormece fatigado, só podia ser comparada para perfeição do sub-



stancioso simile com o... com o que?—com o burro que toca a nóra! Horror! desde o momento em que reflexionei bem 'nisto odiei a comparação. As comparações são uma armadilha torpe e covarde.

Felizmente para mim e para o lodo do Thamiza, eu tinha já percorrido toda a extensão dos nove arcos de 120 pés de largo d'esta ponte, tão admirada por Canova, e embicava quasi na estação de Waterloo, quando o meu espirito me soprou a desanimadora e fatal solução. A alma comparada ao animal asinino!

Entre merencorio na estação e li a tabella dos trens que partiam 'naquelle momento. São 9<sup>h</sup> e 42<sup>m</sup> no meu relógio, e ás 9<sup>h</sup> e 43<sup>m</sup> parte um trem para *Windsor Castle*. Metto a mão á algiheira e encontro 10 lib. Muito bem; vou ver o castello de Windsor, que tanto me têm gabado. Compro bilhete de primeira classe por 3 *shillings* e 9 *pence*, e corro a tomar logar 'num vagão, por entre a gente que se encontrava, e esbarrava, e acotevellava, sem dizerem uma unica palavra. Ainda bem me não tinha sentado ouço o apito do guarda, e a machina principia o *sprum, sprum*, do vapor sahindo pela chaminé. São 9<sup>h</sup> e 45<sup>m</sup> em ponto, a sineta toca e o trem despede. Bem; notemos agora quem são os meus desconhecidos companheiros: trez homens e uma senhora, todas caras inglezas. Não ha que dizer da physionomia da senhora; nem é bonita nem feia, o que equivale a dizer que é detestavel.

Passaram 6<sup>m</sup> e estamos em Vauxhall. Nenhum dos meus companheiros se desvia um quarto de pollegada do logar em que tomou assento. Um d'elles de nariz protuberante e ossudo, mallares salientes e testa empinada, lê o *Times*. A senhora brinca com o cabo do chapéu do sol, e os outros dois estão irracionalmente immoveis. Peninsular, e por isso inquieto, levanto-me e vou para a janella do vagão ver os viajantes que saem e entram. É tarde: o trem parte. Conservo-me á janella para me desaborror com a vista verdejante do campo, das vistas seriamente oppressoras dos meus inglezes. — A algumas coisas deve muito attender quem se chega á janella do vagão na corrida, e entre outras a enfiar bem o boné pelas orelhas e a não olhar com os olhos regularmente abertos para o logar da direcção do trem; porque o vento, no primeiro caso, leva-lhe o boné, deixando-lhe em troca um catharro, e, no segundo, mette-lhe uma pestana pelos olhos. Continuo a fazer estas pequenas advertencias, porque me diz a consciencia que estas minhas *viagens* hão de ser um indispensavel *vade-mecum* a todo tourista elegante. O que, porém, ha de mais seriamente notavel são as áreas do caminho, que, ás vezes, saltando despedidas pelo veloz movimento das rodas, vêm ferir o curioso amator da vista do campo.

Ha um quarto d'hora que deixámos Vauxhall, e eis-aquí Putney; e o Thamisa 'num dos seus suaves meandros vem quasi beijar o caminho de ferro. Como é gracioso o Thamisa, cobrejando por esta longa esplanada de verdura!

Innegavelmente Pepin e Arkright foram dois dos maiores homens d'este seculo. Mas entre o viajar em paquetes e o jornadaear em vagões vai differença profundissima: aquelles percorrem apenas 10 a 15 milhas, quando muito, por hora, em quanto estes atravessam 30 a 40 no mesmo espaço de tempo. 'Nestes vai uma pessoa sentada confortavelmente em fôfas almofadas, resguardado das aragens catharras do ar, e lendo com tanta commodidade, como se estivesse no mais bem calefactado e tapetado gabinete, em quanto 'naquelles vai sentar-se nas banquetas de carvalho pintado, ou 'numa pinha de calabres, convertido em catavento, açoitado por todos os lados e horrifado, de quando em quando, pelo espadanar da vaga, espalmando-se no costado do navio. Nada, nada, 'neste momento decido-me pelo vagão, e supprimo immaginariamente a vista da magestade do Oceano, para combater melhor as viagens.

Começava eu 'nestas ruminadas considerações, quando um dos silenciosos inglezes fez notar ao outro, á direita, lá ao longe perdida entre a verdura uma ponte suspensa em *Barnes*, e d'ahi a 5<sup>m</sup> *Mortlake* e outro meandro do Thamiza, e emfim *Kew Gardens*, porque estamos em *Richmond*.

Os companheiros saltaram todos na estação. Um d'elles, engomado na sua independencia, nem sequer movia a cabeça por economia de tempo, respondendo apenas um suffocado *no* ás advertencias do seu companheiro. — Os inglezes em viagem, como em quasi tudo, são a gente mais abhorrida, menos communicativa que póde imaginar-se, ou, melhor, que um portuguez nunca póde imaginar. Nós encontramos 'numa hospedaria algumas pessoas, não importa de que parte do paiz;—póde um ser de *Mertola*, outro de *Freixo de Espada-à-Cinta*, outro de *Cazorães*, outro até de terra innominada—ou encontramol-as em jornada, ou atcompanhamol-as em barco, e d'ahi a pouco todos fallam e conversam, e discutem e riem, como se foram familia de trato muito intimo. Os inglezes são absolutamente o inverso.

O mais das vezes que viajei aconteceu-me não dar, nem ouvir uma unica palavra durante muitas horas. Ao entrar para a carruagem um tira d'algiheira um livro e vai completar o pensamento que tinha deixado em meio na pagina registada; outro, transformando os joelhos em carteira d'escriptorio, poussa-lhes em cima a sua correspondencia e começa cotando a lapis as cartas que lê; outro, abrindo o sacco de jornada, escolhe uma meia duzia

de bolaxinhas que come, fazendo guardanapo do peito da camisa em regaladíssima disposição, e outro, enfim, à voz do gaiato que apregoa ao longo das carruagens « *paper, paper; Times, Observer, News of the world, etc., etc.*, compra com 6 *pence* uma qualquer gazetta e principia a sua leitura com tanto ou mais de-enfado do que se estivesse nos amplos *clubs* de Londres. Eis os companheiros d'uma viagem de 4 ou 6 horas, por vezes. O inglez ou come, ou lê, ou dorme; mas falar, isso so muito constrangido.

Uma occasião em que eu ia de Liverpool para Aberdeeu na alta Escossia, jornada de 14 horas, tendo parado 5 m. na estação de Kendal, um inglez que ia no mesmo vagão, e que já tinha comido e dormido durante 2 horas, lembrou-se de comprar *paper*, e deitando a cabeça fora da janella da carruagem gritou « *paper! . . . paper!* » . . . — eis o galopim á porta com um maço de gazetas de-haio do braço.

« *Morning advertiser* » disse aquelle de dentro. — *No!* — respondeu o peripathetic vendilhão. « *Punch* » replicou aquelle: e o rapaz entregou-lhe o respectivo periodico.

O meu fleugmatico collega tomou-o, tirou d'algiheira uma moeda de dois shillings e entregou-a ao rapaz, esperando a demasia em quanto com descuidada curiosidade lia a data do jornal. O gatuno deu dois passos atraz, ao mesmo tempo que soava o desesperado e desharmoniosissimo apito do guarda, fingiu procurar afflictio o troco, e, dando assim alguns segundos d'esperança ao meu companheiro, voltou as costas, porque o trem começava a andar, e d'ahi a poucos segundos despedia como uma seta. No momento em que se conheceu ludibriado o meu co-viajar teve a desinquieta intenção de se precipitar do carro, mas vendo a inutilidade d'isso, e ministrando-lhe a imaginação, talvez, a perspectiva d'uma tibia partida no salto, resignou o desejo, soltou, num regougo, uma phrase baixa, deixou cahir a não-lida gazeta, tirou duas bolaxas da algiheira, mastigou-as vagarosamente, arrancou do fundo do bolso do ponderoso casacão de pano-piloto uma garrafa de *ginger-beer*, e um copo dobrado de gutta-percha, desdobrou-o, e collocou o direito na almofada, desenvolveu a garrafa voltada para a janella aberta do carro, encheu o copo, bebeu pausadamente, atirou fora com a garrafa vazia, dobrou e recolheu o copo, enfiou até aos olhos o boné, envolveu as pernas na manta de viagem, acocorou-se no casacão e no logar, e d'ahi a poucos minutos o arruido do seu aspero respirar, annunciou-me que dentro d'aquelle involucro de batata e bolaxa, de cerveja e *ginger-beer*, tinha adormecido um espirito de carvão de pedra. Eis o que são inglezes em viagem!

Chegado ao seu destino talvez voltasse de

novo para receber o troco, e corrigir o rapaz. Basta ser inglez para ser capaz d'isso.

Falta um minuto e vamos partir de Richmond. O tempo em Inglaterra e tudo. « *Time is money* » e o axioma da Economia Britanica. Este dicto não partiu de *Adam Smith*, não o formulou *J. B. Say*, não o discutiu *J. Bentham*, porque é da essencia de todos os inglezes, e faz parte do seu character nacional. Os segundos contam-se com tanto cuidado como os guineus. Um chronometro e o mesmo que um Banco.

Oh! que linda camarada que tenho até Windsor! — vou só com ella na carruagem.

Que nobre costume que é este! — a donzella de dezesete annos em Inglaterra viaja com tanta segurança e independencia como um rapaz de vinte e cinco. Adoro a emancipação da mulher ingleza. Ninguém se atreve a dirigir-lhe um dicto menos proprio, um gracejo menos conveniente. Entre nós é exactamente o inverso. Uma menina só, é logo considerada uma mulher perdida: não pode apparecer nas ruas, nos passeios, nos jardins, nos theatros sem um parente, ou pelo menos uma criada, a não querer immediatamente o infundado e estupidissimo anathema de mercenaria do corpo. Nisto está o nosso bello sexo dous seculos atrazados. — Em Londres quasi que não se encontra uma senhora acompanhada d'homem.

A minha amavel companheira deu-me ensejo e atrevi-me a fallar-lhe: — correspondeu com uma affabilidade tão seductora que mais não. Perguntou-me se era turco? — o meu bigode e a minha falla e a tez morena atraçoiariam, ainda quando as quizesse ter, quaesquer pretensões a subdito britanico. Respondi-lhe que não; mas sim portuguez. « Hespanhol? » replicou ella — Sim, da península hespanica, mas do reino de Portugal.

No proseguir da conversa adverti que ainda me julgava castelhano. Servi-me então d'um meio de que já tinha lançado mão para indicar a minha patria a um inglez que me julgou turco, francez, allemão, hespanhol, americano, mas de portuguez coisa nenhuma. Disse-lhe que era do paiz que produzia o vinho do Porto; e então sim, ficámos correntes.

A pequena era natural do Richmond, e disse-me tanta coisa bonita da sua terra, que apressou d'alguns dias a minha projectada ida a Richmond.

Durante a viagem notei, á direita, o vistoso edificio de tijolo branco e vermelho-claro do *Whilton school* e a linda ponte do *Staines*, que ella com a delicada mão alva e mimosa me apontava. Os numerosos bandos de corvos nos campos de Richmond trouxeram-me á lembrança as ferteis varzeas da *Graciosa*, e pude então apreciar a distancia que ha entre ir commodamente num vagão de primeira

classe conversando uma formosa rapariga, e ir do Porto para Coimbra bifurcado 'num manhoso sendeiro, escutando as pulhas torpes d'um arrieiro de praça. Era a confrontação do supplicio da polé com os requintes sybariticos d'um Epicuro luxuário. Não sonhem que ha 'nisto poesia balofa: busquem achar-se nas duas oppostas circumstancias, e ajuizem depois.

*Continúa.*

A. A.

## MONUMENTOS DE COIMBRA.

### I.

#### *Sé Velha*<sup>1</sup>.

Christãos, ganhasdes Coimbra,  
Mais que joia oriental;  
Mais tu, Coimbra, ganhaste,  
Que tens fonte baptismal,  
E a tua *Mesquita grande*  
Verás logo em *Cathedral*.  
CASTILHO.

Quasi no meio da formosa collina, sobre que assenta Coimbra, se levanta este celebre templo, sem duvida o mais antigo monumento da cidade (se exceptuarmos o Castello, fundação de romanos, segundo a opinião mais verosímil), e, por ventura, o unico em Portugal do tempo dos Godos, de quem, geralmente se diz, fôra obra.

É edificio magestoso, cuja architectura se não parece com a de outro algum conhecido.

Suas altas paredes construídas de cantaria, e coroadas de ameias em toda a extensão, mais o inculcam guerreiro castello, do que templo de christãos.

É que na architectura dos Godos a elegancia romana era modificada pela solidez exagerada do gosto germanico.

Estas grossas muralhas são, talvez, o que resta da primitiva, porque as portas excrescentes de pedra de Ançã, em cujos labores o A. das *Bellezas de Coimbra* notou o gôsto dos architectos Godos pelas miudezas e ornatos exquisitos, foram lavradas em tempo muito posterior á edificação do templo, como á primeira vista se alcança, e são obra de *João de Castilho*, segundo afirma um escriptor mo-

derno, que nos bustos em medalhões, arabescos ao divino, nichos de concha, balaustres, vasos, pilastras estriadas, como tudo alli se vê, reconheceu o habil escôpro d'este formoso artista<sup>1</sup>.

O edificio é quadrado, com trez portas, das quaes merece especial menção a maior do lado esquerdo pelos primorosos relevos do arco, e varandas, que lhe ficam sobranceiras.

Não tem janellas, apenas algumas frestas, por onde se escôa uma luz escassa; tambem não tinha torre, nem outro signal de templo, senão uma cruzinha de ferro sôbre a cupula.

Porém levando a mal um dos ultimos priores, que na antiga egreja da parochia, poucos passos distante, se tocasse á missa, que havia de celebrar-se na *Sé Velha*, mandou derribar as ameias da parte anterior do edificio, para no seu lugar se construir um campanario.

Acudiu a respectiva auctoridade com embargos á obra; porém o piedoso sacerdote soccorreu-se ao Governo, que, de bom grado, lh'a consentiu.

A final no proprio lugar, donde, tantas vezes, soára a voz do *Almohaden*, retiniram, pela primeira, os sinos em vinte e quatro de julho de 1839, setecentos setenta e cinco annos depois que aos Mouros fôra conquistada a cidade<sup>2</sup>.

Na verdade era desairoso, — por não dizer impio, — que um templo christianizado, ha tantos seculos, conservasse ainda vestigios profanos, pela falta de campanario no frontispicio, como é de uso entre catholicos.

Embora esse templo fosse para toda a Europa, a despeito de tão grave senão, o mais bem conservado monumento de architectura, nos primeiros seculos do engrandecimento da egreja; o erro commettido pelos Conegos, quando mandaram edificar a torre em lugar ermo e desviado do templo, devia ser emendado por um clerigo mais entendido avaliador das conveniencias architectonicas.

O respeito, que inspira o exterior do templo, sôbe de ponto, quando 'nelle se dão os primeiros passos.

A vastidão, o silencio, uma luz pallida,

<sup>1</sup> O nome d'este architecto anda associado aos nossos mais celebres monumentos. O convento da ordem de Christo em Thomar, o dos PP. Jeronymos de Belem em Lisboa, o mosteiro de Alcobaça, o da Batalha, etc. lhe devem muitos dos primores de arte, que os ennobrecem. Para mais ampla noticia veja-se este nome no *Dictionnaire historique-artistique du Portugal* — Par Le Comte A. Raczynski — Paris — 1847.

<sup>2</sup> A epocha da conquista de Coimbra por D. Fernando o Magno é um dos pontos mais controvertidos na historia de Hespanha. A opinião dos que põem essa conquista em 1058 é a mais seguida; mas os fundamentos dos que pugnam pela data de 1064 parecem-nos mais seguros. — Podem ver-se na *Digressão historico-critica*, que o sabio monge de Alcobaça, e defunto Arcebispo de Evora, D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, junctou no fim da sua *Historia chronologica* d'aquella real Abbadia, publicada em 1827.

<sup>1</sup> El-Rei D. Fernando I de Leão, conquistando Coimbra aos Mouros em 1064, erigiu a sua mesquita maior, depois de consagrada, em *Sé Cathedral*, titulo que logrou até outubro de 1772, em que se trasladou para o sumptuoso templo do collegio da Companhia, pela cedencia, que d'elle fez ao Cabido o Marquez de Pombal, então residente em Coimbra a reformar a Universidade. Em carta regia de 11 de outubro d'aquelle mesmo anno, dirigida ao Marquez, declara El-Rei D. José prestar seu real assenso a esta cedencia. Hoje é parochia de S. Christovão.

<sup>2</sup> Cap. XX — pag. 129.

mal reflectida pelos azulejos das paredes<sup>1</sup>, infundem no animo esse pavor saudavel, que recommenda o Levitico ao logar sancto<sup>2</sup>, favorecendo a piedade, e o recolhimento do espirito na contemplação dos divinos mysterios<sup>3</sup>.

Grandes campas sepulchraes, carregadas de brazões, e escudos d'armas, esculpidas em marmore preto, interrompem, de um modo expressivo, a monotonia do pavimento.

Esta dividido o recinto em trez naves por duas ordens de columnas, que sustentam magestosamente a abobada; não ha porém completa harmonia entre as suas partes.

Sendo a *Se Velha* monumento antiquissimo, as addições, mudanças, e reparos apresentam o cunho dos seculos, em que successivamente se operaram, com alguma quebra da veneravel ancianidade da primeira fabrica<sup>4</sup>.

E que desde o bispo D. Miguel Paes, que em 1177 reformou porticos e capellas<sup>5</sup>, até o bispo D. João de Mello, que em 1688 ornou o côro, e levantou a torre grande<sup>6</sup>, muitos prelados têm engrandecido, com generosa munificencia, esta celebre cathedral.

Em 1540 reedificou a Capella-Mór o grandioso bispo D. Jorge de Almeida, irmão do Vice-Rei da India, D. Francisco de Almeida<sup>7</sup>.

O seu retabulo, construido de madeira

<sup>1</sup> M. W. H. Harrison dit que son revêtement de tuile, émaillées (azulejos), qu'il croit fabriquées en Flandre fait un curieux effet. Portugal, par M. Ferdinand Denis — pag. 388.

<sup>2</sup> Pavete ad sanctuarium meum. Cap. XXVI, 2.

<sup>3</sup> Il y règne une obscurité favorable à la piété, et au recueillement de l'ame.

<sup>4</sup> Chateaubriand — Itinéraire de Paris à Jerusalem. Tom. second. — pag. 231.

<sup>5</sup> Elle (la vieille cathédrale) est peut-être le plus ancien édifice de la ville, et néanmoins elle en est la construction la plus moderne; car depuis son origine qui est inconnue, mais qui semble remonter à l'époque des Goths, jusqu'à nos jours, les additions, changements et réparations, qu'on y a faits, portent le cachet de presque chacun des siècles qui separent ces deux termes éloignés. *Les arts en Portugal* — Par le Comte A. Raczynski — pag. 467.

<sup>6</sup> Gastou muito dinheiro em reparar, e refazer a Sé; e dez annos trouxe um estremo do officio occuado 'nisto, a quem dava grande salario á custa de sua fazenda. E mandou vir um grande architecto por nome Roberto pera fazer, e ordenar as portas da Sé. Chronica da ordem dos Conegos regrantes do Patriarcha S. Agostinho. — Por D. Nicolau de S. Maria — Liv. XI, cap. XIII. — O sr. L. A. Rebello da Silva, primeiramente na epocha Tom. I, num. 18, depois no *Panorama* — vol. II, — 3.ª serie — n.º 3, attribue ao Bispo D. Miguel Paes a fundação da Sé, por não poder concordar a remota existencia attribuida á Cathedral com a destruição completa de Coimbra. Nós comprehendemos facilmente, que á destruição do templo se seguisse o refazimento, e reparação, operada pelo Bispo, que não contraria, antes confirma o facto da remota existencia, aliás attestada pelos nossos e alheios escriptores.

<sup>7</sup> Attenden muito aos adornos da sua Sé, levantou a torre grande, que ameaçava ruina, e ornou o côro, e capellas com ricas armações, e retabulos

Evora Gloriosa — Pelo P. Francisco da Fonseca. — Parte terceira — pag. 322.

<sup>8</sup> Gasco. — Antiquidades de Coimbra — cap. XXII.

dourada, representa a *Assumpção de Nossa Senhora*, e é de admiravel belleza, e do mais puro estylo gothico<sup>8</sup>.

Do principio do seculo XVII datam os ornamentos dourados, que cobrem as paredes dos dous lados do altar<sup>9</sup>.

Poucos annos depois erigiu a capella do Sanctissimo o magnifico bispo D. João Soares<sup>4</sup>. Semicircular, e toda de marmore, contém, em duas galerias, as estatuas dos Apostolos, de primorosa escultura.

A magnifica obra da Sacristia é do grande bispo D. Affonso de Castello Branco<sup>5</sup>.

Se ao estudioso das Bellas Artes offerece a *Se Velha* perfeitos modelos de bom gosto em sua variada architectura<sup>6</sup>, ao amante das antiguidades patrias recorda tambem gratas memorias.

Foi 'neste sumptuoso templo, que el-rei D. Fernando o Magno armou novecentos cavalleiros, e entre elles o Cidadão campeador, D. Ruy Dias de Bivar<sup>7</sup>, e o famoso D. João Pestana, avô do immortal Giraldo — sem pavor.

Aqui, no dia 15 de agosto de 1170, El-rei D. Affonso Henriques armou tambem cavalleiro a seu filho D. Sancho<sup>8</sup>.

Aqui, a 9 de dezembro de 1185, veio este principe receber a corôa, depois da morte d'aquelle monarcha<sup>9</sup>.

Aqui, a instancias da veneravel esposa d'El-Rei D. Diniz, e com approvação do bispo D. Raymundo, se celebrou a primeira festa da Immaculada Conceição de Maria, que depois se estendeu ás outras cathedraes do reino<sup>1</sup>.

Aqui, no anno de 1361, foi lido, por ordem d'El-Rei D. Pedro I, o instrumento da decla-

<sup>4</sup> Les arts en Portugal — pag. 467.

<sup>5</sup> Id. l. cit.

<sup>6</sup> Veja-se o que ácerca d'este sabio prelado diz o illustre Biographo do veneravel Arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. — Tom. I, liv. II, cap. XVII, e o opusculo. — *Os portuquezes nos concilios geraes* — pag. 96 — por A. Pereira de Figueiredo.

<sup>7</sup> Muito ennobrecer esta sancta Sé aquelle generoso Bispo D. Affonso de Castello Branco . . . edificou a famosa sacristia d'ella, que por certo se tem que é uma das melhores que ha. Gasco l. cit. pag. 119. — Pergunta Raczynski (Les Arts en Portugal pag. 469): « De quelle époque est le toit de la sacristie? je ne sais pas au juste; mais je suis porté à croire qu'elle date du temps qui sépare Raphaël des Carrache; il est du meilleur goût. » — E acerta a conjectura do illustre escriptor Prussiano; porque o Bispo D. Affonso de Castello Branco nasceu muito depois da morte de Raphaël, e ainda sobreviveu, seis annos, o Bispo D. Affonso de Castello Branco falleceu a 12 de maio de 1615, ao ultimo dos Carrache (foram trez, Luiz, Agostinho, e Anniball), fallecido em 1609.

<sup>8</sup> Cet edifice prouve, malgré les défauts de l'ensemble, qu'en tout temps l'architecture a été cultivée avec succès en Portugal. Les Arts, l. cit.

<sup>9</sup> Gasco l. cit.

<sup>1</sup> Evora Gloriosa — pag. 40 — n. 69.

<sup>2</sup> Historia de Portugal. — Por A. Herculano — Tomo I, pag. 419.

<sup>3</sup> Historia Genealogica da casa real — Tom. I, Liv. I.

<sup>4</sup> Portugal glorioso e illustrado — Liv. IV pag. 267.

ração jurada, que fizera em Cantanhede, em presença de varios prelados, e senhores do reino, de que a formosa D. Iñez de Castro fôra sua legitima, e verdadeira mulher <sup>1</sup>.

Aqui, a 3 de março de 1385, entre festivas aclamações de um povo immenso, foi recebido com honras de soberano o mestre de Aviz, que trez dias depois se appellidou El-Rei D. João I <sup>2</sup>.

Aqui, no dia 6 de maio de 1449, veio encommendar-se, em suas angustias, á Consoladora dos Afflicto, o infeliz Duque de Coimbra, o Infante D. Pedro, morto aleivosamente, poucos dias depois, nos infames plainos de Alfaroheira <sup>3</sup>.

Aqui, finalmente, mandaram encerrar suas cinzas muitos illustres prelados <sup>4</sup>, nobilissimas damas <sup>5</sup>, esclarecidos fidalgos, e senhores <sup>6</sup>.

R. DE GUSMÃO.

## OS SINOS.

Continuado de pag. 271 do IV Vol.

Longe vai do « Czaz Kolokol » ás sinetas antigas que se prendem á historia pessoal dos primeiros apóstolos do christianismo na Irlanda e na Grã-Bretanha. São ellas de bronze, de uma côr carregada, de forma quadrangular, provavelmente á imitação dos modelos romanos, e tendo de ordinario nove a doze polegadas de altura, e umas seis de largura. Algumas fundidas 'numa unica peça, compondo-se tambem muitas outras de duas ou trez laminas de metal batido conjunctamente e depois fundido em uma só massa por um processo que presentemente não se emprega. Nos specimens mais perfeitos é para notar a suavidade do som, e se este em alguns é desgarravel, é por que ou estão rachados, ou soffreram algum concerto. Na idade media, eram a tal ponto veneradas estas sinetas, que as levavam em

procissão quando iam cobrar as contribuições para os mosteiros a que pertenciam; faziam-as figurar nas assembleas solemnes; nos debates judiciaes prestava-se juramento sobre ellas; e o povo mais se temia de perjurar sobre os sinos, que sobre o Evangelho, por isso mesmo que olhava á vingança immediata do sancto, cujo sino ousasse menospresar. Hoje mesmo ainda se empregam alguns sinos na Irlanda, como antigamente, para prestar juramento, para honrar os funeraes, para exercer uma especie de prova e para dar mais apparato á festa do Orago da localidade.

Entre as sombras dos tempos passados, ha poucas tão inexploraveis como as dos sanctos primitivos das egrejas irlandeza e ingleza — S. Patricio, S. Kieran, Sancta Colombe, S. Gildas, S. David, S. Senanus. Com tudo sinos, ou antes sinetas, frequentemente mencionadas em manuscritos historicos e pertencendo a localidades desviadas, têm atravessado até nós acompanhadas d'um sem numero de attestações tradicionaes, segundo as quaes deveriam ter sido instrumentos empregados por aquellos sanctos personagens, já no altar, já no exercicio ambulante do seu ministerio. Segundo se diz, trez d'estas sinetas tiveram a honra de pertencer a S. Patricio em pessoa. Uma d'ellas deveria ter estado em suas mãos no monte do combate o « Croagh Patrick » moderno, theatro da ultima luta que teve contra os demonios d'Irlanda. Não havendo conseguido, posto que tocasse com toda a força, o desembaraçar-se de seus adversarios, acabou arremessando a sineta ao meio d'elles, que á vista d'isto se escaparam precipitadamente, livrando a ilha das suas aggressões durante sete annos, sete mezes e sete dias. O projectil, quebrado pela queda, foi logo consagrado ao sancto patrono de Kildare, sôb o nome de « sino quebrado de Brigid ». E fôra de duvida, que esta sineta não é a mesma de que se faz menção nos « *Acta sanctorum* », de ter sido concertada por um anjo para S. Patricio, e de que se mostrava depois a soldadura como prova do milagre.

Uma segunda sineta de S. Patricio, tendo-se tomado propriedade da abbadia de Armagh, era empregada em 946 pelo abbade, para medir o tributo que lhe pagava uma povoação do Norte, como ao successor do apóstolo d'Irlanda. A terceira e a mais venerada d'estas reliquias é conhecida pelo nome de « sino do testamento de S. Patricio ». A violação d'um juramento prestado sobre este sino em 1044, foi, segundo se afirma, punida por uma correria em que se tomaram grande numero de prisioneiros e 1200 vacas. Este sino, no começo do seculo XII, estava encerrado 'num magnifico relicario, ornado de serpentes entrelaçadas d'um gosto tão elegante quanto original. A guarda tinha-se tornado hereditaria e formava uma fonte de consideraveis ren-

<sup>1</sup> Chronica dos Conegs Regrantes de S. Agostinho — Liv. IX, cap. XXII — pag. 342.

<sup>2</sup> Mem. de El-Rei D. João I, por José Soares da Silva — Liv. I, cap. 43.

<sup>3</sup> Chronica do Senhor Rei D. Afonso V, escripta por Ruy de Pina (*Ineditos de historia portugueza* — Tom. I), cap. CXVII.

<sup>4</sup> Vide Catalogo Chronologico-critico dos Bispos de Coimbra. — Pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira.

<sup>5</sup> São as principaes *D. Veteça*, de cujo tumulto tractaremos em outra occasião, e *D. Maria Telles de Menezes*. D'esta ultima Senhora não existe monumento, nem sequer tradição do logar, em que fôra sepultada. Veja-se o excellente Poema, que, sob a epigraphie — *D. Maria Telles de Menezes*, — publicou o sr. Ayres Pinto de Souza na *Revista Litteraria* (do Porto) — Tomo IV — pag. 578.

<sup>6</sup> O Conde D. Sisanando, etc. Dia João Pedro Ribeiro nas suas *reflexões historicas* — Parte I — n. 8, que o tumulto de D. Sisanando, antes de ser transferido para o logar, em que, ao presente, se acha, estivera collocado no claustro, para onde aliás fôra trasladado do templo.

dimentos. Parece que um tal Henrique Mu-  
lholland, que morreu pelos fins do seculo pas-  
sado, terminou a longa serie de membros de  
uma so familia encarregada, pelo espaço de  
700 annos, da conservação d'este specimen  
da arte antiga. O sino em si está muito cor-  
roido pela acção do tempo, mas vê-se que  
fôra fabricado grosseiramente. Com tudo o  
trabalho do relicario, executado em Irlanda  
setenta annos antes do desembarque de exer-  
cito de Henrique II nas praias d'aquella ilha,  
prova que os indigenas não estavam de modo  
algum mais atrasados nas artes da paz que os  
seus conquistadores. Este sino com o relicario  
figurou na exposição de Cork em 1852,  
e descrevem-lhe o som, como o mais proprio  
para afugentar os espiritos malignos, bem  
como todos os réptis, excepto a cobra surda.

*Continúa.*

### COLLECÇÃO DE PRODUCTOS DAS NOSSAS POSSESSÕES ULTRAMARINAS.

O museu da universidade acaba de ser  
enriquecido com uma collecção de variados  
productos das nossas possessões ultramarinas,  
que lhe foi offerecida pelo sr. Antonio Julio  
de Castro Pinto de Magalhães, bacharel for-  
mado em philosophia, e primeiro official da  
secretaria do conselho ultramarino.

Esta collecção contém amostras de excel-  
lentes qualidades de productos indigenas das  
nossas possessões na India portugueza, e na  
Africa; de cuja exploração o nosso commer-  
cio, a industria manufactureira e agricula,  
poderiam tirar avultados interesses, e con-  
sideraveis melhoramentos, mas que infelizmente  
são pela maior parte quasi desconhecidos en-  
tre nós.

Na exposição universal de Paris, onde mu-  
tos d'esses productos foram apresentados, tive-  
ram elles a maior acceitação, e um grande  
numero de sociedades estrangeiras solicita-  
ram do nosso commissario regio amostras  
d'aquelles productos, que tinham sido colligi-  
dos pelos cuidados e diligencias do conselho  
ultramarino.

Na collecção, que o sr. Pinto de Magalhães  
offereceu para o museu da universidade, ha  
cinco qualidades de *urzella* de Lourenço Mar-  
ques, de Benguella, de Cabo Delgado, e de  
Cabo Verde: o *gergelim branco* de Moçambi-  
que, e o *gergelim preto* da India: o *maná* de  
Cabo Delgado: duas qualidades de *tapioca* de  
Moçambique: a *mafurra* e o *mendobim* de Mo-  
çambique; a *castanha de Inhambane*; amen-  
doas de *puna*, e o *brindão* da India: diversas  
qualidades de *café* de Cabo Verde e Moçam-  
bique; *assucar* de Moçamedes; *flor de chiote*  
d'Angola; *cascas de arvores tintoriaes*; a *cha-  
lata* e a *lunga*, a *uiza* dos indigenas, de Mo-  
çambique; semente de *acacia rubra*, etc.

São tambem notaveis os exemplares de  
*gomma elastica* de Gorungo-Alto em Angola;  
os de *gomma copal* de Benguella, do Ambriz,  
e do Ambrizete; a *gomma de caju*; o *enxofre*  
de Benguella cristalisado em taboas, e o da  
Ilha do fogo: sal *gemma* de Quissama, e  
*malachite* do Ambriz, etc.

O conselho da faculdade de philosophia,  
agradecendo, como lhe cumpria, a generosa  
offerta do sr. Pinto de Magalhães, e mandan-  
do fazer honrosa menção do nome do offe-  
rente no livro das actas das suas sessões,  
determinou, que esta collecção fosse coorde-  
nada em um gabinete especial, que ficaria  
destinado para os productos das nossas pos-  
sessões, para poderem ser alli estudados pelos  
nacionais e estrangeiros, que frequentarem  
este estabelecimento, e servirem tambem  
para demonstração nas aulas respectivas,  
alim de serem devidamente apreciadas essas  
riquezas das nossas possessões d'além mar, e  
de excitar o gosto e interesse pela sua explora-  
ção entre aquelles, que por seus estudos, e  
profissão são os mais competentes para auxi-  
liar e dirigir as diversas emprezas, que se  
organizarem n'aquelles vastos territorios.

Seria muito para desejar, que o governo  
por meio das suas auctoridades, e por commis-  
sões especiaes fizesse colligir e examinar todos  
esses productos naturaes das nossas possessões,  
e provesse de exemplares d'elles os nossos mu-  
seus, para serem alli estudados e conhecidos  
do publico.

Na falta d'este indispensavel auxilio, gran-  
de serviço fez o sr. Pinto de Magalhães, pro-  
vendo o nosso museu com uma tão selecta  
collecção, que o mesmo senhor promete con-  
tinuar a engrandecer com aquisição de novos  
productos, que elle é incansavel em solicitar  
do ultramar, onde por alguns annos serviu  
já o seu paiz com muita dedicação, adqui-  
rindo variados conhecimentos sobre as mais  
importantes produções d'aquelle solo.

J. M. DE ABREU.

### NOTICIARIO.

**Nova locomotiva.** No concurso agricola  
de Chelmsford apresentou-se uma nova e mi-  
nigal locomotiva, que traz consigo os *rails*  
sobre que deve correr. Collocada á entrada  
de um campo lavrado, de um prado, ou d'outro  
qualquer terreno, o director larga o vapor,  
immediatamente a maravilhosa machina lança  
diante de suas rodas os *rails* sobre que deve  
mover-se, depois da sua passagem os *rails*  
levantam-se para de novo se estender respei-  
tosamente, como uma alcatifa de ferro, debaixo  
dos magestosos passos d'esta rainha triumphan-  
te; a locomotiva corre assim com extraordi-  
naria facilidade sobre terrenos, onde deveria  
enterrar-se até ao meio por seu proprio peso.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto*; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte*, será dirigida — A' *Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24

numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$440

Por semestre, ou 12 numeros, dictos . . . . . 800

Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem d'este 5.º volume serão pelo mesmo preço da assignatura

annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III e IV d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

nó regulamento de 6 de junho de 1854, o curso especial de direito administrativo. E d'este modo, sem augmentar ao Thesouro mais do que a despeza d'uma cadeira, e respectiva substituição na faculdade de direito, conseguiu-se estabelecer na Universidade um novo curso especial de habilitação para cargos e empregos administrativos, de que tanto se carecia; e pelas matriculas, realisadas em outubro, se vê que muitos alumnos da faculdade de direito se destinam tambem a essa habilitação especial.

Nesta faculdade estão vagas 4 substituições ordinarias, e as 4 extraordinarias da lei de 19 de agosto de 1853; e essa falta, juncta com a ausencia de 5 lentes para côrtes, é muito prejudicial ao serviço, e terão de ficar talvez cadeiras fechadas; porque não ha oppositores, nem doutores addidos, que sejam obrigados a tal serviço. É verdade que pelo concurso, que já se acha aberto, espera-se, que sejam providos os 4 lugares de substitutos ordinarios, até que passem os 2 annos da lei de 19 de agosto de 1853 art. 4.º §. 3. Continuará a sentir-se por esse tempo a falta de mestres para o ensino, se não houver uma dispensa de lei, que, 'nestas circumstancias especiaes, permitta fazer-se a promoção de substitutos ordinarios antes de passados os 2 annos.

*Faculdade de medicina.*

Foi frequentada por 62 alumnos: dos quaes dois perderam o anno; 6 deixaram de fazer acto; um foi reprovado; approvados plenamente 48; e *simpliciter* 5.

O conselho d'esta faculdade representou a V. M. a necessidade da creação d'uma cadeira de clinica cirurgica especial, como já teve 'noutro tempo; e essa pretensão acha-se por ora pendente. O conselho da faculdade tracta de fazer nova distribuição de todas as materias do curso, como lhe permite o art. 158 do dec. de 13, art. 21 do de 11, e o art. 164 do de 13 de janeiro de 1837; e o conselho superior, com quanto deseje dar a maior latitude possível aos estudos practicos, especiaes e d'applicação, aguarda essa distribuição de materias, para depois consultar a V. M. o que melhor entender sobre tal pretensão em

NUM. 15.

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Continuado de pag. 159.

#### *Faculdade de direito.*

Foi frequentada por 465 alumnos, de que nos actos foram approvados—*nemine discrepante*—414, e *simpliciter* 22: do resto uns perderam o anno, outros não foram habilitados, outros, sendo-o, não fizeram acto, e 4 foram reprovados, como tudo consta pelo respectivo mappa n.º 3.

Nesta faculdade, bem como na de philosophia, já se cumpriu a lei de 13 de agosto de 1853, formando-se de ambas, como se ordenou

VOL. V.

NOVEMBRO 1.º—1856.

cumprimento da portaria do ministerio do Reino de 6 d'abril do anno corrente.

O mesmo conselho da faculdade tambem pediu, em 23 de janeiro ultimo, augmento de dous substitutos ordinarios para preencher o numero de 5, egual á metade dos cathedra- rios, como em todas as outras faculdades. Poderá parecer que não ha razão para tal augmento, porque, supposto esta faculdade tem dous substitutos menos do que nas outras faculdades, tem dous substitutos extraordinarios de mais, e entre uns e outros vem a ter tantos, como cada uma das outras faculda- des em ambas as classes. Não pôde porém desconhecer-se, que as circumstancias d'esta faculdade são especiaes, e muito diversas das outras. Tem é verdade dous demonstradores, e trez ajudantes de clinica, que são os seus 5 substitutos extraordinarios: porém estes cinco estão todos empregados continuamente em serviços especiaes effectivos, como o das demonstrações, e preparações de peças patho- logicas e anatomicas, e o serviço classico das enfermarias dos homens e das mulheres, e do hospital de molestias cutaneas: são por isso obrigados a um estudo especial, diario e continuo, e sujeitos a um serviço da mesma natureza, a que não podem faltar. Não são como os extraordinarios das outras faculdades, que estão em descanso, em quanto não têm regencia de cadeira, a que sómente são cha- mados em falta dos ordinarios. A um demon- strador ou ajudante não é possível, quando fôr chamado a reger uma cadeira, cujas disci- plinas não tenham relação com as demonstra- ções e ajudancias, como philosophia, apho- rismos, obstetricia, medicina legal etc., accu- mular tal serviço como seu ordinario, e satis- fazer bem ambos os serviços. Com tal accumu- lação, que pôde ser muito repetida, frustrar-se- ha o pensamento de crear especialidades, pelo exercicio diario no exercicio da clinica nos hospitaes, que offereçam á sciencia as- siduas e escrupulosas observações no grande numero d'exemplares, que observam todos os dias nos hospitaes.

O theatro anatomico continúa em bom ar- ranjo e acio, e vai augmentando progressiva- mente a colleção d'exemplares preparados na propria escola: neste anno foram dissecados 83 cadaveres, sendo d'estes 51 para o estudo de anatomia pathologica, 5 para o de opera- ções cirurgicas, 1 para o d'arte obstetricia, e 26 para o de anatomia physiologica. Está porém muito pobre de instrumentos, como se diz no relatorio especial d'esta faculdade; na repartição d'obstetricia creada de novo, carece absolutamente da ferramentagem, e instrumen- tos especiaes, porque nada têm moderno.

O conselho da faculdade já em 21 de ou- tubro de 1853, e 9 de junho de 1854, tractou do arranjo, e organização do theatro anatomi- co, apropriado ás disseccções, preparações

e observações microscopicas, decretada pelo art. 106 do dec. de 20 de setembro de 1844; e ultimamente assentou conservar o actual no mesmo lugar, em que existe para a anatomia grossa, para economisar despesas, ainda que melhor fôra, para bem do ensino, ter tudo reunido; e designou um local muito apropriado para esta obra; mas não é pos- sível pô-lo em execução, por falta de meios pecuniarios. O chefe da Universidade, no seu relatorio, dá conta de que já sobre este objecto fizera proposta a V. M., por officio de 28 de agosto ultimo, em harmonia com o voto da commissão especial dos hospitaes: e este con- selho superior respeitosamente pede a V. M. se digne resolver sobre essa proposta, como entender em sua alta sabedoria.

### *Dispensatorio pharmaceutico.*

Este estabelecimento ainda se não mudou para o edificio do hospital, no Collegio das Artes, e a existencia em apartado prejudica o serviço, a fiscalisação, e a economia; mas a mudança, e nova collocação, apesar de já autorizada por V. M., não se poderá realizar só com os meios ordinarios da verba annual, votada no orçamento do Estado para despesas da Universidade. A mesma falta de meios obriga a que se conservem ainda as estantes sem vidraças, e que a arrecadação dos medi- camentos e drogas não esteja segundo os prin- cipios da sciencia. Em quanto se não fizer a mudança do dispensatorio pharmaceutico, não poderá collocar-se o lyceu nas cazas, que hão-de ficar desoccupadas, e que estão destinadas para elle: e isto é mais um motivo, pelo qual este conselho mui respeitosamente pede a V. M. se digne attender a que o dispensatorio phar- maceutico carece de meios extraordinarios, por uma vez, para a sua mudança, collocação e arranjo.

Os hospitaes acham-se collocados nos edifi- cios do Collegio das Artes, de S. Jeronymo, e dos Militares; mas precisam ainda de muitas obras, que estão indelidamente espaçadas por falta de meios. De todas as mai urgente é a introdução da agua, que os hospitaes já têm, do cano geral da cidade, nas cercas de S. Jeronymo e do Collegio das Artes, e eleva-la, por meio de bombas, ás enfermarias e logares dos edificios, em que mais convier. E como o prelado, no seu relatorio, diz que já propozera a V. M. meios no seu referido officio de 28 de agosto ultimo, o conselho pede a V. M. se digne attender a essa proposta como a V. M. melhor parecer.

No relatorio, feito pelo conselho da facul- dade de medicina, vai juncta a conta de rec- eita e despesa de todos os estabelecimentos annexos á faculdade, e mapps do movimento dos hospitaes desde o 1.º de julho de 1853 a



30 de junho 1854; e são representadas as necessidades mais urgentes, e precisão de augmento de meios para occorrer a ellas: e este conselho superior não pôde deixar de pedir respeitosamente a V. M. se digne tomar em sua alta consideração tão justas supplicas a bem do ensino, e da humanidade enferma.

#### *Faculdade de mathematica.*

No relatório da Universidade, com referencia ao especial d'esta faculdade, se dá conta de varias resoluções d'attribuição do respectivo conselho, a bem do serviço, na parte formal scientifica e economica: e se diz como se fizera o serviço em todo o anno lectivo. Ultimamente expõe o prelado, que se dirigira a elle o conselho da faculdade, para que sollicite do governo de V. M. a concessão da casa da livraria de S. Pedro, para collocação da aula de desenho; mas que elle entende se não deve tirar aquella livraria do local e estantes, em que se acha, nem separar aquella sala do edificio para outro serviço: e é de parecer que a aula de desenho se pôde collocar muito bem no edificio do abandonado hospital da Conceição.

Ao conselho superior parecem attendiveis as razões allegadas pelo prelado; e que a aula de desenho (que infelizmente não tem exercicio, nem os professores, proprietario e substituto, residem em Coimbra) ficará melhor collocada no edificio do abandonado hospital da Conceição, aonde ha capacidade para se preparar uma sala excellente com todas as condições precisas para tal destino, e formar-se juncto a ella, e unida ao museu, uma galeria de pinturas. Mas, quando a faculdade queira tel-a junto do seu observatorio astronomico, em continuação d'elle mesmo tem para a parte do norte, e para a do sul, porções de terreno, qualquer d'ellas com espaço e capacidade sufficiente para se edificar, com bem pouca despeza, uma casa propria e especial para o desenho, que custará de certo muito menos do que tem de se gastar, em mudar os livros da livraria de S. Pedro, appropriar-a para a aula do desenho, e abri-lhe communicação e serventia, sem estragar de todo o edificio.

#### *Faculdade de philosophia.*

Dos 160 alumnos, que a frequentaram, foram habilitados para actos 133, perderam o anno 27, deixaram de fazer acto 30, e foram reprovados 9, aproveitaram 94.

El-Rei o Sr. D. Pedro V dignou-se honrar o museu e o jardim botanico com a generosa dadia de varios exemplares de conchas, de aves, de mamães, e de plantas; e o conselho da faculdade, agradecendo mui respeito-

samente tamanha honra, quando distribuiu tão preciosos objectos, poz-lhes signaes, que indicam a real procedencia da augusta municipalidade de S. M.

O jardim botanico recebeu 'neste anno algum augmento, não só com uma remessa, vinda de Hamburgo, e outra da Madeira, mas com um precioso presente de sementes colhidas nas Costas d'Africa, e offerecidas pelo sabio naturalista Dr. Frederico Welwitsch.

O conselho da faculdade agradece a verba de 1:200\$000 rs., votada no orçamento do Estado, para construção d'uma estufa e abrigadouro no jardim botanico, de que tanto se carece, a bem da sciencia e do ensino, 'neste estabelecimento scientifico, um dos mais bellos do nosso paiz: mas, sendo tal auxilio insufficiente para aquella obra, pediu-se, que se, incluia outra vez na verba de dotação universitaria, no orçamento para o futuro anno economico, a mencionada verba de 1:200\$000 rs. para continuação d'aquella obra, e para arranjos, que convém fazer nas salas do hospital, hoje incorporadas no museu, e compra de maquinas, instrumentos, e diferentes objectos para serviço do laboratorio chimico, e dos outros gabinetes e estabelecimentos da faculdade, conforme o orçamento.

Este conselho superior pede respeitosamente a V. M. se digne tomar em sua alta consideração esta requisição. A faculdade de philosophia precisa de habilitar todos os respectivos estabelecimentos para poder dar, a par do ensino theorico transcendente, todas as noções practicas, que elle comportar, e dispor seus alumnos, quanto possivel, para estudos especiaes e profissionais: e não poderá dar essa extensão e direcção ao ensino, sem que tenha os seus estabelecimentos bem providos d'apparelhos, maquinas, modelos, e instrumentos antigos e modernos, d'uso frequente no estudo da sciencia.

Tractando das repartições da Universidade, o prelado, em seu relatório, expõe com referencia especial da secretaria como necessaria a criação, — 1.º de dois amanuenses para a secretaria; 2.º d'um ajudante para o bedel da faculdade de direito; 3.º d'um continuo para os geraes.

Este conselho sente sempre muita repugnancia em propor medidas, que exijam augmento de despeza; e sómente se anima a vencer essa repugnancia quando reconhece absoluta necessidade a bem da instrução publica. Na secretaria o trabalho é hoje o mesmo, que já tem sido ha 15 annos: em que tem havido mudança, e grande differença é nas forças dos empregados, que já não podem ser as mesmas, como ha 15 annos antes. Esta pretensão já está pendente no conselho superior, aonde baixou com officio do ministerio do reino, de 15 de fevereiro de 1854; e o conselho, para poder consultar sobre tal pretensão

com pleno conhecimento de causa, exigiu, em data de 6 de marco d'este anno, informações e esclarecimentos, que ainda lhe não foram enviados d'aquella secretaria: logo que cheguem, á vista d'ellas deliberará este conselho o que deva consultar a V. M.; e, sem essas informações e esclarecimentos, não se pôde apreciar devidamente o serviço d'aquella secretaria, que se torna muito simples pelos impressos, de que se usa, e brevidade de fórmulas. Um secretario, um official maior, um official especial para a contabilidade, um official ordinario, um continuo, um porteiro; quando todos possam, queiram, e saibam trabalhar, expedirão muito serviço, se o distribuirem bem, e trabalharem todos os dias, e todas as horas, como devem. Entretanto, se se mostrar pelos esclarecimentos e informações exigidas, que se torna indispensavel destinar quem practique, e ajude em algum ramo especial de serviço d'esta secretaria, o conselho superior promptamente consultara a V. M. o que fôr de razão, sem perder de vista a economia dos dinheiros publicos.

Em quanto a ajudante de bedel da faculdade de direito, é verdade que as aulas são presentemente 15; mas, nos primeiros 4 annos do curso, as lições dão-se em dias alternados; e por tanto as 15 aulas de todo o curso ficam reduzidas para o serviço do bedel somente a 11 por dia; as repetições semanais ou sabbatinas, tanto se podem fazer todas 'num só dia, o sabbado, como separadas em diversos dias da semana e assim se fazem já. Os logares para todas as aulas são todos junctos, de maneira que saindo-se d'uma aula se pôde entrar logo 'noutra: as horas são desde as 8 da manhã ate ás duas. Uma boa combinação facilitará o serviço do bedel, se isso é preciso, sem que se augmente a despesa pública com um ordenado para o ajudante. E verdade, que o bedel tem grande trabalho para preparar os pontos e cadernos no principio do anno, e no fim de cada mez, para apurar e encher as relações das faltas: mas será possivel talvez encarregar um dos continuos dos geraes de o coadjuvar 'nestas occasiões, sem augmento d'um empregado novo.

Em quanto ao continuo. As faculdades de medicina e philosophia têm continuos especiaes: na de mathematica ha no observatorio, guarda, ajudante e porteiro, que coadjuvam o serviço de policia. Para o serviço dos geraes, onde concorrem a algumas aulas estudantes d'essas faculdades, e os de direito, e theologia, ha trez continuos: ainda tirando um para serviço do prelado ficam dous, e o da secretaria, tendo serviço só de manhã ás horas das aulas, para coadjuvar os bedes e guarda mór, na policia. Detalhando-se bem o serviço, longe de ser preciso crear mais um continuo, poderá impôr-se, aos que existem, a obrigação de coadjuvar o bedel da facul-

dade de direito, nas occasiões de maior trabalho. O serviço de policia não é serviço, que se faça a poder de força, e de grande numero de gente; faz-se com o respeito, actividade, prudencia, e vigilancia. Se os actuaes empregados não têm estas qualidades, o mal vem das pessoas; não da falta de novos empregados.

#### *Archeiros.*

O prelado pede se nomeiem mais dous, porque são ao todo somente dez; e esses na verdade são poucos para fazerem o serviço em todos os estabelecimentos diversos, e em logares separados—jardim botânico, dous hospitaes, lyceu, secretaria, prelado, geraes, museu, laboratorio, imprensa, observatorio, bibliotheca. Ainda fazendo-se as precisas reduções de serviço, sempre faltam alguns para a policia, fora dous logares especiaes: e enfiados do continuo-serviço diario, mal podem satisfazer ao das rondas de noite. O augmento de despesa é, como informa o prelado, 115\$200, rs. em dinheiro, cada anno, a que tem de accrescer os fardamentos; mas torna-se indispensavel este sacrificio, porque não é possivel com dez somente fazer-se o serviço melhor do que se faz, e com tão poucos faz-se mal. Se esta pequena verba puder merecer a V. M. a real attenção que merece, deverá accrescer no orçamento a dotação para expediente da Universidade, porque é por ella que se paga toda a despesa dos archeiros.

#### *Real capella da Universidade.*

É indispensavel a existencia e conservação d'ella para o culto divino, bom exemplo de piedade e exercicios religiosos, á mocidade, e practica de estudantes 'nella empregados, e dos que se habilitam aqui para a vida ecclesiastica. Precisa de grandes concertos e reparos; e no relatorio da Universidade se pedem 1:737\$000 para os mais indispensaveis. Este conselho pede a V. M. se digne attender a esta precisão, e mandar incluir, na proposta d'orçamento, essa verba como indispensavel, além da ordinaria, para despesas da Universidade, de que não é possivel economizar-se tão forte somma para occorrer a ella.

#### *Typographia e bibliotheca da Universidade.*

Em cada uma d'estas repartições ha uma commissão especial, que tracta especialmente das reformas e melhoramentos, que o prelado promette elevar á augusta presença de V. M., quando estiverem concluidos os seus trabalhos; este conselho superior, quando elles lhe forem presentes, exporá a V. M. tudo o que lhe parecer melhor.

*Continua.*

## HERMENEUTICA.

Das palavras sómente como resposta á pergunta: «A Hermeneutica é uma sciencia ou uma arte?»

— Não vimos, portanto, a pompear erudição.

Dado como sabido o objecto da Hermeneutica, parece que a ninguém, ainda mesmo quando pouco familiar com os requisitos, que a critica exige para que um qualquer grupo dos nossos conhecimentos seja baptizado com o nome de sciencia, lhe poderia, nem de leve, esvoaçar pelo espirito a tentação de co-gnominar de sciencia a Hermeneutica.

E, todavia, não é assim. Ha alguns escriptores que, ou por culposo desleixo, ou por menos bem pensado juizo, ou, nem sei se o diga, por calculada ignorancia, a enfeitam com tal nome. Dê-se-nos que os não ennumeremos, quando todos os que versam materias d'esta natureza mais que muito bem os conhecem.

É innegavel, e, ainda mais, é mesmo inquestionavel, que condição imprescriptivel, imprescriptibilissima para fundamento d'uma sciencia, é um principio essencial, constante, universal, onde tudo, quanto ha depois de constituir o corpo de doutrinas e preceitos, se filie, e por onde possa aquilatar-se-lhes a verdade e a justeza.

Todas as sciencias têm esse principio.

Dos dous vastissimos grupos em que hoje se conciliam todas — sciencias moraes e sociaes — e — sciencias physico-mathematicas — nenhuma se nos abre ao espirito, que não medre e floreje, firmada nelle. Do primeiro é a infinidade positiva de Deus e dos seus attributos, e a natureza moral do homem; do segundo a infinidade negativa do universo com os seus systemas e os seus mundos, e os seres que os povôam, e as leis que o atomo revela.

Mas poderá a Hermeneutica exigir a sua classificação no primeiro d'estes grupos, — o das sciencias moraes e sociaes? Não por certo. Fóra o mesmo que querer lá introduzir, por contrabando, a grammatica, a arithmetica, a rhetorica, a poetica, ou enfim, outra qualquer das artes, que proveitosas, que proveitosissimas tambem como aquella, não têm por fundamento, nem a infinidade positiva de Deus, nem a infinidade negativa do espirito humano.

Carece, por conseguinte, a Hermeneutica da condição imprescriptivel para ser sciencia. Não o é pois.

Da sua existencia é apenas condição um attributo accidental — a manifestação da palavra.

Os mudos são o protesto vivo e constante lavrado contra as pretenções da Hermeneutica.

O judeu-portuguez (Rodrigues) que em Al-lemanha inventou a linguagem dos surdos-mudos não infirmou o que dizemos.

Dos cinco requisitos que a critica requer para expedir o fóro de sciencia — abundancia dos factos, lucidez de theoria, regularidade de nomenclatura, nexo de systema, e perspicacidade de methodo — nenhum pôde exhibir a Hermeneutica.

Tendo por fim o descobrir o sentido na palavra, e não sendo esta signal necessario d'aquelle, mas convencional, mas caprichoso e variavel, d'onde ha de vir á Hermeneutica, assim oscillante, um principio immutavel? um requisito de sciencia?

Não sabemos; e cremos que ninguém poderá dizer-nol-o.

Os factos, a que podemos abrir a mão, quando a razão nos convence, mentem-lhe os caracteres de sciencia. Quasi não ha dous hermeneutas accordes 'num principio, e menos ainda nos resultados.

A palavra não reproduz nunca todos os cambiantes do pensamento.

O homem tem, durante a vida, muitos milhões de pensamentos, de idéas, de sensações; e nenhuma lingua, ainda a mais rica, terá muito para cima d'um milhão de palavras.

A alma nunca deixa de pensar. O pensamento é a sua vida. — Revocada ao mundo exterior, manifesta a idéa nova, particular, sua, pela palavra velha, geral, dos outros.

Como, pois, d'um facto tal ha de nascer uma sciencia!

Se, porém, invertendo a intelligencia d'esta, quizerem arreiar com ella a Hermeneutica, quem ha no futuro de discriminar a arte da sciencia, ou da industria? Todas ellas têm regras.

O artista para ser perfeito preenche certas regras, como o industrial as executa. Mas, por isso que tem regras, serão sciencias? *Dicant Paduani.*

A. A.

## OS LUSIADAS.

Tradução franceza.

## LES LUSIADES.

Continuado de pag. 155.

92.

L'un s'élançait à la nage, et dans les almadies  
Le plus grand nombre court s'entasser à la fois;  
Mais ils ne peuvent fuir, leurs forces engourdies  
Cèdent, et les bateaux s'enfoncent sous leur poids.  
De cadavres flottants les ondes sont remplies;  
Les plaintes des mourants et leurs lugubres voix  
Résonnent tristement sur ces plaines sanglantes  
Malgré le son bruyant des bombes éclatantes.

93.

Les guerriers de Lus, glorieux et vengés,  
 Apporment aux vaisseaux leurs nouvelles richesses;  
 Sans crainte à l'avenir de se voir outragés,  
 Ils peuvent recueillir le prix de leurs prouesses.  
 Et cependant punis, mais non découragés,  
 Leurs ennemis encore par de lâches adresses  
 Espèrent assouvir cette noire fureur,  
 Qu'accroît le souvenir de leur dernier malheur.

94.

Bientôt un messager du chef de cette terre  
 Vient parler aux vainqueurs, de paix, de repentir,  
 Et sous le nom de paix, c'est une horrible guerre,  
 Que le traître et son cœur espère leur offrir.  
 Complice de la trame et du cruel mystère  
 Un guide par son ordre aussitôt doit venir,  
 Qui du nouvel accord se livrant comme otage,  
 En secret a juré d'assurer leur naufrage.

95.

L'amiral portugais brûle au fond de son cœur  
 De poursuivre un projet que le Ciel favorise;  
 Eole et l'océan secondent son ardeur,  
 Rien ne s'oppose plus à sa noble entreprise;  
 Il accepte et la paix et le guide trompeur,  
 Qui sous un zèle faux devant lui se déguise,  
 Et déployant la voile, il vole au gré du vent  
 Se confier encore à l'humide élément.

96.

Ils s'éloignent de terre et bientôt à leur suite  
 Les filles de Nérée entourent les vaisseaux;  
 Elles ornent pour eux l'empire d'Amphitrite  
 Et des fils de Lus suspendent les travaux.  
 Et cependant leur chef qu'un soin plus grand agite,  
 Soupçonnant les desseins de ses lâches rivaux,  
 Sur ces bords inconnus interroge son guide  
 Et cherche à pénétrer le cœur de ce perfide.

97.

Mais le maure poursuit le projet détesté  
 Que dicta de Bacchus la noire perfidie,  
 Habile à se parer d'un air de vérité,  
 Il trompe les guerriers de la Lusitanie,  
 Dans l'espoir que la mort ou la captivité  
 Leur fera bientôt la route de l'Asie;  
 Et veut en écartant le doute et le soupçon  
 Assurer le succès de tant de trahisons.

98.

Ourdissant pour les perdre une trame subtile  
 Tel que jadis Sinon dans les murs Phrygiens,  
 Il déclare à Gama, qu'il est près de cette île  
 Un pays habité par des peuples chrétiens.  
 Le guerrier qu'il séduit par cette ruse habile  
 Promet au musulman de le combler de biens,  
 Si par ses soins bientôt il parvient à connaître  
 Le peuple supposé dont lui parle ce traître.

99.

Mais l'africain suivant ses projets imposteurs  
 Doit guider les vaisseaux de la Lusitanie  
 Vers des bords habités par les vils sectateurs  
 Du prophète pervers qui soumit l'Arabie.  
 Il espère en ces lieux réparer les malheurs  
 De son prince, et servir sa basse jalousie;  
 Il sait qu'à Quiloa de nombreux combattants  
 S'armeront contre un peuple haï des Musulmans.

100, 101, et 102.

C'est ainsi que par lui cette troupe égarée  
 Va trouver des périls, des obstacles nouveaux,  
 Mais la belle déesse à Paphos adorée  
 Dans ce danger pressant protège les héros:  
 Dociles à sa voix, les frères de Borée  
 Exercent leur pouvoir sur l'empire des eaux,  
 Et leur fermant le port où tendait le pilote  
 Les force à jeter l'ancre éloignés de la côte.

103.

Ils découvrent au loin un vaste continent;  
 Plus près de leurs vaisseaux ils distinguent une île;  
 On la nomme Mombace, et la fureur du vent  
 Et la fureur des flots respectent cet asile.  
 Les regards sont frappés de l'aspect imposant  
 Et des murs élevés de la superbe ville;  
 Le peuple y reconnaît un vieillard pour son roi,  
 Et du prophète arabe il observe la loi.

104, et 105.

Les cœurs des portugais s'ouvraient à l'espérance,  
 Ils s'attendaient enfin à trouver sur ces bords  
 Dans un pays soumis à leur sainte croyance  
 Quelques moments de paix pour prix de tant d'efforts;  
 Mais bientôt de la ville un cortège s'avance:  
 D'innombrables esquifs paraissent au dehors,  
 Et c'est encor Bacchus et sa noire furie  
 Qui prépare en ces lieux un'autre perfidie.

106.

Hélas! faibles mortels, un malheureux destin  
 Souffle nos passions, préside à notre vie!  
 Il n'est point de désert ni d'asile lointain  
 D'où nous puissions braver la fortune ennemie.  
 Aveugles, entraînés à des travaux sans fin,  
 En butte aux éléments, à la guerre, à l'envie,  
 Où fuir? où nous sauver? où rencontrer un port  
 Tranquille et sans périls, pour attendre la mort?

FIN DU PREMIER CHANT.

Continúa.

## O ESCUDO D'EL-REI D. AFFONSO HENRIQUES

E

## O LAÇO NACIONAL.

Quando principiámos as nossas investigações historicas acerca de Coimbra, e seus monumentos, tivemos curiosidade de ver o Escudo d'el-rei D. Affonso Henriques, que algumas chronicas diziam se conservava no mosteiro de Sancta Cruz d'esta cidade.

Dirigimo-nos ao padre, a cujo cargo estava a guarda de semelhantes objectos, e d'elle soubemos, que tão precioso monumento havia desaparecido, sem se saber como, e quando, restando, apenas, a mui simples noticia, que deixára, a seu respeito, D. Nicolau de Sancta Maria na *Chronica dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*—Liv. XI, cap. XXXII, pag. 513:

« É de pau de figueira, forrado de coiro de boi cru oleado e pintado, e tem de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, trez palmos. »

Não diz o chronista, quaes eram as côres: asseveram-nos porém Brandão na *Monarchia* (3.<sup>a</sup> part. lib. 10, cap. 7), e Faria no seu *Epitom.* (3.<sup>a</sup> part. cap. 1, n. ultim.), que era branco, assentando 'nelle uma cruz azul d'aquelle feitio, a que chamam potentéa, por ter a haste nera comprida que os braços.

Nas côrtes geraes, extraordinarias, e constituintes da Nação Portugueza de 1821, em sessão de 14 de agosto, propoz o sr. Miranda se expedisse um decreto, em que se declarasse, que o laço nacional seria, d'alli por diante, das duas côres verde-salsa, e amarello côr d'ouro; procedendo, talvez, a proposta de taes côres haverem sido as duas antigas armas do reino de Portugal, que, segundo Villas-Boas na sua *Nobiliarchia Portugueza* (cap. 24, pag. 193), eram representadas por uma cidade branca em campo azul sobre um mar de ondas verde, e douradas.

Na sessão de 21 do dicto mez, vencendo-se que entrasse em discussão esta proposta, fizeram-se algumas reflexões sobre as côres indicadas, e o sr. Trigo propoz, que fossem branca e azul, empregadas no escudo d'el-rei D. Afonso Henriques: o que foi approvedo, e decretado.

R. DE GUSMÃO.

#### INCONVENIENTES DOS CEMITERIOS. SUA SUBSTITUIÇÃO PELA USTÃO DOS CADAVERES. X

Não vai longe a época, em que, entre nós, os cadaveres se enterravam nas igrejas. Em 21 de setembro de 1835 decretou-se o estabelecimento de cemiterios em todas as povoações do reino. Era já um melhoramento, um pouco tardio, porque em França de ha muito fôra introduzido, mas em fim um melhoramento, de que absolutamente se carecia. As portarias de 15 de junho de 1837, e de 15 de julho de 1840, assim como o regulamento de 8 d'outubro de 1835, vieram ampliar as disposições do citado decreto, e de certo modo tornar harmonica a nossa legislação sobre cemiterios<sup>1</sup>. A fiscalização de todas estas medidas foi confiada pelo art. 19 do regulamento de 3 de janeiro de 1837 aos cabeças de saude.

Apezar de todas essas providencias, muitos dos inconvenientes, que se procurava remediar, continuaram a subsistir. Algumas cidades, e a maior parte dos concelhos ruraes,

não têm ainda hoje cemiterios, nem nos parece que os terão em breve; por consequencia, 'nellas os enterramentos continuaram e continuarão a ser nas egrejas. Em outras povoações existem, é verdade, cemiterios, mas cemiterios que estão bem longe de satisfazer ás condições determinadas na lei, que, como todos sabem, são—afastamento da povoação, boa exposição, e do lado de que não costume soprar o vento, posição elevada, e outras mais, que a hygiene aconselha, e de cujo desprezo podem resultar graves inconvenientes.

Lisboa, por exemplo, está 'neste caso. Tem trez cemiterios, o dos Prazeres, o do Alto de S. João, e o chamado dos inglezes. Os dous primeiros estão collocados em extremidades oppostas da cidade, e no cimo de dois outeiros; porém da sua posição, segue-se que o vento, de qualquer d'estes lados que sopra, chega á cidade saturado dos miasmas e exhalações d'algun d'aquelles dois depositos de cadaveres. A agua da chuva, atravessando os terrenos dos cemiterios, vai misturar-se com a que alimenta as fontes e chafarizes, carregando-a assim de parcelas animaes em decomposição, e tornando-a por consequencia incapaz de ser bebida. Em quanto ao cemiterio dos inglezes, seus inconvenientes são bem mais obvios. Bastará notar, que está no centro de um dos bairros mais populosos da cidade, e encostado a um jardim publico, onde todas as tardes se reúnem centenaes de pessoas, que necessariamente se hão de resenhir dos miasmas, exhalados por innumerados cadaveres, que alli ao pé apodrecem.

Se assim é em Lisboa, que de certo está em muito melhores condições do que as outras cidades do reino, e que, collocada mais immediatamente debaixo da inspecção do governo, pôde e deve ser a que mais bem montados tenha estes estabelecimentos, é forçoso concluir que os cemiterios são instituições que convém remover.

Mas como substituil-os? O embalsamamento não é possível, não só porque sendo esta operação d'um preço muito elevado, o governo teria de mandar embalsamar aquelles que não podessem sel-o á custa dos parentes, o que seria um pesado encargo para a fazenda; mas tambem porque este systema exigiria a construção de hypogeos immensos, e, em breve, as cidades dos defunctos seriam maiores do que as nossas.

A ustão, no parecer de Mr. A. Bonneau<sup>1</sup> é o que conviria praticar. Propõe que se construam edificios, por elle denominados *Sarcophobos* (purificadores de carnes), onde os cadaveres sejam reduzidos a cinzas, emapparehos susceptiveis de desinvolver uma alta temperatura, e consummirem egualmente os gases

<sup>1</sup> São muitas mais as leis sobre cemiterios e enterramentos. Citamos só as principaes.

<sup>1</sup> *Presse littéraire*, du 5 novembre.

X 712  
P. 100, blo 20  
28 e 29 de

e o fumo. Estesapparelhos são hoje vulgares, e de preço pouco elevado; d'este lado, portanto, nada se oppõe a que a idéa de Mr. Bonneau se realice.

Os cadáveres seriam conduzidos ao *Sarcophago* com as pompas ordinarias dos enterros, e juncto do edificio levantar-se-ia uma capella para a celebração das cerimoniaes religiosas. Reduzidos a cinzas, seriam essas recolhidas em urnas, e entregues á familia do defuncto, ou, não querendo ou não podendo esta recebê-los, convenientemente enterradas em um local contiguo á ustrina. Tambem, debaixo d'este ponto de vista, não offerece dúvida a *ustão*.

É natural que o povo mostre no principio alguma repugnancia á introdução d'este systema; mas não aconteceu o mesmo, quando se mandaram estabelecer os cemiterios? Esta difficuldade é simples questão de tempo, e nada mais. O povo deixaria de oppôr-se á *ustão*, logo que lhe reconhecesse as vantagens; e, pouco a pouco, iria perdendo a repugnancia supersticiosa, em que a religião não entra nem pôde entrar.

E a proposito de religião, dir-se-ha talvez que a idéa, que apresentamos, não pôde de modo algum ser tolerada pela egreja, visto que ella mesma, nos primeiros seculos da sua existencia, a condemnou, e sempre a combatu, procurando conseguir, como com effeito conseguiu, a substituição da *ustão* dos cadáveres pelo seu enterramento. Dir-se-ha tambem, que na Biblia se encontram textos, que parecem oppôr-se á destruição dos cadáveres pelo fogo, como são «és pó e a pó serás reduzido» e «voltarás para a terra d'onde foste tirado.»

Á primeira objecção facil é a resposta: o proprio Tertuliano se encarrega de a dar. Diz elle que a egreja procurou acabar com as pyras mortuarias, por trazerem consigo as idéas pagãs de purificação pelo fogo, que, 'naquelle epocha, em que o paganismo ainda estava tão robusto, e era um tão poderoso adversario, não convinha deixar subsistir.

Dos textos, que se apontam contra a *ustão*, facilmente se conhece, que fallam em sentido metaphorico, e não querem designadamente exprimir que os cadáveres têm de ser lançados na terra, para lá serem reduzidos a pó. O embalsamamento, e o deposito em carneiros são de certo muito mais oppostos do que a *ustão* á letra d'aquellas citações da Escripura, e comtudo em todo o tempo a egreja os tem tolerado. Parecem portanto infundadas taes objecções.

Ainda, debaixo de outro ponto de vista, pôde o systema que propomos ser de grandes vantagens. É natural que todos prefiram ter em casa as cinzas de seus antepassados. Construir-se-hão *Columbarios* que, ricos e sumptuosos nos palacios dos ricos, humildes e modestos nas habitações dos pobres, serão como o san-

ctuario da casa, que de certo influirá beneficentemente sobre a moralidade de seus habitantes. Aquellas venerandas reliquias serão um continuo e poderoso incentivo para o exacto cumprimento dos nossos deveres; não nos atreveremos nunca a manchar com torpezas a casa santeificada pela presença d'aquellas cinzas. No sexo feminino será muito mais effizaz este effeito, e Deus sabe a que ponto poderá chegar.

O uso das capellas particulares torna a instituição d'esses *columbarios* muito facil em Portugal. Nada obsta a que nellas se depositem as urnas funerarias, as quaes, para melhor perpetuarem a memoria do defuncto, poderão ter, na parte superior da tampa, o busto d'aquelle, cujas cinzas contiverem.

Finalmente á escultura, á pintura e ás outras bellas artes nenhuma desvantagem se seguiria do systema; porque na decoração das urnas funerarias, e dos cenotaphios abrir-se-ia um vastissimo campo em que se exercerem.

S. H.

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Verter, e verter, de mais a mais, da lingua latina, e um poeta que existiu ha dezoito seculos, e, mais que tudo, para verso, é, sobre desconhecer os tempos que correm, atraçoar-se a si e aos leitores, roubando momentos para mais proveitosos empregos.

Hoje, que vão largas e fundas as ponderosissimas questões d'economia politica: hoje, que milhares d'intelligencias se exercem incansaveis sobre conhecer a electricidade, como elemento fecundo d'applicações utilissimas; hoje, que a transcendentalidade da idéa é investigada com uma paciencia transcendente; hoje enfim, que a poesia d'uma epopèa é rebatida com usurario desconto pela prosa d'uma nota do banco, ou mesmo d'um artigo qualquer de periodico politico, é, indubitavelmente, uma loucura vir fallar poesias e synpathias de corações.

A Inglaterra convenceu-se d'isto,—e já não poetista. Burns, Byron e Moore não deixaram discipulos na sua patria.

E, todavia, eu verti ou, melhor, procurei verter, e verter do latim e para verso, e com quanta fidelidade me foi possivel, um poeta!

*Engoiada versão de texto opimo.*

Certo, devi de ter razões. Se as tive, porém, não é aqui logar accommodado para enumerar-as.

O que, talvez, teria cabida 'neste ponto era pedir desculpa de defeitos, que muitos são, e alguns conheço, e exalçar por sobre todos os escriptores o meu elegiaco.

Mas qual ha ahí leitor que cure de pedidos d'auctores, embora humilíssimos, e que, por elles, defira benigno o beneplacito ao erro que veio, furtivamente, innocular-se ainda no menos desleixado e por vezes, até, no mais lidado periodo? Não ha, por certo.

Comtudo se o ajuizar d'um amigo — do amigo intimo do coração, pôde ter algum valor — e para mim tem-no sempre, o d'elle, pelo menos — reproduzirei aqui, embora excessivamente lisongeiro, o que, acerca d'esta minha versão, disse 'numa nota ao seu profundo artigo — *Poesia Dramatica* — a pag. 62 do 1.º vol. do *Instituto*, lamentando a falta d'uma traducção do *Tibullo* na lingua portugueza, o nosso: tão moço, quanto já, devidamente, reputado poeta, o sr. Alexandre Braga.

Diz elle fallando da litteratura latina no seculo d'Augusto.

« Em quanto a Horacio e Ovidio já nós possuímos, ha bastante tempo, excellentes traducções, se não de todos os seus escriptos, ao menos d'um grande numero d'elles: a respeito de Tibullo não acon-ecia o mesmo; e esta falta era na verdade lamentavel. O nosso particular amigo, o sr. Antonio Ayres de Gouvêa, deu-se porém 'destes ultimos tempos ao trabalho de supprir esta lacuna na nossa litteratura; e cedo possuiremos uma bella traducção d'este poeta em excellentes versos portuguezes. »

Aqui, sem duvida, a amizade prevaleceu muito sobre o verdadeiro conceito. O coração do amigo dominou a cabeça do poeta e do critico.

Agora, sobre a valia do meu elegiaco, que direi em seu abono, que já Horacio não sentisse e não exprimisse naquelle.

*Atai, nostrorum sermonum candida iudex,*  
e que Ovidio não repetisse uma e muitas vezes, já na elegia consagrada á morte d'elle (Lib. III Amor. Eleg. 9), já em varias outras partes, como no Lib. I Amor. Eleg. 15.

*Donec erunt ignes arcusque cupidinis arma,  
Discentur numeri, culte Tibulle, tui.*

D'entre escriptores modernos muitos poderia eu citar. Abstenho-me, por agora, copiando, apenas, o galante voto de *Percay* « *je voudrais qu'un amant expliquât Tibulle à sa maitresse; que la maitresse traduisit, et que l'amant se chargât de corriger les fautes d'orthographe: car la femme qui n'en ferait point ne serait pas celle dont je préférerais la traduction.* »

E neste passo cerrarei longos arrasoados de prologo, quasi sempre fastiosos; reservando para outro logar discutir lições do meu poeta que 'nisso vai renhido o debate, e discurrer e opinar acerca das edições e traducções, que por vezes, bem que de leve, me subsidiaram.

A. A.

AO ILL.<sup>mo</sup> SR.

ROQUE J. FERNANDES THOMAZ

OFF. O TRADUCTOR

EM SIGNAL DE GRATIDÃO E AMIZADE.

## LIVRO PRIMEIRO.

### ELEGIA PRIMEIRA.

Riquezas para si outro accumule  
D'ouro luzente, e de terreno fértil  
Muitas geiras domine, a quem assiduo  
Cuidado opprima em face do inimigo,  
E da tuba o clangor affaste o somno:  
D'ocio folgado a vida me conceda  
Minha pobreza entanto, e bruxulee  
Com parcos fogos a lareira minha.

Eu mesmo, na estação accommodada;  
A tenra vide e as arvores fructíferas,  
Lavrador, plantarei com mão attenta.

Nem Esp'rança me illuda; antes de fructos  
Sempre scebes me dê e em pingues mostos  
Trasbordando o lagar; pois quer nos campos  
Despido lenho a h'hostre, quer vestida  
De floridos festões, na encrusilhada,  
Antiga pedra a represente á vista,  
Eu a venero e ao deus dos lavradores  
O mimo do pomar, primicias do anno,  
Libado offerto. — Que d'espiga a c'róa;  
Ó loura Ceres, do meu campo tenhas  
Do templo tea na porta pendurada;  
E que Priapo na horta se colloque,  
Rubido sentinella, affugentando  
Com a foice cruel as aves timidas.

Vós também, lares meus, benignos guardas  
Do campo, outr'ora pingue, hoje tão pobre,  
Tereis as vossas dadivas. Exangue  
A candida novilha então lustrava  
Da innumera manada os mil novilhos:  
Agora é farta victima, ostentosa,  
Do pequeno campinho uma cordeira!  
Uma cordeira immolarei clamando  
A agreste juventude em torno « Salve!  
Ferteis searas e bons cachos dae-nos. »

Contente já me apraz viver com pouco,  
Sem a longas viagens confiar-me;  
Desencalmado, pelo ardor do estio,  
Passar á sombra d'arvores a sesta,  
Do rio junto á veia trepidante.

E nem me peje, alguma vez, da enchada  
Lançar mão, instigar os bois tardios  
Com a aguilhada; nem ao collo a cria  
Para casa trazer, da mãe perdida.

Á diminuta grei poupae, ó lobos,  
Ó ladrões; em rebanho numeroso  
Deve a preza buscar-se. — Aqui costume  
Lustrar cad'anno o meu pastor, e Pales  
Placida aspergir com puro leite.

Favorecei-me, ó deuses; nem os mimos  
Da parca meza, nem das puras bilhas  
Menosprezeis: o lavrador antigo  
Foi quem primeiro, para si, de barro  
Os copos engendrou co'a argilla facil.

De meus avós, na prisca idade, a copia,  
A abastança de fructos que suberba  
Amesse encastellou, não, não lamento.  
E-me assaz economica seára,  
E-me assaz, como o possa haver, um tecto,  
E no catre feliz dar folga aos membros.  
Oh! quanto agrada os ventos furiosos  
Deitado ouvir, tendo apertada ao peito,  
Palpitante d'amor, a bella amante;  
Ou, quando o sul, no inverno rigoroso,  
Denso granizo espalha, sem cuidado  
Proseguir... proseguir o brando somno.  
Eis meus anhellos! Rico, é justo, seja  
Quem do mar o furor e as tristes chuvas  
Pode altivo affrontar, Oh! que antes finde  
Quanta esmeralda existe, quanto ouro  
Do que, por mim, ausente em viagem longa,  
Lagrimas verta candida donzella!

A ti, Messalla, a ti, no mar, na terra  
Convem-te o pelejar, para que adornem  
Do inimigo os despojos teu palacio:  
De formosa donzella, emtanto, os laços  
L'gado me retêm e, guarda, vélo  
Ante as seguras, chapeadas portas.

Não, de louvor não curo, minha Delia:  
Como passe contigo, até desejo  
Indolente, ocioso ser chamado:  
Veja-te eu junto a mim na extrema hora;  
E, já co'a fria não-desfallecida,  
Juncto ao meu corpo te retenha ainda.

Chorar-me, Delia, irás depois no leito  
Que vai arder, com lagrimas d'involta  
Me darás inda allí teus doces beijos;  
Chorará, que não tens de ferro o seio,  
Nem é teu coração de viva rocha.

—Não! de meu funeral nenhum mancebo,  
Virgem nenhuma, ao retirar-se a casa,  
Dos olhos poderá suster o pranto.

Meus Manes não offendas; oh! mas poupa  
A madeixa ondeando sobre o collo  
E poupa as faces tenras. Entremetes,  
Em quanto a sorte o conceder, unamos  
Nossos amores. Dentro em pouco a morte,  
Velada a fronte em sombras, virá ver-nos;  
Em breve a inercia calará nos membros;  
—E nem amar convém, fallar ternuras,  
Alvejando a cabeça; — mas agora  
Que á porta metter hombros me não peja,  
Senão que até me apraz travar-me em rixas,  
E que é suave o amor. — Nestes combates  
De bom soldado e capitão me prézo.

Longe, signas e tubas; aos avaros  
Levae as mortes e o despojo. Eu certo  
No gozo de meus bens e descuidado  
Luxos desprezo, desprezando a fome.

A. A.

## ESTADO ACTUAL DA FABRICAÇÃO DO ALUMINIO.

O processo, geralmente empregado para obter este metal, cujos compostos são abundantíssimos na natureza, apenas é usado nos laboratorios, e exige tal despeza, que o producto é caro como o ouro. Assim ficaria a industria para sempre privada de uma materia prima susceptivel de offerecer-lhe grandissimas vantagens.

Para obter o aluminio emprega-se o chlorureto d'aluminio e o sodio, forma-se chlorureto de sodio, e fica o aluminio no estado metalico. É ainda o chlorureto duplo d'aluminio e do sodio, e o sodio que empregam MM. Saint Claire Deville, Rousseau e Morin; porem estes chimicos fizeram tão importantes aperfeiçoamentos nos methodos, por que obtem estas duas substancias, que bem se pôde dizer a producção do aluminio e do sodio ser já do dominio da industria.

Mr. Deville e seus collaboradores submettem á acção do chloro, não já aluminio e carvão, mas uma mistura d'aluminio, sal marinho e carvão, d'onde resulta o chlorureto duplo d'aluminio e de sodio, fluído como a agua, mas com a propriedade de solidificar-se a frio.

Falta-nos o sodio. O dispendioso e difficil processo, por que se extrahia este metal, fazia-o custar 7:000 fr. cada kilogramma. Mr. Deville extrahe o sodio de uma mistura de carbonato de soda, carvão e giz. A reacção é tão completa que o producto é o indicado pelo calculo, vindo a custar apenas 7 fr. cada kilogramma.

Para obter o aluminio fazem estes chimicos uma mistura grosseira de sodio e chlorureto duplo d'aluminio e do sodio, com a qual carregam um forno de reverbero incandescente. Passado algum tempo estabelece-se uma reacção tranquilla, que pôde operar-se em grande sem perigo algum, e resulta o aluminio no estado metalico em placas, globulos ou pó, que se separa do sal marinho mechanicamente, ou com lavagens de agua.

O aluminio, assim obtido, custa ainda 100 fr. ao kilogramma, mas é certo que algumas despezas de producção podem diminuir com o tempo, e com a fabricação em grande. O futuro decidirá do merito practico dos trabalhos de Mr. Deville, e da utilidade que poderão offerecer á industria o sodio e o aluminio, obtidos por meios seguros e economicos.

## NOTICIARIO.

**Academia real das sciencias de Madrid.** Esta academia acaba de publicar os themas dos premios, que tem de adjudicar em



1857. Os dois premios um ordinario, e o outro extraordinario, consistem cada um em seis mil reales vellon (255\$000 réis) e uma medalha de ouro.

O thema do premio ordinario já posto a concurso em 1854, mas não vencido, é: *da fermentação alcoolica do summo da uva, com indicação das circumstancias, que mais influem na qualidade e conservação dos liquidos resultantes.*

O thema do premio extraordinario é: *Descrever as rochas de uma provincia de Hespanha, e a marcha progressiva da sua decomposição, determinando as causas que a produzem, apresentando a analyse quantitativa da terra vegetal formada do seu detrito, e deduzindo d'estes conhecimentos, e de mais circumstancias locais, as applicações á agricultura em geral, e com especialidade ao cultivo das arvores.*

As provincias que compõem o territorio das Asturias e Pontevedra, por já terem sido descriptas e premiadas são exceptuadas d'aquella descripção.

Haverá tambem o *accessit* de uma medalha de ouro igual á do premio.

Ao concurso que finda no 1.º de maio de 1857, são admittidos nacionaes e estrangeiros.

As memorias devem ser escriptas em castelhano, ou em latim.

**Tinta indelevel para etiquetas de Jardim.** A formula d'esta tinta, para escrever sobre zinco, é a seguinte :

Acetato de cobre, 10 grammas; sal ammoniaco, 10 grammas; negro de fumo, 2 grammas; agua commun, 100 grammas.

Dissolva-se o negro de fumo em sufficiente quantidade da espirito de vinho; triture-se e derreta-se o acetato de cobre e o ammoniaco na agua; misture-se tudo e conserve-se 'numa garrafa bem rolhada, que se deverá agitar, quando se quizer usar da tinta.

O sal de cobre, destruindo muito rapidamente as pennas metalicas, será mais conveniente usar de pennas de pato, e como o verde é um veneno muito forte, deve haver toda a cautella em não chegar á bocca as pennas molhadas 'nesta tinta.

Este processo é o modo mais facil, mais duradouro e mais economico para ter boas etiquetas, porque a tinta é de mui diminuto valor, e porque se podem utilizar d'este modo quaesquer bocados de zinco velho.

Quando o metal estiver demasiadamente oxydado limpa-se facilmente com acido muriatico ou chlorhydrico, e as etiquetas velhas podem ser empregadas de novo, fazendo-se desaparecer a tinta por meio de uma rolha de cortiça molhada 'naquelle acido concentrado, e lavando em seguida a etiqueta em agua commun.

## Eficacia de alguns processos para conservar a madeira no solo.

No jardim da escola veterinaria de Berlim, fizeram-se varias experiencias sobre a duração das essencias de madeira, e sobre a sua propriedade de resistir ás influencias do ar e da humidade, pondo-se em prática os diversos processos, propostos para preservar as madeiras da podridão. Os resultados, que se colheram, foram os seguintes :

1.º As estacas de carvalho, de acacia, e de outras coniferas, plantadas sem preparação nenhuma, conservaram-se perfeitamente intactas, em quanto que as estacas de madeira branca, tractadas do mesmo modo se alteraram mais ou menos; as de faia, de til, de betula, de bordo (*acer*; Lin.) de amieiro e de faia preta, acharam-se apodrecidas ao cabo de trez annos; mas as de salgueiro, de castanheiro, e de platano resistiram mais um anno.

2.º As madeiras, enterradas com a casca conservam-se melhor do que as descascadas.

3.º Aquellas cuja extremidade foi carbonisada, não têm mais duração do que as outras, apesar de se recomendar geralmente este modo de conservação.

4.º O revestir a porção de madeira plantada na terra de uma ou mais camadas de tinta a oleo, garante-a só por pouco tempo.

5.º As madeiras não são preservadas da podridão, se as mergulharem em salmoura, acido pyrolinhoso, ou oleo de linhaça, ou se as submeterem a alguma outra preparação.

6.º As estacas, carbonisadas na espessura de duas linhas em toda a superficie enterrada, e mesmo a um pé acima, e depois revestidas de trez ou quatro camadas de alcatrão fervente de pinheiro, ou de carvão de pedra, promettem duração muita longa; pelo menos as preparadas d'este modo têm resistido a todas as provas.

Este meio é economico e de facil execução; convém principalmente para os canos de madeira collocados debaixo da terra, para os corpos de bomba mergulhados nos poços, para os postes de telegraphos electricos, para as barreiras, estacadas etc., e em geral para todas as madeiras expostas á podridão. Para melhor se assegurar o resultado, convém renovar as camadas de alcatrão de dois ou de trez em trez annos.

O emprego do alcatrão, para livrar as madeiras da humidade, é de ha muito conhecido; mas para que isso aproveite, deve a madeira estar bem secca, e por tanto com toda a razão se faz preceder d'uma ligeira carbonisação a applicação da camada de alcatrão. Este processo parece-nos o mais vantajoso de todos.

## RELAÇÃO

*Dos indivíduos nomeados para os seguintes lugares d'instrução pública, desde o 1.º até 15 de outubro corrente, por despachos do Conselho superior d'instrução pública, e decretos do Governo communicados ao mesmo Conselho no indicado período.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Alexandre José Gonçalves, para professor temporario da cadeira de Villas Boas, districto de Bragança.

Antonio Emilio Rodrigues, para dicto da cidade de Miranda.

Bernardino Rodrigues Xavier, para dicto das Lameiras, districto da Guarda.

Dionizio Barreiro da Cunha, para dicto de Valença, districto de Viana.

João Ignacio Baptista, para dicto da villa de Seipa, districto de Béja.

Joaquim Pinto de Magalhães, para dicto de Valla Cahiz, districto do Porto.

José Joaquim Martins de Lara, para dicto de Sapardos, districto de Viana.

Manuel Marques da Rocha, para dicto de Barreiros, districto do Porto.

Antonio Maria da Cunha, para dicto de Proença a Velha, districto de Castello Branco.

Antonio Augusto Cezar Ribeiro Montenegro, para dicto de Jerumenha, districto d'Evora.

João Peixoto de Faria Azevedo, para dicto de Braga, (a 3.º)

José Rodrigues Sobral, para dicto da freguezia de S. Theotonio, districto de Béja.

Manuel de Sousa Silva Andrade, para dicto de Pa-redes da Beira, districto de Vizeu.

Marcelino Dias Monteiro Amador, para dicto de Ma-ceira, districto da Guarda.

Miguel Augusto da Silva Carmo, para dicto de Braga, (a 2.º)

Severiano José Tavares, para dicto da Covilhã, dis-tricto de Castello Branco.

Maria José Pereira, para mestra de meninas de Villa Nova de Foscã, districto da Guarda.

Jeronymo Ismael de Castro, para professor vitalicio da cadeira de Ramalde, por transferencia da de Vallongo, districto do Porto, decreto do 1.º do corrente.

José Manuel Lopes Ribeiro, para professor vitalicio da 2.ª cadeira de Bragança, decreto de 30 de setembro ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Joaquim Pacheco Ribeiro Nunes, para professor vita-licio da cadeira de latim de Penafiel, districto do Porto, decreto de 30 de setembro ultimo.

*Dicta de 15 do dicto até ao fim.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio Ignacio Pombinho, para professor temporario da cadeira da Villa de Portel, districto d'Evora.

José de Vilhena Mattos Pereira, para dicto da villa d'Alvalade, districto de Béja.

Bernardino da Cunha Pinto, para dicto de Villa Nova de Foscã, districto da Guarda.

Augusto Cezar Ribeiro Monte Negro, para dicto de Pavia, districto d'Evora.

João de Jesus, para professor substituto da cadeira de Foice de Espada à Cinta, districto da Guarda.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Antonio Maria de Sousa Bastos, para o lugar de the-soureiro da Universidade de Coimbra, decreto de 18 d'outubro ultimo.

Joaquim da Encarnação e Silva, para o lugar de 3.º official da secretaria da mesma Universidade, decreto de 18 d'outubro ultimo.

## ANNUNCIOS.

### O GODEFREDO

OU

### HIERUSALEM LIBERTADA,

*Poema heroico, composto no idioma toscano, por Tor-quato Tasso, e traduzido na lingua portugueza por André Rodrigues de Mattos, fidalgos da casa de S. A., cavalleiro professso da ordem de Christo, e formado na faculdade dos sagrados canones pela Uni-versidade de Coimbra; 1 vol. em 4.º, Lisboa, 1682.*

### 2.ª edição.

Deificada a S. M. El-Rei o Senhor D. Pedro V.

A primeira edição da traducção do immortal Poema de Tasso, em verso portuguez, é tão rara, quão pouco conhecida; e 'nisto partilha ella a sorte de tantas outras boas obras portuguezas.

Com a publicação d'uma segunda edição, pertendemos antes contribuir para propagar e facilitar a leitura d'um optimo livro, do que fazer uma especulação mercantil. Admirar-se-ha 'nesta excellente traducção, o quanto se presta a lingua portugueza, em emparelhar com o bello idioma da Toscana, e a differença que ha entre ella e as traducções em prosa, que nos vêm de fóra. Ouçamos o que a este respeito se lê no dicionario da lingua portu-gueza, da academia real das sciencias de Lisboa, a pag. 118 :

« No principio d'este Poema vêm, em louvor do auctor « e da sua traducção, varios epigrammas latinos, e diffe-rentes sonetos portuguezes, e alguns italianos, com a cen-sura do Padre Francisco da Cruz, jesuita. Em todas « estas composições se lêem grandissimos elogios ao auctor, « e da fidelidade com que traduziu, estancia por estancia, « e verso por verso, o seu original. A versão é ahí julga-da da exactissima, fiel, insigne, admiravel, heroica e feli-cissima, não sendo de menos preço os titulos, com que « se engrandece o estylo do auctor como se pôde ver alli « mesmo. »

Esta segunda edição será feita no formato de 8.º fran-gez, com typo novo e elegante, em optimo papel, e en-riquecida com a biographia do Tas-so, extrahida d'outra muito extensa e ordenada pelo Sr. Dr. Streckfuss, lente da Universidade de Berlin.

O preço da obra completa não excederá 960 réis para os srs. assignantes; a assignatura mesma não terá lugar senão até o fim do mez de janeiro de 1837, em que a obra deve estar concluida; ao depois será o preço aug-mentado.

Assigna-se: em Coimbra na loja de livros do editor, A. H. Dardalhon; em Lisboa, nas casas dos srs. Bertrand, aos Martyres, n.º 45; Lavado, rua Augusta, n.º 8; Lopes, rua do Ouro, n.º 227; no Porto, nas casas dos srs. Cruz Coutinho e Silva Guimarães; em Viana do Castello, em casa do sr. André Joaquim Pereira; em Braga, em casa do sr. Joaquim José Antunes da Silva Monteiro.

### MANUAL DO PROCESSO COMMERCIAL.

Contendo a organização do fóro commercial, attribui-ções das autoridades e mais empregados respectivos, competencia dos tribunales de commercio, processo arbi-tral, formulas, e a legislação mais importante sobre o juizo commercial, por *José Ribeiro Rozado*, bacharel for-mado em direito, e advogado no juizo de direito de Co-imbra.—Coimbra, imprensa da universidade 1856.—1 vol. em 8.º — preço 600 rs.

Vende-se em Coimbra, na loja de livros da imprensa; e na de José de Mesquita, na rua das Covas.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1853—1854.

Continuado de pag. 172.

#### *Eschola medico-cirurgica do Porto.*

Foi frequentada por 86 alumnos, mais dois em pharmacia, e duas no curso de parteiras: total 90. A despesa annual com esta eschola, é de 9:860\$000: custou portanto cada alumno 109\$555. No anno proximo passado os alumnos foram somente 61; e por isso custaram 161\$639 réis cada um.

O ensino 'nesta eschola fez-se com a mesma regularidade e disvelo dos annos antecedentes, e como esta eschola sempre costuma; e o grande numero de operações, constantes pelos respectivos mappas, mostra como ella está sendo uma boa eschola de applicação especial em cirurgia.

O conselho d'esta eschola em seu relatorio pede meios pecuniarios para levantar no terreno, que já lhe foi concedido, o edificio, de que tanto carece para sua definitiva collocação com todas as repartições e officinas anexas, que são indispensaveis ao ensino, sahindo assim do canto, que occupa no hospital real de S.<sup>to</sup> Antonio, em que se acha, sem ter espaço nem para livraria, nem para gabinetes. Na verdade a esta eschola não é possível exercer dignamente suas funcções, sem que tenha casas sufficientes para aulas, exames, livraria, conferencias, gabinetes para instrumentos e maquinas, theatro anatomico, casa para operações, museu anatomico pathologico, laboratorio pharmaceutico, e enfermarias clinicas para numero sufficiente de exemplares especialmente destinados ao ensino, de que a eschola possa livremente dispôr sem subordinação a superior estranho.

A melhor collocação d'esta eschola seria, como já se disse, no edificio da Graça, sendo elle concluido debaixo d'um plano apropriado para accommodação de todos os estabelecimentos litterarios do Porto: se essa idea fosse adoptada poupar-se-iam as despezas a fazer, para

Vol. V.

NOVEMBRO 15—1856.

levantar um edificio proprio na cêrca dos extinctos Carmelitas, aonde a eschola apezar de tudo sempre ficará mal accomodada; mas se tal idéa não fôr attendida, espera este conselho que V. M. se dignará attender a pretensão da eschola, e mandar propôr no orçamento os meios pecuniarios precisos para accommodação e arranjos d'esta eschola.

#### *Academia polytechnica do Porto.*

Pelo relatorio e mappas, que o acompanharam, se vê que os alumnos, que frequentaram esta academia foram 129 matriculados, e 25 ouvintes: total 154. A despesa pelo orçamento é de 10:324\$000 réis: portanto custou cada alumno 67\$038 réis. No anno passado calculou-se em menos; mas isso proveio de se considerarem os alumnos pelo numero de matriculas, não pelo de individuos: 'neste anno calcula-se pelo de individuos; e como no relatorio se diz que o numero 'neste anno foi igual ao do anno passado, a despesa relativa a cada individuo é a mesma do anno passado.

A academia funcionou regularmente como costuma. No relatorio sobre cousas necessarias para bom desempenho do serviço academico, reporta-se ao que já representou, e sobre que a este conselho baixou a portaria de 30 de maio de 1854; e remette o orçamento de todas as verbas, para que necessita meios, na importancia de 7:152\$800 réis que acompanha o relatorio. Este conselho aproveita esta occasião para expôr a V. M. o que entende sobre cada uma das pretensões d'esta academia, conforme vai consultar a V. M. em especial para cumprimento da referida portaria.

#### *Laboratorio chimico.*

Pretende a academia para este estabelecimento a egreja já profanada, e o claustro, a ella contiguo, do extincto convento das Religiosas Carmelitas do Porto. Por informação do governador civil, ouvido o delegado do Thesouro, consta que aquella egreja e claustro pertencem aos bens nacionaes; que está profanada; e que o governo de V. M. tenciona vender tudo com o convento; que para isso

Num. 16.

se fizeram já avaliações, dividindo tudo em chãos próprios para edificação de casas: que a camara municipal d'aquella cidade pretende também aquelle convento, e suas pertencas, para estabelecer um mercado coberto para cereaes, obrigando-se a certos encargos. Aquella egreja e claustro são muito proprios para o laboratorio chimico d'esta academia, porque ficam muito proximos, como informa o governador civil, e tem capacidade sufficiente para um bom laboratorio, como o conselho da academia reconhece, não só para o ensino, mas mesmo em ponto maior para um bom laboratorio, como o conselho da academia reconhece, não só para o ensino, mas mesmo em ponto maior para preparações chimicas, que sirvam ás necessidades dos estabelecimentos fabris e artisticos, e ao commercio: e este conselho não pôde deixar de unir seus votos aos do conselho da academia para pedir lhe sejam concedidos a referida egreja e claustro para o laboratorio chimico, que, em todo o caso, mesmo quando se acabe o edificio da Graça para accomodação de todos os estabelecimentos litterarios, ficara servindo sempre para a academia, e para todos os estabelecimentos, que 'naquelle edificio se acomodem, com grande vantagem pública, por ficar fora do edificio, como convém, para evitar o prejuizo de incendios e explosões.

#### 6.ª cadeira.

O conselho da academia reclama o restabelecimento da 6.ª cadeira, que tinha entrado na formação do programma para organização da escola, na forma do art. 157 do decreto de 13 de janeiro de 1837, e que foi supprimida pelo art. 139 do decreto de 20 de setembro de 1844. A academia não pretende que 'nesta cadeira se ensine a artilheria e tactica naval, porque o estudo d'essas disciplinas pertence hoje ás respectivas escolas especiaes; mas deseja, que ella seja restabelecida para o ensino das construcções publicas, e para alliviar a terceira cadeira, repartindo para a sexta alguns dos ramos que estam a cargo d'ella, e que tanto não é possível serem ensinados 'num anno e 'numa só cadeira, que tem sido ensinados por dous substitutos separadamente. A este conselho parece mui justa a reclamação da academia, considerada debaixo d'este ponto de vista, porque na verdade o estudo de construcções publicas é hoje indispensavel; e 'numa só cadeira não é possível ensinar-se a mechanica dos solidos e fluidos, machinas hydraulicas e de vapor, e geometria descriptiva conjunctamente com construcções publicas; e pede a V. M. se digne attender esta justa reclamação da escola para propôr ao poder legislativo o restabelecimento d'esta cadeira.

#### Observatorio.

Pelo decreto de 13 de janeiro de 1837 art. 165, se conservaram na academia polytechnica, os estabelecimentos que 'nesse tempo pertenciam a academia real da marinha e commercio, e um d'elles era o observatorio astronomico, o qual foi levantado interinamente 'numa parte da academia, e está hoje inutilisado, por ter apodrecido o travejamento da escada. Em cumprimento da portaria de 5 de junho de 1854, pelo ministerio das obras publicas, já o engenheiro director das obras publicas, do districto do Porto, procedeu, conjunctamente com o director e o lente de astronomia da academia, ao orçamento de quanto importará essa obra indispensavel e urgente, e já terá subido á secretaria d'Estado respectiva com a informação competente. Este conselho, considerando que, para o estudo da astronomia que se ensina na academia, é assim mesmo indispensavel um observatorio, não pôde deixar de pedir a V. M. a regia attenção sobre esta reclamação. Se um dia se chegarem a accomodar os estabelecimentos litterarios todos 'num só edificio, então se tractará d'estabelecer um observatorio sufficiente para o ensino proprio d'esta academia, ou em algum sitio mais apropriado do mesmo edificio (o que talvez bastará), ou em local separado, e até mesmo fora da povoação como se está praticando em outras nações a respeito de observatorios importantes.

#### Frequencia de militares.

Está ordenado pelo art. 140 do decreto de 20 de setembro de 1844, que os cursos preparatorios para a admissão das escholas do exercito, poderão ser estudados na academia polytechnica do Porto; e na concessão das licenças aos Militares, que pretendam estudar alguns d'estes cursos, serão egualmente considerados a eschola polytechnica de Lisboa e a academia polytechnica do Porto; recomendando-se, que nos regulamentos do governo se adoptarão as medidas convenientes para levar a effeito esta disposição. Sempre 'noutro tempo se facultou similhante licença, quer anteriormente á creação da academia polytechnica, em quanto só era academia de marinha e commercio, quer nos primeiros annos que se seguiram a essa transformação; mas depois tem-se denegado similhantes licenças com o fundamento, de que esta academia se não acha debaixo da inspecção da secretaria da guerra, e só por graça especial, é concedida essa licença a um ou outro militar. Esta denegação de licenças, é um grave prejuizo da instrução pública, pois afasta dos estudos 'nesta academia muitos militares da guarnição do Porto, e dos corpos das provincias do norte, que, não podendo, pelas distancias, ir

frequentar a Lisboa, deixam de frequentar no Porto por falta de licença, e assim ficam sem a instrução, tão precisa aos nossos officiaes militares.

Em quantô não forem decretados os regulamentos do governo, a que se refere o art. 140 do dec. de 20 de setembro de 1844, parece a este conselho, que se deverá mandar restabelecer a practica, pela qual se concediam taes licenças, no tempo da academia da marinha e commercio, e nos primeiros annos da actual academia polytechnica; e respeitosa-mente pede a V. M. se digne mandar, que assim se restabeleça; porque não é justo que officiaes de talento, e com todas as condições precisas para aproveitar nos estudos, fiquem sem instrução, por falta somente d'uma formalidade; havendo no Porto um governo militar superior, a que elles ficam sujeitos, frequentando a eschola, pôde superintender e vigiar acêrca d'elles tudo quanto convenha, e participal-o directa e immediatamente ao ministerio da guerra.

#### *Cadeira de economia politica.*

O conselho da academia polytechnica no Porto em seu relatório pede a creação d'uma cadeira de economia politica, a fim de com ella se completarem os cursos preparatorios da eschola do exercito; porém este conselho superior, desejando poupar despesas ao Thesouro, sempre que não sejam de indispensavel necessidade, não pôde 'nesta parte conformar-se com a pretensão da academia; porquanto, havendo em outros estabelecimentos o ensino d'essa disciplina, 'nelles procurarão os alumnos aprender-a, como a respeito d'outras está ordenado no art. 157, §. 2.º e seguintes, e 161 do decreto de 13 de janeiro de 1837, sem que se multiplique escusadamente o numero de cadeiras.

#### *Habilitação de pilotos.*

Pelo art. 142 do dec. de 20 de setembro de 1844, é prohibido matricular-se individuo algum, por piloto ou sota-piloto de navio, sem carta de capacidade, do respectivo curso; e o art. 1422 do Codigo Commercial sobre habilitação dos individuos, para serem admittidos a matricula de pilotos, refere-se ao que se achar prescripto nos regulamentos de marinha. A habilitação para pilotos pôde conseguir-se ou por estudos theoricos, nos respectivos cursos, perante as escholas polytechnicas ou eschola naval; ou pelo exercicio practico e numero de viagens prescriptas no art. 142 §. 1.º do dec. de 20 de setembro de 1844, — art. 36 §. un. do dec. de 19 de maio em execução da lei de 23 de abril de 1845 e regulamento de 11 de julho de 1845; ou por exame theorico-practico na forma d'este ultimo regu-

lamento. Para os cursos theoricos de pilotagem nas respectivas academias, ainda que esteja determinado, pelo art. 159 do decreto de 13 de janeiro de 1837, que não durem menos de 3 annos, devem, pelo art. 160 do mesmo decreto, ser formados pelos conselhos academicos, annualmente, os programas das doutrinas, que o respectivo curso houver de comprehender, e como só se acha determinado pelo art. 7.º do dec. de 11 de janeiro de 1837, que os pilotos tenham de aprender as doutrinas da 1.ª cadeira de mathematica, referidas no art. 2.º da mesma lei, e o apparelho e manobra naval, dado por um mestre, na forma do art. 157, §. 1, do dec. de 13 de janeiro de 1837, poderão os conselhos academicos redigir o programma de modo que o curso dure só dois annos (como era antigamente, na academia de marinha do Porto), uma vez que os alumnos tenham os preparatorios necessarios. Estes preparatorios são pelo art. 28 do dec. de 11 de janeiro de 1837, os especificados no art. 33 para os voluntarios, *scilicet* — conhecimentos da lingua portugueza — e quatro operações de arithmetica — para serem admittidos á matricula no curso, não podendo porém tirar carta sem completar os exames preparatorios do art. 27 do mesmo decreto, *scilicet* — leitura e escripta de lingua portugueza — grammatica e composição portugueza — e franceza; — e as quatro operações fundamentais arithmeticas sobre numeros inteiros e fraccionarios, e noções de desenho linear, — na forma do art. 28 do mesmo decreto, podendo ser admittidos aos exames d'estes preparatorios sem obrigação de frequencia na forma do art. 33 — 2.ª parte — do mesmo decreto. Para ser admittido ao exame theorico-practico são precisos os estudos e derrotas, determinados no regulamento de 11 de julho de 1845, e art. 36 §. un. do dec. de 19 de maio de 1845.

Achando-se, pois, facilitada pelas leis a habilitação dos pilotos, para conseguirem carta, por qualquer dos trez modos, acima referidos, nenhum motivo rasoavel desculpa as auctoridades, perante quem se fazem as matriculas e apresentam os rões de equipagem, de admittirem, como pilotos, individuos que lhes não apresentem cartas de capacidade, passadas em conformidade do art. 167 do decreto de 13 de janeiro de 1837 e artigo 25, a que elle se refere, dos estatutos de 29 de julho de 1803, arriscando assim os mais importantes interesses do commercio, e as vidas de milhares de marinheiros e passageiros, á direcção de charlatães rotineiros, incapazes de dirigir um navio ao porto de seu destino. Em seu relatório, diz o conselho da academia que semelhantes auctoridades se contentam com um simples diploma, passado pelo escriptão de marinha, para os admittirem a matricula como pilotos do alto, quando taes certidões, sendo

as do art. 7.º cap. 2.º do regulamento para a policia dos portos, de 30 de agosto de 1839 apenas os habilitam para pilotos ou sota-pilotos de barra, e não para navegação ao longo. Parece portanto ao conselho que se devera prohibir muito expressamente a todas as autoridades, perante quem se fazem as matriculas de equipagens, o admittir 'nellas, como pilotos ou sota-pilotos, individuos que não apresentem a carta solemne de capacidade e habilitação, passadas por alguma das escholas polytechnicas, ou pela eschola naval, na forma da legislação acima referida, e ás escholas se ordene que formem os programmas dos cursos de pilotagem, segundo o art. 160 do decreto de 13 de janeiro de 1837, e mais legislação, acima apontada, regularizando-se assim um ramo de ensino de tanta importancia, como é a habilitação de pilotos: e respectivamente pede a V. M. se digne assim o mandar por todas as repartições competentes.

#### *Creação de novas cadeiras.*

O conselho da academia polytechnica em seu relatorio pretende a criação de mais trez cadeiras novas, a saber, uma de construcções navaes; outra de geologia, mineralogia, e artes de minas; e terceira de agricultura, economia rural e technologia. Em quanto á primeira, o conselho superior não desconhece, que em portos de estaleiro, como é o d'aquella cidade, e alguns outros visinhos, muito conviria a existencia d'uma cadeira para ensino de principios e regras mais geraes de construcção naval; porém parece-lhe que, creando-se uma cadeira especial, como acima deixa proposto, para construcções publicas, 'nella se poderão ensinar os principios mais indispensaveis para a construcção naval, e quando, pelo andamento dos tempos e affluencia d'alumnos, se conheça conveniencia d'uma cadeira especial, então se tractará da sua criação. Em quanto ás outras duas, a este conselho parece que nem ha necessidade, nem conveniencia pública na criação de taes cadeiras, e que com ellas se alargaria demasiado a esphera do ensino 'naquella academia, convertendo-a verdadeiramente 'noutra faculdade de philosophia, que é escusada no paiz, tendo já a da Universidade em Coimbra. Se o conselho academico, usando das attribuições, que lhe são conferidas pelo art. 158 do dec. de 13, e art. 21 *in fin.* do de 11 de janeiro de 1837, fizer uma justa distribuição das disciplinas, pelos annos e cadeiras que já tem, de todo o curso, poderá dar-se o ensino de todas as disciplinas, que refere em seu relatorio, só até ao ponto, a que devem chegar escholas polytechnicas, organizadas como as nossas para habilitar os alumnos ás sciencias industriaes, sem se elevar aos estudos classicos, e

puramente scientificos, para os quaes bastam as faculdades da Universidade.

#### *Maquinas e instrumentos.*

O conselho d'esta academia eleva á presença de V. M. a relação das maquinas e instrumentos, que precisa para os seus gabinetes, com o respectivo orçamento de despeza: e este conselho superior não pôde deixar de pedir respectivamente a V. M., se digne attender, como é justo, e mandar propor no orçamento, essa verba de despeza extraordinaria, por uma vez sómente, como absolutamente indispensavel para a academia satisfazer seus deveres de ensino.

#### *Remanescente dos premios.*

Está ordenado pelo alvará de 16 de agosto de 1825 §. 8 *in fin.* que o que sobejar dos premios estabelecidos para os estudantes distinctos seja applicado a compra de livros para a bibliotheca da academia da marinha e commercio, cujos estatutos ficaram, pelo art. 163 do dec. de 13 de janeiro de 1837, em vigor, em tudo o que não fôr estabelecido d'outra maneira na ultima legislação da reforma litteraria: e o conselho academico reclama esta applicação por se não achar revogada a legislação que a estabeleceu. A este conselho superior parece, que sendo pelo art. 164 do dec. de 13 de janeiro de 1837 convocados os estabelecimentos, que á antiga academia da marinha pertenciam, tambem afóra a bibliotheca; e que o remanescente dos premios não poderia ter melhor applicação do que para augmento d'aquella bibliotheca: pede por isso a V. M. se digne attender esta supplica do conselho academico.

#### *Guardas.*

Finalmente o conselho academico diz que na representação feita á camara dos Senhores Deputados, em 2 de julho de 1853, pedira, além do 1.º official do Jardim Botânico, e do guarda preparador do laboratorio chimico do art. 162 do dec. de 13 de janeiro de 1837, mais dois guardas, além dos trez, que já tem, perfazendo sómente 5, quando o dec. de 19 de outubro de 1836 lhe dava seis. Como essa pretensão está affecta ao poder legislativo, parece a este conselho se devera esperar resolução; e na conformidade d'ella se procederá depois.

#### *Conclusão.*

Pelo que fica exposto sobre o estado da instrução no nosso paiz, á vista dos mappas, e relatorios, que chegaram ao conselho superior

d'instrução pública se conhece, que para se entender, quanto é possível, a instrução primaria, se torna indispensavel—1.º (uma boa divisão de parochias, feita não só com attenção ao serviço religioso, mas ao da instrução primaria, de modo que em cada parochia se possa estabelecer uma eschola pública); —2.º (crear-se uma boa inspecção e fiscalisação de escholas, que vigie incessantemente, participe, e represente e informe ao conselho superior tudo quanto convenha nas diversas localidades a respeito do ensino); —3.º (estabelecer-se em cada capital do districto, uma eschola de ensino primario do segundo gráu, de modo que sirva de eschola normal, em que se habilitem professores, porque a falta de concurrentes com capacidade e instrução sufficiente, para serem providos nas cadeiras, é a causa principal do atrasamento, em que se acha este ramo de instrução pública—a do povo—a mais indispensavel em todo o paiz. Em quanto á *instrução secundaria*, é indispensavel dar-se-lhe conveniente direcção para habilitar os alumnos a passarem á instrução especial, professional, nos diversos ramos de industria; e crear-se depois nas localidades, cadeiras proprias para esta instrução, conforme forem apparecendo alumnos, que a ella se propoñam. Para isto é indispensavel uniformizar-se o ensino em todas as escholas secundarias, submettendo-se, por via do conselho superior, á soberana approvação de V. M. os compendios, por onde haja de fazer-se o ensino; crear-se mestres; e que appareçam alumnos a procurar instrução secundaria, não para passarem á superior, de que já temos demasiados por toda a parte, mas a especial em escholas industriaes, e professionaes, de que muito carecemos, e de que já começamos a ter algumas nas duas terras mais populosas. Tendentes a este fim já vão apparecendo alguns livrinhos, que o conselho superior promptamente adopta para uso das escholas: e já neste anno não só se approvaram, mas até foram premiados os seguintes livros. *Compendio de physica e chymica*, e *Compendio de Mechanica*, por J. J. Ferreira Lapa.

Em quanto á *instrução superior*, parece ao conselho, que tendo-se feito já depois de 1836 grandes reformas com criação de novos estabelecimentos, e por vezes já diversos melhoramentos com criação de cadeiras novas, por ora se deveu aguardar lições de experiencia para successivos aperfeiçoamentos parciaes; e tractar-se de habilitar com meios pecuniarios os estabelecimentos, que existem, para melhoramentos; e para provar as necessidades, que soffrem, e que obstam ao conveniente de desenvolvimento do ensino, especialmente na parte practica. V. M. proverá sobre tudo, como melhor entender em sua alta sabedoria. Coimbra, em conselho de 29 de dezembro de 1851.

## AGRICULTURA.

### GAIVAGEM (*drainage*).

Começando este trabalho, acudo a um reparo, de somenos importancia para muitos, qual é o de saber e assentar o termo, porque devemos verter o *drainage* inglez. A nossa lingua não carece, neste ensejo, d'aproveitar do conselho d'Horacio (*ad Pisones* vv. 43—72) tomando e cunhando palavras peregrinas. Entre muitas outras, temos para escolher *ensecamento*, *esgoto*, *sargentamento*, *sanjamento*, *gaivagem* ou quando queiram, *boeiragem* ou *encaneiramento* ou, enfim, outra qualquer; que muitas ha portuguezas e sanctificadas por alguns, ainda que poucos, dos nossos agricultores; porque em poucas partes do nosso paiz se tem, até hoje, feito applicação d'este tão lucroso meio para o desinvolvimento da agricultura.

De *gaivagem* lhe damos e continuaremos a dar o nome; porque *gaiva* ou *guaiva* se diz, no norte de Portugal, o boeiro subterraneo que do campo toma o prejudicialissimo excesso d'aguas.

Por *gaivagem*, pois, deve entender-se o ramo da extensa, e mais que todas preexcelente arte « AGRICULTURA » que prescreve as condições, em que devem empregar-se as gaivas, as materias preferiveis para se construir; o modo como collocarem-se relativamente á profundidade, direcção e quantidade, a capacidade que devem ter, e, finalmente, entre muitas outras considerações, uma como theoria ou razão do emprego proficuo d'este processo de melhoramento agricola.

Para nós, que nos não commettemos o laborioso encargo d'expor, discutir e tirar a limpo todos os pontos, ainda os mais miudos, d'este interessal objecto; porque isso fôra margem rasgada e ampla a obra de muito volume, abre-se-nos ao espirito a liberdade de tractarmos um ponto protraíndo outro, d'esboçarmos a causa antes do phenomeno ou vice-versa, sem que d'ahi mane prejuizo á materia ou á clareza. — O nosso unico proposito é sermos verdadeiro, breve e claro, para podermos conseguir ser lido e meditado.

E innegavel, todos o sabem, todos os lavradores o sentem, quanto o excesso d'agua num terreno é prejudicialissimo á cultura. É o tanto como a completa aridez. — Não fallamos aqui d'excesso d'agua tal, que se converta em marnel. Os meios de tornar um pantano terreno agricultavel são muito outros, do que nesta conjunctura rememoramos. — O sobre que lançamos agora as vistas é, quando a terra está apenas embebida, sem que a agua lhe sobrenade, ou é apta a embeber-se facilmente com chuvas continuadas, ou pe-

quenos nascentes interiores, damnificando assim a sementeira já feita, ou estorvando de a fazer.

Da pouca ou nulla premeabilidade do sub-solo nasce este estado improdutivo. Somente de passagem advertiremos aqui, que o estado da natureza do sub-solo, é para a maior parte dos nossos cultivadores um objecto que consideram inutil, porque lhe desconhecem o alcance. E todavia não fica menos liquida para o agronomo, que sem um pleno conhecimento d'este, nunca o amanho das terras pôde levar-se a cabo, e com proficuidade.

Entre os muitos e valiosos auxilios physicos e chimicos, que concorrem para uma boa cultura; taes como estrume fertilisante, o concurso do ar, e uma dada temperatura, exige-se tambem uma humidade conveniente. Deve esta, porém, ser tal que, considerado o solo como o aggregado de particulas terreas, compostas d'outras mais pequenas, embeba totalmente estas, deixando permeavel pelo ar o espaço que distancia aquellas. Se tanto os espaços interiores das particulas terreas, como os exteriores que as separam, carecerem absolutamente d'agua, dar-se-ha a completa aridez, e pelo contrario, se tanto uns como outros estiverem repletos, existirá o estado que buscamos melhorar.

Para que o nosso espirito colha bem as claras a razão das gaivas, advirtamos o que se dá na terra. Supponhamos um dado terreno completamente secco pelo queimar do estio: — regado 'nesse estado, a agua penetrará pelas distancias mais sensiveis que separaram entre si as maximas particulas, e d'ahi, em virtude da attracção capillar, introduzir-se-ha nos espaços interiores d'ellas, deixando os exteriores vazios, e atravessaveis pelo ar. Convenientemente humido e apto para uma boa cultura ficará, 'neste estado, o terreno; por isso que as raizes da planta, ao passo que vão tomar do interior das particulas a humidade necessaria, são arejadas pelos espaços exteriores e vazios d'agua. — E que a agua e o ar são condições indispensaveis para a germinação e crescimento da planta é isso verdade, que os mais illustres botanicos actuaes, não se dão o cuidado de vindicar; porque ernam impugnadores.

Se, porém, 'neste estado abrimos mais agua sobre o terreno, esta então, cheios os espaços interiores, empirá os exteriores, e o terreno quedará inapto para boa e cabal cultura, visto como as raizes atufadas não poderão receber a benefica acção do ar.

Supposto isto, é agora obvia qual a acção e a razão da gaivagem, visto como a agua nociva, contida 'nestes espaços, sollicitada pelo seu proprio pezo irá introduzir-se nas gaivas, em quanto que a dos espaços interiores, retida por uma energica acção capillar, ficará no terreno, e portanto, este convenien-

temente humido, e não nocivamente embebido.

No « *Journal d'Agriculture pratique* » 3<sup>me</sup> série, tom. 1.<sup>o</sup>, Mr. Martinelli, fallando da gaivagem, resume-a graciosamente 'nestas phrazes pittorescas e verdadeiras: — « Eis um vazo de flores: — para que este buraquinho no fundo? — Pergunto-vô-lo porque ha uma completa revolução agricola 'neste buraquinho. Dá elle que se renove a agua, escoando-a proporcionalmente. — E para que o renovar da agua? — por isso que dá a vida ou a morte: a vida, quando não faz mais do que atravessar as camadas terreas, cedendo-lhes, como não pôde deixar de ceder, para logo, os principios fecundantes que traz em si, e tornando soluveis os alimentos que a planta carece d'appropriar-se; a morte, pelo contrario, quando fica stagnada muito tempo; por isso que não tarda a corromper-se e a apodrecer as raizes, impedindo ao mesmo tempo que nova agua ahí penetre. — A gaivagem outra cousa não é, senão o buraquinho do vaso das flores praticado em todos os campos. » Taes são as palavras de Mr. Martinelli.

Da gaivagem, porém, dos terrenos encharcados não resulta unicamente o proveito de tirar-lhes a superfluidade d'agua, deixando-lhes só a precisa e util, para melhor desenvolvimento da planta; resultam muitos outros igualmente poderosos para bem dos vegetaes.

Tal, por exemplo, é a elevação da temperatura: e nós já dissemos e todos o sabem, que um auxilio importantissimo para a cultura, é a elevação da temperatura. Para pleno convencimento, pôde comparar-se a vegetação rudimentarissima dos gelos da Groelandia, ou das alturas do Monte-Rosa, decifrada pelo poderoso microscopio d'Ehrenberg, com a luxuriante feracidade dos pampas, ou com as florestas frondosas das margens do Oure-noco, ou do Amazonas, ou note-se mesmo a nossa vegetação, 'num dado terreno, no estio e no inverno.

Ora, que a gaivagem deve produzir, e produz, elevação de temperatura no terreno, sabe-o claramente ainda o physico menos experimentado; visto como na terra, totalmente ensopada d'agua, a evaporação á superficie abaixa consideravelmente a temperatura pela absorpção do calor latente indispensavel á vaporisação; em quanto que nos terrenos gaivados, além de não poder dar-se essa perniciosa circumstancia, o calor do ar ambiente exerce uma influencia directa e vivificante, e as aguas das chuvas que, em geral, têm uma temperatura maior que a das terras, pelo menos depois de terem atravessado a camada superficial, podendo penetrar immediatamente o terreno, lhe communicam, equilibrando-se, o calor excedente.

A estes resultados, puramente physicos, da gaivagem, se de per si sós não fossem suffi-



cientes, por demais, para merecerem uma sollicita attenção dos nossos agricultores, poderíamos ainda adduzir alguns chimicos,—v. g., produzidos pela facil passagem da agua das chuvas.

A experiencia tem demonstrado, que esta contém sempre, em maior ou menor porção, acido carbonico, amoniaco em dissolução e ar livre. Mas quanto estas substancias influencem beneficemente a vegetação, já ministrando-se directamente aos espongiosos e mais partes das raizes, já facilitando a desagregação dos elementos terreos, e tornando-os pela solubilidade aptos para serem assimilados pelos vegetaes, é isso demasiado familiar a qualquer naturalista botanico ou chimico, para que nos vejamos constrangido a repetil-os. —E d'esta arte eis-ahi bosquejada uma como theoria de gaivagem.

Vejamos agora o que, entre nós, e em paizes estrangeiros, se tem praticado e pratica 'neste ramo dos melhoramentos agricolas, donde tantos proveitos viriam a dimanar para a nossa agricultura tão rotineira, tão apesinhada de capitaes e tão ignorante; mas, ao mesmo tempo, tão alardeada de quintas-exemplares, que topographicamente só podem descobrir-se dentro dos limites do *Diario do Governo*, e tão alteada por associações agricolas, que de tudo poderão e terão tractado, menos d'agricultura, — salva a *Sociedade Agricola do Porto*.

Entre nós, quando um terreno é tão demasiadamente abundoso d'aguas, que se encharca, o processo de que, o mais das vezes, lançam mão os nossos cultivadores, é o d'abrir-lhe nas extremidades uma sargenta ou regueira, d'um metro ou mais de largo, que o sangre. Um meio tal, além de não produzir senão um pequeno effeito e muito parcial; porque não alcança esgotar devidamente o meio do terreno, sobretudo se o campo que se busca sangrar é bastante extenso, tem o grave inconveniente de furtar á cultura um grande tracto da terra que poderia de per si dar para a despesa da gaiva.

Tornemos, por um exemplo, bem sensivel o que affirmamos. Supponha-se um campo ou lameirão de cem varas em quadro: sendo necessario affundar por todos os lados uma sanja d'uma vara de largura, temos logo de roubar ao cultivo um espaço de quatrocentas varas, pelo menos, d'extensão, com uma de largura que, habilmente agricultadas, poderiam dar muito alqueire de pão ou muita raza de legumes. Ora, qualquer que fosse a despesa d'uma economica gaivagem, não pôde deixar de ver-se, que essa produção seria um largo juro d'ella; e um largo juro, note-se bem, d'onde não haveria a subtrahir annualmente parcela alguma para custeamento das gaivas; por isso que estas, bem construidas, podem durar seculos sem carencia de reparos.

Além d'isto, por entre muitos outros inconvenientes, não é para descurar, por certo, não o deve ser, pelo menos, o estorvo que á passagem dos gados, dos carros, das charruas e dos cavadores, trazem as sargentas rasgadas em torno dos campos, roubando diariamente alguns momentos ao trabalho.

Basta que os nossos agricultores meditem bem estes verdadeiros pontos, para que, em breve, se gaivem, entre nós, muitas varzeas e assentadas, que virão a ser feracissimas, sendo hoje apenas atolados lamaceiros, pouco productivos, e, o que mais é, muito damnosos para a saude, já de si e suas familias, já de seus gados.

As pouquissimas gaivas, e estas de mui limitada extensão, que entre nós se têm até hoje feito, são quasi sempre formadas por um d'estes trez meios: — ou pela postura, depois d'aberta a sanja, de trez troncos de pinheiro bravo deitados ao longo d'ella e no seu fundo, formando um triangulo, cujo vertice fica para cima, ou, explicando-me mais claramente para os lavradores; aberta a valla com o fundo chato de 3 palmos de largura, põem-se dois pinheiros deitados parallelamente, separaram-se coisa de 1 palmo, assenta-se sobre estes um terceiro, deixando assim aberto, entre os trez, um boeiro de quasi um palmo de bôcca, e cobre-se depois tudo com a mesma terra que se tinha tirado, ficando apenas desaterrada a bôcca do caneiro para as aguas sahirem: — ou, segundo se faz no norte do nosso paiz, sem o emprego de pinheiros; abre-se a sargenta com dous palmos de largura no fundo (e portanto, é escusado dizelo, com trez ou trez e meio de largura em cima para não cahir a terra dos lados, estorvando, ao passo que se trabalha), e 'nestes dous palmos abre-se então o que ha propriamente de ser a gaiva, d'um e meio palmo de largura, e muito similhante á calha dos nossos moinhos d'agua vulgares, ficando assim o meio palmo, restante dos dois do fundo, a servir de bordos lateraes, sobre que se firmam cespedes ou terreiros com a relva voltada para a gaiva; ou pedaços de louza, ou pedras largas e delgadas, cubrindo depois tudo, e enchendo-se tambem com a mesma terra que se tirara. Ainda um terceiro meio, entre nós acolhido, consiste em entulhar com picarra ou cascalho na altura d'um palmo, pouco mais ou menos, o fundo da aberta, cobrindo-o igualmente com terra. Taes são os trez unicos meios de gaivar as terras humidas que entre nós temos visto, e nem sabemos que outro methodo, se haja empregado. Ainda assim, com viva mágua o repetimos, este processo utilissimo tem sido, apenas, practicado em diminutissima extensão, e só por algum agricultor menos desleixado.

Estes trez modos, porém, de gaivar, um dos quaes muito empregado na Europa, embora

as muitas vantagens que já prodigalisem ao lavrador, têm, todavia, inconveniências muito para considerar-se com attenção. A facilidade com que se entulham, abatendo a parte superior, ou se entupem, esboroando as paredes lateraes, ou apodrecendo os pinheiros, ou retendo nas asperezas e indo accumulando de dia para dia as materias e arêas, que as aguas possam trazer em suspensão, dão em resultado o não durarem, satisfazendo bem ao seu fim, para mais de quinze ou vinte annos.

Para obstar a estes estorvos têm agronomos habéis, principalmente inglezes, ensaiado varias traças, conseguindo demonstrar, e roburar pela practica, a proficuidade incontrou-va de alguns processos.

Pondo de lado o numero e forma dos instrumentos que se empregam e recommendam nesta practica, porque isso nos tornaria longo em demasia, e por certo fastidioso, ainda para alguns cultivadores, esforcemo-nos apenas por tracejar claramente, quanto possível, os melhores e mais apregoados methodos em uso.

O primeiro d'estes — mas que não nos atrevemos a avaliar como o mais aproveitavel em todas as nossas provincias — é aquelle que insinua a construcção das gaivas, ou manilhas de barro ordinario d'um e meio a dous palmos de comprimento, e quatro a seis polegadas de diametro. Este, porém, pôde e deve variar muito, segundo a quantidade d'agua que se presume haver de receber, e, afóra isto, tem-se tambem reconhecido mais vantajoso o não os construir redondos, mas antes de forma ovoide. Esta forma, todavia, sendo de mais difficil collocação, conseguiu-se subajustar-lhes uma chapa do mesmo barro para bem assentar no fundo da valla.

Dissemos, e repetimos, que não cremos preferivel, entre nós, este meio de gaivamento, e com especialidade nas provincias, em que abunda o granito e o calcareo; por isso que não só não ficam tão solidamente construidos com as manilhas de barro, como com aquelles; mas, principalmente, porque o custo d'aquellas no nosso paiz, aonde as *artes ceramicas* não têm um vasto desinvolvimento, seria demasiado subido para haver de tentar os nossos lavradores tão faltos de recursos pecuniarios, se exceptuarmos, talvez, alguns poucos possuidores d'extensas herdades. E, além d'isto, requerendo o assentamento dos caneiros de barro muito cuidado e uma mão versada, não pôde estar como a feitura d'aquelles, ao alcance de todos os nossos lavradores, e, consequentemente, fôra mister criar, como nos paizes estrangeiros, companhias e industriaes só dedicados a este objecto.

Sem desnotarmos, e menos negarmos, a utilidade de taes companhias e industriaes, principalmente quando a gaivagem tiver de executar-se em larga quantidade, e houverem

d'empregar-se manilhas ajustadas por collares do mesmo barro, temos para nós como mais empregavel o meio ao alcance de todos, qual é o das gaivas de pedra. Que em Inglaterra se empregue o barro, sim, accordamos 'nisso; porque lá não ha pedra e a fabricação do tijolo e utensilios de barro é extensissima: basta ver que em Londres e Liverpool ha, talvez, trezentas mil casas sem uma unica pedra, nem do tamanho d'um palmo; é tudo tijolo; é tudo barro! Mas que entre nós, tão factos de bom granito e bom calcareo, se preconise o barro, é dislate que nem pôde ter as honras de ser impugnado.

*Continúa.*

A. A.

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 178.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA SEGUNDA.

Oh! dai-me vinho; que estas novas maguas  
O vinho affogue e o somno os olhos turvos  
Alquebrado me cerre, e ninguém venha  
Despertar-me, em vinho mergulhada a mente.  
— Meu amor infeliz dorme entretanto.

Tem minha amante, agora, austero guarda;  
E firme a porta dura aldrava opprime!  
Porta do meu amor cruel, difficil,  
Que as procellas te acoitem e que o raio,  
Por Jove despedido, te fulmine!  
Dobrada a meu queixume, abre-te, porta,  
Mas para mim sómente, e sem que rinjas  
Nos duros quicios, entre-aberta a furto;  
Se, em meu delirio, imprecações violentas  
Contra ti vomitei enfurecido,  
Por deus perdoa; contra mim se voltem.

Relembra agora as supplices palavras  
Que submisso dizia, quando a hombraira  
De flóridas grinaldas te adornava.

E tu, tímida Délia, o vigil guarda  
Não enganes a medo; — ousa; aventura;  
Que aos temerarios é propicia Venus.

Quer novo limiar o moço tente,  
Quer a donzella fixas portas abra,  
Ella benigna favorece o feito:  
Ella do leito lubrico, mimoso  
A descer, sem ruido algum, ensina,  
E com tacito pé a andar nas salas:  
Ella os acenos que o marido burlem,  
E o signal que d'amor esconde a phrase.

Mas não o ensina a todos; — só aquelles  
Que a inercia não retarda e que não temem  
Por noites tenebrosas levantar-se.  
Jámais a mim, vagando ansioso, em trevas,  
Toda a cidade, seu favor me falta.

Do assassino traidor ella defende,  
E do ladrão que em premio as roupas busca.  
—A quem d'amor nas aras sacrifica,  
Que esse vá, sem temer, por toda parte:  
Seguro vá; sagrado é seu destino.

A mim, nem frios d'invernosa noite,  
Nem chuveiros medonhos me intimidam:  
Não, bagatellas taes nunca eu as sinto,  
Comtante que em silencio a minha Delia  
A porta venha abrir-me e, d'entre as sombras,  
C'um trinco por signal, me chame ao goso.

Ah! de mim, se importuno me encontrardes,  
As vistas desviai, mancebo ou moça;  
Que occultos Venus quer os seus captivos:  
Nem me aterreis c'o estrepito dos passos,  
Nem pergunteis meu nome, ou dos archotes  
Co'a luz brilhante me innundeis a face:  
E se imprudente algum me vir, que abafe  
O segredo comsigo e pelos deuses  
Jure e trejure, que me não conhece.

O delator ha de sentir ser Venus  
Filha do iroso mar, gerada em sangue!  
—Nem jamais ha de crel-o teu esposo,  
Que assim m'o prometteu sincera maga.

Eu mesmo vi do ceu descer os astros  
Por seu conjuro e atraz volver os rios;  
Á sua voz abre-se a terra; sahem  
Os Manes dos sepulcros, e desvia  
Da pyra ardente os fumegantes ossos;  
Ora do inferno traz ruidosas sombras,  
Ora, aspersas de leite, as poem em fuga;  
Se lhe apraz, triste o céu torna formoso,  
Se lhe apraz, pelo estio espalha neves;  
E fama, que só ella de Medea  
Possue as hervas magicas, só ella  
D' Hecate haver domado os caens raivosos.

Esta foi que o feitiço astucioso  
Me preparou, com que illudir podesses:  
Trez vezes o recita, e, recitando-o,  
Trez vezes cospe; assim, jamais crer póde  
D'alguem os dictos, nem a si se crêra,  
Quando mesmo no leito me encontrasse.

Mas outro amante foge: — ha de ver tudo  
Que d'outros parta; só de mim, sómente,  
Ha de nada sentir. . . —E posso eu crel-a!  
Quando ella mesma, com feitiços e hervas,  
Diz que póde extinguir os meus amores!

!E com fachos me lustra e a parda ovelha,  
Aos deuses da magia consagrada,  
Sob a placida noite expira victima!

Eu, emtanto, implorava, não a perda,  
Senão mutuo o amor; que nunca, nunca  
Desamar-te quizesse. Oh! foi de ferro,  
Quem, gozar-te podendo, antes quiz, louco,  
Os despojos colher, seguir as armas.

Que esse ante si desfile dos Cilícios  
Algemadas catervas e de guerra,  
Em tomado terreno, as tendas arme;  
Todo em prata cosido e d'ouro todo,  
Em fervido ginete, as vistas pasça.

E, quanto a mim, que eu possa, Delia, as vacas  
Jungir contigo estando, e o tardo gado  
Ao pasto conduzir pelo ermo oiteiro;  
Que, em meus braços cingindo-te amorosa,  
Me tome o somno sobre a terra inculta.

! Sobre leito de purpura que importa  
Os membros reclinar, se, longe a amante,  
Se ha de em prantos passar velando a noite?  
Então nem pennas, nem bordadas colchas,  
Nem da fonte o placido murmúrio  
O somno conciliam. — ! Por ventura  
Da grande Venus insultei as ordens  
E agora a lingua impia as penas soffre?  
Acaso o templo sacro entrei manchado,  
Ou das aras roubei votadas flores?  
No déltro prostrar-me não duvido,  
Se o mereci, beijar as portas sanctas,  
Arrastar-me constricto nos joelhos,  
E o craneo esmigalhar na sacra hobreira.

Mas, tu, que alegre ris os males nossos,  
Sobre ti volve a mente; — a divindade  
Não ha de sempre contra um só irar-se.

Eu já vi quem do moço o amor molino  
Motejou, sujeitar, já velho, o collo  
De Venus ás cadêas; com voz trêmula  
Amantes phrases inventar, tentando  
As cans já raras mascarar com arte,  
Sem pejar-lhe o velar da ingrata a porta,  
Ou deter-lhe a criada em plena praça.

Este assim das crianças é debique,  
E entre ondas um tal ser opprime a turba,  
Cuspindo-se cada um no molle seio.

Mas a mim, Venus poupa; a minha mente,  
Em ti sempre segura, a ti só serve;  
—Porquê raivosa tua messe abraças? —

A. A.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO :

TRADUÇÃO PORTUGUEZA

POR

Manuel Matthias Vieira Fialho de Mendonça.

Veio-nos á mão uma traducção portugueza, inedita, da *Historia da conjuração de Catilina*, por Manuel Matthias Vieira Fialho de Mendonça; por aquelle mesmo, que com tanto primor soubéra passar para a lingua de Camões um dos mais bellos episodios da Epopea de Virgilio.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Vêde o *Fragmento da traducção do IV Canto da Eneida* por Manuel Matthias, precedido d'uma noticia biographica do auctor, no *Instituto*, vol. III, pagg. 247 e segg.

Movidos da curiosidade de ver, como tão distincto traductor interpretava a admiravel producção d'um dos genios mais abalizados da Roma classica, entrámos a ler o manuscrito, e não o deixámos, antes de o levar ao cabo. Tanto nos captivou a leitura. Alli vimos reproduzidos todos os conceitos, repostas quasi todas as imagens, e não poucas vezes conservado o mesmo modo de dizer, a mesma concisão e parcimonia do original. A valentia dos traços, e delicadeza dos toques, com que o grande historiador pinta as pessoas, notaveis por seus crimes ou virtudes, que mais avultam no quadro da sua historia; a belleza das descripções, a eloquencia dos discursos, a elevação e força das sentenças moraes, a vehemencia, o fogo, e a rapidez do estylo: tudo, ou quasi tudo, lá apparece na traducção, fluente, natural, e harmoniosa.

Depois de lermos este interessante escripto, occorreu-nos logo a idéa de darmos ao público conhecimento d'elle nas columnas do *Instituto*, assim como já se havia feito a outra producção do mesmo auctor, a que acima alludimos. Mas reflectindo, que possuamos já uma traducção da mesma obra por Barreto Feio, a qual tínhamos lido, havia muito tempo; demo-nos ao trabalho de a ler outra vez, cotejando-a com a de Manuel Mathias, para vermos, quanto a literatura nacional teria a ganhar com a publicação da traducção inedita. Lemos com effeito, e confrontámos: e o que nos pareceu foi—que a inedita, sem ser menos fiel do que a impressa, antes traduzindo não poucas vezes com muito mais propriedade, tem sobre ella o inquestionavel merecimento de evitar essas inversões affectadas, duras, e puramente latinas, em que a outra tanto abunda.

E para que alguém não táche de gratuitas ou exaggeradas estas nossas asserções, ahi lhe apresentamos duas passagens do texto, com a traducção dada por cada um d'aquelles auctores.

Será a primeira aquella do §. 1.º logo no principio. « *Sed nostra omnis vis in animo et corpore sita est: animi imperio, corporis servitio magis utimur: alterum nobis cum diis, alterum cum bellis commune est.* » Barreto Feio traduziu assim: « D'alma e corpo constamos: áquella mandar, a este obedecer pertence: aquella com os deuses, este com as feras nos e commum. » Não questionaremos sobre a fidelidade de traducção de *bellis* por *feras*: remettemos isso para os homens versados na materia: vejam elles, se o traductor andou bem, ou não. Limitar-nos-hemos sómente a chamar a attenção para a perpetua, e mais que desnecessaria, inversão d'aquella phrase. Quem admittirá tal em prosa portugueza? Quem não diria antes, mui natural e até elegantemente: « Constamos d'alma e corpo: áquella pertence mandar, a este obedecer:

aquelle nos. é commum com os deoses, este com os brutos »? Manuel Mathias a nosso ver, andou muito melhor, traduzindo assim: « A nossa força toda consiste na alma e no corpo: a alma impera, o corpo obedece, e serve-nos: por aquella nos parecemos com os deuses; por este com os brutos. » Aqui apparece já todo o conceito, as mesmas figuras, e quasi a mesma concisão do original.

Virá em segundo logar aquella passo do §. 3: « *Ac mihi quidem, tametsi haudquaquam par gloria sequatur scriptorem et auctorem rerum, tamen in primis arduum videtur res gestas scribere.* » Que Barreto Feio verteu assim: « Mas ainda que equal gloria não siga ao escriptor e ao auctor das cousas, mui difficil me parece comtudo escrevel-as. » Também não disputaremos a exactidão da versão d'aquelle inciso—*auctorem rerum* por—*auctor das cousas*. Julguem ainda aqui os entendidos, da fidelidade da interpretação. O que nos parece inquestionavel, é, que esta traducção, além de servil, é fria e desleixada; sobre tudo 'naquelle remate—*escrevel-as*, o qual tão cheio e numeroso estava no original (*res gestas scribere*), como quebrado e sem graça fica na versão. Manuel Mathias ainda aqui foi muito mais bem succedido, traduzindo: « E ainda que o escriptor não ganhe gloria equal á dos heroes, que descreve; todavia sempre me parece arduo bastante o escrever a historia. » Aqui conserva-se o arrojo, a nobreza, e a cadencia do conceito original, sem se offender em nada o genio da lingua portugueza. E como estes, poderião adduzir-se outros muitos logares, onde, a nosso ver, a traducção, que vai publicar-se, muito excede, se não eclipsa totalmente, a outra que o público já possui.

Verdade é, que Manuel Mathias algumas vezes, que não foram muitas, accrescenta na traducção um ou outro termo, que não vêm distinctamente expresso no original; dá á dicção diverso geito, já variando a qualidade dos vocabulos, já substituindo certas figuras, já alterando a sua posição, etc. E porque o não faria elle, se com isso illuminasse o sentido, reproduzisse todo o conceito do texto, tornasse a phrase mais cheia e harmoniosa, ou accomodasse a expressão á indole da lingua, para que vertia? Bem traduzir não é dar palavra por palavra; que, além d'impossivel, seria isso demasiado escrupulo, ou superstição inutil: bem traduzir é dar conceito por conceito, conservada, quanto ser possa, a concisão, a estrutura, e as feições do original: é dar as cousas do texto por pezo, e não por conta, como costumava o grande orador Romano. Foi isto o que fez Manuel Mathias.

Julgamos pois, que prestamos algum serviço á literatura nacional, enriquecendo-a com a boa traducção d'um dos melhores ori-

gíneas d'antiguidade classica; além de pagarmos o tributo de respeito e consideração, devido á memoria do distincto litterato, que tanto illustrou com seus estudos e escriptos a sua e nossa patria.

A. S.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA.

I. Todos os homens, que desejam exceder aos outros animaes, devem empenhar-se muito em não passar a vida no esquecimento, como os brutos, que a natureza fez debruçados para terra, e escravos dos appetites. A nossa força toda consiste na alma e no corpo: a alma impera, o corpo obedece, e serve-nos: por aquella nos parecemos com os deuses, por este com os brutos. Julgo, por tanto, melhor grangear gloria, cultivando as faculdades da alma, do que as do corpo; e (pois é tão curta a vida, que gozamos) perpetuando o mais possivel a memoria de nós mesmos: porque as riquezas e a formosura dão gloria passageira e fragil; os dotes do espirito dão-na brilhante e eterna.

Apesar d'isto, tem-se disputado muito, se o bom successo da guerra depende mais das forças da alma, ou das do corpo; porquanto, antes de emprender, é mister reflectir, e depois de reflectir, executar á tempo. Assim cada uma d'estas cousas, insufficiente por si, corrobora-se com o auxilio da outra.

II. Por esta razão, ao principio os reis (primeiro nome, que no mundo teve o poder soberano) divergindo, cultivavam, uns as faculdades da alma, outros as do corpo. Ainda então os homens passavam a vida sem ambição, contentando-se cada um com o que era seu. Mas depois que Cyro na Asia, e os Lacedemonios e Athenienses na Grecia começaram a subjugar cidades e nações, a olhar como causa da guerra a ambição de governar, e a julgar, que a maior gloria consistia no maior imperio: foi então finalmente, que a experiencia e a practica ensinaram, que o talento valia muito na guerra.

Se tambem na paz, reis e generaes governassem com a mesma applicação e tino, com que fazem guerra, haveria nos estados mais egualdade, e duração, e não veriamos em tudo transtorno, confusão, e mudanças: pois os governos conservam-se bem pelas mesmas maximas e regimes; com que se adquirem. Porém, logo que em lugar do trabalho, sobriedade, e justiça, brotam ociosidade, devassidão e despotismo; muda-se a fortuna com os costumes, e o governo vai passando do menos habil para o mais sabio. Em fim, agricultura, navegação, edificação, tudo obedece á força d'um espirito instruido.

III. Muitos homens ha, que entregues á

gula, á indolencia, á ignorancia, e á grosseria, vivem no mundo como estrangeiros 'nelle. Contra o natural, o corpo lhes serve de prazer, a alma de pezo. A vida e a morte de taes homens, eu as tenho na mesma conta: de nenhuma se ouve mais fallar... Viver, ter alma, só julgo aquelle, que utilmente occupado, procura deixar fama, ou por acções illustres, ou por qualquer genero de instrucção. Porém, em tão grande variedade d'occupações, a natureza aponta a cada um diversa estrada.

E brilhante servir o Estado: fallar bem tambem não é desprezivel. Na paz e na guerra podemos illustrar-nos: muitos que obraram grandes feitos, e muitos, que os escreveram, se têm egualmente immortalisado. E ainda que o escriptor não ganhe gloria igual á dos heroes, que descreve; todavia sempre me parece arduo bastante o escrever a historia: primeiro, porque o estilo deve corresponder aos factos; depois, porque muitos attribuem a odio ou malevolencia a reprehensão dos crimes; e em fim, porque, quando se narram as virtudes e façanhas dos grandes homens, o leitor acredita de bom grado, quanto julga que lhe seria facil praticar; e tudo o mais, reputa-o ficção e falsidade.

IV. Na minha primeira mocidade eu, assim como outros muitos, passei dos estudos para os cargos publicos, onde experimentei bastantes revezes. Em logar de modestia, desinteresse e merecimento, encontrei campeando a audacia, o suborno, e a avareza. E ainda que a minha alma, não habituada á malicia, desprezava tantos vícios; via-me contudo enleado no meio d'elles, em idade mui tenra, e seduzido pela ambição: e, se nunca abracei a perversidade de costumes dos outros, senti todavia, como elles, a mesma ambição de honras, e soffri os tiros de inveja e opinião publica.

Portanto, apenas o meu espirito pôde descansar de tantas misérias e perigos; e assentei passar o resto da vida longe dos negocios publicos: não foi tenção minha gastar este precioso descanso na indolencia e ociosidade; nem entreter-me em occupações meramente corporaes, cultivando a terra ou caçando. Porém, voltando ao plano de estudos, d'onde uma ambição desarrosoada me havia afastado, determinei escrever passagens desligadas da historia romana, que me parecessem mais dignas de memoria: e isto tanto melhor, quanto o meu animo se achava liberto de esperanças, medos e partidos. Portanto, com a maior verdade possivel, resumirei a historia da conjuração de Catilina. Na minha opinião é este um dos acontecimentos mais memoraveis pela novidade do crime e do perigo. Antes, porém, de começar, fallarei um pouco dos costumes d'aquelle homem.

Continúa.

**MANUAL**  
DO  
**PROCESSO COMMERCIAL**<sup>1</sup>  
POR

*José Ribeiro Rosado,*

Bacharel Formado em Direito e Advogado no Juízo  
de Direito de Coimbra.

Com este seu trabalho veio o sr. Rosado augmentar as provas do seu merecimento litterario, e satisfazer ao mesmo tempo a uma grande necessidade do fóro commercial.

Os tribunos de commercio nas provincias são cousa inteiramente nova; a practica é ainda mui pouca ou nenhuma; e em resultado falta a precisa uniformidade nos processos.

Uma obra pois, que apresentasse a organização do fóro commercial, os principios, que regem, e devem regular os juizes, tribunaes e seus empregados; que dêsse as regras sobre a competencia d'esses tribunaes, considerando-a não só em quanto á natureza da causa, e em quanto ao logar, senão tambem quanto ao valor ou alçadas; que se occupasse da ordem do juizo nos feitos commerciaes, tanto no processo regular como no arbitral; que offerecesse formulas para os registros, eleições de jurados, protestos de letras, e principaes termos do processo commercial, perante os tribunaes e perante os arbitros; e que finalmente contivesse a legislação relativa ao juizo commercial, publicada depois do código; uma obra d'esta natureza era necessaria e desejada; — e o sr. Rosado comprehendendo-a e concluindo-a fez um grandissimo serviço aos tribunaes e a todos os que seguem, ou se propõem seguir a espinhosa vida do fóro, sob qualquer denominação que seja, — juiz, delegado, escrivão, advogado, ou jurado.

O auctor tracta, por incidente, muitas questões importantes, apresenta e cita muitos casos julgados para fundamentar as suas doutrinas, e faz um tractado de provas. — E tudo isso accrescenta, e muito, a utilidade do seu livro, digno de ser bem lido e estudado.

B. C.

## NOTICIÁRIO.

**Sementes sem influencia do pollen.**  
**Observações de M. Naudin.** Lineu e os botanicos que o seguiram julgavam a fecundação pollenica condição essencial do desenvolvimento dos ovulos e da formação das sementes. Houve depois botanicos allemães que até pretenderam ver no pollen o principio mesmo do embrião, e apenas concederam ao ovulo o grau mui secundario de matriz ou órgão protector e nutridor.

<sup>1</sup> 1 vol. em 8.º

Spallanzani foi o primeiro que notou uma excepção á regra demasiado absoluta da fecundação pollenica, mostrando que o canhamo feminino podia fructificar sem o concurso de uma flôr masculina.

M. Naudin repetiu as experiencias d'este sabio, e concluiu tambem que o canhamo feminino pôde fructificar sem intervenção alguma de plantas masculinas da mesma especie. Observou muitas plantas já dioicas, como o mercurial, a pryonia etc., já monoicas, como o ricino, o *ecballium elaterium*, etc., e achou, d'um lado a infecundidade absoluta das flores femininas por falta de flores masculinas em uma planta monoica, d'outro lado, uma planta da mesma familia e d'organisação analoga, mas dioica, não deixava de fructificar e produzir sementes ferteis, ainda na ausencia de outra planta que a fecundasse.

Resta indagar por que tempo se conservarão as especies, se as reduzirmos artificialmente a este modo de propagação.

(*Journal des Connaissances utiles.*)

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 1.º até 15 de novembro corrente, por despachos do Conselho Superior d'Instrução Pública, e decretos do governo communicados ao mesmo Conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Constancio José Martins, para professor temporario da cadeira da Barquiha, districto de Santarem.

João Pedro Torres, para dicto de Brinchel, districto de Beja.

Antonio Joaquim Ferreira, para dicto de Quadrazas, districto da Guarda.

Joaquim de Noronha Abreu e Lima, para dicto das Caldas da Rainha, districto de Leiria.

José Firmino da Silva Quelhas, para dicto do Pedro-gão, districto de Castello Branco.

José Thomaz Pereira de Mendonça, para dicto de São Vicente de Pereira, districto d'Aveiro.

Manuel Ferreira Domingues Martins, para dicto de Pinhanços, districto da Guarda.

Joaquim dos Sanctos Affonso, para professor substituto em quanto da cadeira de Meda, districto da Guarda.

Victorino Joaquim Dias, para professor vitalicio da cadeira de Ribeira de Pena, districto de Villa Real, decreto de 27 d'outubro lndo.

Maria Eulalia da Conceição Moreira de Carvalho, para mestra vitalicia da escola de meninas da freguezia de São Jorge, com exercicio na de Nossa Senhora da Pena, da cidade de Lisboa, decreto de 4 do corrente.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

José Francisco Rodrigues Pereira, para professor vitalicio da cadeira de latim da villa d'Agueda, districto d'Aveiro, decreto de 5 do corrente.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

O Donctor Roque Fernandes Thomaz, para vogal do Conselho Superior d'Instrução Pública, decreto de 4 do corrente.

Ernesto Augusto Soares da Silva, para o logar de porteiro da escola medico-cirurgica de Lisboa, decreto de 5 do corrente.

### CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

#### RELATORIO ANNUAL.

1854—1855.

Senhor!—Em desempenho do que se acha determinado no decreto de 25 de fevereiro de 1841, tem o conselho superior d'instrução pública, a honra de fazer subir á augusta presença de V. M. o relatório dos seus trabalhos durante o anno lectivo findo de 1854 a 1855, acompanhado do quadro da instrução pública nos diferentes ramos, que a lei collocou debaixo da inspecção do mesmo conselho. Apesar da falta de um dos seus vogaes, cujo logar se acha vago, e da ausencia, por alguns mezes, d'outro, que é deputado da Nação, não deixou o conselho, no decurso de todo este anno, de fazer regularmente as conferencias do conselho ordinario, bem como as das suas trez secções, e de dar expediente aos multiplicados negocios, que lhe foram apresentados, resolvendo uns, e levando outros á consideração de V. M. Em consequencia do pequeno numero, que havia no principio d'este anno lectivo, de substitutos extraordinarios nas diferentes faculdades da Universidade, os quaes são hoje os unicos vogaes extraordinarios d'este conselho; do serviço que muitos foram obrigados a fazer na regencia de cadeiras, e da passagem subsequente de quasi todos elles para lentes substitutos; não foi possível fazer com regularidade, durante este anno, as conferencias extraordinarias de secção, e por isso tornaram-se quasi nulos os serviços que estes vogaes podiam prestar ao conselho superior. A secretaria continuá a satisfazer bem e regularmente ao pesado serviço, com que se acha subrecarregada. Em attenção a este serviço, e pelos principios de justiça, seria muito para desejar que o governo de V. M. providenciasse, para que se torne effectivo pelo orçamento, o que V. M. se dignou resolver no decreto de 28 de novembro de 1853, que estabeleceram os ordenados, e a distribuição dos emolumentos para estes empregados, conforme o que lhes fôra prometto no art. 63 do regulamento de 10 de novembro de 1845; e em harmonia com os

ordenados, que percebem os empregados da mesma graduação, em outros ramos do serviço público, com trabalho, que não é seguramente nem mais activo, nem mais assiduo que o dos empregados na secretaria do conselho. O movimento do expediente da secretaria vê-se no mappa (n.º 1). A paz e socêgo público, de que o paiz tem gozado felizmente, 'nestes ultimos annos, não podia deixar de levar a todos os ramos da administração pública os seus effectos salutaros. É sem dúvida devido a elles, em grande parte, que de anno para anno se vê caminhar com mais regularidade o serviço na instrução pública, o qual se não toca ainda o grau de perfeição que seria para desejar, já offerece contudo uma base segura, em que podem assentar os melhoramentos progressivos, que a mesma instrução demanda, e com os quaes o governo de V. M. tão desveladamente se empenha em dotar-a. Os relatorios parciaes dos chefes dos estabelecimentos d'instrução pública, e dos diferentes delegados do conselho, e bem assim os mappas dos professores, têm chegado, este anno, mais a tempo e em maior numero comparativamente com os annos anteriores. E, se os meios actuaes d'inspecção fossem sufficientes, não duvida o conselho emitir a sua opinião, de que, auxiliado pelo governo de V. M., louvando os benemeritos, advertindo os tardios, e impondo castigo aos remissos, conseguiria dentro de poucos annos, que todos os seus subordinados satisfizessem cabalmente a esta parte importantissima das suas obrigações, e que pözessem, por esta forma, o mesmo conselho em estado de appresentar a V. M., no tempo marcado, um relatório completo, que fosse a expressão verdadeira do estado da instrução pública, onde se podessem estudar as suas necessidades, e os meios de as satisfazer. Mas nos precedentes relatorios, já por vezes o conselho tem exposto a V. M. que, principalmente para a instrução primaria, a inspecção actual não é sufficiente. Aos commissarios d'estudos, que d'ellas se acham mais particularmente encarregados, falta-lhes o tempo e os meios, para prestarem o serviço continuo, activo e vigilante, de que muito se carece, principalmente nas repetidas visitas ás escholas. E apesar d'isso, sente o conselho o maior prazer em communicar a V. M. que

a maior parte d'estes empregados, exercem os seus cargos com muito zêlo, e que desprovidos dos meios de fazerem quanto convinha, são ainda assim os auxiliares mais importantes que tem este conselho para o desempenho e cumprimento de grande parte dos seus deveres. Muitos dos relatorios foram cuidadosamente elaborados, e em muitos se encontram indicações acertadas, que este conselho já tomou, ou terá de tomar em consideração. E alguns d'elles julgou o conselho dignos de serem publicados no jornal — *O Instituto*; — assim o foram já os dos commissarios do Funchal e Lisboa, e consecutivamente vão ser outros, a fim de que a sua publicação, além do interesse público, que d'ahi resulta, sirva de louvor a seus auctores, e de incentivos aos outros empregados. Mas se até aqui tem felizmente tido motivos de louvor, com dis-sabôr se vê o conselho, em cumprimento do art. 7.º da portaria de 10 de agosto d'este anno, na necessidade de levar ainda ao conhecimento de V. M. que deixaram até o dia d'hoje de remetter os relatorios parciaes, como lhes cumpria :

*Na Instrução primaria e secundaria.* — Commissarios e Reitores: Aveiro (impedido por doença em quasi todo o anno lectivo), — Castello Branco — Horta — Portalegre.

Governadores Civis: Braga — Castello Branco — Coimbra — Evora — Faro — Funchal — Horta — Leiria — Porto — Viana — Villa Real — Vizeu.

*Na Instrução Especial.* — Torre do Tombo — Imprensa Nacional — Conservatorio Real de Lisboa — Academia Real das Sciencias — Bibliotheca de Evora.

*Instrução Superior.* — Eschola medico-cirurgica do Funchal.

Percorrendo os trez ramos, em que entre nós se acha dividida a instrução publica, o conselho superior passa agora a dar conta a V. M. dos seus trabalhos, relativos a estes ramos, e dos resultados que obteve do exame feito sôbre os relatorios recebidos.

## 1.ª PARTE.

### *Instrução primaria.*

O governo de V. M., usando da auctorisação que lhe foi concedida pelo corpo legislativo, tem sido sollicito em augmentar o numero das escholas d'instrução primaria. Durante o ultimo anno foram creadas mais 73, sendo para o sexo masculino 66, e para o feminino 7. Por onde o numero das cadeiras publicas, no continente e ilhas, é hoje de 1:272. O movimento d'estas escholas, segundo se pôde colher dos mappas estatísticos, até hoje recebidos, consta dos mappas (n.º 2) que acom-

panham este relatório. Por elles já se pôde ver, que o numero dos alumnos, que frequentaram estas escholas, subiu a 55:117, o que é superior ao anno precedente. Nos mappas (n.º 2) se encontra tambem o movimento, durante o anno findo, das escholas particulares, cujas noticias poderam ser recolhidas por este conselho, denominadas de academias, asylos, collegios, institutos, lyceus, municipios, de junctas de parochias, de confrarias, de legados, alem das pagas pelos chefes de familias. Vê-se d'estes mappas que o numero dos alumnos 'nestas escholas, subiu a 25:479, sendo do sexo feminino 8:667. O governo de V. M., proseguindo no empenho de augmentar o numero das escholas d'instrução primaria, continuará a acudir, por certo, a uma das necessidades mais urgentes d'este ramo da instrução publica. Mas, muito resta ainda a fazer, para que elle chegue áquelle gráu satisfactorio e florescente, exigido pelo melhoramento das nossas instituições sociaes, e pelos reconhecidos progressos que o paiz vai appresentando no seu caminho da civilisação. Entre as medidas mais urgentes que para tal fim se devem empregar, colloca este conselho em primeiro logar, a já mencionada da organisação de uma nova inspecção mais bem recompensada, para poder ser mais activa e vigilante, e o estabelecimento d'escholas normaes, que infelizmente ainda não pôde levar-se a cabo. O conselho sente dizê-lo, ou antes repetil-o; mas sem aquella inspecção, e sem mestres habilitados como devem ser, o dinheiro que se está gastando com aquellas escholas; é em parte espedricado, porque pouco aproveita. Falla-se muito, e quasi sempre muito vagamente, em melhoramentos na instrução primaria; indica-se a necessidade de remedios heroicos; fazem-se entrever elixires milagrosos, e por fim de contas, todas as pessoas que reflectirem um pouco, e forem de boa fé, hão de convir, que essa instrução estará no caminho da prosperidade desejada, logo que houver uma eschola por cada freguezia, que os mestres tenham o merito, e a recompensa convenientes, e finalmente que uma inspecção intelligente e incansavel zele este ramo importante do serviço publico. O governo de V. M. auxiliado, quando fôr necessario, pelas côrtes, ha de por certo levar a sua illustrada attenção ao desinvolvimento completo d'estes trez pontos fundamentais do melhoramento da instrução primaria. Conseguido isso, ainda se depara com outras necessidades, dignas tambem de attenção, mas que podem mais facilmente ser satisfeitas. Entre ellas entende o conselho superior d'instrução publica, que deve apontar aqui as seguintes.

1.ª *Collocação das escholas em edificios publicos.* — Não tem sido possivel fazer cumprir os artt. 6 e 168, do decreto de 20 de setembro de 1844; os professores, pela maior parte, dão



ainda aula em suas casas. O commissario d'estudos do Funchal, queixa-se de terem sido arrematadas casas do Estado, em que alguns dos professores davam aula; e diz mais, lhe consta que andam na lista das arrematações, outros predios de ha muito appropriados a este serviço. Nem as forças do thesouro público, nem tão pouco as das juntas de districto e camaras municipais permitem por certo estabelecer, de repente e conjuntamente, casas públicas para todas as escolas que d'ellas carecem; torna-se porém urgente adoptar, quanto antes, uma medida geral para se conseguir que se aprompte todos os annos, em cada districto, um determinado numero d'essas casas. E em todo o caso, parece ao conselho, como acaba de expôr a V. M. na sua consulta de 20 de novembro corrente, que deve sustar-se, desde já, a venda d'aquelles edificios publicos, que podem appropriar-se para o uso das mesmas escolas.

2.º *Mobilia para as escolas.* — Não tem sido possível, a pezar das ordens terminantes d'este conselho, que as camaras municipais, cumpram o art. 2 do decreto de 20 de dezembro de 1850, dando a mobilia para as casas públicas, em que algumas escolas foram collocadas. Esta necessidade não poderá talvez ser completamente remediada, em quanto ás mesmas camaras, se não impozer uma norma, que regule mais convenientemente as suas receitas e despesas.

3.º *Impressão de livros elementares autorisados; despesa do custeamento das aulas; premios aos alumnos e aos professores mais distinctos.* — Sobre este ponto, já o conselho teve a honra de se dirigir a V. M. na sua consulta do 1.º de maio do anno corrente, á qual V. M. se dignou attender, mandando que o conselho fizesse acompanhar o presente relatorio de uma proposta de lei, para acudir áquellas necessidades. Cumprindo com esta determinação, o conselho leva respeitosamente á presença de V. M. a proposta de lei (A). Para o seu previo desempenho tornava-se necessario regular o modo de se fazerem os exames no fim do anno escolar, em cumprimento do art. 15 do já citado decreto de 20 de dezembro de 1850; e foi isto o que fez o conselho, expedindo a circular de 5 de setembro de 1855, que vai tambem juncto a este relatorio.

4.º *Falta de frequencia das escolas.* — Esta falta que vem notada em alguns dos relatorios, ainda em escolas regidas por bons professores, nasce já do desleixamento, já das repugnancias dos paes ou chefes de familia, mórmente dos que não querem arredar os filhos dos trabalhos campestres, e d'outros serviços mechanicos. Não osando por hora lançar mão dos meios compulsorios, tem-se até agora limitado o conselho a recommendar aos parochos os meios de persuasão, e auctorisar, por outra parte, os commissarios a variar as

horas dos exercicios escolares segundo as necessidades e conveniencias locais. Mas reconhece o conselho, que por fim de tudo será forçoso tornar obrigatorio o ensino primario; mas carece-se para isso nova medida legislativa. O art. 33 do decreto de 20 de setembro não foi tomado em consideração na nova lei do recrutamento; e os art.ºs 36 e 37 parecem ao conselho insufficientes, no estado em que geralmente se acham ainda hoje entre nós as classes inferiores da sociedade, sem os conhecimentos e habitos necesarios para terem no devido preço, o uso dos seus direitos politicos.

5.º *Diminuto numero d'escolas para o sexo feminino.* — Esta falta é ainda bastante sensivel. O art. 44 do decreto de 20 de setembro de 1844, que diz; — E auctorisado o Governo para organisar escolas normaes de ensino para mestras de meninas em alguns dos conventos de religiosas, collegios e recolhimentos do reino, — posto em execução, seria de grande auxilio para a diminuir. Em Coimbra, por exemplo, poderia a casa da Misericordia, a quem pelo governo de V. M. foi cedido um dos melhores edificios publicos de Coimbra, servir para o fim indicado, e ao mesmo tempo d'escola de meninas no bairro baixo, para cujos habitantes fica em distancia incommoda o collegio ursulino.

6.º *Falta de bons methodos d'ensino.* — Esta falta ha de continuar, em quanto se não estabelecerem as escolas normaes, e em quanto o conselho continuar repetidas vezes a ver-se obrigado a prover nas escolas professores pouco habilitados. Com mestres insufficientes, nenhum methodo é bom. Os mestres bons e intelligentes podem seguir com facilidade os aperfeiçoamentos dos methodos conhecidos, adoptando-os convenientemente á indole e ás circumstancias dos seus discipulos. Nem julga o conselho, que a mestres taes deva impôr-se á risca um determinado methodo, mas só inculcar-lhes esses aperfeiçoamentos bem comprovados pela prática. E aqui acha-se o conselho obrigado a dizer alguma coisa sobre o methodo, que, ao principio muito impropriamente chamado *repentino*, se baptizou depois com o nome de *methodo portuguez*. O resumo historico dos factos, e o resultado dos ensaios d'este methodo por diferentes pontos do paiz, elevado ao conhecimento de V. M. com officio de 27 de outubro de 1855, são concordes, pela maior parte, em o condemnar; e pelos ultimos relatorios, chegados ao conselho, se reconhece que tem sido abandonado por grande numero de professores que o tinham ensaiado. Em Leiria mesmo, onde o methodo prometia um futuro esperançoso, diz o commissario que apenas e seguido exclusivamente, e com proveito, pelos professores d'Ancião, Sanchêira Grande, e pelo professor particular da Vieira; e que é apenas aproveitado em parte pelos professores

d'Alfeizerão, Caldas da Rainha, Monte-Real e Pederneira. Apesar de tudo isto, não se atreve o conselho a formar sobre elle juizo cabal e seguro, e quer ainda conceder ao tempo o que razoavelmente se lhe não pôde negar: tendo em attenção o imperio do habito dos methodos antigos; a reluctancia do povo contra tudo o que é innovação; e, mais que tudo, a animadversão que suscitara a indiscripção de querer impôr este methodo á maneira d'alcorão, fundando a sua fortuna sobre a ruina total dos outros. Apparece agora outro methodo d'ensinar a ler e escrever, proposto pelo commissario d'estudos do Funchal, que parece ao conselho muito engenhoso, filho de muito estudo e séria observação, assim da marcha no desinvolvimento do espirito humano, como dos methodos d'ensino até agora seguidos. O conselho aguarda as tabellas practicas d'este methodo para o fazer ensaiar convenientemente e appresentar os seus resultados. Terminando esta parte do seu relatorio, o conselho deseja que fique bem consignado que, do que fica dicto a respeito de professores d'ensino primario menos habilitados, se não deve deprehender que não ha actualmente professores habéis. Pelo contrario, o conselho reconhece em muitos d'elles muito merecimento litterario, e muito zelo pela instrucção e aproveitamento dos seus discipulos. Com a falta que temos d'escolas normaes, ou d'outro qualquer tyrocinio previo para o ensino primario, e com ordenados, que se por ventura podem sobejar nas povoações rurais, são por certo diminutos nas grandes povoações, é para admirar, que se encontrem ainda tantos professores distinctos. Para que estes pudessem ser retribuidos como merecem, acha o conselho de summa conveniencia, que a lei distinguisse trez classes d'escolas — de cidade — de conselho — e rurais, — nas quaes, variando a habilitação e o trabalho, variasse tambem em porção, o ordenado dos professores. Esta idéa, já por vezes appresentada por este conselho á consideração do governo de V. M., vem apontada e muito bem desinvolvida pelo commissario d'estudos do Funchal no seu bem elaborado relatorio.

*Continúa.*

## EXCERPTOS

*D'uma viagem a Inglaterra.*

CAPITULO . . .

*Visita ao castello d'Windsor.*

Continuado de pag. 165.

São 10 horas e 56<sup>m</sup>, chego á estação d'Windsor.

Pasmosa pontualidade até na não-pontualidade! Todos os dias chega o trem um minuto

antes do prazo fixado na tabella; e nem esta se emenda, nem aquelle se retarda! Mas lá está o *polliceman*, conciliador e conservador, para equilibrar a justeza do britanismo patenteado na tabella offendida, denodadamente, pela rapidez d'um trem refractario! — la está elle para não consentir que as portas das carruagens se abram um minuto antes!

Deu a hora. Adeus, minha amavel Richmonдина: quem sabe se ainda algum dia, no preguiçoso devanear de meus phantasiosos erros, tornarei a ver-te, sorrindo airosa e gentil como noiva enamorada. Perco-te da vista e ganha a minha memoria relembração d'aquelles graciosissimos versos do filho das *Highlands*, do poetico Burns:

*On Richmond Hill there lives a lass,  
More bright than Mayday morn,  
Whose charms all others maids surpass,  
A rose without a thorn!  
This lass so neat, with smiles so sweet, . . .*

E sem recordar o resto traduzia-me este principio:

*Excedendo as outras, rosa  
Sem um espinho a florir,  
Esta virgem tão formosa,  
De tão suave sorrir . . .*

Quando fui revocado para a vida, para o mundo e para todas as misérias da nossa natureza. — Eis-me no passeio da primeira rua da tão decantada Windsor.

Eu partira de Londres sem almoçar, e, por isso, subcrevendo ás imperiosas exigencias do meu estomago, a primeira coisa em que pensei, apenas puz pé em terra, foi 'num hotel e 'num almoço. Á porta da estação, quando sahia com o meu sacco de jornada pendente do braço, eis dois moços a entregarem-me endereços dos seus hoteis. Nenhum me disse uma unica palavra, nem me encareceu as especiosas qualidades do seu. — O inglez é sempre o mesmo em toda a parte do seu paiz, e, quasi sempre, o mesmo em qualquer ponto da terra. Economia de tempo e de palavras. Se fossem francezes ou hespanhoes ai! meu Deus, o que ahi não iria de qualidades enumeradas e d'attensões rivaes para me captivarem. Assim, fiquei absolutamente senhor d'escolher.

Agora eu que não sou, nem quero ser, inglez em coisa nenhuma, eu que apenas tenho d'elles o respeito pelo tempo, eu que nasci debaixo d'um céu azul purissimo, e não debaixo d'esta abobada côr de chumbo que opprime, eis-me aqui, não obstante a potencia gastronomica do meu appetite devorador, fazendo comigo mesmo largas e interessaes ponderações acerca de qual devia preferir; mas, felizmente, para sahir d'este emaranhadissimo e enredadissimo embaraço la eu cami-

nhando á vontade da *bête*, de X. de Maistre, em quanto me enleiaava, cada vez mais, em intrincadas objecções e refutações, e ao levantar, casualmente, os olhos deparou, a um passo de mim, com uma d'ellas. Oscillei, como um vime agitado por ventania irregular, na angustiosa tribulações da minha perplexidade!

Neste ponto *la bête* conduziu-me para dentro, sem eu ter tido ainda tempo de me determinar.

Faço esta declaração, por vivo escrúpulo de consciencia, para que nenhum inglez me incrimine pela preferencia. Mas, fallando com franqueza, foi assim melhor, senão talvez alli tivesse ficado (perdôem-me a modestia na lisongeira comparação) como o asno de Buridan entre as duas medidas eguaes de grão e o meu estomago a moer em sêcco! Ainda, de mais, posso satisfazer a todos, e é não declarando qual invadi.

Eis-me sentado á meza. Um roliço animalinho britannico perfilla-se deante de mim, quero dizer, busca perfillar-se, ou, melhor, allongar-se, ou, ainda melhor, arredondar-se, porque, para fallar com toda exactidão d'um viajante consciencioso, o homem era a incarnação do círculo. Com uma das pontas do compasso firmada no embigo, a outra, girando, tinha de roçar pela maxilla inferior, pelo hombro, pela extremidade do lacerto, por toda extensão da nedia capa adiposa, que lhe sepultava a um palmo de profundidade os ossos illiacos, e d'ahi, sem solução de continuidade, pela rotula, para subir de novo pela parte opposta a fechar no ponto de partida. Tudo isto firmado sobre duas pernas só comparaveis a dous potes de barro com manteiga, e tendo, no logar proprio para os braços, umas saliencias a modo de dous paios de salame, ou duas barbatanas de phoca, tinha por coroa um maciço queijo londrino, a que algum myope poderia, por illusão, dar o nome de cabeça. Este ser, emfim, cópia substanciosa do progresso culinario da Gram-Bretanha, aonde a batata é o *sine qua non*, estava á minha disposição.

« Quería almoçar . . . bifes, ovos, café, leite, manteiga e fiambre . . . » tal foi o meu pedido, e o ser rolou pela porta fóra, depois de murmurar o sumido « *yes, sir* » do estylo. Ia-me passando pela malha o dizer que tal pedido foi terminado pelo constante « *if you please* » (se faz favor). — E, em verdade, um lindissimo costume esse que ha em toda Inglaterra: nada, geralmente se pede, ainda ao mais infimo cocheiro, que não seja por favor, e nada se recebe, a que não se diga « *thank you* » (obrigado). Outros paizes ha em que se dá o mesmo. Em Portugal, não. Aqui tudo se manda e nada se pede, quando pagamos. Um criado, entre nós, apenas differe d'um escravo em receber paga, e ser livre para se despedir quando lhe aprouver. Isto, a meu

ver, flue de ter durado entre nós mais tempo o absolutismo, de termos percorrido um mais amplo cyclo para o nosso desenvolvimento: — de tudo requeira o nosso atrazo.

Uma garraya criadinha veio por-me o jantar na meza e cortar-me, peremptoriamente, o vóo ás reflexões amargas ácerca da nossa bem pouco pulida educação, se d'educação pôde receber o nome, isso que por ahi se vê.

Ao cumprimento exacto do meu pedido juntou-me, a um lado da meza, como supplemento ao almoço, uma galinha assada fria, um prato d'espinafres em agua fresca e um grande vazo de *silver-plate*, tanto ou mais brilhante do que prata brunida, com escumosa *East India pale ale* da celeberrima fabrica d'Allsop. Occasionava este aditamento, talvez, o terem-me tomado por principe russo, aborrecido da metropole, attenta a minha pouca correcção na lingua, e uma tal ou qual elegancia no traje. Como se enganavam!

Almocei saborosamente; mas sem tocar, nem de leve, nos espinafres, reverdecendo na agua fresca, para não converter o meu paladar em paladar inglez; paguei 5 shillins: — acendi o meu charuto manilha: disse « *good morning* » e sahi em demanda do castello.

Mas em que atrazo que vai ainda a Inglaterra de *Peel* e *Palmerston*! É uma vergonha que eu não revelaria aqui ao leitor, a não serem os meus bons desejos de o premunir contra estas ciladas, já que eu desmunido lhes soffri as desastrosas consequencias. — Em Inglaterra não ha *palitos*! As redúvias do mais opiparo e succulento jantar, das mais saborosas e exquisitas escarias têm de ficavos entre os dentes, perturbando-vos o esca-delecente embrutecimento d'uma digestão monachal!

Vós, meus amigos inglezes, nem sequer aventaes o que ha 'nisto d'horror e d'amargura para um estomago portuguez. O palito é a nossa civilisação. Lorrão excede Birmingham e Glasgow, como o nosso corpo excede as cazemiras e os briches. Um palito lixado, um palito de flôr é meia digestão, innegavelmente. Um palito é uma *Cheops* que resume seculos de civilisação; — um palito para um inglez é quasi um mytho!

Mas o castello d'Windsor . . .

Na minha carteira, lembrou-me então, que tinha um bilhete ou ordem « *ticket* » para poder visitar todo o castello, o qual o meu amigo J. A. Gubian, socio da firma commercial em Londres, A. de Gouvêa, Gubian e Leão, me havia conseguido, alguns dias antes, de Mr. Wright, 60, Pall-Mall; e um outro do Lord camarista, para ver os aposentos particulares da Rainha. Assegurado de que nada me faltava, continuei por *High Street* para o castello.

*High Street* ou, em linguagem, Rua Alta, seja dicto aqui de passagem, equivale ás nossas Ruas Direitas. São geralmente as metho-

res das pequenas cidades e villas, e das peores nas grandes cidades; — mas não ha povoação em Portugal que não tenha uma rua direita, e em Inglaterra uma rua alta, e tambem com o mesmo predicado; e vem a ser, que as *ruas altas* são, quasi sempre, as menos altas, assim como as nossas *ruas direitas*, são, infallivelmente, das mais tortas.

Um homem, modestamente vestido, como que me estorva a passagem ao chegar ao fim da rua. Ah! sim, dispõe-se a ser meu cicero-ne. Muito bem. Estou d'accordo.

Para me livrar d'ir até á porta principal, embetseguei-me logo por umas escadinhas, que vão desembocar 'numa crasta muito acanhadinha, e muito pouco interessante.

Windsor, disse eu com os meus botões, ao deparar com aquelle specimen architectonico, não passa d'uma burla ingleza!

Animo! e prosigamos. A policia ingleza é capaz de me espiar o insultador solilloquio. Sentemo'-nos na primeira pedra do castello d'Windsor.

*Continúa.*

A. A.

## AGRICULTURA.

### GAIVAGEM (*drainage*).

Continuado de pag. 188.

Em segundo lugar, apresentam auctores estranhos a gaivagem com fachina. Consiste esta, geralmente, em lançarem no fundo da valla, com algum intervallo entre si, molhos de varas verdes ou seccas, ou de caniços, amarrados com liames fortes, ou em assentarem estas liças sobre a gaiva, fazendo o mesmo effeito que fazem as glebas ou cespedes 'naquelle dos trez primeiros casos, que apontamos, menos d'usança que de tentativa entre nós. — Embora seja este um dos meios mais antigos, já familiar, segundo Columella, entre os Romanos, e, ainda hoje, aproveitado em Alemanha e França, não o ajuzamos acceptavel, senão quando a necessidade o determinar, não havendo pedra ou outra qualquer substancia assaz consistente para a formação solida das gaivas. Durando em estado de servir 8 a 10 annos, quando muito, o agricultor tem sempre d'estar com a bolça aberta na mão, quando tiver gaivado muito terreno com fachinas e liças.

Em seguida a este methodo, apparece enumerado o de gaivas feitas com cespedes (segundo o que já dissemos usar-se tambem entre nós) por cobertura dos regos ou calhas, e depois cheia a valla com a mesma terra. — Sendo bastante economico este, têm o impêço, comtudo, de não durar mais de vinte annos,

ainda quando em terreno argiloso e com terros bastante duros, para que haja de ser recommendado.

Um novo processo, cujos resultados, porém, estão ainda bem longe de ser satisfactorios é o ensaiado por alguns agronomos inglezes e francezes, por meio d'um apparelho denominado *charrua-toupeira*. Não nos fatigaremos em descrevel-o, e, ainda menos, as *charruas de gaivagem*, ou as gaivas de turfa, para passarmos a tractar uma ultima especie, que supponmos dever ser, entre nós, a preferida; visto como todas quantas considerações nos suggere o nosso estudo se dão mutuo auxilio para a estribar: é essa a das gaivas feitas de pedra: — e já que conseguiremos de todas as que ficam citadas cabal desempenho d'utilidade, barateza e duração, por circumstancias peculiares ao nosso paiz, é quasi fôro d'impossiveis, assentemos mais a mão, discursando acerca d'esta, para ver se estudo e experiencias a favoneam e proclamam irrealizavel nos nossos terrenos a melhorar.

Aberta e afundada, como nas outras, a sargeta, veste-se-lhe longitudinalmente o fundo e os lados com louzas ou lageas, não bitumadas entre si, deixando uma aberta ou boeiro d'um palmo ou mais em quadrado, depois de cuberta com egual tampa de lageas delgadas. Uma gaiva assim durará por muitos seculos em serventia perfeita.

As que por vezes, na Europa e no nosso paiz, revelam, escondidas no terreno por braço d'escravo romano, os nossos alviões, pertencem, na maxima parte, a este methodo, ou ao terceiro dos que conhecemos vulgarisados no nosso campo. D'elles e só d'elles, dos filhos de Roma, dos colonos do *ager publicus* nos vieram, por não interrompida tradição, as nossas practicas de gaivar; que não dos livrinhos francezes, nos quaes os nossos agronomos de gabinete (se é que d'esses temos) juram afoitos em tudo e por tudo, descurando, a cada palavra, que paizes diversos forcem o emprego de meios diversos.

Como, porém, a despeza de tão solida construção pôde subir, em algumas das nossas provincias, a uma verba elevada, poderá obter-se quasi egual resultado, principalmente se o fundo da sanja fôr de salão bem compacto e duro, ou d'argilla bem tenaz e consistente, collocando apenas, em vez das quatro lageas, do fundo, lados e tampa, duas unicas, que formem com o fundo um triangulo isosceles, cujo vertice fique para cima; entulhando depois os lados com cascalho para bem firmes as conseguirem. Practicado isto, todo restante vallado deve, como nos outros processos, ser cheio de terra aravel.

Um avizo traz a practica muito economico, qual é, o de deixar, a espaços, uma abertura na gaiva, que facilite ao lavrador o inspecionar, se esta funciona bem e, no caso negativo,

conhecer, mais approximadamente, qual o ponto em que existe obstruida e assim, com menos despendio, ser removido o estorvo.

No terceiro dos methodos que dissemos conhecidos da nossa agricultura desvella-se, afora a melhoria proveniente das gaivas, a baratissima e facillima oportunidade de livrar e limpar o terreno das muitas pedras soltas, que possam achar-se, e se acham, quasi sempre, nas nossas terras lavradas, desmerecendo-lhes a qualidade e barateando-lhes o preço. Tendo de effectuar-se esta especie de gaivagem, o lavrador ao seguir a charrua ou o arado, ou ao abrir da valla, vai lançando para um monte as pedras soltas que encontra, e com essas mesmas, sem despesa de carretos, forma as gaivas, melhorando em muito as suas vessadas. Isto quer dizer, que são dous proveitos, ou melhor, um grandissimo proveito, duplicadamente embolsador dos gastos feitos; — é trabalhar com uma mão, para receber com duas a paga; é converter a causa d'escacez em causa d'abundancia.

Para não nos delongarmos demasiado, voltando e revoltando ideas, que qualquer intelligencia attinge immediatamente, eis-ahi exposto o que seja gaiva, e qual a materia e forma, a nosso ver, preferivel.

Ponto, porém, sobre que nós não cançará a mão escrevendo, é a lucrosa vantagem, que adviria a todo agricultor, que praticasse este processo, ainda tão ignorado em Portugal, e apenas executado em pequenas leiras de terra por algum mais curioso. E não somente sobre esse ponto, que á colheita debil e pobre substituiria a grada e abundosa, e aos fructos meigengros e inspidos os saborosos e perfeitos, mas, mais que tudo, ao melhoramento do ar, que d'ahi resulta, e, consequentemente, da saúde dos nossos camponeses e dos seus gados. ¡Que de vezes não vêm as febres e outras doenças, na estação calmosa, dizimal-os, ou, pelo menos, roubal-os á lavoura prostrados e doentes, porque as aguas estagnadas á flor do solo, apodrecendo, viciaram a atmosphera! E quantas vezes tambem a gafeira e outras molestias vêm colher a manada, o rebanho, ou a vara e a ermam, sem que o colono, ignorando a causa, possa atalhar o damno!

E note-se, ainda mais, que do emprego da gaivagem não vêm lucrativos resultados só ao que a emprega, senão que tambem os vizinhos auferem proveitos com a pureza do dar e até, por vezes, com as sobras da agua que a gaiva escorre, regando e fertilizando d'ahi a alguns passos um campo sequioso.

As sargetas de que, em muitas partes do nosso paiz, se usa para sangrar os terrenos humidos, são foco perenne de molestias. A agua ahí represa corrompe-se sempre.

Que os nossos homens do campo pensassem um dia bem nas utilidades incontestá-

veis que a gaivagem produz, e, em breve, a nossa cultura triplicaria em muitos districtos. Se os nossos governadores civis e administradores..... por Deus! fujamos da politica os lavradores, e estudemos antes, agora que as gaivas nos são conhecidas, qual a profundidade em que devemos collocal-as.

A natureza do terreno a gaivar, como todas as cousas d'agricultura, é que nos ha de fazer dispol-as mais ou menos fundas, nol-as ha sempre d'obrigar a reunir ou separar mais ou menos, e dar-lhes mais ou menos bóca, mais ou menos diametro e declive. Se o terreno é muito humido, e, ao mesmo passo, muito poroso, a gaiva deverá correr mais funda, e, contrariamente, já se vê, quando pouco humido e compacto. Mas, não obstante, nem deve subir tanto para a flor da terra, que a ponta da relha, ao lavar, lhe passe sequer mais proxima de meio palmo, nem tanto descer que a agua só difficilmente e depois de muito possa permear até ella. Entre quatro e sete palmos de profundidade, até á parte superior da gaiva, deve estancear o limite.

Podendo uma lavra funda rasgar as entranhas do solo até um palmo e mais, e as raizes d'algumas plantas descerem até trez palmos o maximo, é necessario que toda a obra da gaiva esteja a resguardo d'estas duas causas de damnificação.

E quanto agora á quantidade de lanços de gaivamento necessario, mais póde ensinal-o ao agricultor o campo á vista, do que prescrevel-o, no gabinete, ainda o mais instruido agronomo. Se é solto e poroso o solo, a distancia d'oito varas de lanço a lanço ajuzam e affiançam sufficiente os peritos, e, contrariamente, não se inclinam a um espaço maior de quatro varas. Ponto é este, porém, que, como dissemos, mais indica a prática e investigação propria, do que dicta a theoria e preceitos alheios. Mas pelo que diz ácerca do declive que devam ter, embora, é certo, não possa dar-se-lhe de mão, não colhe, todavia, com tanto desafogo o conhecimento práctico e attento do espaço gaivavel. Se este não é em chapada, mas sim em altibaixos, mais ou menos suaves, e tem grandeza bastante para alguns ou muitos lanços, é força dilatar pela baixa uma gaiva mestra em que venham entestar e desaffogar as gaivas parciaes, correndo dos pequenos tezos.

Tanto naquellas, como nestas, é obriga attender a que o declive seja em tal proporção que as aguas abundosas, excessivamente por vezes, sobretudo após longas e carregadas chuvas, não batam com violencia as paredes da obra, aluindo-as; — e tambem que não seja tão nullo que, em vez de correrem, fiquem as aguas estanques, depositando as materias que sempre trazem em suspenção e obstruindo d'este modo o boeiro.

Ainda duas advertencias de momento e com ellas cerraremos, neste passo, quanto ainda poderíamos continuar a discorrer por tão vasto e ponderoso objecto, embora, como até aqui, em stylo desenfeitado e pouco attraente; e vêm a ser — que a junção das gaivas parciaes com as mestras, e mesmo a sua inclinação, em todo o comprimento deve desviar-se, quanto possível, de formar angulo recto, para que as aguas d'aquellas, ao abrigarem-se 'nestas, lhes não vão bater de chofre na parede fronteira ao ponto d'introncamento e concorrerem para a aluir em breve; e, em segundo logar, que, em direcções oppostas, não demandem o seio da mestra duas gaivas parciaes, para não se dar o embate das aguas, egualmente funesto, já produzindo uma opiladora accumulção de limo e materias terreas, já estorvando a franca passagem á agua que traz a mestra.

— Eis ahí, da mais resumida maneira que nos foi possível, quanto de principal constitue o processo da gaivagem, a que escriptores estranhos, consagram não só largos artigos de periodicos e bem elaboradas monographias, senão que livros de muito vulto.

Que os nossos agricultores a estudem bem e a conheçam e a meditem, e se lhe affeiçoem, praticando-a nas suas terras, aconselhando-a aos seus visinhos, creando uma justa e mil vezes louvavel emulação no seu concelho, e este em todos os outros, e, dentro de poucos annos, a nossa produção terreal dobrará, triplicará, subirá a um ponto d'abundancia nem sequer desejado até'qui.

Todos dizem, todos clamam e conclamam, repetindo apenas uma verdade trivialissima, que o nosso chão da patria é o mais productivo possível, que o nosso clima é quasi irrealisavel, e que a agricultura deve, portanto, merecer toda nossa sollicitude; tomar-nos os braços, prender-nos os cuidados, e captivar-nos os capitaes e o estudo. Todos o dizem e o sabem; mas a palavra é pouco: — necessita-se o exemplo: a semente lançada só á terra, fica entre as urzes ou sobre as pedras, e nada produz ou vem mal-medrado.

E tanto isto é verdade que, não obstante conhecemos todas essas vantagens naturaes e estarmos convencidos, que devemos ser mais agricultores que industriaes, nenhuma nação pode correr-se tanto do atrazo da sua lavoura, como a nossa. Entre nós não ha agricultores; — ha lavradores e rotineiros. Os filhos das nossas provincias fogem para o Brasil, porque o lavrador abastado, espera que a natureza lhe dê a abundante seara, sem que empregue braços no preparar das terras, no corrigil-as e estrumal-as, e lavral-as, e regal-as, e caval-as, e tantos e tantos outros esforços e trabalhos que, sollicitos e constantes, pedem e exigem as terras.

Demo-nos á agricultura, como devemos,

como a natureza do nosso solo, do nosso clima, e da nossa posição geographica reclamam, e a emigração cessará e seremos ricos. Não desprezemos por mais tempo a mais copiosa fonte de prosperidade nacional.

Estudemos muito, e muito meditemos.

Que praticamos, ou que sabemos nós d'*afolhamentos*? Que varzea corrigimos nós? Que emprego fazemos da cal, e do gesso, e do sal? Que nos diz o Alemejo quasi todo por desbravar e rotear? Que temos adiantado em machinas e instrumentos agrarios? Que aproveitamos nós para estrumes? Nada, mil vezes nada! — Somos exactamente o que eram nossos avós.

Não nos cumpre aqui comprovar solememente a asserção; — mas, ainda assim, apontaremos dous factos sómente ácerca da ultima pergunta, para que vejamos bem o nosso atrazo.

Todos têm noticia de que em algumas cidades nossas, em Lisboa e Porto, pelo menos, ordenam, annualmente, as camaras, para limpeza e para desembaraço do transito, o desinçamento dos cães vadios, os quaes, mortos, são enterrados em vallas fundas. Se a estes addicionarmos todos os outros animaes mortos annualmente, e que têm o mesmo fim, ou são lançados ao rio para virem, causando, além do nojo, insalubridade, demorar-se nas revessas ou nos embarcadoiros, a somma não baixará de duas a trez mil cabeças. E sabem o que isto com pequenissima despesa produziria 'noutro paiz? — Era o adubo de vinte a trinta mil varas de terreno para dous annos pelo menos!

E em segundo logar, que emprego damos nós aos ossos em agricultura? nenhum que se saiba! — e por isso sabem, todos os annos, dos nossos portos algumas galeotas hollandezas e algumas escunas inglezas carregadas com elles; — que lh'os vendemos por uma ninharia ou quasi damos, ficando-lhes ainda agra-decidos por nos livrarem d'essa inutilidade. Mas que desperdicio que ahí não vai!

E, todavia, só por meio da agricultura é que poderá ser prospero o nosso paiz, e competir com estranhos. A industria jámais se elevará desafogada entre nós. Faltam-nos muitas das condições imprescriptiveis para esta, em quanto que as geologicas e climatologicas para aquella, são todas em nosso prol.

Votemo-nos, pois, á agricultura, orgulhando-nos com o seu desinvolvimento.

Coimbra — janeiro, 1857.

A. A.

Esta imperfeita *memoria* — DA GAIVAGEM (*drainage*), — como algumas outras, que iremos dando successivamente á estampa, já em sciencias moraes e sociaes, já em naturaes, não nasceu para ver a luz da imprensa. Occasio-

nada para cumprimento de deveres escolares, revela a insanável e inilludível tacha d'origem, de que só o baptismo do estudo, a poderia purificar:—e esse não podemos nós conferir-lhe 'nesta conjunctura.

Ainda assim, crendo que ao pregão da Academia Real das Sciencias de Lishoa, na sessão de 19 de novembro de 1856, ninguém deveria accorrer primeiro com desejos e esforços e publicidade, do que o Instituto, e crendo, igualmente, que as nossas idéas poderiam ser semente, que talento e prática e estudo alheios fecundassem, competindo depois sasonadas e perfeitas no concurso academico, demo-nos mais presteza em publical-as, do que em pulil-as e vigoal-as:—sem que, por este obrar, nos despeçamos de concorrer no estadio, se, baldando queflazer imperiosos dos nossos estudos universitarios, poderemos munir-nos a tempo.

Bem que alguma outra das theses declaradas no *programma*, possa tambem aguçar-nos o desejo e a tentativa, não perderemos de vista, podendo, a unica em SCIENCIAS HISTORICO-NATURAES:—« *Mostrar quaes sejam as vantagens que o nosso paiz pôde colher dos novos processos empregados para o enxugo das terras (Drainage).* »

A. A.

## INSTRUÇÃO PÚBLICA, VIAÇÃO PÚBLICA.

Dous poderosos elementos se reuniram, e deram as mãos para imprimir impulso energico e vigoroso á civilisação do seculo XIX, o mais notavel no progresso das sciencias e das artes, o mais maravilhoso em descobrimentos importantes e fecundos depois do seculo XVI. A instrucção, e a viação pública são dous meios sociaes, que, operando simultaneos e accordes, farão á civilisação os beneficios incalculaveis que faz á agricultura a simultanea acção do calor e da agua.

Os seculos anteriores nem comprehendem bem a idéa da relação entre aquelles dous grandes agentes para os ligarem na sua acção productiva; nem lhes deram o desenvolvimento singular em cada um d'elles no ponto de vista do melhoramento individual e social, sem o qual não ha civilisação possível.

A idéa, hoje comprehendida pelos povos mais esclarecidos, tem fructificado prodigiosamente, e, robustecida pelos seus admiraveis resultados, vai girando e atrahindo em sua orbita todos os paizes, ainda os que ha pouco se contavam na lista dos povos barbaros. A Turquia, e o Egypto já cederam á força expansiva do vapor, e da electricidade; já natu-

ralisaram em seus climas os ramos mais poderosos das sciencias industriaes.

A idéa economica veio substituir 'nesta epocha a politica. Peel foi o genio sublime, que rasgando as insignias de dois grandes e poderosos partidos, roubando a força expansiva á idéa politica, soube alial-os em roda da idéa economica.

A peninsula iberica vai na rectaguarda d'esse grande movimento; mas vai. Hespanha, principalmente, mostra-se tão dominada do espirito da epocha, que não obstante a quasi continua agitação dos partidos, e a força repressiva das revoltas sobre as empresas industriaes, não tem levantado mão dos melhoramentos materiaes, que podem levar o seu paiz á altura da civilisação das nações mais illustradas. Estradas, caminhos de ferro, canaes de navegação e de irrigação, portos, telegraphos electricos, maquinas a vapor, tudo merece, ao mesmo tempo, a mais séria attenção d'aquelle povo favorecido com os melhores elementos de aperfeiçoamento e prosperidade. E de vêr no *bulletin del fumento*, como á porfia se ale-  
vantam empresas para realizar obras em cada um d'aquelles generos; como se vai materializando uma idéa grande, incarnando um verbo, que a intelligencia humana deve ao reflexo da divindade creadora.

O governo tambem se não descuida de animar aquelle espirito de civilisação e melhoramentos materiaes do paiz, propagando ao mesmo tempo os conhecimentos uteis, que são indispensaveis aos bons resultados de esforços tão patrioticos. A estadística, e o ensino util das sciencias naturaes merecem de preferencia, como de razão, o seu maior desvelo.

Em 30 de dezembro proximo passado ordenava o presidente do conselho de ministros:

1.º que, sem prejuizo da continuação do mappa geographico com a brevidade possível, se proceda desde logo, sob a direcção do ministerio da guerra, a executar os trabalhos topographico-cadastraes da peninsula, que consistirão nos contornos, ou perimetros de todos os conselhos municipaes, com designação das grandes divisões de territorio, terras de cultura, bosques, e com indicação das divisões, e reuniões de aguas, e dos accidentes mais notaveis do terreno, começando pela provincia de Madrid; e com intuito de um dia utilizar esses trabalhos no mappa geographico:

2.º que se encarreguem esses trabalhos topographico-cadastraes aos corpos scientificos do exercito e armada, e aos civis na parte que seja compativel, formando-se o maior numero de brigadas com o pessoal da tropa que se julgue necessario.

3.º que pelos ministerios respectivos se nomeem os individuos dos corpos scientificos, que poderem ser destinados a este serviço,

que ha de enlaçar-se com o das cartas geologicas e florestaes, tomando-se as medidas necessarias para a mais breve e exacta execução.

Em 14 de janeiro d'este anno dizia o ministro do *fomento* no relatorio que acompanhava o decreto da mesma data :

A eschola especial de caminhos é a base do corpo de engenheiros, e de toda a organização, que tão vasto e util instituto abraça. Dos conhecimentos que 'nella adquirem os alumnos depende em grande parte o bom uso das crescidas sommas, que para obras publicas figuram no orçamento do Estado. Não precisa de grandes reformas o plano de estudos; mas é necessario introduzir 'nelle uma melhora, que não obstante haver sido reclamada pela experiencia, ainda se não acha em practica. Fallo das expedições que os alumnos devem fazer ás obras nos mezes de verão. A carreira do engenheiro exige actualmente seis annos de estudos, e trabalhos seguidos em Madrid sem um só dia de interrupção, nem descanso, o que fatiga, e afrouxa muito o espirito 'num clima como o de Madrid.

Na eschola de engenheiros convém adoptar outro systema. Os alumnos do 1.º anno, que não têm exercicios practicos, devem continuar os seus estudos de classe, destinando porém julho e agosto para repetições, a fim de fazerem os seus exames em setembro. Os do 2.º e 3.º anno se occuparão umas vezes na eschola, outras nos exercicios practicos d'esta capital e immedições, conforme os estudos a que se houverem dedicado durante o curso. Os do 4.º e 5.º anno destinados aos trabalhos mais notaveis que se estão praticando na peninsula, desempenharão juncto aos chefes as funções de ajudantes, unico modo de poderem adquirir conhecimentos profundos nas funções de engenheiros, e saberem practical-as, quando terminem a sua carreira de estudos.

Os professores durante as ferias podem ser destinados a commissões extraordinarias dentro do paiz, e fóra delle, a fim de adquirirem conhecimentos que muito uteis serão no ensino, e no serviço do Estado.

E 'neste sentido se expediu o decreto da mesma data.

O ensino das sciencias naturaes foi, por decreto de 7 de janeiro ultimo, regulado pela forma seguinte :

#### 1.º ANNO.

Physica em toda a sua extensão — lição diaria.

Grego, 1.º curso, lição diaria.

#### 2.º ANNO.

Chimica geral — lição diaria.

Lingua grega, 2.º curso — lição diaria.

#### 3.º ANNO.

Zoologia — trez lições por semana.

Mineralogia, e noções de geologia — trez lições por semana no 1.º semestre.

Botanica — trez lições semanaes no 2.º semestre.

#### 4.º ANNO.

Organographia, e physiologia vegetal — lição diaria nos 4 primeiros mezes.

Phytographia, e geographia botanica — lição diaria nos 4 mezes restantes.

Anatomia, e Zoonomia comparada — lição diaria por 4 mezes.

Herborisações; quando o professor de phytographia o ordena.

#### 5.º ANNO.

Ampliação da mineralogia — trez lições semanaes.

Zoographia dos vertebrados — lição diaria os primeiros 4 mezes.

Zoographia dos invertebrados — lição diaria nos 4 mezes seguintes.

Exercicios practicos de classificação quando os professores o ordenem.

#### 6.º ANNO.

Geologia, e Paleontologia — trez lições semanaes.

Exercicios practicos de classificação, e herborisações.

Para ser admittido ao gráu de licenciado, é preciso provar que seguiu com aproveitamento um curso de iconographia zoologica e botanica.

Supprimiu-se a cadeira de econographia, e crearam dous logares de desenhadores scientificos. Pelo mesmo decreto foram creados trez logares de dissecadores; o primeiro dos quaes terá a seu cargo o ensino da taxidermia.

'Nesta reforma do ensino das sciencias naturaes apparece o pensamento, hoje recebido, de encaminhar o ensino publico á parte util das sciencias. Em todas as Universidades fundadas, ou reformadas 'neste seculo, o ponto de vista pratico veio substituir em grande parte, o meramente especulativo; o positivo tomou o logar do abstracto. A questão escholastica passou aos dominios da historia.

A resumida resenha das ultimas disposições do reino visinho com relação á instrucção e viação pública, é um documento honroso dos incessantes esforços que Hespanha faz para alcançar na carreira da civilisação os povos, que vão adeante d'ella no desenvolvimento moral e material da sociedade.



## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 189.

## LIVRO PRIMEIRO.

## ELEGIA TERCEIRA.

Sem mim affrontarás, Messalla, as ondas  
Do mar Egeu; — oh! praza aos ceus que nunca  
Tu e a companhia deslembra-me possam!  
Retem-me inferno por ignotas plagas  
A Phéacia: — ai, de mim affasta, ó morte  
Negra, as avidas mãos, eu t'o supplico;  
Affasta-as, negra morte, eu t'o supplico.

Mãe que recolha no maguado seio  
Torrados ossos meus aqui não tenho;  
Nem irmã que embalsame a fria cinza  
C'os perfumes d'Assiria e me prantêe,  
Esparsos os cabellos, juncto á urna;  
Nem mesmo Delia, a namorada Delia,  
Que, ao deixar-me partir da patria Roma,  
E fama, consultára os deuses todos:  
Trez vezes ao menino, a mède, pede  
Sacras as sortes, vezes trez lhe torna  
Propicio agoiro o candido menino:  
Todas a volta davam; mas d'aquellas  
Ai, jamais receiou, sem que chorasse  
E co' as vistas medisse a estrada nossa.

Eu proprio a consolava, e, angustiado,  
As ordens de partir já dado havendo,  
Rodeios e delongas procurava:  
Ora as aves e agoiros pavorosos  
Me serviam de causa, ora a Saturno  
O dia consagrado. Oh! quantas vezes,  
Na sabida, julguei presagio infausto  
A topada na porta. Ah! ninguém ouse  
D'amor contra os desejos affastar-se,  
Nem saiba, adverso o deus, haver partido.

Que prol me surte agora a tua Isis  
E os sistros tanta vez co' a mão tocados  
Ó Delia minha? ãe que val' teu corpo  
Puro no sacrificio estar, ou teres,  
Bem me lembra, dormido em leito puro?

Agora, ó deusa, agora os teus soccorros!  
(Que me podes sanar, bem claro o affirmam  
Das aras tuas mil paineis pendentes;)  
E, em linho involta, juncto ás sanctas portas,  
Os hymnos entoando, ha de sentar-se  
Vezes duas por dia a minha Delia,  
E a teu louvor dar mate airosa, insigne,  
Co'a madeixa ao desdem, na Phária turba.  
— Que eu os Penates patrios louvar possa  
E ao lar antigo dar mensal incenso.

Quam bella a vida sob o rei Saturno,  
Antes de a terra em vias retalhar-se!  
Então, ainda o pinho não zombava  
Da vaga azul, nem ao galerno abria

Pandos os seios, nem errante o nauta,  
Buscando lucros entre ignotas gentes,  
D' estranha veniaga enchia a quilha:  
Então, o jugo não soffria o touro,  
Nem mascava o corcel domados freios;  
Sem portas era a casa, e o fixo marco,  
Nos campos, que limita, não se erguia.  
Dava-o carvalho melles, e espontanea  
As cheias tetas offertava a ovelha;  
Hostes, sanhas, pejeias não se viam;  
Nem barbaro alfageme havia ainda  
Com arte odiosa produzido a espada.  
— Agora, sob o imperio do alto Jove,  
Sempre as matanças, as feridas sempre,  
E o mar e mil caminhos para a morte!

Poupa-me ó pae; perjúrios não me aterram,  
Nem pragas contra os deuses venerandos.

Mas, se os annos fataes já cheios temos,  
Faze na lousa, que esconder meus ossos,  
Este lemma gravar: — *Aqui Tibullo  
Jaz, victima infeliz, quando Messalla  
Pelo mar, pela terra acompanhava.*

A mim, porém, que a amor sou facil sempre,  
A propria Venus aos elysios campos  
Me ha de guiar. Alli cantos e danças  
Reinam perennes e resoa eterno  
Das varias aves namorado accento;  
Viça o brando alecricm na inculca várzea;  
De cheirosos rosaes se touca o prado;  
Alli dos moços a chorêa folga  
Com ternissimas virgens enlaçada,  
E, de continuo, Amor combates arma;  
Alli quanto amator roubára a morte,  
E de myrto a grinalda a fronte lhe orna.

Mas horrida morada jaz sepulta  
No profundo silencio d'atra noite,  
Com negras aguas a rugir-lhe em torno.  
Lá Thesiphone horrenda se encrucesce  
Co'a fêra grenha d'enredadas serpes,  
E a impia turma sem cessar agita;  
Negro o Cerbero ante a portada bronzea  
Com as serpentes sibillantes vela;  
Lá de Ixiôn, que ousára tentar Juno,  
Na veloz roda os criminosos membros  
São volvidos, e Tycius, abarcando  
De terra nove jeiras, apascenta  
Assiduas aves nas entranhas torpes;  
Lá Tântalo tambem, dos lagos juncto,  
Mas quando quasi, quasi a lympha toca  
Da ardente fauce as aguas se lhe apartam;  
Lá de Dánae a prole, que offendera  
De Venus o poder, envão transporta  
Aos vazados toneis aguas do Lethes.  
— Que lá, raivando, esteja quem ousasse  
Meu amor violar, ou lentas guerras,  
Longas campanhas me anhellasse infame!

Tu porém, sê-me casta; e a sagaz velha  
Teu sagrado pudor vele incessante:  
Que ella historias te conte, quando ás noites,

Em serão, da candeia á luz mortiga,  
Da rocada espiando as longas fêveras;  
Até que a serva na tarefa grave,  
Tomada pelo somno, a pouco e pouco  
Das mãos deixe cabir em meio a obra.  
— Que, então, inesperado me presente,  
Sem que alguém me annuncie; que a teus olhos  
Vindo do ceu pareça: — então correndo  
Como estiveres, co'a madeixa longa  
Despenteada e com os pés descalços,  
Vem á meus braços, carinhosa Delia.

Eis meus anhellos! — Que a brilhante aurora  
Nos rosados corceis nos traga breve  
Essa formosa, candida alvorada.

A. A.

## NOTICIARIO.

**Universidades na Prussia.** Nas 7 Universidades d'aquelle paiz, que são: Berlin, Bonn, Breslau, Halle, Königsberg, Greifswald, e Münster, ha um total de 4768 estudantes, repartidos do seguinte modo pelas diferentes faculdades; theologia protestante 880; theologia catholica 638, jurisprudencia 1488, medicina 683, philosophia 1079.

A população da Prussia é de 17.443:482 almas, e por consequencia ha um estudante por 3:638 individuos.

'Naquelle paiz é habilitação necessaria para a maior parte dos empregos e cargos públicos, a frequencia d'um curso universitario. Para manter em proporção o numero de estudantes, que todos annos concluem os seus estudos, com o dos logares que annualmente costumam vagar, resolveu o governo tornar mais difficeis e rigorosos os programmas dos exames, em quanto que por outro lado os ministros nunca deixam de avisar o público quando notam demasiada affluencia de candidatos aos logares de suas repartições respectivas. Este systema tem sortido bom effeito; porque o numero dos referidos candidatos não tem crescido, em proporção com o augmento da população. Acresce a isso, que só se podem habilitar com os estudos universitarios mancebos de reconhecido merecimento, seguindo-se d'aqui, que todos os empregos publicos são occupados por pessoas de verdadeiro merito.

**As Universidades** de Roma e de Bolonha, são as mais frequentadas dos Estados Pontificios. Durante este ultimo curso, houve na primeira 876 estudantes, e na segunda 487. As outras concorreram 430 mancebos,

formando, com os acima mencionados, um total de 1793 estudantes, 'num paiz cuja população, excede a 3 milhões e cem mil almas.

(*La Revista universitaria.*)

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 até ao fim de novembro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antero Ribeiro da Costa Monte-Negro, para professor temporario da cadeira de São Miguel de Machede, districto d'Evora.

Antonio Pedro Baptista Machado, para dicto de São Thiago de Cacem, districto de Lisboa.

Antonio Pedro Moreira, para dicto de Alhos Vedros. Joaquim José Lamprea, para dicto de Sancta Barbara de Padrões, districto de Beja.

Antonio de Gouvêa Coutinho Tovar d'Almeida, para dicto de Ferreira, districto de Vizeu.

Francisco Lourenço d'Assis Bingre, para dicto de Mira, districto de Coimbra.

Marianna Julia Ferreira Raposo, para mestra temporaria da escola de meninas da Ribeira Grande, districto de Ponta Delgada.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

José Lourenço da Luz, para director da escola medico-cirurgica de Lisboa, decreto de 12 de novembro ultimo.

## ANNUNCIOS.

### O ESCHOLIASTE MEDICO

Publicado sob os auspicios da repartição de saúde do exercito

*Pelos facultativos militares A. G. do Valle,  
J. A. Marques e J. C. Mendes.*

O *Escholiaste* vai entrar no seu 14.º anno de existencia. Destinado especialmente, como seu nome indica, a fazer excerptos, annotações, comentarios, etc., de todas as novidades em sciencias medicas, o maior empenho tem sido posto pela empreza, para que nenhum objecto de interesse deixe de ser devidamente commemorado, satisfazendo d'este modo ao util fim da sua instituição.

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez, constando cada numero de 16 paginas de quarto grande com duas columnas.

Assigna-se e vende-se em Lisboa na *Gerencia*, rua das Flores n.º 30, 3.º andar, ou na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8; no Porto, na Pharmacia do Hospital militar. — Anno, com estampilha — 1\$120 réis; sem estampilha — 1\$000 réis; — avulso 50.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

*Sessão da classe de litteratura,  
em 14 de dezembro de 1856.*

(EXTRACTO)

Abriu-se a sessão á uma hora da tarde, sob a presidencia do sr. dr. José Maria de Abreu.

Abriendo a sessão, o sr. presidente, esboçando o objecto principal que a motivára, innumerou succintamente os esforços que, imperiosos, tinham vindo ao progressivo desinvolvimento do periodico na parte respectiva, com a invasão da cholera na cidade, affugentando muitos dos socios collaboradores, e terminou propondo á classe, a eleição d'um socio para compôr com os eleitos pelas outras duas classes do *Instituto* uma commissão de redacção.

Ponderada a materia, foi eleito o sr. A. Ayres de Gouvêa, resolvendo a mesa não tomar conhecimento das objecções e desculpas, apresentadas pelo redactor eleito.

O sr. Castro Freire, tomando depois a palavra, evidenciou a apertada necessidade de ser eleita tambem na classe uma commissão para a revisão de todos os jornaes, estrangeiros e portuguezes, litterarios que vêm ao *Instituto*, já para extrair d'elles todas as noticias momentosas, já para decidir quaes deviam assignar-se, principalmente allemães e inglezes.

Apontados varios jornaes pelos srs.: presidente, marquez de Souza-Holstein, Adriano Machado, e Rodrigo R. de Sousa Pinto, foram eleitos para comporem a commissão de revisão dos jornaes, os srs. marquez de Souza, J. A. de Sousa, e J. M. da Silva Leal.

Em seguida, o sr. presidente, congratulando-se com a classe pelas eleições feitas, chamou a attenção sobre a conveniencia de fazer illuminar a gaz, com a possivel brevidade, as salas do *Instituto*, para que as reuniões futuras podessem ser nocturnas, mostrando as vantagens que se abriam claras ao espirito de todos os socios ácerca d'este assumpto.

Reforçando por vezes, e concordando sempre com as razões adduzidas, fallaram sobre o mesmo ponto os srs. Miguel Ribeiro, Costa Simões, Ayres de Gouvêa, e Castro Freire.

Não se offerecendo thema a mais discussão, o sr. presidente fechou a sessão eram duas horas da tarde.

Sala do *Instituto*, 14 de dezembro de 1856.

O Secretario da Classe de Litteratura,

A. AYRES.

VOL. V.

DEZEMBRO 15—1856.

*Sessão da classe de sciencias moraes e sociaes,  
em 14 de dezembro de 1856.*

(EXTRACTO)

Presidencia do director da classe, o sr. Miguel Ribeiro.

Pelas duas horas da tarde, abriu o sr. presidente a sessão, declarando que mandára convocar a classe, a fim de se proceder á eleição de um redactor, que junctamente com os eleitos pelas outras duas classes, houvesse de encarregar-se da publicação do jornal—*O Instituto*.

A classe, sob proposta do sr. presidente, elegeu para redactor, o sr. marquez de Souza-Holstein.

Tendo-se ponderado a necessidade de nomear uma commissão que escolhesse alguns jornaes estrangeiros de sciencias moraes e sociaes, que fallassem no gabinete, e propozesse aquellos que melhores julgasse, foram eleitos para comporem esta commissão os srs.: A. Ornellas, Motta Veiga, e A. Machado.

Em seguida decidiu-se que as sessões ordinarias mensaes da classe, tivessem logar na primeira quarta feira de todos os mezes pelas 7  $\frac{1}{2}$  da tarde.

O sr. presidente levantou a sessão, eram trez horas da tarde.

O secretario da classe de sciencias moraes e sociaes.

A. MACHADO.

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1854—1855.

Continuado de pag. 196.

#### 2.ª PARTE.

##### *Instrucção secundaria.*

1.º *Lyceus e escholas annexas.* Todos os lyceus do reino e ilhas se acham constituidos, e todos funcionando regularmente. O conselho não se tem descuidado de pôr a concurso as cadeiras, que 'nelles têm vagado, e de prover pelos meios que a lei lhe faculta ás faltas eventuaes. Têm continuado em subido numero as pretensões para restituição ou criação de novas cadeiras de latim, mas o conselho, fiel ao pensamento que dictou a criação

N.º 18.

dos lyceus, e que 'nelles concentrou os estudos do ensino secundario, entendeu que só devia consultar a V. M. com bom deferimento, aquellas das mencionadas pretensões que se acham favorecidas pelo §. 1.º do art. 56, do decreto de 20 de setembro de 1844. Em virtude d'estas consultas, dignou-se V. M. restabelecer, durante o anno findo, as cadeiras de latim de Borba, de Cantanhede, de Castello de Vide, de Cintra, de Penamacor, de Redondo, e de Villa Nova de Foscoa. A maior parte dos lyceus acham-se collocados em edificios nacionaes, exceptuando-se apenas os de Aveiro, Guarda, Viana, Villa Real. Por falta de meios pecuniarios, e, principalmente, por se não ter podido ate agora remover a aula de anatomia, para o edificio do novo hospital da Universidade não foi possivel ainda estabelecer o lyceu nacional de Coimbra nas casas occupadas pela faculdade de medicina no edificio do museu, e em parte do abandonado hospital da Conceição. Espera o conselho do zelo do prelado da Universidade, que 'nesta qualidade, e na de reitor do lyceu, propôr a V. M. as medidas necessarias, para que se effectue aquella remoção do lyceu, que se torna urgente pelo incommodo e perturbação, a que sujeita aquelle estabelecimento a collocação actual. O conselho do lyceu nacional de Lisboa representa contra a má collocação das suas trez secções, a qual não julga distribuida, como convinha, pelos pontos centraes da capital, sendo assim um dos motivos do diminuto curso d'alunos á frequencia das aulas do lyceu. Alem da remoção da secção occidental, já proposta a V. M. por este conselho em consulta de 8 de junho ultimo, para o edificio do quartel do extincto batalhão naval, propõe agora, no seu relatorio, a mudança das outras duas secções para os extinctos conventos de S. Vicente e dos Paulistas. Sobre a conveniencia e possibilidade d'esta mudança, pedirá o conselho superior as informações necessarias, e segundo ellas ha de tomar na devida consideração, a proposta do conselho do lyceu. Tambem o conselho do lyceu do Porto representa contra a sua actual collocação, acanhada e incommoda, ainda mesmo depois da cedencia, que o director da academia polytechnica fez áquelle estabelecimento, de duas aulas da mesma academia, e da casa onde tinha a sua secretaria a academia portuense de bellas artes. Entende aquelle conselho que de todos os alvitreos lembrados para a sua melhor collocação, o que satisfaz completamente a todas as indicações rasoaveis, é o de levar a effecto a idea já suscitada ao governo de V. M. pelo conselho superior, no seu precedente relatorio, e appresentada á sabedoria da camara dos Senhores Deputados, na ultima sessão, por um dos vogaes d'este conselho, e vem a ser a de reunir todos os estabelecimentos scientificos e industriaes da

cidade do Porto no edificio da Graça, que foi da antiga academia de marinha e commercio da mesma cidade, o qual, sendo para esse fim mandado concluir pelo governo de V. M., seria por certo o mais solido monumento da sua illustração e patriotismo. O numero total d'alunos, que consta até hoje terem frequentado no anno findo os lyceus e escolas públicas annexas foi de 4:376, os quaes se acham classificados por districtos no mappa (numero 4.º). Dos mappas recebidos dos professores particulares e collegios auctorisados, vê-se que o numero dos alumnos d'instrução secundaria 'nestas escolas, foi no mesmo anno de 2:649, (mappa n.º 3). Em geral o numero dos alumnos que no anno preterito frequentaram as diversas aulas dos lyceus e escolas annexas, não foi sensivel nos lyceus de Lisboa e Braga. O conselho do lyceu nacional de Lisboa attribue as causas d'esta menor frequencia, que aliás não era de esperar da tão crescida população da capital, alem da já indicada, proveniente da falta de centralisação das suas escolas, á preferencia que em geral dão os pais aos collegios particulares, onde suppõe mais vigiadas a educação e boa moralidade dos filhos. Este receio dos pais, entende o conselho do lyceu que será removido, quando elles vierem a reconhecer, que, pela pontual execução do regulamento policial, organizado ultimamente pelo mesmo conselho, e já approved pelo conselho superior d'instrução publica, a boa moral e os sãos costumes dos filhos, ficam ainda mais bem guardados no lyceu, do que nos collegios particulares, organizados as mais das vezes, salvas honrosas excepções, só com o espirito de lucros commerciaes. Este receio dos pais suscitou tambem ao conselho superior, a idea de ir estudando os melhores meios de annexar aos lyceus como já se fez ao de Braga, collegios de educação para alumnos internos. Para desempenho e fiel execução da lei de 12 d'agosto de 1854, propoz logo a V. M. o conselho superior que o professor da 8.ª cadeira, que fôra supprimida no lyceu de Lisboa, passasse a reger alli a cadeira analoga das novamente creadas, o que V. M. se dignou approvar. Formulou em seguida o programma das materias que no lyceu de Coimbra deviam ser professadas, na cadeira d'elementos das sciencias physicas, por um doutor de philosophia, que V. M. se dignou encarregar interinamente do ensino d'aquellas disciplinas. E finalmente, organizados pelo conselho e approvados por V. M. os respectivos programmas, fez pôr a concurso as novas cadeiras nos lyceus de Coimbra e do Porto, em virtude dos quaes já foram providas as mesmas cadeiras, excepto sómente a de elementos de sciencias physicas no lyceu do Porto, sobre cujo processo ainda não baixou a decisão de V. M. O conselho, cumprindo com as ordens de V. M., enviou

tambem a relação dos objectos e instrumentos, que devem ser comprados em Paris pelo nosso ministro 'naquella côrte, a fim de que possa ser organizada, depois de provida, a cadeira d'elementos de sciencias physicas, que V. M. se dignou crear no lyceu de Ponta Delgada. Mandou V. M., que, por occasião da remessa do presente relatório, este conselho enviasse, de novo, no caso de se reputar urgente, a proposta de lei para a criação de uma substituição das duas cadeiras de theologia moral e dogmatica, annexas ao lyceu nacional do Porto, proposta que acompanhou a consulta d'este conselho de 13 de março ultimo. A criação d'esta substituição foi pedida pelo reverendo bispo do Porto, e a sua necessidade foi reconhecida pelo reitor do respectivo lyceu, e tambem por este conselho, o qual ainda hoje a julga urgente, se por acaso ainda tiver de demorar-se a organização do seminario episcopal do Porto. E é somente para o caso d'esta demora, que o conselho superior d'instrução pública repete agora a proposta de lei B. Porém, se como é de crer, o governo de V. M. proseguir no empenho de dotar com brevidade todas as dioceses, e pelo menos as de maior importancia, como é por certo a do Porto, de seminarios episcopaes, poderá nesse caso prescindir-se, durante esse pouco tempo, da criação d'aquella substituição, que não deixará de ser atendida, se tiver logar a nova organização dos estudos ecclesiasticos 'naquella rica e populosa cidade. Tendo-se erguido bastantes clamores contra alguns abusos, não completamente infundados, commetidos no julgamento dos exames, por alguns professores publicos d'instrução secundaria e superior, que se entregavam ao ensino particular, abusos por sua natureza sempre difficeis de provar, e de ordem d'aquelles que a acção da lei pôde apenas prevenir, foi V. M. servido ordenar com esse fim, por decreto de 14 de julho de 1854, a prohibição do ensino particular a todos os professores d'instrução secundaria e superior. Esta medida que o conselho superior mandou logo executar pelos seus delegados, alem d'outras resistencias, encontrou as queixas de muitos professores que pela sua parte, e assim o crê o conselho, não tendo commettido aquelles abusos, se julgaram lesados em interesses que reputavam honestos, e no uso dos seus pretendidos direitos d'ensino, chegando a sustentar a opinião de que tal prohibição só lhes podia ser imposta por uma decisão legislativa. E certo que o bom serviço publico está acima das conveniencias particulares, e que todo aquelle que pretende desempenhal-o, deve sujeitar-se à perda de quaesquer interesses ou direitos, que o possam contrariar. Todo o caso consiste em averiguar, se esses abusos que se querem evitar, só poderão ser remediados, prohibindo-se completamente o ensino particular aos

professores que podem ser chamados para juizes nos exames. O conselho entende que sim, em quanto o ensino secundario não for regulado por formá differente da actual. Se fosse possivel conseguir que este ensino, tanto nas escolas publicas como nas particulares, se fizesse por uma graduação determinada, e em periodos tambem determinados, de maneira que houvesse toda a certeza, de que os alumnos se tinham demorado o tempo necessario no estudo das boas letras, e dos elementos das sciencias exactas e physicas, havendo mais confiança de ficarem assim mais habilitados para proseguirem proveitosamente nas carreiras publicas ou nos estudos superiores, talvez não fosse então necessario lançar mão de um remedio, que o conselho reconhece como violento, mas que actualmente julga necessario até para a dignidade dos proprios professores. Porém esta questão já foi levada ao poder legislativo, e 'neste tribunal superior terá por certo a solução mais justa e conveniente. No entretanto o conselho que ainda ha pouco teve noticia de novas queixas contra a repetição dos abusos acima mencionados, continuou como lhe cumpria, a recomendar a execução de decreto de 14 de julho de 1854, em circular de 28 d'agosto do corrente anno. Muitas das exigencias, que os conselhos dos lyceus fazem ou renovam nos seus ultimos relatorios, precisam ainda de ser estudadas pelo conselho superior para serem elevadas, no caso de assim o merecerem, ao soberano conhecimento de V. M. O conselho não hesita porém desde já em apontar, como uma das mais geralmente reclamadas, a publicação do regulamento geral dos mesmos lyceus. Sobre este objecto pende ainda decisão de V. M., não tendo sido resolvida a consulta de 26 d'abril de 1853, em que este conselho fez subir à presença de V. M. o projecto, por elle organizado, do regulamento pedido. Insta-se tambem em alguns relatorios, e principalmente no do conselho do lyceu nacional de Lisboa, pela uniformidade dos compendios nos lyceus, devendo, no entender d'aquelle conselho, escolher-se para esse fim os melhores, debaixo da approvação de governo de V. M. Sobre este ponto já o conselho superior se tem dirigido ao governo de V. M. em varios relatorios, e com a sua consulta de 18 de março de 1853, teve a honra de elevar à augusta presença de V. M. o projecto de lei (C), tendente a revogar o disposto no art. 167 do decreto (com sanção legislativa) de 20 de setembro de 1844, que dá aos conselhos dos lyceus ampla faculdade para a escolha dos compendios de que deve usar-se nas suas aulas. Alem de serem estes conselhos, na sua actual organização, muitas vezes incompetentes para fazerem uma escolha tão importante, podendo acontecer que seja feita unicamente pelo professor que propõe o compendio, por

## A DIPLOMATICA EM PORTUGAL.

que é elle o unico versado nas materias de que se tracta: vem por este modo a faltar ainda a uniformidade 'neste ramo do ensino público, e consequentemente o poder de direcção, confiado ao conselho superior pelo citado decreto. Acresce a tudo isto tornar-se difficil a appreciação do merito dos alumnos, que dos diversos lyceus passam para as escolas d'estudos superiores. Por todos estes motivos espera o conselho superior que V. M. prove-rá de remedio a esta necessidade, dignando-se resolver a mencionada consulta de 18 de março de 1853.

2.º *Escolas d'instrução especial.* Nos mapas n.º 5 e 6 se encontra o movimento estatístico dos alumnos, tanto na academia de bellas artes de Lisboa, como na academia portuense. O director d'esta ultima academia acaba de participar a este conselho, que o substituto de pintura historica, Francisco José de Resende, recolhera de Paris, onde esteve estudando com licença do governo de V. M., tendo satisfeito completamente ao que lhe fôra determinado nas instrucções, que por ordem do mesmo governo lhe foram dadas, para que a sua viagem se tornasse de utilidade para a academia e para o ensino público da sua arte.

3.º *Estabelecimentos annexos.* Na bibliotheca de Braga, faz-se necessaria a conclusão das obras, exigidas e já orçadas, a fim de que possa tornar-se pública. O bibliothecario continua com o trabalho da catalogação. O bibliothecario da bibliotheca pública do Porto, participa que a camara municipal d'aquella cidade resolvera concluir a obra do accrescentamento da bibliotheca para formar trez espaços salões, que muito concorrerão para a melhor collocação dos livros. O numero dos leitores foi de 3:058, e o das obras consultadas nos differentes ramos 4:013. O bibliothecario da bibliotheca pública de Ponte Delgada, queixando-se de exiguidade de meios (50\$000 réis insulanos) para o augmento d'esta bibliotheca, menciona a aquisição d'algumas obras que lhe foram offerecidas. Em tempo competente havia participado o reitor do lyceu nacional de Ponta Delgada, que o fallecido commissario dos estudos d'aquelle districto, e professor do lyceu, João Anselmo da Cruz Pimentel Choque, legára, além de 24:000 réis para serem distribuidos em premios aos estudantes mais distinctos do lyceu, algumas obras de pedagogia e de sciencias exactas e naturaes, que foram effectivamente recebidas, e passaram para a bibliotheca. O numero das obras procuradas, foi de 1:282, e o dos leitores de 932. Na bibliotheca de Lisboa, foram consultadas nos differentes ramos 11:152 obras, por 7:971 leitores. Entraram no anno litterario 728 obras, sendo vindas das differentes officinas 675; por doação 49, e por compra 4.

*Continua.*

No bem elaborado relatorio que precede o decreto de S. M. C. de 7 de outubro de 1856, creando em Madrid uma escola de diplomatica, faz o sr. Collado sobresahir as vantagens que resultam do estudo da diplomatica, e a necessidade que ha de o organizar, de modo que todas ellas se aproveitem. Até aqui, diz elle, os archivos do reino, aquelles depositos das riquezas litterarias que nos legaram as gerações passadas, e dos direitos e interesses do estado, dos povos e das familias, achavam-se 'numa situação bem pouco lisongeira. Os ricos thesouros, que elles continham, jaziam ignorados, e não podiam prestar á historia, á jurisprudencia, e aos proprios direitos dos particulares, os serviços que d'elles se deveriam esperar.

Na verdade o estudo da diplomatica, a qual, segundo a expressão de João Pedro Ribeiro, é uma sciencia que por si mesma se recomenda, tem a mais alta importancia e cada dia se vai tornando mais indispensavel, graças ao desinvolvimento dos estudos historicos. Ainda que moderna como sciencia, porque só nos fins do seculo XVII, é que, o monge benedictino Mabillon colligiu os seus principios e os systematisou, pôde comtudo dizer-se que ha muitos seculos d'ella se usa quasi instinctivamente.

No tempo de D. Diniz, foi pela diplomatica que o procurador regio mostrou a falsidade de uma carta de foral, que em juizo apresentavam os moradores do reguengo de Sanguinhado, e que elles pretendiam, lhes fôra dada por El-Rei Sancho I. Outro facto de igual natureza aconteceu em 1479, com uma carta de mercê que se attribuia a D. Fernando, e que se conheceu ser falsa pela applicação dos principios da diplomacia<sup>1</sup>.

Estes exemplos, que poderíamos multiplicar, attestam que a diplomatica não era de todo desconhecida entre nós, quando em 1775 a instancias de Fr. Manuel do Cenaculo arcebispo que foi de Evora, se creou em Lisboa uma uala de paleographia com o nome de *orthographia diplomatica*. Esta cadeira, porém, não completou o seu primeiro anno d'existencia, porque falleceu o professor d'ella o padre José Pereira da Silva, e apezar de então florescerem bastantes paleographos e diplomaticos<sup>2</sup>, ninguem foi provido 'naquelle logar.

Vinte e um annos depois, aos 6 de janeiro de 1796, foi creada na Universidade de Coimbra uma cadeira de diplomatica, e nomeado para seu primeiro lente o Doutor João Pedro

<sup>1</sup> J. P. Ribeiro, Diss. chronol. vol 4, pag. 5, not.

<sup>2</sup> Entre outros Fr. José Pedro da Transfiguração, Fr. Francisco de Jesus Clouts Wanzeler, Fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo, etc.

Ribeiro<sup>1</sup>. Como porém este não tivesse ainda concluído os indispensáveis trabalhos sobre que havia de formar o seu plano de ensino, foi adiada a abertura da cadeira, e só em 1801, o alv. de 21 de fevereiro, que a transferiu para Lisboa, ordenou que se verificasse o seu exercício, abrindo-se pela primeira vez em outubro do mesmo anno.

Não pararam aqui as medidas tendentes a favorecer este estudo, e os avizos de 11 de outubro de 1808, de 12 de maio de 1812, e de 5 de janeiro de 1816 mostram o empenho que havia em animal-o.

A nossa aula de diplomatica é portanto das mais antigas que existem. A *escola das cartas* de Paris, só foi organizada a 22 de fevereiro de 1821, e a de Espanha apenas conta alguns mezes de existencia. Apesar, porém, de mais antiga, não é a mais perfeita na organização do curso, como espero mostrar-o.

A aula de diplomatica de Lisboa é ainda hoje regulada pelo já citado alv. de 21 de fevereiro de 1801, o qual contém varias disposições, que indicam toda a attenção, que ao legislador merecia aquelle ensino. Assim determina-se que depois de 6 annos de exercício da cadeira de diplomatica, ninguém possa ser provido em officios de tabelliães de notas de Lisboa, ou em empregos no real archivo, sem que mostre ter frequentado, com aproveitamento e ao menos pelo espaço de um anno, a mesma aula (art. 1); recommenda-se a todos os prelados maiores das congregações d'este reino, que tiverem cartorios antigos, que mandem habilitar com estes conhecimentos aquelles de seus subditos que se destinarem a cartorarios (art. 3); ordena-se que, passados 6 annos de exercício da cadeira, nenhum tabellião, que a não tiver frequentado, possa passar certidão de documentos do seculo XVI, ou dos anteriores, sem que a mesma certidão seja conferida e assignada por um perito em paleographia, o qual vencerá d'emolumentos o dobro do que houver de ser contado ao tabellião por essa certidão (art. 9); garantem-se ao professor de diplomatica, e aos seus discipulos, todos os privilegios de que gozam os professores públicos e seus discipulos (art. 11).

Todas estas disposições são importantes, porque indicam as tenções e o animo do legislador, e os bons resultados, que elle esperava tirar do estabelecimento d'aquella cadeira. Porém, a par de tão salutares e louvaveis medidas, notam-se algumas deficiencias, que impedem a completa acção d'aquellas, e por varias vezes têm suscitado duvidas bastante

importantes. Não ha muito<sup>1</sup> ainda que o governo mandou consultar o conselho superior de instrução pública, sobre o tempo de frequencia necessario para obter a carta de perito em paleographia; porque o alv. de 21 de fevereiro não determinou nada a esse respeito, limitando-se apenas, a exigir dos estudantes de diplomatica, applicação e aproveitamento. Verdade é, que no art. 1 declara condição indispensable para o encarte em qualquer officio de tabellião de notas na cidade de Lisboa, a frequencia, pelo menos, de um anno; porém, d'aqui não se segue que ao cabo d'este tempo o discipulo se ache sufficientemente habilitado para merecer a carta de perito. Tambem falta um regulamento mais completo dos estudos diplomaticos. O alv. de 21 de fevereiro, 'nesse ponto limita-se a exigir exame de latin para a admissão á matricula d'aquella cadeira (art. 4), a determinar que o lente intermeie as suas preleções de exercicios practicos (art. 7), e a ordenar que junctamente com a diplomatica procure dar algumas noções de nummaria, de numismatica, e de lapidaria (art. 8).

É facil, portanto, de ver que a lei é deficiente. Deveriamos ter uma escola, e não uma cadeira de diplomatica, á imitação do curso que se organisou em Hespanha, o qual comprehende, como a *escola das cartas de Paris*, um systema completo de estudos diplomaticos.

A nossa aula é muito mais restricta, e posto que o art. 9 do citado alv. mande ensinar nummaria etc., não me parece que se possa dar esta extensão ao curso, não só por causa da vastidão de conhecimentos, que exige o ensino de todas aquellas sciencias, e que um homem só, por mais habil que seja, não pôde cabalmente possuir, mas tambem porque havendo uma só cadeira, e admitindo-se a ella, todos os annos, novos discipulos, o curso tem necessariamente de comprehender em um só anno o ensino de todas as materias professadas na cadeira.

A aula de numismatica que a carta de lei de 19 de julho de 1855, mandou estabelecer na bibliotheca nacional de Lisboa, é já um grande melhoramento, mas não é ainda quanto o ensino reclama. A sciencia mesma da diplomatica é muito complexa. Ser bom diplomatico, não é sómente saber lêr lettras antigas, e distinguir um codice do seculo XVI, de um do seculo XI. Os documentos falsos nem sempre peccam pela letra; ás vezes o emprego d'uma palavra já desusada, no tempo de que se diz o documento, o apparecimento de alguém já fallecido 'naquella epocha, ou qualquer outra circumstancia d'este genero, é que nos revelam a falsidade do diploma.

<sup>1</sup> Esta carta regia é inédita; acha-se lançada a fl. 195 vers. do liv. 2 do registo das ordens regias da secretaria da Universidade.

<sup>1</sup> Officio do official maior da secretaria do reino ao vice-presidente do conselho superior d'instrução pública, em 15 de setembro de 1856.

O diplomatico, diz João Pedro Ribeiro, deve saber mais que o falsario. É pois muito vasto o ensino d'esta sciencia, e não pode dizer-se que está completamente organizado, em quanto se não annexar á cadeira de diplomatica outras que completem e systematizem o estudo d'aquella sciencia. O latim, não só o ciceronico, mas principalmente o barbaro da idade media, e o mais barbaro ainda das primeiras idades da monarchia; o portuguez das differentes epochas; a historia especialissima de Portugal, a sua chronologia e geographia antiga, e finalmente algumas noções de archeologia, são accessorios inseparaveis da diplomatica.

Depois de João Pedro Ribeiro, o estudo d'esta sciencia, se não tem decahido, pelo menos tem ficado estacionario entre nos; depois d'elle, a unica obra que sobre tal assumpto se publicou foram, em 1855, as *Primeiras linhas de hermeneutica juridica e diplomatica* do sr. dr. Bernardino J. da S. Carneiro. Comtudo não têm faltado discipulos na aula de Lisboa; e á par d'alguns poucos annos, como o de 1846 a 1847, em que só alli houve um estudante, encontram-se outros, como o presente, em que se acham matriculados 18<sup>1</sup>.

Foi lente da cadeira de diplomatica, depois de J. P. Ribeiro, o dr. Francisco Ribeiro de Guimarães, que já d'antes terá substituido da mesma: hoje está provido naquelle logar, pela portaria de 4 de outubro de 1836, o official maior do archivo da torre do tombo, o sr. José Manoel Severo Aureliano Basto.

Não me canço de o repetir—o estudo da diplomatica é importantíssimo, e sendo, incontestavelmente, o nosso archivo um dos mais ricos, é para lastimar que se não tenha dado maior desinvolvimento áquelle ensino, e organizado de modo que preste todos os serviços que pode e deve prestar.

S. II.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 191.

V. Lucio Catilina, descendente d'uma familia nobre, teve grandes forças de corpo e de espirito, mas um character máu e depravado. Desde os primeiros annos gostou sempre das guerras intestinas, das mortes, roubos e discordias civis; e nisto passou a mo-

cidade. Seu corpo podia soffrer, d'um modo incrível, a fome, o frio e as vigílias. Seu espirito era atrevido, manhoso, inconstante, fingido, dissimulado, avido do alheio, prodigo do seu, de paixões violentas, bastante eloquencia, mas pouco saber. Este genio vasto ambicionava sempre cousas nimiamente elevadas, descommedidas, incriveis.

Depois do governo tyrannico de L. Sylla, tinha-se elle deixado possuir d'um desejo ardente de empolgar o poder, e tyrannizar a republica; e, como o conseguisse, nada lhe importavam os meios. Cada dia agitavam mais e mais sua alma feroz a pobreza e o remorso: dois males, que elle tinha augmentado com as qualidades, que acima pintei. Estimulava-o além disso a corrupção dos costumes de Roma, arruinados por dois vicios pesimos, e entre si oppostos, o luxo e a avareza.

Como a occasião nos levou a fallar dos costumes de Roma, o mesmo assumpto parece pedir, que subamos mais acima, e narremos em breve as instituições dos nossos maiores; qual o seu governo na paz e na guerra; em que auge deixaram a republica; e como esta, degenerando insensivelmente, de bella e optima, se tornou pessima e depravadissima.

VI. Os Troianos, capitaneados por Enéas, depois de terem vagado fugitivos por diversos logares, foram os primeiros, que fundaram e habitaram Roma, segundo tenho lido. Com estes se ajunctaram os Aborigenes, gente selvagem, sem leis, sem governo, livre e independente. Vivendo uns e outros dentro dos mesmos muros, com incrível facilidade se uniram, sendo povos differentes, com linguas dissimilhanes, e diversos costumes. Porém, depois que os outros os viram com bastantes forças e prosperidade, crescidos em população, costumes e territorio, a opulencia causou inveja, como de ordinario succede entre os homens.

Os reis e povos visinhos, pois, os incommodaram com guerras; dos alliados poucos os soccorreram; e os demais povos, cheios de medo, não quizeram involver-se nos perigos. Os Romanos, porém, na patria e fora d'ella, não poupavam vigílias, trabalho, preparativos: animavam-se mutuamente, corriam por toda a parte a resistir aos inimigos, e com as armas nas mãos defendiam liberdade, pais e patria. Depois que tinham afastado com o seu valor os perigos, iam auxiliar alliados e amigos, grangeando novas alianças, mais fazendo, do que recebendo favores.

O seu governo constitucional era monarchico: porém consultava-se sobre os negocios públicos um conselho de homens, a quem os annos haviam enfraquecido o corpo, e a sabedoria fortificado o espirito. Estes ou pela idade, ou pela similhança dos cuidados paternaes, eram chamados *Patres* (Padres).

<sup>1</sup> Conforme fez o obsequio de me informar o sr. conselheiro guarda mór do real archivo da Torre do Tombo.



Depois, quando a auctoridade real, ao principio instituida para conservação da liberdade e augmento do estado, se converteu em orgulho e tyrannia; mudada a constituição, crearam dois chefes com jurisdicção annual. Pensaram, que d'este modo, com o poder arbitrario, não entraria no coração dos homens o despotismo.

VII. Foi então que começaram todos a querer sobressair, e a patentear mais e mais os seus talentos (porque aos tyrannos os homens habeis são mais suspeitos, do que os ineptos; o merecimento alheio assusta-os sempre). Roma, parece incrível, tão rapidamente cresceu com a restauração da liberdade: tão universal era o amor da gloria! A mocidade, apenas em idade de pegar em armas; logo aprendia a arte da guerra com o trabalho e exercicio; e era mais apaixonada por bellas armas e cavallos guerreiros, do que por lupanares e banquetes. Por isso, para homens taes não havia fadigas desconhecidas, logar escabroso e inaccessible, inimigo armado que atterrasse. O valor tudo vencia. O que reinava entre elles era a maior emulação da gloria. Cada um corria primeiro a ferir o inimigo, a escalar a muralha, e a ser visto obrando taes proezas. Estas as suas riquezas, esta a sua reputação e fidalguia. Avidos de louvor, liberaes de dinheiro, queriam grande gloria, e riquezas mediocres. Eu poderia dizer, em que logares os Romanos com bem pequenas forças derrotaram grandissimos exercitos; que cidades, defendidas por sua natural posição, tomaram a ponta da espada: mas tal digressão me distrairia para muito longe do assumpto.

VIII. Muito pôde em tudo a fortuna. Ella realça ou escorece todas as cousas, mais segundo o capricho, do que a verdade. Os feitos dos Athenienses, quanto alcanço, foram sim grandes e brilhantes; mas algum tanto menores, do que a fama assoalha. Todavia, como elles tiveram escriptores de portentoso engenho, por todo o orbe são celebradas muito as façanhas dos Athenienses; e assim o seu valor passa por tal, qual o poderam exaltar em seus escriptos aquelles genios raros.

O povo romano, porém, nunca teve tanta abundancia de escriptores: o mais sabio era o mais occupado; o corpo e o espirito exercitavam-se ao mesmo tempo; o melhor cidadão antes queria ver louvadas as suas acções, do que narras dos outros; antes obrar, do que escrever.

IX. Por isso na paz e na guerra eram respeitadas os bons costumes; a união grandissima, a avareza nenhuma; o direito e a equidade entre elles estavam em vigor mais por habito, que por lei. Contendas, discordias, inimizades só se tinham com os inimigos: cidadão com cidadão só disputava sobre o mere-

cimento. Eram pomposos no culto dos deuses: no particular parcios, e fieis aos amigos. Audacia na guerra, justiça na paz eram os sentimentos, que dirigiam os negocios particulares e públicos. Tenho muito evidentes provas de ambas estas cousas: porquanto, na guerra houve mais castigos por accommettimentos contra as ordens, e retiradas feitas mais tarde e depois da chamada, do que por desamparar as bandeiras, ou abandonar o posto; e na paz o governo era respeitado mais pelos beneficios, do que pelo terror, e antes querião perdoar, do que vingar injurias.

*Continúa.*

## OS LUSIADAS.

*Tradução franceza.*

### LES LUSIADES.

*Continuado de pag. 155.*

*Épisode de Vénus, dans le second Chant des Lusiades.*

33.

Sensible à cette voix, la tendre Cythérée  
Quitte du dieu des mers les humides états,  
Et les nymphes des eaux dont elle est entourée.  
De ce départ soudain ne se consolent pas!  
S'élançant jusqu'au haut de la voute éthérée  
Vers le séjour des dieux elle porte ses pas,  
Et pénètre au delà de la sixième sphère  
Jusqu'au trône élevé du maître du tonnerre.

34.

La douce émotion qui se peint dans ses yeux  
De ses attraits encore augmente l'influence,  
Près d'elle tout s'anime, et la terre et les cieux,  
Tout aime en la voyant, tout subit sa puissance;  
À ce regard si tendre et si voluptueux  
On reconnait le nid où l'amour prit naissance,  
Et d'où ce jeune dieu s'élançait dans les airs  
De ses feux tout puissants embrasa l'univers!

35.

Sûre de son pouvoir, la belle Cythérée  
S'avance vers l'amant d'Alcmène et de Lédæ,  
Brillante des attraits dont elle était parée:  
Quand elle descendit dans les forêts d'Ida;  
Lorsque pleine d'espoir, de pueur colorée,  
Au berger phrygien elle se présenta,  
Et du premier regard décidant la querelle,  
Obtint le prix fatal promis à la plus belle.

36.

Ce front qui de la neige égale la blancheur  
De mille tresses d'or et s'entoure et se pare;  
À l'aspect séduisant de son sein enchanteur  
Un doux frémissement de tous les cœurs s'empare;  
Ses regards, à travers une douce langueur,  
Lancent les traits brûlants que l'amour nous prépare,  
Et semblable au lierre, un désir amoureux  
Suit en les enlaçant ses bras voluptueux!

37.

Sous le tissu léger que Vénus leur oppose,  
Les zéphyrs caressants s'agitent au hazard,  
Et laissent entrevoir et les lys et la rose  
Qu'elle paraît vouloir dérober au regard ;  
Pour servir les desseins que son cœur se propose  
Les grâces en ce jour ont épuisé leur art.  
L'Olympe ne voit qu'elle, et le dieu de la guerre  
Décide à tous les yeux l'amant qu'elle préfère.

38.

La mère des amours s'avance en soupirant  
Et sa tristesse ajoute au pouvoir de ses charmes ;  
Telle en proie aux soupçons près de son jeune amant  
Une tendre beauté, le cœur rempli d'alarmes,  
Étouffe ses soupirs, lui parle en souriant,  
Et détourne aussitôt ses yeux baignés de larmes ;  
Ainsi l'on voit Vénus qui dérochant ses pleurs  
Adresse à Jupiter ces accents enchanteurs :

39.

« O monarque éternel que l'univers adore !  
J'espérais que suivant vos desseins généreux  
On vous verrait défendre et guider vers l'aurore  
Ces marins que poursuit un destin rigoureux.  
Coupable devant vous d'un crime que j'ignore,  
Ma pitié devient elle un obstacle à leurs vœux ?  
Laissez-vous gémir votre fille chérie  
Pour servir de Bacchus la noire jalousie ?

40.

Ce peuple m'appartient, c'est pour lui que mes pleurs  
Invoquent, mais en vain, votre pouvoir suprême,  
Car ma protection aggravant leurs malheurs,  
Est peut-être un fléau pour ces guerriers que j'aime !  
Ah ! sans doute c'est moi qu'on destine aux douleurs ;  
En poursuivant ce peuple on me poursuit moi-même,  
Et je vois trop, hélas, que ma haine, en ce jour,  
Servirait ses desseins, bien plus que mon amour !

41.

Enfin ils périront et Vénus méprisée  
Ne pourra désormais leur offrir de secours.  
Je dois . . . Ici les pleurs dont elle est arrosée  
De sa tendre complainte interrompent le cours.  
Ainsi les jeunes fleurs s'humectent de rosée  
Dans la douce saison consacrée aux amours.  
Mais le père des dieux cédant à sa tendresse,  
Adoucit les douleurs de la belle déesse.

42.

Ému par cet accent, qui du tigre africain,  
Du lion des déserts apaiserait la rage,  
Jupiter la regarde avec cet air serein  
Qui rend le ciel plus pur et dissipe l'orage ;  
Il l'embrasse bientôt, et penché sur son sein  
En essuyant les pleurs qui baignent son visage,  
Il sourit à Vénus ; et la céleste cour,  
Pour la seconde fois croit voir naître l'amour !

43, et 44.

« Cessez, dit-il alors, déesse de Cythère,  
De déplorer le sort des enfants de Lusus ;  
Ils seront protégés par le dieu du tonnerre  
Comme les favoris de la belle Vénus ;  
Vous les verrez bientôt poursuivant leur carrière  
Dompter de l'orient les peuples éperdus,  
Bientôt de leurs exploits la brillante mémoire  
Des grecs et des romains éclipsera la gloire.

45.

Ces illustres guerriers seront les fondateurs  
De superbes cités, de forts indestructibles ;  
Les peuples du croissant, les turcs dévastateurs,  
Ne pourront résister à leurs bras invincibles.

Tous les rois dont le Gange adore la grandeur  
Fléchiront sous le joug de ces hôtes terribles ;  
Ils sauront établir la justice et la loi,  
Sur ces trônes soumis au trône de leur roi.

46.

Autrefois Anténor jusqu'aux bords du Timave  
Parvint en affrontant mille périls divers ;  
Fuyant l'île où le sort le retenait esclave  
Le sage roi d'Itaque a su briser ses fers ;  
Par vos soins le troyen aussi pieux que brave  
De Scylla, de Charybde a parcouru les mers,  
Mais les fils de Lusus dominateurs de l'onde  
De mondes inconnus enrichiront le monde !

47, et 48.

Cette terre d'Afrique où leur bras triomphant  
Châtiâ les forfaits d'une horde égarée,  
Vous la verrez bientôt aux vaisseaux d'occident  
Offrir une retraite en tout temps assurée ;  
Et ces peuples qu'on vit, avides de leur sang,  
De l'hospitalité trahir la foi sacrée,  
Bientôt de toutes parts apportant leurs tributs,  
Devant ces fiers guerriers tomberont abattus.

49, 50, et 51.

Ils recevront Goa des mains de la victoire  
Et régiront de là leurs empires nouveaux ;  
Cette cité sera le centre de leur gloire,  
Et deviendra par eux la maîtresse des flôts.  
Ormus de leurs exploits attestant la mémoire  
Verra leurs étendards flotter sur ses créneaux  
Et les turcs leur livrant cette noble conquête  
Fuiront en blasphémant le nom du faux prophète.

52.

Assaillis dans Dieu ces illustres guerriers  
Feront à l'univers admirer leur constance ;  
Vainement Calcutt et ses peuples altiers  
Leur auront opposé leur nombre et leur puissance ;  
Et l'intrépide chef de quelques chevaliers  
Saura par tant d'exploits signaler sa vaillance,  
Que sans doute jamais la lyre d'Apollon  
D'un plus noble héros n'a célébré le nom !

53.

On avait vu jadis les navires d'Auguste  
D'Actium, de Leucate ensanglanter les mers,  
Lorsque, soumettant Rome à son empire injuste,  
Octave à son rival enlevait l'univers,  
Tandis que le vainqueur du bactrien robuste,  
Ce chef dont l'orient avait porté les fers,  
Retenu par l'amour auprès de Cléopâtre,  
Oubliait l'ennemi qu'il aurait dû combattre.

54.

Mais des succès plus grands, des combats plus fameux  
Illustreront un jour les rives de l'Asie,  
Et l'aveugle idolâtre et le maure odieux  
Fuiront devant les fils de la Lusitanie ;  
On les verra dompter par le fer et les feux  
La Chersonèse d'or, les côtes d'Arabie  
Et fonder à la fin un empire brillant  
Des confins de la Chine aux bords de l'occident.

55.

Cessez donc de gémir ô ma fille chérie,  
Je vous ai dévoilé les arrêts du destin ;  
Désormais au dessus des efforts de l'envie  
Vos guerriers poursuivront leur glorieux chemin.  
Pour vaincre ces héros de la Lusitanie  
Les dieux et les mortels se ligueront en vain,  
Tous les héros fameux que célèbre l'histoire  
Reparaîtraient en vain pour disputer leur gloire ! »

Continúa.

## SECÇÃO DE MATHEMATICA.

## INTEGRAES DEFINIDOS.

Continuado de pag. 108.

9. Representem  $i, m, p, n, r$ , numeros inteiros positivos; e seja  $n > m, n > p, n > r$ : e defina-se

$$\int_0^1 x^{m-1} dx (1-x^n)^{\frac{p-m}{n}} \text{ do modo seguinte} \quad \varphi(m, p) = \int_0^1 x^{m-1} dx (1-x^n)^{\frac{p-m}{n}} \quad (1)$$

$$\text{Fazendo } 1-x^n=y^n, \text{ fica } \varphi(m, p) = -\int_1^0 y^{p-1} dy (1-y^n)^{\frac{m-n}{n}} = \int_0^1 y^{p-1} dy (1-y^n)^{\frac{m-n}{n}},$$

ou, mudando  $y$  em  $x$ ,  $\varphi(m, p) = \int_0^1 x^{p-1} dx (1-x^n)^{\frac{m-n}{n}}$ , isto é,

$$\varphi(m, p) = \varphi(p, m) \dots \dots \dots (2)$$

Pondo  $y$  em vez de  $x^n$  na equação (1), e applicando o theorema (2), acha-se

$$n \varphi(m, p) = n \varphi(p, m) = \int_0^1 x^{\frac{m}{n}-1} dx (1-x)^{\frac{p}{n}-1} = \int_0^1 x^{\frac{p}{n}-1} dx (1-x)^{\frac{m}{n}-1} \dots \dots (3)$$

Aos integraes da forma  $\int_0^1 x^{\frac{m}{n}-1} dx (1-x)^{\frac{p}{n}-1}$  chamou Legendre integraes *Euler*.

*rianos da primeira especie.*

10.  $\varphi(m, p)$  é um numero menor do que dous.

E com effeito a formula (3) do Cal. Int. de Franc. n.º 819] dá

$\varphi(m, p) = \left(1 + \frac{p}{m}\right) \varphi(m+n, p) = \varphi(p, m+n)$ ; e como  $\varphi(p, m+n)$  póde considerar-se como somma de elementos differencias, e  $x$  é tomado desde  $x=0$  até  $x=1$  segue-se que  $\varphi(p, m+n)$  é positiva, e por isso o é tambem  $\varphi(m, p)$ : ora desenvolvendo  $(1-x^n)^{\frac{m}{n}}$  em serie, e procedendo convenientemente á integração, vem

$$\varphi(m+n, p) = \varphi(p, m+n) = \frac{1}{p} - \left( \frac{m}{n} \cdot \frac{1}{m+p} + \frac{m}{n} \cdot \frac{n-m}{2n} \cdot \frac{1}{2m+p} + \frac{m}{n} \cdot \frac{n-m}{2n} \cdot \frac{2n-m}{3n} \cdot \frac{1}{3m+p} + \dots \right):$$

os termos, encerrados no colchete dão uma somma positiva, logo  $\varphi(p, m+n) < \frac{1}{p}$ , e

por conseguinte  $\varphi(m, p) < \left(\frac{1}{p} + \frac{1}{m}\right)$ ; ou  $\varphi(m, p) < 2$  (a).

De donde se vê [La-Croix 3.º V. n.º 1083 pag. 411 do Cal. Int. Ed. de 1800] que a egualdade  $\varphi(1, 1) = 2,2582$  ali escripta é inexacta.

11. Por quanto  $\varphi(m, p) = \left(\frac{m+p}{m}\right) \varphi(m+n, p)$ , será também

$$\varphi(m, p) = \frac{(m+p)(m+p+n)(m+p+2n)\dots(m+p+in)}{m(m+n)(m+2n)\dots(m+in)} \varphi(m+n+in, p)$$

$$\varphi(r, p) = \frac{(r+p)(r+p+n)(r+p+2n)\dots(r+p+in)}{r(r+n)(r+2n)\dots(r+in)} \varphi(r+n+in, p)$$

e como, fazendo  $r=n$ ,  $\varphi(r, p) = \varphi(n, p) = \varphi(p, n) = \frac{1}{p}$ , segue-se que

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{p} \frac{(m+p)(m+p+n)(m+p+2n)\dots(m+p+in) \cdot n \cdot 2n \cdot 3n \dots (i+1)n \cdot \varphi(m+n+in, p)}{m(m+n)(m+2n)\dots(m+in)(n+p)(p+2n)(p+3n)\dots[p+(i+1)n] \varphi(n+n+in, p)} \quad (\beta)$$

e porque  $\varphi(m, p) = \varphi(p, m)$ , será também

$$\frac{\varphi(m+n+n, p)}{\varphi(n+n+n, p)} = \frac{\varphi(p, m+n+n)}{\varphi(p, n+n+n)}. \text{ Qualquer d'estes integraes póde tomar-se, como}$$

somma de elementos differencias, porque  $p-1$  não é negativo, nem  $\frac{m+i n+n-n}{n}$ : por

outra parte as funções  $x^{p-1} (1-x^n)^{\frac{m}{n}+i}$ ,  $x^{p-1} (1-x^n)^{1+i}$ , que devem ser tomadas desde  $x=0$  até  $x=1$ , hão-de approximar-se successivamente de zero ao passo que  $i$  se for approximando do infinito, e seriam nullas quando fosse  $i=\infty$ , de maneira que para  $i$  mui

$$\text{grande será } \frac{\varphi(p, m+i n+n)}{\varphi(p, n+n+n)} = 1 + \lambda \dots \dots \dots (7)$$

send  $\lambda$  uma pequena fracção; e  $\lambda=0$ , quando  $i=\infty$ : logo

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{p} \frac{(m+p)(m+p+n)(m+p+2n)\dots(m+p+in) \cdot n \cdot 2n \dots (i+1)n}{m(m+n)(m+2n)\dots(m+in)(p+n)(p+2n)\dots[p+(i+1)n]} \quad (1, \lambda) \quad (4)$$

Fazendo-se 'nesta formula  $\frac{m}{n} = \alpha$ ,  $\frac{p}{n} = \beta$ , acharemos

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{n\beta} \frac{(\alpha+\beta)(\alpha+\beta+1)(\alpha+\beta+2)\dots(\alpha+\beta+i) \cdot 1 \cdot 2 \cdot 3 \dots (i+1)}{\alpha \cdot (\alpha+1) \cdot (\alpha+2) \dots (\alpha+i) \cdot (\beta+1) \cdot (\beta+2) \cdot (\beta+3) \dots (\beta+i+1)} \cdot (1+\lambda) \quad (5)$$

Seja  $q$  um numero positivo, e represente-se por  $\Gamma(q)$

o integral  $\int_0^{\infty} y^{q-1} e^{-y} dy$ , de sorte que seja  $\Gamma(q) = \int_0^{\infty} y^{q-1} e^{-y} dy$ .

A integração por partes dá

$$\Gamma(q) = (q-1)(q-2)(q-3)\dots(q-l)\Gamma(q-l) \quad (6)$$

em cuja formula suppomos  $l$  o maior inteiro positivo, que se póde tirar de  $q$ . Se fo-se  $q$  um numero inteiro, (6) se converteria em  $\Gamma(q) = 1.2.3.4 \dots (q-1) \quad (7)$

Applicando a (5) as formulas (a), (b) achamos

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{n} \cdot \frac{\Gamma(\alpha) \cdot \Gamma(\beta)}{\Gamma(\alpha + \beta)} \cdot \frac{\Gamma(i + 2) \cdot \Gamma(\alpha + \beta + i + 1)}{\Gamma(\beta + i + 2) \cdot \Gamma(\alpha + i + 1)} (1 + \lambda) \dots \quad (z)$$

mas (Serret Alg. Sup. nota 14. Edi. de 1854)

$\Gamma(x + \epsilon) = \sqrt{2\pi} \cdot e^{-x} \cdot x^{x+\frac{1}{2}} (1 + \epsilon)$ , aonde  $\epsilon$  é mui pequeno, quando  $x$  é mui grande, e nullo quando  $x = \infty$ . Usando d'esta formula (z) se converte em

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{n} \cdot \frac{\Gamma(\alpha) \cdot \Gamma(\beta)}{\Gamma(\alpha + \beta)} \cdot \frac{(1 + \epsilon')^{k'} (1 + \epsilon'')^{k''} (1 + \lambda) (1 + \delta) (1 + \delta')}{(1 + \epsilon''')^{k'''} (1 + \epsilon''')^{k'''} (1 + \delta'') (1 + \delta'') (1 + \delta''')} \quad (v)$$

aonde  $\epsilon', \epsilon'', \dots, \delta, \delta', \dots$  são numeros quebrados, mui pequenos, quando  $i$  é mui grande; e são nulos para  $i = \infty$ ;  $k', k'', \dots$  são numeros mui grandes e positivos. Logo, no limite de  $i$ , vem

$$\varphi(m, p) = \frac{1}{n} \cdot \frac{\Gamma(\alpha) \Gamma(\beta)}{\Gamma(\alpha + \beta)} \quad (e)$$

mas  $\varphi(m, p) = \frac{1}{n} \cdot \int_0^1 x^{\alpha-1} dx (1-x)^{\beta-1} = \frac{1}{n} \int_0^1 x^{\beta-1} dx (1-x)^{\alpha-1}$  (n.º 9); logo

$$\int_0^1 x^{\alpha-1} dx (1-x)^{\beta-1} = \int_0^1 x^{\beta-1} dx (1-x)^{\alpha-1} = \frac{\Gamma(\alpha) \cdot \Gamma(\beta)}{\Gamma(\alpha + \beta)} \quad (6)$$

Aos integraes  $\Gamma(q)$  chamou Legendre integraes *Eulerianos da segunda especie*. Por consequencia (6) os integraes Eulerianos da primeira especie podem exprimir-se nos da segunda.

Fazendo  $\beta = \alpha = \frac{1}{2}$  em (6) fica

$$\int_0^1 \frac{dx}{\sqrt{x-x^2}} = \int_0^1 \frac{-d(1-2x)}{\sqrt{1-(1-2x)^2}} = \pi = [\Gamma(\frac{1}{2})]^2; \text{ por ser } \Gamma(\frac{1}{2}) = \pi.$$

temos pois  $\Gamma(\frac{1}{2}) = \sqrt{\pi}$  (7)

Se fizermos em (4),  $m=p=1$ , e  $n=2$  acharemos

$$\varphi(1, 1) = \frac{2 \cdot 2 \cdot 4 \cdot 4 \cdot 6 \cdot 6 \cdot 8 \cdot 8 \dots \dots 2(i+1) 2(i+1) \dots \dots}{1 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 5 \cdot 5 \cdot 7 \cdot 7 \cdot 9 \dots \dots (1+2i) (1+2i+2) \dots \dots}; \text{ ou } (8)$$

$$\frac{\pi}{2} = \frac{2 \cdot 2 \cdot 4 \cdot 4 \cdot 6 \cdot 6 \cdot 8 \cdot 8 \dots \dots}{1 \cdot 3 \cdot 3 \cdot 5 \cdot 5 \cdot 7 \cdot 7 \cdot 9 \dots \dots} \quad (8)$$

que é a formula de Wallis.

12. Tractando Poisson (Mech. n.º 673, Ed. de Par. de 1833) da equação

$$dt = -\frac{dh}{\sqrt{2gh}} \sqrt{\frac{2-n^2}{H^2-n^2 h^{n^2-2}-1}} \text{ diz que o integral d'ella, tomado entre os limites}$$

o e  $H$  pôde deduzir-se dos integraes Eulerianos da segunda especie; mas para  $n^2=2$  acha o dicto integral por um modo engenhoso, mas não immediatamente tirado de (6): damol-o aqui para o caso de  $n^2=2$ , deduzido de (6). Pondo na citada equação

$$H^{2-n^2} h^{n^2-2} = x, \text{ fica, } T = \sqrt{\frac{H}{2g(n^2-2)}} \int_0^1 \frac{1}{x^{\frac{1}{2(n^2-2)}}} (1-x)^{\frac{1}{2}-1} dx \dots \dots \dots (9)$$

Seja  $s$  um inteiro positivo, que possamos fazer tão grande, quanto quizermos, e faça-se  $n^2 = 2 + \frac{1}{2^s}$ . . . . . (A)

$$(9) \text{ se mudará em } T = \sqrt{\frac{sH}{g}} \int_0^1 x^{s-1} (1-x)^{\frac{1}{2}-1} dx, \text{ ou (6)}$$

$$T = \frac{\Gamma(s) \cdot \Gamma(\frac{1}{2})}{\Gamma(\frac{2s+1}{2})} \sqrt{\frac{sH}{g}}; \text{ mas (3), (1)}$$

$$\Gamma\left(\frac{2s+1}{2}\right) = \frac{(2s-1)}{2} \frac{(2s-2)}{2} \frac{(2s-3)}{2} \dots \frac{2s-(2s-1)}{2} \Gamma\left(\frac{1}{2}\right); \Gamma(s) = (s-1)(s-2) \dots 1, \text{ logo}$$

$$T = \frac{2 \cdot 1 \cdot 2 \cdot 3 \dots (s-1)}{1 \cdot 3 \cdot 5 \dots (2s-1)} \sqrt{\frac{sH}{g}} = \frac{2 \cdot 4 \cdot 6 \dots (2s-2)}{1 \cdot 3 \cdot 5 \dots (2s-1)} \sqrt{\frac{2H}{g}}; \text{ mas}$$

sendo  $s$  mui grande, o coefficiente de  $\sqrt{\frac{2H}{g}}$  é proxicamente  $\sqrt{\frac{\pi}{2}}$  (8), e sendo  $s = \infty$ , que

corresponde a  $n^2=2$  (A) o dicto coefficiente é  $\sqrt{\frac{\pi}{2}}$ ; logo quando  $n^2=2$ ,  $T = \sqrt{\frac{\pi H}{g}}$ :

tal é o integral procurado, e não  $\sqrt{\frac{2\pi H}{g}}$ , como se lê em Poisson.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

SESSÃO GERAL DE 7 DE DEZEMBRO DE 1836.

*Presidente*, o sr. Dr. Francisco José Duarte Nazareth.

Abriu-se a sessão pelo meio dia, e procedeu-se á eleição da nova direcção na forma dos Estatutos. Sahiram eleitos para

*Presidente*, o sr. Dr. Francisco José Duarte Nazareth,

*Vice-Presidente*, o sr. Dr. Francisco de Castro Freire,

*Thesoureiro*, o sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues,

1.º *Secretario*, o sr. Jacintho Antonio de Sousa,

2.º *Dicto*, o sr. Dr. Luiz Albano de Moraes.

Lidos os nomes dos socios eleitos, pediu a palavra o sr. Jacintho Antonio de Sousa, e disse — « que se confessava immensamente agradecido ao Instituto, pelo ter sempre reelegido em cargo tão honroso e importante; mas que circumstancias imperiosas o inhihiam de continuar a prestar os serviços, que durante alguns annos tinha feito áquella sociedade. Que esses serviços não consistiam unicamente no que ao primeiro secretario incumbe pelo regulamento, mas tambem no que pertence ao segundo secretario, no que ha de mais inglorio e trabalhoso a cargo de uma commissão de redacção, na direcção do gabinete, etc., etc. Que os socios, que mais tinham a peito a conservação e progresso da sociedade, bem sabiam quanto era exacto o que dizia. Que estando verdadeiramente cansado e pouco edificado com similhante tarefa, que já por costume se tinha tornado inherente ao logar de primeiro secretario, podia mui encarecidamente que não só o escusassem de tudo o que pertencia á redacção e administração do jornal e do gabinete, o que por muitas vezes tinha requerido ao Instituto; mas que ate mesmo elegessem outro primeiro secretario, d'entre os socios que ainda o não tinham sido, e que de certo melhor desempenhariam aquelle cargo. »

Sobre este objecto fallaram varios socios, e  
Vol. V.

JANEIRO 1.º — 1837.

foram feitas varias propostas, resolvendo o Instituto não aceitar a escusa de 1.º secretario pedida pelo sr. Jacintho A. de Sousa que, por proposta do sr. Dr. Francisco de Castro Freire, ficaria além d'isso dirigindo e auxiliando a redacção do jornal; e acordando mais o Instituto em commetter a redacção do jornal a uma commissão de trez membros, nomeados um por cada classe, e funcionando pelo espaço de quatro mezes.

O sr. Jacintho Antonio de Sousa, declarou que, vista a insistencia do Instituto com que muito se honrava, e que muito agradecia, acceptaria o cargo de secretario; mas que unicamente se responsabilisava pelo cumprimento das obrigações de 1.º secretario pre-scriptas no regulamento, as quaes leu á Assembléa; que por tanto não teria ingerencia alguma na redacção e administração do jornal — *Instituto*.

Não havendo mais nada a tractar, fechou o sr. Presidente a sessão. Eram 2 horas da tarde.

O 2.º secretario do Instituto,  
*J. Alves de Sousa.*

SESSÃO GERAL DE 14 DE DEZEMBRO.

*Presidente*, o sr. Dr. Francisco José Duarte Nazareth.

Abriu-se a sessão pelo meio dia, e a direcção passada apresentou ao Instituto as contas da sua gerencia, entregando, ao sr. thesou-reiro novamente eleito, os livros, 143\$395 réis em metal, e 37\$320 réis em recibos. Foi nomeada uma commissão composta dos srs. José Pereira da Costa Cardoso, Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo, e Albino Augusto Giral-des, para, na conformidade do regulamento, examinarem as dictas contas, e darem sobre ellas o seu parecer.

Não havendo mais nada que tractar, fechou o sr. Presidente a sessão pela uma hora da tarde.

O secretario do Instituto,  
*Jacintho A. de Sousa.*  
Num. 19.

SESSÃO DA DIRECÇÃO EM 14 DE DEZEMBRO.

A direcção, reunida em sessão ordinaria, nomeou director do gabinete de leitura o sr. Dr. Mathias de Carvalho, auctorisando-o a mandar illuminar a gaz aquelle estabelecimento, e a fazer em tudo executar o que determina o regulamento. Nesta sessão foi distribuido ao sr. Dr. Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, o elogio funebre do socio finado o em.<sup>o</sup> Cardeal Arcebispo de Braga.

E fechou-se a sessão pela uma hora da tarde.

O secretario do Instituto,  
Jacyntho A. de Sousa.

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO ANNUAL.

1854—1855.

Continuado de pag. 208.

#### 3.<sup>a</sup> PARTE.

##### *Instrução superior.*

1. *Universidade.* — Na frente dos estabelecimentos d'instrução superior, e como o mais importante de todos elles, figura a universidade de Coimbra, a qual desde a sua reforma em 1772 tem sido successiva e prudentemente dotada com os melhoramentos exigidos pela progressiva desenvolvimento das sciencias, cuja cultura lhe foi confiada. É por isso, que não carecendo de reformas radicaes, ella se tem limitado a propor ao illustrado governo de V. M. as medidas e providencias, que tem julgado necessarias para ir caminhando a par dos estabelecimentos da mesma ordem nas nações mais adiantadas. O ultimo anno lectivo, apesar de se ter seguido a outro bastante agitado, correu felizmente muito regular, devendo-se ao zelo dos professores de todas as faculdades a boa ordem e disciplina nas aulas, e o aproveitamento da maioria dos estudantes, demonstrado nos actos finais, e no grande numero de distincções e premios que foram conferidas. A execução dada durante este anno as cartas de lei de 19 de agosto de 1853, e de 12 de junho de 1855, acudiu a uma das primeiras necessidades do ensino, que mal podia caminhar regularmente com a falta em que se achavam todas as faculdades do numero sufficiente de professores. O governo de V. M. resolvendo promptamente todas as consultas, que subiram a augusta presença de V. M. com os processos de candidatura para o provimento dos logares vagos, continuou a demonstrar bem claramente quanto se empe-

nha pelo credito e lustre da corporação universitaria. Nos relatorios das diversas faculdades, remettidos a este conselho pelo Vice-Reitor da Universidade, se manifesta o zelo com que os conselhos das mesmas faculdades procuram promover material e litterariamente o adiantamento d'este grande estabelecimento. Na faculdade de theologia, determinou-se que os estudantes do 1.<sup>o</sup> anno fossem obrigados a comprar a biblia vulgar; e nomeou-se uma commissão para ordenar a historia da faculdade desde o anno de 1834. Na de direito onde se adoptou para compendio de direito administrativo o — « *Preis de droit administratif* por Pradier Fodéré », foram encarregados o professor respectivo e o seu substituto, de colligirem a legislação administrativa d'execução permanente, até agora dispersa e sempre difficil d'encontrar pelos alumnos. Decidiu tambem o conselho da faculdade, que já no proximo anno lectivo se addicionassem as materias da encyclopedia juridica á d'historia geral de jurisprudencia, e á particular do direito romano, canonico e patrio, que se ensinavam no primeiro anno, adoptando-se para compendio, a encyclopedia juridica de *Den-Tex*; e que os estudantes das aulas de direito ecclesiastico, fossem obrigados a comprar a sagrada Biblia. Na de mathematica foi approvada a 2.<sup>a</sup> parte de um compendio d'astronomia physica, composta pelo lente d'astronomia R. R. de Sousa Pinto, cuja prompta publicação o conselho julga necessaria para proveito do ensino, objecto sobre o qual tambem o conselho superior d'instrução publica já se dirigiu a V. M. nas suas consultas de 30 de março e 19 de junho do corrente anno. Achase já collocado no observatorio, e no uso d'observações, um dos instrumentos novamente adquiridos; e tambem ficou prompta uma casa propria para a cadeira de desenho annexa á faculdade. Nas de medicina e philosophia, onde o zelo pelo progresso scientifico não é inferior ao das outras faculdades, continua a melhorar-se o material dos seus estabelecimentos, como permitem os credits para esse fim votados. Este conselho tem o maior sentimento, em ver tanto pelo relatorio do prelado da Universidade, como pelo da faculdade de medicina, o doloroso quadro que apresentam os hospitaes da Universidade, e acha do seu dever expôr a V. M. a necessidade de quanto antes se tomarem medidas que façam sahir um estabelecimento de tanta importancia para a humanidade, e para as sciencias, do estado de penuria a que se acha reduzido. No seu relatorio apresenta o prelado da Universidade importantes reflexões e propostas a este respeito, as quaes entende o conselho, que, tomadas em consideração pelo governo de V. M., muito poderão concorrer para se melhorar a administração dos hospitaes, e o estado lamentoso em que se acham



actualmente. Durante o anno lectivo, reuniu-se o claustro pleno da Universidade para organizar, como lhe fôra ordenado, os regulamentos para a primeira matricula na Universidade, e para as faltas dos estudantes e outras medidas disciplinares. Ambos estes regulamentos foram elevados à presença de V. M., com o parecer do conselho superior, nas suas consultas de 12 de junho e de 24 d'agosto de 1833. Dos relatorios dos estabelecimentos annexos à Universidade consta: — que na imprensa da Universidade se prosegue no empenho de melhorar aquelle estabelecimento tanto na parte material, como nos aperfeiçoamentos typographicos: — e que na bibliotheca se cuida de organizar um regulamento, onde se prescrevam as providencias, de que ainda se careça, para que este importante estabelecimento preencha, o mais completamente possível, os fins da sua instituição. O serviço da secretaria da Universidade, apezar de mais trabalhoso no ultimo anno em consequencia da affluencia dos processos para provimento dos logares vagos, e de jubilações, e das numerosas sessões do claustro pleno, fez-se regularmente com o auxilio de um amanuense, que desde 1833 escreve na secretaria, e que ultimamente foi proposto a V. M. para o logar de 3.º official, em consulta d'este conselho superior de 28 de setembro ultimo.

§. 2.º *Academia polytechnica do Porto.* — A frequencia dos alumnos que no anno findo cursaram a escola, foi superior à do anno precedente, e grande foi o aproveitamento d'elles, contando-se muitos distinctos. O conselho refere-se no seu relatório às indicações feitas nos relatorios precedentes para mais cabal desempenho da sua missão; e repete com instancia a necessidade da organização do jardim botanico, pedindo que para esse fim se insira no orçamento do Estado, a verba competente. Da parte de que já começara felizmente a ter execução 'naquella academia o decreto de 20 de setembro de 1844, na parte em que obriga os pilotos practicantes a requererem exame para se lhes passar, à vista dos diários das respectivas viagens, a competente carta de piloto ou sóta-pilotos.

§. 3.º *Escolas cirurgicas de Lisboa e Porto.* — O ensino público 'nestas duas escolas foi desempenhado com bastante regularidade. A escola de Lisboa sollicita de novo a reparação das partes deterioradas do edificio em que se acha collocada. Pede tambem maior dotação para melhoramentos dos seus estabelecimentos, e a criação de professores aggregados, os quaes, sujeitos por este modo a um tyrocinio, possam ao mesmo tempo auxiliar nas suas funções os lentes cathedrauticos e substitutos. Repete, sem novos argumentos, que a possam fortificar, a velha pretensão de grãos academicos. A escola do Porto representa sobre a necessidade de se fazer extensiva

aquella escola o beneficio da carta de lei de 12 de junho de 1833, que em dadas circunstancias dispensou na Universidade os dois annos de serviço dos substitutos extraordinarios, para poderem passar a ordinarios. Ao conselho superior parece que deve ser tomada em consideração a representação da escola, por meio de uma medida legislativa, a fim de occorrer à falta de professores sufficientes na mesma escola, nas circunstancias em que se acha com um só substituto para as cinco cadeiras da secção cirurgica, e com a probabilidade de se achar em breve sem nenhum para as quatro cadeiras da secção medica, não podendo os dois demonstradores, occorrer ao serviço da substituição em consequencia das suas constantes occupações. O movimento estatístico dos alumnos nos estabelecimentos d'instrução superior, colhido dos relatorios que foram presentes ao conselho encontra-se nos mappaes n.ºs 7, 8, 9 e 10.

§. 4.º *Pharmaceuticos.* — Para evitar abusos, que possam commetter-se sobre prova de tempo de aprendizagem, admittida pelo §. 19 do alvará de 22 de janeiro de 1844, exigiu-se pelo art. 131 do decreto de 29 de dezembro de 1836 que — os pharmaceuticos approvados, que tiverem botica aberta, em qualquer parte do continente do reino, enviem annualmente a cada uma das trez escolas de pharmacia, um registro dos practicantes que trabalham nas suas officinas, contendo o nome, patria, filiação, tempo de practica, e progresso de cada um dos alumnos; que este registro seja lançado no livro das matriculas da escola, e consultado quando os alumnos se apresentem para exame. — Pelo art. 138 do mesmo decreto, e art. 189 do regulamento de 23 d'abril de 1840, exige-se aos alumnos extranhos, que não tiverem frequentado a propria escola, oito annos de boa practica, provados pelos sobredictos registos: e, para que mais se não podesse allegar ignorancia d'esta lei, se deram providencias na portaria de 6 de dezembro de 1830 pelo ministerio do reino, permittindo-se pela de 8 de março de 1831 recurso para V. M., áquelles que, tendo dado todas as provas de capacidade, lhes obstasse unicamente a omissão dos boticarios, na remessa annual das informações às respectivas escolas. A lei de 12 de agosto de 1834, exigiu a estes alumnos pelo art. 11, conhecimentos de mais preparatorios, e a portaria de 7 de novembro de 1833, publicada no Diario do Governo n.º 267, deu algumas providencias para evitar, que os reprovados 'numa escola fossem repetir exame 'noutra: mas nada foi alterado em quanto ao tempo de oito annos de boa practica, e registro das matriculas nas escolas para prova d'ella. Grande parte porém dos boticarios, não cumprem a obrigação de mandar registro às escolas, mesmo aquelles, que se acham na capital do reino

com botica aberta a face do Governo e seus delegados, e do conselho de saúde publica do reino; e 'nesta parte tem-se abusado muito escandalosamente por variados modos, desprezadas inteiramente e sophismadas as recommendações e ordens de V. M. nas sobreditas portarias de 6 de dezembro de 1830 e 8 de março de 1831. Certidões de registro regulares, não têm apparecido uma unica no conselho superior d'instrução publica; uns querem provar o tempo em parte com matriculas irregulares e informes, e em parte com attestados graciosos, passados pelos seus amigos, e muitos pelos seus proprios paes e parentes boticarios, e com justificações graciosas feitas perante autoridades administrativas ou judicias, atraves de contradicções manifestas e escandalosas, por onde se conhece que nao tiveram o tempo legal de practica, nem o estudo necessario d'aquella profissão. De tudo isto V. M. terá havido conhecimento pelas muitas e variadas consultas do conselho superior d'instrução publica, sobre frequentes pretensões de taes alumnos, tendo havido até algumas, que depois de serem por V. M. indeferidas, são renovadas com os mesmos documentos, sem se fazer menção do indeferimento. Estes illegaes e escandalosos esforços, tanto mais se vão repetindo, quanto depois das providencias dadas na portaria de 7 d'agosto do corrente anno, se vai approximando a epocha de serem obrigados estes alumnos a dar conta dos novos preparatorios, exigidos pela lei de 12 d'agosto de 1834, art. 11. O conselho superior d'instrução publica, sente vivamente ter de enfadar a V. M. tão repetidas vezes com consultas contra similhantes pretensões; e reconhecendo que a profissão dos boticarios por um lado, não é menos importante para a saúde dos povos, e que por outro é 'nelle mais perigoso, ainda o charlatanismo e a ignorancia, do que na profissão medica não pôde deixar de expôr a V. M. que julga ainda necessario a adopção de algumas providencias, para ver se com ellas cessarão taes abusos, e se poderá conseguir que as leis sejam, 'nesta parte, cumpridas fielmente, e se não encha o paiz de boticarios incapazes, com risco da saúde dos povos, e do credito dos medicos.

#### *Conclusão.*

O conselho superior d'instrução publica, em conclusão d'este seu relatorio, tem a honra d'expor a V. M. que, no seu entender, a instrução publica nos seus diferentes ramos, não carece actualmente de reformas radicaes, mas sim de melhoramentos progressivos e bem pensados nas que ultimamente se tem feito. As necessidades a que é urgente acudir mais de prompto, hem como os meios de as satisfazer, vão indicadas pelo modo que este con-

selho soube e pôde fazel-o. O governo de V. M. avaliará na sua sabedoria essas necessidades, e as remediará pelos meios que o seu patriotismo ha de certamente suggerir-lhe. Senhor, subindo tão auspiciosamente ao throno dos seus maiores, foi V. M. por uma inspiração como prophetica, aclamado pela nação com o cognome de esperançoso, e na verdade muito grandes são as esperanças que nutre o povo portuguez de que a sua sorte muito ha-de melhorar debaixo do feliz reinado de V. M. Porem sobre tudo a esmerada educação que V. M. recebeu de sua augusta e sempre chorada Mãe a Senhora D. Maria II, e o amor das letras e das sciencias que tanto distinguem o espirito elevado de V. M., dão a este conselho, hem como a todos os portuguezes, seguro abão e esperanza fundada de que as letras e as sciencias, favorecidas pelo animo illustrado e verdadeiramente liberal de V. M., hão-de elevar-se entre nós a tão subido gráu de esplendor, que não tenham que invejar às estranhas. Coimbra em conselho de 30 de novembro de 1835.

#### *Proposta de lei (A).*

Art. 1.º Dos livros elementares auctorisados para uso das escholas primarias fará o Governo imprimir os que forem indispensaveis ao ensino das classes; e distribuir gratuitamente aos meninos indigentes, que frequentarem escholas publicas.

Art. 2.º Os alumnos das escholas primarias pertencentes a familias que paguem mil réis ou mais de impostos directos, contribuirão mensalmente com quarenta réis, nas escholas rurais; oitenta nas cidades e villas; cento e vinte, em Lisboa, Porto, e Funchal, para despesas de custeamento das aulas, em que se comprehende tinta, penas, e papel aos meninos pobres. Será paga esta subvenção aos recebedores das camaras municipaes, e por elles entregues aos professores.

Art. 3.º No orçamento geral do Estado, será incluída a verba de—soccorros á instrução primaria destinada para premios a dois alumnos, que mais se distinguirem por seu aproveitamento litterario e moral em cada eschola publica, e gratificações annuaes aos professores que mais zelozos e efficazes, cumprirem os deveres do magisterio.

§. unico. Os premios aos alumnos serão dados em livros do uso das escholas: as gratificações aos professores serão pecuniarias.

Art. 4.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

#### *Proposta de lei (B).*

É creado no lyceu nacional do Porto, um lugar de substituto dos dois professores das cadeiras de theologia moral e dogmatica annexas ao mesmo lyceu.

*Proposta de lei (C).*

**Art. 1.º** Os compendios por onde devem ler-se as disciplinas do ensino secundario, serão propostos pelas escolas, e approvados pelo conselho superior d'instrução pública.

**Art. 2.º** Fica 'nesta parte revogado o decreto (convertido em lei) de 20 de setembro de 1844, e a mais legislação em contrario.

**MAPPA N.º 1.**

*Estatistica do movimento da secretaria do conselho superior d'instrução publica desde o 1.º de janeiro a 30 de novembro de 1855.*

Consultas remetidas ao Governo 349 — Regulamentos 4 — Programmas submettidos á approvação do Governo 4 — Portarias para concursos 437 — Dictas para intimações, resoluções, informes etc. 429 — Officios para concursos 425 — Dictos para informes, remessas, resoluções etc. 418 — Editaes, e annuncios para o Diario do Governo 1:457 — Circulares aos delegados do conselho 4 — Provisões temporarias 205 — Certidões para o ensino particular 20 — Registos de cartas de nomeação vitalicia, jubilação e aposentação 73 — Folhas dos ordenados dos empregados no conselho e secretaria (em duplicado) 11 — Dictos do expediente da secretaria (em duplicado) 8 — Dictos de utensilios e reparos no edificio do conselho 5 — Contas correntes dadas ao Governo 6 — Orçamentos 2 — Portarias e officios recebidos do Governo 541 — Processos de exames para cadeiras, e outros logares distribuidos ás diferentes secções do conselho 462 — Dictos de jubilação, aposentação, e continuação 46 — Dictos de demissão de professores 2 — Papeis distribuidos ás secções, a que correspondem outros tantos despachos do conselho superior 275 — Resumo historico do methodo portuguez 2 — Copias das actas das conferencias do conselho remettidas mensalmente ao Governo 10 — N. B. Todo este expediente se acha competentemente registado.

**RELATORIO**

**Da direcção da sociedade dos banhos de Luso, apresentado á assembléa geral dos accionistas, no 1.º de janeiro de 1857.**

SENHORES! — A direcção da Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, neste relatorio, que o art. 7 dos estatutos da Sociedade lhe incumbie de apresentar á assembléa geral dos accionistas, tem de occupar-se — do modo como correu todo o serviço dos banhos, — do movimento dos banhistas e

da estatistica que lhe diz respeito, — do estado em que se acham as obras do estabelecimento, — e finalmente dos fundos e contas da sociedade.

*Serviço dos Banhos.*

O serviço dos banhos correu com regularidade. O medico director fez manter a policia no estabelecimento; e tanto o banheiro, como os serventes, desempenharam as attribuições que lhes impõe o regulamento dos banhos, proporcionando commodidades aos banhistas, e conservando as banheiras e casas de banho no acceio compativel com o estado das obras. O serviço de escripturação, se bem que muito mais perfeito do que o do anno passado, não teve ainda regularidade precisa. No livro do registo dos banhistas, ha muitas falhas na columna destinada á designação das molestias, e ficou quasi toda em branco a columna em que deveria lançar-se o resultado dos banhos em cada banhista.

Tambem deixou de se cumprir o disposto nos artt. 13 e 14 do regulamento dos banhos, não se afixando nos corredores as tabellas dos banhistas, onde deveria ter-se feito a descarga dos banhos que fosse tomando cada individuo, com o fim de colher dados muito proveitosos á estatistica medica, e ainda como meio de fiscalisação economica. O sr. director dos banhos, notando estas faltas de serviço, lembra a conveniencia d'um director que esteja quasi constantemente no estabelecimento, encarregando-se de toda a escripturação de registo e tabellas; e, em sua opinião, poderia supprimir-se o logar de banheiro; ficando todo o serviço a cargo dos serventes directamente, fiscalisados pelo mesmo director. Esta medida, cuja proficuidade a direcção não pode por em quanto assegurar, envolve um acrescimo de despesa no augmento de gratificação do medico director, o qual não poderia sujeitar-se a tanto trabalho, e dispor de tanto tempo, não tendo uma remuneração muito superior aos 100\$000 rs., que lhe foram arbitrados para o anno findo. A nova direcção tomara este objecto na consideração que julgar conveniente.

A sala particular, de que trata o art. 15 do regulamento dos banhos, so pôde abrir-se a 23 de agosto; e de então por diante, além de funcionar como casa de descanso, gabinete de leitura, e casa de jogo, tambem serviu para se reunirem as familias em saraus divertidos, debaixo da fiscalisação do director dos banhos, e com o serviço do banheiro e serventes.

A direcção reconhece a insufficiencia d'esta sala para taes reuniões, e nem foi este o destino que lhe deu o plano do edificio; mas, apreciando os effeitos hygienicos da convivencia e distração dos banhistas, e attendendo aos incommodos com que se faziam estas reu-

niões nas casas da povoação em salas pequenas e acanhadas, não hesitou em as permitir no estabelecimento.

Para a seguinte quadra dos banhos a nova direcção providenciara, como lhe parecer mais acertado.

#### *Estatística medica.*

Na coordenação da estatística medica dos banhos de Luso, encontrou o medico director as difficuldades que vê notadas por todos os directores dos estabelecimentos d'esta ordem nos paizes estrangeiros, principalmente pelo que toca ao effeito dos banhos. Os banhistas, na sua despedida, ordinariamente não dão conta do estado em que se acham; e, ainda que as diligencias do medico possam em parte supprir aquelles descuidos, não fica preenchido o fim que se tem em vista, porque a maior parte d'elles, obtendo as melhoras só depois de regressarem ás suas naturalidades, não ficam accessíveis ás averiguações do director dos banhos. A commissão da academia de medicina de Paris, encarregada do estudo hydrologico dos estabelecimentos thermaes de França, mencionando em 1851 os relatorios de 62 estabelecimentos d'esta ordem, chama a attenção do governo, sobre a impossibilidade em que se acham os medicos directores de todos aquelles estabelecimentos na aquisição dos elementos exigidos por uma estatística medica minuciosa e exacta, que tantos serviços poderia prestar á humanidade. Esta commissão aponta em especial as queixas de M. Bertrand, medico director do estabelecimento thermal de Monte-d'or, e de M. Gerdy director do estabelecimento d'Uriage; e, sobre o relatorio de M. Cazaintre, medico dos banhos de Rennes, faz notar que este director, de 4:500 banhistas que tinham concorrido ao seu estabelecimento nos 3 annos anteriores, apenas tinha observado 611, ficando por conseguinte sem valor estatístico os 3:899 banhistas de que não teve conhecimento.

Se ainda hoje apparecem tantas deficiencias nas estatísticas medicas dos estabelecimentos thermaes d'aquelle paiz, e de muitos outros, onde se vêem sumptuosos edificios de banhos, e onde o serviço medico d'estas casas têm merecido cuidados especiaes dos governos e de corporações scientificas, a direcção confia que a assembléa geral não usará de severidade na apreciação dos trabalhos estatísticos do medico dos banhos de Luso, reconhecendo que, entre nós, quasi que não ha estabelecimentos thermaes, apezar da riqueza que possuímos em nascentes d'aguas mineraes, e que o serviço e organização dos estudos hydrologicos de Portugal se acham ainda 'num abandono completo, como se não viveramos em paiz civilisado.

Quando as forças do estabelecimento de

Luso permittirem maior gratificação ao medico director, para se lhe poder exigir, no regulamento dos banhos, um serviço aturado no estabelecimento, a direcção vê a possibilidade de se conseguir uma estatística mais minuciosa.

O auctor da estatística medica do estabelecimento de Luso, seguiu a classificação do Ensaio dermoscographico do sr. Bernardino Antonio Gomes, na designação das molestias cutaneas; e, nas outras molestias, adoptou a classificação do actual compendio da Pathologia interna da Universidade.

Esta estatística que a direcção apresenta hoje á assembléa geral dos accionistas, apezar das suas deficiencias, não deixa de ter valor; e por ser a primeira d'estes banhos, deve considerar-se como principio d'uma collecção de factos, que de futuro poderá determinar toda a importancia therapeutica e hygienica das aguas de Luso.

#### *Movimento dos banhistas.*

Concorreram ao estabelecimento 1:447 banhistas, sendo do sexo masculino 653, e do sexo feminino 794. Dos 1:447 banhistas ficaram 387 sem observação, 246 tomaram banhos de limpeza sem molestia que os exigissem, e 814 accusaram as molestias mencionadas na estatística. Se o numero das senhas vendidas representasse o numero de banhos tomados, teriamos 22:886 banhos, que, divididos pelos 1:447 banhistas, dariam, despresadas as fracções, 15 banhos a cada individuo (termo medio); dos 22:886 banhos, teriam sido 18:612 de temperatura natural e 4:274 de temperatura artificial. Mas é de crer que algumas senhas se extraviassem na mão dos banhistas; e o serviço da descarga dos banhos nas listas ou tabellas recommendadas no art. 14 do Regulamento dos Banhos, não correu com a regularidade precisa para se poder conhecer com exactidão o numero de banhos de cada banhista.

*Continúa.*

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

### I.

Correndo o seculo XVII, e durante a maior parte d'elle, floresceu em França um simples sacerdote, modelo d'humildade, abnegação, e caridade, nascido de páes pobres, que guardara ovelhas nos primeiros annos, e que, tendo vencido com grande difficuldade, não da intelligencia (que mui grande era a sua), mas dos meios pecuniarios, os estudos indispensaveis para ser padre, passára, pouco tempo depois d'ordenado, por um penosissimo noviciado de privações e tormentos, aprisionado

por corsarios, e escravo em Tunis, d'onde conseguiu evadir-se com o seu proprio ultimo senhor, um renegado, que elle mesmo convertêra.

A providencia, que o destinava para bemfeitor dos *pobres enfermos* e do *pobre povo* (palavras suas mui queridas) dispôz que o ignorado sacerdote viesse a entrar, e a viver uma longa vida na côrte de França, durante muitos annos no conselho dos reis, e sempre na familiaridade de mui altas e poderosas familias da mesma, sem quebra, antes com maiores esmêros d'humildade e caridade, afim de lhes dar não somente os mais edificantes exemplos, mas tambem de as guiar, em auxilio de seus caridosos intuitos, ás obras colossaes e duradôras, que emprehendeu, e levou ao cabo, em beneficio d'aquelles tão dôces e interessantes objectos do seu mais terno e constante disvêlo, os pobres enfermos, e o pobre povo.

S. Vicente de Paulo, a cujo nome curvam a fronte soberba o mesmo philosophismo e o atheismo, foi um dos maiores bemfeitôres da humanidade.

Instruidas pela sua doutrina, edificadas pelos seus exemplos, e animadas com a sua eloquente palavra, toda repassada d'uncção, as pessoas da primeira nobreza, e especialmente as senhoras, com o nome de *Damas da caridade*, descêram á desabrigada cabana do pobre aldeão, subiram aos sótãos e aguas furtadas da indigencia das cidades, não retrocederam ante os miasmas, e as repulsantes misérias das masmorras e dos hospitaes, para soccorrerem, por suas proprias e delicadas mãos, aos *pobres enfermos* e ao *pobre povo*.

As actuaes sociedades de S. Vicente de Paulo, compostas de seculares, e destinadas ao exercicio das mesmas obras de caridade, não têm outra origem.

Por vir d'elle, que com as proprias mãos levantava das ruas e praças, e dos adros das egrejas, o abandonado exposto, e com o auxilio das mesmas damas, fundou-se em Paris o primeiro hospicio d'expostos; dos quaes até alli apenas alguns se recolhiam na casa d'uma pobre viuva, e depois se *vendiam* a vil preço a quem os hia comprar!

Mais adiante, e da mesma fôrma, fundaram-se outros para asylo de velhos, outros para a mendicidade, e outros para hospital dos forçados das galês. E para que não faltassem a todos estes institutos, nem igualmente á evangelisação dos pobres do campo, de que muito, e durante toda a vida, se esmerou, enfermeiras zelosas, mestras caritativas e illustradas, procuradôres assíduos, e incançaveis apóstolos, creou igualmente a *Congregação dos padres da missão*, chamados depois os *Lazaristas*, da casa, que occuparam; e a das *Servas dos pobres, Filhas ou irmãs da caridade*.

E não terminou aqui o seu zêlo, e previdencia do futuro, porque a reformação do Hôtel-Dieu de Paris, grande hospital servido por outras religiosas; a fundação do hospicio da Magdalena, para mulheres arrependidas; o das *Filhas da providencia* para donzellas recolhidas; o das orphãs; o das *Filhas de Sancta Genoveva* para curar dos enfermos; o das *Filhas da Cruz*, para ensino de meninas etc., todos tiveram ou por fundador, ou por director da sua mais proficua reformação, a S. Vicente de Paulo, que outro muito grande e illustre herôe da egreja, S. Francisco de Sales, designava — *pelo padre mais digno de que tinha conhecimento!*

E no meio de tantos e tamanhos e assíduos trabalhos, sob cujo pèzo curvaria outra qualquer mais robusta intelligencia e coragem pertinaz, não havia desgraça popular, de peste, fomes, e guerra, a soccorrer, ainda mesmo a longas distancias, dentro e fora da França, que não accudisse a Paris, a S. Vicente de Paulo, e não encontrasse no pobre padre mais do que consolações espirituaes, effectivos soccorros!

## II.

Entre aquellas nobres senhoras, cujos nomes a historia respeitosamente conserva, e a posteridade venera, juntamente com o de S. Vicente de Paulo, distinguia-se M.<sup>me</sup> Legras; a qual, tendo perdido a seu marido na flor da idade, consagrara o resto da vida ás obras da mais primorosa virtude.

« A mesma mulher (dizem os historiadores) que brilhará outr'ora na côrte, havia acabado por merecer d'então em diante o gloriôso appellido de *mãe dos pobres*, prestando-lhes todos os officios da mais abatida caridade, visitando-os sem experimentar a menor repugnancia, qualquer que fosse a natureza de suas molestias; ministrando-lhes por sua mão os alimentos, que precisavam; fazendo-lhes a cama com mais zêlo do que a criada mais affectiva, consolando-os com palavras cheias de doçura, enfim até mesmo sepultando-os depois da morte! »

Em toda a parte, aonde apparecia esta senhora, animando as confrarias de caridade com as suas palavras e exemplos, trazia bençãos consigo. Infatigavel sempre, não era sómente o corpo que pretendia alliviar, mas não menos a alma, á qual se dirigia com o seu amor, e com todos os seus cuidados. Mostra d'eschola, catechisava as meninas mais pequenas; e animava com os seus conselhos as encarregadas de as instruirem. »

M.<sup>me</sup> Legras foi a origem, a instituidôra, a mestra, a primeira das irmãs da caridade. Ás suas instancias cedeu, como que forçado, S. Vicente de Paulo, cuja extrema prudencia e humildade tremia diante do pensamento

de qualquer nova fundação, sempre desconfiado de suas forças, que tamanhas lhe concedera a providência. Dezesette annos haviam decorrido desde a primeira instituição das confrarias ou sociedades de damas caritativas para soccorro dos pobres enfermos. Tinham começado pelo campo, onde o serviço era menos difficil do que nas cidades, e as damas e boas mulheres associadas menos melindrosas e delicadas. Desde que entraram nas cidades, e particularmente na corte, muitas das senhoras, d'alta nobreza, que a porfia se alistavam 'naquelle sancta milicia, ou por debilidade de constituição, ou pela opposição de seus maridos, reciosos pela saúde de suas esposas, ou por outras causas, não podiam prestar pessoalmente aos pobres enfermos os costumes e necessarios soccorros; e, fazendo-se substituir por seus criados, vinha a faltar aos seus infelizes protegidos ordinariamente o doce carinho, a sollicitude, e sobretudo as consolações espirituaes, que faziam uma parte essencial da benéfica assistência, que o fundador lhes dezejava proporcionar. Lembrou-se elle então de fazer vir do campo algumas piedosas raparigas, que não tendo inclinação para o matrimonio, nem posses para serem freiras, quizessem todavia dedicar-se a Deus no trabalhoso myster d'enfermeiras.

Como não tardassem em encontrar-se, distribuiram-se por diversos pontos da cidade, sem ligação entre si, sem previo apprendizado, nem meio algum possivel de fazer substituir de prompto as que ou por insufficiencia, ou por esfriamento de zelo, ou por outras causas naturaes, largassem o posto. A esse novo embarço acudio M.<sup>me</sup> Legras, dirigida por S. Vicente de Paulo, prestando-se a receber em sua casa, alimentar, e educar as futuras servas dos pobres, que d'est'arte ficavam tendo um principio de seminário, posto que ainda não constituíssem uma congregação permanente.

As repetidas instancias d'aquella boa senhora obtiveram o desejado deferimento. A obra passageira e precaria converteu-se 'num solido edificio, e a tenue vergonteia 'numa arvore frondosa e robusta, que depois de dous seculos de existencia está tão viva e vigorosa, que mais parece ter acalado de sair, com o costumado fervor dos primeiros dias, das disveladas mãos dos fundadores. Em 1634 a 23 de março teve principio a nova congregação com os estatutos e regulamentos que lhe deu S. Vicente de Paulo, sendo approvada pela segunda vez pelo cardeal de Retz a 18 de janeiro de 1635, e auctorizada por *lettres patentes* de Luiz XIV, de novembro de 1657, registradas no parlamento a 16 de dezembro de 1658; e confirmada ultimamente pelo cardeal de Vendôme, legado a latere do papa Clemente IX, a 8 de junho de 1668.

« Deus (escrevia o veneravel Abelly, bispo de Rodéz, historiador coevo, que falleceu em 1691) tem multiplicado por tal forma esta pequena communidade, em numero e graça, que Vicente, e aquella virtuosa dama (Legras), tiveram a consolação, durante a sua vida, de a verem espalhada, não só em vinte e cinco ou trinta logares de Paris, mas ainda em mais de trinta outras cidades, villas, e aldeas de diversas provincias de França, e ainda até na Polónia, aonde a rainha por seu muito zelo e caridade as quiz estabelecer em beneficio dos pobres do seu reino.

Eis quaes foram os fructos da humildade de Vicente, o qual em cousa alguma pensava menos do que em fazer-se instituidor d'uma nova communidade; sobre a qual prouve a Deus derramar um tão abundante orvalho de suas bençãos e graças, que ella tem sido desejada e procurada de toda a parte, a ponto de que não se dá tempo para bem educar as religiosas; porque se podemos assim fallar, estas tenras plantas são arrancadas do alvore quasi logo que ahí se dispõem, sem lhes dar tempo de se formarem: ao que todavia supprindo Deus por sua misericordia, as tem sempre soccorrido de tal sorte, que, por sua frugalidade, assiduidade no trabalho, paciencia, modestia e caridade, têm dado, e continuam a dar muita edificação em todos os logares, onde são empregadas. . . . Além do serviço e assistencia que fazem aos pobres doentes, empregam-se tambem em muitas paries em instruir meninas, e ensinam-lhes principalmente a conhecerem e servirem a Deus, e a desempenharem os principaes deveres da vida christã<sup>1</sup>.

Continúa.

A. FORJAZ.

## OS ANNUNCIOS EM INGLATERRA.

Continuado de pag. 156.

'Nestes ultimos annos, o movimento progressivo dos annuncios não se tem atrozado; e pode dizer-se que a *sciencia dos annuncios*, que entre nós apenas começa a vulgarizar-se, chegou a Londres e em França, a um grau d'extrema perificação. A um estrangeiro recém-chegado a Londres, causam espanto aquelles enormes annuncios de todas as côres, de todos os feitos, de todos os estylos, que foram as esquinas d'aquella cidade. Entra 'num café, 'num hotel, 'numa *tabern*, e vê as paredes revestidas de annuncios; atravessa um *park* e é assaltado por innumerous gaiatos que á viva força o enchem de annun-

<sup>1</sup> Vie de S. Vincent de Paul, por L. Abelly. 2.<sup>a</sup> edit., Paris 1832, Tom. 2, Chap. 2.

cios; assigna alguma das mais celebres revistas, a *quarterly review*, por exemplo, e achallhe 60 paginas d'annuncios. . . Chega a ser cruel, causa pesadellos; pela minha parte confesso que não poucas vezes sonhei com os annuncios, principalmente se tinha encontrado, pelo dia adiante, algum *homem annuncio*.

Estes homens, de criação moderna, são entes anomaes que nunca pude perfeitamente comprehender. São como o elo que prende a humanidade às esquinas, porque elles, homens na apparencia, são esquinas na realidade. É a manifestação do progresso applicado às esquinas; e poderiam talvez definir-se «esquinas ambulantes.»

Os annuncios tambem têm progredido em extensão: isto é, a civilização britanica tem-os levado consigo e implantado em diversas partes do mundo. Thackeray affirma ter visto affixado na columna de Pompeu no Cairo, um annuncio de graxa de Warren. *Oh vanitas etc.*; (o leitor dispensa o resto). Quando desconfiaria Pompeu que a sua columna, que de seu só tem o nome, havia um dia de ter o mesmo uso que umas certas columnas dos *boulevards* de Paris? Não bastava accusarem-no de levantar uma columna em que elle talvez nunca tivesse pensado; faltava ainda, que um inglez ignorante do simples e rudimentar modo de calçar, ou antes do não calçar dos arabes, elegesse para sua esquina d'annuncios aquelle monumento da vaidade humana, como diria algum que tivesse pretensões a classico!

Esta combinação de graxa de Warren e da columna de Pompeu, sempre me pareceu composta de elementos com tão pouca affinidade entre si, que a meu ver nem mesmo um inglez era capaz de a fazer, sem algum motivo ponderoso. A força de pensar 'nella achei-lhe uma explicação, que, se não satisfaz cabalmente, ao menos é explicação. Lembrou-me, pois, que talvez fosse o meio de que se servira alguma sociedade biblica para preparar o caminho á introdução das suas biblias. A explicação por ora não é das mais claras, dirá o leitor; que tem de commun a graxa de Warren com as biblias de uma sociedade protestante, ainda que esta seja ingleza? O raciocinio que na minha opinião levou a sociedade biblica a annunciar graxa, foi o seguinte: vendo graxa os arabes, que são naturalmente curiosos, hão de querer experimental-a; para isso precisam calçado á europêa; consequida esta innovação no vestuario é forçoso admittir tambem a introdução de calças: o que seriam botas sem calças? Depois e sempre pela mesma dialectica, segue-se que tambem se tornam indispensaveis coletes, casacas, etc., e de tudo isso á gravata branca e á biblia, só vai um passo que pouco custa a dar. Não quero alardear presumptuosa confiança 'nesta logica; affigura-se-me, porém, que o prece-

dente raciocinio não é de todo inexacto, e que a verificar-se a curiosidade dos arabes, a compra da graxa, o seu emprego, o uso de botas, calças e seus accessorios, a propensão dos indigenas a escutar os missionarios, e a sua disposição a lêr as biblias, assim como algumas outras insignificantes condições, tudo o mais se deduz facilmente, não repugnando nada a que o raciocinio exposto fosse tambem o dos propagandistas. Tudo isso é tão simples e claro como a conciliação de dois textos contradictorios das pandectas; e se a columna de Pompeu foi o lugar escolhido para 'nelle se affixar o annuncio, esta selecção explica-se agora facilmente, se repararmos que aos propagandistas convinha um lugar que como aquelle é muito frequentado pelos naturaes por tambem o ser pelos estrangeiros, junto de quem servem os officios de *cicerones*, de guias e muitos outros, que é inutil aqui enumerar.

Acompanhe-me agora o leitor, do Cairo para Inglaterra, e apezar de Mr. de Lesseps não ter ainda concluido o canal de Suez, não se assuste da viagem que não será muito longa: o pensamento é por ora dos modos de locomoção, que se conhecem, o mais rapido; é tambem o mais economico; duas vantagens que se não devem desprezar, e que muito encarecidamente peço ao leitor queira ter em vista para perdoar-me a digressão em que o fiz entrar.

O órgão mais poderoso dos annuncios inglezes, é indubitavelmente o *Times* — aquelle microscopico impresso, como lhe chama um auctor seu conterraneo, aquelle centro das grandes empresas, e das pequenas industrias, onde quotidianamente se encontram, se cruzam, se combatem, os interesses, os desejos, as esperanças dos dois millhões de habitantes da moderna Babel. Cito ao acaso um numero d'aquelle jornal, o primeiro que encontrei, o de 31 de outubro de 1855: contém 1161 annuncios.

A primeira secção dos annuncios é consagrada aos maritimos, que ao todo são 89. Alli se vê que nos portos da Gran-Bretanha, ha navios promptos a partirem para todas as partes conhecidas do mundo, e mesmo para aquellas ainda por conhecer. Não ha que esperar occasiões; quando se quizer, e para onde se quizer, encontrar-se-hão sempre alguns navios prestes a fazerem-se á vela, ou para me expressar com mais correção, ao vapor — que é este e não o vento o motor de quasi todos. Querem ir para a China, para a Patagonia, ou mesmo para os polos? dirijam-se a Liverpool, a Southampton ou a Plymouth, que em algum d'estes portos ha navios para todos esses destinos.

Em seguida aos maritimos vêm os annuncios de vendas de cavallos e de carruagens em numero de 30. Ha por onde escolher;

caballos arabes, cavallos inglezes de carreira, *poneyes escoceses*; tudo por preços commodos. O sortimento de carruagens não é menos abundante: caleches, victorias, americanas, *tillburs*, e em primeira ou segunda mão, se encontram a venda.

Começa depois a interminavel serie dos *wanted* precisa-se; occupa uma columna inteira do jornal, e contém 457 annuncios de pessoas que sollicitam empregos ou logares; ecclesiasticos pedindo beneficos, professores offerecendo-se para residirem com os discipulos; criadas que não querem servir senão aquellas casas onde haja dois laçaios, cozinheiras, amas de leite, criados para tudo (*general servants*) procuram alli onde se acomodarem. Um promete dar de cem a mil libras esterlinas de gratificação a quem lhe arranjar um officio seguro e permanente; outro somente promette duas a pessoa que lhe poder achar um logar de *under steward* (dispenseiro) a bordo d'um navio; mais adiante um mancebo obriga-se a dar áquelle que lhe alcançar um emprego, metade do ordenado que tiver de vencer nos dois primeiros annos em que exercer o logar.

Em outra pagina do *Times* vêm os annuncios relativos a casas. É escolher, entre 50 quartos particulares e 74 para alugar, a habitação que se preferir. Se a casa estiver por mobilar ha onde guarnece-la em 13 vendas de moveis, 15 de pianos e 7 de lampadas, e candieiros assim como em outras muitas de varios fornecedores; para encher a nossa bibliotheca temos 72 livreiros que tem a venda as novidades do dia, e tudo quanto possa desejar-se na litteratura, sciencias e artes.

Quem quizer ter o gosto de ver o seu nome no jardim zoologico por cima de uma gaiola, compre aquelles dois liões, ou algumas das serpentes que o *Times* annuncia, offereça-as áquelle estabelecimento e ficará satisfeito.

Não se receie morrer de frio, ou ficar sem jantar por falta de combustivel: 34 carvoeiros declaram ter á venda o melhor coke e o melhor carvão de todo o reino unido. Para passar as compridas noites d'inverno, agora todos os theatros, ha ainda 19 cosmoramas, panoramas, dioramas, exposições, concertos ou bailes publicos.

Medicos e remedios não faltam; o nosso *Times* contém 30 annuncios relativos á arte de curar.—Todas as qualidades de remedios, desde a innocente salsaparilha até á poderosa electricidade, desde a sensabor magnesia até ao nauseabundo oleo de figado de bacalhau, alli são recommendados. Os medicos pertencem a todas as escolas; homeopatas, alopattas, hydropatas; de tudo alli se encontra.

Em seguida apresentam-se uns poucos de chimicos, leia-se cabelleireiros, que promet-

tem tingir perfeitamente os cabellos brancos; outros que declaram possuir uma pomada para fazer desaparecer da cara, dos braços e do pescoço os cabellos que tão «prejudiciaes são a belleza.»

E se para tudo isso faltar dinheiro, mais abaixo o offerecem 9 honrados usurarios, que garantem a maior segurança e... o maior juro.

*Continua.*

S. H.

## OS LUSIADAS.

*Tradução franceza.*

### LES LUSIADES.

*Continuado de pag. 212.*

#### CHANT 3.<sup>me</sup>

#### ARGUMENT.

Gama dépend au roi l'Europe belliqueuse,  
Les peuples et les mœurs, les pays et les lois;  
Il dit du Portugal l'origine fameuse  
Et du premier Alphonse il vante les exploits.  
Il décrit les combats, l'histoire glorieuse  
De nos plus grands héros, de nos plus nobles rois;  
Et le trépas d'Ignez suivi de la vengeance;  
Et du faible Fernand la coupable indolence.

#### 1.<sup>re</sup> OCTAVE.

Viens élever ma voix sur un plus noble ton,  
J'implore o Colhope une force nouvelle!  
Daigne guider mes pas errants sur l'Helicon,  
Rends mes accents divins et ma lyre immortelle!  
Et puisse à l'avenir l'inconstant Apollon  
Soumis par tes accords te demeurer fidèle,  
Et de toi seule épris, par toi seule entraîné  
Oublier à jamais et Clytie et Daphné.

#### 2.

Tu connais mes desirs et la gloire où j'aspire  
O Muse, accorde moi tes célestes secours!  
Que la posterité, que l'univers admire  
Le peuple auquel le ciel a consacré mes jours;  
Que le Tage orgueilleux de baigner cet empire  
Puisse aux eaux d'Aganippe entremêler son cours;  
Viens, si tu ne crains pas que ma voix ne surpasse  
Les sons, chers à ton cœur, du chantre de la Thrace!

#### 3, 4, et 5.

Déjà les africains attendent en suspens  
Le récit du guerrier de la Lusitanie;  
Le héros lit déjà dans leurs regards ardents  
Le desir curieux dont leur âme est remplie:  
«O monarque, dit-il, tu le veux, j'entreprends  
De parler devant toi de ma noble patrie,  
Trop heureux de pouvoir rappelant mon pays,  
A ses faits brillants consacrer mes récits.



6.

Entre la froide zone où la terre est livrée  
 À d'éternels frimas, aux glaces du sommeil,  
 Et la zone brûlante en tous temps dévorée  
 Par les feux tout puissants du temple du soleil  
 Gît la superbe Europe. On la voit entourée  
 Vers le septentrion et l'occident vermeil  
 Par l'immense océan ; et la mer italique  
 La sépare au midi de l'empire d'Afrique.

7.

Le sol européen s'avance à l'orient  
 Jusqu'au fleuve qui sort des monts de la Scythie,  
 Dont les flots orgueilleux tracent en serpentant  
 Dans ces climats déserts les confins de l'Asie ;  
 Et jusqu'à l'Helléspont superbe et bouillonnant,  
 Lieu cher à la valeur, cher à la poésie,  
 Mais qui ne garde hélas de l'antique Ilion  
 Qu'un faible souvenir que rappelle son nom !

8.

On voit paraître au nord sous les glaces du pôle  
 Les Hyperboréens que protège Apollon  
 Et ces monts en tous temps dominés par l'éole  
 Et par les vents fougueux dont ils prennent le nom.  
 Dans ces tristes climats, que la froi leur désole,  
 Le soleil faiblement darde un pâle rayon,  
 Et malgré les efforts de ses vagues profondes  
 L'Océan en glaçons voit convertir ses ondes.

9.

Ces bords sont habités par le scythe indompté  
 Peuple fier et nombreux, amoureux de la guerre,  
 Auquel les fils du Nil jadis ont disputé  
 L'honneur qu'il réclamait d'avoir peuplé la terre.  
 O mortels orgueilleux de votre antiquité  
 Et privés du flambeau dont le feu nous éclaire  
 Écoutez pour finir vos fastueux débats  
 La voix qui vous répond des plaines de Damas !

10.

On trouve en ces climats l'île des Scandinaves,  
 Les sauvages Lapons et les Norvégiens ;  
 Vainqueurs de l'Italie ils ont eu pour esclaves  
 Ceux dont tout l'univers a subi les liens.  
 Là, pendant que la mer libre de ses entraves  
 N'oppose point d'obstacle aux courses des marins,  
 Tous ces peuples si fiers de leur valeur antique  
 Naviguent sur les bords de la froide Baltique

11.

Au delà de ces mers jusques au Tanais  
 Les fils de la Pologne et de la Moscovie,  
 Sarmates, Esclavons, habitent ces pays  
 Farouches possesseurs des forêts d'Hercynie.  
 Non loin on découvre tous les peuples amis  
 À l'empire allemand ; la belle Pannonie  
 Et la riche Bohême et tous les bords, enfin,  
 Que parcourent des eaux du Danube et du Rhin.

12.

Entre l'Istre lointain et cette mer fameuse  
 Qui de la triste Hellé rappelle le trépas,  
 Vit une nation robuste, courageuse,  
 Sur un sol protégé par le dieu des combats.  
 Là régnent du croissant la troupe belliqueuse ;  
 Le Rhodope, l'Hémus sont couverts de soldats,  
 Et les murs de Bysance attestant leur victoire  
 Ont du grand Constantin oublié la mémoire.

13.

Plus loin sont les pays qu'arrose de ses eaux  
 L'Axius toujours froid, et toi sublime Grèce  
 Dont le puissant génie et les heureux travaux  
 S'élèvent au dessus de l'humaine faiblesse ;  
 Fertile en demi dieux, en chantes, en héros  
 Séjour de la valeur, berceau de la sagesse  
 Tu, dont l'esprit divin qui nous enflamme encor  
 Vers le ciel autrefois prit un si noble essor !

14.

Pres des murs d'Antenor on voit avec surprise  
 Dans des lieux autrefois possédés par les eaux  
 Au sein même des mers, la superbe Venise  
 Lever son front altier couronné de roseaux  
 Ainsi la vaste mer que la terre a soumise  
 Obéit aux efforts de ces peuples nouveaux,  
 Enfants dignes encor de la noble contrée  
 Dans les fastes du monde à jamais célébrée.

15.

Les Alpes et Neptune un trident à la main  
 Embrassent les contours de la belle Italie ;  
 L'œil découvre au delà du sauvage Appennin  
 Cette ville que Mars a jadis tant chérie ;  
 Soumis aux successeurs du Pontife divin  
 Ses peuples ont perdu leur antique énergie,  
 Et Dieu même aux humains prêchant l'humilité  
 A brisé leur pouvoir jadis si redouté.

16.

Vois cette nation qui pourrait être vaine  
 D'avoir eu pour vainqueur le plus grand des romains ;  
 Son sol est arrosé par le Rhone et la Seine,  
 La Garonne et le Rhin coulent sur ses confins ;  
 Vois le tombeau fameux de la nymphe Pyrène  
 Qui sépare ses bords des bords ibériens.  
 Jadis, dit-on, la flamme embrasant ces montagnes  
 De fleuves de métaux inonda les campagnes.

17.

Terminant en ces lieux le sol européen,  
 Enfin l'on aperçoit la superbe Ibérie  
 Qui trop souvent en butte aux rigueurs du destin  
 Des peuples conquérants éprouva la furie.  
 Vainement l'étranger a déchiré son sein,  
 Le sort en la trappant ne l'a jamais lâchée ;  
 Et mille fois ses fils nobles et belliqueux  
 Ont lavé dans le sang l'affront de leurs aïeux.

18.

Cette terre s'étend vers le rivage maure ;  
 On la verrait toucher à l'empire africain  
 Sans le détroit fameux qui se rappelle encore  
 Le dernier des travaux du demi-dieu thébain  
 L'océan lui-même se hâte et l'Espagne s'honore  
 Du nom des nations qui vivent dans son sein,  
 Avides des lauriers que donne la victoire  
 Ravies de la valeur et triades de gloire

19.

Vois le terragonais porter ses étendards  
 Jusqu'à l'arche sainte qu'écroule le vent d'ouest,  
 Le noble asturien dont les fameux remparts  
 Ont de l'ismaélite arrêté la puis-sance,  
 Le castillan surtout, qui bravant les hasards,  
 Sut des peuples voisins vaincre la résistance,  
 Seigneur d'un vaste empire, il soumet à son nom  
 La Gallice, Navarre, et Grenade et Leon.

Là s'élevant au haut d'une si noble tête  
L'empire de Lusos couronne l'univers  
Aux bords de l'océan où le soleil s'arrête,  
Lieux où finit la terre et commencent les mers.  
Le ciel même a ravi cette illustre conquête  
Au cruel musulman qui l'accablait de fers,  
Et les fils de Lusos fiers de cette assistance  
Ont jusque dans l'Afrique apporté la vengeance.

## 21.

Ces rivages chéris sont ceux où je suis né;  
Ah! puisse-je remplir l'espoir de ma patrie,  
Et quand j'aurai revu ce pays fortuné  
Expirer sur les bords où j'ai reçu la vie!  
Lusos, qui les peupla jadis, leur a donné  
Le nom, fameux depuis, de la Lusitanie;  
Compagnon de Bacchus, on dit que ce héros  
Portagea ses exploits et suivit ses travaux.

Continúa.

## TUMULO DE DONA VETAÇA.

No centro b'om do templo, e levantado  
Mais que os outros, um tumulo se ostenta;  
De mais soberbos symbols ornado  
Ans enlevados Lusos se apresenta;  
De alabastro finissimo lavrado  
Femil busto a magestade anzenta,  
E diz que illastre cinza ahi se encerra,  
(Se é nobreza o que é cinza, e escura terra!)  
MACEDO — O Oriente — Canto V, Est. 43.

No cruzeiro da gothica, e magestosa cathedral, que descrevemos<sup>1</sup>, ao lado do evangelho, mettido numa capellinha, a modo de altar, ao pé do tumulo do Bispo D. Egas Fales<sup>2</sup>, fica o de Dona Vetaça.

Representa um quadrilongo de marmore; na face anterior viam-se<sup>3</sup> noutro tempo hoje apenas vestigios — uns escudos redondos, cada um com uma agui real de duas cabeças<sup>4</sup>, em campo de ouro, com este epitaphio:

Aqui jaz Dona Bataça, neta do imperador da Grecia<sup>5</sup>.

Na face superior observa-se a estatua da preclarissima princeza, de grandeza descomunal, vestida de habitos religiosos, a cabeça sobre uma almofada, sustentada por dois anjos, e os pes contra um leão.

<sup>1</sup> Num. 14 do Instituto. — vol. V.

<sup>2</sup> Succedeu ao bispo D. Tiburcio, de que tractámos no num. 3. do Instituto — vol. IV; do tumulo de D. Egas falaremos em outra occasião.

<sup>3</sup> As armas do Imperador e uma Aguiã preta de duas cabeças em campo de ouro, em memoria da de Julio Cesar, e da união do império oriental, e occidental. (Carte na aldea de Francisco R.drigues Lobo — dialogo II) — Veja-se Nobiliarchia Portugueza de Villas Boas — cap. 22.

<sup>4</sup> Gasco — Antiquidades de Coimbra — cap. XXVI.

Em vão olhos curiosos pretenderão encontrar neste funebre monumento primores do cinzel; se os houve, anniquilou-os a acção do tempo, ou a mão do homem, ás vezes mais devastadora do que elle<sup>1</sup>; porém a breve narração dos illustres feitos da piedosa infanta, por ventura, excitara o interesse, que não inspiram as lages amarelladas, o vulto gigantesco e os brasões carecidos.

Foi esta senhora filha de Guilhelmo, conde de Vintemilha, e da mui mui pobre dona Lascara, infanta da Grecia<sup>2</sup>.

Veio, por casos adversos, de Italia a Aragão d'Aragão a Portugal, com a rainha Sancta Isabel, que a fez aia de seu filho, o infante D. Affonso, depois rei IV do nome<sup>3</sup>.

Acompanhou a Castella a rainha D. Constança, filha d'el-rei D. Diniz, como sua camareira mor, quando celebrou as bodas em Alcanis com D. Fernando IV, rei de Castella, que lhe deu a villa de Pedrassa<sup>4</sup>.

Foi tutôra dos infantes D. Pedro, e D. João, por a mandar a rainha D. Constança, que falleceu em Selagum.

Diz Resende<sup>5</sup>, que dona Vetaça preparára, á sua custa, uma poderosa armada, com que fôra tomar uma fortalecida villa, juncto de Sines, em dia de S. Thiago, deixando morto o seu rei Cassé, e que d'aqui se ficara chamando aquella terra S. Thiago de Cassem.

Não é verdadeiro o facto. Sendo começada a conquista do Algarve, por el-rei D. Sancho I, em 1189<sup>6</sup>, com a empreza de Silves, de que esteve de posse até 1191, e instaurada por el-rei D. Sancho II<sup>7</sup>, veio, por ultimo, a concluir-a el-rei D. Affonso III em 1230, parecendo, então, de todo o dominio dos mouros em Portugal<sup>8</sup>.

Por conseguinte já não tinha dona Vetaça taes inimigos a combater.

Casou em 1283 com D. Martin Annes, fidalgo muito illustre d'aquelles tempos, de quem não teve successão.

Morreu, cheia de boas obras, a vinte e um de abril de 1336, deixando muita fazenda, e grossas rendas ao cabido da sé cathedral de Coimbra.

R. DE GUSMÃO.

<sup>1</sup> Les Arts en Portugal — pag. 463.

<sup>2</sup> E este o nome, com que Dona Vetaça designa sua mãe em seu testamento, documento curioso, que tivemos occasião de ver no cartorio do cabido da Sé de Coimbra; sendo para notar, que Brito, na Monarchia Lusitana, e Sancta Maria, no Ano Historico, lhe dão o nome de Irene. — Nós tambem escrevemos Vetaça, porque assim se lê no documento citado; Gasco escreve Bataça, e Castro (Mappa de Portugal) Balaza.

<sup>3</sup> Ann Historico — Tom. I — pag. 496.

<sup>4</sup> Gasco — l. cit.

<sup>5</sup> De Antiquit. Lus. L. 4.

<sup>6</sup> Historia de Portugal — por A. Herculanio — Tom.

2 — Liv. 3.<sup>o</sup>

<sup>7</sup> Idem. Liv. 3.<sup>o</sup>

<sup>8</sup> Idem — Tom. 3.<sup>o</sup> Liv. VI.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

#### RELATORIO ANNUAL.

1855—1856.

Senhor!—Na conformidade do T. 3.º cap. 2.º, art. 40, do decreto regulamentar de 10 de novembro de 1845, tem o conselho superior de instrução pública a honra de fazer subir á real presença de V. M. o relatório geral da instrução pública a seu cargo no anno lectivo de 1855 a 1856.

Não desconhece o conselho que o trabalho offerecido á elevada consideração do governo de V. M. é imperfeito; mas a imperfeição que 'nelle ha, não corre por conta do conselho, que, a despeito de todos os esforços empregados, jámais tem podido conseguir de muitos dos seus delegados a remessa, no prazo legal, dos relatórios e mappas estatísticos dos estabelecimentos e escholas annexas, que lhes estão confiados. Entende porém o conselho superior que tamanha falta pôde ser remediada, se V. M., attendendo benevolmente ao que tem sido exposto e ponderado nos relatórios annuaes anteriores, e na consulta de 17 de janeiro de 1854, fôr servido ordenar que as conferencias do conselho geral, prescriptas no tit. 2.º, cap. un. e art. 21 do regulamento de 10 de novembro de 1845, sejam reduzidas unicamente á do mez d'abril; porque então, recolhidos todos, ou quasi todos os elementos e dados estatísticos, facil será elaborar um relatório completo, no qual o governo de V. M. não só veja a verdade e exactidão dos factos, e as necessidades experimentadas 'neste ramo de administração, mas tambem fique habilitado para providenciar ácerca da instrução pública, como melhor entender em sua alta sabedoria. Entretanto o conselho, com os poucos elementos e dados, que ora tem á sua disposição, cumprindo o que a lei lhe determina, será fiel na exposição dos factos, e franco em pedir ao sabio governo de V. M. quaesquer medidas e providencias conducentes ao melhoramento e progresso das sciencias e das lettras.

Conforme a portaria circular do ministerio do reino do 1.º d'outubro de 1849, divide-se este relatório—em direcção e inspecção—em instrução primaria—em instrução secunda-

ria—em instrução especial—e finalmente em instrução superior.

#### *Inspeção e direcção.*

Ao conselho superior pertence a inspecção e direcção de todos os estabelecimentos de instrução, com a exclusão sómente da eschola polytechnica, da do exercito, e da eschola naval de Lisboa, e dos seminarios episcopaes. O pessoal do conselho, compõe-se de um vice-presidente, que é o prelado da Universidade, de 8 vogaes ordinarios, cujo numero esta completo por ter sido despachado pelo decreto de 4 de novembro de 1856, para o lugar vago do dr. José Manuel de Lemos por sua elevação ao episcopado, o dr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz, e dos vogaes extraordinarios. O pessoal provisorio da secretaria, consta d'um secretario geral, de um official maior, de 4 officiaes ordinarios, de um continuo, e de um porteiro.

Este pequeno numero de empregados desempenhou com intelligencia, regularidade e zelo o pesado trabalho que lhe foi incumbido pelo conselho, e é este mais um motivo para que novamente este conselho peça a V. M. a graça de tornar effectivo o decreto de 28 de novembro de 1853, que estabeleceu os ordenados, e a distribuição dos emolumentos d'estes empregados, a fim de os não tornar inferiores aos empregados de igual categoria.

Fizeram-se regularmente no anno lectivo findo, as conferencias do conselho ordinario, e bem assim as das suas trez secções, como consta das actas enviadas no fim de cada mez ao governo de V. M.; resolveram-se, e expediram-se muitos negocios, alguns dos quaes foram levados ao conhecimento de V. M.

Não pôde ter lugar no mez d'abril do corrente anno, a conferencia ordinaria do conselho geral, ordenada no art. 21 do regulamento d'este conselho, pelas razões expendidas ao governo de V. M. na consulta de 30 d'esse mez. Celebrou-se porém em 31 d'outubro ultimo, a conferencia ordinaria do conselho geral, expondo 'nella cada um dos secretarios o estado da instrução das suas respectivas secções, e não havendo quem apresentasse memorias, ou quaesquer outras peças litterarias para serem discutidas e apreciadas pelo conselho, encerrou-se a sessão.

O conselho superior, desceando remover a causa principal do atraso da instrução primaria entre nós, a falta de escolas de ensino elemental, sem contudo sobrecarregar o thesouro publico, cujas apuradas circumstancias, não permittiam a despeza necessaria com a creação d'aquellas escolas, depois d'offerecer este objecto á consideração de todos os seus vogaes ordinarios e extraordinarios; elaborou um projecto de lei que elevou á augusta presença de V. M. em consulta de 10 de março de 1852, acompanhada de todas as propostas, que por essa occasião foram apresentadas e discutidas.

Em junho do mesmo anno o governo de V. M., reconhecendo aquellas e outras necessidades do ensino primario, offereceu em côrtes outro projecto de lei sobre a reforma da legislação da instrução primaria. A commissão d'instrução pública da camara electiva deu com effeito o seu parecer na sessão de 19 de julho de 1855, mas ficou pendente de discussão. Ultimamente o governo de V. M., pelas portarias de 20 de setembro, e 18 de outubro de 1856, mandou remetter ao conselho superior não só o projecto que este lhe enviara em 1852, mas tambem o do governo, e os pareceres da commissão d'instrução pública da camara electiva, apresentados em 1853, e 1854, ordenou que sendo tudo examinado e maduramente pensado, organisasse nova proposta de lei, que chegasse a tempo de ser presente na camara dos deputados, assim que ella se constituísse.

Tão grave e transcendente trabalho commettido ao conselho superior, levou-o a fazer o objecto de discussão na sua conferencia geral, mas, como 'nessa occasião não comparecesse pessoa alguma além dos vogaes do conselho, deliberou publicar no periodico *O Instituto* as bases ultimamente apresentadas pela commissão da camara electiva, e convidar pela imprensa periodica da cidade todos os homens competentes a tomar parte 'naquelle trabalho, remettendo-lhe por escripto as suas idéas ou expondo-as em sessão do conselho, como lhe fosse mais opportuno. Depois de maduro exame feito aos projectos de lei, remettidos como as portarias acima referidas, e com o intuito de obviar inconvenientes, tantas vezes ponderados, e de libertar d'alguma maneira a fazenda publica do pesado encargo da sustentação das escolas existentes, e das que devem ainda ser creadas em relação ás necessidades do ensino, tem o conselho a honra de apresentar á sabia deliberação de V. M. o projecto de lei n.º 1.

O movimento da secretaria do conselho consta do mappa n.º 1.

Sempre com grande dissabor é que o conselho se vê forçado, na conformidade do art. 7 da portaria do ministerio do reino de 10 d'agosto de 1848, a levar ao conhecimento do governo de V. M. a relação d'aquelles dos seus delegados, que não remetteram ainda á

secretaria d'este tribunal os seus relatorios; e os mapps dos professores publicos e particulares: taes são todos os que vão mencionados no mappa n.º 2. A maior parte dos professores d'instrução primaria e secundaria enviaram os seus mapps, faltando muito poucos. Têm entrado na secretaria alguns mapps de professores particulares

#### *Instrução primaria.*

A instrução primaria essencialissima a todo o homem constituído em sociedade, qualquer que seja o seu destino, pois sem ella não pôde ser bom cidadão, util a si e aos outros, tem entre nós alargado os seus dominios com a acquisição de cadeiras, feita nos dous ultimos annos. Tem continuado a creação d'estas tanto para o sexo masculino, como para o feminino. Desde novembro de 1855, em que foi elevado o ultimo relatorio ao conhecimento de V. M. atégora, tem sido creadas 88 cadeiras. (Mappa n.º 3).

Se o numero não satisfaz ainda plenamente ás exigencias da instrução; se os desejos constantes do conselho superior, tendentes a confraternizar-se a parochia e a escola, ainda não estão cumpridos, é de esperar que o sejam em breve, por effeito da paternal sollicitude, e estrenado zelo de V. M., em promover este ramo, o mais importante da instrução publica. Lastima-se, porém, o conselho de não poder dizer o mesmo a respeito d'outros elementos igualmente indispensaveis ao systema do ensino primario.

A habilitação dos professores não tem melhorado, nem o poderá ser sem o auxilio das escolas normaes. Ainda se acha sem acção a de Belem; e para obter a população necessaria ao provimento das escolas, que ordinariamente vagam em cada anno, é mister que se criem mais escolas normaes. Não podendo o conselho pôr muita confiança nas povoações grandes, ricas e populosas, em que o alumno mestre se acostuma a ver, e a experimentar muitos commodos da vida, e assim se inhabilita para a modesta vida do professor de uma aldeia, repete por esta occasião o conselho o pensamento já por vezes offerecido á alta intelligencia de V. M., de se criarem outras escolas normaes, junto a professores de reconhecida e provada aptidão, e dedicação pedagogica, em que na qualidade de ajudantes se exercitassem alumnos-mestres.

A despeza d'estas escolas será incomparavelmente menor, porque a modica gratificação ao professor, e as subvenções aos alumnos, pouco augmentarão as despesas publicas. A inspecção das escolas é que se acha muito mal organizada.

Os commissarios dos estudos, a quem a lei a tem commettido, sendo ao mesmo tempo reitores dos lyceus, não podem exercer a vigilancia, que exige uma administração confiada a professores, que precisam ser instrui-

dos no methodo do ensino mais difficil que ha na instrucção publica. A missão de professor primario é melindrosa e difficil. Acresce ainda á difficuldade trazida pelo cargo de reitor a circumstancia de serem quasi todos os commissarios professores nos lyceus. E quando o zelo e dedicacão propria venceisse aquellas difficuldades, o tenuissimo ordenado de 120\$000 réis não pôde fazer face ás despesas das visitas. Julga pois o conselho indispensavel organizar um systema de inspecção, como hoje existe em outras nações, ou pelo menos decretar a incompatibilidade das funções de commissario e professor, e estabelecer gratificações para as despesas das visitas. Este systema d'inspecção, auxiliado por commissões permanentes gratuitas juncto a cada escola, poderá adoptar-se por mais economico, como ensaio da fiscalisação no serviço do ensino popular.

São 1:379 as escolas actuaes d'insrucção primaria, como consta dos mappas, n.º 4, 5 e 6, em que vão designadas as especies, com relação aos sexos, e ás localidades a que pertencem. O numero dos alumnos que frequentaram foi de 55:451, sendo a despeza que o Estado fez com cada alumno de 1\$843 réis. As escolas ou collegios pelas camaras municipaes, junctas de parochia, confrarias, legados e chefes de familia, entrando algumas gratuitas, são do sexo masculino 335, e do feminino 114. O numero dos alumnos, que as frequentaram vê-se do mappa n.º 7.

O exercicio das escolas correu regularmente em todo o anno lectivo: os professores cuidaram geralmente de cumprir o seu dever, segundo as informações havidas das auctoridades competentes.

Se é em geral, lisonjeiro o estado litterario e moral dos professores, não succede o mesmo a respeito do estado material das escolas. Estas, pela maior parte estão collocadas nas casas dos professores: as camaras municipaes não se tem prestado a subministrar os utensilios proprios a cada uma d'ellas, apezar de requisitados pelos professores; e tendo os governadores civis recebido do conselho superior ordens terminantes, para fazerem compellir as camaras a executarem o art. 2 do decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850, pela maior parte acham-se ainda por cumprir estas beneficas disposições.

Têm sido vendidas algumas casas pertencentes a bens nacionaes, e em que já estavam collocadas escolas publicas, como por exemplo, no districto do Funchal, o que obrigou o conselho a pedir a V. M. providencias na consulta de 20 de novembro de 1855.

Sem as escolas estarem collocadas em edificios publicos, a inspecção sobre a policia e economia interna não pôde ser efficaz: assim o reconheceu o decreto de 20 de novembro 1844, e de 20 de dezembro de 1850.

Tal é, Senhor, o estado da instrucção primaria, que debaixo do sabio e illustrado governo de V. M., não pôde deixar de prosperar, e tanto mais, quanto V. M. acabando de crear juncto aos reaes paços das Necessidades e de Mafra, escolas d'ensino primario, dá á nação Portugueza e ao mundo, uma prova do desejo que V. M. tem pelo augmento e progresso da instrucção elemental, garantia a mais segura da felicidade de uma nação.

#### *Instrucção secundaria.*

Estão constituidos todos os lyceus nacionaes, mas nem todos estão ainda collocados em edificios publicos. As cadeiras existentes nos lyceus e fóra d'elles, no anno lectivo de 1855 a 1856, foram 250; e o numero dos alumnos que as frequentaram 4:576. Mappas n.º 8 e 9. Custou cada alumno ao Estado 14:883 réis.

Pelos relatorios, até hoje recebidos, dos commissarios dos estudos e reitores dos lyceus nacionaes do reino e ilhas, vê-se que n'elles não tem diminuido a frequencia dos alumnos, tendo sido esta em geral feita com aproveitamento, e procurando tambem os professores pela sua parte desempenhar com zelo as funções do magisterio.

Entre as requisições feitas nos mencionados relatorios, por parte dos conselhos dos lyceus, julga o conselho superior de instrucção publica duas muito dignas de attenção. É a primeira, a necessidade da promulgação de um regulamento geral dos mesmos lyceus, onde se fixem bem claramente as obrigações dos professores e discipulos, tendentes ao aperfeiçoamento litterario e moral d'aquelles estabelecimentos. É a segunda, a promulgação de uma medida, que uniformize o ensino secundario, por meio de compendios que sejam os mesmos para todos os lyceus, e approvados pelo governo de V. M.

Sobre estas duas medidas já o conselho superior por vezes tem tido a honra de expor a V. M. o seu parecer, e nomeadamente nas suas consultas de 26 de abril de 1853, 27 de junho de 1856, de 15 de junho de 1852 e 18 de março de 1853.

O conselho do lyceu nacional de Lisboa, renova o seu pedido sobre a melhor collocação das suas secções, objecto sobre o qual tambem este conselho consultou a V. M. nas suas consultas de 8 de junho de 1855, e de 10 de outubro de 1856. Pede que se criem duas cadeiras de geometria nas duas secções, que as não têm, e tambem cadeiras de principios de physica e chimica, e de introdução á historia natural dos trez reinos da natureza.

Por estarem em exercicio no ultimo anno lectivo as cadeiras de principios de physica e chimica, e de introdução dos trez reinos da natureza dos lyceus nacionaes de Coimbra, Lisboa e Porto, se mandou annunciar por edital publicado no Diario do Governo n.º 105, de

5 de maio de 1856, que era chegado o prazo de se dar execução ao disposto no art. 6 da carta de lei de 12 de agosto de 1854; e 'nesta conformidade foi no presente anno lectivo considerado como preparatorio obrigado para a matricula, nos estabelecimentos de instrucção superior, o exame d'aquellas disciplinas.

Tambem já foi provida a cadeira das mesmas disciplinas do lyceu nacional de Ponta Delgada: e tracta-se do concurso das de Braga, creada por decreto de 3 de setembro, e d'Angra do Heroismo, creada pelo de 4 de novembro de 1856; e finalmente se acha aberto concurso para o provimento da 5.ª e 6.ª cadeira do lyceu de Viana na conformidade da real resolução de V. M. de 27 de setembro ultimo.

O conselho remetteu novamente ao governo de V. M. o projecto de regulamento para o exercicio de uma cadeira de pilotagem no lyceu nacional d'Angra, representando ao mesmo tempo a conveniencia de serem estabelecidas taes cadeiras nas ilhas dos Açores. Propoz a criação de mais um lugar de continuo no lyceu nacional de Coimbra, e de um porteiro na academia das bellas artes de Lis-

boa. Propoz tambem que se approvassem, e continuassem a observar os regulamentos provisorios para a officina de estamperia e lithographia da academia de bellas artes de Lisboa; bem como os regulamentos para as conferencias, e sobre a administração das despesas da mesma academia.

Tendo o prelado da diocese de Lamego representado a necessidade de ser provida a cadeira de rhetorica, e creada uma de francez 'naquella cidade, o conselho informou o governo de V. M. em consulta de 17 de outubro ultimo, de que não podia ter logar a pretensão, em vista do art. 56, II do decreto de 20 de setembro de 1844, sem que fossem decretadas pelas côrtes taes cadeiras, que alias se tornam de grande necessidade 'naquellas cidades ou villas, em que houver seminarios sem haver lyceus, como succede em Lamego.

Para provimento e exercicio das cadeiras de economia industrial e escripturação, nos lyceus, tracta o conselho de elaborar, para serem submettidos á real approvação de V. M., os competentes regulamentos.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da direcção da sociedade dos banhos de Luso, apresentado á assembléa geral dos accionistas, no 1.º de janeiro de 1857.**

Continuado de pag. 222.

*Estatística medica dos banhos de Luso em 1856.*

MOLESTIAS	Total dos banhistas	SEXO		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhorados	No mesmo estado	Resultado desconhecido
Papulas . . . . .	8	1	7	1	1	»	6
Fogagem . . . . .	45	16	29	»	18	»	27
Coceira . . . . .	24	7	17	»	11	»	13
Escamas . . . . .	1	1	»	»	1	»	»
Lepra . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Psoriasis . . . . .	8	3	5	»	1	»	7
Caspa . . . . .	3	»	3	»	»	»	3
Ictiosis ou pelle de peixe . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Maculas . . . . .	30	11	19	»	9	»	21
Ephelides . . . . .	13	6	7	»	»	1	12
Bortoeja . . . . .	8	2	6	»	5	»	3
Purpura ou tabardilho . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Erythema . . . . .	5	2	3	»	1	»	4
Erysipela chronica . . . . .	14	1	13	»	1	7	6
Bolhas . . . . .	3	1	2	»	1	»	2
Rupia . . . . .	2	1	1	»	1	»	1
Herpes . . . . .	267	131	136	5	76	3	183
Miliaria . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Pustulas . . . . .	4	3	1	»	1	»	3
Empingens . . . . .	138	56	82	4	38	1	95
Ozagre . . . . .	5	1	4	»	2	»	3
	572	245	337	10	167	12	391

MOLESTIAS	Total dos ba- nhistas	SEXO		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhora- dos	No mesmo estado	Resultado desconhe- cido
Transporte . . . . .	572	245	337	10	167	12	391
Tinha . . . . .	6	»	6	»	2	1	3
Sarna . . . . .	14	8	6	»	6	»	8
Lupus exanthematico . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Elephantiasis dos Gregos . . . . .	33	8	25	»	8	4	21
Elephantiasis dos Arabes . . . . .	2	»	2	»	»	»	2
Angina chronica . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Gastrite chronica . . . . .	5	1	4	»	»	»	5
Interite chronica . . . . .	6	3	3	»	1	»	5
Hepatite chronica . . . . .	2	2	»	»	»	»	2
Ophtalmia chronica . . . . .	22	8	14	»	4	»	18
Otite chronica . . . . .	2	»	2	»	»	»	2
Rheumatismo articular chronico . . . . .	56	21	35	1	19	6	30
Rheumatismo articular chronico — ephelides . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Rheumatismo articular chronico — herpes . . . . .	3	2	1	»	2	»	1
Rheumatismo articular chronico — ophtalmia chronica . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Rheumatismo articular chronico — hemorrhoidas . . . . .	3	1	2	»	»	»	3
Sciatica . . . . .	1	1	»	»	1	»	»
Hypocondria . . . . .	1	1	»	»	1	»	»
Cephalalgia . . . . .	2	»	2	»	»	»	2
Gastralgia . . . . .	3	»	3	»	»	»	3
Gastralgia — surdez . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Vertingens . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Hemiplegia . . . . .	1	1	»	»	»	1	»
Hemiplegia — empingens . . . . .	1	»	1	»	»	1	»
Paralysis incompleta das extremi- dades . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Paralysis incompleta das extremi- dades superiores . . . . .	2	1	1	»	»	»	2
Paralysis incompleta das extremi- dades inferiores . . . . .	6	1	5	»	»	»	6
Hemorrhoidas . . . . .	22	15	7	»	3	»	19
Hemorrhoidas — ophtalmia . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Hemorrhoidas — rheumatismo . . . . .	1	»	1	»	1	»	»
Hemorrhoidas — amaurose . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Hemorrhoidas — maculas . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Hemorrhoidas — erythema . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Hemorrhoidas — herpes . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Hemorrhoidas — empingens . . . . .	4	4	»	»	2	»	2
Leucorrhea . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Papeira . . . . .	1	1	»	»	»	1	»
Espinha ventosa . . . . .	3	2	1	»	»	1	2
Gota — fogagem . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Phleimão . . . . .	2	1	1	»	2	»	»
Phleimão — hemorrhoidas . . . . .	2	1	1	»	»	»	2
Ulceras atonicas . . . . .	12	7	5	»	»	4	8
(Pessoas que tomaram banhos com fins hygienicos . . . . .	246	147	99	»	»	»	246
Pessoas que tomaram banhos sem motivo averiguado) . . . . .	387	166	221	»	»	»	387
Continúa.	1447	653	794	11	219	31	1186

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO.

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 211.

X. Depois que o trabalho e a justiça elevaram a república a tal auge, tendo pelas armas domado grandes reis; subjugado a força nações ferozes e numerosos povos; arrastado até aos alicerces Carthago, a rival do imperio romano; e aberto ao seu poder todos os mares e terras: entrou a fortuna a flagellar-os, e a desordenar o estado. Aquelles, que sabiam supportar trabalhos, perigos, lances e rigores da sorte, estes mesmos succumbiram desgraçadamente ao ocio, e á opulencia, que não deviam desejar. Brotou, por tanto, primeiro a cobiça das riquezas, depois a de governar; e estes foram os germes de todos os males. A avareza arruinou a boa fé, a probidade e mais virtudes; e inspirou o desprezo dos deuses, e a venalidade. A ambição dos cargos obrigou muitos a ser falsos; a ter uma cousa na bocca, e outra no coração; a avaliar as amizades ou inimizades, não pelo merecimento, mas pelo interesse; e a ter a honra mais na cara, do que na alma. Estes vicios cresceram pouco e pouco, e algumas vezes foram castigados. Depois, quando o contagio lavrou como peste, transtornou-se o estado; e o governo, de justissimo e optimo, tornou-se cruel e intoleravel.

XI. Ao principio occupava os espiritos, mais a ambição, do que a avareza. Aquelle vicio ainda se approximava á virtude; por quanto bons e maos ambicionam egualmente honras, gloria e cargos: mas uns fundam-se em meios licitos; os outros, porque lhes falta o merecimento, empregam dolos e intrigas. A avareza só procura diaheiro, a que nenhum homem virtuoso dá preferencia: ella, como composta de venenos, enerva o corpo e a alma; é insaciavel, e sem limites; nem o pouco nem o muito a diminuem.

Depois que L. Sylla, tendo restabelecido a república á força de armas, desmentiu com tristes consequencias os seus tão bons principios, o furto, o roubo foi geral: este se apossava d'uma casa, aquelle d'uma terra; o vencedor não conheceu mais, nem moderação, nem modestia, e praticou para com os cidadãos toda a sorte de torpeza e crueldade. A isto accrescia o ter L. Sylla deixado entregar ao luxo e á devassidão, contra a antiga disciplina, o exercito que na Asia commandava, para lhe ganhar a vontade. A amenidade e prazeres d'aquelles sitios amollecerao facilmente no ocio a bravura dos solda-

dos. Foi alli que o exercito romano primeiro se costumou á luxuria e á embriaguez; a admirar, e a roubar, aos particulares e ao público, estatuas, quadros e vasos lavrados; a saquear os templos, e a não respeitar sagrado nem profano. Soldados taes, depois de alcançada a victoria, nada deixavam aos vencidos: e se a prosperidade abala o animo do virtuoso, que muito, que soldados tão corrompidos abusassem da victoria. . .

XII. Depois que a riqueza começou a dar honras, e entraram a acompanhá-la os cargos, a gloria e o valimento; entibiu-se a virtude, aviltou-se a pobreza, e a probidade reputou-se malevolencia. As riquezas fizeram brotar na mocidade o luxo, o orgulho, a avareza, o roubo, a dilapidação, o desprezo do proprio, a cobiça do alheio, a confusão do divino e humano, o desprezo do pudôr e pudicia, a falta de consideração e de moderação em tudo. Depois de vermos essas quintas e palacios, construidos a modo de cidades, é bom observar a simplicidade dos templos, que nossos avós, homens religiosissimos, edificaram á divindade. Elles, porém, ornavam os templos dos deuses com a piedade, e suas casas com a propria gloria; e nada tiravam aos vencidos, senão os meios de tornar a offender. E os d'hoje, por cumulo de baixeza e tyrannia, despojam os alliados d'aquillo mesmo, que os seus maiores, depois de victoriosos, deixavam aos inimigos; como se o dominar fosse praticar injustiças!

XIII. Referirei eu o que só pode ser crível aos que o viram? montes arrasados, mares entulhados por particulares? Para estes, parece, que até as riquezas são objecto de desprezo; porque, podendo fazer d'ellas uso honesto, só se empenhavam no seu torpe abuso. Não era menor a paixão da luxuria, dos lupanares e do luxo. Tambem os homens se prostituíam; as mulheres vendiam em público a sua honra; apparecia nos banquetes o mais exquisito da terra e do mar. O luxo ensinou a forjar necessidades com anticipação; a dormir antes de ter somno; a não esperar fome ou sede, frio ou cansaço. Com taes habitos a mocidade, exhaustos seus patrimonios, entregava-se com ardor aos crimes. Os espiritos inbuidos no vicio não podiam facilmente abster-se dos deleites, antes mais desregradamente procuravam todos os meios de ganhar e despendar.

XIV. Em tão extensa e tão corrompida cidade, Catilina (o que era summamente facil) andava cercado de uma especie de tropa de malvados e facinorosos. Todo o impudico, adultero, glotão; todo o que tinha estragado os bens patrios ao jogo, em prodigalidades, na gula e devassidões; o que se via em extremo individado, para se livrar d'um crime de estupro, ou de qualquer outro; o parricida, o sacrilego, o condemnado judicial-



mente, ou o que temia sel-o por seus crimes; os que viviam de perjúrios e assassínios; todos aquelles, finalmente, a quem punham as maldades, a pobreza e os remorsos, eram os inimigos de Catilina: e se acaso algum, ainda innocente, vinha ter á amizade d'elle, com os seus afagos e tracto quotidiano logo assimilhava e igualava os outros.

Nenhuma amizade preferia Catilina tanto, como as dos mancebos: suas almas flexiveis e edades tenras mais facilmente se deixavam cair nos enganos. Assim, conforme o para que seus gostos e edades propendiam com ardor, a uns dava meretrizes, a outros comprava cães e cavallos; em fim, não poupava despesas nem reputação, para os tornar sujeitos e fieis. Sei ter havido quem julgasse, que a mocidade, que frequentava a casa de Catilina, depunha sem honestidade a pudicícia: mas tal rumor divulgou-se, mais por motivos diversos, do que pela certeza que d'isto houvesse.

XV. Catilina, em moço, offendendo as leis humanas e divinas, commetteu muitos e nefandos estúpos, com uma donzella nobre, com uma sacerdotiza de Vesta, e outros semelhantes; e por ultimo enamorou-se de Aurelia Orestilla, a quem nenhum homem de bem louvava outra cousa, á excepção da belleza. E porque Orestilla duvidava casar com elle, temendo ter um enteado adulto, passa por certo, que, com a morte do proprio filho, Catilina tirara de casa o obstaculo a tão sacrilegas nupcias. Este facto, creio, ter sido a principal causa de elle apressar o exito da conjuração. Sua alma impura, odiosa aos deuses e aos homens, nem de dia nem de noite socegava: tanto o pungia e atormentava a consciencia! Por isso tinha elle pallido o rosto, o olhar feroz, o andar ora apressado ora tardo: trazia retratada no gesto e na physionomia toda a alienação da sua alma.

XVI. De muitos modos adestrava nos crimes os moços, que, como acima dissemos, attrahia com afagos. Emprestava-os para testemunhas falsas, e para furtar firmas; ensinava-os a desprezar a palavra, os bens e os perigos; e depois de ter apagado em suas almas o amor da boa reputação e do pjeo, empregava-os em empresas maiores. Quando não se apresentava occasião de delinquirem, mandava-os comtudo surprender e assassinar os que o tinham ou não offendido; obrigando-os a ser mãos e cruéis, até sem proveito, para que nem os animos nem os braços se desacostumassem do crime.

Confiado 'nestes cúmplices e amigos, Catilina emprehendeu cair sobre a república; e juntamente, porque sabia haver em todas as terras muitas dividas, e que a maior parte dos soldados de Sylla, tendo desbaratado os seus bens, desejavam a guerra civil, ainda lembrados dos antigos roubos e victorias. A Italia sem exercito, Cn. Pompeu fazendo guerra em

paizes remotissimos, Catilina bem esperando de alcançar o consulado, o senado sem desconfiar de nada, tudo seguro, tudo tranquillo: eram circumstancias estas todas favoraveis a Catilina.

*Continua.*

## INFLUENCIA DA REVELAÇÃO DOS CRIMES NA SOCIEDADE.

A antiga accusação judicaria dos crimes, a secreta revelação d'estes, e as funcções do que actualmente se chama o ministerio publico; são tudo materias que se tocam e que entre si têm relações intimas.

A origem da accusação, esconde-se nas trévas do passado, por isso que já entre os hebreus e os egypcios ella estava em vigor. Mas onde principalmente a encontramos, com todo o seu desenvolvimento, e com leis especiaes para a sua realisação, é sem duvida entre os romanos. Ahí os legisladores, fundados no costume dos povos, quizeram favorecer e radicar o louvavel interesse do cidadão para com a segurança da república; protegeram as accusações; honraram mesmo por muitas vezes os accusadores; e o resultado foi todo de vantagem commum, por isso que os crimes eram mais facilmente punidos, e o receio de os commetter mais frequente.

A accusação, nos bons tempos da república, não era uma arma perigosa, como depois a tornou a corrupção dos costumes. Se qualquer individuo, em geral, podia ser accusador, fosse ou não pessoalmente interessado, a sua accusação, comtudo, era pública: para ella tornava-se necessaria a permissão do pretor, pertencendo a este ver se no cidadão se davam os requisitos marcados pelas leis para poder accusar um outro cidadão. Assim as mulheres, os pupillos, os escravos, os libertos em relação aos seus patronos, os declarados infames e ainda outras pessoas<sup>1</sup>, não tinham a liberdade de usar d'este direito; por que os legisladores queriam a perseguição do crime, mas não que esta fosse movida pelo abuso de confiança, pela quebra dos laços de familia, pela perfidia, 'numa palavra, pela immoralidade. Se por um lado o criminoso via em cada cidadão um accusador do seu crime, pelo outro o accusado injustamente sabia que provada a sua innocencia o rigor das leis em vez de pesar sobre elle, recairia todo sobre o calumniador que soffreria a pena d'infamia e a de talhão.

A accusação, portanto, era uma provocação, mas franca e leal, feita a peito desco-

<sup>1</sup> D. de accusation.

herto; podendo ambos os contendentes fazer livremente as suas allegações, e recusar as testemunhas suspeitas. Um romano d'aquelle tempo, orgulhoso da sua liberdade, mal pôde-ria prever que viria um Sylla que julgasse desnecessario punir a calumnia, que depois d'este viriam imperadores que transformassem a accusação publica, honrosa e justa, em revelação secreta, abjecta e execravel.

Mas quando o imperio romano caio, essa accusação publica deixou de ter a antiga importancia; por isso que os barbaros com o seu caracter de independencia, com o seu despotismo militar, com os seus costumes tradicionaes, fizeram nascer uma nova ordem de idéas; esses costumes em face da legislação ordenada dos romanos, estavam como as diferentes seitas pagãs, em relação á ordem e unidade do christianismo.

No principio as instituições de vencedores e vencidos, atropellavam-se, confundiam-se e modificavam-se umas pelas outras, sem mesmo o continuo estado de guerra poder dar muito tempo a legislar de novo, ou a coordenar leis antigas. E quando os barbaros, pouco a pouco, deixaram a sua vida errante, e se fixaram em novos estados, talhados maiores ou menores, segundo a sua força ou ambição: e principalmente mais tarde, quando os reis tornando-se arbitros dos povos, subjugaram o feudalismo e concentraram em si todo o poder, formando as novas nações da Europa: a accusação publica, (salvo para as partes directamente interessadas) deixou de ser um direito de cada cidadão; e ficou pertencendo aos empregados do juiz, ou então ao procurador do soberano, porque ainda que elle devêsse, como o nome indica, conhecer de negocios puramente relativos á pessoa do rei; com tudo, por uma ficção propria da politica d'aquelles tempos, como este representava todos os interesses da sociedade, e como ao direito de vingança particular, tinha succedido o da vingança do soberano; era aos seus officiaes, e principalmente ao seu procurador a quem competia accusar nos crimes publicos. D'aqui facilmente se vê que, pela nenhuma publicidade dos processos, pela summa dependencia do procurador e pelo ganho das confiscações a accusação publica estava bem longe de ser o que a tinha tornado a civilização entre os romanos.

E o que é mais contraditorio ainda é, que se por um lado se coarctava a liberdade de accusar publicamente, por outro, as ordenanças dos reis, começavam a obrigar com penas gravissimas a revelação secreta.

Com tudo, entre nós, se a legislação antiga admittia a revelação, não prohibia a qualquer do povo, em certos e determinados casos, o accusar, como se pôde ver da ord. do liv. V, tit. 117; muito pelo contrario, parece que os legisladores tiveram em vista, pela maior

parte, as disposições romanas. Além disso tambem se estabeleceu a accusação da justiça, em que não havendo parte, um empregado, que a ord. do liv. I, tit. 15 chama Promotor, fazia as suas vezes. As funcções d'este magistrado exerceram-se por muitos reinados, até que a instituição do ministerio publico em França, depois de soffrer muitas mudanças, e de ser reconstituída pela organização imperial de 1808 e 1810, foi recebi-da por nós tambem 'numa nova organização de 16 de maio de 1832, tendo-se seguido depois diferentes modificações pela nova e novissima Reforma, e por decretos especiaes, até chegar ao ponto em que actualmente se acha.

O ministerio publico foi um grande passo dado para a civilização; porque a sociedade vê nos empregados que o compoem os defensores de variadissimos direitos que ella em globo não pôde advogar. E posto que esta instituição tenha tido contradictores, e que muitos julguem que a accusação se devia deixar ao zelo e patriotismo dos cidadãos; deve-se notar, que esse pertendido zelo enfraque-cera de seculo para seculo, ou por expressa prohibição, ou por egoismo e indolencia, ou porque a barbaridade da antiga administração da justiça, fazia com que um individuo qualquer olhasse com horror o ter de compa-recer em juizo, para qualquer acto, ainda mesmo o mais simples.

O ministerio publico, finalmente, pelas suas funcções criminaes, alem de muitas outras vantagens, tem a de garantir a segurança da sociedade, sem esta lançar mão da secreta revelação dos crimes, que, posto alguns codigos admittam, e alguns escriptores defendam tem, com tudo, uma influencia, como pertendo provar, que jámais pôde ser benefica.

*Continúa.*

A. P. COUCEIRO.

## O DIREITO NATURAL

PÔDE TER ALGUM PRESTIMO PARA A INTERPRETAÇÃO DAS LEIS POSITIVAS?

Quasi todos os philosophos, e (o que mais é) muitos juriconsultos consideram o direito natural como subsidio indispensavel para a interpretação das leis.

Como esta idéa sôbre falsa não parece mui nociva aos progressos das sciencias philosophicas, e á solidez da jurisprudencia, temos por conveniente combatel-a.

O direito natural dá-nos conhecimento do direito e do estado como verdade eterna descoberta pela razão pura. Nada tem que ver com

as leis, usos e instituições recebidas pelos povos. O seu unico criterio é a razão.

O direito positivo dá-nos o conhecimento do direito e do estado, como verdades historicas. Aqui não nos cumpre indagar o que deve ser, mas tão sómente o que é, tomando por criterio unico, a auctoridade do legislador. No seu estudo tem grande parte a intelligencia como faculdade relativa, mas não a razão como faculdade absoluta<sup>1</sup>.

Sendo assim diversos os objectos e os criterios das duas sciencias não pôde passar por legitima a intervenção d'uma no dominio da outra. E mister que cada qual se conserve no seu campo: tiral-as de lá é reproduzir o empirismo da escola historica, e os delirios da escola philosophica.

O que deve fazer o advogado quando aconselha as partes, e o juiz quando sentença os seus pleitos? Não deverão examinar as leis do paiz para decidirem por ellas os casos occorrentes?

O que manda a lei? Eis a questão que se propõe o juriconsulto. O que deve a lei mandar? Eis o que pergunta e decide o philosopho. As questões são tão differentes no objecto, nos meios de solução e nos resultados, que a decisão d'uma é inutil para a da outra.

Os nossos antagonistas dizem que as leis positivas devem presumir-se conformes com os principios eternos do justo; que estes foram a fonte de que deviam manar aquellas; e que por isso o direito natural deve ter na interpretação do positivo o mesmo uso—pelo menos—que a historia da legislação.

De bom grado concedemos que o legislador se conformasse com as idéas elevadas da justiça absoluta segundo lh'o permitisse o alcance do seu espirito. Assim, a antiguidade admitindo a escravidão, pensava como Aristoteles que tal estado se harmonisava com as leis da natureza: os codigos penaes dos seculos passados adoptavam como justo o principio do terror. Mas d'aqui o que se segue? É que devemos examinar o que é que o legislador reputava como justo. Este exame porém é uma investigação historica, e nunca um estudo philosophico: pertence á sciencia do que foi, não á do que deve ser.

Pode ser que a lei escripta não seja mais que a natural sancionada. Mas como conheceremos se ha conformidade entre as duas leis? Para as podermos comparar, precisamos de conhecer bem o que é uma e outra. Ora nós não conhecemos bem a lei escripta, senão depois de a entendermos, o que só teremos conseguido depois de a havermos inter-

pretado. Portanto, o direito positivo tem um processo peculiar em que não entra como elemento, nem sequer como subsidio o direito natural.

Supponhamos, porém, que a lei se presta a duas interpretações. Qual d'ellas devemos adoptar? Não nos será licito escolher a que mais se conformar com a philosophia do direito? Por outra forma, ser-nos-ha dado neste caso tomar a vez de legislador?

E certo que ás vezes uma lei, considerada isoladamente, offerece dois sentidos. Mas o interprete nunca deve destacar uma lei da legislação a que pertence: deve ter presente ao espirito um systema completo e harmonico de principios geraes, deduzidos, não da razão pura, mas da legislação positiva. Fazendo assim, terá o meio de se determinar, não por arbitrio, mas pela força da logica juridica, á interpretação verdadeira, que será aquella que melhor condiga com os principios geraes que constituem o systema do direito positivo.

Continúa.

A. M.

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO

Continuado de pag. 204.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA QUARTA.

« Pelos toldos umbrosos que te guardam  
Do sol, das neves, dize-me, ó Priapo,  
Com que artes a belleza assim captivas?  
Linda barba, por certo, não te adorna,  
Nem cuidada madeixa ao vento soltas;  
Nu, dos invernos penetrantes gelos,  
E nu, do estio o ardor, immovel passas. »

— D'est'arte a lhe fallar; eis me responde  
Da curva foice armado o deus dos campos,  
De Baccho prole: Oh fuge a formosura  
Que sempre para amor dá causa justa;  
Aqui nos ennamora, sofrendo  
Com as delgadas redeas o ginete,  
Alli com alvo peito abrindo as aguas,  
Agora pela audacia, agora aquella  
Pelo virgem pudor das tenras faces:  
Mas não te agastes, se a principio esquivas;  
Pois dará pouco e pouco ao jugo o collo.  
Fez o tempo que ao homem se acurvasse  
O suberbo leão, que a dura penha  
Agua mole batendo consumisse:  
O anno n'aberta incosta arroixa as uvas,  
O anno no gyro certo os astros volve;

<sup>1</sup> As palavras *intelligencia* e *razão* não têm o mesmo sentido nas obras dos differentes philosophos. Nós tomamos a razão como faculdade de conhecer o absoluto, e a intelligencia como a faculdade de conhecer o relativo, abrangendo as faculdades de induzir, deduzir, generalizar, bastrahir etc.

Nem recies jurar: d'amor as juras  
 Nullas, por mar e terra, o vento leva.  
 Louvor eterno a Jove que prohibe  
 De pezo ser, quanto um amor inepto,  
 Em sonhos d'esperança, ardente jura.  
 Que impune afflines pelas setas suas  
 Diana a caçadora t'ó consente,  
 E peia coma fulgida Minerva.

— Mas, sendo tibio, vai-te mal: a idade  
 Perpassa, e quão depressa! Nunca o tempo  
 Perguicoso descança, ou volve à origem.  
 Quão breve perde a veiga as roseas côres!  
 Quão breve a faia as viridentes comas!  
 Como jaz pelos annos abatido  
 O rapido corcel que, outrora, fôra  
 D'Elide nas corridas o primeiro!  
 Eu vi já homens, nos maduros annos,  
 Chorando o louco tempo espediçado.

Deuses crucis! a cobra os annos despe,  
 E a belleza nenhuma os fados cedem  
 Demora, inda a mais curta! — Em vós sómente,  
 Barcho e Phebo, é perpetua a juventude;  
 Em vós que alinda a provida madeixa.

Tu, quanto anhelle, á formosura cede,  
 Que tudo com brandura amor alcança:  
 Seguil-a não desdenhes, bem que longa  
 Seja a jornada; ou torrem as campinas  
 Ardentes raios d'abrazado estio,  
 Ou vivo em céu caliginoso o iris  
 D'imminente chuveiro as aguas mostre.  
 Tu mesmo, se quizer na leve quilha  
 Talhar do azul oceano a vaga altiva,  
 Com o remo subtil impelle a barca;  
 Nem te pene soffrer trabalhos duros,  
 Ou callejar as mãos descostumadas:  
 Nem, folgando em cercar de rede os valles,  
 Como lhe agrades, o teu hombro negue  
 As boizes levar; querendo as armas,  
 Com agil dextra a illude e a descuberto,  
 De quando em quando, o lado lhe offerece,  
 Para que alegre vença: então affavel,  
 Meiga a terás; então, que os doces beijos  
 Tu lhe fortes, consente: — ha d'esquivar-se,  
 Mas sempre, enfim, te deixará colhel-os;  
 Se a furto no principio, muito breve  
 Ella propria os dará, cedendo aos rogos,  
 E até no collo teu virá lançar-se.

Mas ai! quão mal agora o mundo tracta  
 Estas miseris traças; já por vezo  
 Mimos exige, em paga, a formosura.

A ti, quem quer que fosses, que primeiro  
 Ensinaste a vender d'amor os fructos,  
 Que negra pedra os ossos teus esmague!

Virgens, as Musas estimae e os vates,  
 Que ás Musas aureas dadivas nos vencem:  
 Por versos é formosa em Nise a coma;  
 Sem carmes não brilhará o marfim puro

De Péllope nos hombros. Ha de eterna  
 Essa existir que divulgarem lyras,  
 Em quanto a terra contiver florestas,  
 Estrellas o alto céu, e os rios agua.

A. A.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Elementos de Trigonometria rectilinea, e da sua applicação a Topographia: pelo Dr. J. J. Manso Preto. Coimbra 1856.*

Acaba de publicar-se na imprensa da Universidade, destinado para o uso dos lyceus, este livro que annunciamos, e de que as nossas escholas careciam ha muito.

Era reconhecida geralmente a necessidade da existencia d'um bom compendio d'aquella disciplina; pois que até hoje, em virtude dos ultimos programmas, os professores de Geometria tinham de supprir, quasi sempre com bastante difficuldade, a falta de um livro elementar, onde fossem expostos, com methodo e clareza, os principios da Trigonometria e a sua applicação á Agrimensura. O sr. Manso Preto, com a publicação do seu escripto, preencheu a lacuna, que tanto se fazia sentir, e prestou assim um assignalado serviço aos alumnos dos lyceus.

Clareza e precisão, dedução logica e rigor de phrase, eis o que se encontra 'naquella obra, que ora vê a luz pública. Breve resumo, cujo principal fim é dar a conhecer os primeiros rudimentos da sciencia, a quem pela primeira vez entra 'naquelle estudo, e sómente o cultiva como habilitação para a Universidade, — o trabalho do sr. Manso Preto contém tudo que é necessario para os exames, a par de alguns desinvolvidos, com especialidade na applicação da Trigonometria, que podem facilmente ser passados em silencio sem prejuizo do ensino. As doutrinas que devem omitir-se nas lições dos alumnos são aliás de muito proveito para os individuos, que quizerem habilitar-se como professores de Geometria; os quaes acharão reunidos em poucas paginas a maior parte dos conhecimentos trigonometricos, que segundo o programma lhes são exigidos: e tudo escripto por forma que nada desdiz da simplicidade que se nota em todo o livro, e que constitue a sua principal excellencia.

<sup>1</sup> Sobrepensado commetti 'nesta elegia a uma infidelidade, que a decencia dos nossos costumes exige' como diz o sr. Garrett, annotando nas *«Flores sem fructo»* uma poesia traduzida do vate de Teios; e, além d'isso, cercou-lhe os deztoito versos ultimos, preferindo este obrar a corromper totalmente o pensamento do auctor. Ser-me-ha concedida venia?

O auctor, como se vê do titulo da obra, dividiu-a em duas secções: na primeira tracta particularmente da exposição dos principios da Trigonometria, e na segunda apresenta as mais simples applicações d'esta sciencia á Topographia. Aqui, principalmente teve o auctor de lutar com grandes difficuldades; porque pouco ou nada (na nossa lingua pelo menos) se ha escripto a este respeito em obras elementares, e o que mais custava era appropriar á capacidade de estudantes dos lyceus, a doutrina espalhada por todos esses livros, destinados a outros usos. Nesta parte do seu trabalho, repetimos, é onde o auctor devia de encontrar maiores difficuldades; e, se não conseguiu fazer uma obra perfeita, mostrou que possuia os necessarios conhecimentos 'neste ramo de sciencia, e os sabia expôr com muito methodo e clareza.

Não pretendemos encarecer o merito do livro; dizemos francamente o nosso pensar, depois d'uma primeira leitura que d'elle fizemos; e cumprimos um dever lançando aqui estas linhas. A nossa avaliação nem lhe dá merecimento, nem lh'o tira; o livro val mais do que as nossas palavras, e é por si que hade recomendar-se ao publico.

Não se pense comtudo que o julgamos exempto de defeitos; tem-nos como tudo que sae da mão de homens: mas não é de certo uma ou outra incorrecção, uma ou outra falta, que deprimem e destroem o valor d'um livro. É pelo todo que o avaliamos, e pelo fim a que é destinado. Como obra elementar cremos que tem os requisitos exigidos a um bom e excellente compendio.

Um grave defeito, porém, apresenta esta publicação, e é a multiplicidade de erros typographicos, que escaparam, e que era facil ter evitado, ou pelo menos remediado 'numa tabella de erratas. Infelizmente para os alumnos o livro está tão recheado de erros d'esta natureza, que forçosamente lhes ha de ser embaraçoso o estudo.

Esperamos que o sr. Manso Preto 'numa proxima edição do seu compendio emendará estas faltas, e outras que deixamos de enumerar, e nos dará um livro em tudo digno de si, e da Universidade de que é filho.

A. J. T.

## NOTICIARIO.

Muitos fragmentos dos escriptos perdidos de Aristoteles andam dispersos pelas obras dos auctores gregos e latinos, e sobre tudo dos antigos commentadores. A ninguem, por ora, havia lembrado colligil-os; esta lacuna fazia-se sentir tanto debaixo do ponto de vista phi-

lologico, como debaixo do litterario. Uma collecção d'estes fragmentos bem ordenados e submettidos a um exame critico, contribuiria, sem duvida para derramar nova luz sobre alguns pontos ainda mal comprehendidos do systema, e ajudaria muito a completar a historia litteraria do chefe da eschola peripatetica. A academia de Berlim teve o feliz pensamento de abrir concurso publico a este respeito. Pede uma «Collecção geral dos fragmentos de Aristoteles» e das passagens dos auctores gregos e latinos, que se referem aos escriptos perdidos do mesmo philosopho; acompanhada de um exame philologico d'estes trechos, e de um estudo das suas relações com as obras de Aristoteles, taes como hoje as conhecemos. Por em quanto não se devera ter em conta os recursos que possam offerecer as linguas orientaes; porém, attender-se-ha somente ás numerosas monographias ou dissertações em que se tenha feito menção dos fragmentos referidos. Cada concorrente seguirá a ordem que mais conveniente lhe parecer; a academia sómente exige a maior exactidão nas citações, um indice dos auctores e das passagens citadas, e uma lista alphabetica das palavras importantes, e dos objectos mencionados nos fragmentos. Os concorrentes empregaram á sua eschola, o allemão, o latim, ou o francez; mas 'neste ultimo caso deverão juntar á sua memoria uma traducção latina.

Os trabalhos serão recebidos na academia até ao dia 1 de março de 1839. Os auctores deverão escrever o seu nome em uma carta fechada, com uma epigraphe, que se repetirá na frente da memoria. O premio de cem ducados será conferido em sessão publica no mez de julho de 1839, no dia anniversario do nascimento de Leibnitz.

(Revista de instrucción publica.)

### Academia real das sciencias de Madrid.

Em abril de 1835 propozera esta academia os seguintes themas, para adjudicação dos dois premios que tinha de conferir em 1836.

*Primeiro premio.* Thema—«Determinar os caracteres distinctivos do ovulo, que deve produzir um individuo masculino ou feminino nas especies unisexuales, tanto zoologicas como botanicas; manifestando todas as phases morfológicas, que tomam os órgãos da geração até ao momento em que se tornam pronunciadas as suas differenças.»

Para este premio não foi apresentada memoria nenhuma.

*Premio extraordinario.* Thema—«Descrver as rochas de uma provincia de Espanha, e a marcha progressiva da sua decomposição; determinando as causas que as produzem, apresentando a analyse quantitativa da terra

vegetal formada de seus detritos, e deduzindo d'estes conhecimentos e mais circumstancias locais, as applicações á agricultura em geral, e com especialidade ao cultivo das arvores. »

Para este premio foram apresentadas duas memorias: a registada debaixo do n.º 1, sem epigraphie, e com o titulo « Solo, clima, cultivo agrario e florestas da provincia de Vizcaya » a segunda que se occupa da provincia de Caceres, com esta epigraphie « Agrum male colere, censarium probrum judicabatur, etc. (C. Plin natur. histor. lib. VIII). »

A academia depois de examinadas e qualificadas estas memorias, entendeu que a registada sob n.º 2, e que se occupa de Caceres, apezar de encerrar conhecimentos que honram sobre manciã sua auctor, não satisfazia a todas as condições do programma, e que portanto se lhe não podia conceder o premio nem o accessit; sendo por consequencia queimado em sessão geral o prêgo que devia conter o nome do auctor. Em quanto á primeira memoria, que satisfazia a todos estas condições a academia julgou-a digna do premio. Em virtude d'esta deliberação, tendo-se aberto o prêgo que acompanhava esta memoria, conheceu-se que era seu auctor o sr. don Lucas de Olozabal, engenheiro de montes.

Este premio será conferido na primeira sessão publica, conforme o determinam os estatutos da academia. Madrid 30 de dezembro de 1856. — O secretario perpetuo, *Mariano Lorente*.

(La Revista universitaria.)

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 1 até ao fim de dezembro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Francisco Rodrigues Pereira da Costa, para professor temporario da cadeira de Mounrho, districto de Coimbra.

João Baptista Dourado, para dicto de Degolados, districto de Portalegre.

José Caetano Bicho, para dicto de Fortios.

Pedro Vito Cezar Machado, para dicto, da Louza, districto de Lisboa.

Bernardo José d'Azevedo Lobo, para dicto de Sancta Marinha do Zezere, districto do Porto.

Claudio Cezar Ramires, para dicto de Vinhas, districto de Bragança.

José Henriques Secco, para dicto de Villa Secca, districto de Coimbra.

Manuel José Cardoso dos Sanctos, para dicto de Matosinhos, districto do Porto.

Simão Antonio Corrêa, para dicto d'Amarante.

Antonio Joaquim de Cadaval, para dicto d'Evora Villa, districto de Leiria.

Antonio José Pimental, para dicto d'Alcoz.

José Thomaz Pereira, para dicto de Camia, districto de Lisboa.

Manuel Martins Mano, para dicto de Tontes, districto de Villa Real.

Theotomo José da Silva, para dicto da Villa do Barreiro, districto de Lisbon.

Fortunato Albino Veiga de Sá, para professor substituto da cadeira de Conra, districto de Braga.

Ayres Joaquim dos Sanctos Maia, para pofessor vitalicio da cadeira de Sepins, districto de Coimbra, por transferencia da de Salvaterra do Estremo, districto de Castello Branco, decreto de 15 de dezembro ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Antonio Loureiro da Silveira Macedo, para professor proprietario da 3.ª e 4.ª cadeiras do lyceu nacional da Horta, decreto de 20 de novembro ultimo.

João Antonio Vieira, para professor por mais trez annos da cadeira de latim da Villa de Niza, districto de Portalegre, portaria de 24 de dezembro ultimo.

João Antonio Pires Villar, professor da 3.ª e 4.ª cadeira do lyceu nacional de Bragança, para secretario do mesmo lyceu, decreto de 19 de dezembro ultimo.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Joaquim Pedro d'Abranches Bizarro, para lente proprietario da 8.ª cadeira da escola Medico Cirurgica de Lisboa, decreto de 25 de novembro ultimo.

O dr. Antonio José Teixeira, para lente substituto extraordinario da faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra, decreto de 2 de dezembro ultimo.

*Dicta de 1 até 15 de janeiro de 1856.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Alexandre Maria Duarte, para professor temporario da cadeira de Cantanhede, districto de Coimbra.

Antonio Alves Guerra, para dicto, de S. Julião da Silva, districto de Vianna do Castello.

Antonio Feleiciano Coutinho de Sousa Ribeiro, para dicto da freguezia de Benedicta, districto de Leiria.

Antonio Guerreiro Junior, para dicto de Cacella, districto de Faro.

Bento José Alves Pereira, para dicto de Sancta Eulalia de Crespos, districto de Braga.

Francisco Augusto de Lemos Pimentel, para dicto de Travança, districto de Bragança.

Francisco Candido Ferreira, para dicto do S. Martinho d'Augueira, districto de Bragança.

Francisco Carlos de Mendonça, para dicto de Val de Figueira, districto de Santarem.

Francisco José d'Aragão, para dicto de Pinzio, districto da Guarda.

João Pessoa de Campos, para dicto de Senhorim, districto de Vizen.

Joaquim Rodrigues de Faria, para dicto de S. Lourenço do Bairro, districto de Aveiro.

Joaquim Vicente da Gama, para dicto de Móra, districto d'Evora.

José Rebello dos Sanctos, para dicto de Cabanas, districto de Viseu.

Manuel Gomes da Fonseca, para dicto de Granja a Nova, districto de Viseu.

Vicente Ferreira Homem de Magalhães, para dicto de Cós, districto de Leiria.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Vicente Pedro Dias, para professor vitalicio da 5.ª e 6.ª cadeiras do lyceu de Leiria.

Joaquim Maria Deniz Goulart da Silveira Macedo, para professor substituto de egnaes cadeiras do lyceu nacional de Lisboa, decreto de 29 de dezembro ultimo.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Joaquim Lopes Pinto, para o logar de continuo dos geracs da Universidade, decreto de 7 do corrente.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto*; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte*, será dirigida — *A' Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24 numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$440  
Por semestre, ou 12 numeros, dictos . . . . . 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem d'este 5.º volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III e IV d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

## RELATORIO

**Da direcção da sociedade dos banhos de Luso, apresentado á assembléa geral dos accionistas, no 1.º de janeiro de 1857.**

Continuado de pag. 233.

### Obras.

Os trabalhos da edificação, tiveram o possível desenvolvimento. Concluíram-se as 18 banheiras do estabelecimento: terminou o assento de todo o ladrilho e lisonja dos corredores, casas do banho, sala e escriptorio; e acham-se concluidos os repartimentos de todo o edificio, excepto na agua furtada, cuja divisão tem de subordinar-se á collocação dos reservatorios, que hão de alimentar os banhos de chuva de choque, etc. Falta só o guarnecimento e estuque de todo o edificio, menos uma parte do corredor do sul, e os quartos d'este lado, que já se acham estucados e guarnecidos. A machina de vapor assentou-se, e funcçãoou com toda a regularidade que era para desejar, fornecendo vapor a seis banheiras e aquecendo cada banho em dois minutos, pouco mais ou menos.

### Contas.

Nas contas prestadas no 1.º de janeiro de 1855, e no 1.º de janeiro de 1856, tinha apresentado a direcção, de receita proveniente das acções cobradas, e do rendimento dos banhos, a quantia de

3:215\$520

E de despesa com a approvação dos estatutos da Sociedade, expropriações de terreno, obras, e serviço dos banhos, a quantia de

3:508\$505

Ficando em deficit a quantia de

292\$985

No anno decorrido até hoje (1.º de janeiro de 1857) houve de receita proveniente de acções cobradas, do rendimento dos banhos e do rendimento da sala particular

2:272\$820

E de despesa com o pagamento dos juros aos accionistas, obras, mobilia, utensilios e serviço dos banhos

3:183\$585

Ficando de deficit

910\$765

Somma do deficit actual

1:203\$750

D'esta quantia devem-se ao sr. Francisco da Silva e Oliveira, de emprestimo que fez á Sociedade, 500\$000 réis, e ao sr. Francisco José Gonçalves de Lemos, por adiantamentos que fez como thesourreiro, 703\$750 réis.

Este deficit ha de desaparecer logo que se conclua a emissão de todas as acções e se termine a sua cobrança, como poderá ver-se das seguintes considerações:

O fundo primitivo da Sociedade era de 300 acções no valor de . . . . .	3:000\$000
A assemblêa geral dos accionistas da Sociedade, na sua sessão de 15 de julho de 1855, auctorisou a emissão de mais 150 acções no valor de . . . . .	1:500\$000
E tornou a auctorisar a emissão d'outras 150 acções em sessão de 4 de maio de 1856 no valor de . . . . .	1:500\$000
Ha por conseguinte auctorisação para a emissão de 600 acções no valor de . . . . .	6:000\$000
E achando cobrados só . . . . .	4:632\$500
Restam para cobrar . . . . .	1:367\$500

Vê-se pois que, longe de haver um deficit real, ha um excedente de 163\$750 réis. É verdade que não chega para o pagamento dos juros aos accionistas, e para a conclusão de todas as obras do estabelecimento; mas a direcção espera que o rendimento dos banhos, depois de satisfeitas as despezas do custeamento e dos juros, irá dando sufficientes sobras para todos estes encargos.

Renderam os banhos . . . . .	586\$600
Rendeu a sala particular . . . . .	33\$720
Todo o estabelecimento . . . . .	620\$320
Ordenados aos empregados e serventes, e renda de casas ao banheiro . . . . .	212\$820
Azeite e stearina . . . . .	11\$800
Lenha para a machina de vapor, 41 carradas a 560 réis . . . . .	22\$960
Juros das acções vencidas hoje (1.º de janeiro de 1857) . . . . .	199\$000
Somma do custeamento . . . . .	446\$580
Rendimento liquido . . . . .	173\$740

A quantia de 586\$600 réis, importancia do rendimento dos banhos, é formada das seguintes parcelas:

Producto das taxas de 13:232 senhas para banhos de temperatura natural de meia hora, a 20 réis cada um . . . . .	264\$640
Dicto dicto de 3:500 senhas de banhos de temperatura natural de trez quartos de hora, a 40 réis cada um . . . . .	140\$000
Dicto dicto de 3:406 senhas de banhos de temperatura artificial de meia hora, a 40 réis cada um . . . . .	136\$240
Dicto dicto de 762 senhas de banhos de temperatura artificial de trez quartos de hora a 60 réis cada um . . . . .	45\$720
	586\$600

Além das senhas para banhos pagos, foram distribuidas para banhos gratuitos 1:986 senhas, sendo 1:880 para banhos de temperatura natural, e 106 para banhos de temperatura artificial. Todas estas qualidades de senhas perfazem a conta 22:886 correspondentes ao n.º de banhos mencionados no movimento dos banhistas.

A escripturação do sr. thesourreiro, valio-

samente auxiliada pelo delegado da thesouraria no concelho da Anadia, o sr. Francisco Rodrigues da Fonte Cancellia, mostra com toda a clareza um bom systema de contabilidade, e o escrupulo que tem havido em se documentar toda a despesa. Estes documentos, competentemente classificados e numerados, jogam com o resumo de contas d'um modo tão simples e claro, que muito facilita o seu exame.



## RESUMO DE CONTAS DO ANNO DE 1856.

*A sociedade dos banhos de Luso em conta corrente com o seu thesoureiro  
Francisco José Gonçalves de Lemos.*

<b>DEVE</b>		
Pelo alcance do anno de 1855 para 1856 . . . . .		443\$335
Idem custo de materiaes e differentes outros objectos, comprados no corrente anno (documentos n.º 1 a 95) . . . . .	1:496\$155	
Idem jornaes a operarios (folhas 1 a 52) . . . . .	1:243\$620	
Idem custo de mobilia para o estabelecimento (documentos n.ºs 1 e 2) . . . . .	85\$530	
Idem juros d'um anno de 285 acções, pagas aos accionistas, como consta dos recibos . . . . .	142\$500	
		2:967\$805
Idem ordenado ao medico, como consta do recibo . . . . .	100\$000	
Idem dicto ao Banheiro . . . . .	55\$000	
Idem dicto aos serventes e outras despezas como consta dos recibos . . . . .	60\$780	
		215\$780
		3:626\$920
<b>HAVER</b>		
Por dinheiro recebido de Francisco da Silva e Oliveira, em prestimo á Sociedade . . . . .	500\$000	
Idem por conta de 470 acções . . . . .	1:652\$500	
Idem producto dos banhos no corrente anno : . . . . .	586\$600	
Idem dicto da sala . . . . .	33\$720	
Idem recebido do que ficou em divida em 1855 (saldo do rendimento dos banhos a favor da Sociedade naquelle anno) . . . . .	150\$350	
Alcance que passa para o anno de 1857 . . . . .	703\$750	
		3:626\$920

*N.B.* Alem do que ficou em divida activa do anno de 1855 para 1856, e que ainda se acha por cobrar, que são 67\$500.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1856.

O thesoureiro, *Francisco José Gonçalves de Lemos.*

Conferidas com os respectivos documentos. — Coimbra, 13 de Janeiro de 1857.

*Francisco da Silva e Oliveira.*

*Antonio Maria de Sousa Bastos.*

*Francisco de Sousa Araujo.*

Está conforme. — O vogal secretario da direcção, *Antonio Augusto da Costa Simões.*

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 224.

### III.

Não são por tanto as irmãs da caridade semelhantes às religiosas enclausuradas, e como a maior parte d'estas, votadas ao proprio aperfeiçoamento na vida contemplativa.

Tudo quanto ellas conservam, e o publico conhece, dos regulamentos, e das conferencias, e correspondencias de seu illustre fundador, é tão sabio, tão prudente, tão divinamente inspirado, e ao mesmo tempo tão claro e explicito, que basta transcrever um ou outro trecho para bem se comprehender a natureza d'este bello e admirabilissimo instituto.

« As filhas da caridade (escrevia o sancto) não são religiosas, mas vão e vem, como seculares. São pessoas das freguezias sôb a direcção dos parochos; e se temos a direcção da caza, aonde são creadas, é porque prouve a Deus, para dar nascimento á sua pequena congregação, o servir-se da nossa.

« Ha esta differença entre estas filhas e as religiosas, que a maior parte das religiosas não têm por fim senão a propria perfeição, entretanto que estas filhas se occupam, como nós, da salvação e do allivio do proximo. »

'Noutro lugar eis como elle pinta as primeiras filhas ou irmãs da caridade. « Os seus mosteiros são as cazas dos enfermos; as células, uns pobres quartos, muitas vezes d'aluguer; a capella, a egreja da freguezia; o claustro, as ruas da cidade; a clausura, a obediencia; as grades, o temor de Deus; e o véo, a sancta modestia »!

Mais expostas por isso mesmo ás tentações do mundo, e ao mesmo tempo carecendo de superiores forças da alma para os difficeis e rudes trabalhos do seu ministerio, aquelles regulamentos dirigem-se todos a eleva-las ao mais subido grão de perfeição christã na piedade, humildade, abnegação, amor da pobreza, docura e caridade para com os pobres, e pureza angelica.

« As filhas da caridade são enviadas á terra (diz o mesmo) afim de representarem a bondade de Deus para com os pobres doentes; devem pois escutar as suas queixas, como mães, isto é, com mansidão, compaixão, e amor. »

« Deixais a oração, ou a leitura, ou o silencio, para acudir a um pobre. Ficae descançadas: servir a esse pobre é fazer o mesmo que deixais.

« O amor de Deus e do proximo, o amor dos pobres, a união entre si, compoem o vestido interior das filhas da caridade.

« Minhas irmãs, Nosso Senhor tomou cuidado ao mesmo tempo do corpo e do espirito. Vós lhe succedeis. . . Fallae pois aos pobres

ácêrca de sua salvação com palavras ardentes, que fallem ao coração.

« Uma filha da caridade é uma arvore que não deve dar fructo senão para Deus. O nosso primeiro cuidado ao despertar seja adoral-o. Adormecei á noite com algum pensamento bom.

« Não estejais nunca ociosas. Depois do serviço dos doentes occupae-vos em côzer e fiar. Ah! minhas filhas, é mister trabalhar para ganhar a vida, e ser bem cuidadas do emprêgo do tempo, do qual vos pedirá Deus uma conta estreitissima. E' cousa tão preciosa o tempo!

« Seguireis os exercitos, minhas filhas; os homens vão lá para matar, vós ireis para curar. »!

Como fossem muitas e mui diversas as suas occupações, S. Vicente de Paulo não se contentou com os regulamentos geraes e communs a todas ellas; deu-lhes regras especiaes para cada uma de per si; — um para as irmãs que soccorressem os enfermos pelas freguezias; — outro para as que tivessem eschola; — outro para as encarregadas dos expostos; — outro para aquellas, que haviam de curar dos enfermos no Hotel-Dieu de Paris; — outro para as irmãs que haviam de servir o hospital dos forçados das galés; — o o ultimo para as que servissem nos mais hospitais do reino.

« Estes regulamentos (observa Abelly) apon-tam-lhes especialmente nas occasiões perigosas, que têm para evitar, as precauções que devem empregar, os differentes intuitos a que devem propôr-se; emlim tudo quanto ellas têm que fazer ou que dizer, ainda as menores circumstancias, para bem alimentarem, curarem, medicarem, limparem, edificarem, consolarem, e admoestarem aos pobres, pequenos e grandes, sãos e enfermos »!

### IV.

Tão alta é a sublimidade da profissão religiosa; tão superior á debilidade das forças humanas a perfeição que demanda, tão exposta por isso mesmo ás contradicções do mundo, e da propria natureza do individuo que se abalança a tamanha empreza; que não ha cautelas de disposições anteriores, d'idade de razão e conhecimento, de justa apreciação das obrigações a contrahir, de plena liberdade d'escolha, que, por mais minuciosas que sejam, nos pareçam excessivas. E uma vez contrahidas essas tremendas obrigações, que força sobrenatural não é mister para perseverar de boa vontade, e fielmente satisfazer aos sagrados votos proferidos, quando por ventura o primeiro fervor, ou ainda mesmo as forças physicas e moraes viêrem a desfalecer!

<sup>1</sup> Orsim, Hist. de S. Vincent de Paul, C. 27.

Longe de nós o temerario arrôjo de nos erigirmos em juizes d'aquella, que, como christãos, nos honramos de reconhecer e venerar por mestra; e que, nas suas prudentes prescripções, cousa alguma ordena, que não seja longa e pausadamente meditada, e pela experiencia dos seculos reconhecida e por boa confirmada.

E se alguma vêz os seus ministros têm sido menos exactos e cautelosos, ou ainda mesmo iníeis ao gravissimo ministerio, lá estão as leis ecclesiasticas, em contraste com esse procedimento, dando testemunho da propria sabedoria, e condemnando o abuso dos seus executôres.

Presupposta esta indispensavel approvação da egreja, consideramos como grave offensa da liberdade individual, de vocação e associação, um grave excesso de poder politico, tolher a qualquer, homem ou mulher, uma associação ou um voto, que a sua consciencia lhe dicta.

Livre e reflectidamente proferido, é o voto tão sagrado, como é proveitoso a alguns repositos o instituto, que a providencia inspirou, e a Egreja abraçou. Todavia não podemos deixar de reconhecer uma especial vantagem 'naquelles, que, mais em harmonia com as necessidades e mesmo com as idéas do seculo, se dirijem com preferencia aos exercicios da caridade activa, e que, pelas condições da sua existencia, melhor possam amoldar-se á fraqueza e instabilidade humana.

E qual, 'nesta ordem, haverá melhor calculado que o das servas dos pobres?

Os seus peizados votos de — pobreza, castidade, e obediencia, dirigem-se ao serviço dos pobres, o qual constitue um 4.º voto; e todos apenas duram um anno!

No dia 25 de março a irmã da caridade é livre. Pôde regressar ao seculo, e pôr termo a uma vida d'abnegação, e sacrificios quasi sobrehumanos, sem que do seu anterior estado lhe resulte o menor estôrvo para a vida pública e domestica. Pôde prender-se de novo, e continuar o seu viver de sancta, e martyr, anjo de caridade no meio das maiores, e mais repulsantes misérias da humanidade enferma, na certeza de que, se não confiar em suas forças, d'ahi a outro anno novamente lhe será licito pendurar no templo os ferros que livremente tomára, e retirar-se em paz!

Mui poucos exemplos, porém, se contam de irmãs da caridade, que tenham aproveitado esta faculdade. «Esta liberdade (diz C. Malo): de se retirarem da congregação, não tem servido ordinariamente senão para as prender com ella por vinculos inviolaveis.

Comprehende-se que, na solidão e clausura do mosteiro, se imaginem delicias e attractivos do seculo, e se concebam illusões, às quaes

o espectáculo das misérias de toda a ordem, que o corrompem e desfeam, presentes em toda a sua hediondez, e a todo o instante, á serva dos pobres, não pôde dar lugar.

Na admmissão das noviças ha um rigoroso escrupulo. É mister saber lèr e escrever, não ter mais de vinte e cinco annos, não ter sido criada de servir, e justificar o melhor procedimento, costumes puros, e religião; e mais ainda — que toda a sua familia, seus páes e irmãos, os mesmos parentes do seu nome, gozem de reputação ilibada!

As provas do noviciado deverião durar de quinze a dezoito mezes. A necessidade obriga ordinariamente a abrevial-as. É mister acudir ao incessante pedido de soccorros, e supprir o numero das que, em cada anno, consumam o seu martyrio, victimas de trabalhos inauditos; e d'ahi vem, que algumas vezes o noviciado não passa de cinco mezes. Se o espaço é brevissimo, lá está o correctivo na liberdade da sabida.

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 238.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA QUINTA.

Suberbo fui; e de aceitar, sem custo,  
Um repudio d'amor gabos me dava;  
Mas ah! quão longe agora essa vangloria,  
Quando no peito o coração me ferve,  
Qual, sob os brincos d'adestrado infante,  
No terreiro a pitorra esgarabulha.

Abraza, opprime o fátuo; e nunca orgulhos  
Jámais lhe hão de aprazer; seus fêros doma.  
— Mas... ai, perdão! pelas sagradas juras  
Sobre o leito furtivo, pelas faces  
D'ambos juntas, por Venus t'ó supplico.

O mesmo sou que, é fama, com meus votos  
Ao langôr te roubei d'atroz doença;  
E, em quanto a velha recitou conjuros,  
Com puro enxofre te lustrei tres vezes:  
Eu mesmo os bolos consagrava puros  
Que baldassem ao somno os pezadêlos;  
E co' a fita ennastrado, e as roupas soltas  
Perfiz de Trivia, 'nalta noite, os votos  
Vezes nove. De nada abri descarte:  
E agora um outro tanto amor aspira  
E, feliz, de meus rogos se aproveita!

Que leda vida, louco! me fingia,  
Negada por um deus, finda a molestia!  
— Era no campo. Eu lavrador: dos fructos  
Dêlia a guarda será, quando as espigas

Sob o pino do sol trilhar a eira:  
 Das cheias dornas velará os cachos,  
 E o mosto, d'ageis pés manando, puro;  
 Ha de avezar-se a numerar o gado  
 E a ter, brincando no fagueiro seio,  
 O garrulo menino ha de avezar-se.

Ella ao deus do colono as roixas uvas  
 Pela vida irá pôr, a fulva espiga  
 Pela seára e pela grei offrendas:  
 Em tudo ha de mandar, olhar por tudo,  
 Folgando eu nada ser em toda a casa.

Alli virá o meu Messalla: prompta  
 E d'arvore escolhida os doces pomos  
 Ha de trazer-lhe Dêlia; a heroe tamanho  
 Mettendo brios em catar-lhe agrados,  
 Em cuidal-o, servil-o e até sargente  
 A meza apparellhar-lhe e as iguarias!

Taes votos me fingia que hoje innuteis  
 Pela Armenia odorosa o vento espalha!  
 — Que de vezes com vinho minhas maguas  
 Extinguir procurei; mas funda a angustia  
 Todo o licor em prantos me estillava.  
 Que de vezes colhi outra em meus braços;  
 Mas, no momento de gozar-lhe os mimos,  
 Tu me vinhas á mente e amor fugia...

Ella então, separando-se, embruxado  
 Me cria e — que vergonha! minha inercia  
 Assim divulga. — Oh! que não é com phrases  
 De bruxedo que a amante isto consegue:  
 C'os tenros braços, e as madeixas d'oiro  
 E o rosto me enfeitica, qual 'noux' ora  
 Formosa Thetis, de Nereu progenie,  
 No brando dorso de delphim domado  
 Ao Thèssalo Peleu dando-se esposa.

Ricaço amante, que a prender-lhe agrados  
 Agora se appresenta, e a vil terceira  
 Tão ladina, inda mal! são meus tormentos.  
 — Ah, maldicta mulher! Sanguentas carnes  
 Sejam teu só sustento e o fel te vertam  
 Amargos copos nas cruentas fauces:  
 Prêza da sorte emtorno te esvoacem,  
 Chorosos sempre, os gélidos phantasmas,  
 E no tecto violenta a c'ruja pie:  
 De fome enfurecida entre os sepuleros  
 Busques cevar-te famulenta na herva,  
 Ou nos ossos ja nus que os lobos deixam:  
 Nua percorras, ullulando, as praças  
 Acossada dos cães. — Eis teu futuro!

Oh! que assim ha de ser; um deus m'o affirma;  
 Que deuses ha para os amantes: Venus  
 D'aziago desdem vinga os desprezos.

Ah, foge, foge d'ella os vis preceitos  
 Que todo o amor com dadivas se vence!  
 No pobre, prompto servo has de ter sempre,  
 Pobre, te seguirá e do teu lado  
 Nem um momento só ha d'apartar-se;  
 Pobre, entre as turbas te abriira caminho,  
 Pobre, te guiará furtivamente  
 Aos amigos na occulta e grata orgia,  
 Desdando-te do pé mimoso os laços.

Mas, ai! debalde canto: com palavras  
 Não é que a porta se ha de abrir vencida:  
 Fôra mister bater-lhe co'a mão cheia!..  
 — E tu, que agora és poderoso, teme  
 Por minha sorte: — da Fortuna a roda  
 'Num passageiro sopro rodopia.

Não é debalde, não, que alguém, agora,  
 Constante o limiar lhe ronda ás noites;  
 E ora o vela de perto, e ora se affasta,  
 E simula ir-se embora, e em breve torna,  
 E solitario de continuo tosse...

— O que este amor furtivo me prepare  
 Ignoro: goza, pois, em quanto é tempo;  
 — Já na corrente se baloiça a barca!

A. A.

## INFLUENCIA DA REVELAÇÃO DOS CRIMES NA SOCIEDADE.

Continuado de pag. 236.

Para que o fóro externo possa tomar conhecimento dos delictos, e, conhecidos elles, ser justo na sua apreciação, afim de não ir castigar o innocente; é necessario o testemunho dos homens, necessidade reconhecida em todas as legislações, tanto antigas como modernas. Por isso é que o nosso codigo<sup>1</sup> classifica de desobediencia, e impõe a competente pena ao jurado ou testemunha que não comparecer em juizo, tendo-se-lhe feito intimação. A testemunha, portanto, como todo aquelle que fôr patentear e verificar um crime, practica um acto de grande interesse publico. Fundado 'neste ultimo principio e que Bonneville sustenta que, sem dúbida, a revelação dos crimes deve ser obrigatoria para todo o cidadão; por isso que, diz este escriptor, testemunhar e revelar são cousas identicas; e não vê elle que haja motivo para 'numa legislação se tornar obrigatorio o depoimento da testemunha, e pelo contrario, acto de livre vontade a revelação d'um crime. Mas em primeiro logar, testemunhar não é absolutamente o mesmo que revelar; porque testemunhas são pessoas que vêm chamadas a juizo para declararem o que sabem sobre factos contestados; e o particular que vai revelar um crime, dá a auctoridade conhecimento de um facto para ella até alli desconhecido; alias, não haveria revelação. Em segundo logar o testemunho é provocado e a revelação espontanea; 'naquelle o cidadão tem um caracter como official, vai dizer o que sabe, sobre a verdade ou falsidade do crime, porque para isso foi intimado; em quanto

<sup>1</sup> Cod. Pen. art. 189.

<sup>2</sup> De l'amélioration de la loi criminelle.

que 'nesta ha o odioso da declaração, feita de pura e livre vontade. Portanto, ainda mesmo quando o interesse publico exigir a revelação, aquelle que a não fizer, não deve ser responsavel senão perante o fóro da consciência.

Não me parece estarem 'neste caso os funcionários publicos, no exercicio das suas funções; estes, cada um no ramo da sua competencia, devem ter uma obrigação restricta de revelar á auctoridade superior qualquer crime de que tenham conhecimento por isso que para manter a ordem pública, é que elles estão constituídos em poder. Nem se argumente, que se ha baixeza e deshumanidade na revelação civica, tambem ella existe na official affirmação e punição do delicto; porque, estabelecido que não deve haver impunidade, quando o funcionario público no exercicio das suas funções denuncia um crime; quando o juiz, os jurados, as testemunhas, levam esse crime á evidencia, e a pena se applica; todas essas pessoas não fizeram mais do que empregarem os meios que a lei lhes faculta para a sustentação do principio sagrado — da não impunidade: — se fizessem o contrario, atraíariam a confiança que 'nelles o público deve ter; e nem tal proceder se poderia alcunhar de generosidade, porque esta para com o crime, como bem dizia Napoleão I, *é a deshumanidade para com a sociedade*.

E não será essa confiança do público, uma razão de mais para que o facto da não revelação civica, se não considere digno de uma pena? Indubitavelmente; por isso que uma parte das contribuições que o cidadão paga, é destinada á sustentação dos differentes funcionarios do estado, que devem defender e garantir os direitos injustamente atacados de cada membro da sociedade. É tambem este um dos fins para que se organisa a força armada, assim como a de encarregados subalternos de policia; logo o cidadão, ainda que tenha um dever moral de delatar os crimes, não o faz, porque, 'numa nação civilisada, descança e deve descançar na vigilancia e protecção da auctoridade.

Supponhamos com tudo, que a lei impõe a obrigação de revelar o crime, sob uma pena determinada. — É sabido, que entre as qualidades necessarias relativamente ao fim da pena, avultam as de ser esta exemplar, correccional e popular: vejamos se, em o nosso caso, estas qualidades se poderão dar 'numa qualquer pena que se impozer. Se esta pela sua applicação deve combater, por um exemplo salutar, o máo exemplo produzido pelo facto do delicto; este resultado não se obterá quando se infligir a um cidadão; por elle não ter revelado um dado crime; porque seja qual for o character afflictivo da pena, a impressão que ha-de fazer sobre o público,

será contraria sempre á que o legislador teve em vista; portanto não é exemplar. Nem correccional tão pouco, porque o individuo collocado outra vez nas mesmas circumstancias, ainda guardaria silencio, não se podendo alcançar, por conseguinte, o arrependimento do que a lei *julgasse* culpado. E qual será a causa d'este phenomeno? É que são impopulares as penas contra a não revelação: é que, 'numa palavra, ellas são «repellidas pelos costumes públicos» como bem se disse em França na camara dos deputados, em 30 de agosto de 1831. Devendo-se advertir que, já na antiguidade, Platão <sup>1</sup> julgava não se dever punir a não revelação do crime, posto que o legislador devesse convidar os cidadãos a descobrir as conjurações contra a liberdade da patria.

Investiguemos agora a causa por que existe no publico esta repugnancia, este odio contra a revelação. Bonneville, que tanto a defende, encarrega-se de explicar o motivo. «É, diz elle, porque em todos os governos tyrannicos, a delação foi sempre um instrumento de odio, de vingança e de cubica; porque ella entregava os cidadãos a uma justiça cega e apaixonada; a uma justiça parcial, cruel no seu processo, secreta no andamento d'este, e abominavel nas suas penas.» Eis aqui a *apologia* dos governos que obrigaram a revelação, traçada por uma penna bem distincta.

Por isso não serei eu exaggerado se concluir, que as penas contra a não revelação, rariissimas vezes teriam em vista a manutenção da ordem pública, e muito menos a defeza da pessoa do cidadão e da sua propriedade. A causa primaria era a segurança do estado, muito principalmente desde que se recebeu a disposição romana — «*quod principi placuit, legis habet vigorem*» — disposição esta que depois se generalizou, nos governos despoticos e absolutos, até ser publicamente como traduzida por Luiz XIV, no seu famoso dito — «*L'État, c'est moi.*» — Para isto tambem não podia deixar de concorrer, a interpretação dada ao §. 6 da lei 5.<sup>a</sup> C. ad. leg. Jul. *majestat.* Bartolo dizia que a palavra *consciis* empregada 'neste §., comprehendia todos os que tinham noticia do crime; opinião que prevaleceu á de Baldo que sustentava, que sómente se referia aos cúmplices. 'Nesses governos pois, em que um individuo representava com poder illimitado a sociedade inteira; estando 'nelle reunidas todas as faculdades physicas e moraes 'relativas ao estado: a revelação dos crimes contra a segurança d'este era punida, e como um crime de lesa majestade, por isso que o soberano estava, por assim dizer, identificado com o mesmo estado, presente a todos os poderes em glo-

<sup>1</sup> Plato. de legib. dialog. 9

ho, e a cada um d'elles de per si. Mas como para esses delictos de lesa-majestade, fosse qual fosse a sua gravidade, as penas desde os imperadores romanos foram sempre d'uma atrocidade revoltante: para aquelles de não revelação também se julgou conveniente<sup>1</sup> prodigalisar a mesma atrocidade. D'este modo e que, ainda no tempo de Luiz XIII de França, esta nação viu A. de Thou, conselheiro d'estado, subir ao cadafalso pelo simples facto de, sendo amigo de Cinq-Mars e sabendo da conspiração que este tramava contra o monarcha (ou talvez só contra o cardeal de Richelieu), não ter delatado o crime do seu amigo. Ora a innocencia de A. de Thou foi levada á evidencia: mas não obstante a nação perdeu um cidadão benemerito, por elle não ter practicado um facto que o despotismo exigia, mas que a consciencia reprovava.

Á vista d'este triste exemplo, e de muitos outros que infelizmente mancham as paginas da historia, como poderá o publico receber de bom grado a obrigação de revelar os crimes, ainda que sob uma pena moderada? — Não pôde ser. — Quando os argumentos, tirados da experiencia, por vezes não colherem, porque os usos e costumes dos povos são variaveis, e o principio que 'numa epocha se repelle, 'noutra é recebido com applausos, como idéa dominante: temos outros igualmente fortes, que partem das nossas disposições intimas, dos nossos sentimentos moraes. Assim, — é a compaixão para com o desgraçado; e se tal consideram as almas bem formadas aquelle que deixou o caminho direito e suave, para se atirar pelo despenhadeiro do vicio: com muita mais razão o será, o que se tiver tornado victima d'uma commoção, d'uma crença politica; — é a religião que herdámos, que desde a infancia nos ensina a brandura e a misericordia; e que não pôde olhar a revelação civica, senão como um acto peccaminoso; — é a educação, que quanto mais esmerada e perfeita o homem a consegue, tanto menos digno e decoroso acha o procedimento de delatar um crime, ainda mesmo quando o interesse e o amor da patria o exigissem. Esta, como o centro para onde se devem dirigir todos os nossos affectos, tem sem dúbida direito a que por ella se façam sacrificios; mas 'nelles jámais pôde estar incluído o da honra, o da perda d'uma boa reputação. E o homem que atraioar (principalmente em crimes politicos) já não digo seu pae, seu irmão, mas um amigo, em fim um concidadão qualquer: fica deshonrado por certo, e perdido na opinião pública, porque o vulgo, sem se lembrar da disposição da lei; sem curar das

vantagens que um ou outro criminalista acha na obrigação de revelar os crimes; sem analysar as circumstancias especiaes do facto; dá logo a esse homem, o desprezível epitheto de espião, de delator.

Sendo contudo para notar, que estas trez causas, bem ao contrario de favorecerem a impunidade, pedem que a justiça se execute, mas pelos variadissimos expedientes *ordinarios* de que actualmente dispõe, pelas pessoas officialmente encarregadas, e sem fazer do cidadão um vil instrumento, para a consecução do seu fim.

Eu sei, que 'num seculo como o nosso, em que o fundamento do direito de punir não é a vingança; em que a justiça se administra imparcialmente; em que o cidadão tem todas as garantias; não é para temer a antiga barbaridade e tyrannia. Mas também sei, que ha os *golpes d'estado*; que as garantias se podem suspender; e que a mesma forma de governo, de um dia para o outro, pôde mudar; sendo então a obrigação de revelar os crimes, uma arma perigosa que arrastaria abusos mais graves que a negligencia d'essa obrigação; e em tal caso parece-me, que os mesmos defensores d'este dever, no concurso d'esses dous males, teriam o bom senso de preferir o menor.

A lei, pois, jámais deve punir o cidadão pela não revelação do crime, de qualquer natureza que este seja; se o fizer, além dos inconvenientes que aponte, vai até mesmo annular a possibilidade que tem um amigo ou amigos do futuro criminoso, de o dissuadirem pelos seus bons conselhos, do crime que medita; por isso que este ultimo, conhecendo a necessidade que tem o seu confidente de o trahir, não ousará descobrir-lhe o seu projecto. — E não será repugnante que, sendo a pena um mal, um castigo em razão d'um delicto: um sem numero de individuos possa pela falta de bons conselhos, ir soffrer esse castigo, quando o legislador, em a não revelação, tem um obstaculo poderoso contra os delictos?!

Farei agora, algumas considerações sobre outra questão importante da revelação dos crimes: que é se — a lei deve conceder a impunidade ao co-réo, a fim d'elle descobrir os cúmplices. — Já se vê que é também nos crimes contra a segurança do Estado, que diferentes legislações, e não poucos escriptores, têm adoptado esta medida. Assim em França a lei de 28 d'abril de 1832, abolindo os artigos doCodigo Penal<sup>2</sup> que puniam a não revelação civica, não tocou no artigo 108, que exempta das penas pronunciadas contra os auctores dos crimes relativos á segurança interna e externa do Estado, os

<sup>1</sup> Ordenança de Luiz XI inserta no codigo de Henrique III, e as leis antigas da maior parte da Europa — segundo Filangieri

<sup>1</sup> Filangieri tom. V, delictos contra os soberanos.

<sup>2</sup> Art. 103, 104, 105, 106 e 107.

co-réos que revelarem o crime e entregarem os cúmplices. Do mesmo modo é que o nosso código no artigo 176, estabelece uma disposição analoga; disposição esta que também se encontra no artigo 213 e §. 2.º do 283, aquelle sobre falsidade de moeda, e este sobre associações secretas. E a antiga legislação patria<sup>1</sup> não só exempta de pena, mas até diz que pela revelação se deve fazer, ao cúmplice delator, uma outra mercê, se elle não fôr o principal conspirador.

É grande a conveniencia que resulta para um governo de admittir este principio fundado na lei; por elle se pôde muitas vezes obstar ás conspirações e outros crimes d'este genero; estes são sempre prejudiciaes, portanto (dizem os que o defendem) é util admittir esse principio. Mas se nós fossomos empregar para o conseguimento d'um fim, todos os meios, só pelo facto de serem uteis: é facil de ver os absurdos e a immoralidade em que cahiriamos. Diderot<sup>2</sup>, dizia que — « causa alguma podia contrabalançar a vantagem de estabelecer a desconfiança entre os criminosos; de os tornar suspeitos e temiveis uns aos outros; e de lhes fazer recear, que seus cúmplices se tornassem seus accusadores ». — Mas 'numa guerra civil ou externa, não será também util para um governo que tiver poucos meios á sua disposição, que haja uma lei que auctori-se que, 'nesses casos extremos, cesse a perseguição de todos os criminosos, e se tolere que elles se junctem, formando quadrilhas, para bater o inimigo? — Esses homens, mais ou menos inveterados no vicio, muitos habituados a todo o genero de atrocidade, e tendo em vista a exempção da pena; podem tornar-se os soldados mais aguerridos, a tropa mais valente e destemida; podem mesmo concorrer muito para a sustentação do governo ou independencia da nação; tudo aos olhos da moral, a lei que auctorisasse semelhante medida, seria, inquestionavelmente, injusta e despotica. Com razão pois não via Beccaria, « senão opprobrio para a sociedade, que autorizasse as sanctas leis, garantes sagrados da confiança publica, base respeitavel dos costumes, a protegerem a perfidia, a legitimarem a traição. »

Não fallarei já na injustiça que haveria em, soffrendo os diferentes individuos uma pena grave, talvez a morte, por um crime contra a segurança do estado, um dos cúmplices que revelou o crime, tão culpado como os outros, ser exempto da pena pela sua perfidia: mas apresentarei uma outra hypothese em que essa injustiça se torna ainda mais sensivel, em que a consciencia pública, não pôde deixar de odiar a exempção da pena

para o cúmplice delator. — Supponhamos o espião, o intrigante, supponhamos mesmo aquelle que queria exercer a sua vingança contra individuos, por uma offensa pessoal, ou por uma questão de partido. — Que melhor meio tem este, para, á sombra da lei, preparar a ruina dos seus inimigos, que o de, por uma alliança apparente, favorecer qualquer idéa de conspiração que elles tenham; de se tornar seu cúmplice; de os arrastar pouco a pouco para o abysmo; e quando já não seja possivel retrogradar, ir então revelar o crime, por isso que para elle delator, a impunidade é certa?!

Concluindo direi que tanto a revelação civica, como a disposição do artigo 176 do nosso Código Penal, e a do 213 e §. 2.º do 283, são de influencia anti-benefica para a sociedade; porque ainda que se tenha em vista um fim util, os meios são injustos; — para me servir das palavras d'um sabio escriptor<sup>1</sup>, é como « empregar uma esperteza de Satanaz, para fazer uma obra de Deus. »

A. P. COUCEIRO.

## EXCERPTOS

D'uma viagem a Inglaterra.

CAPITULO . . .

Visita ao castello d'Windsor.

Continuado de pag. 198.

Agora, estreitemos comnosco os nossos pensamentos e recolhamo'-nos em compendiosa meditação, para vermos com os nossos olhos, palpamos com as nossas mãos, e investigarmos com o nosso espirito esta maravilha ingleza, desterrada beneficemente de Londres, para que o fumo lhe não vestisse aquelle crepe funebre que parece cubrir, em retalhos, os seus mais sumptuosos edificios.

Não queremos amanhã, julgando reproduzir sensações nossas, embebecer surranteiramente o leitor com duas paginas embrincadas de linguagem mascarada, arrefentadas com imagens inconcebiveis, reçumadas de chistes impertinentes; mas empalmadas em livrinho francez, e escriptas, não poucas vezes, por quem nunca viu a scena que descreve, ou fallou com a pessoa de quem supprime o nome, ou sentiu enredada nas franças da arvore a aragem que inculca ter-lhe roçado perfumada nas faces.

<sup>1</sup> Ord. L. V, tit. 6, §. 12.

<sup>2</sup> Notes de Diderot sur le *Traité des délits et des peines*.

<sup>1</sup> O sr. A. Herculanio, no *Parcho d'aldea*.

Não gostamos d'esse expediente, embora o leitor (se e que posso pavonear-me com ter, por leitor, mais que o obrigado compositor typographico.) fique privado d'um trecho inimitavel acerca das brizas d'Windor, por lorça travessas ou melancholicas, mas poeticas sempre.

Podiamos agora dizer que, ao sahir do achatado claustro, desembocando no espaçoso terreiro, nos veio bater no peito uma folhinha resequida da hera que verdejante forra, em parte, os pannos do muro secular, e que, ao mesmo tempo, nos cahiu aos pes trazido tambem nas azas ondulantes do zephyro um ninho deshabitado de... pardaes, quem sabe? — Ora, mas ahi está o inconveniente de ser demasiado exacto: fallo em pardaes, que nem todos podem ter como passaro poetico! se o ninho fosse de rouxinões, era bem mais romantico, era.

E com estes innumerados incidentes por onde nos conduz involuntario a imaginação esquecemo'-nos quasi do magestoso castello! Reparemos, porém, a falta. Elevado no cume d'um pequeno outeiro, em cujas faldas se estende, quasi em todo o redor, a pequena cidade d'Windor, o castello domina algumas leguas do campo, quebrando com arrebatadora perspectiva a regularidade friamente uniforme dos condados de Berks, Middlesex e outros que longo fóra enumerar.

Longo, dizemos, para o leitor portuguez; porque, a não ser assim, sempre lhe diriamos que 'numa táboa, que na *torre redonda* (the round tower) vimos pregada 'numa canhoneira, se declarava categoricamente ao viajante, em perfeitas letras brancas, que 'num dia claro se *deviam* ver do castello as terras dos doze condados seguintes: Middlesex, Essex, Bucks, Hertford, Berks, Kent, Wilts, Oxford, Hants, Sussex, Surrey, e Bedford.

A determinação é peremptoria: — *devem* ver-se diz o rotulo. Não ha, portanto, myopismo que nos salve. Temos de ver, ainda que não vejamos coisa alguma! — Estes insulares sempre têm descócos que ninguém sonha! A perspectiva hypothetica d'alguns d'esses condados é, sem dúvida, mais seductora do que o campo inglez.

Este, em geral, plano ou chato, como a philanthropia obrigada dos filhos do paiz, não faz recordar em coisa nenhuma o nosso, o da poetica Escossia, ou o da namorada Suissa. Lá não ha nada d'essas montanhas penhascosas que se aprumam e se encastellam ou-ricadas d'arestas e recortadas de pináculos que rasgam o seio da nuvem açoitada pelos repêlões violentos do sudoeste: lá não ha nada d'esses valles fundos, bem fundos que nos cansam a vista, quando do tópo da penedia, que lhes fica a cavalleiro, procuramos lobrigar lá em baixo o corrego que se debate raivoso,

abraçando com os braços d'espuma o calhau que lhe estorva o passo: lá não ha nada d'essas veigas longas, suaves, ondulantes, fresquissimas de verdura espontanea, que vão morrer ao longe, lá bem ao longe, intestando nas abas da collina que borda o horizonte. Não! lá não ha nada d'isso: — tudo é nivellado pelo prumo, tudo é regulado pelo compasso. O solo d'Inglaterra é a antithese do d'Escossia e do nosso. Aquem de *Cheviot Hills* tudo é vulgar e uniforme. Aquelles pittorescos versos do nosso Tolentino

*As nodosas curvalheiras,  
Que assumbram ermas estradas;  
Altas rochas penduradas  
Sobre medianhas ribeiras;  
Duras, íngremes ladeiras,  
Escuras concavidades. . .*

Estes versos, dizemos, seriam um logogripho semsabor para uma cabeça britanica.

Mas o castello, o castello! — ah! sim; agora promettemos não sahir d'elle, e mesmo não nos incomodarmos em entrar, às escuras, pela noite dos tempos para investigarmos o seculo que assistiu ao assentar da primeira pedra d'aquelle vetustissimo monumento; mas tanta vez remoqueado e, de seculo para seculo, ampliado e melhorado. Apenas com o nosso faro d'antiquario por guia, e a curiosidade por norte, havemos de ir interrogando pedra a pedra; — que nunca pelas monographias tão fartas d'illuminuras, quão ermas de noticias exactas e authenticadas, que ao viajante curioso vendem, á porta, tendeiros diambulantes.

O aspecto geral do todo do edificio é magestoso e com um quê indizível de solemne, sem duvida. O orgulho nacional parece transudar-lhe, através dos cantos não-escodados, desde a raiz do chão até ao mais elevado corucheu. Mas a que classe d'architectura pertence? Eis-ahi uma das primeiras questões momentosas, e a que, depois de o inspecionardes todo, não sereis capaz de responder sem titubiar, por mais subsidios que vos ministrem estudo, memoria e practica. É que alli ha, mais ou menos, lanços ou pannos influenciados por todas as escholas, pedras incrustadas pela mão de todos os seculos, aberturas rasgadas ao sol de todas as primaveras. Se o character geral se vos manifesta aos olhos fazendo predominar a casta simplicidade gothica, para logo a volta da janella, redonda e não-ogivada, vos descobre o stylo da eschola franceza: aqui, este salão patentea o gosto do gothico puro e singello do seculo treze; além aquelle o do floreado e sobre-carregado do seculo dezeseis, que viu em Portugal deturpar a magestade do convento da Batalha com as capellas *imperfeitas*; — exacto e fecundo epitheto este com que o nosso povo baptisou aquelle accrescento, e que ex-



prime, ao mesmo tempo, a obra *por acabar e a mal-feita*.

Ai! e o nosso guaiador; que pouca attenção que lhe temos prestado á cantilena illustradora! Já que chegamos aqui ao terraço, mettamo-nos de palestra com elle, que já com o braço estendido e o indicador direito nos adverte da existencia d'*Eton College*, aonde mais de seiscentos alumnos cursam *humanidades*.

Coimbra, Coimbra, como a tua imagem augusta e veneranda nos veio então d'involta ao pensamento saudoso, comparando o traje negro dos collegiaes d'*Eton*, com o civilisado e progressista e elegante e casquilho vestido d'um estudante da universidade portugueza!...

Fujamos idéas lugubres, e olhemos, face a face, o nosso heroe que immovel espera lhe demos attenção para proseguir na revista, interrompida ao observar-nos pela segunda vez em abstruso meditar, baldando o alarde que nenhum *cicerone* desejára escutado, mas que o inglez exige entendido. — Encarando-o então pela vez primeira, podemos esquadriñar a bibliotheca semovente que se nos deparava. De mais de cinco pés e meio d'altura (mas pés inglezes) o nosso homem, bem apessoado apurava-se, que capricho da natureza! sobre dous pés de muito sensível differença, embora, para se compensarem, tentasse um vencer a grandeza absurda por maciça do outro, com o joanete volumoso, e as bastas saliências que rebentavam, como rugas em abobora, fóra do couro da bota. Advertida esta particularidade exquisita, passava-se ao pólo opposto, a cabeça, sem ter a observar mais do que as formas esgrouviadas d'um inglez aposentado em escorcha-viajores. — A cabeça, sim; essa era um monumento que podia tomar-se como excrescencia digna do Castello. Alli dentro estavam archivadas, a historia, a planta, o custo, e todas as minudencias ácerca do edificio, e a planta do campo limitrophe na extensão d'um raio de cinco leguas, e tudo documentado com datas, e enfeitado com illuminuras, que na exposição prolixa como que vinham repintar-se-lhe nos beiços largos, tal era a mobilidade com que acompanhavam ou preveniam as expressões que lhe rebentavam em catadupa da garganta. Com a testa elevada, mas sem a menor protuberancia, abrindo em espaçosa calva a que dous monetes lateraes, puchados da cova do ladrão, vinham servir como de sanéfas apparatus, o todo do alto da cabeça fez-me nascer logo a lembrança d'aquelles versos do nosso poeta:

*Na cabeça por gorra tinha posta  
Uma mui grande casca de lagosta;*

mas cozida e muito cozida, tão vermelha e luzidia a tinha elle. Affectado na mocidade

de estrabismo, ou, para me aproveitar da phrase musculosa e correcta de Fr. Luiz de Sousa fallando do sancto Archebispo, com a vista torcida, o nosso heroe tinha perdido um olho, e o outro, pelo defeito natural enviezava a vista, mettendo-a de soslaio pelo canto das palpebras forradas de marroquim vermelho.

Perdoem-nos o ter-nos dado o cuidado de desenhar, embora d'escorço e muito ao de leve, este figurão: mas é que perfaz um papel muito importante 'neste nosso compendiar de recordações viajeras, como verão 'noutros capitulos. Diremos ainda uma noticia, mas uma só, ácerca d'elle — esteve na batalha de Waterloo, na primeira linha, e pendelhe ao peito a medalha comprovadora. O que nos contou durante uma hora em innocentes imagens ácerca da sanguinolenta Waterloo contal-o-hemos tambem um dia.

— Foi alli, em *Eton* que estudou Grey, o melodioso bardo do *Cemiterio da aldeia*? —

« *Yes, sir.* »

Dada, á pergunta feita, esta resposta tão trivial na bôcca d'um subdito da rainha Victoria, concluímos o longo cavaco, e a revista, do alto da torre, das cercanias de Windsor. Relatar agora, por miudo, quanto vimos era aspirar a redigir um *in folio* interminavel.

No fim de dous dias de pesquisas, concluímos que o Castello de Windsor é uma elegantissima charada de pedra. Demos-lhe mentalmente vinte nomes diversos, reecopilamos trinta imagens impossiveis para o comparar, agrupamos quarenta sensações para desumirmos uma synthese accetivel e tudo debalde. O castello d'Windsor nunca pôde denominar-se se não castello d'Windsor. Não é uma civilisação, um povo, uma historia cinzelados em pedra; — não é um castrum, uma fortaleza, um palacio, um convento, um carcere, porque é tudo isso, e mais que tudo isso. Parece que cada canto foi cimentado por mão diversa, com idéa distincta e sob sol differente.

Entre nós, todavia, ha alguma coisa que, bem que de longe, pôde comparar-se-lhe — é Cintra.

A sciencia 'neste seculo tem uma face peculiar; — é a comparação. Cuvier, e Brogniart, e Ortolan e... nada de citações! — basta dizer que hoje tudo se compara. Anatomia comparada, legislação comparada, historia comparada... enfim, tudo, tudo se percebe facilitado, comparando-se.

D'este systema, pois, me vieram tentações de *viagens-comparadas*, cujas publicaremos em breve os seguintes capitulos:

Westminster, e a Batalha.

Richmond, e a Graciosa.

Christovão Wren, e Affonso Domingues.

Windsor, e Cintra com Mafra.

Coimbra, e Oxford com Cambridge.

'Neste momento, porém, votemos'-nos d'alma e coração a investigar Windsor; mas somente em si, sem uma unica lembrança peregrina.  
Continúa. A. A.

## MEMORIA

*Sobre as principaes causas da mortalidade no hospital de S. José, e meios de as attenuar*

POR

ANTONIO MARIA BARBOSA

Cirurgião do mesmo hospital, socio do Instituto de Coimbra etc.

E este o titulo de um excellente trabalho, fructo de serios estudos, e mui reflectidas meditações, que para proveito público, e gloria do seu auctor veio enriquecer a litteratura medica do nosso paiz.

Tão feliz no desenho da obra, como preciso, claro, e methodico na exposição de suas idéas o sr. Barbosa comprehenden, como de razão, que as causas influentes nos resultados practicos de um estabelecimento gratuito de saude deveriam ser externas, e internas; e percorrendo a serie de umas, e outras comprehendeu tão perfeitamente a acção de cada uma d'ellas, como desinvolveu os meios de attenuar umas, e neutralisar outras.

Os bons preceitos de hygiene, e policia medica acham-se habilmente applicados ao hospital de S. José de Lisboa, o mais vasto estabelecimento, que possuímos 'neste genero. Mas não é só ao hospital de S. José que poderão aproveitar as boas doutrinas expostas na citada memoria; porque d'ellas podem colher muito fructo todos os nossos hospitaes, fazendo-se d'ellas applicação devida.

Se alguma vez a pureza da linguagem foi menos attendida 'naquelle escripto, nunca a da doutrina deixou de ser venerada. Ninguem avalie a obra pelo vulto que apparece; que o seu valor real está na escolha dos bons preceitos, e no bom methodo da sua exposição.

Nos progressos que vão assignalando o século, em que vivemos, occupa um lugar distincto o estudo regular e assiduo da hygiene, e da policia medica. Se a historia d'estas sciencias se perde nas trevas dos séculos, se vae entroncar na historia dos governos, e das legislações religiosas e civis; é tambem innegavel que attendido, e cultivado empiricamente um ou outro ramo em pontos de vista differentes como o eram as situações especiaes dos povos, e as tendencias do espirito social, o verdadeiro desinvolvimento d'essas sciencias, e a sua applicação á conservação, e melhoramento das sociedades datam dos

finis do século passado. O impulso energico imprimido no estudo, e applicação d'ellas por Frank, Plenck, e outros sabios allemães, seguido em Inglaterra, e França principalmente, déram tão nova fisionomia á hygiene, que não parece a mesma dos tempos de Moisés, Platão, e Hippocrates; nem ainda de tempos posteriores.

Hoje a hygiene publica, e a policia medica são sciencias intimamente ligadas á sciencia de governar. Não ha bom governo, que as possa dispensar.

Raros, e mesquinhos têm sido entre nós os escriptos d'este genero. Ahi fica levantado esse padrão á hygiene dos hospitaes. Possa elle servir de estímulo á cultura de um objecto humanitario da maior utilidade pública! Sirva a liberdade de imprensa mais frequentes vezes a escriptos de tão reconhecido interesse nacional!

M.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 até ao fim de janeiro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Antonio Luiz de Sá Araujo para professor temporario da cadeira de Dornes na Frazoeira, districto de Santarem.

Joaquim Baptista de Sousa, para dicto de Parada do Pinhão, districto de Villa Real.

José Francisco Gomes Alberto, para dicto de Bomfim, districto do Porto.

Miguel Rodrigues, para dicto do logar da Encarnação, districto de Lisboa.

Simão Maria Manzoni, para dicto de Barcarena.

Antonio Barreiros e Neves, para dicto de Miuzella districto da Guarda.

Hermenegildo Thadeu d'Almeida, para dicto d'Ouri-que, districto de Beja.

João Gomes das Cruzes, para dicto da freguezia de Boaventura, districto do Funchal.

João José Soares, para dicto de São Martinho das Amoreiras, districto de Beja.

Joaquim Augusto Faria do Carmo, para dicto da Villa do Sardoal, districto de Santarem.

Henriqueta Julia Fernandes para mestra de meninas da Villa de Sant'Anna, districto do Funchal.

João da Anunciação para professor vitalicio da cadeira de São Pedro da Cadeira, districto de Lisboa, por transferencia da do Vimeiro, no mesmo districto, decreto de 21 de janeiro ultimo.

### INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

João Cabral de Figueiredo para professor vitalicio da cadeira de Latin da Villa do Pedregão Grande districto de Leiria, decreto de 28 de janeiro ultimo.

### INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

José Maria Galeão para o logar de Bedel da faculdade de direito da Universidade de Coimbra, decreto de 21 de janeiro ultimo.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## SECÇÃO DE SCIENCIAS MORAES.

Oração pronunciada pelo socio effectivo A. Ayres de Gouveia, em sessão ordinaria do Instituto, sobre o ponto: « Qual será actualmente a influencia do clero na sociedade? »

OFFERECIDA AO SEU COLLEGA E AMIGO

O III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Marquez de Sousa e Holstein.

*Vos estis sal terrae . . . Vos estis lux mundi.*  
S. MATTH. c. 5, v. 13 e 14.

A sociedade é o berço e o tumulto do homem. Nascido 'nella e para ella, acalentado em seus braços, alimentado ao seu seio, desenvolvido, instruido, e aperfeiçoado no seu gremio, o homem morre 'nella, e por ella, quando causas estranhas tentam embaralhá-lo o proseguimento.

A sociedade, portanto, não é simplesmente um meio, mais ou menos apto, para a sua existencia, para a sua plena desenvolvimento na vida; — é, repetimos, o seu berço e o seu tumulto, a satisfação das suas variadissimas necessidades e a necessidade primeira da sua existencia. Antes do sol que o vivifica, da terra que lhe patentea o seio abundante de fructos, da agua que lhe sacia a sede, da arvore que o desencalma com a sombra no queimôr do estio, do fogo que lhe dilata gostosamente os membros entanguidos; antes de tudo isso que são, indubitavelmente, necessidades imprescriptíveis está a sociedade. Sem a sociedade, disse um distincto escriptor, a entrada do homem para a vida, seria ao mesmo tempo a sua sahida para a morte. Desconhecendo, ou antes querendo mascarar esta verdade manifestissima, Rousseau foi o ultimo echo da philosophia materialista ou, melhor, da pseudo-philosophia do seu seculo.

A consideração e apreciação do ente racional em completo isolamento da sociedade é, apenas, a prova do vigor abstrahente d'uma intelligencia elevada.

VOL. V.

FEVEREIRO 15 — 1857.

NUM. 22.

Para o desenvolvimento, pois, perfeito e harmonico da sociedade, para o seu engrandecimento material e, mais que tudo, para o seu plenissimo aperfeiçoamento moral devem tender, simultanea e ininterrompidamente, a intelligencia do sabio e o braço do artifice — os esforços complexos do homem: — por isso que da sociedade, como foco perenne e commum, irradiam para elle, reflectindo-se mutuamente, a luz da civilisação, os raios do progredir artistico e industrial, e o calor mil vezes mais benefico da moralidade, gerando-lhe o conforto e animo nas aperturas e tribulações do espirito, o lenitivo e remedio nas dores e feridas do corpo, e o consolo e harmonia nos trabalhos domesticos.

A isto, que a razão nos diz e nos prova, dá inteira sancção com os seus irrefragaveis e inilludiveis monumentos a historia. Um grande homem, um d'esses homens que são lustre e orgulho d'uma geração que outra coisa é senão a synthese das idéas do seu tempo? — que outra coisa nos dizem Socrates e Origenes, Platão e S. Agostinho, Shelling e S. Thomaz — e tantos e tantos outros nomes, que até a inveja admira e adora? E, ao mesmo passo, o que é que aviva na memoria um seculo, obscurecendo outro na penumbra da historia, senão os esforços tenazes e accordes, traduzidos em obras prodigiosas, em monumentos immorredouros, em fabricas admiraveis, que ao sol d'essa era levantaram braços d'homem? Porque, senão por essa causa, se diz — « o seculo de Pericles, o d'Augusto, o de Luiz XIV? »

Eis ahi, pois, a maravilhosa harmonia do homem e da sociedade. — O homem baptiza o seu seculo, quando lhe imprime fundos os vestigios da sua passagem, como o seculo eterniza o homem, quando ensina o seu nome aos quatro ventos do céu.

Que esforço, por consequente, de cabeça e de coração deva empregar para o adiantamento, para o bem moral e material da sociedade em que coexiste, mais claro se sente, do que o póde exprimir ainda a penna mais considerada, ou a palavra mais facunda. E não menos se nos abre tambem, para logo, ao espirito que applicar-se ao melhoramento da sociedade é aventajar-se no proprio; ceder-lhe a ella o mesmo vale, que reembolsar de novo.

A sociedade, porém, é quasi o infinito da forma — os milhões de indivíduos — sob a unidade do principio ou typo — o homem.

As paixões negras e torpes, as virtudes sublimes e assombrosas, os vícios ignobéis e pestilentos, as dedicações generosas e quasi evangelicas, as amizades francas e sinceras, as traições m'asquilhaes e covardes, tudo, emfim, quanto ha d'excelente ou de perverso, no amor ou no odio, na abnegação ou na inveja, na humildade ou na soberbia, tudo em seu gremio se confunde ou se combate em todos os seus cambiantes e gradações possíveis. E o homem, limitadissimo como é, não pôde fazer bem a tudo e a todos, tentar o aperfeiçoamento em tudo e em todos.

Embora! — concorra cada um com o que pôde e tem de melhor, com a palavra ou com o exemplo, com o desejo ou com a realidade, com a prática do bem ou, se mais não poder, com a omissão do mal; mas concorra sempre e sem treguas, que 'nisso vai a perfeição propria no engrandecimento alheio. As bençãos da geração por vir serão premio sobejo a fadigas generosas!

E sobre tudo e mais que tudo, no aperfeiçoamento moral da sociedade devemos altear bríos e empenhar esforços. — Pelo que diz ácerca de melhoramentos materiaes, o nosso seculo não tem a correr-se em face dos que o antecederam. Commercio e industria, agricultura e artes, caminhos de ferro e illuminação a gaz, canaes e telegraphia electrica, archeologia e economia, historia e geologia, medicina e ethnographia, tudo tem progredido ou tem nascido, em tudo tem assentado victoriosa a mão do homem. ¿Que tem o nosso seculo a pedir aos que o precederam, se, ainda apenas no começo do terceiro quartel, já tem, para trocar com elles, melhoramentos que nem sequer anhellavam, que nem sequer chegaram a imaginar? Hoje, com o auxilio da daguerreotypia ou da photographia, podemos colher á natureza as suas mais namoradas paizagens, as suas mais graciosas maravilhas e até, baldando o esplendor ao sol, revelar com toda precisão a forma e o numero das suas tachas! Hoje, com o socorro das vias ferreas, podemos acompanhar com o corpo quasi a rapidez do desejo, e cruzar, folgados, quasi em dias, o que nossos avós atravessavam, molestados, em mezes! Hoje, com o invento da telegraphia-electrica, podemos conversar os nossos antipodas com a mesma brevidade, como se estivessemos na mesma praça, á sombra das mesmas arvores! Hoje, com a descoberta da luz electrica, podemos ligar ininterrompidamente o crepusculo á alvorada, supprimindo as trevas da noite! Hoje, com as applicações do vapor, . . . — ¿mas para que tentar o impossivel d'enumerar todos os innumerables prodigios que, diariamente, arremessa para o seio da sociedade esse gigante de

ferro, fallando infatigavel por milhões de boccas, chamado — a imprensa?

Não, por certo; o seculo dezenove tem flores que ninguém ousará jámais contestar-lhe!

Mas a este esplendido brilhantismo do progredir material poder-se-ha equiparar o adiantamento moral da sociedade? — Eis o que, desgraçadamente somos constringido a negar em vista dos factos reiterados, e o que ninguém se atreverá mesmo a querer affirmar. As estatisticas dos crimes exigem cada dia maior margem para as suas columnas e novas columnas para crimes que a antiguidade desconheceu, a boa fé deliaha no commercio como planta exotica, a caridade, consoladora e escondida, converte-se em philantropia involuntaria e alardeada, a creença religiosa accita-se como uma convenção social, os laços de sangue tomam-se como cadeias incomportaveis e absurdas da natureza, a hypocrisia substitue a sinceridade e, finalmente, dizem alto e bom som, rasgando a máscara — «a propriedade é um roubo» — conscientes de que 'nesse brado vai o moto que lhes pôde ser divisa — «o roubo é uma propriedade».

Não se creia que afeiámos caprichosamente o quadro. Prouvera a Deos que assim fosse. — Melhor, muito melhor nos iria então.

Ora, ao acabamento d'este estado, em que a moralidade é uma palavra inutil, e que tanto e tão claramente vai começando a fazer recordar os annos sanguinolentos e crapulosos do imperio romano, e ao renascimento d'uma vida social mais perfeita e moralisada, devem applicar-se tenazmente, cordealmente, com quantos esforços possíveis, todos os homens; — e sobre todos e mais que todos, sem se furtar a fadigosas vigílias, e a provações as mais afflictivas, aquelle que é o sal da terra e a luz do mundo — o sacerdote christão. Com a palavra evangelica nos pulpitos, com as practicas religiosas ao semear a doutrina christã no animo das suas ovelhas, com o exemplo, conhecido e reconhecido, da paz e alegria domestica sob o tecto casto, com a caridade, revelada pelos resultados, proclamada pelos pobres, mas escondida na origem, com a virtude em todas as suas acções, com a applicação em todos os seus trabalhos, com o trabalho em todos os seus dias, com os dias velados e gratos a Deus, em todas as suas horas deve contribuir o sacerdote para a moralisação da sociedade. Deve-o pela necessidade social, e deve-o, mais que tudo, pela obrigação do seu ministerio.

Não carecemos, não carece ninguém, por sabidissimo de todos, de embrenhar-se na historia para descortinar ou para ver claro o que tem sido o sacerdote christão nas novas sociedades. — Como a palavra lhes foi facunda e convincente! como o exemplo lhes foi venerado e acolhido! Assistindo ainda, al-

guns, nos primeiros cinco seculos da nossa era, ás fascinações licenciosas, á corrupção infrene, á prostituição autorizada do grande imperio, como as suas vestes atravessaram candidas esse tremedal asco de vícios! — A sua palavra é ainda modelo; o seu exemplo é ainda veneração. — Os Ignacios, os Bazilios, os Chrysostomos, os Cyprianos, os Jeronymos, os Athanasios... para que, para que nomear, quem todos conhecemos e acatamos? Dê-se-nos, pois, que fechemos a historia para só nos occuparmos com os tempos que correm.

Hoje, que nos aperta cerradamente a necessidade, é que urge o remedio salutar, prompto, efficaç. Collocado no meio da sociedade, que reflecte as acções do individuo, o sacerdote christão tem de ser norma das acções alheias, por isso que d'elle, primeiro que de ninguém, deve e ha sempre de partir esse remedio.

No campo, sobretudo, aonde a instrução em todos os seus cambiantes vai atrazadissima, corre dezassistidissima, é que a influencia moral do clero se apresenta mais sensível e a cada momento mais supplicada. O camponez, curvado todo dia sobre a terra que fertilisa com o suor do rosto, sem tempo para lêr, sem estudo para saber lêr, modela-se pelas palavras e, ainda mais, pelas obras do sacerdote, que ás noites, nos longos e conversados serões, são repetidas e reveladas e commentadas. Alli o padre é um como cathecismo vivo de leitura quotidiana.

Nas cidades populosas, porém, a sua influencia é bem menor, ou é nulla quando o pulpito adormece solitario; — porque o pulpito é a unica voz da Igreja no nosso paiz. O homem das cidades não tem serões ociosos e vazios, embora os tenha, e muitos infelizmente, polluidos, immoraes, e culposos. O commerciante, alquebrado dos negocios do dia, vela as noites no *Razão* ou no *Diário*; o industrial, atordoado com o ruído da lançadeira ou da maquina a vapor, não tem ouvidos para palavras; e o nobre, ou o burguez nobilitado pela pujança dos suados cabaes de seus maiores, enerva-se nas mollezas das adamascadas alfombras, ou gasta-se nos prazeres ruidosos das salas. As noites para estes não são leitura e meditação, senão folgares pomposos. E o padre, ou não apparece alli, ou vai para lá com os vestidos salpicados da lama atirada pelo rodar dos coches ostentosos. Alli, nos salões magnificientissimos, aonde as sedas e o ouro rojam dos tectos apainelados ao pavimento de bruido acajú, e as danças lascivas, e as mulheres seductoras, e os perfumes enebriantes, e os cristaes centuplicadores, e os candelabros sem conto, e as muzicas sonoras derramam e incitam folgança e horas gozosas, — que palavra religiosa haveria bastante forte que sobrelevasse todo esse arruído? Nas grandes cidades aonde os theatros portentosos, as

assembléas harto-concorridas, os jogos arruinadores, e as distracções de mil especies, são o matiz das noites, qual ha hi voz para ser escutada?

Nas cidades, por conseguinte, a influencia moral do clero será inutil, a não ser damnosa, em quanto nós não tivermos, como desgraçadamente não temos, os Lacordaires, os Venturas, os Ravignans, realce e inveja do pulpito parisiense no segundo quartel d'este seculo.

Convença-se, pois, o sacerdote da agrura da sua missão, do pezo que lhe está sobre os hombros, e prepare-se para dar-lhe o cumprimento que a sociedade e o seu mesmo dever lhe reclamam. Desaffeição-se, d'uma vez para sempre, dos enganos do mundo, que tanto o têm attrahido e tanto o tem desviado da sua augusta missão, e volte-se mais para o reino da eterna luz... — *regnum meum non est ex hoc mundo*.

Consagrado, voluntariamente, ao ministério, embora arduo, de pastor sollicito e dispensador constante das graças celestes que o Cordeiro do Golgotha lhe confiára, a sua vida tem de ser moldada, interior e exteriormente, pelos preceitos evidentissimos e terminantissimos que, durante a sua passagem no mundo como Homem, e ao subir para o seio da sua propria Omnipotencia, lhe prescrevera. A humildade nas acções, a caridade para com todos, a paciencia nas aperturas, a piedade nas orações, a modestia na vida, a confiança na morte, são-lhe condições imperitaveis. «Dei-vos o exemplo, lhes diz Elle, para que façaes, como Eu vos fiz:» *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis* (Joan. c. 13, v. 15). Aqui é o proprio Redemptor que se offerta norma aos apóstolos e, portanto, a todos os sacerdotes que successores são d'elles!

O apóstolo, porém, transmittindo ás egrejas recentes, e consequentemente aos sacerdotes todos, as determinações que peremptorias vinham extirpar as dúvidas, e aclarar pontos valiosos mal conhecidos, exhibe todas as faces dos preceitos que importantes, que importantissimos deviam calar no animo, para formar ou reformar os ministros. Diz elle a Tito: «Dá-te a todos exemplo proprio de boas obras, na doutrina, na inteireza, na gravidade:» *In omnibus teipsum praebe exemplum bonorum operum in doctrina, in integritate, in gravitate* (ad Tit. c. 2, v. 7). E a Timotheo, esforçando-lhe a adolescencia, diz: «Applíca-te á leitura, á exhortação e doutrina: — que ninguém menospreze a tua adolescencia: — mostra-te exemplo dos fieis na palavra, na conversa, na caridade, na fé, na castidade: — nisto medita e nisto vive, para que o teu viver te reconheçam todos:» — e aos Philipenses repete elle — «que patente seja a todos a vossa

modestia. » *Attende lectioni, exhortationi, et doctrinae. — Nemo adolescentiam tuam contemnât: sed exemplum esto fidelium in verbo, in conversatione, in charitate, in fide, in castitate. — . . . — Haec meditare, in his esto: ut profectus tuus manifestus sit omnibus: — Attende tibi et doctrinae; insta in illis* (ad Tim. c. 4, v. 12, 13, 14, 15 e 16). *Modestia vestra nota sit omnibus hominibus* (ad Philipp. c. 4, v. 5).

Mas para que o lavor inutil de copiar mais uma ou outra passagem, se tantas são e tão ponderosas se contêm as exhortações aos sacerdotes em todas e cada uma das laudas das Epistolas apostolicas ou, melhor, em cada phraxe de toda a Escriptura? Inutil, por certo; porque mais que muito bem as conhecem, e as sabem e as repetem todos as que lêem.

Se, porém, isto é verdade, que realmente o é, d'onde rebenta pois o mal de não accudirem elles, os sacerdotes, primeiro que ninguém, com a palavra, em ais que tudo com o exemplo, ao aperfeiçoamento da sociedade?

Eis a questão grave e do maior momento que hoje se deveria ventilar no nosso paiz — na tribuna, e nas escolas, e na imprensa, e em toda parte, e sempre até á saciedade: a questão utilissima e vital, porque, sem a moralidade, só o cahos social pôde conceber-se.

O erro, sem dúvida ou antes a culpa d'este desgraçado estado, mas culpa vergonhosa, mas crime arguível, e a todos os respeitos pernicioso, dimana d'ambas as partes — da sociedade e do clero.

A sociedade quiz, terminando a mais malferida das nossas guerras civis, e orgulhando-se então parvoamente d'irreligiosa com o augusto nome de livre, arrastar comsigo o clero; — e quasi que o conseguiu, secularizando-o na maxima parte. O clero, pelo seu lado, imbelles e apesinhado, começando, no meio das saturnaes momentaneas d'essa epocha, a deslembra a vereda escabrosa do seu ministerio, e a gostar os ocios d'uma indolencia offertada traiçoeiramente, volveu costas ao Calvario, e deu comsigo no charco infecto das facções politicas. Aqui, desvirtuado para logo, as paixões calaram-lhe fundas, e a sua mão, que devia abrir-se, unicamente, para a caridade, para o conforto do pobre, para a benção do arrependido, para guiar como pae o orphão, para enxugar as lagrimas da viuva, e para no leito d'agonia ministrar a extrema-unção e o pão-de-viagem ao moribundo, que em breve vai subir perante o tribunal divino, começou a retrahir-se para tudo isso, e só a alongar-se para ir regatear sobre a banca do thesouro publico a paga infame d'umas eleições influenciadas por elle. A sua voz que, poderosa pelo convencimento intimo, sancta pela unção evangelica, brilhante pelas vigílias ininterrompidas, cahia consoladora, benefica, misericordiosa, como balsamo vivifi-

cante, do alto do pulpito, nunca mais tornou a acordar o echo magestoso dos nossos templos. « Que palavra poderosa retine nos pulpitos? » perguntava, ha quatorze annos, o cantor de Camões.

Ahi está, pois, a primitiva fonte do mal. O templo errou, a doutrina esqueceu, o clérigo fugiu, e a sociedade oppoz a isso a indifferença! Hoje, porém, voltando do desvio, com as vestes da antiga crença dilaceradas pelos cardos do scepticismo, com os pés magoados pelas asperezas d'uma intolerancia absurda, e com o coração anhelante d'uma fé que a vivifique, a sociedade clama extenuada *sitio!* « tenho sede! » e as naves do sanctuario repercutem-lhe apenas o grito sentido, porque o clérigo, foragido ou cercado pelos brados protervos das bacchanaes, lhe não escuta a voz, e não accorre a aggregar as ovelhas esmadrigadas.

Mas, é tempo, enfim; ainda é tempo de reprezar o mal; e agora mais que nunca, porque a sociedade o supplica. Erga-se a voz eloquente, levante-se o braço desassombrado, e guie e prêgue e convença: — fortaleça os desalentados, fulmine os recalcitrantes, confunda os indifferentes, esforce os timidos, illustre os duvidosos e abengõe os perseverantes. Erga-se ella, e a sociedade affluirá de novo ao templo, e, contricta do passado, e confiada no futuro, bendirá o sacerdote.

Para que, porém, haja de conseguir-se perduravel uma tal reforma social e fructuosa, cada dia a mais, muitas são e imperiosissimas as exigencias a fazer a ambos — ao clero e á sociedade. Aquelle, como incumbido d'um ministerio para que só voluntariissimo podia ser arrolado, não pôde, e menos deve, jámais esquivar-se a todos os encargos urgentes; e esta, por isso que recolhe todo o fructo do sementeiro evangelico, não deve empecer-lhe o trabalho, se não que deve, e muito e sempre alongar-lhe, quanto possivel, o campo, desobstruindo-o dos estorvos e de limites infundados.

Ao sacerdote christão, dizemos, cabem muitos e muito velados encargos, interiores e exteriores, de coração e de cabeça, nas suas funcções e no seu lar.

Estudos solidos e bem joicrados sem mescla de joio, convicção profunda sem o menor laivo de fanatismo ou d'hypocrisia, austeridade sem cilícios, castidade sem constrangimento, sinceridade sem refochos, virtude sem affectação, caridade sem calculos, são, entre muitas outras, qualidades a que nem muito de raro deve o clérigo d'abrir a mão. É força tel-as sempre — « *attende tibi et doctrinae; insta in illis* » — serem-lhe como natureza e essencia.

E ainda de mais não basta só o tel-as, é necessario proval-as exteriormente a cada

hora, a cada momento. Não é bastante, que o coração lhe seja puro sem a mais leve macula de venalidade, é necessario tambem parecel-o aos olhos da sociedade, e muito parecel-o.

Tomaremos 'neste passo, para não lhe empanarmos as idéas, as proprias palavras d'um venerando bispo francez, que frizam maravilhosamente com o nosso proposito: «Ao ministro do altar, diz elle, não lhe basta ser virtuoso, piedoso, desvelado, é necessario tambem, que o pareça. Não lhe é sobejo o ser innocente, é preciso que seja exemplar. Embalde o não accusa de nada a sua consciencia, se contra elle se levanta a publica opinião. Sem pecha não pôde elle ser, a menos que não seja inarguivel. Não é sufficientemente sancto, a não ser modelo de sanctidade. Se todo o christão é devedor de seus bons exemplos, quanto mais aquelle, cujos exemplos mais auctorisados têm maior força para attrahir ao bem, ou incitar ao mal! Desde a recepção no santuario, a sua reputação não é mais propriedade sua: pertence, mais do que a elle, ao ministério em que se acha investido. Tornou-se devedor ao povo, responsavel para com a Igreja, e sujeito a dar contas a Deus, não só da inteireza da sua vida, mas da publicidade d'essa inteireza; não só das suas virtudes interiores, mas da opinião que com ellas inspirar.» Assim falla o veneravel prelado, e no mesmo tom progride fluente, causando-nos só a máguia de lhe não podermos transcrever integras todas as sentenças.

E tempo, é tempo ainda, repetimos nós, e agora mais que nunca. Que o sacerdote se apparelhe esforçado e convicto para as obras de provação. Que o sacerdote traga sempre a ponto, e inscriptos 'nalma e no coração, ou melhor, que nunca jámais deslembre os preceitos do Divino Mestre: — que os seus dias sejam caridade e virtudes, e as suas noites orações e Escripura Sagrada, e que estas sejam apenas interrompidas para ir levar o conforto ao leito d'agonia: — que o *sermão na montanha* seja estudado e decorado, e meditado ainda depois de decorado, para que o sacerdote veja claro no que lhe diz o Redemptor: «Vós sois o sal da terra. Mas se o sal se dessalgar, com que se salgará? para nada mais serve que para se lançar fóra e pelos homens ser conculcado. Vós sois a luz do mundo. A cidade alteada no monte não pôde esconder-se. Não se acende a lampada para a pormos sob o alqueire, mas sobre o candelabro para allumiar a todos que estão na casa. Assim luza a vossa luz perante os homens, para que vejam: boas vossas obras.» *Vos estis sal terrae. Quod si sal evannerit, in quo salietur? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras; et conculcetur ab hominibus. Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita. Neque accendunt lu-*

*cernam et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona...*» (S. Matth. c. 5, v. 13—16).

Como este citado, cem outros trechos se espraíam na Biblia, sanctos e aptissimos para cabal edificação do sacerdote.

Mas, infelizmente, ignorados são por elle! O nosso clero dos ultimos desgraçados vinte annos não estuda, não lê, não medita, — é força conhecel-o e, bem mais, é força confessal-o a rosto aberto para que blandiciosos, mas absurdos enganos o não acalentem em sonhos tão crimes.

Mas é tempo, é tempo ainda, — e agora mais que nunca. Das cathedras episcopaes desça o incitamento generoso e incançavel, que por todo sempre extinga a acidia enervadora, que, peor que lepra, grassa no clero; — d'alli irradie a luz precursora d'uma nova aurora; — d'alli mane acendrado o verbo instruir e, quando possivel, o exemplo comprovador. — Sublime-se o presbytero á sua peculiar altura «*civitas super montem posita*» abstenha-se de toda maldade «*ab omni specie mala abstinete vos*» (I ad Thess. c. 5, v. 22) e ostenda-se ministro de Christo, e dispensador dos divinos mysterios «*nos existimet hominem ut ministros Christi et dispensatores mysteriorum Dei*» (I ad Cor. c. 4, v. 1) que certamente a messe de beneficios perennes será grada e sazoadna na sociedade. O sacerdocio então será esplendor e acatamento, e não ludibrio ou indifferença. Relembre-se, uma vez e sempre, que, luz do mundo, «*lux mundi*» deve vivificar e dirigir, alumando e aquecendo, e não converter-se em fogo que abraze, nem em lume fátuo que illuda: — «luz do mundo, diz o citado bispo, será, ou o pharol salvador mostrando a entrada do porto, ou a chamma enganosa collocada por inimigo sobre o Recife para attrahir e perder quem, imprudente, se lhe confiar.»

Finalmente — se para mais o pungir nos brios ainda isso é preciso, — rememore, cruzando as portas das bibliothecas o legado de licção e de piedade que ahi lhe archivaram os seus predecessores no ministerio evangelico, e busque esconder a vergonha que o ha de correr, curvando o rosto sobre a pagina meditando.

— Feito isto, o nosso clero terá renascido.

Agora, pelo que diz respeito á sociedade, não são, sem duvida, de menor momento as incumbencias que lhe cabem veladas e bem dirigidas.

A sociedade luera infinitamente em ter a clerezia exaltada na sua altura propria. Cercar-lhe á esfera d'acção beneficente, circumscripto-lhe o direito liberrimo e sanctissimo da palavra, cortar-lhe pelos benesses

melindrosos dos seus constantes serviços pastoraes, não lhe prodigar meios d'instrução e educação substanciosa, e converter o ministro da religião em um como mesteiral, que das mãos polluidas de quanto governo geram revoluções haja de receber um jornal quotidiano, pouco condigno com as funcções que exerce e demasiado exiguo para manter a dignidade e gravidade necessarias, é, ninguém o ignora, desconhecer-lhe a missão e crear-se mais um numero avultado d'empregados públicos para reunir-se ás insaciaveis sanguessugas que exhaurem as arcas do thesouro publico.

A clerezia deve viver vida propria.

Assim como no corpo humano a alma, sem lhe ser a respeito nenhum e em circumstancia nenhuma indifferente e menos ainda oposta, se evolve, se activa, se dirige, e pensa, e reflecte, e obra, ora instigando o corpo, ora aconselhando-lhe o repouso, ora pensando-lhe as feridas com o balsamo de conselhos animadores, e muitas e incontaveis vezes esclarecendo-lhe os instinctos, dirigindo-lhe, ou mitigando-lhe ou afervorando-lhe, as paixões, sem nunca aniquilar-lhe as generosas, assim tambem o sacerdote no corpo social, sem se divorciar nunca d'elle, sem o empecer no desenvolvimento, sem o avexar, sem ser nunca, nunca o *status in statu*; mas somente dirigindo, aconselhando, convencendo, consolando, deve ter vida independente e sua. — E não hajam temor os animos fracos, d'este nosso pedir e supplicar consideração e dignidade para a classe sacerdotal. Seria hoje ridiculo, se não disparatado, o amesquinhar-se qualquer por este nosso feito.

A humanidade progride sempre. As sociedades não retrocedem. Nascem, vigoram, definham e morrem, mas não trillham duas vezes a mesma azinhaga. O idolo do Moloch cahiu. O touro de Phalaris espedaçou-se. Nas arcarias do Colliseum morreu o grito frenetico que lá reboára, resumindo oitenta mil gritos. As fogueiras da inquisição nunca mais crepitaram, enredando-se em linguas infernaes nos membros do incredulo e do blasfemo. Não! — sobre tudo isso poz pedra inamovivel a verdadeira piedade á luz esplendida do seculo XIX.

Não se arreceie, pois, ninguém da importancia justa que possa dar-se ao clero. 'Nesse arreceiar-se não ha cobardia, se não que hypocrisia, mascarando o desejo de que a licença e o desenfreamento sejam o codigo social.

Desligue-se o presbyterio do governo para que possa ligar-se todo ao altar, affeição-se á parochia, ser membro utilissimo no municipio: — fechem-se-lhe as portas dos cargos e honras seculares, para que se acote ao presbyterio, para que converse os seus parochianos, instruindo-os desinteressado, para que imprima impulso energico á lavoura e, em

paga de tudo isso, chovam-lhe louvores dos pagos episcopaes, muitos louvores, a mãos rotas; que mil agradecimentos e mil benções da sociedade lhe são certissimas.

Um dos pontos mais importantes 'neste importantissimo afervorar de beneficios sociaes e funestissimo, quando descurado, é o utilisimo commetter da instrução, principalmente primaria, á cleresia. Ninguém como o padre deve conseguir na sua parochia catar attenção e respeito e sollicitude dos meninos, sollicitude infantil e melindrosa, mas nem por isso menos sollicitude. Os meninos veneram-lhe as cans, amam-lhe a bondade, beijam-lhe a mão, e têm-no, no infantil discorrer da sua tenra intelligencia, como alguma coisa mais que um homem, um ser que-medêa entre o céu que lhes descrevem, e a terra que vêem. Isto, porém, dá-se com o parcho, como elle deve ser, e como ainda alguns, louvor a Deus! bem que pouquissimos! inda mal, vivem nas nossas provincias.

O parcho, portanto, é o mais competente e, em nosso humilde entender, quasi o unico verdadeiramente competente para este confiar da instrução primaria pela sociedade. — Compenetre-se bem a sociedade do vasto alcance d'este meio, e realise-o, que a geração por vir lhe não será baldia em conscienciosas proflaças. Não é isto por certo verdade que nós venhamos a revelar pela primeira vez. De sobra tem sido a discussão sobre o commetter ao clero a instrução; e hoje já ninguém lhe sonha phantaziosos obstaculos. Seja-nos prova a imprensa periodica d'hoje, d'este mesmo mez, e um dos nossos philosophos mais conceituados. Diz o sr. Amorim Viana no *Clamor Público*, de 10 de fevereiro, fallando da instrução primaria: « Dous pontos da mais alta importancia nos restam ainda a tractar.

« O primeiro é o das relações do parcho com o professor. A grande despeza que necessita a instrução primaria poderia ser até certo ponto supprida, encarregando os parchos de parte das funcções do professorado. O ensino da leitura e do cathecismo poderia com vantagem ser-lhes entregue a troco de uma pequena gratificação. A ignorancia actual d'alguns membros do clero não obsta a que para o futuro obriguem os ordinandos a dar provas d'essas habilitações. Certos espiritos para os quaes a influencia do clero sobre o povo quer dizer sempre fanatismo e superstição, não poderão approvar uma tal medida. Mas sejamos francos. A influencia do clero existirá sempre em quanto houver religião; e a sabedoria d'um governo não está em querer destruir uma tendencia fatal e indestructivel, mas em a regular, illustrar e utilizar.

« O professor e o padre, ao começar sacerdocios diferentes, mas igualmente sanctos



se ajudariam mutuamente, se aconselhariam em suas incertezas, se confortariam nas suas tribulações, para depois já mais firmes e esperançados proseguirem por caminhos diversos.

« O outro ponto. . . » — O distincto periodista, traçando estas linhas, exprimiu o seu sentir olhando-o mais pelo lado economico, segundo seu presupposto e a essencia dos seus mui desejados artigos. Nós, porém, como qualquer desume das nossas alavras vamos mais por diante, sem nos concatenarmos a esta ou áquella face da questão. — O que nós dizemos e o que sentimos, é que a sociedade lucraria immensamente, mas lucros perduráveis, se a instrução fosse ministrada e vedada pelo clero.

Por ultimo, ainda alguns outros pontos se nos vinham agora d'encontro ao nosso espirito, os quaes 'neste investigar e ponderar, e assentar de meios bonissimos, urgentissimos para o aperfeiçoamento moral da sociedade, seriam azo para bem-reflectidas meditações. Embora involuntario temos, porém, de abrir-lhes a mão, cerrando 'neste passo o discurso, que longo, que longuissimo talvez, já pareça pelos poucos atavios de nosso estylo, — que nunca, por certo, pela natureza do assumpto. Mais vasta, bem mais vasta obra e mais versada, bem mais versada mão pedia e tinha direito a requerer a materia. Todavia, dando o pouco que nos foi possivel, não se nos estancou o desejo de virmos uma e outra, e quem sabe se muitas vezes ainda, a des-sentendar-nos 'nesta fonte copiosa de beneficios para a sociedade. Oxalá se convencesse ella profundamente e pozesse por obra o que já hoje se conhece no seio das familias, se assenta nas conversas das salas, e se indica e se pede pela voz da imprensa, e então os factos a milhares, provados e contraprovados, viriam responder por nós á these proposta: — « que a influencia do clero na sociedade era, pelo menos, excellente, benefica, impre-terivel » — Por agora, porém, temos sómente a responder: — « que, actualmente, a influencia do clero nas cidades é nulla, e nos campos algumas vezes benefica, bastantes perniciosas, e muitas inutil; mas que em parte nenhuma pôde dizer-se — *sal terrae*, e menos — *lux mundi*! »

## APONTAMENTOS

para a continuação da Bibliotheca Lusitana.

### I.

Jeronymo Soares Barbosa.

A universidade portugueza, fundada primitivamente em Lisboa, pelos fins do seculo

XIII, trasladada depois para Coimbra, e d'ella novamente para Lisboa, onde esteve desterrada cem annos, regressou, a final, para Coimbra, onde muitos generos de conveniencias a têm feito conservar.

El-rei D. João III, auctor d'esta mudança, tomou singularmente a peito restaural-a, e engrandecel-a, e, imitando seus antepassados nos favores e honras, que liberalisavam aos sabios, conseguiu, a troco de partidos vantajosissimos, que de Castella, Aragão, França, Italia, Alemanha, e Inglaterra, viessem os mais jubilados e doutos lentes de suas universidades, ás quaes tambem mandára todos os mancebos portuguezes de esperanças, contribuindo generosamente para o salario dos mestres, e subsistencia dos discipulos<sup>1</sup>.

Não menos sollicito pela boa fortuna e progressos da instrução preparatoria, confiou, igualmente, o ensino e direcção das escholas menores a varões de consummada experiencia de estudos, e de vasta erudição: André de Gouvêa, André de Rezende, Diogo de Gouvêa, Jacob de Teive, João Fernandes, Ignácio de Moraes, etc.

Viu-se então em Coimbra o mais venerando conselho de sabios, que até áquella idade se havia reunido dentro de seus muros, todos alli attrahidos pelos favores e premios de um rei, que um chronista portuguez, de nossos dias, ousou appellar de *rude*<sup>2</sup>, por não saber *latim*, como se 'neste seculo de luzes tão apregoadas, não houvera, por nossas academias, avultado numero de doutores, que o ignoram, não deixando, por isso, de lograr o conceito de bons litteratos.

Em verdade foi esta uma epocha felicissima para as letras portuguezas. Os magnificos escriptos d'esse tempo demonstram progressos tão avantajados na litteratura hebraica, grega, latina, e portugueza, que bem se pôde dizer, que a idade de ouro, que aos romanos viera no governo de Augusto, para nós chegara no reinado de D. João III.

Não foi, porém, duradouro o esplendor do collegio das Artes, como promettia a generosa benevolencia de tão poderoso protector, e o nome de mestres tão eximos: ao cabo de dezeseis annos, como que se amorteceram as luzes d'este majestoso farol.

O procedimento irregular de Jorge Buchanan, que fazia em Coimbra não só alarde de escarnecer as nossas mais respeitaveis instituições, mas até se abalançava a dizer em público, que Sancto Agostinho era mais favoravel ás innovações de Luthero e Calvino, que aos dogmas da Igreja Romana, sobre o

<sup>1</sup> Dia o chronista-mór do reino, Fr. Antonio Brandão, que houve occasião, em que por diferentes escholas de França e Italia se contava mais de setenta e dois pensionistas d'el-rei.

<sup>2</sup> *Apologia do chronista do reino, João Bernardo da Rocha* — pag. 22.

mysterio da Eucharistia; a desconfiança que el-rei concebeu de alguns dos outros mestres; e, mais que tudo, a grande estima e consideração liberalisada aos regulares da companhia de Jesus, persuadiram-no a despedir aquelles optimos professores, e substituil-os pelos padres d'esta congregação, que então principiava, não só em Portugal, mas em todo o mundo, com pouca gente, e essa menos apta para tractar estudos, e ensinar sciencias.

Duzentos e quatro annos esteve confiada a direcção dos estudos menores a estes religiosos, com detrimento de nossa litteratura, segundo a opinião de alguns nossos philologos<sup>1</sup>; expulsos, porém, em 1759, as cadeiras vagas foram providas em varões abalisados em conhecimentos; e desde aquella epocha memoravel, uma serie brilhante de professores egregios se tem succedido na regencia das aulas, devendo contar-se 'neste numero Jeronymo Soares Barbosa, de cuja vida e escriptos vamos dar resumidissima noticia.

Nasceu Jeronymo Soares Barbosa, em Ancião a 24 de janeiro de 1737. Foi educado no seminario episcopal de Coimbra, e 'nelle se ordenou de presbytero em 1762, e exerceu o cargo de mestre.

Em 1766 foi despachado professor de rhetorica e poetica na universidade de Coimbra, e em 21 de julho de 1768 fez a sua formatura na faculdade de canones.

Foi nomeado socio da academia real das sciencias de Lisboa em 4 de março de 1789; jubilado na cadeira de rhetorica e poetica em 23 de fevereiro de 1790; nomeado visitador das escholas de primeiras lettras, e da lingua latina na provedoria de Coimbra em 8 de julho de 1792; encarregado de promover, e dirigir as edições dos auctores classicos para uso das escholas por aviso de 13 de novembro de 1793; nomeado deputado da directoria geral das escholas da criação da dicta junta em 11 de dezembro; socio livre da academia real das sciencias de Lisboa, em 30 de novembro de 1803. Falleceu aos 5 de janeiro de 1816.

Escreveu:

1.º *Oratio in gratiarum actionem Josepho I. Lusitanorum Regi Fidelissimo, habita Conimbricæ in gymnasio publico, et coram frequenti academia V. nonas octobris, ab Hieronymo Soaresio Barbosa, Presbytero Ancianensi, et*

<sup>1</sup> É grave injustiça carregar a esta sociedade toda a culpa da decadencia de nossas lettras, como fizeram os auctores do famoso *Compendio Historico*, tendo em pouca, ou nenhuma conta a infeliz batalha de Alcacercibir, o captivo de sessenta annos, e os setenta e cinco de porfiosa guerra, que se seguiram á restauração. Diz-nos o eruditissimo João Pedro Ribeiro, nas suas *Reflexões Historicas*, que um dos collaboradores da parte do mesmo compendio, relativa ás sciencias naturaes, confessou a tortura, em que se achára, precisando imputar aos Jesuitas tambem a corrupção, entre nós, da chimica.

*Rhetoricæ Poeticæque Professore Regio nuper inaugurato, cum publica Humanitatis studia de more instaurarentur. Olisipone 1767.*

Com uma dedicatória ao conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Mello, escripta em latim.

O egregio merecimento d'este professor, e o muito, que d'elle se devia esperar, conheceram os eruditos, que censuraram esta oração.

O dr. Fr. João Baptista de S. Caetano, diz: « Já será facil vêr renascer no nosso paiz os Teives, os Rezendes, os Gouvêas, os Ozorios, os Paivas, os Fernandes, e outros: nós vamos tornando ao ponto, em que estes mestres de Portugal, e toda a Europa sabia nos tinham posto; o auctor d'esta oração, o sabio mestre de eloquencia e poetica, Jeronymo Soares Barbosa, nos é abonador d'esta ventura. »

O famigerado dr. Fr. Manuel do Cenaculo, se explica assim: « Esta oração é ornada com habito latino, formalisada com arte: contém boa philosophia e christã, e é dirigida sabiamente ao seu fim por sugeito, que a trabalhou com desempenho da sua proffissão. Ella é testemunha da capacidade do auctor, e de que tem vocação para este emprego, exercitado nas escholas, em que lhe precederam, em bom seculo, pessoas egregias, que elle sabe muito bem imitar. Os homens intelligentes hão de estimar este discurso: elle pôde servir de exemplo áquelles, que ainda careçam de ser formados para gostarem d'este estylo, isto é, do seculo de Augusto, e de Mecenas. »

Coube tambem censurar esta oração ao esclarecido professor de rhetorica, e de logica no real collegio dos nobres, e prior de S. Lourenço, José Caetano de Mesquita, editor de alguns de nossos bons classicos e traductor excellente das *Obrigações Civis de Sancto Ambrosio*, dos *Sermões de Massillon*, e outros escriptores; varão de muita, e mui depurada litteratura, de cuja extensa censura tiraremos alguns trechos.

« Tive eu, diz elle, a fortuna de examinar a Jeronymo Soares na opposição, que fez á cadeira que occupa; e 'nelle encontrei um profundo estudo dos rhetoricos gregos e romanos, e uma tal presença de suas doutrinas as mais particulares, que parecia que 'naquelle hora acabava de os lêr. Mas como tem um entendimento são, a sua lição não era cega e escrava, como a d'aquelles, que aos nomes de Aristoteles, Hermogenes, Longino, Cicero, e Quintiliano, se sujeitam sem mais exame: era feita com sabia escolha e reflexão, e com aquella liberdade prudente, que os homens bons philosophos e criticos praticam hoje melhor do que nunca, abraçando sómente o que se funda em razão solida, sem attendet a pomposos nomes. . . . »

« Todos os logares difficultosos dos AA., que explico, deram a conhecer que sabia

ser mestre, e expor as doutrinas com tal clareza e ordem, que os discípulos d'ellas não haviam de perder nada »

« Fez o grande esforço de pôr em diverso latim, bem nobre, parte do exordio da oração de Cicero a favor d'el-rei Dejotaro; e isto o fez com tanta facilidade, que bem mostrava, que sabia o que era ser bom orador, e orador latino. »

« Mas isto mostra elle agora 'nesta oração... Certamente esta oração faz honra ao novo restabelecimento dos estudos em todas as suas partes, mas sobretudo no estylo, que e verdadeiramente latino, proprio do caracter da lingua romana, mas executado com uma liberdade nobre, e segundo o genio particular do orador, que deixando a servil e supersticiosa imitação d'este ou d'aquelle escriptor, caminha senhor de si pelo dilatado campo da lingua dos sabios... »

« Mostrou Jeronymo Soares, que depois de ter lido, e tornado a lêr todos aquelles escriptores, em quem se acha depositada a lingua romana, tendo-os convertido em *succo* e *sanguine*, por elles se vem a conhecer perfeitamente o que é fallar como romano no seculo de Augusto. »

2.º *M. Fabii Quintiliani Institutiones Oratoriae, quas ex ejusdem XII libris selegit, digessit, emendavit, etc.* Hieronymus Suaresius Barbosa. Edição muitas vezes repetida — 8.º

É um bello compendio, ainda, ha poucos annos, usado na aula de rhetorica no lyceu nacional de Coimbra, e outras do reino, com preferencia ao de Rollin, e ao de Pedro José da Fonseca.

3.º *Orationes XV, habitae in Academia Conimbricensi, et Epistolae Nuncupatoriae XX.* — fol.

As orações foram incorrectamente publicadas no *Jornal de Coimbra*, segundo testifica José Vicente Gomes de Moura na primeira parte da sua *Noticia Succincta dos Monumentos da Lingua Latina*. — pag. 248.

4.º *Instituições Oratorias de M. Fabio Quintiliano, escolhidas dos seus XII livros traduzidas em linguagem, e illustradas com notas criticas, historicas, e rhetoricas, para uso dos que aprendem.* Coimbra 2 vol. em 8.º — Tom. 1 em 1788; tom. 2 em 1790. Edição repetida em Paris em 1836, corregida, e revista com o mais escripto cuidado; e em Coimbra 'nesto mesmo anno.

Fallando d'esta obra na sua já citada parte da *Noticia succinta dos Monumentos da Lingua Latina*, pag. 124, diz José Vicente:

« O mesmo eruditissimo professor verteu em portuguez este seu compendio, juntandolhe uma bem trabalhada prefacção, em que enumera, e julga as versões portuguezas de Quintiliano, e em notas copiosas e cheias de doutrina vasta e solida explana os preceitos de rhetorica. Vem no fim por extenso os loga-

res dos escriptores gregos e romanos, citados por Quintiliano. »

Francisco Freire de Carvalho, enumerando na prefacção das suas *Lições elementares de Eloquencia Nacional* os AA., que consultára para compor esta sua obra, não se peja de confessar, que em grande parte copiára, entre outros, a Jeronymo Soares Barbosa, que cita em seguida ao famoso Hugo Blair.

O sr. Antonio Cardoso Borges de Figueiredo tambem declara, no prologo das suas *Lições Elementares de Rhetorica*, que d'este grande mestre colhera a maior, e melhor parte das suas doutrinas.

5.º *Poetica de Horacio, traduzida e explicada methodicamente para uso dos que aprendem; por Jeronymo Soares Barbosa, jubilado na cadeira de Eloquencia e Poesia da Universidade de Coimbra.* Coimbra, 1791 — 8.º — Lisboa, 1815.

Esta traducção é em verso portuguez, rimado em parellhas, por ventura para fazer mais aprazivel a sua lição, e facilitar a memoria a quem a quizer decorar. Esta obra conjunctamente com as Instituições Oratorias de Quintiliano completam o curso de bellas letras, que fazia o objecto da cadeira de Jeronymo Soares.

Fallando da Arte Poetica, diz José Vicente: « 'Neste opusculo, reputado sempre com razão pelo melhor codigo do bom gosto que a antiguidade sábia nos deixou, soube aquelle eruditissimo humanista achar, como 'num breve clencho, um systema de arte poetica, que desinvolve, analysando suas partes, confirmando-as com razões intrinsecas, e exemplos, e applicando o que até então se havia pensado mais apuradamente sobre esta disciplina. »

6.º *Eschola Popular das Primeiras Letras.* — Coimbra, 1796 — 8.º

7.º *Epitome Universae Historiae.* Conimbricæ, 1805 — 8.º — Reimprimiu-se em 1827.

Contém o compendio de Historia Universal, desde a creação do mundo até Carlos Magno, escripto originalmente em francez por Bossuet, traduzido em latim por Manuel Partaneo; a *Introdução á Geographia*, de Claverio; a *Introdução á Chronologia*, de Petavio; e o *Compendio de Historia Portugueza*, tanto antiga como moderna, em cuja composição seguiu os *Elogios* do padre Antonio Pereira de Figueiredo, omitindo, porém, aquellas cousas que a brevidade exigiu, emendando os erros que lhe tinham escapado, e reduzindo ao estylo historico o que havia de oratorio.

Chega até o anno de 1800. Foi compendio approvado para uso das escholas por aviso de 3 de março de 1865, e reputado obra de tão apurada critica, que o doutor Manuel Antonio Coelho da Rocha, não duvidou seguir-o no seu *Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal*, etc.

8.º *As Duas Linguas, ou Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa comparada com a Latina para se aprenderem ao mesmo tempo.* — Coimbra, 1807 — 8.º

*As Duas Linguas* foi a primeira obra, que Portugal viu 'neste genero, na qual seu auctor mostrou executados os desejos de Robredo, e que deve servir de norma a todos os compendios, que, para o futuro, se publicarem para uso das escholas publicas de latin; e que contém, em resumo, quanto os antigos e modernos têm pensado sobre grammatica de mais solido, e apurado

9.º *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa.* — Lisboa, 1822 — 4.º — Foi impressa de ordem, e á custa da academia real das sciencias de Lisboa.

10.º *Observações Grammaticaes sobre os principaes Classicos Portuguezes.* 1 vol. — 8.º (Inedito).

11.º *Do Coração de Jesus, ou da Abertura do Lado,* Lisboa, 1802 — 4.º

12.º *Verdadeira Idéa da Conversão do Pecador.* — 1 vol. — 8.º (Inedito).

É facil de vêr, depois da enumeração das obras, que escreveu Jeronymo Soares Barbosa, o quanto deve a nossa litteratura a este famigerado humanista.

Na *Eschola Popular* lançou os fundamentos solidos do ensino methodico das primeiras letras, que se generalisou em todo o reino pela diligencia desvelada da directoria geral dos estudos e escholas do reino.

Publicando as *Duas Linguas* estabeleceu o methodo são do ensino da grammatica, diverso do antigo e sectario, methodo unico, que deve seguir-se nas escholas.

Pelas versões e notas das *Instituições Oraatorias* de Quintiliano, e da *Arte Poetica* de Horacio, esclareceu e ajudou o estudo da eloquencia prosaica e poetica.

E lastima que este eminente philologo não deixasse á nação um *Curso de Litteratura*, que pela sua profissão, pelo seu distincto talento, e pela sua profunda lição, devia dar-lhe.

E, tambem, pena, que se não publicassem ainda as suas *Observações Grammaticaes sobre os principaes classicos portuguezes.*

Sendo certo, que alguns dos nossos classicos nem sempre foram felizes na coordenação de suas orações, commettendo faltas, de que mui justamente os arguem alguns philologos modernos, não o é menos, que existe, entre nós, uma seita de supersticiosos, que, por conta de escriptores puritanos, que se inculcam, imitam desatinadamente essas construcções viciosas, crendo-se, por isso, livres de imputação, como se o *non ego paucis offendar maculis* áquelles, como a Barros, Couto, Camões, e outros escriptores d'este tomo, fosse egualmente applicavel.

Cremos nós, que, para desabusar estes illu-

sos, muito valeria a leitura d'esta obra, que de juízo tão fino como o do auctor esperamos nós, que apontaria todos os desacertos e manchas d'estes bonissimos escriptores, embora disfarçadas pelos matizes de um estylo e linguagem, pela môr parte, seductora.

*Continúa.*

F. A. R. DE GUSMÃO.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

FOR

SALLUSTIO.

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 234.

XVII. Portanto, proximo ao 1.º de junho, sendo consules L. Cesar e C. Figulo, começou a conferenciar com cada um: animava este, sondava aquelle, representava as forças que tinham, a falta de defesa da républica, e as grandes vantagens da conjuração. Depois de explorar bem o que queria, convocou os mais indigentes e atrevidos. Acharam-se alli, — da ordem senatoria, P. Lentulo Sura, P. Autronio, L. Cassio Longino, C. Cethego, P. e Servio Sylla, ambos filhos de Sylla, L. Vargunteio, Q. Annio, M. Porcio Leca, L. Bestia, Q. Curio: — da ordem equestre, M. Fulvio Nobilior, L. Statilio, P. Gabinio Capito, e C. Cornelio; e outras muitas pessoas nobres das colonias e municipios. Entravam ainda na conjuração, mas com mais resguardo, muitos outros nobres, estimulados, mais pela esperanza de governar, do que pela pobreza, ou qualquer outra necessidade. Além d'estes, favoreciam os projectos de Catilina a maior parte dos moços, sobretudo da nobreza; os quaes, podendo viver em ocio, no fausto e na molleza, preferiam o incerto ao certo, a guerra á paz. Houve tambem 'naquelle tempo quem pensasse, que M. Licinio Crasso fora sabedor da conjuração; porque, inimigo de Cn. Pompeo, que commandava um grande exercito, queria ver poderoso a qualquer outro, que contrabalançasse com o seu o poder d'elle: persuadido tambem, que seria o primeiro entre os conjurados, se a conjuração sortisse effeito. Porém já d'antes haviam alguns, e entre elles Catilina, urdido outra conjuração. Fallarei d'esta com a maior verdade possivel.

XVIII. No consulado de L. Tullo e M. Lepido, P. Autronio e P. Sulla, consules designados, foram judicialmente convencidos e castigados pelo crime de suborno. Pouco depois Catilina, accusado de concussão, tinha sido prohibido de pedir o consulado, por não

ter podido dar o seu nome dentro do prazo legal. Existia então Cn. Pisão, moço distincto, de summa audácia, pobre, intrigante, a quem a pobreza e máos costumes impelliam a fomentar sublevações no estado. Tendo Catilina e Autronio communicado a este o seu projecto perto de 5 de dezembro, resolveram matar no Capitolio, no 1.º de janeiro, os consules L. Cotta e L. Torquato; e, usurpando as fechas consulares, mandar Pisão com um exercito apossar-se d'ambas as Hispanhas. Como isto se descobriu, transferiram de novo a execução da matança para 5 de fevereiro, com tenção de assassinar não só os consules, mas tambem a maior parte dos senadores: de sorte, que, se Catilina não se anticipasse em dar, á porta da curia, o signal aos conjurados, 'naquelle dia se teria commettido o mais horrendo attentado, que se vira desde a fundação de Roma. Como ainda não estava juncto bastante numero de conjurados armados, aquelle accidente frustrou a tentativa.

XIX. Pisão depois foi mandado, na qualidade de questor propretor, para a Hispanha citerior, a instancias de Crasso, que o tinha por opposto aos do partido de Pompeio. O senado tambem não teve repugnancia em lhe dar aquella provincia: queria d'este modo afastar para longe da república um homem perverso; e tambem, porque muitos homens de bem julgavam ter 'nelle um baluarte contra o poder de Pompeio, que já então começava a dar receios. Porém Pisão foi morto no caminho por alguns cavalleiros espanhoes, que levava no exercito. Dizem uns, que aquelles barbaros não poderam soffrer o seu governo injusto, soberbo e cruel: e outros, que o mataram, para fazer serviços a Pompeio, de quem eram antigos e fieis clientes; pois que nunca em outros tempos os espanhoes commetteram similhante crime, tendo aliás tido muitos outros commandantes cruéis. Sobre isto nada decidiremos. D'esta primeira conjuração temos dicto assás.

XX. Catilina, depois de ajuntar todos os que acima referi, ainda que tinha conferenciado muito com cada um em particular, julgando sempre util fallar e exhortar a todos em geral; retirou-se para o quarto mais interior das casas, e alli, desviando os que podiam dar fé, lhes fez a falla seguinte:

« Se eu não tivesse bastantes provas da vossa fidelidade e valor, de balde se nos apresentaria a melhor das occasiões: de nada nos serviria ter nas mãos tão grandes esperanças de governar: com fracos e inconstantes, não deixaria eu o certo pelo duvidoso. Porém, como em muitos e grandes perigos conheci vossa intrepidez e constancia, por isso me atrevi a conceber a maior e mais brilhante das empresas: e tambem, porque estou certo, que os bens e os males são para vós os mesmos que para mim;

« pois na conformidade em querer e, não « querer é que consiste a verdadeira amizade.

« Cada um de vós em particular já ouviu « os meus designios. Meu animo, porém, inflammase cada vez mais, quando considero, « que sorte nos espera, se não recuperámos a « liberdade por nossas proprias mãos. Porque, « depois que a república está debaixo do poder e á disposição de uns poucos, para « estes só é que os reis e os tetrarchas são « tributarios; para estes é que os povos e as « nações pagam impostos: e nós, os valorosos, « os honrados, nobres e plebeos, somos gentilha, sem consideração, sem auctoridade, « sujeitos áquelles mesmos, que, se a república fosse república, tremiriam de nós. « Honras, credito, riquezas, ou estão nas « mãos d'elles, ou onde elles querem: para « nós só deixam perigos, affrontas, condemnções, pobreza. Até quando soffrereis « isto, valentes cidadãos? Não vale mais « morrer com valor, do que perder com deshonra uma vida miseravel e ignominiosa, « depois de ter sido o ludibrio do orgulho « dos outros? Juro-o pelos deuses e pelos homens: temos a victoria nas mãos. Em nós « ha valor no espirito, vigor nos annos: « nelles, pelo contrario, os annos e a opulencia enervaram tudo. Falta só começar: « o mais será facil. Que homem, verdadeira-mente homem, poderá soffrer, que elles « abundem em riquezas, que desperdiçam « edificando sobre o mar, e arrasando montes; e que a nós nos falte o necessario para « a vida? que elles tenham dois e mais palacios junctos, e que nós não tenhamos um « pobre lar em parte alguma? E por mais « quadros, estatuas e baixellas, que comprem; por mais edificios novos, que desmanchem e tornem a edificar; enfim, por « mais tractos que dêem ao dinheiro, que esperdiçam; ainda assim não podem exaurir-o com seus interminaveis appetites. Nós, « porém, temos em casa penuria, fóra d'ella « dividas, um presente miseravel, um futuro « muito peor. Que nos resta, senão uma vida « desgraçadissima?

« Porque não acordaes enfim? Eil-a, eil-a, « aquella liberdade, que ha tanto desejaes; « e com ella, diante dos olhos tendes riquezas, « dignidades, gloria: estes os premios, que a « fortuna reserva para os vncedores. A empresa, a occasião, os perigos, a pobreza-os magnificos espolios da guerra animem-vos « mais, do que as minhas palavras. Tomae-me « por general, ou por soldado: nem a minha « alma nem o meu braço vos deixarão jámais. « Espero ver-me consul, e executar convosco « este projecto; se é que o coração me não « engana, e vós não estaeis dispostos, antes a « ser escravos, do que senhores. »

XXI. Depois que isto ouviram, homens, que, sem esperanza nem bens alguns, abun-

davam em todos os males; ainda que lhes parecia já grande recompensa o perturbar a quietação publica, pediram-lhe contudo alguns, que expozesse, qual seria a forma da guerra; quaes os premios da victoria; que recursos e esperanças tinham. Então Catilina prometteu-lhes a abolição das dividas, a proscripção dos ricos, as magistraturas, os sacerdocios, o saque, e o mais tudo, que é consequencia da guerra e da licença da victoria: que, além d'isso, estava Pisão na Espanha citerior, e P. Sittio Nucerino com um exercito na Mauritania, os quaes ambos entravam na conjuração: que pedia o consulado C. Antonio, a quem esperava ter por collega; pessoa amiga, e avexada de toda a sorte de necessidades: que enfim, com este, elle Catilina, já consul, daria principio á execução. Depois invectivou contra todos os homens de probidade; e aos seus louvou-os, chamando a cada um pelo seu nome: lembrava a este a sua pobreza, áquelle os seus desejos, a muitos os perigos e affrontas, e á maior parte a victoria de Sylla, que lhes havia dado tantas prêsas. Depois que os viu todos animados, recommendou-lhes que apoiassem a sua pretensão, e despediu-os.

XXII. Não faltou naquelle tempo quem dissesse, que Catilina, depois d'esta falla, ligára com juramento os socios do seu crime, dando-lhes a beber em taças sangue humano misturado com vinho; e que tendo-o todos libado, depois de varias execrações, como se usa nos sacrificios solemnes, lhes descobrira o seu intento; dizendo, que fizera aquillo, para que, conhecendo-se elles cumplices uns dos outros em tão grande attentado, guardassem melhor a fé reciproca. Julgaram porém alguns, que estas e outras muitas cousas, com que se exaggerava a atrocidade dos crimes dos que foram castigados, eram de proposito inventadas por aquelles, que queriam assim diminuir o odio, que depois se concebeu contra Cicero. Quanto a mim, não tenho bastantes provas, para affirmar um facto tão horrivel.

*Continúa.*

## NOTICIARIO.

A academia real das sciencias de Paris, propõe para objecto de premio em sciencias mathematicas em 1858, a questão seguinte:

Estabelecer rigorosamente a proposição de Legendre abaixo enunciada, no caso de ser verdadeira, ou no caso contrario, mostrar como se deve substituir. — Esta proposição foi enunciada por Legendre (*Theoria dos Numeros*, t. II, p. 76, da edição de 1830) da seguinte forma: « *Supponhamos uma progressão arithmetica qualquer*  $A-C$ ,  $2A-C$ ,  $3A-C$ ,

etc., na qual  $A$  e  $C$  são primos entre si; supponhamos tambem uma serie  $\delta, \lambda, \mu, \dots, \psi, \omega$ , composta de  $k$  numeros primos impares, tomados arbitrariamente e dispostos numa ordem qualquer; se chamarmos em geral  $\pi^{(k)}$  o termo da ordem  $k$  da serie natural dos numeros primos  $3, 5, 7, 11$ , etc., digo que entre os  $\pi^{(k-1)}$  termos consecutivos da progressão proposta, haverá ao menos um que não será divisivel por nenhum dos numeros primos  $\delta, \lambda, \mu, \dots, \psi, \omega$ . »

Mas a demonstração de Legendre é evidentemente insufficiente, e até hoje ignora-se se este bello theorema tem realmente logar. — A academia chama sobre este objecto a attenção dos geometras. O premio proposto consistirá numa medalha de ouro no valor de 3:000 francos. O concurso estará aberto até ao 1.º de novembro de 1858.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica desde o dia 1 até 15 de fevereiro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

João da Silva Ribeiro, para professor temporario da cadeira da Bemposta, districto d'Aveiro.

Joaquim Daniel de Oliveira Araújo, para dicto do Troviscal.

Manuel Noronha da Silveira, para dicto de Recardães.

Manuel Rodrigues da Veiga, para dicto de Sever do Vouga.

Porfirio Baptista Leitão, para dicto de Valhelhas, districto da Guarda.

Bento Joaquim de Lemos Leite, para dicto de São Cosme do Val, districto de Braga.

José de Campos, para dicto de Beijos, districto de Vizeu.

Manuel Joaquim Guedes, para dicto de Viana do Castello.

Manuel Nunes da Costa Junior, para dicto de Soure, districto de Coimbra.

Francisca Bernardina de Sena Bruschi, para mestra da escola de meninas de São Miguel d'Alfama da cidade de Lisboa.

Anna Amelia Augusta da Matta, para dicto de Oliveira d'Azemeis, districto d'Aveiro.

Joaquina Emilia de Jezus, para dicto de Figueiro, districto do Porto.

Maria Afra d'Ascenção Correa d'Andrade, para dicto de Mafra, districto de Lisboa.

José Duarte Ribeiro, para professor vitalicio da cadeira de Villa Cova a Coelheira, por transferencia da de São João da Pesqueira, districto de Vizeu, decreto de 4 do corrente.

Francisco Bento da Costa, para professor vitalicio da cadeira de Ribafeita, districto de Vizeu, decreto de 4 do corrente.

## ANNUNCIO.

Novo Methodo de Leitura e de Pronunciação para se aprender a lér perfectamente em pouco tempo. Ordenado por J. da S. Bandeira.

Approvado pelo conselho superior d'instrução publica. — Preço 40 réis.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INAUGURAÇÃO DE UMA ESCOLA DE INSTRUÇÃO PRIMARIA NO FUNCHAL.

O fragmento que abaixo publicamos, é um extracto da allocução pronunciada pelo sr. commissario dos estudos no Funchal, por occasião da inauguração d'uma escola de meninas, cuja criação fôra sollicitada por s. s.<sup>a</sup> Os nossos leitores terão por mais de uma vez apreciado os serviços prestados pelo sr. M. R. de Mendonça á causa da instrução e da educação. Incansavel e perseverante, o sr. commissario dos estudos no Funchal, procura dar o mais serio e decidido impulso aos estudos, cuja superintendencia lhe está confiada; e para obter tão desejado fim, não ha meios que não empregue, trabalho a que se poupe: discutindo os varios methodos de ensino, comparando-os e modificando-os; favorecendo a criação de novas escolas, e o maior desinvolvimento das já existentes; esforça-se, quanto em suas forças cabe, por derramar a instrução, e fazer chegar a todos os seus incalculaveis beneficios.

Esta causa não é só a da instrução; é tambem a da liberdade e da civilisação. E pois bem grande o serviço que ao nosso paiz está fazendo o sr. Mendonça. Instrução, liberdade e civilisação, são idéas correlativas; não existem umas sem as outras. « O povo que não fôr instruido, diz Lerminier, não está em estado de ser livre. » A instrução é necessaria porque o é a liberdade; favorecer o derramamento d'aquella é, por consequencia, pugnar pelos interesses d'esta e contribuir poderosamente para que todos a possam comprehender e gozar.

Portugal, 'nestes ultimos annos, visivelmente experimentou grandes melhoramentos no que respeita ao ensino. Aperfeiçoaram-se os methodos; multiplicaram-se as escolas; reformaram-se muitas; e a outras deu-se maior desinvolvimento. Comtudo ainda muito resta que fazer; e certas partes do ensino, até agora menos consideradas, reclamam por sua vez a attenção dos homens competentes. Entre ellas deverá, talvez, contar-se a educação da mulher.

Não pretendo, como Platão na sua república, dar á mulher a mesma educação que ao homem. A sociedade moderna não se accom-

moda com semelhante systema, e o destino especial da mulher ainda menos o comporta. Não me encargo de indagar qual seja a educação que mais convenha á mulher, nem até que ponto sejam admissiveis as opiniões modernas acerca da sua chamada emancipação. Este trabalho quando não excedesse, como excede, as minhas forças, levar-me-hia muito longe. Não deixo, porém, de afirmar mais uma vez com tantos e tão illustres mestres, que a educação da mulher, hoje talvez mais do que nunca, merece a mais séria attenção, e que, se por um lado convém não dar pasto a essas innovações, que um pouco irreflectidamente propõem os emancipistas, pelo outro é da maior justiça pôr de parte certos preconceitos pouco dignos do nosso seculo, e ministrar áquelle sexo, que tanto direito tem com o nosso a não jazer na ignorancia, os meios de se instruir.

N'isso deve cifrar-se a verdadeira emancipação da mulher, a sua parte das conquistas da geração presente, o seu quinhão do progresso. E não o queira ella maior; não queira descer ao regelado positivismo da vida; permaneça rodeada d'aquella auréola de poesia, que tanto a aformosêa, e quasi a divinisa. Se quizessemos emancipar a mulher, perdiamos a mulher, e não ganhavamos um homem; teríamos um ente privado, por um lado, « do cofre rico de mimos e graças » que lhe foi confiado, e pelo outro, sem a força e o espirito de exterioridade, apanagio exclusivo do homem.

*Nossos prazeres todos, nossos gostos,  
Consolações, alívio em mágoa, amparo  
Na infancia, incanto em juventude, e arrimo  
Na velhice, de ti, mulher, nos partem:  
Concedel-os tu só, ou nol-os negas.*

GARRETT. — D. Branca, C. 2, III.

Será este, por ventura, o typo da mulher, como o concebem os pensadores modernos? A mulher que elles imaginam acaso será o que diz o poeta? Não o creio; e seja-me licito duvidar do resultado, quando os meios com que se pretende alcançar são tão contrarios, não direi só á constituição da mulher, mas á organização da sociedade e á sua natureza.

S. H.

NUM. 23.

Ha no seio de toda a familia honesta um ser puro e encantador, que parece attrahir sobre ella — por sua pureza, as benções do céu, — por seus encantos, as homenagens do mundo; mormente quando elle haja aprendido da tradição do lar domestico, pela bocca de uma mãe, quanto as virtudes ataviam ainda as mais bellas, quanto as graças ficam bem ainda as mais szizadas. Este ser, sem o qual não seria tão sensível para o homem a infinita perfeição de Deus, é a *mulher*.

A innocencia da virgem, o pudor da esposa, a gravidade da mãe de familia, — eis aqui as trez phases por onde tem a mulher de passar da vida da terra para a vida do céu; e por onde ella passa effectivamente, elevando-se e subindo sempre, a medida que vai cumprindo com os deveres de cada posição, com estes sagrados deveres domesticos, que são toda a sua força, toda a sua gloria, e d'ella fazem o coração, quando não a cabeça, de sua familia.

A mulher não tem a cargo fazer a guerra, nem fazer a paz, administrar justiça nem exercer o ministerio das cousas sagradas. Seja qual fór o gráu de genio, que lhe haja doado Deus, a mulher não tem cadeira no parlamento, nem no conselho de estado, nem na juncta geral de districto, nem no conselho de districto, nem na camara municipal, nem na mais obscura e humilde junta de parochia. Até ha uma infinidade de carreiras, mestres e profissões sociaes, cujas portas estão de continuo cerradas para a mulher. E por isso ninguém lhe pede certos estudos e talentos; ninguém exige que ella tenha as habilitações requeridas pelo exacto cumprimento de funções que lhe não pertencem, e que — felizmente para ella — não fazem parte de sua missão providencial sobre a terra.

Mas, em compensação de quanto lhe faltee no ponto de vista politico, a mulher tem na ordem moral e social um destino, que, a meu ver, é, a perder de vista, mais nobre, mais sancto, mais augusto que todo e qualquer destino politico; porque assim como lhe impõe severos deveres a cumprir, assim d'ella exige os maiores sacrificios, o maior desinteresse e abnegação pessoal, a practica das mais austeras virtudes, e, por consequencia, toda a capacidade, todas as habilitações que condicionam o exacto desempenho dos deveres que lhe tocam na familia, primeiro como *filha*, depois como *esposa*, e logo como *mãe* e educadora da prole.

Uma mulher judiciosa, szizada, casta, arranjada, com a alma cheia de temor de Deus e amor do proximo, é no seio da familia a imagem da providencia. Mas para ella poder conseguir e sustentar esta posição; para manter a ordem nos negocios domesticos, a despeito da má vontade dos servos, dos revêzes da fortuna, ou dos vicios do marido; oh! de

quantas virtudes não ha mister a mulher! — de quanta educação não carece para não achar impossivel a practica d'estas virtudes! — de que instrucção não precisa para lograr o thesouro de tão primorosa educação!

A mulher é na familia a primeira educadora. Abaixo de Deus, que creára o homem á sua imagem, não conheço cá na terra outro papel mais nobre, que o da mãe de familias, que educa seus filhos.

E visto que os sentimentos, crenças e habitos que adquirimos nos primeiros annos, e — para assim dizer — em retouças infantis sobre os joelhos de uma mãe, são os que mais perduram, os que nos acompanham o resto da vida, e por ventura os unicos que resistem ás anegações com que nos aggride constantemente a corrupção desde o berço até o tumulo; se me fôr forçoso optar entre a educação da mãe e do pae de familias, nem um momento hesitaria na escolha; votaria pela primeira.

Dêem-me bem educada a mulher, que os filhos o virão a ser mais ou menos bem. A superior educação do pae pôde não ser-lhes tão prestadia. Por um lado, negára-lhe a natureza esta finura de tacto, este mimo de amor, abnegação e paciencia, que abundam no espirito e no coração da mulher em proveito da educação da prole. Pelo outro, os cuidados de uma familia, as funções de um emprego publico, os trabalhos da vida exterior, que o retêm a maior parte do dia fôr de casa, não lhe deixam livre nem tempo, nem aptidão, nem vontade para curar per si mesmo, assidua e vantajosamente, da educação dos filhos.

Alfóra estas considerações geraes, outra ha inteiramente especial e do momento, que me induz a ter em conta de mais vantajosa para o bem da sociedade civil, a educação da mulher. E eis aqui as minhas razões.

Antigamente, quando a cavallaria e o christianismo erão crenças energicas e vivacissimas na alma de qualquer homem, a fraqueza da mulher, longe de ser um defeito, era uma qualidade de mais que a protegia, que a sanctificava aos olhos do homem; porque este tinha 'n alma assaz de generosidade para não deixar de respeitar quem não podia resistir-lhe.

E este respeito excepcional, este culto espontaneo e desinteressado, tributado á mulher, era — para assim dizer — uma despesa eminentemente productiva, que toda redundava em proveito de quem a fazia; — dava ao homem, então semi-barbaro, costumes mais doces; infiltrava-lhe no coração mais ternura e mais amor; temperava-lhe a bravura com este espirito de caridade, com esta sollicitude piedosa, com esta generosidade, que são o condimento e ornato da existencia.

Mas isso foi tempo. Com o resfriamento



das crenças religiosas, com a degeneração dos costumes antigos, grande revolução se tem operado nas relações sociais do homem com a mulher.

A mulher ainda é senhora, ainda é rainha; mas só o é na apparencia. Ainda se lhe tributa um simulacro de culto official, em que rara vez tem parte o coração. Ainda se queimam diante do idolo uns restos de rancidos perfumes e caçoulas exaustas. Mas quem tiver olhos para ver, e quizer sondar o amago das cousas, verá que tudo isto é sordido, porque é falso.

Os costumes têm mudado muito. O amor do ouro veio tomar o logar das voluptuosidades moraes. Ao culto da belleza ha succedido a idolatria dos interesses materiaes, a paixão dos cinco por cento, do algodão em rama, dos caminhos de ferro, e das machinas a vapor. E debaixo da influencia d'estes costumes, raro é o homem que hoje requesta uma senhora por ser bella; ainda mais raro o que a requesta por ser boa: o que todos perguntam, é — não quem ella seja — senão quanto valha, senão qual a grossura do dote que poderá trazer a quem com ella casar.

Esta insubordinação violenta, este espirito de independencia brutal, este gôsto decidido por prazeres faceis e rapidos, que estejam sempre á mão, que possam engolir-se — para assim dizer — em dois sorvos, como um copo de licor: taes são os rasgos mais caracteristicos dos costumes d'este seculo; e taes costumes importam a exauctoração da mulher. Taes costumes são altamente incompativeis com a posição, que assignaram á mulher o christianismo e a idade média; são uma ameaça viva, uma conspiração permanente contra a influencia salutar que exercera por seculos em prol da civilisação; contra a compostura de vida, e maciez de costumes do homem; contra a boa ordem, policia, luzimento e alegria da sociedade moderna.

Oh! se esta corrente moral não varia, qual será no futuro a inevitavel posição respectiva da mulher e da sociedade? Estremeço quando proponho a mim proprio este problema; porque vejo que toda a historia em pézo é accorde em testemunhar a verdade d'esta observação: — «Onde quer que a mulher é escrava, o povo é selvagem; onde é maltractada a mulher, o povo é grosseiro; só ha ordem, policia de costumes, amabilidade de tracto, civilisação, numa palavra, onde a mulher é objecto venerando dos res-  
«peitos do outro sexo.»

Parece-me, portanto, poder affirmar, sem receio de enganar-me, que se este abandono do culto da mulher continúa; se não ha um poder novo, que resuscite em prol d'ella este respeito excepcional, este espirito de educação, esta nobreza d'alma, esta sinceridade e lealdade apaixonadas, que ha bem pouco

tempo ainda costumava o homem levar consigo ao galanteio, ao matrimonio, á vida de familia; é impossivel que a liberdade da mulher se mantenha: — é impossivel que com a queda d'esta soberania de sentimento, com que ella sabia tão bem temperar e polir os costumes do homem, não venha este a recahir nos atoleiros de barbarie, d'onde o haviam resgatado o christianismo e o amor: — é impossivel que a sociedade presente, filha do tempo, do christianismo, da historia, não venha dentro em pouco a transformar-se 'numa sociedade barbara, esfomeada de prazeres, frivola como a crença, pueril como o selvagem, sensual como o animal feroz, sem alma, sem amor, sem coração, sem Deus.

E para que tal não aconteça, para que este cataclysmo social não venha a ser a herança de maldicção de nossos filhos; — quereis que vos eu diga o que é necessario fazer? É necessario educar a mulher. É necessario rehabilitar-a, pela força que deve dar-lhe a educação, e conquistar de novo a influencia, que tivera, o prestigio moral, que perdêra nos destinos da sociedade. É necessario retemperar-lhe a alma pela religião e pela sciencia, para que possa educar melhor os fructos do seu amor, para que possa communicar-lhes com o leite sentimentos mais nobres, ideas mais sans, crenças religiosas mais fortes, habitos mais puros e mais salutareos.

Desenganac-vos: todo o bem ou mal da sociedade futura está contido, como germen, no theor da educação que houvermos de dar á mulher; porque a mulher, além de ser a primeira educadora na familia, é na sociedade a graça que modera a força; é o coração que inspira os bons pensamentos, a sympathia doce que aliza a fronte enrugada de desgostos, a voz amiga que consola e dá bom conselho; é, finalmente, o symbolo da piedade celeste, posto por Deus ao pé do homem, para lembrar-lhe de continuo a patria d'onde viêra, a patria para onde tem de regressar mediante sua perigrinação 'neste mundo.

A escola do sexo feminino é a instituição que tem a cargo promover a educação da mulher. D'ahi é que hade vir o antidoto contra o veneno da paixão dos interesses materiaes. Só quando a mulher fór bem educada, poderá educar bem a familia que se criar de roda d'ella, á sombra do seu amor e solicitude maternal. E como a sociedade é um ser moral, composto de maior ou menor numero de familias, só quando estas forem regeneradas pelo baptismo da educação domestica, cujo principal ministro é a mulher, só então haverá bons costumes, ordem, liberdade e paz na sociedade; só então será esta verdadeiramente regenerada.

## AGRICULTURA.

### Bancos Territoriaes.

Mais uma vez apparece nas columnas do *Instituto* este objecto!

E que a verdade, por mais evidente que ser possa, exige sempre mais d'um apostolo, e não poucas vezes, desgraçadamente, mais d'um martyr. — E força dizer e redizer, mostrar e tornar a mostrar a verdade,volvendo-a por todas as suas faces, para que possa entrar-nos bem no animo e assenhorear-se d'elle, expellindo a falsidade e o prejuizo que alli enraizára, desde muito, a ignorancia.

Evangelizemos, portanto, nós os homens da palavra: tiremos a luz de debaixo do alqueire para allumiar a vereda aos que nos vêem no encalço: destribuamos o pão do espirito e do estudo aos pobres que, curvados sobre a charrua e regando a leiva com o suor do rosto, não têm tempo para a leitura, quanto mais para o estudo.

Façamol-o, que nol'-o exige o nosso proprio dever, e nol'-o impõe a necessidade.

Materia fôra, talvez, para não se omitir aqui, antes de passar adiante, o desinvolver e aclarar d'uma vez para sempre, se, entre nós, deve prestar-se mais cuidado, empenharem-se mais fadigas na industria agricola, se na fabril; — se uma deve absorver todas as forças prestadias, anniquilando totalmente a outra, ou se devem proseguir *pari passu* no seu futuro desinvolvimento.

Mas quem ha ahi, hoje em dia, que não conheça que a industria fabril não é senão um novo modo de ser da substancia, trazida dos seios da terra á luz do dia pela industria agricola; que esta é o fundamento impreterivel d'aquella: — o samblador, por exemplo, reortando um elegante tremó, recurvando uma commoda poltrona, que outra coisa faz se não dar um novo aspecto ás madeiras provenientes do trabalho agricola? O commerciante, navegando suas mercancias por longes mares ou chatinando-as em diversos mercados, que faz se não pôr ao alcance do consumidor, ou os productos d'uma qualquer região ou esses productos quando a mão do artefice lhes vestiu já uma nova forma?

Nem menos evidente é que os diferentes grupos d'homens, chamados nações, que se acham espalhados por toda face do globo conhecido, devem, segundo fôr a sua posição geographica, as qualidades geologicas de seu solo, a benignidade do seu clima, a indole dos seus conterraneos e alguns outros predica-dos, tender, mais ou menos, ao melhoramento da *agricultura* ou ao complemento d'esta — a industria fabril.

Assim, uma nação collocada debaixo d'um clima brumoso, com um solo arido, mal-cor-

tada de rios fertilisadores, sem desprezar completamente todos os ramos d'*agricultura*, deve, por necessidade, votar-se á industria fabril: outra, pelo contrario, sob um céu transparente, com terreno fructifero, regada por multiplicadas ribeiras e allumiada por um sol vivificador, é evidente que deve empenhar fadigas na vereda d'*agricultura*, sem desdenhar tambem, totalmente, a industria.

Um dia virá, e quem sabe se muito proximo? em que o primeiro livro que se ponha, depois do cathecismo, nas mãos da infancia seja um compendio d'economia, com os melhores e mais vulgarisados dos muitos preceitos que necessarios e uteis archiva esta nascente sciencia. — Em Inglaterra já isto, desde algum tempo para cá, passou do campo do desejo para o dominio dos factos.

Então, estas claras ideas, que agora vamos bosquejando ao de leve, não terão a maravilha da novidade e, nem sei se o diga, o assombro da utopia; porque mostrarão aos olhos de todos a realidade primeira e practica da vida. Então, as nações não serão mais que sociedades, vivendo vida commum, congratando-se nas suas relações, ajudando-se nos seus esforços, mutuando-se na abundancia dos seus productos. Cada uma buscará, então, produzir sómente aquillo para que mais cabal fôr o seu solo, o seu clima, a sua posição e a indole dos seus cidadãos, certissima, pela practica, de que, no grande mercado universal, achará a tróco dos seus productos, com muitissimo menos dispendio de forças naturaes e de trabalho, aquillo que possa carecer e mesmo desejar.

Nós, favorecidos pela providencia com um céu tão benefico, devemos, portanto, esmerar-nos em aproveitar-lhe o de quanto é capaz, sem consentirmos que façam força em nosso animo as razões especiosas que alguns habeis periodistas nossos têm, por vezes, propalado.

Muitas e mui variadas são, porém, as causas que podem e devem concorrer para que a nossa agricultura, talvez sempre mal-cuidada, áquem de D. Diniz, possa, renascendo como o Lazaro, attingir o grau d'aperfeiçoamento de que é susceptivel com tamanha ajuda de forças naturaes como tem.

E uma das mais poderosas d'essas causas é, ninguem de boa fé ousará hoje negal-o, nem sequer pol-o em duvida, a instituição de *Bancos territoriaes*, visto como por meio d'elles os agricultores, carecendo d'uma somma qualquer, ora para desbravar uma charneca, roear um matagal, ou estancar um marnel; ora para comprar adubos para os seus campos, conseguir sementes boas para as suas sementeiras, colmar um redil para as suas ovelhas ou reparar um alpendre para o pasto dos seus gados, vão achar n'esses Bancos um meio de satisfazerem promptamente seus desejos e suas necessidades.

Afóra esta, varias outras concorrerem indispensaveis para esse suspirado aperfeiçoamento agrario, já immediatamente, como uma quanto possivel perfeita abegoura, escholas agronomicas, instrumentos e maquinas aperfeiçoadas, etc. etc., já mediatamente, como rios navegaveis, canaes e estradas por onde os productos possam conduzir-se com facilidade de despezas e rapidez de tempo aos mercados mais proficuos, além de muitas medidas d'um governo paternalmente sollicito, e não como infelizmente o nosso...

D'outra sorte, sem vias de comunicação faceis, seria querer converter cada provincia, mesmo cada uma das povoações das provincias, em estereis covas de *Caco*.

Não curaremos, porém, d'apresentar ideas sobre ess'outras, embora poderosissimas, causas de melhoramento agricola: — e menos ainda nos deteriamos historiando esta utilissima instituição, se amergido 'nesse historiar nos não sobrenadasse o ensejo de vindicar para nós, para o nosso paiz, a gloria da prioridade.

Não historiáramos, não; porque o campo-nhez, para quem escrevemos, não sabe mais que a historia do seu lar, nem de mais cura. Que lhe importa a elle que o facto tenha um ou mil annos d'existencia? O que elle deseja saber, o que elle pede que lhe aclarem, é a utilidade práctica, a facilidade da realisação. Que a luz do sol tenha esta ou aquella origem que lhe interessa a elle: — o que deseja, e isso muito, é que a tempo lhe venha germinar os grãos enthesoirados no sulco e a tempo lhe aloire as searas.

Mas se deve haver orgulho, e se o ha, que o ha, por certo, e nobilissimo, em ser o primeiro na cruzada do progresso; esse, em nossa opinião, cabe-nos inteiro. Todos os economistas estrangeiros, e mesmo os poucos nacionaes, que sobre este importantissimo assumpto têm entrado com a penna ou com a palavra, vão ao negociante Buring, da Silesia, na Prussia, buscar a idéa mãe dos Bancos territoriaes. Pelo anno de 1770, depois da celebre guerra denominada dos *sete annos*, foi que Buring exhibiu as bases d'esta instituição, ás quaes Frederico o Grande, deo gostoso acolhida e sancção, convencido dos proficuos resultados que á propriedade territorial dos nobres, gravemente compromettida durante a guerra, viriam com a adopção d'esse systema de crédito agrario.

E tão bons e tão palpaveis foram, na realidade, os effeitos d'ahi emanados para o desenvolvimento da agricultura, que em breve se ramificaram por toda Allemanha, Polonia, e Prussia similhantes meios. A Russia, a Austria, a Dinamarca, a Suissa a Inglaterra, já de bastantes annos tambem, conhecem familiares essas instituições: — e, finalmente, a Belgica e a França, tão ciosas de melhora-

mentos agricolas como de litterarios, os acolheram ultimamente em seus solos.

Hoje, portanto, pode com afoiteza dizer-se que todos os estados da Europa têm Bancos territoriaes e que só aquellos que como nós, a Espanha, e a Italia deixam ao trabalho da natureza o prodigar-lhes uma immerecida uberidade, os não têm ainda, adornecidos como estão em culposa indolencia á sombra da espontanea e invejada feracidade de seus paizes.

Nós, porém, dizemos que primeiro que nenhum d'esses estados, muito antes de 1770, tivemos a idéa de Bancos territoriaes; porque 'numa instituição nossa, fundada em 1756, se nos revelam as bases, embora ainda pouco bem definidas, d'esses Bancos

É ella a *companhia geral d'agricultura das vinhas do Alto-Douro*. — Quem compulsar os cincoenta e trez capitulos da sua formação, approvados pelo alvará de 10 de setembro de 1756, convencer-se-ha do que afirmamos.

Nós queremos, hoje, para a agricultura, em geral e em todos os seus ramos, o que aquella então procurava, em especial, para a cultura das vinhas: — menos todo e qualquer privilegio, como ella tinha e que tão odiada a tornaram.

Começa a representação feita a S. M. o sr. D. José, dizendo «representam a V. M. os «principaes lavradores de cima do Douro, e «homens bons da cidade do Porto, que dependendo d'agricultura das vinhas a subsistencia... dos povos mais consideraveis das «provincias da Beira, Minho e Tras-os-Montes, se acha esta agricultura reduzida a «tanta decadencia e em tão grande estrago, «que sobre não darem de si os vinhos o que «é necessario para se fabricarem as ter-«ras...» — É isto mesmo o que succede hoje com a nossa agricultura em todos os seus ramos, e é este, portanto, o brado que todos devemos levantar.

A companhia foi uma instituição particular, como as cremos hoje d'utilidade: — mostra-o a mesma representação que diz: «... e animados os supplicantes têm concordado entre «si formarem com o real beneplacito de V. «M. uma companhia que sustentando com-«petentemente a cultura das vinhas...»

Quanto á sua forma citaremos, ainda que longos, dois trechos dos cap. X e XI.

No X diz: «E sendo necessario estabele-«cer para estes uteis fins os fundos compe-«tentes; será o capital d'esta companhia «d'um milhão e duzentos mil cruzados, re-«partidos em acções de quatrocentos mil réis «cada uma; a metade do qual se poderá per-«fazer em vinhos competentes, e capazes de «receber, com os quaes os accionistas se qui-«zerem interessar; e a outra ametade será «precisamente em dinheiro, para que a com-«panhia possa assim cumprir com as obriga-

«ções de occorrer ás urgencias da lavoura, e commercio.

E no XI. «Pelo sobredito fundo emprestará a mesma companhia aos lavradores necessitados, não somente o que lhes fôr preciso para o fabrico e amanho das vinhas, e a colheita dos vinhos, mas tambem o que mais lhes convier para algumas d'aquellas despesas miudas, que a conservação da vida humana faz quotidianamente indispensaveis; sem que por estes empréstimos lhes leve maior juro que o de 3 por 100 ao anno; e com tanto que os referidos empréstimos não excedam ametade do valor commum dos vinhos, que cada um dos taes lavradores costuma recolher. Os quaes vinhos, median-te os referidos empréstimos, ficarão com a pinhora filhada a favor da companhia, que nelles terá a mesma preferencia, que costumam ter os senhorios das casas nos moveis que dentro d'ellas se acham, e sem que para isso seja necessario outro titulo, ou facto mais que os dos assentos dos empréstimos nos livros da companhia, verificados com escriptos dos devedores, reconhecidos por official público.»

Da leitura attenta d'estes dois capitulos vê-se, sob toda luz, que a *companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro*, outra cousa não era, senão um Banco Territorial imperfeito.

Alli os fundos não eram representados pelo valor dos bens terreos dos accionistas, mas sim, «metade perfazido pela produção em vinhas, e metade precisamente em dinheiro,» e egualmente aos tomadores d'empréstimos não se lhes exigia a hypotheca das terras; mas «dos vinhos que costumavam recolher, e que ficavam com pinhora filhada a favor da companhia.» Por outra, os Bancos Territoriaes d'hoje, affectam para mais segurança a propriedade, ao passo que aquella se dirigia immediatamente á produção. Se produziu máus resultados, aos innumerados e vexatorios privilegios que lhe foram, por vezes, conferidos, devem d'imputar-se.

Não queremos asseveral-o; — mas se attendermos ao movimento e vigoroso impulso que o ministro-rei dava 'nessa epocha ao nosso paiz, e a attenção que a Europa então prestava ás lições diarias e practicas d'elle, e, sobre tudo, á extensão que tomou o nosso commercio com os nossos productos que profusamente levavam do Brasil a todos os emporios europeus os nossos galeões, e ao incremento, enfim, da nossa exportação do vinho, ... se attendermos, dizemos, entre mil outras causas, a esses factos, não será fora de proposito, e, menos ainda, será arrojo o ajuzar que Buring tinha, 14 annos depois de publicadas, conhecimento das instituições da nossa tão famosa Companhia, e por ellas tinha modelado, modificando-as as que apresentará a

Frederico o Grande, para a criação dos Bancos agrarios da Silesia.

E possivel que nos enganemos; mas não parece isso. Ainda assim, se não temos a orgulhar-nos com a prioridade, tambem não temos a acolher-a de ninguém.

Continúa.

A. A.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 245.

### V.

Na organização d'este admiravel instituto das *Servas dos pobres* ha duas particularidades, mui dignas de se notarem; e que porventura encerram, ao menos em parte, os elementos para se resolver o problema d'esta sua, já tão dilatada, e sempre tão viva e tão afervorada duração, passando incolume através dos tempos, e das revoluções; e que revoluções!

E tanto mais nos parece conveniente suscitar a attenção para este lado, visto que essas mesmas condições talvez hajam sido, 'nesta nossa malfadada patria, o principal pretexto para se retardar por tanto tempo a admissão das verdadeiras irmãs da caridade; a quem os barbaros e selvagens, mais d'uma vez, nos sertões da America, ou nas ilhas da Oceania, ou no coração do mahometismo, têm perguntado, maravilhados, e bem crentes de que não são entes humanos: — *Como descestes vós do céu!*

«A postulante admittida (diz C. Malo) entra, como noviça, para ser ensinada e amestrada, na casa geral, situada em Paris.

Este vasto seminario pode considerar-se como o bérço e a sepultura das irmãs da caridade.

Com effeito é alli que se amestram no serviço dos pobres. D'ahi voam em seu soccorro; e, quando a edade, ou as enfermidades, já lhes não permittem o fazerem-se uteis á humanidade padecente, é tambem ahi que vêm pôr termo religiosamente a uma vida assignalada por tantos beneficios »<sup>1</sup>.

E quem não haverá, que não se sinta, como que arrastado a pensar, com a singela ingenuidade do neophito selvagem, que esta casa é a morada d'uns anjos do céu; que d'ahi sahem a cumprir a missão divina; e que, satisfeita esta, ahi voltam a depôr a fôrma humana para de novo se elevarem á mansão do Eterno, ao paraizo, cujas portas fizeram abrir de par em par para tantos infelizes, que mais do que soccorreram, converteram!

<sup>1</sup> Oeuvres de S. V. de Paul.

« Póde avaliar-se em mais de trezentas (diz o mesmo escriptor) o numero de cazas de caridade estabelecidas em França, e pertencentes todas a esta ordem admiravel. O das irmãs é, pouco mais ou menos, de *duas mil e quinhentas*! Recapitulando o numero d'umas e outras, tanto em França, como nos paizes estrangeiros, não será exagerado fazer subir o das cazas ao *de quatrocentas*, e o das irmãs ao *de cinco mil*. »

Uma só regra, um só pensamento, *uma só educação, uma só caza ensinante*, um só espirito; e por consequencia, em todas as partes da terra, nos paizes os mais oppostos, e os mais remotos, uma só obra, uma só vida!

Quebrae da frondosa arvore, de cujas raizes, entranhadas nas profundidades da terra, e enlaçadas com a rocha, subia, e se repar-tia pelos seus ramos, uma copiosa e nutritiva seiva, algum d'esses ramos; plantae-o, embora em boa terra: vêde como tarda em desenvolver-se. Talvez nem chegue a lançar raiz. Talvez, depois de a ter lançado, não possa resistir, fulto d'apoio, ao impeto dos ventos, aos rigôres do inverno, aos ardôres do estio. Desfallecerá; e ninguém, ao vê-lo, poderá reconhecer a mãe fecunda, de cujos peitos arrancaram o pobre orphão.

Viva imagem da Egreja, o instituto das irmãs de caridade de França, abranje o mundo inteiro, e não tem senão um centro; e d'esta unidade recebe o alento, a vida, a perfeição, e a immortalidade!

Prevêmos as objeções. Para responder aos políticos, seculares ou eclesiasticos, bastanos apontar-lhes para a caza de Lisboa, orphã abandonada; e que, contando apenas trinta e sete annos d'obscura, e quasi invisivel duração, ha já muitos que é entrada 'numa precoce decrepitude. Mas d'este ponto fallaremos mais d'espago.

Maiores difficuldades antevêmos em que nos admittam o nosso humilde juizo acérca da outra condição, não menos essencial, da constante e sempre viçosa vegetação da grande arvore. É força porem dizê-lo, mau grado de poucos que nos lere; de poucos, dizemos, porque os annos passam, e com elles os homens, e a cegueira das paixões. E as novas gerações, attentando no que se faz em outros paizes melhor cultiyados, e ainda melhor governados, e que já vão, mais distantes que o nosso, dos tormentosos dias do desmoronamento da sociedade, começam de fazer justiça aos desvarios d'esses dias; e, em nome d'uma verdadeira, não mentida, liberdade, estão bem dispostos a ouvir as verdades, e por ventura a erguer do pó da terra as dispersas ruínas dos monumentos sacrosanctos, que os vandalas da falsa civilização, pondo a mira mais alto, mas em vão, e cégos instrumentos da justiça divina, derribaram e arrazaram.

## VI.

Como a luz do Evangelho, as ordens religiosas, encarregadas, desde o principio da Egreja, de o estudarem, e ensinarem, e não menos de o observarem no mais subido grau de perfeição, jámais deixaram d'exercer a sua benéfica missão no seio da christandade.

Apaga-se aquelle pharol da vida 'num paiz desventurado; vêde-o logo, ao mesmo tempo, fulgurar brilhante 'noutro horizonte. A reforma rouba á Egreja uma grande parte da Europa; cabe ao novo mundo indemnizal-a.

A península hispanhola, catholica, e fidelissima; o Piemonte, filho querido da Egreja, afrouxam na sua fé: não se apaga a luz, mas que altos esforços para isso!

Aqui o clero, servo submisso do poder temporal, vegeta apenas. Acolá a perseguição, extranhas influencias d'um mal disfarçado anglicanismo, esforçam-se pelo reduzir a essa quasi completa nullidade.

E eis que ao mesmo tempo, na protestante Inglaterra, e nos Estados unidos, o numero de fervorosos catholicos, e com elle o das egrejas, das dioceses, e das corporações religiosas, livre e espontaneamente se desenvolve, e cresce d'um modo maravilhosos!

E a França, mais que nunca, estreita os laços com a séde da unidade; e a Austria, a patria do *josephismo*, quebra e arroja de si as cadeas com que tentara escravisar, 'nesse e nos outros paizes, o imperio espirital!

Em toda a parte apenas serena a tempestade, reverte a tolerancia, e a Egreja recobra a sua livre acção, reapparecem egualmente os seus coadjutores, com ou sem um traje especial, o que pouco importa.

A cada necessidade o seu remedio, a cada miseria o seu soccorro, e a cada tempo a sua instituição accomodada a esse tempo. Tal parece manifestar-se a disposição providencial na criação, na extinção, e na resurreição dos institutos religiosos. Ora o deserto, o mosteiro, e a vida puramente contemplativa do cartucho. Ora a mesma vida contemplativa, mas acompanhada ou dos trabalhos litterarios, os mais profundos e aturados, do benedictino; ou das penosas explorações agrarias, do trappista. Ora e principalmente a vida activa, umas vezes ensinante e predicante, no missionario; outras no curativo dos enfermos, na redempção dos captivos, e em summa no allivio de todas as tão multiplicadas e pungentes necessidades physicas, intellectuales, e moraes do povo.

A philanthropia dispensa esses serviços, a caridade abraça-os. Venham os *pobres enfermos*, e o *pobre povo* de S. Vicente de Paulo; e decidam qual tem razão.

## VII.

Grande e mui viva era a fé no seculo 17, muitas e varias as ordens religiosas, nume-

roso o clero secular; e todavia os forçados das galés, e o pobre povo dos campos, tinham falta de socorros espirituaes.

S. Vicente de Paulo considerava-os, a uns e outros, como irmãos; fugia dos dourados palácios dos grandes (que todavia tanto o queriam juncto de si) para se encerrar nas masmorras, ou ir catechisar os pobres do campo, e repartir por elles as esmolas dos ricos com a divina instrução, que excede todos os thesouros.

Faltavam-lhe, porém, companheiros. Em vão a virtuosa condessa de Gondi, e seu marido, o general das galés, appellidaram uma e muitas vezes, e convidaram com a promessa de grosso legado, quem viesse doutrinar os numerosos vassallos das suas terras.

Porfim acertaram no melhor. O seu tão amado padre Vicente, com apenas mais dous companheiros, deram principio, auxiliados por aquellos fidalgos, á — *Congregação dos padres da missão*, no anno de 1625; propondo-se, conforme ao contracto celebrado com os mesmos senhores, a mui principalmente evangelisarem os vassallos de suas terras, e os pobres forçados das galés.

Este instituto, cujo nome é tão venerado, como o das irmãs da caridade, em todo o orbe catholico, passou, algum tempo depois da sua constituição, a occupar o mosteiro de S. Lazaro, em Paris; d'onde lhes veio, aos padres de S. Vicente de Paulo, o nome, pelo qual são hoje mais conhecidos, de *Lazaristas*.

Infatigaveis missionarios, educadores e mestres da mocidade, a Europa, a America, a Asia, e a Oceania, recebem, por via de grande numero d'elles, que cada anno deixam a França, as luzes e consolações do Evangelho.

No imperio turco especialmente, na mesma Constantinopla, as suas escolas estão patentes aos meninos e adultos de todas as nações e de todas as creanças. São elles, e as irmãs de caridade, que, pouco a pouco, e insensivelmente, vão convertendo este povo da corrupção e barbaridade para a verdadeira civilisação; e dispoem a futura transformação, não exterior e ephémere de trajes e maneiras, que pouco val, mas a interior, real, e permanente, d'este cadaver d'imperio, ha tanto tempo moribundo.

As servas dos pobres, desde a sua instituição, e conforme á regra que observam, estão sujeitas á direcção espirital dos lazaristas, sem embargo da obediencia ao Ordinario.

« São pessoas das freguezias, sob o regimen de seus parochos (disse o fundador). E se temos a direcção da caza, em que foram creadas, foi porque approve a Deus, para dar nascimento á sua pequena congregação, servir-se da nossa. »

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## O COMETA DE 13 DE JUNHO.

Vomitado através do céu profundo,  
Passou juncto de nós ardente um mundo!  
— E a ter achado a terra ante seus passos  
Fizera-a, como a vidro, em mil pedaços!  
MOLIERE.

É realmente triste ver a emoção que tem causado no mundo, a imprudencia ou levianidade do jornalista que annunciou « segundo um astrónomo allemão » a apparição d'um cometa, que em 13 de junho d'este anno ha de encontrar-se com a terra, e causar o fim do mundo. Esta ridicula noticia, repetida por todos os echos, grandes e pequenos, da publicidade, espalhou-se immediatamente por toda a Europa, como se o telegrapho electrico lhe tivesse servido de rapido e universal mensageiro. E hoje o objecto de todas as conversações, tanto nos salões do grande mundo, como na praça publica, no gabinete do homem de estado, como na officina do operario. Permittam-nos pois, já que todos fallam do cometa, que tambem digamos duas palavras sobre este assumpto.

Que ha, não diremos de verdadeiro, nem ainda de verosimil, mas de sensato no annuncio que occupa todas as imaginações, e que agita todas as linguas, relativamente ao cometa predicto para o dia 13 de junho de 1857? Nada, absolutamente nada.

Mas antes de ir mais longe, perguntaremos qual é nome do astrónomo allemão que annunciou ao mundo o seu fim prematuro? Até ha poucos dias ninguém o sabia; hoje consta que o celebre astrónomo, ou antes profeta de desgraças, de que se trata, é Matheus Laensbergh. Mas este individuo nem é allemão, nem astrónomo; é um conego belga, cujo unico titulo de gloria é ter composto o primeiro almanak de Liège.

Mas entremos na materia. Qual é o cometa annunciado? Tracta-se d'um cometa novo, ou ou d'um já observado, e cuja volta se predisse?

Se se tracta de um cometa novo, advertiremos que é impossivel predizer um cometa ainda desconhecido; para annunciar a apparição d'um tal corpo é necessario ser profeta, — profeta verdadeiro, — ou então ser louco. Podem certas pessoas accreditar que o astrónomo allemão é profeta; aos olhos da razão similhante credulidade é a mais perniciosa de todas, é uma fraqueza de espirito, de que deviam envergonhar-se.

Se ao contrario o cometa de que se falla, já foi observado anteriormente, e por consequencia se conhece a orbita que descreve, é preciso que o auctor da predicção nos dê os elementos d'este astro errante, as suas ephemerides dia por dia, e o calculo que demonstra a possibilidade do seu encontro com a terra.

E visto que se tracta d'um cometa conhecido dos astrónomos de profissão, é a estes que pertence fazer o prognostico; são as observações astronómicas que hão de annunciar qualquer acontecimento. Ora todos os observatórios guardam religioso silencio; e guardam-no porque têm toda a certeza que não existe cometa algum que possa encontrar-se com a terra em 13 de junho d'este anno.

Um jornal, que tinha talvez a missão de combater estes chimericos terrores, teve pelo contrario o mau gosto de dar maior vulto a taes loucuras, entretendo a proposito os seus leitores com o cometa de 1261, que, reaparecendo em 1556, tão grande espanto causou ao imperador Carlos V. Mas este cometa faz a sua revolução em 292 annos; devia portanto ter reaparecido em 1848, epocha em que ninguem o viu. Portanto, ou as perturbações planetarias o retardaram na orbita; ou de facto voltou ao perihelio 'naquella epocha, mas não pôde ser observado por causa de circumstancias especiaes da atmosphera ou nuvens permanentes, o que algumas vezes tem já impedido de reconhecer estes corpos no momento em que são accessiveis á nossa vista.

Admittamos que ainda tenha de apparecer o cometa de Carlos V. Nunca de certo astrónomo algum pensou em fallar d'esta volta, como d'um objecto de espanto para os habitantes do globo. Este cometa está longe de se encontrar com a terra, pois que a sua orbita tem mais de 30° de inclinação sobre a ecliptica.

Podemos agora, mas só por incidente, discutir a questão theorica, tantas vezes debatida, da possibilidade do choque d'um cometa com a terra. Arago na sua bella *Astronomia Popular*, disse tudo que ha de mais razoavel a este respeito: as suas palavras não devem deixar de ser citadas 'nesta occasião.

Arago calculou a probabilidade a favor do choque, considerando separadamente o que resulta do nucleo do cometa, e o que poderia resultar da massa fluida que rodeia ou termina estes corpos, conhecida pelo nome de cauda.

«A respeito do primeiro, o unico que poderia damnificar a terra, diz Arago, achamos que a probabilidade a favor do choque é de 1 por 281 milhões. A respeito do segundo a probabilidade é de 10 ou 20 por 281 milhões. Admittamos, por um momento, que os cometas cujo nucleo encontrasse a terra, destruíssem a especie humana; o perigo de morte, que para cada individuo resultaria da apparição d'um cometa desconhecido, seria exactamente igual ao que correria, se não houvesse em uma urna mais do que uma esphera branca entre 281 milhões de espheras, dependendo a condemnação á morte d'esse individuo de tirar a esphera branca na primeira extracção.

« Todo o homem dotado de razão, por mais apegado que seja á vida, rir-se-ha de tão insignificante perigo. »

Ainda que os cometas occupam um espaço immenso, que excede milhões de leguas; a massa d'estes corpos acha-se realmente reduzida a tenuissimas proporções, em consequencia da falta de atmosphera nos pontos do espaço, que os cometas atravessam; d'onde resulta rarefazem-se infinitamente os fluidos, que os formam.

A respeito d'este facto importante que surprehende á primeira vista, mas que facilmente se aceita reflexionando-se um pouco, exprime-se por este modo o illustre Laplace: «Postoque as caudas dos cometas tenham muitos milhões de myriametros, contudo não enfraquecem sensivelmente a luz das estrellas que se observam através d'aquellas; estas caudas são portanto extremamente diaphanas, e as suas massas provavelmente inferiores ás das mais pequenas montanhas da terra. E claro pois que não podem, pelo seu encontro com o globo, produzir effeito algum sensivel; e é provavel que o tenham envolto muitas vezes, sem se ter notado. »

D'esta maneira se explica o facto de muitos cometas terem passado proximos a certos planetas sem lhes causar a menor influencia physica. » O cometa de 1770, diz Delambre, passou entre Jupiter e os seus satellites, sem causar perturbação alguma sensivel. Os cometas, pois, não são, mesmo para astrónomos, mais do que objectos de pura curiosidade.

Sir John Herschel foi muito mais longe. Diz expressamente que «a cauda do maior cometa de que podemos formar idéa, compõe-se de um pequeno numero de libras de materia, e talvez só de algumas onças. »

Que havemos nós, pois, de receiar do choque d'um corpo de tão insignificante massa?

Accrescentaremos apenas ao que levamos dicto, que M. Babinet, uma das maiores autoridades da epocha em astronomia physica, chegou a dizer, talvez exageradamente, mas approximando-se muito da verdade: «que se um cometa encontrasse a terra, esta não soffreria maior abalo, do que podia experimentar um immenso comboy correndo por um caminho de ferro, e encontrando uma mosca. »

O auctor do artigo de que fallámos, não recciou dar a este respeito uma lição a Mr. Babinet, recordando-lhe que qualquer materia, ainda que seja impalpavel — um neveiro ou um vapor — sendo animado de grande velocidade, pôde produzir effeitos destruidores; mas o auctor anonymo d'esse artigo, esqueceu-se de que os cometas não são dotados de uma grande velocidade, senão quando estão muito perto do sol; que a uma distancia igual á d'este astro á terra, têm perdido quasi toda a sua velocidade; que a uma distancia um

pouco maior, estão relativamente immoveis; que em todos os casos, como muito bem nota M. Le Verrier, os cometas fazem parte do nosso systema solar; e que o creador do Universo teve em conta a massa e movimentos d'estes corpos, ao estabelecer as leis de estabilidade do nosso systema planetario, — leis que têm causado a admiração dos grandes genios, que têm sabido desenvolvê-las ou comprehendê-las.

Mas ouçamos M. Babinet. Os interessantes e curiosos resultados, que ingenhosamente acaba de appresentar á academia real das sciencias de Paris, são dignos de aqui serem archivados.

Este illustre astronomo demonstrou que:

1.º Uma camada d'ar apenas de um millimetro de espessura, transportada á região percorrida por um cometa e illuminada pelo sol, seria muito mais brilhante que o cometa.

2.º Um cometa, cujo volume fosse o da terra, não peza mais de 30:000 kilogrammas.

Para chegar a estes resultados M. Babinet, parte do facto fundamental, que repetidas observações têm plenamente confirmado; de que atravez da massa d'um cometa se vêem sem perda sensivel de luz as estrellas de decima e undecima grandeza, e ás vezes de grandeza inferior.

Entre os observadores que frequentemente tem provado este facto de optica, encontram-se MM. Herschel, Piazzi, Bessel, Struve e Hind. O cometa de 1828 formava um globo de perto de 125:000 leguas de diametro, e M. Struve viu atravez do nucleo uma estrella da undecima grandeza, sem que se podesse notar diminuição alguma no brilho da estrella. Portanto a interposição de um cometa illuminado pelo sol, não enfraquece sensivelmente o brilho da estrella, deante da qual forma uma rede luminosa.

Em physica demonstra-se, que quando dois focos luminosos brilham simultaneamente, é

preciso que a luz mais fraca tenha  $\frac{1}{60}$  da intensidade da outra, para desaparecer deante do brilho d'esta. Posto isto, a rede luminosa que fórma o cometa collocado deante

da estrella, não tem  $\frac{1}{60}$  do brilho da estrella, porque, a não ser assim, a luz da estrella seria ofuscada pela do cometa. Logo, quando muito, pôde estabelecer-se que a intensidade da luz do cometa é  $\frac{1}{60}$  da da estrella. Logo seria

preciso que o cometa fosse 3600 vezes mais brilhante para fazer desaparecer uma estrella de undecima grandeza: e como, pelos dados do observatorio de Oxford, colligidos e discutidos por M. Pogson, uma estrella de undecima grandeza é 250 vezes menos brilhante, que uma da quinta grandeza, seria

preciso que um cometa fosse 900:000 vezes mais brilhante para fazer desaparecer uma estrella da quinta grandeza. Ora a nossa athmosphera illuminada pela lua cheia faz desaparecer todas as estrellas inferiores ás da quarta grandeza, e por isso é 900:000 vezes mais brilhante que a massa do cometa illuminado pelo sol: mas a lua cheia é segundo Wollaston, 800:000 vezes menos brilhante que o sol, e portanto a nossa athmosphera, illuminada pelo sol seria 720:000.000.000 mais brilhante que o cometa.

M. Babinet tracta em seguida de determinar a densidade dos cometas. Por considerações analogas ás precedentes chega a este resultado: « que um cometa deve ser equiparado a um fluido que se dilate por forma que occupe um volume 45:000.000.000.000 de vezes maior que a athmosphera. »

Resulta d'estas considerações, que tanto a massa como a densidade d'um cometa são infinitamente pequenas, de tal sorte que, segundo M. Babinet, pôde dizer-se, que uma camada d'ar apenas de um millimetro de espessura transportada á região d'um cometa, e illuminada pelo sol, produziria todas as apparencias physicas d'um cometa, isto é, teria o mesmo brilho luminoso e a mesma densidade.

Estabelecida a densidade d'um cometa, M. Babinet avalia o pezo total d'um astro d'este genero de dimensões dadas.

Admittindo que a densidade da materia d'um cometa pôde ser igualada, como acabamos de mostrar, ao ar athmosphérico d'uma densidade 45:000.000.000.000 de vezes menor, o pezo d'um cometa seria apenas o da terra, diminuida a densidade d'esta na relação da unidade para o numero

194:000.000.000.000.000.000.000.

Feito o calculo acha-se que um cometa das dimensões da terra não pesaria mais que 30:000 kilogrammas, isto é, não excederia o pezo de 30 metros cubicos de agua.

Seria pois inteiramente nullo o choque d'uma substancia gazosa, reduzida a este incommensuravel estado de divisão. É muito provavel, em razão da excessiva tenuidade da massa dos cometas, que nenhuma parcella da sua materia, podesse penetrar nas partes mais elevadas e menos densas da athmosphera, e que por conseguinte o encontro d'um tal corpo com a terra, passaria inteiramente desapercebido.

Mas no caso de que se tracta, não pôde ter applicação o que acabamos de dizer, porque o cometa de Carlos V passa a grande distancia da orbita terrestre.

Este cometa, cuja revolução se fixou em 292 annos, devia tornar a apparecer em 1848; mas não sendo visto 'nesse anno tractaram os astrónomos de descobrir a causa da sua retardação. Um observador hollandez,



M. Bomme de Middelbourg, foi o primeiro que reconheceu que na determinação da órbita d'este astro se não havia tido em conta as perturbações, que o podiam ter retardado depois de 1264, e mais recentemente desde 1556.

M. Bomme fez então de novo o calculo para provar a identidade dos dois cometas de 1264 e 1556, attendendo ás perturbações que lhe podiam causar os planetas Jupiter, Saturno, Urano, Neptuno, Marte, Venus e a Terra. Em resultado dos seus trabalhos M. Bomme fixou a epocha da apparição do cometa para o mez d'agosto de 1858; mas attendendo em separado ás causas de erro que podiam resultar de perturbações indeterminadas, reconheceu no calculo a possibilidade d'um erro de dois annos para mais ou para menos.

Vê-se pois, por estes dados, que é possível até, que o cometa só appareça em 1860; e que fixar a sua apparição para o dia 13 de junho de 1857, é uma supposição inteiramente gratuita. Quanto á possibilidade de um conflicto qualquer entre este cometa e o nosso globo, como o astro anunciado passa á distancia de 700 leguas da terra, não ha motivo para o minimo receio. Além de que M. Babinet dá-nos as maiores garantias de segurança com as suas consoladoras avaliações, que demonstram d'uma maneira decisiva, que um cometa, em geral, ornado de extensa cauda, ou privado d'este brilhante appendice, não é na realidade mais do que um boneco de materia gazosa, que passeia nos espaços celestes.

(La Presse.)

LUZ FIGUIER.

## BIBLIOGRAPHIA.

Almanak de Instrução Publica em Portugal. — Primeiro anno — por José Maria de Abreu, lente cathedratice da faculdade de philosophia na Universidade de Coimbra — 1857 — Coimbra: Imprensa da Universidade.

Em nitidissima edição acaba de sahir dos prelos da universidade este livro importante, que num quadro bem traçado apresenta, como em relevo, o estado actual da instrução publica em Portugal. Tem esta, desde 1834, passado por tantas, tão encontradas e repetidas reformas, e acham-se ainda os seus diversos estabelecimentos tão desgastados uns dos outros, que mesmo dentro do paiz, poucos ha que possuam conhecimento cabal da sua organização, do seu movimento e da sua economia. Dos estrangeiros é tudo isto quasi completamente ignorado, recorrendo ainda hoje muitos d'elles á *Estatistica de Portugal* por Balbi, impressa em Paris em 1822, para ajuizarem

da organização actual do ensino público entre nós. Foi em consequencia d'esta ignorancia quasi absoluta, e por falta de noticias escriptas a que podesse soccorrer-se, que, ainda ha pouco, em 1853, o governo francez se viu obrigado a dirigir-se ao nosso governo, pedindo-lhe a remessa dos programmas dos nossos estabelecimentos d'instrução superior, por onde viesse no conhecimento, tanto das materias 'nelles professadas, como dos methodos d'ensino alli seguidos.

O sr. José Maria de Abreu, a quem a instrução publica em Portugal é já devedora de mui proveitosos trabalhos<sup>1</sup>, com o zelo e esmero com que sabe desempenhal-os, veio satisfazer com esta publicação uma necessidade geralmente reconhecida. Pondo, com toda a clareza e boa disposição, á vista do leitor o estado da nossa instrução publica nos seus diversos ramos, d'instrução primaria, d'instrução secundaria, d'instrução professional, e superior, é ás duas ultimas que dá maior desenvolvimento, a fim de que os seus diversos estabelecimentos possam mais devidamente ser avaliados e comparados entre si. Além do pessoal, ali se encontram mencionadas com toda a especificação as disciplinas preparatorias, que se exigem para a admissão nas diversas escholas e faculdades; as materias que 'nellas se professam; a ordem em que se seguem; os compendios por onde se estudam. Os ordenados dos professores, o custeio dos estabelecimentos, e todas as outras verbas de despeza na instrução publica, bem como as da receita proveniente de matriculas, compra de livros, e mais propinas pagas pelos alumnos, tudo vem devida e claramente especificado. O actual systema de concursos para provimento das cadeiras que estão debaixo da inspecção do conselho superior d'instrução publica, e os programmas para elles adoptados, tambem alli se acham convenientemente desinvolvidos.

Foi, como era de razão, com preferencia para a nossa Universidade, que 'neste seu trabalho reuniu o illustre academico noticias mais miudas e interessantes, tanto para professores, como para alumnos. Para elles o calendario, a folhinha academica, e outras muitas curiosidades interessantes, tornarão este *Almanak* um manual quasi indispensavel. E para todos, tanto nossos como extranhos, que desejam ter conhecimento exacto do ensino publico em Portugal, será este livro o primeiro que pôde satisfazerlos.

Desejamos ardentemente que o sr. dr. J. M. d'Abreu prosiga na continuação d'este proveitoso trabalho, e que os *Almanaks* dos annos seguintes, apresentando-nos, com os

<sup>1</sup> Entre outros — *Legislação Academica*, desde os Estatutos de 1772 até 1850 inclusivè. Coimbra 1851 — 4.º. — *Legislação Academica*, desde 1851 inclusivè, até ao fim do anno de 1854 — 4.º.

progressos successivos que devemos esperar na instrução pública, os desinvolvimentos que seu auctor pôde dar-lhes, remedeie de todo a falta que estavamos sentindo.

F. DE CASTRO FREIRE.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica desde o dia 15 até ao fim de fevereiro ultimo, por despachos do conselho superior d' instrução publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio Augusto Machado Monteiro de Campos para professor temporario da cadeira da freguezia da Lapa de Lisboa.

Antonio Maria de Sousa Queiroz, para dicto da Povia de Varzim, districto do Porto.

Carlos Accioli Rego, para dicto de S. Jorge, districto do Funchal.

José da Costa Leiria, para dicto das Abitureiras, districto de Santarem.

Manuel da Camara Bettencourt, para dicto da Freguezia de Gaula, districto do Funchal.

Manuel Ferreira Lamellas, para dicto de Villar Turpim, districto da Guarda.

Lourenço Luiz Dias da Costa, para dicto de Nogueira do Cravo, districto d'Aveiro.

Manuel José d'Oliveira Pinto, para dicto de Ervedosa, districto de Vizeu.

Carlota Augusta de Sousa, para mestra temporaria da escola de meninas da villa de S. Vicente, districto do Funchal.

Antonio Xavier Esteves, para professor vitalicio da cadeira de Arouca, districto d'Aveiro, decreto de 11 de fevereiro ultimo.

Bento de Oliveira Pereira, para professor vitalicio da cadeira de Braga, decreto de 18 de fevereiro ultimo.

João Gaspar da Marthã, para professor vitalicio da cadeira de S. Martinho do Bispo, districto de Coimbra, decreto de 18 dicto.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Manuel da Cunha e Costa, para professor de Latin da villa de Cintra, decreto de 11 dicto.

exames dos professores de instrução primaria e secundaria — os compendios adoptados nas faculdades e escholas superiores e secundarias — os livros approvados pelo Conselho Superior — a organização actual de todos os estabelecimentos de instrução superior e secundaria — sua legislação e — emolumentos e propinas, que pagam os alumnos — preparatorios indispensaveis para as respectivas matriculas — conta do rendimento e despeza de cada estabelecimento — o pessoal effectivo do Conselho Superior — dos Commissarios dos estudos, e das faculdades e escholas superiores — Legislação Academica de 1855 e 1856 — Noticias litterarias — Calendario — Folhinha Academica, etc. 1 vol. em 8.º brox.

*Vende-se por 500 réis, nos seguintes locaes:*

Lisboa — Na loja do sr. Cobellos, rua Augusta, n.º 2 e 3; e na do sr. Lavado, dicta rua, n.º 8.

Porto — Na loja do sr. Jacintho da Silva, rua das Hortas, n.º 144; e na do sr. Cruz Coutinho, rua dos Caldeireiros, n.º 35.

Braga — No Escriptorio Commercial, rua de S. Lazaro, n.º 11.

Pezo da Regoa — Em casa do sr. Manuel Mendes Ozorio.

Viseu — Em casa do sr. Francisco Gomes Pinto.

Coimbra — Na loja da Imprensa da Universidade; e na do sr. J. A. Orcel, rua das Fangas.

Leiria — Na typographia do *Leiriense*.

Evora — No Collegio de S. Paulo.

## AVISO DA REDACÇÃO.

*Com o seguinte numero termina o 5.º anno d'esta publicação. A Redacção agradece aos srs. assignantes seu valioso auxilio, cuja continuação espera merecer-lhes; e remetterá o INSTITUTO áquelles que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas.*

*Aos srs. assignantes, que estão em deficit, roga-lhes que satisfacçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

*Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte: o INSTITUTO continuará a offerecer equal vantagem.*

Preço da assignatura { por anno... 1\$440  
{ por semestre 800

## ALMANAK DE INSTRUÇÃO PUBLICA EM PORTUGAL.

PRIMEIRO ANNO — 1857.

POR

**José Maria d'Abreu,**

Lente cathedratico da faculdade de philosophia na universidade de Coimbra.

Contém — estadistica e movimento litterario e economico de todos os estabelecimentos de instrução pública — os programmas approvados pelo Conselho Superior para os

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

*Sessão da classe de sciencias moraes e sociaes  
em 19 de fevereiro de 1857.*

### EXTRACTO.

Abriu-se a sessão ás 10 horas da manhã. Presidiu, na ausencia do sr. director da classe, o secretario o sr. Adriano Machado.

O vice-secretario leu o seguinte parecer:

« Senhores! — A commissão que encarregastes de examinar a memoria offerecida ao *Instituto* pelo sr. A. P. Couceiro, a fim de ser admitto como membro d'esta associação, vem hje apresentar ante vós o seu parecer.

Versa a memoria sobre a « influencia da revelação dos crimes na sociedade », objecto muito importante e complexo, que interessa á Moral, ao direito público e penal, ao processo criminal, e tambem não pouco á philosophia da historia.

O auctor — é verdade — não encarou a questão completamente por todos estes lados, mas tambem nenhum d'elles foi completamente esquecido, como vos convencereis á vista da breve exposição, que passamos a fazer d'aquelle escripto.

O direito, que o estado tem, de punir os delinquentes, não pôde ser exercido sem um processo, que mostre a existencia do crime, e revele o seu auctor. Esta verdade tão obvia não podia haver escapado a nação alguma, por pouco clara que fosse a luz da sua civilisação. Mas os meios de chegar a este resultado, é que não são os mesmos nos diferentes povos, nem nas diversas epochas do desenvolvimento do mesmo povo.

A revelação dos crimes, posta como um dever a todos os cidadãos, que tivessem conhecimento d'elles, era um dos meios, que habilitavam a sociedade a exercer o seu direito punitivo, mas não era o unico; e importava examinar os principaes para serem comparados em quanto á moralidade intrinseca de cada um d'elles, e em quanto ao fim a que são destinados.

Assim o mostra ter comprehendido o auctor da memoria, dizendo logo no principio, que « a antiga accusação judiciaria dos crimes, a secreta revelação d'estes e as func-

ções do que actualmente se chama ministerio público, são tudo materias, que se tocam, e que entre si têm relações intimas. »

O auctor examina primeiro o que era a accusação dos crimes no povo romano, — povo cuja vida é sempre instructiva pela actividade com que se manifestou nas diferentes evoluções do seu desenvolvimento, e até nas diversas phases da sua decadencia. Depois examina a degeneração da accusação popular na revelação secreta, que, principiando com a perversão dos costumes romanos, veio depois d'algun intervallo de esquecimento a reviver em muitas legislações posteriores. Tracta depois de apreciar, em breves traços, a instituição do ministerio público, assim na sua origem antiga como na sua organização moderna.

A isto, que é uma como introdução á parte principal da memoria, segue-se a demonstração de que o Estado não pôde obrigar e menos impôr penas aos cidadãos, que não revelarem os crimes de que tiverem noticia.

O Estado não pôde obrigar; porque não pôde suffocar os sentimentos de compaixão, que a natureza grava no coração humano, e que se desenvolvem com a cultura d'uma educação delicada; nem pôde attacar os preceitos do christianismo, que, ordenando a caridade, se oppõem á revelação dos crimes, nem deve dispensar a voz da consciencia pública, á qual parece abominavel o facto da delação. Para resolver assim esta questão de direito público, o auctor julgou necessario combater o argumento de Bonneville, que pretende fundar o direito do Estado em obrigar á revelação, no mesmo principio, pelo qual elle pôde obrigar as testemunhas a comparecer no tribunal e a julgar os criminosos. O auctor ainda se ajuda com um argumento de Filangieri, dizendo, que se o Estado obrigasse á revelação, o que meditasse um crime, esconderia o seu projecto dos seus proprios amigos, e assim não teriam estes occasião de o dissuadir dos seus intentos.

O Estado não pôde impôr penas ao que não revelar os crimes, não só porque o não pôde obrigar a isso, mas ainda porque essas penas, repugnantes com os sentimentos públicos, não seriam populares nem, portanto, exemplares, e muito menos correccionaes.

O auctor, supprimindo assim um dos meios, que conduzem ao exercicio do direito de punir, precisava de o substituir por outro, e assim o fez, reconhecendo nos empregados publicos a obrigação de velar pela segurança dos cidadãos, e de denunciar as auctoridades competentes aquelles, que a offenderam.

O auctor, por ultimo, examina, como conhecida com a esta questão, se a lei deve conceder a impunidade ao co-reu, que denunciar os seus cumplices. Toma a negativa, porque a auctoridade do Estado em que se funda a affirmativa, não pode ter mais força do que a lei moral, que exige a punição dos criminosos.

A conclusão da memoria, é que a revelação dos crimes, a impunidade prometida ao cumplice ou co-reu delator, são para a sociedade de malefica influencia.

A comissão, sem concordar com algumas das idéas do auctor, reconhece que a memoria mostra clareza e facilidade na exposição, e conhecimento da materia de que tracta; e que, se ella denuncia aqui ou além a mocidade do escriptor, manifesta a sua capacidade para estudar questões importantes, e para nos ajudar em os nossos trabalhos.

Pelo que a comissão entende, que a prova offerecida é habitação litteraria sufficiente para a admissão do auctor a socio do Instituto.

(Assignados)—*Bernardino J. da S. Carneiro* — *Augusto Cesar Barjona de Freitas* — *Adriano d'Abreu Cardoso Machado.* »

Finda esta leitura, e depois de uma breve discussão o sr. presidente disse, que se hia proceder ás duas votações por escrutinio secreto determinadas no art. 47, §. 2, e art. 48, §. 1 do regulamento do Instituto. Corrido o escrutinio verificou-se ter sido approvado socio effectivo do Instituto, o sr. Antonio de Paula Couceiro.

Em seguida os sr. A. Forjaz, A. B. de Menezes, e M. E. da Motta Veiga indicaram alguns jornaes, que julgavam dever ser assignados para o gabinete de leitura. A classe resolveu que estas propostas fossem remettidas á comissão nomeada em sessão de 14 de dezembro proximo passado.

Não havendo mais nada, que tractar o sr. presidente fechou a sessão eram 11 e meia da manhã.

Pelo secretario, o vice-secretario da classe de sciencias moraes e sociaes

*Marquez de Souza Holstein.*

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

1854—1855.

### RELATORIO DA 3.ª SECÇÃO.

Senhores: — Devendo, na conformidade do art. 39 do regulamento de 10 de novembro

de 1845, dar-vos conta, 'nesta conferencia do conselho geral, do estado da instrucção superior durante o anno lectivo de 1854 a 1855, comecei pelos trabalhos, que correram pela 3.ª secção desde 29 de dezembro de 1854, em que se remetteu o relatorio geral ao governo de S. M., até 30 d'outubro do corrente anno. Expediram-se 109 consultas: 4 sobre propostas para provimento de cadeiras na Universidade, 2 para logar de Decanos; 7 de substitutos ordinarios; 6 de substitutos extraordinarios na Universidade: 1 sobre 3 logares d'ajudantes do observatorio de Coimbra; 3 para o provimento de logares na escola medico-cirurgica do Porto; 1 para a de Lisboa; 1 para a academia polytechnica do Porto; 3 para jubilações; 4 para continuacão de serviço com augmento d'ordenado; 18 sobre varios objectos e informes; 35 sobre a admissão a exames de pharmacia; 4 sobre a necessidade de provimentos; 4 sobre propostas para diferentes logares; 2 sobre vencimentos; 1 acerca dos estatutos da sociedade civilisadora, fundada pelo corpo academico da Universidade de Coimbra; 1 sobre a necessidade de se alterar por agora o art. 4.º §. 3.º da lei de 19 d'agosto de 1853, em quanto se não preencher o quadro legal das faculdades; 2 sobre compendios; 2 sobre programmas e regulamentos; 1 sobre a proposta do prelado da Universidade para dispensar por este anno a alguns estudantes de direito a frequencia da aula de introducção á historia natural dos trez reinos; 1 sobre a representação das faculdades da Universidade pedindo a execução da lei de 12 de junho de 1853; 1 sobre a representação em que o conselho da faculdade de direito propõe se divida por 2 dias o acto de conclusões magnas; 1 sobre as alterações feitas pela faculdade de philosophia no regulamento dos exames de practica na mesma faculdade; 1 sobre o regulamento do claustro da Universidade acerca das faltas dos estudantes; 1 sobre reformas propostas pela faculdade de philosophia da Universidade; 1 sobre a representação da faculdade de medicina da Universidade, pedindo, que seja exempta d'assistir a exames e trabalhos chimicos-legaes, quando chamada pelas auctoridades judicias; 1 sobre as alterações propostas pela escola medico-cirurgica de Lisboa nas cartas dos alumnos, que frequentaram alguns annos no Porto. Ordens para concursos, portarias, officios, e editaes 8; para informações, participações, etc. portarias 30; officios 55; total 93.

Passarei agora a relatar-vos o que consta dos relatorios dos diversos estabelecimentos de instrucção superior, que deram entrada na secretaria d'este tribunal. Universidade: matricularam-se nas diferentes faculdades 1:050 estudantes, d'estes foram approvados *nemine discrepante* 667, *simpliciter* 70, re-

provados 31, deixaram de fazer acto 148, perderam o anno 134. Importou a receita de matriculas e cartas de formatura em 20:525\$663 réis e a despesa em pessoal, material e expediente em 53:151\$478 réis, ficando a cargo do thezouro sómente a despesa de 31:625\$801.

#### *Faculdade de theologia.*

Os lentes d'esta faculdade, empenhados no cumprimento dos seus deveres, e no engrandecimento da mesma faculdade, esmeraram-se em dar o maior desenvolvimento possível aos compendios adoptados, explicando-os com uma exposição clara, e facil á intelligencia dos discipulos, não se poupando a trabalho algum para este fim. A tão assiduos e efficazes esforços dos professores correspondeu da parte dos alumnos o desejo do desenvolvimento intellectual, e moral, mostrando no decurso do anno lectivo, a par d'um decente procedimento, a mais decedida applicação.

O conselho da faculdade, conhecendo não só a utilidade, mas mesmo a necessidade de que os estudantes fossem desde o principio versados no estudo da Biblia, cujo conhecimento se torna indispensavel para a intelligencia das disciplinas theologicas, e sobre tudo para poderem entender a historia d'um e outro testamento, determinou que d'ora em diante os alumnos do 1.º anno fossem obrigados a comprar a Biblia vulgar. O mesmo conselho determinou tambem que os substitutos extraordinarios fossem encarregados de ordenar a historia da faculdade desde o anno de 1834 até o presente, afim de que 'nella se possa encontrar a noticia das vicissitudes, pelas quaes a faculdade tem passado, e os melhoramentos e reformás, que tem soffrido desde aquella epocha.

Pela carta de lei de 19 d'agosto de 1833 foram creadas na mesma faculdade duas substituições extraordinarias. Postas a concurso, na forma do regulamento de 27 de setembro de 1834, compareceram sómente dois oppositores, què sendo approvados pela faculdade, depois das provas exigidas, foram propostos, para aquelles logares a S. M., que se dignou despachal-os em 12 d'abril do corrente anno.

De muita vantagem, porém, foi, para o bem do serviço da faculdade, a determinação da carta de lei de 12 de junho proximo passado, pela qual o governo de S. M. annuindo benignamente á alteração do art. 4.º da lei de 19 d'agosto de 1833, se dignou permittir que os substitutos extraordinarios passassem á classe de ordinarios todas as vezes que as faculdades assim julgassem necessario, sem espera de dous annos de serviço, que pelo dicto art. estavam marcados. Em virtude, pois, d'esta permissão os dous lentes substitutos extraordinarios foram despachados ordinarios.

Frequentaram a faculdade 109 alumnos

sendo 73 ordinarios, e 36 obrigados; apenas d'estes perderam o anno por motivo de molestia 3, comparando aquelle numero com o de 94 do lectivo de 1833 a 1834, ha um augmento de 15 estudantes, e todos da classe d'ordinarios. Foram approvados *nemine discrepante* 84, *simpliciter* 13, reprovados 6, deixaram de fazer acto 6. Graduáram-se 3.

#### *Faculdade de direito.*

O conselho d'esta faculdade, restabelecidas as substituições extraordinarias pela carta de lei de 19 d'agosto de 1833, tomou a seu cuidado dispôr as couzas por maneira, que as quatro substituições pertencentes á mesma faculdade fossem postas a concurso, afim de verificar-se o seu provimento. Aquellas 4 substituições concorreram 8 candidatos, mas sómente 4 apresentaram os seus requerimentos em fôrma, e d'estes 4 só 3 foram propostos pelo conselho, e despachados por S. M. Em consequencia da exclusão d'um dos 4 candidatos foi a 4.ª substituição extraordinaria posta novamente a concurso. A este 2.º concurso concorreram 3 candidatos, dos quaes um só foi proposto pelo conselho, e despachado por S. M. Providas as 4 substituições extraordinarias ainda ficavam vagas 5 substituições ordinarias, depois que pela jubilação do dr. Reis fôra promovido a cathedratico o dr. Paes, e pelo corpo legislativo fôra elevado a 8 o numero legal dos substitutos ordinarios da mesma faculdade; revogado, porém, pela carta de lei de 12 de junho do corrente anno, o §. 3.º do art. 4.º da carta de lei de 19 d'agosto de 1833 que obrigava os substitutos extraordinarios ao serviço de 2 annos para serem promovidos á classe de substitutos ordinarios, propoz o conselho a S. M. a necessidade absoluta d'aquella promoção, e S. M. foi servido acceder aos votos do conselho, determinando que a proposta se fizesse. Em virtude d'esta resolução procedeu-se á votação dos 4 substitutos extraordinarios na forma do regulamento de 27 de setembro de 1834, e foram elles promovidos a ordinarios. Ainda assim (diz o conselho no seu relatorio) fica vago um logar de substituto ordinario, afóra as 4 substituições extraordinarias: espera porém o mesmo conselho que no seguinte anno lectivo aquelles logares sejam providos, e se complete o quadro do magisterio, de que tanto depende a regularidade do serviço, e bom regimen das aulas. Por carta de lei de 13 d'agosto de 1833 fôra creada 'nesta faculdade uma cadeira de direito administrativo portuguez e principios d'administração, separada do direito criminal, e que já funcionou no anno lectivo anterior. O conselho para dar ao professor e aos ouvintes um guia em suas lições, e para evitar ao arbitrio das postillas adoptou

interinamente para compendio da aula o *Manuel de Droit Administratif* por *Emile Vaurilliers*; reconhecendo porém que este livro não satisfazia as exigencias do ensino, sob proposta do lente da cadeira, substituiu-o no fim do anno lectivo pelo — *Précis du Droit Administratif* por *Pradier Fodéré* —, que já no anno lectivo seguinte terá de servir de compendio. Não desconhecendo o conselho que o ensino por qualquer dos dous compendios é antes de direito administrativo francez do que portuguez, para mais facilitar o estudo d'este ramo das sciencias juridicas, encarregou o professor da cadeira e seu substituto, de colligir em toda a legislação administrativa, a que tivesse execução permanente, até agora dispersa e sempre difficil d'encontrar pelos alumnos. Outro objecto de grande monta que não podia por isso deixar de merecer tambem a attenção do conselho da faculdade era a addição das materias da encyclopedia juridica ás da historia geral de jurisprudencia, e particular de direito romano, canonico e patrio que se ensinam no 1.º anno da faculdade. O conselho, reconhecendo a necessidade d'esta alteração, que já por vezes fôra proposta no mesmo conselho, e até em claustro, resolveu que se levasse a effeito já no anno lectivo proximo futuro, adoptando para compendio o *Encyclopedia jurídica de Den-Tex*, que para aquelle effeito se deveria imprimir na imprensa da Universidade, e distribuir na matricula d'outubro aos estudantes do 1.º anno, deixando de servir de compendio para a historia do direito romano a historia de Martini, visto que d'ella se tractava na encyclopedia.

Resolveu tambem o conselho que na matricula d'outubro, comprassem os estudantes das aulas de direito ecclesiastico, e para o diante os da 1.ª aula, a sagrada Biblia, por ser uma das primeiras fontes do direito ecclesiastico, de que a cada passo tanto os lentes como os estudantes tenham de servir-se na explicação d'aquellas doutrinas.

Para a conservação e manutenção da disciplina nas aulas, e para obrigar os estudantes ao exacto cumprimento dos seus deveres, o conselho habilitou, para fazerem acto nos seus logares sómente aquellos que em tempo competente justificaram suas faltas, condemnando á pena de perdimento d'anno, e á de preterição todos os que tinham dado maior numero de faltas do que a lei lhes faculta; approvando sómente aquellos que o mereciam, e premiando os que pelas suas lições e acto mais se tinham distinguido. Matricularam-se nos diversos annos da faculdade 469 alumnos, foram habilitados para fazer acto 447, approvados *nemine discrepante* 386, *simpliciter* 32, reprovados 13; não fizeram acto 16; perderam o anno 22. Além d'estes actos pequenos houve 3 actos grandes.

### *Faculdade de mathematica.*

Do relatório d'esta faculdade consta que o anno lectivo findo correu sobremaneira regular, devendo-se ao zelo dos professores o conservar-se nas aulas a ordem e disciplina em todo o rigor. Para este fim, além das medidas ordinarias, adoptou, o conselho da faculdade todas as que lhe pareceram convenientes, sendo uma d'ellas, a disposição de mandar lançar nas actas das congregações, os nomes dos estudantes, que os respectivos lentes declarassem que sendo chamados ás lições, diziam repetidas vezes, que as não tinham visto.

Tendo o licenciado Antonio José Teixeira, exposto á congregação da faculdade a sua falta de meios para tomar o grau de doutor, decidiu a mesma faculdade, segundo precedentes analogos, levar á presença de S. M. a pretensão do supplicante, para se lhe conceder capello gratuito, do qual a mesma congregação o achou digno pelo seu distincto merito litterario, e a necessidade da aquisição de doutores, que possam concorrer aos logares que vagarem na faculdade.

O conselho em execução da carta de lei de 19 de agosto de 1853, e decreto regulamentar de 27 de setembro de 1854, poz a concurso as 2 substituições extraordinarias da faculdade; e em resultado d'este concurso foram propostos a S. M., e despachados, para a 1.ª o dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes, e para a 2.ª o dr. Francisco Torres Pereira Coelho.

Tendo sido presente ao conselho a portaria do governo de S. M. de 26 de julho ultimo, que chamou a attenção das faculdades universitarias sobre a disposição da carta de lei de 12 do mesmo mez, relativa á passagem dos lentes substitutos extraordinarios á classe de ordinarios, intendeu o mesmo conselho, que devia consultar a S. M., mostrando a urgente necessidade que havia de dispensar o tyrocínio dos dous annos de serviço aos actuaes substitutos extraordinarios, a fim de ser provida a 4.ª substituição ordinaria, vaga de ha muito tempo no quadro da faculdade. Tendo S. M. resolvido favoravelmente esta consulta, propoz o conselho a S. M. para 4.º lente substituto ordinario da faculdade, o 1.º substituto extraordinario Luiz Albano d'Andrade Moraes.

Os programmas d'ensino nas differentes aulas da faculdade foram desempenhados pelos respectivos professores, pela maneira porque tinham sido approvados pelo conselho.

Na 6.ª cadeira, que foi regida pelo lente proprietario, explicaram-se pela primeira vez naquella cadeira, e na Universidade diversas doutrinas de Mechanica applicada. Tendo sido apresentada ao conselho a 2.ª parte da Astronomia Physica, composta pelo vogal

o dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, foi esta 2.<sup>a</sup> parte approvada, como já o tinha sido a 1.<sup>a</sup>, decidindo o conselho que, para conveniencia do ensino, se deviam desde já imprimir, e adoptar para compendio as duas partes approvadas da dicta obra.

Durante o anno lectivo ficou prompta no edificio do museu uma aula privativa da faculdade, onde se deram as preleções das cadeiras do 3.<sup>o</sup> anno. 'Nessa aula e na sala adjuncta, collocaram-se as machinas pertencentes á antiga cadeira de hydraulica. Tambem ficaram promptas no edificio do antigo hospital da Conceição duas salas para uso da aula de desenho, havendo-se construido, 'numa d'ellas, uma claraboia, d'onde dimana a luz necessaria e conveniente para os exercicios practicos d'aquella arte.

Finalmente, o conselho da faculdade, em 14 de junho, decidiu elevar á presença de S. M. uma consulta, na qual expondo o quanto é acanhado o actual edificio do observatorio, para satisfazer a todas as exigencias a que as observações, que alli vão encetar-se com os novos instrumentos, podem dar lugar, pede a S. M. se digne conceder-lhe apenas a parte do primeiro andar e lojas correspondentes do collegio de S. Pedro, que sirvam para casa da habitação do porteiro, e para quarto de descanso e estudo dos observadores, e para estabelecimento de mais uma aula para servico da faculdade.

Matrícularam-se nas diferentes aulas da faculdade 131 estudantes; foram habilitados para fazer acto 98, approvados *nemine discripante* 38, *simpliciter* 8, reprovados 3, deixaram de fazer acto 16, perderam o anno 36. Defenderam 2 conclusões magnas, e houve um doutoramento.

*Continúa.*

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 245.

### VIII.

Que feliz resultado se pôde esperar d'um exercito, composto de corpos ou mal disciplinados, ou de diversa maneira instruidos, e commandados por diferentes chefes?

A regularidade das manobras, dos movimentos, a certeza, a unidade da acção, e por consequencia a disciplina, que vence, só por milagre, poderão encontrar-se em similhante exercito.

Ha soldados, que não combatem; outros soldados, que não manejam sanguinolentas armas, que não fazem derramar o sangue alheio, mas que todavia fazem campanhas arriscadas, e penosissimas, em torno dos pa-

trios lares, e a enormissimas distancias d'elles, no meio de povos cultos, e entre os mais rudes e selvagens.

Ditasas campanhas! gloriosos trabalhos! cujo resultado é a victoria sobre a barbaria, a ignorancia, e o crime. Campanhas que os Apostolos e os missionarios, desde o principio da egreja, têm illustrado com as maiores fadigas, com os actos mais heroicos de dedicação e quasi sempre com o derramamento do proprio sangue! Campanhas, a que hoje as irmãs da caridade, vigorosas athletas da religião e da civilisação, se associam por toda a parte: nos hospitales, nas moradas dos enfermos, nos asylos da infancia, nas escolas das adultas, nos retiros da velhice, no campo sanguinolento das batalhas, na terra christã, e em meio de hereges, pagãos, e mahometanos!

Tirar a unidade a este corpo é privalo da vitalidade e da força.

Dividir foi sempre o meio d'enfraquecer; unir o de fortificar.

A irmã de caridade, educada e amestrada na casa central de Paris, partindo d'alli porventura para os confins do mundo conhecido, mas conservando com ella continuadas relações, que lhe levam conselhos, alento nos trabalhos e a certeza de preces communs; — não conhecendo senão uma só regra, e uma só disciplina; — dirigida na sua practica e inspirada e afervorada contra as difficuldades e repugnancias naturaes por aquelles que se prezam de conservar inalteravel o thesouro de vãs doutrinas do commun fundador e mestre, S. Vicente de Paula; e que, pela sua parte, têm que exercer fadigas analogas, instruindo e alliviando o pobre povo: — esta irmã da caridade vivirá a vida de todas, florescerá ou decahirá com ellas; será o que é, (e nem pôde deixar de o ser), em qualquer parte do mundo a que os impulsos da caridade, e os ais da humanidade padecente, a appellidem para seu soccorro.

### IX.

E que outra cousa haverá mais conforme á natureza d'uma instituição catholica?

Uma só a fe, uns sós os preceitos, uns sós os sacramentos, um só o rebanho, um só o pastor, e uma só a egreja. Para ella não ha nações. Comprehende-se, que haja fora d'ella uma egreja russa, outra prussiana, outra anglicana, etc.; mas, no seu gremio, se é uma só, se é catholica no tempo e no espaço, como?..

Os seus ministros poderão ser adscriptos, por interesse d'ella, a uma dada circumscripção; terão d'exercer ahi sómente o seu nobre ministerio.

Mas nem por isso deixarão de ser, por virtude da sua ordenação — apostolos das

nações, sal da terra, e luz do mundo, — obrigados a partir para qualquer dos extremos d'elle, conforme as necessidades da mãe commun, á voz do pastor de todos.

Assim como o divino Salvador não escolheu um povo para si, mas veio evangelisar a todos os homens, os seus ministros, os depositarios e preceptores de suas doutrinas, são enviados a doutrinar todas as gentes: *docete omnes gentes*. E as mesmas piedosas mulheres, que resolveram abandonar o seculo para seguir uma vida mais perfeita, quer na vida contemplativa, quer na vida activa, houveram d'adoptar essa mais larga apreciação das cousas, interpondo-se com as suas mortificações, austeridades, e boas obras, entre os crimes não d'uma só nação, mas da christandade, ou antes da humanidade, e a cólera do Eterno; e dedicando-se a alliviar os padecimentos, não exclusivamente dos seus concidadãos, mas do proximo em geral.

Se a civilização material tende a fundir acceleradamente as nações em um só corpo, dotado dos mesmos habitos, distincto pelas mesmas feições, e governado até (quem sabe?) pelas mesmas instituições, e por ventura fallando a mesma lingua; a religião, unica verdadeira, catholica ou universal, realiza em mais alta escala, o mesmo grandioso pensamento. No sertão das Indias, na mais desconhecida ilha da Oceania, entre os géllos do pólo, nos abrazados areaes da Africa, o catholico, que eu encontrar, é meu concidadão; somos irmãos na crença, nos sacramentos, nas preces, e nas esperanças; offercemos o mesmo sacrificio, reconhecemos o mesmo chefe espirital, fazemos parte da mesma sociedade.

Em 1845, na camara dos deputados de França, dizia M. Berryer aos que tão ardentes se mostravam então contra os jesuitas, arguindo-os, entre outras, com a velha banalidade da sua submissão a um geral estrangeiro: — « *Obedecem, dizeis, a soberano estrangeiro; mas, snrs., essa falta é a nossa, de todos nós, os catholicos.* »

*Temos, na ordem espirital, por chefe ao Papa; dependemos, como elles, na ordem espirital, d'um estrangeiro; — mas não é um principe estrangeiro.* »

Mais adiante o grande orador accrescentava: — « *Oratorianos, benedictinos, jesuitas, pouco importa, todos têm o direito de se ligar por votos, e de viverem em commun.* »

*É este um direito inherente á liberdade de consciencia, á liberdade de cultos. Se abusam d'esse direito reprimi as suas infracções; usai dos direitos, que vos dão as leis.* »

« *Querer violentar as conscições, prohibir os votos e as communidades, é pôr a mão sobre a consciencia humana; é pertença monstruosa.* »

O primeiro pensamento de M. Berryer ajusta-se com o que deixamos dicto.

Os ultimos são do mesmo modo, e foram sempre os nossos; porque, em nosso entender, a liberdade será um nome vão, uma revoltante mentira, se a prática dos conselhos evangelicos, a renuncia ao mundo, e a associação para o bem, dependerem do livre arbitrio do poder politico, ou antes dos preconceitos d'homens d'estado, por ventura atheus, materialistas, protestantes, ou indifferentes a todo o culto, e por isso inimigos da Igreja.

M. Berryer fallou então debalde.

A verdade e a liberdade não triumpham, senão no remanso das paixões. Na força dos conflictos revolucionarios, e sob o imperio dos partidos, a liberdade é só para uns, ou antes para certas crenças, e certas acções conformes a ellas.

Um governo tão democratico, (e nenhum mais livre, ao menos para os brancos) como os Estados-Unidos; outro que se preza d'exemplar nas formas constitucionaes, mas firme e tranquillo no gozo de sua liberdade, a Inglaterra; e a mesma França, menos agitada das tormentas politicas, reconhecem hoje estas verdades. A moda das perseguições e da intolerancia contra a liberdade da associação religiosa tem passado; e os governos, fortes no exercicio da justiça, que lhes presta os meios de corrigir o abuso, sem impedir o uso, não empallidecem na presença d'essas comunidades, *com habito ou sem elle, com o character de pessoas juridicas ou sem elle, o que para essencia nada importa.*

Ignoramos até que ponto a regra das irmãs de caridade exige a sua combinação e dependencia dos lazaristas. Não sabemos, se porventura o estabelecimento das casas das irmãs demanda o d'alguma outra d'aquelles, seus directores espirituaes.

No entretanto, quando haja de se querer dotar o povo portuguez, os pobres enfermos, os meninos, e os velhos, com estas caridosas servas, desejáramos que não servisse d'impedimento a readmissão dos lazaristas, aliás reclamada pela extrema ignorancia religiosa do mesmo povo, e pelas urgentissimas necessidades espirituaes das nossas colonias.

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## OS LUSIADAS.

Tradução franceza.

LES LUSIADES.

Continuado de pag. 277. 28

22.

Là naquit ce guerrier favori de la gloire,  
Dont le nom si célèbre exprime la valeur,  
Et qui par son audace enlevait la victoire  
Affrontât des romains l'orgueilleuse grandeur.



Les destins et le temps, ce père de l'histoire,  
Enfin du Portugal assurent la splendeur,  
Et le sceptre puissant de nos antiques princes  
De ce pays heureux réunit les provinces.

## 23.

Protégeant d'un héros les glorieux destins  
Dieu lui donna jadis le trône des Espagnes;  
Alphonse eut son nom; terreur des sarrazins  
Mille fois de leur sang il rougit les campagnes;  
Le Tage l'admirait; les peuples caspiens  
Avaient appris son nom aux échos des montagnes:  
Et les preux chevaliers s'unissant à son sort  
Cherchaient sous ses drapeaux et la gloire et la mort.

## 24.

Champions de la foi dont la flamme immortelle  
Méprise les honneurs de l'éclat passager,  
Ils quittent leurs foyers et vont braver pour elle  
Les plus affreux périls sous un ciel étranger.  
Longtemps du grand Alphonse embrassant la querelle,  
Ces guerriers près de lui cherchèrent le danger,  
Et le monarque enfin voulut à leur vaillance  
Égaler ses bienfaits et sa reconnaissance.

## 25.

L'intrépide Henri fut un de ces guerriers:  
Illustre descendant des rois de l'Hongrie,  
Il sût se signaler parmi les chevaliers,  
Ennemis redoutés du Sarrazin impie.  
Ce prince triomphant, couronné de lauriers,  
Devin't le souverain de la Lusitanie.  
Le roi lui-même unit sa fille à ce héros:  
Thérèse fut le prix de ces nobles travaux.

## 26.

Aux peuples d'Ismaël ce guerrier magnanime  
Fit éprouver longtemps la force de son bras.  
Ennemi du repos, dans l'ardeur qui l'anime,  
Il sait par la conquête agrandir ses états.  
Pour prix de sa valeur, de sa vertu sublime,  
Le dieu qu'il invoquait au milieu des combats  
Accorde à ce héros, au sein de la victoire,  
Un fils qui de son nom doit augmenter la gloire.

## 27.

Éternel ennemi du cruel sarrazin  
Il court le défi jusqu'aux rives d'Asie.  
Il voit la Palestine et les bords du Jourdain  
Encor retentissants de la voix du Messie;  
Après de longs combats, Jérusalem, enfin,  
Du joug qui l'opprimait est pour lors affranchie,  
Et l'illustre Bouillon chef de tant de héros  
Sur ces murs révérés arbore ses drapeaux.

## 28.

Henri, pieux vainqueur de l'arabe infidèle  
Au sein de ses états vint terminer ses jours;  
Et Dieu permit enfin à son âme immortelle  
De voler vers celui qu'elle adora toujours.  
Seul et noble héritier d'une gloire si belle  
Alphonse jeune encore, privé de secours,  
Fait bientôt reconnaître à sa bouillante audace  
Le sang de ce héros dont il remplit la place.

## 29 et 30.

Mais on dit que Thérèse, oubliant à la fois  
Et son illustre rang et les devoirs de mère,  
D'un hymen plus obscur voulut subir les lois  
Et ravir à son fils l'héritage d'un père.

Réclamant pour régner de chimériques droits.  
Au sein du Portugal elle excite la guerre;  
Elle force le prince après mille attentats  
À chercher son salut au milieu des combats.

## 31.

Théâtre des malheurs d'une lutte abhorrée  
Guimaraens est souillée par ce combat cruel;  
De l'amour du pouvoir Thérèse est dévorée,  
Et portant à son fils un défi criminel  
Le bannit à la fois, femme dénaturée,  
Du sol qui l'a vu naître et du cœur maternel.  
Ainsi l'amour l'aveugle! Ainsi son cœur préfère  
Le nom de souveraine au tendre nom de mère!

## 32.

Amante de Jason, et toi mère d'Itis,  
O vous qui pour punir une cruelle offense  
Sur vos propres enfants exercés jadis  
Aux yeux de vos époux une atroce vengeance!  
Ah! sans doute, Thérèse en poursuivant son fils  
De vos crimes fameux égale la démente;  
Ivre de ce poison qui jadis s'empara  
Du parricide cœur de l'affreuse Sylla!

## 33.

Mais Alphonse, bientôt, malgré leur résistance,  
Triomphe de Thérèse et de l'usurpateur;  
Et déjà les pays qui bravaient sa puissance  
Reconnaissent les droits de ce jeune vainqueur;  
Heureux si le héros, domptant sa violence,  
N'eût pas contre une mère employé la rigueur,  
Et sur lui-même, enfin, par cette erreur funeste  
Justement attiré la colère céleste!

## 34.

Pour venger la princesse et pour briser ses fers  
L'espagnol irrité rassemble des armées.  
Déjà l'on voit marcher ces castillans si fiers:  
Ils remplissent de deuil les villes alarmées.  
Mais Alphonse a prévu tous les périls divers;  
De la plus vive ardeur ses troupes enflammées  
Imitent son exemple, et bientôt leur valeur  
A triomphé du nombre et l'a rendu vainqueur.

## 35.

Cependant l'espagnol révolté de ses pertes  
Réunit un essaim de combattants nouveaux;  
Des nombreux soldats les plaines sont couvertes,  
Il vient dans Guimaraens surprendre le héros.  
Le Portugais laissant les campagnes désertes,  
Vient bruler ses moissons, enlever ses troupeaux,  
La terreur est au comble! et malgré son courage  
Alphonse va bientôt succomber à l'orage!

## 36.

Rien ne résistait plus à nos fiers ennemis,  
Quand Moniz suspendant les fureurs de la guerre  
Se dévoue à la mort, pour sauver son pays.  
Honoré martyr d'une cause si chère!  
Il jure aux castillans que, désormais soumis,  
Alphonse de leur roi deviendra tributaire;  
Il l'a juré, sachant que ce courage altier  
Sous un joug étranger ne pourra se plier.

## 37.

Les combats ont cessé, le Portugal respire,  
Et l'espagnol déjà disperse ses soldats;  
Mais Alphonse à la paix refuse de souscrire  
La vengeance l'entraîne à de nouveaux combats.

Le vertueux sauveur de ce naissant empire,  
Le généreux Moniz se prépare au trépas;  
Il veut se dégager en dévouant sa vie  
Du serment qu'il prôta pour sauver sa patrie.

38.

Il part: des Castillans il va chercher le roi,  
Entrainant avec lui sa famille éplorée;  
« O monarque, dit-il, je viens subir ta loi:  
On a trahi la foi que je t'avais jurée;  
Je viens la racheter; je te livre avec moi  
Mes enfants innocents, mon épouse adorée;  
Et que bientôt le sang et du père et des fils  
Atteste ta vengeance et baigne ces parvis.

39.

Mais cependant, seigneur, si ton cœur magnanime  
Est touché de pitié pour ces faibles enfants  
Épargne l'innocence en punissant le crime;  
Que je sois seul l'objet de tes ressentiments!  
Tu me vois à tes pieds, volontaire victime,  
Et tu peux, me livrant aux plus cruels tourments,  
Égaliser les fureurs des tyrans de Sicile  
Et le taureau d'airain de l'infame Pêrile »!

40 et 41.

Tel qu'on voit, dédaignant un inutile effort,  
Le criminel subir sa triste destinée,  
Et courbé tout vivant sous le poids de la mort  
Porter à l'échafaud sa tête condamnée;  
Tel l'innocent Moniz se livrait à son sort,  
Présentant sa famille avec lui prosternée;  
Mais le monarque cède à la voix de son cœur;  
Il pardonne, et la paix succède à la fureur,  
*Continúa.*

## MONUMENTOS DE COIMBRA.<sup>1</sup>

### II.

#### *Mosteiro de Cellas.*

Salve, oh valle do sul, saudoso e bello!  
Salve, oh patria da paz, deserto sancto.  
Onde não ruge a grande voz das turbas!  
Sojo sagrado a Deos. . . .

HARPA DO CRENTE.

No celebre valle de Vimarões<sup>2</sup>, e na extremidade do mais formoso arrabalde de Coimbra, se ergue o antigo mosteiro de Cellas.

Em 1210, segundo Carvalho<sup>3</sup>, ou 1215, segundo Bayam<sup>4</sup>, o fundou a infanta D. San-

<sup>1</sup> Vide *O Instituto* — n.º 14.

<sup>2</sup> Neste valle matou el-rei D. Fenella, cruelmente, ás punhaladas, e a seu irmão o infante Vimarono. *Fr. Bernardo de Brito* — *M. Lusit.* 2. p. c. 8. — *Gasco* — *Antig. de Coimbra* — cap. 21. — Alguns historiadores querem, que neste valle collocasse, tambem, seus arraaes el-rei D. Fernando, o magno, quando veiu á conquista de Coimbra.

<sup>3</sup> *Chorographia Portugueza* — tom. 2. — pag. 14.

<sup>4</sup> *Portugal glorioso e illustrado com a vida e virtudes das Bemaventuradas rainhas santas Sancha, Theresza, Mafalda, Isabel e Joanna.* etc. — por Joseph Peireyra Bayam — liv. 1.º n.º 20.

cha<sup>1</sup>, com permissão d'el-rei D. Affonso, o Gordo<sup>2</sup>.

Era raro, 'naquelle tempo, em Portugal, o uso de conventos de freiras. Se algumas mulheres piciosas resolviam consagrar-se a Deus, curavam logo de edificar, e cercar de alto muro, umas casinhas, entre si pouco distantes, mas inteiramente separadas, sem portas nem janellas, apenas com algumas estreitas frestas, por onde se escoasse a luz, e introduzisse o alimento.

Aqui encerradas, a modo de anachoretas, consumiam seus dias 'neste peculiar genero de penitencia<sup>3</sup>.

*Cellas* chamavam ás casinhas, *encelladas*, ou *emparedadas*<sup>4</sup> ás suas moradoras; e porque ao tempo, em que fundaram o mosteiro, já no valle residiam muitas encelladas, com estas e outras, vindas de Alemquer<sup>5</sup>, o povoou a infanta, dando-lhe o nome de *Sancta Maria de Cellas de Vimarões*<sup>6</sup>.

E de nobre architectura; quando não fôra monumento respeitavel por tão eximia fundadora<sup>7</sup>, conseguiu essa preeminencia pelo magnifico da fabrica.

Um portico elegante, coroado pelas armas reaes portuguezas, ainda sem castellos<sup>8</sup>, orladas das de Leão<sup>9</sup>, dá entrada para um pa-

<sup>1</sup> A infanta D. Sancha nasceu em Coimbra em 1176, e falleceu a 13 de Março de 1229. Foram seus paes el-rei D. Sancha 1.º, e a rainha D. Dulce. — Foi beatificada a 12 de Setembro de 1704 pelo papa Clemente XI. — Concedeu-se termo de reza e missa para o bispado de Coimbra, e religião cisterciense, a 14 de Setembro de 1709; e se estendeu a mesma graça a todo o reino e seus dominios em 11 de Fevereiro de 1713. — Bayam — *Port. glorioso*, etc.

<sup>2</sup> Não consta o anno, em que teve principio, mas é certo, que já no de 1219 moravam 'nelle algumas religiosas, como se colhe de certa doação, que a sancta fundadora lhes fez de umas azenhas, que tinha na sua villa de Alemquer. *Agilogio lusitano* — tom. 2 — pag. 163.

<sup>3</sup> *Fr. Franc. a S. Augustino de Macedo*. — *In vit. Teresae et Sanciae* — cap. 27 — pag. 107.

<sup>4</sup> Sobre *emparedadas* pode ver-se o *elucidario*, do P. Sancta Rosa de Viterbo.

<sup>5</sup> *Agilogio lusitano* — I. cit.

<sup>6</sup> Quero advertir uma coisa, acerca do nome d'este mosteiro de Cellas, que por ser costume chamarem a estas mulheres, que então se recolhiam, *encelladas*, e as recolhimentos *cellas*, á differença das *encelladas da ponte* (do Mondego), chamaram a estas *cellas de Vimarões*, por ter este nome aquella quinta, em que se o mosteiro fundou, e não por outras imaginações. — *Chronica de Cister* — liv. 6.º fol. 459.

<sup>7</sup> As familias reaes, portugueza e espanhola, o visitaram, quando estiveram em Coimbra. O Marquez de Pombal com sua esposa o visitou tambem em 4 de Setembro de 1772.

<sup>8</sup> Muito depois da fundação do mosteiro é que el-rei D. Affonso III ao escudo das armas portuguezas acrescentou, por orla, sete castellos de prata em campo de sangue, que são as armas do reino do Algarve. — Vide  *Nobiliarchia portugueza de Villas-Boas* — cap. XXIV — pag. 200.

<sup>9</sup> Depois da morte de sancta Sancha, tomou sua irmã, sancta Theresza de baixo da sua protecção o mosteiro de Cellas, e o augmentou muito em rendas, edificios, e no numero das freiras. É de crer, que esta senhora nos edificios, que construisse, ou restaurasse, mandasse unir ás

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 246.

teo espaçoso, cantado pelo nosso Tolentino em bellas quintilhas<sup>1</sup>.

Fica-lhe em frente um vistoso mirante, e o templo, que é de forma circular<sup>2</sup>, e sagrado<sup>3</sup>.

Uma numerosa communidade de religiosas<sup>4</sup>, de distincta nobreza, habitava, outr'ora, esta amplíssima casa<sup>5</sup>; uma das mais ricas da ordem cisterciense; ao presente seis ou sete monjas, cortadas de privações e molestias, arrastam sua pezada existencia nos vastos aposentos, em que suas predecessoras a passaram descuidosa e abastada.

Mais alguns dias, e desaparecerão estas venerandas reliquias das piedosas filhas de Sancha; mais alguns dias, e ficará deserto o mosteiro.

Inda mal que poderemos dizer com um dos mais illustres de nossos poetas<sup>6</sup>.

Nada quebra o remanso da morte  
Pelas gothicas, vastas arcadas,  
Nem dos quícios ranger vagaroso,  
Nem murmúrio de lentas passadas.

.....  
Porém como se ao sopro do archanjo  
A trombeta final retumbasse,  
E da vida o tumulto na terra  
Ao terrível signal expirasse,

Assim do órgão calou a harmonia,  
E dos coros os hymnos calaram,  
E os fulgores das lampadas frouxos  
Das vidraças não mais transudaram.

R. DE GUSMÃO.

portuguezas as armas de Leão, de cujo reino fôra rainha, gozando, como gozou, até á sua morte, d'este titulo, dado pelos papas, e principes da christandade.

<sup>1</sup> Neste pateo se representava, todos os annos, pelo Espirito Sancto, a burlesca mascarada do *imperador de Eiras*, da qual se lembra o conselheiro João Pedro Ribeiro nas suas *Reflexões Historicas* — parte 1.<sup>a</sup> — n.º 11, — ao relatar algumas das práticas supersticiosas do nosso reino.

<sup>2</sup> A igreja é pequena, e limitada para tanta grandeza, mas ainda assim tem seu capricho na traça rotunda, seguindo os altares a mesma, que não deixam de ter sua galanteria; e muito mais o espaçoso, e desafogado choro no proprio pavimento, capaz de 200 reliquias, obra magnifica, e senhoril, como são todas as fabricas, que emprehendeu o illustissimo bispo D. Afonso de Castelbranco, de inelyta memoria. *Agelogio Lusitano* — tom. 3.º pag. 689.

<sup>3</sup> Fez a sagração o bispo de Coimbra D. Aymerico a 13 de Junho de 1293, segundo a opinião de George Cardoso no *Agilogio Lusitano* — l. cit.

<sup>4</sup> No tempo de Carvalho cento e vinte freiras residiam 'neste mosteiro com outras tantas creadas. — *Chorographia Portugueza* — l. cit.

<sup>5</sup> O bispo de Coimbra, D. Afonso de Castello-Branco fez construir o dormitorio de santa Clara (*Gazeta* — *Antig. de Coimbra* — cap. XXII). Foi obra da abbadesa D. Leonor de Vasconcellos, filha do conde de Penella, D. Afonso de Vasconcellos e Menezes, o santuario, o portal do coro, os sinos chamados Bautista, e Gabriel, e outras obras, em todas as quaes mandou pôr a corôa de espinhos de Christo, com esta letra: *Dominus meus decoravit me*. Falleceu a 17 de Agosto de 1541 (*Agilogio Lusit.* tom. 4.º pag. 590—594).

<sup>6</sup> Alexandre Herculano — *Poesias* — O mosteiro deserto — pag. 186.

Achou-se 'nesta conjuração Q. Curio, de illustre nascimento, mas extremamente dissoluto e criminoso, e a quem os censores, por mal comportado, haviam despedido do senado. Tinha elle não menos leviandade do que atrevimento; nem calava o que ouvia, nem occultava seus proprios delictos; nem nas acções nem nas palavras tinha circumspecção alguma. Andava, ha muito, amancebado com Fulvia, mulher nobre; e, sendo d'ella agora menos estimado, porque a pobreza o obrigava a ser menos largo, de repente appareceu gabando-se, promettedo-lhe mundos e fundos, ameaçando-a ás vezes com a morte, se lhe não fosse sujeita, em fim tractando-a com arrogancia, fôra do costume. Fulvia, penetrando o motivo d'esta mudança, não encobriu tão grande perigo da républica; mas, sem nomear quem lh'o disse, contou a muitos o que sabia da conjuração de Catilina, e como o sabia. Isto foi o que mais dispoz e animou todos a dar o consulado a M. Tullio Cicero; porque até alli a maior parte da nobreza ardia em ciumes, e entendia, que se deshonraria o consulado, se o exercesse um homem novo, ainda que de merecimento. Mas na presença do perigo, desveneceram-se os ciumes e suberbas.

XXIV. Foram portanto eleitos consules nos comicios M. Tullio e C. Antonio. Este facto ao principio causou abalo nos conjurados. Catilina, porém, não resfriou do furor; antes, multiplicando cada vez mais os seus projectos, fazia por toda a Italia depositos de armas em logares convenientes; tomava por sua conta, ou por conta de alguns amigos, dinheiros emprestados, que remetia para Fesulas a um certo Manlio, que ao depois foi o primeiro que rompeu a guerra. 'Nesse tempo associou tambem a si, dizem, muitos homens de todas as condições e até algumas mulheres; as quaes, tendo podido na mocidade supprir a enormes despesas com o trafico de seus corpos, haviam depois contrahido grandes dividas, quando os annos lhes diminuíram os lucros, sem diminuir o luxo. Por meio d'estas esperava Catilina sublevar os escravos, pôr fogo á cidade, e attrahir ou matar os maridos d'ellas.

XXV. Do numero d'estas foi Sempronia, que muitas vezes commettêra maldades proprias de audacia varonil. Esta mulher em tudo havia sido afortunada, em nascimento,

em belleza, em marido, e em filhos; sabia bem o grego e o latim; tocava e dançava com requiebrros improprios d'uma mulher honesta; muitas outras prendas possuia, incentivos da luxuria; mas a todas queria mais, do que a honra e ao pudor. Não seria facil discernir, se fazia menos caso do dinheiro, que da reputação! Era tão furiosamente lasciva, que provocava os homens mais vezes, do que era d'elles provocada. Habituada ha muito á perfidia, negava com juramento as dividas, e tinha sido cumplice de assassínios: neste abysmo a haviam precipitado a luxuria e a pobreza. Porém não lhe faltava talento: fazia versos, era mui jovial, sabia em sua conversação mostrar-se seria, delicada, ou provocante; e sobre tudo era mui engraçada e galante.

XXVI. Fazendo estes preparativos, persistia Catilina em pedir o consulado para o anno seguinte, na esperança de que, se fosse designado consul, teria de Antonio quanto quizesse. Entretanto não descansava: mas armava toda a especie de embuscadas a Cicero. A este, porém, não faltava astucia e sagacidade para as evitar; porquanto logo no principio do seu consulado, á força de promessas, conseguiu, por meio de Fulvia, que Q. Curio, de quem acima fallei, lhe delatasse os desígnios de Catilina; além disto, prometendo ao seu collega Antonio o governo de uma provincia, resolveu-o a nada emprehender contra a república; e occultamente andou sempre escoltado de amigos e clientes.

Chegado o dia dos comícios, e vendo Catilina que não tinha sabido bem, nem da sua pretensão, nem das ciladas, que armara ao consul; determinou fazer abertamente a guerra, e arriscar tudo, já que as tentativas occultas só lhe tinham trazido desgosto e vergonha.

XXVII. Manda portanto a C. Manlio para Fesulas e para esse lado da Etruria; a um certo Septimio Camerte para o Piceno; a C. Julio para a Apulia; e a outros para diversos pontos, onde os julga mais opportunos. Entretanto faz em Roma mil cousas a um tempo: arma ciladas ao consul, prepara o incendio, posta gente armada em sitios opportunos, não larga as armas, e manda aos seus, que façam o mesmo, aconselhando-os, que estejam sempre alerta e promptos. Vigilante e activo de noite e de dia, nem vigílias nem trabalhos o fatigam.

Emfim, não vendo resultado algum a todas estas combinações, manda segunda vez chamar, alta noite, por M. Porcio Leca, os cabeças da conjuração; e depois de se queixar muito da indolencia d'elles, declara-lhes, como havia mandado a Manlio para commandar essa multidão, que estava disposta a pegar em armas, e a outros para outros logares convenientes, a fim de começarem a guer-

ra: que elle não desejava partir para o exercito, sem primeiro dar cabo de Cicero, o maior estorvo aos seus desígnios.

XXVIII. Irresolutos e aterrados todos com esta proposta, offereceu-se C. Cornelio, cavalleiro romano, e com elle o senador L. Vargonteio; e ambos ajustaram ir 'naquelle mesma noite com gente armada a casa de Cicero, fingindo visital-o, e alli mesmo apunhalal-o descuidado. Curio, vendo o perigo imminente do consul, passou logo, por via de Fulvia, aviso a Cicero, da traição que lhe preparavam; e assim vedada aos dois a entrada da casa, frustrou-se o intentado homicidio.

Neste comenos Manlio na Etruria sublevava a plebe, desejosa d'uma revolução, por sua pobreza, e pelo resentimento de suas perdas; porque no tempo da tyrannia de Sylla perdêra todas as terras e bens. Elle sollicitava, além disto, ladrões de toda a especie, que cobriam aquelle paiz, alguns colonos de Sylla, aos quaes a devassidão e o luxo nada deixaram dos seus grandes roubos.

XXIX. De tudo inteirado Cicero, e perplexo entre dous males, já porque não podia defender Roma por mais tempo, só com suas particulares providencias, já porque não conhecia a fundo as forças e projectos do exercito de Manlio; relatou no senado estes acontecimentos, cujo rumor já andava espalhado pelo vulgo. Assim decretou o senado, como costumava nos maiores perigos, *que vi-giassem os consules, não soffresse a república algum damno*. Por esta formula era costume conceder o senado aos magistrados amplissimos poderes, de levantar exercitos, fazer guerra, castigar cidadãos e alliados, depositando nas mãos dos magistrados o commando, e a jurisdicção suprema em negocios civis e militares: de outra maneira nenhuma d'estas cousas era permittida ao consul sem ordem do povo.

XXX. Poucos dias depois, o senador L. Senio lêu no senado uma carta, que disse recebera de Fesulas, na qual vinha escripto: «que C. Manlio tomara as armas á frente d'uma grande multidão, a 27 de outubro.» Logo, entraram uns a contar portentos e prodígios, como succede em casos taes; outros a espalhar, que havia conventiculos, que se transportavam armas, que os escravos se armavam em guerra em Capua e na Apulia. Por esta causa foram mandados por decreto do senado Q. Marcio Rei para Fesulas, e Q. Metello Cretico para a Apulia e circumvisinhanças. Ambos estes generaes estavam detidos ás portas de Roma, sem poder triumphar, pelas intrigas d'uns poucos, costumados a vender a justiça e a injustiça. Partiram tambem os pretores, Q. Pompeio Rufo para Capua, e Q. Metello Celer para o Piceno, com poderes de levantar um exercito

segundo o tempo e a necessidade. Também se decretou um premio a todo o que denunciase a conjuração tramada contra o estado: sendo escravo, a liberdade e cem sestercios; sendo livre, o perdão do crime (se fôsse cúmplice), e duzentos sestercios. Decretou-se mais, que companhias de gladiadores se distribuissem por Capua e outros municipios, á proporção das forças d'estes; e que se espalhassem rondas por todas as ruas de Roma, debaixo das ordens dos magistrados menores.

XXXI. Todas estas precauções sobresaltam a cidade, e mudam a face de Roma. As alegrias e prazeres, fructos d'uma longa paz, convertem-se em universal tristeza. No meio da perturbação e do temor, desconfia-se de todos os logares e pessoas; ninguém sabe, se está em paz, se em guerra; cada qual julga do perigo segundo o proprio medo. Além d'isto as mulheres, para quem em tão poderosa república era novo o temor da guerra, lastimam-se, alçam humildemente as mãos aos ceus, lamentam a desgraça de seus filhinhos, sempre com perguntas, assustadas de tudo; e deixando suberbas e regalos, só temem por si e pela patria.

A pesar das precauções, a pesar de ser interrogado por L. Paulo em virtude da lei Plautia, o cruel Catilina trabalhava como d'antes. Por ultimo apresentou-se no senado, ou por disfarce, ou para se justificar, taxando d'improprio o crime, com que o provocavam. Então foi que o consul M. Tullio, ou por lhe temer a presença, ou por indignação, recitou aquelle discurso brilhante e util á república, que depois publicou por escripto. Tendo acabado, Catilina, como estava disposto a tudo dissimular, de olhos baixos e voz humilde, pediu aos senadores, «que nada a seu respeito acreditassem de leve: que seu nascimento, seu teor de vida da desde a mocidade, só faziam presumir bem do seu character; que não pensassem, que um homem como elle, patricio, e que, «a exemplo de seus antepassados, havia feito tantos beneficios ao povo romano, desejasse arruinar a república, quando a defendia um M. Tullio, estrangeiro em Roma.» A estes acrescentou outros improprios contra Cicero: todos, porém, o interromperam, e em altas vozes lhe chamaram inimigo e parricida. Então furioso exclama: «Já que os inimigos, que me cercam, procuram precipitar-me; apagarei com a ruina de todos o incendio, que me preparam.»

XXXII. D'alli corre apressadamente a casa. Então, revolvendo na mente multidão de idéas, sobre a inutilidade das ciladas armadas a Cicero, sobre a impossibilidade de pôr fogo á cidade cercada de sentinellas, resolveu por mais acertado reforçar o exercito, e, antes de se alistarem as legiões, tomar

muitas providencias, que seriam uteis na guerra. Partiu pois, alta noite, para os arraiaes de Manlio, acompanhado d'uns poucos; e deixou recommendado a Lentulo, a Cethego, e a outros, de cujo desembaraço e atrevimento estava certo, que engrossassem o partido por todos os modos possiveis, que apressassem a morte do consul, que apromptassem o necessario para o incendio, para a matança e mais atrocidades da guerra; que elle brevemente voltaria a Roma com um exercito numeroso.

*Continua.*

## GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

## LINGUA LATINA

PARA USO DAS ESCHOLAS:

POR

Joaquim Alves de Sousa,

Professor de hebreu no lyceu nacional de Coimbra.

*Necessaria pueris, jucunda senibus,  
dulcis secretorum comes.*

QUINCT.

Ante nossos olhos temos um novo compendio, que, muito ha, se desejava nas mãos da mocidade portugueza, destinada á vida litteraria. E elle a *grammatica elementar da lingua latina, para uso das escholas*; obra do illustre professor de hebreu no lyceu da Universidade, o sr. Joaquim Alves de Sousa. Lemos já o livro todo: encheram-se nossos votos e esperanças. Sim: eis o compendio, que a nossas escholas faltava ainda, para melhor e mais facilmente se aprender a utilissima lingua latina, juntamente com a nacional. Dificil, fragosa, e até, para muitos, arriscada fôra a empreza: coube porem ao sr. Alves a gloria de effectual-a primorosamente. Nem outra cousa era de esperar. Se o permittisse a ingenua modestia do nosso digno collega, diriamos abertamente — que bem responde a obra ao reconhecido ingenuo do seu auctor; ao fino tacto e apurado gosto, que o distinguem; aos seus profundos conhecimentos e practica de ensino, assim das humanidades, como de varias linguas; e em fim a outros dotes seus:

*Consus, que junctas se acham raramente.*

Bem lembrado do aviso ciceroniano, o sr. Alves olhára ao que, nas doutrinas grammaticas, releva dizer-se; á ordem, com que se ellas devem dispor; e á forma, que lhes convem: *quid, et quo quidque loco, et quo modo*: e tudo executou com a perfeição, que pedia tão bem desenhada obra. Desde o principio até ao fim d'ella, não perdendo de vista a pequenina esphera, que abrange a intelligencia das primeiras idades, leva elle, como

pela mão, o menino; aplainando-lhe o caminho, que ha de seguir, até que possa com facilidade passar os conceitos d'uma para a outra lingua.

E, começando por doutrinar o menino nas partes elementares do discurso, elle o prepara, analytica e practicamente, com o necessario conhecimento das diversas especies de palavras e suas propriedades; e por tal arte, com tal ordem, e com tal precisão e clareza o encaminha, que quasi lhe faz ver e palpar os objectos das idéas, que lhe infunde. Passa d'ahi a dar-lhe, com igual perspicuidade, as leis da coordenação das palavras em orações, e d'estas em discursos; mostrando-lhe, como se devem exprimir as relações das idéas e dos pensamentos, na razão da sua conveniencia, determinação e ordem. E, depois de ter ensinado, quanto é necessario, a parte racional da grammatica, chega em fim á musical; dando os preceitos, que bastam, assim para a recta pronunciação dos sons fundamentaes das palavras, como para a conveniente modulação da voz, na prosa e no verso.

Todos os preceitos são illuminados com exemplos muito bem adequados e escolhidos, instructivos e agradaveis, e com toda a elegancia e fidelidade vertidos d'uma para a outra lingua. Corôam a obra acertadas lições sobre a ordem, por que os principiantes deverão estudar qualquer logar latino, para o verterem em portuguez; como o deverão analysar: e finalmente excellentes modelos de primeiras versões. Assim é que o sr. Alves conduz o menino ao termo desejado, arredando-lhe do caminho esses espinhos d'antigas questões inuteis, em que se consumia o tempo; e dando-lhe só a doutrina indispensavel; e, sem a qual, ou se não consegue o fim, ou, para lá chegar, é força que se mendigue ella noutros livros. Por onde ninguém dirá que é grande o volume d'este compendio: nós, se alguma cousa podemos entender, cuidamos que elle é breve, quanto o devia de ser; que é um precioso thesouro em pequeno cofre. E o serviço, que o nosso digno collega acaba de prestar á patria, é para ella relevante, para si glorioso.

A. C. B.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica desde o dia 1 até 15 de março corrente, por despachos do conselho superior d'instrução publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Duarte Joaquim Falcão, para professor temporario da cadeira de Beavente, districto de Santarem.

Joaquim Pereira de Sousa Girão, para dicto de Sancta Marinha, districto de Viana.

Antonio Maria Soeiro, para dicto d'Alcoentre, districto de Lisboa.

José Joaquim d'Oliveira, para dicto de Sacavem.

José Maria Ferreira, para dicto de Monte Redondo.

Manuel da Costa, para dicto de Sancta Cruz, districto de Beja.

Manuel José Rebello da Silva, para dicto de Ponte do Lima, districto de Vianna.

Carolina Amalia Fernandes, para mestra temporaria da escola de meninas da villa da Calheta, districto do Funchal.

## ANNUNCIO.

Cathecismo de Doutrina Christã, accommodado á intelligencia dos meninos, que frequentam as escolas de instrução primaria. Ordenado por J. da S. Bandeira. Approvado pelo ex.<sup>mo</sup> e rev.<sup>mo</sup> sr. Arcebispo Bispo Conde.

Vende-se por 40 réis — em Coimbra, na loja de livros de J. A. Orcei, e na rua das Covas na do sr. José de Mesquita; em Lisboa, na do sr. Cobellos, rua Augusta n.<sup>os</sup> 2 e 3.

## AVISO DA REDACÇÃO.

*Com o presente numero termina o 5.<sup>o</sup> anno d'esta publicação. A Redacção agradece aos srns. assignantes seu valioso auxilio, cuja continuação espera merecer-lhes; e remetterá o INSTITUTO áquelles, que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas.*

*Aos srns. assignantes, que estão em deficit, roga-lhes que satisfazam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.*

*Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte: o INSTITUTO continuará a offerecer equal vantagem.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24	
numeros, francos de porte . . . . .	1\$440
Por semestre, ou 12 numeros, dictos	800
Avulso . . . . .	100

Para os srns. Assignantes os numeros, que lhes faltarem d'este 5.<sup>o</sup> volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III, IV e V d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do Instituto; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.<sup>o</sup> 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.<sup>o</sup> 144; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

O INSTITUTO annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remetidos dous exemplares.

# O INSTITUTO,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

**VOLUME SEXTO.**



**COIMBRA**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE.

**1858.**





# INDICE ALPHABETICO

DO

## SEXTO VOLUME DO INSTITUTO.

Abstruzes.....	204	Estatistica do lyceu de Coimbra .....	145
Acclimação universal.....	166	Estatistica do suicidio .....	238
Agricultura .. 199, 221, 229, 239, 253, 265, 289		Estatistica litteraria.....	167, 176
Agulha encontrada no figado.....	288	Faculdade de mathematica .....	37
Almanack de Coimbra.....	262	Faltas (relação das) dos estudantes de direito .....	207, 284
Almanack de Instrução publica.....	227, 270	Febre puerperal .....	244, 268, 286
Anuncios..... 24, 36, 48, 106		Fermentação.....	279
Apontamentos para a continuação da Bibliotheca Lusitana .....	68, 85	Fontes de agua doce no mar .....	238
Arachnides (geração dos) .....	23	Gaz (o) na Inglaterra .....	60
Arredores de Coimbra .....	202	Geometria.....	115
Arrozacs.....	197, 231	Girasol (influencia benefica do) .....	263
Atmosfera da hua .....	65	Hermeneutica do direito portuguez .....	97, 126
Bancos territoriaes .....	4, 221, 253	Hypocrates (o tumulo de).....	237
Banhos de Luso.....	292	Incendio de Roma .....	235
Bibliographia .. 11, 22, 38, 47, 70, 103, 131, 165, 203, 262, 270, 271		India (a) e a alimentação da Europa .....	166
Bibliotheca Lusitana .....	68, 85	Insectos.....	166
Biographies.....	237	Instituições de direito administrativo por Justino Antonio de Freitas .....	103
Canal de Suez .....	18, 46	Instituto de Coimbra .....	49, 229, 241, 253, 265
Cêra vegetal.....	105	Instrução publica .....	25
Cêra dos insectos .....	119	Instrução publica em Hespanha.....	167
Celaceos .....	214	Instrução publica na Grecia .....	48
Chimica (a) e os cosmeticos .....	239	Instrução publica na Prussia .....	176
Chimica organica .....	279	Instrução publica na Russia .....	239
Classicos latinos (logares selectos) .....	165	Introdução .....	1
Collecção de tractados e convenções compilados por S. F. Borçes de Castro .....	23	Irmãs (as) da Caridade..... 7, 13, 29, 40, 50, 80, 90	
Concilio de Trento .....	167	Jornalismo em Paris.....	228
Congresso litterario .....	167	Jornalismo no mar .....	228
Conjuração de Catilina..... 43, 87, 98, 116, 128		José Monteiro da Rocha .....	261
Conselho superior d'instrução publica..... 2, 61		Lapa dos Estreos .....	202
Consumo da agua .....	176	Levadura artificial .....	287
Credito ás classes operarias .....	56	Litteratura portugueza.....	73
Cura do escorbuto .....	203	Logares Selectos dos classicos latinos .....	165
Declaração da redacção .....	73	Lusiadas (os), traducção franceza.....	55, 298
Deceneração adipoza do coração .....	272	Longevidade .....	271
Desalento (poesia) .....	88	Luz electrica.....	166
Descobertas no seculo XIX.....	272	Lyceu de Coimbra .....	145
Despachos do conselho superior d'instrução publica (Relação dos) .. 24, 152, 168, 176, 204, 239, 251, 264, 272, 288		Machina para escrever .....	238
Direito publico portuguez .. 233, 248, 256, 277, 295		Mammas (mulher com quatro) .....	300
Discurso preliminar da 4. <sup>a</sup> edição do methodo portuguez.....	38, 109	Mar de sargacos .....	263
Domesticação dos celaceos .....	214	Marmha de todas as nações .....	238
Edições de D. Quichote .....	166	Mathematica .....	93, 107, 121, 134, 177, 274
Elegias de Tibulo (versão).....	10, 250, 260	Medallas romanas .....	238
Elogio historico .....	159	Medicina (a) na Austria .....	251
Emporio italiano .....	160	Meditação (poesia).....	209
Ensino practico elemental d'agricultura .....	229	Memoria historica do mosteiro da Conceição em Portalegre.....	148
Ensino publico em Portugal.....	157	Memoria sobre os arrozacs .....	197, 231
Encanamento do Mondego .....	130	Minas de prata .....	300
Esmeraldas (as).....	264	Moedas de diferentes paizes.....	239
Estatistica das Universidades allemãs.....	92, 105	Moinhos (invenção dos).....	60
Estatistica das Universidades de Hespanha.....	167	Montanha (a mais alta) do globo.....	213
Estatistica da Universidade de Coimbra .....	143	Movimento litterario na Alemanha.....	228
		Necrologios .....	104, 167, 205, 212
		Neerlandia (a) e a vida holandeza.....	33, 145
		Noticia da vida do medico Bernardino Antonio Gomes.....	70

# IV

Noticiarios . . . . .	23, 48, 60, 71, 82, 104, 118, 132, 149, 165, 176, 203, 213, 228, 237, 251, 263, 271, 287, 299
Novo producto alimentar . . . . .	213
Novos planetas . . . . .	92, 105, 149, 165, 176, 213
Observações meteorologicas em Madrid . . . . .	174
Observatorio astronomico de Coimbra . . . . .	215, 240, 252, 273
Oleo de terra . . . . .	105
Ouro na Australia e California . . . . .	60
Papel (industria do) . . . . .	141
Parocho d'aldeã (poesia) . . . . .	45
Peixes electricos . . . . .	61
Phenomeno notavel . . . . .	214
Phosphoro vermelho . . . . .	23
Pirenologia na China . . . . .	239
Pinça esophagiana (extração d'um palaco) . . . . .	101
Piscicultura na China . . . . .	106
Planetas novos . . . . .	92, 105, 149, 165, 176, 213
Planta textil . . . . .	272
Planto em Berlin . . . . .	92
Poesias . . . . .	55, 88, 204, 209, 250, 256, 260
Polypos calcareos . . . . .	271
População estacionaria em França . . . . .	164
População do globo . . . . .	238
Prellecções de direito publico . . . . .	233, 248, 256, 277, 295
Preludios (poesia) . . . . .	209
Premios . . . . .	224
Processo civil (Elementos do) . . . . .	203
Projecto de lei sobre a instrução pública . . . . .	25
Putrefacção . . . . .	299
Reforma do ensino publico em Portugal . . . . .	157
Relatorio ao ministro da justiça por Manuel Thomaz de Sousa Azevedo . . . . .	131
Relatorio da faculdade de mathematica . . . . .	125, 172
Relatorio da sociedade agricola de Coimbra . . . . .	265, 289
Relatorio dos banhos de Luso . . . . .	292
Relatorio do commissario dos estudos do Funchal . . . . .	193
Resenha . . . . .	217, 34
Resoluções do conselho d'Estado por José Silvestre Ribeiro . . . . .	22
Revelação dos crimes . . . . .	6, 58
Revisão typographica . . . . .	238
Revista de instrucção publica . . . . .	165
Sancta Isabel . . . . .	32
Seda vegetal . . . . .	238
Sello (o) grande de Inglaterra . . . . .	201, 247
Sementeira das batatas . . . . .	300
Sessões do Instituto . . . . .	229, 241, 253, 265
Silicato de potassa (applicação do) . . . . .	78
Sociedade philantropico-academica . . . . .	243
Somnambulismo . . . . .	238
Suicidio . . . . .	238
Sulfato de baryta (emprego na pintura do) . . . . .	100
Telegraphos electricos . . . . .	271
Teoria de los Puentes Colgados, por D. Ed. Saavedra . . . . .	47
Theratology (caso notavel de) . . . . .	263
Theologia pastoral . . . . .	49
Transfusão do sangue . . . . .	237, 264
Trisección do angulo . . . . .	177
Tutella (a) do governo na industria . . . . .	281
Universidade de Coimbra . . . . .	207, 284
Viagem a Inglaterra (Excerptos d'uma) . . . . .	19
Vidro (Applicação do) . . . . .	271
Visões . . . . .	15
Volcão submarino . . . . .	60
Zoologia . . . . .	61
Zootecnia (a) e as artes agricolas . . . . .	199, 219

## COLLABORADORES

DO

## SEXTO VOLUME DO INSTITUTO.

Adriano d'Abreu Cardoso Machado.  
 Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.  
 Albino A. Giraldes.  
 Antonio Ayres de Gouvêa.  
 Antonio Augusto da Costa Simões.  
 Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.  
 Antonio Feliciano de Castilho.  
 Antonio Francisco Tavares.  
 Antonio José Teixeira.  
 Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.  
 Augusto F. Simões.  
 Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.  
 Francisco A. Alves.  
 Francisco A. Rodrigues de Gusmão.  
 Francisco de Castro Freire.  
 Francisco Fernandes Costa.  
 Henrique O'Neill.

Ignacio R. da Costa Duarte.  
 Jacome Luiz Sarmento.  
 Jeronymo José de Mello.  
 J. F. da Silva Pinto.  
 José Maria d'Abreu.  
 D. José Maria d'Almeida e A. Corrêa de Lacerda.  
 Joaquim A. Simões de Carvalho.  
 Marcelliano Ribeiro de Mendonça.  
 Marquez de Souza Holstein.  
 Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos.

### OBRAS POSTUMAS.

Duque de Palmella (D. Pedro).  
 Manuel Mathias Vieira Fialho.  
 Ricardo Raimundo Nogueira.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INTRODUÇÃO.

O INSTITUTO entra hoje no sexto anno da sua publicação.

A generosa collaboração de distinctos socios seus, á benevola cooperação de escriptores eminentes, aos serviços da mais extrema-dedicação de alguns zelosos cultores das letras patrias, deve o INSTITUTO o nome que tem grangeado 'neste primeiro periodo da sua existencia. E são estes tambem os penhores, as fundadas esperanças do seu futuro.

A sociedade, de que o INSTITUTO tomou o nome, e cujo órgão é, entendeu que a publicação de um jornal scientifico era não só o seu primeiro e mais importante dever, mas até o maior serviço que na actualidade podia prestar á litteratura patria.

Ja 'nisso o interesse das sciencias, a illustração do paiz, o proprio credito e reputação litteraria.

Crear o gosto pelo jornalismo scientifico; abrir o campo ás discussões litterarias da imprensa; apurar o estylo; provocar a critica esclarecida e imparcial; excitar a bem entendida emulação litteraria entre a mocidade estudiosa; fazer conhecidos os progressos das letras e das sciencias: tal foi o fim que o INSTITUTO se propoz obter. Conhecidas lhe eram as difficuldades que tinha de vencer, as reluctancias e estorvos que se lhe preparavam; mas não desanimou.

Cinco volumes do INSTITUTO, publicados 'neste periodo, são o fructo d'estes esforços, e a recompensa, unica a que aspiramos, de tantas fadigas, e, por ventura tambem, de tantas contrariedades; se, como a consciencia nos diz, e o benevolo acolhimento do público nos testemunha, 'nesses volumes ha materia para instrução dos leitores; se com o nosso pequeno cabedal concorremos para propagar as boas doutrinas, para fazer conhecidos os progressos das sciencias, e apreciados os seus cultores.

Apesar, porém, d'estes sinceros desejos, e do empenho com que sempre lidamos por aperfeiçoar este nosso trabalho, o INSTITUTO está ainda longe de corresponder ao seu verdadeiro fim. Falta-lhe muito para satisfazer cabalmente ao que pôde e deve ser um jornal

de sciencias e litteratura, publicado no seio da nossa primeira e mais illustre academia.

Não nos envergonhamos de o confessar por nós, que de sobejo conhecemos o pouco que valemos; mas custa-nos, e muito, pela Universidade, de que o INSTITUTO podia e devia ser o órgão principal, se os conselhos academicos se associassem a estes trabalhos, se tivessem a bem enriquecel-o com os seus escriptos, com as suas memorias, com os seus annaes, seguindo 'nisto as boas praticas de todas as academias da Europa culta.

Não entendemos que a missão de um magisterio tão auctorisado e tão illustrado se concentre no recinto das suas aulas, ou se traduza nos compendios dos seus dignos membros.

Não 'é uma censura que lançamos aqui sobre uma corporação tão respeitavel, nem queremos com isto dizer que as outras escholas superiores comprehendam melhor os seus deveres; mas quizeramos que o exemplo partisse d'aquella, que, por todos os titulos, reputamos a mais auctorisada. E nem por isto deixamos de confessar com reconhecimento a valiosissima cooperação, que temos recebido de professores distinctissimos da Universidade.

As mimosas produções da mocidade academica devemos tambem algumas das mais bellas paginas do INSTITUTO; folgariamos, porrem, de a ver concorrer em mais crescido numero para esta cruzada sancta de verdadeiro progresso e illustração, não deixando arrefecer os brios litterarios pelo receio de uma critica demasiado severa; nem cortando os elevados vôos do genio e do talento juvenil pela ambição nobre, mas difficil sempre, de querer logo em verdes annos colher sasonados fructos no estadio das letras.

O INSTITUTO deve servir de modelo para uns, de incitamento para outros, de instrução para todos. Só assim os seus serviços podem aproveitar á causa das letras.

O INSTITUTO, escripto por sabios abalisados, por jovens professores de grande engenho, por alumnos talentosos, encerrará em suas paginas a historia eloquente das diversas transformações, por que a nossa sociedade vai passando; das idéas que a agitam; das suas tendencias; e das suas mais elevadas aspira-

ções. Serão essas paginas os annaes das gerações litterarias, que vão transmittindo umas ás outras, sempre enriquecidas de novas conquistas, sempre ataviado de novas galas, de novos primores, o deposito precioso das sciencias, das letras e das bellas artes.

Haverá 'nessas paginas recordações tão saudosas. . . neste tracto ameno e aprazível do jornalismo litterario haverá tão doce excepção d'ânimo; tanta serenidade de espirito; tão sincero amor pelo que é verdadeiramente nobre e generoso, que nos farão esquecer de bom grado essas tempestuosas e estereis lutas das paixões politicas; esse tumultuar das ambições partidarias; esses odios e rancores que desvaíram muitos engenhos felizes, muitas vocações honestas, muitos characteres dignos de melhor estrea.

Na sua pacifica missão o jornalismo scientifico não pôde colher os rapidos e momentaneos triumphos da imprensa politica; mas tambem não tem a queixar-se da ingratidão dos partidos, nem da injustiça dos homens que os servem.

A sua acção é lenta, mas vivificante e duradoura. A sua existencia não ofusca pelo fulgôr das paixões excitadas; mas, modesta e singela, como é, tem na sua consciencia, na convicção intima dos serviços que presta á humanidade, á civilisação, ás letras e ás boas artes, a sua mais bella corôa.

Guiados por estes principios continuamos a publicação do Instituto; e temos fé em que não sairemos mal do nosso intento, se, como esperamos, continuarmos a merecer o apoio das pessoas doutas, e dedicadamente interessadas pela prosperidade das letras patrias, pelo progresso das sciencias, e pelo aperfeiçoamento da instrução e da educação nacional.

*Francisco Maria de Almeida*

## CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

### RELATORIO DA 3.ª SECÇÃO.

1854—1855.

Continuado de pag. 281 do V. vol.

#### Secretaria da Universidade.

O chefe d'esta repartição, depois de ter exposto no seu relatorio grande augmento de trabalho na secretaria a seu cargo, já pelos concursos das 5 faculdades, já pelos longos e minuciosos processos passa a promoção dos candidatos nos diferentes logares vagos do magisterio, já pelas jubilações, e as repetidas e extensas sessões do claustro pleno na dis-

cussão de projectos regulamentares, conclue que não se faltou ao expediente necessario, que seria mais completo e aperfeiçoado, se houvesse o sufficiente numero d'empregados para satisfazer com promptidão a todos os ramos do serviço. Dá além d'isto conta de, em virtude da portaria do ministerio do reino de 29 de janeiro do corrente anno, ter sido transferida a repartição da secretaria do seu antigo local para as salas inferiores do paço reitoral, onde se collocou o cartorio, e arranjaram, com commodidade e decencia, um gabinete para o prelado, e outro para o secretario, e as salas para os officiaes e o porteiro, achando-se tudo disposto na melhor ordem e regularidade, mas sendo ainda necessarias algumas obras, e alguns moveis para as salas e gabinetes.

#### Real capella da Universidade.

Do relatorio do thesoureiro capellão-mór consta que na real capella celebraram-se no anno lectivo findo os Officios Divinos, na conformidade do decreto de 15 d'abril de 1845, e regulamento de 27 de junho do mesmo anno; cumprindo todos os empregados da mesma real capella os seus encargos, e sendo os capellães coadjuvados no desempenho das funções religiosas por alguns estudantes ecclesiasticos na qualidade d'addidos, segundo o disposto no art. 4.º §. 2.º do citado decreto. Consta mais que, além do thesoureiro capellão-mór, e do mestre da capella, professor no lyceu, ha 8 capellães, que devem ser estudantes matriculados em algumas das faculdades academicas, incumbindo a cada um d'elles ser annualmente chantre, as obrigações designadas nos estatutos do citado decreto, art. 4.º, §. 7.º Como pela organização da capella, não pertencem ao capellão, que em cada anno fizer as vezes de chantre todas as attribuições que antigamente competiam ao chantre, é o mesmo thesoureiro de parecer que com urgencia, para bem da regularidade e disciplina na capella, sejam explicitamente designadas as obrigações ou attribuições que lhe possam competir, baixando para isso em portaria do prelado alguns artigos, que se devem annexar ao regulamento, e determinem aquellas attribuições. Parece-lhe tambem que conviria que, além da nomeação do capellão chantre que deve annualmente ser feita pelo prelado da Universidade, fosse tambem nomeado pelo mesmo prelado um capellão, mestre de ceremonias, para evitar alguns inconvenientes, que se tem dado até hoje na eleição do que devia exercer este logar. O serviço dos addidos, segundo o relatorio tem sido na maior parte muito irregular, faltando alguns d'elles em funções até mui principaes, e porisso o thesoureiro capellão-mór sollicita tambem algumas providencias para regularidade do ser-

viço, segundo, exigir-se-lhes ao mesmo tempo prova de sufficiência em canto-chão e ceremonias, antes de serem matriculados addidos. Dos 8 capellães estudantes, durante o anno lectivo, 3 cederam as suas capellanias, por haverem concluido os seus estudos, tendo sido estas capellanias providas interinamente nos addidos mais antigos, segundo a practica, em quanto não forem a concurso para serem providas definitivamente.

Continúa a urgencia de reparos no tecto, e retabulo do altar mór, bem como em alguns dos ornamentos. Sem os concertos do tecto da capella, não é possível concertar e limpar o órgão, tornando-se este de dia para dia mais damnificado.

#### *Academia polytechnica do Porto.*

O director d'esta academia expõe, no seu relatório: 1.º que durante o anno lectivo de 1854 a 1855 o governo de S. M. foi mui pontual em mandar pagar á academia a sua dotação para despesas de expediente, e que por isso mui regular e conveniente foi o serviço, que dependia de meios pecuniarios: 2.º que a frequencia dos alumnos foi superior á do anno proximo findo, distinguindo-se alguns d'elles: 3.º que os lentes substitutos continuáram ainda a reger em todo o anno as cadeiras 3.ª e 10.ª em razão de seus respectivos proprietarios estarem em commissão do governo de S. M. 4.º que principiou felizmente a ter execução na academia a lei de 20 de setembro de 1844, que obriga os pilotos practicos a requererem exame, para á vista dos diários das respectivas viagens se lhes passar a competente carta de piloto ou sota-piloto: 5.º que pelo ministerio do reino foi concedida licença a varios militares, em numero de 19, para frequentarem a academia, remetendo o director em tempo competente uma relação ao ministerio do reino com a designação do seu aproveitamento na firma da portaria de 4 d'agosto de 1853: 6.º que a ordem, e policia academica foi em todo o anno mantida sem alteração. O mesmo director lamenta ainda a falta de um jardim botanico tão reclamado pela parte da agricultura e botanica, por não ter os meios para o levar a effeito. Matricularam-se 243 estudantes; foram examinados 151, approvados *nemine discrepante* 129, *simpliciter* 25, reprovados 3, premiados 8, com *accessit* 20, esperados para outubro 20, perderam o anno 66.

#### *Eschola medico-cirurgica de Lisboa.*

O conselho d'esta eschola faz ver no seu relatório que algumas necessidades se encontram ainda por satisfazer, sem o preenchimento das quaes se tolhe á eschola o desenvolvimento

importante a que ella póde e deve chegar sem difficuldade, e com vantagem simultanea para o paiz e para a humanidade.

D'estas necessidades a primeira é a reparação de partes do edificio da eschola em deterioração, solicitada ha mais de 2 annos pelo conselho da eschola, é reputado urgente pelos mestres das obras respectivas, mas infelizmente até hoje ainda não levada a effeito pelo ministerio das obras publicas.

A 2.ª é a falta de melhoramentos nos seus estabelecimentos particulares, aos quaes o conselho não póde de modo algum prover por carencia de recursos além da sua dotação annual, que apenas chega para o custeamento das despesas, a que é especialmente destinada; não podendo por isso dispor-se convenientemente a bibliotheca, que muito precisa ser accrescentada para bem se collocarem os livros que já possui; nem acabar-se uma das salas, que deve servir de gabinete de instrumentos cirurgicos, onde se conservem, e exponham esses instrumentos e machinas operatorias que já tem, e que de futuro deve ir adquirindo.

A 3.ª é a acquisição, para o gabinete anatomico já mui rico de preparados physiologicos e pathologicos, de modelos em cera, e em gesso, em cartonagem etc. que hoje enriquecem de uma maneira convenientissima os museus de todas as escholas e dos hospitaes dos paizes cultos.

Pelo que respeita ao estado litterario, o conselho escholar diz que a educação medico-cirurgica actual, póde reputar-se completa pelo que pertence ás necessidades geraes da practica, habilitando os alumnos adequadamente para a judiciosa applicação dos preceitos da arte. Entende comtudo que além da repetição do estudo da anatomia para os alumnos do 2.º anno, que ultimamente o governo de S. M. providentemente ordenou, e que deve produzir excellentes resultados, muito convirá o estabelecimento de cadeiras especiaes d'anatomia pathologica, e de medicina legal, onde os estudantes recebessem a instrução propria d'estas doutrinas de um modo regular e seguido, em logar de forma detalhada e parcial, com que ella lhes é subministrada nas diversas cadeiras por onde se acha repartida.

No anno lectivo findo o conselho, por proposta de um de seus membros, julgou, como por ensaio, dever alterar a forma de frequencia das aulas pelos alumnos, alternando as materias ensinadas nas diversas cadeiras com os dias da semana, ficando umas das aulas nas 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, outras nas 3.ª, 5.ª e sabbados, e augmentando mais meia hora a cada preleção, a fim de não privar os estudantes de instrução, nem os lentes de tempo para a conferirem. O ensaio não deixou de corresponder á expectativa: o anno lectivo decorreu sem inconveniente; o ensino fêz-se,

e os alumnos foram examinados segundo o methodo legal, e nenhuma deficiencia se encontrou: por este motivo o conselho determinou continuar no anno futuro similhante disposição.

Pelo mappa estatístico das escolas medico-cirurgicas e annexas de pharmacia e de parteiras se mostra ter sido o numero total dos estudantes matriculados nas differentes cadeiras da escola medico-cirurgica 32, e apenas um só d'elles não fechou matricula. Tiveram logar 44 exames particulares: 7 alumnos foram approvados com louvor, 33 plenamente, 3 pela maior parte, e um só reprovado.

Na escola annexa de pharmacia matricularam-se 5 estudantes; d'estes fizeram exame 4 pertencentes ao 2.º anno, ficando 2 approvados com louvor, um plenamente, e um reprovado. A escola de parteiras teve 14 aspirantes matriculadas, 7 no 2.º anno, e 7 no 1.º, e d'estas uma só provou o anno. Fizeram-se 7 exames, de que resultou ficarem 6 approvadas plenamente, e uma pela maior parte. Tiveram logar 7 actos grandes; e 10 exames d'aspirantes pharmaceuticos.

#### *Eschola medico-cirurgica do Porto.*

O conselho escolar expõe, no seu relatório: 1.º que os trabalhos academicos foram no anno lectivo findo desempenhados, segundo os programmas seguidos nos annos anteriores, com o zelo e sollicitade que o conselho costuma ter em bem cumprir a lei, e as sabias determinações de S. M.; aproveitando para instrução dos alumnos os copiosos meios que a eschola já possui, principalmente no que respeita á parte práctica do ensino, por lhe estar aberto o hospital real de S.º Antonio, onde se encontram sempre muitos e variados exemplares tanto d'anatomia, como de chimica medica-cirurgica, e de obstetrica: 2.º que na porção do terreno, que lhe foi concedido pelo governo de S. M. na cerca do extincto convento dos Carmelitas para edificação de uma casa apropriada dos estudos medico-cirurgicos, se tem constantemente occupado do modo de levar a effeito a construcção de um edificio, que satisfaça as necessidades do ensino, e de boa collocação ao já rico e precioso material da eschola, que se está deteriorando com gravissimo prejuizo da Fazenda pública, para cujo fim, em breve, submeterá á approvação de S. M. os trabalhos que tem quasi concluidos. O mesmo conselho mostra-se mui satisfeito, por ter o governo de S. M. em portaria do ministerio do reino de 4 de setembro do corrente anno ordenado á eschola medico-cirurgica de Lisboa que os alumnos do 2.º anno fossem obrigados á repetição e frequencia das disciplinas da 1.ª cadeira.

Tambem o conselho escolar espera, com a

elevação da verba para despesas da eschola á quantia de 1:500\$000 réis, utilizar muito nas aquisições indispensaveis para o armamentario cirurgico, gabinete de physica, e bibliotheca, observando a maior economia, que ser possa, mas attendendo a facilitar a instrução, que a eschola deve, e deseja fornecer aos alumnos. Matricularam-se na eschola medico-cirurgica 87 estudantes, perderam o anno 2, fizeram exame 71; foram approvados plenamente 47, pela maior parte 24; esperados para outubro 14; fizeram actos grandes e foram approvados plenamente 2. Cartas medico-cirurgicas passadas pela eschola 4. Titulos do 4.º anno 2. Na eschola annexa de pharmacia matriculou-se 1 estudante. Terminaram o curso, fizeram exame, e foram approvados plenamente 2. Fizeram exame com 8 annos de practica, e 25 de idade 15, foram approvados plenamente 9, pela maior parte 6. Passaram-se diplomas 11. Curso de parteiras, passaram-se diplomas 1.

Conforme o mappa estatístico de clinina medica, no anno lectivo findo, entraram no hospital homens e mulheres 190; foram curados 110; melhoraram 52; falleceram 17. Do mappa estatístico de clinica cirurgica vê-se que entraram no hospital, doentes d'ambos os sexos 95; curaram-se 49; melhoraram 25; não se curaram 6; morreram 6; ficaram em tratamento 9.

#### *Estatistica da enfermaria de partos.*

Parturientes entraram 160; sahiram restabelecidas 157; morreram 3. Fetos nasceram 160; masculinos 81; femininos 79; vivos 149; mortos 11.

## AGRICULTURA.

### BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 270 do 5.º vol.

Delineada em succintas palavras a historia d'esta bonissima instituição, vem-nos agora o entrar com a sua forma e natureza das suas operações, com os meios de a conseguir fundada e com a sua como vida na sociedade.

Discordantes têm sido os alvites propostos pelos economistas e diversos os caminhos seguidos na practica. Procuraremos desenvenhar d'ahi a verdade, nonegando considerações inuteis ou impertinentes.

—Eis, portanto, em breves palavras, o meio que cremos mais apto:

Reune-se um numero qualquer de proprie-

tarios de reconhecida abastança em bens terreaes, livres d'hypothecas e todos os outros onus, que tanto opprimem a propriedade, e sobre o valor d'elles passam acções, as quaes, em seu poder, ficam constituindo o representativo fundo do Banco. Estas acções, que podem ser firmadas por todos, para mostrarem, á primeira vista, a solidariedade dos instituidores do Banco territorial a quantos de futuro nos mercados vierem a negociar-as; ou simplesmente, por qualquer ou quaesquer d'elles, como directores, segundo os regimentos e instrucções peculiares, como acontece entre nós com as notas do Banco de Portugal, commercial do Porto, etc. etc., devem variar de valor entre um *minimum* e um *maximum* estipulados, para facilmente poderem soccorrer ás variadas necessidades dos futuros tomadores d'emprestimo.

Constituido assim o Banco territorial, o proprietario apertado pela necessidade corre alli; e, apresentando hypotheca, cujo estado juridico cumpre ao Banco reconhecer, recebe o desejado emprestimo em acções ou notas, sempre em valor menor ao dos haveres hypothecados. — Os fundadores podem, quando apertados por imprevisto apuro, ser soccorridos egualmente como os demais.

É claro, por conseguinte, que estes Bancos não carecem de possuir capitais metallicos accumulados em suas burras.

As notas com que se effectua o emprestimo devem, para com mais facilidade passarem de mão em mão negociando-se, ser ao portador ou apresentante; embora não sejam pagaveis á vista.

O proprietario tomador d'emprestimo, negociando estas notas no mercado, realisa em metal sonante o valor de que necessita para fazer face á compra d'um novo instrumento aratorio, aos reparos d'uma calamidade imprevista, ou ao amanho das suas terras.

Um outro meio d'effectuar os emprestimos, do qual mais lançam mão os Bancos ultimamente fundados, consiste não em entregar ao emprestado as notas para este as cambiar nos mercados, mas sim em lhe dar o importe em metal, negociando-as o Banco directamente. E, sem duvida, é este um melhor meio; por isso que ao corpo moral — o Banco — é sempre mais facil e mais lucrosa a negociação, do que ao individuo emprestado.

E de mui facil negociação, por certo, devem de ser essas notas, visto como o capitalista conhece perfeitamente que, comprando uma ou ainda muitas d'ellas, não fica constituido no pé de crédor d'um particular, sempre sujeito a incalculaveis eventos sinistros, senão que d'uma companhia respeitavel em haveres — o Banco territorial —, que por meio d'esses titulos negociaveis e da hypotheca recebida, tomou inquestionavelmente o logar do proprietario.

Mas, em troca de tamanhos e palpaveis beneficios que da existencia de bancos d'esta natureza resultam ao proprietario necessitado, alguns encargos lhe sobrevêm, aos quaes servem de penhor as hypothecas.

Não são estes, porém, tão graves, nem o poderiam ser, como os provenientes d'um emprestimo d'outra qualquer natureza, em que o capitalista renuncia ao gozo do objecto prestado, o que aqui é evidente que não acontece; porque os accionistas, fundadores do Banco, não só não entram para elle como quantia alguma metallica, mas até nem se desapossam dos predios representantes das acções.

Os encargos, pois, reduzem-se a um modico juro, apenas sufficiente para o custeio da administração do Banco, e para de certo modo instigar os capitalistas a buscar na praça esses titulos. Digo de certo modo, porque, logo que o credito do Banco esteja bem radicado, é facilissimo de ver que os capitalistas mais desejarão ter em suas carteiras essas notas, ainda quando com diminutissimo interesse, sobre valores tão seguros como são as terras, do que o metal estagnado em seus cofres, que nada lhes produz.

Um outro encargo ha ainda e que, em nosso ver, é todo em proveito do tomador do emprestimo, por isso que d'esta forma, 'num certo periodo d'annos, se acha livre da divida contrahida — e consiste 'numa annuidade amortisadora, satisfeita respectivamente ao Banco.

Tanto, porém, esta annuidade, como o juro predicto devem, attento o diminuto lucro que dão as propriedades terreaes, ser bastante modico, para que o agricultor possa aproveitar na transacção de credito. O juro de 2 por  $\frac{1}{100}$  em relação ás notas, e de 1 por  $\frac{1}{100}$  annuidades, com o que em pouco mais de 40 annos se desquita da divida contrahida, parecem-nos sufficientes.

Mas pagar 3 por  $\frac{1}{100}$ , nos dirá agora alguem admirado, quando as terras hoje em dia tal não produzem, é sonhar uma theoria irrealisavel, é «gastar palavras em contar extremos» de felicidades arrebatadoras, mas jámais gozaveis!

Perdão: — ha 'nesse dizer um engano palpavel, um erro vergonhoso. Que as terras, em geral, e em relação ao seu custo e despesas d'amanho difficilmente produzem para mais de 3 por  $\frac{1}{100}$ , é, tambem a nossos olhos, facto assaz provado; — mas estes Bancos que anhelamos não têm por fim fazer emprestimos para compra de terras; — por quem são, não baralhem as idéas! O Banco empresta sobre o valor de terras possuidas para melhor e mais proveitoso fabrico d'ellas; e ainda ninguem nos provou até'gora, nem esperamos venha a provar, que o producto liquido d'uma terra não dê, sempre, para mais de 4, de 5, de 6 por  $\frac{1}{100}$  do gasto na cultura, afora um caso extraordinaria-

rio, de que não devemos curar v. g. o *oídium tukeri* nas vidieiras, durante os ultimos annos.

Se outra cousa fosse a verdade, certamente nem um unico grão cahiria annualmente da mão do semeador a ir germinar no solo, nem um podão se levantaria sobre o inutil sarmiento. O trabalho improductivo não é para o homem. Sómente o escravo abria, sob o látigo, o seio fecundo da terra.

Eis-aqui em succinto esboço, as feições mais pronunciadas dos Bancos territoriaes.

Enunciaremos agora, tambem em poucas palavras, algumas considerações de momento.

—Será util a interferencia do Estado, d'um modo immediato, 'nestes bancos?

Se-lo-hia, sem duvida, se o Estado fosse o que devia ser; mas como elle é, mas como elle tem sido entre nós, então não, mil vezes não. A sua interferencia o mesmo era que o descredito, a ruína do Banco. A creação d'estes seria prejudicial, por isso que ephemera.

Sangram ainda muito frescas as feridas occasionadas pela corrupção, pelo desperdicio, pelo pecculato dos nossos governos. O succedido, ha bem pouco, com as notas do *Banco de Lisboa*, que chegaram a valer, na praça, pouco mais d'um terço do valor nominal, o que se está dando a cada momento com todas as incripções de credito publico e que, infelizmente, continuará a dar-se, vive muito ás claras na memoria de todos, para que seja preciso perder tempo em querer demonstrar o prejuizo immediato d'essa interferencia... *quod Deus avertat*.

Em segundo logar, apresenta-se a difficuldade de mostrar a possibilidade da existencia d'instituições taes com o nosso actual systema hypothecario. Será este objecto o *sine qua non*, o *delenda Carthago*, como diz Wolowski, para a sua existencia? — talvez; não o affirmamos; e ainda mais, nem sequer o acreditamos plenamente.

Finalmente, inutil me parece, por de toda a evidencia, o fallar ácerca da grande quantidade de valores, improductivos hoje, que viriam innocuar-se vivificadores no corpo social por meio d'uma tal creação, e bem assim da segurança incontestavel dos seus titulos, ainda nas mais apertadas e difficultosas crises d'uma nação.

O fiador d'elles é o solo, é a patria; e a patria e o solo não desaparecem, não se extinguem. O exemplo da invasão da Prussia pelas aguias francezas é palpavel. O soldado de Napoleão podia abraçar a seara, talar o campo, aluir a abegoaria, rapinar o aprisco, saquear a tulha... podia e fazia-o; mas o que não fazia, porque não podia, era levar o solo ou mudar-lhe, siquer, a qualidade geologica. Pelo contrario, deixava-o amurujado de sangue e o sangue é fertilisador.

Continúa.

A. A.

## REVELAÇÃO DOS CRIMES.

A influencia, ás vezes demasiada, que a opinião pública exerce sobre o direito penal, obriga o legislador a proscrever dos codigos certas instituições, não já por serem injustas ou immorales, senão porque os homens, dominados por uma prevenção talvez exaggerada, receiam ver renovar abusos que das mesmas instituições se originaram em épocas bem differentes da nossa. Não sei se convém conceder tanto ás exigencias da opinião publica.

Incontestavel é, por certo, que o legislador deve respeitar os costumes da sociedade; que as leis têm de ser, mais ou menos, a expressão d'esses costumes, e, por via de regra, devem não encontrar de face as idéas geralmente recebidas; outra cousa porém é dizer que o legislador se deve limitar, como parecem querer alguns philosophos, a reduzir a escripto o direito consuetudinario.

Permitta-se-me julgar que o fim do legislador é mais complexo. Elle não deve deixar-se dominar pela opinião pública; mas dirigil-a. Respeitando os interesses da sociedade, marchará á frente do progresso, innovando quando convier, conservando quando poder, sem attender a injustos clamores. Esta tarefa é tão importante quão difficil. Por isso recuam deante d'ella; e mais querem abandonar-se de todo ao juizo publico, do que descer a uma analyse profunda das idéas que o determinaram, para segui-o quando fôr exacto, e corrigil-o quando fôr erroneo.

D'este ultimo phenomeno temos um exemplo bem sensivel na materia que é objecto do presente artigo. A revelação já existiu em pleno desenvolvimento — durou seculos. Abusou-se; e a sociedade, que não podia emendar o abuso, porque se não podia emendar a si, acabou com a revelação. As causas d'esses abusos desapareceram, e creio que para sempre; mas a sociedade persiste em não querer revelação; e alguns legisladores, condescendendo com a sociedade, baniram dos seus codigos a obrigação de revelar.

Terá razão a opinião pública? Será este um dos casos em que o legislador a deva seguir? ou convirá modificál-a pouco a pouco e destruir intempestivos receios de voltarem com a revelação os mesmos abusos a que já serviu de pretexto?

I.

No campo da theoria — sem descer ás modificações que na prática pôde soffrer a applicação do principio, parece-me poder-se affirmar que a revelação é justa; ainda mais: que é exigida pelos principios racionais da sciencia do direito penal.

A obrigação de revelar achamol-a baseada



na sociabilidade—no instinto que leva os homens a unirem-se, para da fraqueza individual fazerem força social. Esse instinto, é para o homem um dever<sup>1</sup>, é uma necessidade, que não pôde deixar de aceitar com todas as suas consequências, uma das quaes é, sem dúvida, a obrigação de concorrer para a manutenção da ordem<sup>2</sup>.

O crime é perturbação da ordem; a pena o seu restabelecimento. O homem deve, pois, concorrer para que o crime se não pratique, e se tanto não poder conseguir, se a ordem for perturbada, deverá então esforçar-se para que ella se restabeleça com a imposição da pena. Mas como poderá o homem cumprir esta obrigação?

Reconhecendo-se a necessidade de auctoridades, que administrem justiça, que estejam encarregadas de evitar os crimes, perseguir os culpados, e impor as penas, funções que não podem ser exercidas senão em nome da sociedade, e sob seu especial mandato, claro é que o unico modo como os cidadãos podem cumprir aquelle dever, é ajudando estas auctoridades no desempenho de suas funções. Este auxilio presta-se, ou por actos negativos, ou por actos affirmativos. Entre os primeiros temos a obrigação de não acobitar malfieiros, de não lhes fornecer meios para commetterem o crime, etc.; entre os segundos, a de testemunhar, prender em flagrante, indicar os culpados, ou o seu projecto, quando o crime não está ainda consumado<sup>3</sup>. Nestes actos se resume o dever social de concorrer para a não impunidade.

A sociedade obriga ao cumprimento de todos esses deveres, excepto o da revelação. Impõem-se penas a quem não quizer vir depôr em juizo; a quem acobitar malfieiros com conhecimento de causa; a quem lhes fornecer meios para commetterem o crime; mas não se pune aquelle que, sabendo do projecto d'um crime, não vem revelal-o á auctoridade, nem aquelle que, tendo presenciado um delicto, o não revela ao magistrado. Qual será a causa d'esta differença? É, dizem, porque o dever de revelar só pôde obrigar na consciencia; porque é apenas um dever moral, cujo cumprimento a sociedade não pôde exigir. Em outra parte d'este trabalho procurarei responder aos argumentos em que se basêa tal opinião; mas o que desde

já importa fixar, é que todos esses factos, embora d'elles constituam cumplicidade, d'elles sómente participação indirecta do crime, todos, digo, são egualmente contravenção do dever social de não favorecer a impunidade; porque todos tendem a produzir ou prolongar o estado de não-direito causado pelo crime; assim considerados, todos são criminosos<sup>4</sup>, e e como taes merecedores de penas.

Para os que fazem depender, em direito penal, a legitimidade de um principio, da sua necessidade, não me parece que deva offerecer dúvida a justiça e legitimidade da revelação. Como suppôr que a auctoridade, só por si, pôde ter conhecimento de todos os crimes? que a policia é tão perfeita que presencie todos os delictos, e conheça seus auctores? que o ministerio público está tão bem organizado, que possa querellar de todos os crimes, sem previas informações que o habilitem para fundamentar as suas accusações? O concurso dos individuos é necessario para a boa administração da justiça; e este concurso não pôde cifrar-se no testemunho sómente, porque seria imperfecto. O testemunho é sobre factos conhecidos, quasi averiguados, ás vezes já demasiadamente provados; não provoca, como a revelação, a acção da justiça; o testemunho é um meio de concorrer para a não impunidade muito menos efficaz do que a revelação.

Se além disso considerarmos os effeitos da revelação anterior ao facto, que são: evitar o crime, e todas as suas consequências; da posterior ao delicto, que são: dar direcção ás indagações da justiça, e poupar-lhe as incertezas em que mais ou menos labora, quando sómente conhece o crime pelos seus resultados; tornar a sua acção mais prompta, e como tal mais efficaz, porque, com delongas se enfraquecem as provas, e parece immerecido o castigo; se considerarmos todos esses effeitos, não teremos dúvida em reconhecer que a revelação é o modo mais energico de concorrer para a sustentação do principio da não impunidade; por consequencia para a sustentação da ordem, e da sociedade.

*Continúa.*

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 281 do V. vol.

### X.

Longos volumes seriam mistér para recolher os heroicos feitos das servas dos pobres.

<sup>4</sup> É claro que todos os actos que tendem a favorecer a impunidade são crimes, porque lesam a sociedade no seu direito ao estado de segurança.

<sup>1</sup> Rossi.

<sup>2</sup> Parece-me inutil insistir nestes pontos, que quasi se podem dizer os logares communs da sciencia social. Julgo incontestavel e incontestado, que a ordem é essencial para a existencia da sociedade — e que portanto o homem *deve* procurar conserval-a e fazel-a conservar, usando para isso dos meios licitos, de que elle pôde dispor.

<sup>3</sup> Alguns d'estes actos constituem verdadeira cumplicidade. É certo, porém, que os achamos todos comprehendidos no principio de não concorrer *directamente* para a não impunidade.

Dezejavamos fazer uma boa escolha; tememos porem a tarefa, porque são tão continuados, tão excellentes e tão variados, que por certo quem abrir ao acaso os livros que os referem do passado, e os jornaes que os contam do presente, nos estranhará a pouquidade.

É força porém, que, sem transcrever mais que uns leves apontamentos, comprovemos d'algun modo, ainda mesmo de corrida, quanto é justo o doce epitheto de *anjos do céu*, com que têm sido designadas.

De 1633, em que tiveram principio, até 1638, data das *letras patentes* de sua admissão na França, decorreram vinte e cinco annos, que podemos chamar de noviciado d'esta instituição. Difficilmente se encontrará outra, cujas provas hajam sido mais brilhantes!

Ao serviço dos pobres e dos desvalidos, na patria, não tardou em accrescer a necessidade do desterro, longe d'ella. A peste devastava a Polonia; chamadas pela rainha Maria de Gonzaga, os hospitaes, aonde jaziam os enfermos abandonados, foram o theatro da sua caridade. Pela sua influencia não tardaram em abrir-se outros hospícios e asylos, fundados pela mesma rainha, em beneficio dos pobres, dos orphãos, e dos alienados, e entregues egualmente ás irmãs da caridade.

Egues flagellos devastavam, mais perto da patria, a cidade d'Anvers. As irmãs ahi voam.

Num dos hospícios havia um doente, que exhalava de si um tão repugnante fetido, que não havia quem d'elle se pudesse, por esta causa, approximar.

As mesmas irmãs serviam-no com extrema repugnancia, e os outros enfermos queixavam-se altamente; foi mistér separal-o.

A irmã Genoveva, inspirada por um zelo todo divino, tomou-o especialmente á sua conta. Mas a sua ardente caridade parecia não poder vencer a força repulsante, que desviava do desgraçado; e a sua coragem abandonava-a, quando os soccorros eram mais necessários.

Que fazer 'nestas circumstancias?

Por sua ordem trazem-lhe uma cadêa de ferro, cinge-a á cinta, prendem-na ao leito do enfermo, dando-lhe apenas o comprimento sufficiente para que ella se movesse com facilidade. Soldam-se as extremidades; e a irmã Genoveva, captiva desde então, exclama: Agora não tornarei a ceder á minha vergonhosa fraqueza!

Dous mezes durou o captiveiro! e a Providencia quiz dar-lhe a consolação de salvar a vida ao pobre enfermo.

Em 1640, devastada a Lorena por uma espantosa fome, as irmãs acodem, sollicitam esmolas, derramam-nas, consolam e restituem a esperanza a uma povoação desgraçada; e acolhem em seus braços, e provêm d'asylo,

e trabalho, a grande numero d'orphãos, triste legado d'aquelle terrivel flagello.

A guerra civil, com todos os seus horrores, e com todas as suas misérias, não tardou a opprimir a França. Mas quanto mais os males augmentavam, quanto mais os recursos da caridade, por essas mesmas causas, diminuam, tanto mais esforçado era o zelo das irmãs, nas cidades, nos campos, e em meio dos combatentes. Muitas encontraram a morte 'nestes penosos officios.

A irmã Maria José, não podendo já soccorrer de pé grande numero de feridos, que a cercavam, pediu que lh'os trouxessem para juncto do leito, aonde jazia; e ahi, com suas desfallecidas mãos, lh'es curava ainda as feridas! A morte surpreendeu-a no meio d'esta dedicação sublime.

Uma geral admiração, uma fama derramada por toda a França, um ardente desejo de possuir em cada cidade as servas dos pobres, o seu nome em todas as bocças, e o affecto em todos os corações, valêram-lhes as approvações e *letras patentes*, que deviam ligar para sempre a obra de S. Vicente de Paulo á França, e dez annos depois, em 1688, ao orbe catholico.

## XI.

Desde então até aos dias nefastos da revolução franceza e do imperio da guilhotina e do terror, as irmãs da caridade jámais desmentiram os seus gloriosos principios; e um século d'existencia, assignalado pelos maiores serviços prestados aos pobres enfermos e ao pobre povo, havia firmado o justo credito, dentro e fóra do paiz, d'essas heroínas da caridade,

Nem a profunda corrupção do meado do século 18, e as torpezas da regencia, nem a moda da incredulidade e da zombaria de tudo quanto havia de mais sancto, foram capazes d'enfraquecer a sua gloria, e geral estimação.

Um só e insuspeito testemunho é bastante.

« Talvez não haja cousa maior sobre a terra (disse Voltaire), do que o sacrificio, que faz um sexo delicado, da belleza e da mocidade, e muitas vezes d'um alto nascimento, para alliviar nos hospitaes este refugio de todas as misérias humanas, cuja vista é tão humilhadora para o nosso orgulho, e tão revoltante para a nossa delicadeza. »

Mas estes anjos do céu, militantes na terra, eram christãs, humildes e obedientes filhas da egreja; como poderiam escapar á impia raiva dos adoradores da deusa da razão?

Em tamanho naufragio de tudo quanto havia em França de mais nobre, de mais sancto, e virtuoso; — sob tão grande e espantoso cataclysmo de torpezas e atrocida-

des, no meio de tão procellozo mar de sangue, fôra a maior das maravilhas, que a furia do tempo perdoasse tanta religião e caridade.

Ouçamos um estrangeiro, e protestante. O celebre Burke em pleno parlamento, na sessão de 6 de junho de 1791, fallava assim: «Estas desgraçadas filhas, consagradas aos deveres os mais sublimes da religião e da humanidade padecente, têm sido arrastadas pelas ruas, e agoutadas com varas pelos soberanos da nação franceza; e isto, porque o padre de quem tinham recebido a communhão, não se havia sujeitado ao *test*».

Este insulto feito aos costumes, que teria achado vingadores nos paizes mais barbaros, não foi punido, nem ainda censurado. »

—O parlamento d'Inglaterra (escreve o abbade Orsini) commoveu-se; e a poderosa voz d'um dos seus primeiros homens d'Estado fez ouvir do alto da tribuna britannica este nobre apêllo: — «Filhas de Vicente de Paulo, vinde para nós; o asylo, que vos recusa uma patria ingrata e louca, a Inglaterra volodara!»

E este generoso apêllo, dirigido não somente ás irmãs de caridade, mas aos animosos confessores da fé, e a todos os infelizes proscriptos d'estes dias desgraçados, e bem accite dos homens, não o podia ser menos da providencia; e senão, que o diga a supremacia dos mares, o immenso influxo em todo o mundo culto e inculto, e o renascimento protentoso do catholicismo, no reino unido! Aquellas heroínas christãs, aquellos martyres da fé e da lealdade, levaram consigo as benções do céu, e em sua vida e doutrinas uma fecunda semente de prosperidade moral e religiosa. E a providencia como que pareceu esquecer-se dos graves peccados do governo e dos homens d'estado da Inglaterra, em attenção á beneficencia, generosidade e hospitalidade da nação ingleza.

## XII.

Em toda a força da perseguição, no mais furioso do delirio, as irmãs não desmentiram nem a sua fé, nem a sua docura e caridade; e por vezes o verdadeiro povo francez lhes fez justiça, a ellas, e aos malvados, vendidos a tenebrosos agitadores.

«Um dia (diz C. Malo), indo trez irmãs visitar uns doentes, atravessavam a praça de S. Miguel. Um bando de furiosos lança-se sobre ellas, cerca-as, e obriga-as a dansarem á roda d'um carapuço vermelho, pendurado d'um poste. Obedecem sem murmurar, e com este tom, que penetra a alma: — Sim, amigos, dizem ellas, dansemos; mas não nos esqueçamos dos pobres doentes.» Estas palavras produziram o seu effeito; cada um dos assistentes apressou-se a depositar nas mãos d'ellas a sua offerta; e acumuladas de

benções, correram a ir distribuir o producto da sua collecta. »

'Noutra occasião o povo, indignado contra os furiosos, que ultrajavam algumas irmãs da caridade, percipitou-se em sua defeza. «Que fizeram ellas (diz o mesmo escriptor)? — Dirigiram-se logo á prisão, aonde jaziam os seus perseguidores, para ahí lhes curar as feridas.»

— «Algumas têm noticia, que um riquissimo estrangeiro, e que diziam ser humano, acabava de chegar a Paris. Apresentam-se em sua casa, e sollicitam a esmola de sua generosidade. O estrangeiro, não comprehendendo a principio o verdadeiro fim da sua missão, recebe-as com uma especie de desdem.

— «Esmola para vós! —

«Não snr. . . para os nossos amos.»

— «Para vossos amos (replica attonito). Então quem são esses amos assaz impudentes? . . .

«Snr., são os pobres: estes é que são os nossos amos, nós somos as suas servas.»

Ouvindo estas palavras, o estrangeiro fica estupefacto; e no meio das maiores demonstrações de respeito, deposita a sua offerta nas mãos d'estas nobilissimas servas dos pobres.»

## XIII.

Como pôde uma boa mãe abandonar a seus filhos? ou ainda mesmo uma piedosa serva a seu senhor, que jáz no leito, moribundo, e que sem ella ficaria desamparado?

Dispersaram-se pois, é verdade, as irmãs de caridade; procuraram algumas estranhos climas; mas nem as ameaças, nem as violencias, nem os repetidos insultos foram bastantes para que um grande numero d'ellas não permanecesse, luctando com a adversidade, por não abandonarem aos seus queridos amos.

«Prohibiram-lhes (diz Mr. de Melun) ensinar ao povo os seus deveres, e fallar de Deus ao ouvido dos moribundos; mas, desterrando-as das suas comunidades, fechando-lhes as portas das suas escholas e de seus hospicios, os decretos da convenção não tinham podido arrancar de seus corações a dedicacão, nem a misericordia. A lei tinha-lhes tirado o dinheiro que podiam dar; não tinha podido impedir-as de se darem a si mesmas. Excluidas dos hospitaes, como religiosas, tornavam a introduzir-se n'elles, como enfermeiras. Privadas da faculdade de receberem ao pobre em suas casas, iam procural-o á d'elles; e continuavam, em separado, a fazer o bem, que lhes era entredicto em commun. O enfermo, vendo-as no traje secular, adivinhava, pela ternura do acolhimento, pela delicadeza dos cuidados, e tambem por algumas palavras, de que per-

dêra o habito, que o coração d'uma irmã estava escondido sob o vestido da visinha ou da mulher caritativa. Graças ás suas visitas, fizeram-se, em mais d'uma miseravel agua furtada, santas conspirações para arrancar a morte algumas victimas. A influencia da caridade abrandou algumas almas implacaveis, desarmou algumas mãos homicidas, abafou alguns brados de proscripção e de vingança; e consciencias, desviadas pela malefica educação dos *clubs*, voltaram para o conhecimento do bem e do mal; e Deus tornou, com a piedade, para o interior de familias, que já o não conheciam! »

Desde o instante, em que a sociedade acordasse do horrivel pezadello, em que se agitava, a reparação devia de ser feita. Logo que se reabrissem os templos do Deus vivo, e que a caridade, em que se rezumem todos os seus preceitos, reassumisse o lugar, que lhe havia tomado uma fantastica philanthropia, as filhas de S. Vicente de Paulo haviam de recolher o fructo do seu martyrio.

Insensatos! que não viam, que, em todos os tempos, as perseguições não são mais que uns meios admiraveis, com que a providencia purifica e reanima a sua Igreja; e que, mau grado de seus intentos e esforços, a fé, a piedade, a Igreja, e as suas instituições, qual phenix renascida, brotam das cinzas, ainda mais viçosas e vigueras. Que são alguns annos, ou mesmo alguns seculos, na vida da humanidade? Os incredulos e os demolidores applaudem, porque a providencia lhes deixou levar ávante a sua obra, durante um tempo. Mas esse tempo passa, e com elle as obras ephemeras dos perseguidores e tyrannos. Só fica o que ha de durar até a consummação dos séculos; a obra de Deus não morre!

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 246 do V. vol.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA SEXTA.

Sempre, para illudir-me, me offereces  
Faguciro rosto, Amor; que em breve, irado,  
Sombrio contra o misero desferes!  
—Que tens, cruel, comigo?—Acaso, ao homem  
Colher no laço um deus, é grande gloria?  
—Já sinto as rédes, já, de noite e a furto,  
Um não-sei-quem astuta accolhe Delia!  
E com que ardor tal feito nega e nega!  
Mas posso eu cre-la, se d'est'arte sempre,  
Infel, meu amor nega ao esposo?

<sup>1</sup> Vie de *Seur Rosalie*

Quem, se não eu, a seduzir os guardas  
Molino lhe ensinou?—ai, negra sorte!  
Com meus proprios ardis me opprime agora.  
—Então pretextos aprendeu fingidos  
Para a sós se deitar e, sem ruido,  
Das portas a volver subtil o quicio:  
Então philtros lhe dei, dei-lhe bervas aptas  
Para a nódoa apagar, que o dente imprime,  
Do lascivo chupão, no mutuo goso.

Mas tu, da fallaz moça esposo incauto,  
Porque não peque mais, tambem me espia...  
—Cauto procura, que aos casquilhos longas  
Conversas não conceda, nem que o seio  
A descoberto mostre, ao recostar-se:  
Vê, não te illudam seus gentis acenos,  
Nem molhe no licor o lindo dedo  
Com que ignotos signaes a meza trace.  
Ah! das sahidas incessantes teme,  
Bem que te affirme, que da deusa Bona  
Ao sacrificio vai vedado aos homens.  
—Se em mim, porém, te fias, juncto ás aras  
Eu proprio a seguirei, sem que arrejee,  
Pelos meus olhos, da mais fina astucia;  
Que inda me lembra, quanta vez a dextra  
Acinte lhe apertei, fingindo as perlas  
E a cifra olhar do anel, quantas o somno  
Te dei no vinho, eu vencedor bebendo  
Do sobrio copo, emtanto, a fallaz agua.

Offendi-te imprudente: oh! mas perdoa  
A quem confessa: Amor é quem mandava.  
—Quem contra os deuses tentará audacias?  
O mesmo sou (nem já me peja franca  
A verdade dizer) a quem raivoso,  
Durante a noite, o teu alão ladrava.

Porque te canças com a tenra esposa?  
Ah! se guardar não sabes teu thesoiro,  
Embalde ferrea chaves a porta opprime.  
Voa-te aos braços, mas, do amante auzente  
Lembrando suspirosa o amor e os mimos,  
Simula a ponto a súbita enchaqueca!

Dêras-me tu, porém, que eu t'a guardasse...  
E o látego terrivel não recuso,  
Nem temo as bragas, que os meus pés roxêem.

Então, longe fugi, vós que as madeixas  
Com primor penteaes, e a quem a toga  
Em longas prégas se derrama ondeante;  
E longe vá, por outra rua tome,  
Quem não quizer, passando, ser culpado.  
—Assim o deus ordena: assim m'o disse,  
Em divo sonho, a sabia sacerdotia.

Ella que as chamas não receia ardentes,  
Quando agitada por Bellona fera,  
Nem furta o corpo ás curvas disciplinas,  
Que irosa fere co'a bípennae os braços  
E a deusa, sem gemer, c'o sangue asperge;  
E, firme o dardo no rasgado seio,  
De pé, quanto successo a grande deusa  
Lhe desvenda, d'est'arte vaticina:

—« Fugi, se não quereis depois no damno  
« Sentir a causa, de violar donzella

« Que amor preserva:—como o sangue mana  
 « D'estes meus golpes, como o vento espalha  
 « Estas cinzas, em pó serão volvidas,  
 « Se lhe tocardes, pompas sumptuosas. »

Que duros males te predisse, Délia,  
 Ignoro; mas, se affavel me acolheres,  
 Hei de baldar, com rogos, taes presagios.  
 E não é, não, por ti que te perdoo;  
 E' tua velha mãe quem me commove,  
 E predilecta me desarma as iras.

Ella foi que, guiando-te nas trevas,  
 Temerosa ajunctou as dextiras nossas:  
 E ella, quem me espera á noite á porta  
 E meus passos, ao longe, discrimina.

Oh! vive, vive para mim eterna;  
 Se dado fosse, repartir quizera  
 Contigo os annos meus, bondosa velha.

Sempre a ti e, por ti, a filha tua  
 Hei de amar, faça embora acção culposa;  
 Que, emfim, é sangue teu: mas a ser casta  
 A ensina, bem que a fita não ennastre  
 Seus trançados cabellos, nem a stola  
 Lhe esconda roçagante o pé mimoso.

E venham sobre mim tambem leis duras:  
 Que eu não possa exalçar d'outra os encantos,  
 Sem que os meus olhos cegos me cubice;  
 E que arrastado por despenhos seja,  
 Bem que innocente, a crer-me em falsa culpa;  
 Que offender-te eu não tente, mas, tentando-o,  
 Deseje não ter mãos no afдор das iras.  
 — Por amor, não por medo, me sê casta;  
 Que mutuo amor te ligue a mim auzente.

Como pobre, e aquebrada pelos annos,  
 A que infiel atraigou o amante,  
 Ao depois, com mão trémula no fuso  
 Os estames envolve, e já, tecendo,  
 Os liços ata, já a lá carmêa!

D'esta em volta os mancebos contam rindo  
 Que soffre merecidos taes castigos:  
 Esta chorosa do alto Olympo observa  
 Venus sublime e, quão acerba seja  
 Contra as perfídias, d'este modo ensina.

Sobre outros pragas taes vão desfechadas!  
 — E nos, ó Délia, encanecidos ambos  
 Claro exemplo d'amor aos mais sejamos.

A. A.

## BIBLIOGRAPHIA.

### NOTICIA

D'ALGUNS LIVROS RECENTEMENTE PUBLICADOS.

#### LINGUAS.

S. H. Possien—*Études des langues. Paris;*  
 A. Durand. 1856 — 8.

O auctor mostra-se inimigo das grammaticas como meio de apprender as linguas. As

cenuras com que as ataca, quando não são infundadas, dirigem-se mais ao modo de escrever estes livros elementares, do que á sua substancia. O methodo que o auctor pretende substituir a este eterno tormento dos principiantes, é já antigo: consiste em fazer traduzir uma e mais vezes um trecho qualquer com o auxilio de uma traducção interlinear, fazendo depois trasladar a traducção para a lingua do original. Assim (se acreditarmos as promessas de Mr. Possien) apprenderemos dentro em pouco a traduzir e fallar e escrever uma lingua estrangeira.

Infelizmente a experiencia não nos deixa confiar mais nos promettimentos do A., do que nos dos que apregoam bilhetes da loteria annunciando riqueza sem trabalho.

O methodo da traducção interlinear é excellente, mas não dispensa as regras grammaticas, nem poupa o seu enfadoso estudo, porque se decorar uma regra leva tempo e requer paciencia, muito mais tempo se gasta em adquirir só pelo uso o tino da regularidade.

Fréd. Dubner — *Grammaire élémentaire de la langue grecque. Nouv. edit.*

Esta grammatica é a unica que se acha oficialmente auctorizada para o ensino elementar da lingua grega na Belgica. A *Revue de l'instr. publ.* da Belgica e o *Journal de l'instr. publ.* de França exaltam o merecimento d'esta obra. Em fevêreiro ultimo ainda se não tinha publicado a 2.ª parte d'esta nova edição, mas achamol-a annunciada para muito proximo. Aproveitamos esta occasião para lembrar que se as bellas obras litterarias dos gregos, não são inferiores, antes superiores ás latinas, cumpre que o nosso governo cuide em influir vida no estudo tão desprezado da lingua grega.

#### PHILOSOPHIA.

Ch. Secrétan — *Recherche de la méthode qui conduit à la vérité*—Neufchatel, 1857; 1 vol.

É um escripto philosophico-religioso em que o auctor combatendo o scepticismo, a auctoridade e até a philosophia, cujos servicos alias reconhece como eminentes, procura mostrar que a consciencia e a razão são dous guias indispensaveis para a indagação da verdade.

H. Taine — *Les philosophes français du 19.<sup>me</sup> siècle. Paris. 1857 — 1 vol.*

O A., já conhecido por outros escriptos e principalmente pelo seu *Essai sur Tite-Livre* premiado pela academia de França, examina e critica ou antes satyrisa a Laromiguière, Royer-Collard, e Jouffroy, mas principalmente a Maine de Biran, e a Cousin. Este é o mais castigado talvez por isso mesmo que é o mais bem reputado. Considera-o simplesmente como um compilador e ainda assim superficial. Apesar da injustiça com que M. Taine deprime o credito dos philosophos mo-

dernos da França, a sua obra torna-se recomendavel porque revelando os fracos dos systemas pôde servir para o seu melhoramento.

*E. de Presencé — La famille chrétienne. Paris. 1856 — 1 vol.*

O A., inspirado pelo christianismo e pelos progressos da philosophia moderna, tracta, em sete eloquentes sermões, do matrimónio, da educação, das relações entre os pais e os filhos, entre os amos e os criados etc.

#### HISTORIA.

*Alfred. Maury — La terre et l'homme, ou aperçu historique de géologie, de géographie, et d'ethnologie générales, pour servir d'introduction à l'histoire universelle. Paris. 1857 — 1 vol.*

Cremos que esta obra é destinada a servir como de introdução á Historia Universal publicada por Mr. Duruy. Nesta obra acham-se as doutrinas da sciencia ácerca da formação do globo, e suas revoluções, distribuição das raças humanas, suas linguas e religiões primitivas etc.

A *biblioth. univ.* de Genève, d'onde extraímos a maior parte das noticias, que hoje apresentamos, dos livros estrangeiros, elogia o saber do auctor e o seu talento particularmente no que diz respeito á ethnologia e linguistica.

*H. Scherer — Histoire du commerce de toutes les nations depuis les temps anciens jusqu'à nos jours; traduit de l'Allemand par H. Richelot, et Ch. Vogel. Paris. 1857 — 2 vol.*

A traducção d'esta obra, cuja importancia não é meramente historica, é precedida d'um prefacio em que Richelot expõe as phases principaes do commercio desde os tempos mais remotos até nossos dias, e indica as esperanças que no futuro lhe promete o genio activo do seculo XIX. Algumas notas dos traductores combatem ou esclarecem algumas das ideas do auctor.

#### SCIENCIAS POLITICAS.

*M. de la Gracerie — De la république des États-Unis de l'Amérique du Nord — Paris. 1857 — 1 vol.*

É notavel este livro por nos dizer dos Estados-Unidos cousas que não estamos acostumados a ouvir nem a ler. No pensar do auctor a constituição d'aquelles estados longe de ser a causa do seu engrandecimento, será, e mui breve, a da sua ruina pelo muito que favorece os instinctos demagogicos. O A. julga que o laço federativo que é a força d'aquelles estados, não tardará em quebrar-se. É provavel que se não realisem tão tristes e inauditas prophecias, mas este livro nem por isso deixará de ser importante para o conhecimento d'uma

républica que para os publicistas contemporaneos é objecto de tanta meditação, como o fôra para Montesquieu e publicistas do passado seculo a constituição ingleza.

*Dupont-White L'individu et l'État — 1 vol.*

Na questão tão importante e melindrosa das relações entre os individuos e o Estado, o A. affasta-se da opinião dos economistas que partem do principio do — *laissez faire*. — Bom é que appareça em França quem combata a doutrina, lá tão espalhada, que condemnando Proudhon por dizer « *Je suis anarchiste*, » nem por isso deixa ao Estado muito que fazer. É provavel que esta obra faça produzir muitas outras em sentido contrario, o que sempre é de vantagem para o progresso das sciencias.

*Continúa.*

*Ab. Mch.*

#### ERRATAS DO 5.º VOLUME.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
223	1.ª	42	Por <i>rir delle</i>	Por <i>via delle</i>
244	2.ª	41	<i>enfermas</i> " 1	<i>enfermas</i> " 2
"	"	59	<i>Orsim</i>	<i>Orsini</i>
"	"	60	2 <i>Abelly cit.</i>	
245	1.ª	12	<i>en contraste</i>	<i>em contraste</i>
270	2.ª	ultim.	<i>OEWres</i>	<i>L'aure</i>
281	1.ª	51	<i>só por milagre, poderão etc.</i>	<i>só por milagre poderão etc.</i>
"	1.ª	53	<i>que não combatem; outros soldados</i>	<i>que não combatem outros soldados; etc.</i>
"	2.ª	35	<i>vás doutrinas</i>	<i>sás doutrinas</i>
283	1.ª	45	<i>infidél</i>	<i>infidèle.</i>
"	2.ª	42	<i>moissons,</i>	<i>moissons.</i>

#### EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do *Instituto*; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 141; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franco de porte*, será dirigida — *A Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24  
numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$140  
Por semestre, ou 12 numeros, ditos . . . . . 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem do 5.º volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III, IV, e V d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterm á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remetidos dous exemplares.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

### XIV.

Napoleão, elevado a primeiro consul, não podia esquecer-se, na sua grande obra de reparação, d'aquillo, que tão de perto tendia com o allivio do povo, e que tão adaptado era para o captivar.

As expressões do decreto, que readmitte as irmãs, são de sobejo significativas. *Só ellas (diz este) sabiam dirigir os hospícios com cuidado, intelligencia, e economia, como dignas alumnas d'uma instituição, cujo unico fim é amestrar na practica d'uma caridade illimitada.*

Poucos annos depois, em 1809, um novo decreto as associou ao serviço publico em todos os estabelecimentos de beneficencia legal; e diferentes outros artigos de legislação, publicados pelos governos que se seguiram ao primeiro imperio, regularam, em todas as suas partes, esta tão importante collaboração.

Desde então a irmã da caridade quasi tomou lugar entre os funcionarios publicos de França, no que respeita a uma das mais nobres, e por ventura mais difficil das missões soccorrer aos desvalidos, exercendo a caridade legal. São ellas as distribuidoras dos soccorros, que as commissões officiaes de beneficencia (*bureaux de bienfaisance*) destinam para os pobres envergonhados, e por contadas mesmas commissões, as enfermeiras dos doentes pobres, soccorridos em familia; assim como, e sob a mesma inspecção, as directoras e mestras dos asylos da infancia ou da velhice, das cazas de lavor, escholas de meninas, etc.

Nos hospitaes de doentes curaveis, bem como nos hospícios d'incuraveis e em todos os mais a cargo do publico, ellas e outras irmãs hospitalleiras, exercem, igualmente d'accôrdo com a administração civil dos mesmos, a expensas d'esta, e sob a sua direcção, o myster d'enfermeiras.

Adiante daremos conta mais circumstanciada das condições d'esta coadjuvação official, que por uma parte regularisa, e sanciona

fica o exercicio da caridade publica, e pela outra ministra ás irmãs uma parte dos meios materiaes d'existencia de que precisam.

Na legislação franceza respectiva parece-nos haver muito que aproveitar; e o seu estudo esclarecerá o que melhor convenha fazer-se entre nós, por parte do governo, das camaras, misericordias, sociedades d'asylos da infancia etc. para se estabelecerem, e multiplicarem as suas casas.

Com este caracter e serviço publico nem por isso deixam ellas de exercer todos os officios da caridade particular: as que estão addidas aos hospícios e ás commissões e escriptorios (*bureaux*) de beneficencia, quanto é compativel com essa ligação; todas as outras constante e indeterminadamente, como medianeiras entre os ricos e os pobres, servas e procuradores d'estes.

Nestes differentes exercicios esta terceira e ultima epocha de sua gloriosa existencia é sobremodo fecunda nos mais admiraveis exemplos, desde as campanhas de Napoleão, e as successivas invazões do cholera, até á guerra da Criméa; na qual não pouco concorreram para a gloria imperecivel da França, e levaram ainda mais alto e mais longe a fama do seu instituto.

« De volta á França (diz Orsini), quando tudo respirava guerra, viram-se as irmãs nos campos da batalha disputar á morte os mutilados da victoria. Foi ahí que a irmã Martha recebeu um dia, das mãos de Napoleão, o qual venerava todo o genero de coragem, a estrella da legião d'honra. E essa mulher pareceu grande ainda mesmo ao pé dos gigantes do imperio. »

Grande numero de soldados e officiaes, gravemente feridos, e de cujo salvamento a medicina justamente desesperava, deveram aos prodigios de cuidados, aos esforços quasi sobrenaturaes das irmãs enfermeiras, a saúde e a vida.

E todos quantos, ou nas ambulancias, depois dos sanguinolentos combates, ou nos hospitaes militares, no paiz natal, ou no estrangeiro, encontraram a mulher caridosa vestida com o burel do sancto instituto, não tiveram que lamentar a ausencia da familia e a falta das caricias maternas e do abrigo do lar domestico.

E desde então o simples nome d'*irmã da caridade* ficou sendo para o soldado francez um digno objecto da mais alta veneração.

Deixamos de referir copia de factos particulares, anteriores aos ultimos annos, porque sendo estes tão ricos de grandes memorias, bastarão alguns d'elles para acabar o mal traçado e breve quadro, que emprehendemos.

### XV.

A capital da França, como todas as grandes cidades, offerece o penoso contraste da opulencia e da miseria. Entre outros o arrabalde de S. Marcello, e 'nelle a freguezia de S. Médard, são o reverso mais que triste dos campos elysios, dos *boulevarts*, de S. Germano, etc.

Em uma de suas pobres ruas, — *da espada de páo* (o nome diz tudo) ha uma casa d'irmãs, centro e escriptorio da commissão (*bureau*) de beneficencia do 12.<sup>o</sup> districto.

No dia 27 de fevereiro de 1852 M. de Persigny, ministro do interior, entrava 'nesta humilde casa para entregar, em nome do presidente da república, a insignia da legião d'honra á irmã Rosaria, a qual, por espaço de mais de cincoenta annos, prodigalisava cuidados de todo o genero aos pobres e aos desgraçados, como se expressa o decreto.

E o illustre marechal de S. Arnaud, o valente e piedoso general da Crimêa, quiz, elle mesmo, pendurar a insignia sobre o peito da humilde irmã da caridade!

O general Cavaignac, durante o seu curto mas honroso e feliz governo, foi vizital-a.

E mais tarde Napoleão 3.<sup>o</sup>, com a Imperatriz, não se dignou de descer ao pobre hospicio para honrar aquella, a quem os pobres chamavam — *a sua mãe*; e sobre cujo tumulto, venerado como de sancta, no cemiterio do *Monte Parnazo*, se lêem hoje estas singelas e tocantes palavras: — *A boa mãe Rosaria, os seus amigos reconhecidos, os pobres e os ricos!*

Quando desceu á sepultura, quem não advertisse no carro dos pobres, que a conduzia, e no habito do seu instituto, acreditaria que alguma rainha ou princeza era levada á mansão dos mortos. Um de seus biographos (e a imprensa unanime occupou-se da sua morte), depois de esbogar o singelo e magestoso de suas virtudes tão humildes como uteis á humanidade, acrescenta:

«Eis aqui porque quarenta mil pessoas, no dia do funeral; a cruz e as bandeiras á frente do cortejo; a escolta d'honra, os tambores funebres, os magistrados em traje d'officio, os administradores, os illustres generaes, os prelados, os modestos religiosos; eis aqui porque as officinas desertas, as manufacturas abandonadas; os representantes dos grandes nomes historicos da nossa velha monarchia;

nobres damas, confundindo os seus sympathicos sentimentos com os das pobres mães, carregadas de gritos de desesperação: — eis ahi porque um grande numero d'irmãs e religiosas abafando com soluços; aquella fiera de trens brilhantes, com braços d'armas; e esta linha compacta, durante trez horas de passagem do funeral, ajoelhada diante do modesto carro dos pobres.

«Mas honras taes não se prestam senão aos monarchas, aos poderosos da terra.

«A irmã Rosaria foi mais que isto; segundo a palavra do Evangelho, foi a *serva dos pobres*, a personificação, para com elles, da caridade.»

E ninguém julgue que esta humilde superiora da rua da espada de páo se havia feito tão recommendavel por muitas obras extraordinarias, ou acções de maravilhosa dedicação fóra da patria, nas ambulancias dos exercitos, ou mesmo entre os feridos nos campos das batalhas.

A irmã Rosaria, durante mais de cincoenta annos, raras vezes sahio do seu bairro. Grande motivo de caridade era mistér para que deixasse, ainda por pouco tempo, os seus *numerosos filhos*, os desvalidos d'elle.

As muitas instancias da sua velha mãe, com que do paiz de Gex, no Jura, appellidava por vêr a querida filha, costumava desculpar-se com a impossibilidade de os levar a todos comigo.

A sua vida passava no humilde parlatorio, rodeada — ora dos pobres, que vinham procurar ahi soccorros officiaes, e dos ricos caritativos, que concorriam a coadjuval-a com os seus sobejos; — ora d'uns e outros, que desafogavam, no coração da terna mãe, as penas da vida e pediam conselhos e alento; — ora dirigindo, pela mão de pessoas caridosas, uma extensissima correspondencia, toda de caridade, allivio, e soccorro dos que acudiam á sua poderosa e efficaz protecção.

E quando acabava esta audiencia de muitas horas, na qual por vezes se viram, juncto dos pobres, os grandes da terra, sabios, politicos, e diplomaticos da primeira ordem, a superiora corria a vizitar e a consolar os seus filhos, pelas cazas, nas escholas, e nos hospicios.

Começara o exercicio da sua nobre missão, quando o seu instituto, conjunctamente com o sagrado culto, apenas acabava de recuperar a liberdade d'acção e manifestação; e tivera que lutar com uma extrema penuria de recursos, no meio das maiores misérias, não só do corpo, mas muito principalmente da alma, tristes fructos das pavorosas orgias da revolução.

E quando, no dia 6 de fevereiro do anno proximo passado, a sua bella alma compareceu perante Deus, falláram por ella, cubrindo os



pequenos deefitos da humanidade, não só aquellas boas acções de todos os dias, mas um presepio, um asylo da primeira infancia, uma escola de meninas, uma casa de lavôr, uma associação tutelar das donzelas, outra do bom conselho com o mesmo intuito, um asylo de velhos, fundados todos estes estabelecimentos por sua influencia e direcção juncto á casa de soccorros que dirigia; além de constantes e mui valiosas instrucções e conselhos, prestados de boa mente a todas as mais obras e institutos de caridade, que tiveram principio no seu tempo!

« A irmã Rosaria (escreve o visconde de Melun) recebêra de Deus o que dá a auctoridade e o poder; o que segura um bello logar no céu e na terra; o que faz os genios superiores e as almas escolhidas. Tinha a prudencia e a singeleza, a superior intelligencia e a virtude, a innocencia e o genio. Era capaz de governar os homens, de fundar magnificas instituições, de deixar depois de si os mais profundos vestigios; podia passar a vida a fazer cousas grandes.

« Preferiu a uniformidade d'uma existencia obscura, que se dedica á practica habitual do bem; recomeçou cada dia o trabalho da vespôra, sem jamais procurar sabir da linha traçada, e da estrada commun; sem que fosse possivel distinguir qual dos seus dias havia sido mais util, e qual de suas acções mais meritoria.

« Em summa, durante mais de cincoenta annos, empregou o seu genio e a sua virtude em desempenhar, melhor que ninguem, os mais ordinarios deveres de sua sancta profissão.

« Esta preferencia fez o merito, a utilidade, e a grandeza da sua vida. As acções estrondosas, os sacrificios sublimes, são esforço d'um dia; levam consigo o estimulo e a recompensa. A alma encontra, na sua mesma energia, a alavanca, que a ergue, sustenta o seu impulso, e multiplica a sua energia. Em toda a acção grande, ha alguma cousa do arastamento que impelle ao assalto o soldado, e faz muitas vezes, d'um homem mediano, um heroe no campo da batalhã. As feridas e a mesma morte, tem seus attractivos debaixo da fôrma da gloria, ou do martyrio.

« A dedicação occulta, que renova, a cada hora, o seu sacrificio; que, sem estrondo nem brilho, se dispende, gôta á gôta, pelas fraquezas e miserias humanas, exige uma vontade superior, e o complexo das mais altas virtudes. Custa mais á natureza, e rende mais á humanidade.

« Ao trabalho penoso e vulgar, que vira e revira a terra sem cessar, são devidas as ricas seáras. O modesto ensino das escolas primarias e christãs serve mais para regenerar um povo, que as lições eloquentes de seus sabios e doutores. É a irmã Rosaria

curou maior numero de males, e salvou mais almas por suas vizitas, palavras, e soccorros quotidianos, do que seria possivel por alguns factos brilhantes, e as mais heroicas acções.

« Por uma rara excepção, os homens que não concedem os seus aplausos senão ao que brilha e resôa, admiraram nella a obscuridade e o silencio; deram gloria á humildade dos simples deveres, preferiram a perfeição da obra ao seu esplendor; 'numa palavra, julgaram-na, como julga o mesmo Deus.

« Fazer o melhor possivel as cousas ordinarias, tal foi a regra e o fim de toda a vida da irmã Rosaria; tal é hoje o seu merito e a sua gloria aos olhos de Deus e dos homens; tal será a grande, e saudavel lição que são tidas na historia. »

A irmã Rosaria foi a personificação, a realidade do mais bello ideal das *irmãs de caridade*; e estes tributos de superior veneração, que lhe prestaram, na sua morte, os pobres e os ricos, os ignorantes e os sabios, foram a fiel expressão do conceito em que são tidas na primeira nação do mundo.

Sobre a sua sepultura, apenas fechada, dizia o administrador (*maire*) do decimo segundo bairro (*arrondissement*), entre outras sentidas palavras, as seguintes:— Digna filha de S. Vicente de Paulo, vestio o habito da sua ordem d'um tal modo (o que parecia difficil) que o tornou ainda mais respeitavel e mais caro ao povo. »

Continúa.

A. FORJAZ.

## VISÕES.

### O Racionalismo e o Christianismo.

Quando as palpebras cerrando-se m'escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito voam-se para o mundo das existencias ideaes. As vezes a felicidade e a esperanza vêm consolar-me então; muitas mais, porém, os sonhos maus me perseguem; e por bem alto preço me sahem os instantes de ventura transitoria, trazidos por visões consoladoras.

A. HERCULANO.

#### VISÃO PRIMEIRA.

##### I.

Era na hora, que precede cerrada a ante-manhã.

Longa me tinha sido a noite velada á luz do candieiro sobre a pagina de livros, que a Allemanha diffunde per todos os povos, como o vento varre per todas as nações o cholera do Ganges, sacudindo assolação sobre todos os povoados.

O corpo alquebrado tinha-me pendido em torpôr escadelecete, e eu buscara o meu catre, como se para o meu anhelar de lenitivos me fosse alli guardado.

O espirito do Senhor baixou então sobre o meu espirito, e inundou de luz as trevas do meu pensamento.

E eu vi.

Vista foi essa d'horrores, que ainda ao lembal-os me regelam o sangue e para cujo descrever não sei de palavras em linguagem d'homens, que vivas as retratem.

—O coração do homem é um como molde, em que o sentimento vaza acendradas as concepções da phantazia, as máguas da saudade, e as aspirações do futuro.

Como o excesso de metal candente, vazando-se no molde, o fende e despedaça, deixando defeituosa a estatua; assim o excesso do sentimento, rompendo do coração, só tem para enviar aos labios palavras inintelligíveis, phrases incoherentes.

Não, não venham pedir-me o pautado do rythmo, quando a angustia me trocar as palavras em lagrimas! —

A principio, obscura e confusa, a scena deixava apenas descortinar-se e só o arruido de fallas e pragas e maldições me estourava nos ouvidos como o fragor da vaga espedagando-se em extensos alcantis de praia solitaria.

Pouco e pouco veio depois aclarando a meus olhos. Vasta era a região, em que a scena se passava: — era no coração da Europa.

E eu achei-me alli transportado em espirito, para ver o horroroso espectáculo, para escutar as infernaes blasfemias, que por escriptura me vou agora a manifestar.

Quem tiver ouvidos para a verdade, ouça: quem tiver olhos para a luz, veja: quem tiver coração para a piedade, amerceie-se. O Senhor vê nas entranhas dos nossos pensamentos, como o homem vê no transparente do crystal.

## II.

Extensa região era aquella: o céu anuviado e negro de bulções sobre lhe pezava como campá chumbada em sepulcro: luzir d'estrella, melancolico e suave, não rompia a traveza da cerração.

Era a hora, em que o poderoso se delicia nos bailes e se embriaga nas orgias; em que o indigente treme entanguido sob o tecto nu e clama a Deus o pão quotidiano; em que, ao passar juncto do brejo arraiaado de fogos fatuos, o camponez sente confranger-se-lhe de pavor o coração, e a bocca lhe reza rezas inaprendidas. Era a hora dos mysterios: mysterios na natureza e mysterios no coração do homem.

E foi então. Em volta de cemiterio, longo

e vedado por altos pannos de muro, enxa-meavam, em tripudio obsceno, vultos de homem indiscriminaveis e ruidosos: as phrases torpes e as gargalhadas insultuosas d'alli partidas restrugiam-me nos ouvidos como assonancia de mil gritos de condemnados, casados 'numa só blasfemia.

Palavras com que se alentavam, não são para referir-se, sem se debulharem olhos em lagrimas e o corpo cahir em joelhos, afervorando orações.

Gloria a Deus nas alturas, para que ponha nos meus labios palavras de consolo, que esforcem o espirito, narrando visões que infiam medos em coração religioso.

## III.

O negrume, que circumdava o quadro, começava clareando mui tenuemente, e os vultos appareciam já distinctas formas d'homens.

Cessára o tripudiar: — e vêl-os que accorrem englobados para a gradaria do cemiterio e lhe mettem hombros, tentando deschumbal-a do canto immovel na muralha. A grade resiste e o ferreo portão geme concusso nos gonzos seculares.

Lá dentro, o ramalhar dos cedros e o meannear dos cyprestes, agoitados pelo vento, vertem uma toada lugubre sobre as lageas ennegrecidas dos tumulos. A cornija, esvoaçando em torno do cruzeiro, levantado na área central do cemiterio, apagou com a ponta da aza a luz que bruxuleava na lampada sagrada. As corôas de perpétuas e de goivos cahiram desfolhadas das urnas funerarias. — Vai lá um quasi profundo silencio que contrasta com o tumulto d'affrontas e injurias trovejadas fóra do ádito.

Redobram d'impulso os golpes na ferrea porta: as barras arqueam-se, cedendo: as dobradiças e ferrolhos estalam, partindo. Um ultimo impeto e eila que cahe pedaços, des-soldadas as maciças hastes

Como a ribeira, engrossada no inverno com os corrêgos das serranias, rompendo d'encontro ao muro do campo o alúe e, entrando furiosa, se espria e leva consigo o celeiro e os gados e o alpendre, deixando a devastação e a miseria e a fome; assim, rasgada a entrada, essa pinha d'homens, como bando d'abutres medonhos, se alastra per entre as campas, para começarem a sua obra d'impiedade.

Tranzido d'horror tentei desviar então as minhas vistas do barbaro espectáculo, e furtar os meus ouvidos ao terrifico das pragas: — embalde: o espirito do Senhor ordenou-me que visse, e ouvi-se.

E as minhas vistas viram, e os meus ouvidos ouviram. — Grande é o Senhor, que descobre ao homem as sevicias do perverso.

## IV.

A cruz estava hasteada firme sobre todas as sepulturas. A piedade murmurára ahí, durante seculos; a oração que supplica a paz e esquecimento do mundo.

Mas os vultos amontoam-se-lhes em torno; e a cruz oscilla, e a lagea partindo-se deixa a descoberto os esqueletos carcomidos.

Um rugido soturno de contentamento, reboou então de todos esses homens, ao colhe-rem ás mãos os ossos escarnados de seus páes. Era um rugido satânico. — A cruz ficára outra vez immovel.

Do centro do cemiterio soou em seguida uma voz, chamando-os pelos seus nomes a juramento: — « Strauss, Bauer, Lutzberger, Feuerbach, Stirner... » e outros e outros que a minha memoria deslembra. Folgando e rindo eil-os correm per sobre as ossadas como se per sobre mimosas alcatifas de veludo.

— Meu Deus! meu Deus! que a impiedade assim folgue em meio do seu delirio!

Que homem é esse que, alteado no pedestal da cruz, e tendo em uma das mãos uma taça de licôr, e pousando a outra sobre um craneo esburgado e lustroso, ajuramenta seus irmãos, para derrubarem a cruz, escarnecendo a memoria do Christo?

« A cruz é uma afronta, disse elle, á nossa liberdade; a crença de nossos paes um escarneio á nossa intelligencia; o suppliciado do Calvario uma idéa indigna do nosso sentimento. Juremos, pois, derrocar a cruz, apodrar a crença, aniquilar a idéa. »

« Juramos, » disseram todos, pondo cada um a mão sobre a caveira fria e descarnada de seu pai, arrancada ao repouso do tumulo! E a terra tremeu a essa jura, como se vulcão violento lhe palpitasse impetuoso nas entranhas, sem conseguir resfolar fóra.

— O cemiterio é a historia da crença d'um povo, como a historia é o cemiterio d'esse povo.

Como o tyranno insulta as recordações de grandes feitos, rasgando as paginas da historia, a planta do impio ultraja as virtudes da fé, calcando os ossos nus de seus maiores.

Paz e quietação, oh meu Deus, para o meu cadaver sob a louza da sepultura!

Já que, sacerdote da cruz, me não é dado escutar alli a oração afervorada pela piedade filial, possa, ao menos, descer-me com o orvalho da manhã a bençã de meus irmãos.

— A mortalha da alma é a eternidade. Mas a do corpo é o esquecimento, a admiração ou o vilipendio.

O gusano dos sepulcros roe menos o sudario do cadaver, do que a inveja a memoria do morto.

A alma, porém, está intacta perante o throno divino, aguardando o momento de entrar na balança.

— A baba do verme pollue as folhas da flôr que cahem para a terra; mas não lhe altera o perfume que, embalsamando os ares, sobe para o céu.

Repouso, oh meu Deus, para os meus restos no seio da terra, e misericordia para a minha alma antes do julgamento final.

## V.

E a visão proseguia.

De repente aquella scena tão medonha d'horrores furtou-se totalmente á minha vista, para dar lugar a outra não menos terrivel. Foi como a rapida substituição d'um quadro na camara-obscura.

Magestosa fabrica d'antiga cathedral, erguida por braços robustecidos ao bafo vivificador da religião, me avultava agora ante os olhos. As torres e as cúpulas e os corucheus, apurando-se para os ares, similhavam as mãos unidas e levantadas do velho, prostrado em oração ao Creador.

Ao travez dos espessos lanços das paredes eu contemplava, como se ao travéz de clarissimo vidro, o interior do templo sacrosancto. — Passava-se ahí espectaculo grandioso de sublimidade.

Vestido todo de viçosas e recedentes flôres, e alumiado de mil lumes elevava-se ao fundo um magnifico throno sobre o qual em riquissimo vaso estava a Hostia.

O incenso, requintando de suavidade com o aroma delicadissimo das flôres, derramava-se em nuvens na amplidão da nave, aonde a nota solemne do órgão, como se fóra extrahida por mão d'archanjo em concerto celeste, vinha sussurrar melodiosa.

Perante a ara sancta, cahidos todos em joelhos sobre as duras lageas do pavimento, viam-se promiscuamente as cans do anção rareadas sobre a testa pallida, e as madeixas negras da virgem, descendo enovelladas em anneis lustrosos sobre a candura do seio; e entremeavam-se graciosamente as tenras faces dos meninos, com os rostos crestados dos guerreiros, e as fronte sulcadas dos magistrados.

Um só principio ahí os unia — Deus; e um só fim — a oração.

Em quanto no recinto do templo, todo banhado de luz e de perfumes e d'hymnos, me deliciava a vista este espectaculo tão ungido de crença viva e tão repassado de poesia divina, fóra, na profundidade das trevas exteriores, rugia a colera impotente do blasfemo e a impiedade maldicta do atheu.

Pensamento era diabolico o que ahí congregava esses vultos sinistros, que á mingua de palavra se davam reciprocamente o nome de — *philosophos*.

— A philosophia esmaga a a pedra levantada d'um tumulo.

Philosopho é o homem que vê na vida d'além-mundo o balsamo das angustias terrestres.

Philosopho é o coração que interpreta o ai do moribundo no linhar da existência, como ineffável saudação da luz radiosa que, através do lençol funerario, lhe aclara uma existência sem limites.

Grande és, oh Deus! que permittes ao verme envolto no seu lodo o ajuntar o zunido ao cantico inenarravel, que dos milhões d'orbes na amplidão dos céus sobe para o teu throno.

Misericordiosissimo és, que consentes ao homem o elevar-se das profundezas do seu nada, até á concepção da tua Omnipotencia!

## VI.

E seguia a visão.

Extremo esforço de sacrilegio ia ali travar-se. — No pallor das trevas sentia-se a espaços o choque soturno de ferros.

Não era o tinir sonoro da espada do soldado, lampejando ao sol brilhante das batalhas, em defesa das liberdades queridas da patria, contra inimigo estrangeiro; não. Não era o afeiçoar da lamina em braza sobre a bigorna, para machina civilisadora, ou para relha fecundante da terra, não.

Som era esse como o aspero roçar da broca, nas mãos calosas do cavouqueiro; rasgando as entranhas da penedia. Era como o vagaroso arrastar de cadeias no humido lagado de calabouço sombrio, por matricida allucinado de terrores na vespera de subir ao patibulo.

E que desde muito haviam elles tentado a luta das idéas; mas debalde: a crença enraizara profunda.

— A idéa mundifica-se no purgatorio da discussão. E da discussão, como do embate dos corpos nasce a luz, tinha sabido sempre a verdade, e com ella o conforto do animo.

Era, pois, mister tentar outro meio — o da força.

Por isso é que a atavanea buscava embeber-se destruidora nas fendas do solido cubal do templo: Minados os alicerces, as assombrosas moles de granito da abobada secular, desabando do alto, viriam esmagalhar-se no pavimento, tingindo-se no sangue espirrado dos membros do crente surprehendido no fervor da oração.

Infernal era a tarefa em que se emphrenziavam. E a minha alma debatia-se horrosada em torturas incomportaveis.

No auge da lida, reunidos os braços e os esforços, o impulso cresce vigoroso, e no vertice augusto do templo a cruz principia a vacillar... a vacillar...

Acordei.

## VII.

Como o enfermo, apoz longa noite de mar-

tyrio, tendo repousado a cabeça trabalhada por doença febril, acorda com as faces afogueadas, os olhos chamejantes, e o suor a manar-lhe copioso da fronte; assim eu de subito acordei com o corpo meio erguido no leito, apoz bem curto descanso; — se descansoahi houve.

A luz do sol nascente, em toda magestade e decura de formosissima manhã de primavera, inundava-me o quarto e brincava em ondas de fogo, estirando-se no despido sobrado.

Fôra, com ufania de verdura e de flores, viçava a florida acacia perfumada com a silvestre madressilva, que desde a raiz se lhe casava, enredando-se até a extremidade das ramas. E, melodiando sentidissimos quebros, soltava o roxinol tão saudosos e improvisados gorgeios, que era embriagar de delicias ouvil-o.

Generoso é o sol que, derramando-se em chuvers de luz, mostra ao homem a altura do abysmo, sobre que levantara o pé imprevidente.

Benefica é a flor que, embebecendo-nos de perfumes, nos adormece as magãs, acalmando as tempestades do coração.

Abençoada é a ave que, desferindo as harmonias do canto, nos não deixa escutar os gemidos d'agonias entranháveis.

Sublime é toda a natureza. — Só o homem é um enigma, sem chegar a ser um absurdo, na creação.

E, cabindo de joelhos, ergui as mãos para Deus; e do coração me rebentou espontanea e fervente a oração.

Infinita é a misericordia do Senhor, que para o arrependimento deu ao homem a palavra e para alivio as lagrimas!

A. A.

## O CANAL MARITIMO DE SUEZ.

Restituir ao Mediterraneo o caminho seguido pelo commercio antigo, e que fôra abandonado, ha quasi quatro seculos, pela descoberta do Cabo da Boa Esperança; é, em ultima analyse, o problema (de resolver). Pharaó Nechas, filho de Psammicho, foi o primeiro que decretou o corte do istmo de Suez; limitava-se, porém, a querer ligar o mar Vermelho com o Nilo. Os trabalhos começados durante o seu reinado, e que supersticiosos receios fizeram abandonar, custaram a vida a 120.000 obreiros. Dario, o filho do conquistador, não continuou estes trabalhos, porque alguns pretendidos sábios o persuadiram de que o nivel do mar Vermelho era muito mais elevado do que o do Nilo; deixou portanto aos Ptolomeus a gloria de abrirem definitivamente esta via maritima, que o im-

perador Adriano estendeu e aperfeiçoou, mas que, alguns seculos depois, entulhou, e posteriormente de todo fez desaparecer um mu-sulmano ignorante e rude.

A primeira idéa d'uma communicação directa entre os dous mares, por meio d'um canal que ligasse Suez e Peluza foi sub-metido á approvação de Omar, o decantado companheiro de Mahomet, o sinistro incendiário da bibliotheca d'Alexandria, pelo seu tenente Amrou; porém Omar repellido este projecto.

O primeiro cuidado do general Bonaparte, depois da conquista do Egypto, foi de mandar procurar os vestigios do canal dos Ptolomeus; ordenou além d'isso a um dos engenheiros addidos á expedição, que executasse o nivelamento dos terrenos situados entre o Nilo e o mar Vermelho e que lhe apresentasse o projecto de um novo canal entre os dous mares. Este engenheiro, Le Père, que operava em circumstancias excessivamente difficeis, que só dispunha de limitados meios, que se viu impossibilitado de submeter os resultados do seu nivelamento á prova, sempre indispensavel, d'uma segunda operação, cabiu, desgraçadamente no erro, e deu ao mar Vermelho uma excessiva elevação acima do Mediterraneo; o projecto de Napoleão achava-se por consequencia destruido pela base.

Cincoenta annos depois, Mehemet-Ali mandou fazer o canal Mahmoudieh, que restabe-leceu entre Alexandria e o Cairo uma communicação havia seculos interrompida. Quasi pela mesma epocha a Inglaterra, que conquistára cem milhões de subditos nas bacias do Ganges e do Indo, sentiu a necessidade de reunir as suas immensas colónias á Europa por uma via de communicação menos indirecta, menos demorada e menos perigosa que a do Oceano, a qual obriga a dobrar o cabo de Boa Esperança. Duas linhas de vapores de grande velocidade, ligaram por uma parte Londres e Alexandria, pela outra Suez e Bombaim, Calcutta, Singapura, a China; os despachos, os viajantes, os thesouros eram transportados d'um a outro mar em cima de camellos, estes navios do deserto. O novo caminho, porém, não fazia ao antigo senão uma mui limitada concorrência. A quantidade de frete conhiada ao Oceano é, pelo menos, trinta vezes maior, do que a transportada pelo Mediterraneo. Verdade é, que um caminho de ferro não tardará em unir Alexandria ao Cairo, e em breve as locomotivas alcançarão até ao mar Vermelho. Cem dias, pelo menos, de navegação serão então substituidos por 25 dias de segura viagem. Ir-se-ha quatro vezes mais depressa, mas com despesa quasi do dobro; os governos acceitarão tão custosa velocidade, mas não assim o commercio, que sómente renun-

ciará aos longos rodeios do Oceano, quando a abertura d'um canal maritimo fizer passar directamente os navios do mar Vermelho para o Mediterraneo. Por isso já em 1841 vemos Mr. Linant, engenheiro ao serviço do vice-rei do Egypto, tractar, primeiro com a companhia peninsular, depois com outra companhia, d'um projecto de canal entre Peluza e Suez. O primeiro passo a dar era proceder a um novo nivelamento que estabelecesse o verdadeiro nivel relativo dos dois mares. D'este trabalho foi encarregado Mr. Bourdaloue, operador muito habil, experimentado e seguro, o qual levou á evidencia, que o nivel medio do mar Vermelho excede apenas de 68 centimetros o nivel medio do Mediterraneo; de modo que nunca se pôde dar d'um mar ao outro uma corrente sempre no mesmo sentido, impossivel de vencer; e que só se neutralizasse com grandes e custosos trabalhos. O terreno achava-se desde logo desembarçado; mas para lançar os fundamentos de tão gigantesca empreza, carecia-se de uma intelligencia e de uma vontade, que estivessem, por assim dizer, a par d'ella; esta intelligencia e esta vontade, ao cabo de quatorze annos de demora, reuniram-se finalmente em Mr. Ferdinand de Lesseps.

O mais essencial logo no principio era evitar invejas interna cionaes. Submettendo o seu projecto á approvação do vice-rei do Egypto, Mr. de Lesseps collocou-o debaixo do patronato de uma companhia universal, e sob a direcção d'uma commissão internacional, em que o Egypto era representado por MM. Linant e Mougel, beys; a Hollanda por Mr. Conrad, engenheiro em chefe dos trabalhos hydraulicos do *waterstaat*; a Austria por Mr. de Negrelli, inspector geral dos caminhos de ferro; os Estados Sardos por Mr. Paleocapa, ministro das obras publicas; a Espanha pelo sr. Cipriano Segundo, director das obras publicas; a Inglaterra por MM. Rendel, Mac-Lean, Manby, engenheiros, e Harris, capitão de fragata; e finalmente a França por MM. Renaud inspector geral das pontes e calçadas, Liéussou, engenheiro hydrographo, Jaurès e Rigault de Genouilly, officiaes de marinha.

*Continúa.*

F. MORENO.

(Cosmos.)

## EXCERPTOS

D'uma viagem a Inglaterra.

CAPITULO . . .

Visita ao castello d'Windsor.

Continuado de pag. 252 do 5.º vol.

Se, antes de mais, segredassemos d'aqui ao leitor que, sómente desde 1820 para cá, tem

esta famosa fabrica consumido á nação ingleza, em reparos e refazimentos ou *refacimentos*, muito para cima de DOZE MILHÕES DE CRUZADOS, estamos quasi inclinado a crer que tomava isto á conta de bulra: e não menos, se lhe pompeassemos aqui os luxos e esplendores que encerram as galerias e as capellas e os salões e, emfim, tudo quanto alli vê ainda a vista menos perscrutadora.

Para não darmos, porém, aberta a que nos critique, trancaremos 'neste passo este capitulo, deixando para outro o fallar-lhe de mil graciosidades de parques e aleas de choupas e estatuas e *Virginia Water* e da nossa volta pela deleitosissima *Richmond*.

Tudo isso nos fica de remissa.

#### CAPITULO . . .

#### *De Liverpool a Manchester, — e de Manchester a Londres.*

Comprado bilhete de primeira classe 'num trem *expresso* e depositados, convenientemente, os *saccos* e bagagem no escriptorio da estação, viemos para a porta esperar os 8 minutos que faltavam para a hora marcada, observando, embora muito de longe, a recepção á porta da gradaria de *S. George's Hall*, «Tribunal de S. Jorge» do juiz que d'alli era acompanhado, ao som de cornetas, por empregados vestidos de preto com brandões em punho, até ao topo da escadaria.

Saltearam-nos, 'nesse momento, lembranças dos badeis da nossa Universidade e, com estas, o estado dos nossos estudos em face das varias Universidades da Europa e, entre estes, o cáhos horroroso da nossa legislação. — Lembranças amargas foram essas, sem dúvida.

Todas as nações europeas, ainda as de menor vulto, possuem e são regidas, ha muitos annos, por leis codificadas e o nosso codigo civil, é ainda um projecto, um sonho! As nossas *ordenações*, e o direito romano a que nos soccorremos infinitas vezes, só têm em seu abono o serem o mais disparatado absurdo que podemos, entre innumerous outros, registrar no terceiro quartel do seculo dezenove. A nossa sociedade, como todas as de mais, soffreram nos dous seculos e meio ultimos e vão soffrendo, de dia para dia, modificações radicalissimas, alterações essenciaissimas. E uma lei estacionaria tem, apenas, 'neste caso, a exquisita qualidade de ser a maior das inépcias imaginarias.

Oh! mas Inglaterra tambem não tem codigo nenhum. — E' verdade isso, é, não o negamos. Inglaterra nem sequer possui um codigo de commercio e, todavia, sob a garra do leopardo britannico desfraldam-se em todos os oceanos, desde a mais recondita enseada do mar da China até . . . até . . . que sci eu? por

toda parte, as numerosissimas velas dos seus navios ou obscurecem o sol as incontaveis chaminés dos seus vapores mercantes. Mas d'ahi não ha colher exemplos, nem desumir argumentos; porque a orgulhosa rainha dos mares é uma excepção a tudo e em tudo.

Aonde tremula dominiosa a bandeira dos trez reinos-unidos, o juiz é o oraculo incorruptivel da lei.

A lei, o costume e o juiz são trez elementos quasi inseparaveis, indescriminaveis na jurisprudencia britannica. A lei é o elemento historico e estavel; o costume o elemento legislativo e modificador; o juiz o elemento philosophico e regulador.

Conhecendo que a sociedade, a cada momento da sua existencia, dá um passo no caminho do futuro, despojando uns habitos para acalentar outros, e modificando o seu sentir e o seu existir, o juiz acompanha, estudando-as, essas variações, para adaptar, com a maxima justeza, a lei ao caso occorrente e imprevisto. E ao mesmo tempo, peregrina anomalia! a disposição ácerca de caso previsto, é tão acatada como o texto original da Biblia para os que admittem a inspiração nas palavras!

Ai! Inglaterra, Inglaterra, em quantas mil cousas não vais tu muito adiante das nações que se dizem na vanguarda da civilização. Oxalá todos te estudassem, como devem.

Leitor, descancemos aqui alguns minutos porque temos a fazer-te uma declaração . . . queríamos dizer, incumbe-nos dar uma explicação a V. Excellencia (hoje todos temos, e por isso damos *excellencia*!)

*Aquelle tu e vós, quando algum dia  
Havia em Portugal sinceridade  
Acabou . . .*

Pois bem; deixal-o acabar.

Mas, o que queríamos dizer, era, que estes EXCERPTOS ou, melhor diremos, estas *paginas* que desconnexas vamos agora copiando do nosso *album de viagem*, sentimol-o bem, se exhibem a teus olhos demasiadamente despretenciosas, contra o direito consuetudinario dos viagistas, *id est*, dos contadores de viagens. Para cumprir esse desejo do leitor, facil nos fôra, 'neste ensejo, a empresa de encher alguns periodos com a contenda entre os asseclas e os impugnadores da codificação, enfileirando vinte nomes dos mais conspiciosos. Mas faltam-nos o tempo e vontade para alardear essa pasmosa erudição.

O que faremos, isso sim, se um dia menos cuidado de cuidados nos der para folgar ocios e serões com estas *paginas*, é, expurgando-lhes a dicção, mostrar-lhes as idéas parasitas, enchendo-lhes, ao mesmo passo, os raleiros.

Ai! mas perdão! mil vezes perdão, leitor; que combatido por estes pensamentos deixámos

de reparar na entrada do juiz em *S. George's Hall*. Fatal esquecimento!

Não tarda já a soar o instante da partida e a deixarmos a vasta estação de Liverpool ou *Lime S. Station*, perante a qual se observa, estendendo-se *large ladeque*, o sumptuoso edificio do Tribunal de S. Jorge, ultimamente concluido, ou antes construido. A nossa praça de commercio no Porto que, decididamente, não é mais de metade d'este, anda a edificar-se ou, se querem, a reformar-se do antigo convento dos Franciscanos ha mais de 15 janeiros, e ainda não está nem em meio, ao passo que *S. George's Hall* se completou em cerca d'um anno!

É que, em Inglaterra, o dinheiro é a primeira machina que se applica. Antes de lançar-se o traçado d'uma construcção toma-se o peso á *cash*. Ao brilho esplendoroso do ouro dos banqueiros millonarios, aprofundam-se os alicerces, cimentam-se as pedras, acastellam-se os tijolos, apuram-se as columnas, folheam-se as fustes, asphalta-se o telhado, sublimam-se as grimpas, e eis o projectado edificio quasi fundindo a data da planta com a do acabamento.—Do topo dos zimbórios podem gozar-se as bandeiras que victoriam o primeiro anniversario do projecto.—Em Inglaterra a concepção e a execução, são os dous termos do raciocinio.

Recolhamo-nos á carruagem. Vamos sós no *coupe*, eu e o meu companheiro F., para podermos fumar á vontade, mediante meia corôa que esportulei ao guarda.

Lembra-nos denasiado a sr.<sup>a</sup> A. B. . . para desejarmos expôr-nos a outra impertinencia.

Ao começar a mover-se o trem, apertei, por despedida, a mão a meu irmão J. A. pela janella da carruagem. Bailavam-nos as lagrimas nos olhos. Apertando o passo, deslizou ao longo das locomotivas, e foi esperar-me á entrada do tunel. «Adeus, meu bom J.» disse-lhe eu ao vê-lo acenando-me com a mão direita e escondendo com a esquerda os olhos, d'onde lhe rolavam as saudosas lagrimas de despedida. Quem sabe se volveremos a ver-nos e abraçar-nos. . . . Agora, que estamos transcendendo estas paginas, sentimos, de novo, vivas e ardentes, como 'nesse instante, as lagr. . . . — Como é formado o coração do homem!

Chegamos, 'neste passo, a um ponto, em que esperamos impetrar a mais sollicita attenção do leitor, para que tenha cabal conhecimento do character inglez em toda sua inegalavel frieza. Não ha nada que revele tanto ao vivo a gelada independencia do character britannico como uma despedida. O inglez conciliou consigo a idéa de que um abraço ou uma lagrima em despedida era um abuso, um luxo, e supprimiu essa demonstração affectiva. Hoje a pragmatica não se altera por circumstancia nenhuma. Não ha amor, nem amizade

capaz d'espremer uma lagrima áquellas esponjas de cerveja.

Se não, vejam. — Um pae, entrado já por mais de sessenta annos, vem á estação despedir-se de dous filhos imberbes ainda. Um d'elles, indo simplesmente acompanhar o irmão ao embarque em Londres, pôde á boca da noite estar no seio da familia; — em quanto que o outro, sendo a primeira vez que sahe do seu paiz e do aconchego domestico, vai 'num navio de vela arrostar com o encapelado do mar, enfiar com o silvo do vento nas enxarcias, navegando até á nova Hollanda: — pois bem! o pae despede-os igualmente; o que verá d'ahi a poucas horas e o que talvez não torne a ver. É o mesmo aperto de mão para ambos! *Goodby John; goodby William* (adeus, João; adeus, Guilherme.) Não ha a minima differença, não ha um conselho a maior, uma saudade mais viva a este do que áquelle.

A lei das despedidas foi omissa em declarar a excepção d'uma viagem longa, e o inglez, portanto, não se crê com direito de poder fazer-lhe uma interpretação extensiva.

É 'neste facto, como em todos. Assim, por exemplo, a lei ordena que o dono d'um cão, que causou tal ou tal prejuizo, pague tanto ou quanto: — pois muito bem; feito o detrimento, o dono vem a juizo, prova que o seu animalzinho não é cão, mas sim cadella, e eil-o que fica livre e o seu adversario, ainda em cima, condemnado nas custas da demanda! Mirifica lei ingleza! E chamam a isto plena liberdade, e, o que mais é, se alguém os argue d'esta vergonhosa incoherencia replicam orgulhosos que *nesse mesmo direito, que elles têm de não interpretarem extensivamente a lei, está a liberdade.*

Os anjos os entendam.

«Ai! que frescura tão pouco agradável, que tem este *tunnel*.» Esta expressão soltava-a eu, ao passo que cerrava as vidraças do vehiculo e me ensacava na confortativa manta de viagem, indo em meio do vasto e admiravel tunel de Liverpool, que corre todo por baixo da cidade. É este um dos mais maravilhosos tunéis que ha até hoje em carris-ferreos, e o unico de que me lembre com declive sensivel. Na descida, apagada a maquina, os carros são levados pelo peso proprio.

Para quem journadêa em vias-ferreas as primeiras vezes, o passo mais difficil é sempre a passagem d'um tunel d'alguuma extensão. Totalmente ás escuras e, portanto, com o sentido da vista em completa 3.<sup>a</sup> sessão, a vida afflue-lhe toda aos outros, principalmente ao ouvido, e dá em resultado que o ruido longinquo da chaminé casado ao do attrito das rodas nos carris, e ao movimento do ar zumbindo impellido entre os vagões, e tudo isto, ainda para mais, duplicado pelo echo que rebôa pelas abobadas, e mais distincto pelo silencio que alli reina, lhe parecem harmonias

infernaes. Se além d'isto acontece passarem, cruzando-se, um ou mais trens expressos ao mesmo tempo, então o temor sobe de ponto e, ao surgir fora, os musculos da face contrahidos, a côr livida e as pupillas ainda dilatadas visivelmente mostram o horrivel pezadello que por minutos ia affogando aquella creatura descostumada. Foi o que se deu com o meu co-jornadeador F.

Cá vamos fóra. Eis-nos em pleno ar; o campo é lindo; é lindissimo como em todos os covados do sólo que tem a *terra do Anjo* (*Angel land*) *id est* Inglaterra. Bem sabemos que tudo alli é brago d'homem; que a arvore não pode crescer além d'uma determinada altura, pena de vir a podôa abater a frança republicana e incorregivel; que a beterrava não tem licença para folhar-se além dos dictames previstos na *magna charta*; sabemos todos isso: — mas, não obstante, essa natureza d'arteficio não dá mais realce á sahida d'uma cidade do que dão esses exidos áridos, e apenas cubertos de queirozes e urzes que tão vulgares não no nosso paiz? Respondam outros que a nossa resposta sair-nos-ia agora da penna demasiado azeda de fel e, portanto, pouco accorde com o estylo facêto de viagista despretençioso.

São 9.<sup>h</sup> e 10.<sup>m</sup>, pára o trem em *Rainhill* (outeiro da chuva) que podíamos traduzir perfeitissimamente por *Coimbra* (*collis imbrium*). Ha muitos que a *collis imbrium* vão buscar a etymologia do nome Coimbra e, a serem d'algum apreço etymologias, não será, por certo, esta a que menos vizes tenha de fundamentada: *Collimbria* se diz em latim Coimbra.

Com medo, pois, de chovas nos deixámos ficar, durante os dois minutos que se demoraram os vagões, enroscado e aconchegado no logar, como se foramos inglez, e o mesmo fizemos em Newton, aonde parámos ás 9.<sup>h</sup> e 38.<sup>m</sup>

Continúa.

A. A.

## BIBLIOGRAPHIA.<sup>1</sup>

### NOTICIA

D'ALGUNS LIVROS RECENTEMENTE PUBLICADOS.

Continuado de pag. 12.

DIREITO PORTUGUEZ.

*Resoluções do Conselho d'Estado na secção do contencioso administrativo, colligidas e explicadas por José Silvestre Ribeiro (tom. I, a V.). Lisboa, Impr. Nac. 1854 a 1856.*

<sup>1</sup> O *Instituto* annuncia e relata todas as obras de que forem enviados dois exemplares.

(Nota da R.)

O sr. Silvestre Ribeiro, já conhecido por outras obras litterarias e administrativas, e não menos pela intelligencia e zelo com que tem servido o nosso paiz, já no parlamento, já em logares de administração, teve a feliz lembrança de nos appresentar as resoluções do Conselho d'Estado na secção do contencioso administrativo desde o anno de 1849, em que este Tribunal começou a funcionar administrativamente. A simples collecção das resoluções era uma obra utilissima; mas seria muito inferior aos recursos de que dispõe o sr. Silvestre Ribeiro, se elle se limitasse á modesta missão de compilador.

Não o fez assim. O objecto do recurso é appresentado primeiro e em separado, depois a sua resolução; segue-se a doutrina ou principio juridico que dimana da resolução; transcreve ou refere os diplomas officiaes que se occupam do objecto sobre que versa o recurso; expõe muitas vezes os principios administrativos áquelle respeito, e dá-nos de quando em quando noções historicas, e importantes esclarecimentos estadísticos. Assim que esta obra é importante para pessoas que se dedicam a differentes generos d'estudos, e a diversas profissões, para os magistrados, corpos e tribunaes administrativos, para juizes, advogados, e para todos os cidadãos.

O sr. Silvestre Ribeiro segue na sua collecção o methodo chronologico. Não podia seguir outro; porque, no pouco tempo que o conselho d'Estado exerce regularmente as funções contenciosas, não era possivel que ao seu exame fossem submettidas questões de todas as materias que devem ter um capitulo 'numa obra systematica de direito administrativo. Ha algumas resoluções que, por terem a principio escapado ao auctor, sabem fóra da ordem chronologica: estas encontram-se no IV volume.

Ha na obra outra excepção á regra chronologica, e é em materia d'impostos, que o A. reserva, segundo o declarou no prefacio do I. volume, para collecção separada. A importancia da materia e a variedade dos recursos sobre ella, determinaram o A. a esta excepção, se é que não interveio tambem o desejo de estudar com mais vagar este ponderoso assumpto.

O methodo systematico seria mais vantajoso, se fosse possivel, que não é; mas os inconvenientes do chronologico sanam-se em parte com um indice, e este já o encontramos no fim do V volume.

Nos primeiros dous tomos e em parte do terceiro, não vem citada a data da resolução, e apenas se acha indicado o numero do *Diario* de que fóra extrahida. Era esta uma falta bem sensivel, mas já a achamos supprida desde a resolução IX por diante.

Não podemos dizer aqui mais particularidades d'esta obra valiosa, porque em cada



resolução achamos um como tractadinho de administração e direito administrativo, cuja avaliação excederia os limites d'este jornal. Só diremos em geral que o sr. Silvestre Ribeiro com este trabalho está concorrendo poderosamente para a regularidade da nossa administração, para a liberdade civil, para o exercicio mais independente do direito eleitoral, e 'numa palavra para a verdade e confiança das instituições constitucionaes.

*Collecção de tractados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a corôa de Portugal e as mais potencias desde 1640 até o presente, compilados, coordenados e annotados por José Ferreira Borges de Castro. Lisb. Imp. Nac. 1856 (tom. I, a III).*

O A. principia a sua obra pelo celebre assento tomado em côrtes pelos trez Estados aos 5 de março de 1641, que, comquanto não seja um tractado, é um acto em que se estabeleceu os principios da nossa independencia do dominio hespanhol. O nosso direito das gentes não precisa hoje d'esse acto, assim como não precisa das opiniões dos nossos antigos historiadores sobre a doação de Portugal como dote de D. Theresa, nem das suppostas côrtes de Lamego. Todavia bem andou o sr. Ferreira Borges em começar por ahi a sua preciosa collecção.

O tomo III chega até 1791. O IV vol. deve abranger os annos desde 1793 até 1814, e já estava no prelo, quando se publicou o III. E provavel que a estas horas já esteja publicado. — O curto intervallo que tem medeado entre a publicação de cada um d'estes volumes, mostra que o A. proseguiu activamente na sua obra, e deixa-nos a esperança de que no fim d'este anno estará concluida, apesar de que provavelmente não constará de menos de 7 volumes. Por maior que seja a pressa do auctor nunca igualará a nossa impaciencia. O sr. Ferreira Borges com esta publicação livrar-nos-ha da vergonha de termos sumidos pelos archivos publicos e até pelos particulares, muitos e mui importantes tractados.

Continúa.

Ad. Mch.

## NOTICIARIO.

**geração nas arachnides.** Attribuia-se geralmente ás arachnides conservadas isoladas durante alguns annos a faculdade de pôrem ovos fecundos; porém só ultimamente é que M. E. Blanchard, depois d'uma serie d'experiencias praticadas sobre varias *Mygales*, uma *Segestria* perfida, uma *Filistata* tricolor, constatou a realidade d'este facto. Não se infira, porém, que o macho não é necessario

para a fecundação; nenhuma das femeas era virgem, e as que o eram só pozeram ovos infecundos. O que está averiguado é que o contacto do macho é sufficiente para tornar fecundos os ovos das diferentes posturas d'uns poucos d'annos. M. Blanchard explica este phenomeno do seguinte modo: nos *Mygales*, *Clothos*, *Filistatos* e *Segestrias*, o apparelho genital feminino é composto de dois tubos a que estão appensos os lobulos ovarianos. No momento da copulação estes tubos recebem em abundancia o liquor seminal, e tornam-se verdadeiros reservatorios espermaticos. Os ovos no momento da sua expulsão impregnam-se do fluido fecundante. M. Blanchard certificou-se, por meio de observações microscopicas, de que o liquido seminal não se esgota com os ovos de uma só postura, e que se conserva naquellas especies de reservatorios, com todas as suas qualidades proprias. Sendo assim, é muito facil de explicar como acontece que os ovos postos em diferentes épocas, mais ou menos distantes, continuam a ser fecundos sem novas copulações.

Institut. (1.<sup>ere</sup> Sect.)

**Emprego do phosphoro vermelho nos palitos de lume.** O emprego do phosphoro ordinario no fabrico dos chamados palitos de lume, traz consigo innumerables inconvenientes. Veneno tanto mais para se temer, quanto a sua presença é mui difficil de conhecer-se nos órgãos; o phosphoro produz além d'isso nos obreiros que o fabricam, a terrivel molestia chamada *nefrose* ou caria das maxillas; accresce o ser uma causa muito frequente d'incendios, visto a sua grande facilidade em inflammarse.

O phosphoro vermelho descoberto por Schrotter, e que se obtem submettendo durante alguns dias o phosphoro ordinario a uma temperatura elevada, isto é proxima do seu ponto de ebulição, remedeava todos estes inconvenientes; com effeito antes de receber a acção prolongada do calorico, o phosphoro inflammava-se á temperatura ordinaria; posteriormente áquella operação só se inflamma a 180 graus; torna-se, além disso, absolutamente inodoro, e deixa de ser solúvel nos succos do estomago.

O phosphoro vermelho reúne pois todas as condições procuradas, e um grande numero de experiencias não deixa a maior duvida sobre a conveniencia de o substituir ao phosphoro ordinario no preparo dos palitos de lume.

Uma difficuldade, porém, restava ainda a vencer para se poder fazer esta substituição. Como o phosphoro vermelho é muito difficil de inflammarse, tornava-se necessario fazer entrar um corpo muito combustivel, isto é chlorato de potassa, na massa dos palitos de lume. A mixtura d'estes dois corpos trazia grandes perigos para os obreiros porque os sujeitava a

frequentes explosões ou incendios. Para afastar este inconveniente propõe M. Lundstrom empregar estes dois corpos em separado: pondo o chlorato na cabeça do palito e extendendo o phosphoro sobre uma superficie á parte, para substituir a lixa ou o vidro pisado em que se costuma esfregar o palito para o inflammarm. D'este modo desaparecem todos os inconvenientes dos palitos de lume, e todos os perigos que offerecia o seu uso.

## RELAÇÃO

*Dos indicidos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 de março ultimo, até ao dia 15 d'abril corrente, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Francisco Antonio Cordeiro, para professor temporario da cadeira de Monforte, districto de Portalegre.  
Leonardo José de Medeiros, para dicto da villa da Lagôa, districto de Ponta-Dezda.  
Antonio de Barros Magalhães e Figueiredo, para dicto de S. Gilão, districto da Guarda.  
Antonio Gonçalves Liberal, para dicto de S. Vicente da Chã, districto de Villa Real.  
José da Graça Semedo Ribeiro, para dicto de Niza, districto de Portalegre.  
José Joaquim Ferreira da Costa, para dicto d'Anelhe, districto de Villa Real.  
Manuel José da Silva, para dicto de Gondar, districto de Vianna.  
Antonio Xavier Tavares Barreto, para dicto de Pereira, districto de Coimbra.  
Francisco José d'Almeida, para dicto de Vallongo, districto de Porto.  
Gonçallo da Costa Mesquita e Mello, para dicto da Lixa.  
João Maria Ferraz e Mello, para dicto de S. Roque (Ilha do Pico), districto da Horta.  
José Joaquim da Costa Caldeira, para dicto de Fronteira, districto de Portalegre.  
José Maria Leite de Miranda e Vasconcellos, para dicto de Villa Cova, districto de Braga.  
Manuel Joaquim Soares, para dicto de Novegilde.  
Theotonio José de Figueiredo Costa, para dicto das Cortes, districto de Leiria.  
João Francisco Pereira, para professor vitalicio da cadeira de Leiria, decreto de 11 de fevereiro ultimo.  
José Couto d'Almeida, para dicto de Arazede, concelho de Monte Mór o Velho, districto de Coimbra, por transferencia da de Cadima, concelho de Cantanhede. no mesmo districto, decreto de 24 de março ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Izidoro Rodrigues Pereira, para professor vitalicio da cadeira de latim de Sancta Combação, districto de Viseu, decreto de 24 de março ultimo.  
Gaspar Joaquim Telles da Silva e Menezes, para professor vitalicio da 1.ª cadeira da secção occidental do Lyceu Nacional de Lisboa, decreto dicto.  
José Fernandes Pereira Deville, para professor por mais trez annos da cadeira de latim de Caminha, districto de Vianna, portaria de 24 dicto.  
Francisco José d'Oliveira Queirós, para o logar de commissario dos estudos do districto d'Aveiro, decreto de 31 dicto.

## ANNUNCIOS.

Novo Compendio da Historia de Portugal, coordenado por Antonio Francisco Moreira de Sá. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrução Pública. 3.ª edição. — Preço 100 réis.

Entre as muitas obras que d'este genero se tem publicado, é este um dos Compendios, actualmente mais seguidos.

Comprehende desde o principio da Monarchia, até o reinado do Sr. D. Pedro V, sendo precedido por uma boa parte da *Chorographia de Portugal*, e seguido d'uma curiosa *Recapitulação* de todo o Compendio, na forma porque no lyceu de Lisboa se fazem os exames dos alumnos primarios

Os srs. professores e directores de collegios, que o quizerem adoptar, queiram dirigir-se ao auctor — *rua da Saudade n.º 17. Lisboa* — indicando o numero de exemplares que querem comprar, e a via por onde, com mais segurança, lhes pôde ser feita a remessa, podendo no mesmo tempo remetterem, por meio dos seus correspondentes ou em cautela do correio, a importancia dos exemplares que requisitarem.

Faz-se o abatimento de 20, a quem comprar mais de 12 compendios.

Tambem se vende separadamente a *Recapitulação*. — Preço 20 réis, e com o mesmo abatimento.

Grammatica Franceza Theorica e Practica, ou Methodo, inteiramente novo em Portugal, para se aprender, com muita brevidade e perfeição, a fallar e escrever o idioma Francez. 4.ª edição refundida e muito melhorada; por Emilio Achilles Monverde. — Preço 800 réis, em brochura.

Manual Encyclopedico para uso das escolas de instrução primaria; por Emilio Achilles Monverde. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrução Pública. 6.ª edição, refundida e muito melhorada. — Preço 480 réis, em brochura.

Vendem-se, em Lisboa, nas livrarias de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8; na da Viuva Bertrand e filhos, aos Martyres, á esquina da Travessa da Figueira, e nas de quasi todos os livreiros: — no Porto, na de Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho, rua dos Caldeiros n.ºs 11 e 12; na de Moré, rua de Santo Antonio n.ºs 42 a 44, e outras; e em todas as capitais dos districtos administrativos: — no Rio de Janeiro, na loja de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, e nas de outros livreiros, tanto d'aquella cidade, como das demais do *Imperi do Brasil*.

N. B. As pessoas que quizerem alguma porção de exemplares d'estas obras, de 50 até 150, se abonará a commissão de 10 por cento; de 150, até 250 12 por cento; e de 250 para cima, 15 por cento; devendo dirigir-se, para este fim, á livraria acima mencionada de João Paulo Martins Lavado.

## ERRATA IMPORTANTE

### DO 5.º VOLUME.

Pag.	Col.	Linh.	Erro	Emenda
280	2.ª	53	Na 6.ª cadeira, que foi regida pelo lente proprietario, explicaram-se pela primeira vez, etc.	Na 6.ª cadeira, que foi regida pelo lente substituto, o dr. Barreto Feio, na ausencia em côrtes do lente proprietario, explicaram-se, etc.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## PROJECTO DE LEI

**Apresentado ás côrtes pelo sr. deputado Dr. José Maria de Abreu, na sessão de 18 de Abril de 1857.**

Senhores:—As letras e as sciencias haviam tocado entre nós o ultimo termo da sua decadente existencia, quando o genio vasto e emprehendedor do primeiro ministro d'el-rei D. José lançou os fundamentos da sua restauração, nos memoraveis estatutos com que reformou a Universidade de Coimbra.

Monumento de sabedoria e obra primorosamente traçada, aquelles estatutos abrangiam em seu vasto plano o ensino completo das sciencias e das letras, como então se professavam nas mais cultas nações da Europa. Esta ultima parte, porém, não logrou ver a luz publica. Crearam-se as novas faculdades de sciencias mathematicas e philosophicas, reformaram-se as antigas, mas a faculdade das letras, que devia substituir o antigo e real collegio das artes, não chegou a decretar-se.

A reforma havia cerceado muitos abusos, destruido muitos prejuizos inveterados, acabado com muitas practicas absurdas e viciosas. A relutancia dos antigos habitos, a rivalidade e despeito dos jurados inimigos de todas as innovações, era por isso inevitavel. A queda do ministro reformador acabou de decidir da sorte d'esses estatutos, no tocante á creação da faculdade das letras!

Longe, porém, vae já essa época; e todavia não pôde ainda realisar-se, no meio de tantas reformas, por que a nossa instrucção publica tem passado, essa porventura a primeira e mais necessaria de todas na ordem dos estudos superiores, a creação dos cursos das letras, como de ha muito os vemos organisados nas faculdades das letras de França e da Belgica, nas secções de litteratura das faculdades de philosophia em Hespanha, na Prussia e na Hollanda.

Este abandono, que assim pôde chamar-se-lhe, em que temos deixado cair o estudo das letras patrias, esta geral ignorancia da historia, da philosophia e da litteratura têm por

tal arte eivado a nossa instrucção publica, que raros, ainda que eminentes, são já hoje os engenhos privilegiados, que entre nós curam de sustentar o brilho e de transmittir á posteridade os ultimos echos das nossas glorias litterarias.

D'essa mesma litteratura classica, que com maior esmero cultivámos, quasi não existem já os vestigios; e nem sequer temos creado um systema, por onde possa aferir-se a pureza e elegancia do estylo, a belleza das formas, a solidez e elevação dos pensamentos. E esta é a principal, se não a causa unica, dos poucos progressos, que as sciencias têm feito entre nós, apezar do muito que ha vinte annos a esta parte trabalhamos por engrandecer-as, e das successivas reformas, que temos emprehendido para o seu aperfeiçoamento.

A instrucção secundaria, mais que outra alguma, devia padecer d'esse mal, que se tornára contagioso. O abandono dos verdadeiros e solidos estudos litterarios devia traduzir-se na solidão dos lyceus; e o ensino particular, pela maior parte dirigido por mesquinhos interesses de uma agiotagem ignobil, converteu os chamados *estudos preparatorios* num desgraçadissimo monopolio.

Nos proprios lyceus o ensino não abrangia, nem podia abranger, a parte mais importante e transcendente dos estudos litterarios, para que elles só deviam habilitar a mocidade estudiosa.

A creação dos cursos superiores das letras era o natural e indispensavel complemento da lei, que estabeleçêra os lyceus.

A litteratura, a historia, a philosophia, a geographia e a archeologia não podiam ficar encerradas nos acançados limites do ensino elemental dos lyceus. Querer demonstral-o fóra esquecer a vossa provada illustração, ou suspeitar que tão avessos eramos no progresso das sciencias, ou tão afincados aos antigos methodos, que hesitavamos em decretar o estabelecimento do ensino superior das letras, como de ha muito se professa nos mais cultos paizes da Europa.

O projecto, que hoje submettemos ao vosso esclarecido exame é a singela expressão d'estes sentimentos e d'estes desejos. A vossa sabedoria cumpre corrigil-o e aperfeiçoal-o.

para o tornar de todo o ponto digno de vós e do paiz, que representamos.

Senhores: a criação d'estes cursos não é só uma imperiosa necessidade reclamada pelos mais caros interesses das sciencias e das letras em relação aos estudos superiores; é também um meio indispensavel de restaurar a nossa instrução secundaria, provendo-a de mestres, que por suas habilitações e estudos litterarios 'naquelles cursos possam inspirar á mocidade estudiosa o amor das letras, o gosto do estudo, a pureza e correção de estylo, a elevação de sentimentos e as nobres e generosas aspirações, que os estudos litterarios bem dirigidos excitam nos corações juvenis, que o pestifero halito das paixões não tem ainda contaminado.

Organizados os cursos superiores das letras em Lisboa e Coimbra pelo modo designado 'neste projecto, o pessoal d'elles comprehende um limitado numero de professores, sendo lidas as diversas cadeiras em cursos biennaes; ha por consequencia um pequeno augmento de despeza com esta nova criação; augmento porém de despeza, que desaparece, supprimindo-se uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, e reunindo 'numa só as cadeiras de oratoria e historia nos lyceus, em que existem separadas, tornando comum a todos o systema dos cursos biennaes, já estabelecido na maior parte d'elles.

A criação do curso da lingua e litteratura hebraica em Coimbra, regido pelos substitutos extraordinarios da faculdade de theologia, além de dar em resultado a economia de 600\$000 réis pela suppressão das cadeiras de hebraico em Lisboa e Coimbra, tem a vantagem de obrigar os aspirantes ao magisterio 'naquella faculdade a estudar mais profundamente a lingua hebraica, indispensavel aos que se dedicam ao ensino theologico.

A vossa illustração não deixará por certo de apreciar devidamente outras providencias consignadas 'neste projecto, e cuja necessidade é de todos reconhecida, e por isso confiadamente esperamos que ellas merecerão a vossa approvação.

*(Segue o projecto que vai adiante.)*

Sala da camara dos srs. deputados, em 13 de abril de 1857. — O deputado por Coimbra, José Maria d'Abreu.

Foi admittido e enviado á commissão de instrução pública.

## RELATORIO

### APRESENTADO PELA COMMISSÃO.

A commissão de instrução pública examinou, com a attenção requerida pelo assumpto, o projecto de lei apresentado pelo sr. deputado José Maria de Abreu, em que propõe a criação de dous cursos superiores de

letras, estabelecendo as bases do ensino, que ha de ser professado 'nelles.

A commissão, primeiro que tudo, desejou conhecer a opinião do governo, e, reunida em conferencia com o sr. ministro do reino, discutiu com pausa a conveniencia, opportunidade e economia da reforma. Só depois de certa de que o gabinete a approvava em todas as partes, é que lavrou o parecer, que tem a honra de submeter á camara.

A idéa, que dictou as principaes disposições do projecto, se é nova entre nós, quanto á execução nos reinos adiantados, conta já largos annos de proveitosa practica, abonada pelos fructos.

A lei devia distinguir, como a razão, o estudo dos rudimentos da cultura mais elevada do espirito, que só poderá ser fecunda depois de formado o juizo e o coração. D'esta verdade obvia e de clara intuição é que se deriva o pensamento da organização projectada pelo sr. deputado José Maria de Abreu.

No conciso e bem lançado relatorio, que precede a proposta, o seu auctor abreviadamente descreveu o estado da instrução secundaria, e a intima relação, que tem com ella os cursos de letras no sentido de a aperfeiçoar, constituindo, por assim dizer, a eschola normal do professorado em disciplinas e artes, que as lições e as obras dos mestres modernos em França, e na Allemanha, converteram em sciencias transcendentis, constituindo-as como preparatorio essencial para todas as faculdades, e para todas as profissões intellectuaes.

Depois dos livros de Cousin, de Guizot, de Villemain, de Royer Collard, e de tantos outros lentes que ennobreceram com a sua eloquencia as cadeiras do magisterio, não ha nenhum medianamente esclarecido, que não confesse a urgente necessidade de interpor um grau ainda, entre as noções incompletas e forçosamente superficiaes da instrução secundaria, e o estudo de sciencias, que pedem já intelligencias mais robustas e talentos mais cultivados.

Outra consideração de igual peso, é a que se deduz da organização politica e administrativa do paiz.

Emquanto o advogado, o negociante, o juiz, o militar, o medico, e outras carreiras e funcções exigem provas de capacidade especial, os empregos mais numerosos e de grande influencia pelo contacto immediato com os serviços publicos, estão dispensados de toda e qualquer habilitação, porque seria irrisorio dar similhante sentido ao ensino primario e secundario como hoje se professa.

Os cursos de letras hão de cortar o passo a este abuso, cujos funestos effeitos se traduzem na mania deploravel dos empregos, e na incompatibilidade intellectual de muitos requerentes para os cargos, que desejam.

Com estes estudos para completar a educação será fácil legislar um systema geral de habilitações, junctando ao curso das letras o ensino especial apropriado á função, que se houver de prover. Sem elles, os mancebos passando sem transição dos bancos das aulas secundarias para os da Universidade ou das academias, ainda em annos tenros, acharão mais arduo o accesso das sciencias e muitas vocações, que a fadiga esfria agora, depois de fortalecidas por estes preparatorios superiores, em que o saber se desprende mais de regras e noções aridas e de puros actos de memoria, entrarão nas faculdades com o gosto depurado, com um grande cabedal de conhecimentos uteis e variados, e com uma habilitação, que só por si é já uma carreira honrosa, além de rasgar um bello e espaçoso portico para todas as outras.

Era na realidade para nos cobrir de pejo, que em um paiz, que descobriu a navegação da India, mudando o aspecto do mundo no seculo xvi, e que tão distincto se tornou nas letras como nas armas em diversas épocas, não existisse um curso de historia e um curso de litteratura patrias, perguntando em vão o estrangeiro culto pelas aulas, aonde professores dignos das cadeiras explicavam as bellezas de Camões, as galas de estylo do padre Antonio Vieira, e as formosas paginas de tantos escriptores nossos, por desgraça mais citados e conhecidos dos estranhos, do que pelos filhos da mesma terra.

A camara de certo porá termo a esta anomalia, concedendo no systema da instrucção nacional o logar eminente (que merecem) ás disciplinas, que hão de recordar as nossas proezas de guerreiros, os nossos commettimentos de navegadores, e os laboriosos fundamentos da constituição politica e economica, a que por vezes devemos a independencia.

É, apontando para o espelho do passado, e erguendo diante das gerações, que passam, o grande vulto dos homens illustres, que as honraram, que as nações civilisadas despertam e conservam a chamma sagrada do amor da patria e da emulação civica.

Um reino, que se esquecesse do que foi, e não avivasse, sobre a sepultura dos seus poetas, prozadores e capitães, as memorias da sua nobreza na genealogia dos povos, era um reino sem tradições e sem instinctos, que deixaria cair a espada das mãos no dia da luta, amortecido pela *apagada e vil tristeza* que o cantor dos *Lusiadas* retractou com tristes côres pouco antes do desastre de Alcaer, vir provar que no genio ha quasi sempre um condão prophetico.

No projecto apresentado pelo sr. José Maria de Abreu, o augmento de despeza, se o ha, é todo productivo, e converte-se em verdadeira economia.

Conciliando as exigencias do aperfeiçoamento do ensino superior e secundario com a estreiteza das circumstancias do thesouro, o auctor propõe apenas a fundação de dous cursos, um em Coimbra, e outro em Lisboa; e o seu plano de estudos tende ainda para diminuir os sacrificios com utilidade da instrucção, creando os cursos biennaes para a historia e archeologia, e para a litteratura portugueza na capital: e para ambas estas disciplinas e para a estrangeira na séde da Universidade.

D'este modo o mesmo professor domina sempre os assumptos, que principiou a leccionar, acompanhando os alumnos até ás extremas da provincia, que lhe foi demarcada; e o estado poupa dous e trez logares, que teria de prover com maior gasto, se para cada cadeira devesse nomear um lente especial.

Mas esse mesmo pequeno augmento de despeza, que resultaria de tão productiva instituição, desaparece, supprimindo-se uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, absolutamente inutil, e que importa 'numa verba consideravel em referencia á dotação do ensino, reunindo-se em uma só as cadeiras de oratoria e historia, nos lyceus aonde estiverem separadas, que não são poucos, e tornando-se communs a todos elles o systema dos cursos biennaes, já adoptado na maior parte d'estes estabelecimentos.

Accresce mais a economia de 600\$000 réis, que resulta da suppressão das cadeiras de hebraico em Lisboa e Coimbra, passando este ramo da litteratura a ser leccionado pelos substitutos extraordinarios da faculdade de theologia da Universidade.

Em presença d'estas disposições comprehendidas nos artigos 10 e 11 §. unico, e artigo transitorio §. unico, é evidente que se pôde verificar uma verdadeira e proficua reforma com economia positiva, e visivel melhoramento do ensino.

Segundo o projecto, o primeiro provimento das cadeiras dos cursos superiores das letras será feito pelo governo, em virtude de concurso publico perante um jury especial de membros da Academia real das sciencias, eleitos por ella, d'entre os vogaes da segunda classe de sciencias moraes e politicas, quanto ao curso de Lisboa, e de lentes da Universidade, eleitos pelo conselho dos decanos, quanto ao curso de Coimbra.

Esta disposição, que se desvia um pouco do methodo ordinario de nomeação para as escholas fundadas de novo, teve motivos dignos de toda a reflexão. Era necessario reverter desde logo este ensino de toda a auctoridade e conceito, e attrahir a elle os engenhos e as vocações mais distinctas. Um simples despacho do governo não preencheria bem o primeiro fim, e tomando sempre certo

caracter de favor, poderia prejudicar o segundo em animos escrupulosos.

A commissão julga escusado insistir mais.

Para ella esta organização encerra o principio civilizador de uma bella reforma, e como já o mostrou, as suas vantagens immediatas depressa hão de abranger, não só o ensino superior e secundario, mas tambem a capacidade requerida para o exercicio de determinadas funcções, que até agora se eximiam de habilitações, porque faltavam os cursos proprios para lh'as conferir.

Até hoje a instrução pública tem sido menos attendida do que os melhoramentos materiaes, e a opinião esclarecida estranha esta omissão como um grande erro, mesmo perante a sciencia economica, porque o capital moral de um paiz não é menos productivo, antes se deve reputar tanto ou mais fecundo do que outro qualquer.

Já é tempo de olharmos pelo ensino, e de não lhe medirmos com mão escassa algum subsidio, que ajude a levantar-o da sua decadencia.

A camara, protegendo os progressos moraes, e promovendo ao mesmo passo os aperfeiçoamentos physicos, assumirá uma iniciativa, que a ennobrecer, e tomará um logar, que infelizmente ainda não foi occupado. As providencias d'esta indole registam-se, e perpetuam a boa memoria dos governos e dos parlamentos:

#### PROJECTO DE LEI.

Artigo 1. São creados em Lisboa e Coimbra dois cursos superiores de letras.

Art. 2. O curso de letras em Lisboa será de dois annos, e comprehenderá as cadeiras e disciplinas seguintes:

##### PRIMEIRO ANNO.

- 1.<sup>a</sup> Cadeira — Philosophia e Historia da Philosophia.
- 2.<sup>a</sup> » — Historia e Geographia.
- 3.<sup>a</sup> » — Litteratura latina e portugueza.

##### SEGUNDO ANNO.

- 4.<sup>a</sup> Cadeira — Historia portugueza e Archeologia.
- 5.<sup>a</sup> » — Litteratura estrangeira.
- 6.<sup>a</sup> » — Continuação da litteratura portugueza.

Art. 3. O curso das letras em Coimbra será de trez annos, e constará das seguintes cadeiras e disciplinas:

##### PRIMEIRO ANNO.

- 1.<sup>a</sup> Cadeira — Philosophia.
- 2.<sup>a</sup> » — Historia e Geographia.
- 3.<sup>a</sup> » — Litteratura antiga.

##### SEGUNDO ANNO.

- 4.<sup>a</sup> Cadeira — Historia portugueza e Archeologia.
- 5.<sup>a</sup> » — Litteratura portugueza.
- 6.<sup>a</sup> » — Litteratura estrangeira.

##### TERCEIRO ANNO.

- 7.<sup>a</sup> Cadeira — Historia da Philosophia.
- 8.<sup>a</sup> » — Continuação da litteratura portugueza.
- 9.<sup>a</sup> » — Continuação da litteratura estrangeira.

Art. 4. São habilitação necessaria para a primeira matricula nos cursos superiores das letras os exames de latim, francez, philosophia racional e moral e principios de direito natural, oratoria e poetica, historia e geographia, arithmetica e geometria, principios de physica e chimica e introdução á historia natural, feitos perante os lyceus.

§. unico. O exame de grego é preparatorio necessario para a matricula na terceira cadeira do curso das letras em Coimbra.

Art. 5. Nenhum alumno, passado trez annos depois da criação dos cursos superiores das letras, poderá matricular-se no primeiro anno de qualquer faculdade ou escola de instrução superior, sem a frequencia e approvação de todas as disciplinas dos referidos cursos.

§. 1.<sup>o</sup> A frequencia e exame da terceira e septima cadeira do curso das letras em Coimbra, é obrigatorio sómente para os alumnos que se destinam ao magisterio nos cursos das letras e nos lyceus; e para os que pertenderem receber o grau de doutor em alguma faculdade.

§. 2.<sup>o</sup> Os alumnos porém, que se habilitarem com a frequencia e exame das referidas cadeiras, precederão em todas as matrículas, exames e actos, aos que tiverem outros exames de *preferencia*.

Art. 6. A frequencia e approvação nos cursos superiores das letras é habilitação necessaria para o provimento de todas as cadeiras dos mesmos cursos e de instrução secundaria, e para todos os logares de administração civil de serventia vitalicia, quatro annos depois do estabelecimento d'aquelles cursos.

§. unico. O provimento de todas as cadeiras, a que se refere este artigo, será por concurso, que se abrirá sómente perante o conselho academico do curso superior das letras, que mais proximo fôr do lyceu ou cadeira, em que se dêr a vacatura.

Art. 7. Juncto ao curso das letras em Coimbra haverá um curso biennal de lingua e litteratura hebraica, que será alternadamente regido por um dos substitutos extraordinarios, ou por doutores da faculdade de

theologia, com a gratificação de 200\$000 réis.

§. unico. Nenhum alumno poderá matricular-se no primeiro anno theologico sem a frequencia e exame da primeira parte d'este curso; nem receber o grau de bacharel, sem ter concluido o mesmo curso.

Art. 8. No curso das letras em Coimbra as cadeiras segunda e quarta, quinta e oitava, sexta e nona, serão regidas em cursos biennaes por trez professores.

§. unico. O mesmo se observará nos cursos de Lisboa, quanto ás cadeiras segunda e quarta, terceira e sexta, que serão regidas por dous professores.

Art. 9. Os professores dos cursos das letras gosarão das mesmas vantagens e direitos que os dos outros estabelecimentos de instrucção superior.

Art. 10. Fica supprimida uma das quatro secções do lyceu de Lisboa, e as cadeiras de lingua hebraica no mesmo lyceu, e no de Coimbra.

Art. 11. As cadeiras de oratoria e poetica, e de historia e geographia, serão, em cada lyceu, lidas 'numa só cadeira, e em curso biennial.

§. unico. O curso de principios de physica e chimica e introduccão á historia natural dos trez reinos, será biennial, e a sua frequencia obrigatoria para todos os alumnos que se destinam á instrucção superior.

Art. 12. O governo decretará os necessarios regulamentos para a execução da presente lei.

#### ARTIGO TRANSITORIO.

O primeiro provimento das cadeiras dos cursos das letras, será feito pelo governo em virtude de concurso publico, perante um jury especial, de membros da segunda classe da Academia real das sciencias, por ella eleitos, quanto ao curso de Lisboa, e de lentes da Universidade, eleitos pelo conselho dos decaños, quanto ao curso de Coimbra. Para este concurso servirão de prova, além das oraes, as obras e escriptos dos concorrentes, e a sua aptidão reconhecida na historia e litteratura.

§. unico. Os professores das cadeiras suprimidas por esta lei, serão convenientemente collocados, segundo as suas habilitações, nas que forem vagando, com preferencia a quaesquer outros candidatos.

Art. 13. Fica revogada a legislação em contrario.

Sala da commissão, 22 de abril de 1857.  
— Antonio Luiz de Seabra — Joaquim Gonçalves Mamede (com declarações) — Manuel Paes de Figueiredo e Sousa — José Teixeira de Queiroz — Thomaz de Carvalho — Luiz Augusto Rebello da Silva, relator — José Maria de Abreu — Roque Joaquim Fernandes Thomaz.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

### XVI.

Não se julgue, porém, que a vida da irmã Rosaria carecesse d'alguns d'esses acontecimentos que se destacam, no meio das mais excellentes acções, para mais augmentarem o seu brilho.

Esta animosa e caritativa irmã viveu 'num centro de movimento, e 'numa epocha de sobejo singular, para que não fosse possível correr a sua laboriosa existencia desacompanhada d'essa gloria. As invasões dos exercitos alliados, as do cholera, os motins politicos, as revoluções de 1830 e 1848 em Paris, e as barricadas demandaram por vezes, para acudir á sua cara familia, os mais brilhantes esforços de caridade e dedicacão.

« Em 1814 (diz Mr. de Melun), durante a occupação estrangeira, um corpo russo acampava na feira dos cavallos. Correu voz no bairro de que um soldado, por grave falta contra a disciplina, havia sido condemnado á morte, e que a sentença ia a executar-se.

Este boato chegou aos ouvidos da irmã Rosaria. Immediatamente, fazendo-se acompanhar d'uma mulher d'edade (ella tinha então 27 annos), atravessou o acampamento russo, e procurou fallar ao general.

Introduzida logo, lançou-se-lhe aos pés, e supplicou-lhe que perdoasse a esse homem.

« Então é vosso conhecido? tendes-lhe grande amor! exclamou o official, observando o ardor da supplica.

— Sim, amo-o, respondeu a irmã: amo-o, como a um de meus irmãos, remido pelo sangue de N. S. JESUS CHRISTO; e estou prompta a dar a minha vida para salvar a d'elle.

O perdão foi concedido ás suas caritativas instancias; e a irmã voltou mui de pressa á casa do soccorro, toda attonita do que vinha de fazer, e como aterrada da sua audacia. »

Em um dos terriveis dias de 1848 — « na maior força do conflicto, um official da guarda movel, que tinha combatido com toda a bravura durante uma parte do dia, conduz os seus soldados ao ataque d'uma barricada da rua Mouffetard, no angulo da rua da *espada de pao*; e é o primeiro a subir ao assalto. Uma descarga mortífera suspende, sem o fazer parar, a tropa, que o segue; e arrebatado pelo seu impulso até ao cimo da barricada, acha-se só. Cercado de todos os lados, apenas tem tempo para correr pela rua da *espada de pao*, e precipitar-se na casa de soccorro, em meio das irmãs da caridade, como um refugio, que lhe offerece a providencia. Um bando d'insurgentes, que o reconhece, lança-se em sua perseguição, e chega quasi ao mesmo tempo.

« Á vista d'este homem sózinho, sem espe-

rança, entregue a um bando sequioso de sangue, todas as irmãs, e á sua frente a superiora, arremessam-se, por um movimento instinctivo, entre a victima e os matadores.

« Diante d'esta inesperada trincheira os insurgentes param. Todos conhecem a irmã Rosaria. Começam com ella uma negociação em alta voz, na qual, por mais d'uma hora, a caridade disputa a vingança a vida d'um homem. Os assaltantes são inexoraveis, e misturam ás ameaças mais atrozes contra o inimigo ás expressões de respeito para com aquella, a quem, ainda mesmo no seu arrebatamento, chamam a sua mãe.

« Queremos o nosso prisioneiro, exclamam elles: não cessou de fazer matar aos nossos irmãos, — somente a sua morte nos vingará de todo o mal, que nos tem feito.

« Como a irmã lhes exprimissem todo o seu horror por ver ensanguentar o chão d'esta caza de misericórdia, e matar, dentro d'ella, a um homem desarmado: — Deixae-no-lo prender, não o mataremos aqui, leval-o-hemos para a rua, e ahí receberá o castigo do seu crime. E apesar dos pedidos, supplicas e promessas, apesar do mais tocante apello á compaixão, os insurgentes continuam a avançar, reclamando sempre a sua preza, e apertando o circulo, que os separa d'ella. Já, para acertarem com mais segurança, o cano das espingardas se apóia sobre o hombro das irmãs, e os dedos estão no gatilho. O tiro fatal vai a partir; quando a irmã Rosaria, lançando-se de joelhos, exclama: — *Ha cincoenta annos, que vos tenho consagrado a minha vida; por todo o bem, que vos tenho feito, a vos, a vossas mulheres, aos vossos filhos, supplico-vos a vida d'este homem!* — A este espectáculo, a este brado, as armas levantam-se; recua o bando, como tocado d'arrependimento; um *hourra* d'admiração escapa d'estes beigos negros de polvora, e lagrimas d'enternecimento correm d'estes olhos, ainda agora impiedosos! O prisioneiro está salvo.

« Dois dias depois a ordem tinha triumphado, a justiça recobrava o seu curso, e os insurgentes esperavam, nas cadeas, o castigo da sedição vencida. O pateo da casa da rua da *espada de pão* estava cheio de mulheres e de meninos, que pediam seus maridos, e seus paes, e que não tinham esperança senão na irmã Rosaria. Esta chorava, procurando socegal-os, e promettia interceder por elles. A força de passos e pedidos alcançou a soltura dos que não tinham sido senão arrastados; e foi ás cadeas e aos fortes consolar os mais culpados, cuja liberdade não podéra obter. Anjo de consolação entre elles e as suas familias, levava muitas vezes para ambos os lados umas esperanças, de que não participava.

« Entre os presos estava um operario laborioso, por quem a irmã Rosaria se interes-

sava muito. Antes da revolta passava por um dos homens mais honrados do bairro; mas havia cedido a um movimento de delirio, e pesavam sobre elle accusações muito graves. Todos os passos, todas as sollicitações em seu favor, tinham sido inuteis; não tinha mais que esperar, senão uma proxima e terrivel condemnação.

« Uma sua filha, d'idade de cinco a seis annos, toda formosa e engraçada, seguia a escola das irmãs; vinha chorar ahí todos os dias desde a prisão de seu pae, e cousa nenhuma a podia consolar.

« Nestas circunstancias, o general Cavagnac veio vêr a irmã Rosaria. Esta conduziu-o a escola, e chamando a menina: — Minha filha, disse-lhe, aqui está este senhor, que, se quizer, vos pôde restituir vosso pae.

« A menina, ouvindo essas palavras, ajoelha-se, põe as mãos, e com uma voz entrecortada de soluços: — O meu bom senhor, exclama, restitui-me o meu papá; elle é tão bom, temos tanta necessidade d'elle! — Mas, diz o general, certamente elle fez alguma cousa má? — Não, de certo; a minha mamã diz-me que não; e de resto, eu vol-o prometto, não ha de tornar; perdão! perdão! restitui-m'o, eu ficarei muito vossa amiga.

« Os olhos supplicantes da irmã apoiavam as palavras da menina; dir-se-hia um anjo, inspirado por uma sancta. O general sabiu muito commovido, e poucos dias depois, o preso era restituído á sua familia, feliz por ter tido, para orar a sua causa, dois advogados, que as não perdem — a innocencia e a caridade.»

## VIII.

Annos antes, em uma época não menos agitada, e na qual a irmã Rosaria não tinha ainda, perante o povo e as auctoridades, os grandes serviços dos tempos do cholera e das sedições, succedeu com ella o facto, que vamos a tresladar do mesmo historiador; e que mostra igualmente quão reconhecido era já o seu merito evangelico, e não menos quanto val a caridade 'neste paiz, do qual provera a Deus que houvessemos tomado tamanhas lições. A missão da caridade não é a da justiça, menos ainda a da policia. O mesmo criminoso, aos olhos da caridade, não é senão um nosso irmão, um desvalido.

« Depois dos motins (diz o V.<sup>do</sup> de Melun), que agitaram o começo do reinado de Luiz-Phillipe, alguns homens, pertencentes aos partidos mais oppostos, foram accusados d'haverem tomado parte na revolta, e condemnados á morte por contumacia. Muitos, perseguidos pela policia com a sua habilidade e perseverança habituaes, dirigiram-se á irmã Rosaria, de quem tinham ouvido fallar, e pediram-lhe que os salvasse. A irmã não escutou senão a compaixão, escondem-os, obteve-lhes disfar-



ces, e guias seguras, e achou meio de fazer evadir alguns d'elles. Denunciaram-na como culpada de ter ajudado os rebeldes a escaparem á vingança da justiça. O chefe da policia de segurança, a quem ella prestara alguns serviços, e que lhe era muito agradecido, veio avisal-a de que se tinha mandado passar ordem de prisão contra ella. A boa irmã não temia por si o ser presa, mas sim, como dizia depois, pela deshonra que d'ahi poderia vir á sua comunidade. Todavia não persistiu menos em seus esforços a favor dos condemnados, e conseguiu outra vez fazer partir um dos mais importantes e dos mais comprometidos.

Mr. Gisquet, então prefeito da policia, avisado d'este facto, assigna a ordem de prisão, e entrega-a ao seu primeiro agente para que a execute immediatamente. Este supplica-lhe que poupe esta injuria á mãe dos pobres: — A sua prisão, accrescentou, soblevaria o arbalde S. Marceau, e tornar-se-hia o signal d'um motim, que não se poderia reprimir; o povo todo pegaria em armas por ella. — Então essa irmã Rosaria é mui poderosa! exclamou o prefeito; pois bem, quero ir vê-la.

«Dirigiu-se á rua da *espada de páo*, atravessou a multidão, que esperava, segundo o costume, á porta do parlatorio; e sem se fazer annunciar, pediu para falar em particular á superiora. A irmã Rosaria, que nunca o tinha visto, recebeu-o com a sua costumada civilidade; pede-lhe, que espere que ella acabe com os seus pobres; dá, como costumava, as suas caritativas consultas; e terminada a audiencia, volta para o seu visitante desconhecido, desculpa-se pelo ter demorado tanto tempo, e pergunta-lhe o que pôde fazer em seu serviço.

«Minha senhora, responde Mr. Gisquet, não vim para vos pedir serviços, mas antes para vo-los prestar. Eu sou o prefeito da policia. — A boa irmã redobra em civilidades e desculpas. — Sabei, minha irmã, continúa Mr. Gisquet, que estais gravemente mettida; em desprezo das leis, tendes feito evadir um official da ex-guarda real, o qual, pela sua manifesta revolta contra o governo, tinha merecido as mais severas penas. Eu já tinha dado ordem para serdes presa; retirei-a, a pedido d'um dos meus agentes; mas venho, e quero saber de vós, como tendes ousado constituir-vos assim em rebellião contra a lei. — Sr. prefeito, responde-lhe a irmã Rosaria, sou filha da caridade, não tenho partido, socorro aos desgraçados aonde quer que os encontro; procuro fazer-lhes bem sem os julgar; e prometto-vos, que se um dia vós mesmo fosseis perseguido, e me pedissem soccorro, não vol-o recusaria.

«Em tempos de revolução esta palavra não era uma promessa vã. Mr. Gisquet não pôde impedir-se de sorrir, e talvez, no seio d'alma, de tremer.

«Seguiu-se uma conversação entre o prefeito e a irmã, em que esta se esforçou por fazer comprehender ao magistrado que a caridade não tem os mesmos deveres que a policia; e que, depois d'uma batalha, ella é sempre do partido dos feridos e dos vencidos. O prefeito não podia, 'neste ponto, dar-lhe razão; mas ficou encantado da sua franqueza, não escapou ao ascendente que ella exercia sobre todos, agradeceu-lhe as suas explicações, e depois, no momento de a deixar, disse-lhe: — Estou prompto a fechar os olhos sobre o passado; mas, por favor, minha irmã, não torneis a começar; ser-me-hia muito penoso proceder contra vós.

— Sr. prefeito, respondeu-lhe a irmã Rosaria, acompanhando-o, na verdade não vol-o posso prometter. Confesso que, se uma egual obra se apresentasse, não teria a coragem de a recusar.

Uma filha de S. Vicente de Paulo nunca tem direito, qualquer que sejam as consequências, de faltar á caridade. »

E o prometido foi cumprido: a boa irmã continuou, como até alli.

Mr. de Melun refere outros actos não menos significativos da sua animosa compaixão.

Se podessemos proseguir 'nestas agradáveis e proveitosas narrações, á medida do desejo, e colhendo apenas a flôr do pouco que se tem escripto, esta nossa breve memoria converter-se-hia 'num livro volumoso, que poucos teriam a coragem de abrir.

Falta-nos porém ainda dizer alguma cousa do Levante e da Crimêa; isto é, do mais brilhante e famoso campo de gloria da França, das irmãs, e da Igreja, 'nestes ultimos annos; nos quaes o nome da primeira das nações, pela bravura e piedade de seus generaes e soldados, e pela celeste dedicação das irmãs, e dos sacerdotes catholicos, ficou indelevelmente impresso na memoria agradecida, edificada, e attonita dos povos do Levante.

Transcrevendo um pouco d'esses grandes feitos, alcançaremos por ventura outras vantagens; porque, pelo que se faz no imperio turco (com vergonha o dizemos) pelas irmãs da caridade, e outros institutos, poder-se-ha concluir o muito que nos falta, e que podemos e devemos fazer para a regeneração moral e social do nosso povo.

As irmãs da caridade seguiram os exercitos ao campo das batalhas, habitaram nos hospitaes militares de fieis e infieis, e foram presentes aonde a peste arrebatou maior numero de victimas. Muitas sahiram de França com esse destino, mas não foram nem as unicas, nem as primeiras; correram em auxilio de suas irmãs do Levante, as quaes, apezar de numerosas, não podiam occorrer a tantas necessidades.

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## SANTA ISABEL RAINHA DE PORTUGAL.

(1 DE JULHO.)

Saudemos a Sancta que hoje celebra a Egreja! Saudemos a filha das Hespanhas, a Senhora e protectora de Leiria, a esposa do rei lavrador, a mãe dos desvalidos, a Sancta Rainha de Portugal, que 'neste dia, ha hoje 518 annos, subiu ao céu a receber a palma que havia ganhado na peregrinação da terra.

Saudemos com toda a effusão da nossa alma a illustre, a formosa, a boa, a caritativa, a humilde, a pacificadora, a Sancta Rainha Isabel.

Illustre—ninguem mais do que ella. Filha de D. Pedro III, o grande rei d'Aragão, e da rainha Constança de Napoles; neta, pelo lado de seu pae, de D. Violante, filha d'André II, da Hungria, girava-lhe nas veias o sangue de trez dos mais nobres paizes da Europa, e das suas principaes familias.

Formosa—todos os chronistas do XII seculo concordam em a considerar tal. Tinha apenas onze annos quando a fama das suas perfeições começou a correr o mundo, e foi movidos em grande parte por ellas, que trez dos mais afamados reinantes d'então, disputaram a sua posse, e a pediram em casamento para os herdeiros de seus thronos. Não lograram tão apetevida ventura. A princeza, cujas graças ambicionavam a um tempo a França, a Inglaterra e a Grecia, estava no céu destinada para abrilhantar a corôa de Portugal.

Os esposorios da bella Aragoneza com o nosso rei D. Diniz foram tractados por procuradores. Quando o rei portuguez soube que a formosa esposa caminhava para Portugal, correu a encontrar-a, e foi em Trancôzo que a viu pela primeira vez.

Anos antes o rei Philippe Augusto de França havia tambem corrido de Paris a Amiens a encontrar-se com Ingerburge, a filha de Waldemar de Dinamarca, com quem havia do mesmo modo contractado casamento. Identicas eram as situações, diversissimos foram os resultados.

O rei francez viu a esposa; foi bastante cavalheiro para cumprir a sua palavra—casou; mas não o foi assaz para a poupar a uma vida de infelicidades. A pobre e bella Ingerburge, que era uma e outra cousa, dias depois foi repudiada, e mettida em uma prisão porque inspirou repugnancia em vez d'amor, ao homem de quem vinha ser.

Não assim a nossa Sancta Rainha. A flor que vinha partilhar o thalamo portuguez era um composto de candura e graças pouco vulgares. Vel-a e amal-a foi uma e a mesma cousa para D. Diniz. Quiz elle mostrar-lh'o, e por isso, não contente de lhe haver dado anteriormente em dote por escriptura de

nupcias o senhorio das trez villas de Obidos, Abrantes e Porto de Moz, fez-lhe logo a doação de Trancôzo, onde a recebeu por mulher, aos 24 de junho de 1282, não tendo ella ainda 12 annos completos.

Oh! mal se pôde perdoar ao rei trovador o haver traído esta sancta. Elle, que se devia desvanecer de possuir uma das mais lindas mulheres da península hispanica! elle, que tinha por esposa a mulher ambicionada dos primeiros principes da Europa, — trocava-a nas horas de delirio por uma Dona Garcia, uma boa dona do Porto, uma Mór Affonso, uma Aldonça Rodrigues, uma Branca Lourenço, uma Marinha Gomes, por... por cem, que junctas não faziam a filha de D. Pedro III! E quereis saber o que é ser uma sancta? A Rainha D. Isabel via as infidelidades de seu marido, com a serenidade no rosto e a resignação na alma. Fazia mais. Em quanto o rei poeta dizia a uma das suas amantes com o coração exaltado:

Senhor <sup>1</sup> formosa, e de moi louçã  
Coração, ai! querede vos doer  
De mi peccador que vos sei querer  
Milhor que a mim!

Em quanto dizia a outra com o enthusiasmo de mancebo ardente:

En gran coita <sup>2</sup> Senhor  
Que é peor que morte  
Vivo per boa fé, e pelo vosso amor.  
Esta coita soffro eu  
Por vós, Senhor, que eu  
Vi polo meu gran mal,  
E milhor mi será  
De moirer por vos já.

Ella chamava ao seu palacio os bastardos, (que chegaram a ser oito ou nove), educava-os como os dois legitimos, acarinhava-os, protegia-os, e quando o desleal com uma ou outra doação brindava os fructos das suas faltas, declarava que o fazia com o consentimento da esposa, — *ensembra com minha mulher a Rainha Dona Isabel.*

Mais ainda. No anno de 1298 — prevenindo o caso de morrer antes d'ella, como aconteceu, querendo dar um testemunho publico do quanto confiava na sua caridade, constituiu-a tutora de 3 filhos bastardos, que então tinha!

D. Diniz, D. Diniz, que thesoiro possuiste! Para isto não basta um mulher, é necessario uma Sancta. Bem o conheceu o grande rei, bastante se arrependeu depois d'estas loucuras da mocidade, bem grato lhe foi. Alma generosa tudo achava de pouco valor para lhe dar, e ella tudo lhe accitou para benefi-

<sup>1</sup> Os vocabulos em — *dr* — eram n'aquelle tempo invia-  
riaveis tanto para o masculino, como para o feminino.

<sup>2</sup> Desgraça.

cio dos pobres. Em premio das pazes que ella promoveu entre elle e o irmão D. Affonso, deu-lhe Leiria<sup>1</sup>, a formosa Leiria, a queda dos nossos reis; a banhada por esse Liz, que no dizer de nosso Lobo

Em cobras de cristal correndo salta.

Com o andar do tempo deu-lhe tambem o senhorio de Torres-Novas, Alemquer, Arruda, Atouguia e Cintra; e ella, a mensageira da Providencia no mundo, gastava os rendimentos das 4 villas do seu dote, e os de todas as outras que mais tarde lhe foram dadas, em fundar hospitaes, em alliviar infelizes, em dotar as honestas desvalidas, em augmentar misericordias, em beneficiar egrejas, em socorrer empéstados, correndo ao nieio da peste sem a temer, em mil outras obras de caridade, que lhe conquistaram um logar no céu, e após isso as adorações das gentes sobre a terra.

Oh! como ella é digna d'essas adorações! Como ella a todas estas virtudes reunia a da humildade!

Quereis vel-a?

Tanto que el-rei seu marido expirou, a rainha de Portugal, a filha, a mãe, a neta de reis, querendo mostrar o nada das vaidades do mundo, encerrou-se no seu apozento, chamou as suas camareiras, despojou-se dos seus vestidos, entregou os cabellos a uma tesoura, envergou o habito de Sancta Clara, cingiu-se com um cordão, e entre lagrimas de todos e d'ella, que as sanctas tambem choram, fez um protesto, não de professar, porque era sua intenção não se privar das suas rendas e exercer a caridade, mas de assim continuar vestida o resto da sua vida.

Pouco depois, em suffragio pela alma do que Deus havia chamado a si, foi a Sanct' Iago de Galliza, distribuindo beneficios durante todo o caminho. Mais tarde, não desejando morrer sem lá tornar, lá voltou com effeito; mas d'esta vez, tendo já 63 annos d'idade, foi a pé como os peregrinos, vestida como elles, bordão de romeira, sem séquito e comendo o pão duro da esmola, que a pediu, batendo ás portas de ricos e pobres, e implorando-a como os desamparados do mundo!

Foi o preparo para a grande jornada. D'ahi a pouco mais d'um anno abriram-se-lhe as portas do céu. Mas como? Estrella da paz devia morrer cumprindo a sua missão de toda a vida.

Corria o fim de junho de 1336, vivia ella recolhida no seu mosteiro de Sancta Clara de Coimbra, que havia fundado, quando chega aos seus ouvidos, que seu filho rei de Portu-

gal, se apercebia em guerra lá para as bandas do Alemtejo, contra o rei de Castella. Eram ambos do seu sangue. Não hezita. Debalde as boas religiosas, debalde as suas damas, a pretendem dissuadir d'ir ao Alemtejo. Lembram-lhe a idade, que já tinha, de 65 annos, lembram-lhe a distancia, o calor da estação, a influencia d'elle 'naquella provincia; passam das razões ás supplicas, das supplicas ás lagrimas! A nada attende, nada a desvia do proposito. Por ventura não era a paz o seu sonho constante? Não se havia ella por mais d'uma vez mettido entre os combatentes? Não se tinha pela sua influencia pacificado seu genro Fernando de Castella com o rei d'Aragão? Seu irmão o rei de Sicilia com o rei de Napoles? Seu marido com o irmão, o infante D. Affonso? Seu filho com seu marido D. Diniz de Portugal? Não tinha por estes, que tanto lhe magoaram o coração, corrido de Alemquer a Guimarães, de Guimarães a Coimbra? Quem a poderia agora dissuadir d'ir ao Alemtejo? Foi, e foi a pé, por um sol abrazador, a ver se esta penitencia dobrava os corações dos maldadados, que, por parentes, antes se deviam amar. O resultado fôra previsto. A martyr chegou a Extremoz, e ahi (onde 55 annos antes o rei D. Diniz havia assignado a procuração para o seu recebimento), cahindo nos braços dos seus, exausta de fadigas, cansada de lutar pelo bem, e tranquilla de consciencia, subiu ao céu, a colher o premio d'uma vida de sanctidade, aos 4 de julho de 1336.

Aqui tendes a senhora de Leiria. Quereis agora saber a que estaes mais obrigados que ninguem, patricios meus? Lêde as palavras que vou textualmente copiar do tomo 5.º da *Monarchia Lusitana*, escriptas por um monge d'Alcobaça, que foi chronista mór d'este reino — ha mais de 200 annos, o dr. fr. Francisco Brandão:

« O que se póde advertir aos moradores de Leiria, é que entraram no senhorio d'esta Sancta Rainha a 4 do mez de julho, e que conforme a isto *estão mais obrigados que outros* a celebrar o dia da sua festa, que a Egreja mandou e dispoz que fosse aos 4 de julho, que é o proprio dia em que aquella Rainha recebeu o senhorio de Leiria. »

Lêde mais o que um thio d'este chronista, tambem monge d'Alcobaça, escreveu ácerca d'este mesmo assumpto: « Donde podem ver os moradores de Leiria a *obrigação que têm de fazer particulares festas* a esta Sancta, cujos vassallos foram em outro tempo, e no presente, é de crer, são seus favorecidos e lembrados deante de Deus. »

<sup>1</sup> Esta doação por uma coincidência notavel foi feita a 4 de julho de 1300, isto é, no mesmo dia, em que a Egreja celebra a sua festa.

<sup>1</sup> As pazes, que por esta occasião a Sancta promoveu entre marido e filho, foram selladas com juramento d'este na egreja de S. Martinho de Pombal, d'aquelle na de S. Simão de Leiria. Era uma egreja no Castello. de que nem já existem as ruinas.

Não seria necessario acrescentar mais a vozes tão auctorizadas; mas nada fique por dizer, que possa accordar a devoção dos filhos d'esta terra pela Sancta Rainha.

Não ha só a circumstancia de Leiria lhe ser doada a 4 de julho, ha mais. A historia d'esta cidade está de tal sorte ligada com a da sua protectora, que não é possível desligal-as. Sancta Isabel viveu entre nós, muitas vezes veio procurar um repouso, para a sua vida agitada, nas tranquillias margens do nosso rio. O primeiro hospital que tivemos, foi fundado e dotado por ella. Em quanto viveu, protegeu-nos como a filhos dilectos; quando se preparou para a morte, ainda se lembrou de nós, nomeando um ecclesiastico de Leiria para seu testamenteiro, legando duas verbas importantes a beneficio das nossas recolhidas e dos nossos lazarus. Preferencias tão honrosas para nós conquistaram-nos outras 300 annos depois.

No reinado de Fillipe III, foi entre outros nomeado para os processos da sua canonização, D. Martim Affonso Mexia, bispo de Leiria. Em 1696 quando a Sancta foi trasladada do antigo mosteiro de Sancta Clara de Coimbra para o novo, onde hoje está, entre os bispos, que debaixo do paleo conduziram o corpo, via-se o de Leiria, D. Alvaro d'Abrancas.

Paremos aqui. A nossa missão é pugnar por tudo que physica e moralmente possa engrandecer esta terra: engrandeca-se ella, não consentindo que outra se avantege nos festejos d'este dia.

Não ignoramos que alguma cousa se faz, é pouco, é quasi nada para quem tanto nos deu. Tome o povo á sua conta exonerar-se da divida, que lhe péza, considere este dia como de festa nacional, honre-se festejando a Sancta, que foi como mãe desvelada, e ainda hoje é no mundo sua especial protectora.

A. X. R. CORDEIRO.

## RESENHA.

Ninguém diga « d'esta agua não beberei » ou « se d'esta escapo, cem annos vivo » que desde já lhe asseveramos que o não põe por obra.

Estes dous chavões são mais um arrependimento momentaneo do preterito, ou, melhor, um enfado passageiro do presente, do que programma irrevogavel do futuro; — podem crer-nos como d'avezado que somos, e d'aviado que presumimos ser.

Isto de *folhetinar*, que tanto vale resenhar, é como amar, ou poetar, ou viajar. — O amante entrado de crús despeitos, porque no amoroso mar de rosas, em que navegava, pescou com o

anzol do velador ciume a sombra imaginaria d'um amante inedito . . . ; o poeta novigo a quem o sorriso inoffensivo na bôcca do nescio supprimiu a edição hypothetica de mil cantos ainda existentes no cahos ou na massa dos impossiveis . . . ; o navegante enjado, a quem a sanctificada caipóra enfiou pavores na passagem, aonde

*Abriendo os braços com que cinge o globo  
Em pé nas ondas o Equador dá « vivas, »*

e ao qual muito cortezes

*Respondem « viva » os hemispherios ambos :*

. . . esses todos, dizemos, o amante, o poeta, e o embarcado, juram não tornar a cair 'noutra, o tresdobro, pelo menos, das vezes que hão de tornar a arrepender-se em identicas aperturas.

É que o coração do homem, ainda bem! é assim feito, e não ha poder-lhe resistir.

Vem um dia e uns olhos negros, avelutados, languidos, com umas pestanas longas, sedosas, recurvadas, fitam-nos um momento . . . ou vem uma tarde de primavera com o sol já transmontado, e o horizonte franjado de lhamas d'oiro, e o crepusculo suave, melancholico, poetico . . . ou vem uma alvorada com um purissimo céu azul e um mar-de-leite tão puro como o céu, e um gracioso brigue arfando brandamente com o panno todo largo, simulhando donzella reclinada em tapete de flores, e a aragem a ondear-lhe o candido vestido solto . . . enfim, vem um momento e comem os desejos, e aperta a vontade, e rebentam as saudades, e adeus juramentos feitos, que a alma se vai embalada no seu sonho favorito deliciar-se no amor, arrebatar-se na poesia, ou opulentar-se com as sensações inexprimiveis da magestade do oceano.

Que alguém nos não creia, bem pouco se nos dá d'isso; mas é certo que não fica menos verdade o que dizemos.

É por isso que vimos hoje a fazer esta *resenha*. Toda academica e toda desentranhando-se da indole do nosso jornal, temos de ser benigno como para com irmãos, e sério como no-lo exige o logar, abrindo a mão a pequinhas e remoques, menos polidos e menos cabidos.

Desde do desabrochar do anno lectivo o tempo tinha-nos corrido sereno, mas trivial, — alegre, mas não querido. Desfolhadas as saudades do aconchego domestico, refflorescemos para o estudo, sendo-nos matiz os curtos e, por isso mesmo, gostadissimos ocios. Era um viver todo patriarchal e estudioso, que poderia acalantar vinte castos e profundos Newtons, e nunca despertaria nem um *dx* de Faublas ou Lovelace.

Fallavam-se apenas aulas, conversaram-se lições, discutiam-se methodos, anatomisavam-se auctores e, enfim, vivia-se encadernado

em sciencia e com tachins de finissima critica. Era um ineffavel extasi d'amor d'estudo que nos embebeica.

Verdade é que, ao mesmo tempo, caia o theatro, esmagando a Melpómene academica sob o pezo de cem atmospheras de banalidades, e com elle caia o ultimo dos nossos recreios deleitosos, ao mesmo passo que instructivo e civilizador!

'Nestas mágoas nos descoroçoavamos quando a nossa boa estrella nos guiou o sr. Taborda, e o sr. Arouca, com as alfaías e as myrrhas do faustoso oriente do Gymnasio. Refloriu-nos a vida: rimos, traquinando, e, como o emblematico mocho, descansámos sobre o livro fechado.

Na pedantesca logica dos espiritos tacanhos, um passatempo qualquer é sempre e *ipso jure* uma calamidade para o estudo: não o tomam nunca como um indirecto refocillar de forças para mais fartas victorias: condemnam o corpo á solidão como se o carcere do espirito se encerrasse no perfil inflexivel d'um *figurino, last fashion!* Galileu da liberdade, havemos de bradar-lhes e *pur si muove* aos impotentes inquisidores de singelos e graciosos divertimentos, para ver se conseguimos convencer-os de que o *panem et circences* é para o corpo e para o espirito.

Para nós, pelo menos.

E por isso é que todos nos vimos concorrendo contentes ao theatro nas noites dos srs. Taborda, e Arouca: é por isso que as mãos se abriam generosas para lançar as corôas ao palco, e os *bravos* restrugiam freneticos, e as *poesias* esboavam como borboletas cambiantes, victoriando os actores.

Das muitas que alli colhemos, lançamos aqui como specimen a seguinte ao sr. Taborda, não por ser a melhor, mas a mais breve, já que não temos margem para todas:

Teu vassallo é quem te escuta  
Teu escravo quem tem alma.

\* \*

*Que importam hymnos da lyra?*  
*Bravos, c'roas o que são?*  
*Quando enlevada te admira*  
*A teus pés uma nação!*

*Do genio o berço é a gloria,*  
*Grato assombra a mocidade,*  
*É sua mortalha a historia,*  
*E seu tumulo a saudade.*

*Não viste a colher loiros . . .*  
*Onde os ha dignos de ti?*  
*Que valem ricos thesouros,*  
*Se a gloria ao genio sorri?*

*Accepta, pois, este mudo*  
*Silencio de nossas almas,*  
*Que te diz bem mais que tudo . . .*  
*— Mais que bravos, mais que palmas.*

A.

As lançadas ao sr. Arouca, não tem conto. Ainda hontem nosso irmão nas fraguas e nas alegrias academicas, sentado nos mesmos

bancos, vivendo a mesma vida, lidando as mesmas lides, a saudade victoriou-o com mimo de poesias e com abraços de flores.

Sem sabermos se com bom ou malgrado do auctor, vamos aqui revelar uns versos que ouvimos recitar entre os brindes d'uma ceia, e que o acaso nos trouxe á mão. Eil-os:

*Silencio! amigos: — eis o sol no occaso!*  
*No rapido passar, verteu-nos 'nalma*  
*Da eterna gloria o brilhantismo eterno.*

*Se, orphãos, agora, rebentarem lagrimas,*  
*Deixemo'-las correr — que é nobre o pranto:*  
*Nem ha pejo em chorar a luz que morre,*  
*Se densas, fundas trévas nos circundam.*

*Aqui, no solio da sciencia e d'arte*  
*Só para o genio, irmãos, ha, por tributo,*  
*Amor no coração, na mente assombrô.*

*Sciencia e arte são irmãos, são virgens,*  
*Que unidas fulgam, derramando flores,*  
*Risos, perfumes, gosos, harmonias*  
*Por entre abrolhos, 'naridez do estudo.*

*Sciencia e arte são d'um mundo ethereo,*  
*Infinito, onde as trevas jámais reínam;*  
*Os astros immortaes d'immortal brilho:*  
*Mundo que o vulgo, sem n'o crer, adora;*  
*Mundo que o genio a suas leis sujeita;*  
*E a que o ingenho, qual aquia sobre o abysmo,*  
*Mede com vista audaz o immenso imperio.*

*Eia, irmãos: — esse mundo é o nosso. A gloria*  
*Lá nos espera co'as viçosas palmas,*  
*Se, baldando á ignorancia as falsas galas,*  
*Fôr nosso norte e enlevo nosso o estudo.*  
*— A força, a espada, o throno alli se esquecem:*  
*Razão, virtude, amor alli se estimam.*

*Eia, pois, nada alli importa o berço;*  
*Lá todos são irmãos, amigos todos:*  
*Se o genio nasce da choupana humilde*  
*Entre as nuas paredes, para em breve*  
*O mundo devassar no ardidô vdo;*  
*E em vistoso palacio, entre aureas pompas,*  
*Em berços de marfim, se embala o nescio . . .*  
*Tambem, sem pompas, sem cortejo nasce*  
*O sol, rasgando d'alvorada os mantos,*  
*Para a terra inundar de luz e vida.*

*Avante, meus irmãos: — da sciencia e d'arte*  
*É difficil a estrada; mas, ao menos,*  
*Ha lá dos genios os brilhantes facho*  
*Para dar-nos a luz que o trilho mostrem.*

*Mais um agora vai junctar-se ao côro!*  
*Dos que immortaes, por letras, na poesia,*  
*Ou na historia, ou na scena, se recordam;*  
*Dos que pela arte, com divino acropo,*  
*Ou com mago pincel, eternos vivem.*

*Esse é Taborda . . . — este só nome basta!*  
*Diga o mais quem puder: se pôde acaso*  
*Phrase haver que do genio a luz retrate;*  
*Que eu por mim não sei ter mais que a saudade!*

*Silencio, pois, irmãos: — é o sol no occaso!*  
*No rapido passar verteu-nos 'nalma*  
*Da eterna gloria o brilhantismo eterno:*  
*Se orphãos agora rebentarem lagrimas*  
*Deixemo'-las correr; — no pranto ha gosô.*

A.

Que não se agaste o auctor com este nosso innocente revelar.

Fechadas com mágoa as portas do theatro, saltamos, a pés junctos, para a *sala dos capêlos*, aonde dois distinctos collegas nossos, o sr. J. Pereira da C. Cardoso, e o sr. Thomaz

A. d'O. Lobo, em acto de *conclusões magnas*, propugnaram victoriosamente as suas *theses* de mathematica.

Ambos estudantes habilissimos, e tão que-ridos de seus mestres, como estimados e admirados de seus condiscipulos, quer a vereda fragosa do magisterio, quer os cargos d'engenharia civil podem trilhar afoitos. Bem que desejados, cremos que nenhum dos dous se vota á vida universitaria.

Desviemos, porém, este assumpto, para que á conta d'encomiar não lance alguém o resenhar, e apuremos o nosso par de botinas *stellpflug* para o baile da sociedade *philantropico-academica*.

Entre as poucas creações puramente d'estudantes, é esta á que mais opulencia de recursos desejavamos, por ser a mais immediatamente util. Amparar o mancebo que em meio da sua carreira litteraria foi colhido pela adversidade, e ministrar-lhe subsidios para terminal-a convenientemente, é motivo a louvores sinceros e rasgados. E todas as traças, de que se lance mão para fazel-a prosperar e, cada dia a mais, estender a sua acção benéfica, serão sempre bem vindas e sempre festejadas.

D'esta vez vingou realisada a idéa d'um baile dado nos salões da Academia Dramatica: e se boa foi a idéa, por perto do optimo rastreou o resultado. Se simplesmente 'numa singella, mas incisiva, phrase aristocratica quizessemos dar conta d'essa noite, diriamos apenas «passou-se bem.» Mas, realmente, não nos cabe ser tão expressivamente laconico, quando tudo o que em Coimbra é admiração, e em muitas cidades seria pasmo, se achava reunido 'num mesmo salão. Formosura, elegancia, riqueza, galanteria, distincção, tudo ahí se via e se sentia, se admirava e se namorava.

Premeditado, e com muitos dias d'antecipação annunciado, houve tempo para fazer vir de Lisboa o enfeito peregrino e *fashionable*, para dar requinte ás graças de mais de uma candida belleza; e para que mais d'um Jacob apaixonado tentasse mentalmente reunir 'num minuto as fadigas pastoris de sete annos, para poder cambial-as com os Labões da epocha, a troco de mais d'uma Rachel. Emfim, por mais que queiramos, não sabemos dizer, se não que foi uma noite boa; e que não temos agradecimentos bastantes e condignos para os srs. directores, principalmente para o ex.<sup>mo</sup> sr. Borges de M., e para os srs. . . . que sei eu? — para todos, que todos concorreram sollicitos. Aceitem-nos, pois, o que podemos tributar-lhes — uma interjeição entusiastica!

E mais que muito sentida é ella, por isso que nos deram occasião de mais uma vez contemplarmos as linhas correctissimas d'aquelle rosto, que durante seis annos tem sido

nosso constante enlevo. Rosto que não se descreve, como não se copia o brilhantismo offuscador d'um raio do sol; rosto que faz desentranhar d'alma o requinte da admiração, e borbolear do coração o sentimento mais acrysolado d'amor e de poesia. Guardemos Deus, porém, de nos desvendarmos, descobrindo o idolo do nosso culto, em periodos moldados pelo stylo perfumado da comedia franceza. Não, — amamos a verdade, adoramos a singeleza, e veneramos a formosura.

A nós, delicia-nos muitissimo mais a borboleta que passa negaceando e borboletando por entre as flôres, fugaz, doida, indescriminavel, do que a séria, marmorea, e fria belleza da estatua que povoa a alameda. São gostos: *alii alia dabunt*.

Agora, quasi a ponto de trancarmos a nossa *resenha*, principiamos já a sentir a angustia que amanhã nos ha de torturar, lendo-a na estampa: — e sabem porque? é porque 'neste genero d'criptos tem sempre o editor o direito de cortar e alterar caprichosamente: aqui tira um pensamento, alli cercêa um periodo, acolá apaga uma imagem ou cancella um sotaque. . . . e o auctor nem sequer é ouvido!

Pois já que assim é, e que não podemos estorvar essa rasoura, tambem não consignaremos aqui detidamente os *concursos* de theologia a que temos assistido, e o hom e o mau, que 'nelles colhemos; — nem tão pouco voltaremos mais, embora fartos de logrados ocios, a resenhar acontecimentos, baldando assim aquell'outro chavão que diz «cesteiro que faz um cesto faz um cento, tendo verga e tempo.» (?)

## ANNUNCIOS.

Methodo Facilimo para aprender a ler, tanto a letra redonda como a manuscrita, no mais curto espaço de tempo possível; por Emilio Achilles Monteverde. Approvado pelo Conselho Superior d'Instrução Pública. 6.<sup>a</sup> edição, muito melhorada, augmentada e ornada de grande numero de lindas estampas. — Preço 100 réis, em brochura.

Resumo da Historia de Portugal; por Emilio Achilles Monteverde. — 3.<sup>a</sup> edição.

Vendem-se, em Lisboa, nas livrarias de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8; na da Viuva Bertrand e filhos, aos Martyres, á esquina da travessa da Figueira, e nas de quasi todos os livreiros: — no Porto, na de Antonio Rodrigues da Cruz Continho, rua dos Caldeiros n.ºs 11 e 12; na de Moré, rua de Sancto Antonio n.ºs 42 e 44, e outras; e em todas as capitães dos districtos administrativos: — no Rio de Janeiro, na loja de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n.º 77, e nas de outros livreiros, tanto d'aquella cidade, como das demais do Imperio do Brasil.

N. B. As pessoas que quizerem alguma porção de exemplares d'estas obras, de 50 até 150, se abonará a commissão de 10 por cento; de 150, até 250, 12 por cento; e de 250 para cima, 15 por cento; devendo dirigir-se, para este fim, á livraria acima mencionada de João Paulo Martins Lavado.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## CONSULTAS

QUE AO GOVERNO DE S. M. DIRIGIU  
A FACULDADE DE MATHEMATICA.

### PRIMEIRA CONSULTA.

Senhor: — O conselho da faculdade de mathematica, a quem foram presentes algumas ponderações feitas pela direcção do observatorio astronomico, sobre os embaraços, que a forma e capacidade do edificio, onde actualmente se acha estabelecido o mesmo observatorio, oppõem á boa collocação de alguns instrumentos que hoje possui, e á accommodação d'outros, que por ventura venha a adquirir; vai respeitosa e eleva á soberana presença de V. M. as considerações que se lhe offerecem relativas áquelle objecto, e as providencias que lhe parecem mais adequadas para prover de remedio aos inconvenientes que actualmente existem, e cuja remoção é de urgente necessidade.

O actual edificio do observatorio offerece os seguintes inconvenientes:

O telhado da sala dos capellos encobre parte do céu do lado do norte. E só pôde fazer-se uso da marca meridiana do sul.

O rasgo projectado no terrado inferior para uso do instrumento de passagens no primeiro vertical não descobre senão um arco de  $19^\circ$  a leste e oeste do zenith. E não pôde collocar-se uma marca do lado do nascente.

A contiguidade do pátio da universidade, e da rua, á casa d'observações, pôde ser causa de perturbação do socego, que nellas é necessario, e de oscillações do edificio.

Para dar ao Equatorial a melhor collocação, que o observatorio permite, tem d'aparear-se o torreão central até á casa do Sector zenithal, e de construir-se um pégão, que venha desde o fundamento do edificio, e atravessa a primeira abobada.

Para collocar firmemente o instrumento de passagens no primeiro vertical, é necessario construir um pégão sobre o qual assentem os pilares; e repartir a casa d'aula por uma parede, que deve ser forte para dar mais segurança á abobada onde se tem de fazer o rasgo.

Para que seja permanente o serviço regular

e assiduo das observações, é indispensavel uma casa contigua ao observatorio, onde habite, pelo menos, o porteiro.

Ora a despeza do rasgo no terrado inferior, da repartição da casa da aula, dos dois pégãos, do apeamento do torreão central até á casa do Sector, e da habitação do porteiro, não pôde ser menos de trez a quatro contos de réis.

E, apesar d'ella, sempre o observatorio será acanhado em casas d'observação; nem haverá neste edificio logar onde se accomodem novos instrumentos.

O edificio do observatorio do Castello, que apenas ficou em começo, offerece pelo contrario as seguintes vantagens:

O horizonte é mais desaffrontado, descurbrindo-se toda a parte do céu onde devem fazer-se observações com o Circular-meridiano e com o instrumento de passagens no primeiro vertical; e poderão collocar-se marcas a distancias convenientes nas direcções norte-sul e este-oeste.

A distancia das casas d'observação do edificio á rua dar-lhes-ha o isolamento conveniente.

A parte central do edificio, cuja immediata construcção se propõe, terá capacidade sobeja para se collocarem 'nella não só os trez instrumentos referidos, mas tambem outros que ulteriormente se obtenham.

E no resto do mesmo edificio ha accommodações sufficientes para habitação do porteiro.

O conselho tambem julga conveniente ponderar, que feitas no actual observatorio as obras mencionadas, continuará o do Castello a ser uma casa inutil, perdendo-se muitas dezenas de contos de réis já despendidas 'neste vasto edificio.

Pelo contrario a conclusão do observatorio do Castello tornará disponivel o actual para bibliotheca e aulas da faculdade de mathematica, de que o mesmo conselho tem por diferentes vezes reconhecido, e já representado, a necessidade, e para o estabelecimento d'um bello observatorio meteorologico da faculdade de philosophia.

E parece ao conselho que a economia proveniente d'estabelecer 'naquelle local o observatorio meteorologico, para o qual d'outro modo será necessario erigir um novo edificio,

como já reconheceu a respectiva faculdade, junta à que resulta de evitar no observatório actual as despesas referidas, não dará uma somma sensivelmente inferior à que tem de gastar-se na parte central do observatório do Castello.

À vista d'esta exposição, e combinando o orçamento geral das obras necessarias em todo o edificio, ás quaes se refere o documento n.º 2, com o das relativas à parte central, cuja immediata construção é urgente, indicadas no documento n.º 1, parece ao conselho que o custo d'esta parte não pôde exceder nove contos de réis; e por isso tem a honra de representar a V. M.: que é indispensavel em primeiro logar a quantia de nove contos de réis para fazer desde já a obra indicada na parte central do observatório do castello: em segundo logar é necessario mais para concluir este edificio a quantia de seis contos e quatro centos mil réis, a qual poderá ser concedida por juncto, ou em trez prestações annuaes, a contar de julho de 1858.

V. M. porém resolverá, como melhor entender em sua alta sabedoria.

Da Universidade de Coimbra: Em conselho da faculdade de mathematica de 27 de abril de 1857.

*Assignados todos os vogaes do conselho.*

## SEGUNDA CONSULTA.

Senhor:—O conselho de faculdade de mathematica, a quem a experiencia dos annos decorridos desde a reforma de 1844, tem demonstrado a impossibilidade, por falta de tempo, de se professarem alguns dos ramos, que fazem parte do curso mathematico, e de se dar a outros todo o desinvolvimento necessario, julga do seu dever levar respeitosamente à presença de V. M. as ponderações que acha conveniente fazer sobre este objecto, para dar aos estudos da faculdade de mathematica a extensão que exige o estado actual da sciencia.

Na 3.ª cadeira, o tempo que é necessario despende no ensino do calculo transcendente, nunca permitiu que se explicassem mais do que os primeiros elementos de geometria descriptiva.

Na 4.ª cadeira o tempo empregado no ensino de mechanica racional, não tem permitido até agora explicar parte alguma da acustica, nem dar à optica o desinvolvimento analytico que a sciencia hoje reclama.

Neste estado entende o conselho que se deve crear uma nova cadeira, para que se explique a parte transcendente da geometria descriptiva, e a parte transcendente e analytica da acustica e optica, fazendo-se tambem as experiencias convenientes, para que este ensino se torne mais proveitoso.

A creação d'esta cadeira, cuja necessidade parece ao conselho que fica demonstrada, não exige a de outra substituição, porque, depois d'ella, continuará a ser legalmente quatro o n.º dos substitutos ordinarios.

V. M. resolverá como melhor entender em sua alta sabedoria.

Da Universidade de Coimbra: Em conselho da faculdade de mathematica de 27 de abril de 1857.

*Assignados todos os vogaes do conselho.*

## DISCURSO PRELIMINAR DA 4.ª EDIÇÃO DO METHODO PORTUGUEZ.

O sr. A. F. de Castilho brindou esta Recitação com um exemplar do discurso da introdução à 4.ª edição do seu methodo de ensino em instrução primaria.

Rendendo o nosso agradecimento e homenagem ao empenho desvelado e homenagem ao empenho nutrir pela propagação e melhoramentos do ramo mais indispensavel da instrução pública, pedimos venia ao erudito auctor para lhe offerecermos algumas reflexões, como em resposta ás sentidas queixas que faz de não vêr o seu methodo geral e officialmente adoptado na prática do ensino do paiz.

A questão dos methodos de ensino, é uma das mais complexas, difficeis e embaraçosas da instrução, mórmente da primaria, administrada a individuos, em que apenas se pôde contar com a sensação e a memoria; *porque as cogitações, em que a luz da intelligencia lhes caminha sempre adiante da memoria*, como sem razão supõe o sr. Castilho, não podem existir sem a reflexão, e as idéas reflexivas vêm mais tarde.

Accresce ainda a mobilidade propria da infancia; a fadiga da attenção prestada por alguns minutos ao mesmo objecto em razão da sensibilidade mais viva, e menos perseverante na tenra idade, em que a acção dos nervos é mais caprichosa, e menos regular. Condições são estas que tornam o processo do ensino mais difficil na primaria do que nos outros ramos da instrução; e que imperiosamente demanda muita vocação pedagogica, muita dedicação, e experimentada prudencia e practica no professor.

Não é pois de maravilhar que toda a innovação em methodo de ensino seja sempre recebida com desconfiança; e que se aguardem os resultados practicos para sancionar o methodo; sendo que a questão é toda de resolução practica.

Ha um defeito palpavel, e sobre tudo influente na repugnancia, que se tem levantado contra o novo methodo; e esse está na



falta de um dos principios que o sr. Castilho deverá considerar tambem para base do seu methodo. As classes menos abastadas são as mais numerosas. 'Nestas o pae pede ao trabalho do filho o valor da fatia com que lhe mata a fome: e assim o filho não pôde acompanhar com regularidade as diversas evoluções do ensino nas epochas dos serviços campestres. O novo methodo exige frequencia seguida e regular.

Sendo essencialmente simultaneo o methodo Castilho, é indispensavel que os alumnos tenham todos um grau igual de instrucção, e poderíamos dizer, de desenvolvimento intellectual. Com um só professor o ensino será impossivel; porque aquellas duas condições raro se acharão reunidas; e ainda que se designasse por lei uma epocha fixa de matricula, mostrando a experiencia, que um anno não basta para o ensino, no anno seguinte o differente grau de instrucção dos alumnos obrigaría a dividil-os em classes; ou a reduzir muitos d'elles a simples espectadores, o que fôra grande atrazo no desenvolvimento do ensino primario. 'Neste embaraço o que o interesse publico aconselhava era a nomeação de dous ou trez professores para cada escola, e casas separadas para ensino das classes.

E não é *a priori* que assim raciocinamos: sabemos *a posteriori* que tem sido essa a causa principal do desgosto dos mestres, e da resolução dos páes em retirarem seus filhos das escolas em que o methodo tem sido practicado.

É certo que o sr. Castilho 'nesta exposição preliminar da 4.<sup>a</sup> edição, cede do seu primeiro plano; concede que possam dividir-se as escolas em decurias; mas com a musica, as palmas, os passos de marcha, como será possivel trabalhar cada classe isolada no ensino que lhe cabe? e se abolirem todos esses meios de animação, esse principio de vida em que o auctor do methodo confia com razão, a que fica reduzido o methodo de ensino? ao simultaneo-mutuo hoje seguido geralmente no paiz.

Conhecemos que no methodo ha cousas aproveitaveis; e uma capitalissima, que desejáramos ver geralmente adoptada, é a leitura auricular, meio reconhecido e provado de bem pronunciar e cadenciar a leitura.

Esperamos que o sr. Castilho amestrado pelas lições da experiencia, vá simplificando o seu methodo; e depurando-o de algumas excrescencias inuteis, se não prejudiciaes ao ensino. E por esta occasião felicitamos o sr. Castilho por haver abandonado a orthographia barbara e insolita, que de primeiro inventára, e restituido os seus fóros á orthographia classica da nação dos Barros, Sosas, Vieiras, e Camões.

Do que levamos dicto não se creia que o novo methodo produza sempre maus resulta-

dos no ensino. O mestre que sympathisar com elle, o que se armar com sincero empenho do crédito do methodo, e aproveitamento dos alumnos, ha de dar bons discipulos: e por esta razão fundada na experiencia de seculos, é que se deixa ao mestre a liberdade na escolha do methodo. A escola e o professor; seja este bom; escolha o methodo que mais lhe agrade, e os discipulos sahirão bem doutrinados.

Parece-nos haver demonstrado a razão porque o novo methodo não podia, nem devia prosperar sem conceder ao tempo e á experiencia, o que razoavelmente se lhe não pode negar.

Achamos por este motivo menos fundados os queixumes do sr. Castilho.

Ninguém talvez tenha sido tão favorecido em suas tentativas, como o introduzido do methodo repentino. O governo deu-lhe desde logo um ordenado pingue, além das subvenções para jornadas em visitas das escolas. Poz á disposição do commissario pelo methodo repentino, a cooperação de todas as auctoridades litterarias: ordenou os ensaios do methodo em todas escolas do reino; e isto sem saber se era bom ou mau o tal methodo; ou para melhor dizer, não ignorando que 'noutros povos, e muito illustrados se havia já ensaiado e abandonado.

E a este sincero empenho, e cooperação do governo e das auctoridades litterarias, deve o sr. Castilho o grande consumo do seu livro; porque foi necessario a todos os professores, e a muitos alumnos, compral-o. Mais auspiciosa estrêa não sabemos nós que algum a haja alcançado.

Mas a pezar de tão bons auxilios, é innegavel que uma resistencia séria e tenaz, se ha levantado contra o methodo. *Se houvera em Portugal, em S. Miguel, no Brasil, tantas escolas d'aquelle methodo; se fôra tão notoria a excellencia e abundancia de seus fructos, como diz o sr. Castilho, certo que elle se não queixára do abandono a que o vê condemnado; da injustiça dos homens.*

Não querendo negar alguma injustiça filha dos interesses creados, da força do habito, e da má execução do methodo, cremos todavia que do contratempo é mais culpado o auctor, do que o mesmo methodo.

O sr. Castilho começou na recommendação do seu methodo por onde devera acabar. Fez-lhe a apothese. Aprovegando prodigios com um enthusiasmo, e até estylo verdadeiramente poetico, deificou-o. Podia fazel-o com a mesma auctoridade com que egypcios, gregos e romanos aviavam divindades.

Mas no seculo em que a luz das sciencias vai penetrando até o mais humilde tugurio, na epocha do positivo e practico, as pomposas promessas per si só não fazem effeito, *Nec pueri credunt, nisi nondum aerere lavantur.*

Assim nunca se fundou religião, nem crença; e ainda nos tempos das Canídias e Saganas tivera effeito esse systema. Esses elogios exagerados não ficam bem em bôcca propria; aguardam-se dos outros.

E ainda mais; condemnando os methodos de ensino adoptados, alcunhando-os de barbaros, antiphilosophicos, antimoraes, antichristãos, não só feriu todos os interesses creados por esses antigos methodos, sancionados por dilatada practica, deixando sem prova asserções menos reflectidas; mas offendeu os brios, e pundonor dos nossos respeitaveis classicos, dos homens mais eminentes do paiz, de todos os portuguezes em geral, doutrinados e educados por aquelles methodos, que assim parecem offerecidos em holocausto ao novo methodo pelo entusiasmo e desejo afervorado do sacerdote da religião, que se pretende edificar.

Não busquem outra causa á primeira repugnancia, que tem encontrado a practica do methodo Castilho.

Obrigados por ordem superior os professores a aprender, e praticar o novo methodo, destinadas mesmo algumas escolas mais acreditadas para ensaiar, e comparar vantagens do antigo, e do novo methodo, o que officialmente consta não abona muito os elogios prodigalisados. Consta que muitos professores habilitados com diploma d'este methodo pelo commissario respectivo, pediram á auctoridade superior serem dispensados d'esse methodo de ensino, em que não viam proveito e lhes desviava os alumnos das escolas. Os commissarios de estudos, e professores na maior parte desadoram o methodo; e no ensino official do Estado não consta que elle se ache em exercicio.

Não ignoramos algumas das causas da resistencia; e parece-nos antever como poderiam ser removidas. Muito podem concorrer para esse effeito as transigencias, a que o sr. Castilho declara sujeitar-se no discurso preliminar, que nos occupa: mas fôra por ventura preferivel organizar um methodo novo, aproveitando principios do methodo antigo, do de Michel aperfeiçoado pelo sr. Marceliano de Mendouça<sup>1</sup>, e do sr. Castilho.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 10.

### XIX.

De longos annos a Igreja catholica exerce nos paizes do Levante uma doce influencia, sob a tutella da França; e d'ahi vem, que,

depois de tantos seculos de feroz despotismo e brutal tyrania, não só ainda alli se encontram fecundos germens de regeneração, mas estes se têm desenvolvido consideravelmente nos ultimos tempos. Visitar e curar os enfermos, ensinar os ignorantes, sem distincção d'origem e culto, orar por todos a Deus, agasalhar os peregrinos, e guardar os monumentos sagrados da vida e morte do Redemptor, eis ahi a nobre e gloriosa tarefa dos ministros de Deus, desde seculos, em meio dos sarraçenos e arabes.

Tem os lazaristas, em Constantinopla, alguns estabelecimentos, e entre elles o collegio de Bebek, a uma legua da capital, no qual uma numerosa mocidade recebe a educação secundaria.

As irmãs da caridade têm igualmente trez casas na mesma cidade; uma em Péra, na qual ha um *pensionato* de cem meninas, pouco mais ou menos, — um *collegio d'orphãs* com cento e trinta, — uma escola para externas, e casa de trabalho, que recebem obra de quatrocentas, — um *hospicio d'expostos*, — um *catecumenato* para instrucção dos hereges e schismaticos convertidos, — um *dispensatorio* (sala de consultas medicas, curativo de feridas, e distribuição de remedios) e uma botica, aonde se appresentam, termo medio, por dia, quatrocentos doentes, soccorridos gratuitamente.

A segunda casa, em Galata, é um hospital de cem camas, servido por doze irmãs, e junto a elle uma escola e casa de labor, nas quaes se recebem, cada dia, mais de 300 crianças.

Em frente de Bebek finalmente possuem um principio de colonia agricola d'expostos e orphãos, com quatro irmãs, e sob a direcção d'um missionario.

Ha ordinariamente em Constantinopla 20 padres lazaristas, 50 irmãs, e 30 irmãos da doutrina christã.

Na segunda cidade do imperio ottomano, Smyrna, ha trez casas de lazaristas; e em uma d'estas, em 1852, a cifra dos alumnos externos subio a 179. Ha na mesma cidade outras tantas d'irmãs da caridade, as quaes occupam-se, como em Constantinopla, no ensino, e no curativo dos enfermos.

Os irmãos das escolas christãs recebem ahi, nas suas escolas, perto de 400 meninos; e á noite dão aula aos adultos.

Desde 1847 que as irmãs estão estabelecidas em Beyrouth; e os desvelos com que tractaram os cholericos em 1849, captivaram-lhes a admiração e a estima dos naturaes.

« Uma d'ellas (diz L. Veuillot) morreu atacada do flagello. Toda a cidade quiz assistir ás suas exequias; e viram-se os gregos, os judeus, os turcos, os arabes, e os catholicos seguirem o seu enterro com a expressão d'uma verdadeira dôr.

<sup>1</sup> Veja-se o *Methodo do Ensino Parallelo da escripta e leitura*. Instituto, IV vol., pag. 244, 253 e 268.

As suas escolas na cidade e arrabaldes recebem perto de 500 meninas.

Em 1852, prestaram soccorros e distribuiram medicamentos a 34:223 enfermos indigentes; visitaram em casa a 1843, e cuidaram de 102 no proprio hospital.

A superiora exerce em Beyrouth uma tamanha, tão geral, e tão feliz influencia, que o pachá entregou-lhe a suprema direcção dos seus hospitaes! Deixam-lhe uma mui grande liberdade, e os turcos acham-se bem com isso.»

A fama das boas obras d'estas irmãs de Beyrouth chegou a Damasco; e a 26 de junho de 1854 uma nova colonia, acompanhada pelo Prefeito apostolico das missões dos lazaristas na Syria e no Egypto, e pela irmã superiora da casa de Beyrouth, entrava 'naquella cidade, a convite e instancias dos naturaes, e sób a protecção e com o auxilio do governo francez.

«Ha cinco dias (escrevia pouco depois o *Moniteur*), que o dispensatorio (sala de consultas, curativos, e distribuição de remedios) está aberto. O numero dos doentes pobres, de todas as religiões, que se têm apresentado ahi, sobe, termo medio, a cem por dia. A escola das meninas está egualmente aberta, e conta 120 alumnas. A casa de lavor (escola de fazer vestidos) abrir-se-ha em breve.»

Em Alexandria, no Egypto, os lazaristas possuem dous estabelecimentos; e outros dois as irmãs da caridade, o *Hospital europeu*, no qual são recebidos os doentes de todas as religiões e nacionalidades; e a *Misericordia*, que contém um pensionato, um collegio d'orphãs, um hospicio d'expostos, escolas d'externas, e casas de lavor; e recebe, pouco mais ou menos, trezentas meninas. O numero dos doentes soccorridos no dispensatorio foi de 61:630 em 1853, e nas casas 6:968.

*Setenta e cinco damas de caridade*, uma conferencia de S. Vicente de Paulo, e um estabelecimento d'irmãs das escolas christãs, auxiliam os trabalhos dos lazaristas, e das irmãs.

A Grecia possui igualmente a uns e outras; ahi as irmãs apesar dos rancores do schisma, em 1852 instruiam a mais de 200 meninas, sendo 53 internas, e 150 externas; e das internas 40 orphãs e inteiramente desvalidas.

A invasão do cholera em 1854 veio consolidar o seu credito; e o governo, pelo orgão de seus primeiros funcionarios, prestou-lhes os mais estrondosos e significativos applausos e agradecimentos<sup>1</sup>.

## XX.

Taes eram as boas servas, as experientes e caridosas enfermeiras, os anjos de doçura e

sobre-humana dedicação, as mensageiras e distribuidoras de celestes consolações, que os exercitos alliados e os inimigos, sem distincção de bandeira, nem de creença, iam encontrar 'nessas sempre famosas e memoraveis campanhas da Turquia e da Crimêa, de 1854—1856, na qual a peste e a guerra tinham de ceifar tantas e tão illustres victimas.

Os jornaes do levante e do occidente frequentes vezes se occuparam das irmãs da caridade; porque, no meio de tão brilhantes feitos d'armas, e de tão assignaladas provas do desenvolvimento das artes, das sciencias, e da navegacão, no tocante á arte de matar os homens e de derribar os imperios, cousa nenhuma foi capaz d'escurecer a fama d'estas humildes salvadoras das vidas e da verdadeira civilisação.

Invejou-as o anglicanismo, quizeram imital-as os inglezes; e por fim viram-se reduzidos a implorar o seu soccorro, fazendo-lhes a justiça, de que não ha força de caridade que as excêda ou mesmo que as eguale na dedicação.

Russos e turcos lhes abriram os hospitaes; e aquelles (quem tal o acreditára?) foram mendigal-as á catholica Polonia para Sebastopol! Ouçamos o primeiro orador do mundo catholico, o P.<sup>o</sup> Ventura de Raulica, que ninguem ousará alcunhar de pouco liberal; o desterrado de Roma, porque medira, pelo seu puro pensamento e coração, o dos ambiciosos falsos amigos do póvo; o orador d'O'Connell, o venerando ancião que Paris disputa hoje á capital do mundo.

Na sua obra *La femme catholique* expressa-se d'este modo:

« Parece de resto, que hoje o mundo inteiro está perfeitamente d'accôrdo 'neste ponto. Em Sebastopol são as irmãs da caridade da Polonia catholica, que o governo schismatico russo encarregou de cuidarem dos seus soldados enfermos ou feridos. Na Grecia, tendo offerecido o commandante em chefe da expedição franceza, o general Mayran, antes da sua partida para a Crimêa, ao governo schismatico d'este pequeno reino, o deixar-lhe os medicos e as *irmãs da caridade* do exercito francez para assistirem aos seus cholericos, este governo agradeceu-lhe os medicos, e não se apressou a aceitar senão as irmãs de caridade, parecendo dizer:—Aquelles poderemos havel-os de qualquer parte; estas em parte alguma as acharemos, se de vós as não recebermos.»

« Em Londres uma senhora protestante, Lady N., organisou uma *associação de mulheres caritativas*, que houvessem d'ir para o Oriente exercer ahi, no exercito inglez, as funcções que as verdadeiras irmãs da caridade exercem no exercito francez;—e os mesmos jornaes protestantes a rirem, a taxarem de loucura a empreza, e a matarem-na no berço pelo ridiculo. Lady N. deu-se por advertida;

<sup>1</sup> Le schisme, la France, et l'église en Orient, 1 vol. in 18.

e, modificando o seu plano, teve ella mesma a boa idéa de tomar comsigo todas quantas poudo reunir das irmãs de caridade nos conventos catholicos da Gram-Bretanha.

« Os mesmos turcos abriram os seus hospitaes a estas admiraveis filhas, e acolheram-nas ahí, como entes celestes.

« Eis ahí pois o schisma, a heresia e o mahometismo reduzidos a haverem de pedir ao catholicismo estes *anjos de conforto*, e a reconhecerem por este só facto, que a verdadeira caridade, *mais forte do que a morte*, é uma planta exclusivamente catholica, que não se encontra em parte alguma fóra da Igreja. »

Anteriormente dizia o mesmo escriptor: — « Todo o segredo da dedicação heroica d'estas sanctas filhas está na sublime doutrina da sua regra. E esta mesma doutrina que explica a palavra, sublime na sua simplicidade, que uma d'ellas pronunciou, ha apenas trez mezes, e que teve um echo d'admiração em todas as almas, e de ternura em todos os corações. Rebenta o cholera no exercito francez em Gallipoli; as irmãs de Constantinopla não bastam para o serviço do grande numero de bravos atacados pela epidemia: dirigem-se ás irmãs de Smyrna, e pedem-lhe que soccorram as suas companheiras, e tomem o lugar d'aquellas, entre estas heroínas da caridade, que com a vida acabavam de pagar o seu desvelo angelico em salvarem a vida de seus compatriotas. A superiora responde: — *Iremos todas, porque felizmente estamos em ferias!* »

« Dest'arte, para estas grandes almas o ir cuidar dos doentes, arriscando a sua propria vida, é uma *recreação*, é uma *felicidade!* »

Logo depois o mesmo P.<sup>o</sup> Ventura, profundando mais as causas d'este singular phenomeno da absoluta impossibilidade de fazer *irmãs de caridade* em Londres, Berlin, e S. Petersburgo, apezar de reiterados esforços, accrescenta: — « Não é possível fazer uma irmã da caridade d'uma mulher que não é catholica; como não o é igualmente cunhar com falso metal moedas de bom toque. Para fazer d'uma mulher uma irmã da caridade, é mister antes de tudo — fazer-lhe abraçar a profissão da virgindade voluntaria, e estabelecer-a 'nesta por um voto sagrado; é mister depois — eleva-la á altura das suas penosas funções por motivos sobre-humanos, e pelas práticas da mais perfeita piedade; é mister — fixal-a e fortifica-la 'nestas continuamente pela frequentação dos sacramentos da *confissão* e da *communhão*. E na SANTA MESA, 'neste foco do amor de Deus, que a irmã da caridade toma o prodigio do seu amor pelo homem. Ora cousa nenhuma de tudo isto se pôde fazer fóra do catholicismo, o qual só conservou em honra a profissão da virgindade voluntaria, o maior e o mais precioso dos conselhos do Evangelho, e que só possui os meios de transformar a todo o homem, e de fazer d'elle o

prodigio do que se chama uma *sancto*; porque não ha sanctos fóra do catholicismo <sup>1</sup>.

## XXI.

As irmãs da caridade, que partiram de Smyrna para o Pireu, ao instante pedido do general francez, o bravo Mayran, morto no primeiro assalto da torre Malakoff, e cuja divisão tinha sido violentamente invadida pelo cholera, foram recebidas pelo almirante e depois por aquelle general com as mais singulares demonstrações de consideração. O general veio tomal-as a bordo para pessoalmente as instalar na ambulancia.

« Vendo-as, muitos soldados exclamaram: — *Agora entraremos sem medo no hospital.* »

Havia ahí muito que fazer, e tudo se fez. Um protestante, penetrado de surpresa e admiração, dizia: — *Não posso comprehender, como estas mulheres tão delicadas podem suportar tamanha fadiga!* — Elle não sabe, respondeu uma das irmãs, *que aquelle que nos sustem, é chamado o Deus dos fortes.*

Apenas acabava d'afrouxar a epidemia no acampamento, quando a povoação grega, no mesmo Pireu e na cidade d'Athenas, foi cruelmente atacada pelo flagello de Deus.

As irmãs acudiram á força do perigo. Como se houveram em umas e outras partes, dil-o-hão melhor os seguintes documentos officiaes.

Campo do Pireu, 10 d'outubro de 1854.

*Minha carissima irmã.*

« Não consintirei que deixeis o Pireu, sem que vos agradeça a bondade que tivestes de vir aqui, ao pedido que eu vos tinha dirigido para Smyrna, na maior força das calamidades que affligiam os nossos pobres soldados. O cholera atacava-nos com um rigor, por assim dizer, sem exemplo. Apellidámos por vós, e trez dias depois, estaveis aqui com seis das vossas boas irmãs, prodigalizando-nos todos os cuidados, toda a dedicação, que se costuma encontrar nos menores membros da vossa sancta communidade. A vossa presença nos trouxe um grande auxilio para restituir a coragem a toda a gente.

Graças por isso vos sejam dadas, minha carissima irmã! Eu vos exprimo todo o meu reconhecimento; tende a bondade de o acceitar em meu nome, e em nome de todo o corpo d'occupação, que commando. A boa lembrança, que nos deixais, minha carissima irmã, não se acabará jámais.

Apresento-vos a homenagem da minha muito sincera e respeitosa dedicação.

O general de brigada, commandante do corpo d'occupação na Grecia,

*Mayran.*

Assim se expressava o general, escrevendo á superiora, proxima a voltar para Smyrna.

<sup>1</sup> La femme catholique, Paris 1855, T. 2.<sup>o</sup>, pag. 380 — 408.

A 25 de dezembro do mesmo anno o *Moniteur* publicava em Paris o seguinte.

Athenas, 26 novembro (8 dezembro) 1854.

*Senhor Ministro.*

«O ministro dos cultos e da instrucção pública, participando dos sentimentos d'estima e gratidão, de que está penetrada a alma de todos os habitantes da capital e do Pireu para com a nobre dedicação manifestada pelas irmãs da caridade nos momentos, em que a saúde pública foi tão cruelmente experimentada, e desejando fazer chegar ao seu conhecimento uma nova expressão d'estes sentimentos, enviou-me a carta juncta, que dirige á superiora das irmãs da caridade que estão em Athenas no Pireu, e pede-me que a faça chegar ao seu destino, etc.»

— Este officio era do presidente do ministério grego M. Maurocordato ao ministro de França em Athenas. A carta, a que se refere, diz o seguinte:

*Reverendíssima senhora.*

Soccorrer os enfermos, consolar os afflictos, alliviar os desgraçados, e applicar d'este modo o segundo dos grandes mandamentos, de que dependem as leis e os prophetas, é o nobre intuito da vossa sancta missão.

Esta missão sagrada não pôde certamente esperar a remuneração, que lhe é devida, senão d'aquelle que disse:— «O que fizerdes a favor do menor dos meus irmãos, a mim mesmo o tereis feito.»

E na verdade que recompensa sobre a terra pôde ser digna da abnegação e da dedicação, com que vos applicaes ao conforto da humanidade padecente, assim como do zelo, todo cheio d'uma caridade tão christã, de que haveis dado ultimamente em Athenas um tão brilhante e admiravel exemplo, prodigalizando os mais assíduos cuidados, as mais doces consolações, e os mais efficazes soccorros ás desgraçadas victimas do flagello, com que esta cidade tanto padeceu, que tiveram a felicidade d'aproveitar-se da vossa inexgotavel caridade?

No entanto eu acreditaria faltar a um dos mais imperiosos deveres do ministério, de que estou interinamente encarregado, se, quando no meio d'uma cruel epidemia vós apparecestes como anjos de consolação e d'esperança, eu não vos fizesse chegar a expressão official da gratidão do governo, assim como os sentimentos, de que a vossa exemplar dedicação encheu a alma de todos os gregos em geral, e particularmente dos habitantes d'esta capital.

«O Deus de caridade, que ora pune, ora consola, dignar-se-ha, como esperamos, desviar de nós a sua ira; e brevemente talvez outros desgraçados reclamarão noutra parte os vossos cuidados, e admirarão as vossas virtudes. Mas os votos dos infelizes, alliviados

pelos vossos cuidados, seguir-vos-hão para toda a parte, reverendíssima senhora; e, pelo que me toca, considero-me feliz por me ser dado transmittir-vos, assim como ás vossas nobres companheiras, a expressão do reconhecimento público, á qual tenho a honra d'ajunctar a certeza do meu proprio respeito.»

Os magistrados d'Athenas, em nome do municipio, escreveram igualmente. «Desprezando os perigos e o tédio (dizem elles) com uma coragem a toda a prova, vós haveis prestado aos enfermos todos os soccorros e consolações, e bem merecido o nome, pelo qual com justo titulo sois conhecidas.

«A nação grega não se esquecerá jámais (ficai bem certas d'isto) da vossa caridosa associação, a qual, realisando na terra virtudes evangelicas, attrahe a admiração e as sympathias de todo o mundo<sup>1</sup>.»

*Continúa.*

A. FORJAZ.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

FOR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 287 do 5.º vol.

XXXIII. Em quanto isto se passa em Roma, envia Manlio alguns dos seus por deputados a Q. Marcio Rei, com a seguinte especie de manifesto:

«Attestamos os deuses e homens, general, «que não tomámos as armas contra a patria, «nem contra a vida de ninguém; senão para «defender das injustiças a nossa existencia. «Reduzidos á miseria e á indigencia pela «violencia e crueldade dos usurarios, muitos «estamos sem patria, e todos sem honra e sem «fazenda. A nenhum de nós valeu, segundo «o antigo costume, o beneficio da lei; nenhum conservou a liberdade, cedendo o patrimônio: tal foi a barbaridade do pretor e dos usurarios! Mil vezes, compadecidos da pobreza do povo romano, vossos maiores lhe «acudiram com decretos; e ultimamente, ainda em nossos dias, se remiram dividas enormes reduzindo-as a um quarto, com geral «aprovação dos homens de bem. Mil vezes «o mesmo povo, incitado, ou pelo desejo de «mandar, ou pelo despotismo dos magistrados, «se armou e levantou contra o senado. Nós, «porém, nem riquezas nem mando pedimos,

<sup>1</sup> La Croix et l'épée, ch. 4.º

« essas duas fontes de guerras e disputas sobre a terra. Pedimos sim a liberdade, que um homem de bem só deixa perder com a vida. A ti e ao senado rogamos, que protejais cidadãos desgraçados; que nos restituais o amparo da lei, roubado pela iniquidade do pretor; que não nos reduzáis á necessidade extrema de buscarmos qualquer genero de morte, depois de havermos vingado o sangue de nós todos. »

XXXIV. A isto respondeu Q. Marcio: « que se queriam pedir alguma cousa ao senado, depozessem as armas, e fossem humildemente a Roma: que o senado e o povo romano foram sempre tão humanos e clementes, que nunca ninguém implorára de balde o seu auxilio. »

Catilina do caminho escreveu a varios consulares e a muitas pessoas de bem, dizendo: « que opprimido com falsas accusações, e não podendo resistir ás cabalas de seus inimigos, cedia á desgraça, e se desterrava para Marselha; não porque o accusasse a consciencia de um crime tal, mas para tranquillidade da república, e para que da sua defesa não nascesse alguma sedição. » Mui diferente d'esta, lêu Q. Catulo no senado outra carta, que disse lhe fóra entregue da parte de Catilina. Eis aqui a copia:

XXXV. *L. Catilina a Q. Catulo*, saude. « Tua particular fidelidade, a mim por experiencia grata nos maiores perigos, anima as minhas pretensões. Por isso não intento fazer-te a apologia do meu novo projecto: sómente, sem que o remorso me obrigue, quero expôr-te as razões que desculpam o meu procedimento; razões, cuja verdade, te juro, reconhecerás comigo. Desesperado por injustiças e affrontas, privado de obter, como fructo de meus trabalhos e industria, a posição que me era devida, encarreguei-me, segundo costume, da defesa geral dos desgraçados; não que eu não podesse pagar com os meus bens as dividas contrahidas em meu nome, (pois Aurelia Orestilla teve a generosidade de pagar dos seus bens e dos de sua familia as dividas, que eu contrahira sobre caução alheia); mas porque via com as honras homens indignos, e eu excluído por falsas suspeitas. Este o motivo, que, segundo as circumstancias, me obrigou a conceber honrosas esperanças de conservar um resto de reputação. Desejando escrever mais, avisam-me que se armam contra mim. Recommendo-te Orestilla, e á tua lealdade a entrego. Por teus filhos te rogo, que a defendas de qualquer insulto. Adeus. »

Catilina, depois de passar alguns dias em casa de C. Flaminio no territorio de Rieti, provendo de armas os habitantes circumvizinhos, peitados de antemão, partiu para os arraiaes de Manlio com as farchas e outras insignias do poder supremo.

XXXVI. Tanto que se souberam estas cousas em Roma, o senado declarou inimigos do estado a Catilina e Manlio; e aos outros conjurados assignou termo, dentro do qual, todo o que não fôsse réu de crime capital, podia depôr as armas impunemente. Decretou além d'isso, que os consules fizessem levar de tropa, que Antonio marchasse logo com o exercito sobre Catilina, e que Cicero defendesse interiormente a cidade.

Em tempo nenhum me pareceu mais deploravel o imperio do povo romano. Obedecendo tudo as suas armas do oriente ao occidente, tendo na patria a paz e affluencia das riquezas, os maiores bens na opinião dos homens; houve com tudo cidadãos obstinados em se perder a si e á república. Apesar dos dous decretos do senado, nem um só houve de tão grande numero, que induzido pelo premio revelasse a conjuração; nem um só desertou dos arraiaes de Catilina. Tanta era a força do mal, que como peste havia inficionado os animos dos cidadãos!

XXXVII. E não traziam o espirito alheado só os cúmplices da conjuração; mas até a plebe toda, desejosa de novidades, approvava a empresa de Catilina: 'nisto não desmentia ella o seu costume antigo. Sempre nas cidades os que não têm nada, odeiam os bons, louvam os máos, aborrecem as cousas antigas, suspiram pelas novas; desgostosos da sua situação, desejam transtornar tudo, e sem susto aproveitam-se dos motins e revoluções, porque a pobreza nada tem que perder.

Muitas causas precipitavam a plebe de Roma em tanta corrupção. Primeiramente, todo o infame e insolente, de nome, d'onde quer que fosse; todo o que empobrecera por devasso; os que emfim, por maldades e torpezas haviam perdido a patria; todos estes em torrente se ajunctaram em Roma, como 'num receptaculo de escorias. Depois, muitos, lembrando-se da victoria de Sylla, e vendo a uns de soldados rasos feitos senadores, e a outros vivendo em tracto e magnificencia real, esperavam outro tanto da victoria, se se pegasse em armas. Demais, a mocidade pobre, que nos campos se sustentava de jornal, attrahida pelas liberalidades publicas e particulares, havia preferido a ociosidade da corte ao trabalho penoso. Estes e muitos outros sustentavam-se dos males publicos. Por isso não deve admirar, que homens indigentes, de máos costumes e grandes esperanças, confundissem d'este modo os seus interesses com os da patria. Aquelles, além d'isso, cujos páes tinham sido proscriptos, os bens roubados, e a liberdade coarctada pela victoria de Sylla, esperavam o exito da conjuração com as mesmas intenções: e emfim, todos os que eram do partido opposto ao do senado, antes queriam a república revolta, do que ver aquelle superior em valimento; rivalidade, que, esquecida

ha muitos annos, tinha agora voltado para Roma.

XXXVIII. Porquanto, depois que no consulado de Cn. Pompeo e M. Crasso se restabeleceu a auctoridade tribunicia, homens moços, no verdor da idade e das paixões, começaram, criminando o senado, a irritar a plebe; e depois com dadas e promessas a accenderam ainda mais, ganhando com isso reputação e poder. Com todas as forças se lhes oppunha a nobreza, defendendo apparentemente o senado, na realidade a propria auctoridade. Em uma palavra, todos os que desde aquelle tempo perturbaram a república com motivos plausiveis, uns affectando defender os direitos do povo, outros ampliar a auctoridade do senado, cada um com o pretexto do bem publico, só trabalhava na propria elevação; e sem comedimento nem modestia em suas pretensões, a uns e outros fazia crueis a victoria.

Mas depois que Pompeo foi mandado para a guerra maritima e contra Mithridates, diminuiu-se o poder da plebe, e cresceu o dos nobres: estes obtiveram as magistraturas, as provincias e o mais tudo; estes, seguros, opulentos, e vivendo sem susto, atterram com condemnções os tribunos, para com a sua auctoridade não exacerbarem a plebe contra elles. Porém, logo que as perturbações deram esperanças de mudança, renasceram dos corações da plebe as antigas disputas; de modo que, se Catilina ficasse superior no primeiro combate, ou este fosse indeciso, grande perda e calamidade cahiria sobre a república: qualquer dos dous partidos, ainda ganhando a victoria, ficaria tão cansado e exangue, que não gozaria d'ella por muito tempo, sem que um terceiro mais forte lhe arrancasse o poder e a liberdade.

XXXIX. Alguns extranhos á conjuração foram desde logo unir-se a Catilina. Neste numero entrava Fulvio, filho de um senador, que, preso no caminho, foi morto por ordem do pae. Ao mesmo tempo Lentulo em Roma, segundo as instruções de Catilina, alliciava ou por si, ou por outrem, quantos julgava azados para uma revolução, por sua indigencia ou máos costumes; e não só cidadãos, mas quaesquer outros, com tanto que prestassem para a guerra.

XL. Deu portanto incumbencia a um certo P. Umbreno, que procurasse os deputados dos Allobroges, e os attrahisse, se podesse, a ligarem-se nesta guerra; entendendo, que as suas dividas publicas e particulares, e o genio guerreiro da nação franceza, seriam motivos sobejos para os attrahir á conspiração. Umbreno, como tinha negociado na Gallia, conhecia quasi todas as pessoas principaes das cidades, e era d'ellas conhecido. Assim, sem demora, tanto que viu os deputados na praça, depois de os interrogar um pouco sobre o estado

da sua nação, com ar de quem lamenta as suas desgraças, lhes perguntou, que fim esperavam a tantos males? Depois que os ouviu queixar-se da avareza dos magistrados, e accusar o senado de lhes não ter prestado auxilio, accrescentando, que só esperavam na morte o remedio de seus males: «pois eu, tornou elle, vos «mostrarei um meio, pelo qual, se quizerdes «ser homens, escapareis a tantos infortunios.» Apenas tal ouviram, os Allobroges, summamente esperançados, rogaram a Umbreno que se compadecesse d'elles; que nada haveria, por mais difficil e aspero, que não fizessem da melhor vontade, com tanto que isso livrasse das dividas a sua patria. Elle os conduziu depois a casa de D. Bruto visinha á praça, onde, por causa de Sempronio, não era ignorada a trama; porquanto Bruto não estava então em Roma. Chamou depois Gabinio para mais auctorizar o que dizia; e na presença d'este descobriu-lhes a conjuração, nomeou os cumplices e muitos outros de todas as classes, que o não eram, para dar mais animo aos legados; e, depois de lhe terem promettido os seus serviços, despediu-os.

XLI. Porém os Allobroges estiveram longo tempo indecisos sobre que partido seguiriam. Por um lado moviam-os as dividas, o desejo da guerra, e as promettidas vantagens da victoria; pelo outro estavam as forças maiores, conselhos seguros, premios certos, em vez de esperanças incertas. Neste conflicto de idéas, vence enfim a fortuna da república. A Q. Fabio Sanga, o maior protector da sua cidade, descobrem quanto haviam sabido; e Cicero, informado por Sanga d'aquelle attentado, ordena aos legados, que finjam o maior zelo possivel pela conjuração, que procurem os demais conjurados, que lhes prometam grandes cousas, e que trabalhem por descobrir inteiramente os seus segredos.

*Continua.*

## O PAROCHO D'ALDEA.

(tradusido verso por verso de Dellile — L'Homme des champs — 1832.)

Vês esta habitação modesta e pia?  
É do homem de Deus, que aos céus offerta  
Do povo reunido humiltes preces,  
E do céu sobre a aldeia os dons espargae.  
Consola os tristes; o hymeneu consagra;  
Benze a ceara em vigo, e benze os fructos.  
Ensina o bem; — no berço acolhe o homem.  
É na vida o seu guia, e á campaa segue.  
De um mister tão sublime que se arrede  
Quem só d'intrigas, só d'enredos cura;  
Que a si tudo releva, e nada aos outros;  
Que deixa por vil lucro um templo pobre,  
Que em seus modos avilta o logar sancto.  
E na moral do seculo a sua molda.

Fiel á egreja, caro ao seu rebanho.

Semelha o bom pastor ao freixo idoso,  
Que das festas da aldeia testemunha,  
Cem annos lhe prestou amiga sombra;  
Que, do tempo apezar, sempre viçoso.  
Tem visto os pães morrer, nascer os filhos.  
Em seus conselhos sabio, bom, prudente,  
É como a Providencia, acode a todos,  
Páe dos pobres, um só não se lhe esconde!  
As esmolas que faz, só Deus as sabe;  
As chossas da miseria, onde a desgraça  
Reune a dôr, e a fome, e a morte ás vezes,  
Lá corre; — seu horror perde a doença,  
Seus terrores a morte, e a fome o apêto,  
Previne o crime, prevenindo as faltas,  
O pobre o abençoa, o rico o estima;  
E ás vezes inimigos rancorosos  
Sentam-se á sua mœsa, e lá se abraçam.  
Seus trabalhos honrae; a velha casa  
Torna-lh'a mais decente, mas sem luxo:  
Por dentro de virtudes adornada  
Apresente por fóra um ar de acceio;  
Se a pobreza degrada, o fausto indigna.  
Com elle reparti vossas colheitas,  
Enfeita-lhe o altar, orna-lhe o templo;  
No caminho do bem segui seus passos.  
Que espectáculo, ó Deus, o de uma aldeia.  
Que edifica um pastor, consola um sabio!!  
Não. — Roma subjungando o mundo inteiro,  
Não vale a aldeia, onde a virtude mora,  
Onde as orações de um, d'outro as riquezas,  
Mil bens e a meiga esperança alli disparem.

(F.)

## O CANAL MARITIMO DE SUEZ.

Continuado de pag. 19.

A commissão depois de examinar trez projectos, o de Mr. Paulin Talabot, que queria abrir de Suez ao Cairo, do Cairo a Alexandria um duplo e vasto canal; o de Mr. Barrault que tambem queria dois canaes ligados pelo lago Menzaleh; e finalmente o de Mr. Linant, bey, que propunha a construcção d'um só canal entre os dois mares, adoptou definitivamente este ultimo projecto. Começando em Suez o canal seguirá primeiro na direcção do sul para o norte e 'numa extensão de 28 kilometros aproximadamente, o valle ou thalweg egypcio; percorrerá depois um grande circulo para penetrar na vasta bacia antigamente occupada pelo mar Vermelho, atravessando os lagos amargos em todo o seu comprimento; um d'estes lagos chamado Timsah e situado a 80 kilometros de Suez ficará sendo o porto interior da nova canalisação; o canal dirigir-se-ha depois em linha recta para o norte, inclinando-se ligeiramente para oeste, e virá desembocar no lago Menzaleh o qual communica com o Mediterraneo.

Em toda esta extensão o isthmo apresenta a mais propicia configuração: a de um valle comprido e muito pouco sinuoso; poucos são os logares em que o sólo se eleva a mais de dois metros acima do nivel do Mediterraneo; 'num logar sómente e 'numa pequena exten-

são a elevação é de 15 metros; os trabalhos de nivelamento serão por tanto de pouca monta. Com a sonda reconheceu-se, em dezenove pontos diferentes, que a natureza do terreno não apresentava nenhuma difficuldade extraordinaria para a excavação; quasi em toda a parte é argila, ou sulfato de cal sem grande consistencia, ou areia que sómente está concretada em feição de rochas em um unico ponto de pouca extensão perto de Suez. Poder-se-hia temer que os turbilhões d'areia trazidos pelos ventos viessem obstruir o canal, ou obrigar a incessantes desentulhos, se de uma parte o canal dos Pharaós, cujo leito ainda é visivel depois de tantos seculos, e da outra os lagos amargos e o lago Timsah, que são depressões mui pouco profundas do sólo; contendo quasi á superficie depositos marinhos, não fossem testemunhas authenticas, solemnes e eloquentes que as areias, aliás impellidas pelos ventos com tanta força em outros logares, nunca prejudicaram, nem por consequencia prejudicarão os trabalhos do canal. A areia é compacta em toda a extensão de Suez até ao Cairo e coberta de çarças que os camellos não podem atravessar; nas duas margens do canal podem portanto plantar-se arvores que dêem sombra e frescura. Como é excessivamente provavel, segundo os calculos de Mr. Lieussou, que, conforme o vento e as marés, assim se manifestem no canal correntes em sentidos contrarios, convem que as suas paredes tenham uma certa solidez, a qual se obterá naturalmente na parte comprehendida entre o Mediterraneo e os lagos amargos, mas que entre estes e Suez será mister conseguir com robustos paredões.

Quando se chega do mar Vermelho a Suez, entra-se 'numa grande enseada semi-elliptica de 12 kilometros de comprimento e 8 de largura, que pôde servir de ancoradouro para 500 embarcações, e cujo fundo varia entre 5 e 13 metros; dois diques, um a sud-oeste de 2:000 metros de comprimento, o outro a nor-oeste de 1:800 de comprimento, distantes 400 metros um do outro, sahirão do centro da enseada e, descrevendo uma curva, formarão um porto dominado em frente da cidade por um caes de 800 metros de largura; o canal desembocará ao norte d'esta bacia. Do lado do Mediterraneo, o canal, depois de atravessar em comprimento de sul a norte o lago Menzaleh entrará nas dunas a 20 kilometros da antiga Peluza no meio d'um porto artificial que será chamado o porto Saïd, do nome do vice-rei do Egypto, principe esclarecido sob cujos auspicios se emprehende esta gigantesca obra; dois diques, um de leste, outro d'oeste, formarão a entrada do porto; o dique d'oeste entrará pelo mar dentro para abrigar o porto contra os ventos oeste e nor-oeste; basta que o dique mais curto tenha 2:300 metros, e o mais comprido 3:500 metros, para que os



navios sahindo do porto achem uma profundidade d'agua de 8 metros, a qual continua pelo litoral em uma extensão do 20 kilometros; a distancia entre os dois diques será de 400 metros; formarão portanto um ancoradouro, cuja superficie será de 40 hectares, onde os navios poderão entrar com todos os tempos; um ante-porto de 72 hectares de superficie, aproveitado entre os diques, irá ligar-se com a bacia de Said, cuja largura é de 800 metros, e a extensão de 64 hectares. É um facto evidente que toda a parte do litoral situada para diante de Peluza, não tem variado ha dezenove seculos; que a distancia entre o mar e as ruínas da cidade é exactamente a mesma que Strabão aponta; que nas margens da bahia de Peluza, não se encontram lódos nem nateiros acarretados pelo Nilo; que 'neste ponto o mar tende mais a produzir erosões do que depositos d'alluvião, etc., etc.; não ha, portanto a receiar-se que os lódos ameacem ou destruam os trabalhos alli emprendidos; nenhum obstaculo impede que o canal atravessa a praia immutavel de Peluza: é uma obra mais facil do que a creação do porto Malamocco em Veneza.

Em resumo: o corte d'um vasto canal entre o Mediterraneo e o mar vermelho, sem pontos de secção nem eclusas, do comprimento de 147 kilometros, navegavel até para os navios de trez mil toneladas, com entradas nos dois mares e trez portos, um interno e dois maritimos, não é nenhuma obra difficil ou arriscada, mas simplesmente uma questão de tempo e de dinheiro. Os engenheiros do vice-rei orçaram a despesa em 162 milhões de francos, comprehendendo 14 milhões e meio para despezas imprevisas, e accidentes inevitaveis.

A commissão internacional, diz Mr. Dupin, no seu relatório á academia das sciencias, merece os maiores elogios; não se limitou a um exame profundo dos projectos e orçamentos; propoz ainda melhoramentos importantes, que fizeram do actual projecto uma obra commum, que não offende senão que satisfaz a todos os amores proprios.

(Cosmos.)

F. MOIGNO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Teoria de los puentes colgados; por D. Eduardo Saavedra; ingeniero primero de caminos, canales y puertos, profesor de mecánica aplicada de la Escuela especial del cuerpo. — Madrid — 1856.*

Com a publicação d'este escripto importante, que é apenas o resumo das lições explicadas pelo auctor, no curso de 1854 a 1855, aos alumnos da classe de mecanica applicada ás construcções, quiz o sr. Saavedra, habil

e bem conhecido engenheiro do reino vizinho, satisfazer a necessidade, que hoje se sente, de um tractado, que possa dirigir os engenheiros na construcção das pontes suspensas, não se havendo publicado sobre a materia cousa que satisfizesse, depois da obra de Navier—*Rapport et Mémoire sur les ponts suspendus* — a qual se vai tornando cada vez mais rara.

Pondo o fito principal em reduzir todas as fórmulas e discussões sómente ao necessario na practica, e isto por um modo accessivel aos que só possuem os conhecimentos elementares do calculo integral e da mecanica, o auctor, fiel ao seu intuito, posto que se guiasse principalmente pela obra de Navier, separou-se d'elle todavia em alguns pontos secundarios.

No capitulo I tracta de determinar as condições d'equilibrio das cadeas: já submettidas ao seu proprio peso, que é o caso de catenaria; já submettidas a um peso repartido uniformemente sobre a sua projecção horizontal; já finalmente no caso real das cadeas das pontes suspensas. Para determinar em todos estes casos a *forma da curva, o seu comprimento, a tensão nos seus diferentes pontos, e a grossura da cadea*, emprega com preferencia o desenvolvimento d'estes valores em series, e os methodos graphicos, que ao passo, que lhe apresentam soluções menos complicadas, lhe dão ao mesmo tempo resultados com as convenientes aproximações.

Nos capp. II, III e IV determina as condições d'equilibrio das diferentes especies de apoios; a flecha provisoria da cadea, apreciando as suas variações, tanto as que dependem de sua natureza, como as que são devidas ao fiador e á mobilidade do apoio; e por fim as variações da flecha definitiva, resultando ou da influencia das variações da temperatura, ou do addicionamento de cargas accidentaes. Em tudo isto aproveita o que ha de mais substancial e practico no trabalho de Navier.

No cap. V, para determinar os movimentos oscillatorios, não acompanha Navier nas suas formulas de analyse mais transcendente, mas segue o methodo elegante de Poncelet, mais accessivel, e cujos resultados apparecem com as aproximações necessarias.

No cap. VI ensina a calcular as proporções, em que devem estar as diferentes partes, que entram na construcção das pontes suspensas, e os limites, em que deve encerrar-se cada uma d'ellas, a fim de que a obra projectada reuna todas as circumstancias de economia e segurança, que são para desejar.

No cap. VII remata o seu trabalho, expondo os principaes systemas de pontes suspensas até hoje seguidos, e apresentando-nos duas tabellas uma com as propriedades physicas de alguns materiaes empregados na

construção das pontes suspensas, e outra com as dimensões das pontes suspensas mais notáveis.

Por esta exposição resumida reconhece-se bem, que o auctor no desenvolvimento da sua theoria guardou a mesma ordem, que os engenheiros têm de seguir na formação do projecto d'uma ponte suspensa, e que, por isso, e porque encontrarão alli marcada a importancia e objecto de cada uma das formulas e do seu resultado, será para elles este trabalho do sr. Saavedra o melhor guia e um manual quasi indispensavel. Para o ensino, na parte correspondente da mecanica applicada, achámos tambem este livro muito proveitoso, pela sua concisão e pelo bem deduzido da sua doutrina.

F. DE CASTRO FREIRE.

## NOTICIARIO.

**Instrução pública na Grecia.** Em 1836 existiam neste paiz 450 escolas de instrução primaria, pelo methodo do ensino mutuo, e 300 pelo methodo simultaneo; as primeiras cursadas por 41:597 alumnos; as segundas por 10:000 (aproximadamente). A escola normal para os que se destinam a professores de instrução primaria foi frequentada por 42 alumnos dos dois sexos.

O ensino secundario comprehende duas categorias de estabelecimentos: as escolas hellenicis, e os gymnazios. As primeiras que, ou estão collocadas debaixo da immediata inspecção do Estado, ou são dirigidas por particulares são 93, e foram cursadas por 4:992 estudantes. Os gymnazios, para onde entram os mancebos quando saem das escolas hellenicis, são 11, frequentados por 1:182 alumnos. Alem d'estas ha ainda algumas escolas especiaes, como a dos *Evelpidos* dependentes do ministerio da guerra, a escola polytechnica, a escola d'agricultura de Firentho, etc.

A Universidade *Othão* para o ensino superior, foi frequentada em 1836 por 590 alumnos. dos quaes 22 cursavam a faculdade de theologia; 219 a de jurisprudencia; 229 a de medicina; 79 a de letras, e 42 a escola de pharmacia. Esta Universidade conta 42 professores.

Em resumo na Grecia, cuja população apenas excede um milhão d'habitantes, ha 860 estabelecimentos d'instrução com 1:111 professores e 56:874 estudantes.

**Movimento postal em Inglaterra.** O numero de cartas transportadas em 1856, em todo o reino unido foi de 478 milhões, sendo em Inglaterra 388 milhões ou em termo medio 20 por cada habitante; em Es-

cossia 48 milhões, ou 16 por cada habitante e na Irlanda 42 milhões, ou 7 por cada habitante. O augmento do movimento postal para a Inglaterra, Escossia e Irlanda em relação ao anno passado, é respectivamente de  $\frac{3}{4}$ , de  $4\frac{1}{4}$  e  $\frac{1}{2}$ , por  $\frac{1}{2}$ .

Em Londres, onde o movimento foi de 40 cartas por pessoa, e nos seus suburbios distribuiu-se a quarta parte do numero total das cartas transportadas em todo o paiz.

As cartas procedentes das colonias e dos paizes estrangeiros são  $\frac{1}{10}$  do numero total de correspondencias entregues no paiz.

Depois do estabelecimento do *penny postage* sextuplicou o movimento postal, pois que em 1839 somente foram transportados 76 milhões de cartas.

Nestes ultimos 6 annos o numero total das mortes causadas por envenenamento, em Inglaterra, foi de 3:218:—1:700 homens, e 1:518 mulheres. Os venenos mais frequentemente empregados foram; opio, strychnina, acido oxalico e acido cyanhydrico. O jornal de medicina inglez que refere esta estadistica, attribue a livre venda dos venenos a frequencia dos envenenamentos.

Segundo uma informação estatistica de Mr. Gibson, membro do parlamento inglez, contavam-se, no 1.º de julho de 1856, em Inglaterra e no paiz de Galles 58:243 crianças que frequentavam escolas pagas por suas familias; 3:966 que frequentavam escolas pagas pela contribuição dos pobres; 39:857 que frequentavam escolas pagas por diferentes estabelecimentos de caridade; 52:434 que não frequentavam nenhuma escola; e 35:827 que trabalhavam nas minas, manufacturas, e varias officinas.

## ANNUNCIO.

### REVISTA UNIVERSAL LISBOENSE.

Jornal dos interesses economicos e litteratura, redactor e proprietario, S. J. Ribeiro de Sá.

#### Assignaturas para Lisboa:

Por anno . . . . .	25400
Por semestre . . . . .	13200
Por trimestre . . . . .	600
Avulso . . . . .	80

#### Para o Reino e Ilhas:

Por anno . . . . .	25640
Por semestre . . . . .	13320

#### Colonias e Brasil:

Por anno (moeda do paiz) . . . . .	65000
------------------------------------	-------

Escriptorio, rua dos Calafates, 113. — Assigna-se e vende-se no escriptorio, e rua Augusta n.º 8.

## ERRATAS DO N.º 2.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
18	2.ª	25	(de resolver)	que se tracta de resolver
19	2.ª	30	interna nacionaes	internacionaes
23	2.ª	51	maior	menor

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão de 20 de maio de 1857.

Presidente o sr. Dr. Francisco José Duarte Nazareth.

Nesta sessão fizeram-se varias propostas para serem apresentados em direcção, e votados os devidos agradecimentos aos redactores, que terminaram os seus trabalhos, procedeu-se á eleição dos socios, e foram eleitos os srs :

Dr. Miguel Ribeiro de Vasconcellos.

Dr. Adriano d'Abreu Machado.

Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho.

Não havendo mais que tractar fechou-se a sessão.

O secretario,

J. A. de Sousa.

## CADEIRA DE THEOLOGIA PASTORAL NA UNIVERSIDADE.

Em todas as faculdades da nossa Universidade ha cadeiras oneradas com tantas disciplinas, que algumas d'estas não se chegam a lêr por não o consentir o tempo deputado para ellas.

Os instituidores ou reformadores dos estudos nem sempre têm culpa 'nisto; esses constituiram-nos conforme as necessidades da sua epocha, que não são as mesmas da nossa.

As faculdades não devem dizer ás sciencias, que se não alarguem para fóra dos programmas adoptados pelos sabios, que as não conheceram bem, mas devem representar ao governo as novas necessidades do ensino para que elle proveja como lhe cumpre.

Assim o fez agora a faculdade de theologia, pedindo a criação d'uma cadeira de theologia pastoral, e remettendo ao governo o programma respectivo, que abaixo apresentaremos.

Seria util crear 'nesta faculdade outra cadeira para a historia ecclesiastica, pois havendo só uma para este ensino, apenas pôde bastar para recontar os factos de mais vulto sem poder examinar as fontes e discutir as

VOL. VI.

JUNHO 1.º—1857.

provas. Talvez conviria tambem, em vista do desinvolvimento, que a Allemanha tem dado á Exegese, crear outra cadeira de Hermeneutica sagrada <sup>1</sup>.

Mas o que desde logo se representa como indispensavel para a nossa unica escola normal de theologia, cujos estudantes na sua maxima parte se destinam ao ministerio pastoral, é a criação da cadeira, que ora pede a faculdade de theologia.

Eis o programma das materias, que devem ensinar-se na cadeira de theologia pastoral.

## PROGRAMMA.

### COMPENDIO.

*Systema de Theologia Pastoral de Mauri de Schenkkl, annotado por J. Laberer.*

### PROLOGOMENOS.

- A. Origem do officio pastoral — seu fim — objecto — propriedades.
- B. Noção — divisão — utilidade — necessidade da Theologia Pastoral.
- C. Fontes e subsidios.
- D. Historia da Theologia Pastoral.

### INTRODUÇÃO.

- A. Noção do verdadeiro Pastor d'almas — suas qualidades e requisitos geraes e especiaes.
- B. Preparação necessaria para o salutar desempenho d'este officio.

## PARTE PRIMEIRA.

### THEOLOGIA PASTORAL.

#### *Instrução e educação pastoral.*

- A. Em geral
  - 1.º Sua excellencia e necessidade.
  - 2.º Seu fim e materia.
  - 3.º Sua forma e methodo.

<sup>1</sup> Tudo isto se poderia fazer sem augmento de despeza admitindo-se os cursos biennaes dirigidos por um só leante.

## B. Em especial

1.º Principios **especieaes** de instrucção e educação pastoral publica.

a. **Cathequesi** e seus requisitos para que seja

α. acomodada a todas as intelligencias

β. apropriada a todas as vontades.

b. **Paranises** ou exhortações breves—seu fim e occasião.

c. **Homilias** e orações sagradas, suas regras—methodo e observações, como requer a eloquencia do pulpito.

1.º **Principaes** regras e advertencias sobre a instrucção e educação privada—suas regras—condições e ordem.

Estas comprehendem

a. **Officio** de aconselhar—principalmente as pessoas menos instruidas acerca de

α. materias religiosas;

β. deveres para com a sociedade;

γ. escolha de estado;

δ. officios de cada estado e condição.

b. **Officio** de admoestar e corrigir, principalmente os inimigos ou conjuges dissidentes. Importancia d'este officio e cautellas acerca das pessoas comprimidas.

c. **Officio** de consolar

α. em geral 'os afflictos por diversas causas;

β. especialmente os enfermos—os moribundos—os captivos—os condemnados á morte.

## PARTE SEGUNDA.

## BOM EXEMPLO.

A. Em que consiste—sua necessidade—importancia—condições principaes.

B. Decencia, que o pastor de almas deve observar.

1.º Em geral para com todos.

2.º Especialmente com os magistrados—pessoas constituídas em dignidade—clerigos—mancebos—pobres—parentes etc.

C. Decencia nas occupações da vida privada.

1.º Em geral.

2.º Em especial acerca das

a. necessarias, como oração e estudo das cousas da religião;

b. uteis, como o estudo das sciencias—a conversação com homens de religião e de sciencia—a distracção honesta;

c. convenientes, como a administração dos bens da Igreja,—seus reparos—ordem nos negocios domesticos etc.

## PARTE TERCEIRA.

## ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS E OUTROS OFFICIOS SAGRADOS.

A. **Culto divino**—sua indole—especies—requisitos e ceremonias.

B. **Officios Sagrados** e suas prescripções acerca de

1.º **Sacrificio da Missa**—como e quando se deve celebrar e applicar—defeitos que se devem corrigir etc.

2.º **Solemnidades religiosas**—cemiterios—exequias etc.

C. **Administração dos Sacramentos**; e especialmente acerca

1.º do **Baptismo**—seu ministro—solemnidades etc.

2.º da **Penitencia**. Importancia d'esta materia—dotes que exige este sublime e difficil ministerio. Observações e regras especieaes a respeito das diversas classes, estados, condições e edades dos penitentes etc.

3.º do **Matrimonio**. Preparação, disposições e qualidades dos conjuges—impedimentos e modo de os remover—cautellas na celebração—esposaes—declarações nos assentos.

## APPENDIX.

*Do cartorio parochial, sobre o qual se ensina.*

1.º O modo de o ordenar.

2.º O cuidado que deve haver 'nelle.

3.º Cautellas acerca dos diversos assentos.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado da pag. 19.

## XXII.

Os acampamentos de Gallipoli e de Varna tiveram a mesma terrivel visita. Como não se julgasse sufficiente o numero das piedosas enfermeiras, estabelecidas em Constantinopla, o general em chefe, St. Arnaud, recorreu, por via do governo, á superiora geral em Paris; e desde logo partiram 25 irmãs, e após ellas outras 25, asseverando a mesma superiora, que esperava poder enviar até ao numero de cem!

Íam-se alegres e animosas, correndo ao martyrio da caridade. Deixavam tudo promptamente, a patria, a familia natural, e a adoptiva, os mesmos seus caros enfermos, os seus tão amados meninos, o seu pobre povo; e com a *mochila na mão, em vez de a levarem*

às costas, (como graciosamente dizia uma d'ellas, alludindo ao pequeno saquinho azul, que traziam na mão, *sua unica bagagem*) appareceram em toda a parte, aonde a necessidade era maior, e a morte cruel arrebatava maior numero de victimas, sempre affaveis e carinhosas, sempre desvelladas, incansaveis, esquecidas das proprias privações, e unicamente sollicitas pelo bem temporal e espirital do cholericu ou do ferido!

Que differença nas ambulancias do exercito! Tudo melhorou d'um modo surpreendente; e como não seria assim, se o grosseiro galucho, ou o enfermeiro mercenario, estavam substituidos pela mulher christã, pelas irmãs da caridade!

«Creio que o Estado (escrevia-se de lá), por sua parte, não pôde deixar de ganhar; ha economia em todas as despesas.

«Algumas vezes, visitando os nossos hospitaes, não podiamos deixar de rir ao ver alguns conscriptos, enfermeiros improvisados, manejar os doentes como as suas armas, em tres tempos; chamal-os *pobres diabos* para os consolar, e dizer-lhes, como exhortação para a morte, que elles iam brevemente *fechar o olho, ou fazer a mala*.»

O soldado contemplava a irmã da caridade com um sentimento indizivel de respeito, admiração e terna confiança. «*Vós me recordaes* (dizia um delles, vendo aproximar-se do seu leito de dór a boa enfermeira) *a patria, e minha mãe!*

Quando entravam nas infermarias, as conversas inconvenientes calavam-se, as queixas abrandavam, as reluctancias aos preceitos dos facultativos acabavam. Uma só palavra da irmã era bastante.

E se, como a toda a hora se fazia preciso, era mister fallar dos sacramentos, e da tremenda passagem do tempo para a eternidade, aqui, 'neste ponto tão delicado, os sollicitos capellães (e que grande e feliz escolha a do exercito francez!) não tinham mais que aproveitar-se dos fructos de benção das palavras angelicas da irmã enfermeira; a qual, suave e efficazmente, verdadeira mãe christã, havia já, sem esforço, quebrado os vinculos do peccado, e atraído para Deus a alma do moribundo.

### XXIII.

Quizeramos que todos lêssem o pequeno livro, — A CRUZ E A ESPADA, especialmente a mocidade.

A patria de Voltaire, a fonte d'onde manou a torrente da impiedade, a terra do proselytismo irreligioso do seculo XVIII, é certamente hoje o grande instrumento da bem-fazeja Providencia para a regeneração do mundo! Filha primogenita da Igreja, a França, ensina ao mundo inteiro a caridade e a piedade. A guerra da Crimèa serviu tambem

para dar ao mundo estes grandes exemplos, esta tão devida satisfação pelas impiedades d'outros tempos. Na maxima parte do exercito, a começar pelos generaes em chefe até aos ultimos soldados, divisava-se um profundo sentimento religioso, uma solida piedade. Eram admiraveis de coragem apostolica e dedicação sublime os padres Gloriot, Parabère, e todos os seus companheiros, jesuitas, lazaristas, e outros do exercito. Eram doces imagens d'anjos do céu sobre a terra as irmãs da caridade, nas ambulancias do mesmo. Mas o exercito era digno d'uns, e das outras, era digno do seu primeiro chefe, o piedoso marechal St. Arnaud, o amigo do padre Ravignan, o heroe d'Alma, sobre cujo peito se encontraram no momento da sua morte o escapulario, e a medalha da *immaculada Conceição!*

Escarnecei embora, se assim o quereis, discipulos d'uma eschola que já passou. Estas practicas, que chamareis supersticiosas, mas que certamente o não são, quando vêm acompanhadas do amor de Deus e do proximo, e da obediencia á Igreja, estas practicas, usadas sempre em epochas de fervor religioso, eram communs no exercito francez.

Generaes e soldados não se envergonhavam, antes gloriavam-se muito de as seguir; confessavam-no lealmente nas suas cartas, e nas suas conversações. Mais d'um attribuiu a conservação da vida áquelle religioso *talisman*, sobre o qual se ameaçou a bala que lhes houvera de trespassar o coração.

A imagem da VIRGEM, que a Igreja saudava como *Estrella do mar, e auxilio dos christãos*, era inaugurada, com o maximo apparato, nas naus almirantes das esquadras do Mediterraneo e do Baltico.

O almirante Hamelin dirigindo-se á officialidade e á marinagem do seu commando, dizia-lhes assim: — *Pois não é juncto do altar de Maria, que as nossas mães, apertando-nos em seus braços, e pondo todo o seu coração nas suas vistas supplicantes, têm experimentado por nós estremecimentos d'uma ternura ineffavel? E quando a tempestade ronca, os ventos mugem, as vagas se amontoam sobre a costa, não é ao altar de Maria, ou mesmo diante da sua simples imagem, protectora do lar domestico, que as nossas mães e as nossas irmãs, as vossas mulheres e os vossos filhos, vão recobrar a confiança e a força, pedindo protecção para algumas vidas amadas?*

*Emfim não é Maria para nós todos a — FORTA DO CÉU, A ARCA DA ALIANÇA, A ESTRELLA DO MAR, O REFUGIO DO PECCADOR, A CONSOLADORA DOS AFFLICTOS?*

Concluindo, disse:

«O imperador, fazendo-vos este dom sagrado, dirige-vos as palavras, que Constantino o Grande leu no céu: *In hoc signo vinces*. Venceis 'neste signal, vos que ides combater pela justiça.

*Esta imagem de MARIA seja para vós um nodo LABARUM, um escudo impenetravel, um estandarte da victoria!*

Qual dos exercitos alliados foi grande? qual invencivel no assustador inverno de 1854? quem salvou então a causa da liberdade e da civilisação? quem destruiu Bomarsund? quem tomou Sebastopol? Quem obrigou os russos a amarem, e a respeitarem os vencedores?

Foi por ventura o mahometano, ou o sardo, ou o inglez?

Quem não sabe, que se não fosse a França, teria sido aniquilhada toda a gloria da soberba Albião nos campos da Crimèa, pela miseria, e privações de todo o genero, e pelo ferro dos russos?

Quando lhes doeu muito a mortandade dos filhos, que fizeram? Foram-se ter com as humildes servas de Maria, receberam os auxilios dos papistas!

#### XXIV.

A guerra teve fim, mas não as molestias, sua triste e indispensavel bagagem. Muitas irmãs coroaram com a vida o sacrificio.

Foi ainda mister, o anno passado, recorrer de Constantinopla a Paris. A superiora, reunindo as irmãs, convidou para a jornada o numero pedido, quinze. Offereceram-se 45, e entre estas a irmã Melania, companheira da boa mãe Rosaria, seu braço direito na rua da *espada de pau*.

Acceitaram a sua offerta. « Antes de partir (diz o illustre historiador da vida da irmã Rosaria) foi a irmã Melania orar sobre a sepultura d'esta, e pedir-lhe uma parte do seu coração e da sua caridade. Quando passava em Marselha, despedindo-se dos seus parentes, disse-lhe: — *Vou para o céu pelo caminho mais curto, por Constantinopla!* »

Passadas poucas semanas, as cartas de Scutari annunciavam que M.<sup>l</sup>le Esparbier, de Tolosa, na religião a irmã Melania, tinha morrido do typho, no exercicio das suas caritativas funcções. »

#### XXV.

*Portugal.* E de razão que fechemos esta breve memoria, dizendo o pouco que sabemos das irmãs da caridade entre nós.

A congregação da missão entrou neste reino em 1717, na casa de Rilhafoles, donde não nos consta que se estendesse mais longe, e nem mesmo a principioahi teve algum desenvolvimento. São velhos os erros de governar em Portugal! quizeram que os padres cortassem pela sua regra, para se desligarem do superior geral em França, e só obedecerem ao Patriarcha de Lisboa. Resistiram teozamente, como deviam; e dos que tinham vindo de fora, apenas ficou o padre Jose

Joffreu, hespanhol. Removeu-se a difficuldade com um breve pontificio. Foi debalde; ninguém quiz associar-se á instituição adulterada. Emfim, no anno de 1738, o governo veio á razão, e a casa pôde constituir-se, e funcionar regularmente, em ligação e obediencia com o superior geral, debaixo do nome de Seminario de S. João e S. Paulo, no mesmo sitio de Rilhafoles.

No terramoto de 1834 acabou, como as outras.

Das irmãs, apenas por provisão de 14 de abril de 1819 se auctorisou a fundação d'uma casa em Lisboa, derogando-se, em seu beneficio, nas leis da amortisação, para que podessem adquirir quaesquer bens, que lhes segurassem um rendimento annual até oito contos de réis.

Esta provisão foi sollicitada por quem o devia ser; porque a mulher catholica é sempre, e em toda a parte a mesma; por ella vem o soccorro e allivio do pobre, e a civilisação do povo. Em Portugal e no Brasil os homens sonhavam revoluções, e as senhoras catholicas pensavam em moralisar e ajudar o pobre povo. Este era tambem para os primeiros o intuito de seus planos, na apparencia. Os revolucionarios são sempre tão democratas, quando o povo lhes convém para instrumento que derube os que os assombram; como soberbos aristocratas, salvas poucas excepções, desde que conquistam o mando, e podem, do cume da montanha da auctoridade, dictar leis ás nações, embora no meio de ruínas!

Trinta fidalgas da primeira nobreza, e entre estas a condeza d'Oliveira, mulher do trinchante mor D. Francisco d'Almeida, assignaram um requerimento a Elrei D. João VI, então no Rio de Janeiro, pedindo auctorisação para aquella fundação; e a supracitada provisão exprime o benigno deferimento.

Por desgraça o mesmo pensamento desorganizador, que por espaço de vinte e um annos havia tolhido, no principio do seculo anterior, o definitivo estabelecimento dos lazaristas, reproduziu-se (e como é que em tal epocha não aconteceria assim?) para com as irmãs da caridade, procurando-se, embora conformar o instituto da nova casa com as regras por que são regidas nos outros paizes, mas—ficando inteiramente separadas do centro e obediencia da superiora geral de Paris.

Tentou-se em vão fazer vir algumas francezas para dar principio á nova fundação; e, segundo se lê no jornal *O Domingo*, n.º 101, a muita piedade d'uma thia e d'uma sobrinha, do Lumiar, aquella por nome Escholastica Maria, foi o meio de levar a effeito o desejado intento, tomando estas o habito a 25 de março de 1821 na capella dos ex.<sup>mos</sup> marquezes de Borba.

No fim do mesmo anno entraram espontaneamente sob a direcção do superior da con-

gregação da missão, em Rilhafoles; o qual se encarregou de instruir no exercício do sancto instituto a estas, e ás mais que se lhes juntaram depois.

Por intervenção do mesmo superior, obtiveram faculdade para emitir os votos antes de decorridos cinco annos de noviciado, como era mister, segundo a regra de S. Vicente de Paulo.

A virtuosissima princeza, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta, depois S. M. Elrei D. João VI, e a seu exemplo outras pessoas da primeira nobreza, concorreram para o estabelecimento com os seus donativos. A 12 d'outubro de 1823 entraram oito irmãs em serviço da Casa pia, e no anno seguinte mais treze.

Apezar das preoccupações da epocha, tão bom nome tinha esta congregação, que as côrtes constituintes ouviram benevolmente, e approvaram a indicação feita pelo deputado J. V. Pimentel Maldonado, na sessão de 28 de novembro de 1821, para que se concedesse ás irmãs de Lisboa o hospicio dos frades carmelitas d'Ultramar.

São mui dignas de notar-se as razões da indicação: — «Tendo-se conservado, por espaço de quasi dois seculos, inalteravel na sua primitiva pureza, respeitada por todas as revoluções, e bem aceita a todos os partidos, a piedosa instituição das irmãs de caridade, que principiam a exercer 'nesta capital o seu penosissimo instituto, sem que ao menos tenham um domicilio proprio e comodo, em que descansam das bemfazejas e pasmosas fadigas, a que se consagram; e sendo conforme á christandade, e até ao decoro do soberano congresso, amparar, quanto cabe nas forças do thesouro nacional, um tão proveitoso estabelecimento, etc. etc.»

No seguinte anno, a 16 de julho de 1822, na capella do mesmo hospicio, tomaram solemnemente o habito, um pouco differente do que usam as irmãs francezas; e doze fizeram os votos, continuando a renovar-os annualmente, segundo a regra, no dia da Anunciação.

Além do ensino de meninas no seu hospicio, e do curativo e assistencia, de dia e noite, dos enfermos pobres, em familia, tiveram a seu cargo por algum tempo duas enfermarias de mulheres no hospital, e o serviço dos doentes e das meninas da Casa pia.

Actualmente apenas conta este estabelecimento 17 irmãs, algumas das quaes inteiramente impossibilitadas.

Tem uma escola frequentada por cincuenta meninas externas, e saem a visitar alguns doentes, como enfermeiras; mas tal é o estado d'abatimento a que têm chegado, pela idade e molestias, a que têm podem encarregar-se senão de tres enfermos! Ainda assim mesmo deram provas da sua origem, e constante caridade na occasião da cholera.

Vivem pobremente, sendo o seu principal recurso uma subscrição mensal, com que lhes acode a caridade d'algumas das principaes familias de Lisboa.

Graças a um legado pio, e segundo crêmos, sob a protecção da muita virtuosa princeza, S. A. R. a Senhora Infante D. Izabel Maria, a 14 de junho de 1853, estabeleceu-se em Viana do Alentejo uma nova casa, apenas com quatro irmãs, vindas de Lisboa, e dependente d'esta. E ahí, com a melhor acceitação da povoação, ensinam, e acodem, nas horas vagas da eschola, aos enfermos, que as chamam.

Depois de 1834 as Ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> Duqueza de Palmella, D. Eugenia, e D. Maria Miquelina Pereira Pinto Guedes, e por ventura outras pessoas, tentaram por vezes transplantar de Paris algumas irmãs, as quaes, inteiramente sujeitas á pura regra do fundador, viessem fecundar a quasi extincta semente, que por desgraça não podéra florescer na capital, pelas causas a que 'noutro logar já alludimos.

Vãos esforços! e por que motivos frivolos e inqualificaveis! Melhor é correr o véu sobre fraquezas d'esta ordem. A gloria da tentativa, e o justo agradecimento da posteridade ninguém ha que o possa tirar áquellas virtuosissimas senhoras<sup>1</sup>.

A fundação d'uma especie de damas de caridade com o titulo de *Associação consoladora dos afflictos*; e a das *Servas de Maria*, irmãs das irmãs de caridade, manifestam de que modo a Ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Miquelina, contrariada<sup>2</sup> nas suas mais queridas e mais piedosas cogitações, se esforçou por aplanar o caminho para o final consequimento d'aquelles nobres e caridosos intuitos.

Continúa.

A. FORJAZ.

## A NEERLANDIA E A VIDA HOLANDEZA.

Continuado de pag. 90 do 5.º vol.

### II.

Temos até aqui esboçado os traços principaes da historia das inundações dos rios:

<sup>1</sup> «No fim do anno de 1843 (diz o Sr. Garret) regressaram a Lisboa para celebrar o casamento de sua filha D. Catherina, ha muito contractado com o Conde das Galvéas, D. Francisco.

«Não podia vir com as mãos vazias quem voltava de tão sancta romagem (de Roma). Sempre piedosa, e sollicita em seu animo de bem fazer, a duqueza trazia arranjado de França o estabelecer aqui o verdadeiro instituto de S. Vicente de Paulo, fundando e dotando uma congregação d'irmãs da caridade.

«Não quero, deliberadamente não quero, referir os estorvos acintosos, que encontrou, as meliculas e ridiculas tergiversações com que por fim lhe conseguiram annular seu piedoso voto e sanctas intenções. Mas foi assim, e grande a mágoa que com isso teve; nunca se consolou de tão inesperado desapontamento.»

Memo. historica da Ex.<sup>a</sup> Duqueza de Palmella.

existe porem para a Hollanda outro inimigo mais terrivel ainda, que é o mar. O Rheno e o Meuse têm repetidas vezes assolado este paiz; mas, á semilhança do Nilo, estes rios, quando trasbordam, fecundam no meio da sua devastação. Não acontece o mesmo com as inundações do mar; estas, pelo contrario, deixam sempre atraz de si a esterilidade e a morte. Dissemos, que na sua lucta com o Oceano, é o Rheno, que parece ter sido vencido: os desbaratos do rio podem contar-se pelas usurpações successivas do mar no solo da Neerlandia. É para este progresso do mar, que vamos dirigir agora a nossa attenção.

É um facto testemunhado não só por tradições um pouco duvidosas, mas até por documentos positivos, que a forma primitiva da Hollanda foi alterada pelo decurso dos seculos, e que, em resultado das successivas invasões do mar, a extensão d'este paiz se tem achado cada vez mais circumscripção. Segundo uma antiga tradição, em tempos remotos descobriam-se das costas da Hollanda as costas de Inglaterra. Uma das inundações mais consideraveis, que soffreu uma porção dos Paizes-Baixos está ligada, segundo alguns geologos, com o cataclysmo, que se diz ter separado a Grã Bretanha do continente. E na verdade concebe-se bem que, tendo sido quebrada a lingua de terra que se estende entre Douvres e Calais, devia o mar 'neste movimento arruinar as antigas costas da Batavia.

Não nos demoraremos 'nestas narrações mais ou menos fabulosas, 'nestes cataclysmos talvez imaginarios, sobre a data dos quaes, pelo menos, não concordam os sabios: existe outra ordem de monumentos mais certos, os quaes provam que a constituição physica do paiz soffreu mudança desde certa epocha relativamente recente. Basta visitar com alguma attenção as costas do sul da Hollanda, para poder qualquer pessoa julgar por si mesmo da extensão das mudanças occorridas na forma do delta. Esta plaga devastada que s'estende d'Ostende até Harlem, e d'Harlem até ao Helder; as dunas solapadas pelas vagas; os bancos d'areia cortados; tudo isto denuncia os estragos do oceano. No mez de março (mez das tempestades) vimos nós, em muitos pontos, as costas de Hollanda batidas, abaladas pelo furor das ondas, que açoitava um vento desabrido do oeste; parecia que a terra ia abater-se. Desgraçadamente é bem certo, que as barreiras erguidas contra as ondas têm cedido, umas após outras, em mais de uma praia, desde os tempos historicos. As cadeas das dunas vão sendo devoradas, e esta perda augmenta constantemente, podendo desde já marcar-se o dia, em que esta defeza natural terá de ser substituida pelos diques. E unicamente por estes para-peitos artificiaes, que mais longe para o norte, algumas praças têm podido, defender-se

contra as forças invasoras do mar, e ainda assim muitas d'estas obras de pedra têm abattido em diferentes pontos. Basta a propria forma da Hollanda para mostrar a contradicção, em que está com os outros deltas, e para indicar só por isso uma alteração lenta, mas continua. Tres rios como o Rheno, o Meusa, e o Escalda, que concorrem todos para descarregar as suas aguas quasi sobre um mesmo ponto geographico, deveriam ter estendido em outras epochas pelo mar dentro um promontorio, ou pelo menos uma lingua de terra similhante á que projecta o Mississipi. Mas hoje debalde se busca este promontorio: e pelo contrario os contornos da Hollanda estão rebaixados, reentrantes e comprimidos, e descrevem uma curva concava, uma chanfradura.

É um facto bem verificado, que o mar vai arruinando as costas de Hollanda: atravez dos desabamentos das arêas, os olhos podem seguir o trabalho triste e silencioso da destruição; mas existem outras testemunhas mais irrecusaveis d'este cataclysmo. Em Katwijk, a aldeia de pescadores, de que já fallamos, perto do sitio onde, sustentado pelos magnificos trabalhos da arte, corre o Rheno laboriosamente para o mar, vimos, nas mares baixas, os alicerces d'um castello romano (a *casa dos Bretões*) que dominava a foz do rio 'num tempo, em que elle mais novo e vigoroso, se lançava por si mesmo no Oceano. Eis uma prova evidente, de que o solo tem recuado; e não é a unica. Ainda ha lembranças de uma antiga floresta, que em tempos passados cobria a Hollanda meridional, e que avançava muito para diante para o norte; as arvores, que s'encontram deitadas nas turfeiras, a hora e meia da costa, são, segundo todas as probabilidades, os cadaveres d'esta antiga floresta, despoçada pelas tempestades e pelas cheias, ou destruida pelo machado. Tudo leva a crer que estes gigantes da vegetação do norte cresciam em terrenos bem distantes então do mar. Estas conjecturas firmam-se em certos factos positivos. Muitas das turfeiras, cuja origem é devida ás aguas doces, encontram-se hoje, especialmente do lado de Zuiderzé, ao nivel do mar. Tudo pois indica na phisionomia actual do delta vastas e profundas revoluções. Parte d'estas mudanças occorreram quasi sem desastres; mas outras vezes o homem foi pelo contrario não só testemunha, mas actor d'este grande drama da natureza. Os antigos habitantes de Hollanda morreram aos milhares no meio das guerras intestinas da terra e do mar. Os acontecimentos geographicos em que se acharam envolvidas as cidades, as aldeas, e populações inteiras, fornecem, desde as eras romanas, o objecto de uma historia tristemente authentica, á qual nem faltam as datas, nem as narrações dos contemporaneos.



A Hollanda, esta jangada immensa, que fluctua sobre as vagas do mar do norte, tem visto repetidas vezes a tempestade a dilacerar-lhe o costado, roubando-lhe os seus homens, os seus rebanhos, e as suas riquezas.

No tempo dos romanos existiam uns campos de grande fertilidade no sitio, em que o Ems entrava por tres braços pelo mar dentro. Este terreno baixo projectara uma península ao nord'este, do lado d'Emden. Em 1277 um diluvio começou a destruir uma parte d'esta península: trinta e tres aldeas foram destruidas<sup>1</sup>. A esta incursão do mar deve-se a existencia do Dollard, d'esse golfo cujo nome em hollandez significa o *furiado*, sem dúvida querendo assim exprimir a impetuosidade do choque, que rompeu os amparos naturaes, e deu passagem ás aguas. Outras inundações sobrevieram em periodos diferentes no decurso do seculo XV. Em 1507 apenas tinha ficado em pé uma parte de Torum, cidade consideravel: o resto d'ella apesar da direcção dos diques e do encanamento dos rios, foi por fim presa das aguas, desaparecendo cincoenta conventos, que as ondas ou engoliram ou barreram.

(Continua)

## OS LUSIADAS.

Tradução franceza.

### LES LUSIADES.

Continuado de pag. 204 do V. vol.

41.

O Moniz qu'à jamais la gloire te couronne;  
Aux plus illustres noms ton nom s'est égalé,  
Semblable à ce persan qu'on vit dans Babylone  
S'introduire jadis sanglant et mutilé;  
Darius qu'il plaça sur ce superbe trône,  
Par l'éclat des grandeurs ne fut pas consolé,  
Et s'écria cent fois qu'il céderait l'empire  
Pour racheter le sang du généreux Zopire.

42.

La paix avait ainsi terminé ces débats,  
Quand Alphonse reprend la trompette guerrière;  
Dans les plaines d'Ourique appelant ses soldats  
Il enflamme leurs cœurs d'une ardeur meurtrière;

<sup>1</sup> A recordação d'este desastre acha-se consignada numa carta geographica feita para conservar a lembrança do acontecimento: lê-se ali a seguinte inscripção breve e triste como um epitáfio: *Anno 1277 maris inundatione 33 pagi hoc in loco periere*. Existe outra carta manuscrita, em pergaminho, que representa as 33 aldeas, que havia antes da inundação, com o curso dos rios e o traçado das estradas. Esta carta porém é conjectural: as cartas positivas não remontam mais alto na Hollanda do que ao meado do seculo XVI.

Offrant aux sarrasins la mort et les combats,  
Il veut jusqu'à leurs camps déployer sa bannière,  
Et franchissant le Tage, au sein de leurs cités  
Assaillir et braver ces peuples détestés.

43.

Combattant pour la foi, c'est au Dieu des armées  
Que le pieux Alphonse a confié son sort;  
De cet esprit divin les troupes animées  
En invoquant le ciel vont affronter la mort.  
Du Sarrasin cruel les hordes renommées  
S'opposent en vain à ce terrible effort;  
Et vainement, joignant le nombre à la vaillance,  
Cent maures combattent contre une seule lance.

44.

Fiers de compter cinq rois parmi leurs combattants,  
Les sarrasins altiers méprisent les alarmes.  
Ismar est à leur tête, Ismar qui dans les camps  
Élevé dès l'enfance a vécu pour les armes.  
Mille jeunes beautés qui suivent leurs amants  
Sous des casques brillants ont dérobé leurs charmes;  
Telles on vit jadis aux bords du Thermodon  
Ces guerrières dont Mars a consacré le nom.

45.

Déjà l'aube du jour chassant la nuit obscure  
Annonçait du soleil les célestes bienfaits,  
Quand le Dieu créateur de toute la nature  
Apparut sur la croix au guerrier portugais:  
« Seigneur, s'écria-t-il brûlant d'une foi pure,  
J'adore votre nom, vos sublimes décrets;  
Montrez au musulman, montrez à l'infidèle  
Du Dieu qu'il méconnaît la puissance éternelle. »

46.

Ce miracle divin enflamme encor l'ardeur  
Du soldat portugais chéri de la victoire;  
Alphonse qui déjà régnait sur chaque cœur,  
Se voit proclamer roi par la voix de la gloire;  
Et le fier Africain a rugi de fureur,  
Quand d'un camp à jamais célèbre dans l'histoire  
Il entend retentir les cris: royal! royal!  
Le magnanime Alphonse est roi de Portugal.

47.

Tel qu'on voit sur les monts le molosse en furie,  
Excité par la voix et les cris du chasseur,  
Attaquer plein de rage, au péril de sa vie,  
Un taureau dont l'aspect inspire la terreur;  
Sans relâche il le mord, le poursuit, se replic,  
Saisit bientôt l'instant, s'élance plein d'ardeur  
Et dompte en l'inondant d'une sanglante écume  
Le féroce animal que la fureur consume:

48.

Tel comptant sur l'amour du peuple des guerriers,  
Enflammé par la foi, par le Dieu qu'il adore,  
Alphonse réunit ses vaillants chevaliers  
Et fond avec fureur sur la horde des maures,  
L'horrible cri de Mars excitant les coursiers,  
Et des clairons bruyants la musique sonore  
Retentissant. Tout s'arme, et les voix des soldats  
Préludent en tumulte à ces affreux combats.

49.

Ainsi quand l'incendie embrasant la montagne,  
Dans les bois desséchés éclate en pétillant  
Et qu'Éole en fureur désolant la campagne  
Excite et souffle au loin ce fléau dévorant,

Le berger qui repose auprès de sa compagne  
Dans le sein des forêts se réveille tremblant,  
Rassemble ses brebis et rempli d'épouvante  
S'enfuit à la lueur de la flamme brillante:

50.

C'est ainsi qu'en ce jour les maures éperdus  
Saisissent pleins de trouble et le dard et la lance;  
Ils veulent résister, mais pâles et confus  
Le honte les soutient plutôt que l'espérance.  
Au choc des assaillants rien ne les retient plus;  
Sur eux avec fureur le Portugais s'élance;  
On les voit dispersés fuir devant le vainqueur.  
En invoquant encor leur prophète imposteur.

51.

Qui pourrait célébrer de ce jour mémorable  
Tous les défis sanglants et les brillants combats?  
Les portugais remplis d'une ardeur indomptable  
Portent de toutes parts l'horreur et le trépas;  
À cet élan terrible, à ce choc redoutable  
Les monts et les rochers ne s'opposeraient pas.  
Il rompent les écus, les casques, les cuirasses;  
Tous leurs pas sont marqués par de sanglantes traces.

52.

On voit de toutes parts des corps défigurés;  
Les têtes des vaincus roulent dans la poussière;  
D'autres, le front livide et les yeux égarés,  
Touchent en gémissant à leur heure dernière.  
Bientôt les sarrasins pressés, désespérés  
Abandonnent leur camp, désertent leur bannière;  
Et ce théâtre affreux de carnage et d'horreur  
Inondé de leur sang en garde la couleur.

53.

Alphonse ayant vengé l'honneur de la patrie  
Dans le camp africain établit ses guerriers;  
Il laisse fuir au loin l'ismaélite impie  
Dont la riche dépouille embellit ses lauriers.  
Alors le jeune roi de la Lusitanie  
Sur son blanc écusson grave cinq boucliers,  
Qui des cinq rois vaincus rappelant la mémoire,  
Aux siècles à venir attesteront sa gloire<sup>1</sup>.

55.

Amoureux des combats, méprisant le repos  
De ses fiers ennemis il poursuit la défaite  
La victoire en tous lieux précédant ce héros,  
Arrache devant lui l'étendard du prophète  
Et toujours le succès couronne ses travaux.  
Arronches, Leiria deviennent sa conquête,  
Et Santarem, qui voit de ses superbes murs  
Les bords heureux du Tage et ses flots toujours purs.

54.

<sup>1</sup> E' nestes cinco escudos pinta os trinta  
Dinheiros por que Deus fôra vendido.  
Escrevendo a memoria em vária tinta  
D'aquelle de quem foi favorecido.  
Em cada um dos cinco, cinco pinta,  
Porque assi fica o numero cumprido,  
Contando duas vezes o do meio  
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

*Esta estancia não está tradusida no manuscrito original.*

56.

Maïra subit ses lois. La horde musulmane  
Fuit devant le vainqueur sans espoir de retour;  
Il subjuge Cintra toujours chère à Diane,  
Où les nymphes des bois ont fixé leur séjour:  
On les voit se baignant dans l'onde diaphane  
Éviter vainement les flèches de l'amour;  
Le dieu qui les poursuit dans leurs grottes profondes  
Les brule de ses feux jusques au sein des ondes.

57.

Et toi qui d'un héros nous rappelles le nom:  
Toi que le ciel chérit, que la mer environne;  
Fille du destructeur du superbe Ilion;  
O reine des cités, magnifique Lisbonne!  
Ta conquête surtout est le plus beau fleuron  
Dont Alphonse ait orné sa brillante couronne,  
Et longtemps tu bravas la valeur et l'effort  
Des héros de l'Espagne et des guerriers du nord.

58.

Partis des bords glacés de la froide Allemagne  
Les peuples courageux et de l'Elbe et du Rhin,  
Et les preux chevaliers de la grande Bretagne  
Appellent au combat l'infidèle Africain.  
Leurs drapeaux réunis flottent dans la campagne;  
Du magnanime Alphonse ils suivent le destin,  
Et fière d'un tel chef, cette sainte milice  
Entoure les remparts de la cité d'Ulysse.

59.

Cinq fois l'astre des nuits a fui loin de leurs yeux:  
Cinq fois il a repris sa forme lumineuse,  
On voit paraître enfin le moment glorieux  
Qui doit fixer le sort d'une cité fameuse.  
C'est en vain qu'en ce jour le Maure furieux  
Combât pour éviter une fin désastreuse,  
Mais longtemps les vaincus résistent au vainqueur  
Et l'affreux désespoir balance la valeur.

60.

Ainsi l'on voit tomber cette superbe ville  
Encor fière d'avoir par un heureux effort  
Au sein de ses remparts offert un sûr asyle  
Contre l'affreux torrent des peuplades du nord,  
Qui laissent leurs glaçons, leur patrie infertile  
Répandirent partout le ravage et la mort,  
Et vinrent apporter dans l'antique Ibérie,  
Aux rives du Bétys le nom de Vandalie.

Continúa.

## CREDITO ÁS CLASSES OPERARIAS.

Até hoje o credito, que os economistas designam com o nome de *pessoal*, não tem sido senão a confiança prestada ao homem que move um *capital movel*, o qual se crê poder segurar o pagamento do emprestimo. Um credito puramente pessoal é cousa extraordinarissima, e determinada, por motivos extra-economicos, de generosidade ou de caridade.

O conceito da abonação do tomador do credito pôde ser errado, mas nem por isso deixa de ser incontestavel que esse conceito, respectivo não só a elle, mas aos garanties, é a base da confiança prestada.

Pela falta de capital em giro, ou da abonação presumida, o simples operario não pôde encontrar regularmente quem o auxilie com os fundos de que precisa, muitas vezes até mesmo para fecundar uma singular habilidade; ou, se o encontra, não é senão á custa de grandes usuras.

O operario não possui individualmente *trabalho accumulado* d'alguma importancia que garanta o emprestimo; e o futuro, quem o pôde aliciançar?

Resolver o problema em beneficio das classes operarias, por um modo pratico, e em harmonia com as leis geraes do credito, não por via de sonhadas utopias, é um digno objecto para as meditações do economista, verdadeiro amigo do povo.

A Allemanha tem feito, nos ultimos annos, alguns notaveis esforços pelo resolver; e é d'estes que, em poucas palavras, vamos dar uma breve noticia. Como nos parece que a idéa nasceu do que se observa nos bancos territoriaes de tomadores d'emprestimo, frequentes naquella paiz, notaremos quaes são os principios mais geraes da organização d'estes, até mesmo porque, o que se tem escripto a seu respeito, é pouco exacto.

Aquelles bancos não são formados por *accionistas*. Os proprietarios associados constituem uma *agencia* d'emprestimos, sobre a garantia collectiva dos bens d'elles todos. O papel d'estes bancos negocia-se com facilidade por causa d'essa forte garantia collectiva. Nelles não ha dividendos que repartir.

Tanto nestes, como nos bancos territoriaes d'emprestadores, (capitalistas, accionistas, com um fundo em dinheiro, dividendos, etc.) o garante do emprestimo é o banco, não o individuo.

O capitalista não tem que inquirir acerca da abonação da pessoa, a cuja mão hajam d'ir ter os seus fundos. Uma assosiação forte responde por elles; recebe-os, e transmite-os sob a sua responsabilidade collectiva.

Os bancos, instituidos além do Rheno por M. Schultz com o nome de *Vorschuss-Banken*, propõem-se a obter resultados analogos para as classes operarias, substituindo a fragil garantia individual pela força da collectiva.

Alguns centos ou milhares d'operarios reúnem-se em sociedade, concorrendo de principio com uma modica joia d'entrada, e uma prestação mensal ainda mais modica; as quaes todavia, pelo constante effeito de todo o ajuntamento de consideraveis parcelas, tendem a tomar um grande vulto.

A direcção d'estes bancos, sobre a garantia d'este fundo, e a responsabilidade collectiva

da associação pelo trabalho futuro de todos os associados, toma d'emprestimo, em nome da sociedade, os capitães que estes precisam, para lh'os adiantar prudentemente.

Entre os socios não ha de commum senão o direito a inspeccionarem a gerencia das direcções, por elles eleitas, e a responsabilidade. Em tudo o mais cada um socio conserva uma plena independencia d'acção.

Cada um d'elles é auctorisado a levantar do banco, como emprestimo e a juro, até á totalidade do valor da sua joia d'entrada e das mensalidades que pagou; e ainda mesmo uma limitada quantia a maior, tudo sobre a sua unica responsabilidade pessoal, ou a sua simples assignatura.

Acima das indicadas quantias, nenhum pôde obter emprestimo sem a fiança d'um outro associado.

Com os juros d'estes adiantamentos o banco satisfaz os a que se obrigou para com o capitalista, e as despesas da gerencia; e se ha algum remanescente, como effectivamente acontece, é este destinado em parte para se ir constituindo um fundo de reserva, e em parte para se repartir, como dividendo, aos associados *pro rata* de suas entradas por meio das joias e mensalidades.

É certo que, para se conseguirem estes effeitos, o juro pago pelos socios á sua propria sociedade, com quanto inferior ao que teriam de pagar ao usurario, não pôde ser muito baixo.

Todavia d'ahi mesmo elles tiram interesse, porque têm direito a um dividendo, o qual vem modificar o mesmo onus.

Os adiantamentos feitos por estes bancos sobem de 18 a 19 fr. (2880 a 3040 rs.) a 1125, e até mesmo a 3750 fr. (180\$000 e 600\$000), quantias certamente mui consideraveis para um operario; e as quaes, como se disse, de prompto alcança com um simples fiador, seu consocio, acreditado perante a direcção.

Participam pois estes bancos da caixa economica, e dos nossos Montes pios; e tendem, segundo parece, a ampliar os incommensuraveis beneficios d'estas excellentissimas instituições, as quaes já mesmo, em ponto minimo, prestam aos seus consocios vantagens analogas. Nem recebem, nem fazem esmolas; procuram conservar a dignidade do homem no operario, fazendo-o considerar a si mesmo, como o auctor do seu proprio bem, pelo trabalho, ordem, e economia, sem o illudirem com as vãs e perigosas idéas da tyrannia do capital, e da necessidade de o tomar de graça.

Tal é em summa a idéa que formámos d'estes novos bancos, pelo que lemos a seu respeito em um novo jornal, publicado em Lausanna, com o titulo de — *Nouvel économiste*, n.º 2, de 25 do proximo abril.

É objecto digno de séria attenção, e sobre o qual mui conveniente nos parece que os verdadeiros amigos das classes laboriosas profundamente meditem.

A. FORJAZ.

## REVELAÇÃO DOS CRIMES.

Continuado de pag. 7.

### II.

Os criminalistas que combatem a revelação, não podendo contestar a existencia d'este dever social, e a sua efficacia na repressão dos crimes, pretendem que a obrigação de revelar, fundindo-se nas attribuições do ministerio público, e nas da policia, deixou de ser dever individual de cada um dos membros da sociedade; e que, porisso, o Estado não pôde exigir o seu cumprimento, nem tornal-o effectivo com a imposição de penas. Será, por ventura, inutil o concurso dos individuos quando ha auctoridades? A funcção do magistrado dispensará o dever do cidadão?

As phases por que passou a accusação são de todos conhecidas. Sabe-se que tempos houve em que o proprio offendedor era o unico admittido a accusar. Era na epocha, em que as compensações pecuniarias podiam supprir a pena, em que o fundamento do direito de punir era a vingança. Posteriormente foi a accusação exercida por todos os cidadãos, mediante a acção publica; mais posteriormente ainda, foi-o *ex-officio* pelo juiz. Uma ficção, das que então abundavam na jurisprudencia, <sup>1</sup> permittia que o juiz, na falta de accusador, julgasse e condemnasse como se este effectivamente houvesse existido, e querrellado.

Tal foi, em poucas palavras, a marcha da accusação, e as principaes modificações por que ella foi passando. <sup>2</sup> Essencialmente individual a principio, não representava mais do que a vingança; seu unico fim era obter a reparação do mal material causado ao agente passivo do delicto. Depois a accusação começou a exprimir mais alguma cousa — o inte-

resse social na repressão do crime, e no restabelecimento da ordem. A accusação por meio da acção publica, e *ex-officio* pelo juiz, é a manifestação d'este novo character. D'aqui á creação d'uma parte publica, só havia um passo. O desleixo dos cidadãos em exercerem a acção publica, apressou uma reforma cuja necessidade de ha muito se tornára manifesta. Instituiu-se, ou para me exprimir com mais exactidão, desinvolveu-se então o ministerio público.

Acabou a acção publica pela fórma com que até alli era exercida, e aos agentes do ministerio público commetteu-se a perseguição dos culpados. Foi-lhes incumbido formular a accusação, recolher as provas, apresentar a querella, requerer em juizo a applicação da pena. A accusação de dever social que até alli fôra transformou-se em funcção de magistrados. E' nesta reforma interessava não só a sociedade, porque o crime ficava sendo mais energicamente perseguido; mas tambem os cidadãos, porque eram alliviados d'um penoso encargo que não podiam gostosamente cumprir. Não admira pois que um distincto magistrado francez, e ao mesmo tempo profundo jurisconsulto, dissesse que a creação d'uma parte publica fôra um grande passo para a civilisação, uma grande idéa digna em tudo dos tempos modernos <sup>3</sup>.

É preciso, porém, não confundir acção publica com revelação; querella e accusação, com denúncia. São cousas essencialmente diversas, e que muito convém distinguir na questão que nos occupa.

A creação do ministerio público, não fez mais do que alterar o character da acção publica, e alteral-o profundamente; mas não supprimiu a revelação civica.

Entre as funcções dos seus agentes não encontramos nenhuma que substitua aquelle dever social, ou produza os seus effects. Bem longe disso. Uma das causas que mais concorreu para o estabelecimento do ministerio público foi, diz Faustin Hélie <sup>4</sup>, a introdução do processo por via de denúncia, muito tempo usado somente no fóro canonico, mas gradualmente introduzido no secular. A denúncia provocava informação judicial, e tornava por isso indispensavel a presença d'um accusador que dirigisse a informação, colhesse as provas, etc. Este accusador não podia deixar de ser um magistrado especial. D'aqui veio, que uma das funcções dos agentes do ministerio público era receber as revelações, examinar a sua veracidade, e proceder contra o culpado, se na devassa encontrasse algum indicio que fizesse presumir a existencia do crime.

<sup>1</sup> Henrion de Pansey. De l'autorité jud. en France. Cap. XIV.

<sup>2</sup> Histoire et théorie de la procédure criminelle. n.º 369.

<sup>3</sup> Bentham foi um dos que eloquentemente demonstrou os inconvenientes d'estas ficções juridicas. Nas ord. philippinas ainda ellas se encontram: no tit. 6 do liv. V, é comparado o crime de leza magestade á lepra, a qual « enche todo o corpo sem nunca mais se poder curar, e empece ainda os descendentes de quem a tem e aos que com elle conversam... assim o crime de traição condemna o que o commette, e empece e infama os que de sua linha descendem, posto que não tenham culpa. » Vê-se que a consequencia da ficção é a justificação da aberrancia da pena.

<sup>4</sup> Faustin Hélie. Des caractères généraux de l'action publique (Revue de législation et de jurisprudence; vol 24, pag. 182 e seq.).

Longe de concorrer para extinguir a revelação, o ministerio público, foi creado para regularisal-a, e dar-lhe a direcção de que havia mister para ser mais efficaz.

Parece, pois, indubitavel que o dever social de revelar não se fundiu nas attribuições do ministerio público, e que o cidadão não ficou desonerado de prestar o seu concurso á acção da justiça, só porque se instituíram aquelles funcionarios.

Vejamos agora se a policia dispensa este concurso. É indubitavel que a policia é um optimo meio de repressão, que depois de seu estabelecimento os culpados muito mais difficilmente se podem subtrahir á acção da justiça; porém de tudo isso dever-se-ha deduzir que a policia dispensa a revelação civica?

A policia não é geral; fóra dos grandes centros de população existe apenas no estado rudimentar. Uma boa organização policial encontra obstaculos sempre difficeis, e muitas vezes invenciveis. Por outro lado cumpre não esquecer que a policia não pôde presenciar todos os crimes; em mil hypotheses a sua acção é nulla; todos os dias temos d'isso exemplos e não admira que assim aconteça. É um logar commum dizer que as instituições humanas não podem ser perfeitas; 'nesta como em todas as outras dá-se esta imperfeição. Querer que as auctoridades deixadas a si tenham conhecimento de todos os crimes é, a meu ver, uma utopia. Parece-me portanto que a creação d'uma policia por mais bem organizada e energica que se imagine, não pôde totalmente deixar de pensar a revelação; o que pôde é tornal-a menos necessaria, fazer menos penoso o encargo de revelar — pôde alliviar o cidadão; mas não deconeral-o

### III.

Os adversarios da revelação instam ainda com os abusos. Partindo do principio que estes abusos são inherentes á instituição, sustentam que a revelação continúa a ser impossivel, porque voltarão com ella os mesmos inconvenientes que já fizeram proscrevel-a; presuppondo mesmo a excellencia da revelação, dizem, não convém decretal-a porque os beneficios que pôde produzir, não compensarão os innumeros males a que dará causa.

Vejamos até que ponto isto é exacto.

Da revelação como de todas as instituições ainda as mais santas e respeitaveis, como do proprio christianismo, abusou-se muito, muitissimo. O seu fim foi desconhecido e postergado. Épochas houve em que a revelação deixou de servir para a repressão do crime e para a manutenção do sagrado principio da não impunidade; tornára-se uma arma terrivel nas mãos do despotismo, um instrumento da tyrannia. Os innumeros males que estes abusos produziram enchem infelizmente

paginas inteiras da historia de Roma imperial, e de quasi todos os governos que se cariaram e corromperam como aquelle.

Deveremos porém argumentar d'estes tristes exemplos para a inteira supressão da revelação? Não o creio. Quando um principio bom em si, soffre applicação viciada, é claro que em vez de produzir bons resultados, só os produz pessimos. Emendem-se os abusos.

E não se diga que ha instituições em que isso não pôde fazer-se. Em regra geral esta asserção é falsa; muito mais a respeito da revelação. A maior parte dos abusos a que ella deu origem, provinham de causas que hoje não existem; provinham da antiga forma de processo, forma essencialmente injusta, e que não podia deixar de produzir os piores resultados. Os depoimentos das testemunhas em segredo, a pouca liberdade na defeza, o julgamento baseado não sobre a convicção do juiz, mas na maior ou menor plenitude das provas, um juiz unico, muito sujeito, por consequencia a enganar-se, ou deixar-se dominar pelas paixões, eram outros tantos obstaculos que o réu injustamente accusado encontrava, quando procurava justificar-se.

Acrescia o confisco dos bens do condemnado em proveito do accusador, circumstancia mais importante do que á primeira vista poderá parecer. A revelação deve ser gratuita: se o revelador fór, ou poder ser movido pelo interesse proprio, torna-se-ha muito mais difficil evitar os abusos que d'ella possam provir. É verdade que no tempo do confisco havia penas gravissimas fulminadas contra os falsos accusadores; mas isto não bastava. Esta providencia, para assim dizer isolada e não sustentada pelo systema geral do processo, raras vezes havia de conter o falso accusador.

Havia ainda a nullidade completa da imprensa periodica e que faz conhecidas as injustiças e obriga os julgadores a procederem com legalidade; a forma do governo, cuja importancia neste ponto facilmente se comprehende; mil outras circumstancias mais ou menos insignificantes de per si, mas que renidas tinham uma influencia apreciavel.

Com o nosso processo actual é quasi impossivel não descobrir o falso revelador; o confisco está banido da legislação, e o accusador já não pôde ter em vista apossar-se dos bens do condemnado; a imprensa é livre e pôde clamar bem alto contra todas as injustiças; a forma do governo não permite que a revelação se torne a arma do despotismo; cessaram numa palavra todas as causas dos abusos: não deve pois receiar-se que elles voltem com a revelação.

E não colhe o dizer-se que, em epochas anarchicas, a revelação pôde ser em vez de garantia d'ordem um elemento de desordem; porque o mesmo pôde acontecer á força armada, e a todas as outras garantias sociaes. A

excellencia ou vicio d'uma instituição não deve julgar-se pelo emprego que por ventura d'ella façam, em crises sociaes, as paixões politicas, de todas as mais perigosas, porque se reputam justas. Similhante apreciação so pode, so deve fazer-se, quando a sociedade estiver assente em solidas bases de justiça e moralidade; quando todas as instituições sociaes se desinvolverem livremente, e na sua legitima esphera; quando as paixões politicas estiverem caladas, e não trocarem as garantias de ordem em elementos de desordem.

S. H.

## NOTICIARIO.

**Volcão sub-marino.** O ministro da marinha em França, dirigiu á academia das sciencias os extractos de duas cartas escriptas por dous capitães de navios mercantes, em que annunciam, que navegando debaixo da linha por 20 minutos, pouco mais ou menos, de latitude sul, e 30 graus de longitude oeste, pelas duas horas da manhã, ouviram um estrondo, similhante ao de uma trovoadá distante, seguido immediatamente de agitações violentas; o leme tremia fortemente nas mãos do marinheiro, a tripulação mal se segurava sobre as pernas, o tempo estava sereno, e o mar manso, pelo menos sem vagas ou ondas tumultuosas; agua apanhada em um balde, não indicou elevação de temperatura; os navios continuaram a soffrer agitação até depois do meio dia.

'Nestas paragens, pensa Mr. Daussy, que existe um volcão sub-marino que lança fumo e cinzas.

**O gaz na Inglaterra.**—O numero de fabricas de gaz em Inglaterra é actualmente de 66. O capital que ellas representam é superior a 62 milhões de libras, e dão, termo medio, 5 por 100 de dividendo annual a seus accionistas.

O numero de pessoas empregadas 'nestas fabricas é de 24:000. A quantidade do gaz, annualmente produzida, é de 9 milhões de pés cubicos, resultado da combustão e distillação de 1:350 mil tonnelladas de carvão bituminoso.

O gaz fica aos consumidores, em geral, pelo preço de 25 francos por cada mil pés cubicos.

**O ouro na Australia e California.**—A California não principiou a produzir ouro senão em 1848. De 12:000 libras no primeiro anno, a produção subiu em 1855 a

12.908:000 libras. As minas da Australia só foram descobertas em 1851. 'Nesse anno produziram 907:113 libras; e em 1855, 11.513:230 libras.

A Australia e California deram ambas, em 1855, 24.421:230 libras. A produção em 1856 é ainda muito maior.

Um documento publicado pelo *Board of Trade* avalia em 40 995:651 libras o ouro produzido pela Australia (Victoria e Nova Galles do Sul) desde 29 de maio de 1851, data da primeira remessa, até 31 de dezembro de 1855. Exportaram-se 11.199:000 inglezas (247:169 kilogrammas). Só a colonia de Victoria forneceu perto de  $\frac{2}{3}$  da produção total.

Uma commissão nomeada pelo conselho legislativo de Victoria calcula, que os jazigos auríferos occupam na colonia mais de 20:000 quadrados de quartzo aurifero. São 20 milhares e 650 milhões de tonnelladas que podem occupar 100:000 mineiros durante 300 annos. Avaliando cada tonnellada de quartzo em uma libra *strel.* sómente, resulta a somma enorme de 62 milhões de libras por anno. A riqueza total da colonia é calculada approximadamente em 783 milhões de libras. Serão pois necessarios mais de 2:000 annos para explorar tão grande riqueza.

Á vista d'isto não se deve temer, que faldem as remessas d'ouro da Australia para todas as partes do mundo.

Ultimamente acharam-se quasi á superficie da terra em Vingover (Melbourn) duas *pepites* de 188—230 onças.

**Invenção dos moinhos.**— O engenho de moer por força de corrente ou queda d'agua, foi inventado na Asia menor. Os Romanos o adoptaram, e bem depressa se generalisou na Italia e Grecia. A historia não diz, quem foi o inventor. Os poetas entoaram hymnos em honra da invenção. Antipater de Thessolonica exclama inspirado. «Dormi tranquilas mulheres que trabalháveis em moer o trigo; já não tendes necessidade de fatigar os braços; deixae cantar as aves, que por seus gorgeios annunciam o despontar da aurora. Ceres encarrega ás Naiades o vosso trabalho; as nymphas obedecem, e assentadas sobre uma roda fazem-na mover. O eixo, por meio dos raios que o cercam, faz girar com violencia as pesadas mós do moinho. Eis que volvemos á vida feliz e tranquilla de nossos primeiros paes. Agora já sabemos colher sem fadigas o fructo dos trabalhos de Ceres, e preparar o nosso pão.»

Os antigos não conheceram o moinho de vento. Esta descoberta pertence ao Oriente, e só no anno de 1010 foi introduzido em França.

# Instituto,

## JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

### CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUÇÃO PÚBLICA.

#### 1.<sup>a</sup> SECÇÃO — N.º 219. — CIRCULAR.

Não tendo produzido os effeitos, que se esperavam para formar a estatística geral e parcial de todas as escolas do reino, e estabelecimentos litterarios, as providencias consignadas na portaria circular de 30 de março de 1855, manda Sua Magestade El-Rei, pelo Tribunal do conselho superior d'Instrução Pública, que o governador civil de . . . faça intimar pelos administradores dos conselhos do districto a seu cargo, todos os professores e o commissario dos estudos respectivo, para que impreritavelmente remetam ao supradicto Tribunal os mappas do movimento de suas escolas, e o commissario o relatorio, que lhe pertence, até ao ultimo dia do mez de setembro de cada anno, na certeza, de que depois do dia 15 de outubro, se lhe remetterão as ordens convenientes, e a relação dos que faltaram a este cumprimento, para serem excluidos da folha dos vencimentos no mez d'outubro; e espera Sua Magestade, que esta circular tenha a devida execução, de que elle governador civil dará parte com a possivel brevidade. Coimbra, em 23 de maio de 1857. — *José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. — *Barão de S. Thiago de Lordello*.

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim*.

#### 1.<sup>a</sup> SECÇÃO — N.º 220 — CIRCULAR.

Manda Sua Magestade El-Rei, pelo conselho superior d'Instrução Pública, que o governador civil de . . . remetta, com a possivel brevidade uma relação das escolas públicas do seu districto, que estão collocadas em edificios do Estado, municipaes, ou parochiaes, e bem assim d'aquellas, que se acham em casa arrendada, indicando, neste caso, quanto se tem despendido, e á custa de quem, nos trez ultimos annos lectivos, e nos arranjos necessarios para a sua devida collocação. Coimbra, 23 de maio de 1857. — *José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. — *Barão de S. Thiago de Lordello*.

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim*.

VOL. VI.

JUNHO 15 — 1857.

#### 1.<sup>a</sup> SECÇÃO — N.º 221. — CIRCULAR.

Convindo regular pela melhor forma o serviço dos exames dos oppositores as escolas publicas, manda Sua Magestade El-Rei, pelo conselho superior d'Instrução Pública, que o commissario dos estudos do districto de . . . logo que terminem os prazos dos respectivos concursos, assigne, o mais breve possivel dia a todos os concorrentes a cada uma das referidas escolas para se examinarem; devendo as provas escriptas, e problemas arithmeticos serem os mesmos para todos, e no mesmo dia. Coimbra, 23 de maio de 1857. — *José Ernesto de Carvalho e Rego*, Vice-Presidente. — *Barão de S. Thiago de Lordello*.

O secretario geral, *José Antonio d'Amorim*.

## ZOOLOGIA.

### OS PEIXES ELECTRICOS.

Os peixes electricos até hoje conhecidos são:

- 1.º A tremelga, ou torpedo — *raia torpedo*.
- 2.º O gymnoto, ou carapó electrico do Pará — *gymnotus electricus*.
- 3.º O siluro, ou bagre electrico — *silurus electricus*.
- 4.º O quadridente electrico — *tetrodon electricus*.
- 5.º O trichiuro electrico — *trichiurus electricus*.

Os dois primeiros são os que têm sido mais bem estudados, e a tremelga, ainda melhor que o gymnoto.

*Tremelga, ou Raia Torpedo.*

A, torpedo pertence á familia das raia; e é em virtude d'este parentesco, que é designada pelo nome de *raia electrica*: os pescadores tambem lhe dão o epitheto de *tremelga*, *peixe magico*, pela extraordinaria propriedade de que é dotada.

E um peixe de corpo liso, chato horisontalmente, de forma oval, terminando em uma

NUM. 6.

cauda curta mas robusta, com a forma de um disco quasi circular. Acha-se em todos os mares; e muito commum nos da Europa, especialmente no Mediterraneo, onde adquire tal grandeza, que peza ás vezes 18 a 20 libras. Nas costas do Oceano atlantico, raras vezes excede 2 pés de comprimento. Pescam-se muitas no canal da Mancha.

Na costa maritima de Portugal, e até logo fóra da barra de Lisboa, apanha-se varias vezes a tremelga, bem conhecida pelos pescadores, pelas suas faculdades electricas.

Quando se toca com a mão uma tremelga viva, sente-se immediatamente uma forte commoção que entorpece, e até paraliza todo o braço por alguns minutos. A sensação pôde comparar-se a que soffremos quando damos uma pancada com o cotovello. Mr. Matteucci avalia a força d'este choque, pelo que da uma pilha de columnas, de 100 a 150 pares, carregada d'agua salgada.

As descargas succedem-se com extrema rapidez, e é sempre impossivel supportal-as; Walsh contou até 50 por minuto. Se a torpedo está fóra da agua, sente-se sempre grande commoção, ou se toque o animal, com os dedos, ou com um corpo bom conductor, como uma vara de metal, ainda que de muitos pés de comprimento.

Sente-se a mesma commoção, em um circulo de 20 pessoas, não isoladas, se das que formam as extremidades da cadeia, uma toca o dorso do peixe, e outra o ventre. MM. Becquerel e Břeschet verificaram, que o dorso da torpedo da electricidade positiva, e o ventre electricidade negativa. Quando os pescadores despejam as redes nos barcos, e lançam grandes massas d'agua salgada sobre os peixes, se entre estes ha alguma tremelga, logo se reconhece pela commoção que experimenta o braço que verte a agua: é um facto já conhecido pelos antigos, e de que Plutarcho fez particular menção.

Reconhece-se tambem que a descarga da torpedo pôde dar faiscas, como uma machina electrica; que produz a magnetisação; que opera decomposições chimicas; e que transmittida através de um par thermo-electrico, produz signaes sensiveis de calor.

Esta propriedade da tremelga, é, assim como para todos os peixes electricos, um meio d'attaque e defeza. É por este artificio que a torpedo fulmina, mesmo a distancias, os pequenos peixes, de que quer apoderar-se, e tornando-os immoveis, facilmente os apanha.

A tremelga, sendo um peixe em geral pequeno, fraco, indolente, e privado d'armas offensivas e defensivas, difficilmente poderia viver, se a natureza a não tivesse dotado de tão extraordinario meio d'acção, que habilmente emprega para se alimentar, e para se defender de seus inimigos.

Vivendo no fundo da agua, quasi sempre

escondida no lodo, como as raias, se passa proximo algum pequeno peixe, mata-o; e se é peixe maior, atordoa-o, pelas descargas de suas baterias electricas: por este meio tem sempre alimento em abundancia. Se é atacada por algum peixe voraz, defende-se melhor do que se fosse bem armada de dentes. Reaumur lançou uma torpedo dentro de uma tina cheia d'agua do mar e deu-lhe por companhia um pato; passadas algumas horas, o pato estava fulminado.

A tremelga, ainda que inferior á maior parte das raias, como peixe alimentar, é comtudo aproveitada em quasi toda a parte em que se pesca. Nos mercados d'Italia vende-se frequentemente; assim como algumas vezes no mercado de peixe de Lisboa, onde é bastante apreciada pelos gastronomos. Hippocrates recommendava o uso da carne d'este peixe na hydropsia.

Os instrumentos da funcção electrica da torpedo são de trez especies:

1.º Na metade inferior do corpo, e de cada lado da cabeça existem muitos centenares de pequenos tubos, Hunter contou até 1:182, ou prismas membranosos verticaes, apertados uns contra os outros, e subdivididos por diafragmas horisontaes, ou pequenas cellulas cheias de mucosidades. É nestes orgãos, e sob o imperio da vontade do animal, que se produz a electricidade.

2.º Na parte posterior do cerebro existe um lobulo, designado pelo nome de *lobulo electrico*. A sua destruição torna impossivel qualquer descarga, ainda mesmo que permaneça intacto o resto do cerebro. Sempre que se toca o lobulo, promovem-se fortes descargas, embora este órgão esteja separado do cerebro ou da espinal-medulla. A irritação do mesmo lobulo não provoca outros phenomenos senão a descarga electrica. Toda a acção exterior exercida sobre o corpo da tremelga viva, e que determina a descarga electrica, é transmittida pelos nervos do ponto irritado, até o lobulo electrico do cerebro. A vontade que impera sobre as descargas electricas tem a sua sede neste órgão.

3.º Quatro volumosas ramificações de nervos do 4.º par saem do mencionado lobulo e vão distribuir-se nas baterias electricas precedentemente descriptas. Com o corte ou ligadura d'estes nervos desaparecem os phenomenos electricos; mas para o resultado ser completo, convém ligal-os ou cortal-os todos: se o corte ou ligadura não for senão d'um lado do corpo, a descarga ainda se manifesta no outro lado. A irritação operada sobre estes nervos nunca produz outros phenomenos, senão as descargas electricas.

#### *Gymnoto, ou Enguia electrica.*

O gymnoto é um peixe muito semelhante á



enguia, e por esta razão conhecido pelo nome de — *enguia electrica* — e vulgarmente — *enguia tremula*.

O *gymnoto* é um peixe, que tem d'ordinario 2 metros de comprimento; alguns ha que são tão pesados, que carregam um homem. Tem o corpo da forma da enguia, acompanhado inferiormente de uma barbatana, formando uma especie de quilha, que se estende até á extremidade da cauda. Esta disposição faz, com que não tenha o movimento tortuoso da enguia commum, e se mova com muita mais graça. Tem a cabeça grande e chata, e a pelle revestida de uma substancia mucilaginosa.

É proprio da America meridional, encontrando-se abundantemente nos rios, ribeiros, e pantanos.

As propriedades electricas do *gymnoto* são ainda mais notaveis que as da tremelga; e d'aqui vem o estudo precioso que a sciencia tem feito da enguia tremula.

Seu poder electrico é tal, que fulmina cavallos e homens: é por tanto muito superior ao da torpeda. Tão poderosa acção constitue um formidavel meio de aggressão e defeza. O animal produz voluntariamente as descargas electricas, e escolhe a direcção que mais lhe convém para fulminar seus inimigos. Não é raro ver negros nas bordas das lagoas tocados pelas enguias electricas, ficarem de tal maneira aturridos da commoção, que privados dos sentidos caem na agua e se affogam; por esta razão os senhores prohibem aos negros approximarem-se d'essas lagoas. Quando os pescadores apanham nas redes *gymnotos*, e ao mesmo tempo crocodilos ainda novos, os terriveis reptis apparecem mortos, ou pelo menos paralyzados, e os peixes electricos completamente incolumes.

A pesca dos *gymnotos* por meio de cavallos selvagens, é descripta por Mr. de Humboldt com a belleza de linguagem tão familiar a este famoso naturalista. Reproduziremos textualmente as suas proprias expressões.

« Os Indios, conduziram-nos ao Cano de Bera, bacia d'agua pantanosa, rodeada de uma pomposa vegetação, da *Clusia rosea*, da *Hymenaea Courbaril*, grandes figueiras da India, e de algumas *mimosas* de flores odoríferas. Ficámos surprehendidos, quando nos disseram, que iam empregar 30 cavallos selvagens das savanas visinhas, para a pesca das enguias electricas. A idéa d'esta pesca, que se denomina — *embarbasoar com cavallos* — é na realidade bem extravagante. O termo *Barbasoar* designa as raizes de *Jacquinia*, *Piscidia*, e de qualquer outra planta venenosa, que lançadas na agua communicam-lhe a propriedade de matar, ou pelo menos de atordoar os peixes, que depois, de envenenados, ou *embarbasoados* por este meio, vem boiar á superficie. Como os cavallos met-

tidos nos pantanos produzem um effeito semelhante sobre os peixes, designam-se com a mesma denominação as duas especies de pesca, confundindo assim a causa e o effeito.

« Em quanto nos explicavam tão estranho modo de apanhar o peixe neste paiz, chegou a manada dos cavallos e de machos. Os Indios, fustigando por todos os lados os animaes, apertando-os em um circulo, obrigaram-nos a entrar no pantano. Não descreveremos, senão imperfeitamente, o interessante espectáculo que offereceu a luta das enguias contra os cavallos. Os Indios, munidos de juncos muito compridos e de arpões, collocaram-se á borda da lagôa; alguns d'elles subiram para as arvores que lançavam ramos sobre a superficie da agua; e todos, gritando e batendo com os juncos, obrigaram os cavallos a permanecer dentro do pantano. As enguias, espantadas pelo tumulto dos cavallos, defenderam-se por successivas descargas de suas baterias electricas. Por muito tempo pareceu que a victoria era a favor dos peixes; muitos cavallos e machos, aturridos pela força e frequencia das descargas electricas, desappareceram debaixo da agua; alguns chegaram a levantar-se, e, apesar da activa vigilancia dos Indios, conseguiram fugir para as bordas da lagôa, e ahi ficaram prostrados por terra, mortos de fadiga, e com os membros entorpecidos pela força das commoções electricas.

« Muito desejáramos, que um habil pintor aproveitasse o momento em que a scena é mais animada. Os grupos d'Indios cercando a lagôa; os cavallos, de crina erigida, com o terror e angustia pintados nos olhos, querendo fugir á tempestade que os surprehende; as enguias, quaes grandes serpentes aquaticas, nadando á superficie e perseguindo seus inimigos; tudo offerece o quadro mais pittoresco e magestoso que pôde imaginar-se. Eu recordei-me do soberbo painel, que representa um cavallo entrando em uma caverna e atterradado pela presença do leão. A expressão de terror não é aqui mais energica, do que a que se observa no combate que tentámos descrever.

« Em menos de cinco minutos dous cavallos estavam já affogados. Á vista d'este primeiro resultado, julgávamos que a pesca acabaria ainda mais tragicamente, receiando que se affogasse a maior parte dos cavallos; mas os Indios nos affirmaram, que a pesca terminaria brevemente, e que só era para temer o primeiro assalto dos *gymnotos*. Assim foi. Quando o combate já durava um quarto de hora, os cavallos pareceram menos atterradados; não erigiam a crina, e seus olhos exprimiam menos dor e menos assombro. As enguias, nadando com meio corpo fora da agua, e fugindo dos cavallos em vez de os atacar, approximaram-se das bordas do pan-

tano. Os Indios lançaram-lhes, por meio de cordas, pequenos arpões, que fisingavam duas ao mesmo tempo. Arrastaram-se assim para fóra da agua cinco grandes enguias, em poucos minutos, sem que as cordas secças e muito compridas communicassem choque algum; e mais se pescariam, se fossem precisas para as nossas experiencias.

« Os Indios affiançaram-nos, que introduzindo os cavallos dous dias successivos em uma lagoa cheia de gymnotos, nenhum cavallo morreria no segundo dia, porque os peixes electricos carecem de repouso e d'alimento abundante, para produzir ou accumular grande copia d'electricidade. »

São bem conhecidas na sciencia as propriedades electricas do gymnoto. Um d'estes peixes, remetido de Surinam para Stockolmo, viveu quatro mezes em estado de perfeita saude. Tinha 27 pollegadas de comprimento, e as commoções que produzia, eram tão violentas, que até o emprego de corpos maus conductores difficilmente obstava à sua communicação. Fulminava os peixes, mesmo a distancia, e despedia as suas descargas electricas, proporcionando a energia e violencia do choque ao tamanho e força da preza; dirigia igualmente o golpe com grande acerto. O animal perdeu a faculdade electrica, pouco tempo antes de morrer.

Na galeria de sciencias practicas em Londres, tem apparecido por varias vezes enguias electricas, transportadas vivas dos rios da America do sul, e que tem servido não só para satisfazer a curiosidade do publico, mas tambem para observações e experiencias dos sabios.

Em Paris tambem tem sido cuidadosamente estudadas as singulares propriedades do gymnoto, verificando muitos naturalistas, que pegando em uma enguia electrica, e segurando-a com uma das mãos pela cabeça, e com a outra pelo meio do corpo, sentem-se ao tiral-a fora da agua, repetidas e violentas commoções no espaço de 4 a 5 minutos, e com tal força, que parece que estalam os ossos, que se revolvem as entranhas, e se sentem grandes pancadas na cabeça; por muitas horas se experimentam dores vivas, e uma especie de tremor em todos os musculos, e particularmente nos das espaldas.

Referiremos agora as interessantes experiencias de Mr. Faraday, feitas em Londres, sobre as propriedades da descarga electrica do gymnoto.

Por meio de dous pratos metallicos, reunidos às extremidades do galvanometro, e applicados sobre diferentes pontos do corpo do animal, conseguiu o physico inglez determinar a direcção da descarga, reconhecendo, que as partes anteriores do peixe constituem constantemente o polo positivo, e as partes posteriores o polo negativo, dirigindo-se por

tanto a corrente no galvanometro, da cabeça para a cauda.

A seguinte observação é importante.

Mergulhando os pratos collectores em diferentes pontos da massa liquida habitada pelo gymnoto, observa-se, suppondo que o animal descarrega todos os seus orgãos ao mesmo tempo, que a agua é atravessada pela corrente electrica, distribuida em linhas rectas e curvas à roda das extremidades do peixe, da mesma maneira que o seria a limalha de ferro em volta de um imán, cujos polos occupassem o lugar da cabeça e cauda do peixe.

Todos os phenomenos da corrente electrica se têm obtido sobre o gymnoto, do mesmo modo, que sobre a tremelga. M. Faraday, dirigindo a descarga do gymnoto por um fio metallico disposto em spiral, no interior do qual se tinham collocado previamente agulhas d'aço, obteve a magnetisação d'estas na direcção correspondente à da descarga da cabeça para a cauda do peixe. O mesmo physico conseguiu a decomposição chimica, empregando o iodureto de potassio, e produziu a faísca electrica, introduzindo no circuito uma spiral electro-magnetica, e collocando dentro della um cylindro de ferro.

O apparelho, que serve d'agente a tão poderosas commoções electricas, estende-se ao longo do dorso até à cauda, e consiste em quatro fasciculos longitudinaes, compostos de um grande numero de laminas pouco mais ou menos horisontaes, membranosas, paralelas, e muito apertadas umas às outras. Estas laminas são unidas por uma infinidade d'outras laminas mais pequenas, situadas verticalmente, mas em sentido transversal: as pequenas cellulas prismaticas e transversaes, formadas pela reunião d'estas laminas, estão cheias de uma materia gelatinosa: enfim, todo o apparelho recebe grossos nervos, ramificações dos nervos spinaes.

O gymnoto, mettido em agua, que se renova de dous em dous dias, vive muito bem, e pode sustentar-se com camarões e pequenos peixes. Em Cayenna faz-se uso da enguia electrica para electrizar as pessoas atacadas de paralyisia e de dores arthriticas. A carne do costado d'este peixe é excellente, com especialidade depois de salgada ou curada ao fumo.

#### *Outros peixes electricos.*

O siluro ou bagre electrico tem 50 a 55 centimetros de comprimento. A sua bocca é armada de 6 grossos barbilhões ou tentaculos. Habita o Egypto e Senegal. Os arabes dão-lhe o nome de *rausch*, que quer dizer, trovoadas. Sua força galvanica é consideravel. Geoffroy Saint Hilaire fez experiencias curiosas sobre este peixe durante a expedição de Bonaparte ao Egypto.

O apparelho electrico d'este peixe consiste

em uma camada de tecido celular gorduroso, que envolve todo o corpo do animal, e está situado entre a pelle e os musculos.

O tetrodon ou quadridente electrico é um bello peixe de 7 a 8 pollegadas de comprimento, com o corpo malhado de manchas vermelhas, verdes, brancas, e d'outras cores. Vive nos mares da India. Apresenta as mesmas propriedades dos outros peixes electricos.

O trichiuro electrico vive tambem nos mares da India, e pouco ou nada offerece de notavel. As suas propriedades confirmam do mesmo modo os factos observados em geral em todos os peixes electricos.

De tudo que havemos exposto, podemos deduzir os seguintes corollarios:

1.º Os phenomenos observados nos peixes electricos são da mesma ordem dos que produzem os appparelhos electricos ordinarios; —desvio da agulha do galvanometro— elevação de temperatura nos fios conjunctivos —decomposições chimicas— e faiscas electricas.

2.º Os orgãos, em que reside a faculdade de produzir commoções electricas não estão situados da mesma maneira em todos os peixes electricos: na tremelga estão collocados aos lados da cabeça, no gymnoto ao longo do dorso, e no bagre electrico em toda a extensão do corpo.

3.º Os orgãos electricos têm em todos os peixes uma constituição uniforme.

4.º Sómente varia um pouco a forma das células.

5.º Não ha ramo especial do systema nervoso, que seja exclusivamente destinado aos orgãos electricos: na tremelga são os nervos do 5.º par; no gymnoto são os nervos spinaes, e no bagre ou siluro electrico os do 8.º par.

S. DE C.

## ATHMOSPHERA DA LUA.

M. Geniller, emigrado em Bruxellas, remetteu á Academia real das sciencias da Belgica a curiosa memoria que em seguida transcrevemos.

Apezar de que julgamos que o illustre auctor d'este escripto apenas apresentou hypotheses, e não conseguiu demonstrar a existencia da athmosphera da lua, contudo entendemos fazer algum serviço, publicando este trabalho, que reputamos bastante ingenhoso, e digno de meditar-se.

A. J. T.

A maior parte dos astrónomos não admittem a existencia da athmosphera da lua. Vamos examinar as objecções que se apresentam, e expôr algumas considerações, com que julga-

mos poder destruil-as, e estabelecer directamente a proposição contraria.

A primeira objecção é, que não se observa refração no instante que precede a occultação das estrellas ou dos planetas pela lua, nem durante os eclipses do sol. Alguns astrónomos pretendem ter observado, e até medido uma pequena refração; mas supponhamos que nunca se observou, e vejamos se este facto basta para rejeitar a existencia da athmosphera lunar.

Se esta athmosphera existe, como a massa da lua é proximate 82 vezes menor que a da terra, o ar deve estar muito rarefeito na superficie do nosso satellite. Quando tem logar a occultação d'uma estrella pela lua, a parte inferior d'este globo está ainda muito distante do astro. Com effeito, na lua existem, como é sabido, altas montanhas, e entretanto observa-se que o limbo que apresenta o seu disco illuminado é perfeitamente redondo. Porque se dá pois tal apparencia? Por que não apresenta o disco sensiveis chanfraduras? E porque sendo muito numerosas as montanhas na superficie da lua, a parte d'esta superficie que vemos de lado, está coberta de montanhas, das quaes a reunião dos vertices forma para nós uma nova superficie espherica, mais elevada que o nivel dos mares da lua, se por ventura ella os tem. Imaginemos um circulo maximo da lua perpendicular á recta que une o olho do observador ao centro do astro; deverá existir sobre a circumferencia d'este circulo maximo um grande numero de montanhas, dispostas contudo de maneira, que não formam uma cadeia continua; mas os intervallos entre umas e outras não se tornam visiveis ao observador terrestre, pela interposição de outras montanhas anterior ou posteriormente dispostas. Sendo isto assim, no instante em que a estrella está proxima a ser eclipsada pelos vertices das montanhas, a refração não pôde ser produzida senão pelo ar, que existe acima dos vertices dessas montanhas. Ora se o ar nas altas montanhas da terra é já muito raro, e pouco refracta a luz, á fortiori a refração pela athmosphera lunar, nas condições que acabamos de expor, deve ser quasi insensivel.

« Tem-se observado muitas vezes nas occultações, diz John Herschel, uma illusão optica muito notavel, e que se não explica. A estrella antes de desaparecer, parece ir além do bordo, e caminhar, algumas vezes bastante, sobre o limbo. Eu nunca observei tão singular phenomeno, mas ha d'elle testemunhos inequivocos. Chamei-lhe uma illusão optica, mas não seria impossivel, que resultasse de profundas fendas, que haja no globo da lua, atravez das quaes a estrella é vista depois de tocar o bordo. »

Tentou-se explicar este facto, dizendo que resultava d'uma illusão optica, devida a que

o disco brilhante da lua parece maior do que na realidade. Deve-se rejeitar similhante explicação. Para que fosse admissivel, era preciso que o phenomeno se reproduzisse em cada occultação d'estrella pela parte illuminada da lua, visto que o disco nos parece sempre augmentado da mesma maneira; ora o phenomeno raras vezes se tem observado. E é inutil a hypothese das fendas no globo lunar: pelo que dissemos da distribuição das montanhas na parte da superficie da lua, que vemos de lado, o phenomeno pode explicar-se com muita facilidade.

Pode acontecer que em certas circumstancias, uma estrella, no instante do contacto com os bordos do disco da lua, esteja situada por forma que o fasciulo de luz emitida, penetre ate nos, atravez dos intervallos das montanhas lunares, os quaes, posto que não estejam rigorosamente na mesma direcção, podem com tudo dar passagem em linha recta a um raio de luz. E assim que a estrella parece ter entrado por detraz do disco, ainda antes de se ter perdido de vista.

De se não ter observado refração, concluiu-se que a lua não tinha athmosphera; e por consequencia, que não podia ter agua. Os primeiros astrónomos, que examinaram a lua com telescopios, consideraram as manchas d'este astro como mares; attendendo a que estes deviam parecer menos brilhantes do que os continentes, pela differença dos poderes reflectidores. A maior parte dos astrónomos modernos negam a existencia dos mares da lua por duas razões. Primeira: a ausencia da athmosphera permitiria á agua transformar-se rapidamente em vapor, ao menos até formar uma quantidade bastante para ficar saturado o espaço ambiente da lua. Mas então este vapor produziria uma especie de athmosphera, que havia de refractar a luz, o que se não observa. A segunda razão é, que se notam sobre as manchas consideradas como mares, desigualdades, que, na opinião dos astrónomos, que negam a existencia d'estes mares, são inconciliaveis com a superficie das aguas necessariamente plana.

Em quanto á primeira objecção, já lhe respondemos, explicando como as refrações seriam insensiveis para nos, mesmo com uma athmosphera lunar annaloga á terrestre, mas d'uma densidade muito menor. Quanto á segunda parece-nos muito facil responder-lhe. Admittamos que effectivamente se tenham observado desigualdades na superficie do que se chamou mares; estas desigualdades são por ventura argumento para rejeitar a existencia dos mares? John Herschel, no seu *Tractado elemental d'astronomia* adopta esta conclusão; entretanto accrescenta, que se observam sobre a lua terrenos, que têm decididamente o character de terrenos d'alluvião. Seria necessario pois admittir, que havia an-

tigamente na lua mares, que tinham desaparecido. Que seria pois feito de toda essa agua? Refletindo nas variações de temperatura, que se produzem na superficie da lua, não é difficil conciliar a existencia d'estas desigualdades com a existencia real dos mares. A noite e dia lunar tendo cada um 13<sup>1</sup> vezes 24 horas de duração, e a athmosphera sendo muito rara, deve haver frio muito intenso na parte da superficie da lua, não exposta aos raios do sol; por consequencia os mares signados 'nesta superficie devem estar congelados ate uma grande profundidade. Quando depois por effeito do movimento de rotação da lua, experimentam a acção dos raios do sol, esta acção exercendo-se d'uma maneira continua durante 13<sup>1</sup> vezes 24 horas, deve fundir em parte o gelo, e evaporar ao mesmo tempo uma grande quantidade d'agua; entretanto sendo enorme o calor latente, que exigem esta liquefacção e evaporação, a liquefacção faz-se lentamente, e deve resultar, que os gelos cubram ainda uma grande parte da superficie dos mares; e tendo o gelo um poder reflectidor maior que o da agua liquida, as partes liquidas devem parecer, vistas da terra, como cavidades sobre a superficie dos mares, e os gelos como eminencias. Eis como se concilia a existencia dos mares com as desigualdades, que se notam na sua superficie.

Apresenta-se ainda contra a existencia da athmosphera e dos mares da lua a objecção seguinte: A superficie da lua apparece-nos periodicamente sempre a mesma, sem alteração, sem manchas moveis; por consequencia não se formam lá nuvens, o que devia acontecer se a lua tivesse agua e athmosphera. Esta objecção desfaz-se com as seguintes considerações sobre o clima da lua. O ar sendo muito raro, porque a attracção exerce-se nos corpos, que estão na lua, com muito menos força, que nos da terra, o vapor da agua, que lá se forma não passa ao estado vesicular, mas existe ali no estado de vapor invisivel, acima da superficie illuminada, como acontece com uma grande parte do vapor, que se acha misturado na nossa athmosphera. Este vapor precipita-se na parte da superficie lunar, não exposta aos raios do sol, e condensa-se ali no estado de orvalho, ou antes de nebrina. Pode-se assim conceber a ausencia das nuvens, apesar da existencia da agua e do ar rarefeito em volta da lua.

Acabamos de refutar as objecções contra a existencia da athmosphera lunar, vamos agora apresentar outras provas, que estabelecem directamente a proposição affirmativa.

Admitte-se geralmente na lua uma grande quantidade de montanhas volcanicas; ora os volcões, que as produziram e que estiveram mais ou menos tempo em actividade, se é que alguns não o estão ainda, necessariamente

havam de desinvolver grande abundancia de gazes. Que é feito d'esses gazes? Não devem por ventura ter contribuido para formar em volta da lua uma especie de atmosphera?

Os astrónomos concordam tambem em dar uma origem commum a todos os planetas; quasi todos adoptam para este fim a theoria de Laplace, a qual se applica egualmente á formação da lua. Logo as *materias* d'este astro são com pouca differença as mesmas do nosso globo; a lua deveu passar por diversos estados, primeiro inteiramente fluida, depois condensada em um nucleo liquido, rodeado d'uma especie de atmosphera, sendo depois o nucleo envolvido por uma crusta solida, que successivamente se foi tornando mais espessa. A analogia leva-nos a concluir que a atmosphera lunar, a principio muito carregada, se rarefez e purificou pouco a pouco, deixando depositar na superficie da lua, com o progresso do resfriamento, um grande numero de substancias, ou no estado liquido, ou no estado solido.

Emfim, terminaremos pelo desinvolvimento d'uma proposição que, a ser fundada, como julgamos, seria uma prova decisiva a favor da atmosphera lunar, e contribuiria para resolver grande numero de questões, que são o objecto da meditação dos astrónomos.

A proposição de que fallamos é a seguinte: *O ar existe universalmente derramado no espaço.* Muitos factos nos parece estabelecerem esta proposição. Observa-se atmosphera ao redor do sol e de todos os principaes planetas; é possível que a atmosphera de cada um d'estes globos seja limitada? A elasticidade do ar parece ser infinita. O ar não passa ao estado liquido, submettido aos maiores frios e ás mais fortes pressões, que se tem podido obter artificialmente; o ar deve pois ser ainda gazoso nas regiões onde os partidarios d'um limite collocam este limite, pois que a temperatura dos espaços interplanetarios, parece ser sómente de quasi 60° abaixo de 0°, e que o ar ali não está, por assim dizer, submettido a pressão alguma. Como poderia o ar deixar de dilatar-se? Obstar-lhe-ia a gravidade? Não, porque a gravidade, mesmo na superficie da terra, onde é muito maior, não se oppõe á extensão nem do ar rarefeito num recipiente, nem do vapor d'agua na menor tensão, nem á uniforme repartição do acido carbonico em todas as camadas da atmosphera; entretanto o acido carbonico, muito mais pesado do que o ar, cuja tensão não chega a uma decima millesima da do ar, que se reduz a liquido sob uma pressão e frio artificiaes, que se derrama na atmosphera, pois que o ar não é senão uma mistura, como se derramaria no vacuo, deveria ter um limite bem inferior ao do ar, se este ultimo gaz tivesse algum; a sua tensão deveria decrescer mais rapidamente que a do ar, como tem lugar para o vapor da agua.

Ora nas maiores alturas da atmosphera, onde se tem subido, encontra-se acido carbonico nas mesmas proporções: logo este gaz não tem limite, e o mesmo acontece com o ar.

Se o ar não é limitado ao redor de cada globo, deve existir derramado em todo o espaço; devendo cada globo mergulhado neste fluido universal, condensar em volta de si uma porção d'elle, proporcional a sua massa.

Uma ultima consideração nos leva a admitir que o ar existe universalmente derramado em todo o espaço: é a constancia da composição do ar terrestre, apesar das causas que tendem a perturbar a proporção dos differentes gazes, que formam esta mistura. Assim os volcões, as acções chimicas naturais ou artificiaes, os phenomenos de respiração vegetal e animal, tendem a modificar continuamente esta composição, que todavia fica quasi inalteravel. Como explicar este facto? É preciso admitir que os animais desinvolvem precisamente uma quantidade de acido carbonico igual á que decompõem os vegetaes? Que as reacções chimicas que se produzem natural ou artificialmente, tendem a compensar-se mutuamente, e constantemente a restabelecer o equilibrio? Esta conclusão não é admissivel, se existe um outro meio de explicar o facto. Ora, a proposição de que o ar existe universalmente derramado no espaço, basta perfeitamente para a explicação da constancia na composição da atmosphera. Com effeito, concebe-se que esta composição possa ser momentaneamente perturbada, quer por desinvolvimentos de gazes volcanicos ou artificiaes, quer pela respiração animal ou vegetal; mas o equilibrio deve constantemente restabelecer-se pela troca continua d'ar entre o dos espaços celestes e o de cada globo, e do nosso em particular. A força centrífuga diminuindo a acção da gravidade no equador, a uma certa altura, a acção da gravidade sobre o ar deve ser destruida pela força centrífuga. Nesta altura o ar deve ser lançado no espaço, isto é adquirir o seu ultimo grão de rarefação, aquelle que tem nos espaços interplanetarios. Mas o ar das regiões boreaes, onde a gravidade não é equilibrada pela força centrífuga, deve-se precipitar para as regiões equatorias para ali encher o vacuo: então novas quantidades d'ar derramadas no espaço, são continuamente attraídas para os polos, para substituir aquellas que se precipitam para as regiões equatorias. Portanto opera-se uma mudança continua d'ar entre o que envolve cada globo celeste e o que existe derramado no espaço; o que explica o motivo porque a proporção da mistura dos gazes que formam a atmosphera terrestre, fica quasi invariavel.

Poder-se-ia objectar a esta proposição a universalidade do ar, que se fosse assim, os planetas deveriam experimentar retardação no seu movimento de revolução em volta do

sol. A esta objecção respondemos que resulta dos calculos de Newton a este respeito, que a 70 leguas de altura sómente acima da superficie da terra, o ar seria 73 milhões de milhões de vezes mais raro do que na superficie da terra; de maneira que 'neste meio, Jupiter perderia somente a millionesima parte do seu movimento' num milhão de annos.

Se as considerações que acabamos de desenvolver, são sufficientes, como accreditamos, para estabelecer a existencia de atmosphaera e mares na lua, resulta que a vida animal e vegetal, deve tambem existir na superficie do nosso satellite. Entretanto, como as condições d'atmosphera, temperatura, luz, gravidade, etc., differem consideravelmente das que tem logar sobre o nosso globo, nada com certeza se pode affirmar do gráo de desenvolvimento, que ahí tenha adquirido a vida vegetal e animal.

## APONTAMENTOS

Para a continuação da Bibliotheca Lusitana.

### II.

Antonio Soares Barbosa.

Continuado de pag. 262 do 5.º vol.

Quem tiver conhecimento do estado de confusão, em que, entre nós, se achavam os estudos philosophicos no primeiro quartel do seculo XVIII, da grande multidão de preceitos inúteis, que se ensinavam em nossas escolas, das futeis e impertinentes questionculas, que 'nellas se ventilavam' (que sómente serviam de alimentar entendimentos frivolos e temerarios), não pode deixar de maravilhar-se, ao ver o predominio do bom gosto, e de uma judiciosa critica em alguns escriptos publicados proximaemente a essa epocha, a despeito dos embarços, que deveria suscitar ao progresso de todo o genero de estudos tão ruim methodo de ensino.

Em verdade vemos (para falarmos de livro muito conhecido) no *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra* discutidas as mais famosas theorias, então seguidas nas mais famosas Academias da Europa, determinado o valor litterario das obras de maior nomeada, examinadas e avaliadas as fathas e imperfeições dos systemas sciêntificos, as bondades dos methodos de ensino, e milhares de outras questões difficeis, e tudo isto com tamanho tino, e profundidade de conhecimentos, que antes deve julgar-se aquelle escripto uma prova irrefragavel de aproveitamento na cultura de todas as boas artes

e sciencias, do que documento de nossa litteraria decadencia, que 'nelle se pretende demonstrar.

Assim como em meio de geral barbaridade tivemos litteratos, que escreveram com pureza, conservando sempre acceso o puro fogo vestal em honra da linguagem, da mesma sorte no meio de uma inteira desorganisação das letras e sciencias appareceram homens doutos, que, livrando-se cautelosamente da eiva perniciosa de seu tempo, fizeram sabir turbilhões de brilhantissima luz d'entre as mais caliginosas trevas.

Temos um prazer intimo, inefavel, quando se nos offerece occasião de tributar nossa homenagem de respeito e admiração a algum d'estes varões prestantes, fazendo seu nome, e suas obras conhecidas.

Se ao amor, que nos devóra, pelo esplendor de nossas letras, e decóro e renome de seus cultores, pudesse egualar nosso talento, que bem mesquinho o conhecemos, não jazeriam ainda sepultados em esquecimento inglorio tantos d'estes benemeritos, dignissimos de ser lembrados, e bem conhecidos.

Continuaremos, al-de-menos, a traçar imperfeitissimos esboços d'esses magestosos quadros; tempo virá, cremol-o com vivissima fé, que algum habil artista os acabe, e desempenhe cabalmente.

Irmão no sangue, na vastidão de conhecimentos, profissão, e dignidades, é justo, que, após a noticia, que 'neste jornal' publicámos, de Jeronymo Soares Barbosa, demos a de Antonio Soares Barbosa; e mais tarde, se a saude nos não faltar, falaremos de Nicolau Soares Barbosa — triumvirato venerando, tão prestadio e vantajoso á patria litteratura, como o foram outros Barbosas, cuja memoria ainda hoje nos é cara pelas obras inestimaveis, que nos deixaram, fructo de muitas vigílias.

Antonio Soares Barbosa nasceu em Ancião a 5 de maio de 1734. Foi educado no Seminario Episcopal de Coimbra, e 'nelle se ordenou de presbytero, e exerceu o cargo de mestre.

Em 16 de junho de 1761 fez a sua formatura em canones, e aos 20 de fevereiro de 1767 foi despachado professor de logica na Universidade de Coimbra; lente proprietario do primeiro anno philosophico<sup>1</sup> em 9 de outubro de 1772; egualado á cadeira de historia natural em 10 de julho de 1782; jubilado na dicta faculdade de philosophia em 23 de fevereiro de 1790; nomeado decano da mesma faculdade em 29 de março de 1791; socio

<sup>1</sup> Vol. V. Num. 22.

A logica, metaphysica, e ethica (philosophia racional e moral) eram, então, as materias do ensino d'este anno, como ainda hoje o são em algumas Universidades de Allemanha; mais tarde passou para o collegio das artes esta cadeira, onde se tem conservado até agora.

da academia real das sciencias de Lisboa em 1789 (?); deputado da directoria geral dos estudos na creação da mesma junta a 11 de dezembro de 1799.

Faleceu aos 3 de abril de 1801.

Escreveu;

1.º *Compendio da historia do antigo e novo testamento com as razões, com que se prova a verdade da nossa religião: traduzido da lingua franceza para instrução da mocidade portugueza, e dedicado ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> senhor D. Miguel da Annuniação, bispo de Coimbra, conde de Arganil etc., para uso da sua diocese, e seminario de J. M. J.* — Lisboa 1763 — 8.º

2.º *Discurso sobre o bom e verdadeiro gosto na philosophia, offerecido ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> sr. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, do conselho de S. M. e seu ministro, e secretario de Estado, etc, etc. por seu auctor, o padre Antonio Soares Barbosa, natural de Ancião no bispado de Coimbra.* — Lisboa 1766 — 4.º

Não será fóra de proposito indicar o conceito, que d'este opusculo fizeram os varões eruditos, que o censuraram.

O Dr. Fr. João Baptista de S. Caetano diz:

«O discurso, que o padre Antonio Soares Barbosa, formou, e quer fazer imprimir, sobre o bom gosto na philosophia, que elle com tanta honra sua, e proveito de seus discipulos ensina no bem regulado seminario, que fundou e tem estabelecido o ex.<sup>mo</sup> bispo conde, um dos mais sabios e exemplares prelados d'este reino, acredita o seu auctor, dá testemunho a favor da restauração das letras em Portugal, etc.»

É de muita auctoridade a censura do Dr. Fr. Manuel do Cenaculo, um dos grandes eruditos do seculo passado.

«O auctor d'este discurso viu com indifference e reflexão a indole da philosophia em todas as suas especies, e os diversos methodos, com que ella tem sido cultivada. Penetrou-se do abuso, com que muitos homens, ou por ignorancia, ou por obstinação, tentaram perpetuar um costume de saber sem fundo, sem gosto, e sem proveito, e injurioso á capacidade da alma racional, que é digna só das verdades, e da perfeição.»

«O exame scientifico, que o auctor mostra haver empregado para descobrir um modo depurado e preciso de philosophar, tambem o animou contra o seu systema implicado e moroso, por meio do qual têm querido outros buscar ou entreter-se no conhecimento das cousas, que é independente, e inimigo de accessorios prolixos e inuteis.»

«Neste escripto mostra-se o A. verdadeira-

mente amigo de seus compatriotas, sollicito pelo bem público, e capaz de pronunciar com decisão, pela experiencia, que adquiriu, e communicou á mocidade com tanta distincção em Coimbra, no seminario exemplar, e merecedor da mais nobre emulação, que, para utilidade e credito de sua diocese, erigiu seu ex.<sup>mo</sup> prelado.»

«Persuade este bom philosopho a necessidade, a importancia, e o methodo de ser a applicação philosophica bem regulada, bem seguida, e simples, util á religião, e ao mundo physico.»

«Offerece um estimulo, para que os professores das outras faculdades, ainda os de melhores estudos dissipem a impertinente diffusão, com que mais se confundem, do que são illustradas as doutrinas, etc.»

Adrien Balbi no seu *Essai Statistique sur le royaume de Portugal et Algarve* pag. XXXVIII diz que este discurso fóra o que grangeára a seu A. a honrosa distincção de ser chamado pelo Marquez de Pombal em 1772 para formar, com os doutores Vandelli e Dalabella, a primeira faculdade de philosophia, que os estatutos da Universidade acabavam de crear.

3.º *Tractado Elemental da philosophia moral por Antonio Soares Barbosa, lente jubilado, e decano da faculdade de philosophia na Universidade de Coimbra, e socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa.* Coimbra 1792 — 3 vol. 8.º

Este Tractado, producto dos estudos e meditações de muitos annos, que seu auctor empregou no ensino da philosophia racional e moral, é o modelo da mais profunda e circumstanciada analyse; é um preciosissimo monumento do merito litterario de seu auctor, e um brasão dos mais gloriosos para a faculdade philosophica da Universidade de Coimbra. É um livro, que todos os eruditos se devem presar de possuir, e lêr.

O sr. Dr. Vicente Ferrer, com aquelle fino discernimento, que ninguém lhe contesta, para conhecer o melhor, que se acha escripto sobre este assumpto, apanhou d'esta obra tudo quanto julgou de mais estremada valia para o seu *Curso de direito natural*. Este facto é poderoso abonador do merito da obra, de que tractamos.

4.º *Elevações a Deus sobre todos os mysterios da religião christã — Trad. de Guadagnini.* Coimbra 1798 — 8.º

5.º *Memoria sobre a causa da doença, chamada ferrugem, que vai grassando nos olivais de Portugal.* Por Antonio Soares Barbosa.

Foi impressa no tomo 3.º das memorias economicas para o adiantamento da agricultura, das artes, e da industria portugueza, publicadas pela academia real das sciencias de Lisboa.

6.º *Observações sobre um Hygrometro Vegetal.* Por Antonio Soares Barbosa.

<sup>1</sup> Esta obra foi autorisada pelo conselho superior de Instrução pública para uso das escolas públicas e particulares. — *Almanak de Instrução Pública* — pag. 207.

Foi impressa no tomo 1.º das memorias da academia real das sciencias de Lisboa.

É bem sabido, quantas difficuldades ha em chegar a adquirir conhecimentos profundos em materias, cujos principios elementares se não hajam aprendido em idade conveniente; venceu, porém, esta grande difficuldade Antonio Soares Barbosa pelos esforços da mais aturada applicação, chegando a adquirir os conhecimentos physicos, que formavam a base dos differentes cursos da faculdade de philosophia.

7.º *Educação, e instrução christã, em forma de catecismo, por outro nome catecismo de Napoles. Trad.* — 3 vol. (Inedito).

8.º *Catecismo sobre a igreja, traduzido, e accrescentado.* 8.º — (Inedito).

9.º *Catecismo sobre o sacrosanto sacrificio da Missa.* 8.º (Inedito).

10.º *Exposição do decreto do Concilio Tridentino sobre as indulgencias.* 8.º (Inedito).

11.º *Carta de um theologo sobre a distincção das duas religiões, natural, e revelada. Trad. do abbade Pelvert.* 8.º (Inedito).

12.º *Exame analytico da proposta de um paracho contra o parecer sobre os actos de fé, esperanza, e caridade.* 8.º (Inedito).

13.º *Deductão theologica da censura feita pela auctoridade episcopal de Coimbra as theses, que, para acto de conclusões magnas, offereceu D. José de Jesus Maria, collegial do collegio novo de Sancta Cruz de Coimbra em julho de 1796.* (Inedito).

As mencionadas theses, tendo passado pela censura academica, foram apresentadas ao ordinario, que as censurou com a prudencia e madureza propria do character do Ex.<sup>mo</sup> D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Suscitou-se porém duvidas sobre a execução da censura episcopal; foi encarregado Antonio Soares Barbosa de sustentar a exactidão das censuras, o que executou, desinvolvendo (segundo affirmam juizes competentes) os mais abalizados conhecimentos theologicos, e domonstrando com tanta evidencia como moderação e cordura a verdade das dictas censuras<sup>1</sup>.

Houvérámos de fazer um longo discurso, se por ventura aqui também menciona-se as relevantes qualidades moraes, que ornaram Antonio Soares Barbosa (que a virtude casa-se muito bem com a sciencia), e a respeitosa consideração, que por ellas obteve dos Ex.<sup>mos</sup> reitores da Universidade, e bispos de Coimbra, com os quaes sempre viveu em intima amizade; estas particularidades, aliás interessantes, omitimos nós por conta da brevidade, que 'nestes apontamentos assentámos guardar.

*Continúa.*

F. A. R. DE GUSMÃO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Noticia da vida e trabalhos scientificos do medico Bernardino Antonio Gomes.*

Poucas são hoje as nações que não possuam a biographia dos seus *homens uteis*, d'aquelles que nas sciencias ou na litteratura, nas artes ou na industria, prestaram importantes serviços, e honraram a sua patria. Portugal infelizmente pertence a essa minoria. As vidas dos portuguezes illustres somente são conhecidas por um pequeno numero de pessoas, que mais especialmente se dedicam a estudal-as. Nem admira que assim aconteça. O trabalho de que se ha mister para, 'neste ponto, chegar ao mais pequeno resultado é tão penoso, tão longo e quasi sempre tão enfadonho, que poucos ha que o tentem, e muito poucos que o levem ao cabo. A maior parte contentam-se com as noções superficiaes e muitas vezes pouco exactas, que depois d'uma curta indagação pôdem colher. Não descem a uma analyse profunda, como o demanda a materia, só porque é difficil reunir todas as condições intellectuaes que requer este serio e profundo exame, e não é menos difficil possuir a paciencia e constancia indispensaveis para desempenharem tão ardua tarefa.

Os inconvenientes d'este estado de cousas são bem obvios, tão obvios que até escusamos apresental-os. É innegavel que faria grande serviço, e se tornaria credor dos maiores elogios aquelle que tentasse encher esta lacuna com uma collecção de biographias exactas e completas. Confiamos em que este trabalho não tardará a ver a luz publica; a sua necessidade é tal que não pode deixar de resolver algum zeloso cultor das letras patrias a emprehendel-o.

Deixemos, porém, estas considerações que nos levariam muito longe; occupamo-nos d'uma obra duplicadamente interessante pelo seu auctor e pelo objecto sobre que versa.

Tributo filial pago a uma memoria cara e veneranda a *Noticia da vida e trabalhos scientificos do Dr. Gomes*, revela no seu auctor estimaveis qualidades litterarias que é pouco vulgar encontrar reunidas. As descobertas e novas applicações de que a sciencia é devedora ao Dr. Gomes, são apresentadas e discutidas com a bem conhecida proficiencia do auctor. O methodo e clareza com a memoria é escripta, junctamente com a fluencia e amenidade do estylo, tornam a sua leitura comprehensivel, e mesmo agradável ainda para os não versados no conhecimento das sciencias naturaes. O auctor mostra que aos seus estudos scientificos soube junctar os litterarios; sem deixar de ser escriptor profundo, conseguiu ser ao mesmo tempo escriptor elegante.

<sup>1</sup> Esta questão tomou grande vulto, e deu occasião a algumas ordens regias, que seria util publicar.



O objecto de que tinha a occupar-se era digno de prender-lhe a attenção. Se a vida do Dr. Gomes foi curta, não podia contudo ser mais bem empregada. É o caso de sem exaggeração dizer-se que a consumiu em proveito das sciencias, a que se dedicára. Como medico e como botanico o Dr. Gomes prestou relevantes serviços que jámais serão esquecidos: com a descoberta do cinchonino, um dos principios immediatos da quina, fez dar á sciencia um grande passo e concorreu poderosamente para que alguns annos depois se separasse o quinino; com as suas observações sobre varias plantas brasileiras, « não só fez conhecer 15 especies de plantas, algumas inteiramente novas, mas achou mesmo dois generos igualmente novos; » com o impulso que deu aos estudos vaccinicos ajudou muito a propagar a grande descoberta de Jenner; com os seus trabalhos, como medico das esquadras e dos hospitaes navaes conseguiu regularizar o serviço da policia sanitaria, salvar a vida a centenaes de enfermos, e « concorrer para que a bandeira portugueza continuasse segura a percorrer os mares onde sempre fôra temida de inimigos, e respeitada de todos. » Estes serviços e muitos outros que seria impossivel aqui enumerar, grangearam ao Dr. Gomes uma justa e merecida consideração dentro e fóra do seu paiz; elle teve « a satisfação de deixar 'neste mundo a lembrança de uma existencia util; » pôde transmittir a seus filhos a herança de um nome honrado e respeitado. 'Nisso foi que consistiu a sua principal recompensa; do mesmo modo que quasi todos os homens illustres, elle teve algumas vezes de soffrir injustiças; viu os seus serviços despresados por aquelles que mais valor lhes deviam dar, mas na opinião pública achou sempre plena e inteira justiça, e completo desagravo das parcialidades dos governantes.

O auctor da *Noticia* alcançou o fim a que aspirava; conseguiu fazer devidamente conhecer e apreciar um homem illustre pela sua sciencia, util pelos seus trabalhos. Pela nossa parte agradecemos ao nosso digno consocio o prazer que nos causou a leitura da sua memoria, e pedimos-lhe venia de havermos ousado fallar de assumptos a que somos tão completamente estranhos.

S. H.

## NOTICIARIO.

**A agricultura na China.** — A terra é cultivada na China com toda a perfeição, e na maior escala que é possível. A agricultura é honrada, o lavrador merece tanta consideração pública, como os litteratos e sabios; e to-

davia a produção do solo é insufficiente para alimentar a immensa população do celeste imperio. A pesca preenche a lacuna. Pôde calcular-se no decimo da população o numero dos pescadores. Não ha artificios de pescar, que não sejam conhecidos na China, desde o singelo processo á cana até ás immensas redes d'arrastar medindo muitas milhas, desde a pesca solitaria á borda de um rio até ás pescarias no mar por meio de milhares de barcos. De dia e de noite, durante horas e semanas inteiras, o pescador chum trabalhava com as redes, e apanha grande copia de peixe.

Por toda a parte o solo é cultivado com esmero. O mais pequeno canto de terra é habilmente aproveitado; nas montanhas mais ingremes são construidos terraplenos que produzem admiravelmente. Cossa alguma que possa servir para estrume é despresada. A limpeza das ruas nas cidades, é feita em grande escala, e mais com o fim de beneficiar os campos, do que em cumprimento dos preceitos da hygiene. O serviço da salubridade pública, que em geral é tão bem dirigido na Europa, é desconhecido na China, e nos grandes centros de população reinam frequentes vezes as febres e outras molestias d'infectão, devidas ás emanções fetidas dos depositos d'immundices, que os especuladores conservam para vender aos proprietarios ruaes.

Na colonia de Hong-Kong exige-se á terra toda a produção que ella pôde dar mais facilmente e em maior abundancia. A perfeita lavra do solo é reputada como um dever politico e social. Yung-Ching, um dos sabios mais venerados dos Chins, diz — « não deixeis um pé de terra sem cultura, um par de braços sem trabalho; » — e a quarta maxima do livro sagrado de Kang-Hi, que a religião manda ler no primeiro e decimo quinto dia lunar, na presença de todos os funcionarios do Estado, é assim redigida — « concedei á agricultura o primeiro logar, e á amoreira o primeiro posto, para que não falem nem alimentos nem vestidos. » — Shia-Nung, nome do mais antigo e mais respeitado imperador da China, significa — *divino lavrador*.

**Sociedade d'acclimação em França.** — Esta associação acaba de receber os seguintes animaes, que lhe envia da Asia M. Montigny.

Quatro magníficos elephantes, de 6 annos d'idade, 3 machos e uma fema — um enorme tapirete ou Afta do Brazil — um touro e uma bella vacca, da raça *geba* ou *corcovada* — uma especie de touro selvagem com immensos cornos e dotado d'extraordinaria força — quatro cabras brancas do Thibet, e um magnifico bode — dous enormes orangotangos — um soberbo cazoar negro, ou Ema da Asia,

do interior do Borneo, a qual tem debaixo do bico duas membranas vermelhas e azues de 1 pé de comprimento; tem a cabeça azul, e as pernas duas vezes mais grossas do que as do abestruz.

A mesma sociedade espera ainda alguns tigres reaes e uma especie de boi monstruoso, das florestas de Loos, animal, que parece inteiramente desconhecido, e que por sua grandeza se assemelha ao elephante.

Alem de tão valiosa remessa, recebeu tambem alguns productos do reino vegetal, muito curiosos e interessantes, taes como alguns tuberculos feculentos e glutinosos, completamente novos na Europa, e que são a providencia dos habitantes da Asia, e seguro recurso contra a fome; e em fim, certa quantidade de sementes de sorgo-saccarino, arroz de sequeiro, e ervilhas oleoginosas.

**Produção do algodão.**—De documentos authenticos, publicados em Inglaterra, resultam os seguintes factos sobre a produção do algodão, que por seu interesse e curiosidade merecem ser transcriptos neste jornal.

No principio d'este seculo, a importação de saccas d'algodão na Grã-Bretanha, era unicamente de 75.000 por anno, e hoje é de 2.100.000. O resto da Europa e os Estados-Unidos, que nessa epocha não possuíam manufactura alguma, empregam actualmente 1.900.000 saccas d'algodão mais que a somma ja citada, não fallando do consumo da Asia. D'estes 4 milhões de saccas d'algodão, os  $\frac{1}{2}$  são fornecidos pela America.

O valor da industria do algodão em todo o mundo é calculado em 120.000.000 libras *sterl.* A população da Grã-Bretanha emprega por anno, pouco mais ou menos, 20 francos por cabeça. A Inglaterra exporta para os Estados Unidos os seus productos manufacturados pelo preço de 3 fr. e 85 cent., annualmente, por cabeça; para as suas colonias da America do Norte, a razão de 7 fr. e 75 cent.; para a França o valor de 10 cent.; para as suas possessões da India, o de 80 cent.; para a Russia, o de 13 cent. somente. A Inglaterra, os Estados Unidos, e principalmente a França, manufacturam quasi todos os productos do algodão, necessarios à sua população, mas a Russia recebe esta manufactura d'outros paizes.

Avaliando a população do globo em 850 milhões d'habitantes, vê-se que o termo medio do consumo d'objectos d'algodão manufacturado para cada um d'elles, homem, mulher, ou criança, e apenas de 3 fr. e 50 cent.

**Aquarium do collegio de França.**—*Aparium*, nome auctorisado por elegante la-

tinidade, designa um reservatorio d'agua artificial, destinado para conservar vivos os animais ou vegetaes que habitam as aguas doces ou salgadas.

A redoma ou vaso de vidro, de fôrma quasi espherica, em que se conservam os peixes vermelhos é um verdadeiro *aquarium*; é o *aquarium* caseiro e domestico; o *aquarium* do amator, para não dizer do burguez. Imaginemos um vaso de vidro de maiores dimensões, e teremos um *aquarium* scientifico, proprio para os seres que vivem na agua doce ou na agua salgada, conforme a qualidade da agua que contem.

É um *aquarium* marino o reservatorio que actualmente se está a construir no collegio de França: a sua capacidade é calculada para conter um grande numero d'animaes das especies mais curiosas, e ainda imperfeitamente conhecidas, que habitam o mar.

Este reservatorio, de fôrma rectangular, é composto de quatro columnas de ferro fundido, e de quatro vidraças, mantidas por caixilhos de ferro. Uma pedra azul da Belgica fôrma o fundo da bacia. O reservatorio deve ser cheio de agua do mar, artificial, preparada por meio de convenientes porções de sal marino, sulfato de magnesia, chlorureto de magnesio e de potassio. A agua é renovada continuamente; uma pequena roda, que mergulha no liquido, e que é movida por uma manivella, serve para agitar a agua, de tempos a tempos, com o fim de a arejar, e produzir as pequenas vagas que parecem necessarias para a existencia dos seres marinhos.

Se o reservatorio fosse exclusivamente habitado por animais, a agua bem depressa se corrompia: reconheceu-se por tanto a necessidade d'introduzir no *aquarium* plantas em pleno estado de vegetação. Os peixes exhalam acido carbonico, necessario á vida das plantas, e estas desenvolvem oxigenio, indispensavel para a respiração dos peixes.

O fundo do *aquarium* será occupado por algas, varechs, ou sargaços do mar, e outras plantas marinas, vivendo sobre um leito de areia, de rochas, e de seixos. Sobre esta camada mineral lançam-se buzios, estrellas do mar, sibas, todas as variedades d'actinias, ou anemonas marinhas, sertularias, labros, pequenos pteropodes, que as baleias consomem por milhões, sem fallar de uma grande legião d'annelides, muito curiosas.

Em summa, o *aquarium* marino, estabelecido por M. Costa no collegio de França, conservará vivas grande numero d'especies zoologicas, que muito convem estudar, e servirão com vantagem para os ensaios de fecundação artificial.

A invenção dos *aquaria* marinos é de recente data. Foi no jardim botanico de Londres, que pela primeira vez foram estabelecidos.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## DECLARAÇÃO.

O *Instituto* não é jornal do conselho superior. Aceitando com rendido agradecimento as peças officiaes, que a secretaria do conselho se digna de lhe communicar, julga fazer serviço importante ao publico, dando conta do movimento da repartição litteraria. Fiquese assim entendendo.

O sr. A. F. de Castilho, honrando a redacção do jornal com um exemplar da introdução á nova edição do seu livro, rogou que d'ella se fizesse juizo sincero e franco. Assim o fez a redacção, por satisfazer o desejo do sr. Castilho. Se bem, ou mal, não somos nós competentes para o julgar. Respeitámos religiosamente os factos; escutamos a opinião dos povos; e procurámos saber quanto officialmente constava na repartição competente.

Não nos maravilha a polemica litteraria, que se pretende sustentar por occasião do artigo alludido. Admiramos cada vez mais a imaginação fecundissima do nosso poeta insigne; mas não vemos argumentos, nem factos reconhecidos e provados, que nos demoavam do juizo emitido. Respeitamos a opinião do auctor do livro louvamos o amor da paternidade com que encarece o seu methodo; mas elle sabe que para convencer não basta o bom desejo, nem mesmo a convicção propria. Quando os factos da brevidade e melhoramento no ensino nos mostrarem a verdade, seremos os primeiros em abaixar-lhe a cabeça. Por ora nas provincias não os vemos; e na capital somos apoiados pela Academia das sciencias, pelas auctoridades litterarias; e pelos professores. Não ignoramos as exigencias da instrucção primaria, confessamos a necessidade da reforma; mas não temos em conta de progresso toda a innovação; sabemos que o progresso tambem esta em retroceder na desordem; e julgamos cem vezes mais perigosa a mania das innovações, do que o fanatismo da immobildade. Se estamos em erro, não é a asserção gratuita do sr. Castilho, já gasta a força de repetida, que nos ha de enganar. Aguarde elle a sua sentença do supremo jury nacional, unico juiz competente. Poderia ter-se autorisado com votos muito respeitaveis, se houvera submettido o seu methodo ás exposições, e congressos, em que a

instrucção primaria tem encontrado no estrangeiro logar distincto. Talvez lhe fosse mais util esse modo de proceder, do que repetir por escripto o que sempre tem dicto, sem que acrescente uma idéa nova.

Deixe-nos o sr. Castilho ir mais de vagar em materia de instrucção e educação pública. O vapor não pode ser applicado a tudo; e talvez cheguemos mais depressa ao ponto que todos nos miramos.

*Os RR.*

## INSTITUTO DE COIMBRA.

O seguinte discurso foi recitado em sessão pública do Instituto, no dia 10 de maio de 1856; e ainda que algum tanto alterado na forma, o seu pensamento, argumentos, e deducção historica, conserva-se como alli foi recitado.

Não é mais do que uma rapida, e ligeira vista sobre a litteratura dos seculos que passaram; e nem mesmo as dimensões d'este periodico comportavam mais largo, e detido trabalho sobre similhante objecto.

Sirva elle ao menos de nucleo, ao qual possam mais habeis pennas, aggregar outras recordações, e soltar as duvidas á cerca do programma que n'elle se desinvolve, pois só para tal fim aqui vai ser estampado.

### DISCURSO

*Sobre o começo da litteratura entre nos e seu desinvolcimento.*

#### I.

Entre as questões litterarias que devem mais prender a nossa attenção pelo interesse que causa o seu conhecimento e desinvolução, mostrando-nos o progresso do estudo, e o aperfeiçoamento da sociedade civil, será, de certo, aquella que offerecer ao nosso juizo, e contemplação, qual tem sido, e é actualmente, o estado da litteratura entre nós desde os principios da monarchia. Qual era a linguagem dominante 'naquelles seculos? Que progressos fez, e por que phases tem passado a sua cultura? Marcha ainda avante, ou declina?

Todas estas perguntas, e outras mais que

por ventura se podem fazer, offerecem aos olhos da analyse um campo tão vasto, um tão dilatado horisonte, que mal pode o pensamento abrangel-o, e muito menos a vista estender-se em sua vasta circumferencia, sem que o observador, similhante ao viajante, perdido no meio dos areaes desertos, não sossobre, contemplando o espaço infinito que tem a atravessar, para chegar ao ponto em que deve concluir a sua jornada. Attraído por este pensamento, e desejando discutir em público este programma, entenderá o Instituto ser o objecto digno dos seus desvelos, e como tal o dera para discussão em uma das sessões do anno passado. Não teve successo algum este pensamento; e pondo de parte alguns socios que fallaram genericamente sobre elle, ninguém seguiu a sua discussão, e a causa ficando desamparada, teve o destino, que de ordinario acompanha as mais discretas intenções, e as mais acertadas lembranças que d'ordinario se mallogram, e não têm andamento.

Imitando, ou querendo imitar os Ximenes, y Masarins e Pitts, a maior parte dos nossos litteratos mettendo-se no vasto campo da politica, deixam o da litteratura; e esta, entregue aos seus proprios recursos, marcha vagarosa no seu caminho arido e difficil, em quanto aquelles ostentando sua louçania tractam somente de seus interesses individuaes. Cheio de indignação e zangá a vista de tantos desvãos, e no meio da corrupção da antiga Roma, exclamava o satirico Juvenal — Quem ha por ahí tão de ferro, e tão paciente, que possa conter-se, á vista de tantas torpezas e de tão grandes desastinos? — Deixemos pois o campo aberto á politica, para por elle correrem ás soltas os seus iniciados, e occupemos como sociedade litteraria, cuja boa fama desejamos, em objecto que tenha mais proxima relação com a ardua e difficil republica das letras.

Se o engrandecimento da litteratura nos mais cultos seculos da antiga Roma, marca a época do seu maior brillantismo, poder e gloria; na sua decadencia observamos o seu progressivo enfraquecimento, physico e intellectual, até vir desmoronar-se aquelle colosso nas mãos dos barbaros, não envergando já suas ruínas que mal se podem divisar com o arrebatado e rapido volver dos seculos. Persuadidos, como estamos, de que a prosperidade e grandeza das nações está na razão directa do seu desinvolvimento moral, e aperfeiçoamento intellectual, veremos e notaremos como entre nós começa a litteratura, como se vai desinvolvendo, como marcha, ou como descahe á proporção que o reino se dilata, que sua gloria se augmenta, ou fica escurecida com as phases e vicissitudes inseparaveis dos fastos das nações.

Athenas salvou-se do esquecimento, a que

o destino condemna as obras da humanidade, pelos monumentos que d'ella nos deixaram, Themistocles e Phocion, pelas armas; Platão e Aristoteles, pela litteratura; Eschines e Demosthenes, pela eloquencia; Thucidides, Herodoto, e o grande Plutarcho, pela historia e annaes; Homero, Pindaro e Anacreonte pelos seus cantos harmoniosos e cheios de docura.

A memoria gloriosa d'essa altiva e orgulhosa cidade, dominadora do mundo, ainda gira na pressurosa carreira dos seculos, porque a fizeram grande pelas armas os Fabios, Scipião, Pompeos, e Marios: pelas letras Tito Livio com sua historia, transmittindo-nos seus feitos gloriosos, que devem durar tanto, quanto durar o mundo: Cicero por sua eloquencia movendo o auditorio a favor ou contra um palido e enfiado reu, já quando declama contra um Verres, ou conjurado Catilina, já quando o sensibilisa a favor de um Quinto Ligario, ou de um M. Milão: Estacio, Virgilio, Horacio, Lucrecio, e o terno Ovidio, nas harmoniosas canções, e sonoras frautas, muito superiores ás trombetas gregas. Quem se recordaria hoje de taes imperios, e de tão grandes feitos, se as acções valorosas de seus heroes, não tivessem sido transmitidas á mais remota posteridade pelos seus discretos historiadores e facundissimos philosophos?

As antigas armadas gregas, e macedonias, não transpozeraam jámais as columnas d'Heracles, nem as mortíferas, e devastadoras aguias romanas poderam nunca passar os tropicos. Este facto immortal, por altos destinos da providencia, estava reservado aos portuguezes, que sulcando os mares em todas as direcções, abriram á Europa assombrada caminhos desconhecidos, trazendo-nos de tão remotos climas as ricas preciosidades, e os finissimos perfumes do Oriente. E quem nos transmittiria o deposito de tanta gloria, se não fosse a penna eloquente de nossos historiadores, e a lira harmoniosa de nossos poetas?

Grande intervalo de seculos tinha passado sem que aos systemas, já conhecidos, de Platão e Aristoteles, outros novamente inventados succedessem, e apenas os philosophos d'estas escholas lhes faziam commentarios, e analyses conforme seus conhecimentos. Porfirio, Jamblico, Plotino e outros, fundaram suas escholas sobre estes mesmos systemas, segundo suas theorias, com maior ou menor modificação, até á dominação dos godos. Para desgraça, e flagello da humanidade, desceu lá d'essas geladas e frias regiões hyperboreas um Alarico, um Genserico, um Attila, e um Totila, que correndo a redondeza da terra, a deixam em um lago de sangue, e seus monumentos são totalmente destruidos. As artes e as sciencias desaparecem, e as trevas da ignorancia condensam-se por toda ella. Se a consecutiva dominação dos arabes continúa a mesma barbaridade, e a mesma ignoran-

cia, ainda a elles somos devedores de grande serviço á litteratura. Averroes e Avicena, medicos arabes, salvam da devastação dos godos os preciosos escriptos dos gregos; e o primeiro d'estes juntando em Marrocos e suas vizinhanças grande cabedal de livros, salva-nos do anniquilamento em que estavam as preciosas decadas de Tito Livio, ainda ha poucos annos descobertas em Fez, e que hoje completam a sua historia: assim se salvassem tambem os fragmentos, que ainda faltam do eximio orador romano, que tractam da republica, cuja apreciação poderemos fazer, pelo que d'elles se encontra em Euzebio e Lactancio! Uma notavel circumstancia se dá em todos estes successos; porque ao mesmo passo que a invasão dos barbaros no seculo V, faz fugir do occidente da Europa as artes e as sciencias para o oriente; dez seculos depois, outra invasão de barbaros em Constantinopla, as faz voltar em sentido contrario, ao lugar d'onde primeiro tinham fugido, com a tomada da mesma cidade no seculo XV: e do mesmo modo que o califa Omar faz lançar o fogo á famosa bibliotheca d'Alexandria no seculo VII, privando o genero humano dos preciosos thesouros 'nella depositados; outro califa de Bagdad, Aaron Alraschid, faz copiar em Constantinopla os melhores livros e preciosos manuscritos da sua livraria. Gloria que com jactancia pôde arrogar-se, em desforra da estúpida perversidade do de Alexandria!

Mas se aos dominadores arabes ainda é devedora a litteratura de alguns serviços por elles prestados, a sua continuação, pouco a pouco a foi destruindo. O seculo XI nada offerece de notavel, e apenas percebemos um raio de luz, penetrando através das espessas trevas que cobriam toda a Europa. A instituição da cavallaria faz o nucleo d'onde começa a querer apparecer a civilisação. Os trovadores, exaltando as façanhas, e galantarias de seus heroes, seguem e acompanham este periodo de tempo até ao novo apparecimento das letras, época do seu renascimento, que começa a raiar no seculo XIV, e d'elle são inseparaveis. A Toscana é a primeira que nos dá a amostra. O Dante apparece: Petrarcha e Bocace seguem-se logo, e as bellas artes reaparecem com Cimabue e Giotto, tornando-se os mestres da escola florentina, em que se immortalisaram depois os pinceis de Miguel Angelo, Correggio, Guercini e outros. Mas qual era o estado litterario do nosso reino 'nesses trez seculos decorridos depois da gloriosa aclamação do I Affonso?

Corria já o meado do seculo onze, quando D. Fernando de Castella tomou Coimbra aos mouros. Esta cidade que, com algumas outras da Beira Alta e as terras d'além Douro, fazia parte da provincia de Galliza, foi logo governada por D. Sisnando, que, sendo fidalgo

castelhano, tomou o titulo de conde, e governou até sua morte, tendo depois por successor o conde D. Raymundo, casado com D. Urraca filha d'Affonso VI, e que conservou só por um anno o governo, o qual passou para o conde D. Henrique, casado com a outra filha do mesmo rei, por nome D. Thereza, de cujo commercio nasceu Affonso Henriques. Esta provincia fazendo parte da de Galliza, reconheceu durante a vida do sobredito conde, o dominio e senhorio dos reis de Castella<sup>1</sup>, até que D. Affonso Henriques se tornou d'ella independente pelo seu esforço, auxiliado com o do exercito, que então combatia os arabes. Os principios pois do reino de Portugal, datam d'esta época em diante. Procurar durante o periodo dos seus governadores o estado da litteratura e das artes na Lusitania coisa difficil será, por não termos memorias, nem documentos, que de tal objecto nos dêem noticias. As contendidas suscitadas entre os filhos de D. Fernando acerca da successão dos seus estados, junctas aos porfiados combates, que era forçoso sustentar com os mouros, senhores da maior parte do reino, obstaram a que se escrevessem memorias, ou se conservassem as que por ventura se escreveram 'neste intervallo; e reduzidos sómente a conjecturas, poderemos apenas ajuizar qual seria a linguagem vulgar 'naquella era. Se combinarmos os documentos do tempo d'este principe, e os do seculo seguinte, veremos facilmente, que a linguagem usada era o latim barbaro, misturado com palavras arabes, francezas e castelhanas, como se deprehende dos documentos que ainda se conservam em nossos archivos, e de que nos dá noticia etymologica com Ducange, o nosso incansavel, e douto auctor do Elucidario, Fr. Joaquim de Sancta Rosa de Viterbo. Não eram só os documentos de doações, compras, e testamentos; os mesmos foraes dados ás terras, e municipios; as mesmas lembranças e apontamentos particulares, acham-se todos escriptos na mesma barbara latinidade e linguagem rude d'aquelle tempo, até á aurora e começo da nossa lingua vulgar; o que me faz acreditar, que nem o latim, nem nenhuma das outras linguas, d'onde a portugueza hoje tira a sua etymologia, era então a dominante, mas o aggregado d'ellas formava a linguagem, e a locução d'aquelle tempo, adoptando-se, pouco a pouco perdendo o seu barbarismo, até chegar a formar a abundancia de phrases, a riqueza d'expressão, a elegancia do estylo, e a euphonia das palavras que encontramos nos nossos poetas e prosadores dos seculos mais cultos da nossa litteratura.

D'aqui podemos concluir que os primeiros trez seculos da monarchia foram absolutamente

<sup>1</sup> Veja-se a memoria sobre o mosteiro da Vacariça, nas Mem. da Academia Real das Sciencias de Lisboa. P. 1.<sup>a</sup>

nulos, em grammatica portugueza, e faltos inteiramente de toda a sua linguagem, sem podermos saber, nem sequer apreciar a sua locução em eras tão afastadas, porque só do século XV por diante se começam a notar os primeiros rudimentos da lingua *ainda rude, e indigesta*. Para com effeito apreciarmos o *estyl* e linguagem d'aquelle seculo bastará abrimos a chronica do *Condestabre* (D. Nuno Alvares Pereira) ha poucos annos impressa no Porto, que posto não traga a era, conhece-se contemporanea do mesmo condestavel e ser portanto dos fins do seculo XIV, ou principios do seguinte, por se referirem 'nella muito por miudo, as acções e vida politica d'este general, escripta toda em um *estyl* e locução tão barbara, que precisamos, como se leramos uma historia em lingua estranha, o auxilio do elucidario com muita frequencia. E quem será o seu auctor? Não o declara a mesma chronica; mas o tempo em que foi escripta, o *estyl* de que se serve, indica ser coeva do nosso chronista Fernão Lopes Castanheda, um dos mais antigos que temos, o primeiro que escreveu a do fundador da monarchia, que mais tarde aperfeçoou Duarte Galvão, também chronista mór do reino, segundo o sentir de João de Barros, e André de Resende, que, dizem, aperfeçoara a sua linguagem e dicção. Tão mal apurada ella se achava ainda 'naquelle seculo!

Atrazada se continua a notar a locução em todo o seculo XV, e sem embargo da lei que mandou exavar em vulgar todos os documentos que até'lli se escreviam em latim, o portuguez, como linguagem, só offerece uma sombra, do que havia de vir a ser no periodo mais culto da nossa litteratura, no seculo seguinte. Christovão Rodrigues Azinheiro, Gomes Eanes d'Azurara, Ruy de Pina, Damião de Goes, e outros deram com suas obras o primeiro signal, com que vieram depois a immortalisar-se as pennas dos Osorios, Sousas, Andrades, Bernardes e outros; e o seculo XVI, ao mesmo passo que offerece o brilhantismo da linguagem na eloquencia de seus historiadores, e na doce frauta de seus poetas, não offerece menos gloria no fulgor das armas, na civilização e costumes, e no engrandecimento da monarchia, que acompanhava sempre o progresso da litteratura.

O meado d'este mesmo seculo offerece pois aos olhos do philologo o esplendor da nossa gloria, e o brilhantismo da nossa litteratura. Com a mudança da Universidade para Coimbra, quiz D. João III assignalar o seu reinado mandando vir de fóra os professores mais distinctos, que figuravam nas Universidades da Europa. Com esta vinda as sciencias se elevaram, a lingua latina tornou-se vulgar, e chegou a tal ponto que ainda hoje admiramos a elegancia com que escreveu Jeronymo Osorio a vida d'elrei D. Manuel em latim, que faz inveja ao mais puro dos seculos d'Augusto;

assim como outros escriptores, que na mesma escreveram para serem conhecidos em paizes estranhos: a lingua hebraica, e a grega, foram tão conhecidas, e tão desveladamente estudadas que o proprio *Hypocrates* era lido nas aulas pelo original, e n'uma mesma linguagem explicados os aphorismos<sup>1</sup> pelo professor aos seus ouvintes. Tudo quanto havia de bom nos mais cultos estados da Europa, foi conhecido no reino, e o progresso dos estudos entre nós foi tal, que muito antes de ser 'naquelle conhecido o vasto imperio de Flora, e Pomona, por não ter apparecido ainda nas margens do Sena um Tournefort, nem nas do Mincio um Zinani, nem ter ainda também saído dos gelos da Escandinavia um Linneu para d'elle nos darem noticias, já pelas margens do Ganges passeava um Garcia da Horta, enviando-nos d'aquellas longinquas paragens exemplares das mais raras e desconhecidas plantas. A par dos Thucydides, e Livios, appareciam os Barros, Osorios, e Contos; e primeiro que o gram Tasso immortalisasse os seus Cruzados na tomada de Jerusalem; já nas margens do Tejo se ouviam os sons belicosos da *canoca tuba* de Camões, os conceitos e harmonias de Sá Miranda: e se os eccos das montanhas de Pausilipo repetiam as melodias da flauta de Sanazaro, também as margens do Liz, e do Mondego escutavam com attenção os sons queixosos e tristes, que 'nellas soltava Lobo em suas magoadas endexas.

Não só sabiamos os progressos, que as letras faziam nos paizes conhecidos, mas a todos sobrepunhamos. As chronicas portuguezas que começaram a ver a luz do dia, no seculo XVI e principios do seguinte, eram com avidez procuradas, e lidas nas côrtes da Europa. As viagens, e roteiros das navegações da India, eram traduzidas nas linguas estranhas, e publicadas 'nessas ficavam ao alcance de todos, para mais tarde, por ellas guiados, muitos aventureiros nos usurparem os direitos, que a prioridade dos descobrimentos nos dava sobre muitos reinos e diferentes paizes. Com vento galerno e brando suleavamos não só os mares desconhecidos, senão também os paraisos custosos das sciencias e das artes, que todos se nos tornaram facéis, vencidas as difficuldades.

Como inimigos da litteratura, e destruidores do bom gosto, tem hoje a moda, 'neste nosso seculo corrompido, taxado a congregação dos padres jesuitas, uma d'aquellas que grandemente concorreu para o augmento das artes, progresso da civilização, melhoramento da industria, e conhecimento das sciencias. Mais alto do que estão as vagas declamações de seus apostados inimigos, fallam as obras que

<sup>1</sup> Um distincto professor d'esta Universidade, o Dr. Antonio Honorato, que foi lente jubilado de Mathematica, e director do Observatorio astronomico, nos contou este facto, que por si só explica bem o estudo d'outro tempo<sup>1</sup>

d'elles temos, e hombram os factos que d'elles sabemos. A civilisação por meio das missões nas vastas regiões das duas Indias, o conhecimento especial dos diferentes idiomas dos gentios, a que estes regulares se dedicavam; o exemplo que lhes davam no seu porte, e compostura; a hombridade e lhança, com que se empregavam nos mais rudes trabalhos, e o penoso exercicio do ensino e catechese, conquistou á corôa portugueza mais estados, e attrahiu ao seu dominio mais gente, do que as armadas e feitos gloriosos que tanto distinguiram os Almeidas, Castros, Albuquerque e outros. As artes, as sciencias, e a litteratura, foram d'elles tão conhecidas que com afouteza poderemos affirmar que tudo quanto ha de bom no Parnaso, e quanto encerram os vastos dominios de Minerva, se encontra nos claustros d'estes regulares. Parece que as musas, e as sciencias se acolheram debaixo de seus umbraes, para d'alli soltarem seus vôos pelas vastas regiões do mundo.

Eu não quero julgal-os pelo lado da politica, nem aprecial-os pela maior ou menor preponderancia, que poderam adquirir no animo, e conselho dos reis. Todos desejam engolfar-se 'neste pégão, aonde os leva a natural ambição, e se elles como sociedade o conseguiram, nada mais fizeram 'naquelle tempo, que não fosse hoje seguido (como a experiencia nos mostra) pelas diversas sociedades modernas, que se têm formado nos diferentes estados do universo.

A julgal-os pelo lado litterario, por onde elles devem ser aqui apreciados, direi afoutamente, que 'nelles se encontra tudo quanto ha de bom e agradável, não só nas artes e nas sciencias didacticas, senão tambem na poesia, e nos diversos poemas sobre os variados objectos da natureza, cheios de interesse e elegancia, de tal modo que bem lhes poderemos applicar aquelle verso d'Horacio:

« Nil intentatum nostri liquere poetæ. »

Para se fazer a sua apologia, bastará ler a bulla da sua extincção, em que o pontifice guiado pelas idéas do seculo, depois de allegar com vasta erudição os seus serviços, os extingue por motivos politicos, deixando debalde a seus successores a gloria da sua reabilitação no presente seculo.

Não comportam as dimensões d'este discurso uma longa enumeração, ou mais largo catalogo dos escriptores d'esta sociedade, que escreveram em methodos didascalicos, ou cantaram em aprimorados versos latinos, e d'outras linguas, os diversos objectos da arte, e os variados phenomenos da natureza; todavia para não deixar sem prova esta asserção, lembrarei alguns, que muito honram o Parnaso. O jesuita *Signorelli* cantou os teares de seda, em versos tão lindos e agradaveis como são as mais finas cabaças da China, e os mais macios

setins de Macao. O jesuita *Baroti*, emulo e competidor de seu concidadão *Ariosto*, natural de Ferrara, muito amigo, e estimado de *Ganganeli* escreveu um poema que intitolou, — *a physica* — tão lindo e variado, como são as experiencias que nos revelam os phenomenos da natureza: o padre *Noceti* compoz outro sobre o *iris*, e outro sobre as *auroras boreaes*, tão vistosos e aprasiveis como são os heroes que elle cantou: o padre *Brumoi*, auctor da grande obra intitulada — o theatre dos gregos — compoz outro sobre o vidro, tão delicado e interessante como são os variados objectos, com que d'elle se adornam os mais sumptuosos e elegantes salões — não haverá enredo mais complicado talvez em incidentes, e accidentes, do que o's que 'nelle se contém. E um dos mais formosos do Parnaso latino, e d'elle nos diz um sabio contemporaneo, que se tivera paciencia para copiar um livro, não deixara de o verter em linguagem, o que pena foi não o fazer! Outro jesuita chamado *Lagomarsini*, cantou as fontes em versos latinos tão elegantes, puros, e limpidos, como são as cristallinas aguas de Castalia, ou *Blandusia* que tanto amava *Horacio*. D'elle, nos diz o insigne latinista *Facciolati*, que se a lingua de *Virgilio* se perdesa, só este era sufficiente a indemnizar-nos da falta do cantor de Mantua.

Modello de eloquencia na prosa, e de elegancia de elocução, difficilmente encontraremos quem alcance o nosso padre *Vieira*. Subtil no engenho, delectavel nas descripções, escrupuloso na propriedade dos termos, moderado, e talvez tímido no emprego do *neologismo*, é um dos mais abalisados, e puros classicos que podemos contar entre os que com elle hombrearam, sendo um d'aquelles de quem falla o douto bispo de Viseu, o sr. Lobo, e diz, na memoria que sobre elle escreveu, que se a lingua portugueza se perdesse por qualquer causa, 'nelle acháramos quanto era necessario para a renovar: e sobre a eloquencia do pulpito o abbafe *Raynal*, fallando, especificadamente sobre o sermão contra as armas de Hollanda, por elle pregado na cidade da Bahia, depois de analysar a sua eloquencia, o fino e desusado modo de argumentar, não pôde resistir ao desejo de dar d'elle uma amostra, traduzindo largas tiradas que offerece ao leitor na sua historia philosophica e politica das duas Indias. Elogio este, tanto mais insuspeito, quanto é feito por pessoa pouco afeiçoada áquella ordem.

Outros mais exemplos se podiam allegar dos chronistas, do mesmo seculo XVII, e do proprio historiador de S. Domingos, que deixo de nomear por serem todos bem conhecidos, resultando do que deixo dicto, que em todo este mesmo seculo, longe de vermos decadencia na litteratura, ao contrario a vemos florescente, cheia de viço e verdor.

Definhados com a guerra de Castella. pela

subida e elevação ao throno da serenissima casa de Bragança, e novamente envolvidos na guerra da successão de Hespanha contra Luiz XIV, tomando infelizmente 'nella parte como auxiliaadores dos alliados contra as peritensões do Duque d'Anjou, a nossa litteratura se resentiu de tão violento estado.

Todos conhecem o antagonismo que existe entre Marte, e Minerva; e a voz da guerra as sciencias e as musas fogem espavoridas ao estrondo das armas, e ao troar da artilharia: foi o que entre nós aconteceu; os estudos cessaram, a applicação ás sciencias esfriou; e a nova geração, que se seguiu depois da paz d'Utrecht, viu coroar seus esforços litterarios com a instituição da Academia Real de Historia nos tempos d'elrei D. João V, com os favores e auxilios, prestados por tão magnanimo monarcha. As memorias historicas, e os trabalhos litterarios de tão assignalados academicos são um monumento levantado á litteratura do seculo XVIII.

A geographia, a historia, a philosophia, e a critica marcham conjunctamente extremado o verdadeiro do falso, e immortalizando o nome dos seus associados aonde se encontram entre os da mais alta aristocracia os nomes mais baixos do povo, dignos por certo de grandes honras. Entre os Penalvas, Assecas, e outros, vemos os Barbosas, Ferreiras, e Sousas, dando conta em sessão pública de seus trabalhos litterarios, promovendo uns e outros o brilhantismo da Igreja, e a gloria do Estado; e a pesar de não ser o seu estilo tão elegante e fluente, como se nota no dos classicos do seculo XVI e XVII, acha-se comtudo 'naquellas memorias grande erudição, vastos conhecimentos de seus auctores, e uma critica muito apurada, e tudo nos faz crer, que nem a litteratura entre nós estava abandonada, nem os seus conhecimentos ainda tinham descaído, antes pelo contrario iam marchando na estrada do progresso intellectual durante o reinado do mesmo rei, como claramente se comprova pelos monumentos d'aquella epocha, escriptos em latim e portuguez, e que se encontram nas suas eruditas memorias.

A subsequente instituição da Arcadia, onde floresceram tantos genios inspirados por Apollo, fez attrahir áquelle recinto as musas, que andavam dispersas, para ornarem com as corôas de hera, a fronte viçosa dos Elpinos, Filintos, Melpomenes, e d'outros mais, que tão distinctos se fizeram 'naquella associação, onde vemos hombrear a par dos Nascimento (Francisco Manuel), Bocages, Ribeiro dos Sanctos, e outros, a excellente cantora, e eximia traductora paraphrastica do psalterio, a senhora Oeynhäusen, com o nome arcade de *Alcipe*.

Temos até'gora visto, que pondo á parte o estilo concituoso, a propriedade das palavras, a eloquencia da dicção e pureza da

linguagem, em nada mais somos vencidos pelos escriptores do seculo XVI, hoje conhecidos pelo nome de *quincentistas*: vejamos agora qual é o estado da nossa litteratura nos fins do passado, e no presente seculo.

*Continua.*

## CHIMICA.

### INTERESSANTES APPLICAÇÕES DO SILICATO DE POTASSA.

M. Kulmann, de Lille, apresentou, ha pouco, á academia das sciencias de Paris, um trabalho de grande alcance e importancia, em que mostra a possibilidade d'empregar o silicato de potassa na pintura *á tempera*, e na pintura *a oleo*.

Toda a industria franceza conhece M. Kulmann, que ha trinta annos trabalha com esmero por applicar os seus conhecimentos theoricos de chimica á elucidação dos mais importantes problemas industriais. Muitos ensaios e experiencias, pela primeira vez executadas pelo sabio chimico nos seus bellos estabelecimentos, estão hoje plenamente confirmadas pela practica em diversos paizes. Ha portanto as mais fundadas esperanças, que os novos trabalhos emprehendidos pelo auctor para reformar os processos de pintura empregada desde seculos, sejam coroados de felizes resultados.

Este novo meio, descoberto por M. Kulmann para fixar as côres, é a continuação d'estudos anteriores sobre as applicações industriaes dos silicatos solúveis. O mesmo composto chimico, isto é, o silicato de potassa, que o auctor já empregou com tão felizes resultados para augmentar o gráu de resistencia e duração dos materiaes de construção, pôde tambem applicar-se com vantagem nas operações da pintura. Antes de dar noticia d'estes novos ensaios, convém expôr a descoberta primordial, que foi origem de tão diversas applicações.

O silicato de potassa obtem-se, projectando a silica, pouco a pouco, sobre a potassa ou sobre o seu carbonato em fusão a uma elevada temperatura, até que mais se não combine. Pelo resfriamento da massa, forma-se um vidro, muito hygroscopico, e que pôde dissolver-se na agua, quando o fervermos durante muito tempo com ella, depois de o haver reduzido a pó muito tenue. A esta dissolução davam os antigos o nome de *licór de calhao*.

Ha annos, que foi recommendado o silicato de potassa, para tornar incombustiveis as madeiras e os tecidos; e até se fez applicação d'este meio na reconstrução do theatro de Munich, para prevenir incendios. Effectiva-



mente um inducto d'esta substancia, applicado como verniz, embaraça, ou pelo menos retarda a combustão dos corpos sobre que se applica; mas a difficuldade de o empregar, o custo de sua producção, e a rijeza que communica ás tellas, tem restringido muito o seu emprego.

Foi em 1841, que M. Kulmann descobriu, que o silicato de potassa possui a singular propriedade d'endurecer e tornar compactas as pedras calcarias mais porosas e mais friaveis, que s'impregnam do *licór de calhào*. Para communicar dureza ás estatuas de pedra, a objectos d'architectura, a muros calcareos, a inductos que ás vezes revestem estes muros, etc., e dar-lhes o grau de resistencia de marmore, basta cobri-los, por meio de um pincel, de uma dissolução de silicato de potassa. O effeito principia a apparecer quasi immediatamente. As superficies que receberam esta camada siliciosa, endurecem rapidamente, e a uma profundidade tanto maior, quanto maior fôr a quantidade de dissolução que a pedra porosa tiver absorvido.

Qual será a explicação chimica d'este phenomeno? É provavel, que 'nestas circumstancias se forme um composto duplo de silicato e carbonato de cal, possuindo uma rijeza consideravel e muito superior á do simples carbonato que constitue a pedra calcarea. A potassa, que resulta da decomposição do silicato, desaparece pouco a pouco, transudando através da pedra, e dissolvendo-se na humidade atmospherica, depois de ter absorvido o acido carbonico do ar.

A dissolução do silicato de potassa, tem a propriedade d'endurecer do mesmo modo o gesso ou o sulfato de cal; para communicar toda a rijeza do marmore a qualquer objecto da arte estatuaría, formado de gesso, basta cobri-lo, por meio de um pincel, com um inducto de *licór de calhào*.

O processo de M. Kulmann, para tornar mais duros e compactos os materiaes de construcção, já recebeu a sanction da experiencia. Na Inglaterra e Allemanha já s'emprega o *licór de calhào* para a conservação dos monumentos, das estatuas, das decorações architectonicas, e em geral de todos os materiaes de construcção. Em Paris já o processo foi adoptado para endurecer as estatuas de pedra, que adornam o novo Louvre.

Depois de tão importante e ingenhosa descoberta, M. Kulmann veio tambem no alcance da interessante applicação do *licór de calhào* á pintura. O auctor propõe o emprego d'este sal para fixar as cores na pintura sobre pedra, sobre vidro, sobre madeira, e até sobre o papel e tecidos.

Para dar um exemplo do modo d'applicação do silicato de potassa nas operações de pintura, vejamos como este sal pôde substituir com vantagens os processos tão difficéis

e consagrados pelo uso de tantos seculos da pintura mural.

Para obter uma pintura a fresco d'uma solidez a toda a prova, applicam-se as cores sobre a superficie mural, e rega-se depois a pintura com uma dissolução de silicato de potassa, projectando-a em chuva fina por meio de uma pequena bomba munida de um regador.

O silicato de potassa transforma a cal gorda sobre que foi applicada a pintura, em cal hydraulica artificial. O silicato calcareo, que se forma por esta reacção, combinando-se com o carbonato calcareo, produz o composto duplo de silicato e carbonato de cal, que tem a propriedade de se tornar duro rapidamente ao ar, de ser absolutamente impermeavel á agua, e de constituir uma camada transparente de duração indefinita, que garante a conservação das cores.

A applicação do silicato de potassa á pintura mural já não é actualmente uma simples possibilidade theorica. Interessantes trabalhos já têm sido executados por meio d'este processo no Museu de Berlin por M. Kaulbach, o pintor illustre, que tanta honra dá á Allemanha.

Para fazer uso do silicato de potassa na pintura do vidro, diluem-se em uma dissolução concentrada d'este sal cores mineraes, que não sejam atacadas pelos alkalis. Estas cores, applicadas com um pincel, e misturadas com o composto silicioso, endurecem promptamente, e tornam-se inteiramente inalteraveis á agua, conservando completa transparencia. Por este processo, pôde por consequencia obter-se a applicação de cores transparentes sobre o vidro, sobre as vidraças das egrejas, e até mesmo sobre a porcellana, sem haver necessidade de as vitrificar pela acção do fogo.

O mesmo sal pôde ser empregado com vantagem na pintura dos tecidos, substituindo a albumina, que, coagulada pelo calor, constitue o processo actualmente usado. Mistura-se a dissolução siliciosa com as tintas no momento de as applicar sobre os tecidos. Depois de alguns dias d'exposição ao ar, as tintas endurecem pela presença do silicato de potassa, e tornam-se tão permanentes como as que se applicam por meio da albumina coagulada. Os tecidos coloridos por este processo podem lavar-se e ensaboar-se, sem que as cores sofram a mais leve alteração. Ha so uma condição essencial, que se deve ter em vista, que é empregar tintas inalteraveis pelos alkalis.

M. Kulmann conseguiu por este processo applicar sobre toda a especie de tecidos, brancos ou já coloridos, as tintas — azul celeste, verde mar, minio ou zarcão, verde de zinco, sulfureto amarello de cadmio, etc. A cor negra obtem-se muito economicamente.

com o negro de fumo, e esta tinta, sendo constituída por carvão, isto é, por uma substância inalteravel por todos os agentes chimicos até hoje conhecidos, tem a vantagem de não ser atacada pelo chloro e pelos ácidos, circumstancia muito importante na tinturaria das chitas. É d'esperar, que os silicatos alkalinos possam também applicar-se utilmente na tinturaria dos tecidos d'algodão, lã, e seda.

O emprego do silicato de potassa na pintura, tanto a tempera como a oleo, e a possibilidade de substituir por este novo agente o oleo e a essencia de terebenthina, productos dispendiosos e d'incommoda manipulação, constitue um dos objectos mais importantes do trabalho apresentado por M. Kulmann á academia das sciencias.

Depois de diluir as tintas na agua, tritura-se com uma dissolução concentrada de silicato de potassa, e applicam-se com um pincel por camadas successivas. O sal, endurecendo pela exposição ao ar, substitue com vantagem o oleo, que geralmente s'emprega para diluir as tintas, e pintar tectos e paredes dos edificios.

Eis em resumo as interessantes descobertas de M. Kulmann sobre as applicações do silicato de potassa.

S. DE C.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 57.

### XXVII.

Desde 1835 que possuímos as *casas de asylo da infancia desvalida*. S. M. I. a senhora Duqueza de Bragança, coadjuvada por outras caritativas bemfeitoras, principalmente da primeira e mais antiga nobreza da capital, é o apoio, a esperanza, e a vida d'estes estabelecimentos.

A não ser a concessão, difficil e tardamente obtida, do uso d'algum pequeno edificio, o Estado nada tem feito por elles!

A difficuldade d'obter mestras, de as substituir, no impedimento das providas, e de novamente provêr as que morrem, ou abandonam, ou não servem, é immensa.

Cada nova nomeação importa uma sorte mui arriscada, um forçoso noviciado da mestra, isto é, um grande retrocesso no adiantamento dos alumnos, e na boa gerencia da casa.

É indispensavel, para que se consolide esta excellente fundação, que nos venham de França as irmãs de caridade, — mestras consumadas, e carinhosas mães dos meninos desvalidos.

*Rodas d'expostos, — collegios d'orphãos, —*

*asylos de mendicidade, — hospitaes de todo o genero, cadeias*<sup>1</sup>, tudo é servido por mercenários, a quem não dóe, em regra, o mal do estabelecimento, e o futuro dos infelizes, entregues temporariamente ao seu cuidado. Estão em quanto lhes faz conta, ou os não despedem.

Como em França e noutros paizes, podem em Portugal as servas dos pobres, com a sua perseverante e terna caridade de todos os instantes, por vocação e obrigação, sem intuito noutro ganho que não seja o do céu, servir-os, socorrê-los, cural-os, e regeneral-os.

Cada um d'estes estabelecimentos, como as junctas de caridade (*bureaux de bienfaisance*) de França, e as administrações dos hospícios, pôde contractar com as irmãs o serviço e a economia do estabelecimento, vindo a ser cada um d'elles uma pequena casa das mesmas, sob a inspecção e subordinação puramente temporal d'aquelles a quem por lei ou compromisso houver de pertencer; e prestando estes ás mesmas irmãs, ou mestras, ou enfermeiras, ou visitadoras dos pobres, e distribuidoras de soccorros, os meios materiaes de que precisam para viver.

Por não escrevermos por agora um estirado livro, remetteremos o leitor para o *Dictionnaire général d'administration*, publié sur la direction de Mr. A. Blanche, Paris 1846, verbis — Bureau de bienfaisance, — especialmente no n.º VI, a pag. 171; — Hospices, — e — Culte, n.º V — *congregations religieuses*, etc.

André, *Cours de la legislation civile-ecclésiastique*, Paris, 1848 — *congregation*.

E se as circumstancias o exigirem, noutra occasião analysaremos mais d'espaço, e com mais profundo conhecimento da materia, esta importante legislação franceza, que devera ser o modelo das providencias a tomar para a regeneração dos nossos estabelecimentos pios, com o auxilio e emprego das filhas de S. Vicente de Paulo.

A mesma Augusta Senhora Duqueza de Bragança, cujo adorado nome foi destinado pela providencia para representar em todas as bellas obras de caridade do seu tempo

<sup>1</sup> S. Vicente de Paulo occupou-se com singular affecto dos presos e forçados. Nas cartas de M.<sup>lle</sup> Desves (*La sœur de charité*) vê-se que as irmãs servem a prisão dos forçados (*bagne*) n'algumas partes. As mesmas, ou outras congregações hospitalares, encontram-se na casa de repressão de S. Lazaro, e suas admiraveis dependencias em Paris (M.<sup>lle</sup> Gouroud, *Utilité d'une voyage d'agrément à Paris*).

S. Ex.<sup>a</sup> o sr. Marquez de Sousa-Holstein, dignissimo filho do mais esclarecido pae, e da mais virtuosa mãe, e cujas singulares qualidades o têm feito tão respeitado como estimado por todos, na Universidade, que este anno o perde saudosa, teve a bondade de nos dizer que entrou, na Belgica, n'uma cadeia de mulheres, servida exclusivamente pelas irmãs da caridade. Se a cadeia pôde regenerar o homem, reformada ella devidamente, não o será senão pela mulher catholica. *Dama, ou irmã da caridade*.

'nestes reinos, consummará e consolidará as mesmas obras pela vinda das irmãs de França.

Por sua benéfica e poderosa influencia, que justamente pôde o que mui altas personagens haviam anteriormente tentado em vão; e em accôrdo com as duas associações, para asylo dos orphãos, que o cholera deixou abandonados, e a consoladora dos afflictos, obteve licença para a referida fundação; a qual, como é natural, e convém para que prospere, começará a passos medidos.

Deus a abençoe!

Em harmonia com estes piedosos esforços, outras respeitaveis corporações, segundo se tem publicado pela imprensa periodica, requereram e obtiveram licença regia para fazer entrar nos seus estabelecimentos as irmãs da caridade; taes foram a direcção do hospital de S. José em Lisboa, e a Ordem terceira do Porto.

Quaesquer que hajam sido as prevenções, suscitadas contra o ex-ministro das justicas, o sr. Ferrer, por effeito das medidas que propoz, ou fez decretar relativamente á instrucção e aos bens ecclesiasticos, e ás congregações do sexo feminino, temos por certo, e gloriamos-nos de o reconhecer, que será para S. Ex.<sup>a</sup> de não pequena honra o ter referendado os decretos da admissão das irmãs francezas.

Este passo será fundamental, se não nos cega o amor d'aquelle instituto, para a educação e morigeração das novas gerações do povo, unica esperanza solida do futuro, até mesmo considerado pelo lado politico. « *A primeira pedra do edificio da liberdade é a virtude:* » —(disse-o um malvado, mas disse a verdade, e contra si fallou, o celebre padre Sieyes) e o ensino e as inspirações da virtude são o principal objecto da acção incessante da irmã da caridade sobre o pobre povo, desde a casa de berço (a *crèche*, e a roda dos expostos) até á cabeceira do leito dos moribundos, nos hospitaes.

A mulher é sempre o coração da familia, e não poucas vezes a sua cabeça.

O mundo é culto ou barbaro, conforme o logar que a mulher occupa na sociedade. Digam-no o christianismo, e o mahometismo.

A primeira educação, a base do alicerce moral e social, é toda maternal. Regenerae a mulher, inspire-lhe a dignidade que é fructo da honra e da virtude, sanctificareis e regenerareis a familia, e por ella o Estado.

A irmã da caridade, no seu mester d'educadora, apenas se occupa do homem, (nem outra cousa era natural) ou no berço, ou na primeira infancia. A menina, e a adulta, são os principaes e mais constantes objectos da sua sollicitude, e das suas lições, nas escolas e casas de lavor, — nas associações de patrocínio das jovens operarias, — nos estabelecimentos de regeneração moral das que aspiram á emenda da vida, — nas prisões, etc.

Venham ellas pois; e, regenerando a mulher

portugueza, regenerem a familia, sanctifiquem o homem, e salvem a nação. Horrivel é o quadro dos crimes monstruosos, inauditos, bestiaes, que a imprensa periodica todos os dias registra. E porque não succederia assim? quem ha abi que instrua o povo?!... Os prelados nas suas visitas, nas suas practicas da cadeira da verdade?...

Os parochos, catequizando, sendo paes e mestres amorosos, principalmente dos pobres e dos meninos?...

Alguns auxiliares do clero secular, missionando, doutrinando, edificando pela pratica dos conselhos evangelicos?...

Não ousamos dar a resposta.

No provimento das escolas d'um e d'outro sexo, por via de mercenarios, todos sabem as enormes difficuldades que a auctoridade encontra. Os seus, aliás excellentes regulamentos, principalmente no que toca á doutrinação e moralisação, ficam em papel, até mesmo de baixo dos olhos dos que sabiamente os transcreveram d'outros paizes. Quando a impudencia toca os limites do mais desaforado escandalo, é força recorrer a processos que têm de longas, e hão-de ser julgados por homens, muitas vezes dominados pelos affectos.

Uma instituição, eminentemente sancta, que se preza de o ser, e sobre a qual o mundo culto e inculto emprega toda a attenção, sem que possa enxergar-lhe, nos arminhos da pureza, a mais leve mancha; — uma instituição, que emprega no ensino e na educação as lições da experiencia de todos os povos, aonde a exerce com admiração e applauso; — uma instituição, que se recruta em todas as classes, desde as familias dos principes até ás dos pobres operarios, e que se amestra no proprio centro de toda a civilisação; — offerece-vos, a vós, senhores, que tendes o mando e a superior inspecção das escolas, tudo o que haveis mister para bem fundamentares o edificio de toda a instrucção e educação do homem e da mulher — nos asylos da infancia; — e a ulterior da mesma mulher, desde os asylos até á idade adulta.

Grande é a acquisição! Não permita a providencia que fecheis os olhos e os ouvidos a voz de Deus, que vos clama hoje pelas necessidades do povo, e pelo arrastamento das circumstancias da epocha.

Para os varões, a França e outros paizes do occidente e do levante, mostram-vos os — *Irmãos das escolas christãs*.

Cremos que a sua hora não tardará também. Concorreremos igualmente pela fazer adiantar, quanto nos fôr possível, com o pobre feudo de nossos escriptos, mas 'noutra occasião.

Alguns jornaes mostram-se sentidos de que todo o favor pareça dirigir-se exclusivamente para as irmãs francezas, deixando no esquecimento as portuguezas, de Lisboa.

Queriam que antes se cuidasse de dar alento áquella pobre, obscura, e quasi extincta existência.

Seja assim, — mas por que meios?

Não ha outros, senão os que se empregam. Quando uma corporação definha, porque lhe falta a vida que so vem d'um centro, e os conselhos e as inspirações d'uma direcção, que o fundador estabeleceu como essencial, o meio de a regenerar consiste em ligar de novo os vínculos que se quebraram, em reformar, regressando ao ponto da partida.

As irmãs de Lisboa, bem como as servas de Maria, unir-se-hão (em Deus o esperamos) com as de Paris; e formando em Lisboa uma so familia, e um unico centro, subordinado á casa central de Paris, reviverão com gloria.

*A congregação das servas dos pobres, denominadas também irmãs ou filhas da caridade, segundo as regras e direcções dadas por S. VICENTE DE PAULO a 'palavras da Prov. de 14 d'abril de 1819 esta autorisada entre nos, sem condições algumas restrictivas, pela indicada provisão; e pode — sem embargo das leis da amortisação... adquirir por compras, doações, ou legados, e possuir, para seu patrimonio, bens que possam produzir um rendimento annual até ao valor de oito contos de réis.*

Por consequencia os estabelecimentos pios, que não estão debaixo da direcção e inspecção immediata do governo, — que não são estabelecimentos de beneficencia legal ou official, não precisam de recorrer ao mesmo governo para autorisar o que está autorisado; além de que a lei politica não veda a associação religiosa, antes implicitamente a garante, e o Codigo penal, art. 282, resalva toda a necessidade de licença e autorisação, uma vez que não se exceda o numero ali fixado, e que a associação se queira limitar a uma existência puramente particular.

Mas, em quanto ás irmãs da caridade, não é mister recorrer a estas faculdades geraes. A congregação, como tal, constituindo uma pessoa juridica, para todos os effeitos publicos, está reconhecida pelo Soberano, e admittida desde 1819.

*Continúa*

A. FORJAZ.

## NOTICIARIO.

### Descuberta de um novo planeta. —

M. Hermann Goldschmidt descobriu em Paris, as 11 horas da noite de 27 de maio ultimo, um novo planeta. E o 44 dos pequenos planetas ate hoje conhecidos (asteroides), que circulam entre Marte e Jupiter; e tem o brilho d'uma estrella da 10.<sup>a</sup> a 11.<sup>a</sup> grandeza.

O planeta precedente já foi também descoberto em 1837 por M. Pogson, em Oxford, em 15 de abril, e recebeu o nome de *Ariadne*.

### Molestia das vinhas em Portugal. —

Extraímos de um jornal francez a seguinte noticia, que dá uma idéa da devastação que o terrível flagello tem produzido na ilha da Madeira e nas vinhas do Douro.

O numero de pipas de vinho, colhidas na ilha da Madeira, que de 1847 a 1850, era de 16:915, desceu successivamente, em 1851 a 11:965; em 1852, a 1:871; em 1853, a 754; em 1854, a 187; em 1855, a 29; isto é, em dois annos, a producção vinicola tornou-se quasi completamente nulla!

A colheita annual das vinhas do Douro, de 1846 a 1852, era 21:553 pipas; em 1853 desceu a 74:788; em 1854, a 47:248; em 1855, a 24:774; em 1856, a 4:001!..

**Origem da palavra zero.** — M. Terquem reputa plausível a seguinte conjectura sobre a origem da palavra zero.

Em arabe, diz o erudito auctor, zero tem o nome de *tsefer*, que significa *vazio*, e applica-se principalmente aos moveis, *armario vasio*, *commoda vasia*, etc. Na Europa temos: *zifera*, *cifera*, em italiano; *tsiferu*, em allemão; *chiffre*, em francez. Na Inglaterra conservou-se a palavra *cypher*, para designar particularmente zero. Os arabes figuram o zero por um pequeno circulo, ou por um ponto. Os europeus somente se servem do pequeno circulo. No tempo da introdução dos numeros arabes, dizia-se muito provavelmente — *sefer*, o; e pronunciando o pequeno circulo como a vogal o, diz-se *sefero*, e por contracção zero. Temos muitos exemplos de contracções ainda mais forçadas, taes como: *onze* em vez de *undecim*, quinze em vez de *quindecim*, etc.

**Consumo do tabaco.** — De 1830 a 1854, augmentou em grande escala o consumo do tabaco, e esta progressão continúa. Paris, e a cidade que mais se avanta neste consumo.

Em 1839, o producto da venda d'este genero era de 9.647:783 fr., e em 1854 subiu a 17.765:023 fr. De 1839 a 1854, a quantidade de tabaco de fumo ordinario, consumido pelos parisienses, augmentou o duplo, e a dos charutos quintuplicou; em compensação, o consumo do rapé, no mesmo periodo, diminuiu sensivelmente.

Repartindo a quantidade de tabaco por todos os individuos, em numero de 420:000, que em Paris constituem a população provavel dos fumantes, isto é, todas as pessoas do sexo masculino, maiores de 15 annos, incluindo a guarnição, resulta que em 1854, cada habitante fumou, termo medio, 1,973 kilogrammas de tabaco, e 143 charutos.

Sommando a massa total de tabaco de fumo de todas as qualidades, e calculando que 250 charutos pesam 1 kilogramma, vê-se que cada pessoa consome annualmente, pouco mais ou menos, 2 kilogrammas e 0.749.

Na Inglaterra, o consumo é de 16 onças por cabeça.

**População dos Estados-Unidos.**— Em 1855, a população dos Estados-Unidos da America, era de 27.130.727 individuos. Em 1850, era apenas de 23.423.714. O augmento foi portanto em cinco annos de 16 por 100.

A fortuna pública d'este paiz foi avaliada em 1855, em 8.629.893.172 *dollars*.

De 1843 a 1855, emigraram de differentes paizes para os Estados-Unidos 3.400.000 pessoas.

**Bibliothecas nos Estados-Unidos.**— Os Estados-Unidos da America possuem 15.613 bibliothecas, contendo 4.630.411 volumes. D'estas bibliothecas, são publicas 1.217, contendo 1.446.015 volumes: 12.067 pertencem ás escolas, e contém 1.647.404 volumes: 1:988, com 542.321 volumes pertencem ás escolas do domingo: 213, com 942.321 volumes, pertencem a collegios: 130, com 58.350 volumes, pertencem ás egrejas.

**Consumo do chá nos Estados-Unidos.**— Consomem-se hoje nos Estados-Unidos 35.200.000 libras de chá. Sendo a população do paiz de 27 milhões d'habitantes, o consumo de chá será, pouco mais ou menos, de 1 libra e  $\frac{1}{2}$  por individuo. Na Inglaterra e Hollanda é muito maior o consumo. Todo o chá gasto na America é necessariamente extrahido da China; ora avaliando cada libra em 800 réis, vê-se que o commercio americano dá sómente por este producto uma somma de 70 milhões de cruzados aos mercados de Hong-Kong, Cantão, e Chang-Hai.

**Marinha mercante ingleza.**— A marinha mercante da Grã-Bretanha e de suas colonias, contava em 1854, não incluindo a India, 36.348 navios, representando 5.113.846 toneladas, e sendo tripulados por 269.093 marinheiros.

Avaliando cada tonelada em 12 libras *sterl.*, o valor total da marinha mercante ingleza representa um capital de 60.000.000 de libras *sterl.*; este valor é porem muito maior, attendendo ao grande numero de vapores de primeira classe.

Em 1842, a marinha mercante de Inglaterra e de suas colonias, constava apenas de 30.815 navios, de 3.619.650 toneladas, e empregando 214.609 marinheiros. Em 12 annos, augmentou por tanto 1  $\frac{1}{2}$  milhão de toneladas, e empregou mais 50.000 homens.

A Grã-Bretanha possui um terço de toneladas em comparação com todos os outros paizes do mundo, e conta na sua marinha mercante os maiores navios conhecidos.

### Produção mineral da Inglaterra. —

De quadros estatísticos, publicados annualmente na Inglaterra sobre os seus productos mineraes, se deduz, que esta industria tem consideravelmente augmentado nos ultimos annos.

Em 1838, a produção da hulha era de 25.000.000 toneladas, e em 1855, foi de 64.453.070. Em 1838, as minas de cobre deram 13.000, e em 1855, 21.428  $\frac{1}{2}$  toneladas.

Em 1838, o chumbo extraído foi 46.000, e em 1855, 73.091. O estanho produziu, no primeiro periodo, 5.500, e no segundo, 6.000. Em 1838, obtiveram-se 10.000 libras em peso de prata, e em 1855, 46.825 libras.

O numero d'operarios empregados nas minas da Grã-Bretanha, é 303.954, sendo 208.520 homens e 3.816 mulheres, maiores de 20 annos, e 91.641 individuos d'ambos os sexos, menores de 20 annos.

Exploram-se actualmente 172 minas de cobre, 330 minas de chumbo, 156 minas d'estanho, e 2.613 minas de carvão de pedra. Estas ultimas occupam uma superficie de 12.000 milhas quadradas.

São curiosos os seguintes calculos sobre o consumo dos dous agentes mais preciosos da industria moderna, o ferro e carvão de pedra. Em 1827, o consumo da hulha foi 22.700.000 toneladas; em 1856, quasi que triplicou. Em 1796, o consumo do ferro foi 125.000 toneladas; em 1806, 250.000; em 1820, 400.000; em 1827, 700.000. Por consequencia, no periodo de 31 annos, o augmento foi 540 por cento. De 1827 até o fim de 1855, o augmento foi 460 por cento.

Estes calculos merecem toda a confiança, porque são colligidos e publicados por M. Hunt, professor no museu de geologia practica.

### Construções navaes na Inglaterra. —

Segundo documentos officiaes, construíram-se e registaram-se na Grã-Bretanha, em 1855, 318 navios de vela, feitos de madeira, representando a carga de 211.883 toneladas, e 47 navios da mesma classe, de ferro, de 30.299 toneladas; navios movidos a vapor, construídos de madeira, 38, com 3.107 toneladas, e 195 de ferro, com 77.911 toneladas; por tanto, um total de 1.098 navios, e 323.200 toneladas, e um augmento sobre o anno precedente, de 295 navios e 126.158 toneladas.

O numero de navios construídos nas colonias, e registados nos portos da Inglaterra, foi de 34, representando 21.177 toneladas, provenientes todos das colonias da America do norte. Os navios construídos em paizes estrangeiros, e registados nos portos inglezes, foram 91, de 39.437 toneladas.

No mesmo anno de 1855, naufragaram 600 navios inglezes.

### Ultima vontade d'um astronomo. —

O astronomo, M. Bolyai, morto a 20 de de-

zembro ultimo em Vasyhely, determinou no testamento, que sobre o seu tumulo não se plantasse senão uma macieira, porque, dizia elle, foi uma maçã que inspirou a Newton as mais importantes descobertas.

**Excentricidade d'um medico americano.** — O doutor Warren, o Nestor da chirurgia americana, morto em Boston, d'avanzada idade, fez as seguintes disposições no testamento.

Vinte e quatro horas depois da sua morte, devia fazer-se-lhe nas veias uma injeção d'acido arsenioso, e, passadas outras vinte e quatro horas, celebrar-se-iam as ceremonias fúnebres, prescriptas pela igreja. Feito isto, proceder-se-ia á autopsia do cadaver, com todo o cuidado, examinando especialmente certas particularidades, que elle suppunha, deviam existir na sua organização. Finalmente, depois de submittidos os seus ossos á maceração, deviam preparar-se convenientemente para formar um esqueleto articulado, para ser conservado no museu do collegio de Boston.

**A electricidade na chirurgia.** — O emprego da corrente electrica como meio chirurgico de cauterisação e actualmente objecto de serios estudos.

Já se apontam factos, para mostrar que um fio de platina aquecido pela pilha, pode servir para praticar amputações. Este processo já foi ensaiado na Alemanha e França, com feliz resultado, não só em animaes, mas tambem no homem.

Em um quarto d'hora pôde amputar-se o braço ou antebraço, executando-se a operação facilmente por meio de um fio de platina aquecido por uma pilha de Bunsen. O processo serve só para cortar os tecidos molles; a parte ossea é cortada pela serra. A superficie traumática fica secca, e apparece apenas levemente enrubescida.

**Curiosa acção da ourina sobre o ferro.** — M. Porsoz chamou a attenção sobre o seguinte facto importante: o ferro engatado na pedra, pelo contacto da ourina, augmenta consideravelmente de volume e chega a despedaçar a pedra. O auctor aponta factos, de desabamento d'edifícios, promovido por infiltrações d'ourina; as pedras do pedestal quebraram pela dilatação do ferro.

**Emprego das urtigas.** — A sociedade imperial economica de Bohemia, verificou alguns ensaios de fios fabricados com urtigas, fios que podem substituir o canhamo sem inconveniente.

A preparação das urtigas e similhante á do canhamo, e o fio que se extrae, e d'uma finura e força extraordinarias. A historia conta, que Nestor, no anno de 904, já tinha fallado

de velas de panno d'urtiga, e os viajantes referem, que no Japão se fabricam com esta planta cordas de grande duração. Ha muito tempo, que na Italia se fia a urtiga, e que s'emprega na fabricação do papel.

**Caridade dos cavallos.** — M. de Bousanelle, capitão de cavallaria, conta o seguinte facto nas suas *Observações militares*.

Em 1757, no regimento de Beauvilliers, de que o auctor fazia parte, um cavallo, já muito velho, mas muito fogoso, com os dentes já tão gastos, que não podia mastigar o feno, nem triturar a ração, foi nutrido durante dois mezes, e por mais tempo ainda o seria, se fosse conservado, por dous cavallos que comiam junto a elle. Estes dous nobres animaes tiravam da manjadoura o feno, que mastigavam e lançavam deante de seu velho companheiro; o mesmo faziam á ração, triturando-a completamente. O testemunho de toda a companhia, officiaes e soldados, confirmam o facto.

**A cholera na India.** — Um jornal de Ceylão publica, sobre as causas conjecturaes da cholera na India, a seguinte noticia, que julgamos curioso reproduzir, apezar do horror que inspira.

«Já fallámos dos estragos causados pela cholera na India, durante o primeiro periodo d'este anno. As ultimas noticias annunciam egualmente, que este flagello destruidor tambem tem devastado as bellas colonias de Bourbon e Mauricio. Estas ilhas são amplamente providas de porcos de *Patna*, provincia do Indostão, que egualmente tem sido assolada pela cholera. Tanto 'naquellas colonias, como em Calcuttá, são lançados ao Ganges os cadaveres dos habitantes indigenas, em vez de os enterrar.

Quem passear, ao amanhecer em Calcuttá, para a borda do rio, ou para junto dos canaes, que cercam a cidade por trez lados, observa o terrivel e horroroso espectaculo dos porcos a comer os cadaveres dos indigenas, que foram lançados á agua durante a noite. Mas isto não é nada ainda, em comparação de *Patna*. Vêm-se milhares de cadaveres ás bordas dos rios, e os porcos engordando com carne humana. São estes animaes, que servem, depois de gordos, para fazer presuntos, toucinho, e carne salgada de fresco, o que s'exporta para Calcuttá. O grande mercado d'este porco pestifero e Mauricio e Bourbon, vendendo-o aos habitantes como um producto da Europa. Alem d'isto, como estes porcos se vendem em Calcuttá, a 3 ou 4 *shellings* por cabeça, os navios de classe inferior surtem se d'elles, e assim é introduzida na Europa e America, carne de porco nutrido com carne humana!»

O auctor do artigo conclue, que é provavelmente tão hediondo alimento a causa da de-emulação da cholera morbus

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## APONTAMENTOS

Para a continuação da Bibliotheca Lusitana.

Continuado de pag. 70.

III.

*Felix Avellar Brotero.*

A faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra conta apenas oitenta e cinco annos de existencia, e, todavia, pode com justiça gloriar-se de que nenhuma sociedade litteraria produziu em tão limitado espaço tantos e tão distinctos professores, e assignalados discipulos.

É, na verdade, muito para louvar e admirar o extremado fervor, com que se cultivaram os differentes ramos da philosophia, logo que, depois da reforma de 1772, entre nós a fundaram os doutores Domingos Vandelli, e João Antonio Dalla Bella.

Nasceu immediatamente uma nobre emulação entre mestres e discipulos, e o progresso rapido na sciencia foi a feliz resulta de tão louvavel desvello.

O governo, com quanto absoluto, honrava os que mais se distinguiam, e até lhes concedia avultados subsidios para viajarem pelas mais florescentes nações da Europa.

A faculdade de philosophia viu-se nobremente representada no mundo litterario; um commercio intimo e animado se estabeleceu entre ella e as mais respeitadas academias, e o nome portuguez, que tamanha gloria havia adquirido por suas arriscadissimas emprezas maritimas, e profundos conhecimentos scientificos, e geographicos (em tempo que toda a Europa, á excepção da Italia, jazia nas trevas da ignorancia), appareceu, de novo, radioso, ennobrecido, e respeitado após muitos seculos de esquecimento inglorio.

Nem o amor da patria nos deslumbra, quando assim falamos da Faculdade de Philosophia.

Leiam-se as Transacções Philosophicas, as actas da Sociedade Linneana, os Annaes do Museu da Historia Natural, o novo Boletim da Sociedade Philomatica, e outros muitos jornaes scientificos, e 'nelles se achará um grande numero de memorias de nossos philosophos.

É este o mais authentico testemunho de seu relevante merecimento.

Não mencionamos as memorias que por ahí correm nas collecções de nossa academia, no Jornal de Coimbra, Investigador; etc.; raras pessoas as leem, desmerecem por portuguezas, que é nossa desgraçada sina ignorar, e menosprezar, não poucas vezes, o que entre nós se escreve, emquanto que do estrangeiro, mormente do francez, lemos tudo, e muito que, por ventura, poderiamos deixar de ler sem perda, ou antes com proveito.

Ninguem, cremos nós, ousara contestar a profundidade dos conhecimentos philosophicos do Dr. José Bonifacio de Andrade; seus escriptos os abonam.

O Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo foi tambem um sabio, de que muito deve honrar-se a Universidade.

Além das muitas e curiosas memorias economicas, que publicou, pelo seu invento (entre outros) de um novo modo de applicar ao movimento das machinas a força do vapor, grangeou para o seu nome um logar distincto na historia dos progressos do espirito humano.

A memoria sobre este invento foi lida na sessão publica da academia real das sciencias de Lisboa, de 18 de janeiro de 1805.

No ultimo paragrapho queixa-se o Dr. Constantino de que a gloria do seu invento lhe fosse roubada por Mr. Verzy, que, arrogando-se a descoberta, e propondo-a ao ministro d'Estado do interior na França, recebeu os fundos necessarios para fazer as experiencias em grande.

A estes roubos estamos nós, os portuguezes, já de ha muito acostumados.

O invento do nosso celebre mathematico, o Dr. Pedro Nunes,—de uma elegantissima divisão, ou gradação do astrolabio, por meio da qual se podem avaliar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem marcados mais que os graus,—correu seculos sob o seu nome; mas a final os francezes lembraram-se de o adjudicar a Pedro Vernier!!

Até foi necessario, que viesse o seculo XIX, para a prioridade de nossas descobertas maritimas ser posta em dúbida!

O elogio do Dr. Constantino, e o conceito, que deve fazer-se, de seu invento, pode ler-se na *Historia resumida da invenção e melhora-mento das machinas de vapor*—Cap. 3.º §§.

4.º 5.º — pelo sr. Visconde de Villarinho de S. Romão.

O Dr. João Antonio Monteiro foi um sabio, que tambem muito honrou a patria pela vastidão de seus conhecimentos philosophicos, mormente no ramo mineralogico.

Temos diante dos olhos a exposição, que ao celeberrimo Haüy e Binet incumbiu fazer a Sociedade Philomatica Parisiense, da sua *memoria sobre a determinação directa de uma nova variedade da forma crystallina do carbonato de cal, e sobre as notaveis propriedades, que elle manifesta*, lida na sessão de 21 de julho de 1813.

Não podemos resistir ao desejo de para aqui trasladar os ultimos periodos d'esta exposição tão lisonjeira para o nosso compatriota.

« O sr. Monteiro era ja muito vantajosamente conhecido por outras memorias sobre diversos assumptos de Mineralogia, que tem pontos communs com a Crystallographia. Mas esta, que acabamos de expôr, dara a ultima prova do grau eminente, em que este sabio possui a arte de manejar a theoria relativa a este objecto, e conhece os principios, que lhe servem de base <sup>1</sup>. »

Merece tambem menção especialissima o Dr. Thomé Rodrigues Sobral. O fogo, que os francezes lhe lançaram á casa (por conta da vingança dos males, que lhes causára com o fabrico da polvora, etc.) consumiu seus preciosos manuscritos, e entre elles um *compendio de Chimica*. Da perda d'este ultimo, mais que dos outros, se magoava; porque era fructo de lucubrações de muitos annos <sup>2</sup>.

Foi varão incansavel no estudo da Chimica, com rasão denominado o *Chaptal Portuguez* <sup>3</sup>; criou, e organisou o Laboratorio da Universidade, estabelecimento grandioso, e publicou muitas memorias interessantes.

O Dr. Manuel Jose Barjona, natural de Coimbra, merece, igualmente, honrosa commemoração.

Sustentou em suas theses a composição da agua muito antes que o celebre e infeliz Lavoisier a demonstrasse pela analyse (pelas diligencias de Monge em Paris, e do nosso Doutor Sobral em Coimbra, se demonstrou depois pela synthese <sup>4</sup>). Foi auctor do compendio de *Metallurgia* (*Metallurgiae Elementa*), que compoz por ordem da sua faculdade; e publicou tambem *Tabulas Mineralogicas*, que muitos annos serviram de compendio.

E lastima, que a morte nos roubasse este

<sup>1</sup> *Novo Bulletin das sciencias pela Sociedade Philomatica* Num. 73 — outubro de 1813.

<sup>2</sup> *No Journal de Coimbra* n.º 35 — parte primeira — pag. 272 — pôde ver-se a noticia dos trabalhos litterarios d'este insigne lente de Metallurgia.

<sup>3</sup> *Voyage en Portugal par M. Link* — Tom. 1.º — pag. 393.

<sup>4</sup> *Essai Statistique sur Le Royaume de Portugal par African Baldi* — Tome Second — pag. 1X.

<sup>5</sup> *Elements de Chimie par Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles* — pag. 203.

distincto philosopho, antes que reformasse a doutrina dos seus compendios, pondo-a a par dos conhecimentos hodiernos.

O Dr. Antonio José das Neves e Mello, natural de Coimbra, foi um extremoso cultor, e insigne professor de Botanica, sobre que deixou curiosissimas observações, e uma serie de estampas de Anatomia Vegetal. Escreveu uma interessante *memoria sobre o Amendobi* (*etrachis Hypogaea*) <sup>1</sup> e corre impressa outra memoria sua debaixo do seguinte titulo:

« Optimo, celsissimo Principi, Portugaliae Regenti, litterarum protectori munificentissimo, has circa stipeae Aremnariae, atque cinchonae Brasiliensem, et alias observationes, etc. Antonius Josephus das Neves Mello, in Collimbris Acad. Doct. Philosoph. Hist. Nat. et agricult. profess. »

Do valioso soccorro, que prestou ao auctor da Flora Lusitana na sua composição, dão honroso testemunho as seguintes expressões do Prefacio.

« Facere hic quoque non possum, quin maximas referam gratias Cl. Ant. Jos. Nevesio, olim Botanices demonstratori *apprime intelligenti*, meaque praxis herbariae alumno diligentissimo; quippe qui non *observationes solum accuratas* suis mecum amiceiter participavit, verum in *authographis etiam* meis digerendis auxiliatricem manum prestitit. »

Expulso em 1834 da sua cadeira, e da direcção do Jardim Botanico, que enriquecera de grande numero de plantas exoticas, e indigenas, linou-se, ralado de desgostos, em 1835.

Prestaremos a devida homenagem do nosso respeito, mencionando-o tambem condignamente, ao sr. Dr. José Homem de Figueiredo Freire, que ainda em 1836 presidiu ao nosso exame de Historia Natural, fallecendo no anno seguinte. Foi successor do Dr. Constantino na cadeira, que elle regem, e deixou-nos importantes documentos da sua intelligencia e applicação nas seguintes obras:

1.ª *Catalogo das Plantas Naturaes e Exoticas, que se encontram em S. Pedro do Sul, e suas vizinhanças.*

2.ª *Monographia das Plantas Cryptogamicas.*

3.ª *Methodo practico de trabalhar com as machinas de Physica.*

Poderiamos alargar mais este nosso catalogo, mencionando outros varões notaveis por seus trabalhos philosophicos, fillos da faculdade; porem nossa intenção especial, agora, é vulgarisar alguns apontamentos biographicos do maior Botanico de Portugal (faça a divina providencia, que não fosse elle o ultimo de nossos Botânicos), cujos conhecimentos deram brado na Europa, cuja gloria litteraria quasi ofluscou a dos mais distinctos de seus patriotas contemporaneos.

Continúa.

P. A. R. DE GUSMÃO.

<sup>1</sup> *Memorias da academia real das sciencias de Lisboa* — Nova Serie — Tom. 4.º — part. 1.ª — pag. 8.



## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO POR C. L. G. Z.

Continuação de p. 86.

**XLII.** Pelos mesmos tempos havia revoluções na Gallia citerior e ulterior, no territorio Piceno e Brucio, e na Apulia. Porquanto, os que Catilina para alli havia mandado, querendo, sem prudencia e quasi sem juizo, fazer tudo a um tempo, com seus conventiculos nocturnos, conducções d'armas e tiros missivos, com suas pressas e perturbações, tinham causado mais susto que perigo. A muitos d'estes prendeu o pretor Q. Metello Celer, depois de se ter informado do facto por decreto do senado; e o mesmo fez na Gallia ulterior C. Morena, que então governava esta provincia na qualidade de Logar-Tenente.

**XLIII.** Em Roma, Lentulo e os outros chefes da conspiração, suppondo preparadas grandes forças, assentaram, que, apenas Catilina entrasse no territorio de Fesulas com o exercito, o tribuno da plebe L. Bestia, convocaria o povo, e se queixaria do procedimento de Cicero, lançando sobre este benemerito consul o odio de tão desastrosa guerra: e que a este signal cada um dos conjurados cumpriria o seu respectivo dever. Suas disposições, segundo se dizia, eram estas: Statilio, Gabinio e muitos outros lançariam a um tempo fogo em doze logares mais opportunos de Roma, para que no meio do tumulto fôsse mais facil penetrar em casa do consul e dos outros, que destinavam matar; Cethego cercaria a casa de Cicero, e o atacaria á força aberta, e os outros conjurados cada um o seu cidadão; os filhos-familias, dos quaes a maior parte eram nobres, matariam os paes, e depois incorporados todos, romperiam por entre as mortes, incendios, e geral terror, e iriam unir-se a Catilina.

Entre estes preparos e disposições, Cethego queixava-se sempre da frouxidão dos companheiros, que perdiam com duvidas e delongas as melhores occasiões; que em taes casos eram mister obras, e não reflexões; que se alguns o ajudassem, atacaria elle o senado, enquanto os outros ficavam na inacção. Naturalmente bravo, violento e desembaraçado, intendia que a celeridade era tudo.

**XLIV.** Os Allobroges, segundo a recommendação de Cicero, vão falar, por meio de Gabinio, com os de mais conjurados; e pedem a Lentulo, Cethego, Statilio, e Cassio, juramento escripto e assignado, para o apresentarem aos seus concidadãos, pois que sem isso não seria facil mover-os a tão grande passo.

Os trez primeiros dão-no sem desconfiar: Cassio promette-lhes ir pessoalmente ao seu paiz, e parte de Roma um pouco antes dos deputados.

Lentulo mandou com os Allobroges um certo T. Vulturcio, de Crotona, para que, antes de voltarem a patria, firmassem com reciprocos juramentos a alliança com Catilina; e entregou a Vulturcio uma carta para Catilina, cujo theór era o seguinte:

« O portador d'esta te dirá quem sou. Pensa « na tua lastimosa situação, e lembra-te que « és homem: reflecte nò que exigem os teus « interesses, e vale-te de todos, ainda dos mais « vis. » Mandou-lhe tambem dizer de bocca: que, tendo sido declarado inimigo publico pelo senado, porque razão não alistava tambem os escravos? que em Roma estava prompto quanto lhe ordenara: que não tardasse em vir.

**XLV.** Tractadas estas cousas, e ajustada a noite em que deviam partir, Cicero, informado de tudo pelos deputados, ordena aos pretores L. Valerio Flacco e C. Pomptino, que surprehendam na ponte Mulvia toda a committiva dos Allobroges: declara-lhes o motivo d'aquella commissão, e que no mais obrem segundo as circumstancias. Em execução d'esta ordem os consules, como bons soldados que eram, á calada e occultamente cercaram a ponte. Chegando lá Vulturcio e os deputados, bradou-se de parte a parte: os Allobroges, percebendo logo a emboscada, renderam-se immediatamente aos pretores. Vulturcio ao principio animou os companheiros, e defendeu-se combatendo: mas vendo-se desamparado pelos deputados, pediu primeiro muito a Pomptino, de quem era conhecido, que lhe valesse; e por ultimo, aterrado, e temendo a morte, rendeu-se aos pretores, como a inimigos.

**XLVI.** Concluida a expedição, mandou-se logo a noticia ao consul, a quem não causou menos prazer que cuidado. Folgava na idéa de que, descoberta a conjuração, ficava a patria salva do perigo; affligia-se sobre-o que faria a cidadãos distinctos, réus de tamanha traição: castigal-os seria tornar-se odioso, deixal-os impunes seria perder a república. Em fim cobra animo, e manda vir á sua presença Lentulo, Cethego, Statilio, Gabinio, e Cepario, de Terracina, que destinava partir para a Apulia a sublevar os escravos. Todos vieram sem demora, excepto Cepario, que, tendo saído de casa pouco antes, e sabendo que estava descoberta a conjuração, havia fugido de Roma. O consul, tomando Lentulo pela mão, em attenção a ser pretor, conduziu-o ao senado, e mandou ir os outros entre guardas para o templo da Concordia. Alli convoca o senado, e no meio de uma assembléa numerosa apresenta Vulturcio e os legados, e manda ao pretor Flacco que traga as cartas e a

carteira, que os mesmos lhe haviam entregado.

XLVII. Vulturcio, perguntado sobre aquella jornada, sobre a carta, sobre o seu projecto e os motivos d'elle, ao principio inventou mil cousas, sem falar na conjuração; depois, quando lhe prometteram perdão sob fe pública, descobriu tudo, como se passara: que, havia poucos dias, se associara a Gabinio e Cepario; que nada mais sabia, do que os deputados; só ouvira dizer muitas vezes a Gabinio, que P. Antonio, Servio Sylla, L. Var-gonteio e outros muitos entravam na conjuração. O mesmo confessaram os Allobroges. Lentulo negava: mas, alem da carta, objectaram-lhe suas ordinarias conversações, em que costumava dizer: que os livros das sibyllas promettiam o imperio de Roma a trez Cornelios; que Cinna e Sylla já o tinham obtido, e elle era o terceiro a quem os fados o destinavam: que além d'isso era aquelle o vigesimo anno depois do incendio do Capitolio, anno, que os aruspices, segundo innumeraveis prodigios, diziam, havia de ser ensanguentado com guerras civis.

Lidas as cartas, e tendo cada um reconhecido a sua firma, decretou o senado, que Lentulo, deposto da magistratura, e os demais, fossem retidos em prisão sem ferros: e em virtude d'isto foi Lentulo entregue a L. Lentulo Spinter então edil, Cethego a Q. Cornificio, Statilio a C. Cesar, Gabinio a M. Crasso, e Cepario (pouco antes apanhado, quando ia fugindo) ao senador Cn. Terencio.

XLVIII. Descoberta a conjuração, a mesma plebe, pouco antes grande partidista da guerra, e desejava de innovações, mudando de sentimentos, execrava os projectos de Catilina, elevava Cicero ás nuvens, e, como se a tivessem salvado da escravidão, rompia em transportes de jubilo e prazer. De todas as desordens da guerra esperava ella mais ganho do que perda: mas, quanto ao incendio, julgava-o cruel, monstruoso e summamente arruinador, principalmente d'ella mesma, cujas posses consistiam sómente nos moveis de uso ordinario e nos vestidos.

No dia seguinte trouxeram ao senado um tal L. Tarquinio, prezo, segundo diziam, no caminho, quando ia para Catilina. Prometteu elle fazer revelações sobre a conjuração, se debaixo de fe publica lhe promettessem o perdão; e mandando-lhe o consul dizer francamente o que soubesse, depoz no senado quasi o mesmo que Vulturcio, sobre o projectado incendio, a matança dos homens de bem, e a marcha dos rebeldes. Só accrescentou, que fôra mandado por M. Crasso dizer a Catilina que não se deixasse aterrar com a prisão de Lentulo, Cethego e mais conjurados; antes porisso mesmo marchasse mais depressa sobre Roma, assim para animar os companheiros, como para mais facilmente os tirar do perigo.

Porém, tanto que Tarquinio proferiu o nome de Crasso, homem nobre, muito rico, e muito poderoso; uns pensaram similhante cousa incrível; outros, ainda que a julgavam verdadeira, intendiam que em tal conjunctura convinha mais adoçar do que exacerbar homem de tanta autoridade; e a maior parte, obrigada a Crasso por favores particulares, clamava que o delator mentia, e que se pozesse o negocio á deliberação no senado. Cicero recolheu os votos, e por maioria se decidiu, que a denúncia de Tarquinio parecia falsa; que fosse detido em prisão, e não o deixassem livre, enquanto não declarasse quem o havia induzido a inventar tamanha calúnia. Não faltou então quem julgasse, que aquella denúncia fôra maquinação de P. Autronio, para que Crasso, comprometido tambem, protegesse com o seu valimento os outros, de cujo perigo participava. Outros diziam que Cicero ensaiara Tarquinio 'naquillo, para Crasso não perturbar a república, encarregando-se, como costumava, da defesa dos homens maus. Ao mesmo Crasso ouvi eu depois dizer publicamente, que fôra Cicero quem lhe fizera tão grande affronta.

XLIX. 'Naquelles mesmos tempos Q. Catulo e C. Pisão, nem com empenhos, nem com rogos, nem por dinheiro, poderam mover Cicero a servir-se dos Allobroges ou d'outro delator, para accusar falsamente a C. Cesar. Ambos eram de Cesar inimigos jurados: Pisão tinha sido accusado por elle, de haver injustamente condemnado á morte por dinheiro um habitante d'além-Pó: Catulo odiava-o, porque, pretendendo o pontificado em idade mui avançada, e depois de ter servido os maiores cargos, fôra preterido pelo joven Cesar. A occasião parecia-lhes favoravel, porque Cesar, por sua grande liberalidade particular, e grandissimos donativos publicos, tinha contraído dividas enormes. Mas quando não poderam resolver o consul a praticar tão grande infamia, cada um por seu lado intrigando e espalhando mentiras, que dizia ter ouvido a Vulturcio e aos Allobroges, attrairam sobre Cesar geral indignação; a ponto, que alguns cavalleiros romanos, que estavam de guarda ao templo da Concordia, ao assustados pela grandeza do perigo, ou por nobreza de sentimentos, para darem mais claras mostras do seu zelo pela república, atacaram com espadas a Cesar, quando saía do senado.

*Continúa.*

## DESALENTO.

AO MEU AMIGO

Antonio de Carvalho e Vasconcellos.

Derradeira illusão, abriste as azas,  
E deixaste-me só, quando meus olhos,  
Cangados de chorar, já não tem prantos.  
Derradeira illusão, que me has fugido —

Ultima esp'rança, que broton na vida  
Tão cheia de pesa, ultima estrella,  
Que brihou no meu céu tão negro e triste —  
Porque deixaste, assim ao desamparo,  
Um peito que era teu! . . . Calix amargo,  
Onde esp'ranças e dor mistura a sorte,  
Já todo te esgotei! — Eis-te tombado.  
Vazio a meus pés! — Que mais me espera?  
Séccos os olhos lenho, o peito exausto,  
E o pobre coração era de esp'ranças.  
Como o rubie, que perde as densas folhas,  
Se o outono soprou, assim perdidas  
Vi minhas illusões uma após outra.  
Morreram todas, tu ficaste, e eu louco  
Em ti só concentrei o amor, que a todas  
Out'ora consagrei; o pobre nauta,  
Quando nas ondas muribundo luta,  
Mais firme abraça a derradeira prancha,  
Que nas mãos encontrou. . . .

Que vale a esp'rança.  
Que, cedo ou tarde, o desespero apaga?  
Que vale ver brilhar, por entre o manto  
De noite tenebrosa, um astro d'ouro,  
Se, do rijo tufão nas pandas azas,  
As densas nuvens apressadas correm  
Apagar o pharol que apenas fulge?  
Escuras trevas são a sorte minha!  
Só 'neste mundo — só! — Ai, quem não sabe  
Quanta dor quanto fel o peito inunda  
Aquelle, que lançando em torno os olhos  
Não vê senão prazer, ventura tudo,  
E sente, e sabe, e vê, que o mundo inteiro  
Um só peito não tem que ao seu responda,  
Quem tal não sabe não maldiga a sorte!

Vivi sonhando, o despertar me mata.  
Ora sonhos d'amor, ora tremendos  
Sonhos de desespero, a vida inteira  
Occupado me têm, e vivo ainda  
Se o viver é soffrer. — Fatal verdade  
A meus olhos fulgiu, deserto infinito  
Se estende em torno a mim, e voz medonha  
Me brada ao coração: És só p'ra sempre!  
Ai meus sonhos d'amor que eu amei tanto,  
Meus sonhos d'ambição onde fugistes?  
Quaes seccas folhas do tufão ludibrio,  
Ou calcadas no pó, ou pelas aguas  
Levadas para sempre ao pego immenso,  
Tudos todos perdi — e vivo ainda!

A fé, a esp'rança e o amor que embalam  
No mundo os homens, desde o berço á campa,  
Deixaram-me sem dó, sem ellas vivo  
Qual astro, que deixou o trilho usado,  
Em torno ao sol, que a vida e luz lhe dava,  
E pelo espaço vai sem luz nem rumo.  
A fé! — Ai quantas fé eu tive out'ora  
'Naquelles que perdi — quantos carinhos  
Eu julguei encontrar, e só desprezo,  
Indifferença cruel encontrei 'nelles!  
Tu choras coração? Cala-te louco!  
Esquecidos de mim, felizes todos,  
Que nem sabiam sequer quanto hei soffrido.

Fallaz esp'rança, oh quantas, quantas vezes,  
Me encheste o coração com vãs promessas,  
Enganando sem dó, mentindo ao triste,  
Que, qual o viajor pelo deserto,  
Perdido fui atrás miragem linda,  
Que, como um sonho vão, se evaa no espaço.  
Sempre has mentido enganadora esp'rança!  
Ora fingindo o céu sereno e puro,  
Quando a tormenta já bramava ao longe,  
Ora mostrando 'num porvir d'encantos,  
Por entre o verdejar d'eternos louros,  
A gloria essa illusão que aos loucos cega.  
E quando o desgano que te pisa  
Sempre as pégadas me buscava amigo,  
Então sorrindo me dizias: Deixa,

Deixa da gloria a trabalhosa senda;  
Cingindo a fronte de jasmim e rosas,  
Em meu regaço, pelas leves auras  
Acalentado, vem gozar repouso;  
Deixa esse mundo refalsado e louco,  
E ao som da lympba, que murmura um canto  
Entre os seixinhos da florida encosta,  
Ao som do triste suspirar da aragem,  
Por entre as folhas que o outono espalha,  
Deixa correr a descuidosa vida,  
Reim como a rosa, que cahiu da margem  
E á tona d'agua vai boiando airosa.  
E mentias tambem! — Por fim caçada  
De tanto me enganar, deixas-me, triste,  
Que não posso viver sem leus enganos.

Amor! Triste de mim, cruel lembrança.  
Doce veneno com que, out'ora louco,  
Quiz a sede matar, e a longos tragos  
Enchi o coração, perdi min'alma!  
Amar como eu amei na flor da vida,  
Amar como eu amei! Julgava o mundo  
Pequeno e pobre para amor tão grande.  
Amei o céu, a terra, o mar profundo,  
A medonha tormenta e as negras rochas,  
Onde, bramindo, a tempestade echôa.  
Amei a flor do prado a selva erguida,  
O murmurar sem fim da humilde fonte,  
Que parece cantar d'amor enchedas.  
Quantas vezes, oh quantas, fui sosinho  
Por essas margens do mondo á tarde,  
Quando no outono tudo é triste, e a terra  
Parece involta em funeral sudario,  
Suspirar e gemer, dizendo um nome,  
Um nome só, e a vida o céu o inferno  
Tudo min'alma 'nesse nome via.

A vida! — Ai vida, que a seus pés não fosse  
Passada sempre, me par'cia a morte,  
Ou, mais que a morte, tremedal medonho  
Onde sem luz me delirava a mente.  
O céu! — Julgava que seus negros olhos,  
P'ra mim voltados com fagueiro riso,  
O céu, e mais que o céu, 'nest'alma ardente  
Podessem derramar — Ai, luta horrivel  
De gelado terror de vãos desejos,  
Buscando a vida e recendo a morte,  
A morte sim, pois eu julgava o peito  
Fragil prisão, que contivesse est'alma,  
Se acaso um dia seus fagueiros olhos  
Se fitassem nos meus com brando riso.  
O inferno! — O inferno d'entro em mim bramava  
Mortaes ciumes m'o lançavam n'alma.  
Negro ciume, quem no peito as garras  
Te não senti, ai, não maldiga a vida!  
Ver seus olhos sorrir aos olhos d'outro;  
Sua dextra gentil pousando airosa  
'Num braço, que talvez ao peito a estreite;  
Ver-lhe os labios contar segredo ingenuo,  
Juncto a faces, que vão corando ao sopro,  
Que puro exala pela rosea bócca;  
Ter ciumes da flor, do chão que pisa,  
Da fonte de cristal, que as mãos lhe beija;  
Sorrisos, fallas, mil gentis caricias  
Ver-lhe ás mãos largas espalhar, thesouros  
Que eu não pude gosar . . . Ai, quem no peito  
Sente d'um coração a força e vida,  
Diga se em não soffri na vida o inferno.

Ninguém me lastimou, ninguém, nem ella!  
Por entre o murmurar de mil suspiros  
Não fez caso dos meus. — Par'cia a terra,  
As plantas d'ella, desdobrar gostosa  
Rico tapete de mimosas flores:  
Ella vaidosa com seus pés calcava,  
Sem dó das tristes, as gentis boninas;  
E se rasgando d'este peito as carnes,  
Sangrento ás plantas, lhe podesse um dia  
Lançar o coração, talvez calcase,

Sem sequer reparar, o pobre triste —,  
Noites, dias passei com as mãos erguidas,  
De joelhos no chão, idolatrando  
Quem p'ra mim nem sequer volvia os olhos.  
Enlancei — perdido fui lançar-me  
No torpe lodaçal da vil luxúria.  
Anjos, anjos do céu, vós não me vistes!  
Com as puras azas encobriando as frentes,  
Vós fugistes de mim, não vistes nada.  
Ha crimes, que talvez os céus ignorem —  
Tão torpes são — e que a não ser o grito  
Da consciencia, por punir ficassem.

Nas mãos ambas tomando a taça impura  
Do mais torpe prazer, julguei que a sede  
Me podia matar, bebi-lhe as fezes.  
Então meus olhos desvendados viram  
Que tudo é vão, que tudo é vão no mundo.  
Olhei em torno, d'illusões despiado,  
Achei-me só com meu peccado em face,  
Tive medo fugi. — Vaguei sósinho,  
Longe do mundo, sem achar consolo.  
Sancta consolação, anjo que aos tristes  
Manda ás vezes o céu, eu não podia  
Entender tua voz, só quem no peito  
Tem puro o coração pôde entender-te.  
Descri do céu, de mim, sentindo o gelo  
Do desespero a penetrar-me 'alma.  
Tornei-me um não sei que não tem nome,  
Nem eu sei se vivi

Então fulgiste  
Longe, bem longe, oh illusão perdida!  
De joelhos caí, nos olhos seccos  
Inda pude encontrar saudosos prantos,  
Prantos de gratidão aos céus benignos.  
E tu fulgias qual, em noite horrenda,  
Pharol d'esperança ao já perdido nauta.  
E tu fulgias como fulge ao triste  
Doente, exausto, o desponlar da aurora.  
E eu prostrado adorei-te e disse:  
Bem vinda sejas, tu que assim consolas  
Começo a vida, meu soffrer d'outrora  
Passou, foi sonho, vou viver de novo  
Vida d'encantos, seja ella infinita.  
Prostre-me, louco, ao levantar-me a noite  
Mais negra ainda em torno a mim reinava.  
Tinhas passado qual luzente estrella,  
Que brilha, e morre na amplitude do espaço.  
Por que brilhaste enganadora esperança?  
Traícoeiro pharol, que promettias  
Porto seguro, e me arrojaste incauto  
Do desespero ao insondavel pégo!  
E agora vivo, se é viver angustias  
Soffrer contínuas, recendo a morte,  
Sem fé, sem esperança, sem amor na vida.

Senhor, que sondas dos mortaes os peitos,  
Tu lê's na mente o pensamento em germen,  
As negras trevas não te occultam nada,  
Porvir, passado, é teu presente infado.  
Eu pequei contra ti, mas tu bem sabes  
Que o remorso cruel rasgava sempre  
Meu pobre coração, quando esquecido  
De teu nome, Senhor, ousava louco  
Queimar teu puro incenso ás torpes plantas  
Dos idolos mortaes, que amor gerava —  
Tu só, tu puro amor, podes salvar-me!  
Pura fé, puro amor, esperança pura!  
Volve os olhos p'ra mim, cria em meu peito  
Um novo coração, indigno é este  
De te adorar Senhor! — Ou se não queres,  
Se a piedade esgotei, se a não mereço,  
Põe um termo fatal ás culpas minhas,  
Acaba este viver, manda minh'alma  
Soffrer longe de ti, té que aflim possa.  
Purificada pela dor e o pranto,  
Arder de puro amor entre os teus anjos,  
N'essa gloria sem fim que aos teus destinos.  
Coimbra, Maio de 57.

H. O'NEILL.

## DAS IRMÃS DA CARIDADE.

Continuado de pag. 82.

### XXVIII.

E se a letra do Código penal não é morta; se a Constituição é uma realidade, os *mesmos* lazaristas, e *quaesquer* outros institutos, podem entrar e estabelecer-se, quando quizerem, sem character de pessoa jurídica, é verdade, mas sem a menor infracção das leis do Estado.

Parece-nos haver alguma cousa dos habitos e da reminiscencia de sujeição a um governo absoluto 'nesta constante tendencia em olhar para o governo, para que conceda o que a lei não tolhe, para que dê e socorra com os fundos publicos ou com as mercês do poder supremo.

Aproveitemo-nos das leis, como cidadãos d'um Estado constitucional; — respeitemos a auctoridade, sem todavia fazer dependentes do bél-prazer dos ministros, o exercicio dos direitos; — e convençamo-nos de que quem pretende os fins, não pôde deixar de sujeitar-se á prestação dos meios.

O Estado, d'accôrdo com a *Egreja*, pôde supprimir, ou reformar os institutos de freiras que nos restam; quem o contesta?

Alguns com effeito correm tão degenerados da sua regra, que nem a *Egreja*, nem o Estado interessam em os conservar. Porcerto que os seus bens podem receber uma melhor applicação — *pia e religiosa*, determinada pelo mesmo indispensavel accôrdo. Com elles muito se poderia auxiliar a congregação das servas dos pobres.

Voltar a 1834, e restabelecer as ordens religiosas d'então, algumas das quaes ainda estavam mais degeneradas, que as de muitos conventos de freiras, consideramol-o tão indiscreto e impolitico, como impossivel de levar a effeito, sem gravissimas difficuldades. Ha factos desastrosos, como este, cujo remedio, depois de consumados, é peor que o mesmo mal. As ordens religiosas podem, como indicamos, voltar desde já com um character puramente particular, dentro dos limites da tolerancia da Carta e do Código penal.

É porém sobremodo conveniente, segundo nos parece, autorisar algumas para que possam mais desassombrada e solidamente auxiliar o clero.

O exemplo dos governos, que se succederam em França ás orgias revolucionarias, autorisa este pensamento. A *ordenança* de 3 de febreiro de 1816 autorisou o restabelecimento dos lazaristas, e da congregação do Espirito-Santo. Estas duas ordens religiosas, e a das missões estrangeiras, são ate mesmo auxiliadas no orçamento do Estado, em attenção aos seus serviços nas colonias e nos paizes, aonde levam o lume do Evangelho. Os irmãos das escholast christãs são igualmente reconhecidos

e auctorisados por diferentes ordenanças, e decisões do conselho d'estado.

O tempo, que é o maior dos innovadores, e que destróe admiravelmente todas as prevenções, para não deixar subsistir senão a verdade, fará justiça ás virtudes, ao zelo, e á caridade que algumas outras congregações, ou todas, manifestem; e tanto ali, como aqui, os vindouros darão a Deus o que é de Deus.

Mas se não quereis, ou não podeis aproveitar-vos, para viver em commun e sujeitos á regra, e em activo serviço da Egreja, da liberdade que as leis civis vos consentem; se os serviços dos passados forem o vosso unico documento; como podeis aspirar a que vos seja concedido o associar-vos com um character solemne e público?

E que vasto campo ahí está aberto á piedade dos ecclesiasticos e dos seculares, e principalmente dos ecclesiasticos, que desejassem ligar-se em vida commun, e pelos votos sagrados, para viverem uma vida mais perfeita e mortificada?

Entre outros, e tantos e tão importantes intuitos, consintam-nos que lembremos um, e bem simples e facil, — a catechese.

Que motivo legal poderia tolher alguns fervorosos padres para se unirem em commun, sôb uma regra, approvada pelo Ordinario, para auxiliarem, ou antes supprirem, a deligencia dos parochos, principalmente ensinando a doutrina pelas freguezias, além dos outros exercicios do sacerdocio?

Para com a sua consciencia, para o beneficio do pobre povo, para a edificação do proximo, que importava que não tivessem um character solemne e público, nem constituissem uma pessoa juridica? Seriam perante a Egreja, e uns para com os outros, como hoje succede por exemplo nos Estados-Unidos, uma verdadeira *Ordem religiosa*; embora o Estado os não reconhecesse senão como uma reunião, ou associação tolerada.

## XXIX.

Mui longa vai esta digressão. Tornaremos ao nosso principal assumpto; e para concluir, permita-se-nos apontar uma outra grande vantagem da diffusão do instituto das irmãs da caridade.

Essas as virtuosas senhoras, que nos lêrem, disculpem o que vamos a dizer de pouco lisonjeiro; e dignem-se, dentro em breve tempo, nesta parte fazer-nos mentirosos.

As irmãs da caridade, por via da irresistivel influencia das suas maneiras, da sua doçura, zelo, e piedade, conseguem associar ás suas obras as senhoras que vivem no mundo.

Differentes instituições caritativas offerecem, na França, a prova do que dizemos; em umas dirige a dama de caridade, e executa a irmã; noutras dirige a irmã, e executa a dama. Sempre e em toda a parte aquellas propor-

cionam a estas a occasião, e a facilidade de fazerem o bem com segurança; e guiadas por assim dizer pela mão das irmãs, as damas aprendem a subir as escadas do pobre envergonhado, do enfermo desvalido, dos hospitaes, e das prisões.

A caridade é natural no coração da mulher. As senhoras portuguezas possuem-na em tão subido grau, como as francezas; mas, na maxima parte das terras, ainda as maiores, de provincia, experimenta-se uma tal falta de desembaraço, uma tal repugnancia ao exercicio público e activo da acção caridosa, e a deixar, por um pouco de tempo, os cuidados do interior da familia para se empregarem no allivio do proximo, que todas as instituições, que demandam indispensavelmente a acção das senhoras, ou não podem formar-se, ou definham desde o principio, ou não subsistem senão á custa dos esforços, sempre precarios e irregulares, d'uma só senhora, d'um só homem, ou de poucos, em breve desanimados por cansaço, e desgosto.

Não ha muitos annos que um excellente sujeito, posto á testa d'um nascente asylo da infancia, em uma cidade importante, nos escrevia, — que nem ainda nos bazares era auxiliado pelas senhoras!

Ora esta, não indifferença, mas acanhamento, e falta de cultura, esperamos de Deus, que desaparecerá pelo exemplo das irmãs, e pelo seu contacto e doce atracção. Que dúvidas poderão ter as senhoras em sahir ao publico exercicio da caridade, acompanhadas e dirigidas por um ANJO DO CEU, pela irmã da caridade?

Que fructos não são d'esperar da associação consoladora dos afflictos, desde que se completar e fortificar pela união das irmãs! Como em França, e muito mais do que alli, pelas razões indicadas, estas serão as indispensaveis auxiliadoras das senhoras que compõem a associação; e ao mesmo tempo o vinculo, que ha de ligar, sanctificando e fecundando, instituições que deveram caminhar unidas; e que todavia, em algumas partes, parecem oppostas e quasi rivaes! . . . .

Desengañemo-nos que a união faz a força; e que não é menos agradável a Deus agasalhar, instruir e educar o menino desvalido, do que visitar o enfermo, e dar de comer a quem tem fome; e que, 'nestas cousas, nem ha differenças politicas, nem de condição, nem de origem. Todos devemos ser de tudo; e quanto mais pequena fôr a terra, e limitados os recursos, peor é remar cada um para sua parte.

Concluamos:

*Expostos*, abandonados por quem vos deu ao mundo: a irmã da caridade é a vossa terna mãe!

*Meninos desvalidos*, d'ambos os sexos: é o vosso abrigo, a vossa mestra!

*Infermos pobres:* é a vossa carinhosa intermeira, em vossas casas, ou nos hospitaes, qualquer que seja, por mais arriscada ou repulsante, a vossa enfermidade!

*Pobres todos, pobre povo:* — a filha de S. Vicente e a vossa serva; deixou o mundo para servir-vos, e soccorrer-vos. Dispensa-vos de mendigar, se o precisaes, o pão nosso de cada dia; e não descança, enquanto vol-o não levar; dar-vos-ha o proprio, se for mister, e morrerá de fome.

*A sua familia:* — sois vós todos, quem quer que sejaes.

*A sua patria:* — é o mundo, ou antes é o céu, para o qual se apressam em caminhar, derramando beneficios, e abrindo-vos por elles as portas da bemaventurança.

#### ADVERTENCIA.

«Depois d'impresso e publicado o n.º XXVII, tivemos conhecimento dos alvarás obtidos pelas associações de N. S. Consoladora dos Afflictos, e protectora dos orphãos desvalidos victimas do Cholera, para a admissão das irmãs. São datados de 9 de fevereiro d'este anno, referendados por S. Ex.ª, o sr. Julio Gomes da Silva Sanches.»

### PLAUTO EM BERLIM.

A Allemanha tem sempre sido, e é, portanto, ainda hoje, o paiz da boa latinidade.

Depois que o francez tomou, em toda a parte do mundo, o privilegio de lingua universal, apenas dous unicos paizes da Europa têm tido a ousadia de resistir á invasão franceza, continuando a cultivar, com o mesmo esmero, que d'antes, a lingua, em que falou Cicero, e em que escreveu Horacio: Roma, e uma parte da Allemanha.

A mocidade estudiosa de Berlim deu do seu gosto pela boa latinidade uma prova ao mesmo tempo brilhante e singular.

Estudantes da Universidade de Frederico Guilherme representaram no theatro real da côrte a comedia de Plauto intitulada *Captivi* (os prisioneiros), recitando-a na lingua original, e com todos os requisitos da prosodia exigida pela metrificacão.

Durante os entre-actos, outros estudantes cantaram trez Odes de Horacio, uma das quaes fôra posta em musica pelo famoso Meyerber.

O auditorio compunha-se, quasi exclusivamente, de sabios e litteratos, que de diferentes partes de Allemanha havia attrahido a noticia de espectáculo tão novo, e que só por certa ordem de pessoas podia ser devidamente apreciado.

El-Rei assistiu á representacão, e durante ella esteve continuamente folheando um exem-

plar das obras de Plauto, que mandou vir, sem cujo auxilio seria quasi impossivel fazer idéa sufficiente do merecimento do espectáculo. O mesmo fizeram os outros espectadores. Todos, quantos exemplares das obras de Plauto havia pelos livreiros, foram vendidos, e por bom preço.

R. DE GUSMÃO.

### ESTATISTICA DA FREQUENCIA

Das universidades allemãs no verão de 1853.

	Estudantes matriculad.	Estud.º não matriculad.	Total.
Basel (Bale).....	67	?	67
Berlin.....	1491	675	2166
Bern.....	157	"	157
Bonn.....	862	34	896
Breslau.....	806	31	837
Erlangen.....	431	"	431
Freiburg (Frisburgo).....	327	29	356
Giessen.....	402	"	402
Goettingue.....	669	"	669
Gratz.....	250	93	343
Greifswald.....	204	4	208
Halle.....	616	45	661
Heidelberg.....	719	33	752
Jena.....	420	12	432
Innsbruck.....	221	33	254
Kiel.....	132	"	132
Koenigsberg.....	347	"	347
Leipzig.....	794	"	794
Marburg.....	227	20	247
Munchen (Munique).....	1893	"	1893
Micenster.....	328	"	328
Olmütz.....	200	"	200
Praga.....	1025	144	1169
Rostock.....	108	"	108
Tubingue.....	743	"	743
Vienna.....	1964	439	2403
Wurtzburg.....	705	"	705
Zurich.....	189	16	205
	16:297	1:608	17:905

No mesmo verão de 1853 o numero de professores que ensinavam nas referidas 28 universidades da Allemanha e Suissa montava a 1685.

Esta estatistica bastava para fazer advinhar o extraordinario movimento litterario d'essa nação, que imprime annualmente para cima de dez milhões de volumes. E em Portugal é quasi inteiramente ignorado o allemão!

*Discussão do valor da função perturbadora R, dado pela serie do n.º 48 do liv 2.º da Theoria analytica do systema do mundo de Pontécoulant, 2.ª edição, no caso em que se desprezam os quadrados das forças perturbadoras; e indagação da menor ordem dos termos d'esta serie, que dependem de um argumento dado.*

Para entrarmos 'nesta discussão devemos determinar primeiramente os valores de  $u$ ,  $v$ ,  $z$  que pertencem ao movimento eliptico. Para isto, servindo-nos das fórmulas do cap. 4.º do liv. 2.º da obra citada, e sendo o  $r_1$  da pag. 355 o mesmo que o  $r'$  da pag. 282, acharemos

$$u = \frac{r'}{a} - 1 = \frac{r}{a} (1 - tg^2 \varphi + \text{etc.}) - 1, \text{ ou desprezando a 4.ª ordem de } e \text{ e } \varphi,$$

$$u = \frac{e^2}{2} - \left( e - \frac{3e^3}{8} \right) \cos (nt + \varepsilon - \omega) - \frac{e^2}{2} \cos 2 (nt + \varepsilon - \omega) - \frac{3e^3}{8} \cos 3 (nt + \varepsilon - \omega) \\ - \frac{1}{2} tg^2 \varphi \sin^2 (\nu' - \alpha) \left\{ 1 - e \cos (nt + \varepsilon - \omega) \right\} :$$

mas, continuando a desprezar as quantidades da 4.ª ordem, teremos pelas equações das pag. 280 e 281

$$tg^2 \varphi \sin^2 (\nu' - \alpha) = tg^2 \varphi \left\{ \frac{1}{2} - \frac{1}{2} \cos 2 (nt + \varepsilon - \beta) + P \sin 2 (nt + \varepsilon - \beta) \right\},$$

attendendo pois ao valor de  $P$ , será

$$u = \frac{e^2}{2} - \frac{1}{4} tg^2 \varphi - \left( e - \frac{3e^3}{8} - \frac{e}{4} tg^2 \varphi \right) \cos (nt + \varepsilon - \omega) - \frac{e^2}{2} \cos 2 (nt + \varepsilon - \omega) \\ - \frac{3e^3}{8} \cos 3 (nt + \varepsilon - \omega) + \frac{1}{4} tg^2 \varphi \cos 2 (nt + \varepsilon - \beta) - \frac{5e}{8} tg^2 \varphi \cos (nt + \varepsilon + \omega - 2\beta) \\ + \frac{3e}{8} tg^2 \varphi \cos (3nt + 3\varepsilon - \omega - 2\beta) \dots \dots \dots (1)$$

Se mudarmos no plano da orbita a origem das longitudes, conservando os mesmos os angulos  $\nu'$  e  $\alpha$ , estes deixarão de ser as projecções de  $\nu$  e  $\beta$ ; mas o angulo  $\nu' - \alpha$  será ainda a projecção de  $\nu - \beta$ ; e a equação  $tg (\nu' - \alpha) = \cos \varphi tg (\nu - \beta)$  terá ainda logar: se pois tomarmos para origem das longitudes sobre a orbita uma linha tal, que dê a longitude do nodo igual a  $\alpha$ , será  $\beta = \alpha$ ; e por isso a equação (1) dará depois da separação do angulo  $nt + \varepsilon$ , e notando que com o desprezo de  $\varphi^4$  é  $tg^2 \varphi = \frac{1}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi$ ,

$$u = \frac{e^2}{2} - tg^2 \frac{1}{2} \varphi - \left\{ e \sin \omega - \frac{3e^3}{8} \sin \omega - \frac{5e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2 \alpha \sin \omega - e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin \omega \right. \\ \left. + \frac{5e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2 \alpha \cos \omega \right\} \sin (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ e \cos \omega - \frac{3e^3}{8} \cos \omega + \frac{5e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2 \alpha \sin \omega - e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos \omega \right. \\ \left. + \frac{5e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2 \alpha \cos \omega \right\} \cos (nt + \varepsilon) - \left\{ \frac{e^2}{2} \sin 2 \omega - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2 \alpha \right\} \sin 2 (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ \frac{e^2}{2} \cos 2 \omega - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2 \alpha \right\} \cos 2 (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ \frac{3e^3}{8} \sin 3 \omega - \frac{3e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2 \alpha \cos \omega - \frac{3e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2 \alpha \sin \omega \right\} \sin 3 (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ \frac{3e^3}{8} \cos 3 \omega - \frac{3e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2 \alpha \cos \omega + \frac{3e}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2 \alpha \sin \omega \right\} \cos 3 (nt + \varepsilon) \quad (2)$$

Sendo o  $v$ , da pag. 355 o mesmo que o  $v'$  da pag. 280, será

$v = v' - (nt + \epsilon) = v + \alpha - \beta - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2(v - \beta) - (nt + \epsilon)$  continuando a desprezar as quantidades da 4.<sup>a</sup> ordem, e notando que o  $v$  do 2.<sup>o</sup> membro é diverso do do 1.<sup>o</sup> por ser a longitude na orbita: fazendo pois, como acima,  $\beta = \alpha$ , e sendo  $v = nt + \epsilon + eP$ , será  $v = eP - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2(v - \beta)$ , ou pelo valor de  $\sin 2(v - \beta)$ , da pag. 281,

$v = eP - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \left\{ \sin 2(nt + \epsilon - \alpha) - 2eP \cos 2(nt + \epsilon - \alpha) \right\}$ ; attendendo pois ao valor de  $P$ , será

$$v = \left( 2e - \frac{e^3}{4} \right) \sin (nt + \epsilon - \omega) + \frac{5}{4} e^3 \sin 2(nt + \epsilon - \omega) + \frac{13e^5}{12} \sin 3(nt + \epsilon - \omega)$$

$$- tg^2 \frac{1}{2} \varphi \left\{ \sin 2(nt + \epsilon - \alpha) + 2e \sin (3nt + 3\epsilon - \alpha - 2\omega) - 2e \sin (nt + \epsilon + \omega - 2\alpha) \right\},$$

ou separando o angulo  $nt + \epsilon$

$$\begin{aligned} v = & \left\{ 2e \cos \omega - \frac{e^3}{4} \cos \omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2\alpha \cos \omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2\alpha \sin \omega \right\} \sin (nt + \epsilon) \\ & - \left\{ 2e \sin \omega - \frac{e^3}{4} \sin \omega + 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2\alpha \cos \omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2\alpha \sin \omega \right\} \cos (nt + \epsilon) \\ & + \left\{ \frac{5e^3}{4} \cos 2\omega - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2\alpha \right\} \sin 2(nt + \epsilon) - \left\{ \frac{5e^3}{4} \sin 2\omega - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2\alpha \right\} \cos 2(nt + \epsilon) \\ & + \left\{ \frac{13e^5}{12} \cos 3\omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2\alpha \cos \omega + 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2\alpha \sin \omega \right\} \sin 3(nt + \epsilon) \\ & - \left\{ \frac{13e^5}{12} \sin 3\omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \sin 2\alpha \cos \omega - 2e tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2\alpha \sin \omega \right\} \cos 3(nt + \epsilon) \end{aligned} \quad (3)$$

O valor de  $v' - \alpha$  da pag. 280 dará, fazendo  $Q = tg \frac{1}{2} \varphi \sin 2(v - \alpha)$ ,

$\sin(v' - \alpha) = \sin(v - \alpha) \cos Q - \cos(v - \alpha) \sin Q$ , ou desprezando  $Q^2$ ,  $\sin(v' - \alpha) = \sin(v - \alpha) - Q \cos(v - \alpha)$ ; mas  $v - \alpha = nt + \epsilon - \alpha + eP$ , logo desprezando  $P^3$ , será  $\sin(v - \alpha) = \sin(nt + \epsilon - \alpha) \left( 1 - \frac{e^2 P^2}{2} \right)$ ; e  $P \cos(v - \alpha)$ ; e desprezando  $P$ , é  $\cos(v - \alpha) = \cos(nt + \epsilon - \alpha)$ ; será portanto, attendendo ao valor de  $P$ ,  $\sin(v' - \alpha) = \sin(nt + \epsilon - \alpha) - 2e \sin(nt + \epsilon - \alpha) \times \sin^2(nt + \epsilon - \omega) + 2e \sin(nt + \epsilon - \omega) \cos(nt + \epsilon - \alpha) - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos(nt + \epsilon - \alpha) \sin 2(nt + \epsilon - \alpha)$ , ou

$$\begin{aligned} \sin(v' - \alpha) = & \sin(nt + \epsilon - \alpha) + e \sin(2nt + 2\epsilon - \omega - \alpha) - e \sin(\alpha - \omega) \\ & - e^3 \sin(nt + \epsilon - \alpha) - \frac{e^3}{2} \sin(3nt + 3\epsilon - 2\omega - \alpha) - \frac{e^3}{2} \sin(nt + \epsilon - 2\omega - \alpha) \\ & - \frac{1}{2} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \left\{ \sin 3(nt + \epsilon - \alpha) + \sin(nt + \epsilon - \alpha) \right\} \end{aligned} \quad (4)$$

Sendo  $z = r's = as(1 + u)$ , será (pag. 282),

$z = a tg \varphi \cdot 1 + u \sin(v' - \alpha) = 2a tg \frac{1}{2} \varphi \left( 1 - tg^2 \frac{1}{2} \varphi \right) (1 + u) \sin(v' - \alpha)$ ; ou substituindo o valor (2) até as quantidades da 2.<sup>a</sup> ordem,

$$\begin{aligned} z = & 2a tg \frac{1}{2} \varphi \left\{ 1 - \frac{3}{4} tg^2 \frac{1}{2} \varphi + \frac{e^2}{2} - e \cos(nt + \epsilon - \omega) - \frac{e^2}{2} \cos 2(nt + \epsilon - \omega) \right. \\ & \left. + \frac{1}{4} tg^2 \frac{1}{2} \varphi \cos 2(nt + \epsilon - \alpha) \right\} \sin(v' - \alpha), \end{aligned}$$



e substituindo o valor (4), e aproveitando só as quantidades da 3.<sup>a</sup> ordem, será depois das reduções,

$$z = 2 a t g \frac{1}{2} \varphi \left\{ \sin (nt + \varepsilon - \alpha) + \frac{3e}{2} \sin (\alpha - \omega) + \frac{e}{2} \sin (2nt + 2\varepsilon - \omega - \alpha) \right. \\ \left. - \frac{3e^2}{4} \sin (nt + \varepsilon - \alpha) - \frac{e^2}{4} \sin (3nt + 3\varepsilon - 2\omega - \alpha) - \frac{e^2}{2} \sin (nt + \varepsilon - 2\omega - \alpha) \right. \\ \left. - \frac{3}{8} t g^3 \frac{1}{2} \varphi \sin 3 (nt + \varepsilon - \alpha) + \frac{1}{8} t g^3 \frac{1}{2} \varphi \sin (nt + \varepsilon - \alpha) \right\};$$

ou separando o angulo  $nt + \varepsilon$

$$z = 3 a e t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \cos \omega - 3 a e t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \sin \omega \\ + \left\{ 2 a t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha - \frac{3 a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha - a e^2 t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \cos 2 \omega \right. \\ \left. - a e^2 t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \sin 2 \omega + \frac{1}{4} a t g^3 \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \right\} \sin (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ 2 a t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha - \frac{3 a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha - a e^2 t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \cos 2 \omega \right. \\ \left. + a e^2 t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \sin 2 \omega + \frac{1}{4} a t g^3 \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \right\} \cos (nt + \varepsilon) \\ + \left\{ a e t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \cos \omega - a e t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \sin \omega \right\} \sin 2 (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ a e t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \cos \omega + a e t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \sin \omega \right\} \cos 2 (nt + \varepsilon) \\ - \left\{ \frac{a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \cos 2 \omega - \frac{a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \sin 2 \omega + \frac{3 a}{4} t g^3 \frac{1}{2} \varphi \cos 3 \alpha \right\} \sin 3 (nt + \varepsilon) \\ + \left\{ \frac{a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \sin \alpha \cos 2 \omega + \frac{a e^2}{2} t g \frac{1}{2} \varphi \cos \alpha \sin 2 \omega + \frac{3 a}{4} t g^3 \frac{1}{2} \varphi \sin 3 \alpha \right\} \cos 3 (nt + \varepsilon). \quad (5)$$

As leis que se observam nos valores (2), (3), (5) seriam ainda as mesmas se aproveitássemos as quantidades de todas as ordens de  $e$  e  $\varphi$ , porque as formulas do movimento elliptico, d'onde estes valores foram deduzidos, conservam as mesmas leis em todos os seus termos; pelo menos aquellas de que vamos fazer applicação. A simples inspecção d'aquelles valores mostra que n'elles o seno ou o coseno de um angulo  $f (nt + \varepsilon)$  tem por coeeficiente uma serie cujo 1.<sup>o</sup> termo é da ordem  $f$ , o 2.<sup>o</sup> da ordem  $f+2$ , o 3.<sup>o</sup> da ordem  $f+4$ , e assim por diante; e a mesma lei se dará nos valores de  $u'$ ,  $v'$ ,  $z'$  que são dados pelas mesmas fórmulas com as letras devidamente accentuadas.

O valor de  $R$  da pag. 356 é uma serie, cujo termo geral é

$$T = H. u^k. u'^{k'}. v^k. v'^{k'}. z^k. z'^{k'} \frac{\sin}{\cos} I (n't - nt + \varepsilon' - \varepsilon) \dots \dots \dots (6)$$

Se designarmos pela notação  $(p)$  um termo da ordem  $p$  das excentricidades e inclinações, acabamos de mostrar que  $u$ ,  $v$ ,  $z$  são compostos de termos da forma

$$\left\{ (f + f_1) + (f + f_1 + 2) + \text{etc.} \right\} \frac{\sin}{\cos} f (nt + \varepsilon - \omega) \frac{\sin}{\cos} f_1 (nt + \varepsilon - \alpha) \dots \dots \dots (7)$$

e que os de  $u'$ ,  $v'$ ,  $z'$  são compostos de termos da forma

$$\left\{ (f' + f'_1) + (f' + f'_1 + 2) + \text{etc.} \right\} \frac{\sin}{\cos} f' (n't + \varepsilon' - \omega') \frac{\sin}{\cos} f'_1 (n't + \varepsilon' - \alpha') \dots \dots \dots (8)$$

Mostremos agora que as potencias dos termos (7) e (8), assim como os productos d'estas potencias, gosam da propriedade de serem compostos de termos da mesma forma; para isto demonstraremos o theorema seguinte. Sejam as duas series

$$\left. \begin{aligned} A^1 x^{\alpha^1} y^{\beta^1} + A^2 x^{\alpha^2} y^{\beta^2} + \dots + A^n x^{\alpha^n} y^{\beta^n} + A^{n+1} x^{\alpha^{n+1}} y^{\beta^{n+1}} + \text{etc.} \\ B^1 x^{\lambda^1} y^{\gamma^1} + B^2 x^{\lambda^2} y^{\gamma^2} + \dots + B^n x^{\lambda^n} y^{\gamma^n} + B^{n+1} x^{\lambda^{n+1}} y^{\gamma^{n+1}} + \text{etc.} \end{aligned} \right\} (9)$$

Suppondo  $x$  e  $y$  pequenas quantidades, a ordem de cada termo será marcada pela somma dos expoentes de  $x$  e  $y$ . Sejam as series (9) taes que a somma dos expoentes de  $x$  e  $y$  em cada termo exceda  $a$  unidades a dos expoentes do termo precedente; isto é, seja

$$\alpha^{n+1} + \beta^{n+1} = \alpha^n + \beta^n + a; \quad \lambda^{n+1} + \gamma^{n+1} = \lambda^n + \gamma^n + a \dots \dots \dots (10)$$

d'onde se deduz como consequencia

$$\alpha^{n+m} + \beta^{n+m} = \alpha^n + \beta^n + ma; \quad \lambda^{n+m} + \gamma^{n+m} = \lambda^n + \gamma^n + ma \dots \dots \dots (11)$$

Se multiplicarmos em cruz dois termos da 1.ª serie (9) pelos correspondentes da 2.ª, teremos em geral os dois productos

$$A^n B^{n+m} x^{\alpha^n} y^{\beta^n} + \lambda^{n+m} y^{\beta^n} + \gamma^{n+m}; \quad A^{n+m} B^n x^{\alpha^{n+m}} + \lambda^n y^{\beta^{n+m}} + \gamma^n;$$

a ordem do 1.º é  $\alpha^n + \beta^n + \lambda^{n+m} + \gamma^{n+m}$ , ou pela 2.ª das equações (11)

$\alpha^n + \beta^n + \lambda^n + \gamma^n + ma$ , que é a mesma ordem do 2.º em virtude da 1.ª das mesmas equações: d'onde se segue que, para obtermos a ordem dos termos consecutivos do producto das series (9), basta achar a ordem dos termos que se obtem, multiplicando um termo da 1.ª pelo correspondente da 2.ª e pelos outros consecutivos; de sorte que serão termos consecutivos d'este producto os da ordem dos seguintes:

$$\begin{aligned} A^{(n)} B^{(n)} x^{\alpha^{(n)}} y^{\beta^{(n)}} + \lambda^{(n)} y^{\beta^{(n)}} + \gamma^{(n)} + A^{(n)} B^{(n+1)} x^{\alpha^{(n+1)}} + \lambda^{(n+1)} y^{\beta^{(n+1)}} + \gamma^{(n+1)} \\ + A^{(n)} B^{(n+2)} x^{\alpha^{(n+2)}} + \lambda^{(n+2)} y^{\beta^{(n+2)}} + \gamma^{(n+2)} + \text{etc.} \end{aligned}$$

as quaes pelas equações (10), são taes que a ordem de cada um differe da do que o precede em  $a$  unidades, de sorte que o producto das duas series gosa da propriedade commun a ambas.

O producto de trez series similhantes ás series (9) gosa da mesma propriedade, pois que o producto de duas multiplicado pela 3.ª está no caso que acabamos de tractar; e assim por diante, seja qualquer que fôr o numero das series: e o mesmo concluiremos a respeito da serie que resulta da elevação de qualquer das series (9) a uma dada potencia, porque esta operação é um caso particular da multiplicação.

Applicando este theorema aos termos (7) e (8), veremos que, por exemplo, a potencia  $\beta$  do 1.º semuda em  $\left\{ (\beta f + \beta f_1) + (\beta f + \beta f_1) : 2 \right\} : \text{etc.} \left\{ \frac{\sin f(nt + t - \omega)}{\cos} \right\} \frac{\sin f_1(nt + t - \alpha)}{\cos} \beta \dots (12)$

Ora, sendo  $\beta$  impar,  $\sin \beta x$  tem a forma  $\sin \beta x = A \sin \beta x + A' \sin (\beta - 2) x + \text{etc.}$ , e sendo  $\beta$  par tem a forma  $\sin \beta x = B \cos \beta x + B' \cos (\beta - 2) x + \text{etc.}$ ; e  $\cos \beta x$  tanto no caso de  $\beta$  par como impar tem a forma  $\cos \beta x = M \cos \beta x + M' \cos (\beta - 2) x + \text{etc.}$  O 1.º termo de cada uma d'estas series, mostra que em relação a elle a serie (12) segue a lei da sua raiz, que é a serie (7), por ser a ordem  $\beta f + \beta f_1$  equal á somma dos coefficients dos angulos nos senos ou cosenos d'esses termos; porém os outros termos dos valores de  $\sin \beta x$  e  $\cos \beta x$  sendo de uma ordem superior á que é indicada pelos coefficients dos angulos, escusaremos de attender a elles, porque o nosso fim é achar a menor ordem dos termos que dependem de um argumento dado; podemos portanto concluir que as diversas potencias de  $u, u', v, v', z, z'$ , e os productos d'estas potencias serão compostos de termos que seguem a lei das suas raizes; isto é, que terão as formas (7) e (8): attendendo pois sómente aos termos da ordem indicada pelos coefficients dos angulos, o termo geral (6) de  $R$  terá a forma seguinte:

$$\begin{aligned} T = \left\{ (g) + (g + 2) + \text{etc.} \right\} \left\{ (g') + (g' + 2) + \text{etc.} \right\} \left\{ (g'') + (g'' + 2) + \text{etc.} \right\} \\ \times \left\{ (g''') + (g''' + 2) + \text{etc.} \right\} \frac{\sin g(nt + t - \omega)}{\cos} \cdot \frac{\sin g'(nt + t - \alpha')}{\cos} \times \frac{\sin g''(nt + t - \alpha)}{\cos} \\ \times \frac{\sin g'''(nt + t - \alpha')}{\cos} \frac{\sin I(nt - nt + t - \epsilon)}{\cos} \dots \dots \dots (13) \end{aligned}$$

Continúa.

J. L. SARMENTO.

### APONTAMENTOS

Sobre a Hermeneutica do direito portuguez.

#### I.

*Definição e etymologia das palavras Hermeneutica e Exegese — exame de differentes definições de Hermeneutica Juridica — verdadeiro modo de a considerar e sua importancia para a jurisprudencia. — A Hermeneutica do direito de cada Povo além das regras geraes tem-as particulares, e uma parte theorica e outra pratica — limites d'este trabalho.*

A palavra Hermeneutica, derivada do verbo grego *ἑρμηνεύω*, que significa interpretar, explicar e tambem demonstrar e ensinar, emprega-se geralmente para designar a arte d'interpretar as palavras dos outros.

A Hermeneutica juridica é communmente definida a arte d'interpretar as leis,<sup>1</sup> e chamam-lhe tambem Exegese, do verbo grego *ἐξηγέομαι*, palavra que sendo a principio applicada a interpretação das cousas sagradas, começou depois de Leibnitz<sup>2</sup> a ser empregada tambem na jurisprudencia.

Aquella definição de Hermeneutica juridica parece-nos insufficiente. Em 1.º lugar, porque limitada ás leis, deixa de fóra do seu quadro não só o direito consuetudinario, mas tambem differentes diplomas, que não dimanam do poder legislativo, taes como os decretos, portarias etc.<sup>3</sup> e as sentenças, contractos e disposições d'ultima vontade. Em 2.º lugar porque suppõe que a Hermeneutica juridica deve ter necessariamente por thema um dado texto e por fim a sua explicação.

Para remediar o primeiro defeito basta substituir, como fazem quasi todos os modernos,

a palavra *leis* pela palavra *direito*. Nesta comprehende-se realmente tudo quanto indevidamente a primeira definição excluia e conserva-se até melhor o sentido natural das palavras *Hermeneutica juridica*.

Superfluo é mostrar que esta sciencia deve applicar-se a todas as fontes do direito; mas como as sentenças, contractos e disposições d'ultima vontade são differentes do que vulgarmente se entende por fontes de direito, e parecem á primeira vista alheios da Hermeneutica juridica, daremos a este respeito uma breve explicação.

O direito ás vezes é tão rigoroso, que não permite aos particulares o modificarem as suas disposições. Tal é por exemplo a lei que estabelece a inalienabilidade dos bens vineulados, as leis penaes, etc. Outras vezes porém limita-se a legislar sobre os casos em que os cidadãos não providenciaram, tolerando que elles regulem as suas relações por modo diverso do estabelecido na lei. Taes são as disposições, que tractam das successões legitimas, e outras muitas a respeito dos contractos. Ao direito no primeiro caso podemos com Savigny<sup>4</sup> chamar absoluto, e comprehende as leis imperativas e prohibitivas<sup>5</sup>; no segundo caso podemos, com o mesmo escriptor, chamar-lhe suppletivo, ou com outros facultativo<sup>6</sup>.

Quando o direito é puramente facultativo, o cidadão tem de certo modo o poder de legislar: assim que aos testamentos chama com razão o §. 5.º da nossa lei de 25 de junho de 1766 actos legislativos, e o mesmo podemos dizer dos outros actos juridicos.

Estes pois têm tanto direito a pertencer á Hermeneutica juridica como as proprias leis facultativas, e nós veremos que elles devem interpretar-se, como se estivessem incorporados na propria legislação.

<sup>1</sup> Eckhard *Herm. Jur.* §. 22, sr. Carneiro *Prim. linh.* de *Herm.* §. 12 e outros.

<sup>2</sup> Na nova *method. discenda docendaque jurispr.* publicada primeiro anonyma em 1667, e depois em 1748, diz Leibnitz que toda a sciencia de direito consta, como a de theologia, de quatro partes: a dogmatica que tracta do direito corrente, a historica que examina o tempo e modo como o direito foi introduzido, reformado ou revogado, a *exegetica* que se occupa das fontes, e a polemica. Ed. de 1748 p. 26.

<sup>3</sup> Vej. em Hugo *Civilist Magazin* 2.ª aufl. vol. IV. pag. 89—134 uma longa demonstração de que as leis não são as unicas fontes das verdades juridicas.

<sup>4</sup> Tr. de Dr. Rom. liv. 1.º cap. 2.º §. 16 pag. 54 da trad. franc. de 1840.

<sup>5</sup> Esta distincção das leis em imperativas e prohibitivas é com razão impugnada por Savigny *log. cit.* p. 56, porque se não funda senão na fórma affirmativa ou negativa, que o legislador deu á lei. Comtudo acha-se adoptada por quasi todos os escriptores.

<sup>6</sup> O cit. Savigny censura o nome de *facultativas*, que communmente se dá ás leis a que elle chama *suppletivas*. Mas aquella denominação é expressiva, porque ao mesmo tempo que revela a existencia d'uma lei *subsidiaria* das declarações da vontade juridica dos particulares, mostra que estes têm o direito de *legisar* por diverso modo.

As sentenças também devem pertencêr-lhe, porque constituem direito para as partes entre quem são proferidas.

A definição portanto, que dá por objecto a Hermeneutica jurídica a interpretação do direito, é, por mais extensa, preferível á que primeiro referimos<sup>1</sup>.

Essa definição poderia bastar para remediar o segundo defeito da primeira, se não andasse espalhada pelos tractados e pelas escholhas uma idéa falsa, por incompleta, ácerca da missão d'esta sciencia. Suppõe-se geralmente que ella se limita a dar as regras, que nos auxiliam a transportar d'um texto dado para o nosso espirito todo o pensamento do legislador encerrado 'nesse texto. Segundo esta idéa os preceitos que nos instruem no modo de supprir as lacunas da legislação, e de resolver as contradicções que apparecem 'nella, não devem pertencer á Hermeneutica jurídica. Felizmente os que sobre ella escreveram têm tido cuidado de nos dar alguns d'esses preceitos; e o uso da combinação do texto que se quer explicar, com outros logares a que chamam parallelos, é antiquissimo e mui frequente nas notas dos glosadores.

Apezar porém d'estes preceitos, como não eram filiados 'numa concepção clara da Hermeneutica jurídica, esta não podia apparecer em toda a sua luz nem encaminhar-se ao seu verdadeiro fim.

Segundo a comprehendo, a Hermeneutica jurídica deve ensinar-nos a reconstruir todo o direito: positivo, de sorte que este forme um systema completo e harmonico<sup>2</sup>. Ella demostra-se ás vezes 'num texto determinado, como o architecto se demora a alicear a pedra que tem de ajustar no edificio. Analysa cuidadosa uma lei, palavra por palavra, periodo por periodo; appropria-se do character e opiniões do legislador que a fez; estuda as circumstancias do tempo, em que foi publicada; investiga os motivos, que a produziram; compara-a emfim com as outras leis parallelas, que a restringem ou ampliam ou esclarecem. Mas estes trabalhos parciaes são apenas meios, de que ella se serve para chegar ao seu fim.

Esse não o tem conseguido senão depois que produziu a Synthese harmonica e completa do direito.

O seu primeiro processo é sem dúvida a analyse, mas deve ir subindo d'esta para a synthese, da qual tornará a descer para corrigir os defeitos inevitaveis da primeira, e elevando-se d'esta novamente para aquella, achará

ahi muito que compôr e aperfeiçoar. Este trabalho de cada vez que se repete produz sempre algum melhoramento na jurisprudencia, porque os estudos exegeticos são tanto mais proficuos e seguros, quanto mais completos e solidos são os trabalhos syntheticos, e estes sobem tanto em perfeição quanto aquellos augmentaram em certeza e fecundidade.

A analyse muito minuciosa e exclusiva dos textos produz, como produziu já, a jurisprudencia casuistica. A synthetica, desajudada da analyse, acaba por substituir ao imperio da lei o dominio da opinião. A Hermeneutica deve reunil-as ambas para as empregar como meios, até produzir a verdadeira synthese do direito, que é o seu ultimo scopo.

Este modo de considerar a Hermeneutica permittir-nos-ha tractal-a com aquella ligação scientifica, que falta nos differentes tractados, e desde já nos auctorisa a inculcal-a como importantissima para os estudos e progressos do direito.

A Hermeneutica jurídica tem (abstrahindo das regras da grammatica e logica) uma parte geral, que é applicavel ao direito de qualquer povo. Mas assim como a grammatica tem regras geraes, e outras especiaes accommodadas ao genio e indole da lingua d'um dado povo, assim a Hermeneutica tem uma parte especial appropriada ao character e structura particular do direito de cada nação. Os Hermeneuticos têm mostrado practicamente que não desconhecem esta verdade, e porisso é que Eckhard, por exemplo, tracta em separado do modo de interpretar o direito romano, o canonico e o germanico.

A Hermeneutica tem tambem uma parte theorica e outra practica: A primeira diz os principios geraes, que devemos ter em vista para reconstruirmos o systema do direito. A segunda observa esses principios e os põe por obra, practicando essa reconstrucção, até a deixar completa.

O nosso fim é tractar da Hermeneutica do direito portuguez. Mas como as fontes do nosso direito são de mui diversa natureza e origem, o nosso trabalho teria de ser muito vasto, porque antes de applicarmos o direito subsidiario ás necessidades do nosso, temos de estudar aquelle na sua pureza, e portanto de aprender os principios privativos da sua Hermeneutica. Além d'isto, segundo o fim que attribuímos a esta sciencia, fôra mister construir com o seu auxilio todo o systema do direito portuguez, obra que não podia caber nos apertados limites d'este jornal. Restringir-nos-hemos, pois, á parte theorica da Hermeneutica do nosso direito, e na parte practica cuidaremos só de investigar o espirito da nossa legislação, em todos os seus ramos sim, mas apenas nos pontos fundamentaes.

*Continúa.*

A. M.

<sup>1</sup> Savigny, cujas idéas adoptamos em muitas materias da Hermeneutica, reconhece a p. 202 que a interpretação jurídica não se limita ás leis, mas inscrevendo o cap. 4 liv. 1.º « interpretação das leis » dá a entender que ella deve ter por base um dado texto, o que não é verdade nos casos, em que a legislação é omissa.

<sup>2</sup> Em que consiste a harmonia do systema formado pelo artificio do interprete, no logar proprio o diremos.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pagg. 88.

L. Em quanto isto se passava no senado, em quanto, verificada a delação dos legados e de T. Voltucio, se lhes decretavam premios, os libertos e alguns clientes de Lentulo, dispersos por diferentes bairros e ruas, incitavam os artífices e escravos para o tirem da prisão; e outros procuravam cabeças de motim, costumados a excitar por dinheiro sublevações no estado. Cethego mandava rogar aos seus escravos e libertos, mais escolhidos por desembaraçados e atrevidos, que armados rompessem em tropel até onde elle estava.

O consul, apenas soube d'estes preparativos, poz sentinelas aos conjurados, como o aconselhavam o tempo e as circumstancias; e propoz em pleno senado, que se deliberasse sobre o que deveria fazer-se aos réus presos. Pouco antes, já o senado por maioria os tinha julgado traidores á república. Então, pedindo-se em primeiro logar o parecer de Decimo Junio Silano por ser consul designado, votou elle pena de morte contra os réus presos, e contra L. Cassio, P. Furio, P. Umbreno, Q. Annio, quando se prendessem; mas ao depois, muito abalado pelo discurso de C. Cesar, disse que seguiria a opinião de Tiberio Nero, que foi: que se tornasse a votar com guardas dobradas, e depois de nova informação.

Lí. Cesar, quando lhe tocou falar, pedindo-lhe o consul o voto, deu-o 'nestes termos:

« Todos os homens, padres conscriptos, que « deliberam sobre cousas duvidosas, devem « despir-se de compaixão, ira, odio e amiza- « de: quando taes affectos cegam a alma, não « pode ella ver a verdade: ninguém serviu ao « mesmo tempo a pacíficos e interesses. Muito « pode um espirito livre; mas se o possuem « paixões, dominam estas, e elle nada vale. « Muitos reis, muitos povos, padres conscri- « ptos, poderá eu memorar, a quem a com- « paixão ou a ira inspiraram resoluções funes- « tas; mas prefiro lembrar-me dos rasgos de « justiça e prudencia, praticados por nossos « maiores contra os impulsos do coração.

« Na guerra da Macedonia, que tivemos com « o rei Perseu, a cidade de Rhodes, essa grande « e opulenta cidade, que devia ao povo romano « sua opulencia e crescimento, foi-nos infiel « e hostil. Terminou a guerra, deliberou-se « sobre a offensa; e nossos maiores, para que « se não pensasse, que as riquezas e não a in- « juria dos Rhodios tinham sido a causa da « guerra, deixaram-os impunes. Em todas as « guerras punicas, tendo Carthago em tempo « de paz e de treguas committido mil perfidias

« atrozes, já mais fizeram elles outro tanto em « represalia, preferindo assim actos dignos « de si ao que com justiça podiam fazer a « seus inimigos. Tende tambem vós, padres « conscriptos, egual cautella; não possa com- « vosco o crime de Lentulo e dos outros mais « que o proprio decoro; não prezeis mais a « ira que a fama. Se é possivel achar pena « proporcionada a similhante crime, approvo a « innovação que se propõe; mas se a gran- « deza do attentado excede quanto a imagi- « nação dos homens pode inventar, limite-mo- « nos aos castigos que as leis estabelecem.

« A maior parte dos que votaram antes de « mim, lamentaram com pomposa eloquencia « as desgraças do estado: pintaram os horro- « res da guerra, a triste sorte dos vencidos, « os roubos das virgens e mancebos, os filhos « arrebatados do seio das mães; as mães en- « xovalhadas a bel-prazer do vencedor, os tem- « plos saqueados, as casas, Roma inteira, cheia « de carnificina, de incendios, de armas, de ca- « daveres, de sangue, de universal tristeza.

« Mas, deuses immortaes, para que vêm taes « discursos? Para vos fazer odiar a conjura- « ção? Certo, aquelle que não se abalar com « um crime tão grande e tão atroz, inflamar- « se-ha com palavras? Não: ninguém reputa « pequenas as proprias injurias; antes o resen- « timento de muitos tem sido ás vezes maior « do que era justo. Mas nem tudo é permitido « a todos, padres conscriptos. O homem do « commun, de vida obscura, se deliniqui por « colerico, poucos o sabem; o seu nome e o « seu estado correm parelhas: mas as acções « dos grandes e poderosos são sabidas de todos. « Assim, a maxima elevação anda acompanhada « da minima liberdade: o grande não pode ter « nem amor, nem odio; e ira, menos que « tudo. O que nos outros se chama colera, « no magistrado é despotismo e crueldade.

« Sem dúvida, padres conscriptos, eu enten- « do que todos os supplicios são pequenos para « tamanho crime; mas no commun dos homens « só ficam as ultimas impressões; e, quanto aos « facinorosos, esquecem-se as suas culpas, e só « se fala nos seus castigos, quando foram um « pouco mais severos.

« Eu bem sei, padres conscriptos, que tudo « quanto ha dicto Decio Silano, homem de re- « solução e valor, o disse por amor do bem « publico; que em materia tão grave nem odio « nem favor o guiaram: conheço-lhe o chara- « cter e a prudencia. Não me parece truel o « seu voto, (e que pode haver cruel contra « homens taes?) mas é contrario á constitui- « ção da república. Sem dúvida, Silano, ou foi « o medo ou a gravidade do delicto, que te fez « propor, sendo consul designado, um novo ge- « nero de castigo. De temor escusado é falar, « quando, pelas diligencias do nosso preclarissi- « mo consul, tantas guardas se acham em ar- « mas. Sobre o castigo posso dizer o que é cer-

« to: na afflicção, na miseria, não é supplicio  
 » a morte, é descanso aos trabalhos: ella põe  
 » termo a todos os males da vida, e alem da  
 » morte não ha prazeres nem magoas.

« Mas por que motivo, deuses immortaes,  
 » não accrescentaste no teu voto, que fossem  
 » primeiro açoutados? Foi porque a lei patria  
 » o prohibe? Outras leis tambem prohibem sen-  
 » tenciar os cidadãos á morte, e só permitem  
 » desterrar-os. Foi porque os açoutes são mais  
 » crueis que a morte? E que pena pode haver  
 » acerba e nimiamente cruel contra réus con-  
 » vencidos de tamanho crime? E, se foi por jul-  
 » gares a morte castigo mais leve, como se  
 » respeitará a lei em cousas pequenas, trans-  
 » gredindo-a em cousas tão grandes?

« Mas, dir-me-hão, quem poderá censurar o  
 » que se decretou contra parricidas da répu-  
 » blica? Quem? O tempo, as circumstancias,  
 » a fortuna, cujo capricho governa o mundo.  
 » Sim: elles merecem tudo, o que lhes aconte-  
 » cer; mas vós, padres conscriptos, considerai  
 » o que ordenais contra elles. Todos os mãos  
 » exemplos nasceram de bons principios; mas  
 » quando o governo passa ás mãos de igno-  
 » rantes ou mal intencionados, aquelle novo  
 » exemplo, outr'ora applicado justamente aos  
 » que o mereciam, applica-se hoje contra os que  
 » não o merecem.

« Os Lacedemonios, depois de vencerem os  
 » Athenienses, elegeram trinta magistrados  
 » para governar a república. Estes ao prin-  
 » cipio mataram sem forma de processo os ho-  
 » mens mais facinorosos e malquistos; e o povo  
 » alegrava-se e applaudia. Logo entrou a cres-  
 » cer o despotismo; culpados e innocentes fo-  
 » ram arbitrariamente mortos, e todos aterra-  
 » dos; e assim com a escravidão pagou aquelle  
 » povo bem, caro a sua estulta alegria.

« Em nosso mesmo tempo, quando Sylla ven-  
 » cedor mandou degolar a Damasippo e outros,  
 » que se tinham engrandecido sobre as ruínas  
 » da patria, quem não louvou tal acção? Ho-  
 » mens scelerados e facciosos, que perturbavam  
 » com sedições a república (diziam todos), me-  
 » reciam a morte. Mas esta foi a origem de  
 » uma terrivel carnificina; pois todo o que cu-  
 » biçava a casa, a quinta, e por fim um movel,  
 » um vestido de outro, trabalhava por mettel-o  
 » na lista dos proscriptos! Por isso, os mesmos  
 » que folgaram com a morte de Damasippo,  
 » foram d'ahi a pouco arrastados ao supplicio,  
 » e não terminou a carniceira, senão depois  
 » que Sylla fartou de riquezas todos os seus.

« Tal procedimento, eu não o receio nem  
 » de M. Tullio, nem no tempo presente; mas  
 » em um grande estado ha muitos e diversos  
 » genios: em outros tempos, com outro con-  
 » sul, que tenha tambem ás mãos um exercito,  
 » pode julgar-se verdade uma impostura; e  
 » quando, com tal exemplo, um consul por de-  
 » creto do senado desembainhar a espada,  
 » quem o poderá conter ou moderar?

« Aos nossos maiores não faltou já mais scien-  
 » cia nem valor: a soberba não os impediu de  
 » imitar as instituições dos outros, contando  
 » que fossem boas. Adoptaram as armas offen-  
 » sivas e defensivas dos Samnites, e dos Tos-  
 » canos muitas insignias dos magistrados; em  
 » uma palavra, tudo quanto achavam apro-  
 » veitavel entre alliados ou inimigos, logo vi-  
 » nham practical-o na patria; queriam antes  
 » imitar os bons, que invejar-os. Mas tam-  
 » bem 'naquelles tempos, imitando os gregos,  
 » açoutavam e condemnavam á morte os cida-  
 » dãos. Augmentou-se a república; com o cres-  
 » cer da população crescem a intriga; a calu-  
 » mnia entrou a atacar a innocencia, e com-  
 » metteram-se outros crimes similhantes. Isto  
 » fez promulgar a lei Porcia e outras, que per-  
 » mittiram o desterro aos mesmos condemnados  
 » á morte. Esta razão, padres conscriptos, pa-  
 » rece-me ponderosa para não admittirmos in-  
 » novações. Mais valor, mais sciencia houve  
 » por certo em nossos maiores: elles de peque-  
 » nos principios formaram um vasto imperio;  
 » nós mal conservamos a sua honrosa herança.

« Mas quererei eu por isso, que os réus se  
 » soltem, e vão engrossar o exercito de Ca-  
 » tilina? De modo nenhum. O meu voto é:  
 » confiscuem-se-lhes os bens; sejam elles dis-  
 » persos em prisões pelos municipios mais bem  
 » fortificados; nem no senado nem perante o  
 » povo ninguém fale mais 'nelles; e desde já  
 » declare o senado inimigo do estado e da vida  
 » dos cidadãos todo aquelle que fizer o con-  
 » trario.»

*Continúa.*

## CHIMICA.

Emprego, na pintura, do sulfato de baryta arti-  
 ficial, em vez do alvaiade e oxido de zinco.

É bem conhecida a importancia commer-  
 cial do alvaiade ou carbonato de chumbo.  
 É empregado principalmente na pintura, pela  
 sua bella cor branca, por sua opacidade, e  
 pela facilidade, com que se mistura com os  
 oleos siccativos. Tambem se emprega, para  
 formar o vidro, que esmalta as faianças finas.  
 O esmalte, que reveste os bilhetes de visitas,  
 e que lhes dá o aspecto de porcellana, tam-  
 bem se obtém pela applicação do alvaiade.

Grandes inconvenientes porém resultam do  
 uso d'esta substancia. O primeiro, e certa-  
 mente o mais grave, é a acção venenosa,  
 que exerce sobre a economia animal, e que  
 possui em commum com todas as combi-  
 nações do chumbo. Assim, os pintores, e  
 principalmente os operarios das fabricas d'al-  
 vaiade, são frequentemente atacados de coli-  
 cas violentas, e finalmente de paralyzia dos  
 intestinos e dos membros inferiores, que só  
 termina com a morte.

Outro inconveniente, é a facilidade, com que se decompõe pelo gaz sulphydrico; transformando-se em sulfureto de chumbo, que é negro: as pinturas feitas com esta materia, têm o defeito d'enegrecer em presença das emanções sulfurosas.

Para evitar estes inconvenientes, a industria moderna vulgarizou o emprego do oxido de zinco em vez do carbonato de chumbo nos principaes usos da pintura. Infelizmente porém, esta substituição não é tão vantajosa como ao principio se suppunha, porque ainda que o oxido de zinco não enegrece pela acção do gaz sulphydrico, parece todavia que a sua manipulação não é tão innocente como se julgava.

Já ha muito, que o sulfato de baryta, misturado com o alvaiade, servia na pintura ordinaria de decoração; mas as suas applicações, depois dos recentes trabalhos de M. Kulmann, sobem de valor, e promettem uma revolução completa nos processos da pintura.

O sulfato de baryta artificial, applicado em camadas successivas, por meio da gelatina ou da fecula, na pintura *à tempera*, e com uma mistura de silicato de potassa e de fecula, na pintura *a oleo*, cobre perfeitamente as superficies, e produz tal alvura e tamanho lustre, que o mais fino alvaiade jámais pode imitar.

Na industria, já este producto tem sido objecto de algumas applicações com o nome de *branco fixo*; e serve na estamparia dos papeis pintados, e na preparação dos bilhetes de visitas, lustrosos e esmaltados, para formar uma superficie branca e asetinada. Além d'isto, é inalteravel pelas emanções do gaz sulphydrico, e offerece a importante vantagem, de ficar por um preço, dous terços menor, que o do alvaiade e oxido de zinco.

Além de todas estas vantagens, o emprego do sulfato de baryta realisa uma grande economia, permitindo, em grande numero de circumstancias, substituir a pintura *à tempera* á pintura *a oleo* e a essencia de terebenthina. As condições hygienicas dos pintores melhoraram consideravelmente. Não só acabam os desastrosos effeitos a que estão sujeitos os que preparam ou trabalham com o alvaiade e oxido de zinco, mas tambem se evita o inconveniente, não menos grave, do cheiro da essencia de terebenthina e de outros oleos essenciaes.

O sulfato de baryta é um producto, que se pode manipular sem receio algum, porque a sua acção sobre a economia é completamente inoffensiva. Em quanto que alguns decigrammas de alvaiade e oxido de zinco podem produzir sobre a saude profundas alterações, o sulfato de baryta pode ser ingerido na economia em doses elevadas sem perigo algum. Um pequeno cão, tendo o peso de  $2\frac{1}{2}$  kilogrammas, recebeu dois dias successi-

vos, nos alimentos, e em uma só refeição, 22 grammas de sulfato artificial de baryta, sem que apparecesse o mais leve incommodo do animal.

Por consequencia, o branco de baryta, applicado por meio da gelatina, ou ainda melhor, com uma mistura de fecula e silicato de potassa, substitue vantajosamente o alvaiade e oxido de zinco, substancias venenosas, e que não constituem côres fixas; dispensa o emprego dos oleos essenciaes; e realisa grande economia nos processos tão dispendiosos da pintura.

S. DE C.

*Extracção d'uma moeda de quarenta reis, pataco, retida por trez dias no exophago. Processo d'applicação da pinça exophagiana, promovendo ao mesmo tempo o vomito, por titillações na vulva.*

Li na gazeta medica de Paris de 14 de fevereiro do corrente, uma observação, que refere o dr. J. Kuhn de Niederbronn, acerca da extracção d'uma moeda de cinco francos retida no exophago, abaixo da região laryngea, para o que construiu um muito simples instrumento; e diz elle que fôra induzido a fazer a sua publicação, por ter visto em o n.º da mesma gazeta de 3 de janeiro ultimo, um caso similhante d'uma peça de moeda, extrahido do exophago, com ajuda do colchete de Graaf.

No meu caso não foi possível fazer a extracção com o colchete de Graaf, nem com o gancho de Petit; e tambem hoje vejo que nem com o instrumento de Mr. Kuhn o seria: e como o consegui com a pinça exophagiana, para a qual proponho uma modificação, que por aquella occasião me occorreu, me deliberei a dar publicidade á seguinte observação.

No dia 18 de janeiro de 1855 se me apresentou Maria Martins, idade 14 annos, filha de José Martins Hippolyto, natural de Silveira, freguezia d'Oim, districto d'Aveiro. Tinha na sua terra, e no dia 16 do mesmo mez, mettido na bôcca um pataco, e por descuido o engulira.

O pataco desceu até perto do terço inferior do exophago, pois que a doente affirmava que o sentia abaixo das clavículas. Disse-me que a haviam collocado de cabeça para baixo, dando-lhe murros nas costas, e lhe tinham medido com uma penna no fundo da bôcca para promover o vomito; mas o pataco não tinha saído: disse tambem que desde o successo, não pôdéra mais engulir cousa alguma.

Quiz verificar dando-lhe agua a beber, e mesmo com a idéa de lhe applicar algum vomitivo; vi porém que a doente nada absolutamente podia engulir. Tive toda a dúvida

em calcar o pataco para o estomago, por me lembrar que devia ter grande difficuldade em atravessar o pyloro e a valvula de Bauhim, assim como, pela sua posição, em percorrer o colon ascendente.

Em todos estes pontos devia ter grande demora, se é que chegasse a vencel-os; e ainda mesmo vencendo-os, não seria antes de ter produzido o envenenamento pelos saes de cobre, resultado da acção dos acidos do estomago e intestinos sobre o pataco: além de muitos outros inconvenientes, este foi o que me deliberou a tentar a extracção pela bôcca, e no caso de a não conseguir, indicar á doente que entrasse no hospital, para ahi se proceder á exophagothomia.

Sentada a doente 'numa cadeira, introduzi no exophago o colchete de Graaf, não conseguindo fazel-o passar abaixo do pataco; e o mesmo aconteceu com o gancho de Petit, isto talvez por não empregar certa força necessaria para distender as paredes do exophago; mas receava com ella empurrar o pataco para o estomago, por isso que o não podia amparar da parte inferior. (Vantagem que tinha o dr. Kuhn, porque além de ser uma moeda de prata, como só estava abaixo da região laryngea do exophago, como elle diz, podia com os dedos pollex e indicador da mão esquerda, collocados lateralmente acima das clavículas, comprimir o exophago, e obstando assim a que a moeda descesse, empregar com o instrumento, dirigido pela mão direita, a força necessaria para com elle descer abaixo da moeda).

Conclui pois, que havia grande contracção das paredes do exophago sobre o corpo estranho; e não convido empregar força no sentido perpendicular, achei que o meio era distender as paredes do exophago no sentido transversal, empregando para isso a pinça exophagiana.

Logo da primeira applicação consegui apanhar o pataco, fiz algumas tracções, mas a pinça largou-o; segunda tentativa, o mesmo resultado; e ainda que apertava fortemente os aneis da pinça, conheci que nas pontas não havia força para vencer a contracção do exophago: foi por isso que me occorreu a modificação que proponho a este instrumento, como abaixo menciono.

Vendo que era necessario dilatar mais o exophago, procedi do modo seguinte. Appliquei novamente com a mão direita, a pinça exophagiana, e tendo com as pontas seguro o pataco, fiz titillações na uvula com a rama d'uma penna dirigida pela mão esquerda, e no acto, em que o exophago se dilatou com o movimento antiperistaltico promovido pelas titillações, fiz novas tracções retirando a pinça, conseguindo trazer ella o pataco. Offereci um caldo á doente, e tive o gosto de lh'o ver engulir sem incommodo, não me constando

que depois occorresse algum accidente consecutivo.

Recommendo a idéa de promover o vomito, como practiquei, combinado com as tracções, que tenham de fazer-se na extracção de corpos estranhos do exophago; por isso que dilatando-se elle por este meio, não só se vencerão muitas difficuldades, mas sempre se fará esta operação com mais segurança e suavidade.

A pinça de que me servi tinha de comprimento trinta e dous decímetros, e como o eixo está proximalmente no meio, ficava distante dos aneis ou das pontas quinze a dezeseis decímetros. Supponho que, por ser muita a distancia, que vai do eixo ás pontas, é que não tinha força sufficiente para vencer a contracção, que o exophago exercia sobre a moeda, e com vista de a augmentar, me occorreu fazer 'nesta pinça uma modificação, consistindo em collocar o eixo no terço proximo das pontas, dando tambem aos ramos a modificação, que Mr. Charrière fez ás tenazes para a extracção da pedra da bexiga, e mesmo ás pinças de curativo; fazendo passar o ramo esquerdo por cima do direito, e este inversamente, a fim de que as pontas possam ter o maior afastamento, sem desviar muito os ramos entre si.

Este instrumento não perde nada das suas vantagens com a minha modificação, por isso que é inutil as pontas afastarem-se quando se abrem, como acontece 'naquella de que me servi, que é das communs; e se ella assim modificada se não abre tanto, é sufficiente para os usos, em que tem de empregar-se; e ficando o eixo mais proximo das pontas, ficarão estas com mais força, o que é o meu fim.

Darei uma breve descripção do instrumento de Mr. Kuhn, pela simplicidade e facilidade em se construir, quando se não possa haver outros, e mesmo porque, em casos especiaes, tem vantagens sobre os conhecidos.

Não é mais que um fio de ferro d'um millimetro de grossura e de comprimento de 6 a 7 decímetros.

Depois de se lhe ter feito desaparecer algumas asperezas, que tenha, dobra-se pelo meio, formando uma ansa de 16 a 20 millimetros de diametro transversal. Arredonda-se bem a ansa, e fixam-se as extremidades dos dous ramos uma á outra, por meio d'um fio encerado, faz-se uma especie de gancho dobrando a ponta da ansa com tenazes, tendo o cuidado de que fique com as dimensões necessarias para poder abraçar e reter a moeda, que se tenta extrair, o que se deve experimentar antes de fazer uso d'este instrumento, adaptando-lhe uma peça similhante áquella, que queremos extrair.

Para facilitar a introduccão no exophago, dá-se uma accommodada curvatura aos ramos, e já se vê que segundo esta curvatura é feita



'num ou 'noutro sentido, assim o gancho se acha na face concava ou convexa do instrumento; e como o gancho pode passar adiante ou atraz da peça metálica, pode offerecer-lhe ou não a abertura conforme a tenha na face convexa ou concava; portanto, depois d'uma tentativa infructuosa, deve-se mudar a curvatura dos ramos, a fim do instrumento poder apresentar a parte aberta á peça metálica.

Coimbra 5 de julho de 1857.

IGNACIO RODRIGUES DA COSTA DUARTE.

## BIBLIOGRAPHIA.

Instituições de Direito Administrativo Portuguez.

POR

**Justino Antonio de Freitas,**

Lente da cadeira de direito administrativo na Universidade de Coimbra.—Coimbra Imprensa da Universidade, 1857.

O direito público portuguez e o administrativo, que é um ramo d'elle, têm estado entre nós tão faltos de cultura litteraria, que quem os desejar saber a fundo precisa de entregar-se a improbas fadigas.

O direito público propriamente dicto ainda hoje se acha no estado, em que o deixaram as obras, mui valiosas sim, mas já mui affastadas do estado actual das cousas, de Mello Freire e Borges Carneiro<sup>1</sup>.

O direito administrativo porém desde o impulso, que em 1849 lhe deram os snrs. Castro Neto, e Coelho de Campos<sup>2</sup>, vae conciliando a attenção dos nossos homens de letras.

Comprazemos-nos de registar estes trabalhos litterarios, que harmonisam a legislação, facilitam o conhecimento dos direitos e obrigações dos cidadãos, e abrem assim o caminho á lei e á liberdade, fechando-o ao arbitrio das auctoridades e ao capricho dos poderosos.

A obra, que acima annunciamos é meritoria não sómente pelo que presta para a regularidade do serviço administrativo, mas prin-

cipalmente por satisfazer a uma necessidade mui urgente no ensino d'este ramo do nosso direito.

Não havia compendio por onde se aprendesse nas nossas escholae. No primeiro anno que se abriu a cadeira de direito administrativo, tomava-se para texto o livro de *jure publico* do sabio Mello Freire. Era o mesmo, que ensinar physica pelas obras de Aristoteles. Depois adoptou-se o Manual de Vauvilliers, que logo no anno seguinte foi substituido pelo de Pradier Fodéré, compendios sem prestimo algum para o estudo do direito administrativo portuguez. Anno passado, o conselho da faculdade de direito auctorizou o professor a ordenar as preleções, pelo modo que lhe parecesse melhor, desauctorizando assim os compendios anteriormente adoptados. É palpavel o inconveniente que resultava d'este arbitrio forçado, porque nem os alumnos tinham um livro que os auxiliasse a acompanhar a explicação do professor, e lhes lembrasse as datas das leis, nem o substituto da cadeira, quando fosse chamado a regê-la, saberia que materias se tinham explicado e quaes restavam por explicar.

Neste aperto accudiu o sr. Justino de Freitas com as suas *instituições de direito administrativo portuguez*. Infelizmente por ora não está publicada senão a primeira parte, que tracta dos principios geraes de direito administrativo e da administração local. A segunda parte, que deve tractar da administração geral será a mais util por ser aquella sobre que o direito é mais abundante e menos cultivado, mas o auctor promete tractar-a<sup>3</sup> e de certo lhe sobram as forças para levar a cabo a sua util empresa.

Na parte publicada ha uma virtude, que falta nas poucas obras, que sobre o nosso direito administrativo se tem tirado a lume; é a ordem e systema, condições necessarias tanto para o ensino como para a vida practica, que não dá tempo para consultar muitas vezes o indice, e procurar as materias destroncadas por diferentes logares do livro.

Parece-nos, porém, o compendio ás vezes um tanto casuistico, o que em parte é filho do character da nossa legislação administrativa, que a custo deixa de reflectir-se nas obras scientificas, em parte nasceu da louvavel vontade de soccorrer o ensino na grande pressa em que se achava, e em parte proviria talvez de desejo, que o auctor tivesse de appropriar o seu livro tambem para o uso dos corpos e funcionarios administrativos, perante quem as resoluções tomadas em alguns negocios especiaes pelas portarias do governo têm um valor e prestigio de certo exagerados.

Tambem nos parece que a historia devia ter no livro maior sorte.

<sup>1</sup> Com quanto Borges Carneiro intitulasse a sua obra « direito civil portuguez, » achamos ahi tractados muitos pontos de direito público até o fim do tit. 9 do liv. 1.º, e nos titulos 33 até 37 do mesmo livro. Não mencionamos uma obra do sr. conselheiro Mexia Salema por ainda não estar completa, e omittimos outras por não merecerem particular menção.

<sup>2</sup> Não fallamos aqui das preleções do sr. conselheiro Basilio Alberto de Sousa Pinto publicadas em 1849 por dos de seus discipulos á face dos apontamentos, que lhe tomaram na aula porque desgrazadamente esse excellente opusculo comprehende só uma pequena parte do direito administrativo.

Hesitámos se escreveríamos aqui o nome do sr. Coelho de Campos, porque as suas duas edições do Cod. Adm. anotado (1849 e 1854) são anonymas. Mas deu-nos o zelo de fazer conhecido um nome benemerito atrevimento para rompermos com a modestia do auctor.

Em politica e administração a historia é tanto como a philosophia. Se esta nos ensina para onde nos cumpre caminhar, aquella mostranos o terreno, em que estamos e as forças, que nos movem, occultas na condição e indole do povo, que se não forma nem transforma 'num dia. Se nós tivéssemos consultado melhor a historia, não teriamos consumido tanto tempo em experimentos estereis de bem e fecundos em males, nem teriamos rompido loucamente com o passado destruindo hoje o que amanhã precisamos de reconstruir, gastas na ruina e reedificação as forças que poderíamos empregar em melhoramentos fructuosos e solidos. Levam-nos insanas tentativas a nacionalidade; abalam-nos as instituições, arrefecem-nos as creanças, influem-nos desconfianças, ateiam-nos os odios, e fazem-nos até desgostosos da liberdade.

Felizmente já vamos atinando com o caminho, mas para que a nossa mocidade não desatine de novo, devemos enriquecê-la com a experiencia dos tempos, com o conhecimento da historia, de modo, não, que fique immovel na contemplação do passado, mas sim que não vá precipitada anticipar o futuro. Se esta sciencia é util em todo o direito, no público e administrativo, é não só util, senão indispensavel.

Nos temos, é verdade, uma cadeira destinada em parte ao estudo historico da legislação portugueza. Mas ahi a historia deve occupar-se mais de restabelecer a verdade material dos factos, do que de moralisal-os, porque não chega para mais, nem o tempo, nem a intelligencia dos alumnos principiantes. Depois em cada um dos ramos especiaes do direito, o estudo da historia toma novo aspecto, indicando-se apenas os factos principaes para serem avaliados á luz da philosophia.

Eis o que falta no aliás importante livro, de que nos occupamos<sup>1</sup>.

Pelo menos conviria que o auctor nos desse mais conhecimento da legislação antiga, porque assim é necessario para entendermos a actual. Se, por exemplo, não soubermos que aos prefeitos de 1832 e aos administradores geraes de 1836 succederam os governadores civis, ignoraremos a quem pertencem hoje attribuições, que leis anteriores, mas ainda vigentes, conferiam ás auctoridades d'aquellas denominações.

Mas não devemos esquecer-nos de que as *instituições de direito administrativo portuguez* são entre nós a primeira obra d'este genero; e que para a levar ao estado, em que a possuímos teve seu auctor de lutar com muitas difficuldades, de que outro qualquer se não desenfundaria com igual resultado. A. M.

**Necrologio scientifico.**—A França acaba de perder um dos seus maiores ornamentos, o barão Luiz Agostinho Cauchy, o primeiro mathematico d'esta epocha. Nascido em Paris a 21 de agosto de 1788, morreu ás 4 horas da manhã de 23 de maio ultimo em Sceaux, de 68 annos de idade, conservando até aos ultimos momentos a mesma actividade e fecundidade que sempre o distinguiram na sua longa carreira.

Desde a idade de 14 annos em que entrou na escola polytechnica, entregou ao estudo das mathematicas, começou desde logo a tornar-se conhecido pela brilhante figura que fez' nesta escola; e dois annos depois attraia a attenção dos geometras, pela resolução d'um problema de grande difficuldade.

Concluido o curso da polytechnica de que M. Cauchy foi considerado o alumno mais distincto, entrou na Escola de pontes e calçadas, e ahi conservou egualmente o primeiro lugar. Acabados os estudos, começou em Cherbourg a carreira de engenheiro, e algum tempo depois era professor da escola, de que, como alumno, havia sido já um dos maiores ornamentos. Em 1815 obteve da academia das sciencias o premio grande de mathematicas por uma memoria sobre a theoria das ondas.

Em 1830 abandonou o magisterio, para não prestar juramento á monarchia de julho. Foi então immediatamente chamado pelo rei da Sardenha, e continuou em Turim na carreira do professorado, até que, por convite de Carlos X, foi encarregado de completar a educação do conde de Chambord.

Voltou depois á França. O governo de Luiz Felipe não lhe permittiu entrar de novo nas suas antigas funções; e o illustre geometra esteve desempregado até 1848, estudando sempre com o maior afincio, e enriquecendo as mathematicas com os mais preciosos trabalhos. Depois da aclamação da república, M. Cauchy retomou o seu lugar de professor, tendo sido dispensado do juramento; e continuou até aos ultimos instantes da vida naquella importante missão, que desempenhava com a maior dignidade.

M. Cauchy deixa a reputação d'um excellentemente homem, affavel no trato, e d'uma inabalavel fidelidade ás convicções religiosas e politicas, que tinha. Como sabio, a sua reputação é incontestavel. Não ha ramo algum das mathematicas puras e applicadas, a que o illustre nome de Cauchy não se ache ligado por alguma descoberta importante, ou aperfeiçoamento sensivel. São innumeraveis as memorias e notas scientificas que escreveu; a maior parte das quaes com muito proveito dirigem a quem se entrega ao estudo d'aquella sciencia.

<sup>1</sup> O ponto historico a que o auctor den mais consideração é o da origem e progresso das communas (em a nota da paz. 137 e segg.). Ali mesmo a historia d'esta importantissima instituição, entre nós, apenas occupa sete linhas.

M. Cauchy pertencia á secção de mechanica da academia das sciencias, de que havia sido nomeado membro em 1816; e occupava ahi a terceira cadeira, que em 1795 tinha pertencido a M. Leroy, e em 1797 a Napoleão Bonaparte. A precedencia era digna do successor.

#### Descoberta de um novo planeta.

Depois que em o numero do 1.º de julho noticiámos a descoberta de um novo planeta (44 dos asteroides), ao qual Mr. A. de Humboldt deu o nome de Nysa; foi já descoberto um outro em Paris por M. Goldschmidt, ás 11 horas e 30 minutos da noite de 26 de junho. O astro tem a apparencia d'uma estrella da 10.ª a 11.ª grandeza.

Com este são já trez os planetas descobertos em 1857.

**Piscicultura** — Ha em França um estabelecimento de piscicultura, que muito tem concorrido para propagar os processos de tão importante ramo d'industria rural. É o estabelecimento de Huningue.

O numero de pessoas, que em 1837, requisitou ovas a este estabelecimento, foi cinco vezes maior que nos dous annos antecedentes, e a distribuição foi em muito maior escala. Em 1837, participaram d'esta distribuição 59 departamentos francezes, em quanto que em 1855 e 1856 só se contaram 21 e 27. Os paizes estrangeiros tambem têm sido contemplados, sendo 9 os que em 1857 receberam semente.

O numero d'estabelecimentos e sociedades, que se occupam da piscicultura, e que estão em relações com o estabelecimento de Huningue, que em 1855 era apenas 7, subiu a 30 em 1857. Estes factos attestam verdadeiros progressos da piscicultura artificial.

**Cera vegetal.** — Entre os abundantes e uteis arbustos da Luiziania, ha um muito notavel, que é o *myrica-cerifera*, conhecido vulgarmente pelo nome de cerieiro da Luiziania, cirieiro vegetal.

Este arbusto, da familia das myrrhas, sempre verde, de folhas persistentes, e serriadas, tem 3 ou 4 metros d'altura, e cresce á borda dos rios, e em geral em todos os logares baixos e humidos. Produz annualmente um pequeno fructo, similhante pela fórma e volume á pimenta franceza. Este fructo, que é abundante em todos os ramos, é coberto de uma substancia branca, um pouco unctuosa, que é uma especie de cera.

Eis como se extrae este producto. Em uma caldeira de ferro esmaltada, ou de cobre estanhado, ferve-se uma pouca d'agua, na qual se mergulha o fructo, durante dous ou trez minutos, previamente envolvido em uma rede fina. Ao passo, que a agua arrefece, a cera,

que sobrenada, forma uma camada consistente e compacta, que facilmente se separa.

Pelos ensaios e tentativas que se tem emprehendido, está averiguado, que se o cerieiro vegetal fosse convenientemente cultivado, os seus fructos seriam mais copiosos, e produziriam muito maior quantidade de cera.

Este arbusto cresce egualmente em grande abundancia nos Attakapas e Taylor — County, Texas, Kentucky, e Florida.

**Vestidos incombustiveis.** — Tem-se experimentado recentemente em França vestidos incombustiveis, por meio dos quaes os bombeiros podem impunemente permanecer, por algum tempo, no meio de um edificio incendiado, expostos á acção directa das chamas, tocar e até transportar objectos incandescentes ou abrazados.

Estes fatos são formados de tecidos metallicos, d'amianto, e de panno tornado incombustivel pelo borax, alumen, e phosphato d'ammoniac.

**Universidades allemaãs.** — O numero dos estudantes de medicina nas universidades allemãs é 2:390, assim distribuidos:

Berlin, 265 — Bonn, 96 — Breslau, 142 — Erlangen, 106 — Friburgo, 48 — Giessen, 146 — Goettingue, 155 — Greifswald, 101 — Halle, 47 — Koenigsberg, 85 — Leipzig, 226 — Marburg, 73 — Munich, 239 — Rostock, 19 — Tubingue, 111 — Wburzbourg, 319. —

#### O Decano dos estudantes da Europa.

— A Universidade de Helsingfors, Finlandia, acaba de perder um dos seus alumnos, que podia passar pelo decano dos estudantes da Europa. Tinha 71 annos, vivia celibatario, e nunca quiz abandonar a Universidade, que reputava como uma verdadeira *alma mater*.

**Oleo de terra.** — A cidade de Rangoun na provincia de Pegu, por sua posição intermedia entre a India e a China, e por seus numerosos productos, está destinada a constituir dentro de pouco tempo uma importante praça de commercio.

O paiz produz abundantemente optimo arroz, excellentes madeiras para as construcções navaes, resinas, etc.; mas de todos os productos, o mais curioso, é o *oleo de terra*, objecto ainda novo na Europa.

O *oleo de terra* é extraído do solo, por meio de poços abertos pelos indigenas, ás vezes até 200 pés de profundidade. As minas, ou fontes d'este oleo são situadas a 150, 200, e 300 milhas de Rangoun. É limpo nos paizes quentes, e em regiões frias é verde e espesso; evapora-se promptamente.

Póde servir, segundo se diz, para fabricar

velas, e sabão, e também para a iluminação. À Inglaterra já chegaram trez navios carregados de óleo de terra.

#### Phosphorescencia dos insectos. —

Attribuem alguns auctores a phosphorescencia dos insectos a combustão lenta do phosphoro como parte constituinte do organismo d'estes animaes. M. Thornter Herapath, chimico inglez, reputa erronea esta opinião, porque as analyzes mais delicadas não descobrem vestigios de tal substancia no corpo dos insectos; o auctor pensa, que a luz phosphorescente se deve antes attribuir a um composto de carbonio e hydrogenio segregado por uma glandula particular.

**A piscicultura na China.** — Um missionario do celeste imperio, o abbede Vincent, escreve, que a piscicultura, que é conhecida na Europa, apenas ha alguns annos, é geralmente conhecida na China; não designando porém rigorosamente a epocha de que data o primeiro emprego d'estes processos.

« E um methodo bem conhecido aqui, diz este missionario, fallando do meio de multiplicar o peixe pelo transporte dos ovos fecundados, e duvido muito que o homem mais habil na Europa possa competir com o mais simples de nossos cultivadores 'nesta provincia. Nos logares que visito, ha grande apuro e perfeição 'nesta arte. Em trez mezes, os rios se povoam de peixes.

« Para colher as ovas, collocam-se em fevereiro e março molhos de palha ao longo dos rios, e todos os dias se apanham as ovas depositadas, para evitar que os peixes tão gulosos d'este manjar, as comam. Lançam-se depois em um pequeno reservatorio d'agua pouco profunda, onde não vivam peixes grandes.

« 'Nestas circumstancias, myriades de pequeninos peixes nascem das ovas sem perigo, e transportam-se depois para maiores reservatorios d'agua. Por este modo, um pequeno rio pôde produzir em trez mezes mais de 500 kilogrammas de peixe.»

### PROSPECTO.

## ARCHIVO PITTORESCO

### SEMANARIO ILLUSTRADO.

EDITORES PROPRIETARIOS

CASTRO, IRMÃO e C.<sup>a</sup> — Rua da Boa-Vista, 4 B.

Uma empresa, por ventura habilitada com os melhores meios que a arte fornece em Portugal, começou a publicação do semanario — **ARCHIVO PITTORESCO.** —

Poucas palavras explicam a missão do *Archivo*

Indo pedir á plastica a illustração das suas paginas, o *Archivo* procurou fomentar a nossa gravura em madeira, dar relevo á palavra, e abrir campo, em que as vistas curiosas espalrescessem, sobre as creações da arte, da natureza, ou da phantasia.

Jornal portuguez, e para portuguezes, o fim principal que se propoz foi ser util ou agradável a ambos os hemispherios, em que se fala a bella lingua, que immortalizou Camões.

Para o conseguir, ha de ir á natureza de Portugal, das suas ilhas, das suas possessões, e do seu irmão o Brazil, copiar os quadros, que são dignos de contemplação, e que extasiam os sentidos com a sua magestade.

A cada monumento perguntará a sua historia, a cada geração os seus costumes, a cada seculo a sua civilisação.

Penna e buril dar-se-hão mãos 'neste commettimento patriotico.

A par do que é mais distincto, entre os que escrevem na nossa rica e melodiosa lingua, forma a intelligente e esperançosa pleiade d'artistas, cujo talento e brios o ocio forçado estava a ponto de ir amortecendo de todo.

Conseguir fazer uma publicação do genero do *Archivo*, verdadeiramente portugueza, interessante e lisonjeira ás nossas artes, á nossa historia, e consentanea a todos os nossos adiantamentos, segundo as exigencias d'esta epocha, não fôra cousa facil, se a empresa não contasse com grande auxilio local da parte de todos os seus irmãos, que povoam ambos os mundos.

De Portugal e do Brazil, das ilhas adjacentes e das possessões ultramarinas, da nossa India, e da nossa China, sollicita o *Archivo* a collaboração de todos os portuguezes, e amigos de Portugal e de seus filhos, que comprehendam bem o alcance d'esta publicação, e queiram no que escreverem cingir-se ao seu espirito.

Se este semanario offerece a todos as suas columnas, e os buris dos seus gravadores, espera que não haja occasião de se dizer já-mais, que, appellando a tão fraternaes e illustrados sentimentos, corações generosos ficaram mudos, e não responderam ao abraço que de longe lhes offerecia, atravez das serras e dos mares, a empresa do *Archivo Pittoresco*.

Condições da assignatura do *archivo pittoresco*.

Anno .....	2\$000
Mez .....	200
Numero avulso .....	50
Para fóra de Lisboa, anno...	2\$200

As pessoas que se dignarem subscrever para o **ARCHIVO PITTORESCO**, poderão fazel-o em qualquer prospecto d'estes devolvendo-o aos editores proprietarios CASTRO, IRMÃO e C.<sup>a</sup> — Rua da Boa-Vista, 4 B. Lisboa.

*Discussão do valor da função perturbadora R, dado pela serie do n.º 48 do liv 2.º da Theoria analytica do systema do mundo de Pontécoulant, 2.ª edição, no caso em que se desprezam os quadrados das forças perturbadoras; e indagação da menor ordem dos termos d'este serie; que dependem de um argumento dado.*

Continuado de pag. 96.

A simples inspecção d'este valor mostra, que quando se procura a menor ordem dos termos de  $R$  que dependem de um dado argumento, o termo geral de  $R$  terá a fórmula  $T = K \frac{\text{sen}}{\cos} p (nt + s) \frac{\text{sen}}{\cos} q (n't + s) \frac{\text{sen}}{\cos} I (n't - nt + s' - s)$ ; onde  $K$  designa um coefficiente, cujo termo de menor ordem é da ordem  $p + q$ . O termo precedente pôde mudar-se ainda em outros da forma  $T = L \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I \pm q) n't - (I \mp p) nt + A \} \dots \dots \dots (14)$  sendo ainda  $L$  da ordem  $p + q$ .

Notemos de passagem que podemos 'nesta discussão considerar  $I$  positivo no termo geral (6), pois que o signal negativo de  $I$  conservaria o signal do coseno, e apenas mudaria o do seno, isto é, o signal do coefficiente  $H$ ; signal que aqui nos é indifferente considerar; podemos pois tomar  $I$  como positivo no termo (14).

Analysemos agora o termo (14), e para isso consideremos primeiramente o signal superior de  $q$ , e teremos  $T = L \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I + q) n't - (I \mp p) nt + A \} \dots \dots \dots (15)$ ;

chamando  $i'$  o coefficiente de  $n't$ , e  $i$  o de  $nt$ , será para o signal superior de  $p$ ,  $i' - i = q + p$ ; que é a ordem do coefficiente  $L$ ; e para o signal inferior  $i' - i = q - p$ , d'onde se tira  $i' - i + 2p = q + p$ : assim no 1.º caso a ordem do termo é  $i' - i$ , e no 2.º  $i' - i + 2p$ .

Consideremos agora no termo (15) o signal superior de  $p$ , e busquemos outro termo de  $R$  da mesma fórmula, e que tenha o mesmo argumento, isto é,

$T' = L' \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I + q_i) n't - (I \mp p_i) nt + A_i \}$ , sendo  $L'$  da ordem  $p_i + q_i$ ; e sendo tam-

bem  $I_i + q_i = I + q$ ; e  $I_i \mp p_i = I - p$ ; d'aqui se tira  $p + q = q_i \pm p_i$ ; assim de entre os termos que tem o mesmo argumento  $i'n't - int$  uns são da ordem  $q_i + p_i = p + q = i' - i$ ; e outros da ordem  $q_i + p_i = q + p + 2p_i = i' - i + 2p_i$ ; por consequencia  $i' - i$  é a menor ordem dos termos que dependem do argumento  $i'n't - int$ .

Consideremos agora no termo (15) o signal inferior de  $p$ , e busquemos outro termo de  $R$  da mesma fórmula, e dependente do mesmo argumento, isto é, de ordem tal que seja  $I_i + q_i = I + q$ ;  $I_i \pm p_i = I \mp p$ ; d'aqui se tira  $q - p = q_i \mp p_i$ ; assim de entre os termos que tem o mesmo argumento  $i'n't - int$  uns são da ordem  $q_i + p_i = q - p = (I + q) - (I - p) = i' - i$ ; e outros da ordem  $q_i + p_i = q - p + 2p_i = i' - i + 2p_i$ ; e por consequencia, ou tomemos o signal + ou o signal - de  $p$ , será  $i' - i$  a menor ordem dos termos que dependem do argumento  $i'n't - int$ ; e por esta analyse se conclue que taes termos existem sempre.

Se no termo (14) considerassemos o signal + em  $p$  e o signal  $\pm$  em  $q$  teriamos, mudando os signaes dos angulos,  $T = -L \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I + p) nt - (I \pm q) n't + A' \}$ , d'onde se tirariam as mesmas consequencias, dizendo a respeito de  $i - i'$  o que acabamos de dizer a respeito de  $i' - i$ .

Se uma das quantidades  $i$  ou  $i'$  fosse positiva e a outra negativa,  $i' - i$  se mudaria em  $i' + i$ ; e pelo que acabamos de mostrar, será  $i' + i$  a menor ordem dos termos que dependem do argumento  $i'n't + int$ .

Se ambas as quantidades  $i$  e  $i'$  fossem negativas, o termo (14) mudar-se-ia em

$T = L \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I \mp p) nt - (I \pm q) n't + A \}$ , que, conservando a mesma fórmula, conduz ás mesmas consequencias que deduzimos para  $i$  e  $i'$  positivos.

D'aqui se conclue que, querendo aproveitar entre os termos de  $R$  só os que forem da ordem ( $r$ ) escusamos de attender aos termos que dependem dos argumentos  $i'n't - int$  nos quaes seja  $i' - i > r$ .

Vejamos agora qual é a fórmula dos termos da menor ordem que dependem do argumento  $i'n't - int$ .

Se no termo geral (13) mudarmos o producto dos senos ou cosenos em senos ou cosenos de arcos multiplos, elle se mudará em outros da fórmula

$T = K \frac{\text{sen}}{\cos} \{ (I + g' + g''') n't - (I - g - g'') nt + (I + g' + g''') s' - (I - g - g'') s - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha' \} \dots (16)$

onde  $g, g', g'', g'''$  são números positivos ou negativos, e inteiros, visto que os coeficientes dos angulos nos valores de  $u, u', v, v', z, z'$ , são todos inteiros; além d'isso o coeficiente  $k$  é da forma  $k = \{ (g + g' + g'' + g''') + (g + g' + g'' + g''' + 2) + \text{etc.} \}$ , como se deduz da fórmula do termo (13); isto é, da ordem  $g + g' + g'' + g'''$ , sendo aqui consideradas estas quantidades como positivas, visto que em  $u, u', v, v', z, z'$ , não ha expoentes negativos em  $e, e', tg \frac{1}{2} \varphi, tg \frac{1}{2} \varphi'$ ; se pois fizermos  $I + g' + g''' = i'$ ;  $I - g - g'' = i$ , teremos

$$g + g' + g'' + g''' = i' - i \dots \dots \dots (17)$$

$$\text{e o termo (16) tornar-se-ha em } T = k \frac{\text{sen}}{\cos} \{ i'n't - i'nt + i'i' - i'z - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha' \} \dots (18)$$

assim, se  $g, g', g'', g'''$  forem todos positivos no argumento d'este termo, sera pela equação (17)  $i' - i$  a ordem do coeficiente  $k$ ; se porém alguma d'estas quantidades for negativa no dicto argumento,  $g$  por exemplo, a equação (17) dará  $-g + g' + g'' + g''' = i' - i$ ; ou  $g + g' + g'' + g''' = i' - i + 2g$ ; sera pois 'neste caso  $i' - i + 2g$  a ordem do coeficiente  $k$ ; isto é, do termo (18).

A equação (13) pôde achar-se de outro modo, notando que o valor de  $R$  é independente da origem das longitudes; porque tanto o angulo  $(n't + i') - (nt + i)$ , como os angulos  $nt + i - \omega$ ,  $nt + i - \alpha$ ,  $n't + i' - \omega'$ ,  $n't + i' - \alpha'$  que 'nelle entram pelos valores de  $u, u', v, v', z, z'$ , são differenças de angulos contados da mesma origem: se pois no argumento do termo (18) augmentarmos as longitudes da quantidade  $\psi$ , este argumento se tornará em  $i'(n't + i' + \psi) - i(nt + i + \psi) - g(\omega + \psi) - g'(\omega' + \psi) - g''(\alpha + \psi) - g'''(\alpha' + \psi)$ , e como elle deve ficar o mesmo qualquer que seja  $\psi$ , é forçoso que seja nullo o coeficiente de  $\psi$  no mesmo argumento; será pois  $i' - i - g - g' - g'' - g''' = 0$ , ou  $g + g' + g'' + g''' = i' - i$ , que é a mesma equação (17).

Se considerarmos agora os valores (2), (3), (5) de  $u, v, z$ , veremos que o coeficiente de  $\frac{\text{sen}}{\cos} f \omega$  tem sempre por factor pelo menos a potencia  $f$  de  $e$ , e o coeficiente de  $\frac{\text{sen}}{\cos} f \alpha$  tem

sempre por factor pelo menos a potencia  $f$  de  $tg \frac{1}{2} \varphi$ ; e o mesmo acontece nos valores de  $u', v', z'$ : ora os angulos  $\omega, \omega', \alpha, \alpha'$  só entram em  $R$  pelos valores de  $u, u', v, v', z, z'$ ; mas no termo geral (18) o argumento contém os angulos  $g\omega, g'\omega', g''\alpha, g'''\alpha'$ , logo  $k$  tem por factor o producto  $e^s, e'^s, tg^s \frac{1}{2} \varphi, tg^{s'} \frac{1}{2} \varphi'$ , sendo estes expoentes todos positivos pela razão acima dada; considerando pois sómente os termos da menor ordem no coeficiente  $k$ , isto é, sómente a parte  $k = H e^s e'^s tg^{s''} \frac{1}{2} \varphi tg^{s'''} \frac{1}{2} \varphi'$ , sendo  $H$  independente de  $e, e', \varphi, \varphi'$ ; o termo geral (18) tornar-se-ha em

$$T = H e^s e'^s tg^{s''} \frac{1}{2} \varphi tg^{s'''} \frac{1}{2} \varphi' \frac{\text{sen}}{\cos} (i'n't - i'nt + i'i' - i'z - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha'), \text{ que é visivelmente o termo da menor ordem que depende do argumento } i'n't - i'nt + i'i' - i'z - g\omega - g'\omega' - g''\alpha - g'''\alpha'; \text{ e esta ordem é } g + g' + g'' + g''', \text{ ou } i' - i \text{ pela equação (17).}$$

De tudo o que deixamos dicto se segue que, suppondo reunidos todos os termos de  $R$  que dependem do argumento  $i'n't - i'nt$ , o seno ou coseno d'este argumento terá por factor uma serie infinita cujo 1.º termo é da ordem  $i' - i$ , e os outros de ordem superior: se pois fizermos  $e = h\beta$ ;  $e' = h'\beta$ ;  $tg \frac{1}{2} \varphi = h''\beta$ ;  $tg \frac{1}{2} \varphi' = h'''\beta$ , este coeficiente terá  $\beta^{i' - i}$  por factor; e suppondo  $i' - i$  successivamente igual a  $0, 1, 2, \dots n$ , etc., a serie que dá o valor de  $R$  será da fórmula  $R = k_0 + k_1 \beta + k_2 \beta^2 + \dots + k_n \beta^n + k_{n+1} \beta^{n+1} + \text{etc.} \dots (19)$  onde  $k_0, k_1, k_2, \dots k_n$ , etc., representam funcções taes, que se não aniquilam quando  $\beta = 0$ ; para que a serie (19) fosse convergente, seria preciso mostrar que  $\frac{k_{n+1}}{k_n} \beta$  tende para um limite  $< 1$ ; mas para isto seria preciso conhecer a fórmula dos coeficientes  $k_{n+1}$  e  $k_n$  o que não é facil; entre tanto é muito provavel que os coeficientes  $k_{n+1}$  e  $k_n$  sejam pouco differentes entre si, e por isso a sua relação pouco differente da unidade; o que, sendo verdadeiro, daria a serie (19) muito convergente por ser  $\beta$  muito pequeno.

O que deixamos dicto pode talvez servir de fundamento á demonstração rigorosa da convergencia da serie que dá o valor de  $R$  no caso das pequenas excentricidades e inclinações.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## DISCURSO PRELIMINAR

DA

QUARTA EDIÇÃO DO *METHODO PORTUGUEZ*

### CASTILHO

Offerecido pelo auctor á consideração de todas as pessoas illustradas, patrioticas e influentes.

O consumo, em tão poucos annos, de uma edição de mil exemplares, d'outra de dois mil, d'outra de quatro mil; a fundação e conservação de tantas escolas, em S. Miguel, em Portugal, e no Brazil; a notoriedade da excellencia e abundancia dos seus fructos; os depoimentos favoraveis e conteses dos professores, que as regem; o louvor liberalisado no parlamento e na imprensa por tantos entendimentos dos mais distinctos, trazem já hoje confirmada a primazia do *methodo-portuguez*; primazia aliás intuitiva, e que as longas e minuciosas disputações tornaram ainda mais evidente. É um assumpto exaustivo; é uma verdade assente; e já agora inconcutível. Passemos portanto a outras considerações.

Porque não tem este methodo conquistado ha já muito as escolas todas? Por que razão, ao passo, que se dilata pela America, permanece estacionario no paiz, que o produziu, se porventura não tem nelle perdido nos ultimos tempos alguma parte das suas conquistas para a civilisação? Por muitas causas obvias, e conhecidas: primeira, porque era novidade; e bastava esta; segunda, porque deslocava, ou parecia deslocar, suppostos interesses consagrados pela posse; terceira, porque se lhe não deu, como convinha, attenção e amparo; amparo positivo e eficaz; quarta, porque, além dos preconceitos, que forçosamente haviam de actuar nos espiritos da maioria dos mestres contra uma theoria, que se lhes representava difficilissima de comprehender, e contra uma practica mais trabalhosa, segundo a elles se figurava, tinham mais que esperar para os seus interesses pessoais e domesticos de se conservarem fideis ao passado, fosse elle qual fosse, do que de se aventurarem pelegadores voluntarios a bordo de uma não, que, por entre cerrações e tempestades, desferia

temerarias vélas, caminho de um oriente recondito á maior parte dos espiritos.

D'aqui as resistencias, d'aqui as defeccões, d'aqui o estar apenas plantado e seguro um systema, que já podéra ter bracejado para toda a parte os seus ramos floridos, verdes, fructuosos, e de sua natureza multiplicativos.

Todos hoje fallam da conveniencia, da necessidade, da obrigação, de se olhar deveras pela instrucção pública; a creação de um ministerio especial para ella, acaba de ser patriotica e eloquentemente proposta, e sustentada, accepta no parlamento. Appareça esse ministerio, dignamente provido e servido, e a questão do ensino primario para o maximo numero, no menos tempo, e com os mais satisfatorios resultados, será logo das primeiras a primeira. Proceder-se-ha, sem dúvida, a um inquerito serio e amplo, tantas vezes pedido, e sempre recusado, do que são em boa verdade a escola velha e a escola nova; e sobre o veredicto dos factos, testemunhas eternamente insuspeitaveis, o *methodo-portuguez*, ou será de uma vez para sempre prohibido, ou de uma vez para sempre abraçado pela nação para o ensino e melhoramento de seus filhos. A coexistencia official de dois systemas oppostos em tão grave e delicado assumpto, em assumpto de tamanhas e tão vastas consequências, é perante o bom senso, um escandalo; é perante a humanidade uma abominação, a que, de um modo ou d'outro, importa, e urge se ponha ponto.

Convindo que o novo ensino seja exactamente conhecido, para poder ser avaliado; havendo muitissimas pessoas, que o ignoram; muitas, que só têm d'elle noções criveas, ou incompletas; e não faltando até quem de industria lhe escureça os meritos, e lhe levante indesculpaveis testemunhos, vamos expôr aqui, o mais succintamente que podermos, o que é o *methodo portuguez*, convencidos, como estamos, de que os homens, que legislam, os que governam, os que administram, os que pela imprensa influem na opinião, e emfim todos os que, directa ou indirectamente, podem contribuir para o desejavel acerto na organização das escolas primarias, alguma vantagem acharão em fixar as suas idéas num assumpto que, pela sua natureza especial, rudimental e aparentemente minima,

nunca talvez occupára as suas meditações, e sobre o qual, todavia, o sentenciar com justiça ou injustiça, ninguém dirá que seja indifferente.

O *methodo-portuguez* tomou como primeira base sua, as seguintes verdades:

— *Que os alumnos, que elle tem de doutrinar, entram para a escola do ler e escrever só iniciados, e mal, na lingua patria.*

— *Que estes mesmos alumnos são, na generalidade, crianças dotadas pela natureza, como todas as crianças, de imaginação, vivacidade, inconstancia, necessidade e desejo de instruir-se, tendencia para associar o desconhecido ao conhecido, predisposição insita para a analyse, e sobretudo (ponto capital) tão propensas á benevolencia, como á alegria, e tão instinctivamente levadas ao movimento, com que medra o corpo e a saude, como ás cogitações, em que a luz da intelligencia lhes caminha sempre adiante da memoria.*

O *methodo-portuguez* tomou como segunda base sua, o seguinte aphorismo social:

— *Que, tendo todos os homens direito a ser iniciados na sciencia, e não sendo possivel nem ao estado, nem aos particulares, ter um mestre para cada criança, ou para cada pequeno grupo de crianças, o ensino a todos preferivel será aquelle, que, sem deixar de ser completo e perfeito, se poder exercer com equalidade sobre multidoes de necessitados.*

Finalmente o *methodo-portuguez* tomou como terceira base sua, o dogma fecundissimo d'este seculo:

— *Que o tempo é a maior de todas as riquezas.*

Sobre estas trez bases, bem assentes e conjunctas, a saber: indole natural da infancia; necessidade de doutrinar os mais possivel, pelos menos possivel; e economia de tempo; tractou de se constituir logicamente; e assim se compoz: de clareza, e amenidade; de ritmo, e simultaneidade; de sobriedade, e rapidez.

A clareza e a amenidade ficaram sendo sua essencia intima de *methodo*; o ritmo e a simultaneidade, o revestimento do mesmo *methodo*, o seu accessorio complementar, o seu *modo* de acção. A sobriedade e a rapidez foram producto necessario da consociação d'este *modo* com aquelle *methodo*.

O primeiro empenho do mestre sensato e humano, é ser mestre elle proprio para todos os seus ouvintes; mestre querido e escutado. O seu primeiro trabalho, é portanto fazer de toda a classe, confiada ao seu affecto esclarecido, um só alumno moral, e sempre attento; que todo elle ouça o mesmo; que todo elle entenda e pense o mesmo; que todo elle diga e faça o mesmo; uma só percepção; um só discurso; uma só voz; de cem individuos, um producto identico, uniforme, irreprehensivel. Para a resolução d'este problema, o compasso era

condição imprescriptivel. O compasso, o *ritmo*, é da natureza e tem por isso mesmo um certo agrado, que lhe é privativo; não só a musica e a dança não podem prescindir do ritmo, sem se aniquilarem, senão que as marchas e evoluções dos exercitos não saberiam dispensal-o; a voga arrancada, que faz voar uma embarcação, pararia em tumulto, se com o *ritmo* se não avinentasse.<sup>1</sup>

Para preparar ás suas proximas lições o seu alumno colectivo com a destreza e habito rithmico, á falta de um *compassador mechnico*, recorre ás vozes regularisadas, por accenos, ás palmas, que podem acompanhar essas mesmas vozes, e aos passos de marcha, que podem com estas mesmas palmas coincidir. No emprego alternado ou simultaneo d'estes trez meios naturaes, ha a vantagem hygienica do movimento e a vantagem moral do gosto, que affeição á escola, ao guia, e ao estudo. Entretanto, appressemos-nos em dizel-o: se as marchas e as palmas, com quanto empregadas em toda a parte na industriação dos recrutas, continuarem, depois d'estas explicações, a figurar-se, a algum mestre, coisas, não sabemos porque, indecorosas e inadmissiveis, embora as supprima. Priva-se de um recurso, mas não destróe o *methodo*, uma vez que suppra estas regulações do ritmo por qualquer outro *modo*, que se o não fizesse, nunca o bom senso lh'o perdoára.

Senhora do ritmo toda a classe, o instituidor, que tem de ensinar a ler palavras e a escrever palavras, principia racionalmente por fazer com que os seus curiosos discipulos pronunciem bem, e reconheçam em todas suas partes essas mesmas palavras, materia prima da leitura e da escripta; porque das trez artes de communicação dos espiritos entre si, a primeira, a fundamental, a natural<sup>2</sup>, é a do fallar. Ensina e faz executar, sempre mediante o ritmo, a divisão da palavra em syllabas, processo de extrema facilidade, pois recitando-se de vagar qualquer vocabulo, logo por si mesma apparece esta divisão, que foi tambem, e não podia deixar de ser, o primeiro expediente a que recorreu o inventor, quem quer que fosse, da prodigiosa arte de escrever.

Não é tudo comparar os vocabulos em syllabas; pois a maior parte das syllabas hão-de ser representadas aos olhos, não por um signal unico, mas por um grupo de signaes distinctos. Passa-se portanto a segundo exercicio, filho, homogeneo d'este primeiro, e já por elle facilitado. O mestre ensina e faz exe-

<sup>1</sup> Ver o que sobre o ritmo escreveu com tanta philosophia como elegancia o nosso amigo Leite, director da escola normal de Lisboa, já citado nos prologos da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> edição.

<sup>2</sup> Mr. Court de Gebelin sustenta que o fallar é dom de Deus, transmittido pela natureza ao homem, e não invenção humana.



cutar, sempre mediante o rithmo, a divisão de cada syllaba de um vocabulo dado nos elementos sónicos, de que ella se compõe. Se, recitados pelo mestre os elementos sónicos de uma palavra, os discipulos a reconhecem: *leram auricularmente*. Se, sendo-lhes pelo mestre proposta uma palavra integralmente, elles a reduzem aos seus elementos: *escreveram vocalmente*. Estes dois processos, ou antes esta biforme repetição do mesmo processo, constitue a *leitura auricular alternada*.

Além do prestimo, que todos os pensadores reconhecerão, e que a experiencia tem demonstrado, 'neste exercicio, de predispor com mais de meia habilitação para a leitura visual, e para a escripta manual, ha ainda 'nelle duas outras grandes e providencias vantagens, a saber: a de clarificar a pronuncia, corrigiudo em poucos dias gaguezes e vicios, que aliás se invetérã, e ficam para toda a vida; e a de emendar um espantoso numero de termos, que no uso da plebe correm geralmente estropeados.

Postos os alumnos 'neste bom e plano caminho, de decomposição e recomposição da palavra fallada, embora se não achem ainda de todo perfeitos 'numa e 'noutra prática, principia o mestre a ensinar as letras, isto é, os signaes visiveis correspondentes aos já conhecidos elementos sónicos.

Dos elementos sónicos, uns são *vozes*, outros *inflexões*, ou modificações ás mesmas *vozes*; a estas duas classes de elementos ouviveis, correspondem logo necessariamente outras duas classes de elementos visiveis, ou *letras*: ás *vozes*, as *vogaes*; ás *inflexões*, as *consoantes*.

As *vogaes* e as *consoantes*, apesar de differirem entre si como os substantivos e os adjectivos, ensinavam-se misturadas; o *methodo-portuguez* extremou-as, e fez das vogaes, das *letras substantivas*, das mais nobres, a sua primeira prelecção visual. Nas prelecções subsequentes foi agrupando as consoantes, ou *letras adjectivas*, segundo certas relações mutuas, que entre ellas se notavam.

Tanto as vogaes como as consoantes se ensinavam, antes do *methodo-portuguez*, com duas lamentaveis deficiencias, de que resultava o desbaratarem-se, em tormentos, largos mezes para se saber o alphabeto, e ainda depois do alphabeto sabido, não se poderem logo decifrar as palavras escriptas, uma vez, que as letras 'nellas empregadas apparecessem alli com valor diverso d'aquélle com que originariamente se haviam romcado. Á ambas as faltas acudiu providente o *methodo*; mostrou em cada letra a sombra de uma certa figura, que, ou já era conhecida pelos alumnos, ou facilmente se lhes deu a conhecer; a forma da letra nunca mais pôde ser esquecida; á figura, consociou-se uma singella explicação, ou divertida historia, que deu razão perceptivel do som, que á letra, sombra sua, se

attribuia. Se a letra era das que, como o *e*, como o *o*, como o *c*, como o *s*, podem apparecer com diversos valores na leitura, a historia da sua figura, de todos esses valores deu conta e razão, todos elles ficaram, como a forma da letra, imperturbavel e inseparavelmente pregados na memoria.

Resultado liquido; as 50 letras dos alphabetos maiusculo e minusculo, com todos os seus 42 valores em cada alphabeto, aprenderam-se e apprendem-se em poucas horas em vez de estirados mezes, em que se apprendiam mal, ou de todo se não apprendiam.

É da natureza do espirito humano, menosprezar e abhorrecer as coisas, em que não descobre prestimo. O alumno da eschola velha odiava o estudo das letras, cujo uso na composição das syllabas não podia advinhar; assim como depois abominava o estudo das syllabas, cujo uso na composição dos vocabulos era para elle outro mysterio; o *methodo*, pelo seu horror a arcanos insensatos, quiz que, apenas as letras se entrassem a conhecer, se entrassem, sem mais demora, a lèr palavras; na primeira hora em que mostrou, explicou, e fixou as seis vogaes, deu a decifrar, e decifram-se, palavras compostas só com ellas.

Logo que, contentes e exforçados com esta inesperada conquista, os alumnos decoraram avidos o primeiro grupo de consoantes, novas e numerosas palavras formadas da combinação d'estas consoantes com aquellas vogaes, e escriptas em grandes caracteres no quadro preto do topo da aula, entraram a ser, como as primeiras, delettreadas e sempre rithmicamente pelo côro; e assim se proseguiu de grupo em grupo de consoantes até ao fim do alphabeto.

D'entre os variados valores com que muitas das letras nos apparecem na escripta, versateis como outros tantos Protheus, alguns são sujeitaveis a regras. A eschola velha nunca as ensinou, nunca as soube; o *methodo*, formulou-as em um codigo breve e claro, para ir com ellas acudindo aos principiantes nas suas perplexidades.

Estas regras verificadas e rimadas, folgam as nossas crianças de as cantar; sendo esse canto mais um atractivo, que as chama para a eschola, e mais um mordente para a memoria, que, ora pelos sons musicos se recorda das palavras, ora, pelas palavras, dos sons musicos. Estes cantares, dependentes da escolha do mestre, são: 'numas partes, melodias colhidas nas melhores operas; 'noutras, toadas populares e plebeias, que, por esta via, se arrancaram ás obscenidades das ruas, para se enobrecerem com o deposito de conhecimentos uteis. Repitamos porém do canto, o que já considerámos sobre as palmas: se a algum mestre parecer indecoroso, que umas pobres crianças cantem regras na eschola, quando tantas senhoras e donzellas cantam

amores nas salas, e até nos templos se cantam as festas e as exequias, supprima tambem o canto; se a rima lhe parecer ainda pouco circumspecta, supprima a rima; se o verso mesmo lhe parecer inferior á sua gravidade, desmanche-o em prosa; comtanto porém que deixe intacta a idéa, que tinha ousado incarnar-se no metro, ornar-se da rima, enflorar-se da musica, porque a musica, a rima e o metro, são meros accessórios, enquanto a idéa entra na essencialidade do *methodo-portuguez*.

A leitura feita pelo côro nas palavras do quadro preto, varia-se e transforma-se, para renovar e prender de continuo a attenção. Ha os *termos logographicos*, em que as syllabas diversamente combinadas produzem outros vocabulos; ha em qualquer vocabulo o prompto expediente de lhe ir apagando tal ou tal letra, no principio, no meio, no fim, ou do fim para o principio, seguidas, ou saltadas, o que, sobre deleitar, exerce a reflexão, pois 'num relance se deve decidir, se a combinação das letras, que restam, é ou não, compativel com a indole da nossa lingua.

Não é tudo conhecer a letra redonda; convem começar com cedo a decifrar a manuscrita; nada mais facil: o mestre vai insensivelmente abastardando nos seus themas do quadro a letra romana, e inclinando-a á feição da epistolar; a poucos dias andados, uma e outra são decifradas com equal presteza.

A *pontuação*, alma do periodo, não tinha regras nem quasi se apreciava na eschola antiga; o *methodo-portuguez* mnemonisou-a por figuras, como fizera ás letras; e, com as narrativas d'essas figuras, gravou nas memorias a quantidade da pausa, o agudo ou grave do tom e a inflexão de cada um d'esses signaes.

Em seguida á leitura côral no quadro, poz a leitura côral nos livros, e 'nesta seguiu ainda o seu modo geral de proceder: do mais simples e facil, para o mais composto, difficil e perfeito; fez primeiro traduzir o periodo a letra e letra nos nomes das figuras suas correspondentes; depois fez com que todas as suas letras se traduzissem nos respectivos elementos sónicos, já repartidos para syllabas; depois, fel-os lêr por syllabas, cada uma d'ellas inteira e umas das outras separadas; depois, fez lêr por palavras, umas de outras desconexas, mas cada uma já por si inteira e viva; finalmente, fez lêr as palavras, já ligadas como no uso corrente do fallar. 'Nestes trez ultimos processos, a pontuação foi dada pelo côro com exaggeração de tons e pausas, afim de melhor se apreciar e se reter.

A leitura individual, feita saltadamente pelos alumnos para se conservarem todos attentos, e executada moderando-se já as intonações e repouso da pontuação, e reduzindo-se ao que devem ser 'numa leitura animada e graciosa, completa e corôa esta parte

do ensino. Não se deve deixar aqui no escuro, que o grande principio da simultaneidade não é applicado por nós só á leitura da letra redonda, senão tambem e com equal fortuna á do manuscrito; a eschola velha, mandava (e manda) a cada discipulo trazer qualquer papel de letra de mão: uma folha de um processo, um rol da tenda, uma carta de uma cosinheira, quasi sempre sem pontuação, sem orthographia de especie alguma, sem o minimo laibo de senso commun.

O *escrever* aprende-se quasi ao mesmo tempo que o lêr, segundo o *methodo-portuguez*; os dois estudos alternam-se e auxiliam-se; mas eis aqui, por sua ordem, e em resumo, os principaes processos d'este segundo tyrocinio.

Duas coisas são necessarias para bem escrever: *orthographia* e *calligraphia*. O mestre, depois de ter armado os seus discipulos de ardosias e de lapis bem tomados entre os dedos, como pennas, dicta uma palavra. Elles decompõe-n-a em elementos, no que não podem errar, e logo, em acto continuo, dizem qual é a figura, isto é, a letra, que 'naquella palavra corresponde a cada um d'aquelles elementos, no que já podem errar, e muitas vezes erram a principio. O mestre emenda; elles repetem as figuras já correctamente.

A orthographia do vocabulo, que deve ser exarado na pedra, está segura; resta desenhar os caracteres. Uma *resenha-alphabetica*,<sup>2</sup> de letra redonda e manuscrita, está patente aos olhos de todos. Cada um vae d'ella trasladando, a uma e uma, as letras que tem de pôr. Não se tracta ainda de escriptura magnifica; e já, todavia, sob algumas d'aquellas máosinhas vem a calligraphia alvorecendo.

Correntes 'neste primeiro processo, passam a calcar bons originaes calligraphicos, soto-postos a papel transparente ou vidro-fôsko, (*papeis-vidros*,<sup>3</sup>)

'Nestes originaes calligraphicos ha, em cada um, um desenho simples, que, sendo calcado assim como o é a letra, inicia para o desenho a mão bisonha, ao mesmo tempo que a aprimora no escrever. A idéa d'este enlace de dois estudos uteis, julgamos que pertence originariamente á Allemanha.<sup>4</sup>

Expeditos e habeis 'neste segundo trabalho, promovem-se a copiar para os mesmos vidros-fôskos, ou para as ardosias, aquelles originaes.

<sup>1</sup> Exercícios de leitura manuscrita para uso das escholas pelo *methodo-portuguez-castilho*, escolhidos e ordenados por Luiz Filipe Leite, director da eschola normal primaria de Lisboa. — 1 vol. — Vende-se nas lojas do costume, preço 120 réis.

<sup>2</sup> *Resenha-alphabetica*, grande quadro parietal, vende-se nas lojas de livros do costume, preço 240 réis.

<sup>3</sup> *Papeis-vidros*, vendem-se nas lojas de livros e objectos de desenho, preço 240 réis, e com uma collecção de 12 *trastados-calligraphicos*, 480 réis.

<sup>4</sup> Collecções de *doze* traslados d'estes, se acham á venda nas lojas do costume, preço 240 réis, e meias collecções a 120 réis.

O papel commum e a penna com tinta, são a terceira phase; mas o trabalho é ainda de copia.

A quarta e ultima é a escripta de periodo, accentuadamente dictado pelo mestre. Aqui devem os alumnos junctar pela sua reflexão propria, a uma orthographia ethimologica regular, e a um lançado de letras elegantes, bem dispostas em linhas horisontaes e equidistantes, a punctuação exigida pelo tom do recitador.

As qualidades da escripta dos adestrados pelo *methodo-portuguez*, são as que unicamente se devem pedir, e direi até, permittir á eschola primaria popular: *clareza com facillidade; elegancia sem luxo: acerto de orthographia e de punctuação.*

Assim se perfazem a um tempo os dois ensinios: o da leitura, sem syllabarios somnolentos; o da escripta, sem regrads, pautas, riscos ou ligações; ambos com perenne variedade e constante satisfação.

Se algum mestre entender na sua preocupação a herança do compasso, lapis e régua e traslados de riscos e ligações, conserve muito embora todas essas rémoras, e torne com ellas menos atilados os olhos, e menos destra a mão dos seus discipulos; ruim serviço lhes fará, privando-os do que os nossos estão colhendo; amputará do *methodo* um ramo consideravel; mas, como respeite o resto, não o haverá esterilizado no principal.

A numeração arabiga e a romana foram, pelo *methodo-portuguez*, mnemonisadas como as letras e a punctuação, e com identico resultado. O uso dos numeros nos calculos pertencia a outra ordem de idéas; tinha de ficar sendo, como sempre fôra, um estudo sobre si.

O *methodo-portuguez* não facilitou, nem difficultou a arithmetica. Premuniu para ella os seus alumnos, versando-os no lér e escrever numeros, como no seu titulo, e nos seus compromissos, se continha.

A *doutrina christã* e a *grammatica* eram tambem disciplinas independentes do lér e escrever. A um e outro d'estes dois estudos auxiliou ainda assim o *methodo-portuguez*, já estabelecendo o ritmo, com cujo auxilio os leitoresinhos noveis podem, pela sua leitura em commum, decorar estas e quantas outras cousas lhe convenham, já tornando-os pelo gosto mais attentos, e, pelo habito de discorrerem logicamente, mais perspicazes para as idéas novas, sempre que o mestre as saiba fazer entrar para a memoria, ao revéz do que em toda á parte se practica, não á força e á escala vista, mas pelas portas da intelligencia, de par em par abertas.

Economisando mezes e annos nos dois primeiros e principaes estudos escholares, o *methodo-portuguez* deixou logo, por isso mesmo, grande campo em que podesse alargar-se a

instrução primaria popular, mórmente havendo elle preparado os espiritos com habitos logicos e mnemonicos, e ganhado, pelo amor e pelo prazer, as vontades para os livros, para a applicação, para os conhecimentos. Assim, um professor instruido, zeloso, compenetrado da importancia de seu mester, pôde, sem custo, e em menos horas cada dia, do que até agora desbaratava, encherlur no seu ensino rithmico, simultaneo, luminoso e sympathico, centenaes e milhares de prenoções de muitas sciencias e artes, que a índole da moderna civilisação está pedindo.

Concluámos este rapido esboço com quatro ponderações, sobre as quaes a todos os espiritos capazes de reflectir, supplicámos que reflectam.

As quatro mais accesas e pertinazes invectivas com que se tem pretendido fulminar o *methodo-portuguez*, são estas:

*É pueril; é dispendioso; é trabalhosissimo; é inadmissivel a escholas de um só mestre, e sujeitas a continuas entradas de discipulos.*

A qualificação de *pueril*, applicada a um methodo destinado a ensinar meninos, é o seu maior louvor. A prova parece-nos obvia e terminante: discipulos e mestre, mestre e discipulos, devem, quanto possivel, harmonisar-se, para que o seu commum trabalho se não mallogre. Mestre adulto, e discipulos crianças, têm indoles diversas; quasi oppostas. Quem ha de domar a sua á alheia? Os discipulos? Mas, os discipulos, são cem, e o mestre, um; os discipulos, carecem de entendimento claro, que lhes reja a vontade, e o mestre, tem-no. Emfim, o mestre, que já foi menino, que lida com elles, e os deve conhecer, pôde, sem se desautorisar, nivelar-se até certo ponto com a infancia; em quanto a infancia, que nunca passou, nem pela austeridade da velhice, nem pela circumspecção da virilidade, não pôde deixar de ser aquilo que Deus a fez, e que nenhuma tyrannia, por mais que delire e braveje, conseguirá aniquillar-lhe. A natureza mesma, em nome do seu Creador, em nome d'AQUELLE que ás mães sorri nos filhos, e aos filhos sorri nas mães, d'AQUELLE que disse em segredo aos passarinhos, ás borboletas, e aos innocentes: « Glorifica-me com a vossa alegria! » a natureza, a natureza mesma, protesta por todos os mais claros e energicos modos contra o sacrilego e absurdo tentame de um envelhecimento forçado e prematuro.

Ser o methodo portuguez inconveniente por *dispendioso*, é uma allegação, que só fará quem nunca visse as nossas escholas; o que ha 'nellas além do indispensavel para qualquer outra? Unicamente uma collecção de quadros alphabeticos, e uma resenha alphabetica: um valor de 1\$240 réis. Essencial, nada mais.

Ser o methodo portuguez *trabalhosissimo*

para o mestre, é certo, se se considera que o mestre pelo *methodo-portuguez* não pôde desamparar a escola, como os outros o costumam; mas é falso, se se attende a que, para produzir muito mais, lhe sobram trez horas diarias, em vez de seis. E é ainda falso, porque, professado com verdadeira pericia, o *methodo* deixa o seu professor 'num descanso de movimentos e de voz quasi absoluto, sendo os discipulos os que tudo executam por si mesmos. Se á vigilancia se chamar trabalho, e trabalhosissimo; porque o mestre vigia sempre; mas quem de trabalho tal o quereria dispensar?

Pelo que respeita á supposta incompatibilidade do *methodo-portuguez* com as actuaes escolas, não queremos responder, que, de tal facto, se o fosse, só se poderia concluir a necessidade de se reorganisarem as escolas (o que pertence aos legisladores, e não seria difficil). Respondemos, porém, que ainda mesmo antes de se imporem ás escolas primarias matriculas apasadas como as têm as secundarias e as superiores, o mestre primario, sem exorbitar da lei, pôde, até certo ponto, conciliar tudo. Dê em cada anno lectivo um curso seguido e ininterrupto aos seus primeiros inscriptos, e só a elles; tolerando todavia, já que assim se quer, que os retardatarios, os irregulares, os que são sempre de menor valia moral e intellectual, assistam aos seus trabalhos como simples espectadores e ouvintes. O como pratico d'este arbitrio, já se tem exposto, explanado, motivado, muitas vezes.

Demos porém momentaneamente por concedido, o que não é concedivel, que a escola primaria deve continuar a estar franca para alumnos vadios ao longo do anno; que o mestre, com ser um para cincoenta, sessenta, ou cem, deve doutrinar com egualdade tanto aos primeiros, como aos medios, como aos ultimos, e que, para obter alguma cousa que se possa parecer com isso, deve, com quanto se chame *simultaneo* ao seu ensino, desmanchar a sua aula em decurias, isto é, em pequenas aulas de diversos graus, tumultuarias, indisciplinaveis, immoraes, e estereis, como em realidade são, e não podiam deixar de ser. Demos tudo isto de barato; que argumento, ou sombra de argumento se colhe d'ahi contra o *methodo portuguez*? O *methodo-portuguez* ama sim, e pede, o modo simultaneo de ensino, esse modo, o mais popular d'entre todos os modos, que só elle, o *methodo-portuguez*, o mais popular d'entre todos os *metodos*, soube converter de ficção em realidade. Entretanto (repara e bem e admira aquelle sophisma), que tem o modo *simultaneo* perfeito com a essencia, com o intrinseco do *methodo-portuguez*? Se pelo *methodo-portuguez* se pôde ensinar a um só individuo, ou a dois ao mesmo tempo, ou a muitos, ou a muitissi-

mos, se o *methodo-portuguez* consta de uma quantidade de processos distinctos e bem extremaveis, quem não vê que o *methodo-portuguez* se pôde amoldar, como outro qualquer *methodo*, ao modo *decursal*, ao *individual*, ou a qualquer outro que imaginem?!

Se querem conservar as escolas na sua anarchia immemorial, conservem-nas muito nas más horas; mas ao menos, seja antes com um *methodo* de ensino racional, do que sem *methodo*, ou com um *methodo* de todo o ponto antiphilosophico; não se obterá todo o producto possivel, mas sempre se ha de obter muito mais do que até agora.

Que mais concessões pertencerão de nós, depois de todas as que deixamos feitas, e que justificam a clausula que 'nesta quarta edição do *methodo-portuguez* havemos posto ao seu titulo, chamando-o *accommodado a todos os gostos*. Não querem o modo *simultaneo* absoluto? dispam-lh'o; não querem *palmas* para o *rithmo*? vedem-lh'as; não querem canto para as regras e para as orações? emmudeçam-n-o; não querem marchas? parem-n-as; não querem movimentos? paralise-n-os; não querem alegria? atterrem; não querem amor? odeiem; mas a essencia do *methodo* provado efficacissimo, não a neguem, que o não permite o bom senso; não o injuriem, que é dura ingratição; e menos ainda o repulsem, que é servicia não só para com a infancia, que a não merece, mas até contra a patria, a que todos nós nos devemos, e devemos tudo.

Além d'esta *accommodação* a todos os gostos, que nós estendemos generosos, até para dentro das raia do defeso, duas novidades apparecem na edição presente, que releva motivar. A suppressão de textos para exercicios da leitura, quaes se achavam nas precedentes, e a da orthographia phonica nas precedentes observada, e agora substituida pela etimologica. A primeira d'estas duas reformas teve por unico fundamento a economia; este livro devia reduzir-se ao minimo volume, para poder vender-se pelo minimo preço; e tornar-se assim alcançavel ao maximo numero. Os exercicios de leitura escolar podem effectuar-se em opusculos, que já existem de extrema barateza, e que nós mesmos indicamos nos logares respectivos.

A preferencia dada aqui á escripta etimologica, nenhum outro fim teve senão perimir de uma vez para sempre o arditoso, o sophistico, e de todo o ponto falso e inconsciencioso argumento, com que, para negarem a utilidade do *methodo-portuguez*, se fingiu, perante os ignorantes, que a orthographia facil e popular, que nós amamos, e com que haviamos escripto o nosso tratado, era a mesma com que os nossos discipulos apprendiam a escrever; quando a verdade é que, em nenhuma escola primaria, se ensinou jámais com tanta exactção, e com tanto fructo, a orthographia

difficultosa e erudiça, como sempre em todas as nossas se tem feito; e a razão é palpavel: o longo trabalho de decomposição e analyse, que nós fazemos nas palavras escriptas á antiga, quando ensinamos a lêr, e que os mestres nossos predecessores nunca fizeram nem podiam, grava profundamente na memoria dos nossos ouvintes a physionomia especial de todos esses vocabulos caprichosos, que, para dizerem uma cousa aos ouvidos, mostram aos olhos outra mui diversa. Breve: nós preferimos a orthographia que irmana o fallar com o escrever, e o escrever com o lêr; e estamos persuadidos de que ella ha de prevalecer em sendo mais adulta a philosophia social; mas, á espera d'um dia, que ainda não chegou, continuamos a ensinar aos rapazinhos da rua a escreverem á latina.

Depois do muito que se ha discutido e elucidado no todo, e em cada uma de suas partes, o *methodo-portuguez*, teve-se por melhor acerto reduzir a presente edição a simples directorio pratico, despidido de explicações superfluas, de justificações e suasorias importunas.

O mestre, a mestra de eschola, e a mãe de familias, encontram aqui, no mais breve quadro, o que têm de fazer para instruirem na leitura e escripta, elles, aos seus muitos alumnos; ella, aos seus filhos, ou ao seu filho unico.

Este mesmo livro, d'ora ávante pela barateza á mão de toda a gente, pôde ficar sendo o primeiro texto, em que se exercitem os côros escholares, lendo-o e relendo-o. O ensino domestico e individual está claro que o adoptará.

As mães e aos professores só recommendamos por despedida: que, antes de entrarem no ensino pratico, leiam, e melhor será trez vezes do que uma, todo o opusculo. Uma vez imbuidos na harmonia e razão do seu systema, seguil-o-hão com pontualidade. Nos resultados, que não tardarão em conseguir, superiores talvez ás suas proprias esperanças e ambições, lograrão a mais bella, a mais invejavel de todas as corôas.

A nossa sel-o-ha a certeza de havermos, pelos nossos asperrosos sacrificios, pelo nosso martyrio já de annos largos, e que ainda continúa, bem merecido d'elles e da patria.

A. F. DE CASTILHO.

1857 — Abril — 18.

## GEOMETRIA.

No *Diario do Governo* de 11 do corrente, vem um communicado do sr. José Bernardo da Rosa Junior, o qual pretende ter demonstrado rigorosa, directa, e simplesmente o theorema da egualdade a dous rectos da somma dos

trez angulos de um triangulo, independentemente da theoria das parallelas, e de considerações sobre o infinito e o indefinido.

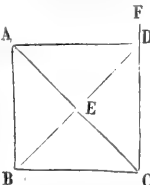
A demonstração, que apresenta, em algumas partes engenhosa, não passa todavia de um verdadeiro paralogismo.

Distingue o sr. Rosa os dous casos de um triangulo rectangulo, e de um triangulo obliquo; e faz no 1.º caso a construcção e demonstração seguintes:

Seja ABC o triangulo rectangulo em B: faça-se no ponto C um angulo  $\angle ACF = \angle CAB$ : tome-se  $CD = AB$ , e tire-se AD. Os triangulos ABC e ACD são eguaes (Eucl. liv. 1.º prop. 4.) Logo  $AD = BC$ . Tire-se BD: B serão eguaes os triangulos ADB e DBC (Eucl. liv. 1.º prop. 8.) Logo são eguaes os angulos ABD e BDC. Logo são eguaes os triangulos AEB e DEC (Eucl. liv. 1.º prop. 26), e juntando a cada um d'elles o mesmo triangulo EBC serão eguaes os triangulos ABC e DBC: logo o angulo BCD é recto; mas o angulo  $\angle BCD = \angle BCA + \angle ACD$ ; ou (por ser  $\angle ACD = \angle CAB$ )  $\angle BCD = \angle BCA + \angle CAB$ ; mas  $\angle BCD$  é recto; logo  $\angle BCA + \angle CAB = 1$  recto.

Esta demonstração é verdadeira até ao ponto, em que considera a egualdade dos triangulos AEB e DEC: mas quando se acrescenta que de se juntar a estes dous triangulos o triangulo EBC, resulta que são eguaes os triangulos ABC e DBC, isto não é exacto; pois só pôde affirmar-se que são equivalentes. E tanto é assim que se em vez de suppor o angulo em B recto, o auctor o tivesse supposto obliquo e fizesse uma construcção identica, proseguiria com a demonstração do mesmo modo até este ponto, sendo certo que então os dous triangulos não podiam por modo algum ser eguaes, mas só equivalentes.

Continuemos: D'esta egualdade não demonstrada conclue que o angulo DCB é recto, e isto sem duvida, por ser igual ao angulo em B recto por hypothese. Aqui ha um grande salto, e é onde está todo o defeito da demonstração. É verdade o que affirma o sr. Rosa, mas porque? Temos dous triangulos equivalentes e n'elles os lados  $AB = DC$  e o lado BC commum, sendo por hypothese AB perpendicular sobre BC. Ora, n'este caso particular é forçoso que seja DC tambem perpendicular sobre BC; porque álias, se a perpendicular abaixada de D sobre a base BC do triangulo DBC fosse outra, como deveria ser igual á altura AB do triangulo equivalente ABC, assente sobre a mesma base BC, e AB se suppoz equal a DC, teriamos o absurdo de ser a perpendicular abaixada do ponto D sobre a recta BC equal a uma obliqua tirada do mesmo ponto. Mas para chegarmos a esta conclusão



foi necessario recorrer ao principio de que as superficies dos triangulos são avaliadas pelo producto das bases por metade das alturas, principio, que, muito bem se sabe, é fundado na theoria das parallelas.

A demonstração pois do sr. Rosa não satisfaz de maneira alguma ao objecto, que se tinha em vista.

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR

SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 100.

LII. Quando Cesar acabou de falar, os demais senadores votaram com uma só palavra, assentindo uns a este, outros áquelle dos dous pareceres emitidos. M. Porcio Catão, porém, ao pedirem-lhe o voto, fez a fala seguinte:

« Mui diverso é o meu pensar, padres conscriptos, quando considero as nossas circumstancias e perigos, e quando reflecto nos pareceres emitidos por alguns. Discorreram elles, parece-me, sobre o castigo de réus, que declararam guerra á patria, aos paes, aos templos, e aos proprios lares: e as circumstancias advertem-nos, que devemos antes acautelar-nos d'elles, que deliberar sobre o seu castigo. Todos os outros crimes se punem depois de commettidos: este, se não se previne, depois de perpetrado, em balde se implora a acção da justiça: tomada Roma, nada resta aos vencidos.

« Vós que preferistes sempre á república os palacios, as quintas, os quadros e as estatuas, attendei-me, pelos deuses immortaes vos peço: se quereis conservar todas essas cousas, que, com razão ou sem ella, tanto amais; se quereis lograr em ocio vossos deileites, acordaes em fim, amparaes a república. Não se tracta de tributos, nem de insultos feitos a alliados: estão em perigo nossa liberdade e vida.

« Muitas vezes, padres conscriptos, tenho eu falado largamente neste recinto; muitas me tenho queixado da avareza e do luxo de nossos cidadãos; muitos inimigos tenho grangeado por esta causa. Mas quem a si proprio, quem ao seu coração não perdoa delicto, como seria indulgente com as paixões dos outros? Ora, bem que fizessem pouco caso das minhas queixas, a república estava salva; a prosperidade a sustentava contra a indolencia. Mas agora não se tracta, se viveremos com bons ou maos costumes, nem qual será a grandeza e a magnificen-

cia do imperio romano; porém, se tudo isso, tal qual é, será nosso, ou cairá, e nós também, nas mãos dos inimigos.

« E ha quem me fale aqui em brandura e compaixão! Certo, ha muito que temos trocado os nomes ás cousas: ser prodigo dos bens alheios é liberalidade; ser atrevido no crime é valor: porisso vemos a república reduzida a tal extremidade!...

« Pois que assim o quer a corrupção dos costumes, sejam embora liberaes dos bens dos alliados; sejam compassivos com os ladrões do erario; mas não desbaratem o nosso sangue, e indo perdoar a uns poucos de malvados, não deitem a perder todos os homens de bem.

« Ha pouco discorreu C. Cesar 'nesta casa, com eloquencia e arte, sobre a vida e a morte; reputando, creio eu, fabuloso quanto se conta dos infernos: que alli os maos, separados dos bons, habitam logares lóbregos, immundos, hediondos e pavorosos. E porisso votou, que os bens dos rebeldes fossem confiscados, e elles retidos em prisões pelos municipios; talvez receando, que, se ficassem em Roma, fossem soltos á força, ou pelos outros conjurados, ou por gentallha assalariada: como se houvesse maos só em Roma, e não por toda a Italia! Como se o atrevimento não fosse mais poderoso, onde menos meios ha para o repellir! Por consequencia, é vã aquella medida, se Cesar ainda receia os conjurados; e se no meio do geral temor só elle não teme, devemos porisso mesmo, eu e vós, temer cada vez mais.

« Estae portanto certos, que o que decidir des sobre P. Lentulo e os demais, o decidis também sobre o exercito de Catilina e os conjurados todos: quanto maior for a vossa actividade e energia, tanto mais diminuirá o seu arrojô; mas se vos virem afrouxar, pouco que seja, logo vos accommetterão arrogantes.

« Não penseis, que nossos maiores engrandeceram tanto a república só pelas armas: se assim fosse, vel-a-hiamos hoje muito mais florescente, porque temos mais cidadãos, mais alliados, mais armas e mais cavallos, do que elles tiveram. Outras foram as causas, que os engrandeceram a elles, e que a nós nos faltam: dentro da patria, actividade; fóra d'ella, governo justo; uma alma livre nas deliberações, e exempta de erimes e paixões. Em vez d'estas qualidades que temos nós? O luxo e a avareza; o estado pobre, e opulentos os particulares; louvamos se as riquezas, e ama-se a indolencia; não ha differença entre bons e maos; a ambição usurpa os premios devidos ao merecimento. Mas nada d'isto deve admirar-nos: se vós consultais com as vistas só no proprio interesse; se em casa sois escravos dos prazeres, e aqui do dinheiro e dos empenhos...

Fig. 1<sup>a</sup>

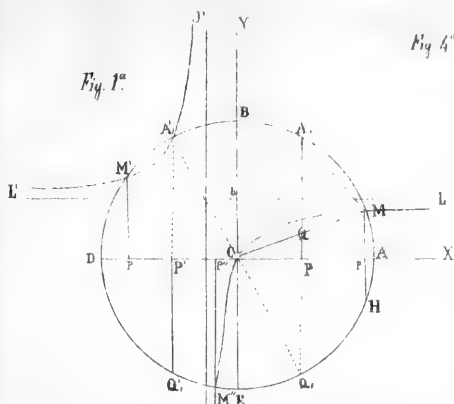


Fig. 4<sup>a</sup>

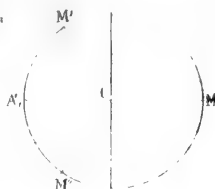


Fig. 5<sup>a</sup>

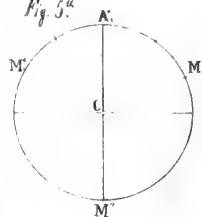


Fig. 6<sup>a</sup>

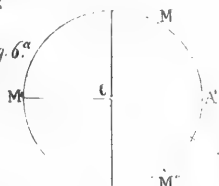


Fig. 3<sup>a</sup>

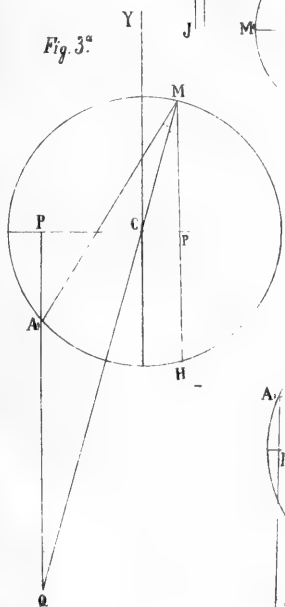


Fig. 7<sup>a</sup>

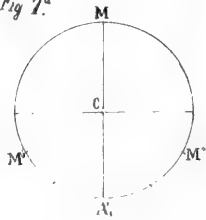
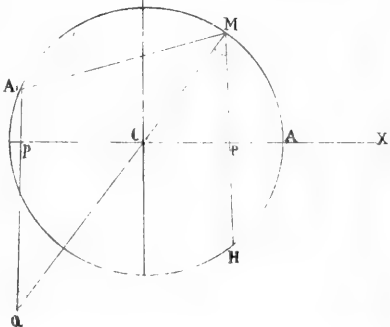
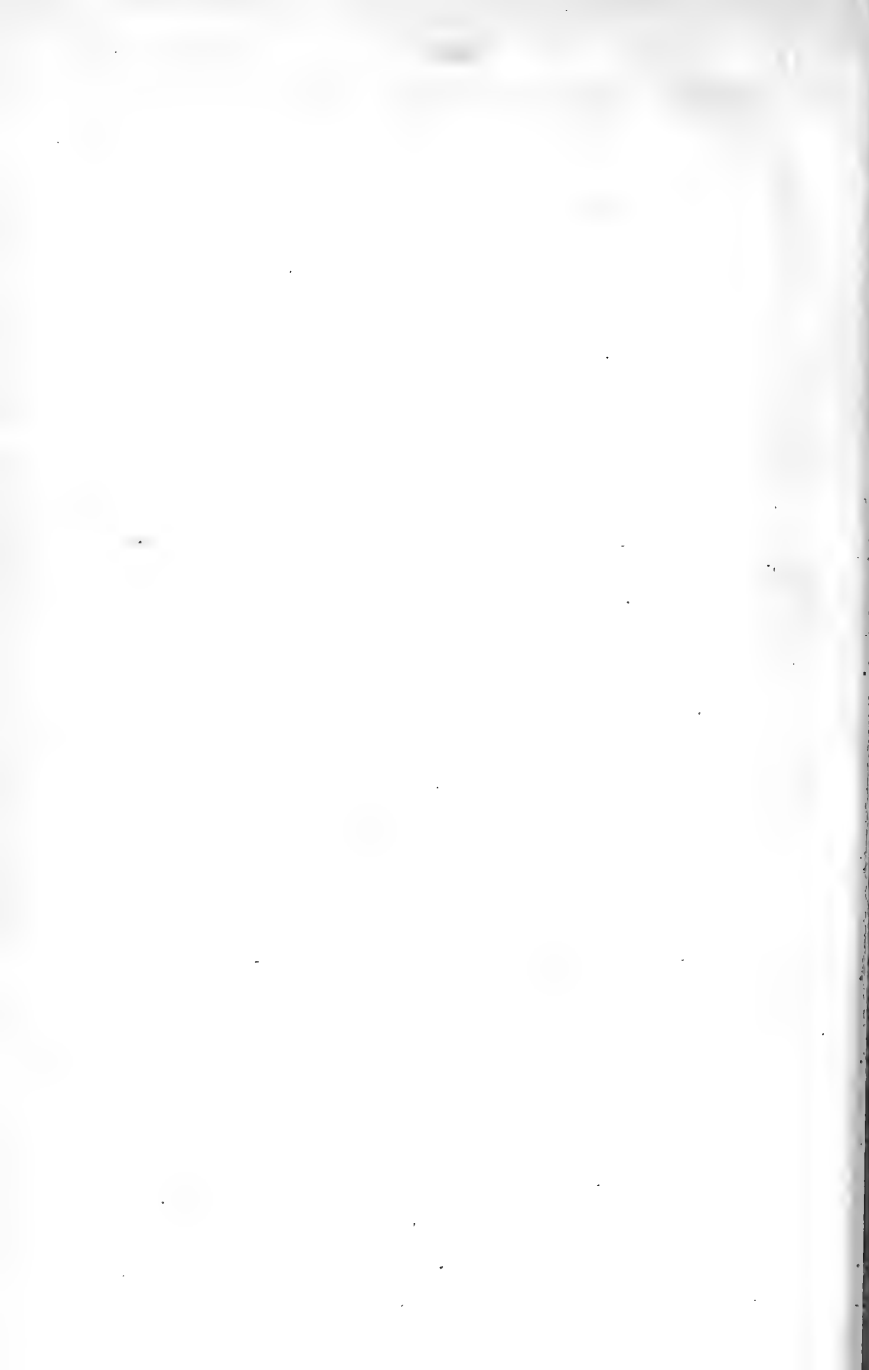


Fig. 2<sup>a</sup>







« Porisso é que se ataca a républica abandonada. Mas deixemos isto.

« Conjuraram-se para incendiar a patria cidadãos dos mais nobres; chamam ás armas a nação gauleza, inimicissima do nome romano; o chefe dos insurgentes, á frente de um exercito, está sobre nossas cabeças: e hesitais ainda? E ainda duvidais sobre o que fareis a inimigos, presos dentro de vossos muros? Sim: condoei-vos d'elles; assim o entendo eu tambem: pobres mocinhos! delinquiram por ambição: mandai-os embora, e até armados. Ah! que se elles tomarem as armas, essa brandura e compaixão converter-se-ha em perdição. A conjunctura é espinhosa; mas vós não a temeis. Pelo contrario temeil-a, e muito; mas inertes e frouxos, descançais uns nos outros: hesitais, confiados, creio eu, nos deuses immortaes, que tantas vezes nos maiores perigos salvaram esta républica. Porém não é com votos e supplicas proprias de mulheres que se obtem o auxilio dos deuses: com vigilancia, actividade e disposições sensatas tudo succede bem; quem se entrega á indolencia e á preguiça, debalde implora os deuses, porque os encontra irritados e inimigos.

« No tempo de nossos maiores, Aulo Manlio Torquato condemnou seu filho á morte, por ter pelejado, havendo prohibição para isso; e aquelle egregio mancebo pagou com a vida um excesso de valor. E vós estais indecisos sobre o que fareis a parricidas cruelessimos? Provavelmente a sua vida passada contrabalança o crime. Sim: respeitae a dignidade de Lentulo, se elle respeitou alguma vez o pudor, a propria reputação, os deuses, ou os homens. Perdoae á mocidade de Cethego, se não é esta a segunda vez que faz guerra á patria. Pois de Gabinio, Statilio, Cepario, que desculpa darci? Se elles reflectissem um pouco, teriam já mais formado projectos taes contra o estado?

« Enfim, padres conscriptos, se o tempo nos permittisse errar, eu deixaria sem difficuldade, que o successo vos ensinasse, visto que desprezais o que vos dizem. Mas apertam-nos de todos os lados: Catilina e o seu exercito têm-nos a espada na garganta; de muros a dentro, no coração de Roma, está parte dos inimigos; nem preparativos, nem deliberações lhes podem ser occultas: por isso não perçamos tempo. Eis pois o meu voto: como a conspiração nefanda d'esses cidadãos malvados poz a républica em grandissimo perigo; como elles estão convencidos por confissão propria, e pelo depoimento de T. Volturcio e dos legados dos Allobroges, de que maquinaram contra a patria e cidadãos, mortes, incendios e outros attentados horribes e deshumanos: a réus confessos, bem como a réus convencidos de

« crimes capitaes, deve, por costume antigo, impor-se a pena ultima. »

LIII. Tendo-se Catão sentado, todos os consulares e grande parte dos senadores louvavam o seu parecer; elogiavam a sua presença de espirito; uns aos outros se increpavam de tímidos; só Catão é aclamado o grande e illustre: e conforme ao seu voto se lavrou um decreto do senado.

A historia e a fama dos feitos brilhantes do povo romano, na paz, e na guerra, por terra e por mar, inspirou-me a curiosidade de averiguar a causa, que sustentou tão grandes successos. Sabia eu, que muitas vezes pequenos corpos se mediram com grandes legiões inimigas; que pequenos exercitos guerrearão monarchas poderosos; que muitas vezes os Romanos supportaram tambem revezes da fortuna; que se lhes avantajaram na gloria militar os Gallos, e na eloquencia os Gregos. E depois de muito reflectir, assentei, que Roma deveu tudo a um pequeno numero de cidadãos, cujo relevante merecimento fez, que a pobreza vencesse a opulencia, e o pequeno numero as grandes multidões. Depois que a ociosidade e o luxo corromperam a républica, ainda assim se foi ella sustentando pela propria grandeza contra os vicios de seus generaes e magistrados. Roma, qual mãe sem forças, por longo tempo não produziu homens de merecimento: porém em meus dias appareceram dous de caracter diverso, mas ambos grandes, M. Catão e C. Cesar; e já que a occasião se offerece, não deixarei de retratar, o melhor que puder, a indole e o caracter de um e d'outro.

LIV. Eram pois em nascimento, idade e eloquencia quasi eguaes; eguaes em gloria e grandeza d'alma, mas cada um em seu genero. Cesar distinguia-se pela beneficencia e generosidade; Catão pela inteireza de costumes. Aquelle fez-se celebre pela doçura, e clemencia; este respeitavel pela severidade. Cesar alcançou gloria, dando, soccorrendo, perdoando; Catão nada concedendo. Aquelle era o refugio dos infelizes, este o flagello dos malvados. Gabava-se a flexibilidade do primeiro, e a constancia do segundo. Finalmente Cesar caprichava em consagrar trabalhos e vigílias aos negocios dos amigos, até com prejuizo dos proprios; nada negava que fosse digno de conceder-se; eram desejos seus um grande poder, um grande exercito, uma guerra nova, onde podesse brilhar o seu genio. Catão prezava a decencia, o decóro, e sobre tudo a austeridade na justiça. Não rivalisava com os ricos em riquezas, nem com os intrigantes em intrigas; mas competia com os valerosos em bravura, com os modestos em pudor, com os rectos em desinteresse; e querendo antes ser bom, que parecer-o, quanto menos procurava a gloria, tanto mais ella o seguia.

*Continúa.*

## NOTICIARIO.

**Banhos de limalha de ferro.**—Empregam-se nos laboratorios chimicos e officinas industriaes, banhos d'arcia ou *banhos-maria*, para a evaporação e destillação dos liquidos. Segundo as observações e experiencias de Mr. Ungerer, a limalha de ferro constitue um meio muito mais commodo para a transmissão do calorico.

A limalha de ferro, depois de reduzida a pó, e bem peneirada, substitue com decidida vantagem o banho d'arcia. Collocando a retorta no *banho de ferro*, o liquido ferve promptamente, e a ebulição não é tumultuosa. Mr. Ungerer affirma, que distillou por este meio acido sulphurico, tão facilmente como agua pura, e que ainda não viu que uma retorta de vidro se fracturasse 'neste banho.

**Longevidade.**—Póde-se dizer, que o termo ordinario da vida é 70 a 80 annos. Os centenarios são rarissimos, apenas se contam 207 em 1.000.000 homens: os factos de longevidade de 120, 130, 140 e até 150 annos, não se podem acceitar senão com grande reserva, porque a maior parte são falsos. As mulheres vivem, em geral, mais tempo que os homens.

Casper, estudando a influencia das profissões sobre a duração da vida, achou a seguinte escala, cujos limites são: os theologos os que vivem mais, e os medicos os que vivem menos. A duração da vida nas outras profissões decrece na seguinte ordem:—lavradores, altos funcionarios, negociantes, militares, pequenos empregados, advogados, artistas, e professores.

**O elephante sagrado de Sião.**—A religião dominante dos habitantes do reino de Sião é o *bouddhismo*, aggravado pelas mais extravagantes practicas. Estes povos adoram os elephantes brancos, que abundam nas regiões do Sul.

Um d'estes animaes, reputado como o representante de *Boudtha* sobre a terra, possui um bello templo em Bangkok, e um palacio. Por occasião da recente embaixada de M. Montigny, os marinheiros francezes foram por favor especial admittidos a visitar tão mysteriosa habitação vigiada por um sacerdote.

O animal parece comprehender o character sagrado de que o reveste a ignorancia dos homens. É d'uma gravidade e dignidade extraordinarias. Apresenta nas pernas; pouco acima dos joelhos, grossos aneis d'ouro incrustados de pedras preciosas, e na cabeça tem um magnifico diadema de perolas finas, intercaladas de diamantes de grande valor.

Todos os dias, ao nascer do sol, o elephante apparece á porta do templo, e dá o signal da oração, contemplando o céu, e le-

vantando a tromba, pintada de ouro. É tão grande o seu instincto, que nunca falta a esta practica diaria.

O povo de Sião, ainda que d'um character muito doce, em certas circumstancias, é fanatico até á crueldade. Tendo morrido o elephante sagrado, no estio de 1853, tal acontecimento foi attribuido pelo rumor popular ao sacerdote, que não lhe tinha prodigalizado todos os cuidados, que o estado do animal reclamava. 'Nesta persuasão, o povo correu para o palacio, exigindo a morte do padre, que com grande difficuldade escapou á indignação das turbas.

**Gomma do carvalho.**—M. Lagrèce-Fossat dá noticia de uma gomma que sae das fendas da casca do carvalho, *quercus pubescens*, tendo a maior analogia com a gomma arabica: como esta, é solavel ao frio, o que a distingue da cerasina: é de uma cor *vermelho-alaranjada*; conservada dentro de uma casa quente, depois de alguns dias, torna-se tão dura como a gomma arabica, e tem, como esta, uma fractura vitrea.

Projectada sobre carvões em brasa, produz um ligeiro fumo, decompõe-se sem dar chamas, augmenta de volume, e deixa, como residuo, um carvão aspero, fragil e muito brilhante. A gomma arabica apresenta os mesmos characteres.

A gomma do carvalho é quasi insipida, e parece não conter tannino, porque o sulfato de peróxido de ferro não altera de modo algum a cor de sua dissolução. É tambem uma substancia muito viscosa, como a gomma arabica.

**Consumo do caffè.**—A Europa importa annualmente 400.000.000 kilogrammas de caffè. Eis aqui os logares d'onde elle procede:

Cuba .....	55.000.000
S. Domingos .....	40.000.000
Guayera .....	25.000.000
Porto-Ricco .....	30.000.000
Brasil .....	110.000.000
Indias Inglezas .....	25.000.000
Indias francezas .....	20.000.000
Antilhas Inglezas ..	80.000.000

O consumo annual do caffè é por cada individuo, na Inglaterra, 500 grammas, e na França sómente 200.

**Insectos.**—As collecções entomologicas, dizia Latreille, ainda tão imperfeitas e incompletas, conteem, pouco mais ou menos, cem mil especies!

Podemos fazer tambem outro calculo mais curioso. Cada planta nutre, pelo menos, trez especies diferentes d'insectos; por consequencia o numero d'estas não deve ser menos de 360.000, attendendo ao numero das plantas actualmente conhecidas.

Considerando a immensa fecundidade dos insectos, facilmente se reconhece, que a mais pequena legião d'estes animaes, deve constar de mais milhões, que os animaes superiores contam de dezenas e centenas.

Reflectindo por outro lado, que todos os seres nutrem outros á sua superficie e dentro de seus tecidos, de seus solidos e de seus fluidos, cada insecto é um pequeno mundo habitado por outros insectos.

Nas massas mineraes e inorganicas compostas quasi inteiramente de restos fosseis, ha animaes tão pequenos, que se tem calculado, que seriam necessarios 43 milhões d'elles, para formar o menor grão d'areia. Uma só especie constitue uma parte dos Apenininos, e concorreu em grande parte para formar o dorso enorme da America, a que se dá o nome de Cordilheiras.

#### **Cera das arvores e dos insectos.**—

Ha na China pequenos insectos, conhecidos pelo nome de *la-tchong*, ou insectos da cera. Os chins criam estes insectos sobre trez especies d'arvores, duas das quaes são bem conhecidas na Europa; o *nintching*, *rhus succedaneum*, de Brogniart, o *tong-tsing*, *ligustrum glabrum*, de Thunberg, e o *gonkin* ou *Kin* dos logares humidos, que é talvez da mesma familia, que o *monkin* arborescente, *hibiscus syriacus*.

A cera que se obtem d'estas arvores e dos insectos, que sobre ellas vivem, é branca, e não se parece com a cera das abelhas. É produzida por pequenos insectos, que se nutrem dos succos da arvore; depois converte-se em uma especie de gordura branca, que se agglutina aos ramos da arvore; no outono extrah-se, raspando-a, fervendo-a em agua, passando-a por um filtro, e lançando-a finalmente na agua fria; onde coagula e forma uma substancia solida. Quebrando-a, vêem-se na fractura veias brilhantes e diaphanas, semelhantes ás que offerce a steatite ou pedra branca. Misturando-a com certa quantidade d'azeite, serve para fabricar velas, que são superiores ás da cera das abelhas.

Estas velas são d'um uso muito geral na China, e as arvores da cera cultivam-se em grande escala, principalmente nas provincias de leste e sul.

Logo nos primeiros dias de junho, os insectos trepam por todos os ramos, nutrem-se dos succos vegetais, e segregam um liquido, que adhece á superficie da planta, e transforma-se em uma substancia gordurosa branca, que constitue a cera da arvore. Em setembro está a cera tão agglutinada á arvore, que só se pode separar, raspando-a.

Os insectos são brancos quando nascem; e com o progresso da idade vão-se tornando vermelhos, e a final negros. É mister ter o cuidado de os depositar sobre as arvores;

mas depois d'ahi collocados, reproduzem-se e conservam-se por si mesmos.

Por esta noticia, vê-se, que o *la-tchong* procede pouco mais ou menos como a abelha para produzir a cera; absorve a materia sacarina, e elabora nos seus órgãos uma especie de gordura que se solidifica pelo contacto do ar.

Quanto mais succosa é a planta, que alimenta o insecto ciriciro, maior quantidade de cera produz o animal. Parece que as arvores de seiva muito ricca em materias saccharinas devem ser proprias para a criação d'estes insectos. A palmeira, que produz tão abundantemente uma especie de *mel vegetal*, podia talvez servir para o sustento dos *la-tchong*. É uma experiencia que merece ser tentada.

Existe tambem em Sumatia, India neerlandeza, uma especie de formiga alada, que produz uma cera cinzenta, de que appareceram exemplares na exposição universal de 1833 em França. A academia das sciencias de Paris tambem tem sido apresentados exemplares da cera branca dos insectos *la-tchong*.

**Luz electro-magnetica.**— Faraday acaba de descobrir em Londres uma nova applicação de electro-magnetismo, ou da electricidade obtida pelas machinas electro-magneticas. É a produção d'uma luz electrica esplendida, que pôde immediatamente ser empregada na illuminação dos pharoes.

**Arvore da quina.**— É sabida a destruição, que vai experimentando esta arvore preciosa, que fornece a todo o mundo o mais seguro de todos os febrifugos: as florestas da quina vão desaparecendo todos os dias da superficie da terra.

O governo inglez, observando a carestia cada vez maior da quina, e prevendo que no futuro podia haver falta absoluta da casca milagrosa que produz a quina, mandou proceder em grande escala á cultura das *Cinchonas* na ilha de Java.

Já ha noticia, de que tão importantes en-saios têm sido coroados de felizes resultados, e que dentro de poucos annos, Java poderá abastecer de quina, não só a India, mas tambem a Europa.

**Viajem scientifica.**— Os alumnos da faculdade de sciencias de Lille partiram, ha pouco, em companhia de muitos dos seus professores, para uma excursão no departamento do norte. O anno passado, na mesma epocha, M. Pasteur, decano da faculdade, viajava para o mesmo fim com os estudantes pela provincia de Liege. Dumont, celebre geologo belga, costumava tambem fazer, com os seus discipulos, longas excursões geologicas: e todos os dias os jornaes inglezes an-

nunciam viagens scientificas feitas pelos professores de chimica de Glasgow.

Quando se introduzirá entre nós tão importante practica de ensino?

**Tratamento das vinhas pelo pó do carvão.** — M. Michel Louis, conta pela maneira seguinte um ensaio, que tentou, da substituição do carvão á flôr de enxofre, no tratamento da molestia das vinhas: «As vinhas, sobre as quaes operei, estavam totalmente tocadas do mal; e comtudo depois da primeira apolvilhação com o carvão, passados quatro ou cinco dias, os cachos estavam completamente livres do *oidium*, e tinham uma linda côr verde; a vegetação, que a molestia havia impedido, retomou então uma nova actividade. As uvas, pelo contrario, que eu tinha despresado sobre as mesmas cepas, não tinham experimentado mudanças analogas; o mal tinha feito novos progressos.»

**Novo valor do raio medio da terra.** — M. Babinet em uma nota lida na Academia das sciencias de Paris, em 27 de julho passado, corrige o valor do raio medio da terra, a que Poisson tinha assignado o valor de 6 366 200 metros, dando-lhe o valor de 6 370 300; e é notavel que desprezando o quadrado do achatamento, é este precisamente o valor do raio da terra correspondente á latitude, cujo quadrado do seno é  $\frac{1}{3}$ .

**Explicação das seiches.** — Todos sabem em que consiste o phenomeno até hoje inexplicavel, designado por esta palavra franceza, e que geralmente é observado nos lagos compridos e estreitos. As *seiches* são elevações subitas do nivel da agua, seguidas immediatamente de depressão. Este curioso phenomeno tem sido reputado tanto mais mysterioso, quanto que acontece espontaneamente, e por tempo perfeitamente sereno. Alguns physicos e alguns geographos, têm tido já a feliz idéa de o compararem ás variações barometricas, e attribuem-no a uma pressão atmospherica, anormal e differente, nas duas extremidades do lago: agora o coronel Strabrowski, ao serviço da Russia, n'uma interessante memoria dirigida á Academia das sciencias de Paris, adopta esta explicação, e demonstra a verdade d'ella, pela confrontação d'um grande numero de factos.

**Aplicação da photographia á astronomia.** — A sociedade hollandeza de sciencias de Harlem, propõe para objecto de premio em 1858, a descripção exacta e minuciosa d'um processo photographico, com que se obtenham, em uma pequena fracção de segundo, boas imagens dos corpos celestes, como hoje obtemos já dos terrestres.

Se tal se consegue, a astronomia muda completamente de face, redobrando de interesse o seu já tão curioso estudo.

**Industria typographica dos Estados Unidos.** — Para avaliar o enorme consumo de livros e jornaes, que ha nos Estados Unidos, basta saber, que se contam 'neste paiz 750 fabricas de papel, em que funcionam 2:000 machinas. Estas fabricas produziram no anno de 1856, 270 milhões de libras de papel; e como para cada libra de papel é preciso, pelo menos, libra e meia de trapos, a produção do primeiro exigiu o emprego de 400 milhões de libras dos segundos.

Os livreiros nos Estados Unidos são, pela maior parte, rios commerciantes. Um só livreiro de Boston encomendou ha pouco para Londres mil exemplares da *Encyclopaedia britannica*; só o frete d'esta obra não custou menos de 154:000 *thalers*! Um jornal illustrado, mensal, o *Haper's Magazine*, conta mais de 170:000 exemplares!

**Iluminação a gaz em Londres e Paris.** — As ruas e praças publicas de Londres são illuminadas por 360:000 bicos de gaz, consumindo cada noite 13:000:000 pés cubicos de gaz. Paris não conta senão 108:733 bicos de gaz.

**Estatistica curiosa.** — As folhas da planta do caffè, *cafeiro*, dão por infusão uma bebida, usada por 2 milhões d'homens; 10 milhões bebem o chá de Paraguay; 40 milhões empregam a chicorea, já pura, já misturada com o caffè; 50 milhões servem-se do cacáu, ou debaixo da forma de chocolate, ou por qualquer outro modo; 100 milhões bebem o caffè; 500 milhões o chá; 100 milhões mastigam o betel ou os seus succedaneos; 300 milhões comem ou fumam o *haschisch*; 400 milhões o opio. Enfim, todos os povos fumam, cheiram ou mastigam o tabaco.

**Cerveja ingleza.** — Contam-se na Inglaterra 2:290 fabricas de cerveja. O liquido, que resulta de todas estas fabricas, vende-se ao miudo em 155:144 estalagens e tavernas. Na Escocsia e Irlanda é muito mais limitada esta industria; havendo na primeira apenas 12:977 lojas ou armazens de cerveja, e na segunda, 16:051.

**Movimento da população em Londres.** — Em 1856, houve em Londres 86:833 nascimentos e 56:786 obitos, o que dá, termo medio, 238 nascimentos diarios, ou quasi 10 por hora, e 155 obitos por dia, ou quasi 7 por hora. Está calculado, que perto de 500 pessoas se affogam todos os annos voluntariamente no Tamiza. De 5 obitos, um pertence ao hospital.

## SECÇÃO DE MATHEMATICA.

*Methodo facil para obter a equação final, que deve dar todos os i valores de h que entram nas formulas das variações seculares das excentricidades, e longitudes dos perihelios: Pontécoulant, Théorie analytique du système du monde, 2.ª edição, liv. 2.º, cap. 8, n.º 64.*

Se fizermos  $h - \Sigma [a, a'] = \alpha$ ;  $[a, a'] = \beta$ ;  $[a, a''] = \gamma$ ; etc.;  $h - \Sigma [a', a''] = \beta'$ ;  $[a', a''] = \gamma'$ ; etc.;  $h - \Sigma [a'', a'''] = \beta''$ ;  $[a'', a'''] = \gamma''$ ; etc.; as equações (k) do n.º 64 do livro 2.º da obra citada tomarão a forma  $\alpha M + \beta M' + \gamma M'' + \text{etc.} = 0$ ;  $\alpha' M + \beta' M' + \gamma' M'' + \text{etc.} = 0$ ;  $\alpha'' M + \beta'' M' + \gamma'' M'' + \text{etc.} = 0$ ; etc. . . . . 1; Se applicarmos a estas equações a regra de Crammer (Francoeur Math. Puras 2.ª edição de Coimbra tom. 1.º pag. 179) para a determinação dos valores das arbitrarías  $M, M', M'', \text{etc.}$ , veremos que os numeradores dados por esta regra são todos nulos, por não existirem nas equações (1) termos independentes das arbitrarías; e que o denominador commum é tal, que um dos seus termos se fórma do producto dos  $i$  factores  $\alpha, \beta', \gamma'', \text{etc.}$ , cada um dos quaes contém a primeira potencia de  $h$  no primeiro termo, sendo os outros independentes d'esta quantidade; donde é facil concluir que o dicto denominador é um polynomio completo do grão  $i$  em  $h$  sem arbitrarías. Seja  $\varphi(h)$  este polynomio; os valores das arbitrarías serão  $M = \frac{o}{\varphi(h)}$ ,  $M' = \frac{o}{\varphi(h)}$ ,  $M'' = \frac{o}{\varphi(h)}$ , etc.; mas pela natureza do problema estas arbitrarías não podem ser nullas simultaneamente; é pois forçoso que seja  $\varphi(h) = 0$ ; e por ser  $\varphi(h)$  um polynomio do grão  $i$  em  $h$  sem arbitrarías, como já mostrámos, será  $\varphi(h) = 0$  a equação final em  $h$  que se pretendia achar. Assim para obter esta equação, basta formar pela regra de Crammer o denominador commum dos valores de  $M, M', M'', \text{etc.}$ , e egualal-o a zero.

Este methodo é muito mais simples que o empregado por Laplace no n.º 56 do cap. 7.º do liv. 2.º da Mechanica celeste; e que o segundo indicado por Lagrange na 3.ª edição da Mechanica analytica tom. 1.º, parte 2.ª, secção 6.ª, n.º 6, e tem sobre este a vantagem de não elevar o grão da equação final, introduzindo soluções estranhas.

JACOME LUIZ SARMENTO.

*Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.  
Interpretação d'uma solução estranha.*

Do ponto  $C$ , origem das coordenadas rectangulares, como centro, e com um raio qualquer  $CA = r$  descreva-se (fig. 1.ª) o circulo  $ABDE$ : seja  $AA_1$  o arco dado, que pôde ter na circumferencia do circulo descripto uma posição arbitraría; e supponhamos o problema resolvido, representando  $AM$  a terça parte d'este arco. Tirem-se  $Mp$ , e  $A_1P$  perpendiculares a  $CA$ ; teremos

$$A_1P = \text{sen } AA_1 = s, \quad CP = \cos AA_1 = c$$

$$Mp = \text{sen } AM = \varsigma, \quad Cp = \cos AM = \gamma$$

Posto isto, tirando as linhas  $A_1M$ , e  $CM$ , e prolongando  $Mp$  até ao encontro com a circumferencia em  $H$ , o triangulo rectangulo  $CMp$  dá

$$c^2 + \gamma^2 = r^2 \dots \dots \dots (a)$$

que é a equação do circulo  $ABDE$ .

Resta achar uma relação entre os senos e cosenos do arco  $AM$ , e os do arco  $AA_1$ . Ora  $A_1P = A_1Q + QP$ : procuremos estas quantidades.

Porque  $AM = AH$ , e  $A_1M = 2AM$ , os arcos  $A_1M$  e  $MH$  são eguaes; logo os angulos  $A_1MC$  e  $CMH$  são tambem eguaes: logo

$$A_1MC = CMH = CQP = MQA_1$$

d'onde

$$A_1Q = AM = MH = 2Mp = 2\varsigma.$$

Os triângulos semelhantes  $CQP$ , e  $CMp$  dão

$$Cp : Mp : : CP : QP = \frac{cs}{\gamma}$$

Logo

$$2cs + cs = s\gamma \dots\dots\dots (b)$$

As equações (a) e (b) resolvem pois o problema.

A equação (a) sabemos já o que significa; a equação (b) representa uma hyperbole, referida a eixos parallelos ás asymptotas; como é facil de ver, procurando as coordenadas do centro, e transportando ahí a origem. Acha-se com effeito para estas coordenadas

$$h = -\frac{c}{2}, \quad k = +\frac{s}{2};$$

d onde

$$xy = -\frac{1}{4}sc \dots\dots\dots (d)$$

Tomando pois em  $CB$  a parte  $Cb = \frac{s}{2}$ , tirando por  $b$  uma parallela a  $Cx$ , e cortando nella para a esquerda de  $b$  uma parte  $bc = \frac{c}{2}$ ;  $c$  será o centro da hyperbole equilatera, referida agora ás asymptotas  $cL$  e  $cJ$ ; e ve-se mais pelo signal de  $\frac{1}{4}sc$  que a hyperbole ha de ficar encerrada dentro dos angulos  $LcJ$  e  $L'cJ'$ .

As intersecções d'esta curva com o círculo hão de dar a solução pedida.

Mas antes de construir a hyperbole, vejamos se com effeito ella encontra o círculo, e em quantos pontos o encontra.

Porque temos

$$x = \gamma + \frac{1}{2}c, \quad y = s - \frac{1}{2}s \dots\dots\dots (e)$$

a equação do círculo em  $x$  e  $y$  é

$$x^2 - cx + y^2 + sy - \frac{3}{4}r^2 = 0 \dots\dots\dots (f)$$

E eliminando  $x$  e  $y$  entre (d) e (f) para achar as coordenadas dos pontos de intersecção, obteremos

$$\left. \begin{aligned} x^4 - cx^3 - \frac{3}{4}r^2x^2 - \frac{1}{4}cs^2x + \frac{1}{16}c^2s^2 &= 0 \\ y^4 + sy^3 - \frac{3}{4}r^2y^2 + \frac{1}{4}sc^2y + \frac{1}{16}s^2c^2 &= 0 \end{aligned} \right\} \dots\dots\dots (1)$$

equações, que, por serem do 4.º gráu, nos dizem, que em geral haverá quatro intersecções.

Façamos desaparecer o 2.º termo da 1.ª de (1); virá

$$z^4 - \frac{3}{8}(c^2 + 2r^2)z^3 + \frac{1}{8}c(c^2 - 5r^2)z - \frac{3}{64}c^2r^2 - \frac{3}{256}c^4 = 0 \dots\dots\dots (2)$$

E como para que uma equação do 4.º gráu tenha as suas raizes reaes, é preciso que a reduzida esteja no caso *irreduzivel*, e as raizes d'esta ultima sejam todas positivas; formemos a reduzida de (2).

$$t^4 - \frac{3}{4}(c^2 + 2r^2)t^3 + \frac{3}{16}(c^4 + 4c^2r^2 + 3r^4)t - \frac{1}{64}c^2(c^2 - 5r^2)^2 = 0 \dots\dots\dots (3)$$

ou 
$$v^3 - \frac{3}{16} r^3 v + \frac{1}{4} c^4 r^3 - \frac{1}{4} c^2 r^4 + \frac{1}{32} r^5 = 0 \dots \dots \dots (4)$$

que se deduz de (3) pelo desaparecimento do 2.º termo.

Ora em (4) é  $27 q^3 + 4 p^3 = 27 \left( \frac{1}{4} c^4 r^3 - \frac{1}{4} c^2 r^4 + \frac{1}{32} r^5 \right) + 4 \left( -\frac{3}{16} r^4 \right)^3 \dots \dots (5)$

e desinvolvendo (5) para verificar se é  $\leq 0$ , acha-se

$$c^3 - r^3 < 0$$

visto que em geral é  $c < \pm r$ .

Portanto, a menos que não seja  $c = \pm r$ , estará (4) no caso irreduzível; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessa hypothese, as suas trez raizes positivas e reaes: reaes, porque tendo-as (4) sempre reaes, e deduzindo-se as de (3) da relação  $t = v + \frac{1}{4}(c^2 + 2r^2)$ , também estas são reaes; e positivas, porque ou seja  $c = \pm r$ , ou menor, não ha em (3), que é uma equação completa, senão variações, e a regra de Descartes diz, que quando uma equação tem as raizes todas reaes, ha precisamente tantas raizes positivas, quantas as variações. Sendo pois as raizes de (3) todas reaes e positivas, também (2) tem todas as raizes sempre reaes; e por consequencia a primeira das equações (1).

Se fizéssemos um calculo analogo para a 2.ª d'estas equações chegaríamos ao mesmo resultado: mas a symetria, que 'nellas se dá, dispensa-nos d'esse trabalho, poisque a 2.ª deduz-se da primeira pela mudança de  $x$  em  $-y$ , de  $s$  em  $c$ , e de  $c$  em  $s$ . A 2.ª das equações (1) tem portanto igualmente sempre reaes as suas raizes.

No caso de  $c = \pm r$ , (4), (3), e a 2.ª de (1) dão

$$\left\{ \begin{array}{l} v = -\frac{r^2}{2} \\ v = +\frac{r^2}{4} \\ v = +\frac{r^2}{4} \end{array} \right\} \quad \left\{ \begin{array}{l} t = +\frac{r^2}{4} \\ t = +r^2 \\ t = +r^2 \end{array} \right\} \quad \left\{ \begin{array}{l} y = 0 \\ y = 0 \\ y = +\frac{r}{2}\sqrt{3} \\ y = -\frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array} \right\} \dots \dots \dots (A)$$

Para  $c = \pm r$ , (2) e a 1.ª de (1) dão

$$\left\{ \begin{array}{l} z = \mp \frac{r}{4} \\ z = \mp \frac{r}{4} \\ z = \mp \frac{3}{4}r \\ z = \pm \frac{5}{4}r \end{array} \right\} \quad \left\{ \begin{array}{l} x = 0 \\ x = 0 \\ x = \mp \frac{1}{2}r \\ x = \pm \frac{3}{2}r \end{array} \right\} \dots \dots \dots (B)$$

Quando fôr  $s = \pm r$ , os valores de  $v$  não se alteram; os de  $t$  são  $t = 0$ ,  $t = \frac{3}{4}r^2$ ,  $t = \frac{3}{4}r^2$ ; os de  $z$  mudam-se em  $z = 0$ ,  $z = 0$ ,  $z = +\frac{r}{2}\sqrt{3}$ ,  $z = -\frac{r}{2}\sqrt{3}$  em ambos os casos; e os de  $x$  trocam-se em valor e signal pelos de  $y$ , e vice-versa, o que sabiamos que devia acontecer.

Podemos também, sem formar a reduzida (3), certificarmo-nos de que a equação do 4.º gráu em  $z$  tem sempre as quatro raizes todas reaes.

Com effeito sabemos, que, para que uma equação  $f(z)=0$  tenha todas as raizes reaes, é necessario que, na equação ao quadrado das differenças não haja senão variações. Formando pois esta equação, chega-se ao resultado que desejamos: mas podemos evitar a formação d'ella, servindo-nos do theorema de Sturm, que dá para o nosso fim as seguintes condições:

$$-(c^2 + 2r^2) < 0$$

$$-8c^4r^2 + 7c^3r^4 - 3r < 0$$

$$112c^{10} + 243c^8r^2 - 49221c^6r^4 + 122072c^4r^6 - 62640c^2r^8 + 13824r^{10} > 0$$

A primeira desigualdade evidentemente se dá: para verificar as outras duas, façamos  $c = \pm r\sqrt{k}$ , e dividindo a segunda por  $r^6$ , e a terceira por  $r^{10}$ , será

$$-8k^3 + 7k - 3 < 0$$

$$112k^5 + 243k^3 - (49221k^3 - 122072k^2 + 62640k) + 13824 > 0$$

Derivando a quantidade  $-8k^3 + 7k$ , e o parentese da ultima desigualdade, vê-se que o *maximo* para a primeira expressão corresponde a  $k = \frac{7}{16}$ , o que dá para  $-8k^3 + 7k$  um valor menor que o ultimo termo da desigualdade; e para a segunda expressão o *maximo* corresponde a  $k = 0,319$  proximamente, dando para valor do parentese uma quantidade inferior ao ultimo termo d'aquella expressão. Logo tambem por este modo fica demonstrado que (2) tem as 4 raizes todas reaes; e por consequencia tambem a 1.<sup>a</sup> das equações (1), d'onde ella deriva pela hypothese  $x = z + \frac{c}{4}$ . O mesmo se applicava á 2.<sup>a</sup> das equações (1).

Vejamos se (1) podem ter raizes eguaes, e quando as tenham, que relações deve haver para isso entre os seus coefficients.

A 1.<sup>a</sup> de (1) é

$$f(x) = x^3 - cx^3 - \frac{3}{4}r^2x^2 - \frac{1}{4}cs^2x + \frac{c^2s^2}{16} = 0$$

$$f'(x) = 4x^3 - 3cx^2 - \frac{3}{2}r^2x - \frac{1}{4}cs^2$$

$$R_1 = 1.^{\circ} \text{ resto} = 3x^2(c^2 + 2r^2) - \frac{3}{2}cx(3r^2 - 2c^2) + \frac{3}{4}c^2r^3 - \frac{3}{4}c^4$$

O resto de  $f'(x)$  por  $R_1$  é

$$R_2 = -6x(3r^6 + 8c^4r^2 - 7c^2r^4) + \frac{3}{2}c(c^2 - r^2)(c^3 + 2r^3 - 4c^2r)$$

O resto de  $R_1$  por  $R_2$  é

$$R_3 = -c^2(c^2 - r^2)(c^{12} - 39c^{10}r^2 + 470c^8r^4 - 830c^6r^6 + 722c^4r^8 - 312c^2r^{10} + 64r^{12}) \\ = -c^2(c^2 - r^2)K, \text{ chamando por brevidade } K \text{ ao ultimo parentese.}$$

Este resto pôde ser nullo, ou porque seja  $c=0$ , ou  $c=\pm r$ , ou  $K=0$ . Mas  $K$  não pode ser zero, em quanto que se tomem para  $c$  valores eguaes ou menores que  $\pm r$ ; porque suppondo  $K$  nullo, pondo  $c^2=m$ , e procurando pelo methodo das derivadas o limite inferior das suas raizes positivas, acha-se que este limite é  $m_1 = +r^2$ ; e como evidentemente na equação transformada em  $m$  não ha raizes negativas, nunca pode  $K$  ser zero em quanto for  $c \leq \pm r$ . Logo as unicas condições para haver raizes eguaes são  $c=0$ ,  $c=\pm r$ , deduzidas dos outros factores do resto  $R_1$ . Introduzindo estas condições em (1) acha-se em todos os casos a raiz dupla  $x=0$ , e  $y=0$ : o que concorda com o que ha pouco haviamos encontrado; pois vimos, que cada uma das equações (1) tinha 2 raizes eguaes,  $x=0$ ,  $x=0$ ,  $y=0$ ,  $y=0$ , no caso d'aquelles valores de  $c$ .

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.



# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## RELATORIO

**Dos trabalhos do conselho da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1855 para 1856.**

III.<sup>o</sup> e Ex.<sup>o</sup> Sr. — Para satisfazer ao preceito do decreto de 25 de fevereiro de 1841, tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> o succinto relatório dos trabalhos da faculdade de mathematica durante o anno lectivo findo.

São bem conhecidos de V. Ex.<sup>a</sup> os desgraçados motivos que deram lugar, a que os estudos da universidade sómente podessem começar em janeiro de 1856.

Em virtude do decreto de 21 de dezembro de 1855, começaram de novo os trabalhos preparatorios para a abertura das aulas, e o conselho da faculdade approvou para servir de compendio, a continuação da nova tradução das Mathematicas puras de Francoeur. Para o melhor regimen das aulas do primeiro e segundo anno, mandou-se construir uma aula em amphitheatro, que então se julgou poderia estar prompta antes do tempo marcado para a abertura da Universidade; não tendo porém assim succedido, foi preciso buscar novo local aonde os estudantes podessem ouvir as lições d'aquelles cursos. Não posso aqui deixar de mencionar a V. Ex.<sup>a</sup> a discordancia em que por esta occasião se acharam as duas faculdades de mathematica e philosophia, desejando aquella servir-se de uma das aulas do museu, e não se prestando esta de bom grado, e attribuindo-se o uso quasi exclusivo d'aquelle estabelecimento. Bom seria que se fizesse bem claramente entender a todas as faculdades, que os diferentes estabelecimentos não são de uso exclusivo d'algumas d'ellas, mas sim destinados para que se faça o ensino com a melhor regularidade e aproveitamento dos seus alumnos.

Não achando o director do observatorio astronomico lugar apropriado 'neste estabelecimento para a collocação do Equatorial, requereu que se reunisse a faculdade para com

ella se aconselhar a este respeito. Foi este o assumpto de que se occupou o conselho em 27 de janeiro, sem que se podesse vir a um accordo, pedindo-se para isso mais alguns esclarecimentos.

No conselho de 28 de março, approvou-se um regulamento para a frequencia da aula de desenho, e se mandou confeccionar outro para os exames.

No conselho de 8 d'abril tratou-se novamente da collocação do Equatorial, tendo sido apresentados ao conselho alguns esclarecimentos, que havia exigido, e depois de larga discussão nada se pôde resolver definitivamente. Taes são as difficuldades que para isto offerece o edificio do observatorio.

No conselho de 28 de maio leu-se uma portaria do governo de Sua Magestade, na qual, tendo em vista a representação do dr. Antonio Joaquim Barjona, lente de medicina, em que este pondera a inconveniencia da antecipação com que 'naquelle faculdade se põe termo ás respectivas prelecções, manda que os conselhos das faculdades das sciencias naturaes tenham em attenção certas regras que alli prescreve, quando marcarem o tempo em que devem terminar as suas lições. O conselho, mandando lançar esta portaria no livro das suas actas, julgou tambem que alli mesmo devia declarar, que já muito antes d'esta portaria, fôra sempre costume na faculdade de mathematica, ter em consideração, para o encerramento das aulas dos diferentes annos, todas as disposições e preceitos recommendados, e que se aquella portaria se podia entender irrogando censura ás faculdades a que era dirigida, não podia esta caber á faculdade de mathematica.

No conselho de 23 de junho, depois de se ter lido a portaria do Ex.<sup>o</sup> Vice-Reitor, em que se faziam as recommendações do costume, lembrando-se a necessidade de muita circumspecção no julgamento das faltas dos estudantes, e no julgamento final dos actos, leu-se uma portaria do governo, que determinava se puzesse ponto no dia 30 de junho.

Os lentes do primeiro e segundo anno ponderaram então o inconveniente, que havia em não continuarem as suas aulas por mais tempo, e mostraram a grande vantagem que resultaria ao ensino, se ellas se prolongassem

até ao fim de julho, guardando-se os respectivos actos para os primeiros 15 dias d'outubro; e o conselho, depois de maduramente discutir este negocio, resolveu dirigir-se ao prelado da universidade, rogando-lhe que levasse ao conhecimento do governo a utilidade de tal medida.

O governo, porém, sem desconhecer a força das razões expendidas pelo conselho, mandou comtudo executar a disposição do decreto, que mandava pôr ponto em 10 de julho. Tomaram-se logo todas as medidas para se fazerem os actos dos diferentes annos da faculdade, que terminaram no dia 30 do mesmo mez, não se poupando os lentes a sacrificio algum, e conseguindo examinar todos os estudantes, que para isso se apresentaram.

Em 30 de julho reuniu-se o conselho para distribuir os partidos, premios e distincções merecidas pelos estudantes dos diferentes annos, e informar os bachareis que este anno fizeram a sua formatura. Do resultado d'este trabalho já V. Ex.<sup>a</sup> deve ter conhecimento pela secretaria da universidade. Neste mesmo conselho se ponderou novamente a urgente necessidade de se imprimir, quanto antes, o compendio d'Astronomia, do digno vogal o dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e por esta occasião disse o auctor, que sempre tencionára offerrecer á Universidade a primeira edição; mas isto depois de regulada a impressão, a fim de o não fazer com restricções, que são necessarias para não ficar privado de proceder a nova edição, quando o exigir o progresso da sciencia; como porém a continuação d'este seu melindre dava logar á demora que o conselho reputa prejudicial, resolveu fazer desde já aquelle offercimento, com as condições de não se imprimirem mais de duzentos exemplares, e de se proceder desde logo á impressão.

O conselho resolveu que 'neste relatorio se levasse ao conhecimento de V. Ex.<sup>a</sup> este offercimento, desejando muito que seja acceite; pois so assim ficará satisfeita a necessidade que ha d'um texto accommodado ás lições d'Astronomia Práctica.

O conselho 'nesta sua ultima reunião fez a visita ao observatorio, aonde achou tudo regular, estando já perfeitamente collocado o Circular meridiano, mas não o Equatorial; e não pôde deixar de lamentar as difficuldades que ainda se encontram para a boa collocação d'este instrumento, difficuldades que não podem ser vencidas, nem pelo desvelo, nem pela boa vontade de todos os empregados d'este estabelecimento.

Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> — Coimbra, 14 de agosto de 1856.

O secretario da faculdade,

Francisco de Torres Coelho.

Sobre a Hermeneutica do direito portuguez.

Continuado de pag. 98.

## II.

### *Bibliographia da Hermeneutica Juridica.*

Como o primeiro cuidado de quem deseja estudar uma sciencia, é indagar que mestres a ensinam, vamos poupar este primeiro trabalho aos que pretendem iniciar-se na Hermeneutica Juridica, indicando-lhes os livros, que d'ella tractam especialmente.

Cumpre, porém, prevenil-os de que a maior parte d'esses livros mal pagam o trabalho da leitura. Cheios de hypothèses, de regras e excepções infinitas, servem mais de confundir, do que de esclarecer. Diremos quaes são, segundo a nossa opinião, os que merecem ser consultados, que se reduzem a poucos.

Não tencionamos referir senão as monographias. Mas como algumas obras geraes, pela influencia, que tiveram ou legitimamente devem ter na cultura da Hermeneutica Juridica, nos parecem dignas de menção, dar-lhes-hemos cabida no logar, que lhes pertence segundo a ordem chronologica, que é a que adoptamos, salvo no tocante aos livros dos Jctos Portuguezes, que irão referidos em separado.

Não incluímos no catalogo as obras, que tractam sómente d'um ou outro objecto da Hermeneutica, taes como as que versam sobre a interpretação das leis penaes. Essas irão indicadas nos capitulos a que disserem respeito.

A obra mais antiga que se conhece sobre a Hermeneutica Juridica, é a de *Constantinus Rogerius, de juris interpretatione, Lugd. 1549*. Seguiu-se-lhe *Mathaeus Mathesyllanus de interpretatione legis extensiva, Venet. 1557, e Bartholomaeus Caepola, do qual foi publicado no mesmo anno o tractat de interpr. jur. extensiva*. Em 1559 saiu á luz em Basilea o *Jureconsultus sive lib. de optimo genere juris interpretandi*, obra de *Franciscus Hotomanus*, Jcto da famosa escola franceza do seculo XVI. Esta foi por varias vezes reimpressa e encontra-se na collecção das suas *opera* tom. II, pag. 1087. Seguem-se as obras quasi desconhecidas de *Stephanus de Federici (Commentatio de interpretatione legum Colon. 1577, Francof. 1595 e Lugd. 1636, publicada tambem no tom. I. do tractatus tractatum)* e de *Joham. Papyrius Massonus (Philocalia sive de recta juris interpretandi ratione liber Lutet. Paris, 1605)*. Antes d'esta ultima obra Hugo Donellus havia publicado em Francfort desde 1589 até 1597 os seus famosos *Commentariorum libri XXIII*, tractando da interpretação das leis no liv. I, cap. 13 a 15, com aquelle

genio original, que se manifesta em todas as suas obras <sup>1</sup>.

Seguiu-se *Val. Guil. Forsterus* com o seu *Interpres seu de interpretatione libri II*, Viteb. 1613, que também se encontra em *Otto Thesaur. jur. tom. II*, pag. 945. Esta é a monographia mais completa, que ha sobre a Hermeneutica até o apparecimento da obra de Eckhard, de que logo faremos menção. Ilugo Grotius, cuja obra de *jure belli ac pacis* foi pela primeira vez publicada em Paris em 1625, tractou da interpretação das leis no liv. 2.º cap. 16, e é sem rasão considerado pelo nosso Mello Freire <sup>2</sup> como o primeiro que tentou reduzir a regras certas a Hermeneutica. Da mesma materia tractou *Sam. Puffendorf* no cap. 12 do liv. V. da sua obra de *jure naturae et gentium* 1672, e no liv. 1, cap. 17 do *Tr. de officiis hom. et civ.* 1673. Referirei aqui *Jo. Domat* = *Les lois civiles dans leur ordre naturel*, Paris 1689, 1695, e muitas vezes reimpressas, sendo a ultima em 1830, nouv. edit, en rapport avec le Code Civil par Rémi. A parte, em que esta obra tracta da interpretação das leis foi traduzida pelo nosso bem conhecido Jcto Corrêa Telles, como logo diremos. Ha mais monographias anteriores a obra de Eckhard, que apezar de virem quasi todas mencionadas por *Walchius* no Prefatio ad *Herm. Jur. Eckhardi*, as indicaremos aqui para que esta bibliographia seja a mais completa que poderemos organizar.

Estas são as seguintes. *Henr. Hahnus Diss. de interpretatione legum*, Helmstadii 1650; *Jac. Zinckius de interpr. legum*, Vitemb. 1669; *Herman, Covingius Diss. de interpr. legum*, Helmst. 1674; *Vinc. Placcius de jureconsulto perfecto seu interpretatione legum*, Holm. et Hamb. 1693; *Jo. Henr. Hoepinerus diss. de interpr. juris*, Giesse 1698; *Ern. Guil. de Besseler de interpr. legum* Harderovici 1698; *Casp. Henr. Hornius Praelectiones juridicae de interpretatione juridica*, Vitemb. 1707 e 1728; *Jo. Cornel. Eberwein, diss. de arte interpretandi leges*, Erfordiae 1717; *F. Rapola, de Jureconsulto sive de ratione discendi interpretatione jur. civ. libri II*. Neapoli 1726, e 1766; (Esta obra que escapou a *Walchius* apezar de não merecer esquecimento foi traduzida em Allemão com observações por *Lud. Fried. Griesinger*, Stuttg. 1792); *Jo. Zach. Hartmann, programma de recta ac genuina legum interpretatione*, Kilonii 1730; *Dan. Frid. Hoheisel, primae de interpretatione juris lineae*, Halae 1731; *Jo. Laur. Holderrieder, de*

*principiis interpretationis legum adaequatis*, Lips. 1736; *Petr. Amsink, disp. de legum in corpore juris Justinianei interpretatione*, Traj. ad Rhenum 1743; *August. a Leyser, de necessaria in legibus interpretandis circumspectione*, Vitem. 1749. Segue-se a obra classica de *Chr. Henr. Eckard Hermeneutica juris*, Lips. 1750, ed. 2.ª cum notis *Car. Fried. Welchii*, ibid. 1779, ed. 3.ª cum notis *Car. Wilh. Welchii* ibid. 1802. O valor d'esta obra é superior ao das antecedentes, sendo que até alguns a consideram como o primeiro trabalho completo sobre a materia (*sr. Carneiro*, *Prim. lin. de Herm. Jur. §. 26*); no que ha, segundo me parece, alguma exaggeração. Depois d'esta, varias dissertações e obras se publicaram. As de que tenho noticia são as seguintes: *Jos. Dieter Mellmann, diss. de interpretatione legum romanarum*, Kilonii 1770; *Christ. Gottl. Einert, disp. de legum rationibus earumque investigandi regula*, Lips. 1731; *Henr. Ge. Wiltich, Princip. et subsidia hermeneuticae juris*, Goetting. 1799; *A. F. J. Thibaut, Theorie der logischen Auslegung des roem. Rechts*, Altona 1799, 2.ª anfl. ibid. 1806 (*Theoria da interpretação logica do Dir. Rom.*); *J. Gottfr. Sammet, Hermeneutik des Rechts*, herausgeg. von *Fried. Glob. Born*, Leipzig. 1801 (*Hermen. Jurid.* publicada por *F. G. Born*); *Versuch einer Theorie ueber die Auslegungskunst des roem. Rechts z. Gebr. acad. Vorlesungen*, Halle 1804 (*Ensaio d'uma theoria sobre a arte de interpretar o direito rom. para texto das preleções academicas*) ignoro o nome do auctor. *Carl. Salom. Zachariae, Versuch einer allgemeinen Hermeneutik des Rechts*, Meissen 1805 (*Ensaio de Herm. Jur. geral*); *F. Maglianus de juris interpretandi ratione*, Neapoli 1808; *M. A. Mailher de Chassat, Traité de l'interprétation*, Paris 1822, 2.ª ed. 1835, nouv. ed. 1845; *Fern. Fried. Weichsel, Abhandlungen ueber verschieden. prakt. etc.* J. Magdeburg 1829 (*Diss. sobre diversas materias juridicas de importancia practica, tractadas tanto por direito commun, como pelo da França e Prussia*). A 3.ª d'estas *Diss.* tracta das regras da interpretação e sua applicação practica. *Walth. Fried. Clossius, Hermeneutik d'roem. Rechts*, etc. Riga u. Dorpat 1829, Leipzig 1831; *M. G. Delisle, Traité de l'interprétation juridique*, 2 vol. Paris 1849, e com o titulo de *Principes de l'interprétation des lois, actes et des conventions entre les parties*, 2 vol. 1852. *Savigny, système des heurigen roem. Rechts*, trad. em francez por *M. Ch. Guénou* com o titulo (pouco fiel) de *Traité de Droit Romain*. O cap. 4.º do liv. 1.º d'esta obra (tom. 1.º pag. 201 e seg. da trad. franc.), contem um tractado breve mas o mais racional que ha sobre a materia da interpretação das leis.

Os nossos Jctos também escreveram algu-

<sup>1</sup> Donellus ou em francez Doneau, com quanto fosse superior ao proprio Cujacio na arte de interpretar as leis, esteve esquecido em França, sua patria, até ao 2.º quartel do presente seculo, em que *Dupin* e *Lerminier* mostraram a injustiça d'este esquecimento. A 1.ª edição das suas obras completas appareceu em Pisa em 12 vol. (1762 — 1770), depois em Roma (1828 — 1833) e finalmente em Florença cum notis *Hellegii* (1840 — 1847).

<sup>2</sup> *Hist. Jur. Civ. Lus. §. 119 not.*

ma cousa sobre a interpretação. É o primeiro Paschalis Joseph. Mel. Freire, *Historia Jur. Civ. Lus.* Olisip. 1788, 1794, 1800, 1806. A 3.ª edição (1800) dirigida, já morto o autor, pelo seu panegyrista Gargão, é muito preferível á 4.ª e serviu de exemplar ás reimpressões de Coimbra. O cap. 13 d'esta obra inestimavel tracta de *recta Lusitani juris interpretandi ratione*. Nesta parte como em todas as obras de Paschoal, bem se conhece a mão do mestre, mas nem por isso diremos que é um tractado completo; segue-se o insigne M. A. Coelho da Rocha nas suas instituições de *Dir. Civ. Port.* 1.ª ed. Coimbr. 1840, 2.ª edic. ib. 1848. A 3.ª edição publicada em 1852 depois da sentida morte d'este illustre professor da Universidade não é mais que uma reimpressão da 2.ª. A secção 5.ª da Introd. dá algumas breves regras sobre a interpretação das leis (§§. 44 e 45). Também escreven alguma cousa a este respeito outro claro professor d'esta Universidade Antonio Ribeiro de Liz Teixeira no seu *Curs. de Dir. Civ. Port.* P. 1, tit. prelim. secç. 4.ª Dedicou-se, porém, mais especialmente a este ramo o nosso Jcto, José Homem Corrêa Telles no *Commentario critico á lei da boa razão* (lei de 18 d'agosto de 1769) Lisb. 1845. Esta obra é seguida d'um discurso sobre a Equidade, e da traducção do *Traité des Oblig.* de Pothier, P. 1, cap. 1, sec. 1, art. 7, em que se tracta das regras da interpretação dos contractos. É a melhor obra, que possuímos sobre a interpretação do direito portuguez. O mesmo Jcto traduziu a parte da obra de Domat, em que já fallei, pondo-lhe o titulo de *Theoria da Interpretação das leis*, Lisb. 1845. O nome de theoria é mal escolhido para designar uma collecção de regras deduzidas do Direito Romano. Todavia a obra é valiosa porque não é uma simples traducção, mas applica as regras á interpretação do nosso direito, e esclarece algumas materias d'elle.

Finalmente o sr. Bernardino J. da S. Carneiro deu-nos as primeiras linhas de *Hermeneutica Juridica e Diplomatica*, Coimbr. 1855, sobre a qual se encontra um breve juizo critico no *Instituto* vol. IV, n.º . . .

De todos estes livros recommendaremos particularmente, alem dos publicados pelos nossos Jctos, os de Forster, Eckhard, Chassat, Thibaut, Zachariae, Clossius, e Savigny. A obra de Donells, que tambem mencionei, pode ser consultada com proveito.

Não esperem, porém, os nossos principiantes, que hão-de sair bons interpretes com a só lição d'estes mestres theoricos. Para isso lhes aconselhamos que conversem noite e dia com os excellentes trabalhos practicos dos mais acreditados Commentadores e Analystas, porque ahi acharão a arte em acção, que lhes comunicará aquella habilidade, e tino, e prestesa que o artista mais adquire pelo exer-

cicio que pela theoria. Em muitos dos Assentos da Casa do Supplicação encontrarão os nossos Jctos excellentes medelos practicos da recta interpretação do direito portuguez.

*Continúa.*

A. M

## HISTORIA DA CONJURAÇÃO DE CATILINA

POR  
SALLUSTIO:

TRADUÇÃO PORTUGUEZA.

Continuado de pag. 117

LV. Depois que o senado adoptou, como eu disse, o parecer de Catão, o consul, julgando que o melhor era aproveitar logo aquella mesma noite, para que entretanto não houvesse novidade, mandou aos triumphos apromptar o que havia mister para o supplicio, postou as guardas convenientes, e conduziu elle mesmo a Lentulo para o carcere: os pretores fizeram o mesmo aos outros presos. Neste carcere, depois de se subir um pouco á esquerda, ha um logar subterraneo, chamado Tulliano, de quasi doze pés de fundo, murado em torno, e coberto de abobada com arcos de pedra; o qual, pelas imundicies, escuridade e fedor, apresenta um aspecto asqueroso e terrivel.

Assim que Lentulo desceu para aqui, os algozos o enforcaram, em cumprimento das ordens dadas. Tal foi o fim que teve aquella patricio, da mui illustre familia dos Cornelios, e outr'ora revestido da dignidade consular; fim digno de seus costumes e comportamento. Cethego, Stalilio, Gabinio e Cepario foram igualmente executados.

LVI. Em quanto isto se passava em Roma, formou Catilina duas legiões de todas as tropas que trouxera, e das que Manlio commandava. Proporcionou a principio as cohortes ao numero dos soldados; e depois, á medida que algum voluntario ou cumplice se apresentou no arraial, os foi distribuindo com egualdade, de modo que em breve completou o numero de homens em cada legião, quando a principio não tinha mais de dous mil. Mas de toda esta multidão apenas a quarta parte estava militarmente armada: o resto, tomando o que lhe offerecera o acaso, só tinha dardos, lanças e chuços.

Quando Antonio se foi approximando com o seu exercito, Catilina dirigiu a marcha pelas serras; e, evitando dar batalha, acampava-se ora do lado de Roma, ora para a parte da Gallia. Esperava todos os dias ser reforçado por numerosas tropas, se em Roma os companheiros executassem seus projectos; e entre tanto rejeitava os escravos, que a principio concorriam em grande numero a alistar-se, confiado nas forças do seu partido, e julgando tambem contrario á boa politica o parecer

confundir a causa dos cidadãos com a dos escravos fugitivos.

**LVII.** Espalhada no campo a noticia da descoberta da conjuração, e do supplicio de Lentulo, Cethego e outros, segundo referimos, desertou a maior parte dos que vinham atraídos pela esperança do roubo, ou pelo desejo de novidades. Catilina conduziu os restantes por asperas serras, a marchas forçadas, para o territorio Pistoriense, com intuito de se escapar para a Gallia por veredas occultas. Porém Q. Metello Celer, que no territorio Piceno commandava trez legiões, pelo aperto, em que via Catilina, fez as mesmas conjecturas que elle; e em consequencia d'isto, mal soube pelos desertores da direcção da sua marcha, levantou o campo, e veio postar-se nas fraldas da serra, no sitio, por onde Catilina havia de descer para a Gallia. Antonio tambem o seguia de perto, quanto o podia fazer com um exercito numeroso, que devia escolher logares mais planos, e que ia no alcance de homens desembaraçados para a fuga.

**LVIII.** Catilina, vendo-se cercado entre montes e tropas inimigas, malogrados os seus projectos em Roma, e perdida a esperanza de fugir ou de ser reforçado, julgou mais acertado, em tal conjunctura, tentar a sorte das armas, e dar quanto antes batalha a Antonio. Convocando pois a sua gente, fallou-lhes d'esta sorte:

«Soldados! Eu bem sei, que palavras não dão valor; que o discurso do general não infunde coragem ao cobarde, nem fortaleza ao tímido. O soldado costuma patentear na guerra, quanta audacia lhe inspiraram a natureza ou o habito. Debalde se exhorta aquelle, a quem não commove nem os perigos, nem a gloria: tapa-lhe o temor os ouvidos. Convoquei-vos, porém, só para vos fazer algumas advertencias, e vos expor ao mesmo tempo os motivos d'esta minha resolução.

«Já sabeis, soldados; quanto a frouxidão e cობardia de Lentulo foi fatal a nós e a elle; e como, enquanto estive esperando de Roma os seus reforços, fiquei privado de me retirar para a Gallia. Sabeis todos, tão bem como eu, a nossa situação. Cercam-nos dous exercitos inimigos, um do lado de Roma, outro do lado da Gallia. Não podemos, por muito que o queiramos, demorar-nos mais tempo nesta posição: a falta de pão e d'outras provisões nol-o prohibem. Para onde quer que tentemos ir, havemos de abrir caminho com a espada. Portanto admoesto-vos que sejais resolutos e animosos; que no travar da peleja vos lembreis, que levais em vossas mãos riquezas, honras, gloria, liberdade e patria. Se vencermos, tudo nos ficará seguro; abundaremos de viveres, abrir-se-nos-hão colonias e municipios; mas se recuarmos medrosos, estas mesmas cou-

«sas nos serão contrarias: nem asylos nem amigos protegerão aquelles, a quem as armas não protegeram. Além de que, soldados, elles não têm os mesmos interesses que nós: nós pelejamos pela patria, pela liberdade, pela vida; elles combatem, sem necessidade, pelo poder de uns poucos. Isto vos dobre o animo, lembrados do vosso antigo valor.

«Era-vos livre acabar a vida em desterro affrontoso: alguns de vós podieis, perdido o patrimonio, mendigar em Roma soccorro alheio; mas, porque vos parecia insupportavel, vergonhoso, indigno de homens aquelle partido, seguistes este. Se quereis sair-vos bem d'elle, é mister intrepidez: mudar a guerra em paz só pôde o vencedor: pois, procurar a salvação na fuga, desviando do inimigo as armas, com que se defende o corpo, isso é remataada loucura. Sempre no combate o maior perigo é para os que mais temem: a intrepidez serve de trincheira.

«Quando vos contemplo, soldados, quando considero as vossas façanhas, grande esperanza tenho da victoria. Animam-me vossos brios, idade e valor; e sobre tudo a necessidade, que até dos fracos faz valentes: e demais, o aperto do logar obsta a que o inimigo nos possa envolver com o seu numero. Mas se a fortuna contrariar vossos esforços, ah! não morrais sem vingança; não prefirais ficar prisioneiros e perecer num degoladoiro, á gloria de morrer como heróes, vendendo a victoria aos inimigos á custa de rios de lagrimas e de sangue.»

**LIX.** Findo este discurso, fez uma pequena pausa; e, mandando tocar á marcha, desceu com a tropa em boa ordem para a planicie. Depois retirou todos os cavallos, para dar mais animo aos soldados. vendo que para todos era igual o perigo. Elle mesmo, apeando-se tambem, formou o exercito, segundo o pedia o terreno e o numero. A planicie estava situada entre montes da esquerda, e rochedos escarpados da direita. Catilina, pois, postou oito cohortes na frente, e deixou as outras de reserva em linhas mais cerradas. D'estas tirou para a vanguarda todos os centuriões escolhidos, e os voluntarios; e dos soldados rasos, os melhores e mais bem armados. Deu a Caio Manlio o commando da direita, e a um homem de Fesulas o da esquerda; e elle, com os seus libertos e colonos, ficou juncto da agua, que diziam ser a mesma, que Mario tivera no exercito na guerra Cimbrica.

Por outro lado Caio Antonio, não podendo, por incommodo de gota, assistir á acção, deu o commando do exercito a M. Petreio seu logar-tenente. Este postou na vanguarda as cohortes de veteranos, que tinha alistado por causa do imminente perigo, e aiz d'ellas o resto do exercito em reserva. Correndo a cavallo por todas as filas, chamando a cada um

por seu nome, exhorta-os, roga-lhes que se lembrem, que vão pelear em defesa da patria, dos filhos, dos templos e dos proprios lares, contra ladrões inermes. Como guerreiro, que por mais de trinta annos, coberto de gloria, tinha sido no exercito ou tribuno, ou prefeito, ou legado, ou pretor, conhecia pessoalmente quasi todos os soldados e as façanhas de cada um: recordando-as, inflammava-lhes os animos.

LX. Tomadas todas as providencias, Petreio dá signal com a trombeta, e manda avançar as cohortes a passo lento. O exercito inimigo faz o mesmo. Depois que chegaram a ponto de atacar com a tropa ligeira, accommettem-se de parte a parte com grande grita; largam dardos, e arrancam das espadas. Os veteranos, lembrados de seu antigo valor, apertam vivamente os inimigos: estes resistem sem susto. É geral a coragem. Catilina com os soldados ligeiros discorre pela vanguarda, sustenta os que retrocedem, reveza os saos aos feridos, providencia a tudo; pejeja tambem muito, e derruba muitos inimigos: faz ao mesmo tempo as vezes de um valente soldado, e de um bom general. Petreio, vendo que Catilina oppunha resistencia maior do que imaginára, ataca e rompe o centro dos inimigos com a cohorte pretoriana, o que lhes causa grande perda, e transtorna a resistencia; e depois continúa a accommettel-os por ambos os flancos. Catilina e o Fesulano morrem combatendo na frente. Catilina, vendo-se já com poucos, e derrotado o exercito, lembrado do seu nascimento e antiga gloria, atroja-se sobre um monte de inimigos, e morre pejejando.

LXI. Mas depois do combate é que se podia ajuizar da audacia e animosidade, que houvera no exercito de Catilina. Quasi todos, depois de mortos, cobriam com os corpos os postos que defenderam vivos: os poucos, que a cohorte pretoriana desbaratára, foram cahir mais longe, mas feridos todos por diante. Catilina foi achado ainda arquejando, muito distante dos seus, entre os cadaveres inimigos, conservando no semblante aquella ferocidade de espirito, que tivera em vida. Finalmente, de tão grande numero não houve cidadão distincto, que ficasse prisioneiro na acção ou na derrota: pouparam tão pouco as proprias vidas, como as dos inimigos.

Triste e sanguinolenta victoria ganhou o exercito romano. Os mais valerosos ou morreram no combate ou ficaram gravemente feridos. Muitos que saíram do arraião, ou por curiosidade, ou para saquear os mortos, revolvendo os cadaveres dos inimigos acharam, este o amigo, aquelle o hospede, aquell'outro o parente; alguns reconheceram tambem os seus inimigos. Assim por todo o campo se espalhou variamente alegria e tristeza, pezar e regozijo.

P. I. M.

## ENCANAMENTO DO MONDEGO.

Tu, Mondego gentil, que ameno desces  
D'alta coroa da Montanha Hermiaia,  
Perdeste o curso estragador, tomando  
Por entre verdes arvores sombrias.

CANTILHO.

Não é nosso intento particularisar os alvitre, que, em diversas epochas, se propozeram, para remediar os damnos causados pelo Mondego nos campos de Coimbra; a simples compilação das providencias principaes constituiria, per si só, um grosso volume.

Para não fallar dos antigos, lembraremos sómente, que já nos carcereiros da Junqueira se occupára Bento de Moura Portugal d'este importante assumpto<sup>1</sup>.

O tenente general Guilherme Luiz Antonio de Vallere fóra, tambem, em 1788 encarregado de remediar os estragos, que uma proxima alluvião tinha causado na ponte de Coimbra.

Desempenhando o objecto d'esta commissão, mostrou, em beneficio da navegação do rio, a possibilidade de reunir, no tempo do verão, as suas agoas em uma só corrente<sup>2</sup>.

Domingos Vandelli propozera, igualmente, o que sobre o *Encanamento do Mondego* lhe subministrara o seu estudo<sup>3</sup>.

E, porém, certo, que nem a proposta de Bento de Moura, nem o projecto de Vallere, nem o plano de Vandelli, mereceram a approvação do governo.

Por aviso do secretario d'estado José de Seabra<sup>4</sup>, de 14 de junho de 1790, foi chamado o padre Estevão Dias Cabral, famoso hydraulico, que, havia pouco tempo, regressara da Italia, onde se estremera 'nesta ordem de conhecimentos'.

Intima-lhe as determinações da soberana, consistindo em cinco capitulos, cada um dos quaes tractou largamente o celebre Jesuita na *Memoria*, que leu na academia real das sciencias de Lisboa, em 14 de dezembro de

<sup>1</sup> *Inventos, e varios planos de melhora mento para este reino, escriptos nas prisões da Junqueira*. Por Bento de Moura Portugal.

<sup>2</sup> *Elogio Historico de Guilherme Luiz Antonio de Vallere*. Por Francisco de Borja Garção Stokler — pag. 64. Edição de Paris).

<sup>3</sup> *Memorias Economicas da academia real das sciencias de Lisboa* — tom. 3.º, pag. 18.

<sup>4</sup> Na administração de José de Seabra começaram muitas tentativas para o melhoramento das nossas communicações, pensamento seguido depois principalmente por Luiz Pinto de Sousa, e Rodrigo de Sousa Coutinho.

E em abono da verdade deve dizer-se, que, examinadas algumas providencias, e projectos d'esse tempo, parece, que, a certos respeito, em epochas muy proximas, retrogradámos, em vez de avançar.

*Memoria sobre a barra do Porto*. Por João Chrysostomo d'Abreu e Cunha. A Lei n.º 765 — anno 1852.

<sup>5</sup> Vide *Memoria da vida e escriptos de Estevão Dias Cabral*, que publicámos em 1855.

1790, sobre os danos do Mondego no campo de Coimbra, e seu remedio <sup>1</sup>.

É para admirar a clareza (é um dote eminente 'neste insigne escriptor), com que descreve o lastimoso estado, em que achou os campos de Coimbra, a curiosidade, com que colligiu as varias noticias historicas sobre a fundação da ponte juncto da cidade, e finalmente a ordem, com que, sem apparato de fraseologia technica, expõe as rasões fundamentaes do seu plano, que ainda hoje é louvado <sup>2</sup>.

Foi approved este plano, e em alvará de 22 de março de 1791 mandado executar por seu auctor, que 'nesta obra grandiosa consumiu nove annos successivos.

Em uma memoria inedita, que possuímos, descreve miudamente todos os trabalhos, que se fizeram, e as vantagens immediatas, que d'elles derivaram para a navegação, e agricultura.

Infelizmente, pela interrupção d'estes trabalhos, se inutilisou, quasi de todo, os avultados cabedaes, que 'nelles se haviam despendido.

Ao presentê os campos do Mondego offercem um luctuoso quadro; as aguas estagnadas geram enfermidades gravissimas, que vão, todos os annos, dizimando as póvoações ao longo das duas margens, e as aéas estendem já seu nefasto imperio a largo espaço, levando após si a esterilidade.

O futuro mostrará, se valem a remediar estes males as providencias, que, ultimamente, se têm ordenado.

F. A. R. DE GUSMÃO.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Relatorio apresentado ao ministerio da justiça, pelo ajudante do procurador regio, Manuel Thomaz de Sousa Azevedo.*

Para este relatorio, publicado agora pela imprensa, ajunctou o seu auctor os interessantes e custosos materiaes, na viagem, que emprehendeu e effeitou a França, Inglaterra, Belgica, e Suissa.

Em vez de se dar todo ás seductoras distracções, com que sabem estes paizes enleiar os estrangeiros, — e não fôra isso muito de extranhar 'num mancebo da sua idade; o sr. Sousa Azevedo quiz antes assignalar a sua passagem por aquellas terras, d'um modo que,

podendo vir a ser proveitoso á sua patria, o fosse desde já, e muitissimo, á sua reputação litteraria.

D'entre tantos e tão variados objectos, que lhe offerceria o extenso campo da civilisação d'aquelles povos, não podendo dedicar-se a todos, preferiu o melhoramento das prisões. Escolheu o que estava mais immediatamente relacionado com as funções publicas do seu cargo.

Sobre ser escolha de prudente, não acertaria facilmente com outro, — em que prestasse mais serviços.

As prisões foram, são, e, desgraçadamente hão de ser sempre, em todos os tempos e estados, uma das necessidades mais instantes. São a egide dos direitos; — e entre nós, se pouco se tem escripto, ainda menos se tem cuidada das reformas e melhoramentos, que o progresso das idéas reclama. Não, porque devam e possam as prisões deixar de ser prisões, mas porque diferente, e mui diferente, cousa é adaptal-as á retenção, segurança, ou correção dos individuos suspeitos, ou criminosos, outra é construil-as ou toleral-as de fôrma, que, longe de recennarem as nodoas, que deformoseam os culpados, antes lhes acrescentam as enfermidades da alma e do corpo. Em geral, estão as nossas cadeas justamente 'nesse caso.

O auctor do relatorio quiz ver se contribuia para um melhor estado, 'nesta importantissima parte da nossa administração da justiça criminal. Viu, examinou, e estudou a materia; e sobre o que viu, e as informações e estatisticas, que obteve, assentou a sua obra.

Achamol-a escripta com muita critica; e em estylo conciso, mas claro, e sufficientemente puro e fluente.

Dá uma idéa abreviada do estado da legislação penal, entre as nações, por onde andou; occupa-se da construcção, organização, e administração das prisões, que visitou; expõe as diversas classificações e divisões dos presos, e os systemas, que por lá se empregam para os melhorar; e não se esquece nunca de apontar, d'esses systemas, o que tem dado mais proficuos resultados, com relação á moralidade e saude dos individuos.

A isso tudo, que observou, reúne, em seguida, as suas mui sensatas considerações, optando pelo systema penitenciario. Chama á prisão a pena por excellencia. Tem-na como capaz de substituir no futuro todas as outras; e entretem-se com a solução d'este problema: *Como deverá cumprir-se?* — Olhando a questão pelo lado das condições necessarias aos edificios e empregados, e pelo do trabalho, educação correccional, protecção, e reforma da legislação; apresenta as reformas, que reputa essenciaes para se operar a transição para o novo systema penitenciario.

Não fecha porém ainda aqui o seu traba-

<sup>1</sup> Foi publicada na collecção das Memorias Economicas — tom. 3.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> Vide *Noticias sobre o encanamento do rio Mondego*. Pelo encarregado das obras hydraulicas do rio Mondego, o dr. Agostinho José Pinto d'Almeida. — Foram publicadas no Diario do Governo de 1822 — numeros 96, 97, 98.

lho o sr. Sousa Azevedo. Entra d'ahi, no nosso Portugal, e chorando o estado lastimoso, e de abandono d'este ramo do serviço, resenha a maior parte dos vícios da sua organização. Crê que desdizem dos principios e da forma do governo, que nos rege; e quer que se acabe com esses vícios.

Analysa as casas do Limoeiro e Aljube de Lisboa, e a da Relação do Porto, para concluir, que, se as prisões d'estas duas cidades são mas, as outras do reino ainda hão de ser piores.

Por fim, pondo remate á sua empresa, attende á actual divisão judicial, e apertadas circumstancias do Thesouro, e traça as bases e programma da reforma, que entende se deve e pôde levar a effeito desde já.

O relatório, pois, do sr. Sousa Azevedo é um trabalho importantissimo e novo entre nós. Merece ser lido e meditado por todos aquelles, que tomam a peito a boa administração das nossas cousas.

Recommendamol-o, como escripto, que, dando honra, e muita, ao seu distincto auctor, pôde ser de grandissima utilidade pública.

B. C.

## NOTICIARIO.

**O material d'um caminho de ferro.** — O material do caminho de ferro de Leste, em França, consta de 473 machinas-locomotivas, de 9:000 carruagens e wagons, e de 3:000 pares de rodas, que antes de 2 annos receberam os carros que têm de supportar. Este material prodigioso custou 70 milhões de francos!

Collocando em fileira sobre uma das duas vias, a partir da estação de Paris, todas estas machinas e carruagens, occupa este immenso comboio uma extensão de 65 kilometros!

As 473 locomotivas representam uma força de 100:000 cavallos.

Em 1856, os trens percorreram 8:500:000 kilometros; as machinas, carruagens e wagons andaram 150 milhões de kilometros, que é a distancia da terra ao sol. Só as locomotivas caminharam 10 milhões de kilometros, isto é, 250 vezes a circumferencia do globo terrestre, ou 30 vezes a distancia da terra á lua!

Sobre uma superficie de 150 hectares cáe, termo medio, annualmente, um milhão de metros cubicos de chuva; é justamente esta quantidade d'agua, que as locomotivas consomem.

Se a estação do caminho de ferro de Strasburgo a Paris estivesse cheia de coque, tanto em comprimento como em largura, desde o pavimento até ao tecto, ao cabo de um anno,

os 200:000 metros cubicos de carvão, encerrados em tão vasto espaço, teriam desaparecido no ventre das locomotivas.

**Carvalho colossal.** — No districto florestal de Birkenschlag, na Westphalia, ha muitos carvalhos de consideraveis dimensões e grande belleza. Um d'elles não tem já menos de mil annos. Sua altura, medida do collo da raiz até á ponta do tronco, é de 70 pés, e sua circumferencia, pouco acima do solo, é de 39  $\frac{1}{2}$  pés. Muitas raposas habitavam antigamente as concavidades do carcomido tronco. Actualmente, o carvalho offerece uma camara, onde podem estar de pé 24 pessoas. Uma porta fecha esta camara. Uma escada exterior conduz a duas plata-formas estabelecidas sobre a ramagem da arvore.

**Ascensão ao Chimborazo.** — Reputava-se quasi inacessivel o cume d'esta elevada montanha das cordilheiras dos Andes na America meridional. Humboldt apenas tinha chegado a 5:909 metros d'altura, e Boussingault, a 6:004.

Dous viajantes, Remy, francez, e Brencley, inglez, acabam de realisar ainda maior ascensão, conseguindo subir a 6:543 metros d'altura, quasi o vertice da montanha.

**Uma invenção americana.** — M Oscar Commettant, que ha pouco viajou pela America, descreve, pela maneira seguinte, uma curiosa officina, estabelecida em Cincinnati: « A fabrica compõe-se de quatro grandes repartimentos ligados entre si por meio de pontes suspensas. Em frente, e como planícies animadas, que bem de pressa vai ceifar a devoradora maquina, estão alinhados innumeraveis rebanhos de porcos, pertencentes a diversos proprietarios, que os levam á fabrica, como se conduz ao moinho o trigo para moer.

« A um signal do director da officina, levanta-se uma balastrada, que communica com a entrada do primeiro repartimento da maquina, chamado o degoladouro, e começa immediatamente a destruição. Os porcos, apertados uns contra os outros, vendo uma saída, precipitam-se por ella, e chegam a um corredor estreito, onde só podem passar um a um. Detidos ali um instante, fica-lhes o pescoço atravessado por enormes cutelos movidos pela maquina. O porco, degolado em menos d'um segundo, é apanhado pelos pés, e arrastado violentamente por meio de harpões que o içam até uma certa altura. « Ahí fica suspenso um momento, e passa adiante para um balaceiro movel, continuamente em movimento, que mergulha o animal num reservatorio de vapor, até o escaldar abafando-lhe completamente a respiração.



« O porco, mergulhado um instante, volta ao cimo, e é apanhado por outros harpões, « que o arrastam para um lugar onde ha um « cilindro armado de grossas escovas, obrando « em sentido contrario, as quaes apertam o « animal, e lhe fazem dar, esfregando-o, dez « a quinze revoluções em meio minuto. Este « espaço de tempo basta para tirar o cabello « do porco, e tornar-lhe a pelle branca como « a d'um frango. Depois d'esta operação é « ainda apanhado pelos harpões, que o trans- « portam a outra parte, onde é aberto pelo « ventre em todo o comprimento. Então os « operarios escolhem o que tem de ser apro- « veitado, e lançam o resto 'numa regueira, « que atravessa os repartimentos, e desagua « no Ohio. O porco é tambem retalhado pela « machina em todos os sentidos e symetrica- « mente; e salgam-lhe depois as peças que a « machina deixa espalhadas, as quaes se pen- « duram no fumo, em quanto que as outras « partes do animal são postas em salmoura e « encerradas em barricas.

« Tudo isto se executa com tão admiravel « promptidão, que é difficil seguir os animaes « neste rude e multiplo trabalho de tantas « operações distinctas. »

**Medalha d'honra.**— O actual imperador dos francezes mandou instituir, em 13 do mez passado, uma medalha militar em honra dos soldados que fizeram parte do exercito da França, desde 1792 a 1815.

A medalha é circular, guarnecida em volta

d'uma silva em relevo, por sobre a qual, e destacada na parte superior, se acha a corda imperial de França. No centro ha o busto do grande Napoleão, e estas palavras NAPOLEON I EMPEREUR, escriptas em roda. No reverso lê-se a seguinte inscripção: A SES COMPAGNONS DE GLOIRE SA DERNIÈRE PENSÉE. S.<sup>te</sup> HELENE 5 MAI 1821, rodeiada pela data das campanhas, memoradas da maneira seguinte: CAMPAGNES de 1792 a 1815.

**Inauguração do novo Louvre.**— Em 14 do mez passado teve lugar em Paris a inauguração d'este vasto edificio, começado em 1541 por Francisco I, concluido de 1852 a 1857 por Napoleão III, e reunido por elle ás Tulherias, que Catherina de Medicis havia mandado construir em 1564.

Por esta occasião foram distribuidas aos artistas, que trabalharam 'nesta obra monumental, medalhas commemorativas da inauguração, contendo d'um lado a data em que se effectuou, e do outro o busto de Napoleão III. O imperador assistiu a esta festa artistica, pronunciou um discurso, e fez elle mesmo a distribuição das medalhas.

O Louvre e as Tulherias reunidos formam uma superficie de quatrocentos trinta e seis mil metros. A administração encarregada d'esta vasta empresa empregou no ultimo anno trezentos mil operarios, afora os artistas occupados no interior do palacio. A despesa com a conclusão do edificio foi proximoamente de dezoito milhões de cruzados.

### ERRATAS IMPORTANTES.

Em o numero antecedente, pag. 123, linha 8, onde se lê « Portanto, a menos que não seja  $c = \pm r$ , estará (4) no caso irreduzível; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessa hypothese, etc. » deve lêr-se « Portanto, a menos que não seja  $c = 0$ ,  $c = \pm r$ ,  $c = \pm \frac{r}{2}\sqrt{2}$ , estará (4) no caso irreduzível; mas (3) terá sempre, e ainda 'nessas hypotheses, etc. »

Um erro de signal no calculo do fim da pag. 124 do mesmo n.º fez com que se tomasse por  $R_1$ ,  $R_2$ , e  $R_3$  quantidades diferentes. O verdadeiro valor de  $R_1$  é

$$R_1 = -3(c^2 + 2r^2)x^2 - \frac{3}{2}c(3r^2 - 2c^2)x + \frac{3}{4}c^2r^2 - \frac{3}{4}c^4$$

O de  $R_2$  é

$$R_2 = 6(7c^3r^4 - 8c^4r^2 - 3r^6)x - 3cr^5 - 9c^3r^4 + 12c^5r^2$$

$$R_3 = 48c^2r^4(r^2 - c^2)\left(c^2 - \frac{r^2}{2}\right)(c^2 + 2r^2)^2$$

Portanto as equações (1) terão raizes eguaes quando fôr  $c = 0$ , ou  $c = \pm r$ , ou  $c = \pm \frac{r}{2}\sqrt{2}$ . Os ultimos factores, pela natureza de  $c$  se vê, que não podem dar condições para as raizes eguaes.

E em o numero de 1 de agosto, pag. 102, linhas 13 e 16, onde se lê, « decimetros » leia-se « centímetros »

## SECÇÃO DE MATHEMATICA.

*Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.  
Interpretação d'uma solução estranha.*

Continuado de pag. 124.

Temos até aqui tratado a questão analyticamente, e na maior generalidade, fazendo ver que a hyperbole ha de sempre cortar o circulo em quatro pontos. Interpretemos agora essas quatro soluções.

Mas notemos antes, que a eliminação entre as equações do circulo e da hyperbole podia ser feita da maneira seguinte :

Tirando de (b) o valor de  $\gamma$ , e substituindo-o em (a) vem

$$\frac{\gamma^2 (r^2 - c^2)}{(c + 2\gamma)^2} + \gamma^2 = r^2$$

ou  $\gamma^2 (r^2 + 4c\gamma + 4\gamma^2) = r^2 (c^2 + 4c\gamma + 4\gamma^2)$

ou  $(4c\gamma + 4\gamma^2) (\gamma^2 - r^2) + r^2 (\gamma^2 - c^2) = 0$

ou  $4\gamma(c + \gamma)(\gamma^2 - r^2) + r^2(c + \gamma)(\gamma - c) = 0$

d'onde  $(\gamma + c) \left( \gamma^3 - \frac{3}{4} r^2 \gamma - \frac{1}{4} c r^2 \right) = 0 \dots \dots \dots (6)$

Identicamente  $(\gamma - c) \left( \gamma^3 - \frac{3}{4} r^2 \gamma + \frac{1}{4} c r^2 \right) = 0 \dots \dots \dots (7)$

equações em que ha respectivamente os factores  $\gamma + c$ ,  $\gamma - c$ .

Revertendo para as equações (1), facilmente se vê que estes factores são,  $x + \frac{1}{2}c$ ,  $y - \frac{1}{2}s$ ; podendo assim as equações (1) escrever-se :

$$\left. \begin{aligned} (x + \frac{1}{2}c) \left( x^3 - \frac{3}{2}cx^2 - \frac{3}{4}s^2x + \frac{1}{8}cs^2 \right) &= 0 \\ (y - \frac{1}{2}s) \left( y^3 + \frac{3}{2}sy^2 - \frac{3}{4}c^2y - \frac{1}{8}sc^2 \right) &= 0 \end{aligned} \right\} \dots \dots \dots (1')$$

Este systema de equações, depois de desembaraçado dos respectivos factores, mostra immediatamente que a quantidade  $27q^2 + 4p^3 < 0$ ; e por isso que (1') estão no caso irreductivel. Basta fazer desaparecer os 2.<sup>os</sup> termos a estas equações, e calcular aquella quantidade, attendendo a que em geral é  $c < \pm r$ . Mas na equação (6) que vem já sem 2.<sup>o</sup> termo,

acha-se logo, que  $27q^2 + 4p^3 = \frac{27c^2r^4}{16} - \frac{27r^6}{16}$ ; ou  $c^2 - r^2 < 0$ .

O mesmo *mutatis mutandis* se verifica na equação (7).

Se tivéssemos practicado a eliminação ao modo ordinario entre as equações (a) e (b), veriamos tambem facilmente que as equações correspondentes eram satisfeitas por  $\gamma = -c$ ,  $\gamma = s$ , bem como o são as equações (1) pelos valores  $x = -\frac{1}{2}c$ ,  $y = \frac{1}{2}s$ ; mas supponhamos que não deparavamos com estes factores, e procuremos-os pela analyse.

Busquemos por exemplo o factor  $x + \frac{1}{2}c$ .

Porque (4) está no caso irreduzivel, de nada nos servem as formulas para a resolução das equações do 4.<sup>o</sup> gráu, e somos por isso forçados a recorrer ás series para a resolução das equações (1). Ora applicando á 1.<sup>a</sup> d'estas a regra de Newton para o desenvolvimento das raizes em serie, acham-se, para dar os primeiros termos d'ellas, considerando  $x$  e  $r$  como letras principaes, as seguintes equações

$$4x^3 - 3r^2 = 0; 12x^2 + 4cx - c^2 = 0 \dots \dots \dots (8)$$

d'onde 
$$x = +\frac{r}{2}\sqrt[3]{3}, \quad x' = -\frac{r}{2}\sqrt[3]{3}, \quad x'' = +\frac{c}{6}, \quad x''' = -\frac{c}{2}$$

Fazendo  $x = +\frac{r}{2}\sqrt[3]{3} + z$  para achar o 2.º termo da 1.ª raiz, e substituindo em (1), vem a transformada

$$\left. \begin{array}{l} 16z^4 + 32\sqrt[3]{3}r \\ -16c \end{array} \right| \left. \begin{array}{l} z^3 + 60r^2 \\ -24\sqrt[3]{3}cr \end{array} \right| \left. \begin{array}{l} z^2 + 12\sqrt[3]{3}r^3 \\ -40cr^2 \\ -4c^3 \end{array} \right| \left. \begin{array}{l} z - 8\sqrt[3]{3}cr^3 \\ +c^2r^2 \\ +2\sqrt[3]{3}c^3r \\ -c^4 \end{array} \right\} = 0 \dots (9)$$

d'onde pela regra citada as condições

$$4z^3 + 8\sqrt[3]{3}rz^2 + 15r^2z + 3\sqrt[3]{3}r^3 = 0 \dots \dots \dots (10)$$

$$3z - 2c = 0 \dots \dots \dots (11)$$

Rejeitando os valores (10), porque aliás teria a equação (1) mais de quatro raízes, temos  $z = \frac{2}{3}c$ , deduzido de (11).

Como em (1) entram só potencias pares de  $r$ , a equação correspondente para a 2.ª raiz obtem-se, mudando em (9)  $r$  em  $-r$ ; e sendo o valor final de  $z$  independente de  $r$ , evidentemente é o mesmo que para a primeira raiz.

Fazendo agora  $x'' = z + \frac{c}{6}$  em (1), acha-se

$$\left. \begin{array}{l} 16z^4 - \frac{16}{3}cz^3 - 12r^2 \\ -\frac{16}{3}c^2 \end{array} \right| \left. \begin{array}{l} z^2 - 8cr^2 \\ +\frac{80}{27}c^3 \end{array} \right| \left. \begin{array}{l} z - \frac{32}{81}c^4 \\ \end{array} \right\} = 0 \dots \dots \dots (12)$$

da qual resultam as equações

$$4z^2 - 3r^2 = 0; \quad 3z + 2c = 0; \quad 4c^3 + 81r^2z = 0 \dots \dots \dots (13)$$

Rejeitamos os 2 valores da 1.ª de (13), porque esta equação é identica com a 1.ª de (8); o da 2.ª, porque identificaria  $x''$  com o 1.º termo de  $x'''$ ; e aproveitamos apenas o valor  $z = -\frac{4}{81} \frac{c^3}{r^2}$ .

Ponhamos finalmente  $x''' = -\frac{c}{2} + z$  em (1) virá

$$z \{ 4z^3 - 12cz^2 + 3(4c^2 - r^2)z - 2c(2c^2 - r^2) \} = 0 \dots \dots \dots (14)$$

Esta equação pôde ser satisfeita ou por  $z=0$ , ou pelo outro factor. Mas a regra de *Newton* dá para elle

$$4z^2 - 3r^2 = 0; \quad 3z - 2c = 0 \dots \dots \dots (15)$$

condições que têm ambas de ser rejeitadas; porque a 1.ª é identica com a 1.ª de (8), e a 2.ª identificaria  $x'''$  com o 1.º termo de  $x''$ . Logo só pôde ser  $z=0$ , o que annuncia que a raiz é finita; e é esta a condição propria para attestar a commensurabilidade das raízes.

Temos pois

$$\begin{aligned} x &= +\frac{r}{2}\sqrt[3]{3} + \frac{2}{3}c + \dots \dots \dots \\ x' &= -\frac{r}{2}\sqrt[3]{3} + \frac{2}{3}c + \dots \dots \dots \\ x'' &= +\frac{c}{6} - \frac{4}{81} \frac{c^3}{r^2} + \dots \dots \dots \\ x''' &= -\frac{c}{2} \end{aligned}$$

Para achar outro termo das series, façamos em (9)  $z = \frac{2}{3}c + u$ , virá

$$\left. \begin{array}{l} 16u^4 + 32\sqrt{3}r \left| \begin{array}{l} u^3 + 60r^3 \\ + 40\sqrt{3}cr \\ + \frac{32}{3}c^2 \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} u^2 + 12\sqrt{3}r^3 \\ + 40cr^2 \\ + \frac{32}{3}\sqrt{3}c^3r \\ + \frac{44}{27}c^3 \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} u + cr^3 \\ + \frac{22}{27}\sqrt{3}c^3r \\ + \frac{7}{81}c^3 \end{array} \right| \end{array} \right\} = 0 \quad (16)$$

d'onde resultam

$$4u^3 + 8\sqrt{3}ru^2 + 15r^3u + 3\sqrt{3}r^3 = 0; 12\sqrt{3}ru + c' = 0 \dots \dots (17)$$

a 2.ª das quaes dá

$$u = -\frac{c^3}{12\sqrt{3}r}.$$

Pondo  $z = \frac{2}{3}c + u$  na equação que se deduz de (9) pela mudança de  $r$  em  $-r$ , resulta uma equação que é a (16) com a mesma mudança; logo

$$u = \frac{c^3}{12\sqrt{3}r}.$$

E substituindo em (12)  $z = -\frac{4}{81} \cdot \frac{c^3}{r^2} + u$ , vem

$$\left. \begin{array}{l} 16u^3 - \frac{16}{3}c \left| \begin{array}{l} u^2 - 12r^2 \\ - \frac{16}{3}c^2 \\ + \frac{64}{81} \cdot \frac{c^4}{r^2} \\ + \frac{512}{2187} \cdot \frac{c^6}{r^4} \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} u^2 - 8cr^2 \\ + \frac{112}{27} \cdot c^3 \\ + \frac{128}{243} \cdot \frac{c^5}{r^2} \\ - \frac{256}{6561} \cdot \frac{c^7}{r^4} \\ - \frac{4096}{531441} \cdot \frac{c^9}{r^6} \end{array} \right| \left| \begin{array}{l} u - \frac{384}{2187} \cdot \frac{c^4}{r^2} \\ - \frac{256}{19683} \cdot \frac{c^6}{r^4} \\ + \frac{1024}{1594323} \cdot \frac{c^8}{r^6} \\ + \frac{4096}{43046721} \cdot \frac{c^{10}}{r^8} \end{array} \right| \end{array} \right\} = 0 \quad (18)$$

Logo  $u = -\frac{16}{729} \cdot \frac{c^3}{r^2}$ ; e

$$\left. \begin{array}{l} x = +\frac{r}{2}\sqrt{3} + \frac{2}{3}c - \frac{c^3}{12\sqrt{3}r} + \dots \dots \dots \\ x' = -\frac{r}{2}\sqrt{3} + \frac{2}{3}c + \frac{c^2}{12\sqrt{3}r} + \dots \dots \dots \\ x'' = +\frac{c}{6} - \frac{4}{81} \cdot \frac{c^3}{r^2} - \frac{16}{729} \cdot \frac{c^5}{r^4} + \dots \dots \dots \\ x''' = -\frac{c}{27} \end{array} \right\} \dots \dots \dots (C)$$

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## EXPEDIENTE.

Assigna-se este Jornal em Coimbra, no Gabinete do Instituto; em Lisboa, na livraria do sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto, na do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 141; em Evora, na do sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua, na do sr. M. Mendes Osorio.

Toda a correspondencia, *franca de porte*, será dirigida — *A Redacção do Instituto. Coimbra.*

Preço, adiantado, por anno, ou 24  
numeros, *francos de porte* . . . . . 1\$440  
Por semestre, ou 12 numeros, ditos 800  
Avulso . . . . . 100

Para os srs. Assignantes os numeros, que lhes faltarem do 6.º volume serão pelo mesmo preço da assignatura annual, ou cada um . . . . . 60

Os exemplares que restam dos volumes I, II, III, IV e V d'este Jornal vendem-se, cada um por . . . . . 1\$200

Annuncia todas as produções litterarias dos socios, que assim o desejarem, e remetterem á redacção as notas competentes; e todas as outras, de que forem remettidos dous exemplares.

## RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.**

Senhor: — O decreto de 25 de fevereiro de 1841, e a portaria circular de 12 d'agosto de 1845 impoem-me o dever, a que dou agora cumprimento. Não satisfarei de certo ao que a lei pretende, e era necessario, de modo tão cabal como desejava, porque não é possível, nem o será, em quanto não forem attendidas algumas propostas, que tenho tido a honra de levar ao conhecimento do governo de Vossa Magestade, não adoptadas as quaes careço d'informações de facto absolutamente indispensaveis, nem posso por mim proprio prover ao que não excede ás minhas attribuições, e formar juizo seguro do que, para mais vantajoso progredir da instrucção primaria e secundaria, convem manter, corrigir, ou refor-

mar. A falta da organisação regular da secretaria da commissão dos estudos, conforme ao que por mim foi já proposto, e a falta de meios, que me habilitem a fazer a visita litteraria de todo o districto a meu cargo com a averiguação que convem, são obstaculos para mim invenciveis, e de malefica influencia não só para o aperfeiçoamento dos estudos primarios e secundarios, mas tambem até para o ordinario regular andamento da disciplina escolar, e desempenho dos mutuos deveres dos respectivos professores e alumnos. Entretanto, seguindo o trilho, que me fiz a mim mesmo, e tirando o partido possível dos meios de que só me é dado dispôr, procurarei desempenhar-me, quanto em mim couber, da obrigação, que me impende. Oxalá que seja tida em conta a minha boa vontade, e o zelo não mentido com que me dedico ao serviço de Vossa Magestade e do Estado; pois que será por ventura o meu unico titulo á real benevolencia de Vossa Magestade. Desenfestado, mas respeitoso e sincero, como costume, tractarei a materia d'este relatorio pela ordem, que se me affigura menos irregular.

### CAPITULO I.

*Do estado material, litterario, e moral das escolas publicas e particulares d'este districto; da aptidão e procedimento dos professores da instrucção secundaria e primaria, e da frequencia, e exames feitos no lyceu nos mezes de julho e outubro d'este anno.*

A portaria de 6 d'agosto de 1845 ordena que faça parte essencial dos relatorios annuaes dos commissarios dos estudos a exposição do estado material, litterario, e moral das escolas publicas e particulares, e igualmente a informação da aptidão, zelo, e procedimento dos respectivos professores e empregados; porém, aquella portaria, explicando-se d'esta sorte, não quiz de certo ser entendida litteralmente, pois que mui graves inconvenientes deveriam resultar da exposição menos reservada de apreciações, que, forçosamente imparciaes, nem sempre haveriam ser favoraveis a alguns individuos, cuja reputação e auctoridade moral teria de padecer quebra, sem todavia poder-se obter, por meio

d'aquella exposição, nenhuma vantagem real para o progresso e aperfeiçoamento da instrução pública, em relação ao ensino primário e secundário. Uma semelhante exposição, ou relatorio, longe de ser elemento proficuo a causa da instrução da mocidade, tornar-se-hia, se me não illudo, elemento dissolvente da disciplina escolar; não seria documento da vigilancia e zelo esclarecido da administração litteraria da auctoridade superior, destinado a extirpar abusos e conseguir melhoramentos; seria testemunho d'imprudencia, de que facilmente havia de tirar partido a malicia para proveito de poucos, e grave damno de muitos. É por este motivo que nos meus anteriores relatorios tenho sido, e agora e sempre continuarei a ser cauteloso e circumspecto em tudo quanto julgo ser antes materia d'informações confidenciaes, do que de observações de mera generalidade, que, como é sabido, a pouco alcançam. Alem de que a exposição das necessidades, que tomo em conta nas propostas especiaes, preenche sufficientemente o que na primeira vista d'olhos poderia affigurar-se a alguém, que fôra de mim menos attendido.

Entrando agora, summariamente como julgo convir, no assumpto especial d'este capitulo, permitta-me Vossa Magestade desde já notar, que quasi não tenho senão a repetir o que nos annos anteriores ha sido ponderado.

No tocante ao estado material das escolas publicas torna-se cada vez de maior evidencia a urgentissima necessidade de que as d'instrução primaria sejam collocadas em edificios publicos, a esse fim destinados pela auctoridade, e por ella adereçados decentemente. Os professores, remunerados tão miseravelmente, como se sabe, não têm meios de as guarnecer como se ha mister, e nem mesmo sequer de poder alugar casas com bastante capacidade para numero um tanto avultado de discipulos. O preço do aluguel, particularmente em Lisboa, ha subido excessivamente, e a alguns professores aconteceu que, pagando o equivalente a ametade do ordenado que vencem, nem ainda assim poderam haver casa, que tivesse as commodidades necessarias para admittir tantos alumnos, quantos pretendiam frequentar as suas escolas! Vime na dura necessidade de auctorisal-os a fechar a porta a alumnos, cuja admissão se tornava impossivel por falta de logar na escola! Não merecerá este facto a seria attenção do governo de Vossa Magestade? Poderão acaso, sem injustiça, os professores ser obrigados a tão arduo sacrificio? E poderá affirmar-se, que se deseja sinceramente o progresso da instrução primaria, e que se cuida com verdadeira diligencia de promovê-la, em quanto se consente que, aqui mesmo na capital, muitos alumnos fiquem privados da instrução que procuram, porque os professores,

faltos de meios, não podem alugar casa mais espacosa? E todavia, senhor, é bem que Vossa Magestade não ignore, que alguns professores tem levado o seu zelo até ao ponto de mendigar auxilios particulares, ajudados dos quaes possam ou alugar casa mais apropriada ao serviço da escola, ou ornal-a com decencia e alguma commodidade dos alumnos. E também julgo necessario que seja presente a Vossa Magestade, que outros professores, magoados da impossibilidade de preparar as escolas com o necessario, têm recorrido a camara municipal, fundando-se na disposição, a meu vêr clara, do art. 2 do decr. de 20 de dezembro de 1850; porem a camara, que por seus actos mostra dispôr de meios sobejos, que consome em funcções de mera ostentação, resiste pertinazmente, allegando impossibilidade de adereçar com o adorno indispensavel as escolas da capital; despesa que todavia, quando houvesse de preparal-as todas com as necessarias alfaias, não podia exceder a 600,000 r., como já lhe foi demonstrado. Pende a este respeito litigio na secção do contencioso administrativo do conselho de Estado, o qual é de esperar a resova conforme ao que requer a maior vantagem do municipio, obrigando a camara a empregar uma tão diminuta porção dos seus avultados rendimentos no desempenho de um dos seus principaes deveres. Estas considerações, Senhor, não carecem de commentario, e seria por demais repetir, o que por vezes tem sido ponderado acerca dos gravissimos inconvenientes do ensino da mocidade, nas casas da residencia dos professores respectivos.

Pelo que respeita aos edificios, onde estão collocadas as aulas da instrução secundaria, só terei de accrescentar aqui, ao que digo no capitulo 6 com referencia às secções central e occidental do lyceu d'esta capital, que o edificio das mercieiras, no qual está collocada a secção oriental, se acha tão damnificado, e em tal estado de desamparo, que representa um miseravel pardeiro, indecente e vergonhoso. E contudo não seria de nenhum vulto a despesa a fazer com os reparos indispensaveis; mas não têm sido attendidas as reiteradas representações, que sobre este objecto tenho dirigido ao governo de Vossa Magestade. Em tudo estrella aziaga influe molinamente quanto respeita ás letras, e aos estudos, 'nesta terra, digna de melhor sorte!

Fallarei agora do estado litterario, e com muito pezar direi que subsistem os estorvos, que se oppõem a que a instrução primaria se desenvolva e melhore, como tanto é de desejar. Nas classes menos abastadas, a necessidade que os paes têm do auxilio de seus pequenos filhos, logo que lh'o podem prestar d'alguia maneira; a carencia de meios para os vestir com alguma, posto que pouca, limpeza, e de lhes comprar livros, e o mais que

se torna indispensavel para os exercicios escolares, como taboadas, exemplares, papel, pennas etc. etc., e o receio de que seus filhos sejam detidos largas horas, durante annos successivos, nas escolas, fazendo-os aprender mais do que tem ser-lhes de precisão ou utilidade para os misteres indispensaveis das occupaões a que os destinam, são, e serão por muito tempo, como têm sido até agora, a causa principal, o obstaculo invencivel a que a instrução primaria alargue os seus limites, se diffunda, e ganhe as affeições da maioria da população. Comtudo em quanto assim não acontecer, a instrução primaria caminhará constringida, incerta, e sem a força necessaria para obter resultados de grande momento: Os remedios a applicar a tão grande mal, já tenho tido a honra de os lembrar: é preciso reduzir o ensino da instrução primaria do 1.º grau ao somente necessario, ou indisputadamente util para o maior numero d'alumnos; é preciso procurar, por todos os meios de persuasão imaginaveis, que seja tida geralmente em conta, e desejada; e, quando se baldem estes perseverantes esforços, empregar a saudavel violencia, que se faz, mau grado seu, ao enfermo para cural-o da doença, que o avara: e preciso que as camaras municipaes acudam com socorros appropriados aos filhos das familias desamparadas, e que por sua muita pobreza carecem dos meios absolutamente indispensaveis, a fim de que possam frequentar as escolas com regularidade e aproveitamento. Nas classes, que vivem mais commodamente, a diversidade dos livros, de que se servem os alumnos da mesma escola, sem que se possa conseguir que os adoptem uniformes, e a irregularidade da frequencia, tolhem as mais efficazes diligencias dos professores, nem lhes permitem recolher, senão fructo muito acanhado, muito somenos do que deviam presumir, e esperavam, de suas laboriosas fadigas. E por outra parte o local das escolas, muitas vezes a larga distancia da habitação dos alumnos, a quasi indifferencia d'essas mesmas escolas, que a falta de meios não permite ao professor tornar menos incommodas; e a multiplicidade das materias, cuja vantagem não se patetêa obviamente, das quaes se ha carregado, com menos aviso, a instrução primaria, faz que, mormente se os alumnos se não destinam aos estudos secundarios e superiores, se contemtem d'instrução particular insufficiente, mas que não os opprime por tão longo tempo, em quanto que os deixa em liberdade de só estudarem o que, e como julgam convir-lhes. Para prevenir e frustrar as perniciosas consequencias de taes antecedentes, já tem sido proposta a criação de maior numero de cadeiras, pagas pelo Estado; já tem sido lembrada a obrigação, attribuida por lei as camaras, de construir ou alugar e guarnecer

edificios decentes, commodos, e convenientemente situados para o ensino da mocidade; e já finalmente se tem pedido a simplificação do ensino por meio de classificação mais opportuna e philosophica.

Pelo que pertence ao estado litterario da instrução secundaria, com quanto não o possa dizer inteiramente não lisongeiro, assim com respeito à frequencia, como ao progresso dos alumnos, comtudo sou forçado a confessar que lhe falta ainda muito para ser o que se precisa que seja; nem o será em quanto o plano dos estudos do lyceu não for completado, preenchendo-se as lacunas, que o deformam; e em quanto por meio de programmas, d'ensino e de exames, cabalmente desenvolvidos, se não prescrever precisamente aos professores que materias devem explicar, e até que ponto abrangel-as, e aos alumnos o que, e até aonde deve alcançar o estudo e applicação especial, que tem a fazer de cada uma d'ellas, a fim de se acharem habilitados de modo competente para os exames, a que têm de sujeitar-se.

Entretanto as provas do aproveitamento litterario dos alumnos do lyceu são satisfatorias, como faz fé o maximo numero das approvações por elles obtidas nos exames annuaes; exames e approvações que provam com respeito aos alumnos do lyceu; porque se toma, para ellas, em consideração a correspondente conta do anno lectivo. Em relação porém aos alumnos estranhos o argumento não procede com egual segurança, porque não está presente aquella conta, e circumstancias occasionaes, como é sabido, podem influir mais ou menos favoravelmente no acto e resultado dos mesmos exames. Comtudo foi consideravel o numero d'alumnos estranhos, que se apresentaram a exame, e que obtiveram merecida approvação.

No resto do districto não ha menção especial a fazer de factos, que demonstrem quer melhoramento algum tanto avantajado, quer notavel decadencia pelo que respeita à instrução primaria. As causas a que fiz allusão, parte das quaes produzem effeito mais immediato, e por consequente mais daninho, fora da capital, as quaes por muitas vezes têm sido allegadas, pedindo-se providencias, que lhes annullem o pendôr maléfico, obstem a que a instrução primaria ganhe tanto incremento, quanto a experiencia de um e outro dia faz julgar cada vez de maior necessidade. O tempo, que trará consigo o desengano, de que a primeira instrução é meio certo de melhorar relativamente, em todas as condições sociaes, a propria situação pessoal de cada individuo, e a successiva adopção dos alvitres já lembrados, hão de a final vencer as resistencias até hoje insuperaveis; e então se recolherão os proveitosos fructos, que, quando largamente vulgarisada, so a instrução e

educação primaria é dado obter. Ha porém uma excepção a fazer, ao que deixo observado geralmente, a qual memorarei com indizível satisfação, e e o movimento communicado ás populações de Mafra, e convisinhaças, pela real munificencia de Vossa Magestade, que houve por bem estabelecer 'naquella villa, a expensas de Vossa Magestade, uma escola primaria em optimas condições para o ensino, pois que tem alcançado resultados verdadeiramente dignos de louvôr e applauso: e bem assim a escola tambem por Vossa Magestade creada no real paço das necessidades, que foi occasião de mais que triplicarem os alumnos, que, 'naquella localidade, costumavam frequentar a instrucção primaria. E aqui me permita Vossa Magestade lembrar a conveniencia de não ficar supprimida, como está de facto, a escola da freguezia de S. Pedro em Alcantara, cujo professor se acha servindo de ajudante ao por Vossa Magestade nomeado para a escola das Necessidades. O melhor serviço publico requer não a supressão d'aquella escola, mas sim que seja transferida para um dos pontos extremos da mesma freguezia, a exemplo do que se praticou em Mafra, cuja antiga escola, por motivo semelhante, foi removida ultimamente para o Milharado.

Quanto á instrucção secundaria tem melhorado, fóra de Lisboa, nos concelhos de *Setúbal*, *S. Thiago de Cacem*, e *Torres Vedras*. São dignos os professores, que regem alli as cadeiras de grammatica portugueza e latina, e latinidade; o gosto da instrucção tem tido notavel incremento, e cresceu tambem com elle o numero dos alumnos d'aquellas aulas. Assim estas estivessem todas collocadas em edificios publicos, e convenientemente apropriados ao seu destino; digo todas, porque a de S. Thiago de Cacem funciona em edificio diverso da residencia do digno professor, mas allugado á sua custa! E assim as differentes auctoridades, e os homens, para quem as lettras devem ter valia, empregassem, por expresso ou tacito accôrdo, o influxo do logar ou da pessoa para excitar os paes a promover a instrucção dos unos, e os filhos a aproveitar-se do tão grande beneficio, que lhes proporciona a sociedade, facilitando-lhes instruir-se e habilitar-se gratuitamente para utilidade sua propria, e de todos aquelles a quem os vinculam o sangue ou a mesma sociedade!

Não terminarei este capitulo sem dizer, como se me ordena, pouco embora que seja, da aptidão, e desempenho de seus respectivos deveres, dos professores officiaes da instrucção secundaria, dentro e fóra do lyceu; e dos da instrucção primaria, em todo o districto. Os lentos e professores das quatro secções do lyceu, assíduos na frequencia das cadeiras, que regem de propriedade, ou por substitui-

ção, mostram-se dignos pela sua applicação litteraria, e pela regularidade do seu procedimento, da importante missão que lhes incumbe na sociedade; e tornam-se credores da geral estima e consideração. Não tenho tido ate agora razão, que se me affigire assaz fundada, para nenhuma grave advertencia; e, pelo contrario, sempre que, ou por motivo extraordinario, ou por bem do serviço, me tenho visto precisado a requerer d'algum d'estes professores mais do que o serviço, a que talvez só podiam reputar-se adstrictos, nenhum se recusou a prestar-o da melhor vontade. E certo, que haveria injustiça em estabelecer uma unica bitola, como padrão do merito de todos os professores; porém, se alguns se avantajam de maneira singular, os seus nomes que andam na bôcca de todos, não podem occultar-se a Vossa Magestade, nem carecem de ser aqui mencionados; no que, por outra parte, não deixariam de dar-se inconvenientes faceis d'averar, a não sobrevir em contrario razão muito ponderosa, ou muito especial. Outro tanto me cumpre observar com respeito aos professores d'instrucção secundaria de fóra de Lisboa; pois que, se foi necessario proceder contra um d'elles de maneira um tanto severa, contra nenhum outro se tornou preciso providenciar similhantemente; e antes a alguns tenho julgado ser devido de justiça muito louvôr.

Dos professores d'instrucção primaria não posso explicar-me por igual theor, e é com grande magoa minha, que me vejo forçado a esta declaração; porque se os da capital, examinados e approvados perante esta commissão dos estudos, são todos bons, e alguns excellentes, no restante districto estão, na maxima parte, abaixo do que lhes requerem os arduos deveres do magisterio. Tambem fóra de Lisboa ha alguns bons, talvez excellentes professores, mas são poucos. Tenho feito o que de mim depende para melhorar 'neste ramo o serviço publico; tenho talvez ido além do que está nas minhas attribuições, as quaes, levado de tão justo motivo, terei por ventura ás vezes interpretado latamente; porem pouco hei podido obter; e, ou o maior numero das cadeiras da instrucção primaria do districto ha de fechar-se, ou continuarão ainda por muito tempo a occupar-as homens menos habilitados do que se requer indispensavelmente. A razão d'isto, que tive a honra de já por vezes elevar ao conhecimento de Vossa Magestade, é a miseravel remuneração attribuida aos professores: não lhes chega para se sustentarem, e porisso não ha incentivo, que mova oppositores, quaes são precisos, a concorrer ao provimento das cadeiras.

E aqui o logar, em que mais opportunamente se me proporciona occasião de chamar a attenção de Vossa Magestade para uma falta, que reputo gravemente offensiva da lei,



a qual não foi, nem podia ser derogada senão pelos meios proprios e d'onde provêm inconvenientes, faceis de prever, e já do público mais que muito advertidos. Os mestres e mestras das casas de asylo da infancia desvalida, exercem alli o magisterio sem previo exame feito perante esta commissão. Quem os pode exemptar d'esta obrigação? Ninguém: a lei é clara e terminante. E não virá d'aqui em grande parte o nenhum progresso de taes escolas? Creio que sim. Tambem os professores das escolas de Mafra, e das Necessidades não passaram pelas provas, que a lei exige d'elles: e será isto de vantagem publica? De certo não; porque Vossa Magestade conhece, que a maior utilidade do Estado lhe vem da fiel observancia da lei; e, sobre isto, é obvio que taes transgressões, inteiramente injustificaveis, estabelecem entre funcionarios d'egual cathogoria uma desigualdade odiosa e injusta, e portanto nociva e intoleravel.

Depois d'esta causa a falta da escola normal, tantas vezes e tão inutilmente pedida, não é menos digna de ter-se em conta. E vem aqui a pélla supplicar de novo instantemente a Vossa Magestade, que se digne lançar olhos de protecção verdadeira e efficaz á instrucção primaria: é preciso que chegue o dia, em que das palavras se passe ás obras. Se a instrucção primaria, como tenho para mim, é um dos principaes direitos, e uma das primeiras necessidades dos povos, não ha remedio senão confessar, que os povos são credores de uma divida immensa, cujo pagamento já não é permittido demorar-lhes por mais tempo. Não tomei agora em conta o ensino particular, porque me reservo apresentar a Vossa Magestade um relatório especial sobre este importantissimo objecto; mas não posso deixar de repetir que é de urgentissima e indispensavel necessidade um regulamento muito desenvolvido e especificado, que se observe religiosamente; e que, mediante provisões esclarecidas e cautelosas, ponha termo a grande numero d'abusos, e torne este ensino de tanta quanta vantagem deve ser para os habitantes das terras mais populosas.

Para complemento do que deixo substanciado neste capitulo, que, ao parecer extenso, com tudo enceta apenas assumptos de muito grave momento, darei agora o resumo do movimento litterario com respeito aos exames d'instrucção primaria e secundaria, feitos no lyceu, nas duas epochas a elles destinadas, julho e outubro, que se comprehendem no periodo decorrido desde o meu ultimo relatório.

Frequentaram a instrucção secundaria nas diferentes secções do lyceu, nos estabelecimentos particulares de Lisboa, e nas aulas do districto, 1526 alumnos, dos quaes fizeram exame em julho 261, e em outubro 197, total 458. Foram approvados em julho

216, e em outubro 135, total 371; ficando reprovados em julho 45, e em outubro 42, total 87.

Frequentaram as escolas d'instrucção primaria publicas e particulares, em Lisboa e no districto 5448 alumnos do sexo masculino, e 1484 do sexo feminino; e fizeram exame em julho 176, e em outubro 199, total 375. D'estes foram approvados em julho 145, e em outubro 151, total 296; e ficaram reprovados em julho 31, e em outubro 48, total 79.

Por ultimo cumpre-me observar: 1.º que, infelizmente, ainda este anno me vejo obrigado a declarar que não tenho como exacta a cifra da frequencia dos alumnos da instrucção primaria e secundaria 'neste districto; porque deixaram de remetter a esta commissão os mappas respectivos muitos estabelecimentos d'instrucção particular de dentro e fóra de Lisboa, e todas as escolas das casas de asylo da infancia desvalida; e são faltos da necessaria clareza e especificação os mappas, que outros remetteram; e porque, não tendo sido por ora attendida a proposta, que tive a honra de levar á presenca de Vossa Magestade em novembro de 1855 para a creação, na secretaria do lyceu, de uma secção especial da commissão dos estudos, vejo-me privado dos meios indispensaveis de fiscalisar convenientemente este importantissimo ramo do serviço; assim como, por não se me terem dado os auxilios já por mim reclamados, ainda não pude fazer a visita de todo o districto; visitas, que não podem de nenhum modo dispensar-se, e sem as quaes nem esta, nem outras muitas faltas serão nunca jámais efficazmente remediadas; 2.º que, a falta de programmas, convenientemente combinados, que sirvam de norma impreterivel aos examinadores, e de guia segura aos examinandos, é causa de que, por occasião dos exames, se aleventam a tempos queixumes, que, sem serem assaz fundados, não deixam contudo de proceder até certo ponto; porquanto, sendo em demasia vasta a materia dos exames, é facil ao examinador, sem que por isso possa em rigôr ser censurado, ir mais longe do que razoavelmente comporta a intelligencia, ainda pouco desenvolvida dos examinandos. Ao conselho superior d'instrucção publica compete prover do remedio, de que se carece.

*Continúa.*

## INDUSTRIA DO PAPEL.

Á vista da prodigiosa fecundidade da litteratura moderna, em presenca d'este impulso imperioso que dirige todas as classes da sociedade para escutar a voz da imprensa, é curioso conhecer as tentativas mais ou menos feitas, que se têm feito, para acudir á carestia das materias primas empregadas no fabrico do papel, e para fornecer aos fabrican-

tes os meios d'alimentar ás numerosas typographias, que em toda a parte do globo propagam diariamente os fructos da intelligencia, a traducção das idéas, e os productos do pensamento.

Não é nosso intento escrever a historia do fabrico do papel, e mostrar por que phases tem passado este ramo d'industria fabril desde a sua origem até hoje. O papyro da antiguidade já no seculo undecimo era substituido pelo papel d'algodão e pelo pergaminho, *membrana pergamena*, invenção do Oriente; e no anno 1320 nasceu o papel de trapo, invenção do Occidente. O pergaminho continuou ainda a subsistir; mas é bem notorio, quanto está restricto actualmente o seu uso.

É um problema, que ainda não está plenamente resolvido, o fabrico de bom papel por meio de substancias economicas; e para este fim ainda se offercem avultados premios em França e Inglaterra.

As mais antigas fabricas de papel, estabelecidas na Europa, datam do seculo undecimo, e foram fundadas pelos arabes na Espanha e Sicilia; mas só no seculo dezeséis foi que mais floresceram.

Troyes e Essonne foram as cidades de França, que primeiro tiveram manufacturas de papel, no anno 1340. Na Allemanha, foi em Nuremberg, que o senador Umann Stromer estabeleceu, em 1390, a primeira fabrica.

Hoje, não ha este ramo d'industria na Sicilia; ha apenas uma fabrica nos Estados Romanos, outra na Toscana, e dezesete na Espanha.

Na Allemanha tem progredido muito esta industria fabril, contando-se 'neste paiz, comprehendendo a Austria e Hanover, 1:400 fabricas, que produzem um milhão e 60:000 quintaes de papel e cartão.

A Russia possui 177 fabricas, que rendem 3:928:976 rublos, valendo um rublo 4 francos; estas fabricas occupam 14:942 operarios.

Actualmente, em França, o fabrico do papel sobe por anno a 72 milhões de kilogrammas, pouco mais ou menos, e só Paris absorve perto de 25 milhões, sendo cinco e meio exclusivamente empregados para escrever. Apesar de tão enorme consumo, é insignificante em comparação da immensa somma que gastam os inglezes e americanos.

No anno 1853, a producção do papel, na Inglaterra, subiu a 177:633:000 libras; só uma fabrica, pertencente a M. Crompton, produz annualmente mais de 1:400:000 kilogrammas de papel. Mas a par d'isto, que publicidade se goza na Inglaterra! Os seguintes jornaes podem servir d'exemplo. A *Illustrated London News* tem uma edição de 130:000 exemplares por semana. O *Family Herald*, jornal semanal, 250:000. O *London Journal*, 310:000. A edição do *Times* é de 50:000, e algumas vezes de 70:000 exemplares, por dia. Trez grandes estabelecimentos são ex-

clusivamente destinados para alimentar tão enorme consumo de papel.

A America consome, pouco mais ou menos, tanto papel, como a Inglaterra e França reunidas. Esta differença não se pôde explicar, senão por suas instituições liberaes, por uma circulação de jornaes, de que não se faz uma verdadeira idéa, e principalmente pela grande quantidade de livros usados nas escolas.

A vista de tão immenso consumo, não admira que o trapo se torne cada vez mais raro, e que se tentem todos os dias novos esforços para descobrir succedaneos para tão precioso elemento.

A palha e uma das primeiras substancias que se tem empregado, e conseguiu-se fabricar com ella um papel muito branco, que até serviu, por muito tempo, na Inglaterra para a impressão de um jornal semanal. É tambem conhecido o papel de palha, de cor amarella carregada, empregado especialmente nos estancos e fabricas de tabaco, em algumas lojas e estabelecimentos.

Um allemão, Schoeffer, publicou em 1772 o resultado de numerosos ensaios e tentativas, conseguindo fabricar papel, de que apresentou 60 amostras, com diferentes substancias, taes como casca de salgueiro, de faia, de pilriteiro, de tilia, caules da couve, aparas da casca da batata, serradura da madeira, etc. etc.

Recentemente foram examinadas na Inglaterra varias amostras de um novo papel fabricado com as fibras da bananeira das Indias occidentaes. As qualidades d'este papel foram reputadas como superiores, e segundo se afirma, talvez que possa sair mais economico do que o papel de trapo.

Um fabricante de Wurtemberg produz papel, composto de 70 por 100 de palha, de 20 de trapo, e 10 de kaolin, que serve, como é sabido, para a fabricação da porcellana. Tambem o fabrica com uma mistura de madeira de pinheiro manso, de algodão e linho.

Outro fabricante, estabelecido em França, obteve um novo papel, da reunião de cinco plantas diferentes, entre as quaes se conta o topinambor.

Finalmente, o mais curioso, e um dos mais recentes ensaios, é o de M. Johard, director do Museu da industria belga. São excrementos do cavallo, e em geral de todos os herbívoros, que 'neste processo servem de materia prima para o fabrico do papel. Se esta tentativa fôr coroada de felizes resultados, serão roubados á agricultura muitos estrumes; mas talvez que fosse possível compensar esta falta, convertendo em estrumes o papel velho e já sem uso.

Podiamos ainda mencionar outros ensaios, mas basta a noticia que temos apresentado, para se fazer idéa da importancia economica e social que hoje offerece a industria fabril do papel.

S. DE C.

ESTADISTICA LITTERARIA  
DA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

NOS ANNOS LECTIVOS DE  
1855-1856 E 1856-1857.

Foram as matriculas na Universidade no ultimo d'estes annos, setecentas cincoenta e trez, isto é, duzentas cincoenta e uma menos,

do que no anno antecedente; o que foi devido, em grande parte, ao augmento do preparatorio — a Introducção a Historia Natural dos trez reinos, a cujo exame os alumnos tiveram de satisfazer para poderem effectuar a matricula no primeiro anno de cada uma das faculdades academicas. No anno lectivo antecedente, posto já estar estabelecido este novo preparatorio, contudo houve d'elle dispensa por uma portaria do governo.

Estadistica do movimento dos estudantes da Universidade em 1855-1856.

Faculdades	Matriculados	Perderam o anno	App. Nem. discrepante	App. Simpliciter	Reprova-dos	Deixaram de fazer Acto
Theologia . . . . .	99	10	75	4	1	8 <sup>1)</sup>
Direito . . . . .	473	20	297	43	6	107
Medicina . . . . .	58	1	46	5	1	5
Mathematica . . . . .	143	40	45	2	»	55 <sup>2)</sup>
Philosophia . . . . .	212	37	58	5	1	111
Curso administrativo . . . . .	19	6	7	»	»	6
Totales . . . . .	1004	114	528	59	9	292

Em consequencia do curto espaço de tempo que houve para os actos, ficaram por fazer em julho os seguintes:

Actos em outubro de 1856.

Faculdades	APPROVADOS		Reprova-dos
	Nemine discrep.	Simplic.	
Theologia . . . . .	3	»	»
Direito . . . . .	76	14	1
Medicina . . . . .	1	»	»
Mathematica . . . . .	6	5	7
Philosophia . . . . .	27	8	4
Curso administrat. . . . .	4	»	1
Totales . . . . .	117	27	13

As faculdades academicas conferiram aos estudantes mais distinctos, por seu talento e applicação, os premios pecuniarios, e as honras do *accessit*, que constam do mappa junto:

Faculdades	1855-1856		1856-1857	
	Premios	Accessit	Premios	Accessit
Theologia	5	6	7	4
Direito . . . . .	5	11	7	15
Medicina . . . . .	12	4	16	8
Mathemat. . . . .	10	12	9	6
Philosoph. . . . .	4	3	4	4
Curso adm. . . . .	»	4	»	1
Totales . . . . .	36	40	43	38

Estadistica do movimento dos estudantes da Universidade em 1856-1857.

Faculdades	Matriculados	Perderam o anno	App. Nem. discrepant.	App. Simpliciter	Reprova-dos	Não fizeram Acto
Theologia . . . . .	80	3	68	5	»	4
Direito . . . . .	433	18	366	38	3	8
Medicina . . . . .	65	3	59	1	»	2
Mathematica . . . . .	60	7	30	2	»	21
Philosophia . . . . .	94	12	46	4	5	27
Curso administrativo . . . . .	21	2	11	3	»	5
Totales . . . . .	753	45	580	53	8	67

<sup>1</sup> Falleceu um estudante no segundo anno, e por isso ha um de menos no movimento.

<sup>2</sup> Falleceu tambem um estudante do segundo anno.

<sup>3</sup> Postego as distincções d'esta faculdade fossem conferidas respectivamente nos annos marcados no mappa,

contudo todas, com excepção d'um premio no 5.º anno, que vae contado no primeiro mappa, e que pertence ao anno lectivo de 1855 a 1856, são relativas ao anno immediatamente anterior, segundo a practica seguida n'esta faculdade.

Fizeram formatura nas cinco faculdades da Universidade, no anno de 1835—1836, setenta e sete bachareis, e receberam o gráu de doutor dois candidatos em theologia: em

1836—1837 houve cento trinta e nove bachareis formados, e trez doutores; um em theologia, e dois em mathematica. O resultado das informações vê-se no mappa seguinte:

**Informações que obtiveram os doutores e bachareis formados nos annos abaixo mencionados.**

Faculdades	1835—1836					1836—1837				
	Distin-ctas	De bom por unanimidade	De bom por maioria	De suffi-cient. por maioria	De repro-vação em p'ced.	Distin-ctas	De bom por una-nimidade	De bom por maioria	De suffi-cient. por maioria	De repro-vação em p'ced.
Theologia..	4	1	4	»	»	3	2	5	1	»
Direito ....	2	23	19	9	»	11	13	56	16	1
Medicina ..	»	3	2	»	»	7	7	1	»	1
Mathemat.	2	»	»	»	»	2	1	1	1	»
Philosophia	»	»	5	5	4	»	4	5	4	»
Totale..	8	27	30	14	4	23	29	68	22	2

Os pontos que os conselhos academicos assignaram para as dissertações *inaugurales* aos candidatos que defenderam theses, foram os seguintes:

**EM 1835—1836.**

**FACULDADE DE THEOLOGIA.**

**1.º**

S. Paul. Epist. ad Rom. cap. I, vv. 19—23.

Ad veras adcuratasque notiones obtinendas de Deo, de mundo, ideoque de homine; atque ad integras easdem, ammissa revelatione, servandas, sola ratio minime valet.

**2.º**

Evang. Joan. Cap. III, vv. 3—8.

Originale peccatum in omnes Adami posteror (nisi aliquis speciali privilegio excipiat) transfunditur.

**EM 1836—1837.**

**FACULDADE DE THEOLOGIA.**

Epist. I, S. Joan. cap. I, vv. 1—3.

Mythicum Straussii systema Evangeliorum libris minime applicabile.

**FACULDADE DE MATHEMATICA 1.**

**1.º**

De barometro.

**2.º**

De minimo crepusculo.

<sup>1</sup> A faculdade de mathematica, desde 1834 até hoje, tem dado para objecto das dissertações *inaugurales* os seguintes assumptos:

De vibrationibus chordarum.

Machinarum, vaporum ope agentium, motum definire.

Em direito, medicina e philosophia não houve doutoramentos, e por isso não se apresentaram dissertações *inaugurales*, que em theologia são feitas em latim, em direito, mathematica e philosophia em portuguez, sendo em todas estas quatro faculdades o repetente obrigado a mandal-as imprimir.

Teve lugar, durante o anno lectivo de 1835—1836, a habilitação para o magisterio, pelo systema de concursos, de doze candidatos, sendo dois em theologia, nove em direito e um em mathematica. Ficaram excluidos dois em theologia, e em direito foram preteridos trez. Posteriormente o governo annullou os concursos d'esta ultima faculdade.

Em 1836—1837 habilitaram-se nove candidatos, sendo trez em theologia, e seis em direito. Ficaram preteridos dois 'nesta facul-

Punctorum aequinoxialium motus, causas, atque effectus investigare.

Utrum caelestia corpora, quae nunc ad aequilibrium consistunt, stabili ejusdem aequilibrii forma donentur?

Quantum, et quo sensu gravia a verticali deviant, dum magna descendunt altitudine, calculo subducere, terrae figura, et medii resistentia perspecta.

Corporum motus in mediis resistentibus ita definire, ut ad artis Ballisticae praxim facile accommodetur.

De principio minimae actionis.

Attractionis legem tubis capillaribus applicare.

Qua ratione fluminum motui dirigendo, aut coerendo, aggeres construendi sint.

De attractione sphaeroidum a sphaera parum aberrantium.

Quaenam methodus ad Telluris magnitudinem figuramque detegendam, caeteris praefenda sit.

De barometro.

De minimo crepusculo.

Todos estes objectos, com excepção do primeiro, se acham desenvolvidos em dissertações escriptas em latim, e archivadas na Bibliotheca da Universidade. O primeiro, cuja dissertação provavelmente se perdeu, foi agora por esse motivo, dado outra vez, ao actual repetente, Antonio Pinto de Magalhães Aguiar.

dade; e em theologia foram propostos, para os dois logares vagos os candidatos pela ordem da sua antiguidade.

No lyceu nacional de Coimbra matricularam-se no anno lectivo de 1855—1856 os alumnos que constam do mappa inserto a paginas 201 do 4.º volume d'este jornal; e no anno lectivo de 1856—1857 os que se lêem no mappa seguinte:

**Estatística dos alumnos matriculados no Lyceu Nacional de Coimbra no anno lectivo de 1856—1857.**

<i>Disciplinas</i>	<i>Ordinarios</i>	<i>Voluntarios</i>	<i>Totals</i>
Grammatica Lat. . .	8	16	24
Latinidade . . . . .	13	45	58
Grego . . . . .	5	9	14
Hebraico . . . . .	9	6	15
Francez . . . . .	26	42	68
Inglez . . . . .	3	20	23
Allemao . . . . .	2	3	5
Logica . . . . .	23	17	40
Rhetorica . . . . .	18	21	39
Historia . . . . .	20	16	36
Geometria . . . . .	63	35	98
Introducção . . . . .	57	48	105
<b>Totals. . . . .</b>	<b>247</b>	<b>378</b>	<b>625</b>

Os exames preparatorios feitos perante o jury universitario para a matricula nas faculdades academicas, no anno lectivo de 1855—1856, deram o seguinte resultado:

<i>Disciplinas</i>	APPROVADOS		<i>Repro-vados</i>	<i>Totals</i>
	<i>Nemine Discrep.</i>	<i>Simpli-citer</i>		
Latim . . . . .	140	62	121	323
Grego . . . . .	22	11	1	34
Hebraico . . . . .	9	4	2	15
Allemao . . . . .	2	"	"	2
Francez . . . . .	198	"	62	260
Inglez . . . . .	6	"	"	6
Logica . . . . .	114	52	37	203
Rhetorica . . . . .	110	19	13	142
Historia . . . . .	96	26	16	138
Geometria . . . . .	102	57	62	221
Introduc. . . . .	39	17	12	68
<b>Total. . . . .</b>	<b>838</b>	<b>248</b>	<b>326</b>	<b>1412</b>

Os exames que se fizeram em outubro de 1855, e que com os de julho de 1856 formam este mappa, já foram publicados em separado a pag. 190 do 4.º volume d'este jornal.

O resultado dos exames preparatorios, no anno lectivo de 1856—1857, vê-se no mappa seguinte:

**Exames preparatorios em outubro de 1856 e julho de 1857.**

<i>Disciplinas</i>	<i>Nemine Discrep.</i>	<i>Simpli-citer</i>	<i>Repro-vados</i>	<i>Totals</i>
Latinidade . . . . .	137	82	108	317
Grego . . . . .	18	16	4	38
Hebraico . . . . .	13	2	4	21
Allemao . . . . .	2	"	"	2
Francez . . . . .	204	"	88	292
Inglez . . . . .	15	"	"	15
Logica . . . . .	130	39	42	211
Oratoria . . . . .	115	27	15	157
Historia . . . . .	109	28	10	147
Geometria . . . . .	68	53	73	194
Introduc. . . . .	130	67	55	272
<b>Total. . . . .</b>	<b>983</b>	<b>314</b>	<b>399</b>	<b>1696</b>

A. J. T.

**A NEERLANDIA E A VIDA HOLANDEZA.**

Continuado de pag. 7.

Uma das erupções do mar de mais desastrosa memoria foi a que rebentou a 18 de novembro de 1421. Setenta aldeas estavam assentes sobre uma reunião d'ilhotas formadas pelas areás do Meusa, e n'um momento as areás foram substituidas pelo deserto das aguas. A maré despedaçou uma comporta ao pé de Wieldrecht, da qual apenas ficou o nome. Perderam-se irreparavelmente trinta e cinco aldeas, não se podendo descobrir d'ellas vestigio algum, exceptuando apenas uma torre velha, melancholica, solitaria, chamada a *casa de Merwed*. Foi necessario, mais tarde, para fixar os logares em que se permittia aos pescadores o lançar as suas redes, reconstruir, a força de conjecturas, o curso do riacho, o velho Maas, que anteriormente á inundação atravessava aquelle paiz. Procurar nas aguas o sitio em que passava a corrente de um rio, é na verdade uma figura sombria e biblica do diluvio! O sitio em que foram destruidas as aldeas tem ainda hoje o nome de *Biesbosch*, bosque dos juncos<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Com estas evoluções do mar estão ligadas algumas chronicas locais. Conta-se que um rapazinho d'uma das aldeas, sobre as quaes a inundação ia estender-se, vira saltar a cima da agua alguns peixes do mar. Surprehendido com este facto, divulgou-o, mas todos se riram. Elle porém, mais prudente, dicidiu-se a fugir; e poucos dias depois sobreveiu a catastrophe. Este rapazinho foi o unico, ou pelo menos, quasi o unico da aldeia que escapou. Infelizmente, accrescentam as tradições, que tornado homem, fizera mau uso da sua sagacidade; deitou-se a roubar, e morreu enforcado.

Quem tem visto a Haya conhece a aldêa de Scheveningue, onde vai dar uma das estradas mais agradáveis que existe no mundo. Sch. veningue estava d'antes afastada do mar, e agora toca na praia. Em 1570 a metade da aldêa antiga sumiu-se debaixo das ondas. Aegreja a tuf, cuja torre encantadora parece estar pedindo ao mar que a poupe, foi erguida no meio do areal em substituição d'outra, que se havia construido a dois mil passos mais longe para o interior da costa, no centro da aldêa antiga, e que foi depois destruida<sup>1</sup>. Em tempo mais remoto, para a banda de Katwijk, outra aldêa de pescadores, o mar, dentro de quinze annos, e isto no seculo XVII, fizera desaparecer vinte casas, e com ellas duas ruas, que debalde se procuraram depois. Mas abreviemos esta historia que se vai tornando longa. Aquelles que se persuadem que o nosso planeta tem de perecer por meio da agua, encontrarão nos tragicos annaes de Hollanda um ante-gosto das suas prophcias sinistras. E alli que o homem tem visto, de seculo em seculo, a terra a faltar-lhe debaixo dos pés; e os abysmos do Oceano a transcender por cima dos terrenos mais florescentes, e a varrel-os como a onda que aliza as arêas.

Não se faz nos auctores latinos menção alguma do golfo enorme, pelo que tem o mar até hoje penetrado tanto adiante pelos Paizes-Baixos. Antes, pelo contrario, algumas das suas narrações indicam que a Frisa se ligava então com a Hollanda pela terra firme. Existe uma carta de 1584, na qual o seu auctor, Abrahão Ortelius, reconstruiu, seguindo o testemunho dos historiadores, a antiga configuração do paiz anterior á existência do Zuirdzee. Por alli se estendia uma vasta região, entrecortada de diversos lagos interiores, sendo d'elles o mais consideravel o lago Flevo (*Vlieland*), de que falla Tacito. Este lago, segundo Pomponio Mello, tinha sido formado pelas enchentes do Rheno. Era atravessado por um riacho do mesmo nome *Fleum*<sup>2</sup>, que tinha a sua embocadura no mar. Um dia o Oceano arremetteu, cavou um istmo, e entrou pelo lago Flevo: com o reforço d'este auxiliar, não tardou o inimigo a avançar pelo interior do paiz. As invasões successivas, pelas quaes uma grande porção do territorio foi transformada numa bahia, começaram e acabaram com o seculo XIII. Documentos comprovados, as relações escriptas pelos habitantes das provincias vizinhas, e as testemunhas contemporaneas do desastre, não deixam a menor duvida sobre a formação recente do Zuirdzee. Foi em resultado dos movimentos reiterados do mar que ficou inundada uma extensão immensa das terras baixas. Em 1205, a ilha

chamada agora Wieringen, ao sul do Texel, fazia ainda parte da terra firme; foi-se depois destacando por successivos diluvios, cujas datas são conhecidas; até que, a final em 1231, a separação tornou-se completa. Alentado com estes primeiros successos, o mar lançou-se sobre um istmo rico e populoso, que se estendia ao norte do lago Flevo, entre Staveren na Frisa e Medenblik na Hollanda; pelo anno de 1282 toda esta região estava destruida. Não é possível espraiair as vistas pelas costas do Zuirdzee, tão lindas no verão, e ás vezes tão placidas, sem pensar nas catastrophes que deram origem a este mar, e nas cidades florescentes que encontraram a sepultura nos abysmos das suas vagas.

Estas revoluções da natureza exerceram a sua influencia na historia politica dos Paizes-Baixos. Os destinos das cidades que ficam proximas das margens do golfo, foram modificadas em virtude das mudanças occorridas na geographia d'este paiz. A importancia d'Enkhuisen, de Medenblik, de Hoorn, antigas metropoles da Frisa, quando o espaço occupado agora pelo Zuirdzee fazia ainda parte do continente, tem diminuido desde a formação da bahia. A esta decadencia, e aos acontecimentos que a trouxeram, é que se deve o ser hoje Amsterdão uma das principaes cidades do mundo, e um dos portos mais frequentados dos navios. Em geral os viajantes, que passam em Amsterdão, deixam de visitar Marken, Urkz Schokland; estas trez ilhas do Zuirdzee são os ultimos vestigios do continente que se alluiu. Todo aquelle, porem, que se entrega ao estudo dos paizes e dos povos deve emprehender esta viagem, que é ao mesmo tempo um curso de historia. Os habitantes d'estas trez ilhas, separadas da terra firme e como desmembradas umas apoz outras pelas terriveis inundações, tem permanecido nos diversos degraus da escala moral em que foram surpreendidos pelo cataclysmo. Viajar pelo Zuirdzee debaixo d'este ponto de vista, é voltar ao passado. Que pasmo não foi o nosso ao contemplar estes restos das raças antigas, surgindo do abysmo das aguas e do oceano das edades com os costumes, lingua-gem, tradições, trajos e figuras d'outros tempos! Foi para nós como uma apparição das sociedades antigas. Os Batavos e os Frisões primitivos não morreram; alli os encontrareis. Nestas ilhas, ultimos vestigios da terra firme, e nas costas vizinhas do Zuirdzee, fica-se surpreendido ao deparar com uma reunião estranha de feições particulares, de caracteres physicos, e principalmente de trajos que em nenhuma outra parte se encontram junctos, e só em paizes diferentes. Estas medallas vivas attestam a origem d'antigas raças que conservaram o seu modo de viver, seus trabalhos habituaes, as suas maneiras, e a sua physionomia distincta. Por este modo

<sup>1</sup> Na occasião em que foi destruida, acabava de ser erigida em parochia, tendo por muito tempo antes sido simples capella.

tem-se debaixo dos olhos a prova material d'antigos diluvios, que deixaram por toda a parte, não sómente monumentos de destruição, mas ainda fosseis d'uma ordem nova, que para assim dizer, destacam na vida as formações successivas da historia. A medida que nos vamos afastando do Zuirdzée, isto é, do theatro das antigas catastrophes, vemos desaparecer, pela maior parte, nos habitantes do interior do paiz, os caracteres d'esta originalidade que nos surprehendêra. Os typos vão-se apagando desde que as communicações geographicas se restabelecem. Vê-se pois que o naufragio d'uma porção do continente isolou algumas populações da sociedade dos Paizes-Baixos, e destacando-as da terra firme, parece, para assim nos exprimirmos, que as petrificou nas formas diversas da civilização antiga.

A formação tempestuosa do Zuirdzée parece ter sido a consequencia de desastres ainda mais antigos. Sempre ao norte da Hollanda, encontra-se uma serie d'ilhas engastadas no Oceano como as perolas d'um collar, cujo fio se rompeu. Estas ilhas são os ultimos relevos d'uma costa que servia antigamente de trincheira aos Paizes-Baixos; este amparo foi despedaçado e as suas ruínas dispersadas pelo mar do norte. O numero d'estas ilhas diminuiu quasi de um terço desde o tempo de Plinio, pois que este naturalista contava vinte e trez entre o Texel e o Eider, quando nós agora apenas contamos dezeseis. E cumpre accrescentar que estas ilhas não são mais do que as ruínas d'outra ruína. No anno 800, Heligoland, situada na embocadura do Elba, principiou a ser atormentada pelas vagas; nos annos 1300, 1360 e 1619, outras porções de terra foram abysmadas, até que por fim chegou o momento em que ficaram de pé estas unicas reliquias da ilha originária. Um rochedo de marne vermelho, quasi da altura de duzentos pés, eis o que sobrenada ao desastre, como um d'esses grandes carvalhos que sobrevive ás florestas desapparecidas.

Cumpre porém, para sermos justos com o Oceano, que ponhamos em frente d'esta lista sombria de cidades destruidas ou abysmadas, de aldeas perdidas, de regiões annulladas, o quadro mais consolador das restituções do mar. As grandes destruições de terras succede quasi sempre a reacção n'uma certa escala. Entre Anvers e Nieuport alastra-se uma região baixa que, no tempo dos Romanos, comprehendia bosques, pantanos, turfeiras, e que era protegida contra o Oceano por uma cadeia de dunas; no seculo V esta cadeia cedeu ao furor das tempestades. De mar que era, antes da invasão das aguas, esta região tornou-se em terra firme, e nella assentou uma população bastante numerosa. Verdade é, que esta mudança foi devida, ao menos em par-

te, á industria e perseverança dos habitantes, que souberam aproveitar os bancos d'arêa depositados pelo mar, para recuperar, quasi palmo a palmo, o solo que o mar havia roubado. O mesmo facto se reproduziu no *Biesbosch*; tambem alli as aguas restituíram uma parte das terras que haviam engulido. O assento das aldeas submergidas é indicado actualmente pelos terrenos d'alluvião que sobre ellas se vão elevando pouco a pouco. Campos immensos, onde crescem já abundantes searas de grãos, têm, para assim dizer, feito esquecer que alli existia o mar. A vista d'estes terrenos cubertos antigamente pelas aguas, e hoje renascentes, é um dos espectaculos mais proprios para nos manifestar os caminhos, que a natureza segue para crear por meio da destruição. As aguas, transbordando com furia, vão com o tempo depositando, sobre o theatro da inundação, o contrapeso das suas conquistas e das suas violencias. Pelo movimento natural das cousas, formam-se de securo em securo bancos d'arêa, que vêm por fim a ser cobertos de um lodo fertil: e por este theor a terra, invadida, conquistada, engulida, torna por fim a elevar-se, e se fortifica de alguma maneira contra os seus destroços.

Interessante, quando se encara pelo lado da geographia e da historia, a formação da Hollanda não o é menos pelo lado da geologia philosophica. Por mais de uma vez tem sido objecto de indagações dos sabios, resolver, se acaso as leis em actividade sobre o globo, durante a epocha em que o nosso planeta se achava em embrião, differiam muito das que actualmente determinam a economia da natureza. A solução d'esta questão achasse talvez na historia physica, ou, se assim nos podemos exprimir, na genese da Hollanda. Não ha dois systemas na natureza, não ha uma geologia morta, e uma geologia viva; por toda a parte em que obraram nas edades mais afastadas do globo as causas neptuni-nas, haviam de obrar forçosamente pelo mesmo modo com que tem operado sobre o solo dos Paizes-Baixos desde os tempos historicos. O duelo entre a terra e o mar, que nas cosmogonias antigas representa um papel tão importante, prolonga-se aqui e leva ás mesmas consequencias,—diluvios, catastrophes e mudanças na configuração do delta. O Oceano retira-se de umas costas para occupar outras, restituindo algumas vezes o que tinha roubado, e apanhando de novo o que largára, sem que a lei d'estes movimentos seja ainda completamente conhecida. N'este ponto de vista, a historia geographica da Hollanda, é, ao menos em parte, o segredo da creação revelado. A totalidade dos acontecimentos, aos quaes o solo neerlandez deve a sua origem, e as variações por que tem passado, põem-nos com effeito em bom caminho, para avaliar as

causas que têm modificado por muitas vezes, e podem modificar ainda a constituição physica do nosso globo.

Alguns factos recentes provam que o Oceano não renunciou por ora as suas pretensões sobre a Hollanda. Em 4 de fevereiro de 1825 o mar elevou-se; e as suas aguas correram para o Over-Issel, para a Frisa, para a North-Hollanda e para Gueldre. Esta chéa gigantesca, foi, é verdade, de pouca duração; retirou-se com o refluxo, mas deixando atraz de si o sentimento do perigo que tinham corrido os Paizes-Baixos. A vista d'este paiz, ameaçado pelos rios, sacudido das tempestades, carregado com todo o peso das marés, deveria temer-se, com razão, pelo solo de Hollanda, pelas suas riquezas, e diremos até pela sua propria existencia, se 'nesta luta não intervesse um agente de nova ordem, uma força moral capaz de fazer contrapezo ás forças cegas da destruição. Esta força existe: temos visto até aqui o trabalho da natureza; resta-nos fallar das mudanças que a mão do homem tem introduzido na fórmula geographica dos Paizes-Baixos.

*Continua.*

## MEMORIA HISTORICA

DO

MONTEIRO DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO,

DE MONJAS DA ORDEM DE CISTER

DA CIDADE DE PORTALEGRE.

I.

Simão de Mello, natural de Evora, foi filho de Garcia de Mello, alcaide mór de Serpa e de D. Felippa Pereira da Silva, ambos da principal nobreza d'estes reinos<sup>1</sup>.

Findos seus primeiros estudos, sentiu-se propenso ao estado ecclesiastico, e, para lo-grar 'nelle dignidade, que correspondesse ao lustre de seu sangue, dirigiu-se a Roma a sollicitar-a<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> D. Jorge de Mello, irmão de Simão de Mello, foi monteiro mór d'El-Rei D. João III, e Henrique de Mello, o primogenito, foi alcaide mór de Serpa, e ascendente dos porteiros mores. Seu pae era sobrinho direito de Martin Affonso de Mello, alcaide mór de Olivença, e senhor de Ferreira; de sorte que do seu sangue, e da sua casa são ramos os nobilissimos Mellos da casa de Ferreira, hoje os duques de Cadaval, os Mellos do monteiro mór, e a casa do porteiro mór.

Fr. Manuel dos Santos — *Alcobaça illustrada* — tit. XII — pag. 317.

<sup>2</sup> Assevera o licenciado Jorge Cardoso (*Aqui logio Lusitano* — tom. 1. pag. 435), que Simão de Mello vivêra disfarçado em Roma, para onde tóra na flor dos annos, servindo muitos o cardeal D. Jorge da Costa, sem se lhe dar a conhecer. Não acreditamos o facto; porque, não mostrando a conveniencia do incognito, mal quadrava nos attivos espiritos da reconhecida fidalguia de Simão de Mello o baixo e degradante estado de servidão, a que, espontaneamente, se reduzia. Seguimos, 'nesta parte, a Fr. Manuel dos Santos na *Alcobaça illustrada* — I. cit.

Encontrou benigno acolhimento no cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa, seu compatriota, que não só o recommendou a benevolencia do Pontífice, de quem era valido, mas lhe cedeu a opulenta abbadia de Alcobaça, de que era commendatario.

E foi, 'nessa epocha, em obsequio a tão generoso protector, que Simão de Mello renunciou ao nome do baptismo, tomando o do novo padrinho.

Cursava D. Jorge de Mello a côrte, exercendo o cargo de esmoler mór, annexo a sua dignidade, e, quando El-Rei D. Manuel lh'o requeria, dava, tambem, sobre os negocios o conselho, que havia por mais adequado.

Escutava-a sempre com benevolencia o monarcha, e não sómente approvava, em particular, as disposições, que lhe insinava, mas até, alguma vez, chegou a romper, em público, alvarás, em que estas disposições se contrariavam, recusando assignal-os.

Mal soffriam os cortezãos tão notorio valimento, e mais odiosa lhes era ainda a nobre ousadia, com que o esmoler mór os affrontava, embargando-lhes o despacho de pretensões injustas e desarrasoadas.

Devia grangear-lhe, e, de feito, lhe grangeou poderosos, e implacaveis inimigos tão exempto e leal proceder.

Para o indispor com El-Rei, facil lhes foi levantar pretexto coloreado, e dando, por ventura, maior vulto aos defeitos reaes, com que o notavam, acoiaram-no ainda de outros ficticios, mais reprehensiveis, e execrados.

E certo, que, ao cabo de um anno, conseguiram *deitarem-no d'alli, por dizer a verdade*.

Com estas palavras magoadas, dez annos depois da morte de D. Manuel, se queixava D. Jorge de Mello de tal procedimento a El-Rei D. João III<sup>1</sup>.

Cremos, que esta desgraça (tão inconstante é o favor dos reis), não só o empenho de estabelecer condignamente o cardeal infante, levará D. Manuel, em 1519<sup>2</sup>, a instal-o pela permuta, com D. Affonso<sup>3</sup>, da abbadia de Alcobaça pelo bispado da Guarda.

Acceitou, violentado, a nova dignidade,

<sup>1</sup> Constan estas particularidades de uma carta de D. Jorge de Mello para El-Rei D. João III sobre os *foraes* do couto de Alcobaça, e outros assumptos, transcripta nas *Provas*, e *Adições da Historia Chronologica e Critica* d'aquella real abbadia por Fr. Fortunato de S. Boaventura.

Carvalho (*Corographia Portugueza* — tom. II — pag. 343) diz, que D. Jorge de Mello foi confirmado bispo da Guarda em 1517; Fr. Fortunato de S. Boaventura (*Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaça* — pag. 151) assevera, que o fôra em 1518; Fonseca (*Evora Gloriosa* — pag. 324), e Fr. Manuel dos Santos (*Alcobaça illustrada* — tit. XII), decidem-se por 1519.

<sup>2</sup> Foi filho d'El-Rei D. Manuel, e da Rainha D. Maria. Nasceu em Evora aos 23 dias de abril de 1509. A este principe mandou o Papa Leão decimo o capello de cardeal no anno M. D. XVI com o titulo de bispo Zagitauo. *Danião de Góes* — *Chronica d'El-Rei D. Manuel* — Part. II. cap. XLII.



que jamais exerceu na sua cathedral, fixando a residencia em Portalegre, que, então, pertencia áquella diocese<sup>1</sup>.

## II.

Começou logo a entender na execução do projecto de fundar, nas vizinhanças d'esta cidade, um mosteiro de Monjas da ordem de S. Bernardo, onde expiasse, entregue á penitencia, os delictos de uma juventude desreglada.

Quer-nos parecer, que tamanha queda da fortuna, trazendo-lhe cabal desgano da caducidade das cousas da terra, seria parte, com os proprios remorsos, para lhe áfervorar os dezoitos de se entregar, de todo, ás do céu.

Em verdade na sultura de costumes, commum, por desgraça, 'naquella idade', nenhum tento ou recato guardou D. Jorge<sup>2</sup>; é, todavia, forçoso confessar, que, depois de entrado em annos, para reparação de tamanhos escandalos, tambem não poupou diligencias, como veremos.

Em quanto o bispo D. Jorge cuidava em erigir um monumento, que recordasse ás gerações futuras a sua piedade, empenhava-se D. Helena de Mesquita, cumplice de seus desvarios, que o acompanhara 'neste quasi desterro, em perpetuar o nome de seu filho D. Antonio de Mello, já então legitimado por El-Rei D. João III, e fidalgo de sua casa, vinculando-lhe grossos cabedaes<sup>3</sup>.

E de presumir, que D. Jorge tambem se não esquecesse de que era pae, para promover o estabelecimento d'este filho, como o fez a respeito dos outros dous, D. Bernardo de Mello, e D. Joanna de Mello<sup>4</sup>; nenhuma memoria, porem, nos restam, que positivamente o atestem<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Foi tanta a magoa de D. Jorge de Mello, diz Cardoso (*Agiol. Lusit.* I. cit.) pela forçada renúncia da abbadia de Alcobaga, que nunca entrou na Guarda; e acrescenta Carvalho (*Chrografia portugueza* — tom. 2, pag. 343), que dizia, que não havia de ir a terra onde natakam os bispos. Effectivamente havia sido assassinado o seu predecessor D. Alvaro Chaves.

<sup>2</sup> Vide *Reflexões Historicas* pelo conselheiro João Pedro Ribeiro — parte 1.<sup>a</sup> — n.º 17.

<sup>3</sup> « Nem os proprios Cistercienses disfarçam, que existia defronte do mosteiro (de Alcobaga) uma D. Iznuez de Mesquita (Helena de Mesquita aliás), com quem o abade (D. Jorge de Mello) tinha commercio illicito, e de que procedeu ter nada menos de trez filhos naturaes. » Fr. Fortunato de S. Boaventura — *Historia Chronologica e Critica da real abbadia de Alcobaga* — cap. IV. par. 151.

<sup>4</sup> É datado o instrumento de instituição de morgado de 15 de novembro de 1522.

<sup>5</sup> D. Bernardo de Mello foi prior da parochial egreja de S. Pedro de Penamacor, e da de Teixeira, ambas do bispado da Guarda. D. Joanna de Mello foi abbadesa perpetua do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre, principiando a exercer o cargo ainda em tempo de seu pae.

<sup>6</sup> Dos documentos do archivo do mosteiro, que tive-mos presentes para a organização d'esta memoria, nada consta a este respeito; achámos, porém, na *Gazeta dos Tribunaes* — n.º 220 — 1843 — o seguinte, sob a epigrafe

## III.

Determinára, a principio, edificar o mosteiro nas célebres ruínas da antiga Medrobri-ga, mais conhecida hoje pelo nome de Aremenha<sup>2</sup>; desistiu, porem, do intento, pela insalubridade d'este formoso valle. Humido, e mal ventilado, cercavam-n'o, por todos os lados, asperas serras, avultando entre ellas o Herminio Menor<sup>3</sup>.

Parece, que no logar denominado Proven-cia, e pelos antigos Valle de Flores, a distancia uma legua da cidade para o norte, chegára tambem a lançar os fundamentos ao novo edificio; mas razões eguaes ás que o dissuadiram da fundação em Aremenha, o obrigaram a desistir da obra na Provençia<sup>4</sup>.

Assentou-a, definitivamente, no alto da Fontedeira, onde permanece ao presente, sitio agradavel, sadio, proximo da cidade, e doado, generosamente, para esse fim, pela camara municipal.

Continúa.

F. A. R. DE GUSMÃO.

## NOTICIARIO.

**Novo planeta.** — M. Pogson d'Oxford, observou a 16 d'agosto um pequeno planeta da 11.<sup>a</sup> ou 12.<sup>a</sup> grandeza, que é talvez novo, mas que entende não dever ainda annunciar como tal, porque julga possivel, que este seja o planeta Daphne (41.<sup>a</sup>) descoberto por M. Goldschmidt a 22 de maio de 1836, e hoje perdido.

Se o astro observado não é Daphne, será um pequeno planeta de mais a junctar aos 45 hoje conhecidos, que circulam entre Marte e Jupiter.

**Platanos.** — M. Belloe, director do jardim botânico de Metz, enviou á academia das sciencias de Paris uma memoria sobre os platanos do Oriente e Occidente. A primeira d'estas arvores, originaria da Asia e da Grecia, importada depois pela Italia e pela França, foi submittida a um estudo cuidadoso pelo auctor. É sabido que esta arvore perde

— *Bastard.s, em que se fizeram casas, e outros que a fundaram*: a D. George de Mello, bispo da Guarda, teve bastardo D. Antonio de Mello, Avô por varonia dos Mellos dos Paulistas e rua de Sancto Antonio em Lisboa.

<sup>1</sup> L. And. Resendii — de antiquitatibus Lusitaniæ — L. 1. Dialogos de D. Fr. Anador Arrais — Dialogo Quarto — cap. X. — *Descripção de Portugal por Duarte Nunes de Leão* — cap. IX pag. 54 e 55. — *Mapa de Portugal pelo padre João Baptista de Castro* — parte 1.<sup>a</sup> — cap. 11, pag. 29.

<sup>2</sup> Os nossos antigos chamavam á Serra de Estrella Monte Herminio Maior, e á Serra de Marvão Monte Herminio Menor. Vide L. And. Resendii etc. I. cit.

<sup>3</sup> Na Provençia residia D. Helena de Mesquita ao tempo, em que se lavrou o instrumento, a que acima nos referimos.

todos os annos a casca, que cae em pedaços sobre a terra. M. Belloc fez a analyse d'esta casca, a fim de examinar se ella tinha algum valor para estrumar as terras. Achou que continha: 1.º uma materia amarella cõr de palha; 2.º uma materia adstringente muito analoga ao cha, e que poderia talvez substituir a bebida chinesa; 3.º fazendo-a ferver em agua, obtive uma dissolução escura, que pinta a seda da mesma cõr amarella; 4.º esta dissolução evaporada deixa um extracto gomoso de cõr escura que, tratado pelo acido chlorhydrico, dá cristaes brancos e opacos, dos quaes se pode extrair um principio novo, um alcaolide, ao qual o auctor deu o nome de *platinina*. Este principio e muito pouco soluvel na agua, mas forma saes soluveis com os acidos azotico e sulphurico.

**Nova explicação da surdez.**—M. Beaudrimont diz 'numa carta dirigida á academia das sciencias de Paris o seguinte:

« É sabido que, fazendo-se vibrar um copo de vidro cheio d'agua, não se ouve o mesmo som que quando elle está vazio; a sonoridade é entretanto a mesma. Se no seio do liquido se desenvolve ao mesmo tempo um gaz, por exemplo o acido carbonico; a sonoridade é pelo contrario modificada, e cada vez mais sumida. Este phenomeno é devido, segundo o auctor, a que o gaz, interpondo-se entre as moleculas do liquido, e entre o liquido e os bordos do copo, produz uma falta de homogeneidade do meio, em que se executam as vibrações. Assim um copo cheio de oleo puro, ou d'agua pura, goza d'uma igual sonoridade; mas se se misturam estes dois liquidos, como então o meio não é homogeneo, a sonoridade é consideravelmente modificada.

Applicando estas considerações á constituição do ouvido, facilmente se vê que, se com o liquido da parte interna d'elle, se achar misturado um outro liquido, ou um gaz, a surdez mais ou menos completa será necessariamente a consequencia, por que os raios sonoros não poderão mais propagar-se, como no meio homogeneo primitivo. »

**Marmore onyx.**—Todos admiraram, diz o *Cosmos*, as bellas amostras de marmore onyx da provincia d'Oran, que faziam parte da exposição d'Algeria. Segundo M. Roy, são depositos recentes devidos a fontes thermaes interiores carregadas d'acido carbonico, como ainda ha muitas em todo o paiz. O deposito calcareo formado pela precipitação e concentração do liquido e primeiramente opaco e de estrutura muito irregular; mas augmentando a quantidade d'acido carbonico, e tornando-se mais poderosa a influencia da evaporação á medida, que o liquido se evapora da superficie, o deposito passa ao estado translucido. M. Roy afirma que a natureza do deposito

accusa d'uma maneira notavel não somente a influencia das estações alternativamente quentes e frias, mas ainda a mudança do dia e da noite.

Pedaços d'este marmore quebrado, submettidos mais tarde a acção da lavagem dos marmores pelas aguas das fontes thermaes, soldaram-se naturalmente: imitando a natureza e pondo em jogo esta mesma acção das aguas thermaes. M. Roy espera chegar a soldar artificialmente pedaços destacados d'onyx, formando assim cogulos de marmore maiores, que os que possuiram os povos antigos.

**Bellos effeitos da miragem.**—A 7 de julho ás nove horas do noite, escreve M. Legrip a *La Science*, dois individuos de Chambon achavam-se sobre um ponto elevado, ao oeste d'esta pequena cidade. A lua cheia levantava-se por baixo d'uma pequena nuvem; a sua cõr era d'um amarello-avermelhado vivo. Apenas o astro se achava acima do horisonte, os dois viajantes perceberam no ar, e quasi na altura da lua, um homem de vestia e de chapéu, trazendo ao hombro esquerdo um páu, e pendurada nelle uma trouxa. O homem caminhava por uma larga estrada; os viajantes viram-no passar deante da lua, e desaparecer 'num momento.

A lua encubriu-se um instante, e logo que passou a nuvem, um outro quadro se offereceu aos olhos dos dois observadores; não foi um homem, mas uma vasta extensão d'agua, uma especie de lago cercado de pastagens, de prados, d'arbustos, e d'arvores.

M. Legrip vê 'nestas apparições bellas effeitos da miragem, ou antes de reflexões extraordinarias.

**Cura da hydrophobia.**—Diz *La Science*, jornal scientifico de Paris, que um medico ou proprietario da aldeã Pekletz, districto de Rag-k na Russia, M. Levachoff, possui um methodo infallivel para a cura da hydrophobia. O primeiro cuidado do medico é provocar o accesso da molestia, apertando com força o membro mordido. O doente então sente-se desfallecer, perde os sentidos pouco a pouco, um sentimento de tristeza, d'inquietação, de medo, se apodera d'elle, e vae continuamente augmentando; succedem-se depois as nauseas, e em seguida a aniquillação completa de toda a intelligencia, sobrevindo o delirio, no qual o doente com os olhos espantados cospe sobre todos os que se approximam d'elle.

Quando por esta primeira prova o medico se assegura da presença do virus hydrophobico, começa o tractamento, que consiste em pilulas, e em um pó feito de plantas, cujo segredo passa do pae ao filho, na familia. Depois da primeira pilula o doente dorme por espaço de 4 horas e meia: accorda com pleno

conhecimento de si, sente uma ligeira transpiração, e pede uma nova dose do medicamento. Tudo termina em geral depois da 4.ª pilula; mas desde a primeira a cura está segura. Os accessos não apparecem mais, a tristeza cessou, todas as funções se exercem como no estado de saúde. Devemos dizer para gloria d'este medico, que nunca accieita cousa alguma aos doentes que cura; cada um d'elles fica com a liberdade de fazer, querendo, um donativo á Igreja de Pekletz.

O numero dos doentes atacados da hydrophobia, e curados por M. Lavachoff, elevava-se em 5 de março de 1857 a 1791.

**Morte occasionada pelo emprego da amylena.**— Em 30 de julho d'este anno, diz o *Cosmos*, M. Snow administrava a amylena a um individuo de 24 annos, baixo mas robusto, para lhe fazer a operação d'um pequeno tumor no dorso. No fim de dois minutos, o doente perdeu os sentidos; ia-se começar a operação quando elle soltou uma gargalhada de loucura, que durou perto d'um minuto, durante a qual custou muito a segurar. Quando ficou sosegado, posto que não tendo recuperado os sentidos, administrou-se-lhe ainda outra dose de amylena; o doente tinha a cara virada para a mesa, e apoiada sobre os cotovellos e sobre os joelhos.

Começou-se a operação: mas antes que se tivesse concluido a sutura, os membros do doente afrouxaram, a respiração, ainda que bastante livre, tornou-se estertorosa; o pulso tinha quasi desaparecido. Viraram-no de costas, a face estava já livida e a respiração era difficil; aspiraram-lhe ar, bafejando-o; recorreram ao methodo de respiração artificial do dr. Marshall-Hall; excitaram-lhe commoções magnetico-electricas na região do coração, o qual se julgou ouvir bater um instante, ao mesmo tempo que a respiração parecia ainda regular; mas tudo foi inutil, foi impossivel tornar o doente á vida; morreu.

M. Snow attribue esta morte subita a uma acção directa da amylena sobre os musculos e os nervos do coração, sem que houvesse asphyxia: outros medicos serão sem dúvida de parecer contrario. A verdade é que o agente anestesico produziu mais uma vez a morte, e em um caso em que nada levava a suppôr um tão triste resultado, que talvez seja devido ao doente fazer uma ou duas inspirações mais energicas do que devia ser. «O ar respirado, diz M. Snow, não deve conter mais de 15 por cento do vapor da amylena, como não deve conter mais que 5 por cento do vapor do chloroformio; se a amylena fosse administrada em quantidade determinada em um vaso de capacidade conhecida, não aconteceria accidente algum; mas eu julgava que o processo que tinha tão bem empregado com o cloroformio, teria egual successo com

a amylena, e que não havia utilidade alguma em administrar o novo anestesico, d'uma maneira, difficil e embaraçada, quando tal cautella se não tinha com o agente anestesico, habitualmente empregado.» É um erro e um erro deploravel, que practicamente vem demonstrar a excellencia do methodo e apparelho de M. Heurteloup. Todo e qualquer agente anestesico não deve ser administrado senão pelo nariz, ao mesmo tempo que pela bocca se respira um ar inteiramente puro, e os vapores anestesicos se desfazem na atmospheria.

**Exposição da industria na Suissa.**— Abriu-se a 27 de junho ultimo a terceira exposição da industria suissa, na ordem chronologica, mas a primeira que tem havido na confederação helvetica, pelas proporções grandiosas que assumiu.

A exposição comprehendeu todos os ramos de produção nacional, figurando, a par da industria fabril, a agricultura, a litteratura, e bellas artes.

Na secção da industria contaram-se 2:050 expositores, e 20:000 productos. Nas bellas artes, 158 expositores e 277 productos. Na secção litteraria, 103 expositores, tanto auctores como editores, e 8:000 obras, pouco mais ou menos.

A exposição agricola só terá logar de 1 a 10 d'outubro.

**Vestidos que não se inflammam.**— O *Medical Times* indica um meio facil de prevenir os numerosos accidentes que resultam da communicação do fogo aos vestidos das senhoras. Consiste em os ensopear em uma dissolução de chlorureto de zinco diluido d'agua; a mais fina cambraila assim preparada, submettida á acção do fogo, reduz-se a cinzas, sem dar a menor chamma.

**Phosphoros.**— O fabrico dos palitos e pavios phosphoricos faz-se na Austria em maior escala, do que em qualquer outro paiz. Em 1852 exportou a Austria 1.237:000 kilogrammas, no valor de 2 milhões de francos.

Pode avaliar-se em 3 milhões de francos o producto annual das fabricas austriacas.

Trez estabelecimentos dedicados exclusivamente a esta industria, em Vienna, occupam mais de 6:000 operarios. Só uma d'estas fabricas, a de M. Preschel, produz annualmente 3.350:000 caixas de 50 maços a 100 peças cada um, ou perto de 27 mil milhões de phosphoros!

A Suecia possui tambem uma das maiores fabricas que se conhecem. A produção diaria d'este estabelecimento é de 8 milhões de palitos phosphoricos!

Na França e Inglaterra contam-se alguns estabelecimentos importantes, e alguns pro-

gressos tem feito esta industria, mas estão muito longe dos da Austria.

**População de Paris.** — A estatística geral de França da em 1801, 347:736 habitantes a população de Paris intra-muros; em 1806, 580:009. O recenseamento feito em 1817 deu um resultado, 713:936 habitantes fazendo-se somente novo recenseamento em 1826. Desde esta epocha, procede-se a esta operação, em França, de cinco em cinco annos.

Eis o que da a estatística até 1851:

1826, 890:903 — 1831, 774:348 — 1836, 909:126 — 1841, 933:261 — 1846, 1:033:997 — 1851, 1:033:262.

Vê-se, por tanto, que em 50 annos, a população de Paris quasi que duplicou.

**Sociedades de socorros mutuos.** — Em França, o numero d'estas sociedades, que no fim de 1852 era de 2:438, subiu no fim de 1856 a 3:404. O numero de socios na primeira epocha era de 271:077, sendo 21:635 honorarios, e na segunda, de 426:463, contando-se 47:281 honorarios. Os fundos de todas estas sociedades eram em 31 de dezembro de 1852, 10:714:877 francos, e em 31 de dezembro de 1856, 16:332:310 francos.

Alem do estado prospero, que estas sociedades offerecem em geral, nota-se grande affluencia de mulheres a inscrever-se socias. Em 1852 contavam-se somente 26:181 mulheres, e em 1856 já haviam 47:982.

## RELAÇÃO

*Das indiduos nuncados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 de d'abril até a fim de maio ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

Antonio d'Abreu, para professor temporario da cadeira da Ponte da Barca, districto de Viana.

Domingos Fernandes Ramos, para dicto de S. Salvador de Covas.

Joaquim Maria da Silva Barreto, para dicto de Alcochete, districto de Lisboa.

José Antonio de Sousa, para dicto de Lumiares, districto de Visu.

### INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Cypriano José Lamego, para professor temporario da cadeira de Collis, districto de Beja.

Domingos Antonio Soeiro, para professor substituto da cadeira da Motta, districto do Porto.

João Cardoso da Silva, para professor temporario da cadeira de Penha Longa, districto do Porto.

Manuel José Antunes, para dicto de Monte Alegre e m'asento em Villa da Ponte, districto de Villa Real.

Manuel Maria de Sousa Pinto, para dicto de Longroiva, districto da Guarda.

Manuel Pereira da Cruz, para dicto de S. Mamede de Riba-Tua, districto de Villa Real.

Miguel Homem Corte Real, para dicto de Ranhados, districto da Guarda.

Alvaro José dos Sanctos Claro, para dicto de Aguas Frias, districto de Villa Real.

Domingos Frederico d'Aquino e Sousa, para dicto da Azinhaga com asento na freguezia do Olival, districto de Santarem.

Francisco José Nogueira, para dicto de Budens, districto de Faro.

João Manuel de Sousa Ferreira de Magalhães, para dicto do logar do Pico, freguezia de S. Gens, districto de Braga.

Manuel Cardoso de Figueiredo Nogueira, para dicto de Quaias, districto de Coimbra.

Bernardo José de Loureiro, para dicto de Silves, districto de Faro.

José Corrêa d'Aguilhar, para dicto de Podentes, districto de Coimbra.

José Henriques Frazão, para dicto de Coimbra, districto de Leiria.

Manuel Pedro Machado, para dicto de Chelleiras, districto de Lisbon.

Antonio Manuel Domingues, para dicto d'Ervidel, districto de Beja.

José Joaquim Gomes, para dicto da freguezia de Salto, districto de Villa Real.

Manuel Lopes, para dicto de Castello Mendo, districto da Guarda.

Francisco Antonio d'Oliveira Pires, para dicto de Val Salgueiro, districto de Bragança.

Francisco Maria Monteiro, para dicto de Lavre, com exercicio em Evora.

João José Pereira, para dicto de S. Miguel de Miharado, districto de Lisboa.

José Antonio do Rego, para dicto de S. Marcos do Campo, districto d'Evora.

José da Costa Menna, para dicto do Tramagal, districto de Santarem.

Manuel Nunes, para dicto do Rocio ao Sul do Tejo.

Godinha das Neves Pereira de Castro, para mestra temporaria da cadeira de Arcos de Val de Vez, districto de Viana.

Maria Augusta d'Almeida Falcão, para dicta de Ponte de Lima, districto de Vianna.

Anna da Conceição da Silva Borges, para dicta de Torres Novas, districto de Santarem.

Bernarda Emilia, para dicta da Villa da Lagoa, districto de Ponta Delgada.

Maria d'Assumpção, para dicta de Thomar, districto de Santarem.

Maria Ludovina Moraes, para dicta do Crato, districto de Portalegre.

Joaquim José de Oliveira, para professor vitalicio da cadeira de Ançã, districto de Coimbra, por decreto de 27 d'abril ultimo.

João Neves Duarte, para dicto de S. João d'Arças, districto de Visu, por decreto de 21 dicto.

Balbina Henriqueta de Passos, para mestra vitalicia da cadeira de meninas da freguezia de Santa Egracia de Lisboa.

### INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Antonio Manuel Rodrigues, para o logar de porteiro do lycee nacional de Bragança, por decreto de 6 de maio ultimo.

João José Ferreira Simões de Mülle, para professor temporario da cadeira de latim de Pombal, districto de Leiria, por portaria de 5 de maio ultimo.

José de Mattos Custodio, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Elvas, por decreto de 12 de maio ultimo.

José Joaquim Nepomuceno Arsejas para o logar de porteiro da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por decreto de 19 de maio ultimo.

### INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

José Ernesto de Carvalho e Rego para lente de Prima e decano da faculdade de theologia, por decreto de 27 de abril ultimo.

Joaquim Cardoso d'Araújo para lente cathedratico da mesma faculdade, por decreto de 22 de maio ultimo.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.**

Continuado de pag. 141.

### CAPITULO II.

*De como deve ser creada uma cadeira de grammatica e lingua portugueza no lyceu nacional de Lisboa.*

Ha cousas, que muito abreviada reflexão nos põe com evidencia aos olhos, e todavia não se tomam em nenhuma conta, senão depois que o reclamar da experiencia força a observação a advertil-as. Parece estranho isto, mas succede assim na realidade, e acaso na maxima parte do que muito devia importarnos. O objecto d'este capitulo seria mais uma prova da minha asserção, se por ventura ainda carecesse de ser confirmada. E conhecida, e todos confessam a necessidade não só do estudo, e cabal conhecimento das linguas antigas e modernas, mas tambem que se faça aquelle estudo, e adquira tal conhecimento no mais curto prazo de tempo. Criam-se cadeiras, convidam-se professores, estabelecem-se programas, subjeitam-se os alumnos a exames, que se recommendam e querem muito averiguados e escriptulosos; e comtudo falta-se ao que levissima reflexão teria demonstrado ser condição indispensavel para que não se torne quasi em pura perda todo o trabalho e toda a despesa com este motivo feita; e para que, pelo menos, o estudo das linguas se facilite, se aperfeicção, e obtenha com segurança os resultados, que se pretendem. Mas a experiencia veio enganar até os menos dispostos a prestar-lhe doces ouvidos: constrangeu-os, desilludiu-os; e já hoje não ha quem entenda nos estudos linguisticos, que não declare de absoluta necessidade a criação de uma cadeira no lyceu de Lisboa (e em todos os lyceus do reino), que tenha por objecto exclusivo o ensino largo e sufficientemente desenvolvido da grammatica e lingua portugueza, que, completando o curso dos estudos secundarios, sirva ao mesmo tempo de preparatorio obrigado ao estudo de todas as outras

linguas. Este facto, que a experiencia funda irresistivelmente, a reflexão desde muito o devia ter achado; pois que só por elle pôde explicar-se o pouco progresso do maior numero dos alumnos das varias aulas de linguas, e as notaveis imperfeições, muito para lastimar, até d'aquelles que, tendo satisfeito com sufficiencia ás condições do exame, poderam conseguir ser approvados. Ignoram, geralmente, a indole da lingua portugueza, não só com relação ás especialidades da sua construcção grammatical, mas tambem no que respeita á conveniente applicação das regras geraes, a que está subordinada, e que propriamente a caracterisam. Além d'isto não alcançam a bem distinguir as differenças da significação, e a energia ou relativa ou absoluta dos vocabulos; não apreciam quanto é preciso a força dos idiotismos, desconhecem os segredos da elocução, as delicadezas da synonymia são-lhes estranhas; em uma palavra quasi que para elles é mysterio a verdadeira indole da lingua materna, e por conseguinte acham-se na impossibilidade de substituir com exacção, quer fallando, quer escrevendo, á lingua que estudam, a propria lingua. E como seria d'outra sorte? O maior numero dos alumnos das aulas de linguas vão alli matricular-se, tendo concluido apenas o estudo da instrucção primaria, estudo que, por nimamente sobrecarregado, pela idade, em que é feito, e por outras razões conhecidas, e que por isso mesmo não especificarei agora, deixa sempre muito a desejar. Faltos na base, como poderiam edificar vantajadamente? É impossivel. É certo que alguns alumnos, por ventura muitos, preparam-se para o estudo das demais linguas com o da grammatica latina; mas nem são os mais, nem que o fossem, o conhecimento superficial da grammatica latina preenche de modo completo o que requer, para ser com perfeição comprehendida, a lingua portugueza, embora filha d'aquella, porem não identica, antes a vezes diversa, a vezes opposta, e não raro, essencialmente modificada. Entretanto prova a experiencia, que os alumnos das aulas de linguas, que só comecam a aprendel-as, obtido previamente o conhecimento da grammatica latina, fazem muito maiores progressos, e levam a todos os outros seus condiscipulos vantagem indispu-

tavel: e de tal forma que, só dos que se lhes applicam depois de terem terminado com aproveitamento e approvação merecida, um curso regular de grammatica latina, e permitido esperar que possam adquirir no praso tão breve, que lhe esta designado, conhecimento sufficiente da lingua, que estudam, para que a approvação, obtida nos exames annuaes, tenha alguma significação valiosa. É obvio que, explicando-me d'esta sorte, proponho a creação de uma cadeira distincta da de que trata o art. 17 do decr. de 20 de setembro de 1844: esta limita-se ao ensino arido das regras, mais ou menos genericas da grammatica portugueza, em quanto aquella, cuja creação tenho a honra de propôr, deve comprehender o ensino propriamente dicto, da lingua portugueza, ensino, a que não pôde dedicar-se professor da 1.<sup>a</sup> cadeira por cumprir-lhe ter peculiar attenção ao ensino da theoria e practica da grammatica latina. Lembrar-se-hia acaso algum de sustentar, que o professor da 1.<sup>a</sup> cadeira facilmente obteria o que pretendo, mediante o ensino comparado das duas linguas? Não nos illudamos: deixemos á parte essa theoria, que pôde deslumar a muitos, mas não pôde satisfazer aos homens reflectidos. Supponhamos que todos os professores possuem fundamentalmente as duas linguas, como é necessario, para que o ensino comparado, que se aconselha, possa ser qual convem, além de que o seu resultado satisfaça ao que se deseja. Ainda mesmo 'nesta hypothese, que nem todos concederiam sem difficuldade, não é possível admittir-se o que se lembra, porque, se o professor não ignora, não conhecem os alumnos nenhuma das duas linguas; e como comparar objectos desconhecidos? como comprehender a conveniencia, o alcance, a verdade da comparação estabelecida? Salta aos olhos o absurdo. É por esta razão que, em França, o decreto regulamentar de 30 d'agosto de 1852, distribuindo em oito classes as disciplinas, que se ensinam nos lyceus, attribue ás primeiras quatro o ensino da grammatica franceza, só depois de aprendidas, cada uma de per si, as grammaticas das linguas franceza, latina, e grega, manda que, na classe de *quatrième*, tenha logar o ensino da grammatica comparada d'estas trez linguas; e que só ao depois, na classe de *troisième*, comece o estudo das linguas vivas, isto é, da Ingleza, e Allemã. Assim se observa.

Obrigado d'estas considerações, que mais largamente desenvolveria, se podesse persuadir-me de que algum, meamente versado 'nestas materias, nutria minima hesitação a este respeito, tenho a honra de propôr a Vossa Magestade a creação, no lyceu de Lisboa, e em todos os do reino, de uma cadeira de grammatica e lingua portugueza, conforme ao prevenido no seguinte

## PROJECTO DE LEI.

Art. 1. É creada no lyceu nacional de Lisboa uma cadeira de grammatica e lingua portugueza.

Art. 2. Esta cadeira é preparatorio indispensavel para o estudo de todas as linguas, quer antigas, quer modernas.

Art. 3. Os candidatos ás cadeiras dos lyceus não serão admittidos aos respectivos concursos, quando não instruirem os seus requerimentos com certidão authentica de approvação em grammatica e lingua portugueza, ou declaração de subjeitar-se previamente a este exame.

§. unico. Tambem este exame é preparatorio indispensavel para os professores d'instrução primaria de 2.<sup>o</sup> grau, e para os do 1.<sup>o</sup> grau das capitaes de districto.

Art. 4. Os exames de grammatica e lingua portugueza serão sempre rigorosos.

Art. 5. O conselho superior d'instrução pública fará programmas desenvolvidos para o ensino e exames da cadeira de grammatica e lingua portugueza.

Art. 6. Fica revogada a legislação em contrario.

## CAPITULO III.

*De como são necessarias duas cadeiras, uma da lingua franceza, e outra da lingua ingleza, em cada uma das secções central, e oriental do lyceu nacional de Lisboa; e bem assim dois substitutos, um para as duas cadeiras de lingua franceza, e o outro para as duas de lingua ingleza.*

A falta, que a inscripção d'este capitulo indica, torna-se de dia a dia mais penosa para a mocidade, que se dedica ao estudo das linguas vivas; e por isso é para mim dever sagrado, fazendo-a constar na presença de Vossa Magestade, pedir com efficacia que de prompto seja supprimida. O estudo e conhecimento das linguas franceza e ingleza é não só necessidade da actual educação litteraria, mas tambem obrigação imposta por lei a grande numero de individuos; pois que está declarado habilitação indispensavel não só para estudos superiores, mas tambem para a admissão ao serviço publico em diferentes repartições do estado. Entretanto succede que, sendo trez as secções, em que 'neste lyceu se professam as disciplinas do curso geral, a lei não estabeleceu senão somente uma aula de francez e outra d'inglez regidas por um só professor na secção central. Decr. de 20 de setembro de 1844, art. 51 §. 1.<sup>o</sup> De facto porém as duas aulas de francez e inglez não são regidas actualmente pelo mesmo professor; porque, para utilidade pública, pareceu conveniente aproveitar o serviço do professor

de francez do extincto collegio dos nobres, addido á secção oriental, onde effectivamente lecciona, tendo continuado sómente a lingua ingleza na secção central. Cada uma d'estas aulas é frequentada por grande numero de alumnos, numero em demasia grande para que possa corresponder ao que desejam, e precisam, o esperado fructo das lições do respectivo professor; e todavia é certo que deixa de matricular-se 'numa, e 'noutra, numero ainda mais crescido, porque a distancia a que ficam da residencia dos alumnos, e a hora impreterivel d'aquella unica aula, não lhes permite conciliar a sua frequencia com a de outras aulas. Comtudo não pode pôr-se em dúvida a injustiça praticada para com estes mesmos alumnos, requerendo-se-lhes uma habilitação, que não se lhes proporciona obter facilmente. Deve-se acabar com esta injustiça; mas não poderá isto conseguir-se senão adoptando-se o alvitre, que tenho a honra de agora suggerir. Na secção central deve funcionar, por lei, aula da lingua ingleza e franceza. Cumpra-se a lei; mas separando o ensino das duas linguas, como requer a maior regularidade do serviço, e a maior vantagem dos alumnos de cada uma das duas aulas. O actual professor opte, e seja provida 'noutro a cadeira, que este recusar. Emquanto á secção oriental, seja declarado professor proprietario da lingua franceza o professor addido, que rege alli eventualmente aquella cadeira, e seja provida 'noutro a cadeira da lingua ingleza. A nenhuma d'estas aulas faltará numero consideravel d'alumnos; e permitta-se-me observar que, alem de se attender por este modo devidamente á mocidade estudiosa, facilitando-se-lhe o conhecimento de duas linguas, hoje quasi tão necessarias como a lingua patria, se conseguirá tambem que sejam ensinadas com maior perfeição, e que os exames dos alumnos sejam feitos com segurança de mais rigorosa imparcialidade.

A creação das duas substituições, que tenho a honra de propor, é mera, mas obrigada consequencia da adopção da providencia lembrada; porque seria attender por ametade á necessidade, a que se pretende occorrer, não prevenir desde já as eventualidades dos impedimentos dos professores por motivo de molestia, e por outros não menos inevitaveis, e dignos de consideração. Em uma palavra, Senhor, o lyceu nacional de Lisboa, laborando em faltas, como a que deixo apontada, está muito longe de satisfazer não só ao que requerem as condições rasoaveis do ensino da mocidade, mas tambem, segundo tenho para mim, a divida sagrada, contrahida pelos governos para com os povos, de facilitar a todas as classes de cidadãos a instrução, de que precisam para os misteres actuaes da vida social, e para as habilitações do serviço pú-

blico. 'Nestes termos tenho a honra de propôr, e ousou esperar, que merecerá a approvação de Vossa Magestade, o seguinte

#### PROJECTO DE LEI.

Art. 1. O ensino da lingua franceza fica separado do ensino da lingua ingleza na secção central do lyceu de Lisboa, onde, por lei, estava a cargo do mesmo professor; e ficarão alli existindo duas cadeiras, uma da lingua franceza, e outra da lingua ingleza.

§. unico. O actual professor d'estas linguas na secção central optará qual das duas prefere ensinar.

Art. 2. São creadas duas cadeiras, uma de lingua ingleza, e outra de lingua franceza na secção oriental do lyceu de Lisboa.

§. unico. O professor de lingua franceza do extincto collegio real de nobres, ora addido ao lyceu, passará a ser professor proprietario da cadeira de lingua franceza da secção oriental.

Art. 3. É creada uma substituição para as duas aulas de lingua ingleza, e uma substituição para as duas aulas de lingua franceza das secções central e oriental do lyceu de Lisboa.

Art. 4. O provimento assim das cadeiras, como das substituições mencionadas nos art.<sup>os</sup> 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, e 3.<sup>o</sup> d'esta lei, será feito na conformidade dos regulamentos vigentes.

Art. 5. O ordenado dos professores será o que está estabelecido por lei para o professor de francez e inglez da secção central; e o ordenado dos substitutos será igual ao dos outros substitutos das differentes disciplinas.

Art. 6. Fica revogada a legislação em contrario.

#### CAPITULO IV.

*De como os cursos das linguas franceza, ingleza, e allemã devem ser biennaes.*

No meu relatorio do anno passado tive a honra de propôr a Vossa Magestade, que estudo das linguas hebraica e grega fosse completado em cursos biennaes: hoje venho propôr similhante providencia para o estudo das linguas franceza, ingleza, e allemã. Expuz então brevemente os fundamentos, sobre que, no meu entender, assenta inabalavel a razão d'aquella proposta. Se não são os mesmos, são de certo analogos, os que me limitarei agora a substanciar. Um anno lectivo, descontando-se os feriados, é espaço de tempo em demasia curto para se aprender cada uma das linguas mencionadas, de modo que o alumno, que a estuda, fique instruido sufficientemente, como é indispensavel, nas especialidades grammaticaes, e apto para a fallar, e escrever, não direi com perfeição,

porem ao menos com alguma facilidade, e sem commetter erros grosseiros. Ainda, se o tempo e a attenção do alumno se empregasse exclusivamente ao estudo linguistico, talvez não fosse impossivel que adquirisse conhecimento bastante da lingua, a que se applica, dentro do referido praso; porem, tendo vingado o abuso, tanto para lastimar, de frequentar cada alumno simultaneamente não duas so, mas trez, e até quatro disciplinas diferentes, torna-se aquelle resultado de todo o ponto impossivel. E julgo desnecessario notar que, sendo verdade indisputavel o que deixo observado, como confirmam de anno a anno centenaes de factos, em relação ás linguas franceza e ingleza, sobe de força a minha observação com respeito á lingua alemã. Nem d'aqui se entenda que pretendo insinuar que são facéis, como de commun se crê, aquellas duas linguas, porque só o são para quem as ignora, que, por conseguinte, não pôde julgar-as competentemente: quero tão sómente advertir que, sendo a lingua alemã de muito mais difficil comprehensão, mormente para os que a estudam não preparados com largo conhecimento das linguas latina e ingleza, e tambem da franceza, o que no tocante a estas duas é summamente arduo, no que pertence á lingua alemã, pôde, sem nenhuma exaggeração, affirmar-se impossivel.

Pelo contrario, dividida a materia do ensino em dois annos, e subdivididos estes em classes, a fim de que nenhum alumno haja de perder tempo, sendo forçado a aguardar o termo do curso lectivo, e distribuindo o respectivo programma as materias dos annos com a devida intelligencia, e perspicuidade, nem ao professor fallece o tempo, de que precisa para dar ás suas explicações largo e oportuno desenvolvimento, nem o alumno se vê forçado a contentar-se de superficialissima applicação, e a prescindir dos exercicios de compôr e fallar, cuja continuação pôde só dar-lhe facilidades, sem possuir as quaes engana-se quem presume saber nenhuma lingua.

Além d'isto é igualmente necessario que, no fim de cada anno, os alumnos sejam obrigados ao exame das materias do anno findo; e que o programma d'estes exames seja calculado de maneira, que nenhuma d'aquellas materias fique d'elle excluida. Parece-me inutil accrescentar, que nunca deverá consentir-se que o alumno, que não ficou approved nas materias do 1.º anno, possa, em quanto o não fôr, frequentar as do 2.º Contudo será permittido, geralmente, fazer exame das materias do 2.º anno, dentro da mesma epocha d'exames, ao alumno, que tiver sido approved plenamente nas materias do 1.º anno. Não ignoro haver quem dissinta d'esta minha opinião, mas não me movem as razões oppostas; por-

que o prolongar o espaço de tempo dos exercicios diarios, e a distribuição d'elle pelas diferentes classes, em que se quer ou suppe a aula subdividida, que são os meios, a que se soccorrem os defensores do curso annual, de nenhum modo preenche o fim, que se pretende. Mostra a experiencia, que a longa duração dos exercicios diarios é de menos proveito, do que talvez a algum poderia adigir-se, porque fatigam-se o professor e os discipulos, e nada ha que tanto prejudique a attenção, e damne a intelligencia, como a fadiga, e o fastio, que é seu fructo inevitavel. Além de que fôra necessario estender em demasia a duração dos exercicios diarios para que produzisse uma somma de tempo equivalente ao que proporciona o curso biennial. Enquanto á subdivisão da aula em classes, é certo que facilita o ensino, e que portanto concorre para o aproveitamenio dos alumnos, porem tão longe está de que possa supprir a providencia, que tenho a honra de propôr, que, pelo contrario, eu desde já supponho aquella subdivisão como meio auxiliador; e, a pôr-se a condição da frequencia exclusiva, difficultava-se o que por outra parte se diz querer-se facilitar, pois que se alargaria demasiadamente o circulo periodico dos cursos dos lyceus. Pelo demais, o que se passa aos nossos olhos de dia a dia desde antigos tempos, no ensino da lingua latina, quer nas aulas publicas, quer nas particulares, e até mesmo no ensino das linguas vivas em muitas aulas particulares, deve acabar com todas as dúvidas. Esta experiencia estabelece de modo inconcuso os seguintes factos: 1.º que, apesar de mais largo espaço dedicado aos exercicios diarios, e da subdivisão das aulas em classes, é raro, direi melhor, é rarissimo o alumno, que, num só anno se aprompta sufficientemente para merecer approvação sem favor, quer na grammatica latina e materias connexas, quer em latinidade: 2.º que se observa outro tanto, salvas muito poucas excepções, relativamente aos alumnos das aulas das linguas franceza, ingleza, e alemã. São estes os factos, e é da sua immensa maioria, e não de uma ou outra excepção, que no meu entender, cumpre deduzir consequências, que devam ter-se em conta. Assim que, Senhor, não só julgo que serão muitas, e de prompto resultado as vantagens de se adoptar a providencia, que proponho, nas vou até sustentar, que só assim poderá haver a certeza, de que o alumno, que obteve as duas approvações, em que o curso é comprehendido, está em circumstancias de conhecer a lingua, cuja aula ha frequentado, achando-se desembarçado para a fallar e escrever sufficientemente. Por estes motivos, e em harmonia com o que dispõem os art.ºs 64 §. 2.º do decr. de 17 de novembro de 1836, e 163 do decr. de 20 de setembro de 1844, tenho a honra



de offerecer á approvação de Vossa Magestade, para terminarem de uma vez mal cabidas hesitações, o seguinte

PROJECTO DE DECRETO.

Art. 1. O ensino das linguas franceza, ingleza, e allemã, será completado em cursos biennaes.

Art. 2. A materia do 1.º anno será a grammatica especial de cada uma das sobre-dictas linguas, e os exercicios practicos relativos a cada uma das partes da mesma grammatica.

Art. 3. A materia do 2.º anno será a leitura, a traducção (oral e por escripto) d'auctores classicos de prosa e verso, e a composição na lingua respectiva.

§. 1.º Nas aulas das linguas franceza e ingleza não será permitido, no 2.º anno, fallar senão na lingua alli ensinada.

§. 2.º Na aula da lingua allemã não será permitido nem traduzir o allemão em francez, nem compôr o francez em allemão; mas será permitido fallar em portuguez, excepto aos alumnos repetentes.

Art. 4. Os professores de cada uma das referidas linguas, não obstante quaesquer regulamentos ou practicas em contrario, farão programmas largamente desenvolvidos, e circumstanciados para o ensino e exames assim do 1.º, como do 2.º anno, e serão obrigados a observar-os rigorosamente, depois de corrigidos ou de qualquer modo alterados, e approvados pelo conselho cathedratico do lyceu a que pertencerem.

*Continúa.*

## A REFORMA DO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL.

### I.

De todos os assumptos de administração interna, o que hoje preoccupa mais, e com maior razão, o animo de quantos se interessam pelo nosso progresso moral e intellectual, é a reforma do ensino e da educação nacional.

Ninguém felizmente hoje desconhece a sua necessidade e importancia; mas nem por isso a questão se acha melhor estudada debaixo do ponto de vista practico. E não admira, que assim aconteça. Paizes mais adiantados que o nosso, laboram ainda em grandes difficuldades para chegar á definitiva resolução d'este grave problema. Ainda ha pouco mais de dois mezes, um congresso, presidido pelo principe Alberto, se reunia em Londres para acordar nos meios de prover ao melhoramento da instrucção primaria; e a Hespanha discute 'neste momento a lei geral da reforma da instruc-

ção pública, cujas bases as côrtes acabam de votar.

E por isso muito de louvar, que a academia real das sciencias de Lisboa incumbisse a uma commissão de seus membros a redacção das bases, que deviam servir de thema á discussão pública sobre a reforma e melhoramento da instrucção nacional, de que aquella illustrada corporação pretendia occupar-se.

A commissão desempenhou-se d'aquelle honroso encargo, apresentando o projecto, que a academia adoptou para base de discussão em sessão geral de 18 de junho ultimo.

Comprehende este projecto o quadro das disciplinas e conhecimentos, que constituem a instrucção geral, em todos os seus ramos, desde a eschola popular até aos collegios e gymnasios; e a das profissões especiaes, e suas respectivas escholas e faculdades.

A commissão traçou desassombradamente um vasto plano de estudos segundo os modelos, que a organização litteraria de outros paizes lhe offerencia, e cujos programmas adoptou, sem todavia curar dos meios practicos de levar á execução esta sua reforma; nem do destino, e futura organização dos nossos estabelecimentos scientificos, que tanto avultam na instrucção especial. O que, porém, nos parece, que se deprehe de das disposições d'este projecto, é o intuito reservado de engrandecer uma eschola com prejuizo das outras; e desmembrar as faculdades da universidade, para mais tarde reunir esses elementos dispersos, e constituir com elles a «universidade central» em Lisboa.

Com esta supposição não entendemos fazer injuria ao caracter e illustração dos dignos membros da commissão. Essa sua opinião, respeitamol-a, como filha da mais sincera convicção; mas nem por isso podemos deixar de combatel-a com equal lealdade, com não menos profunda convicção.

Noutros paizes a reforma da instrucção geral, suscita graves difficuldades, e arrasta ao campo da discussão as mais avessas opiniões, os prejuizos d'uns, os receios de outros; as exigencias e contrariedades do espirito de partido, ou do mesquinho interesse pessoal. Entre nós esta questão não encontra nenhuma d'essas graves contestações, que tão calorosamente se tem agitado no seio das academias, e dos congressos litterarios; na tribuna, e na imprensa. Não acontece o mesmo na instrucção especial. As diversas reformas desde 1836, creando successivamente novos estabelecimentos de instrucção superior com demasiada largueza, e pouca discreção, deram logar a deploraveis rivalidades d'algumas d'essas escholas, que disputavam primazia ás mais antigas, e que buscaram por isso desde logo equiparar-se em tudo a ellas, afastando-se assim, com grave quebra

do ensino, do fim primitivo de suas instituições, e esquecendo um pouco a sua elevada e importantíssima missão no estado das sciencias!

A escola quiz converter-se em faculdade. A pretensão dos grãos academicos tornou-se uma questão de « palpitante interesse » para os que miravam so em supplantar as antigas instituições. A practica foi sacrificada em grande parte ás elevadas theorias da sciencia; e a universidade, que pelo prestigio da sua existencia secular; pelas gloriosas tradições do seu passado; pelos homens eminentes, que nas diversas sciencias tinham saído do seu seio, e pelo lustre com que sustentava a sua elevada posição na hierarchia litteraria, occupava o primeiro lugar, e attrahia quasi sem excepção a flôr da mocidade estudiosa, tornou-se por isso mesmo o alvo, a que mais certos se dirigiam os tiros dos seus adversarios, que se não lograram derribar esse vulto gigante, que lhes parecia amesquinhal-os com a sua presença, não se descuidaram de minhar-lhe a existencia.

Foi com este intuito, que em vez de se reformarem as escolas medico-cirurgicas, tornando-as verdadeiras escolas practicas de cirurgia, se lhes augmentaram as cadeiras de medicina, para equiparar aquellas escolas á faculdade de medicina da universidade, deixando em completo abandono a cirurgia e a medicina ministrante.

Foi com esse fim, que se crearam na escola polytechnica quasi as mesmas cadeiras que nas faculdades de mathematica e philosophia, e que por uma singular contradicção se concedeu á escola polytechnica o exclusivo da habilitação dos alumnos, que se destinavam ás armas scientificas, com offensa dos direitos e habilitações dos filhos d'aquellas faculdades.

A universidade foi privada do seu riquissimo patrimonio em bens, que foram vendidos por conta do Thesouro, em quanto á escola polytechnica se conservaram os bens patrimoniaes do extincto collegio dos Nobres, para sobre elles levantar um emprestimo de 100 contos de reis para as suas obras.

Em fim a todas as escolas superiores se tem permitido, que alguns de seus membros vão estudar fora do paiz os diversos ramos das sciencias, que professam. A universidade foi a unica a quem até hoje esse beneficio se não concedeu, como se estivera já riscada do quadro da nossa instrução publica!

A dotação dos seus estabelecimentos de sciencias naturaes, foi reduzida a ponto, que muitas vezes nem chegava para o expediente das demonstrações, quanto mais para aquisição de novos productos, compra de machinas e instrumentos; e foram necessarias instantes reclamações de membros seus, que tinham assento em côrtes, para 'nestes ultimos dois

annos se augmentar um pouco essa mesquinha dotação.

Ao mesmo passo uma legislação obnoxia, e exceptional, reduzia o magisterio da universidade a uma deploravel condição, e afastára do seu gremio muitos jovens talentosos, a quem uma expectativa pouco lisongeira descorçoava de encetarem a laboriosa carreira d'esse magisterio ao cabo de largos annos de « longa opposição. »

Um tal systema, um conjuncto de tão diversas circumstancias, 'noutro instituto, que não tivera tão solida base, fôra sobejo, para derribal-o pelos fundamentos. E todavia a universidade, desajudada de todos os meios, com que se engrandeciam as outras escolas; esquecida e como que abandonada por aquelles mesmos, a quem mais cumpria prover ao seu adiantamento, soube resistir ao embate da onda, que tão alterosa viera commettel-a.

As reformas e melhoramentos na organisação dos seus estudos, não só não encontraram na universidade a menor reluctancia, mas até foi ella a primeira, que tomou a iniciativa 'nessas mesmas reformas, de que dependia o progresso das sciencias e o adiantamento das letras patrias.

E, quando os factos fallam tão eloquentemente em abono de uma instituição, debalde o espirito de rivalidade, a ambição, ou o despeito trabalhará por obscurecer a verdade, illudir os incautos, ou estabelecer uma falsa opinião contra esse estabelecimento, que pôde ter defeitos, que de facto os tem na sua organisação, como todas as instituições analogas; que nenhuma conhecemos perfeita; mas que, comparado ás outras escolas nacionaes, e até a muitas das estranhas, lhes leva incontestavel vantagem.

Destruir não é reformar. E a questão do melhoramento da nossa instrução publica não se resolve pela discussão de um pomposo programma, nem pela adopção de um vasto systema, que em abstracto pôde ser excellentemente, mas que practicamente pode encontrar grandes difficuldades, e tornar-se mais defeituoso, que o proprio systema, que se pretende substituir.

O que, primeiro que tudo, necessitavamos, era de examinar detidamente a organização dos nossos diversos estabelecimentos scientificos, ver quaes os seus differentes fins, e propor os meios de cada um corresponder precisamente ao seu destino, supprindo e ampliando o que fosse deficiente, e cortando por todas as demasias com mão vigorosa, para acabar por uma vez com essa anarchia, que se introduziu nos dominios do ensino, e que vae cada vez lavrando mais profundamente.

Mas tão grave e ponderoso assumpto não pôde devidamente avaliar-se em todas as suas relações, e muito menos decidir-se so pelo

voto, embora muito auctorisado, de membros de uma d'essas corporações, que a reforma tem de comprehender no seu quadro, com exclusão dos de quasi todas as outras, igualmente interessadas na mesma obra, e que tem igual direito a serem consultadas sobre objecto tão seu.

O projecto a que alludimos foi elaborado unicamente por dois distinctos professores da eschola polytechnica, e a academia, perante quem vae discutir-se, não conta entre os seus membros nenhum socio effectivo da universidade nem das escholas do Porto, que ao menos possa dar alguma informação sobre o estado desses estabelecimentos.

E, o que mais singular é, parece haver particular empenho nessa exclusão, porque até se inculca, que a lei creadora da instrução publica ha-de ser levada de « Jesus » a S. Bento » não para aqui se discutir « porque os corpos parlamentares são pouco proprios para laborarem elles mesmos obras como esta; mas somente para ter a gloria de *chancellor* a proposta da academia » (!!!)

Isto bastaria para provar qual é o principal fim a que tende o projecto da academia, se o seu proprio contexto o não revelasse muito claramente, como teremos occasião de ver.

J. M. DE ABREU.

## ELOGIO HISTORICO

DO

Desembargador, Agostinho de Mendonça Falcão  
de Sampaio Continho e Porcoas.

O desembargador Agostinho de Mendonça Falcão, cavalleiro professo na ordem de Christo, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e do *Instituto* de Coimbra, nasceu em Soutomaior a 27 de agosto de 1783.

Foram seus paes Sebastião de Mendonça Falcão, senhor do morgado de Sourpíres, no termo de Pinhel, e D. Anna Helena da Conceição, senhora do morgado de Soutomaior, no de Trancoso.

Não carece do esplendor de appellidos o nome do sabio; logra, hoje em dia, mais cabal estimação a nobreza, que deriva das lettras, que a procedente do nascimento; quando, porém, no mesmo individuo, ambas se reúnem, formoso esmalte faz a primeira no fino ouro da segunda.

Sob a direcção paterna estudou Agostinho de Mendonça as varias disciplinas, que habi-

litavam para o ingresso na universidade. Depois de examinado e approvedo no real collegio das artes, matriculou-se, em 1799, na faculdade de canones.

Em poeticos certames consumia, 'nesse tempo, a mocidade estudiosa as poucas horas, que lhe deixavam livres as fadigas academicas.

Todos os bons ingenhos, favorecidos das Musas, corriam o páreo 'neste campo ameno, emulando os Sás de Miranda, e Ferreiras, venerandos modelos em tão gloriosas lides.

Este novo e curioso espectáculo abalava profundamente o animo de Agostinho de Mendonça; mal podia conter os vôos de seu estro ardente, inspirado pelos cantos dos jovens trovadores<sup>1</sup>.

É que já então cultivava com esmero a divina poesia; e, mais tarde, conscio do proprio merito, não se acobardou de recitar, 'nestes comicios litterarios, alguns poemetos selectos.

Datam, com effeito, d'essa memoravel epocha muitas das suas poesias fugitivas, ainda ineditas, como a maior e melhor parte de suas obras.

Grangeou Agostinho de Mendonça, durante o curso universitario, avultado cabedal de conhecimentos da lingua, versando como mão diurna e nocturna nossos estimaveis classicos: eram o seu desenfadamento querido, quando feria de mais severos estudos.

Mas esta dedicação apaixonada, o suave tracto de nossos bons escriptores, não o divertia da satisfação de seus principaes deveres; cumpriu-os sempre com o desvelo proprio de um estudante pundonoroso, empenhado em sustentar os creditos, que lograva, de distincto por applicação, e intelligencia.

Fôra, em verdade, este o conceito, em que o tiveram os condiscipulos, e plenamente confirmado pelo testemunho dos mestres, que não só o honraram com publicos e solemnes louvores, premiando-o, mas, por glorioso remate de seus trabalhos academicos, lhe votaram qualificações tão relevantes, que de maravilha se concediam taes em nossa universidade.

Concluido o curso da sua faculdade, depois de algum tempo de practica forense, dirigiu-se em 1807 a Lisboa, a fim de habilitar-se para os logares de lettras.

Com sisudo precató se esquivou ás numerosas distracções da cõrte, continuando a saborear os innocentes deleites do estudo. agora mais persistente e variado por maior copia de subsidios, e desafoço de trabalhos.

Continúa.

F. A. R. DE GUSMÃO.

<sup>1</sup> O extincto convento de Jesus, cujo edificio occupa a Academia R. das Sciencias.

<sup>2</sup> Revista da Instr. Publ. para Portugal e Brazil N.º 1.º

<sup>1</sup> Os principaes eram José Joaquim Rodrigues de Bastos, varão bem conhecido pelos eminentes cargos, que desempenhou na republica, e por seus preciosos escriptos; João Antonio Frederico Ferro, que foi deputado, e secretario da companhia; José Pimentel de Mello, que morreu Juiz de Comarca de Almudovar; José Joaquim Gerardo de Sampaio, hoje visconde de Laborim, etc.

## O EMPORIO ITALIANO.

Recebemos do nosso collega e amigo o sr. Alexandre Meyrelles do Canto e Castro, alguns numeros do *Emporio Italiano*, jornal que se publica em Londres debaixo da direcção do conde Montemerli, um dos distinctos emigrados italianos, que actualmente se acham 'naquella côrte.

O conde Montemerli teve a arrojada lembrança de fundar na capital da Gran-Bretanha uma instituição protectora das artes, sciencias, litteratura, commercio e industria, com o fim de promover, remunerar e tornar manifestos a todo o mundo os productos do genio italiano em cada um d'aquelles ramos. Dentro em pouco o que só fôra um projecto, creado pelo enthusiasmo do amor patrio, e que a todos pareceria inexequível pelo gigantesco da concepção, estava completamente realisado; instituida a sociedade o — *Emporio Italiano* — sob a direcção do marquez de Downshire; e publicado um periodico quinzenal, inteiramente alheio á politica, como a instituição de que é órgão e cujo titulo assumiu; — mas importantissimo pela profundidade com que ahí são tratados os objectos scientificos, litterarios, artisticos, commerciaes e industriaes.

E desejando a sociedade que esta excellente publicação correspondesse em tudo ao grandioso fim do seu instituto, determinou que os artigos insertos 'nella, fossem escriptos nas trez linguas, — italiano, inglez e francez.

A associação, adoptando esta idéa, fez um assignalado serviço ás letras; e o seu jornal, já a outros respeitois muy interessante, ainda mais se torna por este lado, podendo servir, ás pessoas menos versadas 'naquellas linguas, de seguro guia e director, na correspondencia d'ellas.

A adopção da lingua franceza, como lingua quasi universal, é justificada para a maior voga dos escriptos alli publicados. As linguas ingleza e italiana eram de necessidade 'num jornal escripto em Londres, órgão d'uma associação protegida pela generosidade da nação ingleza, — mas jornal para a Italia, jornal que advoga os interesses d'esta nação, creado por filhos d'ella, a quem o amor da patria deu a força, para levar por diante este projecto civilizador.

A redacção está confiada ao habil escriptor A. Vera, bem conhecido pelos seus estudos sobre a philosophia allemã, e pela distincta figura com que em França desempenhou o professorado.

Para se formar uma idéa assim d'esta patriotica instituição, como do jornal que a representa, transcrevemos em seguida o projecto dos estatutos da associação, e pedimos venia para traduzir o curioso artigo do n.º 3 do *Emporio Italiano*, — *A população estacionaria em França.*

A. J. TEIXEIRA.

## EMPORIO ITALIANO

FUNDADO POR

Lorenzo Montemerli, Dei conti Sandonini.

## PROJECTO DE ESTATUTOS.

## CAPITULO I.

*Fim da Instituição.*

1.º Fundar-se-ha em Londres uma Instituição protectora das artes, das sciencias, da litteratura, do commercio, e da industria da Italia.

2.º Esta Instituição (inteiramente alheia á politica) será denominada *Emporio Italiano*.

3.º O seu fim será favorecer, animar, proteger, remunerar, e tornar manifestas a todo o mundo as creações do genio italiano contemporaneo, em cada um dos ramos acima indicados, garantir a authenticidade e a boa qualidade dos productos agricolas, industriaes etc., e facilitar a sua extracção. O direito de exposição será livre para todos os italianos, qualquer que seja o paiz em que se acharem.

4.º A iniciativa das medidas tendentes a preparar as bases da Instituição ficará a cargo d'uma Junta provisoria, composta de pessoas respeitaveis, que, de bom grado e gratuitamente, acceitarem a tarefa de prestar apoio ao Promotor, e offerecer garantias economicas á Instituição.

5.º A Junta tomará o nome de *Juncta Instituidora*, e cessará suas funcções logo que se estabeleça a Junta administrativa na forma abaixo declarada.

6.º O capital necessario para a fundação d'esta Instituição será obtido mediante donativos voluntarios effectuados de uma só vez. As sommas offerecidas, os juros que d'ellas provierem, e os beneficios da instituição, serão exclusivamente empregados para o fim acima indicado; nenhum trafico illicito, nenhuns interesses particulares virão distrair o uso d'estes fundos, que deverão ser exclusivamente applicados a este objecto nacional.

7.º Logo que a Junta instituidora tenha realisado a subscripção, ou a somma necessaria para constituir a Instituição, formar-se-ha uma Junta administrativa composta de 1 presidente — 1 vice-presidente — 10 conselheiros — 1 secretario — 1 director-geral — 1 banqueiro-thesoureiro — 1 architecto — 1 advogado.

8.º A Junta será formada de pessoas distinctas, inglezes e italianos.

## CAPITULO II.

*Modo de obter os fundos, funcções da Junta instituidora, e das Juntas subalternas.*

1.º A Junta instituidora preparará os elementos necesarios para crear a Instituição, debaixo dos auspicios dos governos d'Italia, e

com o concurso de todos os italianos, que tomam a peito suas prerogativas nacionaes, e d'aquelles estrangeiros, e em particular os inglezes, que têm decidida sympathia pela nação italiana.

2.º A Junta occupar-se-ha da formação, nas principaes cidades d'Italia, de Juntas cooperadoras, as quaes gozarão dos privilegios que abaixo serão indicados, e obrarão d'acôrdo com a Junta de Londres.

3.º As Juntas d'Italia serão formadas d'um presidente, d'um vice-presidente, d'um secretario, de 6 conselheiros, entre os quaes haverá um advogado, e um banqueiro, que se encarregarão dos depósitos.

4.º A Junta de Londres enviará ás d'Italia um numero (que se fixará) de listas de subscrição, que serão munidas das competentes firmas e contra-senhás, e todas numeradas por ordem. Mandar-se-hão tambem a todas as casas de commercio italianas na Europa, e nas outras partes do mundo.

5.º Logo que se obtenha uma somma formando o capital de 5.000.000 fr. em um milhão de bilhetes de 5 fr. cada um, a Junta instituidora proclamará a Instituição constituida, e se retirará para dar lugar á Junta administrativa.

6.º A Junta provisoria tractará de estabelecer commissões e correspondentes nos outros paizes para facilitar, e estender por toda a parte a subscrição.

7.º Haverá uma lista do nome das pessoas, das corporações, das associações, etc., que se encarregarem de recolher os donativos; e os seus nomes serão inscriptos no alto das listas de subscrição, com o das localidades respectivas, não podendo uma lista recolher fundos senão na localidade designada.

8.º Conceder-se-ha aos collectores na Europa oito mezes, e aos das outras partes do mundo um anno, para mandarem á Junta as listas, ou dar conta d'ellas.

9.º Cada um dos collectores, concluida a subscrição, deverá remetter o producto e a lista á Junta, á commissão, ou ao consul da localidade em que se acha, cobrando recibo.

10.º Logo que as Juntas, commissões ou consules tiverem recolhido as listas das collectas, envia-las-hão á Junta de Londres, deixando as sommas recebidas nas mãos dos banqueiros a produzir juros, sendo possivel.

11.º Cada subscriptor receberá, da Junta instituidora de Londres, um recibo da sua offerta, contendo escriptos no reverso os numeros correspondentes aos bilhetes da sua dadiwa, segundo a ordem que tiver na serie da subscrição, na occasião em que esta chegar á Junta; assim como o numero da classe, que occupar como subscriptor, devendo este numero concorrer, durante os trez primeiros annos da instituição, ao sorteamento dos premios, como se verá no capitule iv.

12.º No cimo das listas de subscrição haverá uma figura allegorica da Instituição, com os numeros e contra-senhás da Junta instituidora na primeira pagina; e na parte inferior os regulamentos principaes relativos á subscrição: a segunda, terceira e quarta paginas conterão as listas, as assignaturas, as sommas offerecidas, e as moradas dos subscriptores.

13.º Os subscriptores serão classificados em quatro cathogorias, primeira, segunda, e terceira classe de subscriptores, e n'uma quarta classe de Protectores.

14.º Pertencerão á primeira classe os subscriptores de sommas não menores, que 2.000 francos; á segunda os subscriptores de sommas não menores, que 1000 francos. A terceira será formada das duas primeiras, divididas em bilhetes de 5 francos cada um, e de todos os outros subscriptores do *minimum* de 5 francos; isto é será representada pelo numero completo de bilhetes de cinco francos. Terão o titulo de Protectores todos os individuos, que por meio da Instituição, fizerem uma encomenda d'obras d'alguia das secções do Emporio em importancia não menor de 20.000 francos, ou que subscreverem com a somma de 5.000 francos por uma só vez.

#### CAPITULO III.

##### *Localidade, receita, e destino nacional e philanthropico d'esta.*

1.º Erigir-se-ha 'num dos bairros centraes e mais frequentados de Londres, um edificio d'uma architectura elegante, dividido nos seguintes repartimentos: uma imprensa; um bazar para a exposição de todos os generos de industria italiana; galerias para a exposição de escultura, pintura, maquinas etc. etc. salas de estudos destinadas para estes diversos ramos; sala para representações musicas, dramaticas, concertos, etc. etc.; um club; uma bibliotheca; um panorama, um cosmorama, um diorama; um amphitheatro para cursos artisticos, scientificos, litterarios, e industriaes; um musen, uma eschola primaria; officinas necessarias á Instituição, lojas em volta do edificio etc.

2.º A imprensa do estabelecimento será exclusivamente destinada ás publicações relativas á Instituição.

3.º Fundar-se-ha, com o titulo de Emporio Italiano, uma revista hebdomadaria ou mensal, redigida em trez linguas, — italiano, inglez e francez, a qual será o orgão da instituição, e cuja direcção se confiará a litteratos distinctos. Afora as materias politicas e religiosas, a que o jornal hade ser extranho, occupar-se-ha de todas as questões scientificas, litterarias, e sociaes, que mais directamente contribuam prra o desenvolvimento da civilisa-

ção: dando conta em particular do estado d'estes conhecimentos na Italia; abrangendo ao mesmo tempo objectos uteis e agradaveis; e illustrando todas as obras primas italianas contemporaneas, reproduzidas por meio de gravuras, photographias, etc. etc.

4.º O bazar estará aberto para a exposição permanente de todos os generos de industrias italianas; todas as amostras dos productos industriaesahi serão apparatusamente expostas com a indicação dos commerciantes, manufactores, e mercadores, tanto de Inglaterra como de Italia, e com os preços respectivos.

5.º As salas de exposição de pintura, escultura, maquinas etc., serão divididas em dois repartimentos; um para as exposições permanentes dos objectos d'arte, patente aos visitantes e aos artistas, que desejarem estudar e copiar os modelos; o outro para os objectos destinados á venda. Haverá além d'isso salas d'estudo com escholas relativas a estes trez ramos.

6.º A sala de espectaculos e concertos, diurnos e nocturnos, servirá principalmente para apresentar ao publico, e tornar conhecidas as composições musicaes e dramaticas d'auctores, aos quaes seria difficil, no começo da sua carreira, vencer a concorrência das reputações estabelecidas, assim como d'artistas em geral, que, apesar do seu merito real, são obrigados, segundo a practica hoje estabelecida, a empregar o seu talento em proveito de especuladores particulares, antes de adquirirem reputação, e uma posição independente. A mesma sala será também destinada para representações musicaes e dramaticas, dadas pelo concurso das melhores companhias, com o fim de tornar conhecida a eschola italiana, tanto em suas antigas tradições, como em suas novas tendencias. Estas representações não concorrerão nunca com a direcção dos theatros italianos já estabelecidos em Londres, e terão logar em dias differentes, etc.

7.º O club será composto d'inglezes, e italianos; e terá entrada para o gabinete de leitura contiguo á bibliotheca.

8.º A bibliotheca, estará aberta todos os dias ao publico, e deverá conter uma collecção escolhida de livros classicos italianos; as obras modernas italianas mais afamadas nos diversos ramos das sciencias e das artes, ás quaes é consagrada a Instituição; as novas publicações em voga; e os principaes jornaes italianos e estrangeiros.

9.º O panorama, o cosmorama, e o diorama servirão para apresentar viagens pitorescas, as vistas das principaes cidades, e dos mais bellos logares d'Italia, etc. etc.

10.º O amphitheatro destinado a cursos litterarios, artisticos e industriaes será contiguo ao panorama; o fim d'estes cursos será dar a conhecer as obras do genio italiano,

descrever o estado e os progressos da vida intellectual e civil da nação, e animar o estudo da nossa lingua e litteratura entre os nossos compatriotas, como também entre os inglezes.

11.º O museu e a sala d'exposição d'antiquidades serão divididas em duas partes; uma contendo objectos pertencentes ao edificio, e que devem sempre ficar em exposição; a outra os objectos destinados á venda. Haverá tudo o que se poder colher novamente descoberto em archeologia, numismatica, mineralogia, geologia, etc.

12.º A eschola primaria é instituida com o fim de offerecer os meios d'instrução profissional a todos os italianos residentes em Londres. Os italianos ha longos annos estabelecidos em Inglaterra, que vem crescer a sua familia na ignorancia da lingua materna, acharão 'nesta eschola um meio facil para a educação de seus filhos.

13.º As officinas relativas ás cinco classes ou secções da Instituição, serão reunidas na mesma parte do edificio, em que se acharem igualmente as officinas d'indicação, d'informação, comissões, agencias commerciaes, theatraes, etc. bem como o escriptorio e caixa de soccorros, á qual terão direito os italianos de boa conducta e moralidade reconhecidas, e que não forem aptos para o trabalho, ou tenham impossibilidade de o procurar, ao que o estabelecimento proverá.

14.º As lojas em volta do edificio, além de serem de grande vantagem para o estabelecimento pelo producto dos alugueres, servirão a facilitar o commercio dos italianos, a quem serão exclusivamente alugadas. Terão duas entradas, uma exterior, e outra para as galerias internas do estabelecimento, mas esta reservada somente para o transporte das fazendas, porque o edificio não terá senão uma entrada para o publico, que poderáahi ser admittido mediante uma modica retribuição por meio de bilhetes diarios ou para um certo espaço de tempo.

15.º A estas fontes de receita indicadas nos artigos antecedentes, a Instituição juntará outras, como por exemplo, uma pequena taxa sobre o logar occupado pelos expositores; o direito de comissão sobre as vendas; uma imposição sobre o registo, penhores, comissões, encomendas feitas em beneficio ou por ordem do estabelecimento, rendimentos da imprensa, donativos voluntarios, etc. etc.

16.º Abrir-se-ha concurso, para ser apresentado por italianos um projecto, para a construção do edificio.

17.º Uma comissão d'architectos estrangeiros, reunida á Junta, escolherá e premiará o melhor projecto.

18.º Os projectos serão apresentados anónimos.

19.º O architecto, que obtiver o premio

será convidado a vir a Londres, para dirigir a construção do edificio, tendo de ser co-adjuvado neste trabalho por architectos inglezes.

20.º A construção do edificio deverá terminar, pondo-se em execução o projecto, no espaço de dois annos, ou antes se for possível.

21.º Apenas se constituir a Junta instituidora, começarão as operações da Instituição em edificio provisório, em quanto se não concluir o proprio.

#### CAPITULO IV.

##### *Capitais da Instituição e seu destino especial.*

1.º A somma de 5.000.000 fr. requisitada para fundar a Instituição, será destinada aos usos seguintes :

A. Construção d'um edificio, no todo ou em parte, fr. . . . . 4.000.000

B. Fundos applicados aos premios dos numeros correspondentes ás offertas e bilhetes dos subscriptores.

(1.º anno) á terceira classe.

Premios de 500 a 50.000 francos, fr. . . . . 400.000

(2.º anno) á segunda classe,

Premios de 1.000 a 60.000 francos, fr. 200.000 fr. 700.000

(3.º anno) á primeira classe,

Premios de 2.000 a 80.000 francos, fr. 100.000

C. Ao italiano que apresentar o melhor projecto para o edificio da Instituição fr. . . . . 20.000

D. Fundos destinados a uma caixa de soccorros para italianos, fr. . . . . 150.000

E. Para despesas da Junta instituidora e do Promotor, fr. . . . . 50.000

F. Capital applicado para premiar as descobertas e invenções italianas, fr. . . . . 80.000

Total fr. . . 5.000.000

2.º O capital destinado a remunerar os subscriptores, será empregado na aquisição d'objectos ou productos d'artistas, de sabios, industriaes, ou litteratos italianos; e far-se-hão encomendas se o numero das obras se julgar insufficiente.

3.º A somma de 80.000 fr. applicada para as invenções e descobertas italianas, será dada em premios de 20.000 fr. cada um, aos quatro italianos que apresentarem invenções ou descobertas. O principal cuidado da instituição, será auxiliar todos os italianos, auctores de novas descobertas ou invenções, adian-

tando-lhes dinheiros, ou garantindo-lhes a sua propriedade, e fazendo todo o necessario para a descoberta ser conhecida, applicada, e sobre tudo conservada como italiana.

4.º Serão cada anno designados fundos para remunerar os productos e trabalhos das diversas secções, que obtiverem premios. Os productos ficarão assim á disposição da Instituição, para serem vendidos ou conservados.

5.º Estando aberta a subscrição durante um anno, e confiada ao patriotismo de todos os italianos, tanto em Italia, como no estrangeiro, é de esperar, que os fundos provenientes d'ella, excederão os 5.000.000 de francos, necessarios para fundar a Instituição.

6.º Em tal caso todos os capitais obtidos alem dos 5.000.000, ficarão como fundos de reserva da Instituição, e serão postos a juro no banco de Inglaterra, ou como melhor entender a Junta administrativa; e depois do terceiro anno, os subscriptores da somma adicional, gozarão, no quinto do valor d'ella, das mesmas vantagens que os subscriptores do capital primitivo.

7.º Os capitais da Instituição serão depositados no banco de Inglaterra.

N.B. 8.º No caso (que reputamos impossivel) de se não poder realizar por donativos a somma necessaria para a fundação da Instituição, a Junta instituidora poderá contrahir um emprestimo, offerecendo como garantia dos juros e do capital o estabelecimento do Emporio, e seus rendimentos; e n'esta hypothese a somma recolhida pela subscrição gozará proporcionalmente dos privilegios acima enunciados.

#### CAPITULO V.

##### *Privilegios e vantagens de todos os interessados.*

1.º No primeiro trimestre do anno de 1837 publicar-se-ha a *Revista*, a qual dará conta das operações do Director-geral e da Junta instituidora, bem como de tudo que se tiver feito a bem da Instituição; e a partir da epocha da subscrição, que se abrirá no mez de abril de 1837, dará conta do progresso das offertas, publicando os nomes dos collectores e subscriptores, bem como as sommas recebidas. O subscriptor que não quizer ver o seu nome publicado, poderá no logar da assignatura pôr quatro iniciaes, e o seu donativo tornar-se-ha publico por este meio.

2.º Os Protectores gozarão, durante cinco annos, de admissão pessoal no estabelecimento, e em todas as exposições diarias; d'um bilhete de admissão para duas pessoas n'um dos dias da semana; e receberão gratuitamente a *Revista*, jornal da Instituição. Os primeiros d'entre elles serão nomeados

membros honorarios da Juncta administrativa, e poderão assistir ás sessões deliberativas.

3.º Todos os membros das Junctas, ou comissões que activarem a subscrição, tanto em Italia, como no estrangeiro, terão, vindo a Londres, as mesmas vantagens que os membros da Juncta d'esta cidade, e além d'isso os privilegios dos Protectores.

4.º Todo o collecter terá direito a ser inscripto como subscriptor de cinco bilhetes, por cada cem bilhetes que arranjar; cada collecter d'uma somma excedente a 5:000 fr., será considerado como Protector, e terá todos os privilegios d'estes.

5.º A Juncta administrativa procurará, logo que for constituída a Instituição, estabelecer ramificações nas outras capitães ou cidades estrangeiras, na proporção dos recursos que ellas possam offerecer.

6.º As proporções da Instituição, e os beneficios que preparar á nação Italiana, crescerão na razão do augmento de seus recursos, os quaes lhe serão inteiramente applicados.

7.º Constituída a Juncta, e obtidas as precisas garantias moraes e economicas, o Promotor Montemerli diligenciará procurar capitães, e fará ao mesmo tempo conhecer ao publico os meios que para esse fim tiver empregado. As sommas recolhidas serão depositadas em Londres no banqueiro escolhido pela Juncta instituidora.

#### CAPITULO VI.

##### *Artigos addicionaes.*

1.º A abertura e inauguração da sociedade serão celebradas com uma grande festa, para a qual todos os artistas italianos prestarão o concurso de seus talentos em proveito da Instituição.

2.º Dar-se-hão cada anno, em beneficio da Instituição, bailes, concertos, representações de musica e dramaticas, festas, etc.

3.º Cada anno, nos quatro mezes de abril, maio, junho e julho, convocar-se-hão em Londres 30 italianos, 6 por cada secção, com o fim de formar um congresso, cujas reuniões e trabalhos serão adaptadas ás exigencias das diversas secções, attendendo ás ligações que têm entre si, e ao auxilio mutuo, que, nos seus estudos e resultados practicos, poderão reciprocamente prestar-se.

4.º Formar-se-ha uma lista geral de todos os italianos, que têm as qualidades necessarias, para pertencer a uma das cinco secções, e d'esta lista se tirará á sorte cada anno o numero dos membros, que deverão compôr a comissão.

5.º Cada anno a comissão das pessoas designadas pela sorte, para formar este con-

gresso, deverá proceder á extracção dos nomes, que hão de compôr a comissão do anno seguinte.

6.º Cada individuo não poderá ser mais que uma vez membro d'esta comissão.

7.º A sociedade pagará as despezas da viagem e da estada, aquelles que d'isso se quizerem aproveitar.

8.º Cada anno as pessoas que formam o congresso, proporão seis individuos, que poderão ser escolhidos em todas as classes, e em todas as profissões, desde o sabio até ao operario. Estes seis individuos serão sustentados um anno em Inglaterra, á custa da Instituição, para ahi fazerem os estudos relativos á sua especialidade.

9.º Sômente se empregarão no estabelecimento homens de probidade reconhecida, naturaes de Italia; e apenas dos estrangeiros, os absolutamente indispensaveis á Instituição.

10.º Os empregados deverão, nos trez primeiros annos, contentar-se com modicos ordenados, para assim, pela sua parte, tambem cooperarem para o bom exito da Instituição.

#### A POPULAÇÃO ESTACIONARIA EM FRANÇA.

Ha cinco annos que a população não augmenta sensivelmente em França. Este facto sobremaneira surprehenderá, comparando-o com o que se passa nos grandes paizes, onde o numero dos homens cresce rapidamente. Assim a Inglaterra augmenta 300:000 almas por anno, e envia annualmente perto de 300:000 individuos para as suas colonias, isto é, augmenta 500 ou 600 mil, por anno, o numero dos homens, que em todos os climas se jactam orgulhosamente do nome inglez. Só a França não augmenta no interior, e não povoa colonias no exterior.

Teve na verdade um momento brilhante depois da terrivel revolução do seculo passado. De 1801 a 1806, augmentou 64 individuos por mil. De 1806 a 1831 o augmento diminuiu ametade, e em lugar de 320 almas, que devia adquirir para continuar a proporção anterior, apenas adquiriu 150. De 1831 a 1841, em dez annos, aacresceram 50 por mil. De 1841 a 1846, em 5 annos, 34 por mil. Desde então quasi que não tem havido augmento.

Nos 5 ultimos annos a população parecia ainda ter augmentado 7 a 8 habitantes em mil; mas geralmente julga-se uma illusão, e attribue-se este facto a que o recenseamento de 1856, mais exacto, que nenhum dos precedentes, arrolou um certo numero d'individuos, que tinham escapado nas operações anteriores.



A grande revolução de 1789 tinha atacado a nobreza e o clero, e posto em almoeada os immensos dominios, que o antigo systema havia tomado ás familias desde a idade media. Estas restituções ao povo tinham augmentado os recursos do pobre, do cultivador, do artista; d'ahi, no principio do seculo, uma subida no augmento do povo francez, como nunca tinha havido. Mas desde então, não se deu outro caso igual. A tendencia crescente dos regimens successivos da França tem sido para subjeitar tudo a regulamentos. Fizeram de pender o exercicio d'um grande numero de profissões e de mesteres, o exercicio mesmo do direito de pensar, de fallar, d'escrever, d'adorar a Deus segundo a propria consciencia, do *visto* das secretarias do governo. São innumeraveis os casos em que não se pôde ganhar pão pelas profissões as mais honrosas, se os empregados do Estado o não permittem. O resultado das peias que este regulamento universal põe a cada passo e em todas as carreiras, é que a força vital do paiz tem enfraquecido. O numero d'homens já não augmenta, e a força physica decresce, como o provam os resultados deploraveis da conscripção; nunca houve menos homens validos em França.

(*Empirio Italiano.*)

## BIBLIOGRAPHIAS.

**Revista de Instruccion pública, literatura y ciencias, periodico mensual.**

Esta interessante publicação, que substituiu a *Revista Universitaria de Madrid*, corresponde perfeitamente ao seu titulo; e é um dos jornaes litterarios do paiz vizinho, mais digno de ser lido, tanto pelas copiosas noticias, que dá do estado da instrucção pública e dos seus diversos estabelecimentos em Hespanha; como pela sua apurada critica litteraria e scientifica; pelas memorias originaes, que apresenta, e pela selecção, com que extrae os trabalhos mais importantes dos jornaes scientificos estrangeiros.

Os leitores do gabinete do *Instituto* terão de certo tido occasião de se confirmar 'neste nosso juizo; mas nós desejamos, que, fóra d'este circulo, aquelle jornal fosse tambem lido e apreciado, até porque, sendo tão escasas entre nós as noticias litterarias do paiz vizinho, é sempre bem vinda uma publicação, que semanalmente nos põe ao corrente do seu movimento litterario e scientifico com tanto primor e exactidão.

Assigna-se a *Revista de Instruccion pública* por 15 reales por trimestre.

J. M. DE ABREU.

## LOGARES SELECTOS

DOS

## CLASSICOS LATINOS,

COM A

TRADUÇÃO INTERLINEAR, PARA USO DAS ESCOLAS.

POR

Manuel Simões Dias Cardoso,

Professor de Latinidade no Lyceu Nacional de Coimbra.

Sobejo não será jámais todo o arrimo, que aos meninos prestar-se possa, quando elles dão seus primeiros passos na traducção do latim em portuguez. Muitos embaraços, 'nisto os enleiam e lhes suspendem o juizo, debil ainda por falta de idéas, e instavel pelo fogo da imaginação. Mas o que mais os atalha, é ordinariamente a escolha entre as diversas significações de muitas palavras latinas: vacillam sobre a noção que mais convenha ao sentido da phrase, e que mais fielmente responda ao original. Por onde, muito ha, julgaram os criticos grandemente proveitoso, nos principios, o auxilio de *traduções interlineares*, usadas já nas outras nações cultas. A nossa escholas faltava ainda um livro d'este genero.

Hoje, porém, apparece elle em fim, sob o titulo de — *Logares Selectos dos Classicos Latinos, com a traducção interlinear*, — para uso das escholas de Grammatica Portugueza e Latina; escripto novo, que a nossa terra deve ao louvavel trabalho do digno Professor de Latinidade no Lyceu Nacional de Coimbra, d sr. Manuel Simões Dias Cardoso.

Logo que a obra viu a luz pública, com gosto a lemos; e, ao passo que a liamos, crescia em nós o desejo de a ver nas mãos dos meninos; antevendo a utilidade, que ella lhes trará sem dúvida. Muito feliz, em verdade, nos parece haver sido o traductor, não só na acertada selecção dos logares dos escriptores latinos, accommodados á instrucção, religiosa, moral e litteraria, das tenras edades; senão tambem na fidelidade dos pensamentos, na pureza da phrase, e na propriedade dos termos. Effeito é isto dos talentos grammaticos do sr. Simões, havidos de seu rico ingenho, e do estudo e exercicio largo no ensino das duas linguas.

A. C. B. DE F.

## NOTICIARIO.

**Novo planeta.** — M. Pogson, de Oxford participa á academia das sciencias de Paris, o descobrimento, que fez, em 16 de agosto ultimo, do planeta 46. Não ha dúvida, que o planeta é novo, e não o Daphne, descoberto por M. Goldschmidt.

E notavel, que ao passo, que M. Pogson descobria este novo planeta, e duvidava da sua descoberta, julgando possivel ser o planeta Daphne, que se tinha perdido, M. Goldschmidt tornava a descobrir este, e assignava-lhe de novo a posição.

**Sociedade de sciencias medicas e naturaes de Bruxellas.**— Esta sociedade em sessão de 6 de julho passado, elegeu por unanimidade de votos para seu membro correspondente ao sr. Barbosa, cirurgião do hospital civil de Lisboa, e redactor da *Gazeta medica*.

Folgamos de ver, que já lá fóra é devidamente avaliado o merecimento dos nossos compatriotas.

**Insectos.**— Está actualmente produzindo bons resultados, em França, o emprego de agentes anestesicos para destruir os insectos, que devoram os cereaes.

M. Herpin já em 1838 nos *Annaes de agricultura franceza*, lembrára lançar os cereaes em vasilhas, nas quaes anticipadamente se tivessem posto carvões accesos, com o fim de absorver o oxygenio do ar, e produzir o gaz acido carbonico. Conservados alli uns poucos de dias os cereaes, promptamente tinha logar a anesthesia; e quando esta não fosse bastante para a destruição dos insectos, recorria-se á asphyxia empregando o gaz ammoniacal, extrahido muito facil e economicamente, misturando sal ammoniaco com cal viva.

M. Herpin reclama por isso a prioridade d'esta invenção.

**Luz electrica.**— Acaba de fazer-se ultimamente em França, no collegio Estanislaui, um novo ensaio da luz electrica, pelo processo de M. J. Duboscq, com o melhor resultado.

Um grande pateo, onde estavam para cima de mil pessoas, numa reunião litteraria, foi illuminado por espaço de trez horas, por um pharol electrico. O foco elevado trez metros acima do terreno, projectou, sem intermitencia sensivel, uma luz brilhante, á qual se podia lér a distancia de trinta metros. Colocado pela parte de traz dos espectadores, o pharol não incommodava ninguem com o brulho da luz.

**A India e a alimentação da Europa.**— O solo da India parece admiravelmente proprio para a produção agricola. A população india produz muito mais do que consome; e por consequencia um paiz d'exportação.

Até hoje, a distancia que separa as Indias da Europa, não lhe tem permitido exportar senão productos caros; os generos agricolas

não podiam saír para tão longe. A abertura do isthmo de Suez deve porem modificar completamente estas condições.

O genio commercial e especulador devera pois aproveitar os bellos trigos da India, que dentro de um mez poderão affluir aos principaes mercados da Europa, e a alimentação europea terá um novo e precioso elemento de uma força immensa.

A Europa não podia supportar trez annos de más colheitas, sem graves crises. A India poderá intervir benelicamente, e evitar as nossas crises de fome. A abertura do isthmo de Suez deve crear um movimento commercial, cuja importancia é impossivel apreciar exactamente.

**Acclimação universal.**— Procede-se actualmente com grande actividade á troca de vegetaes uteis entre todos os paizes. E curiosa, a que acaba de ter logar entre a Algeria e algumas colonias do equador.

Do viveiro de plantas central, estabelecido em Argel, foi expedido para o jardim das plantas de S. Pedro da Martinica o seguinte: seis estufas de viagem e uma caixa, contendo uma collecção das melhores variedades de laranjeiras e outras arvores fructiferas, provenientes de diversas regiões, e naturalizadas no estabelecimento, e certo numero d'especies d'arvores linhosas, pertencentes á flora da Algeria, formando tudo uma collecção de 227 individuos e 63 especies de sementes.

Esta remessa chegou ao seu destino em perfeito estado de conservação, e as especies, que a compunham, foram installadas em boas condições.

O jardim das plantas da Martinica enviou em troca para a Algeria cinco caixas cheias dos mais preciosos vegetaes dos tropicos, constando de muitas variedades d'arvores do pão, de cacáo, da noz moscada, mangueiras, damasqueiros de S. Domingos, arbustos que produzem o cravo da India, etc.

Da Algeria tem-se feito outras remessas para a colonia do Senegal, e para o jardim das plantas da companhia das Indias em Calcutá, esperando-se em troca collecções dos vegetaes proprios d'estes paizes.

**Edições de D. Quichote.**— O doutor Thebussen, biblio-maniaco allemão, ha pouco fallecido, possuia na sua bibliotheca todas as edições do D. Quichote, publicadas nas diferentes linguas, e que eram as seguintes:

Em hespanhol 364, desde a primeira, que se publicou em 1605; em francez 108; em inglez 206; em portuguez 81; em italiano 98; em allemão 7; em sueco 13; em polaco 8; em dinamarquez 6; em grego 4; em russo 1; em latim 1.

Alóra estas, outras se têm publicado na America, e tambem em diversas bibliothecas

de auctores, que ultimamente se têm annuciado, figuram novas edições *d'el ingenioso Hidalgo*.

**Estadística litteraria.**—No 1.º de julho de 1856 em Inglaterra e no principado de Galles 58:243 meninos de ambos os sexos, frequentavam as escolas pagas pelas suas famílias; 3:966 frequentavam as escolas sustentadas pela contribuição dos pobres; 39:837 eram educados em escolas a cargo de diversos estabelecimentos de caridade; 52:434 não frequentavam escola alguma; e 35:827 trabalhavam nas minas e em diversas officinas.

**Publicação importante.**—Em Hespanha publica-se actualmente um mappa, dividido em 100 folhas, que terá 35 metros quadrados; e cada folha 0<sup>m</sup>,70 de cumprimento e 0<sup>m</sup>,50 de largura. Este importante mappa comprehende as obras publicas militares e civis da Europa: Cada folha contém as seguintes indicações—1.º caminhos de ferro; 2.º estradas ordinarias; 3.º telegraphos electricos; 4.º telegraphos submarinhos; 5.º navegação por canaes e rios; 6.º navegação em vapores; 7.º pontos militares; 8.º fortificações.

Acha-se já publicada a parte relativa á Russia oriental e meridional.

**Estatística das universidades de Hespanha.**—Em 1845 habilitaram-se nas universidades de Hespanha 737 licenciados em jurisprudencia; 633 medicos; 485 cirurgiões de terceira classe, e 132 licenciados em pharmacia.

Em 1855 habilitaram-se sómente: em jurisprudencia 185 licenciados; 112 medicos, 17 cirurgiões, e 7 pharmaceuticos.

Em 1850 o pessoal e material das universidades, custou 9:264,000 reales; o seu rendimento foi de 9:088,633 reales.

Em 1851 custaram aquelles estabelecimentos 7:268,000 reales, e renderam 8:017,152 reales.

Total da despeza das universidades em trez annos 24:290,000 reales; producto das matriculas e propinas 26:079,000. Deduzidas por tanto todas as despezas do pessoal e material, ainda o thesouro lucrou dois milhões de reales.

**Congresso litterario.**—Nos dias 22, 23 e 24 de junho ultimo se reuniu em Londres um congresso para tractar das mais importantes questões relativas ao adiantamento da instrução primaria, sob a presidencia do principe Alberto.

O vice-presidente é o conde de Granville; entre os membros d'este congresso contam-se lord Lansdowne, lord John Russel, lord Stanley, M. R. Cobden, M. Sydney, lord Littleton, muitos bispos, e M. Moseley, M. Henry Dum, M. Cook, etc.

A reunião d'este congresso, composto dos caracteres politicos mais notaveis, e dos mais eminentes representantes dos interesses administrativos, e religiosos da Inglaterra, é uma prova singular da consideração que neste paiz merece a educação popular, e da perseverança, com que alli se procura occorrer a instrução das classes desvalidas.

**Concilio de Trento.**—Vae publicar-se na imprensa do Vaticano, que acaba de restabelecer-se, uma edição magnifica das actas e documentos do concilio de Trento, até hoje ineditos.

Esta publicação comprehenderá duas partes: a 1.ª em trez volumes em folio, conterá o *Diarium* completo do concilio, segundo as actas originaes: a 2.ª, tambem em trez volumes do mesmo formato, comprehenderá a correspondencia dos nuncios apostolicos, dos soberanos, dos bispos, e muitos outras peças e documentos interessantes.

(Rev. de Instr. Publ.)

*La perte d'un genie, Dieu  
seul peut la reparer.*  
E. PELLETAN.

Escrevemos estas linhas pungidos da mais acerba dor. No dia 26 de setembro, pelas 9 horas da noite, falleceu nesta cidade o distinctissimo lente cathedratico da faculdade de philosophia, e habil professor de physica, o sr. Antonio Sanches Goulão.

O sr. dr. Goulão alem dos dons que possuia em subido gráu, de um grande mestre, e sabio abalizado, manejava com superioridade a nossa lingua, era bastante versado nas humanidades, e um orador de primeira ordem.

A facilidade com que fallava e escrevia; a exposição brilhante e clara, que tinha; o methodo que adoptava; e a prodigiosa memoria que o distinguia; eram outros tantos dotes, que contribuia, para realçar o modo como desempenhava a espinhosa e ardua tarefa do magisterio, onde ostentava os seus vastissimos conhecimentos; e para em toda a parte manifestar com justa reputação o seu ingenho superior.

Mal diriamos nós, quando, ha pouco, o ouvimos fallar tão eloquentemente no claustro, como relator da commissão de reforma do regulamento dos concursos, que havia de ser aquella a ultima vez, em que teriamos occasião de admirar o seu talento oratorio!

Os trabalhos scientificos que deixou, são os — *Principios geraes de mechanica* — obra destinada aos seus discipulos, e muito recommendavel pela clareza e simplicidade, com que está escripta; e varios artigos de sciencia, impressos no *Instituto*, e em outros jornaes.

Aquella obra, com quanto elementar, foi

um importantíssimo serviço prestado pelo sr. dr. Goulão á sciencia, e aos alumnos da faculdade de philosophia. Naquelle precioso livro encontram-se os principaes theoremas de mechanica, seguidos das demonstrações mais simplicies, e accommodadas á capacidade de estudantes do segundo anno. Ha por vezes alli bastante originalidade, fructo de sérias lucubrações e aturado estudo; e em todo o escripto se nota a excellencia do methodo, e a correção da linguagem.

Em paga de suas fadigas litterarias recebeu o sr. dr. Goulão uma commenda; mas a verdadeira recompensa de seus trabalhos está no elevado conceito, em que era tido pelas pessoas competentes, e na viva saudade com que por todos é chorado.

O sr. dr. Goulão morreu, tendo apenas 51 annos de idade, victima de uma hydropisia, que, no curto espaço de 15 dias, lhe consumiu a existencia.

A sciencia perdeu 'nelle um zeloso cultivador; a universidade um dos seus maiores ornamentos; e nós o insigne mestre, e amigo dedicado, a quem tributavamos merecida admiração, e rendiamos respeitos cultos.

A. J. TEIXEIRA.

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção publica no mez de junho ultimo, por despachos do conselho superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio Jacintho de Mello para professor temporario da cadeira da Senhora Mãe de Deus, districto de Ponta Delgada.

Francisco Joaquim da Rosa e Lima, para dicto de Santa Barbara do logar das Ribeiras, districto da Horta.

João Maria de Medeiros, para dicto de Santa Barbara, districto de Ponta Delgada.

José de Sousa Sá Fontes, para dicto do logar do Pico da Pedra.

Luiz Candido d'Araujo Guimarães, para dicto da freguezia de Nave, districto da Guarda.

Manuel Caetano da Silva, para dicto de Miranda do Corvo, districto de Coimbra.

Antonio Maria Ramalho, para dicto d'Aldêa do Mato, districto d'Evora.

Antonio Maximo Coelho de Sousa, para dicto de Gonalço, districto da guarda.

João Antonio da Silva Ramos, para dicto de Mondim de Basto, districto de Villa Real.

Joaquim Rodriguez de Seabra, para dicto da Palhaça, districto d'Aveiro.

José Fortunato de São Paio e Brito, para dicto da Quinta de Pero Martins, districto da Guarda.

José Joaquim Rodriguez Leite, para dicto de Cacia, districto d'Aveiro.

José Marcelino Ferreira, para dicto de Podence, districto de Bragança.

Manuel Antonio Torrão, para dicto de Val d'Ihavo, districto d'Aveiro.

Manuel Thomaz Biga, para dicto d'Alter do Chão, districto de Portalegre.

Antonio Joaquim Vidal, para dicto d'Arrancada, districto d'Aveiro.

Francisco Antonio da Fonseca Moreira, para dicto de Pena Verde, districto da Guarda.

João Fernandes Longo, para dicto de Torre do Pinhão, districto de Villa Real.

Joaquim Vieira de Barros e Cunha, para dicto de Runa, districto de Lisboa.

José Henriques Tavares, para dicto da Mizarella, districto da Guarda.

Antonio Pedro Galvão, para dicto de Sancto Estevão, districto de Faro.

José Ignacio Veiza, para dicto da freguezia da Conceição.

José Mourato da Trindade, para dicto de Tolosa, districto de Portalegre.

Anaslacia Maria Monteiro, para mestra temporaria da cadeira de Paredes, districto do Porto.

Felicia Bastante da Silva, para dicta de Castello Branco.

José Antonio de Moraes e Castro, para professor vitalicio da cadeira de Frandizella, por transferencia da de Mascarenhas.

Carlos Augusto Pereira do Lago, para dicto de Mascarenhas, por transferencia da de Frandizella, ambas no districto de Viseu, por decreto de 10 de junho ultimo.

Manuel Fernandes de Sousa Ribeiro, para dicto da Cumieira, districto de Coimbra, por decreto de 10 dicto.

Antonio Rabasco de Gouvêa, para dicto de Belmonte, districto de Sancta Branca, por transferencia da da Lagiossa, por decreto de 9 dicto.

José de Sancta Theresza, para dicto de Canellas, districto de Villa Real, por decreto de 10 dicto.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

José Corrêa de Freitas Silva e Carvalho, para professor vitalicio das cadeiras de francez e inglez do lyceu nacional d'Aveiro, por decreto de 3 dicto.

Francisco José d'Almeida, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Abrantes, por decreto de 10 dicto.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

José Alves Moreira de Barros demonstrador de cirurgia da escola medico cirurgica do Porto, para o logar de lente substituto das cadeiras cirurgicas da mesma escola, por decreto de 3 dicto.

Francisco Antonio d'Araujo Cerveira e Serra, para o logar de bedel da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, por decreto de 10 dicto.

Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, lente substituto da escola medico cirurgica de Lisboa, para lente cathedratico da mesma escola, por decreto de 17 dicto.

José d'Andrade Gramaxo, demonstrador da escola medico cirurgica do Porto, para o logar de lente substituto das cadeiras de medicina da mesma escola, por decreto de 17 dicto.

## PRINCIPAES ERRATAS DO N.º 12.

Pag.	Col.	Lin.	Erros	Emendas
142	1.ª	1	ás	as
"	2.ª	30	casca	casca
144	"	55	mgnitudinem	magnitudinem
145	1.ª	29	378	278
"	2.ª	27	Continuado de pag. 7	Continuado de pag. 55
149	"	5	Aremenha <sup>3</sup> ;	Aremenha <sup>1</sup> ;
"	"	9	Menor <sup>4</sup> .	Menor <sup>2</sup> .
"	"	16	Provincia <sup>1</sup> .	Provincia <sup>2</sup> .
150	"	"	do noite	da noite
151	1.ª	13	Lavachoff	Levachoff
152	"	34	já haviam	já havia

### RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo de Lisboa, em 31 de dezembro de 1856.**

Continuado de pag 157.

#### CAPITULO V.

*De como é de grande necessidade que, na conformidade da lei, hajam effectivamente para cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa trez substitutos.*

A lei de 20 de setembro de 1844 no art. 51 e §§., combinado com o art. 58, considerando, como um lyceu á parte, cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa, designou para cada uma d'ellas professores distinctos, que todavia lessem, na respectiva secção, as mesmas disciplinas. Não podia ser de outra sorte, pois que não podia a lei querer o absurdo, de que ficasse cada professor obrigado ao serviço de trez cadeiras, duas das quaes estão a mais de uma legua de distancia. Mas, se assim é (o que não póde admittir dúvida), resulta que em cada uma d'aquellas trez secções devem haver trez substitutos, um para a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cadeira, (grammatica latina e latinidade); outro para a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> (principios mathematicos e philosophia racional e moral); outro para a 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> (oratoria e geographia). Não se creando estes trez substitutos, ha de acontecer o que por vezes já aconteceu, e agora mesmo tem tido lugar; isto é, ha de deixar de funcionar, por falta de professor, uma ou mais cadeiras, ficando privados da instrucção correspondente os respectivos alumnos, quando a doença, ou outra causa grave, tolhe aos professores proprietarios a frequencia das suas cadeiras. Para que se torne tão manifesta, quanto convém, a necessidade da providencia, que tenho a honra de propôr, vejo-me precisado a declarar, que, durante parte do mez de novembro, e todo o dezembro, esteve sem exercicio a 6.<sup>a</sup> cadeira da secção occidental, porque, tendo adoecido gravissimamente o professor da 6.<sup>a</sup> cadeira da secção central, julguei de muito maior

conveniencia publica, que o professor d'aquella viesse reger esta, que contava muito maior numero de discipulos, e assim providenciéi. Não me occorreu outro alvitre em consequencia dos impedimentos forçados de varios professores. Preferi o menor ao maior mal. Entretanto aos discipulos d'aquella, embora poucos, faltou a instrucção, a que tinham direito indisputavel, e d'ella não houveram de carecer, se a lei tivesse sido entendida e executada como cumpria, existindo para cada uma das secções o numero de substitutos, que, na minha opinião, a lei marcou, e agora tenho a honra de propôr, e pedir.

Porém, sobre as considerações ponderadas ha ainda a reflectir (como observei já no 1.<sup>o</sup> dos meus citados relatorios), de quão grande conveniencia não póde deixar de ser para o serviço publico a habilitação, theorica e practica, obtida pelos substitutos, em quanto não passam a proprietarios de alguma das cadeiras, que provisoriamente regerem. É este o seu unico tirocinio, o qual todavia lhes é absolutamente indispensavel, não alterada a lei, que menos precedentemente lhes concedeu, desde a primeira nomeação, a propriedade das cadeiras, em que são providos.

Havida attenção ao exposto, que tenho para mim parecerá de grave momento a Vossa Magestade, supplico a Vossa Magestade, que se digne ordenar a inteira execução da lei, que não póde ser entendida logicamente de diverso modo; ou que, a ter sobrevindo algum mal cabido escrupulo, haja por bem mandar explical-a authenticamente, dando a sua real approvação ao seguinte

#### PROJECTO DE DECRETO.

**Art. 1.** Em cada uma das trez primeiras secções do lyceu nacional de Lisboa haverá trez substituições, em conformidade do disposto no art. 51 e §§., combinado com o art. 58 do decr. de 20 de setembro de 1844.

**Art. 2.** Cada um dos substitutos supprirá as faltas dos professores proprietarios da seguinte maneira:

§. 1.<sup>o</sup> O 1.<sup>o</sup> substituto servirá na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> cadeira.

§. 2.<sup>o</sup> O 2.<sup>o</sup> substituto servirá na 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>.

§. 3.º O 3.º substituto servirá na 5.ª e 6.ª.

Art. 3. Quando fôr necessario, os substitutos de uma secção servirão indistinctamente em cada uma das outras secções.

Art. 4. Fica d'esta sorte explicada, e fixada a intelligencia do art. 51 e §§. e art. 58 do decr. de 20 de setembro de 1844.

#### CAPITULO VI.

*De como é absolutamente indispensavel collocar desde ja a secção central do lyceu nacional de Lisboa em edificio, que tenha as precisas condições de segurança e capacidade, e transferir para dentro das portas da cidade a secção occidental do mesmo lyceu.*

O estado de ruína, a que se acha reduzido o extincto convento de S. João Nepomuceno, onde está collocada a secção central d'este lyceu, tornou-o totalmente inconveniente para o fim a que fôra destinado. Sem perigo de vida dos professores, alumnos, e empregados d'aquella secção, não é possível que alli continuem a funcionar as aulas, a secretaria, a bibliotheca, e as comissões ou mesas de exames geraes e particulares. Por vezes tenho elevado ao conhecimento do governo de Vossa Magestade o que deixo exposto; e ultimamente, em consequencia da detida e minuciosa vistoria, a que procedeu o intendente das obras publicas de Lisboa, acompanhado de competentes mestres de obras, e architectos, e á qual eu assisti, representei energicamente, como era meu dever, pela secretaria d'Estado dos negocios do reino pedindo promptas e efficazes providencias, e até lembrando o edificio, para onde a secção central podia ser mudada, sem grande despeza da fazenda, e com proveito do serviço publico (veja-se o documento juncto). Entretanto, apesar das minhas instantes sollicitações, e do fundamento manifesto e urgentissimo, que as justifica, nenhuma providencia ha sido até hoje tomada; e lá persiste, no extincto convento de S. João Nepomuceno, a secção central, sob a incessante ameaça d'impendente ruína, exposto numero tão consideravel de individuos a desaparecer de rapido da face da terra, perecendo victimas d'algun mais que possível sinistro, desde tanto tempo receiado, contra que se tem erguido repetidas vezes a voz de cauteloso aviso, mas, ácerca do qual, quem podia e devia, nada tem providenciado! E todavia, Senhor, era agora opportuno enseo de collocar a secção central d'este lyceu em localidade melhor apropriada, e com as indispensaveis condições não só de segurança, mas tambem de capacidade e decencia; porque (devo dizer tudo) ao edificio, onde se tem achado, e ainda continúa a achar-se collocada a mencionada secção, fallecem todas

estas condições, e até a da decencia; o que tem sido causa de não se terem nunca celebrado alli todos os actos litterarios publicos, que cumpria; e é por esta mesma razão, que Vossa Magestade não tem sido supplicado para visitar aquelle tão importante estabelecimento, honrando-o com a sua augusta presença, não só em actos solemnes, mas tambem quando a Vossa Magestade approvesse; o que havia de ser por certo de grandissima vantagem para a instrução secundaria, observando com os seus mesmos olhos a mocidade estudiosa quanto Vossa Magestade tem a peito o seu aproveitamento. Porém, Senhor, fôra offender todas as considerações do respeito devido a Vossa Magestade solicitar de Vossa Magestade a entrada em um edificio menos decente, que a habitação particular de qualquer mesquinho cidadão. E haveremos ver prolongado sem termo este lastimoso actual estado da secção central do lyceu nacional de Lisboa? A vida de tantos cidadãos haverá de parecer ainda por muito tempo objecto de pouca valia, ou menos digno de cuidado? Não chegará em fim o dia, em que se designe, e attribua um edificio, qual se carece, ao principal estabelecimento publico da instrução secundaria de todo o reino? Não posso, nem devo crê-lo, porque Vossa Magestade ama as letras, e sabe apreciar quanto convém attender, em todas as suas partes, esta franca e leal representação, que tenho a honra de elevar ao conhecimento de Vossa Magestade submissa e respeitosa, mas sem circumlocuções oratorias, antes com a energia, que deve inspirar-me o zelo do fiel desempenho do meu dever, o bem da causa pública, o amor da instrução da mocidade, e o ardente e justissimo desejo de afastar de sobre mim até sombra da terrivel responsabilidade, que para sempre me roubaria a paz da consciencia, se, por infortunio, tendo eu cessado de bradar com todas as posses do meu peito, occorresse algum accidente funesto (como de dia a dia já agora é tão possível), que venha privar muitos filhos de seus paes, e muitos paes de seus filhos, abismando-os a todos na afflicção, e talvez que a muitos na miseria. Assim que, Senhor, porquanto assim o requer a religião e a humanidade, porquanto assim o reclama o melhor serviço publico, e porquanto ha de ser de vantagem indisputavel para a instrução da mocidade, que Vossa Magestade promove e deseja tão ardentemente, supplico a Vossa Magestade, que haja por bem ordenar, que a secção central do lyceu nacional de Lisboa seja collocada sem mais delongas, quanto antes, em edificio, que tenha as precisas condições de segurança, capacidade, e decencia. E porque não ha de construir-se um edificio, qual se precisa, que preencha todas as indicações do art. 69 do decreto de 17 de novembro de 1836? Julgar-se-hão acaso

menos hem applicados os dinheiros, que se despendem com a fabrica do principal estabelecimento da instrução secundaria de Portugal? Serão applicados mais approvadamente os dinheiros gastos com obras de mero luxo, ou de utilidade incomparavelmente menor? Pelo menos, por que não hade concluir-se a reedificação do lado oriental do extinto collegio dos nobres, e collocar-se alli, juncto da eschola polytechnica, a secção central do lyceu, onde deve ser a sede da reitoria, da secretaria, e da bibliotheca; onde se deve fazer a abertura solemne das aulas da instrução secundaria da capital; onde devem ter logar os exames por concurso para o preenchimento das cadeiras do ensino primario d'este districto, e secundario de todo o reino; onde se deve celebrar o solemne acto da distribuição dos premios; e onde finalmente deve manifestar-se a solicitude indefessa, que merece ao governo de Vossa Magestade a instrução secundaria, elemento sem o qual a instrução primaria não pôde obter perfeição, nem a instrução superior pôde dar se quer um só passo? A minha consciencia diz-me que cumprio o meu dever, explicando-me d'esta sorte perante Vossa Magestade, e chamando com esta efficacia a real attenção de Vossa Magestade para tão importante objecto.

Pelo que respeita á secção occidental limitar-me-hei a observar, que as ponderações, que tive a honra de elevar á presença de Vossa Magestade em data de 13 de dezembro ultimo, e no §. V do meu relatorio de 1854, longe de ter perdido, tem ganho maior força: grave prejuizo público tem sido a consequencia inevitavel de não se haverem adoptado as providencias, que então, e depois, tenho tido a honra de propôr ao governo de Vossa Magestade. A conveniencia da mudança d'esta secção para dentro das portas de Lisboa, e a sua collocação nas proximidades da praça d'Alcantara, não pôde admitir dúbida; assim como não ha razão, que justifique não se ter posto em execução até hoje, esta providencia tantas vezes lembrada e requerida.

#### CAPITULO VII.

*De como, da não adopção das providencias, que tenho proposto nos dois anteriores relatorios, se têm seguido graves prejuizos ao progresso, e aperfeiçoamento da instrução primaria e secundaria 'neste districto.*

É fóra de duvida, que no tocante ao ensino, policia, e educação moral e litteraria das aulas públicas, e dos estabelecimentos particulares assim da capital, como de todo o districto, ha muito a reprehender, corrigir, e aperfeiçoar; e tão pouco padece dúbida, que tudo continuará 'neste mesmo estado, emquanto não se lançar mão de providencias

efficazes, cuja applicação seja feita com discernimento, energia, e perseverança, e cuja observancia não soffra quebra, sendo fiscalizada com zelo e tenacidade, egual pelo menos á resistencia, que as más práticas, e os abusos, quando inveterados, oppõem a toda a sorte de emenda, e de melhoramento.

'Nessas ruins práticas, 'nesses condemnaveis abusos interessam demasiadamente ora paixões desnobres, ora caprichos ambiciosos, e não raro melindres d'amor proprio mal entendido; sendo verdade comtudo tambem que, até certo ponto, são taes práticas e abusos originados na falta d'experiencia, que deu logar a que fossem adoptadas menos consideradamente algumas provisões, as quaes, em vez de terem favorecido a desenvolução progressivamente aperfeiçoada da instrução primaria e secundaria, pelo contrario a têm estorvado. Além de que, não deve omitir-se, que nasce muita parte do mal, que tanta razão temos para deplorar, de não se executarem fiel e inteiramente todos os preceitos, que a lei estabeleceu, e que sisuda e esclarecida observação convence que muito importa manter intactos, procurando-se a todo o custo o seu religioso cumprimento. As alludidas, e já reconhecidamente indispensaveis providencias têm sido por mim propostas nos meus dois anteriores relatorios, caminhando umas directa e outras indirectamente ao mesmo fim. Será preciso aqui recordal-as? São de muito recente data aquelles relatorios para que eu julgue necessario nem nomeal-as sequer. A quem por dever cumpre tomar informação e conhecimento do que representam e ponderam os que a lei chamou ao desempenho de tão penosa tarefa, de certo não carece de que lhe seja indicado o que não pôde admitir-se que cessasse de lhe estar presente. Se por ventura algumas ha, que se afigurem a alguém menos reflectido desconexas, e disparatadas com respeito ao fim, que principalmente agora tomo em conta, sobeja breve advertencia para desenganal-o, e fazer-lhe ver que todas se ligam entre si intimamente, e que todas tendem de modo mais ou menos directo, porém acorde, e impreterivel, para a emenda do passado, e para o aperfeiçoamento do futuro. Com os relatorios á vista, a demonstração deduz-se espontanea e inevitavel. Mas, se assim é, sem nenhuma dúbida, não será da mesma sorte evidente, que, só porque se não evitou, o mal medrou mais longo, e mais damnosos? Não ha a hesitar; porque teve mais tempo de profundar raizes; porque pôde accumular nocivos fructos; e porque tido em pouco, depois de reconhecido e inculcado, o remedio quasi que se torna objecto de mofa para a malicia, a que mormente deve a existencia. Fóra-me tarefa não difficil, embora laboriosa, tirar inferencias mais especificadas dos principios propostos, e

concluir de maneira mais positiva, oppondo os abusos ás suggeridas providencias, e essas providencias ás ruins práticas: mas, qual seria o resultado? Ter-se-hia agora em maior conta o de que, quando tractado explicita e applicadamente, nenhum cabedal se ha feito? Quasi que não posso crê-lo. E, com quanto não esteja na minha organização perder com facilidade a esperança, contudo força-me a verdade a dizer, que, se me fôrro ao trabalho de longas explanações, é menos pelo trabalho em si mesmo, do que pelo desgosto de o vêr inutil em relação ao fim a que só podia ser destinado.

Resumindo: nos dois meus anteriores relatorios comprehende-se uma serie de providencias essencialissimas, destinadas directa e indirectamente ao melhoramento da instrucção primaria e secundaria, pública e particular, d'este districto. Estas providencias, nem nenhuma outras, não foram adoptadas; e portanto não se corrigiram abusos, não se emendaram ruins práticas, nada se aperfeiçoou; e não se terá com isto auctorisado o desleixo e a prevaricação? Termino, Senhor, este capitulo para não aggravar o motivo, que me impõe por dever supplicar muito acadamente a Vossa Magestade o perdão, que preciso para a leal franqueza da linguagem, que praguentos não duvidariam acaso taxar de soltura. Vossa Magestade, recto, e imparcial, não confunde o que tão essencialmente se distingue: a minha linguagem só pôde soar menos agradável aos ouvidos, que não folgam com a expressão da verdade. Em nome d'ella, Senhor, eu pego com todo o encarecimento a Vossa Magestade, que se digne adoptar as propostas providencias, ou as que a Vossa Magestade parecer: mas de modo que, por umas ou por outras, se possa obter o resultado, que Vossa Magestade quer, e todos devemos desejar do coração, pois que vae 'nelle o bem futuro da nossa patria, que não pôde separar-se do aperfeiçoamento da educação e instrucção primaria e secundaria pública e particular da mocidade estudiosa.

Aqui ponho termo, Senhor, ao relatorio d'este anno. Oxalá que não seja mais um brado lançado no deserto! Graves têm sido, como acabo de observar, os prejuizos, que têm resultado á causa da instrucção pública, de não terem sido adoptadas as providencias, que tenho tido a honra de propôr ao governo de Vossa Magestade, solicitando-as instantemente; mas esses prejuizos aggravar-se-hão, perdurando a indiferença, que de facto se mostra para com a instrucção pública, emquanto que de palavra é apregoadada com tão grande arruido. É muito para deplorar uma tal contradicção! Porém afaga-me, Senhor, consoladora esperança; porque tenho fé em Vossa Magestade, e no amor de Vossa Ma-

gestade ás cousas da nossa terra, e com muita especialidade aos estudos primarios e secundarios, indispensaveis para o melhor estar da grande maioria dos portuguezes, e base essencial dos estudos superiores. É esta esperança, que me dá ainda alento; que, se ella não fôra, tomar-me-hia a tibieza, que tudo eiva e mata, como certa consequencia do desgosto inevitavel de vêr um sobre outro frustrados desejos ardentes, e não leves fadigas. Senhor, quando todas as classes da sociedade, em todos os angulos do reino, tiverem obtido a instrucção, que a cada uma convém, então, e só então, Portugal será feliz; porque só então os povos terão o que precisam, e só então lhes será dado apreciar devidamente o dom inestimavel, que lhes outorgou o céu, concedendo-lhes para soberano a Vossa Magestade.

Deus guarde a Vossa Magestade, como havemos mister. Commissão dos estudos do districto de Lisboa, 31 de dezembro de 1856.

O commissario — O conselheiro, *D. José Maria de Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda*.

## RELATORIO

**Dos trabalhos do conselho da faculdade de mathematica da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1856 para 1857.**

Tendo o governo de Sua Magestade ordenado por decreto do 1.º d'outubro e portaria de 2 do referido mez, que as aulas da Universidade se abrissem no 1.º de novembro, e que se procedesse nos ultimos 15 dias de outubro aos actos, que por falta de tempo se não tinham podido fazer no anno lectivo antecedente, resolveu o conselho da faculdade, em cumprimento das ordens recebidas, adoptar as providencias necessarias para o serviço dos actos correr com toda a regularidade e promptidão. O mappa seguinte mostra o resultado d'este serviço.

### Actos em outubro de 1856.

Annos	APPROVADOS		Repro-vados	Total
	Nemine Discrep.	Simpli-citer		
1.º	4	4	6	14
2.º	1	1	1	3
3.º	1	»	»	1
Total	6	5	7	18

Ainda que este anno lectivo começou irregular, abrindo-se as aulas 15 dias mais tar-



de do que de costume, comtudo o zelo e assiduidade, com que cada um dos professores desempenhou os seus deveres, concorreu poderosamente para o bom exito dos trabalhos litterarios dos alumnos da faculdade.

E para de todo sanar qualquer falta, que d'aquella pequena irregularidade podesse resultar ao aproveitamento dos referidos alumnos, entendeu o conselho, que devia espagar, mesmo com sacrificio seu, o mais que possivel fosse, o tempo das aulas, reservando apenas o strictamente indispensavel para os actos dos estudantes habilitados. E resolveu assim que o ponto nas aulas da faculdade tivesse logar no dia 30 de junho, deixando ainda ao arbitrio dos professores poderem continuar até 11 de julho, se por ventura lhes faltasse tempo para a conclusão das materias, designadas nos programmas de ensino. E de feito, tendo-se posto o ponto, no dia marcado, nas aulas do 4.º e 5.º anno, foram ainda continuadas até 9 de julho as do 1.º, 2.º e 3.º anno.

Fizeram-se com a maior regularidade os actos, assim dos estudantes matriculados neste anno lectivo, como dos que se apresentaram extraordinariamente, e com frequencia anterior.

**Estadistica do movimento dos estudantes da faculdade de mathematica, no anno lectivo findo de 1856 para 1857.**

Annos	N.º de matriculados	Perderam o Anno	Aprovados		Reprovados	Não fizeram Acto
			Nem. Discr.	Simplific.		
1.º	13	3	6	»	»	4
2.º	33	3	12	2	»	16
3.º	6	1	5	»	»	»
4.º	5	»	3	»	»	2
5.º	2	»	2	»	»	»
6.º	3	»	2	»	»	1
Total	62	7	30	2	»	23

**Actos extraordinarios em julho de 1857.**

Annos	Aprovados		Reprovados	Total
	Nemine Discrep.	Simplificiter		
1.º	3	1	»	4
2.º	2	»	»	2
4.º	1	»	»	1
5.º	»	1	»	1
Total	6	2	»	8

O conselho teve a satisfação de distribuir, em resultado da boa frequencia das aulas e dos actos distinctos, partidos, premios, accessit e distincções, aos estudantes seguintes:

**1.º ANNO.**

Manuel Paulino de Oliveira — 1.º Premio.  
João Pacheco Alves de Resende — 2.º dicto.

**2.º ANNO.**

Pedro Ignacio Lopes. . . . . }  
Candido Celestino Xavier Cordeiro } Partidos.  
José de Saldanha Oliveira e Sousa }  
Luiz da Costa e Almeida. . . . . }  
Antonio de Brito Furtado de Mendonça — Premio.  
João Mendes de Magalhães. . . . . }  
Caetano Xavier d'Almeida da Camara Manuel. . . . . } Accessit.  
Antonio Pereira da Cunha e Costa }  
Manuel Nunes Braamcamp Freire }  
Cazimiro d'Ascenção Sousa e Menezes — Distincção.

**3.º ANNO.**

Alvaro Kopke de Barbosa Ayalla — Premio.  
Abilio Castanheira das Neves — 1.º Accessit.  
Antonio Eugenio Ribeiro d'Almeida — 2.º dicto.

**4.º ANNO.**

Eduardo Augusto d'Oliveira Lobo — Premio.

Tendo sido despachado, por decreto de 2 de dezembro, substituto extraordinario da faculdade, o ajudante do Observatorio astronomico, Antonio José Teixeira, resolveu o conselho, que elle exercesse as funções de secretario, retomando as de fiscal o outro substituto extraordinario Francisco Pereira de Torres Coelho, que interinamente estava servindo aquelle logar. Foram tambem distribuidas por ambos as cadeiras da faculdade, que admittem substituição extraordinaria; pertencendo ao novamente despachado as do 1.º e 2.º anno, e ao mais antigo as do 3.º, e a 6.ª cadeira do quarto anno.

Entre as diversas providencias, com que o conselho entenderam, que devia manter a disciplina, e proseguir no rigor costumado, suscitou a disposição da policia academica, que pune os estudantes, que, sendo chamados ás lições, disserem repetidas vezes que as não viram: e para maior prova dos actos, e mais proveito dos alumnos, decidiu, que os ordinarios e voluntarios, no proximo anno lectivo, e d'ahi em diante, comessem esses actos por uma dissertação em portuguez, lida por elles, e argumentada em seguida pelo lente do anno; vindo assim a haver quatro argumentos nos actos até ao quarto anno, e cinco na formatura. Como corollario resolveu tambem o conselho que d'ora ávante fossem escriptas em portuguez e impressas as dissertações inauguraes dos repentes.

Foi approvada para compendio a continuação da nova tradução do curso de mathematicas puras de L. B. Francoeur, que comprehende o calculo até á integração das equações das ordens superiores, e particularmente da segunda ordem, e á eliminação entre as equações differencias simultaneas.

O conselho, ponderando a necessidade de se adquirirem livros, onde se possa vêr o progresso e desenvolvimento, que as sciencias mathematicas actualmente têm experimentado, pediu e obteve do dignissimo prelado da Universidade, que pela dotação da bibliotheca se fizesse desde já a assignatura do *Jornal de mathematicas puras e applicadas* de Mr. Liouville, mandando vir cada um anno, a começar d'este, quatro volumes anteriores d'essa publicação, de maneira que, dentro em pouco, e sem despesa sensivel, se encontre na mesma bibliotheca aquella preciosa collecção. E vendo que, afóra o resumo das lições de mechanica applicada de Mr. Navier, nenhum outro livro, que sirva d'auxilio ao estudo das disciplinas da 6.ª cadeira, existe nos estabelecimentos da Universidade, fez igual pedido, e obteve igual resultado relativamente ás memorias de Mrs. Saint-Venant e Lamé, sobre aquella sciencia, as quaes julgou conveniente requisitar.

Em congregação de 27 d'abril resolveu o conselho elevar á presença de Sua Magestade duas consultas sobre objectos da maior importancia. Na primeira, expondo o grande numero de inconvenientes que apresenta o actual Observatorio astronomico, e as vantagens que pelo contrario offerece o edificio do Observatorio do Castello, que apenas ficou em começo, pedia respeitosamente, que fossem concedidos os meios pecuniarios para a conclusão d'este edificio, que pouco a pouco se podia ir continuando. Na segunda, convencido o conselho pela experiencia decorrida desde a ultima reforma, em 1844, de que é impossivel, por falta de tempo, professor alguns dos ramos, que fazem parte do curso mathematico, e dar a outros todo o desenvolvimento, que o estado actual da sciencia reclama, consultava a Sua Magestade sobre a necessidade de se crear uma nova cadeira, onde se explicasse a parte transcendente de Geometria Descritiva, e a parte transcendente e analytica da Acustica e da Optica, fazendo-se tambem as experiencias necessarias, para que este ensino se torne mais proveitoso.

Tendo o director interino do Observatorio astronomico, Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, ponderado ao conselho a impossibilidade de, com o limitado numero de empregados, que actualmente existe 'naquella repartição, satisfazer assidua e regularmente aos dois serviços de calculos e observações, que incumbem aquelles empregados; e tendo proposto varios alvitre para prover de remedio a falta tão

sensivel; determinou a faculdade, em congregação de 30 de junho, elevar á presença de Sua Magestade uma consulta, expondo os inconvenientes, que d'essa falta hão de resultar, e lembrando respeitosamente os meios de acudir a ella. Em congregação de 29 de agosto instou novamente o conselho pela solução d'este urgentissimo negocio.

Terminam os trabalhos da faculdade por uma exposição ao conselho dos decanos, indicando o modo de levar a effeito as construcções projectadas no Observatorio do Castello; visto ter sido a dotação da Universidade augmentada pelas côrtes 'nesta sessão legislativa, e esse augmento destinado para obras dos estabelecimentos universitarios. Como porém os recursos offerecidos não permitem, que com brevidade se concluaem aquellas obras, e não é possivel conseguir-se por em quanto alli a collocação do Equatorial, o conselho de mathematica, além dos alvitre lembrados para a execução das obras, propoz tambem os meios para se levar a effeito a collocação d'este instrumento no Observatorio actual, a fim de se tirar algum proveito d'elle, em quanto se não poder collocar definitivamente no Observatorio do Castello.

E tendo sido favoravelmente acolhida esta sua exposição, escolheu o conselho, em congregação de 29 d'agosto, o seu vogal Florencio Mago Barreto Feio, para dirigir aquellas obras, devendo receber da direcção do Observatorio, por via do director interino Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, quaesquer esclarecimentos, que por ventura necessite, e ficando auctorizado, para resolver, d'accôrdo com o dignissimo prelado da Universidade, quaesquer dúvidas, que no decurso d'aquelles trabalhos possam offerecer-se. Resolveu tambem o conselho, que fosse convidado o guarda do Observatorio, Francisco Antonio de Miranda, para coadjuvar, no que esteja ao seu alcance, o vogal nomeado para esta importante commissão.

#### OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS EM MADRID.

##### Resumen de los trabajos Meteorológicos correspondientes al año 1854.

*Verificados en el real observatorio de Madrid bajo de la direccion de D. Manuel Rico y Sinobas, cathedratice de física en la Universidad central. Madrid 1857. — 1 vol. 4.º grande.*

O observatorio real de Madrid começou em 1837, por ordem do governo, a serie das suas observações meteorologicas, continuadas até 1833 com algumas interrupções. 'Neste anno, porém, reorganisaram-se alli os trabalhos meteorologicos, provendo-se aquelle observatorio de novos instrumentos e aparelhos, com que

se deu começo ás observações no mez de dezembro, findando em novembro seguinte o primeiro anno meteorologico d'esta nova serie, cujo resumo acaba de publicar na obra, que annunciamos, o digno cathedratico de Physica na Universidade central de Madrid, o sr. D. Manuel Rico y Sinobas.

Para esta nova serie de observações, dirigidas por aquelle illustre cathedratico, empregaram-se os seguintes instrumentos: um barometro typo, cujas indicações foram reduzidas á temperatura de 0°, pelas tabuas de Schumacher, publicadas no Annuario meteorologico de França: um thermometro typo com escala de Fahrenheit; thermometros de *maxima*, e *minima*, o primeiro de mercurio, e o segundo de alcool; um hygrometro de bola secca e humida; um thermometro de minima temperatura para o estudo da irradiação nocturna; outro de maxima temperatura exposto á acção directa dos raios solares, construido por Barrow: um apparelho composto de seis thermometros, construido por Newman, para estudar a temperatura abaixo da superficie da terra. Estes thermometros estão numerados de 1 até 6, e acham-se collocados a diversas profundidades do pavimento do observatorio na relação seguinte:

Num. 1 á profundidade de . . . . .	3,™637
» 2 . . . . .	3,048
» 3 . . . . .	2,438
» 4 . . . . .	1,828
» 5 . . . . .	1,219
» 6 . . . . .	0,609

Estas observações são feitas ao meio dia.

Possue tambem este observatorio o um anemometro d'Osler, para indicar constantemente pelos signaes, que deixa traçados sobre o papel, as direcções dos ventos, e sua intensidade, um pluviometro, que se corresponde com o anemometro, e que regista a quantidade de chuva que cæe, o seu começo e fim. Para o estudo da electricidade atmosphérica são alli empregados um conductor de cobre, e os competentes electrometros de Volta e de Rounalds.

Neste primeiro anno da nova serie dos trabalhos meteorologicos, as observações foram feitas de duas em duas horas, e somente durante o dia, em consequencia de não residirem os ajudantes dentro do edificio do observatorio, excepto nos dias dos equinocios e solsticios, em que foram de hora a hora. No restante do periodo annual de 1854, as observações começaram ás 20 horas do tempo medio de Gottinga até ás 8 do dia seguinte.

O pessoal do observatorio meteorologico é composto, além do director, de dois ajudantes.

Das observações feitas nos annos, que decorreram de 1837 até 1853, apenas se publicaram na Gazeta de Madrid alguns resumos mais ou menos exactos: o governo, porém, reconhecendo a importancia d'estes trabalhos

não só em relação á sciencia, mas tambem á agricultura, commercio, e industria, ordenou, que se imprimissem os resumos annuaes das observações meteorologicas, de cujo primeiro volume, efferecido pelo digno director á bibliotheca da Universidade de Coimbra, aqui damos noticia.

Esta importante colleção, já mui util para fazer conhecer o clima de Madrid, e de uma parte do terreno comprehendido entre as cordilheiras de montanhas visinhas, e o Tejo, no interior da peninsula, promette nos annos seguintes mais amplas noticias sobre a climatologia da Hespanha, porque o governo resolveu, que a este resumo dos trabalhos meteorologicos do observatorio de Madrid se junctassem as observações feitas desde 1833 nas outras Universidades e estabelecimentos de instrução secundaria, pelos respectivos cathedraticos de Physica, a fim de que esta publicação scientifica possa apresentar um quadro approximadamente exacto dos caracteres physicos comparados, que correspondem aos climas da peninsula Iberica, como região Atlantica, e a mais ao S.O. da Europa continental.

Parece-nos, que este exemplo era digno de ser imitado entre nós, e que não fóra difficil ao governo mandar estabelecer em Coimbra e no Porto observatorios meteorologicos, que se correspondessem com o do *Infante D. Luiz*, em Lisboa, e que nos lyceus, onde existem cadeiras de principios de Physica e Chimica, se estabelecessem *postos* meteorologicos a cargo dos respectivos professores, para que, reunidos todos estes trabalhos numa publicação annual, como em Madrid, se obtivessem pela serie d'elles os necessarios elementos para o estudo geral do clima nas diversas regiões do nosso paiz.

Voltando, porém, ao *Resumen de los Trabajos Meteorologicos*, comprehende esta obra as observações barometricas durante o anno de 1854—oscillações diurnas do barometro—observações thermometricas, segundo o thermometro typo—temperaturas maximas e minimas—observações hygrometricas—força elastica dos vapores aquosos na atmosfera de Madrid—observações anemometricas—quantidade da agua das chuvas caída em Madrid no referido anno—evaporação espontanea—irradiação solar—observações actinometricas—temperatura da terra—electricidade atmosphérica—e irradiação nocturna.

É esta portanto uma obra verdadeiramente util; onde a clareza, exactidão, e bom desempenho dos quadros e tabelas correspondem ao zelo, primor e intelligencia, com que o illustre cathedratico de Physica da Universidade central de Madrid, o sr. Synobas, se dedica a estes importantes trabalhos com reconhecida vantagem da sciencia e credito seu.

J. M. DE ABREU.

## NOTICIARIO.

### Descuberta de trez novos planetas.

—M. Luther descobriu em Bilk em 15 de setembro passado um novo planeta; e M. Goldschmidt outros dois em Paris ás 10 horas da noite de 19 do mesmo mez.

Todos os trez novos astros são da 11.<sup>a</sup> grandeza, e estão situados, como os precedentes, entre Marte e Jupiter.

Ficam agora sendo 49 os asteroides, que se têm descoberto. D'estes: 10 foram achados por M. Hind; 9 por M. Goldschmidt; 7 por M. Gasparis; 6 por M. Luther; 5 por M. Chacornac; 3 por M. Pogson; 2 por M. Olbers; 2 por M. Hencke; 1 por M. Piazzi; 1 por M. Harding, 1 por M. Graham; 1 por M. Marth; 1 por M. Ferguson.

### Estatística litteraria da Sardenha.

—A estatística da instrução elementar neste paiz, relativa aos dois ultimos annos apresenta os resultados seguintes:

As escholas públicas de meninos, que eram 5:338, elevaram-se a 5:922; e as escholas de meninas de 2:201, que eram, subiram a 2:901.

Existiam 'neste reino no principio do corrente anno apenas 145 escholas particulares de meninos. A falta das escholas particulares de meninas é extraordinaria: 1:151 deixaram de existir!

Nos ultimos trez annos o numero de meninos que frequentaram as escholas publicas e particulares subiu de 259:000 a 319:000.

### Instrução publica em Hespanha.—

Por uma real ordem de 22 de julho ultimo nomeou o governo uma commissão de vinte membros, que devia reunir-se no dia 10 de agosto para examinar o projecto de lei da instrução publica, que na conformidade das bases approvadas pelas côrtes, o governo pretende publicar

Esta commissão é presidida pelo vice-presidente do conselho superior de instrução publica, e composta de cinco senadores, e cinco deputados, e de membros e directores de todas as escholas e estabelecimentos scientificos.

(Rev. de Instr. Publ.)

**Instrução publica na Prussia.**— A Prussia é de todos os paizes da Europa, o que possui maior numero de estabelecimentos d'instrução primaria e secundaria. Só a capital, Berlim, conta actualmente 196 gymnasios, lyceus e escholas, com 50:770 discipulos, e 1:611 professores. Os estabelecimentos livres são 113, com 24:900 alumnos e 834 professores; e os do estado, e municipaes, são 83, com 25:870 discipulos, e 777 professores.

Berlim possui além d'isto 33 salas d'asyllo,

2 escholas municipaes de domingo, e 8 escholas livres de domingo; tem tambem 5 bibliothecas publicas especialmente destinadas para o povo.

**Consumo da agua em algumas cidades.**—Paris, 60 litros por cada habitante 'num dia; Dijon, 200 a 680; Marselha, 400; Carcassonna, 300 a 400; Glasgow, 100; Londres 95; Liverpool, 28; Narbonne, 80 a 85; Tolosa, 62 a 78; Grenoble, 60 a 65; Montpellier, 50 a 55; Beziers, 12 a 14; Philadelphia, 60 a 70; Vienna, 60 a 65.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica no mez de julho ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução publica, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Jeronymo Maximiano Guerra, para professor temporario da cadeira de Felgar, districto de Bragança.

João José d'Almeida, para dicto de Freiria, districto de Lisboa.

Rodrigo Gonçalves Barroso, para dicto de Ervededo, districto de Villa Real.

Francisco José, para dicto de Friellas, districto de Lisboa.

Giraldo Joaquim da Silveira, para dicto de Sancta Cruz. (Ilha das Flores), districto da Horta.

Hypolito Celestino de Maltos Cutrim, para dicto de Belder, districto de Santarem.

João Ferreira de Carvalho Lima, para dicto d'Arrifana de Poiares, districto de Coimbra.

Mannel Fernandes Leal, para dicto da Calheta, districto da Horta.

Manuel de Sousa Telles Pereira, para dicto de Felgueiras, districto do Porto.

Francisco Marques Figueira, para dicto de S. Martinho de Salreu, districto d'Aveiro.

Gregorio José das Neves, para dicto de Pombal, districto de Leiria.

Antonio Pinto de Azevedo, para dicto de Jou, districto de Villa Real.

João Manuel Cerqueira, para dicto de Valença do Minho, districto de Vianna.

Archango Henriques de S. José, para professor substituto da cadeira de Sancta Maria d'Alcofra, districto de Villa Real.

Lidia Maria Grata, para mestra de meninas de Bragança.

Antonio Xavier Esteves, para professor vitalicio da cadeira das Alhadas, districto de Coimbra, por transferecia da d'Arouca, por decreto de 22 de julho ultimo.

João José Bezerra, para professor vitalicio da cadeira d'Eiras no districto de Coimbra, por decreto de 22 de julho ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Fortunato Augusto de Sá, para o logar de continuo do lyceu nacional de Coimbra, por decreto de 22 dicto.

Antonio Francisco de Almeida, para professor vitalicio da cadeira de latim d'Abrantes, por decreto de 22 dicto.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Antonio Ferreira de Macedo Pinto, lente substituto das cadeiras de medicina da escola medico-cirurgica do Porto, para lente proprietario da 8.<sup>a</sup> cadeira da mesma escola, por decreto de 22 dicto.

## SECÇÃO DE MATHEMATICA.

*Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.**Interpretação d'uma solução estranha.*

Continuado de pag. 136.

Se tivéssemos considerado em (1) como letras principaes  $x$  e  $c$ , resultaria, applicando a essa equação a regra citada,  $0 = 16x^3 - 16cx^2 + 4c^3x - c^4$ ; equação que tem, como e facil de ver, 3 raizes eguaes, e por isso

$$16x^3 - 16cx^2 + 4c^3x - c^4 = (c - 2x)^3(c + 2x) = 0 \dots \dots \dots (19)$$

e por tanto os 1.<sup>as</sup> termos das raizes seriam

$$x = \frac{c}{2}, x' = \frac{c}{2}, x'' = \frac{c}{2}, x''' = -\frac{c}{2}$$

Fazendo para achar os 2.<sup>as</sup>  $x = \frac{c}{2} + z$  em (1) vem

$$16z^4 + 16cz^3 - 12r^2z^2 - 16r^2cz - 4r^2c^2 = 0 \dots \dots \dots (20)$$

d'onde resulta

$$z + c = 0; \quad 4z^3 - r^2c = 0 \dots \dots \dots (21)$$

O valor  $z = -c$  deve ser rejeitado, porque identificaria  $x, x', x''$  com o 1.<sup>o</sup> termo de  $x'''$ :

e aproveitamos  $z = \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}}$ , que tem 3 valores, e por isso dá trez series diferentes para as 1.<sup>as</sup> 3 raizes de (1).

Fazendo agora  $x''' = -\frac{c}{2} + z$  em (1) acha-se

$$z \{ 4z^3 - 12cz^2 + 12c^2z - 3r^2z - 4c^3 + 2r^2c \} = 0 \dots \dots \dots (22)$$

equação que póde ser satisfeita, ou por  $z = 0$ , ou pelo outro factor. Mas este dá pela regra de *Newton*

$$z^3 - 3cz^2 + 3c^2z - c^3 = (z - c)^3 = 0 \dots \dots \dots (23)$$

O valor  $z = c$  confundiria  $x'''$  com os 1.<sup>as</sup> termos das outras trez raizes, e por isso não póde servir, restando só  $z = 0$ , como já sabiamos que devia ser aproveitado.

Temos assim

$$x = \frac{c}{2} + \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \dots \dots \dots$$

$$x' = \frac{c}{2} + \alpha \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \dots \dots \dots$$

$$x'' = \frac{c}{2} + \alpha^2 \sqrt[3]{\frac{r^2c}{4}} + \dots \dots \dots$$

$$x''' = -\frac{c}{2}$$

chamando  $\alpha, \alpha^2$  as duas raizes cubicas imaginarias da unidade

Pondo em (20)

$$z = \alpha \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + u, \text{ vem}$$

$$\left. \begin{aligned} 16 u^4 + 16 c & \left| \begin{aligned} u^3 + 48 \alpha c \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} & u^2 + 48 \alpha^2 c \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{2}{3}} & u - 12 r^2 c \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} \\ 64 \alpha \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} & + 96 \alpha^2 \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{2}{3}} & - 24 \alpha r^2 \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} & - 12 \alpha^2 r^2 \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{2}{3}} \end{aligned} \right| = 0 \dots (24) \\ & - 12 r^2 \end{aligned} \right\}$$

Deduzem-se d'esta equação

$$u + c = 0; u^2 + 3 \alpha \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} u + 3 \alpha^2 \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{2}{3}} = 0; \alpha \left( \frac{r^2 c}{4} \right)^{\frac{1}{3}} u - \frac{r^2}{4} = 0 \dots (25)$$

A 3.ª, unica que serve, dá

$$u = \alpha^2 \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$$

Identicamente para a 3.ª raiz

$$u = \alpha \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$$

E para a primeira

$$u = \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}}$$

Logo

$$\left. \begin{aligned} x &= \frac{c}{2} + \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \dots \\ x' &= \frac{c}{2} + \alpha \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \alpha^2 \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \dots \\ x'' &= \frac{c}{2} + \alpha^2 \sqrt[3]{\frac{r^2 c}{4}} + \alpha \sqrt[3]{\frac{r^4}{16 c}} + \dots \\ x''' &= -\frac{c}{2} \end{aligned} \right\} \dots (D)$$

Os valores (C) e (D) podiam obter-se mais facilmente, se depois de achada a raiz commensuravel  $x''' = -\frac{c}{2}$ , tivessemos dividido (1) pelo factor que lhe corresponde, e applicassemos ao quociente a regra de *Newton*. Podiamos tambem evitar a eliminação na successiva formação das transformadas: porquanto consistindo o methodo em substituir em (1) o 1.º valor de  $x$ , obter uma transformada em  $z$ , depois 'nesta substituir por  $z$  o seu valor em  $u$  etc., é claro que estas substituições successivas equivalem á substituição na primitiva d'um valor de  $x$  composto da somma dos seus valores parciaes; e por isso tendo achado pela eliminação a transformada em  $z$ , basta mudar 'nesta equação (9)  $r$  em  $r + \frac{4 c}{3 \sqrt[3]{3}}$  para obter immediatamente a equação em  $u$  (16), etc., etc.

Notemos de passagem que é inexacto o que diz Garnier a pag. 353 da *Analyse algebrica*, 2.ª edição de Pariz. — « Advertiremos que as equações, que dão os valores de  $z$ ,  $u$ , etc. devem sempre ser do 1.º gráu; porque d'outra maneira dariam para a proposta mais raizes do que esta pôde ter » — Evidentemente assim é *em geral*; mas quando a equação, cujas raizes se pretendem desenvolver em serie, não tiver raizes eguaes, e os 1.ºs termos das series d'algumas ou todas de suas raizes forem eguaes, é absolutamente necessario que o valor de  $z$  seja dado por equações de gráu superior ao 1.º, alias confundir-se-hiam 'neste caso todas essas raizes. A 2.ª das equações (21) que aproveitámos, no exemplo que temos tractado, nos offerece a confirmação do equivoco de Garnier.

Mas deixemos esta doutrina, em que tocámos por incidente, e de que talvez um dia nos occupemos mais de espaço, e continuemos no objecto d'este artigo. O nosso fim, com o desenvolvimento das raizes da 1.<sup>a</sup> de (1) em serie, foi mostrar um dos meios, de que a analyse dispõe, para pôr em evidencia qualquer factor commensuravel do 1.<sup>o</sup> gráu nas equações litteraes. Por um processo analogo poderíamos achar o factor  $y - \frac{1}{2}s$  da 2.<sup>a</sup> de (1).

Os factores  $\gamma + c$ ,  $\varsigma - s$ , dão  $\gamma = -c$ ,  $\varsigma = s$ ; pelo que se vê que esta solução é estranha ao problema, visto que  $s$  e  $c$  representam respectivamente o seno e coseno do arco que se pretendia dividir em tres partes eguaes. Esta solução proveiu das equações (a) e (b) que se formaram 'num estado de generalidade maior do que o exigido para a resolução do problema: e com effeito a equação (a), que é a do circulo dado, satisfazem quaesquer coordenadas dos pontos d'este, e por isso tambem  $s$ , e  $-c$ ; e a equação (b), onde está impressa a condição do problema pelo valor de  $A_1 Q = MH$ , fica egualmente satisfeita pelas mesmas quantidades: por quanto, ou quando é  $AM$  o terço de  $AA_1$ , ou quando é  $A_1 B = A'_1 B$ , temos respectivamente  $A_1 Q = MH$ ,  $A_1 Q_1 = A'_1 Q'_1$ . Por onde se vê que a condição introduzida em (b) é mais geral que a requerida, e por isso apparece a solução correspondente ao ponto  $A'_1$ . Neste caso  $A_1 Q$  e  $QP$  mudam-se em  $A_1 Q_1$  e  $-Q_1 P$ , a primeira das quaes é o dobro de  $A_1 P$ , e a segunda deduzida dos triangulos semelhantes, que são agora  $CPQ_1$ ,  $CP'A'_1$  é  $-\frac{cs}{c} = -s$ . A equação (b) e a figura mostram além disto, que as coordenadas do arco dado, em nenhuma outra posição differente da marcada por  $DA'_1$ , podem satisfazer aquella equação substituidas por  $\varsigma$  e  $\gamma$ .

Continúa.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

## REFUTAÇÃO DE UMA PROPOSIÇÃO DE DU-BOURQUET

SOBRE O

### CALCULO INTEGRAL.

É bem conhecido o principio de calculo integral, que ensina, que toda a equação differencial da ordem  $n$  tem  $n$  integraes da ordem  $n-1$ , nem mais nem menos. A demonstração d'este principio, a mais simples e luminosa, é sem dúbida a que deu Laplace no principio do cap. 5.<sup>o</sup>, do liv. 2.<sup>o</sup> da Mechanica celeste, cujo desenvolvimento é o seguinte:

Seja  $\frac{d^2 y}{dx^2} + P = 0$  uma equação differencial da ordem  $n$  entre  $x$  e  $y$ ; sendo  $P$  função de

$x, y, \frac{dy}{dx}, \frac{d^2 y}{dx^2}, \dots, \frac{d^{n-1} y}{dx^{n-1}}$ . Supponhamos que por um meio qualquer podemos integrar uma

vez esta equação; obteremos um integral da ordem  $n-1$  com uma arbitraria; integrando de novo, obteremos um integral da ordem  $n-2$  com duas arbitrarías; e assim por diante até chegar ao integral finito, que se obterá com  $n$  arbitrarías. Ora todos estes integraes, desde o finito até ao da ordem  $n-1$ , formam um systema de  $n$  equações com  $n$  arbitrarías, que chamaremos  $a^{(0)}$ ,  $a^{(1)}$ ,  $a^{(2)}$ , etc. as quaes darão pela eliminação os  $n$  valores

$a^{(0)} = \varphi^{(0)}$ ,  $a^{(1)} = \varphi^{(1)}$ ,  $a^{(2)} = \varphi^{(2)}$ , etc. . . . . . (a),

sendo  $\varphi^{(0)}$ ,  $\varphi^{(1)}$ ,  $\varphi^{(2)}$ , etc. funções de  $x, y, \frac{dy}{dx}, \frac{d^2 y}{dx^2}, \dots, \frac{d^{n-1} y}{dx^{n-1}}$ ; e estas equações são os  $n$

integraes da ordem  $n-1$  da proposta.

Mostremos agora que as equações (a) são todas distinctas, e que não póde haver outra equação da ordem  $n-1$  da mesma forma, e distincta d'ellas, que satisfaça tambem á proposta; o que equivale a mostrar que o integral finito da proposta tem  $n$  arbitrarías distinctas, e não póde ter mais.

Se por meio das  $n$  equações (a) eliminarmos os  $n-1$  coefficients differenciaes, obteremos o integral finito da proposta com  $n$  arbitrarías; se porém aquellas equações não forem todas

distinctas, não será possível a eliminação, nem se obterá o integral finito, contra a hypothese; pois que as equações (a) resultaram do integral finito, e das suas differencias até a ordem  $n-1$ ; donde concluiremos que as equações (a), e as arbitrarías  $a^{(0)}$ ,  $a^{(1)}$ , etc., são todas distinctas.

Suppondo porém que o numero das equações (a) é  $n+1$ ; como  $n$  d'estas equações bastam para dar pela eliminação o integral finito, seguir-se-ia que poderíamos obter  $n$  integraes finitos completos, e distinctos, isto é,  $n$  valores distinctos de  $y$  em função de  $x$ , e de  $n$  arbitrarías, que todos satisfariam á proposta, o que é absurdo: assim as equações (a) são  $n$  distinctas, nem mais nem menos.

Porem Du-Bourguet no tom. 2.º n.º 454 do seu calculo differencial e integral, edição de Paris de 1811 diz o seguinte:

*Nous remarquerons ici, que c'est à tort que plusieurs auteurs ont insinué dans leurs ouvrages, que les équations différentielles de l'ordre  $n$  n'ont que  $n$  premières intégrales; car, indépendamment de ces  $n$  premières intégrales qu'on peut toujours obtenir par l'élimination des constantes, comme nous l'avons fait précédemment, on peut encore très souvent intégrer l'équation différentielle de l'ordre  $n$  proposée de plusieurs manières différentes, ce qui donne autant de premières intégrales, ou équations différentielles de l'ordre  $n-1$ , qui diffèrent essentiellement entre elles, et de celles trouvées par le calcul indiqué dans l'article 452.* — E para provar a sua proposição

$$\text{toma a equação differencial } (1-x) \frac{d^2y}{dx^2} - 3 \frac{dy}{dx} = 0 \dots\dots\dots (1),$$

cujos 3 integraes da 2.ª ordem, achados pelo methodo acima exposto, são

$$c = (x-1) \frac{d^2y}{dx^2} + 2 \frac{dy}{dx}; \quad c' = x(1-x) \frac{d^2y}{dx^2} - (1+x) \frac{dy}{dx} + y; \quad c'' = \frac{1}{2} x^2 (x-1) \frac{d^2y}{dx^2} + x \frac{dy}{dx} - y \dots (2);$$

e acha por certos processos de calculo, que emprega, duas novas transformações para a equação (1), e para cada uma obtem um integral da 2.ª ordem, chegando assim aos dois novos

$$\text{integraes } c''' = (1-x)^3 \frac{d^2y}{dx^2}; \quad c'' = -(1-x)^2 \frac{d^2y}{dx^2} + (1-x) \frac{dy}{dx} + y \dots\dots\dots (3):$$

os quaes integrados duas vezes, e eliminadas as arbitrarías, dariam mais outros quatro integraes da 2.ª ordem da proposta, que formam ao todo nove integraes, e que, segundo affirmam, são todos distinctos.

Para provar, *a posteriori*, a falsidade d'esta proposição (que provada está ella, *a priori*, pela demonstração que acima demos) basta mostrar que os dois integraes (3) estão incluidos nos integraes (2), pois que os outros quatro, sendo deduzidos pelo mesmo processo, estarão igualmente incluidos nelles; e é isto o que vamos fazer.

Tomando as equações (2), e sommando a primeira multiplicada por  $-x$ , com a 3.ª mul-

tiplicada por 2; e a mesma 1.ª multiplicada por  $\frac{1+x}{2}$  com a 2.ª, vem as duas

$$x(1-x)^2 \frac{d^2y}{dx^2} - 2y + cx - 2c' = 0; \quad (1-x)^2 \frac{d^2y}{dx^2} - 2y + cx + c + 2c' = 0 \dots\dots\dots (4)$$

e tirando a 1.ª da 2.ª, vem  $-c - 2(c' + c'') = (1-x)^3 \frac{d^2y}{dx^2}$ , que se torna na 1.ª equação

(3) pela equação de condição  $c + 2(c' + c'') = -c'''$ .

Multiplicando agora a 1.ª equação (2) por  $(x-1)$ , e sommando-a com a 2.ª equação (4),

vem  $c + c' = -(1-x)^2 \frac{d^2y}{dx^2} + \frac{dy}{dx} (1-x) + y$ , que se torna na 2.ª equação (3) pela equa-

ção de condição  $c + c' = c''$ .



### RELATORIO

#### Dos estudos do Lyceu nacional de Braga em 1855—1856.

Senhor! O conselho do lyceu nacional da cidade de Braga vai cumprir o dever, que lhe impõe o artigo sessenta e quatro §. 5.º do decreto de 17 de novembro de 1836, elevando á augusta presença da Vossa Magestade o relatório do estado dos estudos no mesmo lyceu, relativo ao anno findo. As cadeiras, que formam o curso legal d'este lyceu, e as respectivas substituições, nos termos dos artigos 47, 48 e 58 do decreto de 20 de setembro de 1844, acham-se providas, á excepção da cadeira d'economia industrial e escripturação. Todas as aulas existentes foram frequentadas por maior ou menor numero d'alumnos, como mostra o mappa juncto, que faz parte d'este relatório. A diminuta frequencia na aula de grammatica portugueza e latina, em relação aos alumnos, que 'nesta cidade frequentam a mesma disciplina, é devida principalmente á falta d'habilitação, em que se acham, quando saem das escholas d'instrução primaria, pois que, se não todos, a maxima parte não se acham em circumstancias de poderem fazer o exame ordenado pelo artigo 68, §. unico do citado decreto de 20 de setembro de 1844, porisso recorrem antes ás aulas particulares, onde são recebidos independentemente de qualquer habilitação. A pequena frequencia 'naquella concorre para que a de latinidade seja tambem pouco frequentada; pois se limita a sua frequencia aos alumnos, que estudaram 'naquella a grammatica portugueza e latina, a alguns, que foram reprovados, quando tentaram o seu exame, e a outros que, tendo estudado em diferentes aulas, se não consideram em estado de o poderem fazer. A irregularidade, com que os estudantes se matriculam 'nesta ultima aula, com a unica habilitação do exame d'instrução primaria, e sem terem por meio do competente exame dado uma prova de sufficiencia em grammatica portugueza e latina, faz com que d'ella se não possam obter todas as vantagens, que se deviam esperar; pois que, exceptuando os que aprenderam a grammatica na aula respectiva d'este lyceu, todos os outros, ou, pelo menos, a ma-

xima parte d'elles ignoram os seus mais rudimentares principios; donde resulta que, por maiores esforços que empregue o respectivo professor, nunca chegam a adquirir o conhecimento da lingua latina. O unico remedio, que este conselho poderia adoptar para obstar a este inconveniente, seria talvez prohibir a matricula 'nesta aula, sem prévio exame das disciplinas da 1.ª cadeira; porém, tem-se abtido de empregar este meio, por considerar, que elle fecharia as portas d'aquella aula; pois se os estudantes fossem obrigados ao dicto exame, recorreriam todos ás aulas particulares, sempre promptas a recebel-os sem habilitação alguma; ou se contentariam com a certidão d'esse exame para conseguirem os seus fins, o que lhes não seria difficil, por não ser ainda de todos bem conhecida a differença, que se dá entre aquellas duas disciplinas. A frequencia na aula de philosophia racional e moral, e principios de direito natural, foi inferior á dos annos antecedentes, e muito limitada tambem, se for comparada com o numero de mancebos, que 'nesta cidade estudam aquella disciplina, o que parece ser principalmente devido a não se acharem a maior parte dos estudantes habilitados com o exame preparatorio de latinidade, nos termos da portaria de 10 de julho de 1855, expedida a este lyceu pelo conselho superior d'instrução pública. Não é só a falta de habilitação, com que nas aulas particulares se admittem quaesquer estudantes, que alli convida maior numero d'alumnos, do que ás respectivas aulas d'este lyceu: é igualmente a irregularidade com que se procede 'naquellas aulas, já não apontando faltas aos estudantes, já alargando os prazos das serias, já finalmente empregando outros meios de seducção, que este conselho se abstem de referir, o que sendo em gravissimo damno da instrução reverte unicamente em beneficio dos especuladores, mais sollicitos em promoverem os seus interesses, que escrupulosos na escolha dos meios. A aula d'oratoria, poetica e litteratura classica tem sido mui pouco frequentada, depois que se começaram a expedir os avisos regios para a ordenação do clero sem certidão do exame d'esta disciplina. O abandono, em que se acha hoje a referida disciplina, seria tambem a sorte da grammatica latina e lati-

nidade, e da philosophia, se por ventura fossem tambem dispensadas, na expedição d'aquelles regios avisos, as respectivas certidões, ou substituidas, como d'antes, por attestados graciosos, muito mais facéis d'obter, que aquellas certidões. As restantes aulas d'este lyceu continuam a ser pouco frequentadas, o que hade acontecer sempre que não seja ligado interesse às disciplinas, que 'nellas se ensinam, ou seja tornando-as habilitação necessaria para certos empregos, e modos de vida, ou dando preferencia aquellas que, por meio do competente exame, se mostrarem 'nellas instruidos, dando-se assim execução às sabias providencias, que se acham consignadas nos artigos 72, 73, 74 e 75, e no artigo 97 §. unico do citado decreto de 20 de setembro de 1844.

O numero dos exames de latinitade foi superior ao dos annos antecedentes; porém, o dos exames de philosophia foi inferior, o que da mesma sorte deve attribuir-se á circumstancia de não serem hoje admittidos a este ultimo exame os que não tenham sido previamente approvados em latinitade, nos termos da lembrada portaria de 10 de julho. Tal é, Senhor, o estado dos estudos 'neste lyceu. A regularidade com que 'nelle se procede é causa de afugentar a frequencia de suas aulas. Alem d'isto, o maior numero, por não dizer a quasi totalidade dos estudantes, que 'nesta cidade cursam as aulas d'instrução secundaria, destinam-se ao estado ecclesiastico; pelo que sómente estudam o latim e philosophia, e se estudam estas mesmas disciplinas, é por que a isso são obrigados pelas sabias disposições da portaria do ministerio dos negocios ecclesiasticos de 25 de setembro de 1850. São, pela maior parte, filhos d'homens rusticos, que os mandam para esta cidade entregues a si mesmos, e sem as necessarias habilitações: por isso procuram aquellas aulas, onde conhecem que a irregularidade e a indulgencia favorecem mais a distração e o ocio, e onde são recebidos sem aquellas habilitações. É por essa razão, que a cada passo se vêm frequentar mais os passeios, as casas de jogo e de prostituição, os hotequins e os hilihares, do que os estudos. É por essa mesma razão, que mui poucos merecem ser approvados plenamente, outros são reprovados primeira, segunda, terceira e quarta vez, e muitos outros nem sequer se sujeitam aos exames, recorrendo antes às certidões falsas dos mesmos exames, para com ellas obterem os regios avisos e a admissão ao estado ecclesiastico; outro genero d'especulação, que a impunidade tem tornado vulgarissimo, e até quasi indifferente 'nesta cidade, em despeito dos reiterados clamores, que se têm levantado contra similhante desordem. Este estado, Senhor, carece de prompto remedio; e o mais efficaz seria, segundo a opinião d'este conselho, que

baixem às auctoridades competentes as necessarias ordens, não só para que se observe a mais escrupulosa regularidade em quanto às habilitações litterarias e moraes do clero, mas para que se estabeleçam e façam executar pontualmente regulamentos espeziaes, tendentes a reprimir a distração e desenvoltura dos estudantes, não podendo duvidar-se que os mancebos, com especialidade os que se dedicam ao estado ecclesiastico, educados assim na indolencia e na devassidão, destituídos ao mesmo tempo das habilitações indispensaveis para o alto ministerio de que vão ser encarregados, de illustrar e moralisar os povos pela doutrina e pelo exemplo, bem longe de desempenham dignamente tão sagrada missão, antes se constituirão em verdadeiro flagello no meio da sociedade, do que a experiencia vae já offerecendo lamentaveis exemplos. Em quanto ao collegio d'educação, tendo o subdirector sido provido em um logar de escriptão e tabellião na Villa de Barcellos, para onde mudou a sua residencia no principio d'abril, e tendo-se retirado quasi todos os alumnos depois que souberam d'aquella nomeação, ficou por algum tempo interrompida a sua administração. O conselho nomeou para aquelle emprego, em sessão de 18 de junho findo, o professor substituto da 3.ª e 6.ª cadeiras d'este lyceu, e tem as mais bem fundadas esperanças, de que elle hade cumprir pontualmente a ponderosa missão de que se acha encarregado, e que a educação e instrução da mocidade muito ha de lucrar d'ora avante, pela fiel observancia dos regulamentos approvados para a boa administração economica, litteraria e disciplinar d'este util estabelecimento. Como os estudos preparatorios de physica e chimica, e introdução á historia natural dos trez reinos fazem hoje parte integrante da habilitação legal para as matriculas na Universidade, espera este conselho, que Vossa Magestade será servido tomar em consideração a conveniencia de se accrescentar ao quadro d'este lyceu a cadeira d'aquellas disciplinas, já estabelecida em outros lyceus: e por esta occasião renova tambem respeitosamente os seus votos para que seja dotado este mesmo estabelecimento com uma cadeira de desenho, e outra de instrução agronomica, ambas importantissimas para esta populosa provincia, essencialmente agricola e industrial. Emquanto ao material do edificio e aulas, carece elle de reparações, que se vão tornando cada dia mais urgentes, para as quaes este conselho se não acha habilitado com meios alguns, não tendo até hoje sido tomada em consideração a parte do orçamento destinada áquellas despesas, enviada ao governo no anno de 1853, e dependente do ministerio das obras publicas, nem se tendo recebido ha trez annos senão a verba ordenada pelo ministerio do reino em cada anno para as despesas do expediente.

Supplica, pois, de novo este conselho a Vossa Magestade se digne interpor a sua real solicitude, para que attenda quanto antes a este objecto de urgente necessidade. Espera finalmente o conselho, que Vossa Magestade será servido pesar em sua alta sabedoria a necessidade não menos urgente, e já tantas vezes lembrada, de baixarem aos lyceus os competentes regulamentos, que ha tantos annos se fazem desejar, e que muito devem concorrer para a mais conveniente interpretação e execução das leis respectivas a estes estabelecimentos, para a melhor regularidade e uniformidade do serviço em todos elles, e bem assim para a mais prompta e acertada resolução dos casos duvidosos, que não poucas vezes se offerecem á deliberação, segundo a

experiencia tem mostrado. Deus guarde a Vossa Magestade. Braga, e sala das sessões do conselho do lyceu nacional, em sessão de 31 de julho de 1856. Antonio Maria Pinheiro, commissario reitor. Antonio Manuel Alvares. — Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo. — José Valerio Capella. — João Pereira Pinto de Magalhães. — José Joaquim da Silva Pereira Caldas. — João Maria d'Araujo Corrêa. — José Candido de Sá Pereira. — Manuel da Conceição e Barros. — Julio Celestino da Silva. — Antonio Teixeira Leite. — Francisco de Faria Pereira da Cruz.

Está conforme. — Braga, e secretaria do lyceu nacional, 12 de março de 1857. — O secretario, *Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo*.

**Mappa geral demonstrativo do movimento do Lyceu nacional de Braga no anno lectivo de 1855 a 1856.**

DISCIPLINAS	MATRICULADOS *	PERDERAM O ANNO	FIZERAM EXAME			APPROVADOS			REPROVADOS		
			Alunos	Estranhos	Total	Nem. Discr.	Simplific.	Total	Alunos	Estranhos	Total
Instrução Primária ....	"	"	"	189	189	90	65	155	"	34	34
Grammatica Portugueza e Latina .....	4	2	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Latimidade .....	38	16	15	172	187	58	73	131	"	56	56
Arithmetica e Geometria .....	11	8	2	"	2	2	"	2	"	"	"
Philosophia Rac. e Moral .....	30	8	19	63	82	37	32	69	1	12	13
Oratoria, Poetica e Literatura Classica .....	4	3	1	"	1	1	"	1	"	"	"
Historia, Geographia e Chronologia .....	9	7	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Lingua Franceza .....	15	12	1	4	5	3	1	4	"	1	1
Lingua Inglesza .....	6	6	"	"	"	"	"	"	"	"	"
Lingua Grega .....	3	1	1	"	1	1	"	1	"	"	"
Totales....	120	63	39	428	467	192	171	363	1	103	104

\* A somma total dos individuos matriculados foi apenas 98, procedendo a differença de se haverem alguns d'elles matriculados em diversas disciplinas. A dos estranhos examinados no lyceu foi 242 Total individual 340.

Braga e secretaria do mesmo Lyceu, 14 de março de 1857. — O secretario, *Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo*.

## A REFORMA DO ENSINO PÚBLICO EM PORTUGAL.

### II.

O simultaneo estabelecimento de universidades e escholas especiaes, não é um facto novo, nem incompativel na organização litteraria dos mais cultos paizes da Europa.

A sciencia professa-se larga e profundamente nas faculdades sem exclusão das suas applicações. Estas occupam o principal logar nas escholas especiaes, e constituem o ensino complementar das protissões technicas.

A *faculdade* e a *eschola*, segundo os seus especiaes fins, seguem parallelamente os progressos das sciencias nas suas variadas phases; o aperfeiçoamento das bellas artes; a cultura

das letras, o desenvolvimento das mais vastas applicações industriaes, sem que uma procure occupar o logar da outra, nem ultrapassar os limites, que o bem do ensino, o interesse da instrução, e a boa organização dos estudos lhes assignaram.

Aqui não ha privilegios, nem exempções, que os não reconhecemos no estado das sciencias: mas ha condições, que são rigorosamente necessarias para o maior e melhor aproveitamento do ensino; que nascem da diversidade dos fins, a que a sciencia tende; dos muitos e variados objectos, que ella abrange; e tambem das diversas e variadas necessidades da organização social, e da situação moral e politica dos diferentes povos.

A *universidade*, como centro e foco de toda a instrução superior, é uma instituição tão necessaria e tão util, como a *eschola*, que habilita para as profissões technicas.

A sciencia sem as applicações seria tão esteril, como a arte, privada da luz da sciencia, ficaria eternamente estacionaria. Centralisar as sciencias para lhes dar a força e unidade, que nasce do concurso das maiores intelligencias; da reunião de todos os elementos do saber humano; do mutuo auxilio, e dos communs esforços das gerações literarias que no volver dos tempos se vão succedendo umas ás outras, era uma condição indispensavel para assegurar o progresso das letras; para dilatar o campo das observações; para alimentar o genio vivificador da sciencia, e perpetuar as tradições do ensino nacional 'nesses grandes focos do saber e da illustração universal.

O estabelecimento das universidades na meia edade symbolisava, apezar da rudeza dos tempos, esse grandioso pensamento, a cuja realisação as primeiras nações da Europa culta deveram em grande parte os seus mais assignalados progressos na carreira das sciencias e das letras; a cultura do espirito, e o germen fecundo de todas as reformas e melhoramentos da moderna civilisação.

A sciencia pura e especulativa, que viera acolher-se nas universidades, pôde, pelo vigoroso impulso que d'estas instituições recebera, libertar-se do jugo da escolastica, e traduzir-se 'nessas numerosas e importantissimas applicações, que constituem hoje a mais bella e gloriosa pagina na historia dos progressos do espirito humano.

Tal foi o resultado das profundas e laboriosas investigações, dos assíduos trabalhos, e dos communs esforços em prol da sciencia no seio das universidades.

A escola veio mais tarde occupar uma parte importante nos trabalhos practicos; nas applicações industriaes, nas artes technicas, que pelo seu extraordinario desenvolvimento não podiam já professar-se com toda a extensão 'num só instituto a par das altas theorias de sciencia, e das suas mais transcendentales applicações.

Eram as necessidades da vida social; o adiantamento da sciencia; o interesse dos estudos, que tornavam inevitavel esta reforma.

A escola não nasceu por tanto como uma rival das faculdades para lhe disputar fóros, e prerogativas, de que não carecia para satisfazer a sua missão; nem para inverter a ordem dos estudos, e estabelecer uma luta interminavel e pueril entre ella e as universidades, procurando não só tornar-se completamente independente; mas até substituil-as, arrogando-se para isso o exclusivo do ensino superior das sciencias naturaes e politicas em todos os seus ramos.

D'esta inconsiderada pretensão, banida em todos os outros paizes, estamos dando ainda o triste exemplo, com gravissimo prejuizo do ensino, em todas as questões, que entre nós

se têm suscitado, sobre a reforma dos estudos superiores!

E a propria Academia R. das Sciencias no projecto, que adoptou para base da discussão sobre a reforma do ensino publico, não hesitou em consignar essa pretensão das escolas em termos, que não deixam a menor duvida sobre os fins d'essa pretendida reforma «que o corpo legislativo só terá a gloria de chancellar, e o poder executivo a honra de promulgar. (!!!)»

O projecto da Academia não reconhece, nem menciona dos actuaes estabelecimentos de instrução superior, além das escolas do Exercito, e Naval, senão a *escola polytechnica*—unica, cuja organisação designa, e cujas attribuições estabelece:

«A escola superior preparatoria para as profissões scientificas do estado (officiaes das armas scientificas, engenheiros de todas as especialidades etc.) chama-se *escola polytechnica*—e consta de trez secções.»

Como *faculdades* mencionam-se unicamente —a das *letras e philosophia*, e a de *sciencias*; mas a *escola polytechnica*, segundo o projecto, se não comprehende esta ultima, como parece, fica não só equal mas até superior a ella:

«Na faculdade de sciencias ensina-se:

«Na 1.<sup>a</sup> secção — As *mathematicas transcendentales*.

«Na 2.<sup>a</sup> secção — A *physica*, a *chimica* e a *historia natural*.

«A *Escola Polytechnica* consta de trez secções:

1.<sup>a</sup> *Sciencias mathematicas transcendentales*.

2.<sup>a</sup> *Sciencias physicas e naturaes*.

3.<sup>a</sup> *Sciencias administrativas e economicas*.»

«A faculdade de sciencias, diz tambem o projecto, é preparatoria para a medicina.»

Mas, sendo os cursos da *polytechnica* os mesmos, que os d'aquella, se não a propria faculdade; é evidente que a *polytechnica*, além de ser preparatoria para as profissões scientificas do estado, é igualmente preparatoria para a medicina, de que havendo, segundo o projecto, uma só escola e não faculdade, não pôde essa ser outra senão a *escola Medico-Cirurgica de Lisboa*.

A creação portanto da faculdade de sciencias na capital, é a consequencia d'este projecto: mas se as disciplinas que hão de constituir o curso d'esta faculdade são as mesmas que as da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> secção da *escola polytechnica*, parece, que um d'estes estabelecimentos se ha de fundir no outro; e se nos disserem, que, embora as disciplinas sejam communs, diverso e mui diverso é o methodo e o fim do ensino na escola, e na faculdade; então perguntaremos a razão por que o curso da faculdade de sciencias não é, como em França, habilitação necessaria para a admissao na *escola polytechnica*?

Nem por outro lado pôde ficar duvida, de que a *escola polytechnica* é considerada como

preparatoria para a de medicina, porque o projecto diz :

« A escola polytechnica é preparatoria para as *profissões technicas* do serviço público. »

E o mesmo projecto estabelece como escolas especiaes « *das profissões propriamente technicas* — as dos engenheiros, officiaes das armas facultativas, e medicos. »

Eis-aqui como a escola polytechnica absorve completamente as faculdades de mathematica e philosophia ; e concentra em si o monopolio de todo o ensino superior das sciencias naturaes physico-mathematicas.

Mas não se limitam a isto só as pretenções da futura reforma para engrandecer aquella escola e torna-la o nucleo da « universidade central. »

Ha na polytechnica uma secção (a 3.ª) de — sciencias economicas e administrativas — que certo não figuram 'neste quadro, senão para constituirem o — curso administrativo — que é habilitação necessaria para os logares de administração.

Ao passo, porém, que todas as disposições d'aquelle projecto tendem ao engrandecimento d'esta escola, e que a supressão das trez faculdades de sciencias medicas, mathematicas e philosophicas na Universidade de Coimbra fica subentendida no plano d'esta reforma, não se propõe uma unica das providencias, sem as quaes aquella escola só terá de *polytechnica* o nome.

O concurso para a admissão 'nella — o gráu de bacharel em — sciencias, como preparatorio indispensavel para essa admissão — o internado e outras muitas condições, que se exigem em França, todas são cuidadosamente omittidas 'neste projecto, o que mais claramente ainda indica, quaes são as verdadeiras aspirações d'esta tão inculcada reforma.

Não são porém estes os unicos inconvenientes, que nos parecem dignos de reparo no projecto da illustre commissão da academia.

J. M. DE ABREU.

## O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

O atrevido ladrão que, por ventura, em sombria noite, penetrasse no gabinete do Lord Chancellor, e, aproveitando a ausencia d'este alto funcionario, se pozesse a remechar nos montes de papeis que de certo cobrem a sua meza, acharia provavelmente um cofrezinho de oito pollegadas cubicas, coberto de couro, e adornado com as armas reaes sumptuosamente douradas, cuja solida fechadura de Braham lhe indicaria que o seu conteúdo não era de pequeno valor. Se, proseguindo suas investigações, arrombasse o mysterioso cofre, acharia dentro dois discos de prata, applicados um contra o outro e semelhantes, perdões o leitor a trivialidade da comparação, a

duas tampas de cassarola de folha de Flandres; separando-os um do outro, encontraria gravado na superficie interna de um a effigie de S. M. a Rainha Victoria, sentada no throno e rodeada das virtudes cardeaes; e na do outro S. M. montada em um cavallo ricamente ajazeado e acompanhada de um pagem. Estes dois discos de prata devem ser considerados pelo chancellor como o seu mais precioso thesouro; a simples posse d'elles, ainda desacompanhada de qualquer alvará, titulo ou documento, constitue-o a segunda persoa do reino, juiz supremo do tribunal da chancellaria, presidente da camara dos lords, com o ordenado annual de 14.000 lib. st. e um immenso patronato ecclesiastico e civil; além d'isto entregando-lhos, o soberano dá-lhe o mais distincto signal de confiança que pôde outorgar, porque põe a sua mercê quasi todos os poderes inherentes ao throno. Estes dois discos de prata são os cunhos que se imprimem nas duas faces do pedaço de cera, que fôrma o sello, vulgarmente chamado « sello grande de Inglaterra, » e que é o appenso indispensavel de certos actos do soberano. A imposição d'este sello ainda mesmo quando determinada por auctoridade illegal, torna valioso e irrevogavel, até sem o consentimento dos trez-estados do reino, qualquer documento que possa emanar do soberano; portanto a pessoa que o possuir, poderia, se quizesse trair o seu mandato, perdoar ao maior criminoso, conferir a quem lhe parecesse o mais alto gráu de nobreza, conceder cartas de foraes a todas as cidades e municipios; poderia 'numa palavra, exercer a maior parte das prerogativas pertencentes ao soberano. Por isso, com razão se chama ao chancellor « guarda da consciencia real. »

Quando se considera a alta importancia que tem este emblema da realeza, custa a crer que o soberano o tenha deixado sair da sua mão. Com tudo já em bem remotos tempos se encontra um « Lord Guarda do sello. » Antes de Duarte o Confessor, ainda os diplomatas eram sancionados por meio de uma cruz de tinta de ouro; mas desde que se introduziu o uso do sello grande, escolheu-se para guardal-o uma pessoa distincta pela sua sciencia e merecimento; o soberano langava ao pescoço da pessoa escolhida o cordão de que pendia o sello grande, e recommendava-lhe ao mesmo tempo que so o empregasse « para honra de Deus e d'el-rei. »

Os sellos grandes eram em principio muito grosseiros; o mais antigo que se conhece é apenas um pedaço de chumbo prezo par um cordão de seda a uma carta de Duarte o Confessor. O chumbo foi pouco depois substituido pela cera; e Guilherme o conquistador, assim como muitos dos seus successores, empregavam cera verde, para indicar a natureza perpetua do documento. Este uso ainda

subsiste para os sellos das cartas, diplomas de pariato e outros documentos que têm duração illimitada. Stowe affirma que Guilherme I empregava um methodo muito simples para sellar os seus actos; cravava seus reaes dentes no pedaço de cera destinado a receber a impressão do sello.

Antigamente, e mesmo ainda hoje, os guardas do sello real recebiam enormes propinas, cada vez que sellavam qualquer documento. Difficilmente se poderá avaliar as enormes sommas que rendia aquelle emprego. O rei João, carecendo de dinheiro, poz em hasta publica o logar da guarda do sello real, e um certo Walter Gay comprou-o por 5.000 marcos (61.000 lib. st.). Um outro guarda do sello, John Maunsel, usava não nomear para os beneficios ecclesiasticos que iam vagando, de modo que chegou a desfructar em certa epocha setecentos d'estes beneficios. Cento e cincoenta annos depois eram taes os rendimentos do cargo de chancellor, que Beaufort, que então exercia aquelle logar, pôde emprestar a Henrique V tão grossa somma, que este monarcha para garantia do pagamento entregou a sua propria corôa ao chancellor.

As fortunas colossaes que podiam fazer os guardas do sello, e a grande importancia que lhes dava este logar, obrigavam o soberano a entregar o sello somente aquellas pessoas sobre quem podesse inteiramente descançar, o que não deixava d'apresentar muitas vezes difficuldades. Assim Henrique III tendo de sair por algum tempo do seu reino, não encontrou ninguem que na sua opinião fosse digno e capaz de exercer o logar de guarda do sello. Depois de procurar por muito tempo um chancellor, resolveu-se a confiar o sello a sua mulher Leonor, a qual não somente sellou, durante a sua ausencia, todas as cartas e documentos, mas além disso presidiu ella mesmo ao tribunal da chancellaria, ouvindo as partes e publicando sentenças. As suas funcções judiciaes somente foram interrompidas temporariamente por um accidente privativo do seu sexo, o seu parto. Quando restabelecida, reassumiu as suas funcções judiciaes, e conservou o sello grande durante quasi um anno.

Os antigos inglezes tinham pelo sello grande uma especie de veneração supersticiosa; não somente reconheciam o soberano como unica fonte da justica, da clemencia e da honra, mas além disso entendiam que esta justica, esta clemencia e esta honra, não podiam ser dispensadas senão por aquelle intermediario. A este respeito conta-se um facto notavel: quando Henrique VI, da idade de nove mezes, presidiu, levado nos braços de sua ama, ao seu primeiro conselho, collocaram-lhe sobre os joelhos o sello grande, e sobre este as suas mãozinhas, como para lhe

communicar uma virtude real; o chancellor tomando depois entrega do sello, ficou investido, pelo facto d'esta posse, de todos os poderes pertencentes ao soberano.

Estas idéas do XV seculo farão, talvez, sorrir o leitor; porém é preciso não esquecer, que quasi quatrocentos annos depois, quando o estado de demencia de Jorge III lhe não permittiu sancionar o *bill* para a regencia de seu filho, os grandes juriconsultos da epocha, começando pelo illustre Camden, parecem ter seguido idéas quasi similhantes. Declararam que o rei, com quanto não podesse na sua *capacidade natural* obrar como soberano, gozava, com tudo, na sua *capacidade politica* d'uma optima saúde, visto que o rei politico era o sello grande; e por meio d'este rei politico foi que o *bill* recebeu a sanção legal. Esta doutrina de Lord Camden foi admittida e approvada pelos juriconsultos e estadistas que lhe succederam. D'ella resulta que ha hoje em Inglaterra dois soberanos: o soberano *natural* que é a rainha Victoria, e o soberano *politico* que se compõe das duas tampas de cassarola cuja historia estamos referindo.

*Continúa.*

## MONUMENTOS DE COIMBRA<sup>1</sup>.

### III.

#### Templo de Sancta Justa.

Do vetusto mosteiro de clerigos claustraes de Sancta Justa não resta hoje o minimo vestigio<sup>2</sup>.

No seculo dezesete ainda estava em pé o templo, e os claustrros, e na sepultura do fundador, D. Rodrigo, se liam alguns versos latinos<sup>3</sup>.

Ao presente um largo, denominado *adro de Sancta Justa*, proximo das olarias, apenas indica o logar, onde campeára, sobranceiro ao Mondego, o cenobio antigo.

Sumiu-se na voragem, que sorveu os mosteiros de S. Domingos, e S. Francisco, de Sancta Anna, e Sancta Clara.

*Tantum aevi longinqua valet mutare vetustas!*<sup>4</sup>

Havia já muitos annos, que na egreja parochial de Sancta Justa entravam as inundações do rio; redrobraram em 1708, e a 17 de fevereiro d'este anno determinou o bispo conde D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, que para a egreja de Santiago se trasladasse a imagem do Sancto Christo, celebrando ahi,

<sup>1</sup> Vide *O Instituto* — vol. 5.<sup>o</sup>

<sup>2</sup> Monges da caridade chama Jorge Cardoso a estes clerigos no *Agiologio Lusitano* — tom. 1.º pag. 6; «O mosteiro de S. Cruz teve sempre muitas demandas c'os monges da caridade, que moravam em S.<sup>ta</sup> Justa de Coimbra.»

<sup>3</sup> Gasco — *Antig. de Coimbra* — cap. IV, — pag. 24.

<sup>4</sup> Virg. — *Aen. liv. III*, — v. 415.

simultaneamente, os officios divinos as duas collegiadas.

A 24 de agosto de 1710 o mesmo bispo, assistido do seu cabido, benzeu, e lançou, na extremidade do norte da rua da Sophia, a primeira pedra do novo templo, que é de uma só nave, e de simples, mas elegante fábrika.

Era unicamente d'este templo, que saía, todos os annos, a procissão do Anjo Custodio, instituida por El-Rei D. Manuel<sup>1</sup>.

Hoje acha-se deserto, e abandonado, pela extinção da parochia respectiva; e, fallecendo os meios de conservação, em breve cairá em ruínas.

Apressamo-nos, por isso, a recolher as memorias, que ainda nos transmittem as duas lapides, encravadas nas paredes externas do templo, juncto do seu portal.

*Pelos annos do Senhor de 1100 se fundou a egreja antiga, e havendo já muitos, que as inundações do rio entravam nella, sendo estas continuas com terriveis tempestades no inverno de 1708, aos 17 de fevreiro do mesmo anno, por ordem do Ill.<sup>mo</sup> sr. D. Antonio de Vasconcellos e Sousa, bispo conde, se fez procissão de preces com a imagem do Sancto Christo, a qual se recolheu á igreja de Santiago, e 'nella se collocou a sobredicta imagem na tribuna do altar maior, e os padres d'esta egreja ficaram celebrando os officios divinos com os beneficiados da mesma.*

*Aos 24 de agosto de 1710 veiu a este sitio o Ill.<sup>mo</sup> sr. bispo conde Antonio de Vasconcellos e Sousa, e 'nelle com toda a solemnidade, e assistencia dos reverendos capitulares necessarios, e concurso do povo benzeu a primeira pedra, a qual se lançou ao canto d'esta parte, e fez as mais ceremonias da egreja.*

R. DE GUSMÃO.

## OS LUSIADAS.

Tradução franceza.

### LES LUSIADES.

Continuado de pag. 56 do IV vol.

61.

Quels murs résisteront à ce jeune héros  
Si Lisbonne n'a point arrêté sa vaillance?  
Il vole à des combats, à des succès nouveaux;  
La victoire le suit, la terreur le devance.  
Bientôt Torres-Vedras et l'antique Obidos  
Toute l'Estremadura a subi sa puissance:  
Il soumet Alemquer où la voix des échos  
Répète le murmure et la chute des eaux.

<sup>1</sup> Ouve dispensação do papa, pera se em seus regnos celebrar a festa do Anjo Custodio no terceiro domingo de julho, e no mesmo dia ordenou que se fizesse uma procissão tão solemne como a de Corpo de Deos, o que tudo em quanto viveu se compriu muy perfeitamente.

Damião de Goes. — Chronica d'El-Rei D. Manuel — quarta parte — cap. LXXXVI.

62.

Attaquant l'ennemi dans son plus sûr asyle,  
Jusqu'au delà du Tage il poursuit ses succès.  
On le voit envahir cette terre fertile  
Qui s'enrichit des dons de la blonde Cérés.  
Fuyant cette demeure autrefois si tranquille  
Le Maure voit brûler, dévaster ses guérets;  
Elvas, Moura, Serpa cèdent à sa vaillance  
Et la riche Alcacer reconnoît sa puissance.

63.

Et ces arcs fastueux par le luxe embellis,  
Orgueilleux monuments de l'antique industrie,  
Cette noble cité qui de Rome jadis  
Osa se déclarer l'émule et l'ennemie,  
Lorsque Sertorius entouré de proscrits,  
Transportait Rome au sein de la Lusitanie,  
La superbe Evora décerne à son vainqueur  
Un surnom qui devient le prix de sa valeur.

64 et 65.

Les maures possédés d'une aveugle démenée  
Ont détruit Trancoso par la flamme et le fer;  
Bientôt Béja saccagée atteste la vengeance  
D'un peuple généreux, mais juste autant que fier.  
Vainement Palmella veut tenter la défense;  
Cezimbra, qui reçoit les tributs de la mer,  
Cède encore au héros, et bientôt la victoire  
Le couronne en ces lieux d'une nouvelle gloire.

66.

Le roi de Badajoz superbe et généreux  
S'avancait entouré d'une nombreuse escorte;  
Il venait secourir les maures malheureux  
Et réunir aux leurs sa brillante cohorte;  
Mais de même qu'on voit le taureau furieux  
Dans la saison ardente où l'amour le transporte  
Veiller sur sa conquête, et fier et mugissant  
Fondre comme l'éclair sur le pâtre imprudent:

67.

Ainsi le Portugais se livre à sa furie,  
Et se précipitant sur le Maure étonné,  
Il disperse à l'instant cette troupe ennemie;  
Il foule sous ses pieds l'Africain consterné.  
Bientôt leur seul désir est celui de la vie;  
Le soldat par son chef se voit abandonné;  
Il fuit en annonçant à l'Afrique alarmée  
Que soixante guerriers ont détruit une armée.

68.

Alphonse à ce combat sanglant et glorieux  
Fait succéder encore de nouvelles conquêtes;  
Sa voix a réuni ses guerriers valeureux,  
Et de nouveaux lauriers couronnent bientôt leurs têtes.  
Les sarrasins jadis superbes, orgueilleux,  
Pressés dans leurs foyers, accablés de défaites,  
De leurs fiers ennemis cessent d'être rivaux  
Et livrent Badajoz aux armes du héros.

69.

Mais du Dieu tout-puissant l'éternelle justice  
Qui, ne laissant jamais les crimes impunis,  
Des mortels quelquefois diffère le supplice  
Pour que le repentir éclaire leurs esprits,  
Dieu, qui couvrant ce roi d'une main protectrice  
Le rendit victorieux de ses fiers ennemis,  
Accomplit à la fin dans sa juste colère  
La malédiction terrible d'une mère.

70.

Bientôt dans la cité qu'il vient de conquérir  
Le peuple de Léon le surprend et le presse.  
Alphonse vainement s'arme pour le punir;  
Il ne peut écarter la foudre vengeresse;  
Au milieu des guerriers qui viennent l'assaillir  
Son coursier indompté le renverse et le blesse.  
Dieu lui fait expier, en l'accablant de fers,  
La honte et les malheurs que Thérèse a soufferts.

71.

N'accuse plus le sort, ô superbe Pompée,  
Du désastre éclatant qui ternit tes exploits,  
Lorsqu'en un seul instant ta troupe dissipée  
Fit tomber ta puissance et ta gloire à la fois!  
Ne frémis plus de voir ta redoutable épée  
Se briser sous le fer du vainqueur des gaulois;  
Toi, qui portas du Phasis aux remparts de Syenne  
La terreur de ton nom et de l'aigle romaine;

72 et 73.

Toi, dont le Syrien, l'habitant de Colchos,  
Et l'Arabe ont suivi la pompe triomphante,  
Ne te plains plus de voir tant de brillants travaux  
S'éclipser tout-à-coup dans les champs de Pharsale!  
Vois Alphonse couvert de lauriers aussi beaux  
Eprouver du destin l'inconstance fatale,  
Et tant de fois vainqueur, montrer à l'univers  
Ses triomphes ternis par un fameux revers.

74.

De retour à la fin au sein de sa patrie,  
Après avoir subi l'épreuve du malheur,  
Il s'arme de nouveau contre le Maure impie,  
Et Santarem en lui voit son libérateur.  
Mais aux transports guerriers dont son âme est remplie  
On lui voit allier une sainte ferveur,  
Et, par ses soins pieux, des autels magnifiques  
D'un martyr de la foi reçoivent les reliques.

75.

Cessant enfin le cours de ses nobles travaux  
Alphonse, surchargé de lauriers et d'années,  
Remet son glaive aux mains d'un plus jeune héros,  
Et Dom Sancho remplit ses grandes destinées.  
Les armes, la valeur des ces guerriers nouveaux  
Du plus brillant succès partout sont couronnées;  
Séville a vu trembler les maures égarés,  
Et de leur sang impur les flots sont colorés.

76.

Sancho, déjà vainqueur de l'arabe infidèle,  
Sur ses premiers lauriers ne se repose pas;  
Il s'élance soudain où la gloire l'appelle.  
Béja doit son salut aux efforts de son bras;  
Les maures ont frémi; l'Afrique se rappelle  
Tant de sanglants revers, tant de honteux combats;  
Et l'on entend partout dans cet empire immense  
Retentir à la fois le cri de la vengeance.

77.

On les voit accourir de ces brûlants climats,  
Où régnait le géant qui terrassa Méduse;  
Des remparts de Singi, si féconds en soldats,  
Et des bords escarpés de l'antique Ampéluse  
Les nuïdes errants s'élancent aux combats.  
Pour venger tant d'affronts nul bras ne se refuse;  
Mille clairons d'airain résonnent à la fois  
Et l'Afrique s'ébranle à leur terrible voix.

78.

Sous le drapeau du chef de ces hordes lointaines  
Treize rois musulmans rangent leurs étendards;  
Ils brûlent les cités, ils dévastent les plaines,  
Et Santarem bientôt les voit sous ses remparts.  
Pour renverser ces murs les troupes africaines  
Épuisent vainement la science de Mars;  
Dom Sancho les défend et ce prince s'annonce  
L'héritier de la gloire et du sceptre d'Alphonse.

79 et 80.

Apprenant les dangers de ce jeune héros,  
Le roi court le sauver et venger sa patrie:  
Intrepide vieillard, il dérobe au repos  
Encore les derniers jours d'une si noble vie.  
Ces guerriers, qui cent fois sous les mêmes drapeaux  
Ont vu fuir devant eux le Sarasin impie,  
Suivent leur chef auguste et volent aux combats  
Pour la millième fois affronter le trépas.

81 et 82.

Leur valeur a bientôt décidé la querelle;  
Déjà l'on voit tomber le chef des musulmans;  
A ses vieux favoris la victoire est fidèle;  
Partout la mort les suit, partout leur sang ruisselle;  
Les champs sont parsemés d'armes et de turbans;  
Et le héros chrétien s'empresse de rendre gloire  
De ce dernier triomphe au Dieu de la victoire.

83.

Le magnanime Alphonse après tant de travaux  
Voit enfin terminer ses grandes destinées;  
Et tant de fois vainqueur, cet illustre héros  
Est lui même vaincu par le poids des années.  
La pâle déité qui préside aux tombeaux  
Pose sur lui ses mains froides et décharrnées;  
La sombre Libetine a réclamé ses droits  
Et le héros subit ses immuables lois.

84.

En cet instant fatal des grottes taciturnes  
Retentirent, dit-on, de lamentables cris;  
On vit errer partout des fantômes nocturnes,  
Et des monts ébranlés s'écrouler en débris;  
Les fleuves éplorés renversent leurs urnes,  
De leurs flots débordés inondant les pays;  
Et répétant le nom que chaque voix prononce,  
Pendant longtemps l'écho répond Alphonse... Alphonse!

85.

Dom Sancho lui succède, et ce vaillant guerrier  
Est digne de porter le sceptre de son père.  
Du plus grand de nos rois cet illustre héritier  
Poursuit de ses succès la sanglante carrière.  
Dans l'Algarve bientôt pénétrant le premier  
Ce prince a déployé sa bannière;  
Les arabes vaincus ont fui de toutes parts,  
Silves voit les chrétiens camper sous ses remparts.

Continúa.

## BIBLIOGRAPHIA.

### La Ilustracion Medica.

*Periodico de ciencias medicas, propagador de toda classe de conocimientos útiles, adornado con retratos y otros grabados.*

A redacção do Instituto de Coimbra, recebeu com satisfação os primeiros numeros da



*Ilustracion Medica* de Madrid, e, remetendo aos seus dignos redactores o *Instituto*, estima ter esta nova occasião de assim concorrer para a reciproca diffusão da litteratura e das sciencias nos dois paizes, Hespanha e Portugal, que, apezar de approximados na linguagem e posição geographica, estão desgraçadamente separados nas suas relações sociaes a tal ponto, que é pouco facil avaliar devidamente 'num o movimento scientifico do outro.

A *Ilustracion Medica* não se limita ao desenvolvimento da anthropologia; occupa-se tambem das sciencias philosophicas, e das suas applicações á agricultura e ás artes; e tem o fim disseminar os hodiernos conhecimentos d'estas sciencias na classe medica, e melhorar a sua situação.

Na verdade é nobre e elevado o pensamento que pretende realizar, a redacção da *Ilustracion Medica*, porque tanto os medicos encarregados do magisterio, como os que se dedicam á clinica, só poderão cumprir dignamente a sua missão, acompanhando constantemente o desenvolvimento das sciencias medicas e philosophicas, e todavia nem sempre o podem fazer, principalmente os clinicos das povoações ruraes, quer pelo elevado preço dos livros, quer por não terem d'elles judiciosa noticia.

Não é menos importante o outro fim, a que se dirige o referido jornal, advogando os interesses da classe medica, afim de que a sociedade recompense condignamente, os que consomem a sua existencia votados completamente ao sacerdocio de aliviar os soffrimentos dos seus semelhantes; e promovendo uma boa organização do serviço de saude publica para conseguir o bem estar e o aperfeiçoamento da humanidade.

Felicitemos portanto os dignos redactores da *Ilustracion Medica*, desejando que prospere esta sua empreza, tão conforme com as indicações do presente seculo.

Publica-se este jornal em Madrid, nos dias 5, 15, e 25 de cada mez.

Assignatura por trimestre em Hespanha 20 reales; para o Estrangeiro, 70 reales por anno. Saiu á luz o primeiro numero em 5 de setembro proximo passado.

J. F. M. P.

## NOTICIARIO.

**Nomes dos novos planetas.** — Na sessão da academia das sciencias de Paris de 5 do passado lêu-se uma carta de M. Goldschmidt participando que o planeta 45 recebeu o nome de Eugenia, dado pela imperatriz dos francezes, á qual o illustre descobridor se dirigiu para esse fim.

M. Babinet que tinha sido incumbido pelo sabio astrónomo de escolher nome ao planeta 49, acaba de lhe dar o de Pales.

• Dos asteroides descobertos por M. Goldschmidt só falta dar nome ao 48: M. Elie de Beaumont foi encarregado de o escolher.

Não consta por ora que o tenham recebido os planetas 46 e 47, o primeiro descoberto por M. Pogson, e o segundo por M. Luther.

**O acido carbonico como agente anestesico.** — M. Ozanan julga que o ether obra como agente anestesico, porque na occasião em que se inspira, se decompõe, dando lugar á formação de gaz acido carbonico em grande quantidade. O mesmo diz que acontece com todos os outros agentes anestesicos.

Como não ha ainda experiencias concludentes, que justifiquem esta asserção, emquanto não fôr confirmada, não passa de mais uma hypothese, que espera a sancção do tempo: comtudo não ha duvida que o acido carbonico é um verdadeiro agente anestesico. M. Paul Broca, analysando um importante trabalho de M. Follin, chama a attenção sobre os felizes resultados, que se podem esperar das injeções do gaz acido carbonico na bexiga, e da acção anestesica d'este gaz.

Prepara-se anticipadamente o acido carbonico, deitando acido sulfurico sobre marmore pulverisado; recebe-se o gaz, que se desenvolve 'num balão de caoutchouc, ou 'numa bexiga de porco com um tubo de torneira, o que é mais simples. Sonda-se o doente com uma sonda de gomma elastica, communicando com o reservatorio de acido carbonico por um tubo de caoutchouc vulcanisado, 'numa de cujas extremidades se introduz a ponta da torneira metalica, na outra a parte exterior da sonda, e para praticar a operação não ha mais do que comprimir com as mãos o balão, que serve de recipiente ao gaz.

O tempo d'esta operação é ordinariamente acompanhado por um pequeno ruido especial. A bexiga do doente gradualmente dilatada, sobe dentro em pouco até á região hypogastrica, e com facilidade se verifica, pela percussão, a existencia de uma massa gazosa. Emfim, antes de tirar a sonda aperta-se ou liga-se o tubo de caoutchouc. O acido carbonico assim introduzido na bexiga começa logo a ser absorvido; passada uma ou duas horas, é facil verificar pela percussão, que o volume do gaz diminuiu consideravelmente: de ordinario, porém, a absorpção é assaz demorada para que algum acido carbonico fique na bexiga até á primeira repulsão da urina, ainda mesmo quando esta operação não tem lugar senão trez ou quatro horas depois. Os doentes sentem então, que alguma coisa analoga ao ar lhes passa pelo canal urinario, ao mesmo tempo, que a urina. Depois da primeira expulsão d'este liquido nenhum gaz fica na bexiga, a não ser alguma tão pequena quantidade, que não se torna sensivel pela percussão. Todavia a acção anestesica do acido

carbonico prolonga-se até á manhã do dia seguinte.

**População.** — A civilisação parece ter mais influencia na população de qualquer paiz, do que o clima e extensão territorial. Na Grã-Bretanha contam-se 1:480 habitantes por cada legua quadrada; na França, 1:200; na Prussia, somente 895; e a Russia offerece apenas 202 habitantes para a mesma superficie. Nas possessões asiaticas d'esta ultima nação, não existem mais de 46 habitantes por dez leguas quadradas. Na nova Hollanda oriental, não ha mais de 23 habitantes por cem leguas quadradas, espaço que na França teria uma população de perto de 120:000 almas.

Na Europa, calcula-se, termo medio, que ha 472 habitantes por legua quadrada; e para a mesma superficie, 184 na Asia, 40 na Africa, 20 na America, e 37 na Oceania.

**Utilidade dos fetos.** — Pouco caso se faz, em geral, dos fetos; a maior parte dos lavradores queimam estas plantas, e poucos as empregam para cama do gado.

Resulta, porém, dos recentes trabalhos do chimico francez, M. Malagutti, que estes vegetaes, depois de seccos, contêm mais de 2 por 100 d'azote. Comparando este resultado com o que dá a analyse da palha dos cereaes, conclue-se que o feto contêm cinco vezes mais azote. Por consequencia, o feto convertido em estrume, é muito mais util que o estrume ordinario, porque encerra maior quantidade de substancias proprias para a nutrição das plantas, do que o estrume fabricado com a palha dos cereaes. M. Malagutti verificou, que 1:000 kilog. de feto, secco ao ar, equivalem a 3:500 kilog. d'estrume ordinario, porque é sabido que 1:000 kilog. d'este estrume pouco mais têm de 4 kilog. d'azote.

Devem por tanto empregar-se os fetos na cama dos animaes, não só para economisar a palha, necessaria para o sustento do gado, mas para melhorar o fabrico dos estrumes.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica desde o dia 1.º d'agosto até o dia 15 de setembro ultimo. por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Duarte de Mello da Motta, para professor temporario da cadeira d'Almeirim, districto de Santarem.

Henrique do Rosario da Costa Barbeita, para dicto de Cerva, districto de Villa Real.

José Fernandes Rapozo, para dicto da Capinha, districto de Castello Branco.

José Trindade da Fonseca, para dicto do Carregal, districto de Vizeu.

Manuel da Cunha Lima, para dicto de São Sebastião de Darque, districto de Viana.

Antonio Peixoto Monteiro, para dicto de Sancto Adrião de Vizeu, districto do Porto.

Manuel Joaquim da Rocha, para dicto d'Azeiteiro, districto de Lisboa.

Antonio Augusto d'Almeida, para dicto de São Mamede da Ventosa, districto de Lisbon.

João do Carmo Ferraz, para dicto de Campo Maior, districto de Portalegre.

Joaquim Julio de Gouvêa Guedes de Figueiredo, para professor substituto da cadeira de Cever, districto de Villa-Real.

Maria Fortunata da Conceição, para mestra de meninas d'Escalhão, districto da Guarda.

Antonio Carlos Bigotte, para professor temporario da cadeira do Sabugal, districto da Guarda.

Caeetano da Paz Brandão, para dicto de Bucellas, districto de Lisboa.

Domingos Martins, para dicto de Alcantarilha, districto de Faro.

Francisco Xavier Pereira de Sá, para dicto de São João de Tarouca, districto de Vizeu.

Jeronymo Cázimiro Quaresma, para dicto de Penella, districto de Coimbra.

José Ferreira da Casal, para dicto de S. Lourenço d'Asmes, districto do Porto.

José Ramos Ferrão, para dicto d'Oliveira do Conde, districto de Vizeu.

Manuel José da Silva, para dicto de Chorense, districto de Braga.

Maria Julia Drumond, para mestra temporaria da cadeira de meninas da ilha do Porto Santo, districto do Funchal.

Antonio Domingues da Conceição, para professor vitalicio da cadeira de São Vicente de Louredo com exercicio na freguezia de São Jorje, districto d'Aveiro, por decreto de 27 d'agosto ultimo.

José Maria d'Andrade, para dicto de Maceira-Dão, districto de Vizeu, por decreto de 19 d'agosto ultimo.

Joaquim Antonio de Barros, para dicto d'Aljustrel, districto de Beja, por decreto de 19 dicto.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

José Maria da Silva, para professor da cadeira de arithmetica, algebra elemental, principios de trigonometria plana, e geographia mathematica do lyceu nacional de Santarém, incorporado no seminario patriarchal, por transferencia da cadeira de philosophia racional e moral e principios de direito natural do mesmo estabelecimento, por decreto de 7 d'agosto do corrente anno.

Miguel Moreira da Fonseca, para professor vitalicio da cadeira de latim de Villa Nova de Fozcoá, districto da Guarda, por decreto de 7 de setembro corrente.

Manuel Joaquim Pereira Saraiva, para o logar de guarda do Museu portuense, por decreto de 7 de setembro corrente.

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, para vogal do conselho superior d'instrução pública, por decreto de 19 d'agosto ultimo.

Antonio Bernardino de Menezes, para o primeiro logar vago de substituto extraordinario da faculdade de theologia da Universidade de Coimbra.

Damazio Jacintho Fragosos, para o segundo logar vago, por decreto de 30 de julho ultimo.

José Alves Moreira de Barros, para o logar de secretario e bibliotecario da escola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 7 de setembro corrente.

Feliz da Fonseca Moura, para o logar de pharmaceutico da escola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 26 d'agosto ultimo.

## SECÇÃO DE MATHEMATICA.

*Trisecção do angulo por meio da hyperbole e circulo.*

*Interpretação d'uma solução estranha.*

Continuado de pag. 179.

Passemos agora a descrever a hyperbole.

Como as coordenadas do ponto  $C$  satisfazem a equação (d), a curva passa por este ponto, e como sabemos já a posição das asymptotas temos os elementos necessarios para descrever a curva.

Conhecidas as intersecções d'esta com o circulo, as coordenadas em  $M, M', M''$  determinam os seguintes arcos

$$\begin{aligned} M & \left\{ \begin{array}{l} \text{sen } (2i\pi + \alpha) \\ \text{sen } ((2i+1)\pi - \alpha) \end{array} \right\} \cos (2i\pi \pm \alpha) \\ M' & \left\{ \begin{array}{l} \text{sen } (2i\pi + \theta) \\ \text{sen } ((2i+1)\pi - \theta) \end{array} \right\} \cos ((2i+1)\pi \pm \theta) \\ M'' & \left\{ \begin{array}{l} \text{sen } (2i\pi - \lambda) \\ \text{sen } ((2i+1)\pi + \lambda) \end{array} \right\} \cos ((2i+1)\pi \pm \lambda) \end{aligned}$$

sendo  $\pi = 180^\circ$ ;  $i$  um inteiro qualquer;  $\alpha = AM$ ;  $\theta = AM'$ ;  $\lambda = AM''$ .

Portanto temos para a intersecção  $M$  o arco  $2i\pi + \alpha$ ; para  $M'$   $(2i+1)\pi - \theta$ ; para  $M''$   $(2i+1)\pi + \lambda$ . O primeiro é o terço do arco  $6i\pi + \alpha$ : o segundo de  $6i\pi + \pi - \alpha$ :

o terceiro de  $6i\pi + \pi + \alpha$ : visto ser  $\alpha = \frac{a}{3}$ ,  $\theta = \frac{2\pi + a}{3}$ ,  $\lambda = \frac{4\pi + a}{3}$ . Por consequencia estas trez soluções correspondem respectivamente aos arcos  $a$ ,  $\pi - a$ ,  $\pi + a$ , como é sabido.

A mesma construcção dá pois  $\frac{1}{3}a$ ,  $\frac{1}{3}(\pi - a)$ ,  $-\frac{1}{3}(\pi + a)$ : evitando assim fazer uma construcção particular para os dois casos do arco maior que  $90^\circ$ , ou maior que  $180^\circ$ , tal como a indicada nas fig. 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>

Os quadros (A) e (B) e a equação (e), ou as equações (6) e (7) dão

Quando  $a = 2i\pi$ ,  $c = r$ ,  $s = 0$  (Fig. 4.<sup>a</sup>)

$$A' \left\{ \begin{array}{l} \gamma = 0, \\ \gamma = -r \end{array} \right\} \text{solução estranha}$$

$$M \left\{ \begin{array}{l} \gamma = 0, \\ \gamma = r \end{array} \right\} 1.^a \text{ intersecção}$$

$$M' \left\{ \begin{array}{l} \gamma = \frac{r}{2}\sqrt{3}, \\ \gamma = -\frac{r}{2} \end{array} \right\} 2.^a \text{ dicta}$$

$$M'' \left\{ \begin{array}{l} \gamma = -\frac{r}{2}\sqrt{3}, \\ \gamma = -\frac{r}{2} \end{array} \right\} 3.^a \text{ dicta}$$

Quando  $a = \left(2i + \frac{1}{2}\right)\pi$ ,  $c = 0$ ,  $s = r$  (Fig. 5.<sup>a</sup>)

$$A'_I \left\{ \begin{array}{l} c = r, \\ \gamma = 0 \end{array} \right\} \text{solução estranha}$$

$$M \left\{ \begin{array}{l} c = \frac{r}{2}, \\ \gamma = \frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array} \right\} 1.^a \text{ intersecção}$$

$$M' \left\{ \begin{array}{l} c = \frac{r}{2}, \\ \gamma = -\frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array} \right\} 2.^a \text{ dicta}$$

$$M'' \left\{ \begin{array}{l} c = -r, \\ \gamma = 0 \end{array} \right\} 3.^a \text{ dicta}$$

Quando  $a = (2i + 1)\pi$ ,  $c = -r$ ,  $s = 0$  (Fig. 6.<sup>a</sup>)

$$A'_I \left\{ \begin{array}{l} c = 0, \\ \gamma = r \end{array} \right\} \text{solução estranha}$$

$$M \left\{ \begin{array}{l} c = \frac{r}{2}\sqrt{3}, \\ \gamma = \frac{r}{2} \end{array} \right\} 1.^a \text{ intersecção}$$

$$M' \left\{ \begin{array}{l} c = 0, \\ \gamma = -r \end{array} \right\} 2.^a \text{ dicta}$$

$$M'' \left\{ \begin{array}{l} c = -\frac{r}{2}\sqrt{3}, \\ \gamma = \frac{r}{2} \end{array} \right\} 3.^a \text{ dicta}$$

Quando  $a = \left(2i + \frac{3}{2}\right)\pi$ ,  $c = 0$ ,  $s = -r$  (Fig. 7.<sup>a</sup>)

$$A'_I \left\{ \begin{array}{l} c = -r, \\ \gamma = 0 \end{array} \right\} \text{solução estranha}$$

$$M \left\{ \begin{array}{l} c = r, \\ \gamma = 0 \end{array} \right\} 1.^a \text{ intersecção}$$

$$M' \left\{ \begin{array}{l} c = -\frac{r}{2}, \\ \gamma = -\frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array} \right\} 2.^a \text{ dicta}$$

$$M'' \left\{ \begin{array}{l} c = -\frac{r}{2}, \\ \gamma = \frac{r}{2}\sqrt{3} \end{array} \right\} 3.^a \text{ dicta}$$

Ficam assim interpretadas todas as quatro soluções, que apresentam as intersecções do circulo dado com a hyperbole. Na realidade só trez resolvem o problema da triseccão do arco, mas isto provém, como vimos, de que as equações resultantes da eliminação de  $x$  e  $y$  vinham embaraçadas dos factores *estranhos á questão*  $x + \frac{1}{2}c$ ,  $y - \frac{1}{2}s$ ; porque o calculo deu o que devia dar: isto é, mostrou, ainda no caso de se não separar esta solução, que havia sempre 4 raízes reaes da equação do 4.º gráu, e que portanto sempre a hyperbole cortava o circulo em 4 pontos.

ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal de 1855—1856.**

Senhor! Sou obrigado a fazer, cada anno, dois relatorios, em que dê conta do resultado das visitas de inspecção que tiver feito ás escholas do districto a meu cargo, uma no mez de feveireiro, outra no mez de agosto.

No mez de feveireiro ultimo, não visitei as escholas do districto; porque não podia sair do Funchal, sem interromper o curso da cadeira a meu cargo, sem faltar á minhas obrigações de professor no lyceu nacional d'esta cidade.

Em agosto, tambem o não fiz; porque logo nos primeiros dias do mez, cai de cama com severo ataque de cholera-morbus, que por muito tempo me deixou incapaz de todo o serviço.

Mas, antes de adoecer, tinha eu visitado as escholas da cidade. Logo que me achei restabelecido, dirigi aos professores de ensino primario a circular inserta no n.º do « Semanario Official, » appenso sob n.º 1; e pelas respostas que obtive aos quesitos annexos á mesma circular e pelos mappas de frequencia remettidos a esta repartição, posso approximativamente formar do estado das respectivas escholas a idéa que tenho a honra de elevar á augusta presença de Vossa Magestade, no presente relatorio.

### CAPITULO I.

*Movimento das escholas primarias do districto no anno lectivo de 1855—1856.*

Pelo mappa juncto sob n.º 2. Verá Vossa Magestade que, no anno lectivo de que tracto, funcionaram 'neste districto trinta e cinco escholas de ensino primario, a saber: quatorze escholas publicas, quatrze municipaes, e sete particulares.

As escholas publicas foram, treze do sexo masculino, e uma do feminino.

Esta foi frequentada por cento e setenta e trez meninas: das quaes cento e trinta e nove eram do anno antecedente, entraram

trinta e quatro, saíram sessenta e seis, e ficaram existindo no fim de junho cento e sete.

Naquellas, a matricula subiu a seiscentos e oitenta e nove alumnos: dos quaes existiam do anno antecedente quatrocentos e quarenta e sete, entraram duzentos e quarenta e dois, saíram durante o anno cento e trinta e quatro, e ficaram para o seguinte quinhentos e cincoenta e cinco.

As escholas municipaes foram — sete do sexo feminino — e sete do masculino.

As primeiras foram frequentadas por quinhentas e cincoenta e uma alumnas: das quaes, trezentas e setenta e duas existiam do anno antecedente, entraram cento e setenta e nove, saíram cento e cincoenta e trez, e ficaram para o seguinte anno quatrocentas e trinta e oito.

As outras foram frequentadas por trezentos e trinta e quatro alumnos. D'estes, existiam do anno antecedente duzentos e sessenta e quatro, entraram setenta, saíram cincoenta e trez, e ficaram para o seguinte duzentos e oitenta e um.

Funcionaram sete escholas particulares: trez do sexo masculino, quatro do feminino.

Estas foram frequentadas por cento e quarenta e duas alumnas, das quaes, existiam do anno antecedente cento e oito, entraram quarenta e quatro, saíram vinte e trez, e ficaram existindo cento e dezenove.

Aquellas foram frequentadas por trezentos e quatorze alumnos. D'estes, existiam do anno antecedente cento e oitenta e dois, entraram cento e trinta e dois, saíram oitenta e nove, e ficaram para o seguinte anno duzentos e vinte e dois.

As escholas, a que me aqui refiro, são tão sómente aquellas, cuja frequencia me é conhecida pelos mappas que remetteram a esta commissão dos estudos os respectivos professores.

Mas, afóra essas, tambem funcionaram vinte e uma escholas mais, de cuja frequencia não tenho conhecimento. Estas, cumpre dividil-as em trez classes; porque, umas são escholas, que deixaram de existir pelo decurso do anno, outras são escholas, cujos professores morreram de cholera, e outras são aquellas, cujos professores ainda não remetteram a

esta repartição os competentes mappas de frequência; porque querem ver se assim esquecem a auctoridade que tem a cargo promover a habilitação d'elles.

Pertencem a primeira classe:

1.º A escola de meninas, que tinha na freguezia de S. Martinho, pela camara municipal d'esta cidade, D. Emilia Fortunata Cardoso;

2.º A escola de meninas, que tinha em S. Gonçalo, Thereza Barbosa Nunes, a quem encarregou a camara municipal da regencia d'outra escola da freguezia de Sancta Maria Maior;

3.º A escola de meninas, que tinha na freguezia da Ribeira Brava, pela respectiva camara municipal, Carlota Adelaide Camacho;

4.º A escola de meninas, que, pela camara da Ponta do Sol, tinha nesta villa D. Maria Martha Jardim;

5.º A escola do sexo masculino, que, pela camara municipal de Camara de Lobos, tinha na villa Anselmo Baptista de Freitas.

Pertencem a segunda classe:

1.º A escola de meninas, que tinha na freguezia de S. Martinho, pela camara municipal d'esta cidade, Joanna Vieira Bettencourt;

2.º A escola particular de meninas, que tinha, na freguezia de S. Pedro, D. Helena Telles de Sanct'Anna;

3.º A escola particular de meninas, que tinha, na mesma freguezia, Maria Candida dos Reis;

4.º A escola particular do sexo masculino, que tinha, na mesma freguezia, Antonio Joaquim de Vasconcellos.

Pertencem a terceira classe finalmente:

1.º A escola particular do sexo masculino, que tem, na freguezia de S. Pedro, Antonio Barnabé Soares;

2.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na mesma freguezia, Eustachio Joaquim da Silveira;

3.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, nos campos da villa da Ponta do Sol, Vicente Figueira d'Ornellas;

4.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de Sancto Antonio, Francisco João de Andrade.

5.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, nos campos da villa de Machico, Theotónio Joaquim de Brito;

6.º A escola particular de meninas, que tem, na freguezia de S. Pedro, Maria do Nascimento Abreu;

7.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de S. Gonçalo, Joaquina do Socorro Gonçalves;

8.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na mesma freguezia, Silvana Constança;

9.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia da Sé, Maria Jose d'Araujo;

10.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de S. Pedro, Eugenia Cyrilla Vella;

11.º A escola particular do mesmo sexo, que tem, na freguezia de Sancto Antonio, Maria Pereira de Jesus.

Vê-se, portanto, que as trinta e cinco escolas de que dou conta, foram frequentadas por dois mil duzentos noventa e sete alumnos de ambos os sexos. E comparada a frequência d'estas escolas com a que tivera no anno antecedente, eis-aqui os resultados a que se chega:

1.º Nas escolas públicas a frequência augmentou. No anno antecedente a matricula fôra de setecentos e treze alumnos; neste subiu a oitocentos e sessenta e dois. Parece-me poder attribuir este augmento ás instantias, que o ex.<sup>mo</sup> prelado diocesano e eu temos feito para com os parochos, a fim de suadirem aos paes de familias, seus parochianos, que mandem os filhos á escola.

2.º As escolas municipaes têm diminuido de numero e de frequência. As camaras dos concelhos ruraes têm supprimido, sob pretexto de falta de meios, quasi todas as escolas que haviam creado a instancias do ex-governador civil José Silvestre Ribeiro. A camara do Funchal parece estar na idéa de supprimir toda a escola, cuja cadeira fôr vagando. Acabou com duas escolas de meninas na freguezia de S. Martinho, e com uma na de S. Gonçalo. Acabou com a sessão nocturna nas escolas do sexo masculino, sob pretexto de habilitar-se para fazer face ás despesas de uma escola nocturna para adultos, dentro da cidade, sob direcção de um professor público, em conformidade com uma requisição que lhe eu fizera; mas até hoje ainda a camara não satisfaz a esta requisição. O que mais tem contribuido, além d'isso para o atraso em que se acham as suas escolas, é a falta de inspecção e premios com que outr'ora estimulava o zelo dos professores, e a emulação dos alumnos.

3.º Na estatística do anno preterito dei conta de vinte e duas escolas particulares; na d'este anno só menciono sete. De muitas outras que existem, nada sei officialmente; porque, não obstante reiteradas requisições que tenho feito ao governo civil, no sentido da portaria do conselho superior d'instrução publica, de 30 de março de 1855, ainda não tive o gosto de vêr que se mandasse fechar uma só escola por não ter o respectivo professor cumprido com a obrigação imposta pelo artigo 16 do decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850.

Antes de fechar este capitulo, cumpre-me dizer que os numeros acima exarados são extrahidos dos mappas de frequência, remetidos a esta repartição pelos respectivos professores; mas, quanto a mim, pouca ou ne-

nhuma confiança merecem estes mappas; porque, embora venham vistos e referendados pelos administradores de concelho e pelos presidentes das camaras municipaes, como estes funcionarios não usam verificar por seus olhos a effectiva frequencia das escholas, cujos mappas assignam, a formalidade de sua assignatura não augmenta nem diminue a veracidade da cifra de cada um.

Muitas vezes tenho visitado varias escholas; nunca vi que a frequencia de alguma se ajustasse exactamente com a cifra do respectivo mappa. Ha em todas as escholas publicas e municipaes grande numero de alumnos, que, apenas matriculados, logo deixam de comparecer. Mas, como os professores entendem ser-lhes conveniente que da frequencia de suas escholas se faça idéa avantajada, deixam-lhes ficar os nomes no registro da matricula, e depois trasladam estes nomes para os mappas de frequencia. Quem, portanto, julgar da frequencia de uma eschola pela matricula d'ella, estranhamente se engana.

## CAPITULO II.

### *Estado material, moral e litterario das escholas do districto.*

De todas as escholas publicas, as unicas que se acham estabelecidas em edificios do estado, são, a eschola central, a da freguezia do Campanario, a de Ponta Delgada e a de Sancta Cruz. Todas as mais têm por local edificios pela maior parte improprios para o intento, uns pertencentes ás camaras municipaes, outros aos respectivos professores. A sala da eschola pública da extrema leste d'esta cidade é tão baixa, tão pouco ventilada, e tão acanhada, em relação á frequencia, que infunde serios receios pela saúde dos alumnos.

Excepto a eschola central, nenhuma outra tem a mobilia requerida pela regularidade do serviço e commodidade dos alumnos. Escholas ha, cujos alumnos escrevem sobre os bancos com os joelhos no chão, á mingua de mesões, em que o façam commodamente. A razão é porque as camaras municipaes não curam de cumprir a obrigação, que a este respeito lhes impõem o decreto de 20 de dezembro de 1850, e a portaria do conselho superior d'instrução pública de 13 de maio de 1853. Por vezes lhes têm requisitado os professores mobilia nova, de que carecem, ou o simples reparamento de alguma, que têm velha e estragada; mas a nada se movem as camaras. « Falta de meios, » é a desculpa banal, com que despedem todas as requisições d'esta ordem.

Pelo que toca a utensilios escholares, como livros, louças, mappas etc., ha em cada eschola pública um pequeno deposito para serviço dos alumnos pobres exclusivamente. Este deposito é o producto de uma subscrição por mim promovida parat al fim; va-e-se de dia

para dia exaurindo de maneira tal, que, se não houver meios para refazelo, em breve se extinguirá de todo; e os alumnos pobres ficarão, como estavam d'antes, sem os utensilios indispensaveis para sua educação. Isto é tanto mais para sentir, quanto é certo que bem raros são os filhos de paes abastados, que se apresentam na eschola com os livros requisitados pelo professor, segundo a classe a que cada um pertence.

Já d'aqui vê Vossa Magestade, que, debaixo da influencia de todas estas precisões, rara é a eschola, que segue com exacção o methodo simultaneo puro, ou o mixto de mútuo e simultaneo, como quer o regulamento interno. Qualquer d'estes methodos requer a eschola dividida em classes; mas classes, só as pôde haver onde alumnos da mesma força usem dos mesmos livros, e pratiquem simultaneamente os mesmos exercicios. Se porém a muitos faltam livros, e outros os trazem diferentes dos adoptados na classe a que pertencem, como pôde a lição para todos ser a mesma? Como pôde o methodo ser o simultaneo? Ainda na maior parte das escholas o unico methodo seguido é o individual.

Em seguida á inspecção de aceio, começam e terminam os exercicios escholares por uma oração, que vem no fim do chamado *catechismo pequeno de doutrina christã*. Tenho porém observado que em muitas escholas, por incuria dos respectivos professores, já tem esta practica degenerado em rotina; é um exercicio, para assim dizer, *authormatico*, que os labios executam, sem tomar n'elle parte o espirito nem o coração dos alumnos. Tenciono dar aos professores algumas direcções, com o intuito de evitar-se este inconveniente.

Depois da oração, todas as escholas começam pelo exercicio da *leitura*; mas nenhuma ha que no ensino d'este ramo siga outro methodo, que não seja o da soletração ordinaria. Até as escholas urbanas pouco progresso têm feito a este respeito; porque, ao passo, que o professor se encarrega da lição dos mais adiantados, deixa os principiantes entregues a decurções ordinariamente sem zelo nem experiencia, cujo serviço nunca elle inspeciona. Raro é o professor que executa este exercicio, como lh'o prescreve o regulamento; raro é o que faz com os alumnos a analyse grammatical do texto, que lêem; ainda mais raro o que dirige o exercicio de modo, que cultive a intelligencia dos alumnos, que lhes faça penetrar no sentido do texto, e que lhes dê noções practicas de orthographia o declamação.

O exercicio a que todos os professores dão mais tempo e cuidado, é o da *Calligraphia*. Todos se esmeram porque os alumnos *pintem bem letras*; mas mui poucos satisfazem ao que a este respeito determina o regulamento. Em vez de darem aos alumnos exercicios de

dictação e redacção, para assim os habilitarem a escrever e compor correcta e orthographicamente, contentam-se com fazel-os copiar um traslado ou um trecho do primeiro livro, que encontram: d'onde resulta que os alumnos, ao cabo de quatro e cinco annos de escola, se escrevem bonito, não redigem certo o mais insignificante bilhete.

As disciplinas de *grammatica*, *arithmetica*, *historia* e *geographia*, que o regulamento quer que sejam ensinadas racionalmente, de modo que cultivem mais a intelligencia, que a memoria dos alumnos, mais a memoria das ideas, que a das palavras, continuam a ser ensinadas, como o eram antes d'elle. Limita-se o professor a marcar no livro, que serve de texto à lição, um pequeno trecho, que elle não explica, e que o alumno recita de cór no dia seguinte sem o ter entendido. Por mais esforços, que eu tenha feito por convencer os professores da improficuidade d'este methodo, não ha conseguir d'elles, que adoptem outro; porque nenhum mais facil para quem ensina, com quanto seja o mais difficil e inutil de todos para quem aprende.

Este é o mesmo methodo, que preside ao ensino da *religião*. Infelizmente para a cultura moral do educando, ensino tão importante acha-se convertido 'num habito, para assim dizer, mechanico, que não vae ao coração, que não emenda nem corrige nada. Fiz com que o ex.<sup>mo</sup> prelado diocesano adoptasse, como cathecismo d'esta diocese, o grande e o pequeno cathecismo do arcebispado de Paris, já adoptado por muitos prelados do reino. Do pequeno cathecismo dei muitos exemplares aos alumnos; e do grande, dei um exemplar a cada professor, para guiar por elle as explicações, que houvesse de dar ao texto do livro dos alumnos. Mas inutil prevenção! O mais que fazem os professores, é obrigar os alumnos a recitarem de cór o pequeno cathecismo; e nenhum recorre ao grande para lhes explicar oralmente o que por certo não entendem, resumido como vem no texto, que decoram. Alguns professores, na vespera do domingo e dia sanctificado, lêem aos alumnos a epistola e evangelho do dia seguinte, mas a maior parte d'elles não o faz por falta de livro para o intento. Nenhum acompanha os alumnos à missa, como quer o decreto regulamentar de 20 de dezembro de 1850; porque dizem que «elles não comparecem para este ha nos domingos e dias sanctificados.»

No ensino da *moral* ainda mais funesto se torna este methodo. Se o alumno recitar de cor a parte do *Manual encyclopedico*, em que se tracta da materia, dão-se os professores por desobrigados de tudo mais. Não explicam nem fazem repetir coisa alguma; não aproveitam algum dos variados incidentes, que a todo o momento lhes offerece a vida escolar, para chamarem a attenção dos alumnos sobre

a prática dos deveres moraes, inspirando-lhes os sentimentos de respeito e amor mutuo, que tanto lhes devem facilitar a prática do bem. Uma vez, que os alumnos lhes dêem conta de certas definições e classificações, cuja exactidão não averiguam, pouco se lhes dá que a doutrina decorada lhes chegue ao coração, que lhes pautue e regule as acções.

O regulamento interno tem posto à disposição dos professores um razoado systema de *premios* e *castigos*, de que poderiam servir-se vantajosamente, sem risco de desmoralisação para os alumnos. Raro é porém o professor, que usa de taes meios de disciplina. Tudo o que não fór deostrar os rapazes com palavras duras, ou flagellal-os com a palmatoria, são práticas, de que não entendem, e que têm em conta de utopial.

A conclusão, que d'aqui tiro é que o ensino da instrucção primaria nas escolas d'este districto ainda está muito áquem do grau de perfeição a que aspira o regulamento interno; porque os mais dos professores não executam o regulamento; e não o executam, uns, por não quererem dar-se ao trabalho, um pouco mais arduo, que lhes imporia a observancia d'elle; outros, porque não podem fazel-o, á mingua de decuriões com capacidade e zêlo para se encarregarem da direcção d'uma classe.

Nas escolas rurais principalmente a execução do regulamento lucha, ao presente, contra um obstaculo, a meu vêr, insuperavel: é que os paes dos alumnos, em os vendo em estado de lhes lerem uma carta e fazerem uma conta de sommar, logo os retiram da escola. Rarissimo é o alumno, que adquire assaz d'instrucção, para servir de decurião na escola, que frequenta. Em quanto o ensino não fór obrigatorio entre nós; em quanto a lei não disser «que um pae só pôde tirar o filho da escola quando este haja concluido o curso d'ella,» difficulosamente poderão os professores ter habeis decuriões, que os coadjuvem a manter a ordem e disciplina da escola.

Salva porém esta circumstancia, que não depende da vontade dos professores, a inobservancia do regulamento em tudo o mais é consequencia necessaria da falta de pontualidade d'elles. Para executar o regulamento é mister comprehendel-o, para comprehendel-o estudal-o, e para estudal-o ter assaz de capacidade, vocação e zêlo pelo serviço. Ora, como estas, infelizmente, não são qualidades mui vulgares entre os funcionarios de uma classe tão mal retribuida, a consequencia é que, embora haja as melhores leis e regulamentos litterarios, a falta de execução esteriliza e mata tudo; e a inspecção das escolas, qual se acha constituida, não é sufficiente para promover e affiançar esta execução.

*Continúa.*



## MEMORIA

**Sobre os inconvenientes da cultura dos arrozacs, em relação á saúde pública. — Impropriedade d'esta cultura no concelho da Louzã, districto de Coimbra.**

Não pretendo mostrar aqui a pestífera influencia dos pantanos: seria uma insigne loucura; assim como o mais obstinado e louco pyrrhonismo duvidar d'essa influencia. Pretendo mostrar simplesmente, que os arrozacs são verdadeiros pantanos artificiaes; que nas terras, em que se cultiva o arroz, grassam as mesmas molestias, que nos paizes pantanosos; que os meios até aqui propostos para obstar á nocividade dos arrozacs são insufficientes, ou antes nulos, porque não produzem o effeito desejado, e alguns irrisorios; e que o concelho da Louzã é impróprio para tal cultura, que d'elle se deve proscrever absolutamente.

O arroz semeia-se em tabuleiros horizontaes, com motas de mais de dois palmos d'altura, que ficam cheios d'agua estagnada todo o verão e parte do outono, tempo em que se ceifa o arroz. Alli nascem, crescem, vivem e morrem muitas plantas estranhas á seara, que se não podem tirar pela monda, e milhões d'animalculos que se desinvolvem naquella agua encharcada: tudo alli apodrece; e a flor do arroz, caindo na agua, augmenta aquelle cumulo de podridão. Aquella agua encharcada e infecta, está constantemente evaporando pelos calores do estio effluvios e miasmas deletorios.

Nenhuma d'estas substancias venenosas é levada pela corrente, porque a agua não corre; transborda pelas aberturas de communicação, que as motas têm na parte superior, e fica em remanso em toda a extensão do tabuleiro. Os cultivadores têm por costume, dizem que para bem da seára, escoar a agua de dias a dias, o que ainda é mais prejudicial; porque diminuindo a massa da agua, mais se concentram as materias animaes e vegetaes em putrefacção, fica quasi descoberto o fundo lodoso dos tabuleiros, e a evaporação putriferá deve ser muito mais activa.

Nos paizes pantanosos, (á parte a peste endemica no Egypto, a cholera-morbus no Indostão, e a febre amarella nas Antilhas, que em diferentes epochas têm devastado a população do globo); além da miséria e mesquinha constituição physica e moral dos seus habitantes, grassam principalmente as escrophulas, o escorbuto, as obstrucções, as hydrophias, e as febres intermitentes; e no tempo dos calores extensas epidemias de febres de pessimo caracter, e desinterias putridas, que matam aos centos os desgraçados habitantes.

As mesmas molestias, a mesma constituição cachetica dos habitantes se observam nos paizes em que se cultiva o arroz. « A cultura

do arroz, diz Zimmerman, é particularmente nociva, porque é necessario inundar o terreno muitas semanas depois de o ter semeado. Levantam-se dos arrozacs vapores tão perigosos, que as cidades visinhas podem soffrer grandes estragos, . . . . Os habitantes das visinhanças de Tortona e Novára, onde se cultiva arroz em grande abundancia, têm todos um habito cadaveroso ' . . . . « Temos visto, diz Foderé, os cultivadores dos arrozacs do Piemonte e Milanez; se a cultura do arroz é vantajosa; se faz a prosperidade dos habitantes principaes dos paizes em que ella se tem adoptado, destróe a massa do povo, dizimando-a todos os annos; e a sua existencia raras vezes passa além de 40 annos. Esta mesma cultura produz effeitos analogos nos Estados Unidos d'America . . . » etc. Julgo desnecessario, e até seria fastidioso e pedantesco, amontoar citações e transcrever o que dizem os auctores de Medicina sobre a nocividade dos arrozacs; basta dizer que não conheço um só, antigo ou moderno, que se quer o ponha em dúvida.

Os pathologistas, que não tractam d'esta materia especialmente, o fazem indirectamente, quando tractam da influencia pestífera dos pantanos: chegando alguns a inclinar-se a que não ha febre intermitente, sem ter por causa emanção pantanosa: como, entre outros, Requim, que a prematura morte privou de concluir o seu excellent tractado de pathologia. Não me parece que esta doutrina se deva seguir absolutamente; antes estou persuadido que podem existir febres intermitentes, que se não podem attribuir a essa causa, e eu as tenho observado: mas as epidemias estou convencido que não têm outra causa senão a infecção pantanosa: hem como que as febres intermitentes, que ha annos grassam neste districto, são sómente produzidas pelos arrozacs.

Alguns governos se têm visto na necessidade de prohibir a cultura do arroz em alguns paizes pela espantosa mortalidade que se lhe seguiu; aconteceu no Auvergne e Roussillon; e outros, condidos tambem da desgraça do povo, tentaram adoptar esta providencia, mas não o poderam conseguir, pela invencivel opposição, que encontraram nos grandes proprietarios, ecclesiasticos e seculares, que tiravam todo o lucro dos arrozacs, deixando ao desgraçado povo as molestias e a morte: foi o que aconteceu no Piemonte.

Se lançarmos os olhos, sem prevenção, para o que se passa no nosso Portugal, veremos que todas as terras, em que o arroz se cultiva, são doentias; e que muitas, que o não eram, se têm tornado pela cultura d'esta planta. Deixando o que se passa em Setubal e Alca-

<sup>1</sup> Zimmerman — Trait. d'exp. T. 2.<sup>o</sup>, pag. 401 e 402.

<sup>2</sup> Foderé — Trait. de Médecine Leg. T. 5.<sup>o</sup>, pag. 154.

cer do Sal, no Alentejo, e em algumas terras do Ribatejo, olhando para o nosso districto, vemos que Villa-Verde, juncto da Figueira, terra muito saudavel, soffreu uma terrivel epidemia de febres, no anno em que alli se cultivou arroz: muitas casas se fecharam; e os habitantes amedrontados, e ensinados pela experiencia, proscreveram tal cultura, não querendo continuar a comprar a riqueza a troco da saude e da vida. Em todo o districto as terras, em que o arroz se cultivava, são a patria das febres intermittentes, obstrucções, e hydropesias. Finalmente os factos acontecidos 'neste concelho, levam á maior evidencia, sem ser necessario outras provas, a influencia nociva e verdadeiramente pestifera dos arrozacs.

Um proprietario no antigo concelho de Serpins, haverá dezoito ou dezanove annos, semeou d'arroz, na margem direita do Ceira, juncto da sua habitação, uma certa extensão de terreno. A agua era tirada do rio, para onde voltava no fundo do arrozal. Seguiu-se 'nesse verão uma epidemia de febres intermittentes e remittentes, em todos os povos vizinhos: muitas pessoas morreram, e morreu o mesmo gado, que bebeu a agua do rio ao fundo do arrozal. O proprietario, ou pelo meu conselho, ou talvez amedrontado com o resultado da experiencia, e receoso de que a auctoridade interviesse e lhe prohibisse tal sementeira, não semeou arroz no anno seguinte. A epidemia não appareceu; e 'nesse anno e nos seguintes não houve mais molestias do que costumava haver. Passados alguns annos, o mesmo proprietario tornou a semear arroz, em maior quantidade; uma epidemia similhante se seguiu; e mais extensa.

Este concelho da Louzã pôde dizer-se que é muito saudavel, excepto os logares situados nas margens do rio Ceira, e ribeira d'Arouce. Fora d'aquelles logares posso dizer com verdade, que em vinte seis annos poucas febres tractei no concelho. As molestias, que aqui mais grassam, são as agudas das visceras thoracicas no inverno e primavera. No anno proximo passado encheram d'arrozacs todo o concelho; e chegou a mania a ponto de destruir as sementeiras do milho e feijão, que estava nascido, para semear arroz! Os proprietarios recolheram arroz, é verdade; mas o povo, as doenças, a miseria e a morte!

Principiou a desinvolver-se no mez de julho, e durou até o fim do outono uma epidemia de febres intermittentes, e remittentes, e alguns typhos. As perniciosas foram muito vulgares. Muitas vezes as intermittentes apresentavam-se com symptomatas tão insolitos (Feb. interm. lavatae) que só pela epidemia se podia instituir o tractamento; e só pelo resultado d'este se podia chegar ao conhecimento da natureza da molestia.

Era lastimo-o ver as mães sem meios algum,

ardendo em febre, com os filhinhos moribundos nos braços, pedindo que lh'os soccorressem! Seria necessario ter coração de bronze para se não magoar em extremo, vendo familias inteiras, de cinco e seis pessoas, em miseraveis habitações todas estiradas na terra, ou quando muito em cima de palha com alguns farrapos, que mal lhe cobriam a nudez, sem terem meios alguns de soccorro; e muitas vezes nem quem lhe chegasse uma gota d'agua para mitigar a sede ardente que os devorava! Não sei; não tenho cores bem vivas com que pinte ao natural os horribes e afflictivos quadros, que vi 'naquelles mezes, 'neste desgraçado concelho! Eis o que faz a sede da riqueza! o que faz a ambição e avareza; e a imprudencia de se tractar tanto de leve o objecto de maior consideração — a saude publica! Todas as inflammções das visceras thoracicas ao 3.º ou 4.º dia tomavam o caracter ataxico; e nos mezes de setembro e outubro vieram as diarrheas e dysenterias complicar as febres. Não apparecia febre, que não fosse complicada ao menos com diarrheia. Na freguezia de Villeirinho, quasi todos os doentes, que morreram, foi de dysenteria.

Não se pôde saber com certeza o numero de doentes, que houve no concelho; porque nem vi a quarta parte, nem tinha tempo para fazer notas: mas, não serei exagerado, se disser que passaram de 1:800 ou 2:000, os doentes que houve no concelho, de molestias que se podiam e deviam reputar causadas pelos arrozacs.

Houve dia em que vi 40 doentes novos; e não vi, como já disse, a quarta parte, apesar de me não pôpar a trabalho, de dia e de noite. O habil cirurgião do partido chegou a não poder montar a cavallo; e os mesmos barbeiros, estes homens tão perigosos, mas necesarios actualmente, fizeram serviços, informando-me de muitos doentes, que não podia ver; e instituindo o tractamento que lhe mandava. Em todo o concelho houve 269 obitos; tendo havido no anno antecedente 171; e em outros muitos menos: augmentando por consequencia 98. D'aquelle numero pertencem a esta freguezia de S. Silvestre 124; e exceptuando 9, que morreram da cholera, ficam 115. Esta freguezia tem mil e tantos fogos, e ha uns annos por outros de 50 a 60 obitos; houve por consequencia um excesso em 1855, de 55 obitos pelo menos, que se não pôde attribuir senão aos grandes arrozacs.

A epidemia não se limitou á classe pobre; muitas pessoas ricas foram victimas; e mesmo dentro d'esta villa, aonde pôde dizer-se nunca houve sezões, poucas pessoas, ainda das mais abastadas, deixaram de ser atacadas de sezões, ou d'outras febres.

A mortalidade ainda que foi grande, como se vê acima, muito maior seria, se não fosse a caridade d'alguns cidadãos que proveram

muitos doentes de dieta e remedios. Este conchello é pobríssimo; a riqueza está concentrada em meia duzia de casas; não ha meio algum de socorro nas calamidades publicas, senão a caridade.

Os males, porém, não terminaram com a colheita do arroz, muitas pessoas ficaram com sezões; obstruidas; e hydropicas: sobreveiu a estação chuvosa, que tem sido muito longa: faltas de todos os meios hygienicos e pharmaceuticos; ou têm morrido, ou arrastam uma vida valetudinaria e miseravel. Além d'isto a colheita do arroz não foi abundante; aos habitantes pobres, que cultivam as terras dos ricos, e os obrigaram a sementar arroz, faltou o pão, e vivem actualmente nos horrores da fome e da miseria.

O conchello de Poiars, que fica ao norte, foi sempre victima da epidemia, porque os miasmas pestiferos dos arrozaes da Louzã, foram levados áquelle conchello pelas correntes atmosfericas dos ventos do sul e sudoeste, que têm soprado quasi constantemente desde o principio de setembro. Este facto prova a falsidade da opinião dos que suppõem, que as emanções pantanosas ficam circumscriptas em muito pequeno espaço: pelo contrario são levadas a grandes distancias; só d'este modo se pôde explicar o apparecimento de molestias d'infeção pantanosa aonde não ha pantanos nem aguas encharcadas.

*Continúa*

J. F. DA SILVA PINTO.

## **A zootechnia e as artes agricolas não podem considerar-se como partes da agricultura.**

### **INTRODUÇÃO.**

Talvez que o pequeno trabalho, que hoje publicamos, seja por alguém taxado de inutil e ocioso. Discutir se a zootechnia e artes agricolas pertencem ou não á agricultura, poderá parecer uma questão estranha, e mesmo oposta á indole essencialmente practica dos estudos agricolas. Dir-se-ha que considerar estes ramos como sciencias, examinar as relações, que têm entre si, é pretender nobilitar-os com brazões emprestados, dando-lhes foros de sciencias, quando não passam de simples artes.

Em quanto á primeira dúvida advertiremos que não ha estudos alguns speculativos ou practicos, em que seja licito prescindir do methodo ou da organização das materias, que os constituem, e que, sem isto, o tractado de qualquer sciencia ou arte, tornar-se-hia um cahos sem utilidade alguma.

Relativamente á segunda dúvida entendemos, que o que se tornaria inutil e ocioso, era discutir se a agricultura é sciencia ou

arte, questão escolastica, já—permitta-se-nos a expressão—bastante sedida, e que só pôde tomar a peito quem ignorar as idéas racionais e philosophicas de Ampère, Comte, e de todos os que têm escripto sobre a philosophia das sciencias.

Outra dúvida, que, se nos não enganamos, mais consideração merece, pôde ainda apresentar-se. Estará a opinião, que seguimos, em contradicção com o principio da unidade da sciencia em todas as epochas reconhecida como verdadeira? Se a sciencia é uma só, para que hão de multiplicar-se ainda mais as divisões dos conhecimentos humanos, oppondo assim á unidade e simplicidade a complicação e a multiplicidade? Porque hão de separar-se coisas, que naturalmente se acham ligadas e em dependencia reciproca?

Admittimos a unidade da sciencia, idéa racional e philosophica, que ninguem contesta. A divisão dos conhecimentos humanos é um meio artificial de accommodar á nossa limitada razão o grande numero de objectos, cujo estudo se tornaria impossivel, se assim não fosse facilitado. E a necessidade d'esta divisão creceu ao passo, que o progresso e a civilização foram augmentando com improbos trabalhos e preciosas descobertas o valiosissimo thesouro dos humanos conhecimentos. A area, que os comprehende, por tal fórma se tem alargado e estendido, que hoje ninguem pôde dizer-se encyclopedico, ninguem podendo, como os antigos philosophos, abraçar a sciencia toda da sua epocha.

Não cremos, que a intelligencia dos philosophos modernos seja inferior á dos antigos, e comtudo o quadro dos seus conhecimentos é muito mais limitado e circumscripto.

A sciencia de hoje é mais vasta e difficil, do que a dos tempos passados. E ainda mesmo a um genio mais sublime, do que Aristoteles, Platão ou Pythagoras, seria agora impossivel possuir toda a sciencia da nossa epocha, como aquelles philosophos possuiram a dos tempos, em que viveram. Presentemente quem, fazendo o que ha alguns seculos fez um nosso insigne compatriota, se propozesse a defender theses de *omni re scibili*, passaria com razão por louco rematado.

Nos nossos tempos nas especialidades sómente podem distinguir-se os grandes homens. Buffon, Linneu e Cuvier, tornaram-se celebres na historia natural; Laplace nas mathematicas; Lavoisier na chimica; Bichat na anatomia. E pela vastidão da sciencia o proprio estudo das especialidades impossivel seria, se o não auxiliasse uma classificação methodica dos conhecimentos.

As sciencias, pois, não são mais do que divisões artificiaes da sciencia universal, e os numerosos pontos de contacto, e as intimas relações, que entre aquellas se encontram, são uma prova bem evidente da unidade d'esta.

Estudar a astronomia sem o auxilio da mechanica, é tão impossivel, como apprender a chimica sem conhecer physica; ou saber medicina sem previos conhecimentos de zoologia e botanica. Ha demais alguns objectos, que se acham tractados em muitas sciencias. As propriedades dos corpos hrutos estudam-se na chimica e na mineralogia; a meteorologia é tractada na physica e na geographia physica, e alguns fazem d'ella uma sciencia especial; o mesmo succede com a paleontologia, cujo estudo pode competir, na actual organização dos conhecimentos, tanto á geologia, como á zoologia, ou mesmo constituir uma sciencia distincta.

Vê-se por estes e outros factos semelhantes, que a classificação e organização das sciencias são ainda muito imperfeitas. Corrigir inteiramente os defeitos, que apresentam, e talvez impossivel em razão da unidade da sciencia universal, mas aperfeiçoal-as tanto, quanto ser possa, parece-nos empreza digna das meditações dos philosophos. Se a separação das sciencias é indispensavel como meio de instrução, quanto mais perfeito for esse meio, tanto mais facil e proficuo será tambem o fim que por elle nos propomos obter — o estudo dos conhecimentos humanos.

Todavia na difficil e laboriosa empreza da classificação e distincção das sciencias debalde nos cançaremos, se não houver um principio, que nos guie e regule, que nos sirva de fio de Ariadne 'neste complicado labyrintho. Esse principio está na consignação dos caracteres, que toda a sciencia deve apresentar, para que como tal possa ser considerada. Tendo sempre em vista este preceito procuraremos evitar: 1.º que coizas semelhantes sejam estudadas em sciencias diversas; 2.º que objectos essencialmente differentes se estudem na mesma sciencia.

Bem sabemos que a primeira regra em alguns casos não pôde ter applicação pelas intimas ligações, que existem entre varias sciencias; mas muitas vezes tambem não se observa, podendo e devendo observar-se. Os corpos brutos, por exemplo, estudam-se especificamente na chimica e na mineralogia. Ora por que hão de os mesmos corpos, sem outra differença mais do que a de origem, ser descriptos com nomes e formulas differentes em sciencias diversas? Parece-nos racionalissima e digna de consideração a reforma proposta por Baudrimont para acabar com similhante irregularidade.

Em quanto á segunda regra, é susceptivel d'uma applicação mais geral, e muito ganharia a philosophia, se, na organização de todas as sciencias, ella fosse seguida e observada. Com o fim de mostrar a necessidade da sua applicação a agricultura foi, que emprendemos o trabalho, que ao juizo dos leitores vamos submeter.

Sous le rapport de la connaissance, tout art, comme toute science, est un groupe de vérités démontrées par la raison, reconnues par l'observation, que réunit un caractère commun, caractère qui consiste, soit en que ces vérités se rapportent à des objets de la même nature, soit en se que les objets, qu'on y étudie, y sont considérés sous le même point de vue.

AMPERE — *Essai sur la philosophie des sciences.*

## I.

O homem, contemplando as obras magestosas da criação, admirando os grandes e sublimes phenomenos naturaes, não pôde deixar de entregar-se, com enpenho e com interesse, á observação a ao estudo d'esses factos, d'esses sêres, que por toda a parte o cercam, nos espaços celestes, ou na superficie da terra, na extensão dos continentes ou no seio dos mares, na natureza inorganica e sem vida, ou no mundo vivo e organizado. Este estudo tão interessante como elevado, que tem por fundamento a observação do universo inteiro, constitue o objecto das sciencias naturaes.

Mas nem sempre o homem, observando a natureza, procura satisfazer o desejo de saber, e a curiosidade, que lhe é propria; muitas vezes tem em vista um outro fim, que é tirar das forças e dos sêres naturaes os serviços, que a industria lhes pôde exigir, fim, sem dúvida, tão util e proveitoso, quanto o primeiro é grande e sublime. O estudo, por meio do qual se alcança este, tem tambem por fundamento a observação, pertence por isso ainda ás sciencias naturaes; mas além da observação funda-se em considerações de outra ordem, que dão ás sciencias que d'elles se occupam uma indole e organização especiaes.

No primeiro caso, em que as sciencias naturaes tem por objecto o conhecimento dos sêres naturaes, denominam-se sciencias naturaes puras ou de observação, no segundo caso, em que além do conhecimento d'esses sêres, se occupam tambem das suas applicações, chamam-se sciencias naturaes applicadas.

Á primeira classe pertence a mineralogia, a botanica, a zoologia, etc., á segunda a metallurgia, a agricultura, a zootechnia, etc. Ainda que cada uma das ultimas d'estas sciencias vá buscar grande parte dos seus principios fundamentaes á sciencia correspondente, de que se deriva, nem por isso se deve considerar a distincção entre umas e outras, como escusada e desnecessaria. As sciencias naturaes puras occupam-se egualmente de todos os factos, ou de todos os sêres; as applicadas tractam unicamente d'aquelles, que têm alguma utilidade na indus-

tria; e no estudo d'estes mesmos não attendem senão ás propriedades, de que dependem as suas applicações industriaes. Ha além d'isso nas sciencias applicadas a parte economica, que falta absolutamente nas sciencias puras.

Assim a metallurgia, ainda que grande parte dos seus principios seja tirada da mineralogia, não pôde de modo algum fazer parte d'esta sciencia. O fim da mineralogia é ensinar-nos as propriedades e caracteres dos diferentes mineraes, dando toda a importancia á sua natureza, e nenhuma á sua utilidade; scientíficamente o mineralogista liga ao ouro o mesmo interesse, que ao carbonato calcareo; estuda a prata com tanta attenção, como o quartz ou a argilla. Não assim o metallurgista. Este occupa-se unicamente dos mineraes uteis, que convem explorar; importa-lhe mais a extracção d'elles, do que as suas propriedades: e os caracteres physicos de tão grande valor para o mineralogista são-lhe quasi todos indifferentes. Estudar os diversos processos de extracção, e examinar quaes d'elles se devem adoptar 'nestas ou 'naquellas circumstancias, tal é o fim do metallurgista, em quanto que o mineralogista pouco attende á extracção, e nada ás considerações economicas.

Do mesmo modo a botanica tornar-se-hia muito defeituosa, se na descripção geral das plantas, chegando ás especies cultivadas, as considerasse de um modo alheio á historia natural. A botanica estuda os vegetaes no seu estado natural, como a natureza os apresenta; a descripção dos processos agricolas, as considerações economicas tendentes a fazer adoptar uma cultura de preferencia a outra, todas as operações, que têm por fim modificar o vegetal, tornando-o mais proprio a dar taes ou taes productos, a sêr empregado 'nesta ou 'naquella industria, são coisas inteiramente estranhas á botanica, e de que ella não pôde occupar-se.

A zoologia seria tambem uma sciencia disforme, se tractasse dos animaes domesticos com todo o desinvolvimento, que o assumpto requer, desinvolvimento, que deve sempre ser encarado de uma maneira especial e em conformidade com os fins, a que esses animaes pelo homem são destinados.

O zoologista, que estuda a natureza, e não a utilidade ou as applicações dos animaes, não tracta da criação e educação d'aquelles, que se têm conseguido domesticar; tanta razão tem para estudar a veterinaria do boi ou do cavallo, como as doenças do veado, do tigre ou de qualquer outro animal selvagem.

Da reconhecida necessidade de separar da botanica e da zoologia estudos, que lhes tirariam o character de unidade e simplicidade, que lhes é essencial, objectos que se não fundam exactamente nos principios que regulam

a sua organização, nasceram outras duas sciencias — a agricultura e a zootechnia; — a primeira, que tem por objecto a cultura das plantas, cujos productos servem de alimentos ao homem e outros animaes, ou de materias primas ás diferentes industrias; a segunda, que se occupa da criação e educação dos animaes domesticos.

Continúa.

A. F. SIMÕES.

## O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

Continuado de pag. 186.

Outra prova da crença, que têm os inglezes na virtude mysteriosa e inexplicavel do sello grande, é a maneira como é hoje empregado nas cartas dirigidas pelos soberanos a simples particulares. Duas especies de documentos são sellados com este sello. As cartas de privilegio exclusivo, as *commissões*, etc., dirigidas a todos os subditos da rainha e chamadas cartas-patentes, têm o sello preso á sua extremidade inferior por meio d'um cordão de sêda, e a cêra empregada 'nestes casos, é, como já se disse, amarella e algumas vezes verde. Quando o documento é importante, vae resguardado dentro d'um estojo de pelle côr de camurça, sobre o qual se estampam as duas faces do sello. Porém, nas cartas dirigidas a um simples particular, o sello é então empregado como sinete, e serve para impedir que todos as possam lêr. O modo de applicar o sello 'nestes casos, é o seguinte: enrola-se o pergaminho do documento até formar um maço do comprimento de duas pollegadas; d'este maço sae uma pequena tira onde se escrevem os nomes e titulos da pessoa a quem a carta é dirigida; o maço é apertado com um cordão, cujas duas extremidades se ligam uma á outra, por meio d'um pedaço de cêra do tamanho de um franco, que facilmente se segura, exercendo sobre elle uma pequena compressão com os dedos pollegar e indicador, depois basta tocar no documento com um dos dois discos do sello, para elle immediatamente ficar sellado e por tanto revestido da dignidade de carta régia.

Ninguem melhor do que Carlos I comprehendeu a importancia do sello do reino; por isso pôde conjecturar-se qual seria o seu regozijo, quando um mensageiro lhe levou a York este instrumento que elle julgava tomado pelo parlamento. Porém, se a sua alegria foi grande, menor não foi a malogração do parlamento, quando viu que perdera aquelle emblema da realza, com o qual elrei podia legalmente fazer proclamações, ou promulgar quaesquer decretos, em quanto que o parlamento sem elle não podia proceder a eleições

para substituir algum de seus membros, nem praticar qualquer acto de administração. Depois de ter discutido, esperado e resado, não poucas vezes, intentou mandar fabricar um novo sêllo grande para seu uso particular. Este objecto era de summa importancia; mas os gravadores eram raros 'naquelle epocha, e os que havia, temendo que o rei venhesse, e mandasse executar a riscu um antigo estatuto de Duarte III, que castigava com a pena capital, todo aquelle que imitasse ou contrafizesse o sêllo grande, não se atreviam a cumprir com as ordens do parlamento. Porém, não ha obstaculos que não vença o dinheiro: não tardou que apparecesse um certo mestre Symonds, que se comprometteu a fabricar um novo sêllo, perfectamente similhante ao que elrei tinha, com tanto que lhe pagassem 40 lib. st. adiantadas, e 60 depois de concluida a obra. Este fac-simile foi executado, e o parlamento serviu-se d'elle, até que o governo republicano se reputou tão consolidado, que pôde ter um sêllo proprio, do qual foram excluidos com a maior cautella, todos os emblemas reaes. O antigo sêllo do reino, tomado pelo parlamento, por occasião da capitulação de Oxford, foi despedaçado por um serralleiro, na barra da camara dos communs.

Depois da restauração o sêllo grande de Inglaterra esteve algumas vezes muito arriscado. No reinado de Thiago II foi entregue ao odioso Jeffreys; porém el-rei poucos dias antes de abdicar tinha um tal receio que este importante instrumento caísse nas mãos dos seus inimigos, que alojou Jeffreys no seu palacio de Whitehall, com o fim de ter o sêllo continuamente debaixo da sua protecção pessoal, e, para assim dizer, debaixo dos seus proprios olhos. Na vespera do dia em que abandonou o reino, pediu o sêllo ao chancellor; e quando atravessava o Tamisa, lançou no rio este emblema da realza, persuadido de que sem elle seria impossivel o exercicio das funcções reaes. Ainda que assim fosse, a sua acção contudo 'nenhuma influencia teria tido nos negocios, porque decorridos alguns dias, um pescador trouxe na rede o desgraçado sêllo, e o entregou ao conselho privado.

Em 1784, quando era chancellor lord Thurlow o sêllo grande desapareceu de veras. A habitação do Lord chancellor foi roubada, e entre outros objectos de prego, levaram os ladrões o sêllo grande do reino que nunca mais se encontrou. O conselho privado foi convocado para a manhã do dia seguinte ao do furto, a fim de tomar conhecimento do facto; e procedeu-se com tanta diligencia, que trinta e seis horas depois estava prompto um novo sêllo. Lord Thurlow continuou por oito annos ainda a exercer as funcções de chancellor, mas durante este tempo, nunca

deixou de dormir com o sêllo grande debaixo do travesseiro.

O sêllo grande foi momentaneamente perdido por lord Eldon, em circumstancias bastante burlescas. Este illustre magistrado comprehendia perfectamente a importancia do deposito de que estava encarregado, para o que contribuiu muito o modo singular com que o seu soberano lhe entregara o sêllo. O proprio lord Eldon conta-nos no seu diario, que tendo ido ao paço receber o sêllo, encontrou Jorge III sentado 'num canapé, com a casaca abotoada e o sêllo mettido do lado esquerdo entre o colete e a casaca. Elrei vendo o chancellor tirou o sêllo e entregou-lh'o dizendo « Aqui o tendes; eu vol-o dou do coração. »

Com estas palavras reaes sempre presentes na memoria, lord Eldon nunca se deitava sem collocar elle mesmo o sêllo no seu quarto. Uma noite, era em 1812, acordou de repente, com um incendio em casa. A primeira cousa em que pensou foi no sêllo. Correu ao escondrinho onde o tinha, arrancou-o d'alli e foi a toda a pressa enterrá-lo 'num quintal situado por de traz da casa. Voltando depois ficou tão espantado, diz elle no seu diario, de ver as criadas que tinham saltado da cama em habitos menores, e que ajudavam os bombeiros a apagar o fogo, e ao mesmo tempo tão assustado com os perigos em que estava lady Eldon, que pela manhã não era possivel recordar-se do alegre em que enterrára o sêllo. « Não se podia, acrescenta elle, conceber cousa mais ridicula, que ver todas as pessoas de casa occupadas em esgravatar a terra para dar com o sêllo ». Cremos que foi esta a ultima vez em que grande risco correu de perder-se.

*Continúa.*

## ARREDORES DE COIMBRA.<sup>1</sup>

### VI.

#### Lapa dos Esteios.<sup>2</sup>

É este o aprazivel sitio,  
A gruta amena e florida,  
Onde gozei entre amigos  
O dia melhor da vida.  
CASTILHO.

Remontando a vêa do Mondego até obra d'um quarto de legua para cima da cidade, encontra-se, na margem do poente, um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte.

Dissereis, que, em hora de contentamento, o fizera a natureza, para algum dia hospedar,

<sup>1</sup> Veja-se *O Instituto* — n.º 13 — vol. IV., e n.º 3, 8, 11 e 12 do mesmo Jornal — vol. V.

<sup>2</sup> Dá-lhe este nome uma grande rocha lavada pelas aguas da margem esquerda do rio.

no regalo d'aquellas sombras, seus mais dedicados amigos <sup>1</sup>.

É certo, que, todos os annos, como em romaria, concorrem a tão aprazível estancia alguns cultores das musas; e em legado piedoso, por tradição academica, se vae transmittindo ás successivas gerações d'estudantes, o dever de celebrar as suas funções poeticas 'nesta

..... gentil gruta formosa  
Toda vestida de musgo,  
Coberta d'hera viçosa,  
Recamada, perfumada  
De jasmim, de myrto, e rosa,  
A sombra de verdes freixos,  
A sombra tão amorosa <sup>2</sup>.

Convidára, primeiro, a visitar o sitio o puro, e perfumado dos seus ares, a vária presença da terra e aguas, o sussurar dos ramos abanados das virações, a melodiosa querella das aves; attrahiram, depois, alli os passos não só as nativas graças de tão ameno quadro, mas a grata recordação dos primeiros cantores das suas bellezas.

Já não ha hoje memorar a *Lapa dos Esteios*, sem que logo occurram os nomes dos Castilhos <sup>3</sup>, dos Lemos <sup>4</sup>, dos Pimentes <sup>5</sup>.

Possam os que, depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego, e cheios de toda a primavera das suas margens, se junctarem para similhantes festins, transmittir á posteridade canticos tão maviosos, como os que lhe legaram estes insignes vates.

R. DE GUSMÃO.

## BIBLIOGRAPHIA.

### ELEMENTOS DO PROCESSO CIVIL.

#### SEGUNDA PARTE

POR

Francisco José Duarte Nazareth, lente cathedra-tico da faculdade de direito, socio do Instituto de Coimbra, da Academia real das sciencias de Lisboa, e deputado ás côrtes.

Veio agora a lume este novo trabalho de jurisprudencia practica. É um bellissimo tratado sobre execuções, embora o seu illustre auctor o baptize, por honestidade, com o nome de *elementos*.

<sup>1</sup> Póde ver-se a sequencia da descripção na *Primavera* do sr. Castilho — pag. 79, 2.<sup>a</sup> ed.

<sup>2</sup> A *Lapa dos Esteios* — *Solão* — Pelo sr. José Freire de Serpa Pimentel.

<sup>3</sup> Veja-se a *Primavera*, e *Escavações Poeticas* do sr. Castilho.

<sup>4</sup> Veja-se o *S. João Poetico*, pelo sr. João de Lemos na *Revista Universal Lisbonense* — tom. III., pag. 558, e o *Trovador* — pag. 386.

<sup>5</sup> Veja-se o *Trovador* — pag. 17.

No seu primeiro livro com este titulo — *Elementos do Processo Civil*, — occupou-se da organização judiciaria, e das noções geraes do processo, seus actos, formalidades e ordem, até á sentença em primeira instancia, concluindo com a materia dos recursos. O merecimento e proveito d'essa obra foi immediatamente reconhecido; e obteve toda a boa acceitação, que merecia.

O distincto professor logo, no prologo d'esse livro, se poz em divida com o público, quando disse, *reservando-nos escrever tractados especiaes — sobre execução de sentenças — e sobre os processos especiaes, summarios, summarissimos e executivos, com as respectivas fórmulas*.

A presente publicação, pois, ainda não completa o quadro, que traçara para os seus *Elementos do Processo Civil*; mas adeanta-o muitissimo. Abrange quanto diz respeito ao processo de execução de sentenças, mandados executivos ou de *solvendo*, e autos de conciliação, sem se esquecer das fórmulas d'esse processo.

Bastante, neste ramo, já tinham escripto os nossos trez grandes praxistas, Pereira e Sousa, Almeida e Sousa, e Correia Telles; — mas os dois primeiros viveram afastados da epocha das reformas, que se têm feito no processo; e o ultimo, por não ser esse o seu intento, nem deu ás doutrinas do seu *Manual do Processo Civil* aquella extensão, que ellas pediam; nem resolveu muitas das questões do direito, que a toda hora estão nascendo, e se agitam no processo, principalmente na execução das ultimas providencias; nem comprehendeu, porque não podia, as alterações, que, posteriormente áquelle seu escripto, tem soffrido a legislação.

O sr. Nazareth suppe todas essas deficiencias, — tracta essas questões; indica os escriptores, que se podem consultar; está em dia com a legislação; e dá ás doutrinas a extensão conveniente.

Necessaria aos seus ouvintes, e utilissima a todos os que militam no campo forense, esta continuação dos *Elementos do Processo Civil* do sr. Nazareth por si mesma se recomenda.

B. C.

## NOTICIARIO.

**Cura do escorbuto.** — A *Revista colonial* indica o uso do gúmo do limão como meio prophylactico e curativo do escorbuto. Para preparar o gúmo dos limões expremem-se estes fructos com a casca; mistura-se com alcool o succo obtido, e guarda-se em caixas, que contêm dezoito garrafas de dois litros cada uma. É applicado dez dias depois, e cada doze, que deve ser tomada ao jantar, compõe-se de gúmo de limão, 14 grammas; assucar, 42 grammas; agua, 112 grammas.

**Abestruzes.**—No viveiro central do governo francez em Argel, obteve-se ha pouco a incubação natural dos ovos de abestruz. Por este resultado de longas tentativas temos a certeza de ver reproduzir-se no estado de domesticidade a maior de todas as aves. Parece que as experiencias tentadas no estabelecimento de Hama são as unicas, que até hoje tiveram um exito feliz.

## NÃO FOI SONHO?

**A memoria da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria Candida de Carvalho Coutinho e Vasconcellos.**

Versa est in luctum cithara mea, et  
organum meum in vocem flentium.  
JOB. CAP. XXX.

Não foi sonho? Ai de mim! É pois verdade, Que a virgem, que na harpa da tristeza Dava cantos d'amor á natureza, Já do mundo não é, mas sim de Deus? Não foi sonho, Senhor? A branca rosa, Que entre espinhos viveu, o brando lyrio, Que cingiste de luz e de martyrio, Nova estancia buscou nos côros teus?

Do Mondego corri ás verdes margens; Quiz vel-a ainda uma vez. Adormecida, Em brancas, largas roupas envolvida, Divisei-a da aurora entre os clarões. — Vive! vive! Disse eu: Sorri 'num extasi; Em sonhos transportada é que procura Novos carmes d'amor e de ternura, Mais cânticos na patria das visões. —

Ai mentida illusão! Ai louca esp'rança, Que os turbidos sentidos me affagaste, É tão prestes depois me abandonaste! É morta. Sei-o já. Rasgou-se o véu, Caiu a venda d'encantados olhos. Esse vulto, que eu vi á luz da aurora, Era a sombra ligeira, seductora, Da virgem, que a fugir buscava o céu.

É morta. Sei-o já. Dil-o o nordeste, Que arranca as folhas de que o chão se vêla; O silencio da triste filomela, Que escondida nas balças se calou. Dizem-no as nuvens, que no espaço doira Desmaiado clarão d'um sol extinto; Estes lamentos, que na terra sinto, Do breve outono, que ella tanto amou.

É morta. Sei-o já. Dil-o este dobre, Que nas tôrres o bronze balanceia, Voz de finados, que no ar vagueia, Pedindo aos que ainda vivem compaixão. É morta. Não duvido. Esta tristeza, Esta voz, que nos lembra a eternidade, A prece, que hoje entôa a christandade, Tambem por ella implora uma oração!

Tel-a-has, pobre amiga, que tão cedo, Como estrella cadente, que não dura, Te sumiste no pó da sepultura, Deixando-nos a dôr de te perder. Tel-a-has; e em paga supplicar-te venho, Que peças para mim a Deus o esforço Com que martyr, sem queixa e sem remorso, Sorriste resignada até morrer.

E mais tarde, depois, talvez em breve, Quando a parca sem dô meus dias conte, Irei tranquillo recostar a fronte No leito derradeiro. Então feliz, Ai! feliz, se ao teu lado, de mãos dadas, Em affecto d'irmão, sem par, divino, Vendo o mundo correr a esse destino, Que a vontade do Eterno impor lhe quiz.

Leiria, 2 de novembro de 1857.

A. X. R. CORDEIRO.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 até ao fim de setembro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Antonio da Conceição Teixeira Vidal, para professor temporario da cadeira de Villa Marim, districto de Villa Real.

André José Ferreira, para dicto das Antas, districto de Vizeu.

Antonio Maria Pereira Lima, para dicto do extinto Couto de Souto, districto de Braga.

Domingos Ayres Lopes, para dicto de Galafura, districto de Villa Real.

João Joaquim da Silva, para dicto de Pouzadella, districto de Braga.

Joaquim Lopes Neves, para dicto da Villa da Feira, districto d'Aveiro.

Joaquim Maria da Silva, para dicto de Cadima, districto de Coimbra.

Joaquim Pereira Pedrosa, para dicto da Carpalhosa, districto de Leiria.

José Lopes Viegas para dicto da Villa d'Olhão, districto de Faro.

Silvestre Manuel d'Almeida, para dicto de Portel, districto d'Evora.

Alexandre José Victor Montanha, para dicto de Colares, districto de Lisboa.

Antonio Emilio Pereira d'Azevedo, para dicto d'Oliveirinha, districto d'Aveiro.

Antonio Ferreira Vitella, para dicto de Riba Pinhão, districto de Villa Real.

João Antonio de Moraes, para dicto de Villa Verde do Extremo, districto de Villa Real.

João Luiz Corrêa Junior, para dicto de Cabeçudos, districto de Braga.

Valentin Caetano dos Sanctos, para dicto de Bunheiro, no logar da Igreja, districto d'Aveiro.

Carlota Henriqueta Pinto de Carvalho, para mestra temporaria da escola de meninas d'Aljô, districto de Villa Real.

Antonio Joaquim do Cadaval, para professor vitalicio da cadeira d'Evora Villa, districto de Leiria, por decreto de 15 de setembro ultimo.

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Antonio José da Rocha, para professor temporario da cadeira de latim de Sancto Tyro, districto do Porto, por portaria de 22 de setembro ultimo.





A Redacção do INSTITUTO, convencida de quanto interessa aos páes ou tutores, o saberem as faltas, que seus filhos ou tutelados vão dando nas aulas, que frequentam, longe dos olhos de suas familias, determinou publicar no seu Periodico o resumo das faltas dos Estudantes de Direito, em cada um dos mezes lectivos, bem como o extracto das decisões que a Congregação d'aquella Faculdade tomar a respeito de faltas, propondo-se a fazer igual publicação das faltas dos Estudantes das outras Faculdades e do Lyceu, logo que lhe sejam ministrados os esclarecimentos convenientes.

Nos mappas das faltas que o INSTITUTO vae appresentar, os Estudantes são, por brevidade, designados pelo numero da sua matricula; mas, para evitar qualquer engano, publicar-se-ha no mesmo Jornal, uma lista dos Estudantes que frequentam a Faculdade de Direito com o numero da sua respectiva matricula.

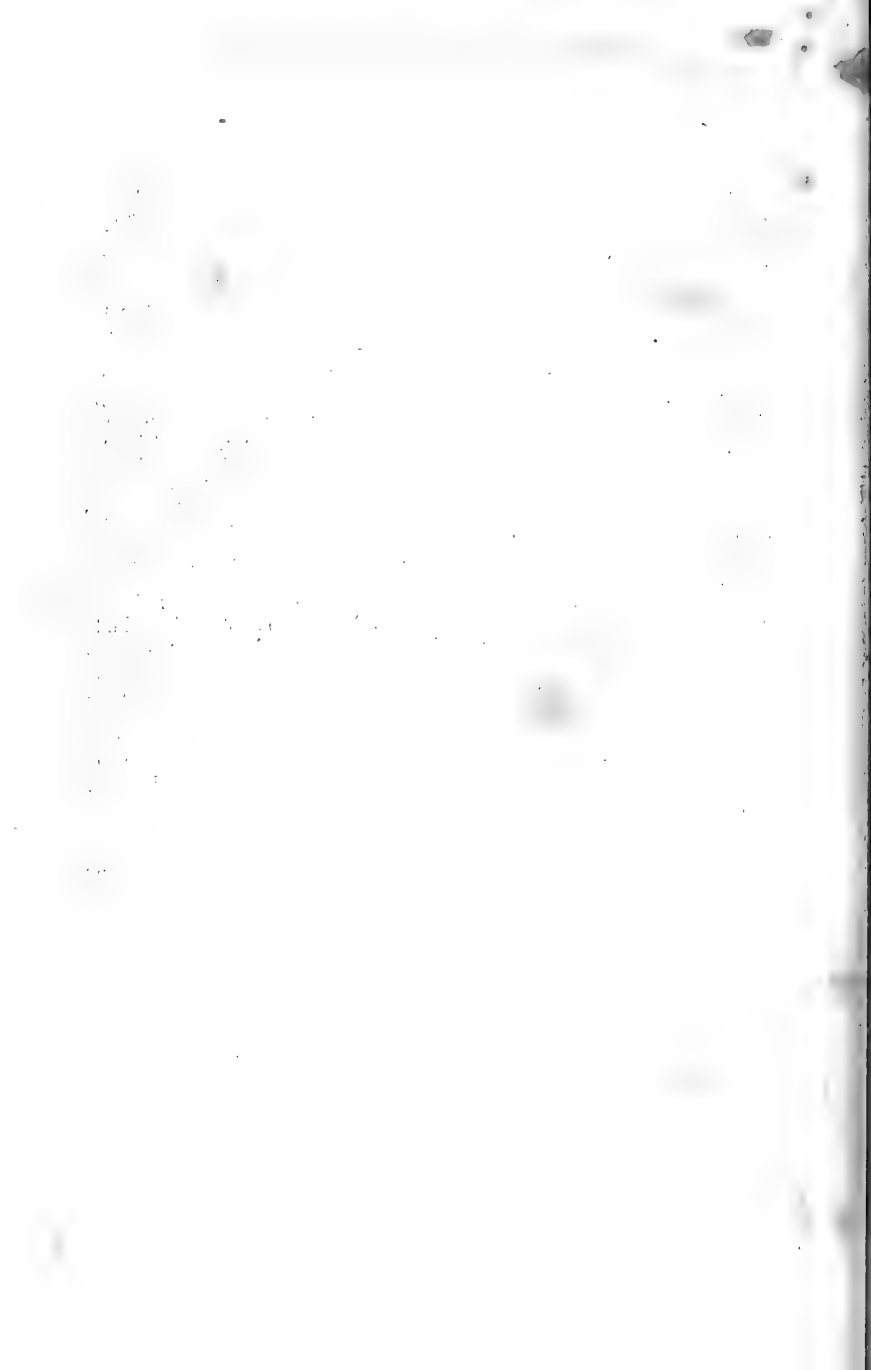
Os Academicos, tendo a certeza de que suas familias são informadas da assiduidade ou desleixo com que frequentam as aulas, serão mais applicados, empregarão no estudo o tempo, que ás vezes despendiam em damnosas diversões; e muitos dos que d'outra fôrma teriam de ser no fim do anno victimas das penas academicas, deixarão de soffrer, e de dar ás suas familias o desgosto d'essas penas.

O INSTITUTO assigna-se em Coimbra no Gabinete do Instituto; em Lisboa na livraria do Sr. Cobellos, rua Augusta n.º 2; no Porto na do Sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua das Hortas n.º 144; em Evora na do Sr. V. J. da Gama, collegio de S. Paulo; no Pezo da Regua na do Sr. M. Mendes Osorio. Póde porém (e este meio é preferivel) enviar-se directamente a importancia da assignatura em letra sacada pela Administração do Correio da localidade a que pertencer o subscriptor, sobre a Administração do Correio d'esta Cidade, a favor de João Pedro Rodrigues de Mattos, Administrador do INSTITUTO, devendo a carta em que fôr remettida a letra, ser dirigida, franca de porte á — Redacção do Instituto — Coimbra.

Preço da assignatura será pago adeantado, e é por	
Anno ou 24 numeros, francos de porte .....	1\$440
Semestre ou 12 numeros, dictos .....	800
Avulso .....	100

Coimbra, 2 de Dezembro de 1857.

*Os Redactores do Instituto,*



# O Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.



Foi Deus servido de levar-o para si . . . para lhe pagar  
na gloria os trabalhos padecidos cá na terra.

FR. BERNARDO DE BRITO — *Chronica de Cister.*

Um denso véu de lucto envolve a Igreja Lusitana; um pranto justificado inunda as faces de todos os seus filhos.

O chefe d'esta Igreja, o pae d'estes filhos, jaz ahi cadaver sob a lagem do mausoleu; — o nome d'elle vae ser inscripto para sempre na pedra dos tumulos!

O virtuoso D. GUILHERME HENRIQUES DE CARVALHO, Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa; deixou de existir: aprouve a Deus limitar-lhe os soffrimentos da vida, para lhe antecipar a merecida recompensa no Céu.

As lagrimas derramadas sobre as reliquias do varão, que foi, são já um tributo insuspeito de admiração e saudade, em que as gerações futuras têm de assentar a justiça, que lhe farão.

O INSTITUTO não é, nem devia ser o ultimo em tão dolorosa homenagem á memoria de um dos seus socios honorarios, que mais o ennobreciam; porque juncta esta obrigação especial ás que de mais lhe cabem como portuguez e crente.

O INSTITUTO chora a perda de um dos seus irmãos mais dignos: Coimbra—patria do illustre finado—lamenta, com extremos de mãe, a falta de um de seus mais benemeritos filhos.

Intelligencia superior, caracter honradissimo, cidadão prestante, ecclesiastico modelo cumpriu, dignamente a sua missão no mundo; e o mundo seria ingrato recusando-lhe um justissimo feudo, ao menos na campa, se não gravasse nella, a par do seu nome, as palavras: FOI UTIL.

Tal remorso não torturará por certo o coração de ninguém; porque todos, todos ali estão a avivar as poucas letras d'esse eloquente elogio—resumo de uma honrosa biographia inteira,—nas expansões de acerba dôr pela morte do venerando Prelado.

Possam estas demonstrações dos homens, e, sobretudo, uma profunda fé na eterna felicidade dos justos, ser, no decurso dos tempos, o estímulo para lhe desafiar imitadores, como são hoje para nós consolação e lenitivo.

Respeitemos em tão penoso lance os decretos da Providencia, que assim nol-o impõe o dever de christãos; e, como christãos e agradecidos, não nos esqueçamos d'implorar a Divina Misericordia para o repouso d'aquelle, que já na terra a não implora em nosso auxilio.

O balsamo da Religião, sempre efficaz, poderoso sempre, é o unico que póde suavisar-nos a passagem de um grandissimo pesar para uma saudade ainda maior.

É certo que, se foram grandes os sentimentos na sua morte, muito maiores serão as saudades da sua vida

Padre ANTONIO VIBIRA — *Palavra de Deus.*



## UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

*Resumo das relações das faltas que deram os Estudantes de Direito no mez de outubro de 1857, com as qualificações que receberam na Congregação de 18 de novembro de 1857.*

## 1.º Anno Juridico.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
11	24.....	1	por abonar
12	31.....	1	idem
13	30, 31.....	2	abonadas
15	17.....	1	por abonar
18	31.....	1	idem
19	26.....	1	idem
36	27.....	1	abonada
39	27.....	1	por abonar
40	31.....	1	idem
42	19.....	1	idem
45	30, 31.....	2	idem
46	24.....	1	abonada
51	23, 27..... (a)	2	por abonar
59	31.....	1	idem
60	23, 26, 28, 31.....	4	idem
62	31.....	1	idem
63	27.....	1	idem
66	28.....	1	idem
72	26, 27, 28.....	3	abonadas
80	31.....	1	por abonar
82	31.....	1	idem
87	31.....	1	idem

(a) As faltas do n.º 51 estão abonadas na cadeira de Encyclopedia Juridica, mas não o estão na de Direito Natural, e por isso reputam-se não justificadas para o effeito da triplicação, salvo o recurso que ainda compete para a congregação de dezembro.

## 2.º Anno Juridico.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
27	17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	11	abonadas
28	20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	9	idem
34	17.....	1	por abonar
37	26.....	1	idem
42	(27, 28,) 30, 31.....	4	(2 abon.), 2 por abon.
48	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas
53	17.....	1	por abonar
63	24, 30.....	2	idem
64	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas

N.B. O dia 31 foi de sabbatina assim na aula de Direito Romano, como na de Direito Publico.

## 3.º Anno Juridico.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
5	26, 27, 28, 30, 31.....	5	abonadas
15	23, 24.....	2	idem
18	27.....	1	por abonar
19	19.....	1	idem
25	30.....	1	idem
26	17.....	1	idem
27	30.....	1	idem
29	24.....	1	idem
41	17.....	1	idem
50	19.....	1	idem
54	23.....	1	idem
58	30..... (a)	1	idem
60	24.....	1	idem
66	19, 26.....	2	idem
70	(26) 27, 28, (30,) 31 (b)	5	(2 abon.), 3 por abon.
77	21, 23, 24.....	3	abonadas
80	26.....	1	por abonar
85	21, 23, 24, 26, 27, 28..	6	abonadas

(a) A falta do n.º 58, a pesar de abonada em Direito Civil, acha-se por abonar na aula de Direito Admin., e por isso está sujeita á triplicação.

(b) As faltas do n.º 70 estão por abonar na aula de Direito Eccl. nos dias 27, 28 e 31, e com quanto as de 27 e 31 estejam abonadas em Direito Civ., e a de 28 em Direito Admin., são consideradas como não abonadas para o effeito da triplicação, accrescendo que a de 28 foi de sabbatina em Direito Eccles.

## 4.º Anno Juridico.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
9	19.....	1	por abonar
17	31.....	1	idem
24	20, (23, 24, 26).....	4	(3 abon.), 1 por abon.
25	24, 31.....	2	por abonar
30	26..... (a)	1	idem
41	24.....	1	idem
63	27.....	1	idem
72	20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	9	idem
78	27.....	1	idem
91	31.....	1	abonada
92	27.....	1	por abonar

(a) A falta do n.º 30 foi dada na aula de Direito Commercial em dia de sabbatina.

## 5.º Anno Juridico.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	26.....	1	por abonar
6	27.....	1	idem
22	26.....	1	idem
51	23, 24..... (a)	2	idem
52	26, 27, 28.....	3	abonadas
65	31.....	1	idem
67	30, 31.....	2	idem
71	26.....	1	por abonar
81	30.....	1	idem
89	19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31.....	10	abonadas
93	(26, 27, 28,) 30.....	4	(3 abon.) 1 por abonar
94	27.....	1	por abonar
98	17, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 28, 30, 31 (b)	11	idem

(a) As faltas de 23 e 24 do n.º 51, a pezar de abonadas nas aulas de Direito Criminal e Prática, como o não estão na de Hermeneutica, ficam sujeitas à triplificação, salvo o recurso que ainda compete para a congregação de dezembro.

(b) Este Estudante requereu em Congregação de 18 de novembro a abonação d'aquellas faltas, que dá por molestia fóra de Coimbra, mas o documento comprovativo não vinha legal, e por isso lançou-se-lhe o seguinte despacho — Satisfaça ao disposto no art. 9 do Regul. de 30 d'outubro de 1856.

## CURSO ADMINISTRATIVO.

## Cadeira de Direito Natural.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	23, 30, 31.....	3	por abonar
26	30, 31.....	2	idem

## Cadeira de Economia Política.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
2	20, 21, 24, 26, 28.....	5	por abonar
26	24.....	1	idem

## Militares matriculados voluntários em Economia Política.

N.º dos Estud.	Dias das faltas em outubro	Total	Qualificações
3	20, 21, 24, 26, 28.....	5	por abonar

Extracto das resoluções, sobre faltas, adoptadas em congregação da faculdade.

1.ª Todas as resoluções sobre faltas e suas qualificações serão publicadas por edital do prelado afixado nos geraes da Universidade, de modo que entre esta publicação e a immediata congregação de faltas nunca mediem menos de 4 dias.

2.ª Para evitar toda a confusão no escripturar as faltas, os estudantes de direito conservarão todo o anno o numero, com que se matricularam. Este numero nunca será alterado ainda que venha a ficar sem effeito a matricula de qualquer estudante.

3.ª As dissertações serão entregues, até o dia designado pelo lente respectivo, ao bedel da faculdade, o qual passará recibo aos estudantes, e o cobrará do lente a quem entregar as dissertações, o que deverá fazer no dia immediato áquelle, em que houver findado o prazo concedido aos estudantes para o desempenho d'esta obrigação. O mesmo bedel apontará os que houverem faltado a ella, designando nas relações esta falta pela letra — D—que escreverá adeante do numero do estudante, que não cumpriu.

4.ª O bedel em vez de fazer como até aqui tantas relações de faltas quantas as aulas, fará uma só para cada um dos cinco annos, da qual se imprimirão ou lithographarão na imprensa da Universidade sete exemplares, que o bedel assignará, e dos quaes entregará dous a cada um dos lentes do anno e um ao secretario do conselho da faculdade. O bedel porá toda a diligencia na expedição d'este serviço, sollicitando sob sua responsabilidade as ordens necessarias para que a imprensa o não demore.

5.ª Os lentes, que abonarem umas faltas e deixarem de abonar outras do mesmo estudante, não só declararão adeante do numero d'este o total das que reputam justificadas mas passarão um traço sobre os algarismos, que representam os dias das faltas abonadas para que assim se possam extremar as qualificações correspondentes a cada falta.

6.ª O secretario da faculdade logo depois da congregação de faltas cuidará de remetter ao prelado uma nota do numero e qualificação das de cada estudante dadas no mez antecedente. O mesmo secretario participará ao prelado todas as decisões de quaesquer recursos sobre faltas.

7.ª Os requerimentos dirigidos á congregação serão lançados numa caixa cuja chave ficará em poder do prelado. O local, em que deva achar-se esta caixa, será designado pelo mesmo prelado.

8.ª A abonação das faltas occasionadas por fallecimento de pessoa conjuncta comprehenderá trez dias continuos, quando o fallecimento fór de pãe, mãe, avô ou avó, e dois dias tambem continuos, se o fallecimento fór de irmão, ou irmã.

## OS PRELUDIOS.

(Tradução da XLVI Meditação Poética, de Lamartine.)

Das tranças d'ebano espremendo o orvalho,  
 Suave refrigerio á terra em braza,  
 A noite silenciosa vem descendo  
 Dos pincaros da serra, e traz consigo  
 As sombras por cortejo e os brandos sonhos.  
 Já foi hora d'encantos! . . . porém hoje,  
 Qual fogueira que o vento não aviva,  
 Min' alma tenta em vão cobrar alento,  
 Já triste e sem vigor, se fina e murcha;  
 O socego lhe peza! Ó lyra! Ó genio!  
 Musica interior, maga harmonia,  
 Harpa sonoras, que eu ouvia ao longe,  
 Como um echo a vibrar dos côros d'anjos,  
 Em quanto é tempo ainda, em quanto pulsa  
 Este meu coração, vinde afagal-o.  
 E tu, que prestas fogo á minha lyra,  
 Meu anjo inspirador, ah! vem tentêa,  
 Caprichoso, os preludios que mais amas.  
 Lá vem! lá desce! ouviu-me! eu sinto as cordas  
 Do alaúde no vôo estremecer-lhe,

E o fremito sonoro  
 Passar-me o coração, soprar-me o estro!

Por que descem tão queixosas  
 As aguas que as margens beijam,  
 Estas cannas ciciosas,  
 Estas ribeiras saudosas  
 Que murmuram? que desejam?

Por que suspira escondida  
 A rolinha no avoredo,  
 Quando só, d'aza estendida,  
 Em beijos ao esposo unida,  
 Perde a voz, ama em segredo?

E tu, anjo de candura,  
 Que de amor embriagada,  
 Sonhas prazer e ventura,  
 Por que gemes com tristura  
 Em meu peito reclinada?

Mais fresca que a fresca aurora,  
 Mais limpa que estas aguas,  
 Linda flôr, que o mundo adora,  
 Não pôde o tempo até'gora  
 Turbar-te o peito de maguas:

Mas teu coração suspira,  
 Soffre da dor o quebranto,  
 Na face o prazer te expira,  
 Vem o riso e se retira,  
 Assoma aos olhos o pranto.

Com o prazer avergada,  
 É porque a nossa fraqueza,  
 Qual canna ao sôpro dobrada,  
 Mesmo á festiva toada  
 Dá o accento de tristeza;

Ou talvez extasiada  
 A nossa alma já divisa  
 Do prazer a breve estrada,  
 Onde a vida mais fadada  
 Em suspiros se deslisa.

Deixa o zephиро ancioso  
 Roubar-te do pranto o véu;  
 Foge o tempo precioso,  
 Mas no espelho radioso,  
 Reflecte as côres do céu.

Em carreira pressurosa  
 Tudo corre á sua sorte,  
 Ao mar a onda queixosa,  
 Aos ventos a flôr mimosa,  
 Dia á noite, e vida á morte.

Porém qu'importa, ó querida,  
 Na viagem destinada  
 O termo incerto da vida!  
 Se ella nos corre florida  
 Sobre a onda socegada?

Com tanto que na passagem,  
 Em casto amor embebido,  
 Eu contemple a tua imagem,  
 E chegue em fim á paragem  
 Como um nauta adormecido.

Nos calices de safira  
 Dorme a brisa descangada;  
 Da pomba o arrulho expira;  
 Murmurando se retira  
 A vaga da praia amada.

Deixemos, ó doce vida,  
 Em casto abraço estreitados,  
 Nós tambem esta guarida;  
 Ao céu, ao céu, a mim unida,  
 'Num suspiro transformados!

Oh! quebra-me esta corda amollecida!  
 Meu coração por ella não se afina,  
 Nem amor acha sons, que bem lhe quadrem;  
 Só pôde, só quem ama, revelal-os.  
 Suspiros que do peito ardendo sobem,  
 Lagrimas de prazer, que os olhos toldam,  
 Um silencio, um olhar, um meigo accento,  
 Dizendo e repetindo sempre o mesmo,  
 Dizem mais que os teus sons, ó branda lyra:  
 Cabe o amor ao amor, o mais ao genio.  
 Se no meu coração vibrar pretendes,  
 Mais fortes sons arranca ás brandas cordas.

Lá oiço ao longe, como voz que trôa,  
 Ruidoso sôpro, que estremece os ares,  
 Qual d'aguia a ponta d'aza  
 Que no pesado vôo as aguas roça.  
 Oh! quem me dêra um mar, um mar sem praias!  
 Quem me dêra, de noite á luz dos raios,  
 Ao sôpro d'aquilões, em náu sem mastro,  
 Rasgar do Oceano as humidas campinas . . .

Té ao fundo descer, subir-lhe aos cumes,  
Co'a vaga mergulhar ao negro abysmo,  
E de lá em cachões arremessado,  
Vir boiar sobre a espuma a flor das aguas!  
Neste embate de horror e de deleite,  
De vida e morte vezes mil suspensa,  
Póde ser, que a minh'alma em seus terrores  
D'um ignoto prazer se repassasse;  
E prestes a abysmar-se em noite infinda  
Iada um momento se agarrasse á vida,  
Como um homem caído d'alta rocha  
Tenta co'as mãos em sangue inda suster-se.  
Mas sempre caminhar a mesma estrada;  
Vêr a vida a esvaír-se gôta a gôta;  
Mas seguir passo a passo, arrebanhado,  
Humanas gerações, inutil péso,  
Que nasce por nascer, e logo morre,  
Que em cada primavera a terra expelle,  
Qual no inverno o carvalho em nossas matas  
Expelle ao vento as ressequidas folhas:  
Sem 'sp'rança e sem prazer seguir na vida,  
Como um batel que dorme em aguas mortas,  
Vêr em esforços vão gastar-se a alma,  
Vêl-a nas mãos da sorte a enferrujar-se:  
Pensar sem descobrir; não achar termo  
Á ardente aspiração; brilhar debalde  
Com facho que esmorece e não se apaga...  
Eis a sorte commum... eis minha sorte!  
Trilharam nossos páes a mesma senda,  
Nossos filhos depois, da sorte ao peso  
Curvados, seguirão o mesmo trilho.  
Todos definham, morrem, passam todos,  
Mas, afóra os mortaes, o mais persiste!

Tu que a minh'alma confortavas,  
Anjo meu, porque assim de tom mudaste?  
Parece um echo da torrente surda  
Que rola os prantos na mansão das dores!  
Porque é esse gemer, como as rajadas  
Do vendaval nos troncos ressequidos?  
Porque choras venturas já passadas?  
Acaso, o que não é, já foi outr'ora?  
E ha de o pesar vir sempre em nossas festas,  
Sombra infausta, sentar-se ao nosso lado?  
Ha de fazer-nos com olhar sinistro  
Das aterradas mãos cair as taças?  
Não: desviando a face, ao esquecimento,  
Ao segredo da vida, recorramos.  
Um adeus ao passado e em altos cantos  
Minh'alma arroja aos sublimados feitos.

Que sons guerreiros meu ouvido escuta?  
E o clarim, o rincho do corcel:  
A corda ensanguentada  
Retine como a espada  
Na chapa do broquel.

Deu signal a trombete, e sóa ás armas!  
— As armas — vão os echos repetindo  
Mais ligeiros que o vento, pelos campos  
Dispersos esquadrões acodem prestes.  
Sobre os cerrados flancos, 'num instante,  
As legiões s'estendem como as azas

Sombrias de um abutre; os insoffridos  
Intrepidos frisiões os freios trincam.  
Dorme 'luda o raio; — lugubre silencio  
Sobre essa multidão sinistro paíra.  
So se ouvem passos de cem mil soldados,  
Como os de um homem so, correndo á morte;  
Dos carros o rodar; corseis que rincham;  
Mil ordens que retiem pelos ares,  
E o rugir das bandeiras desfaldadas,  
Que nos campos rivaes soltando as dobras,  
Ora parecem da victoria ao sópro  
Por si mesmas voar d'encontro á gloria;  
Ora dos pavilhões tombando ao longo,  
Sobre as hostes lançar um véu funereo.

Já dos campos na frente os bronzes trôam:  
Respondem, cruzam-se os trovões da guerra;  
Nos inflamados tubos mal contido,  
Como o sópro da morte o raio estala,  
E arroja a bala, que rarea as filas.  
Bem como o lavrador, que vae e volta,  
E que sem descansar, rasgando o valle,  
Abre ao lado de um rego um novo rego,  
O projectil fatal assim percorre,  
As filas uma a uma assim derruba.  
Cae aqui um heroe em flôr ceifado,  
Que ostenta em seu olhar valor, orgulho;  
No seu elmo, que a luz despede a espaços,  
Ondeava de um corcel a negra clina:  
Foi-lhe o elmo brilhante alvo da morte;  
Fulminado de um tiro que não sente,  
N' arena tomba como um feixe d'armas,  
E o seu corcel que sente as redeas frouxas,  
E que vê de um relance o dono em terra,  
Volve atraz, e o fareja, e morto o chora.  
Cae alem um guerreiro, que nas lides  
Da guerra encaneceu; que outros amores  
Não teve afóra as armas, e a bandeira,  
Constante morte seu, sua saudade....  
Cega a morte discorre em seus estragos:  
Um morre todo inteiro; alem, qual tronco  
Que o machado desfez, dispersos membros  
Outro no pó saltar vê em pedaços,  
E pelo chão tentando inda rojar-se  
Em borbotões de sangue um rasto deixa.  
Exangue, semimorto, inda escapar-se  
Nos braços de um amigo outro procura;  
Unidos seio a seio a morte os colhe,  
Co'a dita ao menos de morrerem juncos.  
Com livido clarão debalde os raios  
Se cruzam sem cessar: bravos soldados,  
Como as ondas, que rasga a prôa ousada,  
Apagam logo a esteira fumegante,  
Sobre os corpos dos mortos vêm intrepios  
Em novas filas arrostar co'a morte!..

Mas já cansados d'esta morte ingloria,  
Os dois campos rivaes, ardendo em raiva,  
Vêm por fim a travar-se, misturando  
De sangue os turbilhões no duro embate.  
Ao péso dos corceis abrem-se as filas,  
Que abobeda metallea resguarda;  
Cruza-se o fogo ao fogo, o ferro ao ferro;



Flammejam embatendo-se as fileiras;  
Em torrentes de fumo horrído trôa  
Inflammado o salitre, e brilha, e corre  
Da linha ao longo, a encobrir-lhe a sorte,  
Ou fatal, ou de gloria, em densa nuvem.  
Das gargantas assim de oppostas serras,  
Num leito, que as aperta, despenhadas,  
Duas torrentes vêm lutar raivosas;  
Bate a onda na onda; arcando sobem  
Enormes vagalhões com furia insana;  
Toldam-se os ares co'a alvejante espuma,  
E o ruidoso fragor acorda os echos;  
Mas no leito, que as prende, sempre em luta  
Suas ondas por fim unidas rolam.

Já não ronca o trovão... ouvis? Lá se erguem  
Do campo funerario mil concertos:  
A fanfarra, o clarim, harpas sonoras  
Com suave harmonia os ares ferem;  
Depois afastam-se, e escutar permittem,  
Sumidos quasi, os ais dos moribundos!...  
Ao longe, o val' seguindo, inda resoam;  
Mas gela o coração, as fibras tremem,  
Quando lembra, que no ar que assim se agita,  
'Stão dos mortos talvez passando as almas!  
Eis que o sol de repente as nuvens rasga,  
Dando ás scenas d'horror clarão funereo;  
Os seus raios no solo humedecido  
Lagos de sangue á vista nos descobrem,  
Corseis jazendo, e carros em pedaços,  
No pó dispersos mutilados membros,  
D'armas, corpos, destroços confundidos,  
E os pendões a cobrir rimas de mortos!

Correi agora, amigos, mães, esposas!  
Vinde os filhos contar, e irmãos, e amantes!  
Vinde ás ruínas disputar c'o abutre  
Esse arrimo á velhice, esses amores.  
Que prantos vão correr! Quantos gemidos  
Nas cidades em lucto vão soltar-se,  
Antes, tristes mortaes, que a terra possa  
A custo renovar perdas de um dia!  
Impassivel no entanto a natureza  
Segue no giro seu sem dó dos homens:  
Ha de vir amanhã a rubra aurora  
Nos broqueis espelhar-se dos finados,  
Ha de o rio lavar sangrentas margens,  
Hão de os ventos varrer infectos ares,  
E ha de a terra, adubada d'estes restos,  
Com flores encobrir ossadas frias!

Silencio anjo de fogo! Que aterrada  
Minh'alma geme aos sons das bronzeas cordas,  
E segue em ancia os teus guerreiros passos,  
Qual coche, que os corseis voando arrastam!  
Fugindo a tanto horror meus olhos tristes  
Chorosos buscam mais risounhas praias.  
'Nessa lyra não tens um som que alente?  
De ouvir não folgas do pastor a flauta?  
Quando, de um parreiral sentado á sombra,  
Sozinho esquece as horas, despertando  
O murmurio do rio, a voz dos echos

Com sons, que nos encantam lastimosos?  
Muitas vezes, á tarde, na collina,  
Para um só não perder me ponho á 'scuta;  
N'alma então, por momentos acalmada,  
Sinto c'os sons passar fagueira brisa,  
Mais grata, que a sombra dos arbustos,  
Ou que o fresco das aguas, que murmuram.

Um vento me afaga a lyra;  
Será d'ave que a roçou?  
Sua voz no peito expira,  
E a pobre corda suspira,  
Como a cana, que vergou!

Valles paternos! campos! choça humilde,  
Da encosta do outeiro pendurada,  
Cujo tecto semelha o ninho occulto  
Nos tufos da ramada;

Sombras, relvas!! portão, em cujo ádito  
Sentado, como um rei no throno seu,  
Vinha meu pãe contar os seus rebanhos!  
Abri! abri... sou eu.

Eis o templo de Deus da pobre aldêa;  
Já das torres ouvi grato soido;  
Parece, que uma voz da infancia aos dias  
Me chama em tom sentido!

Sim, meu berço d'infancia, a ti eu volto,  
A abraçar-me aos teus lares protectores;  
Ao mundo disse adeus... com vós me quero,  
Nasci entre pastores!

Como elles, em pequeno, pelos campos  
Seguia até á noite o anho errante:  
Folgava de lavar-lhe na ribeira  
O vélo alvejante.

Nos ramos de um chorão me balouçava,  
De tronco em tronco aos ares me subia;  
E dos ninhos da rôla era o primeiro  
Que os ovos recolhia:

Amava os sons que á tarde o ar espalha,  
Dos carros o chiar c'o duro attrito;  
O som da campainha suspendida  
Ao collo do cabrito.

E depois, ao deixar éden tão grato,  
Como um vazo d'aromas impregnado,  
D'ineffavel prazer, longe do mundo,  
Tinha o peito inundado!

Sítios p'ra mim sagrados, dae-me asylo!  
E vós qu'inda estes lares afagaeis,  
Salgueiros, que eu plantei, curvae os ramos  
Ao irmão que choraes.

Sou eu; reconhecei-me, ervas que piso,  
Vós troncos, onde ás vezes me trepava,  
Echo triste, onde ao longe, no silencio  
Minha voz ressoava:

Não venho aqui trazer, amenos campos,  
Nem saudades, nem sonhos do futuro,  
Eu venho adormecer-me em vossos berços,  
Buscar descanso obscuro.

Com alma pura despertar co'a aurora,  
Elevar a oração ao Deus do dia,  
Ver as flôres, que brotam orvalhadas,  
Ostentando alegria;

Perfumes aspirar, que a serra exhala,  
Ou nos bosques gozar doce frescura;  
Ao sópro da manhã ver como ondeam  
As messes na planura;

Á fonte conduzir tenra novilha,  
Lançar á cabra o trevo perfumado,  
Ou ver curvando a fronte os brancos toiros  
Ao jugo costumado;

O arado conduzir, rasgando as leivas,  
Na parede espalmar velha parreira;  
Ou no seio do prado abrir os regos  
As águas da ribeira.

Do seu pão repartir c'o pobre afflicto,  
Á noite, ao pé da porta, em paz sentado,  
E a descansar por fim cerrando os olhos  
Sem pena e sem cuidado;

Sentir, não os contando, em paz serena  
Os dias deslizar sem arruído,  
Como a arêa, que marca na ampulheta  
Horas que tem fugido;

Ver da arvore pender os doces fructos;  
Castos fructos d'amor ter a seu lado;  
Dizer-lhe um terno adeus na hora extrema.  
Mortal, que mais te é dado?

.....

Expira voz, morre o canto; adeus ó anjo!  
Á mansão te remonta da harmonia:  
Deram-me os cantos teus treguas ao pranto...  
Fallava-lhe... no céu já não me ouvia!!

F.

... Du m'as à son nom qu'on dresse un souvenir.

J. LEBREVE.

Falleceu ha pouco em Coimbra um dos maiores ornamentos da Universidade, um dos seus mais distinctos filhos, o sr. José Machado de Abreu, Barão de Sanct'Iago de Lordello. Não bastára a prematura e irreparavel perda dos srs. doutores Goulão e Bellarmino; poucos dias depois, já a morte descarregava novo golpe, o sepulchro recebia uma terceira e não menos illustre victima.

Em presença de tamanha dôr que nos resta senão resignar-nos? Curvemo-nos diante dos decretos da Providencia; oremos por alma d'aquelle, a quem Deus na sua infinita sabedoria houve por bem arrancar d'este mundo de provação e miseria.

O sr. José Machado de Abreu, fôra, ha alguns annos, Vice-Reitor e depois Reitor d'esta Universidade; e, em consequencia dos serviços que prestou durante o exercicio d'estas funcções, agraciado com o titulo de Barão de Sanct'Iago de Lordello, e uma commenda da ordem de Christo, ficando ao mesmo tempo com as honras de Reitor. Era membro do Conselho Superior d'instrução pública, e no desempenho das obrigações, que lhe impunha este cargo, mostrou sempre o maior zelo, e deu não equivocas provas da sua rectidão inconcussa, e ao mesmo tempo da vastidão de conhecimentos que possuia. Era lente cathedratico na faculdade de direito, e professor de direito commercial. Gozava da merecida reputação de um habil e distincto mestre, querido e respeitado por todos os seus discipulos.

O sr. Barão de Sanct'Iago entregava-se a um assiduo e aturado trabalho; o seu espirito paciente e laborioso era naturalmente propenso ao estudo. Infelizmente deixou poucos<sup>1</sup> escriptos; contudo podemos mencionar como um valioso serviço que prestou á sciencia, a nova edição do Codigo Commercial enriquecida por elle com importantes appendices, contendo a nossa legislação commercial posterior á publicação d'este codigo.

Ainda que austero no cumprimento do que reputasse dever seu, a sua bondade era proverbial nesta terra. A um extremo amor da legalidade junctava um vivo desejo de favorecer sempre que podia, sem quebra das suas obrigações.

Apesar de ter abandonado ha muito a profissão de advogado, que exercêra com a maior distincção, por alguns annos no Brasil, durante o governo do Infante D. Miguel, o sr. Barão nunca se recusou a prestar gratuitamente e de bom grado, aos que vinham consultal-o, o auxilio das suas luzes, e a experiencia da sua longa practica.

Acommetido nos ultimos dias de outubro ultimo de uma ligeira constipação, o sr. Barão de Sanct'Iago previu, desde o começo da molestia, que estava proximo o termo da sua vida. Muito antes de até mesmo se desconfiar, que o seu estado apresentava perigo, quiz fazer as suas ultimas disposições; e poucos dias depois pediu e recebeu, como verdadeiro e fervoroso christão, os ultimos sacramentos. A doença porém caminhava a passos largos; progrediu com medonha rapidez, e apesar

<sup>1</sup> Entre outros sabemos que ha nos papeis de sua ex.<sup>a</sup> umas notas ao Cod. Commercial.

dos desvelados cuidados dos distinctos medicos que o cercavam, o sr. Barão de Sanct'Iago exhalou o ultimo suspiro no dia 21 de novembro passado ás 11 horas da noite.

A noticia da sua morte espalhou em Coimbra verdadeira e pungente magua. É que todos conheciam o que valia o sr. Barão de Sanct'Iago de Lordello, e a perda que sofriam com o seu prematuro e infausto fallecimento.

S. H

## NOTICIARIO.

### Descuberta de um novo planeta.

Mr. Luther, director do Observatorio de Bilk, descobriu em 19 d'outubro passado um novo planeta, que fica sendo o 50.º do grupo. O astro tem o aspecto d'uma estrella da 10.ª grandeza, e está situado, como os precedentemente descobertos, entre Marte e Jupiter.

Dias depois do annuncio d'esta descoberta, Mr. Leverrier apresentou á Academia das sciencias de Paris uma carta de Mr. Maury, director do Observatorio de Wasinghton, communicando que em 3 d'outubro Mr. Fergusson descobrira um novo planeta, que julgava ser o 47.º, porque ignorava ainda as descobertas de Mr. Pogson, e Goldschmidt.

Mr. Leverrier accrescentou por essa occasião, que fazendo no Observatorio imperial a comparação entre as posições do planeta de Mr. Fergusson e o 50.º de Mr. Luther, fôra levado a crêr a identidade dos dois astros: porque, reduzidas ao dia 3 d'outubro, as coordenadas do planeta 50.º differem quando muito 20' das observadas por Mr. Fergusson; e esta differença é facil de explicar pelo movimento proprio do astro.

Mr. Luther posteriormente, em carta dirigida á Academia, reconhece tambem a identidade do seu planeta com o de Mr. Fergusson: e rectifica que este o descobrira não a 3, mas a 4 d'outubro.

### A mais alta montanha do globo.

Até 1847 considerava-se como o ponto mais elevado da superficie da terra o monte Dewalagiri, situado em Népaúl, a 80.º de longitude e 28.º de latitude; a altura d'esta montanha é de 8:176 metros acima do nivel do mar. Mas em 1847, o coronel Waugh, por determinações precisas, provou a existencia de uma montanha ainda mais alta; é Kanchinjinga, no Sikkin, situada a 85.º de longitude e 27.º de latitude. Esta montanha, d'uma altura de 8:582 metros, tem por consequencia 406 metros mais que o Dewalagiri.

Mais recentemente, o coronel Waugh, que dirige as operações trigonometricas da India, pelos calculos relativos ás posições e alturas de todos os picos do Himalaya, desde As-

sam até Sufedkho, em uma extensão de mais de 18.º de longitude, reconheceu a existencia de uma proeminencia ainda mais elevada do que as precedentes, situada a 27.º 59' 17" de latitude norte, e 84.º 37' 42" de longitude leste de Paris. Tem 8:840 metros d'altura; excede por tanto 258 metros a de Kanchinjinga, e 664 a de Dewalagiri. É por consequencia a montanha mais elevada que actualmente se conhece. É mais alto 4:030 metros, ou mais d'uma legua, que o *Mont-Blanc*, a montanha mais alta da Europa.

O coronel Waugh deu-lhe o nome de Monte *Werest*, porque não descobriu que no paiz fosse designado por alguma denominação local e particular dada pelos indigenas.

**Novo producto alimentar.**— Entre as substancias alimentares, que figuraram na exposição universal de 1855, appareceu um producto trazido da Africa, e que pôde tornar-se um objecto de grande consumo commercial e industrial; é o *pão de dika*.

O *pão de dika* é formado d'amendoas, grosseiramente trituradas, e amassadas a certa temperatura. É uma substancia de côr cinzenta escura, semeada de pontos brancos, unctuosa ao tacto, d'um cheiro semelhante ao do cacáu torrado e amendoa tostada, de sabor agradável, levemente amargo e adstringente, analogo ao do cacáu.

A arvore, que produz o *pão de dika* chama-se *oba* no Gabão. É um mangueiro, *mangifera gabonensis*, da familia das terebenthaceas, especie ainda não descripta. É muito commum em toda a costa d'Africa, desde Serra Leão até Gabão. A sua grandeza differe da da *mangifera indica*, e é pouco mais ou menos a dos nossos carvalhos; tem 15 a 20 metros d'altura, e 75 centimetros de diametro, suas flores brancas são semelhantes ás da *mangifera indica*, mas as folhas são mais curtas e menos lanceoladas; o fructo, denominado *iba*, é amarello, da grossura de um ovo de cisne, e comestivel pelos indigenas; contém uma amendoa branca, oleaginosa, de gosto agradável.

É com esia amendoa, que se prepara o *pão de dika*, que combinado com outros elementos, forma parte da alimentação dos naturaes. Por ora não se conhece outro emprego d'este fructo. A incuria dos negros é tal, que grande quantidade d'estas sementes é abandonada aos ratos, que são tão gulosos por ellas, que, dentro de poucos dias, todos os fructos são abertos, e as amendoas devoradas por estes roedores. A colheita faz-se em novembro e dezembro, e é facilissima.

Pela simples ebullição na agua, ou pelo calor e pressão, extraem-se 70 a 80 por 100 de materia gorda solida de *pão de dika*. Esta substancia oleaginosa muito analoga á manteiga de cacáu, pelo aspecto, pelo sabor, pelo cheiro e consistencia, é fusivel a 30.º

O *pão de dika*, considerado como um alimento rico em princípios nutritivos, pôde adquirir certa importância commercial. A parte oleosa pôde ser empregada na fabricação das velas e sabões, e a medicina pôde aproveitá-la como excellent succedaneo da manteiga de cacáu.

Existem exemplares do *pão de dika* no ministerio da marinha em França, nas salas d'exposição permanente dos productos coloniaes.

**Facto extraordinario.** — Mr. Sidney-Jones, certifica o facto, unico na sciencia, d'uma obliteração completa da aorta thoracica, coincidindo com um perfeito estado de saude.

E pena não nos dar uma relação circumstanciada d'este extraordinario phenomeno. Como se fazia a circulação da metade inferior do individuo? Quaes as arterias collateraes da aorta, que substituiram a sua função. Que calibre tomaram? Em todo o caso a veracidade d'este facto, justifica a temeraria operação da laqueação da aorta abdominal.

**Phenomeno notavel.** — O dr. Alquié encontrou, no ovario d'uma mulher adulta, um tumor enorme composto de dez saccos, contendo todos manifestamente restos d'embriões, como cabellos, fragmentos d'ossos, dentes etc. resultado de concepções successivas abortadas; e tira d'este notavel facto, as conclusões seguintes:

1.º É possível a fecundação nas vesículas do ovario, mesmo através das quatro membranas que cobrem o germen, sem estas se romperem.

2.º A gravidez intra-ovarica pôde ter logar.

3.º Esta fecundação pôde effectuar-se muitas vezes na mesma mulher, mesmo dez vezes em varias epochas differentes; a superfetação d'esta especie, é possível mesmo multipla.

4.º A saída do ovulo ou postura não está necessariamente ligada com a menstruação.

5.º Os kystos desenvolvidos no ovario, nas suas proximidades, ou nos órgãos afastados da bacia, que contem cabellos ou dentes, são productos de concepção.

6.º Pôde ser conhecida a existencia da gravidez intra ou extra-ovarica, pelos signaes seguintes: persistencia da menstruação, desenvolvimento na região iliaca interna d'um tumor arredondado, sem dor, estendendo-se progressivamente a todo o abdomen, de forma irregular, apresentando 'naquella parte do ventre saliencias, que fornecem uma sensação manifesta de fluctuação circumscripta ás saliencias, nas quaes se percebe a presença de partes duras, ossaes; alongação e obliquidade da vagina e do utero, elevados pelas connexões normaes pathologicas com o embrião, conser-

vação da saude, contentamento da mulher por algum tempo.

No gabinete do theatro anatomico da Universidade, muzeu de peças pathologicas e anomalias, existem os rudimentos d'um feto, o qual por uma gravidez extra-uterina, e de vinte e tantos annos, está metade petrificado, e a outra metade é um tecido duro, cobrindo bastantes cabellos e um dente, completamente desenvolvidos.

Esta massa toda apresenta a forma oval, pezando nove onças e meia; nos seus maiores diametro e perimetro, mede 21 centimetros no primeiro, e no segundo 31 centimetros e 4 milimetros; nos menores, mede 6 centimetros e 3 milimetros no diametro, e 13 centimetros e 7 milimetros no perimetro.

Existe perfeitamente conservado ha perto de 30 annos.

**Domesticacão dos cetaceos.** — Os naturalistas, que todos os dias propõem a conquista de tantas especies uteis, ainda não se lembraram da possibilidade de domesticar os cetaceos! O homem não se tem ate hoje occupado d'estes gigantes do mar, senão para os pescar e extrair d'elles tantas toneladas d'azeite. Pois é um erro e um crime, diz Toussenel.

O homem não sabe todo o partido, que podia tirar do auxilio d'estas locomotivas naturaes, empregando uma educação accommodada ao caracter d'estes animaes. Quando se reflectir em que uma baleia apenas gasta 15 dias para fazer uma viagem á roda do globo, não se pôde deixar de lastimar, que o homem não tenha ainda tentado conquistar tão poderoso auxiliar, esse navio vivo, que corre 25 leguas por hora, e que podia servir de reboque aos navios de transporte. O que é o vapor em presença de tal velocidade?

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 1.º até 15 de outubro ultimo, por despachos do conselho superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Anastacio Baptista d'Aguiar, para professor temporario da cadeira da Carregozza, districto d'Aveiro.

Carlos Cezar Pinto, para dicto de Paderne, districto de Faro.

João Lopes de Carvalho, para dicto de Vimieiro, districto de Braga.

Joaquim Antonio, para dicto de Silves, districto de Faro.

Leonardo José d'Azevedo, para dicto de Ramalde, districto do Porto.

Carolina Joanna Gonçalves Braga, para mestra temporaria da cadeira de meninas de Barcellos.

D. Balbina Henriqueta de Passos, para mestra vitalicia da e-chola de meninas da freguezia de São José, por transferencia da da freguezia de Sancta Engracia.

D. Antonia Maria José da Madre de Deus Ribeiro, para mestra vitalicia da eschola de meninas da freguezia

de Sancta Engracia, por transference da da freguezia de S. José; ambas na cidade de Lisboa: por decreto de 23 de setembro ultimo.

Calisto Curado, para professor vitalicio da cadeira de Maçons de Dona Maria, districto de Leiria: por decreto de 22 dicto.

#### INSTRUÇÃO SECUNDARIA

Aristides Pinto Ferreira de Bastos, para reger provisoriamente a cadeira de philosophia racional e moral, e principios de direito natural do lyceu nacional de Santarem, incorporado no seminario patriarchal: por decreto de 30 dicto.

Jeronymo Namorado de Carvalho, professor da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> cadeiras do lyceu d'Evora, para o lugar de secretario do mesmo lyceu: por decreto de 7 d'outubro corrente.

#### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Bernardo de Serpa Pimentel, para o lugar de lente cathedatico da faculdade de direito da Universidade de Coimbra: por decreto de 22 de setembro ultimo.

### LONGITUDE DO OBSERVATORIO ASTRONOMICO DE COIMBRA.

Com auctorização da direcção do Observatorio de Coimbra, publicamos em seguida o quadro das observações, que alli se têm feito, e continuam a fazer, com o fim de corrigir a longitude do mesmo Observatorio.

E sabido que o melhor dos methodos até hoje descobertos para a determinação da differença das longitudes de dois meridianos é o das — *estrellas culminantes*, — ou o que depende das observações, feitas simultaneamente nos dois meridianos, dos intervallos de tempo, que decorre entre a passagem do bordo iluminado da lua pelo meridiano, e a das estrellas, cujas posições apparentes são proximas da da lua, porque o resultado fica independente de qualquer pequeno erro, que possa provir tanto do *instrumento das passagens*, como do relógio; pois sendo estes erros os mesmos nos tempos absolutos das duas passagens, desaparecem na differença d'estes tempos, unico elemento, que se tira das dictas observações para determinar a differença das longitudes dos dois meridianos.

A differença das longitudes entre os meridianos de Paris e Coimbra foi determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha no principio do seculo actual, por algumas observações dos eclipses do sol, estrellas, e satellites de Jupiter; e como podia ser influenciada pelos erros do tempo absoluto marcado pelo relógio, das posições das estrellas deduzidas dos catalogos, e das taboas do sol e da lua, a direcção do Observatorio de Coimbra julgou conveniente verificar-a por meio do methodo, ha pouco descoberto, das observações das — *estrellas culminantes*, — porque d'este modo só pôde ficar affectada dos erros commettidos pelo observador, e torna-se independente, tanto dos do *instrumento das passagens*, como dos do relógio, ta boas da lua, e catalogos d'estrellas: como porém 'neste methodo um pequeno erro

se multiplica consideravelmente por causa do pequeno divisor, que entra nas formulas, é necessario um grande numero de observações a fim de que o resultado medio venha o mais possivel exempto d'estes erros.

As observações, que abaixo começamos a publicar, feitas no Observatorio de Coimbra, são as que vêm calculadas no Nautical Almanak para o meridiano de Greenwich; e para se calcular definitivamente por meio d'ellas a differença das longitudes dos dois meridianos, espera-se a publicação das observações correspondentes no Observatorio de Greenwich: mas tomando interinamente em logar d'ellas o seu calculo publicado no Nautical Almanak, deduziu-se por cada uma das observações a differença de longitudes correspondente; e o resultado medio entre as cem primeiras mostra 'já que a longitude do Observatorio de Coimbra determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha deverá ser diminuida de 19"; pois que dando as actuaes observações 33'26" para a longitude de Coimbra ao occidente de Greenwich, e sendo 9'22" a longitude de Greenwich ao occidente de Paris, será 42'42" a longitude de Coimbra ao occidente de Paris, menor de 19" do que a longitude 43'1" determinada pelo sr. José Monteiro da Rocha. Entre tanto para se dar esta correcção como exacta é preciso um numero muito maior de observações, as quaes continuam a fazer-se como até aqui; a maior parte d'ellas, com o *instrumento das passagens*, e com o *circular meridiano* as que vão marcadas com o signal \*; sendo as ultimas em pequeno numero, porque este instrumento tem continuado a servir para as observações, que têm por fim corrigir a latitude do mesmo Observatorio, determinada no principio do seculo actual pelo sr. José Monteiro da Rocha; observações cujo primeiro resultado se encontra na ephemeride para 1858.

As differenças das longitudes entre os meridianos de Coimbra e Greenwich foram calculadas pelas formulas

$$x = \frac{15\varphi}{A' - B} x; \delta = 1,00274 x - \varphi$$

nas quaes  $\varphi$  representa em tempo sidereal a differença entre os intervallos das passagens da estrella e do bordo da lua observados nos dois meridianos: sendo expresso em minutos na 1.<sup>a</sup> formula, e em horas na 2.<sup>a</sup>;  $x$  exprime horas sideraes em ambas as formulas;  $A'$  e  $B$  são o  $A$  e  $B$  correspondentes na ephemeride de Coimbra á ascensão recta do centro da lua no instante da sua passagem pelo meridiano de Coimbra; e  $d$  é a differença das longitudes procurada. 'Nestas formulas desprezou-se a correcção devida ao augmento do semidiametro da lua no intervalo das suas passagens nos dois meridianos; porque sendo muito pequeno, a correcção seria insensivel.

**Observações feitas em 1857 no Observatorio de Coimbra  
para a determinação da sua longitude.**

Mez	Dia	Astro	Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua		$t - t' = \varphi$	Longitude de Coim- bra ao oc- cidente de Greenwich
			Observado em Coimbra $= t$	Calculado em Greenwich $= t'$		
Janeiro	2	27 dos Peixes	+ 17'39",25	+ 16'29",18	+ 70",07	32'59",7
	2	45 dos Peixes	— 9 18,62	— 10 29,44	+ 70,82	33 20,9
Março	3	103 do Tauro	+ 18 37,70	+ 17 8,30	+ 89,40	33 15,9
	3	136 do Tauro	— 26 18,60	— 27 48,42	+ 89,82	33 25,2
	3	139 do Tauro	— 31 6,30	— 32 35,43	+ 89,13	33 9,8
	4	136 do Tauro	+ 37 59,75	+ 36 31,60	+ 88,15	33 13,0
	4	139 do Tauro	+ 33 13,08	+ 31 44,59	+ 88,49	33 20,6
	4	$\alpha$ de Geminis	— 12 47,92	— 14 16,32	+ 88,40	33 18,6
	4	$\delta$ de Geminis	— 20 38,92	— 22 7,14	+ 88,22	33 14,5
	5	$\epsilon$ de Geminis	+ 49 36,33	+ 48 11,93	+ 84,40	33 19,2
	5	$\delta$ de Geminis	+ 41 45,33	+ 40 21,10	+ 84,23	33 15,1
	5	6 de Cancer	— 30 0,00	— 31 24,44	+ 84,44	33 20,1
	5	$\psi^2$ de Cancer	— 37 5,67	— 38 30,65	+ 84,98	33 32,9
Abril	7	$\beta$ de Virgo	+ 26 4,79	+ 25 4,24	+ 60,55	33 31,8
	7	6 de Virgo	+ 16 42,62	+ 15 41,56	+ 61,06	33 48,7
	7	$\gamma^1$ de Virgo	— 25 5,38	— 26 5,90	+ 60,52	33 30,7
	7	.....	..... *	.....	+ 60,98	33 46,0 (a)
Maio	1	$\alpha$ de Leo	— 23 54,67	— 25 5,78	+ 71,11	33 28,4
	1	$\alpha$ de Leo	— 23 54,69 *	— 25 5,78	+ 71,09	33 27,8
	5	10 de Virgo	+ 36 16,25 *	+ 35 15,59	+ 60,66	33 40,6
	5	$\eta$ de Virgo	+ 26 2,25 *	+ 25 1,81	+ 60,44	33 33,3
	6	B.A.C. 4531	— 4 49,33	— 5 51,10	+ 61,77	33 32,0
	6	85 de Virgo	— 15 38,50	— 16 39,50	+ 61,00	33 6,9
	6	$g$ de Virgo	+ 21 51,43 *	+ 20 49,55	+ 61,88	33 35,6
	6	B.A.C. 4531	— 4 48,63 *	— 5 51,10	+ 62,47	33 54,8
	6	85 de Virgo	— 15 37,38 *	— 16 39,50	+ 62,12	33 43,4
	7	5 de Libra	— 30 43,84	— 31 47,73	+ 63,89	33 14,5
	7	$\alpha^2$ de Libra	— 35 36,93	— 36 41,11	+ 64,18	33 23,6

(a) Esta longitude foi determinada por  $\varphi = 60'',98$ , dado pelo meio termo entre as trez observações de  $\beta$  de Virgo,  $\delta$  de Virgo, e  $\gamma^1$  de Virgo, feitas no dia 7 de abril com o circular meridiano, e que por esquecimento se não lançaram no livro competente.

### RELATORIO

**Do commissario dos estudos do districto administrativo do Funchal, de 1855—1856.**

Continuado de pag. 196.

#### CAPITULO III.

##### *Da inspecção escolar.*

A auctoridade dos commissarios dos estudos, qual se acha constituida pela legislação vigente, é incapaz de prestar o serviço, que teve em mira a instituição d'ella; porque é uma auctoridade sem meios para fazer bem, sem força para reprimir o mal, e até sem estes signaes externos de poder, que conciliam, em proveito do serviço, o respeito do povo.

Digo que os commissarios não têm meios para fazer o bem; porque, com a gratificação de 120\$000 réis annuaes, que de bem poderá fazer um commissario? D'ahi é que elle tem de tirar toda a despesa reclamada pelo custeamento de sua repartição, e pelo transitio e conducções de duas visitas, que tem de fazer, em cada anno, a todas as escholas do respectivo districto. E de presumir que, se este fôr de certa extensão, bastará esta ultima verba de despesa para lhe absorver a totalidade da gratificação, que percebe.

Depois chega o commissario a uma freguezia rural: bem longe de apresentar-se com certa independencia, fazendo algumas esmolas aos pobres da localidade, e distribuindo alguns premios pelos alumnos, que mais se distinguirem; as mais das vezes, vê-se obrigado a aceitar a hospitalidade do parcho da freguezia, ou do professor da eschola visitada. E poderá, sem quebra de sua dignidade, deixar de responder a estes obsequios com outros semelhantes, que inevitavelmente hão de augmentar as despesas do seu cargo? Certo que não.

Digo tambem que o commissario não tem força para reprimir o mal; porque, chefe de uma repartição sem empregados, nem sequer tem quem o acompanhe nas visitas de inspecção, para reduzir a termo ou auto de noticia o que em taes visitas occorrer.

Supponha Vossa Magestade, que o commissario visita uma eschola, cujo professor não executa as prescripções do regulamento, ou se comporta mal. Depois de aconselhado, advertido e ameaçado pelo commissario, que ha de este fazer, se o professor, longe de obedecer, recalcitra, desatende e insulta o commissario no exercicio de suas funções? A quem ha de recorrer o commissario? Que meio tem á sua disposição para desaggravar a auctoridade enxovalhada? Quem ha de lavar o auto de desobediencia, que tem de servir de base ao processo, sem o qual não pôde ter logar o castigo do professor refractario? Não vejo na lei remedio algum para taes occorrencias.

Até em suas relações com as outras auctoridades do districto, faz dó ver a falta de força do commissario. Todo o seu direito se reduz a fazer *requisições*. Mas se a auctoridade requisitada, por capricho ou má vontade, deixar de satisfazer á requisição do commissario, que acontece? Nada. Como ha direito d'um lado, sem dever do outro, ou, pelo menos, sem sancção, que sirva de garantia áquelle direito, torna-se este 'num direito nullo.

Muitas vezes tem o commissario de concorrer a actos publicos com outras auctoridades de igual e de inferior cathegoria. Ao passo que cada uma d'estas tem assignada na lei a precedencia, que lhe compete; ao passo que cada uma se apresenta revestida com as insignias do cargo, que exercita; só o commissario dos estudos não tem nada d'isto: é uma simples casaca preta, que vai confundir-se com os criados das outras auctoridades, e aceitar o logar, que ninguem quizer para si; porque a lei não indica qual o que lhe compete.

O commissario dos estudos é uma entidade de recente data. Desajudada da consideração, que trazem consigo as tradições d'um cargo bem delinido, se a lei a não cerca de algum prestigio, se pelo menos lhe não confere uns longes d'esta preponderancia, que compete ás cousas do espirito em concorrência com as do corpo; é muito para reear que esta auctoridade não fique sendo uma roda inutil no mechanismo da governação do districto. A palavra em certas occasiões pôde alguma cousa; pôde muito mais o conceito, que se forme do merecimento da pessoa; mas nem uma

nem outra cousa per si só é sufficiente. O povo deve respeitar a auctoridade, ainda quando não conheça a pessoa, nem esta se dê a conhecer pelo que disser.

Concluo, portanto, pedindo a Vossa Magestade, que haja de prover de remedio a estes inconvenientes do serviço dos commissarios dos estudos. E se a superior intelligencia de Vossa Magestade não escusa qualquer luz, que lhe advenha dos exemplos de outros paizes, peço licença a Vossa Magestade para lembrar um precedente do governo de Hollanda. Tanto estava persuadido este governo que, em materias d'instrução primaria, o ponto capital está na inspecção, que se der as escolas, que, em vez de multiplicar regulamentos para systematizar a direcção d'ellas, contentou-se com dar-lhes uma inspecção forte. Mr. Cousin, que foi ao proprio paiz estudar os resultados da instituição, diz no seu *relatorio acêrca da instrução publica* *naquelle reino*, o seguinte: « Si vous voulez serieusement l'éducation du peuple, sachez bien que tout le nerf de cette education est dans le gouvernement que vous lui donnerez. Si ce gouvernement est faible et mal assuré, l'instruction primaire est sans avenir: elle poura bien avoir quelques moments d'éclats par des circonstances passagères; mais il n'y a pas de raison pour qu'elle ne retombe bientôt dans une langueur déplorable. Donnez-lui, au contraire, un gouvernement vigoureux et actif: l'esprit de ce gouvernement se communiquera à toute la machine et lui imprimera le mouvement et la vie. »

Em harmonia com estas indicações vai confeccionado o projecto de reforma, juncto sob n.º 3.º

#### CAPITULO IV.

##### *Do custeamento das escolas.*

Para estabelecer uma escola não basta nomear professor, e consignar-lhe, no orçamento das despesas publicas, o competente ordenado. Para estabelecer uma escola é mister que, afóra o ordenado do professor, haja um fundo ou dotação annual, que responda pelas despesas, que nella têm de fazer-se: 1.º com o local para as sessões; 2.º com a mobilia escolar, com bancos, mesões, cadeira do professor, taboa preta, etc.; 3.º com os utensilios do ensino, como livros, louças, mapas, papel, tinta, etc.; 4.º finalmente, com os premios aos alumnos, que mais se distinguirem nos exames annuaes.

Quanto ao local das sessões, entendo que o estado é que deve tomar a sua conta esta despesa. Quer tenha, quer não tenha, na localidade edificio accommodado para escola e residencia do professor, o estado é que deve prestar o edificio; porque só assim havera escolas bem montadas, em edificios conve-

nientemente appropriados, que satisfaçam a todas as condições hygienicas de ventilação, commodidade e acao.

Quanto ás despesas acima contempladas sob os n.ºs 2.º e 3.º, entendo que a lei deve pôlas a cargo das respectivas municipalidades de uma maneira terminante e indefectivel. A educação do povo não é cousa indifferente para a boa ordem, paz e prosperidade do municipio. Se este é obrigado a sustentar os expostos, que acaso appareçam nos limites do concelho, como será exempto de contribuir para a educação d'aquelles, a cujos paes falgam os meios necesarios para o fazerem per si? Quizera eu, pois, que na lei viesse bem expressa e definida a obrigação, que têm as municipalidades, de contribuir, conjuntamente com o estado, para a educação dos moradores dos respectivos concelhos. O estado contribue com o ordenado do professor e com o local para a escola, o municipio, com a gratificação contingente ao professor, e com a mobilia e utensilios escolares. O modo, por que me parece poder levar-se a effeito este *desiderandum*, vai indicado no projecto de lei, appenso sob n.º 4.º

Pelo que toca á despesa com os premios aos alumnos que mais se distinguirem, essa entendo eu que deve ficar a cargo da caridade particular, mas da caridade organizada e para este fim constituída d'uma maneira judiciosa e permanente.

Minha opinião é que em cada districto administrativo haja uma *associação auxiliadora da educação publica*, a qual tenha a cargo sollicitar a maior somma de donativos voluntarios em beneficio da frequencia e progresso das escolas, e administrar com zelo e intelligencia o producto d'elles. Como deve ser organizada esta associação, já tive a honra de indicar-o no projecto de estatutos, appenso ao relatorio, que levei á Augusta Presença de Vossa Magestade, acêrca da escola pública de meninas do Funchal.

#### CAPITULO V.

##### *Das mappas da frequencia das escolas.*

Os mappas nominaes, que os professores têm obrigação de remetter todos os annos ao Conselho Superior d'instrução publica, e a respectiva commissão d'estudos, dão-lhes acôrdo trabalho d'escripta, sem que d'esse trabalho resultem vantagens que o compensem.

Para formar-se idéa do progresso ou decadencia do ensino 'numa escola, não faz ningoa saber qual o nome, idade, e filiação dos alumnos que a frequentam, nem qual a profissão e residencia do pae ou tutor de cada um. O conhecimento de todas estas circumstancias importa sobre-maneira ao professor; e por isso tem este obrigação de fazer expressa



menção d'ellas no registro de matricula. Ainda para o commissario dos estudos, pode ser util não ignorar-as, a fim de confeccionar e reformar, de accordo com ellas, o recenseamento da população educanda do respectivo districto. Mas quanto á auctoridade central e superior, não vejo de que possam aproveitar-lhe tão minuciosas informações. Para confeccionar a estatística annual do ensino público, parece-me sufficiente haver noticia do movimento de cada escola; saber quantos alumnos a frequentaram; e d'estes, quantos ficaram do anno antecedente, quantos entraram de novo, quantos sahiram com o curso completo ou incompleto, e quantos ficaram para a matricula do anno seguinte.

Dezajara eu, portanto, que os professores fossem alliviados d'aquelle ingrato e esteril trabalho; e que lhes fosse imposta a obrigação de enviarem todos os annos ao Conselho Superior, e á respectiva commissão d'estudos, circumstanciado relatório, que preenchesse as indicações do preceito consignado no artigo 16 *in fine* do decreto de 20 de dezembro de 1850, preceito que bem poucos d'elles cumprem.

Para dar nexo e ordem a estes trabalhos, dezajara eu tambem que o relatório de cada professor fosse o complexo das respostas por elle dadas a uma serie de quesitos, formulados pela auctoridade central e superior, e a elle officialmente remettidos, impressos no alto de folhas em branco, para, no resto d'ellas, exarar o professor as respostas que tivesse de dar, segundo as circumstancias especiaes da sua escola.

Adoptado este methodo, vai presidir á confecção de todos os relatórios o mesmo pensamento commum. Então ha já possibilidade de comparar o trabalho de cada professor com o de todos os outros; ha possibilidade de generalizar e induzir; ha possibilidade de apreciar devidamente o estado da instrução primaria em cada districto, e, pelos relatórios dos diversos commissarios d'estudos, conhecer o estado d'ella em todo o reino.

Não é de recear que os professores dêem a estes quesitos respostas inexactas. Sabendo elles que os respectivos commissarios podem verificar por seus olhos a veracidade de taes informações, qual se atreverá a adulterar a verdade do facto nas respostas que haja de dar á auctoridade superior? Isto não obstante, bom é que a lei estatua qual a pena em que incorre o professor que fôr menos exacto nas respostas dadas ao inquerito official.

A idéa da reforma, que a este respeito tenho a honra de propor, vai consignada no projecto, appenso sob n.º 5.

#### CONCLUSÃO.

Pede a justiça que eu não feche o presente relatório sem mencionar, como honrosa exce-

ção á apreciação geral que faço do serviço dos professores no capitulo II, os nomes dos trez funcionarios, cuja vocação e zelo pelo serviço lhes têm ensinado a vencer muitas difficuldades, que outros encontram na execução do regulamento interno das respectivas escolas. São estes: Luiz Corrêa da Silva Acciaoli, professor da escola pública da extrema leste do Funchal, — José Joaquim de Freitas, professor vitalicio da escola da villa da Calheta, — José Bernardino de Brito, professor temporario da escola da villa do Porto do Moniz.

Deus guarde por muitos annos a preciosa vida e augusta pessoa de Vossa Magestade, como o desejamos e havemos mister os portugueses. Commissão dos estudos no Funchal, aos 31 de janeiro de 1857. — O commissario dos Estudos, — *Marcelliano Ribeiro de Mendonça*.

### A zootechnia e as artes agricolas não podem considerar-se como partes da agricultura.

Continuado de pag. 201.

#### II.

Acabamos de vêr que a mesma causa, que, em relação aos vegetaes, determinou a criação da agricultura, produziu, respectivamente aos animaes, a organização da zootechnia, e que a primeira d'estas sciencias tem com a botânica as mesmas relações, que a segunda com a zoologia. A ligação, que existe entre a agricultura e a zootechnia, não é devida a esta analogia de origens, mas á dependencia reciproca, em que ambas se acham. São os animaes, que produzem os abundantes e ferteis estrumes, origem da riqueza do agricultor; são elles, que movem as pesadas maquinas empregadas na cultura dos campos; são elles emfim, que pelos seus productos se tornam um dos principaes elementos da industria agricola.

Não parecerão, por certo, inferiores os serviços, que a cultura vegetal presta á educação dos animaes. As gordas pastagens, produzidas pelos prados artificiaes, que o agricultor esclarecido sabe alternar com as outras culturas, servindo de alimento ao gado, influem beneficemente na qualidade dos seus productos, e a parte estraminea das plantas herbaceas, juncando os estabulos, é a molle cama dos animaes, que pouco e pouco a vão convertendo em fertilizantes estrumes.

Todavia a agricultura, sciencia mais vasta, mais antiga, e de uma maior importancia social, do que a zootechnia, tem absorvido esta ultima, considerando-a como uma das suas partes integrantes.

Já Ampère, no seu ensaio sobre a philosophia das sciencias, reconheceu, que a zootechnia não podia fazer parte da agricultura; mas o uso estabelecido desde tempo immemorial, e a necessidade d'o agricultor crear e educar os animaes, fez com que a sciencia, que tem este objecto, continuasse a ser incorporada na agricultura.

Gasparin, na introdução da sua excellente obra, marca os verdadeiros limites á agricultura, e responde victoriosamente ás objecções, que podem apresentar-se á emancipação da zootechnia, á sua separação da sciencia agricola.

Attendendo á origem das duas sciencias, examinando os seus objectos, quasi que desnecessaria parece outra discussão. De feito, ainda que tanto a zoologia como a botanica tenham por fim o conhecimento e o estudo de seres vivos, ha tal differença entre a physiologia animal e a physiologia vegetal, que cada sciencia d'aquellas tem uma organização especial e bases particulares, em que se funda.

A zootechnia, portanto, e a agricultura, tendo tão differentes origens, devem tambem ser muito differentes na sua organização, nos seus principios, e nos seus processos. E, sendo assim, como podem compenetrar-se, e formar uma só sciencia? Se a agricultura é uma sciencia, a zootechnia cai evidentemente fóra do seu dominio. Ainda mais, considere-se aquella como uma simples arte, e assim mesmo impossivel será reunir-lhe a educação dos animaes. A arte, como a sciencia, deve apresentar o character da unidade; e duas artes, que se pretendesse reunir 'numa só, apresentariam sempre signaes da sua independencia, e manifestas provas, de que não existia a verdadeira fusão, mas apenas uma mistura, cujos elementos tenderiam constantemente a separar-se.

Vê-se pois que a diversidade de origens e de objectos das duas sciencias basta para provar a impossibilidade da sua reunião: mas, para dar ainda mais solidas bases á opinião que seguimos, analysaremos com Gasparin os argumentos dos que sustentam, que a agricultura e a zootechnia formam uma só sciencia. Estes argumentos reduzem-se a dois pontos principaes: 1.º impossibilidade de conceber a agricultura sem animaes; 2.º penetração intima da parte animal e da parte vegetal da agricultura.

Em quanto ao primeiro ponto, não é rigorosamente exacto. Póde muito bem conceber-se a agricultura sem o auxilio dos animaes, e ainda que estes sejam actualmente empregados na maior parte dos paizes agricolas da Europa, ha todavia algumas localidades 'nesses mesmos paizes, em que se acha exclusivamente adoptado o systema de cultura vegetal. Na proximidade das grandes cidades, em que os estrumes se compram por preços pouco eleva-

dos, e a cultura das plantas hortenses offerece grandes lucros, tornando-se por isso quasi exclusiva, os agricultores não tractam da produção animal.

Ha outras localidades, em que o educador de animaes é perfectamente distincto do agricultor; o primeiro vende ao segundo os estrumes, e aluga-lhe os animaes de serviço. Ora suppondo que este uso se tornava geral, a agricultura, depois do desmembramento da educação dos animaes, não deixava por esse motivo de ser a mesma sciencia.

Na America ha partes, em que a cultura vegetal é a unica adoptada: o mesmo succede em alguns cantões da China, aonde a povoação se alimenta, seguindo o regimen vegetal; e 'nalguns povos selvagens, cuja agricultura está pouco adiantada. A educação dos animaes não é pois uma parte essencial da agricultura, e, ainda que lhe seja muito util, não póde considerar-se como absolutamente necessaria e indispensavel. O agricultor póde estudar a acção dos estrumes sobre a terra, e prescindir da origem, d'onde provieram, tanto mais, quanto esta origem pode deixar de estar unica e exclusivamente nos animaes.

Supponhamos que, em vez de empregar os estrumes, se regava o terreno com dissoluções ammoniacaes, e, em lugar de se applicarem ás maquinas as forças dos animaes domesticos, se applicavam as do homem ou as da natureza, taes como a agua, o vapor, o vento etc., 'nesse caso não só a preparação do ammoniaco, mas a construcção das maquinas de vapor, ou das outras, que servissem á transmissão das forças, deveriam fazer parte da agricultura, o que seria absurdo.

Relativamente ao segundo ponto vê-se, pelo que temos dicto, que não ha penetração da cultura dos vegetaes com a educação dos animaes. O lavrador, lançando á terra os estrumes, a unica consideração a que attende, é ao preço, por que lhe licaram, ou elles sejam *hetero-siticos*, ou *auto-siticos*.

### III.

Excluindo a zootechnia da agricultura, com muito mais forte razão se devem excluir as artes agricolas. Os poucos pontos de analogia, que se encontram entre aquellas sciencias, desaparecem completamente entre as artes agricolas e a agricultura.

As artes agricolas pertencem evidentemente aos processos tecnologicos; fundam-se, como elles, nas forças physicas e chimicas. E não se nos objecte, que a agricultura e a zootechnia fazem parte tambem da technologia. Ainda que geralmente seja essa a opinião seguida, existem a nosso vér bem plausiveis razões para as considerar como sciencias independentes. Em primeiro lugar, um dos caracteres distinctivos da technologia é modificar as

materias primas: e a agricultura e a zootechnia têm por objecto a sua produção, e não a sua modificação. Em segundo logar, os processos technologicos fundam-se nas leis physicas e chemicas; as operações agricolas e zootechnicas nas leis e forças vitaes. Mas em qualquer caso que se considere a agricultura, ou faça ou não parte da technologia, as artes agricolas não podem entrar no seu dominio.

Toda a sciencia comprehende factos analogos, ligados por uma theoria geral, e fundados em principios que lhes são communs: e os factos da agricultura, e os seus processos são inteiramente separados, completamente distinctos dos processos, que constituem as artes agricolas. A cultura dos vegetaes, desde que a semente se lança á terra até que os fructos são colhidos, funda-se na physiologia vegetal, nas forças vitaes por consequente. Logo que os productos começam a ser modificados pelas artes agricolas, outras forças regulam essas novas operações,—são as forças physicas e chemicas. No primeiro caso, o homem exerce a sua acção sobre seres vivos e organisados; no segundo, sobre productos organicos, mas privados de vida.

Um dos argumentos, que costumam invocar-se em favor da opinião que combatemos, é a necessidade em que o agricultor está de exercer as artes agricolas, e a utilidade que d'ahi tira. Mas porque um homem se veja obrigado a exercer differentes profissões, não se segue que ellas sejam identicas. Demais ha agricultores, que não se incumbem das artes agricolas; outros, que se occupam d'um pequeno numero, alguns de muitas: ora variando d'este modo com os individuos, com os tempos e com os logares, uma parte essencial da agricultura, esta não pôde apresentar a estabilidade propria de todas as sciencias.

#### CONCLUSÃO.

Havemos, se nos não enganamos, demonstrado, que a zootechnia e as artes agricolas devem separar-se da agricultura, a qual, se d'este modo perde em materia, ganha em clareza e simplicidade scientifica. Esta verdade começa a ser comprehendida. Os modernos livros da agricultura já não são uma miscellanea informe e arbitraria. O curso de agricultura de Gasparin, o tractado elemental da mesma sciencia por Girardin e Dubreuil, aonde não apparecem a zootechnia e as artes agricolas, apresentam a simplicidade, a ordem, e mesmo a elegancia, de que carecem as obras antigas de agricultura. Assim na *Casa rustica do século XIX*, o segundo e terceiro tomo, que tractam da zootechnia e das artes agricolas, são inteiramente independentes do quarto, que se occupa da economia rural; em quanto que este se acha naturalmente ligado com o primeiro e dependente d'elle. 'Noutras obras

anteriores, e ainda no *Guia e manual do cultivador* do sr. José Maria Grande, a zootechnia e as artes agricolas fazem parte da economia rural. Parece-nos porém ainda menos acertado seguir tal alvitre, do que tractar d'aquellas materias em separado, como fizeram os auctores da *Casa rustica*. A economia rural, fundando-se nos principios geraes da economia politica, não pôde, por modo algum, comprehender as artes agricolas e a zootechnia.

A. FILIPPE SIMÕES.

## AGRICULTURA.

### BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 6.

Versando esta materia, tão para aceitar-se com o mais intimo reconhecimento nas circumstancias actuaes da nossa agricultura, e de tanto momento pelos resultados promettidos e appetecidos, mais quizeramos, simplesmente, referir louvores de todos a esta excellente instituição, do que ter de pôr-nos aos *itens* com impugnadores, ou pouco judiciosos, ou muito pouco de dentro no conhecimento e alcance do ponto.

Mas já que é forçoso, para lhes ver bem a futilidade, o reproduzir arguições, e já que empenhamos vontade e estudo em aclarar a materia, e em convencer-nos primeiro, para depois podermos persuadir os outros, ou provando-lhes a verdade, ou confutando-lhes sophismas; por isso não desviaremos lançar aqui umas quantas accusações, infundadas, levantam contra a criação d'estes Bancos esses pessimistas officiosos, que, porque d'uma instituição qualquer pôde dimanar algum mal, embora immenso seja o bem produzido, a condemnam para logo irremediavelmente. — Proscrever o uso, porque alguém, ignorante ou mal intencionado, pôde abusar, é, sobre absurdo, maldade e roubo ao adiantamento social! — porque um homem morreu no mar, lastimemos, como Plinio, a cultura do linho, d'onde se tiram as velas para os navios!

Vamos aos capitulos d'accusação.

Tomaremos primeiro o que reza assim: — « Os Bancos agrarios são maus; porque só utilisam a grande propriedade. »

Ainda quando fosse de todo o ponto verdade, 'neste só dizer vinha envolvida a vergonhosa condemnação dos impugnadores. Pois, porque uma qualquer cousa, sem prejudicar ninguém, utiliza a alguns, é isso causa a combater-se, a desterrar-se? — pois as largas herdades, as grandes quintas, que são incitamento e devem ser modelo constante a medianos e pequenos cultivadores, aproveitam com elles, e deverá isso ser motivo a guer-

real-oz? Indigna, sobre todas, é essa inveja, e o raciocínio que 'nella se estriba.

Mas, de mais a mais, e hoje falsíssima similhante afirmação. Não desconhecemos, é certo, que tal foi a mira da sua creação na Prussia: o estado politico do paiz e a ignorancia de principios economicos, hoje vulgarissimos, davam-se então mutuo auxilio, para que essa instituição, mais que todas utilissima, se não necessarissima, para o aperfeiçoamento da agricultura, se convertesse em privilegio da casta senhorial, monopolizando a sua benefica influencia á pequena propriedade. — Felizmente isso vai muito longe, e é só má fé ou ignorancia o trazel-o agora por argumento.

Os modernos estabelecimentos de credito agrario buscam, e têm conseguido de dia para dia, baixar o mais possivel a taxa ou quota de valor em terras, necessario para a admissão nos beneficios do credito agrario, a ponto de qualquer cultivador, que possua apenas terreno no valor de cem a duzentos mil réis, poder aproveitar com taes Bancos. — Na Belgica um fundo terreal de mil francos de valor (160\$000 réis), tem já faculdade para ser soccorrido. Amanhã ainda menor será a exigencia. — E, por conseguinte, infundada esta arguição.

E não menos o é, certamente, uma outra que formulam 'neste theor: — « Os Bancos agricolas são maus, por facilitarem demasiadamente aos proprietarios o contrahirem dividas. » — Esta passa d'infundada a ridicula, e de ridicula a tóla! perdoem-nos o lançarmos a phrase assim agreste, quando tal capitulo d'acculação se vem trazer ali para a imprensa. — Pois ha de alguém querer limitar o proprietario no seu direito d'empenhar, hypothecar ou vender a sua propriedade, e mesmo lançar depois o importe *pro derelicto*, para que os pobres o apanhem a rebatinhas? Pois salvar o lavrador das garras da usura, ministrando-lhe o capital por juros modicos, é inconveniente? Pois, porque um proprietario perdulario se arruina, não deverão beneficiar-se e ajudar-se mil e mil economicos e modestos? — Livre-nos Deus de responder a quem não sente de per si taes verdades. É querer cortar embargos com a espada de Alexandre.

O senhor das terras pode vendel-as e empobrecer, hypothecal-as e arruinar-se, empenhal-as por alto juro e vêr-se avexado a cada hora, e não lhe é dado socorrer-se a cada instituição que apenas lhe exige um diminuto interesse! Abençoado desejo de beneficiar a agricultura!

'Neste compendiar d'objecções, tão apparatusas quanto, a todas as luzes, infundadas, não devemos occultar as contidas 'num artigo, assignado por — F. P. de M. — que se lê no n.º 12 da *Revista Universal Lisbonense*, de 23 de janeiro de 1849; as quaes tudo pode-

rão provar em seu auctor, mesmo muita erudição e muito desejo d'acertar, mas nunca, por certo, conhecimento verdadeiro ou, melhor diriamos, sensato vislumbre da instituição, que busca combater. Asseveram-nos agora ser esse artigo devido á penna d'uma notabilidade ultimamente investida e victoriada 'num dos mais elevados cargos do nosso paiz: — não o podemos crer! Mas se tal é, isso apenas nos comprova solememente que, entre nós, as funções dos primeiros cargos da republica não são incompativeis com a ignorancia, não são antagonicas com a ineptia.

De quem quer que sejam (e bem pouco curamos d'isso) vejamos as objecções. Na primeira das que tirou a terreiro diz o auctor: — « Bancos Ruraes propriamente dictos, isto é para emprestarem dinheiro sobre bens de raiz, não podem subsistir, nem fazer bem algum, antes muito mal, á agricultura. » — 'Nestas sós linhas, que são como pregão de bota-abaixo, quem não vê, para logo, o mais grosseiro desconhecimento da materia? Bastanos relembrar o que, muito ao de leve, deixamos estampado no nosso artigo precedente, para conhecermos que o character distinctivo d'estes Bancos não deve ser, nem é, o emprestar dinheiro; mas sim mobilizar, vivificar o credito. Permitta-se-nos, porém, que, antes de mais, transpassemos para aqui, e integros, os arrasoados em que desfecha. Não só não queremos, com excerptos, impanar-lhes a força, senão que temos do intimo, que a sua só leitura ou, quando muito, um pequeno commento lhes porá ao olho do sol a futilidade.

Diz elle: « Não podem subsistir; por que a agricultura só contrae empréstimos a longo prazo, que nunca pôde ser menor que um anno: sendo assim, o Banco ficaria sem fundos para as transacções, e para trocar as suas notas. São contra os principios, que regem os Bancos, os empréstimos a longo prazo, não só porque prejudicam os seus interesses; como porque, no caso de crise, não podem apurar os capitais para a evitarem ou a remediarem. A causa de todas as fallencias dos Bancos de desconto têm sido os empréstimos a longo prazo: emprestando a trez mezes, que e o termo ordinario, se lhes sobreveem uma crise, em noventa dias estão salvos; mas se emprestam a um ou a dois annos, qualquer crise, por mais leve que seja, os arruína; e como os Bancos Ruraes não fazem emprestimo senão a longo prazo, a sua fallencia é infallivel. Nem se duvide d'estes principios, porque já estão sancionados pela experiencia feita em diversos paizes, onde se têm estabelecido Bancos Ruraes, e todos têm desaparecido por não poderem subsistir. *Nem fazem bem, antes mal, á agricultura;* porque não ha industria agricola, que produza lucros sufficientes para pagar juros, por mais modicos que sejam, e para amortizar o capital, que tivesse tomado

d'emprestimo; de que resulta que o proprietario seria forçado ou a vender a propriedade, ou a entregar-a ao Banco ficando perdido, e o Banco arruinado quando se transformasse em proprietario. »

Ate aqui elle: agora nós.

Na primeira parte do seu discorrer, o grande, o insuperavel estorvo, que se autolha o auctor, dimana do « longo prazo, que nunca pôde ser menor que um anno, » e, sendo assim, « o de ficar o Banco sem fundos para trocar as suas notas. » Mas que idéa terá da indole d'esta instituição, da sua vida intima, e da sua acção exterior, quem tal escreve? pois ignora que não carecem de ter aferrolhados nas burras capitais metallicas para trocar notas, visto como os titulos de credito passam da mão do emprestado para as do emprestador, sendo apenas o Banco um como corretor e fiscalizador? pois será nunca já mais motivo a reccios um prazo longo, não dizemos d'um anno, mas de cinco, mas de dez, mas de mais ainda, quando o prestador tiver em sua mão um titulo de credito tão solido, tão infallivel, fundamentado na propriedade terreal, e revestido com a fiança do Banco, e, sobretudo, tão facilmente realizavel no mercado? pois, enfim, um qualquer lavrador e mesmo muitos não podem contrahir empréstimos na occasião das sementeiras, e solvel-os nas colheitas? São isto verdades tão manifestas, e que de per si mesmas se estão dando a conhecer tanto ao vivo, que ninguém, bem que pouco conversado 'nestes assumptos, tem direito a eximir-se de as saber.

Em seguida entra o auctor, como vimos, em considerações acêrca de prazo longo e do inevitavel prejuizo e embaraço d'este, em caso de crise, dizendo que « a causa de todas as fallencias dos Bancos de desconto têm sido os empréstimos a longo prazo. » Pois muito bem: dêmos mesmo que seja essa a causa de todas as fallencias; a que vêm cá os Bancos de desconto, se d'elles não ha a argumentar para estes; porque entre os territoriaes, e os de desconto, e de circulação, e de deposito ha discrimines sensiveis? E continúa: « emprestando a trez mezes, que é o termo ordinario, se lhes sobrevem uma crise em noventa dias estão salvos; mas se emprestam a um ou a dois annos, qualquer crise, por mais leve que seja, os arruina. »

Se, como nós, o famoso ministro (a ser elle o articulista) fosse criado e educado no commercio, e vivesse, durante annos e todos os dias, a vida da nossa primeira praça commercial, e conhecesse os nossos habitos, por certo não escreveria taes asserções. Trez mezes o termo ordinario d'emprestimo! é menos justo, se não nada exacto, este dizer. Trez mezes pouco mais ou menos (90 <sup>d</sup>ia, ou 60 <sup>d</sup>ia) é apenas o termo ordinario dos saques sobre as praças de Londres, Liverpool, Man-

chester, Glasgow etc., etc., enfim, sobre as praças inglezas; mas quasi nunca das transacções do nosso commercio interno: — as vendas de vinhos na praça do Porto têm, geralmente, o prazo d'um anno, a não chegar a dezoito, e vinte e quatro mezes, quando é avultada a partida: as mercadorias d'importação d'America, o arroz, o assucar, o algodão, os couros (vaquetas e atañados) etc. têm-no, em geral, de seis mezes e muito maior, sendo em grossas partidas: o mesmo acontece com as d'Inglaterra, os algodões manufacturados, as lãs, o linho, as drogas, o ferro, o bacalhau, etc. e finalmente com as da Russia, a aduella de Memel, o linho de Riga etc. etc. Na praça de Lisboa é identico, ou com leves modificações, o facto.

Vendidas assim as fazendas com estes prazos, os empréstimos para realizar as compras, os saques de letras para segurança das vendas, os descontos d'aquellas, nos Bancos ou por particulares, approximam-se quasi sempre de taes prazos. — Em virtude d'isto, é, portanto, nas nossas circumstancias e nos nossos habitos, infundadissimo o afiançar noventa dias *termo ordinario*.

Se, porem, o collaborador da *Revista Universal Lisbonense* não teve em vista fallar, com especialidade, de nós; mas dos Bancos europeus e americanos, em geral (e ainda ahí lhe poderiamos mentir a asserção), permitta-nos então que lhe digamos, que foi menos reflectido, menos judicioso, não só em o não declarar, e isso era o menos, mas em vir com alheios usos em materia toda nossa, e toda applicada para nós, e isso era o muito, gerando assim infundamentadas apprehensões, que só muito tempo, muito lidar, e muito repetir a verdade podem extirpar.

Como d'inutil discussão, e, sob toda a luz, inconcludente, e, para o nosso thema, falsissimo desviamos a ponderação que apresenta, em epocha de crise, dando-nos somente o cuidado de relembrar o occorrido na Prussia quando as aguias napoleónicas lhe sobrepairavam. Quebrando 'nestes annos todos os Bancos, ou descendo-lhes as notas a um desconto de quarenta, cinquenta e mais por —, o Banco territorial sustentava as suas quasi ao par, não subindo nunca o desconto dos titulos a mais de cinco por —! Cremos que nos não taxarão de citar, com isto, uma epocha de crise ficticia ou momentanea.

E fecha a primeira parte do primeiro resfolego d'arguições dizendo:

« Nem se duvide d'estes principios, porque já estão sancionados pela experiencia feita em diversos paizes, onde se têm estabelecido Bancos Ruraes, e todos têm desaparecido por não poderem subsistir. » — Ora que qualquer, de bons principios, raciocinando mal, tire absurdas consequencias, ou que cego negue a existencia da luz, soffre-se, não ha remedio;

mas que, lendo e estudando e conhecendo o que vai na Europa, venha pendurar nas columnas d'um periodico, a muitos respeito justamente gostado, um periodo como esse que ahi deixamos, e, permitta-nos o auctor, acção mais que censuravel. Então, com que, *todos* os Bancos Ruraes têm desaparecido?! Cada dia a crearem-se novos, a dilatarem os antigos e a supplicarem-se mais em todos os paizes e em todas as provincias, que sentem o benefico influxo d'uma adiantada cultura, e, não obstante tudo isto, e mesmo mentindo tudo isto, vir dizer-se na imprensa que *todos* os Bancos Ruraes têm desaparecido! Sem podermos citar todas quantas nações têm hoje d'estes Bancos, sempre lembraremos que os ha, prosperos e abençoados, na Russia, Polonia, Prussia, Austria, Baviera, Hanover, Wurtemberg, Mecklenburgo, cidades Anseaticas, Dinamarca, Suissa, Belgica, Inglaterra, e França; isto é, em toda a Europa, e, ainda mais, que não é um estabelecimento só em cada uma d'estas nações, senão que muitos e muito vastos; ora sob a influencia, mais ou menos directa, do governo, ora creações puramente particulares.

E, se alguém pensa 'neste dizer a mais leve sombra de exaggeração, não tem mais, que tomar, entre vinte outros, que lhe podem vir á mão fartamente documentados, o livro ha poucos annos publicado por J. B. Josseau « *Des Institutions de Crédit Foncier et Agricole dans les divers états de l'Europe.* » Lendo-o convencer-se-ha prompta e profundamente de como dizemos singela verdade, e que, entre as infundadas affirmações accumuladas pelo auctor do alludido artigo, nenhuma, talvez, vença o quilate d'esta.

Entrando na segunda parte, rompe-a com aquellas celebres palavras do pregão: « *Nem fazem bem, antes muito mal, á agricultura,* » dando-nos logo como razão muito cathgorica « porque não ha industria agricola, que produza lucros sufficientes para pagar juros, por mais modicos que sejam, e para amortisar o capital, » e cerrando, como vimos, esta segunda parte e o monstruoso do primeiro capitulo com as duas fataes resultantes — ou a perda do proprietario, vendendo a propriedade, — ou a ruina do Banco, transformando-se em proprietario.

Fechada assim a meda das péchas, para não dizermos dos desacertos ou necedades, incumbem-nos tambem rematar 'neste lance o discurso, asseverando sómente, que não ha industria agricola que não produza lucros sufficientes para pagar juros e amortisação de todos os gastos da cultura: — attenda e entenda-nos bem o auctor e o leitor, que não dizemos juros e amortisação *do custo da propriedade*; mas sim, e unicamente, de *todos os gastos da cultura*, fto exclusivo a que se dirige toda a economia, toda a acção d'estes Bancos.

No vergonhosissimo atrazo e no ainda mais vergonhosissimo desleixo e prejuizos da nossa agricultura, o emprestar ou empregar capitaes para compra de propriedades terreas é ter, d'antemão e comprovada por todos os modos, a evidencia de não tirar mais d'um a dois por cento do custo: — 'nisto estamos, como todos, completamente accordes. Mas no que não estamos, e ninguém pode estar, é em que as terras não deixem livre 4, 5, 8 e mais por cento das despesas de cultivo: — e, se não, diga-nos o auctor, em que paiz, e principalmente em que parte do nosso paiz, e em que genero de cultura, ha alqueire de semente lançada á terra que, na colheita, não traga á circa 4, 8, 16 grãos por cada grão semeado; isto é 400, 800, 1600 por cento? diga-nol-o *et erit mihi magnus Apollo.*

E, porventura, esta paga larga, esta multiplicação prodiga nas entranhas creadoras da terra não resarcirá, deixando ainda muito lucro, todas as despesas da mais sollicita e adiantada cultura? Cedemos a resposta aos proprios adversarios recordando-lhes só, por demais, que o custo d'esgotar um profundo paúl, de desbravar um impervio matagal, de gaivar uma extensa marnota, de corrigir uma improductiva várzea, de colmar um necessario alpendre, ou sómente se effectua por uma vez ou a tão largos periodos, que quasi não pôde entrar em calculo. Ainda assim, tomem a quota annua que quizerem e acharão que a terra dá sempre um attrahente juro.

— Em conclusão, pois; cremos, em virtude do que levamos exposto, que o auctor do citado artigo ora desconhece, ora confunde a natureza e alcance dos Bancos territoriaes.

Continúa.

A. A.

## O DIA 3 DE DEZEMBRO.

A Universidade celebrou 'neste dia, com o apparato e pompa costumada, o mysterio da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, e a distribuição dos premios aos alumnos, que mais se distinguiram pelo seu ingenho e talentos.

Deu principio a festividade religiosa, achando-se presentes na real capella da Universidade, o corpo docente, a estudiosa mocidade academica, e grande numero de pessoas de todas as classes. Officiou na missa o dr. José Gomes Achilles, lente cathedratico da faculdade de theologia, e assistiram ao altar, como diacono o substituto extraordinario dr. Damasio Jacintho Fragozo, e como subdiacono o dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga, ambos da mesma faculdade. Recitou uma oração muito bem elaborada, e cheia da mais sublime uncção evangelica, o outro substituto

extraordinario: d'aquella faculdade dr. Antonio Bernardino de Menezes.

Finda a missa, seguiu-se o prestito academico até á sala grande dos actos, onde tinha de effectuar-se a distribuição dos premios.

Ahi tomados logares pelo vice-reitor da Universidade, e pelos doutores de todas as faculdades, e entrados que foram para dentro da thea os laureados, depois de feita a chamada pelos respectivos bedéis, recitou o dignissimo prelado o seguinte discurso:

Senhores! — Ainda outra vez me cabe a honra de presidir á solemne distribuição dos premios, conferidos aos alumnos d'esta Universidade, que, no anno escolar findo, se extremaram em boa estimação litteraria. E tão grato é hoje para mim o desempenho do meu officio; quão provado está o merecimento dos premiados; e quão recto fôra o juizo dos conselhos, que os galardoaram. Sábias, por certo, são as leis academicas, que, com a mira de fomentar e engradecer o progresso das sciencias e das letras, mandam pôr nas mãos de taes alumnos os titulos dos seus premios, na presença dos proprios mestres, e ante o público illustrado, 'neste respeitavel gymnasio, e 'neste festivo dia.

Á solemnia religiosa do augusto mysterio da Conceição Immaculada de Nossa Senhora, que a Universidade agradecida acaba de celebrar, segue-se agora esta, a mais brilhante das festas academicas; uma festa que não é só de Coimbra, mas de todas as cidades, de todas as terras do reino; uma festa verdadeiramente nacional. E com que fortuna, com que prazer, com que alegria, não vemos nós, senhores, irem-se perpetuando, entre distinctos academicos, os brios e as victorias! Em egual dia d'outros annos, quasi successivos, aqui receberam outros competidores as coroas de suas fadigas. Hoje sois vós, illustres e esforçados mancebos, sois vós que levais as palmas: hoje cingem vossas frentes os louros, que colhestes no certame nobre e glorioso da intelligencia.

E quão solida é a base, em que se libra a vossa gloria!... Sim: essas viçosas palmas, esses louros immarcescíveis, não são uma prova evidente de que a sabedoria entrou no vosso coração e a sciencia agradou á vossa alma? Por vossos esforços, por vossas vigílias, por vosso aturado estudo, não vos tornastes vós os filhos mais predilectos da patria? Não conquistastes bençãos mais affectuosas de vossos paes? amor mais extremoso de vossas familias? credito mais seguro de vossos amigos?... E que doce satisfação dèstes a vossos mestres, que vos guiaram no caminho da sabedoria, inculcando-vos seu subido preço! Mas... se hoje alcançastes direitos tão gloriosos, contrahistes tambem uma divida immensa para com a patria. Laureados pela

sciencia, a patria espera de vós que, não deixando murchar vossas grinaldas, sejaes os apostolos e os luminares da instrução e do progresso legitimo, os mais fecundos elementos da civilisação e da liberdade.

E vós outros, nobres mancebos, se vossos nomes já conhecidos não são ainda por esta vez aqui memorados, não desanimeis por isso. Redobrae vossos esforços para que 'noutro egual dia resôem tambem com applauso os vossos nomes 'neste amplissimo emporio das letras. Eia pois, entrae na liça com valor e coragem: quem sabe se o vosso novo afan, transgurando a sorte, de vencidos hoje, vos tornará outro dia vencedores? D'est'arte o vosso triumpho será mais assignalado.

Agora, como todos militaes sob as mesmas bandeiras, exultae de prazer uns e outros; vós, pelos louros que alcançastes; e vós, por que fazeis parte dos cursos, que o galardão d'aquelles ennobrece. Exultae, paes ditosos, a quem Deus honrou em vossos filhos. Exultae, mães ternas e extremosas, que vos esmerastes em aprimorar a educação de tão dignos filhos; que enriquecestes seu espirito com os primeiros conhecimentos; que lhes dirigistes o coração pelas maximas da virtude; e trasbordae agora de jubilo e contentamento. A educação que lhes dèstes preparou este lustroso triumpho. Exulta tambem, ó Coimbra; as corôas que hoje cingem as frentes dos filhos mais mimosos da sciencia, são novos brilhantes que te adornam, que illustram e engradem teu nome, para sempre memorado nos fastos litterarios da patria.

O decano da faculdade de mathematica, dr. Francisco de Castro Freire, a quem competia por escala, dirigiu logo depois aos academicos a seguinte allocução:

Aqui as capellas dá tecidas d'ouro,  
Do baccharo e do sempre verde louro.

Senhores! — Estimular por meio de distincções e premios os corações generosos, para proseguirem com ardor na larga estrada das occupações uteis, foi em todos os tempos a prática observada pelos legisladores sabios. Bem que as acções nobres tenham em sua mesma belleza attractivos sobejos para captivarem as almas bem formadas: é todavia innegavel, que a inconstancia dos desejos humanos, a variedade de distracções frivolas, a seducção das paixões, e as doçuras do ocio, fazem constante guerra aos mais louvaveis esforços; guerra, de que estes não poucas vezes saem vencidos.

Afervorar pois os animos tibios, dar novos incitamentos aos espiritos briosos, eis o que devem fazer todos os legisladores e povos, que desejam ver florescer, entre si, qualquer dos

uteis e variadissimos ramos da actividade humana.

Entre as primeiras necessidades das nações está indubitavelmente a da cultura esmerada das letras e das sciencias. Diga embora o contrario o philosopho de Genebra; seus argumentos, ainda que ataviados com todas as galas de uma eloquencia seductora, não são mais que tristes sophismas, que em espiritos razoaveis, e em corações nobres, nunca acharão echo.

Raio d'essa luz divina, com que o espirito increado prendeu o nosso espirito ao seu centro de sabedoria, justiça e amor infinito, a intelligencia será sempre reputada o mais nobre apanagio da humanidade: e a sciencia, producto, lento e laborioso, de todas as intelligencias individuaes, que, de idade em idade, se vão auxiliando no seu aperfeiçoamento successivo, é tambem e será sempre, emanação da mente divina, a base mais solida da felicidade das nações.

É por isso, que todos os povos se têm esmerado tanto em cultural-a. E a frente d'elles ufana-se um peito portuguez de poder contar a sua patria.

Portugal, decorrido o primeiro periodo da sua existencia, o periodo das conquistas, que ainda assim não appellidaremos de barbaro, logo nos primeiros remansos de quietação e de paz, se voltou para a cultura das letras. Esse rei popular, que pelos seus cuidados em grangear para o seu povo o pão do corpo, vive na historia com o sobrenome honroso de rei lavrador, não se descuidou de lhe procurar o pão do espirito; e, com este intuito, organisou, primeiro em Lisboa, depois aqui em Coimbra, (como lugar mais proprio pela sua situação central, pela amenidade e salubridade do clima), esta Universidade, este primeiro centro litterario e scientifico, d'onde as verdades importantes, que os seculos fossem descobrindo e apurando, se irradiassem para todos os angulos do paiz; e levassem a todas as classes sociaes, convertida em maximas, prácticas, leis e aforismos, a luz da sciencia, que a um tempo apherçoasse a vida, e ennobrecesse o seu destino.

Desde então a Universidade de Coimbra, porque foi nesta cidade, que, depois de ensaios de mudança, sempre mal succedidos, se fixou definitivamente aquelle estabelecimento scientifico, amparada e protegida sempre pelos nossos governos illustrados, nunca deixou de responder com lustre e subido credito ao pensamento que a creára.

Tendo tido, como todas as cousas humanas, como a nossa mesma patria, a sua epocha de decadencia, d'ella foi levantada em fim pela mão robusta do grande Pombal. Este a enriqueceu com os estabelecimentos materiaes, que a sciencia reclamava 'naquella epocha; e assentou, sobre largas e solidas bases, a sua

refórma litteraria, prevendo que, sómente á sombra de tal estabelecimento, poderiam germinar e fructificar as sementes fecundas da moderna civilisação, que elle com mãos largas espalhára pelo nosso paiz.

Enumerar os filhos d'esta Universidade que, desde a sua fundação ate hoje, têm illustrado a patria, já no magisterio, já nas diversas carreiras publicas, seria alem de longo, alheio do nosso proposito. Permitta-se porém, que eu diga, que a Universidade se ufana de vêr, que essas escholae especiaes, que as necessidades da epocha reclamaram, e por cujo esplendor e engradecimento, dentro da esphera que lhes é propria, a mesma Universidade verdadeiramente se interessa, foram instituidas e têm sido alimentadas, pela maior parte, por filhos seus, que muito as têm accreditado, tanto dentro, como fóra da nossa terra.

Alumnos d'esta Universidade, para animar vossos brios, a fim de imitardes todos esses genios que fazem a gloria immorttal d'este estabelecimento, e vos preparardes bem para poderdes um dia desempenhar com honra e intelligencia os cargos publicos, ou as proffissões scientificas, os nossos Estatutos vos chamam hoje aqui, neste dia solemmnissimo, para que em presença do vosso prelado, de vossos mestres, e perante esta assembléa respeitavel, se distribuam, em numero limitado, premios, partidos e honras de *accessit*, aquelles dentre vós que no anno lectivo passado mais se distinguiram nas lides litterarias.

Esta festa porém não é só dos laureados; é de todos aquelles, que por sua assidua applicação, regular conducta, e consequente aproveitamento, mostraram ter comprehendido toda a importancia do tirocinio universitário. A estes cabe tambem uma parte nos louros hoje ganhadlos. Perseverae pois, generosos mancebos, e contaes, que pelo sincero amor do estudo, e pelo cumprimento de vossos deveres, a todos vos chegará tambem um dia de equal triumpho.

Mocidade academica em geral! Grande é a herança scientifica que a nossa geração herdou das gerações passadas, e que tantos commodos e gozos tem dado, e continuará a dar á nossa idade; lembrae-vos porém, vós, que deveis ser os apóstolos da sciencia, que não é só do pão que vive o homem; reflecti que todos esses commodos, todos esses gozos materiaes se tornarão em fructos amargos e de corrupção, se a par, melhor direi, se acima d'elles se não cultivar o sentimento moral e religioso, o qual somente pode vivificar a humanidade, unil-a em laços de caridade mutua, e expurgal-a dos seus máis instinctos.

Conservae as sanctas inspirações do lar paterno, onde, a par do sentimento religioso, vossas mães depositaram em vossos tenros peitos o germen de todas as boas inclinações, e onde vossos paes vos deram o exemplo das



virtudes que nobilitam o homem. Amae a verdade sobre tudo; cultivae todos os sentimentos nobres, — a justiça, a lealdade, e a benevolencia; arredae de vós tudo quanto degrada a dignidade humana, — o egoismo, a inveja, e a presumpção atrevida. Por estes meios alcançareis a estima de vossos semelhantes, e a da vossa propria consciencia, deixando do vosso sacerdocio intellectual memoria de proveitosas doutrinas e nobres exemplos, e de uma vida sem mancha.

No alto do throno portuguez tendes hoje para imitar um modelo eloquente: um monarcha joven e esperançoso, que, pela sua esmerada educação, pelo seu amor pelas letras e pela sciencia, e pelo exacto cumprimento das virtudes christãs e sociaes, causa não só a nossa admiração, mas a dos extranhos. Seja elle o vosso exemplar; e possaes vós, um dia auxiliá-lo no sancto empenho de elevar, depois de tantas vicissitudes e agitações, por meio da moral, da sciencia, e da bem entendida liberdade, a nossa bella patria ao grau de prosperidade e de civilisação, de que se torna digna.

Assim correspondereis aos sacrificios e cuidados que vossos paes têm empregado na vossa educação; ás esperanças que a patria em vós deposita; e finalmente á sollicitude do nosso illustre prelado, e dos vossos mestres, que tanto se empenham pelo vosso adiantamento litterario e scientifico e pela vossa felicidade.

Alumnos premiados! por vós, e pelos vossos condiscipulos estudiosos, vinde receber dos decanos das faculdades academicas, os premios e honras de que vos tornastes dignos, e que hoje aqui vos offerece a *lusa Athenas*.

Terminada a leitura dos discursos, os alumnos foram, cada um de per si, receber da mão dos respectivos decanos o diploma, que os distinguia dos seus condiscipulos, e lhes marcava um lugar de honra, conquistado pelo verdadeiro merito.

Assim terminou uma das festas mais brilhantes e solemnes, com que a Universidade de Coimbra galardôa todos os annos os trabalhos de seus filhos, estimulando-os a proseguir com ardor no improbo estudo das sciencias.

## ALMANAK D'INSTRUÇÃO PÚBLICA

PELO

St. José Maria de Abreu.

Na *Revista Contemporanea*, do mez d'agosto ultimo, que só agora tivemos occasião de percorrer, encontrámos, na parte da — *revista critica*, — o artigo, que nos apressamos a publicar, sobre o Almanak d'Instrução, publicado pelo sr. J. M. de Abreu. Vemos, com

muito prazer, que este trabalho do nosso illustre collega, de que já demos conta no *Instituto*, do 1.º de março d'este anno (n.º 23), e que tão apreciado e bem recebido foi no paiz, alcançou tambem os devidos elogios na imprensa estrangeira. Antes porém de transcrevemos este artigo, seja-nos permitido dizer, que, lamentando com Mr. Villetard, que uma tendencia *utilitaria* pretende sacrificar os estudos classicos ao das sciencias, não attribuímos todavia a esta circumstancia a falta de manuaes e compendios escriptos em portuguez para uso do ensino, tanto na Universidade, como nas Escolas. Á insignificante retribuição de trabalhos d'esta ordem, e á limitadissima saída que têm entre nós os livros de alguns ramos de sciencias exactas e naturaes, é que julgamos devida principalmente aquella falta, a qual, apesar de tudo, esperamos ver diminuida de dia para dia. Entre os livros que se dizem reimpressos, em Coimbra, em francez, cita-se, erradamente, o *curso de mathematicas*, de Francoeur, sendo certo que já em 1838 foi esta obra vertida em portuguez, e que a 2.ª edição da traducção foi muito alterada e melhorada, em relação ao original francez.

Eis o artigo:

F. DE CASTRO FREIRE.

Este livrinho (o almanak) moldado em parte pelos annuarios, que se publicam em França, para cada uma das nossas repartições publicas, deve prestar um verdadeiro serviço ao corpo do magisterio em Portugal, por isso que 'nelle s'encontram todas quantas noticias se podem desejar sobre as materias d'ensino, nos diversos estabelecimentos d'instrução publica d'aquelle paiz, e sobre o pessoal dos lyceus, faculdades e escolas. Modesta, mas verdadeiramente util, dar-nos-ia lugar esta publicação a podermos apresentar um quadro curioso do estado actual da tão famosa Universidade de Coimbra, mas não é este o lugar proprio para isso. Não podemos contudo deixar no silencio um facto, que ha de por certo interessar os nossos leitores, e vem a ser, que entre os livros designados oficialmente para o ensino das faculdades, s'encontra um grande numero d'obras francezas, reimpressas em Coimbra, sem serem vertidas em portuguez, mostrando assim quanto se acha generalisado em Portugal o estudo da nossa lingua. Os *manuaes* e *cursos* de MM. Macarel, Jamain, Bouchardat, Chomel, Begin, Francoeur, Briand, Navier, Laplace, Deguin, Regnault, Pelouze, Fremy, Jussieu, Beudant, Burat, Tripou, Puissant, Milne-Edwards, Ganot, Orfila, Richard, etc. são classicos tanto em Coimbra, no Porto, e em Lisboa, como em Paris, Lyão e Tolosa. Se este facto pôde lisongear o nosso amor proprio, dá margem tambem para se reflectir sobre

as theorias dos *utilitarios* em materia d'ensino. Eis-ahi está um paiz que, infinitamente menos que nós, dá na educação logar aos estudos classicos. Pois bem! essas sciencias a que alli se sacrificaram, ou completamente, ou em grande parte, o grego, o latim, a historia e a philosophia, aproveitaram tão pouco com esse sacrificio, que nem ao menos se escreve em Portugal um bom manual de chimica, de physica, ou de historia natural. Rogamos aos adversarios dos estudos classicos, que meditem sobre este facto.

Agora, pedindo perdão aos leitores de termos levantado tão grande celeuma a proposito de um livrinho, voltemos ao nosso almanak. O que mais vivamente nos interessou no trabalho do sr. Abreu, depois da relação dos livros exigidos para os diferentes cursos, e dos programas dos estudos, foram os quadros estatísticos que s'encontram a cada pagina, e que nos dão a conhecer as despesas de cada estabelecimento, os ordenados dos empregados, o numero d'estudantes matriculados nas diversas faculdades, e o dos approvados e reprovados nos exames, no fim de cada anno lectivo. Se todas as repartições publicas dos diferentes Estados, tivessem annuarios, onde se apresentassem noticias tão completas, as indagações dos estadísticos e economistas ter-se-iam consideravelmente abreviado. Felicitamos pois o sr. Abreu, por ter comprehendido um trabalho tão arido, mas sumamente util. Se quizer continuall-o no anno seguinte, aconselhamos-lhe que leia com cuidado o excellente annuario d'instrução publica por Mr. Delalain; alli encontrará um grande numero de melhoramentos na parte practica, os quaes tornarão a sua publicação mais completa e por consequente de mais utilidade.

E. VILLETARD.

## NOTICIARIO.

**O jornalismo em Paris.**—Em agosto do corrente anno saíam dos prelos de Paris 510 jornaes ou publicações periodicas. Unicamente 40 tractam de assumptos politicos ou d'economia social; os 470 restantes são: jornaes litterarios, 95—jornaes de modas, 47—jornaes do commercio e da industria, 45—jornaes scientificos, 45—collecções de leis e de jurisprudencia, 39—jornaes de medicina, 25—publicações administrativas, 17—jornaes d'agricultura, 14—publicações bibliographicas, 14.

Na ordem chronologica, os dois jornaes mais antigos são a *Gazeta de França*, fundada no mez de maio de 1631, e o *Jornal dos Sabios*, que data de 1665.

Os titulos mais usados são: jornal, boletim, revista, annaes, monitor, correio. Contam-se 71 jornaes, 43 boletins, 33 revistas, 22 annaes, 17 monitores, e 10 correios.

Não ha especialidade que não tenha o seu jornal. Ha o jornal dos advogados, dos cabelleiros, dos chapeleiros, dos commissarios de policia, da illuminação a gaz, etc. Emfim, todas as sociedades litterarias e scientificas têm por órgão alguma publicação periodica.

### Movimento litterario na Alemanha.

—Neste paiz foram publicadas as seguintes obras, desde o 1.º de janeiro até 31 de junho de 1857.

Encyclopedias; *sciencia litteraria*—108'; theologia—632; jurisprudencia—279; medicina e veterinaria—164; sciencias naturaes, chimica e pharmacia—277; philosophia—49; pedagogia, livros elementares allemães, gymnastica—327; livros para a mocidade—83; linguas classicas e orientaes, archeologia e mythologia—157; linguas modernas, incluindo litteratura allemã antiga—137; historia, com os seus auxiliares, biographia—225; geographia—87; mathematicas astronomia—48; sciencia da guerra, estudos sobre a raça cavallar—84; commercio e industria—150; florestas, caça, mineração—32; machinas, caminhos de ferro, navegação—50; economia domestica e rural, horticultura—163; bellas-lettas—333; bellas-artes—148; livros populares—39; maçonaria—6; miscellaneas—127; mappas geographicos—85<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Estes algarismos indicam o numero das obras, e não dos volumes.

<sup>2</sup> 'Neste numero vão tambem includas todas as reimpressões e edições novas. Podem consultar-se na livraria do sr. Dardalhou, na rua de S. João em Coimbra, dous catalogos de todas as publicações.

## PRINCIPAES ERRATAS DO N.º 17.

Pag. 206. Linh. 11—onde se lê—modelo cumpriu, dignamente etc.—leá-se—modelo, cumpriu dignamente etc.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
209	2. <sup>a</sup>	34	Ao cen, ao cen, a mim unida,	Eia, ao cen', a mim unida,
210	1. <sup>a</sup>	10	Inda um momento se agarrasse á vida,	Mais um momento se agarrasse á vida,
"	"	34	Tu que a minh'alma confortavas,	Tu que ha pouco a minh'alma confortavas,
"	2. <sup>a</sup>	53 e 54	Sobre os corpos dos mortos vem intrepidos, Em novas filas arrostar com a morte...	Sobre os corpos dos mortos vem intrepidos Em novas filas arrostar com a morte...
211	"	6	Mais grata. que a sombra dos arbustos,	Mais grata. do que a sombra dos arbustos,
"	"	12	Como a cana que vergou!	Como a canna que vergou!
212	1. <sup>a</sup>	23	E a descançar por fim cerrando os olhos	E descançar por fim cerrando os olhos
"	"	33	Expira voz, morre o canto; adeus ó anjo!	'Spira a voz, morre o canto; adeus ó anjo!

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

Sessão de 12 de novembro de 1857.

No dia 12 de novembro reuniu-se o Instituto de Coimbra para proceder á eleição dos socios, que devem constituir a nova redacção. O sr. presidente mandou ler perante o Instituto uma carta, em que Mr. E. Laboulaye, membro do Instituto de França, nos termos mais delicados e lisongeiros para o Instituto de Coimbra, agradece a esta sociedade o tello nomeado seu socio honorario. O Instituto votou unanimemente, que a direcção respondesse a Mr. Laboulaye, como cumpria. Leu-se em seguida um officio do sr. dr. Adriano Machado, em que este digno membro da redacção menciona os collaboradores, que mais tinham cooperado para que o jornal se publicasse regularmente 'neste ultimo trimestre, collocando á frente d'elles o sr. dr. Antonio José Teixeira, que não só collaborou com artigos, mas tomou sobre si uma grande parte da redacção, e arranjo material do jornal. São tambem mencionados 'naquelle officio os sr.<sup>es</sup> F. A. R. de Gusmão, Adrião Forjaz, Jacome Sarmiento, José Maria d'Abreu, Joaquim A. Simões de Carvalho, Marquês de Sousa Holstein. O Instituto decidiu que a todos se votassem agradecimentos.

Procedeu-se á eleição da redacção e saíram eleitos os sr.<sup>es</sup>:

Joaquim Augusto Simões de Carvalho

Luiz Albano de Moraes

Albino Augusto Giraldes.

O Instituto decidiu finalmente que se crevesse a todos os socios correspondentes, que não tinham cumprido o artigo 13 do estatuto, lembrando-lhes, que a execução d'aquelle artigo é condição essencial, para que continuem a dizer-se membros d'esta corporação.

O sr. presidente fechou a sessão eram 2 horas da tarde.

O secretario do Instituto,  
*Jacinto Antonio de Sousa.*

## O ENSINO PRÁCTICO ELEMENTAR DE AGRICULTURA.

Trez grandes factos, comprehendidos, e habilmente desenvolvidos pela illustração do  
VOL. VI.

JANEIRO 1.<sup>o</sup>—1858.

seculo XIX estão hoje transformando a physionomia da instrucção popular, e preparando uma era nova a todos os interesses sociaes.

A civilisação tem introduzido na sociedade exigencias novas, fecundas, e tendentes a melhorar a situação das classes menos abastadas.

Os conhecimentos agricomicos e industriaes são hoje tão indispensaveis para acudir ás necessidades da vida, acompanhando os progressos devidos á diffusão dos raios da sciencia, como o ler, escrever, e contar são necessarios a todos para exprimir o pensamento em todos os tempos e distancias, e regular a economia da sua administração familiar.

A escola primaria é o meio mais prompto e efficaz de vulgarisar idéas, e firmar reformas de instrucção no povo.

A propagação dos conhecimentos de agricultura práctica, e sciencias industriaes, começada na Allemanha muito antes, responde hoje a Inglaterra e a França com numerosas instituições populares d'aquelle genero; e, o que mais é, com vantagens admiraveis obtidas no limitado decurso de tres annos.

A escola elemental é 'naquelles povos — o conductor das idéas ás grandes massas nacionaes; o manual e o periodico litterario, — os mestres dos professores, já iniciados 'nesses ramos de ensino público pelas escolas normaes; os premios e distincções, — o incentivo, que desperta e alenta o zelo, e a salutar emulação entre mestres e entre discipulos.

'Nesta importante cruzada de verdadeiro progresso social, 'nesté movimento intellectual da geração presente, empenhada em melhorar a que nos ha de succeder, a ninguém é já licito ficar parado. Ou acompanhar esse movimento scientifico e humanitario, ou segregar-se da communhão dos povos illustrados.

Algun passo temos nós já dado 'nesse caminho de reforma. Possuimos já manuaes de agricultura e geologia, de physica, chimica, e mechanica, elaborados sob programmas do Conselho Superior de instrucção, e premiados pelo governo: temos um jornal de agricultura habilmente redigido na segunda capital do reino, e primeira da liberdade: temos já feito exposições agricolas: mas para que o impulso

NUM. 19.

seja geral, regular, e energico cumpre organizar o ensino pratico elementar.

Na falta, em verdade deploravel, das escholae normaes, em que sejam instruidos professores de escholae ruraes e urbanas nesses novos ramos de ensino primario, sigamos o exemplo dado ha pouco pela Franca. Convidem-se os professores, por meio de premios, a inaugurarem o novo ensino. Em Portugal não haveria menos zelo, nem menos estudo e dedicacão. Baixe essa idéa da mais elevada região do poder; e, popularisada que seja, entre o novo ensino em seu andamento regular por meio das escholae normaes primarias. Nem se creia, que entre nós não haja alguns mestres de instrucção primaria capazes de imitar o que em Franca se fez com reconhecimento proveito.

Ja neste periodico, e no da Associação agricola do Porto, têm sido publicados alguns artigos, como para indicar o ponto de vista do ensino elementar da agricultura practica. No jornal portuense ha collaboradores, que sabem como se escreve em agricultura para o vulgo ignaro. Aproveite-se um ou outro d'estes jornaes, que, sendo subsidiado pelo governo, e dirigido com a conveniente adaptacão ao fim, pode ser o guia seguro para mestre e alumnos. Seja esse jornal distribuido gratuito por todas as escholae primarias; e assim despondará o gosto pelo primeiro ramo de industria, que occupa talvez mais de trez quartos da população.

No intuito de realisar a idéa, que recomendamos, ahi damos um *specimen* de artigos de agricultura practica elementar, extrahido de mui acreditado periodico estrangeiro.

#### *Cultura da herba dos morangos.*

Vamos, meus amigos, diz o professor, empregar esta manhã no estudo da cultura da fragaria, uma das plantas mais interessantes das hortas. Supponho eu que nenhum de vós despreza os excellentes fructos d'esta planta.

Tenho notado, senhor, diz um discipulo, que, ao lado da vossa horta de morangos em producção, tendes outra de plantas novas, que não produzem. Porque é isto, senhor?

Para me não faltarem morangos, meus amigos. Todas as fragarias, de que se cultiva um grande numero de variedades, se assemelham 'num ponto; o anno da plantação nada produzem, ou quasi nada; o segundo anno pouco; o terceiro muito; no quarto começam a declinar. Se a extensão do meu jardim m'o permitisse, teria eu trez tableiros de morangos, um do primeiro, outro do segundo, e outro do terceiro anno. Não podendo ter mais de dous, vou-me arranjando, não arrancando as plantas velhas, senão quando as novas produzem. Assim é que todos os annos tenho morangos, mais ou menos; mas nunca fico sem elles.

Mas dissei-me, que meio empregaeis para serem os vossos morangos os mais bellos de todas as hortas da povoação, sendo vós quem destes a planta para todas.

O meu processo, meus amigos, é lento, mas seguro; eu o descobri a todos os que tiverem paciencia de o practicar. Mas preciso de vos dar primeiro algumas explicações preliminares. O morangueiro multiplica-se sobre tudo pelos renovas, a que chamam *braços*. Vós sabeis, que, exceptuando uma especie, a qual plantei em roda dos canteiros do jardim, todos os morangueiros produzem uma superabundancia de braços, que vão enraizando de distancia a distancia, pegando-se ao terreno, e dando novas plantas. A unica, que não dá braços, chama-se porisso *morango-urbusto*: este multiplica-se por divisão de suas moutas. Ora, quando se quer conservar a boa especie em toda a sua pureza, não é por meio dos braços, que se hade multiplicar, mas por sementeira, escolhendo os fructos mais vistosos, e na madureza mais perfeita. No primeiro anno obtém-se unicamente plantas muito pequenas; e só no terceiro anno dão fructo. Plantam-se os melhores pés em bom terreno, bem estrumado, em distancia que se possam estender os braços, enraizar, e dar as plantas necessarias á renovação completa da horta. Esta renovação, operada cada seis annos, mantém a variedade na plenitude dos seus dotes. Tudo isto não requer mais que paciencia.

Ha muitas mais variedades de morangos do que as que tendes no vosso jardim?

De certo, meus amigos. Dir-vos-hei que ha 30 annos se tem feito na cultura do morangueiro uma verdadeira revolução. Primitivas ha só trez especies, duas da Europa, e uma da America. Os europeus aqui os tenho ambos; differem sensivelmente um do outro. O mais vulgar é o dos Alpes, chamado das quatro estações. O seu fructo é oblongo, bello, rubro, e o melhor pela fragrancia e finura de gosto; ha d'elle uma variedade de fructo branco; o pequeno morango silvestre redondo é subvariedade da mesma especie: o segundo morango europeu é mais conhecido pelo nome vulgar de morango-grande. Tenho d'elle alguns pés só para conservar a especie; porque dá pouco lucro, não dando fructo os pés machos, e occupando d'essa arte terreno inutil.

O morangueiro da America differe muito do da Europa?

Na grandeza, forma, e verde lustroso de sua folhagem assemelha-se ao nosso morango-grande. Em alguns o fructo chega a proporções enormes. A maior especie conhecida é a do Chili, cujos fructos enchem uma medida de *litro* com trinta até quarenta.

Todas as subvariedades, em numero de mais de cem, que hoje figuram nas collecções, têm sido obtidas nos Estados-Unidos, na Europa, e mormente em Inglaterra, por habeis jardi-

neiros: uma só, o escarlate de Virginia existe na America em estado selvagem, como existe em nossos jardins. Na Belgica, principalmente nos arredores de Liège e de Namur, não se cultiva ha mais de um seculo senão o escarlate de Virginia, cuja cultura se não tem vulgarizado no resto da Europa, porque não se reproduz a planta.

O morangueiro de origem americana reproduz-se?

Não, meu filho, todos os esforços têm sido inúteis para obter o morango grande como o da America, e reproductivo como o dos Alpes: o que fizesse essa conquista teria feito a sua fortuna. No entanto em roda de Paris vêem-se campos de morangueiros não reproductivos. Os dous primeiros annos da plantação, como nada ou pouco dão, aproveita-se o intervallo entre os pés para cultura de couve e alhos, até que elles encham a terra toda, e então pagam bem toda a despeza. Eu aqui só tenho alguns dos melhores. Eis aqui a *rainha ingleza* de fructo redondo, e gosto delicado: o escarlate de Virginia igualmente redondo, e conhecido pela côr especial do fructo, e a de sua folhagem levemente azulada: o morango de Deptford, de bella côr rubra, pontea-gudo, um dos melhores, que tem Inglaterra: o morango branco de Bicton, de gosto raro: e o morango Goliath quasi tão volumoso como o do Chili. Não preciso dizer-vos que não comprei a collecção, que tenho no meu jardim. Deram-m'os; e dos que multiplicam por vergonteas não é grande favor a dádiva, porque muitas d'ellas, por demasiadas, inutilisam-nas os jardineiros: um só pé basta para com o tempo plantar um campo.

Senhor, diz um menino, o morangueiro, que vem de tão longes terras dá-se bem em toda a parte?

Sim, meu amigo; Deus lhe deu, assim como a todas as plantas uteis ao homem, grande elasticidade de temperamento. O morangueiro tanto produz no norte como no sul, no poente como em o nascente. Na Suecia, que é o clima mais agreste, é onde se comem mais morangos. Affirma-se até (mas eu não posso assegurar-o) que na Groelandia, debaixo do circulo polar, é onde ha os melhores. O morangueiro, que cresce, e fructifica debaixo de tal temperatura, e que se encontra no declive das montanhas dos paizes mais calidos, é, não duvidareis, uma das mais rusticas entre as plantas cultivadas para uso dos homens.

Disseste, senhor, que o morangueiro é uma das plantas mais uteis; eu não a tinha senão por muito agradável.

Foi de proposito que eu a qualifiquei de muito util. A sua raiz é muito usada na medicina; o seu fructo comido por muito tempo allivia da gotta; e pôde até cural-a. Para individuos de vida sedentaria, é um preservativo contra molestias providas da falta de exer-

cicio. Já vêdes — que não é só agradável, é util.

Occupemo-nos agora da cultura do morangueiro; vereis que não é muito complicada. Faz-se plantação das vergonteas em julho, por tempo humido, ou nublado ao menos: aproveitam-se as vergonteas primeiro formadas, e d'estas as mais proximas da planta mãe. A terra, bem cavada e esterçada, será aplainada, para que a superficie fique bem igual, e depois coberta de uma camada delgada de palha comprida para manter a frescura da terra, e favorecer a pèga das novas plantas. Mais val plantar de tarde que de manhã; e deve regar-se em todo o tempo sêcco. Na primavera do primeiro anno é preciso cortar as vergonteas, que, tirando forças, privariam a planta de florir e fructificar no anno seguinte. A plantação por semente, quando se recorre a este excellente meio de renovar a horta, faz-se de seis em seis annos, e ás vezes mais tarde. Durante este periodo deve a plantação ser renovada por meio das vergonteas ou braços, uma ou mais vezes. Esta plantação faz-se com os braços do segundo, ou terceiro anno.

Em que distancia devem ficar os morangueiros?

E conforme a especie, e a força do terreno, que influe no vigor das plantas. Em geral em boa terra de jardim, de fertilidade mediana, põem-se a distancia de 0,<sup>m</sup>25 a 0,<sup>m</sup>30 em todos os sentidos. As especies não reproductivas requerem a distancia de 0,<sup>m</sup>40 a 0,<sup>m</sup>50, com excepção do escarlate de Virginia, que se cultiva como o dos Alpes.

*Continúa.*

M.

## MEMORIA

**Sobre os inconvenientes da cultura dos arrozaes, em relação á saúde pública. — Impropriedade d'esta cultura no concelho da Louzã, districto de Coimbra.**

Continuado de pag. 199.

Á vista do que fica exposto, e d'outros muitos factos, uns que referem os auctores, e que por brevidade omittii, outros que entre nós se observam todos os annos, temos por certo, que nem o mais robusto e obstinado pyrrhonismo se atreverá a negar, de boa fé, a nocividade dos arrozaes; e que só a ignorancia, ou a má fé, podem pôr em dúvida essa nocividade.

Mas sendo tão productiva a cultura do arroz, não haverá meios d'obstar á sua nocividade? São trez os meios, que eu saiba, que se têm proposto para obstar a este gravissimo inconveniente: 1.º cultivar o arroz de montanha, que só precisa ser regado como outra qualquer planta; 2.º não consentir agua esta-

gnada nos taboleiros; 3.º desfazer as motas e lavar as terras logo depois da colheita do arroz.

O arroz de montanha, ou de sequiro, como lhe chamam vulgarmente, e uma variedade do — *oryza sativa*, e não uma especie differente; e so prospera em condições analogas aquellas, em que prosperam as outras variedades. Segundo alguns auctores prospera na Cochinchina, aonde com as chuvas quotidianas o terreno esta encharcado d'agua. Em Portugal e um ente de imaginação, inventado para enganar o povo. O segundo meio e inevitavel; porque, ou o arrozal ha de ter agua, ou a seara não produz. Além d'isso pondo-se em practica, pode produzir o effeito opposto, ao que se deseja, como ja disse; porque como os taboleiros são horisontaes, a agua não se escoa toda; ficam sempre algumas polegadas d'ella, e como e pouca, mais facilmente se corrompe com os calores do sol, e a evaporação se torna mais activa, e mais pestilenta pela concentração das materias em putrefacção. O 3.º e mais do que insufficiente, é irrisorio; depois da evaporação dos arrozaes por tçez ou quatro mezes, é que se pretende obstar a essa evaporação, por meio da lavoura das terras? Se não é má fé, é um erro grosseiro.

O unico meio para obstar á nocividade dos arrozaes é não consentir, que se semem juncto á povoação, mas sim a grandes distancias: conhecendo primeiro bem as condições locais, como os ventos que reinam no verão e no outono; a posição das povoações em relação aos arrozaes e ás correntes atmosfericas; não consentir que os trabalhadores vão para o arrozal antes do nascer e depois do pôr do sol; e finalmente não permitir, que andem extenuados pela fadiga e pela fome, dando-lhes boa e sufficiente comida, e algumas bebidas alcoolicas, poucas e de boa qualidade, com especialidade vinho.

Depois que se cultiva arroz 'neste conceito, por algumas observações, que tenho feito, inclino-me a que a planta do arroz é por si mesmo nociva, e que os arrozaes não são só prejudiciaes á saúde como pantanos. O cheiro particular nauseabundo, que lançam os arrozaes, que algumas pessoas d'olfato delicado sentem a grande distancia, e lhe produz violentas dores de cabeça; a orticaria, que se desenvolve nas partes nuas das pessoas, que andam na monda do arroz, ou o manêam depois de ceifado; o cheiro particular muito incommodo, que lança o arroz no celloiro antes de descascado; e finalmente o cheiro que exhala a palha do arroz, quando começa a apodrecer, differente do que lança a palha dos outros cereaes, em eguaes circumstancias, me fazem inclinar ao que acima digo. Se tivermos occasião, continuaremos estas observações.

Á vista do que fica exposto, e que ninguem de boa fé poderá negar, vê-se que é erronea a opinião dos que sustentam, que deve ser permittido a todos semear e cultivar arroz, em qualquer parte que queiram; e que não deve haver vistorias nem licenças. Como poderá o governo, ou as auctoridades, saber se ha ou não prejuizo em semear arroz em tal ou tal lugar, se não mandar vistoriar os terrenos por homens probos e intelligentes? Acaso não terá o governo obrigação de promover o bem da maior parte, se não de todos? Dever-se-ha entender a liberdade em sentido tão lato, que se permita tudo a todos? O que é bom, convenio que se deve permittir; mas, o que é mau, deve-se prohibir: o contrario é um principio subversivo de toda a ordem, e de toda a sociedade.

Não é forçoso que todos os povos de Portugal cultivem as mesmas plantas. Os que habitam em terras improprias para a cultura do arroz, sujeitem-se a perder o beneficio, que d'elle lhes podia resultar: e o governo deve obrigal-os a trocar um bem menor por um incomparavelmente maior. Agora em quanto ás licenças e minha opinião, que sejam gratuitas: talvez que, se o tivessem sido, se não tivessem dado tantas com gravissimo prejuizo dos povos.

Tambem é falsa a opinião dos que sustentam, que a prohibição da cultura do arroz em terras improprias priva o povo d'um bem certo por um mal incerto. O contrario é que é a verdade. O bem, que é o producto da seara, é incerto, porque pode a seara deixar de produzir por muitos motivos: e o mal é certo, porque é certa a evaporação pantanosa, e sua acção moribifica sobre a economia. E uma perversidade enorme matar certos cidadãos nas torturas da doença e da fome, a troco do lucro, que podem dar os arrozaes a meia duzia de proprietarios: é uma iniquidade (e não sei se diga uma rematada loucura) tornar de proposito terras saudaveis em focos d'infeccção; e promover assim as epidemias. A meus olhos é menos culpado e menos máu o saltador, que põe o passageiro na alternativa da bolga ou da vida: e as auctoridades devem ser responsaveis perante Deus e os homens, se consentirem a cultura de planta tão nociva juncto d'alguma povoação.

Este conceito da Louzã é muito povoado; os logares tocam uns nos outros; tem poucos baldios; e confina com os concelhos vizinhos por logares tão proximos, que não distam em algumas partes os dos differentes concelhos uns dos outros cem passos. Os logares das margens do Ceira, e da ribeira d'Arouce são doentios, como já disse; principalmente o de Foz d'Arouce, por ser baixo, pantanoso, e fazer-se alli grande cultura de linho. Ora se os arrozaes são verdadeiros pantanos; se são tão nocivos á saúde; se o arroz só se deve culti-

var em terras muito distantes de povoado; que concedo menos proprio para tal cultura do que o da Louzã?

Creio que tenho provado aquillo a que me propuz, pelas autoridades, pela theoria, e pela experiencia. Agora para terminar este escripto, já excessivamente longo, direi, que o que até aqui fica exposto são em resumo os motivos por que me oppuz á cultura do arroz 'neste concelho, e por que prognostiquei uma epidemia, que desgraçadamente se verificou. Porém a minha debil voz ficou abafada pela ambição e avareza; prevaleceram as considerações pessoas á saude publica; mas senti-ram-se depois bem distinctamente os gemidos da doença, e os gritos da raiva, da fome e da miseria. Já se não dirá, que sou ou nimia-mente medroso, ou tão invejoso, tão odiento, que quizesse só por tão indignos motivos oppor-me á cultura da planta mais productiva entre nós. Praza ao Céu que depois d'experiencia tão triste, os proprietarios se tornem mais humanos e suffoquem a sua ambição e avareza em favor do povo: e que o sr. Governador Civil casse a licença concedida, e termine taes envenenamentos 'neste concelho; e se o não fizer, teremos, e terá o desgosto, nós de presenciar, e elle de saber, que se passam scenas analogas, ás que têm occorrido em outros concelhos por eguaes motivos. Deus permitta que me engane.

Louzã, 12 de abril de 1856.

DR. J. F. DA SILVA PINTO.

## PRELEÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

PELO

Lente de leis na Universidade de Coimbra

Ricardo Raymundo Nogueira.

PREFACIO DO EDITOR.

Ricardo Raymundo Nogueira, filho do Dr. Luiz Nogueira, e de D. Floriania Theotonia Barreto, nasceu no Porto em 31 d'agosto de 1746. Em 24 de maio de 1763 completou a sua formatura na faculdade de leis, a qual frequentára com tanta distincção que o Marquez de Pombal, desejando mostrar a sua alteza, o conde de Lippe, um espectáculo litterario glorioso para o nosso paiz, escolheu o joven Ricardo Raymundo para os exames e ostentações que precedem o doutoramento.

Acabados os estudos, regressou á sua terra natal, onde como advogado da feitoria ingleza mostrou notavel aptidão para a carreira forense. Ahi se conservou até que em 30 de setembro de 1772 voltou a Coimbra na qualidade de oppositor ás cadeiras da sua faculdade, e tomou o habito da ordem de

Sanct'Iago, professando no collegio das trez ordens militares d'esta cidade. Então era já tão afamada a sua reputação, que, apesar de ter pouco mais de 26 annos d'idade, foi nomeado membro da juncta de fazenda da Universidade, e d'ahi a alguns mezes (9 de junho de 1773) deputado da inquisição de Coimbra.

Não podemos averiguar em que data foi despachado substituto da faculdade de leis; mas consta, que em 29 de janeiro de 1790 fôra promovido á classe de proprietario, começando pela regencia da 1.<sup>a</sup> cadeira de Instituta, da qual passou em 1795 para a de Direito Patrio.

Dois despachos mais acabam a historia das suas promoções universitarias; que são o de bibliothecario da livraria da Universidade (13 de maio de 1798), e o de quarto lente da sua faculdade em 4 de maio de 1800.

O reconhecido merecimento do sabio professor grangeou-lhe o logar, então muito importante, de reitor do collegio dos nobres (2 de janeiro de 1802), de membro do governo do reino (7 d'agosto de 1810), de vogal da juncta creada pelo sr. D. João VI para formar um projecto de constituição da monarchia (19 de junho de 1823), chegando por fim ao eminente cargo de conselheiro d'Estado (4 de junho do dicto anno).

Nogueira havia principiado tambem a carreira ecclesiastica, recebendo a ordem de subdiacono em 15 de junho de 1788, e teve depois a cadeira doutoral da Sé de Elvas, e posteriormente uma na de Evora. Foi censor régio e socio livre da academia real das sciencias de Lisboa.

O dia 7 de maio de 1827 foi o ultimo d'uma existencia tão gloriosa, e benemerita da Patria.

O breve esboço da vida d'este sabio, que traçamos á face d'um folheto do tão conhecido José Agostinho de Macedo<sup>1</sup>, bastará para fazer desejada a publicação das suas produções litterarias.

Temos á vista um manuscripto que contém as preleções de Direito Patrio de Ricardo Nogueira, e consta de trez divisões. Na 1.<sup>a</sup> expõe as noções preliminares d'este Direito, que se reduzem a uma historia das nossas collecções, e á bibliographia da jurisprudencia nacional. Na 2.<sup>a</sup> appresenta-nos o Direito Publico interno de Portugal. Na 3.<sup>a</sup> explica as ordenações do reino, seguindo ordinariamente a ordem dos titulos. Infelizmente esta 3.<sup>a</sup> parte não passa do livro primeiro das referidas ordenações, e é natural, que não passem além as preleções d'este professor, porque era impossivel no espaço d'um anno e em uma só cadeira, que então havia para o

<sup>1</sup> Elogio historico do Illustrissimo e Excellentissimo Ricardo Raymundo Nogueira, conselheiro d'Estado, por José Agostinho de Macedo : Lisboa Impres. Régia 1827.

estudo do Direito Patrio, ensinar todas as materias, que neste Direito se comprehendem e que hoje se acham distribuidas por 9 cadeiras. As preleções do referido Direito deviam ainda abranger o processo, mas esta parte, que era a 4.<sup>a</sup> no programma de Ricardo Nogueira, falta absolutamente no manuscrito, e é provavel que faltasse tambem na leitura do anno.

Das trez divisões, que existem, principiamos a publicar a 2.<sup>a</sup> pela predilecção, que nos merece o estudo do nosso antigo Direito Público. O mesmo auctor, dizendo a seus discipulos a razão por que não principia por este Direito, allega uma razão de methodo didactico, e outra de ordem estabelecida nos Estatutos, dous argumentos, que nos não podem prender a nós. As *preleções de Direito Público* formam uma obra, a todos os respeitoes independente das outras, e podem sair sós a lume sem offensa do systema seguido pelo auctor.

Com isto não queremos esquivar-nos a fazer conhecidas as outras partes existentes das preleções de Ricardo Raymundo. Ao contrario, esperamos que nós não detenha o tedio que produzem os trabalhos inglorios de editor, e que nos dure o animo de concluir a publicação d'estas preleções, segundo as achamos manuscriptas na bibliotheca da Universidade.

Não podemos dizer se esta obra foi copiada d'alguem escripto do auctor, se redigida por algum de seus ouvintes que lhe houvesse tomado nota da explicação. A quem a lêr, parecerá mais provavel a primeira conjectura. A divisão regular da obra em partes e capitulos, as notas, que ás vezes encontramos sem geito de terem entrado na preleção, e o correcto do estylo, apesar da singeleza propria da dicção didactica, parecem inculcar, que este trabalho foi ordenado pelo proprio auctor, com o intuito de o publicar, se as agitações da politica, em que depois se emmaranhara, o não houvessem impedido de o corrigir com mais vagar, segundo o exigiam a reputação de suas letras e a gloria de seu nome.

Para mais o pensarmos assim, concorreu termos ouvido a um illustrado jurisconsulto d'esta cidade, que ainda conheceu Ricardo Raymundo, que este projectára reduzir a systema o Direito Portuguez, e ficara desgozoso quando viu, que Paschoal José de Mello o prevenira na execução do seu plano.

Não nos atrevemos, porém, a dar por infallivel esta conjectura. Ha na bibliotheca da Universidade varios manuscriptos contendo as recitações de diversos professores de Direito Patrio. E natural que muitos d'estes trabalhos, e talvez o de que nos occupamos, fossem fructo da diligencia ou especulação d'alguns apontadores das aulas, por ventura auxiliados pelos proprios lentes. Na mesma bi-

bliotheca ha umas lições d'outro professor, escriptas pela mesma letra d'estas.

O tempo em que foram feitas as preleções, que possuímos, de Ricardo Raymundo, julgamos ser o anno lectivo de 1793 a 1796. Deixando muitas razões que favorecem esta conjectura, allegaremos sómente o argumento seguinte:

Na 1.<sup>a</sup> parte das suas preleções (onde se tracta, como já dissemos, das noções preliminares do Direito Patrio) encontramos um trecho que diz: «Seguiu a vereda opposta, o auctor de um livro que appareceu *ha cousa de 14 annos em 1781*,» etc. D'aqui se vê que estas palavras foram proferidas em 1795, mas não o podiam ser no lectivo de 1794 a 1795, porque havendo sido este professor nomeado para reger a cadeira de Direito Patrio quasi ao findar o tempo das lições do referido anno lectivo,<sup>1</sup> não havia de encerrar o curso de Direito Patrio, com as noções preliminares d'elle, que era por onde Raymundo e seus predecessores costumavam principiar, como era natural. D'aqui se vê que estas lições não podem deixar de pertencer ao anno de 1795 a 1796.

Em quanto ao merecimento da obra que o *Instituto* vae publicar, cada um dentro em pouco o poderá apreciar por si. Permitta-se-nos, porém, lembrar em abono do sabio professor, que a não devemos avaliar pelo estado em que se acham hoje os conhecimentos historicos e politicos. Cumpre tambem não esquecer, que tendo Ricardo Raymundo de abranjer nas lições d'um só anno todo o Direito Portuguez, não podia deixar de ser omisso em algumas materias, e menos demorado em outras que pediam mais extenso commentario. Apesar d'alguns defeitos da obra, conheceremos, pelo estylo e pelo gosto com que é tractado o nosso Direito Público interno, que Ricardo Raymundo era um digno companheiro do insigne litterato Antonio Ribeiro dos Sanctos, e um illustre sectario da bella escola que entre nos fundaram o talento e erudição de Paschoal José de Mello.<sup>2</sup>

A. M.

#### INTRODUÇÃO.

O Direito Público é aquelle que prescreve os officios das sociedades civis.

Os homens formaram repúblicas para viverem seguros debaixo de um imperio commum. Esta associação de individuos formou um novo corpo moral, o qual por consequencia ha de ter certos direitos e obrigações proporcionadas á sua natureza, e aos fins de sua instituição.

<sup>1</sup> A data d'esta nomeação é de 4 d'abril de 1795, mas bem pôde ser que o nomeado não entrasse logo a reger a cadeira de Direito Patrio.

<sup>2</sup> A publicação das obras de Paschoal principia em 1788, foi ultimada em 1794.



Ora um imperio póde considerar-se de duas maneiras; ou em si mesmo, ou com respeito aos outros imperios. E em razão d'estas diversas relações, é necessario que tenha também diversos direitos e obrigações, dos quaes uns são internos, e procedem do vinculo social que une os cidadãos entre si mesmos, e da obediencia que elles devem prestar ao imperante que designaram para os governar, e suppõem sempre sujeição; outros nascem da egualdade natural, que uma nação tem com as outras, estando entre si nas mesmas circumstancias, em que estão os homens no estado de pura natureza, e suppõem independencia.

Além disto, tanto uns como outros d'estes officios, podem proceder de uma de duas fontes; a saber, ou da mera e absoluta lei da natureza, ou da vontade dos socios, e dos pactos que elles celebraram entre si mesmos ou com outras nações.

Façamos isto mais claro com alguns exemplos.

*De nação a nação.* A conservação da paz, o não se offenderem, o beneficiar-se, são preceitos da lei natural, a que todas as nações são obrigadas, sem dependencia de algum pacto ou convenção.

Mas a liberdade do commercio, o uso de suas leis, concedido aos estrangeiros no nosso territorio, a prestação de certos auxilios, etc., não nascem do mero Direito Natural, mas são consequencia de pactos e tractados que as nações celebraram entre si.

*Dentro da cidade.* A obediencia ao soberano, o cuidado que este deve ter em promover a conservação, e melhoramento de seu imperio, etc., são leis geraes de todas as sociedades civis, inseparaveis da sua natureza, e do fim para que foram instituidas.

Pelo contrario, pertencem á constituição e indole particular de cada Estado a forma do imperio, a ordem da successão, o systema da magistratura, a distribuição dos impostos, a administração das rendas publicas, e em geral tudo quanto diz respeito á sua particular natureza, e comprehende os officios especiaes entre os subditos e o imperante, e entre os mesmos subditos reciprocamente uns para os outros.

Estas divisões formam outros tantos ramos diversos de Direito Público. Aquelle de que usam as nações entre si chama-se *Direito das Gentes*, ou *Público Externo*, e subdivide-se em *Natural* ou *Absoluto*, quando vem de mero Direito Natural e *Pacticio* ou *Hypothetico*, quando nasce da convenção expressa ou tacita das nações.

O que se refere aos officios do imperante e dos subditos, chama-se *Público Interno*, e se subdivide também em *Universal*, que é comum a todos os imperios, e *Especial* que é proprio a cada um d'elles.

Os principios geraes do Direito das Gentes e do Público universal, são alheios do nosso instituto, e se apprenderam já no primeiro anno do curso juridico. Toca-nos pois fallar unicamente do Direito Público interno de Portugal.

No Direito Público interno ou economico de uma nação, ha duas cousas que averiguar. 1.º Em poder de quem está o summo imperio. 2.º De que maneira exercita o soberano os direitos magestáticos no governo e direcção do Estado que administra. Segundo esta divisão, serão duas as partes do presente Tractado: 1.ª Forma e constituição do imperio portuguez; 2.ª systema da sua administração, e organização das partes de que elle se compõe.

*Continúa.*

## INCENDIO DE ROMA PELOS GAULEZES.—INCENDIO DE ROMA POR N.RO.

(19 DE JULHO.)

Fuere qui annotarent, xiv. Kalend. Sextiles principium incendi hujus ortum, quo et Senones captam urbem inflammaverant.

TACITO.

O rapto d'Helena deu causa á guerra de Troia. A seducção de Cava originou a invasão dos Sarracenos na Hespanha. A deshonra d'uma dama etrusca produziu a tomada de Roma pelos Gaulezes.

Será isto um romance?

O pupillo Lucumonte, abusando da hospitalidade do seu tutor Aruns, cidadão de Clusium, levou o esquecimento dos seus deveres a ponto de lhe seduzir a esposa.

Aruns recorreu aos tribunaes, requereu ao senado a punição do pupillo, a vindicta das leis foi-lhe recusada, a patria negou-lhe justiça.

Que fazer? Matar o seductor? Não o havia feito no principio. Esquecer a injuria? Era muito grande para ser esquecida.

D'além dos Alpes havia um povo de corpos herculeos, physionomias ferozes, grenha comprida e hirsuta.

Barbaro—arrasava todas as cidades e grandes povoações que conquistava.

Cruel—suspndia as cabeças dos inimigos pelos cabellos ás crinas dos seus cavallos.

Sóbrio—os seus manjares eram a carne e o leite dos seus rebanhos,—a cama de regalo, as pelles dos seus animaes, estendidas sobre a terra.

Este povo eram os Gaulezes Senonenses. Apontando-lhe a Italia, mostrando-lhe as suas riquezas e o que ella produzia, não viria elle arrazar os muros de Clusium? Não seria vingada a affronta do cidadão?

Aruns não hesita, o filho vilipendiado trans-

<sup>1</sup> Clusium—hoje Chiusi na Toscana, patria de Miguel Angelo.

formou-se em parricida. Prepara um valioso presente dos mais saborosos vinhos e azeite, que encontrou, reúne-lhe alguns açafates de fructas seccas, e marcha a encontrar-se com os Gaullezes.

« Segui-me, lhes diz elle, a terra que produz tão excellentes cousas, vos obedecerá, porque é habitada por uma raça d'effeminados. »

Os barbaros não duvidam: homens, mulheres, crianças põem-se em marcha para o paiz, onde tão mimosos productos se creavam, e dentro em pouco um exercito de inimigos não conhecidos estacionava em roda dos muros de Clusium.

A alliada dos romanos estremece, pede socorro, e a altiva do Tibre, julgando que o seu nome bastaria a afugentar os barbaros, envia como embaixadores ao campo dos Gaullezes 3 Fabios, filhos do Pontifice Ambustus.

« Com que direito fazeis a guerra aos Clusios? » Perguntaram estes.

— « Com o mesmo direito, com que vos apossastes dos Fidenates, dos Sabinos, dos Albanenses, dos Equos, e dos Volscos. » Respondeu Breno, o terrivel chefe dos cercadores.

Tudo estava dicto; mas os Fabios, em vez de levar esta resposta ao senado romano, entraram na praça e passado pouco tempo esquecidos do character, que os revestia, saíram numa sortida á testa dos defensores de Clusium.

Breno viu e conheceu distinctamente um d'elles, Q. Fabio; e como a violação do direito das gentes era manifesta, mandou pedir a Roma a entrega do culpado.

Entregar aos barbaros um filho de tão nobre familia! Não o consentiu o povo. Fizeram mais os de Roma — nomearam os trez Fabios tribunos militares, e quando os enviados dos Gaullezes exigiram a ultima resposta, — responderam-lhes que nenhum cidadão podia ser citado ante o tribunal, em quanto durava a magistratura de que elles se achavam investidos.

A guerra foi immediatamente declarada, e logo que a insolita resposta chegou ao campo dos Gaullezes, levantaram o cerco de Clusium, e marcharam contra a soberba Roma.

No dia 16 de julho, a poucas milhas da cidade, no sitio, em que o Alia, descendo das montanhas se precipita no Tibre, derrotaram o exercito romano, que na força de 40:000 homens, lhe havia saído ao encontro.

Nos dias 17 e 18, em quanto os barbaros, embriagados com a victoria, devastavam todo o paiz, que se estendia desde o Alia ás immediações de Roma, era a cidade abandonada.

Parte do povo retirou-se para Veios com o que pôde levar dos seus haveres, parte encerrou-se com os thesouros no capitolio, munindo-se de provisões para uns poucos de mezes.

Só no Forum, vestidos de galla, e assentados nas suas cadeiras curues, ficaram oitenta sa-

cerdotes, e alguns vellos patricios, dispostos a lavar com o seu sangue a affronta da patria.

No dia 19 quando os barbaros entraram pela porta Collina, e se dirigiram ao Forum atravessando uma cidade deserta, viram, quaes phantasmas povoando um cemiterio, os anciões immoveis nas suas cadeiras. Por um momento tomados de respeito, detiveram os passos; mas, dentro em pouco, vendo que eram homens e não deuses, immolaram nas aras romanas os unicos, que tinham tido coragem de se offerecer ao sacrificio com a resignação d'heroes.

Fôra o signal da destruição. Roma, perdendo-os, não podia esperar mais nada. D'ahi a horas campeava a devastação e o roubo em todos os angulos da cidade; em todos elles tambem se sentia o crepitar das chammas, que em breve tempo a haviam de reduzir a cinzas!

Foi isto no dia 19 de julho, aos 365 annos da sua fundação.

Mysterios da providencia, quem vos decifra?

Esses, que do alto do Capitolio viram com as lagrimas nos olhos e ás imprecacões nos labios a cidade inteira abrazada; esses, que ao som terrivel do — *vae victis* — sete mezes depois compraram a liberdade a pezo d'ouro numa balança, em que carregava a espada de Breno, esses poderiam acao dizer que a grande catastrophe havia de ser a origem d'outra 450 annos depois?

Certissimamente não. Pois foi. D'ahi a 450 annos, aos 815 da fundação de Roma, e 64 depois de J. Christo — no mesmo dia 19 de julho, — Nero, o monstro corado, o assassino, pelo ferro ou pelo veneno, do irmão, da mãe, da tia e da esposa; o primeiro perseguidor dos christãos; o incendiador de todos os vicios; o tyranno de praguejada memoria, lançava o fogo a Roma, sob pretexto, de que a cidade, que se havia levantado á pressa depois do incendio dos Gaullezes — era estreita e acanhada de mais para capital do mundo!

Crueldade nunca vista!

Depois que o fogo por espaço de seis dias e sete noites, estendendo-se como imagem infernal desde o monte Palatino até ás extremidades dos Esquilios, devorou os templos, palacios, porticos, e jardins d'aquella Babylonia, — Roma, a nova Phenix, resurgiu das suas cinzas, mais larga, mais esbelta, mais alinhada, mais propria a desvairar os olhos.

Resurgiu: — mas por baixo de tanto europel, envoltos e consumidos pela lava do incendio, estavam perdidos para a patria os despojos de todos os povos do universo, as obras primas dos pintores e estatuarios da Grecia, todos os escriptos e monumentos d'um passado glorioso.

Resurgiu: — mas atraz do palacio d'ouro do tyranno estavam as sombras ameaçadoras dos que foram victimas das chammas; estavam as extorsões e violencias, que se fizeram em toda

a Italia para supprir ás novas construcções de Roma; — e Nero, como se os remorsos lhe não pesassem, tripudiava, como as bachantes, ante o espectáculo de tanta miséria!

A. X. R. CORDEIRO.

## NOTICIA BIOGRAPHICA

DE

**Vicente Antonio Esteves de Carvalho.**

Nasceu no lugar do Tortozendo, concelho de Covilhã, em 13 d'Outubro de 1779. Foram seus pais Joao Lopes Alves Ferreira e D. Rosa Maria Angelica.

Entrou na Universidade de Coimbra em 1797, formando-se na faculdade de leis em 1802.

Foi despachado juiz de fôra de S. Vicente da Beira em 1810, e a 18 de fevereiro do mesmo anno, nomeado socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa.

Desempenhou o lugar de juiz de fôra de S. Vicente da Beira, com intelligencia e probidade, por espaço de quatro annos, sendo, ao cabo d'elles, nomeado, por provisão de 7 de setembro de 1813, ajudante da superintendencia geral dos proventos de bôcca da provincia da Beira-Baixa, emprego que exerceu poucos mezes, porque falleceu, então, em idade de 36 para 37 annos.

Publicou:

*Memoria sobre a origem e progressos da Emphyteuse, e sua influencia sobre a Agricultura em Portugal* — Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho. Lisboa. Na Impressão Regia. Anno 1814. Com Licença — 4.º

*Observações Historicas, e criticas sobre a nossa Legislação Agraria, chamada communmente das esmarias.* Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho, Bacharel formado em Leis, e Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa. Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença — 4.º

*Reflexões Philosophicas sobre a origem e primeiros progressos da Propriedade.* Por Vicente Antonio Esteves de Carvalho. — Lisboa: Na Impressão Regia. Anno 1815. Com licença — 4.º

Deixou ineditas outras interessantes memorias, como consta da *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — Tom. IV, parte II, pag. XXI, onde se acha a menção seguinte:

«Lêu o sr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho uma memoria intitulada *Ligeiro Quadro das nossas Leis da Amortisação*, rica de noticias, e de reflexões de grande peso.»

Do discurso recitado na sessão pública de 24 de junho de 1816 pelo vice-secretario Francisco de Mello Franco, e impresso na *Histo-*

*ria e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — tomo V, part. I, consta igualmente o seguinte:

«Leram-se algumas interessantes memorias do sr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho sobre os conhecimentos d'alguns dos nossos juriscultos a respeito do direito das Gentes.»

Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto, dá tambem noticia de outro trabalho pela maneira seguinte:

«Vicente Antonio Esteves de Carvalho, juiz de fôra, que foi, em S. Vicente da Beira, nas suas *Noticias*, que se imprimiram no *Jornal de Coimbra* (— n.º 41, pag. 210 — p. 2), concernentes á criação dos expostos, além de nos dar excellentes idéas para nos convencermos da necessidade, que ha de olhar para este importantissimo objecto com olhos de verdadeiro interesse e humanidade, nos transmittiu a noticia de algumas ordens da intendencia geral da policia, as quaes por não existirem impressas, e só em registos de camaras, d'onde as extrahiu, podem servir de muita utilidade a este mesmo objecto, uma vez que se observem; e de que por isso faço menção no corpo d'esta obra! »

R. DE GUSMÃO.

## NOTICIARIO.

**Transfusão do sangue.** — Mr. Wheat-croft, cirurgião em Cannock, acaba de praticar a interessante operação da transfusão do sangue na pessoa d'uma mulher, por nome Wood. Tendo-lhe apparecido uma hemorragia terrivel, logo depois do parto, a infeliz estava moribunda, e tinha ja dicto o ultimo adeus a seu marido e a sua familia, quando Mr. Wheatcroft se resolveu a abrir-lhe a veia e tambem a do esposo. Injectando na moribunda 17 onças do sangue colhido no homem, a circulação restabeleceu-se; a côr e calor reapareceram nas faces da doente; os olhos reanimaram-se; a voz recuperou mais força; e tudo caminhou bem até um completo restabelecimento, conseguindo o corajoso pratico os mais felizes resultados de tão perigosa operação.

**O tumulto d'Hipocrates.** — Perto da aldeia d'Arnaoulti, proxima a Pharsalia, acaba de se descobrir um tumulto, que se reconheceu ser o d'Hipocrates; a inscripção tira todas as duvidas.

No interior encontrou-se o seguinte: um anel d'ouro, representando uma serpente, o antigo symbolo da medicina, uma pequena cadeia e uma lamina do mesmo metal, e um

1 Exame Critico e Historico sobre *Expostos ou Engeitados* — Por Antonio Joaquim de Gouvêa Pinto.

busto de bronze, que é provavelmente o de Hippocrates.

Todos estes objectos, assim como a pedra sepulchral em que está gravada a inscripção, foram offerecidos pelos habitantes turcos da localidade a Hourni-Pacha, actual governador da Thessalia, que immediatamente os remetteu para Constantinopla.

**Estatística do suicidio.**—Segundo uma tabella, que um jornal francez publica, sobre a frequencia do suicidio em diferentes paizes tem lugar annualmente um suicidio, em 55:108 habitantes, no governo de Moscou; em 50:313, na Sardenha; em 29:475, no governo de S. Petersburgo; em 27:488, na Belgica; em 23:263, nos Estados Unidos da America; em 19:067 na Bohemia; em 15:900 na Inglaterra; em 13:461 na França; em 10:000 em Praga; em 8:838 em Nova-York; em 8:081 na Prussia; em 7:353 em Mecklemburgo; em 5:684 na Saxonia; em 5.000 em Londres; em 5:000 em Hamburgo; em 5:000 na Dinamarca; em 3:985 em Genova; em 2:175 em Paris.

O numero dos suicidios corresponde sensivelmente ao numero de molestias mentaes, e aos diferentes graus de cultura e civilisação; mas em muitos paizes a sua causa principal é o vicio da embriaguez, como em Hamburgo e Dinamarca.

**População do globo.**—O almanak americano para 1857 apresenta a seguinte estatística da população do globo, assim repartida: — Africa, 100.000:000 — America, 57:676:882 — Asia e suas ilhas, 626:000:000 — Australia e suas ilhas, 1.248:000 — Europa, 263.517:521 — Polynesia, 1.500:000 — somma total, 1.049.942:403.

Este calculo dá uma população muito maior, do que a referida nas estatísticas de Balbi e Humboldt.

**Caso notavel do somnambulismo.**—Um jornal americano menciona um curioso facto de somnambulismo. Uma senhora de Fulton está no habito de se levantar todas as noites, somnambula, e escrever poesias em que se reconhece algum merito. Para trabalhar, accendia luz; mas hoje escreve ás escuras, porque sua familia lhe tirou do quarto os meios de se allumiar.

**Marinha de todas as nações.**—Avalia-se, em 2 000:000, pouco mais ou menos, o numero de marinheiros de todas as nações. Os navios de commercio de todo o mundo medem proxivamente 15,000:000 de toneladas. D'estes 15 milhões, 5 pertencem á Grã-Bretanha, e 5.200:000 aos Estados Unidos da America. O resto reparte-se por todos os outros paizes.

**Medalhas romanas.**—Perto de Cherburgo, em França, descobriram-se ha pouco muitas medalhas d'ouro, com effigie de Tiberio, sepultadas a 2 metros de profundidade. Appareceram tão bem conservadas, que pareciam cunhadas de fresco: foram de certo enterradas, antes de circularem, pouco tempo depois de fabricadas.

Presume-se, que estas medalhas, contemporaneas de Jesus Christo, estavam dentro de um tunulo, de que ainda appareceram alguns vestigios. Talvez que fossem escondidas, diz um jornal francez, durante as lutas entre os Romanos e Gaulezes. Prescindindo de todas as hypotheses, parece evidente, que este thesouro foi occulto na epocha da dominação romana, ha 18 seculos.

**Revisão typographica.**—Um typographo de Glascoew levou-se em capricho de publicar um livro com a maior perfeição typographica. Seis revisores dos mais practicos e auctorisados encarregaram-se do exame das provas; cada folha era affixada durante duas semanas, na sala grande da Universidade; e uma recompensa de 50 libras era prometida a quem descobrisse o menor erro.

Publicou-se finalmente o livro; e apesar de tantas precauções, appareceu logo um erro na primeira linha da primeira pagina, além de muitos outros no resto das folhas.

**Seda vegetal.**—Mr. Davir, fabricante de Paris, obteve meadas muito brancas e de fio muito tenaz, d'uma substancia textil, extraída da casca da amoreira. É uma verdadeira seda vegetal, que se presta facilmente ás operações da tinturaria. De 3 kilogrammas de casca pode extrair-se 1 kilogramma de materia textil.

**Maquina para escrever.**—Esta maquina foi inventada por um americano, e aperfeçoada por um engenheiro da Prussia. Compõe-se de trez pennas metallicas, dispostas a certa distancia umas das outras, de modo que possam mover-se sobre trez folhas de papel, e ligadas entre si por uma haste metallica. Quando uma pessoa emprega a penna do meio e principia a escrever com ella, as duas pennas lateraes, da direita e esquerda, operam o mesmo movimento, e obtem-se assim trez copias em logar d'uma.

**Fontes d'agua doce no mar.**—Ha no fundo do oceano fontes d'agua doce que repucham verticalmente até á superficie. A agua d'estas fontes vem evidentemente do interior da terra por meio de canaes formados pela natureza, e situados debaixo do leito do mar.

Ha poucos annos, Mr. Buchanan, que viajava nos mares da India, encontrou em tempo de perfeita calmaria, uma fonte abundante

d'agua doce, a 36 leguas de distancia do ponto mais visinho do littoral. Eis-aqui portanto uma corrente d'agua subterranea, tendo mais de 36 leguas de comprimento.

**A chimica e os cosmeticos.**—Na aula em que um celebre professor de chimica de Berlim dava as suas lições, habitualmente frequentadas por grande numero de senhoras, o desinvolvimento de certos gazes transformou rapidamente em cores negras, azues, amarellas e violaceas, os cosmeticos de que algumas se serviam para obter uma belleza artificial, amaciando e aformoseando a pelle do rosto.

A metamorphose produzida por estes perdidos vapores, que tão desagradavelmente pintou algumas d'aquellas damas, proveio da acção das emanações sulphurosas sobre o subnitrito de bismutho, que entra na composição dos cosmeticos.

**A phrenologia na China.**—Os medicos chins conhecem e praticam a phrenologia, ha muitos seculos. Apreciam as qualidades dos homens pela região frontal; as paixões pelo desinvolvimento das partes lateraes; os sentimentos pela elevação da abobeda do craneo. As mulheres são julgadas pelo volume da região posterior da cabeça. Os chins dão o nome de *Aio*, palavra que significa bossa, às protuberancias do craneo. Os sacerdotes *boudistas* são muito felizes, quando podem paten-tear na sua cabeça a bossa da santidade.

**Instrução pública na Russia.**—O relatorio do ministro d'instrução pública da Russia offerece os seguintes documentos:

47 bibliothecas publicas; numero total d'estabelecimentos d'instrução, 3:872, frequentados por 194:490 alumnos: 614 estabelecimentos particulares, com 21:893 alumnos; 2:087 pessoas d'ambos os sexos são empregadas em educações particulares. Nos quatro governos e trez territorios da Siberia, existem trez gymnasios ou lyceus, 71 escolas, e 2 instituições particulares, frequentado tudo por 4:346 alumnos.

**Produção agricola de diferentes paizes.**—Se a França conseguisse dos 14 milhões d'hectares, que destina annualmente á cultura dos cereaes, a produção, que na Inglaterra se obtém, colheria 350 milhões d'hectolitros de cereaes, em quanto que actual-mente so colhe 140 a 150 milhões.

A terra produz na Grã-Bretanha 25 hectolitros de trigo por hectar, e sustenta cinco vezes mais gados que a França, nas devidas proporções.

A Belgica obtém do solo uma produção, dupla da que ha em França. A Allemanha colhe 22 hectolitros de cereaes por hectar. A

Lombardia e Piemonte alimentam 176 habitantes por kilometro quadrado. A França na mesma superficie apenas sustenta 76 habitan-tes.

**Moedas de diferentes paizes.**—As proporções legaes entre o ouro e a prata em diversos paizes da Europa e nos Estados Unidos da America, são as seguintes:

França — o ouro está para a	
prata, como . . . . .	15,50 para 1
Inglaterra . . . . .	14,28 " 1
Belgica . . . . .	15,79 " 1
Hespanha . . . . .	15,75 " 1
Portugal . . . . .	15,48 " 1
Russia . . . . .	15,00 " 1
Estados Unidos . . . . .	15,98 " 1

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 15 até ao fim de outubro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Joaquim Manuel Antunes, para professor temporario da cadeira de Villa Real de Sancto Antonio, districto de Faro.

Manuel Joaquim Saraiva de Brito Almeida Serra, para dicto de Gouvêa, districto da Guarda.

Matheus Lourenço Pereira, para dicto da Castanheira. Antonio Bernardo Mendes, para dicto de Carrazeda d'Ancieas, districto de Bragança.

Francisco de Paula Paçõs, para dicto de São Miguel de Machede, districto d'Evora.

João José de Sousa Azevedo, para dicto de Sancto Thyrsó, districto do Porto.

Joaquim Marques Ferreira da Paixão, para dicto do Sobral, districto da Guarda.

José Maria Sardinha, para dicto do Vimieiro, districto d'Evora.

Theodoro Monteiro Ferreira e Silva, para dicto d'Alvorninha, districto de Leiria.

Theotónio Lopes Pereira, para dicto de Parada d'Ester.

Antonio Francisco de Campos, para dicto d'Alpedri- nha, districto de Castello Branco.

Antonio José Matheus, para dicto das Chans, (*substi- tuição*) districto de Vizeu.

Francisco José Pinha, para dicto d'Estoy, districto de Faro.

Honorio Anselmo de Pinho, para dicto de Barrô, dis- tricto d'Aveiro.

Manuel Alves, para dicto de Villa Fernando, districto da Guarda.

Sebastião Gonçalves d'Araujo, para dicto de São Pedro de Val Bom, districto de Braga.

Antonio de Lima Barreto, para professor vitalicio da cadeira da freguezia de Gallegos, por transferencia da de São Vicente do Pineiro, no districto do Porto. (Decreto de 14 d'outubro ultimo)

Antonio Gonçalves Dionizio, para professor vitalicio da cadeira de Freuêda, districto da Guarda. (Decreto de 17 dicto.)

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

Manuel dos Sanctos Pereira Jardim, para o logar de lente cathedratice da faculdade de philosophia da Univer- sidade de Coimbra. (Decreto de 14 dicto)

José d'Almeida Motta, para o logar de continuo dos geraes da Universidade. (Decreto de 21 dicto)

**Observações feitas em 1857 no Observatorio de Coimbra**  
para a determinação da sua longitude. (a)

Mez	Dia	Astro	Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua		$t - t' = \varphi$	Longitude de Coim- bra ao oc- cidente de Greenwich
			Observada em Coimbra = $t$	Calculada em Greenwich = $t'$		
Junho	3	$\alpha$ de Virgo	+ 34' 14" 33	+ 33' 11" 67	+ 62" 68	33' 7" 1
	3	B.A.C. 4531	+ 24 49,68	+ 23 46,29	+ 63,39	33 29,6
	3	B.A.C. 4700	— 11 8,57	— 12 10,89	+ 62,32	32 55,7
	3	B.A.C. 4722	— 15 37,40	— 16 40,71	+ 63,31	33 27,1
	3	$\alpha$ de Virgo	+ 34 14,93	+ 33 11,67	+ 63,26	33 23,5
	3	B.A.C. 4531	+ 24 50,06	+ 23 46,29	+ 63,77	33 41,8
	3	B.A.C. 4700	— 11 7,52	— 12 10,89	+ 63,37	33 29,0
	3	B.A.C. 4722	— 15 37,19	— 16 40,71	+ 63,52	33 33,8
	4	B.A.C. 4700	+ 35 28,66	+ 34 21,86	+ 66,80	33 27,9
	4	B.A.C. 4722	+ 30 59,23	+ 29 52,04	+ 67,21	33 40,2
	4	20 de Libra	— 17 11,92	— 18 18,93	+ 67,01	33 34,2
	4	$\gamma$ de Libra	— 25 33,92	— 26 41,07	+ 67,15	33 38,4
	5	20 de Libra	+ 32 14,17	+ 31 3,08	+ 71,09	33 26,2
	5	$\gamma$ de Libra	+ 23 52,09	+ 22 40,94	+ 71,15	33 27,9
	5	$\delta$ de Scorpio	— 23 56,16	— 25 7,59	+ 71,43	33 35,9
	5	$\epsilon^2$ de Scorpio	— 35 33,58	— 36 44,98	+ 71,40	33 35,0
Julho	2	$\alpha^2$ de Libra	+ 26 29,06	+ 25 20,10	+ 68,96	33 9,0
	2	$\gamma$ de Libra	+ 10 48,12	+ 9 38,84	+ 69,28	33 18,2
	2	$\lambda$ de Scorpio	— 35 34,94	— 36 44,10	+ 69,16	33 14,8
	2	$\pi$ de Scorpio	— 40 45,25	— 41 54,47	+ 69,22	33 16,5
	3	$\lambda$ de Scorpio	+ 15 59,00	+ 14 45,06	+ 73,94	33 21,1
	3	$\pi$ de Scorpio	+ 10 48,98	+ 9 34,70	+ 74,28	33 30,3
	3	$\alpha$ de Scorpio	— 19 37,94	— 20 51,74	+ 73,80	33 17,4
	3	$\tau$ de Scorpio	— 25 58,56	— 27 12,33	+ 73,77	33 16,6
	4	$\alpha$ de Scorpio	+ 35 8,87	+ 33 51,03	+ 77,84	33 13,4
	4	$\tau$ de Scorpio	+ 28 48,69	+ 27 30,44	+ 78,25	33 23,8
	4	$\phi$ de Ophiuco	— 17 26,19	— 18 44,29	+ 78,10	33 20,0
	4	$d$ de Ophiuco	— 22 26,06	— 23 44,17	+ 78,11	33 20,2
	4	$\alpha$ de Scorpio	+ 35 9,63	+ 33 51,03	+ 78,60	33 32,9
	4	$\tau$ de Scorpio	+ 28 49,25	+ 27 30,44	+ 78,81	33 38,2

(a) Continuação da pag. 216 do numero precedente.

## RELAÇÃO DOS ESTUDANTES

### DA FACULDADE DE DIREITO

NO ANNO LECTIVO DE 1857 A 1858.

N.º	NOMES	N.º	NOMES
1.º ANNO JURIDICO.			
1	Acacio de Carvalho Fontes.	43	Antonio Candido da Silva Dias.
2	Adelino Albano da Motta.	44	Francisco Maria da Cunha e Souto.
3	Antonio Carlos da Costa Guerra Junior.	45	Augusto Saraiva de Carvalho.
4	Antonio Manuel Ferreira Taborda.	46	Joaquim Trigueiros Pestana Martel.
5	Antonio Maria Ayres de Seixas.	47	Domingos Ferreira da Rocha e Silva.
6	Antonio Maximino Pinto Vilella.	48	Augusto Ferreira Novaes.
7	Antonio Pessoa d'Amorim Navarro.	49	Bernardo Vieira Pinto d'Andrade.]
8	Antonio Pinto Cabral d'Araujo.	50	Antonio Joaquim Barreira.
9	Antonio Rodrigues David.	51	José d'Almeida Carvalho e Oliveira.
10	Antonio de Sousa e Silva Costa Lobo.	52	José Bernardo Pereira de Vasconcellos.
11	Antonio de Sousa Teixeira.	53	Manuel José da Costa Guim. <sup>es</sup> de Sousa.
12	Augusto José Pereira Leite.	54	Manuel Joaquim Corrêa Velloso.
13	Elysio Freire d'Abreu Pessoa.	55	Nicolau Pereira de Mello Marinho.
14	Fernando de Mello Giraldes Caldeira.	56	Pedro Gomes de Mag. <sup>es</sup> Pinto Pegado.
15	João Carlos da Costa Falcão.	57	Antonio Manuel d'Azevedo e Costa.
16	João Maria da Silva Medeiros.	58	Antonio d'Ascensão.
17	José da Cunha d'Eça Azevedo.	59	Antonio Ramos de Carvalho.
18	José Augusto Franco.	60	Francisco Rodrigues Pereira d'Almeida.
19	José Jacintho Cardoso Pinto e Cunha.	61	Joaquim Pedro de Sá Oliveira.
20	José de Souza Menezes e Lemos.	62	José Silvestre Ribeiro d'Alm. <sup>es</sup> Penteado.
21	Luiz Lopes Ferreira Vaz Pinto.	63	Antonio Coelho d'Albuquerque Porito.
22	Manuel Maria de Mello e Simas.	64	Antonio Duarte da Cunha e Souto.
23	Manuel José Leite Braga.	65	Benjamin Constante d'Amaral Netto.
24	Nicolau Ribeiro Vasconcellos Abranches.	66	Luiz Pedro Montinho de Gouvêa.
25	Paulo de Mendonça Falcão.	67	José Eduardo Levita.
26	Alipio d'Oliveira e Sousa Leitão.	68	Manoel Quaresma Limpo de Lacerda.
27	Antonio d'Almeida Mattos Carvalho.	69	Antonio Lucio Tavares Crespo.
28	Alberto Julio Ferreira.	70	Julio Manso Preto.
29	Adão Cabral de Gouvêa e Castro.	71	Macario de Castro e Sousa Pinto Cardoso.
30	Alexandre Manuel Ferreira d'Aragão.	72	Miguel Adelino d'Almeida Pedroso.
31	Ant. Rebello d'Andrade de Figueiredo.	73	José Maria d'Albuquerque Tavares
32	Antonio Guilherme de Queiroz Sáveda.	74	José Joaquim Fernandes Vaz.
33	Antonio Julio de Queiroz Machado.	75	Antonio Barata Pinheiro Feteira.
34	Daniel José Fernandes.	76	Augusto Maria d'Almeida e Silva.
35	Francisco Pereira Sarmento.	77	Francisco Moreira da Fonseca.
36	Jaime Constantino Muniz.	78	Augusto Ernesto Batalha.
37	João Carlos de Mello.	79	Joaquim de Mattos Peixoto Souto-maior.
38	José Caetano Henriques dos Reis.	80	Bernardino Pereira Pinheiro.
39	João Nepomoceno dos Reis Varella.	81	Domingos José Dias de Castro.
40	João Freire Themudo d'Oliveira.	82	José Joaquim d'Almeida Grave.
41	José Julio d'Oliveira Baptista.	83	José Joaquim Rebello da Silva.
42	Francisco Antonio de Veiga Beirão.	84	Thomaz Emilio Raposo de Magalhães.
		85	Antonio José Lopes.
		86	Francisco d'Albuquerque Pinto de Paiva.

N.º	NOMES	N.º	NOMES
57	João de Barbosa de Mag. <sup>es</sup> e Mendonça.	56	Jaime Coroliano Henriques Leça.
58	Abel Augusto de Campos e Castro.	57	João Ferrão de Castello-Branco.
2.º ANNO JURIDICO.		58	Manuel Saldanha da Gama.
1	Adriano Joaquim de Magalhães.	59	Fausto Firmino Guedes.
2	Antonio d'Almeida da Silva.	60	José Gregorio Pinto Pereira.
3	Ant.º d'Araujo Vase. <sup>es</sup> de Miranda.	61	Elesirio Vaz Preto Casal.
4	Antonio Paes Dias d'Amaral.	62	José Luiz Champalimaud Duff.
5	Antonio Pedro Teixeira da Costa.	63	Manuel José da Silva.
6	Augt. de Carvalho Vasques de Mesquita.	64	João Lucio de Figueiredo Lima.
7	Augt. Coriêa Godinho Ferreira da Costa.	65	Joaquim Simões Duarte Lira.
8	Augusto Frederico Potsch.	3.º ANNO JURIDICO.	
9	Augusto Gonçalves Curado de Campos.	1	Abilio Affonso da Silva Ribeiro.
10	Diogo Ignacio de Pina Manique.	2	Acacio Pedro Ribeiro Alvares de Mello.
11	Eduardo José Coelho.	3	Adolpho de Barcellos.
12	Fermino Augusto de Magalhães.	4	Adriano Evangelista Ribeiro Mermet.
13	Francisco Manoel de Barros e Silva.	5	Alfredo Elysio Cardoso de Carvalho.
14	João Ant. Franco Frazão Cast. <sup>es</sup> -Branco.	6	Alvaro Martins de Lima Avellar.
15	João Carlos Valladas Mascarenhas.	7	Antonio de Campos Paes d'Amaral.
16	João d'Oliveira Trenas Grainha.	8	Antonio da Costa Fernandes Taborda.
17	João Rodrigues d'Azevedo.	9	Antonio da Cunha Guedes Pinto.
18	Joaquim d'Azevedo Araujo e Gama.	10	Antonio Duarte da Fonseca Fabião.
19	Joaquim Gonçalves Curado de Campos.	11	Antonio José Godinho Ribeiro.
20	Joaquim Lourenço Vidal.	12	Antonio Gonçalves Guimarães.
21	José Antonio d'Azevedo Borralho.	13	Antonio Rodrigues de Paula.
22	José Augusto da Cruz.	14	Antonio Teixeira Pinto Gomes.
23	José Peixoto de Magalhães Menezes.	15	Bernardino Antonio Gentil.
24	Luiz Augusto Guerreiro.	16	Caetano Augt. <sup>es</sup> de Carv. Per. <sup>es</sup> de Mag. <sup>es</sup>
25	José Antonio Franco.	17	Carlos Mor. <sup>es</sup> Aranha Furtado de Mend. <sup>es</sup>
26	Manuel Emygdio Garcia.	18	Columbano Pt. Rib. <sup>es</sup> de Castro Portugal.
27	Manuel Guedes Leite.	19	Diogo de Faria Pinho de Vasc. <sup>es</sup> e Alberg. <sup>es</sup>
28	Feliciano Gabriel de Freitas.	20	Duarte d'Ornellas Gorjão e Napoles.
29	Henrique Nunes Teixeira.	21	Elisardo Augusto Telles.
30	João Carlos Botelho Moniz.	22	Fernando Affonso Giraldes Caldeira.
31	Joaquim Antonio de Sousa e Silva.	23	Francisco de Mello Giraldes Sampaio.
32	Joaquim Taibner de Moraes.	24	Franc. <sup>es</sup> d'Alm. <sup>es</sup> Cardoso Albuquerque.
33	Antonio Carlos de Magalhães Mendonça.	25	Francisco Antonio de Sequeira e Seixas.
34	Antonio Joaquim do Carmo.	26	Francisco Faustino Pereira de Resende.
35	Antonio José d'Azevedo.	27	Francisco de Paula Santa-Clara.
36	Antonio Leite Monteiro.	28	Gonçalo Caldeira Cid Leitão Pinto.
37	Francisco Ignacio da Calça e Pina.	29	João d'Araujo.
38	Manuel Fernandes Coelho.	30	João Camossa Nunes Saldanha.
39	José Bernardo Cardoso.	31	João Henriques de Sousa Guedes.
40	José Germano da Cunha Mascarenhas.	32	João Homem Rebello Freire d'Almeida.
41	Manuel de Jesus d'Antas d'Almeida.	33	João Lopes da Costa Rego.
42	Alexandre Magno de Campos Paredes.	34	Joaquim d'Almeida Peres.
43	Francisco Luiz Continho da S. <sup>es</sup> Carvalho.	35	Joaquim Antonio d'Almeida Miranda.
44	Joaquim d'Almeida da Cunha.	36	Joaquim Fernandes Falcão.
45	Francisco José Mendes Marques.	37	Joaquim de Figueiredo Pinto Bandeira.
46	Vicente Maximo da Silveira.	38	José Barbosa de Carvalho.
47	Manuel José dos Santos.	39	José Manoel da Silva Pimentel.
48	Augusto Guilherme de Sousa.	40	José Maria de Barcellos Junior.
49	José Dias Coriêa de Carvalho.	41	José de Mello Freitas.
50	Antonio Ignacio Vieira de Sousa.	42	José Maria da Silveira Montenegro.
51	Delfim Martins Ferreira.	43	José Joaquim de Figueiredo da Rocha.
52	Manuel Vicente Ribeiro.	44	José Maria Pinto Ribeiro.
53	João Carlos Freire Themudo Rangel.	45	Julio Augusto Henriques.
54	Affonso de Mello Saraiva da Fonseca.	46	Luiz Pinto Coelho Soares de Moura.
55	Evaristo Augusto Pedroso Brandão.	47	Manuel Baptista Camossa Nunes.



N.ºs	NOMES	N.ºs	NOMES
48	Mannuel de Beires.	19	Eduardo da Costa e Almeida.
49	Manuel José Vieira Junior.	20	Eduardo de Sequeira Oliva.
50	Miguel Moreira da Fonseca.	21	Euzébio Francisco Fernandes Falcão.
51	Roque Florido de Sousa Calheiros.	22	Fernando Antonio Zamith.
52	Roz. <sup>da</sup> d'Abreu Lobo Bacellar Meirelles	23	Francisco Alves Martins Calvão.
53	Antonio Vicente Bigote.	24	Francisco Augusto Duarte da Fonseca.
54	Balthasar de Queiroz Machado.	25	Francisco Augusto Nunes de Mattos.
55	Eduardo Montufar Barreiros.	26	Francisco Augusto de Sande Sacadura.
56	Franc. <sup>co</sup> de Paula Albano da Silv. <sup>ta</sup> Pinto.	27	Francisco Barbosa da Costa Guimarães.
57	João da Silva Mendes Furtado.	28	Francisco de Bessa Corrêa.
58	Joaquim Pedro Seabra Junior.	29	Francisco Coelho Martins.
59	José de Sá Coutinho Junior.	30	Francisco Jorge d'Almeida Castanho.
60	Antonio Silvestre do Rego.	31	Francisco José da Costa e Sá.
61	Frederico Aug. <sup>to</sup> da Rocha Moniz Gomes.	32	Francisco Maria d'Amorim
62	Joaquim Manuel d'Almeida e Sousa.	33	Francisco Pinto Coelho d'Athaide.
63	Lucio Augusto Xavier de Lima.	34	Francisco de Sá Vasconcellos Albergaria.
64	Manuel Joaquim de Paula da Rocha.	35	Gaspar d'Araujo Azevedo Bacellar.
65	Manuel Nicolau d'Abreu Castello-Branco	36	Gualdino Alfredo da S. <sup>a</sup> Lobo de Gouvêa.
66	José Dias d'Araujo.	37	Guilherme Firmino da Cunha Reis.
67	João de Mag. <sup>os</sup> Collaço Moniz Vellasques.	38	João Chrysostomo Melicio.
68	Joaquim Machado Cabral e Castro.	39	Joaquim Antonio dos Reis.
69	Vicente Machado de Faria e Maia.	40	Joaquim Hor Meyll Alvares Coelho.
70	Adolpho de Paiva Pereira.	41	Joaquim José de Sousa.
71	José Maria Reynaud Sampaio Junior.	42	João Narciso da Costa.
72	Joaquim José Monteiro.	43	José Augusto Mendes.
73	Joaquim João Marreiros Netto.	44	José Dias Oliveira da Cunha de Viamonte
74	José dos Santos Duarte Pimenta.	45	José de Faria Pinho Vasconcellos Soares.
75	João José Pereira de Sousa e Sá.	46	José Gonçalves da Costa Ventura.
76	Francisco Pereira Lopes de Bettencourt.	47	José Manuel Crispiniano da Fonseca.
77	José d'Aguilar Teixeira Cardoso.	48	José Maria Cardoso de Lima.
78	José Alfredo da Camara Leme.	49	José d'Ornellas da Fonseca Napoles.
79	Firmino Jacome Tasso.	50	José Sanches.
80	Francisco de Paula Ottolini.	51	José Vieira da Silva Junior.
81	Manuel Sarmiento Ottolini.	52	Luiz da Costa d'Azevedo Coutinho.
82	Roque d'Abreu Abranches Cast. <sup>o</sup> Branco.	53	Luiz de Sequeira Oliva e Souza.
83	Bernardo d'Albuquerque e Amaral.	54	Manuel Antunes Galho.
84	Manuel José Ferreira.	55	Manuel Augusto Corrêa Bandeira.
85	José da Silva Soares Pereira de Mello.	56	Manuel Augusto Felgueiras.
86	Francisco Xavier d'Andrade Valladares.	57	Manuel de Barros Nobre.
4.º ANNO JURIDICO.		58	Manuel Joaquim da Penha Fortuna
1	Adriano Augusto C. V. Brochado.	59	Manuel Lopes Quaresma de Carvalho.
2	Adriano Candido Feo e Torres.	60	Manuel Sanches Duarte Goulão.
3	Agostinho Nunes d'Oliveira Costa.	61	Martinho de Franca e Faro d'Azevedo.
4	Agostinho da Rocha e Castro.	62	Vicente Luiz d'Abranches.
5	Albino Augusto Guedes de Mello.	63	Pedro Augusto da Silva Ferrão.
6	Antonio Augusto Pinto Machado.	64	Luiz de Freitas da Silva.
7	Ant. <sup>o</sup> Coelho de Seabra Pereira Conceiro.	65	Filippe Celorico Drago.
8	Antonio Corrêa d'Almeida Lucena.	66	Joaquim Martins Nobre.
9	Ant. de Mag. <sup>os</sup> Barros Araujo Cardoso.	67	José Augusto Cyrne de Sousa.
10	Antonio Theodoro Taborda Pignatelli.	68	Manuel Maria Corrêa.
11	Arthur Jorge Teixeira.	69	Thomaz Raymundo da Fonseca.
12	Arthur Xavier Ribeiro Vaz de Carvalho.	70	Rufino Antonio Fructuoso.
13	Basilio Constantino d'Almeida Sampaio.	71	Manuel José Botelho de Gusmão.
14	Bonifacio Alvares de Sousa Amado.	72	Manuel Ferreira Pinto.
15	Carlos d'Azevedo Guerner.	73	Luiz Pereira d'Abranches.
16	Christovão Pedro de Moraes Sarmiento.	74	José Maria de Freitas.
17	Constantino Botelho de Lacerda Lobo.	75	Caetano de Campos e Andrade.
18	Daniel Ferreira de Campos.	76	Guilherme Guedes d'Amorim.
		77	José Augusto Ferreira Veiga.
		78	Antonio Firmino da Cunha Seixas.



# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 2 de janeiro de 1858.

Estando ausente o sr. Miguel Ribeiro, director da classe, presidiu o sr. secretario Adriano Machado.

Pelas 12  $\frac{1}{2}$  da tarde abriu o sr. presidente a sessão. O secretario leu a acta da sessão antecedente, que foi approvada. Em seguida passou-se á ordem do dia, que era a eleição da mesa para o presente anno. Corrido o escrutinio verificou-se terem obtido maioria absoluta os srs.

Miguel Ribeiro de Vasconcellos, para director;

Adriano de Abreu Cardoso Machado, para secretario;

Marquez de Souza Holstein, para vice-secretario.

O sr. presidente em nome da meza agradeceu á classe a honra que d'ella acabava de receber, e depois de ter feito algumas considerações sobre os trabalhos da classe no anno proximo passado, fechou a sessão pela 1  $\frac{1}{2}$  hora.

O vice-secretario da classe de sciencias moraes e sociaes, *Marquez de Souza Holstein*.

Sessão da classe de litteratura, bellas lettras e artes, em 6 de janeiro de 1858.

(EXTRACTO).

Abriu-se a sessão pela uma hora p. m. Presidente, o sr. José Maria de Abreu, director da classe.

Motivada a convocação pela necessidade de satisfazer ás disposições do art. 18 dos Estatutos, e aos regulamentos da classe, procedeu-se competetemente á eleição da nova meza, que deve functionar durante todo o corrente anno, saindo eleitos, por maioria absoluta, para

Director, o sr. José Maria de Abreu;

Secretario, o sr. A. Ayres de Gouvêa;

Vice-secretario, o sr. Antonio Bernardino de Menezes.

VOL. VI.

Proclamados os nomes dos socios eleitos, o sr. director pediu a palavra para agradecer a nova mostra de consideração com que a classe o honrava e rogar a sua escusa; — que lhe não foi acceite.

Em seguida tomou a mão na prática para igual fim o sr. secretario, fundamentando o seu pedido em dois pontos melindrosos. A classe, porém, tendo fallado no assumpto os srs. Adriano Machado, Bernardino de Menezes, Faro e Noronha, Miguel Ribeiro, e José Maria de Abreu, decidiu igualmente não dever acceitar a escusa.

Não havendo mais nada a tractar, fechou a sessão o sr. presidente; sendo hora e meia da tarde.

Sala do Instituto, em 6 de janeiro de 1858.

O secretario, A. Ayres.

## RELAÇÃO NOMINAL

DOS SOCIOS

HONORARIOS, EFFECTIVOS E CORRESPONDENTES

DO

INSTITUTO DE COIMBRA.

*Presidente.*

Francisco José Duarte Nazareth.

*Vice-Presidente.*

Francisco de Castro Freire.

*Secretarios.*

Jacintho Antonio de Sousa.

José Pereira da Costa Cardoso.

*Thesoureiro.*

Raymundo Venancio Rodrigues.

*Director do Gabinete de leitura*

Marquez de Souza Holstein.

SOCIOS HONORARIOS.

Alexandre Herculano de Carvalho.

Antonio Feliciano de Castilho.

Antonio José d'Avila.

JANEIRO 15 — 1858.

NUM. 20.

Arcebispo de Mytilene, *Dr. D. Domingos Jose de Sousa Magalhães*.  
 Conde A. Raczyński.  
 Conde de Lavradio, *D. Francisco d'Almeida Portugal*.  
 C. J. V. Mittermaier.  
 Duque de Saldanha, *João Carlos de Saldanha de Oliveira e Daun*.  
 Ferdinand Denis.  
 H. Shodier.  
 Eduardo Laboulaye.  
 Jose Albino Cardoso Casado Giraldes.  
 Jose Ignacio Roquette.  
 José Joaquim Rodrigues de Bastos.  
 Jose da Silva Tavares.  
 Rodrigo da Fonseca Magalhães.  
 Visconde da Carreira, *Luiz Antonio de Abreu e Lima*.  
 Visconde de Gouvêa, *José Freire de Serpa Pimentel*.  
 Visconde de Sá da Bandeira, *Bernardo de Sá Nogueira*.

## SOCIOS EFFECTIVOS.

Classe de Sciéncias Moraes e Sociaes.

Adriano de Abreu Cardoso Machado, *Secretario da Classe*.  
 Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.  
 Alexandre Meyrelles do Canto e Castro.  
 Antonio Ayres de Gouvêa.  
 Antonio Bernardino de Menezes.  
 Augusto Cesar Barjona de Castro.  
 Basilio Alberto de Sousa Pinto.  
 Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.  
 Bernardo de Serpa Pimentel.  
 Diogo Pereira Forjaz de Sampaio.  
 Francisco Antonio Diniz.  
 Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.  
 Francisco José Duarte Nazareth.  
 Friderico de Azevedo Faro e Noronha.  
 Jacintho Antonio de Sousa.  
 João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.  
 Joaquim Alves Pereira.  
 Joaquim Alves de Sousa.  
 Joaquim Maria Rodrigues de Brito.  
 José Adolpho Troncy.  
 Jose Ernesto de Carvalho e Rego.  
 Jose Maria de Abreu.  
 Justino Antonio de Freitas.  
 Manuel Bernardo de Sousa Ennes.  
 Manuel Eduardo da Motta Veiga.  
 Manuel dos Sanctos Pereira Jardim.  
 Marquez de Souza Holstein, *D. Francisco de Souza e Holstein, vice-secretario da classe*.  
 Miguel Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, *director da classe*.  
 Vicente Ferrer Netto Paiva.  
 Vicente José d'Almeida Seiga.

Classe de sciéncias physico-mathematicas.

Albino Augusto Giraldes.

Antonio Augusto da Costa Simões.  
 Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.  
 Antonio Joaquim Barjona.  
 Antonio Jose Teixeira.  
 Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz.  
 Florencio Mago Barreto Feio.  
 Francisco Antonio Alves.  
 Francisco de Castro Freire.  
 Francisco Pereira de Torres Coelho.  
 Jacintho Antonio de Sousa.  
 Jeronymo José de Mello, *director da classe*.  
 João Alberto Pereira de Azevedo.  
 João Antonio de Sousa Doria.  
 Joaquim Augusto Simões de Carvalho.  
 José Ferreira de Macedo Pinto.  
 Jose Maria de Abreu.  
 José Pereira da Costa Cardoso, *secretario da classe*.  
 José Teixeira de Queiroz.  
 Luiz Albano d'Andrade Moraes.  
 Manuel dos Sanctos Pereira Jardim.  
 Mathias de Carvalho e Vasconcellos.  
 Raymundo Venancio Rodrigues.  
 Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.  
 Roque Joaquim Fernandes Thomaz.

Classe de litteratura, bellas lettras e bellas artes.

Adriano de Abreu Cardoso Machado.  
 Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.  
 Alexandre Meyrelles do Canto e Castro.  
 Antonio Augusto da Costa Simões.  
 Antonio Ayres de Gouvêa, *secretario da classe*.  
 Antonio Bernardino de Menezes, *vice-secretario da classe*.  
 Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos.  
 Antonio Florencio Sarmiento.  
 Antonio Nunes de Carvalho.  
 Bernardino Joaquim da Silva Carneiro.  
 Florencio Mago Barreto Feio.  
 Francisco Antonio Diniz.  
 Francisco de Castro Freire.  
 Francisco José Duarte Nazareth.  
 Jacintho Antonio de Sousa.  
 João Antonio de Sousa Doria.  
 Joaquim Alves de Sousa.  
 Joaquim Augusto Simões de Carvalho.  
 José Adolpho Troncy.  
 Jose Maria de Abreu, *director da classe*.  
 Jose Teixeira de Queiroz.  
 Luiz Albano d'Andrade Moraes.  
 Marquez de Souza Holstein, *D. Francisco de Souza e Holstein*.  
 Miguel Leite Ferreira Leão.  
 Miguel Ribeiro d'Almeida Vasconcellos.  
 Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.  
 Vicente Ferrer Netto Paiva.

## SOCIOS CORRESPONDENTES.

Agostinho de Ornellas de Vasconcellos Esmeraldo e Moura.  
 Alexandre Magno de Castilho.

Amandio Tude Barreto Feio.  
 Antonio Corrêa Caldeira.  
 Antonio Ferreira de Macedo Pinto.  
 Antonio Luiz Ferreira Girão.  
 Antonio Maria Barbosa.  
 Antonio de Paula Couceiro.  
 Antonio de Serpa Pimentel.  
 Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.  
 Bernardino Antonio Gomes.  
 Carlos Ribeiro.  
 Daniel Augusto da Silva.  
 Duarte Gustavo Nogueira Soares.  
 Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.  
 Francisco José da Cunha Viana.  
 Francisco Raphael da Silveira Malhão.  
 Guilhermino Augusto de Barros.  
 Henrique O Neil.  
 João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho  
 Martins.  
 João de Lemos Seixas Castello-Branco.  
 Joaquim Januario de Sousa Torres e Almeida.  
 Joaquim Lopes Carreira de Mello.  
 Joaquim de Sancta Clara Sousa Pinto.  
 José Francisco da Silva Pinto.  
 Joaquim Simões da Silva Ferraz.  
 José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio.  
 José Joaquim dos Reis e Vasconcellos.  
 José Joaquim da Silva Pereira Caldas.  
 José Julio de Oliveira Pinto.  
 José Maria da Silva Leal.  
 José Tavares de Macedo.  
 José Victorino Damasio.  
 Levy Maria Jordão.  
 Luiz Augusto Rebello da Silva.  
 Luiz Caetano Lobo.  
 Luiz José de Vasconcellos Azevedo e Silva  
 Carvajal.  
 Manuel de Serpa Machado.  
 Marcelliano Ribeiro de Mendonça.  
 Sebastião José de Carvalho.  
 Dr. Welwicht.  
 Thomaz Antonio d'Oliveira Lobo.  
 Visconde da Carreira, *Luiz Bravo de Abreu*  
*e Lima.*

#### SOCIEDADE PHILANTROPICO-ACADEMICA DE COIMBRA.

Uma Sociedade que tem por fim ministrar aos mancebos de talento, desajudados de fortuna, meios de seguirem a carreira litteraria para que os fadara o genio, e auxiliar aquelles que indo já adeantados nos seus Cursos scientificos, soffreram algum revés da sorte caprichosa em affastal-os do caminho incetado; uma sociedade assim recommenda-se de per si mesmo á caridade, e se não fôr á caridade, á philantropia da mocidade academica.

E que cousa havia mais facil do que combinar-se os mil Estudantes que frequentam as escolas de Coimbra, 'num só sentimento generoso, ou pelo menos 'num só pensamento

illustrado, para sustentarem estaas sociação utilissima?

Todavia as ultimas direcções, sentindo arrefecido aquelle piedoso entusiasmo que havia communicado a esta instituição uma existencia esperançosa, têm luctado com difficuldades cada vez maiores que as foram pouco e pouco sopeando.

E com effeito, a direcção actual encontrou a sociedade decadente, para não dizer caída. Mas felizmente conseguiu, não só vencer parte dos embaraços, que empeciam a gerencia das administrações, ainda as mais zelosas, mas tambem grangeou á Sociedade elementos favoraveis, obtendo para ella a Protecção do nosso illustrado Monarcha, d'esse Monarcha que em tão poucos annos tem já tão longa e gloriosa historia.

Vamos publicar os documentos relativos a este ultimo acontecimento que tanto promette á nossa Sociedade.

A um Jornal Academico qual deve ser o *Instituto*, cumpre reunir todos os materiaes, que possam um dia esclarecer a historia d'uma instituição, á qual apesar de ter sómente sete annos de existencia já devem as letras patrias mais de um cultor distincto.

A. M.

Senhor: — A direcção da sociedade philantropico-academica eleva, mui respeitosa-mente, á soberana presença de Vossa Magestade um exemplar da obra intitulado — Memoria historica e descriptiva da bibliotheca da Universidade de Coimbra, — cuja edição fora offerecida, pelo seu auctor, á sobredicta sociedade, de que é socio.

A direcção assás confia, que Vossa Magestade Se Dignará não só aceitar benevolamente a offerta do exemplar da referida obra, senão tambem acolher com Augusta benignidade a supplica, que a direcção tem a honra de fazer a Vossa Magestade, de Se Declarar Protector da mesma sociedade philantropico-academica, Concedendo-lhe a graça de considerar a Vossa Magestade como seu Presidente Perpetuo.

A direcção, que se ufana de ter já sustentado esta sociedade, quando ia em proxima decadencia, julgará ter-lhe prestado o maior e mais relevante serviço, e deixará nos fastos academicos assignalada a sua gerencia, se, por ventura, poder conseguir de Vossa Magestade a impetrada protecção regia; para o que, sem desconhecer a grandeza de semelhantes aspirações, se funda todavia no magnanimo favor e reconhecida distincção, com que Vossa Magestade anima as letras, e galardoa os sabios.

A direcção beja mui respeitosa-mente a real mão de Vossa Magestade.

De Coimbra, em sessão de 28 de junho de 1857.

*Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro,*  
presidente.

*Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebelo,* vice-presidente.

*Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida,* fiscal.

*Miguel Tudella de Sousa e Napoles,* procurador.  
*Antonio Borges de Medeiros Dias da Camara e Sousa,* vogal.

*João Jose de Medonça Cortez,* secretario.

Ministerio do reino — 1.ª direcção — 1.ª repartição — L. 13 n.º 418. — Sua Magestade El-Rei, a quem foi presente a representação, com que a direcção da sociedade philanthropico-academica de Coimbra remette um exemplar da obra intitulada — Memoria historica e descriptiva da bibliotheca da Universidade, — que lhe fôra offerecida por um dos seus socios; e pedindo simultaneamente que Sua Magestade Se Declare Protector e Presidente perpetuo da mesma sociedade: Manda agradecer à sobredicta direcção a remessa d'aquelle importante opusculo; e annuindo, em parte, aos desejos da mesma corporação, manda, outro sim, significar-lhe, que muito se compraz em aceitar, como aceita, o titulo de Protector da sociedade philanthropico-academica de Coimbra. O que pela secretaria d'Estado dos negocios do reino se lhe participa para seu conhecimento.

Paço das Necessidades, em 18 de setembro de 1857. — *Marquez de Loulé.*

Senhor: Annuindo ao desejo da direcção da sociedade philanthropico-academica, Dignou-Se Vossa Magestade de a engrandecer e honrar, Declarando-Se seu Protector.

Ufana, por ter podido assignalar a sua generancia com este facto grandioso, a direcção heij-a, mui respectivamente, a real mão de Vossa Magestade, por tão distincta graça e favor.

Nem sempre se pode traduzir a palavra a natural e aprazivel sensação d'um animo agradecido, na posse d'um grande beneficio. A direcção reconhece, mais agora do que nunca, toda a força e exactidão d'esta verdade; e por isso,

Pondo na Soberana Presença de Vossa Magestade um exemplar dos estatutos da sociedade, limita-se a fazer sinceros votos pela preciosa vida de Vossa Magestade, por dilatados e felices annos, como todos havemos de mister.

De Coimbra, 30 de setembro de 1857.

*Dr. Bernardino Joaquim da Silva Carneiro,* presidente.

*Dr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebelo,* vice-presidente.

*Dr. Luiz Albano d'Andrade Moraes e Almeida,* fiscal.

*Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior,* procurador interino.

*João Jose de Medonça Cortez,* secretario.

## FEBRE PUERPERAL.

Medici ac chirurgici ex artis obstetriciae notione per multos morbos mulierum, ac infantum melius dijudicare et curare discunt.

PLENCK.

### INTRODUÇÃO.

A função physiologica, que tem por fim a expulsão espontanea do feto e seus annexos através das partes naturaes da geração, — denomina-se *parto*. — A sciencia, que d'ella se occupa, chama-se *tocologia*; de τὸ τέκος — parto, λέγειν — tractado, ou doutrina.

Practicamente a expressão *parto* designa a simples expulsão espontanea, ou a extração artificial do feto viavel através do canal vulvo-uterino. O complexo de leis ou de preceitos, que se devem empregar para conseguir cada um d'estes fins, toma o nome de *arte obstetricia*. Assim o entendia Plenck quando dizia: — *scientia, quae methodum docet, qua parturiens mulier in partu naturali, et difficili, adjuvari possit.*

É uma operação natural verdadeiramente mecanica, susceptivel de demonstração geometrica: (Levret.)

É a saída do infante e seus annexos para fora do utero: (Maygrier).

É a emissão, expulsão ou excreção d'um infante a termo, determinada pela contracção do utero, e disposição das partes genitais da mulher: (Boivin).

Consiste na expulsão do feto para fora do utero, onde se tem desinvolvido durante todo o tempo da gravidez: (Desormeaux).

É o esforço expulsivo do utero para o nascimento do infante capaz de viver fora do seio materno: (Burns).

É a sahida do feto para fora do seio de sua mãe: (De la Motte).

Basta a simples leitura d'estas definições para conhecer que não preenchem o seu fim, e dão uma idéa inexacta do que se deve entender pela palavra — *parto*.

É no exercicio da arte obstetricia, que principalmente se apresentam as occasiões, em que os soccorros da medicina são d'uma necessidade evidente, d'uma efficacia palpavel. A vida de um ou dois individuos cheios de saúde depende muitas vezes d'uma manobra mais ou menos habil, d'uma indicação mais ou menos apropriada. Eis o motivo por que, desde a origem da medicina, a arte obstetricia tem merecido as attensões de todos os que se entregam á elevada missão de curar os seus semelhantes, e alliviar os seus soffrimentos.

Antes da dissolução da sociedade pythagorica os Asclepiades tinham em suas mãos o imperio da arte de curar: — e transmittiam uns aos outros os seus conhecimentos como

uma herança de família. O segredo era simplesmente confiado aos que tivessem dado provas da *iniciação*. Uma especie de escola juncto de cada templo destinado a Esculapio se havia formado para o ensino da medicina.

Quando os discipulos de Pythagoras revelaram os mysterios, e alguns, votando-se á arte de curar, introduziram o uso de visitar os doentes em suas casas; os sacerdotes d'Esculapio não poderam conservar por mais tempo o segredo sob pena de perder o predomínio medico, que até alli tinham obtido. Os que serviram o templo de Gnido foram os primeiros, que deram á luz as maximas e regras da sua practica medica. Os Asclepiades de Cos imitaram o exemplo de seus collegas, e publicaram uma serie de tractados, a que mais tarde se deu o nome de *obras hippocraticas*, e que constituem um dos mais preciosos monumentos da antiga medicina.

Entre elles figuram alguns escriptos destinados á arte dos partos, e ás doenças das mulheres; distinguindo-se principalmente o que se intitula — *De superfetatione*, — e que resume os conhecimentos dos Asclepiades sobre este objecto. O seu merecimento é incontestavel, se attendermos á época em que foi escripto.

Os aphorismos d'Hippocrates contêm preceitos practicos d'arte obstetricia, que ainda hoje não se devem absolutamente desprezar. Sirvam d'ex. os aph. 38 da secção 4.<sup>a</sup> e os 35-42-48-51-55-60-61-62 da secção 5.<sup>a</sup>

O costume já antigo e infelizmente conservado, até certo ponto, em nossos dias, de se confiar a mulheres, pela maior parte ignorantes, a direcção dos trabalhos do parto, devia obstar necessariamente aos rapidos progressos da arte obstetricia. Os cirurgiões do seculo XVI conheceram a importancia d'este ramo das sciencias medicas, mas nenhum a elle se entregou com tanto zelo como Jaime Guilherme, e Francisco Rousset, medico do duque de Saboia. Este ultimo foi um dos mais acalorados defensores da operação cesariana, que, conhecida dos antigos gregos e romanos, havia sido completamente abandonada.

Diminuindo cada vez mais o prejuizo, que excluia os medicos da arte dos partos, abria-se uma nova era á arte obstetricia, que saindo da velha rotina começava a tomar uma forma verdadeiramente scientifica. Francisco Mauriceau publica em 1668 o seu tractado das molestias de mulheres gravidas e puerperas. Chamberlen, parteiro de Londres, inventa o *forceps*; que, modificado primeiramente por Smellie na Inglaterra, e Levret na França, tem prestado valiosos serviços á arte obstetricia.

Á medida que se multiplicavam os estabelecimentos d'instrucção e beneficencia em todas as capitais da Europa, se creavam escolas practicas de partos, onde discipulos d'ambos

os sexos vinham beber as sãs doutrinas, e combatiam os vicios rotineiros da ignorancia.

Assim foi que nasceram os genios, que florescem em nossos dias; foi assim que mesmo entre o sexo feminino appareceu quem ousasse publicar o fructo d'uma exacta observação.

O mester do medico parteiro não se limita a observar e dirigir o acto da parturição, nem simplesmente a executar as manobras indicadas em casos de dystocia.

O parto é uma funcção mui complexa: — o utero o seu órgão principal. A mulher grávida acha-se collocada em circumstancias muito especiaes: — as modificações, que têm logar no utero reagem sobre toda a economia, e dão lugar a phenomenos, que muitas vezes constituem estados pathologicos particulares. *Uterus infinitimarum aerumnarum in mulieribus causa.* (Democritus ad Hipp. de natura humana). O medico parteiro não deve desamparar a mulher 'neste estado, e o estudo dos incommodos, que sobrevêm durante a gravidez, é um objecto digno de merecer as suas atenções.

Os cuidados do parteiro devem continuar e augmentar depois do parto. A mãe, e o recém-nascido são dois individuos, cuja existencia se deve vigiar. No estado de puerperio dão-se phenomenos, que são o complemento da funcção do parto, mas que nem sempre se executam normalmente. Muitas vezes phenomenos pathologicos se manifestam, revestindo um character especial, e o medico acha-se constituido na obrigação de soccorrer a mulher, que acaba de ser mãe.

A febre puerperal é molestia que frequentemente acompanha o estado de puerperio, e por isso cumpre ainda ao medico parteiro d'ella occupar-se.

## 1.<sup>a</sup> PARTE.

HAVERÁ DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL, A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

### *Idéa geral de febre.*

#### I.

A classe das febres, continuamente influenciadas pelos variados systemas, que têm reinado na medicina, é uma das partes mais vastas, confusas e indeterminadas da pathologia.

Denominada pelos auctores gregos *Πυρετίς*, πυρετίς: pelos latinos *febris*, *pyrexia*; pelos italianos *febre*; pelos hespanhoes *frebre*, *calentura*; pelos inglezes *fever*; a origem etymologica da palavra *febre*, vem, segundo alguns auctores do verbo latino *fervere*, ou do substantivo *fervor*, porque se suppunha que os humores eram postos em movimento á maneira

d'um liquido em ebullição. Outros a fazem derivar do verbo *februare*, julgando a febre uma operação salutar, que a natureza emprega com o fim de purificar a economia.

A palavra *febre* designa os phenomenos mais salientes d'um estado morbido, caracterizados por aumento de temperatura. Os gregos empregavam por isso a expressão *pyretos*, para designar o calor febril. Assim o entende Van-Swieten quando diz: «Prior derivatio a fervore: magis respondet communi opinionum veterum medicorum, qui calorem dixerunt febri essentialiam; *pyretos*, enim et *pyretic*, hac significatione passim apud veteres Graecos usurpantur.» Tal é tambem o parecer de Sauvages e de todos os que têm meditado os escriptos antigos. Riolan diz: «Hippocrates febrem appellat ignem, et febricitantes igne correptos.»

Numerosas são as definições que se têm dado de febre, o que provem evidentemente de que a maior parte dos medicos desejam introduzir na definição a idéa que formam da causa intima, da essencia da febre. Em medicina tal methodo de definir não é o mais seguro. A definição que tem por base a enumeração rapida dos principaes characteres d'uma cousa, é preferivel.

«Quum bilis aut pituita calefacta fuerit, totum reliquum corpus ab his calescit, et vocatur hoc *febris*. Calescit autem bilis aut pituita, intrinsecus quidem a cibis, et potibus, a quibus etiam nutritur ac augetur: extrinsecus autem a laboribus ac vulneribus, et a calido nimium calefaciente, et a frigido nimium refrigerante. (Hipp. liber 1.<sup>us</sup> de morbis).»

«Quum sanguis percaluerit, et vim depulerit, ac rursus ad suam naturam redierit, concalescit simul et pituita, et bilis sanguini permixta; et sanguis ipse seipso multipliciter calidior evadit. His igitur percalefactis, necesse est, febrem succedere post rigorem, pro sanguinis caliditate. Idem.»

«Febres plurimae a bile fiunt. Species ipsarum quatuor sunt, praeter eas quae ab occultis doloribus generantur. Nomina ipsarum sunt: — continens, quotidiana, tertiana, et quartana.»

«Continens itaque appellata, a plurima ac meracissima bile provenit. .... Quotidiana vero post continentem a plurima bile generatur; .... Tertiana autem longior est quam quotidiana, et a pauciore bile gignitur.»

«Quod autem quartanae febres atrae bilis participes sint, vel hinc condiscere licet. ... (Hipp. de nat. hominis).»

Por esta breve exposição que fizemos da pyretologia hippocratica, se mostra quão distante se achava o modo de pensar do sábio velho de Cos, das doutrinas hoje adoptadas. A febre era o augmento de calor 'num dos 4 líquidos ou humores da economia.

Galeno concorda com Hipp. e a eschola de Cos acerca da existencia do calor anormal, como essencia das febres. Assim o exprime quando diz: «Essentia quidem febrium est «in genere caloris praeter naturam (Galeno. «De febribus lib. 1.<sup>us</sup> cap. 1.<sup>us</sup>)» Mas elle vae mais longe: assigna-lhes mais dois characteres essenciaes: — o desenvolvimento primordial do calor no coração, e a perturbação geral de funcções. Coherente com estes principios diz: «Febris est immodice actus calor; ut «et hominem laedat, accensus in corde, et «procedens ab eo in totum corpus.» Segundo o calor anormal se fixava nos espiritos, na parte solida do coração, ou nos seus humores, assim se originavam as febres ephemera, hectica, e putrida. A alteração da pituita originava a febre quotidiana; a da bilis, a terça; a da atra-bilis, a quartã. «Ex pituita putri, «quotidiana; ex utraque bile, flava quidem, «tertiana; atra autem, quartana efficitur. «(Galeno liber 2.<sup>us</sup> de febribus cap. 2.<sup>us</sup>)» As febres continuas têm sua origem na bilis, e soffrem diversas divisões. (Idem.)

Foi sobre estas idéas systematicas, que muito tempo se apoiou a pyretologia. Durante a meia idade e até ao principio do século XVIII a doutrina Gallenica predominou na sciencia com mais ou menos modificações. Então começou uma das epochas mais brillhantes da pyretologia. Vaneilmont recusa admitir a poirdridão dos humores como essencia da febre, e sustenta que esta não é mais do que uma indignação do *archéo* para expulsar da economia uma substancia estranha, e nociva. O frio indica o estado de medo, e d'esgotamento do *archéo*; o calor, os esforços e os movimentos aos quaes elle se entrega.

Willis rejeitando as antigas theorias humoristas inclina-se a que sómente o sangue é susceptivel d'effervescencia por um excesso de calor, e de produzir as febres. O sal, o espirito, o envolve, a agua, e a terra eram os principios componentes do sangue. A fermentação produzida nestes diversos elementos dá origem ás diferentes febres.

Ha um principio intelligente, que tende a expellir as partes impuras e prejudiciaes ao sangue; a operação que para isto tem lugar denomina-se *febre*. Assim o julga Sydenham.

Rossmann busca a causa proxima do movimento febril 'numa affecção espasmódica dos systemas nervoso e vascular, caminhando primeiramente da periphéria para o centro, e expellindo depois os líquidos em sentido contrario.

A maior espessura do sangue ou espontanea ou devida a causas estranhas, produzindo a estagnação d'este liquido nos vasos, augmentava a quantidade de sangue contida no coração. Este órgão reagindo multiplicava as suas contrações, e produzia a febre, que tambem se originava por influxo consideravel



dos fluidos cerebral e nervoso sobre os musculos. Tal é a doutrina de Boerhaave, exposta no aph. 574 quando diz. «Ergo velocior re-  
« ciprocus influxus liquido cerebellosi et ner-  
« vosi, in musculos, et sanguinis in vasa, et  
« cava cordis.»

Um espasmo nas extremidades dos vasos é para Cullen a causa proxima, a essencia das febres. (Cullen. Medecine pratique pag. 20 tom. 1.<sup>o</sup>)

Para Broussais a febre é sempre o resultado d'uma irritação primitiva ou sympathica do coração; em virtude do que este órgão precipita as suas funções.

Nem o calor anormal do corpo humano, como julgavam os antigos; — nem a acce-  
ração do pulso como julgava Boerhaave consti-  
tuem por si só o character da febre. Estes  
dois caracteres devem existir reunidos, terem  
alguma duração, e serem precedidos d'uma  
sensação de frio. «Tria illa phenomena, hor-  
« ripilatio, pulsus velox, et calor, in omni  
« febre ab internis causis orta, semper ad-  
« sunt. (Van Switen).» Perturbações funcio-  
naes devem completar o quadro symptomato-  
logico do estado morbido, que denominamos  
febre, e que é devido a um augmento d'ac-  
ção, a uma exaltação ou hypersthenia do ele-  
mento vascular.

Esta exaltação do systema circulatorio existe  
ora isoladamente, ora precedida, ou acom-  
panhada de lesões phlegmasicas em algum  
órgão da economia.

Assim se dividem as febres em *essenciaes*  
ou *idopathicas* e em *secundarias*, ou *sympto-*  
*maticas*; objecto este sobre o qual não estão  
d'accordo todos os pathologistas.

Continua.

F. A. ALVES.

## O SELLO GRANDE DE INGLATERRA.

Continuado de pag. 202

O sello do reino conserva ainda hoje toda  
a sua antiga importancia; as mesmas leis, que  
sabiamente declararam o rei immortal, toma-  
ram tambem acertadas providencias para que  
o reino nunca estivesse sem um sello grande;  
e se por ventura é necessario fazer um sello  
novo, o antigo somente se destroe depois de  
prompto aquelle que o hade substituir. A  
creação d'um sello novo é um verdadeiro  
negocio d'Estado: o soberano convoca o con-  
selho privado, e alli o gravador d'elrei apre-  
senta os desenhos para o novo sello. Esco-  
lhem-se os desenhos, faz-se o molde; quando  
está prompto reune-se de novo o conselho  
para approvar o sello; então é que o rei o  
entrega ao chancellor, que fica *ipso facto*  
revestido de todas as dignidades que já men-  
cionamos. Antigamente havia ainda outra

ceremonia: o novo chancellor devia, perante  
o conselho, sellar por sua mão um documen-  
to, a fim de mostrar que se achava habilitado  
para cumprir com os deveres do seu cargo;  
do mesmo modo que ainda hoje os *sheriffs* de  
Londres e de Middlesex são obrigados, antes  
de tomarem posse dos seus logares, a dar  
uma prova da sua intelligencia e aptidão, e  
essa prova consiste em contar certo numero  
de pregos e aparar algumas varas. Porém,  
os sellos usados naquelle epocha, apesar de  
chamados grandes eram pequenos, compara-  
dos com os de hoje; não tinham talvez mais  
de duas ou trez pollegadas de diametro, e  
não era mais difficil sellar com elles um do-  
cumento, do que lacerar uma carta com um  
sinete. Comtudo parece que o sello grande  
tem ido crescendo na razão directa do augmen-  
to do poder real, e hoje é tamanho, que o  
nobre Lord, seu guarda, de certo queimaria  
os dedos se tentasse sellar com elle algum  
documento; por isso ha dois empregados  
adestrados «o aquece-cera» e o «sellador»  
encarregados d'este mistér.

A creação d'um sello novo não é ceremoni-  
a mais solenne do que a destruição do  
antigo. Esta operação é feita pelo soberano  
em sessão do conselho. O rei toca com um  
martello no antigo sello, que desde então  
deixa legalmente de existir, e fica sendo pro-  
priedade do chancellor. Esta propriedade tem  
hoje maior valor do que antigamente, porque  
o sello que era de cobre até 1815, é desde  
então de prata. A este respeito lembra-nos  
uma contestação curiosa que teve lugar quan-  
do Guilherme IV *quebrou* o sello do seu ante-  
cessor. O chancellor no tempo de Jorge IV  
era lord Lyndhurst, mas quando se acabou  
de fazer o sello de Guilherme, achava-se re-  
vestido d'aquelle dignidade lord Brougham.  
Ambos pretendiam o sello antigo e allega-  
vam, um que era aquelle o sello do reinado  
transacto, outro, que o sello era válido  
atè ser quebrado pelo novo monarcha. A  
contestação foi levada perante o rei que,  
achando boas razões a favor d'ambos os liti-  
gantes, decidiu que se desse a cada um d'el-  
les metade do sello. O ourives de S. M. en-  
gastou estas duas metades em custosas mol-  
duras de prata, que elrei mesmo apresentou  
aos dois ministros, dizendo-lhes, que deitas-  
sem sortes para decidir como deveriam ser  
distribuidas.

O chancellor, que recebe sempre o sello  
das mãos do proprio soberano, não o pode  
voltar senão a este, ou a quem por elle fór  
mandado especialmente para este fim, com  
uma ordem por escripto, revestida da assigna-  
tura real.

Quando o cardeal Wolsey caiu no desagra-  
do d'elrei, os duques de Suffolk e de Norfolk  
tentaram tirar-lhe o sello, em virtude de uma  
ordem puramente verbal do rei; porém o

cardeal recusou entregar aquelle importante deposito, e os nobres mensageiros tiveram de ir buscar a ordem por escripto que pedia o ex-chancellor.

Não era raro vêr os Tudors e os Stuarts pedirem o sêllo emprestado por alguns dias aos seus chancelleres, afim de poderem com elle validar decretos e mercês, que os chancelleres levados de receio ou de escrupulo, não queriam sellar.

O sêllo grande, de cuja posse dimana toda a auctoridade do chancellor, presume-se presente sempre que este exercita alguma das suas funções politicas ou judiciaes. Porém, para evitar que o sêllo seja continuamente transportado d'um logar para outro, usa-se hoje não levar perante o chancellor senão a bolsa ricamente bordada destinada a receber o sêllo, e sómente quando ha que sellar algum documento, é que se tira do logar em que costuma estar guardado.

(*Revue Britannique.*)

## PRELEÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Noqueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

Continuado de pag. 235.

### PARTE 1.<sup>a</sup>

#### Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

##### CAPITULO I.

*D. Affonso VI de Castella tinha o imperio supremo dos Estados que lhe obedeciam.*

A fórma de governo de Portugal é de Monarquia pura e independente, porque todos os direitos da soberania estão na mão do Rei. E esta foi sempre a natureza do nosso reino, desde que D. Affonso VI o deu em dote ao conde Henrique.

Esta proposição tem duas partes; 1.<sup>a</sup> que Portugal ficou separado de Castella, e independente, quando foi dado em dote; 2.<sup>a</sup> que a sua constituição desde o principio foi puramente monarchica.

Para melhor provarmos uma e outra cousa, cumpre primeiramente separar os factos incontestaveis dos controversos.

E certo que o conde D. Henrique casou com D. Theresa, filha de D. Affonso VI. — Que recebeu Portugal em dote, e o direito de fazer conquistas aos Mouros. — Que D. Affonso Henriques, successor de seu pae, foi

acclamado Rei depois da batalha do campo d'Ourique. — Que este reino é ha muitos seculos soberano e independente de toda a vassalagem. — Que o governo actual de Portugal é monarchico.

Até aqui todos convêm.

Os pontos controversos são: 1.<sup>o</sup> em que tempo e de que maneira adquiriu Portugal a independencia. 2.<sup>o</sup> Em que tempo e de que maneira ficou sendo perfeita monarchia desde a epocha da sua total separação de Castella.

Uma e outra cousa queremos nós que se verificasse na occasião, em que elle foi dotado ao conde Henrique.

A materia é embaraçada e obscura pela distancia dos tempos. Contudo procuraremos provar a nossa opinião, demonstrando com a evidencia que pôde haver em factos de tanta antiguidade as trez proposições seguintes.

I. Affonso VI era Monarcha absoluto.

II. Podia separar do resto dos seus Estados as provincias, que deu em dote a seu genro.

III. De facto as separou, e as deu ao conde Henrique com o imperio supremo e independente.

I. *Affonso VI era Monarcha absoluto.* Parece que os reis de Leão e Castella (quanto se pôde julgar na falta de monumentos e principios, que então havia) tiveram sempre todos, ou, ao menos, os principaes e mais importantes direitos da Magestade.

Para o provarmos cumpre examinar o ponto de mais longe, e subir ao tempo da fundação do Imperio Gothico, comparando a constituição d'elle com as dos reinos, que se estabeleceram sobre as suas ruinas.

Eram os Godos descendentes dos antigos Germanos, dos quaes refere Tacito <sup>1</sup> que tinham reis a quem obedeciam. Estes reis, porém, não eram absolutos: julgavam das cousas de menor importancia, e as maiores tractavam-se perante todo o povo, e por seu voto se decidiam, posto que fosse sempre necessaria a presença do Rei.

Portanto estes reis eram mais uma especie de Magistrados particulares, que presidiam a certos logares e territorios, e julgavam as causas entre seus habitantes, do que principes soberanos a quem obedecesse a Nação toda <sup>2</sup>.

E até parece que não tinham poder de impôr penas capitães, porque Cesar diz que esta auctoridade se costumava conceder aos Magistrados a quem se confiava a administração da guerra, o que mostra que ella lhes não pertencia geralmente em tempo de paz.

Esta extrema liberdade de que usavam os Germanos, era consequencia do estado da Nação, e de seus costumes, e uso de viver.

<sup>1</sup> *De morib. Germ.*, cap. 7, 11.

<sup>2</sup> *Caesar de bell. Gall.*, L. VI, cap. 42.

Elles se occupavam inteiramente na caça e na guerra, contentando-se de alimentos simples, e grosseiros, e de vestiduras de pouco preço; cuidavam pouco da agricultura; e até não conheciam a propriedade perpetua dos campos, pois que os Magistrados repartiam todos os annos as terras entre os cidadãos, assignando a cada um as que devia cultivar.

Era pois forçoso que em taes circumstancias fosse o vínculo civil muito frouxo entre elles, e que, accostumados a uma vida errante, soffressem mal o freio das leis e a auctoridade de um superior. Este é geralmente o estado dos povos, entre os quaes não estão ainda em todo o seu vigor as divisões dos domínios, e que se applicam pouco á agricultura.

D'aqui concluímos que o governo entre os Germanos era informe: que os que elles chamavam reis, tinham uma auctoridade limitada, e sujeita ás deliberações dos congressos nacionaes; mas que estes mesmos congressos irregulares na forma e tempo da convocação, e no methodo de decidir os negócios, apresentavam um systema muito imperfeito e mal combinado de democracia.

Porem, depois que estas nações deixando as regiões da sua origem, invadiram as provincias da Europa situadas em mais favoravel clima, e havendo expulsado os romanos e subjugado os naturaes habitantes d'estas provincias, fizeram 'nellas assento, e lançaram os fundamentos de um novo imperio, era forçoso que se apartassem de seus antigos costumes, e abraçassem um systema de governo mais regular, mais bem combinado e mais proprio do estado de civilisação, em que iam entrar.

Isto effectivamente aconteceu na Hespanha, porque havendo os barbaros commettido grandes estragos na sua entrada, e posto tudo a ferro e fogo, seguiu-se uma fome horrorosa em que elles mesmos padeceram muito; e então viram que lhes era necessário mudar de systema, e entraram por conseguinte a repartir as terras entre si, applicando-se á agricultura<sup>1</sup>, e fizeram leis certas, não só para os Godos mas para os mesmos provincias.

Desde esse tempo adquiriram os vinculos civis maior força e consistencia, e os reis não foram já simplesmente generaes, como d'antes eram, mas obtiveram maior poder e auctoridade, ainda no tempo da paz. Elles pois administravam justiça aos povos, nomeavam os governadores das provincias, e exercitavam outros muitos direitos magestáticos sem dependencia de algum. Comtudo é certo que elles não eram verdadeiros Monarchas, nem gozavam de todos os direitos da soberania. Portanto a forma de governo entre os Godos

era mixta, e participava de monarchica e aristocratica.<sup>1</sup> Isto se prova bem das leis d'aquelle tempo, as quaes foram todas feitas nos concilios, com approvação e conselho dos bispos e grandes, sendo estes concilios não só assembleas ecclesiasticas, destinadas para resolver os negocios da religião, mas verdadeiras côrtes em que se tractavam os interesses civis e politicos, concernentes á boa administração do Estado.

Assim vemos infinitas leis, feitas nos concilios toletanos, nos quaes foi tambem publicado o celebre codigo gothico. Alarico diz tambem no commentario ou lei de reboçação que precede ao seu codigo, que elle o compozera com assistencia dos nobres e prelados<sup>2</sup>.

Porém, depois que os Mouros entraram em Hespanha, e os reis de Leão lhes principiaram a fazer guerra, expulsando-os pouco a pouco das terras que haviam occupado, parece que a forma do governo se alterou, e que estes novos soberanos tiveram maior auctoridade, que os reis Godos, sendo verdadeiramente Monarchas absolutos e supremos.

Porque, quanto se pôde conjecturar no meio da obscuridade e falta de monumentos d'aquelle tempo, parece que os fidalgos e bispos não exercitavam já algum dos direitos da soberania, mas que todos elles estavam incorporados na pessoa do Rei, posto que elle os não possesse algumas vezes manter em todo o rigor por causa das continuas e sanguinolentas guerras, em que a Hespanha andou envolvida por tanto tempo.

É verdade que os grandes arrogavam a si grande auctoridade sobre as terras que possuíam a titulo de *feudo*, e que as mesmas côrtes do reino, em que ao principio concorriam só os grandes e bispos, e depois tambem os procuradores do povo, eram consideradas como assembleas de grande auctoridade, e que 'nellas se costumavam estabelecer as leis, e impor os tributos.

Mas julgo que nem os direitos dos senhores dos feudos, nem a auctoridade das côrtes entraram pelos direitos essenciaes da soberania, em prejuizo dos reis.

*Enquanto aos feudos.* 1.º Porque os feudos dependiam todos do Rei, de quem os senhores recebiam a investidura, obrigando-se a certo serviço militar. 2.º Porque o governo feudal, que por estes tempos se estabeleceu por toda a Europa, fez em Hespanha menores progressos, do que nas outras partes<sup>3</sup>, nem eu sei que os senhores usassem entre nos de direitos tão exorbitantes, nem arrogassem tão grande

<sup>1</sup> Das causas da mudança do governo entre as nações de origem germanica, veja-se Montesq. *Éspr. des lois*, liv. 9 c. 8.

<sup>2</sup> Veja-se o dicto commentario, cujas palavras refere Saavedr. *Chron. Goth.* p. 360.

<sup>3</sup> Veja-se D. João Francisco de Castr. *Discurs. crit. sobre las leyes*, tom. III decia. 1.ª divis. 3.ª n.º 13 p. 17.

<sup>1</sup> Caes., l. c. Tacit. *de morib. germ.*

<sup>2</sup> Roder. Tolet. *Wandal. Hist.* c. 11, 12. Paul. Oros. *L.* 7 c. 40. S. Isidor. *Wandal. Chron.* Saavedr. *Chron. Goth.* p. 29.

auctoridade como em outros reinos. Em França, por exemplo, achamos ainda no tempo de S. Luiz, que morreu em 1270, um grande numero de senhores que tinham direito de bater moeda (excepto de ouro e prata);<sup>1</sup> privilegio que não sei que em Hespanha fosse concedido a vassallo algum.

*Enquanto as Côrtes.* Tinham estas voto consultivo, mas não decisivo. Propunham ao Rei o que julgavam conveniente para o bom governo do reino, e com ellas consultava a maneira de repartir os impostos, de os arrecadar etc. mas a decisão era sempre sua, e estava em seu arbitrio approvar ou rejeitar os planos, que se lhe apresentavam.

D'esta regra exceptuamos o reino de Aragão, onde as côrtes exercitavam a auctoridade suprema junctamente com o Rei na imposição dos tributos, declaração da guerra etc. e até em algumas cousas lhe eram superiores.

Mas d'esta mesma excepção se colhe a soberania dos reis de Hespanha por aquelle tempo, porque os de Aragão foram tambem principes soberanos, e absolutos ao principio; e na occasião de um interreino, em que os aragonezes tractaram de eleger novo Rei, é que se fez o celebre fóro de *Sobrarve*, lei fundamental d'aquelle imperio, pelo qual se ampliaram os poderes das côrtes, e se creou o celebre magistrado, chamado *Justiça Mór* ou *Justiça de Aragão*, para o qual se appellava das sentenças proferidas pelo Rei.

Nem é de admirar que o novo imperio que fundaram os reis de Leão sobre as ruínas do Gothico fosse perfeita Monarchia, antes o contrario seria menos provavel. O governo militar é sempre absoluto, e dá ao generil uma auctoridade sem limites. D'onde vem que ainda as nações, que na paz não consentiam ser regidas pelo arbitrio de um só homem, se sujeitaram a esta forma de governo em tempo de guerra.

Achando-se, pois, os hespanhoes em continuação guerra com os Mouros por espaço de muitos seculos, e sendo a necessidade de se defenderem d'elles o motivo, porque se sujeitaram ao imperio de seus novos reis, era forçoso que o governo fosse todo militar, e que os principes, occupados quasi unicamente nos cuidados da guerra, e presidindo a um povo de soldados fossem monarchas absolutos.

Não negamos que se podem apontar alguns factos, de que se colha que os grandes arrogaram algumas vezes direitos que são inherentes a magestade. Mas respondemos que na perturbação e desordem d'aquelles tempos calamitosos, não é muito que a ambição os teu-

tasse a excederem as raías, dentro das quaes se deviam conter, quando vemos que elles ainda em occasiões de maior tranquillidade quizeram por muitas vezes commetter semelhantes usurpações. As muitas providencias dadas pelos nossos reis a este respeito, que se referem na historia de direito patrio mostram até que ponto chegaram as suas pretensões.

Além de que, estas injustas usurpações dos grandes foram algumas vezes cohibidas pelos reis, e se outras vezes as dissimularam, foi ou por fins politicos, ou por não terem idéas claras dos direitos da soberania como hoje temos. O mesmo dizemos acêrca das côrtes.

De tudo isto vimos a concluir que D. Afonso VI era Monarcha absoluto, e que esta forma de governo não era nova entre nós, quando o conde Henrique casou, pois que a ella affasto sujeito o imperio hespanhol de que Affonso era soberano.

*Continúa.*

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 11.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA SEPTIMA.

Os estames fataes (que nem aos deuses  
É dado dissolver) fiando as Parcas,  
Este dia e este heroe vaticinaram;  
Raio cruel das Aquitanas gentes;  
Cujo tremese subjugado o Atax.  
— E foi como o disseram! — pasma agora,  
Vendo os novos triumphos, o romano,  
E sob algemas os contrarios chefes!  
D'alvos corceis tirado o eburneo coche  
Mostrava-te, Messala, ornada a fronte  
Com a corôa d'invinciveis louros.

Mas não, sem mim, tu conseguiste a gloria!  
Nos Pyreneus Tarbella é testemunha  
E as praias do Santónico oceano;  
São testemunha do Arar as correntes,  
O Rhodano veloz, Garumna claro,  
E do Lyger azul Carnutos loiros.

Porventura tambem cantar me é dado,  
Tranquillo Cydno, teu ceruleo curso,  
Placido serpendo em vãos serenos?  
Quantos barbaros Cilicas sustente  
Frigido o Tauro, remontado ás nuvens?

Direi eu, como a nivea, sancta pomba,  
Intacta voe por cidades cento  
Na Palestina Syria; e como Tyro,  
A sabia Tyro, que primeira aos ventos

<sup>1</sup> Millot. *Hist. de Franc.* tom. I p. 316.

<sup>2</sup> Jeronym. Martel. *Forma de celebrar côrtes em Aragão.* Isto foi estabelecido no Fóro de Sobrarve, que era a lei fundamental de Aragão. Vid Hieron. Blancas. *Aragonesis. rer. commentar. ann.* 842. *Hisp. Illustr.* tom. II. p. 338.

<sup>3</sup> No fim da edição, apresentaremos o ultimo estado da sciencia a respeito dos pontos que Ricardo Raymundo tractou com menos exactidão. *Nota do Editor.*

As velas confiou, alongue as vistas  
 Dos altos torreões ao vasto oceano;  
 E quanto abunde o fertil Nilo em aguas,  
 Quando o árido campo abraza Syrio?  
 — Fecundo Nilo, que não possa o vate  
 Tua origem narrar, nem em que sitios  
 Occultes, em mysterio, tuas fontes!  
 Por ti, chuvas não pede a terra tua,  
 Nem sêcca a herva a Jove implora orvalhos:  
 Erguendo-te canções a estranha gente,  
 Douta no preante o boi de Memphis,  
 O seu Osiris reverente admira.

D'Osiris a habil mão foi quem primeiro  
 O arado construiu e a terra virgem  
 Volveu com ferro e ao sulco inexperiente  
 A semente lançou e colheu pomos  
 D'arvore, até então, desconhecida.  
 Elle foi que ensinou a empar a vide  
 E a verde côma a decotar co'a foire;  
 Elle o primeiro, a quem as roixas uvas,  
 Por pés não-costumados espremidas,  
 Deram seus mimos, o licôr jucundo.  
 Licôr que fez dobrar ao canto as vozes  
 E, em cadencia, mover os nescios membros;  
 Que ao lavrador, quebrado de fadigas,  
 Desvanece no peito amargas penas;  
 E aos afflictos mortaes produz allivio,  
 Bem que a dura calceta aos pés lhe sôe.

Não tens, Osiris, nem pezar, nem luctos;  
 Mas chorêas, e canto e amor suave;  
 Mas muita, vária flôr e de corymbos  
 Na fronte a c'róa; mas o flavo manto  
 Descendo a te cubrir a planta airosa,  
 E os vestidos de Tyro e a doce frauta  
 E o cabaz portador dos sacros votos.

Eia, vem para nós; e com mil festas,  
 Com jogos mil o Genio solemnis  
 E as fontes banha com licôr profuso.  
 D'elle a madeixa nitida, formosa  
 Ha de exhalar suavissimos perfumes,  
 E no collo e cabeça hão de avultar-lhe  
 De rescendentes flores as grinaldas.  
 — Que assim tu venbas hoje: o puro incenso,  
 Em honra tua, queimarei e os bolos,  
 E o doce mel Mopsópio hei de offertar-te!

A ti, Messala emfim, succeda prole  
 Que do pãe as acções augmente, e esteja  
 De ti, já velho, em torno veneranda.  
 Nem cancem no louvor, ao que demoram  
 Alba no lar antigo e a terra Túsula,  
 As obras immortaes nas amplas Vias:  
 — Pois, por teus cofres o cascalho e o seixo  
 Com habil arte lá se agrega e adhere.  
 Thema serás de cantos ao colono,  
 Tardo voltando da cidade immensa  
 C'os não trilhados pés. — E tu condigno  
 De festas mil, Natal, por longos annos,  
 A mais e mais brilhante a nós regressa.

A. A.

## NOTICIARIO.

**Cem mil homens nutridos com areia do mar.** — É uma epigraphe original, mas que perde o caracter de paradoxo, depois de se ler o seguinte:

Leigh, chimico de Manchester, descobriu, que com areia ordinaria e soda se compõe uma colla muito economica, que pôde substituir com grande vantagem a colla de farinha de trigo, no fabrico dos estofos d'algodão. Os fabricantes de Lakkburn collaram 400 a 500 peças com esta nova substancia, e deram-se bem com esse systema. Ora, a farinha de trigo que até agora se empregava para este uso, era em tal quantidade, que podia, por calculos bem fundados, servir d'alimento a 100:000 pessoas. Logo Mr. Leigh descobriu o meio d'alimentar 100:000 homens, empregando a areia em vez do trigo no fabrico da colla.

**A medicina na Austria.** — Pelas noticias estatisticas mais recentes, existem no imperio da Austria 6:398 medicos, 6:200 cirurgiões, 19:000 parteiras e 3:000 pharmaceuticos. Ha portanto um medico e um cirurgião para 6:000 habitantes, e um pharmaceutico para 42:000.

## RELAÇÃO

*Dos individuos nomeados para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 15 até ao fim de novembro ultimo, por despochos do Conselho Superior d'instrucção pública, e decretos do governo communicado, ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Antonio Nunes Serra, para professor temporario da cadeira de Sinto da Casa, no districto de Castello Branco.

Antonio Francisco Pereira, para dicto do Pedrogão, no de Beja.

Antonio Julio Mendes Cardoso, para dicto dos Arcos de Val de Vêz, no de Viana do Castello.

João d'Elvas Portugal, para dicto de Bemquerença, no de Castello Branco.

José da Purificação Moraes Calado, para dicto da Bemposta, no de Bragança.

Alexandre Martins de Freitas, para dicto de Caldellas, no de Braga.

Antonio Vieira de Figueiredo, para dicto de Cêa, no da Guarda.

Eduardo Alves Izidoro Pinto Horta, para dicto d'Alcagovas, no d'Esora.

Francisco Pinto Lobão, para dicto de Ferreiros de Avoes, no de Viseu.

Joaquim dos Sanctos Affonso, para dicto de Sancta Comba, no da Guarda.

### INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Miguel Leite Ferreira Leão, para o logar de lente cathedratico da faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra, por decreto de 17 de novembro ultimo.

**Observações feitas em 1857 no Observatorio de Coimbra  
para a determinação da sua longitude. (a)**

Moz	Dia	Astro	Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua		$t - t' = \varphi$	Longitude de Coim- bra ao oc- cidente de Greenwich
			Observado em Coimbra = $t$	Calculado em Greenwich = $t'$		
Julho	4	$\epsilon$ de Ophiuco	— 17 <sup>h</sup> 23 <sup>m</sup> 12 <sup>s</sup>	— 18 <sup>h</sup> 44 <sup>m</sup> 29 <sup>s</sup>	+ 79 <sup>m</sup> 17 <sup>s</sup>	33 <sup>h</sup> 47 <sup>m</sup> 4 <sup>s</sup>
	4	$d$ de Ophiuco	— 22 26,37 <sup>s</sup>	— 23 44,17 <sup>s</sup>	+ 77,80	33 12,2
	6	$\lambda$ de Sagitario	+ 32 32,00	+ 31 10,59	+ 81,41	33 20,1
	6	$\tau$ de Sagitario	— 6 19,57	— 7 41,39	+ 81,82	33 30,1
	6	$\psi$ de Sagitario	— 13 5,81	— 16 27,01	+ 81,20	33 14,9
	6	$\tau$ de Sagitario	— 6 20,12 <sup>s</sup>	— 7 41,39	+ 81,27	33 16,6
	6	$\psi$ de Sagitario	— 13 5,50 <sup>s</sup>	— 16 27,01	+ 81,51	33 22,5
	30	$\sigma$ de Scorpio	— 32 27,75	— 33 40,24	+ 72,49	33 33,7
	30	$\alpha$ de Scorpio	— 40 36,68	— 41 48,83	+ 72,15	33 24,2
	31	$\sigma$ de Scorpio	+ 20 59,06	+ 19 42,31	+ 76,75	33 29,3
	31	$\alpha$ de Scorpio	+ 12 50,00	+ 11 33,72	+ 76,28	33 17,0
	31	$\epsilon$ de Ophiuco	— 39 45,87	— 41 1,71	+ 75,84	33 5,5
	31	$d$ de Ophiuco	— 44 45,69	— 46 1,58	+ 75,89	33 6,8
Agosto	1	$\epsilon$ de Ophiuco	+ 16 36,88	+ 15 17,09	+ 79,79	33 16,2
	1	$d$ de Ophiuco	+ 11 37,12	+ 10 17,21	+ 79,91	33 19,2
	4	$b$ de Sagitario	+ 36 21,94	+ 35 2,91	+ 79,03	33 26,5
	4	$c$ de Sagitario	+ 30 40,12	+ 29 21,34	+ 78,78	33 20,2
	4	$\pi$ de Capric.	— 31 44,19	— 33 2,53	+ 78,34	33 9,0
	4	$\chi$ de Capric.	— 35 50,25	— 37 8,74	+ 78,49	33 12,8
	6	$\gamma$ de Capric.	+ 43 28,12	+ 42 16,39	+ 71,73	32 56,4
	6	$\delta$ de Capric.	+ 36 30,12	+ 35 17,64	+ 72,48	33 17,1
	6	67 de Aquar.	— 20 7,88	— 21 19,49	+ 71,61	32 53,1
	6	$\lambda$ de Aquario	— 29 30,51	— 30 42,49	+ 71,98	33 3,3
	6	$\gamma$ de Capric.	+ 43 27,81 <sup>s</sup>	+ 42 16,39	+ 71,42	32 47,9
	6	$\delta$ de Capric.	+ 36 29,25 <sup>s</sup>	+ 35 17,64	+ 71,61	32 53,1
	6	$\lambda$ de Aquario	— 29 31,19 <sup>s</sup>	— 30 42,49	+ 71,30	32 44,6
Outubro	2	$\epsilon$ dos Peixes	+ 29 22,50	+ 28 9,88	+ 72,62	32 57,3
	2	19 dos Peixes	+ 22 54,10	+ 21 40,29	+ 73,81	33 29,7
	2	$d$ dos Peixes	— 11 16,13	— 12 28,86	+ 72,73	33 0,2
	2	45 dos Peixes	— 16 20,88	— 17 34,01	+ 73,13	33 11,2

(a) Continuação da pag. 240 do numero precedente.

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 31 de janeiro de 1838.

Presidente o sr. director da classe.

O sr. presidente expoz que havia recebido um officio da direcção do Instituto, acompanhado d'uma memoria que o sr. Conde de Rio Maior, Antonio, offercia a fim de ser admittido em o numero dos socios do Instituto, e que em consequencia d'isso havia ordenado a convocação da classe para nomear uma commissão que dêsse o seu parecer sobre este objecto na fórma do Regimento.

Nomeou-se com effeito a commissão, para a qual saíram eleitos os srs. Nazareth, Jacintho de Sousa, e Marquez de Souza Holstein.

Está conforme. — Coimbra, 31 de janeiro de 1838. — O secretario da classe, *Adriano Machado*.

## AGRICULTURA.

BANCOS TERRITORIAES.

Continuado de pag. 224.

Proseguindo na tarefa de tomar, aos impugnadores da nossa querida instituição, conta das mais ponderosas arguições, não muito pelo miudo, como o descejarámos, mas segundo comportam as dimensões do *Instituto*, aqui lançamos o segundo capitulo d'accusação com que veio á praça o collaborador da *Revista Universal* precitada.

Diz elle: — «Entre nós já existiram poderoso. *Agros Ruraes* e ainda existem muitos.»

— Este ponto, por conseguinte, é todo nosso, todo exclusivamente com Portugal. E 'nelle, ou muito mal o apreciámos, teve o auctor em vista dois resultados; a) impugnar a necessidade da sua criação no nosso paiz, por já existirem; e b) negar, sobretudo, a sua utilidade, ainda a minima, tanto para a agricultura, como para os banqueiros; a não ser

que mais quizesse asseverar a sua perniciosidade.

Para apoiar o primeiro, adduz o Terreiro público de Lisboa, o Thesouro público, a Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro, as extinctas Ordens Religiosas, e as actuaes Irmandades e Confrarias das provincias, exornando todas estas instituições com o nome de Bancos Territoriaes! Ora, é convicção nossa, e muito profunda, e sê-a-ha, sem dúvida, de qualquer, ainda mesmo medianamente conhecido com a natureza d'estes Bancos, que não vale a pena escrever um unico monosyllabo, para rebater a affirmação de ter sido o Terreiro público de Lisboa um Banco territorial, nem de haver sido o emprestimo effectuado pelo Thesouro Público uma operação bancaria, segundo os dictames dos Bancos territoriaes. Não vale a pena, não. O auctor do artigo, desconhecendo de todo, ou attentando menos bem nas operações characteristics d'estes Bancos, e vendo que essas instituições tinham feito emprestimos á agricultura, classificou-as para logo em Bancos territoriaes; como se o simples facto do emprestimo symbolisasse o bastante para uma tal classificação. Foi um capricho injustificavel, ou uma ignorancia pretenciosa.

Com igual aspereza, porém, lhe não tomamos em mal o dar esse nome á Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto Douro; por isso que, como já advertimos no principio, havia 'nella traços, embora poucos e rudimentarissimos, que revelavam alguma feição do fecundo auxiliar agricola. Era o principio tomando vulto, era a idéa incarnando na sociedade; mas bem longe estava de ser uma criação completa, perfeita, com uma individualidade inconfundivel e de prodigiosos recursos para o desenvolvimento agrario, como são as de hoje. Era o impulso omnimodo e inquebrantavel do ministro-rei a manifestar-se em leis admiraveis e a derramar-se em estabelecimentos uteis; mas com todos os defeitos que são sempre o cortejo dos primeiros ensaios e da falta d'experiencia.

Ora é menos sensato, e devia ser vergonha, o procedimento de vir, hoje, argumentar com esses quaesquer defeitos contra ultteriores melhoramentos, e, sobretudo, quando estes já estão, até á saciedade, comprovados. Devia

devia ser vergonha! não sabemos dizel-o por outras palavras! — e tanto mais, que já nos vamos enfatiando d'ouvir repetir, sem critica, estas mesmas arguições ate nos lugares donde havia a presumpção de que se os derramaria luz, so se apostolaria verdade.

Mas, enfim, que alguém, menos pensado e menos corrente com as causas da nossa terra, nos viesse repetir esses queixumes, pelo desvantajoso exito da Companhia, não nos admirava; porque havia de tirar sempre essa conclusão, descurando apreciar o assumpto por todas as suas numerosas circumstancias. Que, porem, nolos venha fazer um escriptor que, alem de dever ser consciencioso, tem a presumpção de lido e conhecer de toda vida da Companhia, e isso não para admiração, mas para assombro. Não é em ter ella sido um grande Banco rural, como deliciosamente lhe chama o illustre collaborador da *Revista*, que ninguem ha de ir esmiunçar os motivos da sua desvantagem, a desejar conhecê-los, senão que nas imperfeições da sua economia e natureza, nos impoliticos privilegios que lhe concederam governos ineptos, nos gravosos encargos como que a oneraram, fazendo-a levantar o bello edificio da Academia de Commercio e Marinha, construir o solido caes que desde a Porta-Nobre corre, quasi completo, até a Cantareira, melhorar em muitos pontos o curso, e as margens do Douro, e perfazer tantas outras obras utilissimas e, finalmente, para não alongarmos razões, na inveja, na guerra constante que lhe moveram os inglezes, como testemunham os repetidos officios da corte de S. Jaimes apresentados pelo conde Kinnoull, pelo enviado E. L. y. por Walpole e outros.

Nestas, e em varias outras circumstancias, é que ha de procurar e achar as causas da má fortuna da Companhia quem, com animo sincero, as desejar conhecidas, e nunca em ter sido um Banco territorial, o que effectivamente não foi, senão em alguma diminuta feição, como já notamos.

Pelo que entende com as extinctas Ordens Religiosas e com as actuaes Irmandades e Confrarias das provincias, guarde-nos Deus de dizermos ao sr. *F. P. de M.* que nenhuma d'essas corporações fez, nem faz, uma unica operação de Banco territorial. — Este assumpto, porém, curiosissimo, o de determinar qual a influencia d'estas corporações na nossa agricultura, e o como podem tornar-se muito presntantes de futuro, ser-nos-ha convite para um artigo especial, quando tracejarmos um *projecto de bancos territoriaes em Portugal*.

Estrando, agora, com o segundo resultado, que o auctor teve em vista, — o negar abertamente a utilidade, ainda a minima, dos taes Bancos, tanto para a agricultura, como para os banqueiros, — escutemos-lhe, na expressão propria, os prantos do tão mal pago desaffogo.

Diz elle: « avultadissimos capitães espalharam estas corporações pelos proprietarios agricolas de todo o reino. Estes capitães ou já se perderam ou estão quasi perdidos, e contudo a agricultura nenhum melhoramento tirou d'elles... »

Acabado de transcrever este ultimo periodo, vemos-nos no apêrto de reflectir alguns momentos, para compôr a resposta. O *Instituto* é um periodico grave e cortez, quanto lhe cabe. Estuda, para discutir; discute, para esclarecer-se; esclarece-se, para evangelizar a verdade; lastima os desvios; mas não sabe insultar adversarios. O apodo picante e acerado deve cahir-lhe despontado e inoffensivo, se, por descuido, chegou a produzi-lo.

Replicando, pois, a esta menos-considerada arguição, simplesmente nos permittimos dizer que os avultadissimos capitães espalhados por todas essas corporações, se não adiantaram, quanto era possivel, a nossa agricultura, e, sobretudo, em intensão, a adiantaram, todavia, em muitas partes, e, principalmente, em extensão. Querer affirmar que a área cultivada, hoje, no nosso paiz é igual a que agricultavam nossos avós, um seculo atraz, ou mesmo dizer que nenhum processo se melhorou, nenhuma cultura nova se introduziu, nenhum instrumento se aperfeiçoou, e, enfim, que estamos, em tudo, como estavamos, é, apenas, vangloriar-se com uma opinião singular que todas as certezas desmentem. Os capitães, derramados de todas essas instituições, fecundaram, como não podiam deixar de fecundar, o solo em que cahiram; porque todo capital é trabalho accumulado, e todo trabalho é origem d'adiantamento.

Se é mister relembra-lo, o argumento que qualquer pôde tirar dos mosteiros, fundados em todas as nossas provincias, e superior a toda excepção. Em torno de cada mosteiro, desamparado no seu ermo, levantava-se logo a choça, e d'ahi a pouco apinhavam-se os caseaes, e as gandaras principiavam de cubrir-se de verdura, e as encostas a desentranhar-se em minas d'agua, e os cabeços a coroar-se de pinheiros. Passados nos muitos annos, a solidão era povoado, a esterilidade era abundancia, e a penuria afastava-se de dia para dia, e, por todos os lados, d'esse centro vivificador. Este é o facto incontestavel; e se d'elle não fluíram quantos bens podiam e eram para desejar, é por que algumas vezes o mosteiro, esquecendo as leis canonicas e as civis, aspirava a enriquecer, apertando o lavrador com usuras nada moraes, e exigindo-lhe, nas colheitas, as medidas estipuladas, que depois, pelo anno adiante, e em epocha propria, mandava vender aos mercados por preço vantajoso, vindo assim a tomar para si um lucro que deveria ser estimulo aquelle.

De tudo isto, porém, o que resalta, forçadamente, é a summa conveniencia de verda-



deiros Bancos territoriaes, e nunca os futeis lamentos de que esses capitaes se perdessem, e nenhum melhoramento tirasse d'elles a agricultura do nosso paiz.

Em seguida, alonga o auctor considerações em que desconhece as mais vulgares verdades d'economia politica, ignorando, sobretudo, que o primeiro capital da industria é o braço do artifice. Não o acompanharemos 'nellas, para virmos tomar-lhe conta do terceiro capitulo, substanciado d'esta maneira:—« Na Escossia não ha Bancos Ruraes; e os da Allemanha têm uma especialidade inapplicavel a Portugal. »

Ora, que na Escossia os ha, mais ou menos rigorosamente taes e muito proveitosos para a agricultura d'essa parte do reino-unido, poupa-nos repetit-o a citada obra de *Josseau*; e querer 'neste passo entrar-lhes pelas especialidades seria um lavor, alem de diffuso, inutil para o nosso proposito. E, demais, que conclusão racional se poderia tirar de ahi os não haver? ou de terem taes ou taes particularidades menos boas? — Pede-os, por ventura, algum, para Portugal, como esses taes a que o auctor allude? ou haverá mesmo sombra d'injustiça ou desgraça e erro economico na faculdade de venderem a hypotheca, quando o devedor falte, voluntariamente, ao contracto? — A nenhum d'estes quesitos é mister responder; visto como todo o que sabe pensar lhes responderá, para logo, com copia de razões instantes e conclusões.

Quanto agora a especialidade dos d'Allemanha, inapplicavel a Portugal, simplesmente nos cumpre, dizer que o sr. *F. P. de M.* a deduz d'um facto estranho á verdadeira natureza dos Bancos territoriaes, e esse mesmo apresenado d'uma maneira menos exacta; qual é o—« ser muito limitado o commercio e industria dos diversos paizes da Allemanha, e não podêrem portanto os capitalistas collocar ahí seus fundos. »

Se a considerarmos em relação a Inglaterra, não ha dúvida que assim é; mas, se a olharmos relativamente ás outras nações em que ha Bancos territoriaes, e absolutamente em si, não poderemos dizer, sem vergonhoso desconhecimento, que a industria e commercio interno d'Allemanha sejam *muito limitados*. E que o sejam ou não, o erro palmar do nosso articulista vê-se de tomar elle esta razão como fundamento, para os capitalistas collocarem seus dinheiros na agricultura, ignorando que os Bancos desejados não têm, por principio, a accumulção dos dinheiros dos capitalistas.

Mas, emfim, que os haja ou não na Escossia, e que os d'Allemanha tenham centenas d'especialidades, não é isso, por certo, argumento que nos iniba d'estudar os optimos que ha 'noutros paizes, e, menos ainda, que nos estorve d'importal-os, modificando-os com quaesquer

condições particulares nossas, ou com os melhores preceitos que a experiencia tem sancionado. O illustre collaborador da *Revista* campou em não dizer senão menos judiciosas ponderações; mas sempre, o que só é para lastimar em tão má causa, com arremettimento de verdades inimpugnaveis.

Finalmente, eis-nos com o ultimo capitulo das suas observações que compendiou d'esta forma:—« Para se crearem em Portugal Bancos ruraes é mister alterar toda a nossa legislação hypothecaria. »

Já, no começo d'este nosso imperfeitissimo trabalho, tocámos, ao de leve, este momentoso assumpto; sem, todavia, deixarmos de declarar, desde logo, que não acreditavamos plenamente insuperavel a difficuldade. Seremos agora mais explicitos.

A nossa legislação hypothecaria é um cahos em que o absurdo, a desordem, as incongruencias, e a facilidade de stellionato refervem, amalgamando-se e repellindo-se, d'um modo indecifavel e horrivel. A interpretação, apriorada e conscienciosa, dos juriconsultos adormece impotente, para só acordar, capciosa e voluvel, nas alicantinas do fóro. E isto facto conhecidissimo de todos os dias, para que hajamos necessidade de perder tempo em o descrever. Apertados por instante dever todos lhe supplicam remedio; mas, até hoje, de balde. Cada nova lei, na materia, é um novo escolho, na prática: as contradicções e as desconfianças ouriçam-se a cada hora, de mais em mais!

Virá, por ventura, o projectado Codigo Civil pôr termo a este vergonhoso e prejudicialissimo estado, adoptando o systema do *registro hypothecario* allemão, com algumas poucas modificações do francez, e sardo, e anniquillando o incoherente decr. de 24 d'outubro de 1836 e toda a mais, encontrada e cahotica, legislação posterior que entre nós tem sancionado o utilissimo principio do registro de todas as hypothecas? Desconfiamos que não, desgraçadamente.

Guardando, porém, sómente os nossos bons desejos de ver terminadas estas contendas, fujamos tão intrincada materia, para nos chegarmos ao nosso exclusivo thema, chamando a inquirição as razões com que o nosso auctor buscou provar a sua asserção. Diz elle: « Se creados os bancos ruraes se lhes não concedesse sobre as hypothecas um privilegio superior a todos...; os Bancos ruraes não podiam subsistir. » E dicto isto, desfere o seguinte *porque*:—(ouçamos-lh'o bem e com um só pequenino commentto, entre parêntesis, para lhe realçar a *justeza*)—« porque em breve se esgotariam os seus capitaes (quaes, se o Banco os não tem?) e em lugar d'elles só teriam demandas, cujo resultado era perderem uma grande parte do capital(?) e o resto que salvassem seria em bens rusticos

de pouco ou nenhum valor (notemos bem a phrase: *de pouco ou nenhum valor*). »

Efectivamente, o fecundo periodista quiz so zombar, escrevendo este *porque*. Não cabe em nossa humilde intelligencia ajuizar o contrario, — a não acollerermos o parecer de que quizesse experimentar a sua faculdade inventiva em imagens horrorosas!

Deslhemos um pouco mais o tal *porque*. —

Em primeiro lugar, diz que « em breve se esgotariam os haveres do Banco, confessando assim, sem, talvez, o querer, a extrema necessidade, a funda aueia que a nossa agricultura tem de capital que a vivifique; e desde logo vem com a terrivel apprehensão de que « em lugar d'elles só teriam demandas, » dando assim a entender, que os tomadores d'emprestimo não seriam lavradores honrados, mas velhacos apostados para burlar seus contractos e defraudar a generosa instituição: e, em segundo lugar, compraz-se em estampar, sem critica nenhuma, a tal assustadora conclusão, de que « o resto que salvassem (os Bancos) seria em bens rusticos de pouco ou nenhum valor, » como se os emprestimos fossem nunca possiveis sobre bens de *nenhum valor*!

Que todos estes dizeres não são senão infundadissimos, sabem-no quantos entendem a natureza d'estes Bancos; por isso que elles não concorrem para a negociação dos emprestimos, sem verificarem as qualidades do tomador, o fim para que são pedidos, e o valor e circumstancias do fundo terreal; e finalmente, porque, sobre tudo isto, jámais o emprestimo sobe a metade, ou quando muito a dois terços do valor venal do predio. ¿ Como pois admittir racionalmente, e em vista de tudo isto, ainda quando a practica o não tivesse, como tem, comprovado irrefutavelmente, que os Bancos se podem arruinar, e se arruinário sem remedio, segundo alliança o nosso auctor? Desprezou elle por acaso, escrevendo esse periodo, a experiencia dos outros paizes ou ignorava-a? . . . .

Depois d'estas primeiras razões, ou melhor, des-razões, com que veio a lume, para vigorar a sua asserção, eis-nos com o seu ultimo periodo que a todos os respeitoos deve ser tido como ultimo. Na sua integra, e sem scholios, reza assim: « Na hypothese de se lhes conceder aquelle privilegio, os males seriam de maior magnitude; porque não era só o Banco que os soffreria: os seus effeitos seriam acabar todas as hypothecas legaes e privilegiadas, ficando sem segurança alguma o que tivesse emprestado capital para se edificar ou adquirir a hypotheca, a mulher casada para o seu dote, o orphão sobre os bens do tutor, e semelhantes: subvertia-se finalmente a ordem social! »

Sancto Deus! ate onde a cegueira pôde arrastar um escriptor e um ministro! Uma de duas: ou o ex.<sup>mo</sup> sr. F. P. de M. não

pensou o que escrevia, ou não escreveu o que pensava. Confundindo ou não sabendo algumas claras disposições da nossa legislação hypothecaria, mal podia crer que, escrevendo o pavoroso corollario « SUBVERTIA-SE FINALMENTE A ORDEM SOCIAL, » estampava o mais perduravel testimonho da sua insciencia 'nestes assumptos! Valha-nos Deus com estes escriptores que, sem o quererem, tanto mal estão fazendo ao progresso do nosso paiz, com as suas incurias e erros diarios!

Se o collaborador da *R. Univ. Lisb.* quizesse dar-se o incommodo d'estudar a legislação vigente, acharia que, sem mesmo se conceder ao Banco sobre as hypothecas um novo privilegio, superior a todos, nenhum dos casos que aponta, ou outros semelhantes, e aos quaes appensa o terrivel « *subvertia-se a ordem social!* » poderia já preferir á hypotheca do Banco. No actual estado da nossa legislação e através dos labyrinthos das disposições posteriores, o assento d'esta materia, ainda venerado no fóro, é, para o nosso caso, a lei de 20 de junho de 1774: — e ahi, depois d'estabelecida « a regra geral decisiva » no concurso das preferencias, diz o §. 36: « Exceptuo em terceiro lugar o credor, que concorreu com os seus dinheiros para se romper, e reduzir a cultura qualquer paúl, ou terra inculta, para que, a respeito das benfeitorias, seja primeiro graduado, que outro qualquer credor, por mais antigo, e privilegiado que seja. »

Dicto isto, será ainda mister trazer mais alguma razão, para demonstrar quão de leve andou no seu artigo o nosso auctor? Cremos que não.

E por isso e por que já vai extensa em demasia esta nossa imperfeitissima memoria aqui lhe pomos fecho, sonogando escriptas muitas considerações e deducções que o leitor, ainda sem o pensar, sentirá claras e decisivas, para a verdade que sustentamos. A. A.

## PRELEÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

### PARTÉ 1.<sup>a</sup>

#### Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.

Continuado de pag. 205.

#### CAPITULO II.

*D. Affonso VI podia dar a soberania de Portugal ao conde Henrique, separando este reino dos de Castella e Leão.*

Os escriptores de direito publico questionam se o soberano pôde alhear todo ou parte do territorio, que lhe está sujeito.

Uns dizem que este poder não faz parte dos direitos da magestade porque o summo imperio foi destinado para o imperante administrar a república, e não para a alhear, e transferir para outrem como se fosse patrimonio seu proprio.

Outros fazem differença entre os reinos patrimoniaes e usufructuarios, e dizem que nos segundos o soberano, que governa o estado como usufructuario, salva a propriedade, não tem faculdade de alhear o imperio ou alguma parte d'elle; mas que nos primeiros, por isso mesmo que possuiu aquelle territorio como senhor, pôde usar livremente d'este dominio, e dispor, a seu arbitrio, das provincias, que lhe obedecem, da mesma maneira, que disporia de seus bens e fazendas <sup>1</sup>.

Esta opinião, porém, é alheia da razão e contraria aos principios de direito publico. *Dominio e imperio* são cousas muito diversas e que nenhum parentesco tem uma com a outra. O Senhor tem um direito absoluto de usar a seu arbitrio das cousas, em que tem dominio, de converter em utilidade propria todos os seus fructos e rendimentos, e até de abdicar de si o senhorio d'ellas, e transferir-o para outrem, com os pactos e condições, que bem lhe parecerem.

Pelo contrario o imperante não procura a propria utilidade mas a da Nação a que preside. E a este fim deve dirigir todo o seu cuidado e applicação. Por consequencia elle não pode ceder perpetuamente os direitos do summo imperio, que tem para administrar a república, a um terceiro que não foi chamado pelas leis fundamentaes; não pode alienar livremente o estado e seus habitadores do mesmo modo que algum aliena os seus bens e possessões.

Mas posto que estes principios sejam verdadeiros em these, e seja certa a proposição, que o direito de alhear arbitrariamente todo ou parte do Estado não é inherente ao summo imperio nem se deve contar entre os direitos magestáticos; contudo pôde haver muitos casos, em que o soberano pelo concurso de circumstancias particulares aliena justamente parte de seus estados, pelo pedir assim a utilidade e conservação do todo, a qual sempre deve ser para elle lei sagrada. E isto é o que effectivamente aconteceu na doação de Portugal feita por D. Affonso VI a seu genro.

Para nos persuadirmos da justiça d'esta doação, cumpre advertir que de trez maneiras, ao que entendo, podemos considerar valida e legitima a alheação, que faz um soberano de parte ou de todo o seu Estado.

1.<sup>a</sup> Quando aliena parte do reino para salvar o resto, como por exemplo, no fim de uma guerra, em que os vencidos cedem aos vencedores uma porção de territorio para

cessarem as hostilidades e evitarem a perda total.

2.<sup>a</sup> Quando as leis fundamentaes, pacto ou costume, constantemente practicado, d'aquelle imperio admittem similhante desmembração; como se o Rei por lei ou costume legitimo costuma dividir o reino entre seus filhos por testamento, ou dar parte d'elle em dote às filhas, ou tambem se conquistando alguma provincia, no tractado da entrega se pactuou que ella poderia ser desmembrada do imperio a que accedia, e erigida em reino separado quando ao vencedor lhe parecesse conveniente.

3.<sup>a</sup> Quando os povos, que habitam a parte desmembrada, se sujeitam espontaneamente ao novo soberano, e não tentam sacudir o jugo e restituir-se à liberdade natural, porque d'esta maneira ainda que a desmembração fosse ao principio injusta vem a revalidar-se depois, e a auctoridade do novo principe fica estavel e permanente pela subjeição do povo e pelo seu consentimento.

Ora por todos estes trez principios se mostra, que D. Affonso VI podia justamente separar Portugal da corôa de Hespanha para o doar ao conde Henrique. Porquanto:

1.<sup>o</sup> esta doação foi feita no tempo em que os reis de Hespanha trabalhavam em expulsar os mouros das terras que occupavam. E por consequencia a segurança e conservação do Estado pedia que em uma provincia situada nas fronteiras, e por isso mais exposta aos ataques dos mouros, se desse o imperio supremo e absoluto a um capitão experimentado, o qual não só a defendesse, mas a fosse dilatando, e ganhando aos inimigos novas terras: o que elle não faria com tanto zelo se houvesse de conquistar para outrem.

2.<sup>o</sup> Não consta que as leis fundamentaes de Hespanha prohibissem a divisão <sup>2</sup>; antes se mostra com repetidos exemplos, que era costume antiquissimo dividirem os reis entre seus filhos os estados de que eram senhores. E sem irmos mais longe achamos logo um exemplo em D. Fernando o Grande, pae de D. Affonso VI, o qual em seu testamento dividiu as provincias e cidades que lhe obedeciam entre seus filhos, Sancho, Garcia e Affonso, e suas filhas Urraca e Elvira <sup>3</sup>.

Deve tambem advertir-se que 'nesta repartição foi Portugal uma das provincias desmembradas e fez a porção de D. Garcia. E por consequencia D. Affonso VI não fazia mais que seguir o exemplo de seu pae, não

<sup>1</sup> Vid. Genuens. de officiis L. 11, c. 7, n.º 10.

<sup>2</sup> Julgo que assim era no tempo de D. Affonso VI porque seu pae repartiu a Hespanha entre os filhos. Mas depois achamos a divisão prohibida na partid. 2.<sup>a</sup> tit. 15 liv. 5, onde se diz que isto é fôto e estabelecimento antigo.

<sup>3</sup> Este costume não era particular da Hespanha. Em França os reis da primeira e segunda raça, partiam os estados entre seus filhos a seu arbitrio, *Diction. Univer. art. France* t. 19, p. 579.

so em alienar parte de seus estados mas até em observar 'nesta alheação e desmembração a mesma forma, que elle tinha practicado.

Nem esta forma de divisão era já nova no tempo de D. Fernando, pois Fr. Antonio Brandão mostra que já antes d'elle, assim no tempo dos Suevos, Alanos, e Godos, como no dos reis de Leão tinha Portugal sido por varias vezes reino separado de Hespanha, e sujeito a seu Rei proprio.

3.º Finalmente, ainda que não houvesse estas razões, e D. Affonso VI effectivamente não tivesse poder para desmembrar o reino e dar Portugal ao conde Henrique; para esta separação ficar valida e se julgar legitima bastaria a tacita acceitação do povo, provada pelo unanime consentimento com que se sujeitou ao novo principe e reconheceu o seu imperio.

Todos os monumentos d'aquelle tempo attestam a sujeição dos portuguezes, o amor, e lealdade, com que obedeceram a seus novos soberanos e a total separação em que se puzeram a respeito de Hespanha, de cujos reis nunca mais quizeram depender, fazendo os ultimos esforços para lhes resistirem todas as vezes que elles voltaram as armas contra Portugal.

Concluimos, pois, que D. Affonso VI *podia* transferir para o conde Henrique a soberania de Portugal; porque esta desmembração era de summa importancia para a conservação do imperio hespanhol, era autorizada pelo costume e repetidos exemplos de seus antecessores, e foi ratificada pela acceitação e unanime consentimento dos portuguezes.

Sendo pois certo, que D. Affonso VI *podia* fazer a doação, resta ver se elle *realmente* a fez.

#### CAPITULO III.

*D. Affonso VI deu ao conde D. Henrique a soberania de Portugal, quando lh'o dotou. I. O conde Henrique era senhor absoluto de Portugal ao tempo da morte de seu sogro.*

Os escriptores da Historia de Portugal não convêm na epocha, em que o nosso reino se separou de Hespanha e entrou a ser Estado independente.

Julgam uns que isto acontecêra logo no principio, e que o conde Henrique recebera de seu sogro o senhorio absoluto do territorio, que lhe foi dotado na occasião, em que casou com D. Thereza. É esta opinião de Duarte Nunes de Leão<sup>2</sup>, de Manuel de Faria e Sousa<sup>3</sup>, de Francisco Velasco de Gouvêa<sup>4</sup>,

de André de Rezende<sup>5</sup> e de João Pinto Ribeiro<sup>6</sup>.

Outros fixam a independencia do nosso reino no tempo, em que nasceu D. Affonso Henriques; e dizem que D. Affonso VI cheio de contentamento pelo nascimento de seu neto, livrara o conde Henrique de toda a sujeição, e lhe concedera a soberania das terras de Portugal, as quaes elle até então havia possuido como feudo dependente da corôa de Leão. O auctor d'esta opinião é Fr. Bernardo de Brito<sup>7</sup> e pela sua auctoridade a seguiram alguns, principalmente em nossos dias<sup>8</sup>.

Finalmente outros querem que os portuguezes se livrassem do poder de Hespanha por violencia e meios de facto, e não por direito. E dizem que isto acontecera no tempo de D. Affonso Henriques, o qual havendo conseguido muitas victorias dos mouros foi aclamado Rei pelas suas tropas antes da batalha do campo d'Ourique, e sendo confirmado pelo summo Pontifice, fez o reino tributario á Sé apostolica. Assim o dizem Marianna, Sandoval, e geralmente os auctores hespanhoes<sup>9</sup>, entre os nossos, Duarte Galvão, e Rodrigues Mendes da Silva<sup>10</sup>. E até alguns seguem que o feudo e vassalagem de Portugal durára até o tempo de D. Affonso III<sup>11</sup>.

O ponto seria facil de decidir se tivessemos a doação feita ao conde Henrique, mas Fr. Antonio Brandão afirma que ella se não acha nos archivos de Portugal nem de Castella, e que apezar das diligencias, que fizera na torre do Tombo, e consultas a pessoas doudas não podera descobrir luz alguma. Tambem falta a noticia do testamento de D. Affonso VII no qual, segundo o costume d'aquelles tempos, é provavel que se achasse alguma declaração ácerca da maneira com que elle havia disposto de seus estados.

É verdade que o bispo de Tuy, Prudencio de Sandoval, na chronica de D. Affonso VII diz que Portugal ficou por testamento de D. Affonso VI a sua filha. Mas não declara se colheu isto do mesmo testamento, ou se o refere pelo que vulgarmente se diz, e escrevem alguns auctores.

Nestas circumstancias todo o nosso discurso se fundará em argumentos de conjectura, deduzidos da combinação dos factos, que nos offerecem as memorias d'aquelle tempo; e o caminho que seguiremos será este: sendo

<sup>1</sup> Antiquit. Lusit. IV de Oriciens. agr.

<sup>2</sup> Injustas success. dos reis de Leão e Castella §. 3.º tom. 2.º pag. 67.

<sup>3</sup> Mon. Lus. P. II, liv. 7, c. 30.

<sup>4</sup> Deduct. chronol. Paschoal Hist. Jur. Lus. c. V §. 36.

<sup>5</sup> Mariana L. X, c. 1. *Illescas* tom. I in fin. *Sandoval chron. de Affonso VII*.

<sup>6</sup> Galvão, *Chr. de D. Affons. Henr.* cap. 1. *Rodr. Mend. da Silo. Genealog. Real de Hespanha*.

<sup>7</sup> Veja-se Fr. Aut. Brand., *Mon. Lus.*, P. III, liv. 8, cap. 3 pr.

<sup>1</sup> Mon. Lus. P. III. Liv. 10, cap. 6.

<sup>2</sup> Chron. do conde D. Henrique.

<sup>3</sup> Europ. Port. tom. II, P. 1, c. 1 n. 1.

<sup>4</sup> Josta acclam. de D. João 4.º, P. 2., Pont. 1.º §. 11.

certo que nossos reis chegaram a ser soberanos absolutos de Portugal sem dependencia de Castella, como todos confessam, em que tempo é mais provavel, que o nosso reino adquirisse esta independencia, e ficasse sendo um Estado separado de Hespanha?

Entre as diversas opiniões, que ficam referidas, parece-nos mais provavel a que fixa a epocha da independencia de Portugal no tempo, em que foi dado em dote a D. Henrique. E julgamos que D. Affonso VI lhe dera logo nesta occasião todos os direitos de soberania, sem alguma obrigação de feudo ou outro signal de sujeição.

Para provarmos isso mostraremos:

1.º que o conde Henrique e seus successores foram soberanos em Portugal sem dependencia alguma dos reis de Leão desde o tempo em que D. Affonso VI morreu:

2.º que, provada a independencia de Portugal já neste tempo, não ha outra epocha em que se lhe possa assignar o principio com tanta probabilidade como na occasião do casamento do conde Henrique.

### I.

*Portugal era independente de Hespanha ao tempo da morte de D. Affonso VI.*

O primeiro fundamento com que se prova esta proposição, é o absoluto silencio dos escriptores e monumentos antigos. Fr. Antonio Brandão desafia os que seguem a opinião contraria, para que lhe apontem alguma escriptura ou memoria antiga, digna de fé, em confirmação d'ella.

Nem basta dizer-se que este argumento é negativo e por isso não prova: porque não são estas cousas de qualidade, que, se alguma hora se pozessem em execução, deixasse de ficar d'isso alguma memoria.

A este silencio dos monumentos accresce, que D. Rodrigo arcebispo de Toledo, escriptor antigo, supposto se persuadissem, que Portugal estivera sujeito a Castella até á morte do conde Henrique, isto é, ainda trez para quatro annos depois da de D. Affonso VI e assim o diga em um logar (a que logo responderemos), contudo continuando a fazer menção das cousas de Portugal, nunca mais toca em semelhante sujeição, nem a supõem existente no reinado seguinte.

É, pois, o seu silencio uma grande prova a nosso favor, pois sendo contemporaneo de D. Affonso II e D. Sancho II, hespanhol e apaixonado pela sua patria, se não calaria, nem deixaria de chamar rebellião ás guerras de D. Affonso Henriques contra Castella.

Mas além do seu silencio temos outro ar-

gumento na maneira com que elle relata o caso da prisão de D. Affonso Henriques, quando foi captivado em Badajoz por D. Fernando Rei de Leão; pois diz que offerecendo-lhe D. Affonso Henriques o reino em resgate, Fernando lhe respondera, que se contentava de que elle lhe restituísse as terras, que lhe havia tomado em Galiza e outras partes, e que ficasse embora com o reino de Portugal, que lhe pertencia.

2.º Prova-se isto mesmo da guerra, que moveu o conde Henrique a sua cunhada D. Urraca, Rainha de Castella, depois da morte de D. Affonso VI. Diz Fr. Antonio Brandão, que a causa d'esta guerra fôra querer Henrique succeder no imperio de Hespanha, por cabeça de sua mulher, a quem como a filha<sup>1</sup> mais velha pertencia a corôa; e que por isso proseguira pelas armas o direito que julgára pertencer-lhe.

É certo que esta opinião tem muita difficuldade, pelo que pertence a affirmar que D. Thereza era mais velha que D. Urraca. Mas seja isto como fôr, sempre na historia d'esta guerra achamos o que nos basta para o nosso intento; a saber que ella se fez entre Castella e Portugal, como entre dous Estados soberanos e independentes; que D. Urraca tractou o conde Henrique de igual, sem que nem da parte d'este appareça acto de sujeição, nem da parte d'ella pretensão de superioridade.

3.º Por morte do conde Henrique governou a rainha D. Thereza por espaço de dezeses annos, e em todo este tempo não apparece acto algum de sujeição que ella fizesse a sua irmã. Antes consta que a rainha de Castella celebrou contracto com a de Portugal, no qual lhe promete muitas terras em Castella e Leão, com condição que lhe não fizesse guerra, nem dêsse favor a seus contrarios.

E até parece que D. Thereza estava persuadida que o reino ficára sendo seu por morte de seu marido, e que em quanto visse podia reinar com exclusão de seu filho, e até dispor da corôa a beneficio de quem quizesse.

Dá logar a esta conjectura a repugnancia que ella mostrou em largar o governo, sendo necessario a D. Affonso Henriques, quando chegou á idade propria para reinar, fazer-lhe guerra, e obrigar-a por força a descer do throno, e o facto que refere Brandão, apoiado na Historia dos Godos; a saber, que ella como senhora proprietaria d'este reino escolhera para successor a D. Bermudo Peres, casado com D. Urraca sua filha.

<sup>1</sup> *Roderic. Tolet., de reb. Hispan.*

<sup>2</sup> *Mon. Lus., P. III, liv. 8, c. 9.*

<sup>3</sup> *Brand. Mon. Lus. d. P. III, L. 8, c. 9.*

<sup>4</sup> *Mon. Lus. P. III, L. 9, c. 23. Vej. a Chron. Goth.*

que vem no Append. d'esta P. III, n.º 1.º

<sup>1</sup> D. Affonso VI morreu em 1109, e D. Henrique em 1112.

<sup>2</sup> Vej. Fr. Ant. Brand., *Mon. Lus., P. III, L. 8, c. 9.*

4.º Elrei D. Afonso VII de Castella havendo alcançado algumas victorias dos Mouros, Aragonizes, e Navarros, celebrou côrtes na cidade de Leão em 1134, e 'nellas tomou o titulo de imperador, dizendo (como refere Marianna'), que lhe parecia, pois tinha por sujeitos e feudatarios os Aragonizes, os Navarros e os Catalães com parte de França, que bem lhe quadrava aquella corôa e magestade.

Ora quem duvida que se Portugal fosse então feudo da corôa de Hespanha o havia certamente nomear entre os outros? Logo, esta omissão prova que nem o nosso reino tinha alguma sujeição a Hespanha, nem os reis de Hespanha a pretendiam. E esta segunda parte mostra, que elles não descobriam o mais leve pretexto para aspirarem a similhante direito, porque alias seria impossivel que D. Afonso VII não contasse Portugal entre os feudos de Castella.

Nos vemos que os reis põem nos seus titulos estados, que não têm, so porque algum dia os possuiram ou porque têm pretensões a elles. Como deixaria, pois, Afonso VII de metter o senhorio de Portugal entre os outros de que faz menção, se com effeito o tivesse, ou se seus antepassados o houvessem tido, e elle julgasse que lhe pertencia?

De tudo isto se conclue que Portugal era já então reino separado da Hespanha, em o qual os nossos principes exercitavam um poder absoluto e independente, não apparecendo depois, da morte de Afonso VI, facto algum, que prove sujeição a Castella.

*Continúa.*

## VERSÃO DAS ELEGIAS DE A. TIBULLO.

Continuado de pag. 251.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### ELEGIA OITAVA.

D'um terno riso, d'amoroso acêno,  
De meiga phrase murmurada a occultas,  
Nunca pude esquivar-me a abrir o enigma!  
E não, que eu sortes haja, ou conscias fibras,  
Nem que das aves o trinar me agoure:  
Preso em magas prisões, a mesma Venus,  
Não sem muito penar, foi minha mestra.  
De fingir cessa, pois; Amor abraza,  
Quem constringido a seu poder se acurva.

Que te aproveita agora o fino esmero  
No annelar dos cabellos delicados,  
E haver-lhes tanta vez mudado a fôrma?  
De brilhante carmim ornar as faces,  
E ter-te douda mão cuidado as unhas?

Já embalde o vestido, embalde o amicto  
Varias, e teus pés apouca justos  
A livela apertada. — Ella te enleva,  
Bem que sem fucos venha, ou se lhe ennaestrem,  
Com mimos d'arte, as nitidas madeixas! —  
¿ Da noite, acaso, no silencio a velha  
Com philtros te embruxou, com magos carmes?  
Seu canto da campina attrae os fructos:  
Seu canto á serpe irada o rastro pára;  
E até seu canto do saudoso carro  
Tenta a lua descer, e, a não soarem  
Os ares percutidos, conseguira-o.

¿ Mas ai! louco de mim! porque lamento,  
Que ao misero damnasse o philtro? os carmes?  
Feitiços não emprega a formosura:  
— Seu damno foi roçar o lindo corpo,  
Longos beijos beber nos roseos labios.

Difícil, pois, não sejas tu ao moço;  
Que Venus a altivez com maguas pune.  
Nem dadas exijas; dons offerte  
Velho amante importuno, suspirando  
Em teu seio aquecer os tibios membros.  
D'assetinada face, e sem a barba  
Aspera a maguar no abraço, um moço  
Gentil é bem mais caro do que o ouro;  
E, em teus candidos braços enleando-o,  
Regias pompas desdenha, engeita, ó Phóloe!

Nem diamantes, nem perolas ajudam  
A que adornere em solitario leito  
Sem requestos d'amor, no frio inverno.  
Ah! tarde o amor, bem tarde a juventude,  
Quando alveja a cabeça, é suspirada:  
Então, mil arrebiques; — o cabelo,  
Da noz co' a verde casca então se tinge,  
Os annos mascarando; então, se arrancam  
Os que mais brancos a cabeça affeiam  
E as faces com pommas se remoçam.  
Mas, tu gozos requinta, em quanto o tempo,  
Que rapido se esvae na leve fuga,  
Teus dias orna de recentes flores.  
Maratho não opprimas; — ¿ em vencel-o  
Que gloria colhes? Contra o torpe velho  
Te encrudesce, donzella. Ao joven poupa;  
Eu t'o rogo: — não é d'epilepsia  
Atroz soffrer, é seu amor immenso  
Que assim lhe rouba a côr, e o traz tão pallido!

Ai, misero! que prantos dolorosos  
Do peito arranca contra a tua ausencia;  
Que lagrimas saudosas não derrama!  
— Porque assim me despreza? (exclama o triste);  
Vencível era a guarda: ao terno amante  
O deus d'amor a seduzir ensina;

<sup>1</sup> Omittimos aqui um verso e mais abaixo outros pela mesma razão por que já cerceámos alguns na Elegia 4.ª  
(*Instit.* V vol. pag. 238).

<sup>2</sup> Vid. not. anteced.

E eu sei de Venus as furtivas traças:  
 Como brando exhalar suspiro ansioso  
 E sem ruido algum colher mil beijos,  
 Como, alta noite, me introduza occulto  
 E sem nenhum sussurro as portas abra.

Mas artes taes que valem, se despreza  
 Meu pobre coração e foge ingrata

Até do proprio leito; ou, se promete,  
 Pérfida, em breve, meu querer illude,  
 E a noite passo minha dôr velando!

Se acaso me affiguro que donosa  
 Ha de vir a meus braços, doido creio  
 O minimo rumor ser d'ella a planta!... —

Estanca, moço, para sempre os prantos,  
 Que não se dobra a ingrata, e já teus olhos,  
 Cançados de chorar, te volvem cego!

Lembro-te, ó Phóloe, que desdens odeiam  
 Os deuses immortaes, nem os abranda  
 Nas sacras aras o queimado incenso.

Tambem Maratho, outr'ora, não prevendo  
 Que um deus ultriz sobre elle se librava,  
 Tristes amantes motejava nescio:  
 E até se conta, que dos prantos rira,  
 Detendo em van espera ansioso amante.  
 Hoje, orgulhos detesta; hoje, insofrido  
 Da porta encêra as chapeadas trancas.

— Se não refreas a vaidade, o Phóloe,  
 O castigo te aguarda. — Com que votos  
 Ai! d'este dia aneiarás a volta!

A. A.

## 0 DR. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA<sup>1</sup>.

O varão, de quem passo a dar uma ligeira idéa, foi um d'aquelles phenomenos raros, em sciencias exactas, e que deixou um nome glorioso á sua patria, nome que o tempo, que tudo gasta, não poderá riscar da memoria dos sabios, que tanto se empenham sempre em transmittir á posteridade a noticia dos grandes homens, que por suas letras e virtudes se apartam do vulgo ignorante, e adquiriram um nome eterno, tal como o illustre sabio, de quem tenho a honra de fallar.

O Dr. José Monteiro da Rocha era natural de Canavezes, onde nasceu no dia vinte e cinco de junho, do anno de mil setecentos trinta e quatro. Florescia então a Companhia de Jesus, e as artes e sciencias não estavam tão atrasadas, como algumas pessoas dizem, antes bastantes provas e documentos se nos apresentam de contrario, e que dão incontestavel testemunho do que era Portugal 'nessa epocha.

<sup>1</sup> Transcrevendo da *Instrução Publica* estes apontamentos biographicos de um dos sabios mais eminentes que honraram a Universidade, cremos, que prestamos grato serviço a nossos leitores.

Um genio tão grande, como o de José Monteiro da Rocha, não podia deixar de attrair as vistas e attentões dos Jesuitas, que tiveram o gosto de o registar no cathalogo dos seus companheiros, e a honra de o possuir no seu gremio, onde se conservou até á expulsão da mesma Companhia.

Expulsos os Jesuitas de Portugal, José Monteiro da Rocha se retirou para a Bahia de Todos os Sanctos, d'onde voltou depois ao reino, e estabeleceu a sua residencia em Coimbra.

Foi aqui que elle tomou conhecimento com D. Francisco de Lemos, reitor da Universidade, o qual o apresentou ao Marquez de Pombal, para ser um dos collaboradores dos estatutos da mesma Universidade, no anno de mil setecentos e setenta e dous.

Por decreto de onze de setembro do mesmo anno, foi provido na cadeira de Sciencias Physico-Mathematicas; por decreto de sete de outubro, do mesmo anno, foi admittido a receber o gráu de doutor, e incorporado na faculdade de mathematica, o qual lhe foi conferido no dia nove do dicto mez e anno, pelo ex.<sup>mo</sup> Marquez de Pombal, logar tenente de Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. José I, na reforma da Universidade de Coimbra, cuja solemnidade teve logar na sala grande dos actos.

Por carta regia de quatro de junho de mil setecentos oitenta e trez, foi o Dr. José Monteiro da Rocha nomeado para a cadeira de Astronomia. Em virtude do regio aviso de trinta e um de julho do mesmo anno, foi nomeado vice-reitor da Universidade, pelo ex.<sup>mo</sup> Principal Castro, reformador reitor, começando a exercer o dicto logar em outubro, do mesmo anno, e continuou a exercel-o até ao dia vinte e trez de maio de mil oitocentos e quatro, em que foi chamado á côrte, por haver sido nomeado pelo Senhor D. João VI, então Principe Regente d'estes Reinos, mestre do Serenissimo Principe da Beira, e dos Serenissimos Senhores Infantes, seus irmãos, como se pôde vêr da Nobreza Litteraria, que dei á luz em 1834.

O Dr. José Monteiro da Rocha havia sido jubilado na cadeira de Astronomia, com as honras e privilegios da mesma, por carta regia de quatro de abril de mil setecentos noventa e cinco. Por outra carta regia, da mesma data, foi nomeado na qualidade de decano da faculdade de mathematica, e lente de Astronomia, director perpetuo da referida faculdade, e do Observatorio Astronomico da Universidade.

Por carta regia de dois de junho, de mil oitocentos e um, obteve a mercê da commenda de Portalegre, na Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo (sendo já conego magistral da Sé de Leiria, desde o anno de mil setecentos noventa e um); estes beneficios foram conce-

didos aos professores da faculdade de mathematica, pela *Bulla Scientiarum omnium*.

Finalmente por carta regia de dezoito de agosto de mil oitocentos e quatro, foi o Dr. José Monteiro da Rocha conservado em todas as preeminencias, e ordenados do logar de vice-reitor, podendo nelle ser empregado de novo, quando o real serviço o permittisse.

Não podendo acompanhar ao Rio de Janeiro os seus reaes discipulos, em mil oitocentos e sete, por se achar na idade de setenta e trez annos, e cansado de tantos trabalhos, e serviços á sua patria, falleceu na sua quinta de S. José de Ribamar, no dia onze de dezembro de mil oitocentos e dezenove, deixando por herdeiro da sua livraria a seu augusto discipulo o Senhor D. Pedro IV, então principe: esta livraria se acha hoje na real bibliotheca de Sua Magestade, na Ajuda.

Tractam da vida e escriptos do Dr. José Monteiro da Rocha — *O Magazin Encyclopedic*. 1.º vol., 1803, pag. 247 — 2.º vol. pag. 83. *Almanak do Barão de Zach*, maio 1803, pag. 445 e 453. *Lalande*. Astronomie, pag. 871, art. 11. Em Portugal não me recordo ter visto cousa alguma acerca d'este sabio.

Não se me estranhe, que não sendo eu mathematico, publique estes apontamentos biographicos do Dr. José Monteiro da Rocha; tambem não sou medico, nem cirurgião, e tenho prompta para dar á luz, uma *Nobiliaria Medica*, com a noticia dos *physicos mōres, cirurgiões mōres, mellicos e cirurgiões da real camara*, desde o Senhor Conde D. Henrique, até Sua Magestade Fidelissima, o Senhor D. Pedro V, que Deus guarde, tudo provado com documentos de fe indubia, e segundo o systema da minha *Nobreza Litteraria*, tão apreciada dos nacionaes intelligentes, como dos sabios estrangeiros.

Lisboa, 20 de janeiro de 1838.

FRANCISCO ANTONIO MARTINS BASTOS.

## BIBLIOGRAPHIA.

*Almanak de Coimbra para 1838, segundo depois do bissexto. Primeiro anno da sua publicação.* 1 vol. in 8.º Coimbra: typ. de J. T. A. Pacheco. 1837.

O Almanak não é novo em Portugal. O primeiro, de que temos noticia, foi publicado em 1782, época, em que alguns membros da academia real das sciencias o redigiram com o titulo de *Almanak de Lisboa*, e continuaram depois por alguns annos. Mas seguiu-se um longo espaço de tempo, sem que este fosse secundado por outros escriptos do mesmo genero. Vivia, vida robusta, é verdade; mas

desacompanhado, e mais como publicação scientifica, do que meio de instrucção popular.

Só mais tarde é que o Almanak foi vulgarisado entre nós. Deve-se este serviço aos redactores do jornal litterario a *Revista popular*, pela publicação do seu *Almanak popular*. Depois foi como um diluvio d'elles: estava já introduzido o gosto: o povo lia: instrua-se; e procurava pelo seu livro. Data d'então o grande desenvolvimento, que têm hoje estes escriptos, sobresaindo a todos o excellente Almanak de lembranças do sr. Alexandre Magno de Castilho.

Contudo Coimbra só para 1837 deu o seu primeiro Almanak. *Folhinha popular curiosa e instructiva*, tal foi o modesto titulo com que appareceu, publicado na Imprensa de Trovão e C.ª em 1836, este livro, que alem de muitos acontecimentos historicos notaveis, épocas civis e politicas, antigas e modernas, continha, em linguagem popular, varias noções de astronomia, physica, meteorologia, etc. Posto que publicado anonymo, sabemos que um dos collaboradores d'este Almanak era o distincto lente de mathematica, o sr. Antonio Honorato de Caria e Moura.

A segunda tentativa d'este genero, emprehendida em Coimbra, foi o Almanak d'Instrucção Publica do sr. José Maria d'Abreu, lente cathedratico de philosophia; publicação, que já tem sido avaliada pela imprensa do paiz e do estrangeiro, e de que este jornal fallou em tempo competente.

Hoje cabe-nos noticiar um terceiro ensaio no livrinho, que ha pouco sahiu á luz, fructo do estudo e meditação de dois jovens d'esta terra, bastante instruidos e sobre maneira modestos.

Lêmo-lo com avidez: e por entre os variados artigos, de que consta, achámos muitos de subido interesse e reconhecido merito. E ainda que o não consideramos uma obra completa no genero, julgamo-lo muito superior a um primeiro ensaio litterario, como este foi para seus auctores.

É sobre tudo recommendavel a ordem que presidiu á confecção d'este Almanak. Os sessenta e trez artigos, que o compõem, são pela maior parte de mui proveitosa instrucção, e foram escolhidos com muito acerto e bom gosto. Com effeito distribuir pelos dias do anno os acontecimentos mais notaveis da historia: commemorar alguns d'elles, tractando de preferencia os que directa ou indirectamente dizem respeito á nossa Coimbra, foi um optimo pensamento, que tornou o livro assaz apreciavel, e lhe deu merecida popularidade.

Não podemos todavia, já que fallamos d'este ponto, eximir-nos a lembrar aos jovens auctores, que dar maior desenvolvimento a esta parte do Almanak seria um grande serviço prestado á instrucção do povo; e que nos pareceu tambem, permitta-se-nos a phrase, muito



*pesada de poesia, ou antes de versos, esta publicação. É certo que os conhecimentos históricos são os que mais contribuem para a instrução; e a poesia, que instrue e deleita, deve ser aproveitada, mas com muita reserva. Em bellas letras não ha meio termo — ou hom ou nada. Algumas poesias ha no Almanak dignas de ahí figurarem; mas tão grande abundancia d'ellas cança o leitor, e diminue o valor do livro.*

No artigo—*Ephemerides historicas de Coimbra* — notamos, que alguns acontecimentos, ahí apontados, são demasiadamente pueris, para merecerem as honras de commemoração historica: e, posto que crêmos na boa fé e imparcialidade dos auctores, pedimos-lhes que de futuro remedeiem este inconveniente, mesmo para se não suppor, que influíu o espirito partidario na escolha dos objectos commemorados.

Lançamos aqui estes reparos com o fim unico de contribuir para o melhoramento d'um escripto de tanta utilidade; e posto que lhe encontremos alguns defeitos, se nos annos seguintes os seus auctores quizerem proseguir 'nesta empresa, desde já lhes agouramos, que o seu Almanak ha de ser um dos mais estimados, com especialidade em Coimbra, e 'nesta provincia.

Recebam pois os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, e Pedro Augusto Martins da Rocha, os nossos sinceros parabens por esta publicação, que lhes faz honra: e releve-nos a sua modestia o não termos podido resistir a estampar-lhes aqui os nomes, a despeito da contrariedade que com isso hão-de soffrer. São dignos de se tornarem conhecidos dois mancebos, applicados e intelligentes, que trocam os gozos e passatempos da sua idade, pelos incommodos e trabalhos do estudo, desgraçadamente tão mal retribuidos entre nós.

A. J. T.

## NOTICIÁRIO.

**Mar de sargaços.** — O mar de sargaços está situado entre os Açores, as Canárias, e as ilhas de Cabo Verde. É um espaço, equal em extensão, ao valle do Mississipi, coberto de plantas, denominadas, *hervas do golpho, uvas dos tropicos, etc., fucus natans*, e de tal modo agglomeradas, que os navios são muitas vezes ahí embaraçados na sua derrota.

Quando os companheiros de Christovão Colombo descobriram esta crusta de vegetação sobre o mar, julgaram que a navegação acabava ahí. Às vezes esta camada de sargaços do mar é tão consistente, que parece possível andar sobre ella.

Eis aqui como um auctor explica, porque o mar de sargaços occupa sempre o mesmo

logar. Quando a cortiça, palha, ou outros corpos leves fluctuam na agua d'uma bacia, imprimindo a esta agua um movimento circular, todas as materias fluctuantes se reúnem no centro, onde ha menos movimento. Tal é o effeito produzido no Oceano Atlantico do norte pelo movimento circular das correntes maritimas, e o mar de sargaços denuncia o centro d'esse movimento de rotação. No mesmo lugar, em que Colombo, na sua viagem de descobertas, o encontrou, tem permanecido até hoje, oscillando regularmente do norte a sul, com as estações, e restabelecendo-se sempre das desordens passageiras que lhe causam os ventos e tempestades.

Observações exactas, que já datam de 50 annos, a respeito dos limites de deslocação do mar de sargaços, demonstram, que sua posição media não tem mudado. Esta vegetação maritima superficial é a prova immutavel do movimento circular, de que o *gulf-stream*, a primeira e mais importante das correntes pelagicas é o documento mais caracteristico, corrente de rotação, de que já Colombo dizia — tenho como certo, que as aguas do mar se movem como o céu, de leste para oeste. — Os roteiros das garrafas, que os navegantes lançam ao mar, com as notas de suas viagens, e grande numero d'informações authenticas attestam do mesmo modo a existencia d'esse movimento circular.

**Caso notavel de teratologia.** — O *British medical journal* dá a seguinte noticia d'um caso notavel de teratologia, verificado pelo dr. Ch. Murray.

A 4 de junho de 1837, A. C., depois do tempo normal da gravidez deu á luz um filho, bem desenvolvido e robusto. D'entre o sternó e embigo do recém-nascido sae o corpo d'outro filho mais pequeno, sem cabeça, e com as extremidades superiores rudimentares. Tanto a criança parasita, como a outra, são do sexo masculino. Esta continua, desde que nasceu, no exercicio normal de suas funções, e só soffre e chora, quando se imprime algum movimento ao corpo acephalo de seu irmão.

**Influencia benefica do girasol.** — O observatorio de Washington, tão habilmente dirigido por M. Maury, é cercado de pantanos, que na estação calmosa desenvolvem miasmas, que tornam perigosa a habitação e residencia 'naquelle estabelecimento.

Ora, os sabios do observatorio descobriram, que as plantações do girasol, *helianthus*, neutralisam as influencias morbidas d'aquelle local. A convicção de M. Maury sobre a efficacia d'esta plantação, é tal, que o illustre astronomo tenciona habitar o observatorio, na proxima estação de febre, quando até agora era costume abandonal-o 'nessa epocha.

**A cadeira de physica vegetal em Paris.**—Um decreto do governo francez concedeu ha pouco ao ministro da instrucção pública um credito extraordinario de 42:000 francos, para serem exclusivamente applicados a installação completa do novo curso de physica vegetal creado recentemente no Museu d' historia natural, e regido por M. Ville. Galeria d' experiencias, laboratorio d' analyses, material completo e independente, nada faltará ao estabelecimento da nova cadeira.

**As esmeraldas.**—Em uma memoria de Lewy sobre a formação e composição das esmeraldas, o auctor estabelece as seguintes conclusões: 1.<sup>a</sup>—a formação das esmeraldas teve lugar pela via humida; 2.<sup>a</sup> as esmeraldas contem na sua constituição certa quantidade d'agua, e uma substancia organica, que parece ser um carbureto d'hydrogenio; 3.<sup>a</sup> na composição das esmeraldas, a quantidade d'oxigenio das bases está para a quantidade d'oxigenio da silica na relação de 1 para 4; 4.<sup>a</sup> a cor verde das esmeraldas é devida a materia organica que contém.

Parece na realidade difficil, diz o auctor, attribuir a cor verde d'estas pedras preciosas ao oxido de chromio, como até hoje se tem pensado, porque as analyses apenas descobrem quantidades insignificantes d'este oxido.

Tanto mais fundada parece esta opinião, quando se vê, que a granada chromifera, conhecida pelo nome de *ouvroite*, contém 23.3 por 100 de oxido de chromio, possuindo a mesma bella cor verde da esmeralda, não contendo esta senão decimas millionesimas partes do dicto oxido. Devem pois admittir-se duas causas differentes da cor dos dous silicatos, porque quantidades tão diversas d'oxido de chromio não podiam produzir o mesmo effeito em ambos os mineraes.

Além d'isto, attendendo aos seguintes factos; que se pôde aquecer a granada chromifera ao magarico, sem perder a sua cor e transparencia, e que a esmeralda se torna incolor e opaca, a um calor rubro sombrio; que este mineral contém uma materia organica; e que o poder tintorial de certas substancias organicas, por exemplo, a *chlorophylla*, é muito energico e pronunciado; parece plausivel, que é na causa que o auctor aponta, que reside a origem da cor verde das esmeraldas.

**Transusão do sangue.**—São conhecidas as interessantes experiencias de Prevost e Dumas, que mostraram, que sangue de carneiro ou de vacca mata os coelhos como um violento veneno, e que sangue de mammiferos injectado nas veias de patos produz quasi repentinamente convulsões extremamente violentas e a morte.

Dieffenbach, Bischoff e Mueller, verifican-

do, que o sangue desfibrinado pôde ser injectado com menos perigo do que o sangue contendo fibrina, pensaram que este principio constituia provavelmente um veneno para um animal d'especie differente. Tambem se attribuiu o phenomeno á desigualdade de diametro dos globulos sanguineos.

M. E. Brown-Sequard, estudando recentemente a questão, diz que os sangues venoso e arterial não differem um do outro, em seus effeitos toxicos, senão pelas diversas quantidades d'oxigenio e acido carbonico que contêm, e conclue de muitas experiencias, que a acção toxica do sangue d'um animal injectado nos vasos d'um individuo d'outra especie, depende principalmente da presença d'acido carbonico em grande quantidade, e que o sangue d'um animal vertebrado não é venenoso para outras especies de vertebrados, ainda mesmo muito diversas.

## RELAÇÃO

*Das indiciduns nomeadas para os seguintes logares de instrucção pública desde o dia 1 até ao fim de dezembro ultimo, por despochos do Conselho Superior d'Instrucção pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUCÇÃO PRIMARIA.

Agostinho Francisco de Figueiredo, para professor temporario da cadeira de Lagoa, no districto da Guarda.  
Augusto José Gonçalves Fino, para dicto do Espinhal, no de Coimbra.

Bento José Gonçalves, para dicto de Covas, no de Villa Real.

João Antonio Lopes Carneiro, para dicto de São Salvador d'Eiro.

Antonio Pereira da Encarnação, para dicto de Miranda do Corvo, no de Coimbra.

Balthazar Pinto Lobo, para dicto da Trindade, no do Porto.

José Antonio Ramalho, para dicto de Lagoa, no de Bragança.

Antonio Joaquim da Fonseca Mattos, para professor vitalicio da cadeira do Lamegal, no da Guarda (Decreto de 2 do corrente).

Joaquim dos Reis Garcia, para o logar de ajudante da escola de ensino mutuo da cidade de Castello Branco (Decreto de 9 dicto).

João Antonio Gomes de Sousa, para professor vitalicio da cadeira da villa de Melgaço, por transferencia da do extincto Couto de Fias, no districto de Viana (Decreto de 15 de dezembro ultimo).

### INSTRUCÇÃO SECUNDARIA.

Antonio Mendes Diniz da Gama, para o logar de professor das cadeiras 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> do lyceu nacional de Beja (Decreto dicto).

José Antonio Branco, para o logar de fiel e agente da bibliotheca nacional de Lisboa (Decreto de 16 dicto).

Antonio Carlos da Silva Vieira professor da lingua grega addido ao lyceu nacional de Lisboa, para a propriedade e serventia vitalicia da cadeira d'igual disciplina estabelecida na secção central do mesmo lyceu (Decreto de 26 dicto).

### INSTRUCÇÃO SUPERIOR.

Diogo Pereira Forjaz de Sampaio, para o logar de lente cathedratico da faculdade de direito na Universidade de Coimbra (Decreto de 10 dicto).

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## INSTITUTO DE COIMBRA.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E SOCIAES.

Extracto da acta da sessão de 14 de fevereiro de 1858.

Estando ausente o sr. director da classe, Miguel Ribeiro, presidiu o sr. secretario Adriano Machado.

Aberta a sessão pelas 11 da manhã, o vice-secretario leu a acta da antecedente, que foi approvada.

Em seguida, o sr. presidente mandou lêr o parecer da commissão eleita para examinar uma memoria remettida ao Instituto, pelo sr. Conde de Rio-Maior, Antonio de Saldanha.

Depois de uma breve discussão procedeu-se ás duas votações por escrutínio secreto, na conformidade do regulamento do Instituto, art. 47, §. 2, e art. 48, §. 1, e verificou-se ter ficado approvado para socio effectivo da classe de sciencias moraes e sociaes do Instituto de Coimbra, o sr. Conde de Rio-Maior, Antonio.

O sr. presidente levantou a sessão: eram 12 da tarde.

O vice-secretario da classe de sciencias moraes e sociaes, *Marquez de Souza Holstein*.

## AGRICULTURA.

### RELATORIO DA SOCIEDADE AGRICOLA

DO

### DISTRICTO DE COIMBRA.

Senhor! — A Sociedade Agricola do districto de Coimbra, vem hoje respeitosamente pôr nas mãos de V. M., em singela e concisa exposição, o *relatorio geral*, que o art. 22 do *regulamento* de 23 de novembro de 1854 lhe impõe, e cujas disposições guardou, assim como as do art. 19 do mesmo.

A vastidão e importancia dos objectos agromonicos, e em especial os assumptos, segundo o programma das materias acerca das quaes as sociedades agricolas devem ser ouvidas, (art. 35), designados em quesitos para cada

VOL. VI.

uma das secções, não podiam deixar á sociedade a menor duvida sobre as difficuldades que encontraria em haver os esclarecimentos indispensaveis sobre *especialidades* em cada uma das localidades, e tantos em numero da mesma especie e local, que, afferidos uns pelos outros e confrontados, mais seguramente se podesse assentar a sua verdade; e bem mais lhe era isto necessario, que em materia de tal novidade entre nos, as informações e esclarecimentos, quer collectivos, quer individuaes, raro é que se não resintam do mau habito, de satisfazer *por cumprir ou pouco mais ou menos*, sem a conscienciosa exactidão, ou a mais possivel approximação á verdade, por que só valem semelhantes informações.

Mas, Senhor, se a Sociedade Agricola d'este districto appresentando a V. M. esta singela exposição, não pôde lisongear-se de appresentar obra em que se vejam trabalhos proficuos sobre a primeira fonte de riqueza nacional, os desejos, que a todos animam já neste ensaio, auguram o exito futuro de seus esforços e perseverança, inclinando V. M. a uma sociedade nascente aquella efficaz protecção, que só lhe dará o animo preciso para aplanar, ou pelo menos curvar, tantos tropeços e difficuldades levantados pela ignorancia, pelos preconceitos, e pela força esteril da rotina. Só assim poderá concorrer a Sociedade para se abrir o verdadeiro caminho da *prosperidade*, e fôr trahir suas intimas convicções, se não accrescentasse — *da independencia nacional*. A Sociedade que tem postos os olhos neste alvo de gloria para V. M., tambem os não pôde desviar dos meios e esforços com que o governo de V. M. concorra e se empenhe effectivamente em levantar o padrão que symbolise o reinado d'um novo — *REI LAVRADOR*.

Seguindo a ordem das secções, este relatorio appresentara, em cada uma d'ellas, a exposição das materias designadas nos quesitos respectivos dos programmas, em tudo o que lhe fôr possivel, segundo os esclarecimentos obtidos e examinados.

SECÇÃO 1.ª

1.º Gados.

O gado vacum, que os mappas officiaes dão em numero de 27:310 cabeças no anno

FEVEREIRO 13 — 1858.

NUM. 22.

proximo passado, está longe de attingir a somma que as necessidades do serviço agrícola reclamam, e ainda mais longe de fornecer os bons productos de carnes e de leite. A raça dominante no districto e a serrana ou gallega, a qual, esforçada no trabalho, sobria e docil, e, em verdade, muito propria para o trabalho de lavoura ou carretos, em um districto tão accidentado como este, sobretudo nas serras. Esta raça, porém, ainda assim com esta aptidão, posto que degenerada pela maior parte, não é a mais propria, economicamente fallando, nem para o talho, nem para a produção de leite: as despesas com o engordo, e sustentação para cada um d'estes fins, não seriam compensadas pelos productos respectivos. Para o talho seria especialmente importante a introdução da raça do Minho, a qual é preciosa debaixo d'este ponto de vista.

O leite de vacca é pouco, ou quasi nada usado; porque as vaccas são empregadas como os bois nos trabalhos; e quer os novilhos sejam para os talhos, quer para criar, não se aproveita o leite das mães, nem antes nem depois de desmamados, havendo 'nesta parte da industria pecuaria profunda ignorancia, ou pelo menos desleixo, em tirar o melhor proveito sem prejuizo das crias. Ha algumas vaccas hollandezas, e mais algumas *turinas*, que são variedades d'ellas; mas tão poucas que talvez não excedam ao numero de 20.

Conviria muito introduzir a *raça transmontana*, que, além de ser muito propria para os trabalhos agrícolas, fornece as tão estimadas vaccas leiteiras, conhecidas pelo nome de *moures*. As vaccas do Algarve, ou da *raça algarvia*, também boas para o trabalho, mansas e muito leiteiras, estão no mesmo caso.

A deficiência do gado vaccum para o trabalho e fornecimento de productos uteis depende: — 1.º da má alimentação, que não sendo proporcionada ao rigor do trabalho, lhe encurta a duração, e o não deixa fornecer boa carne, se se tenta por fim engordal-o para isso; e quasi nunca se tenta; entre o largar do juço e o cair debaixo do ferro não ha espaço de tempo; e o descanso reparador e a conveniente alimentação não produzem os seus benéficos resultados; — 2.º de não ser economicamente propria para o engordo e produção de leite a raça dominante; — 3.º da quantidade de novilhos e novilhas que entra nos talhos; — 4.º em fim, da successiva degeneração da raça, pelo nenhum cuidado na escolha do touro e da vacca, mesmo quando a alimentação em geral, é estabular, e ainda peor quando e em pastos communs. Esta deficiência de gado vaccum debaixo dos trez importantes pontos de vista, trabalho, carnes, e leite, torna-se mais sen-

sivel por sua damnosa consequencia, que é a *falta de estrumes*, sem os quaes nunca o agricultor colherá bons productos, que recompensem seus trabalhos.

O gado cavallar, asinino e muar, é não só deficitente, mas sobre tudo abastardado. A cifra official no anno de 1856 foi de 7:396 cabeças do cavallar, 6:778 dictas do asinino, e 1:201 dictas do muar. Esta *falta e defeito* é muito sensivel; não para o serviço de lavoura 'neste districto, onde todo se exige exclusivamente do gado vaccum, mas para transportes, já de tiro, já de carga, já de sella.

O gado muar é rarissimo; e é tanto mais para sentir esta deficiência, se se considera quanto estes animaes são prestadios; valentia, segurança, força de tiro, soffrimento na fadiga e na fome, são qualidades, que a indole desconfiada e sestrosa lhe não tira. Augmental-o, e melhoral-o como convem, não será possivel em quanto se não melhorar a raça asinina. Esta é degenerada e insufficientissima para as necessidades, especialmente dos pequenos proprietarios, e sobretudo nas localidades pobres, e cujas communicações com as principaes povoações, mais ou menos distantes, são pessimas como em geral as d'este districto. Se crusados com boas raças hespanholas se melhorassem e crescessem em numero, grande proveito se tiraria, já para obter o bom serviço que presta um animal, cujos dotes são frugalidade, paciencia, força, e até ligeireza de movimentos.

O gado lanar é pouco, e a cifra official só se elevava a 120:681 cabeças no anno de 1857; e em geral, é máo, sobre tudo no concelho de Coimbra e nos contiguos. Aqui os rebanhos quasi só são formados do refugo comprado nos rebanhos das serras, quando descem aos campos do Mondego, ou quando passam para buscar outras pastagens. Os concelhos, em que se cria mais d'este gado são — Miranda do Corvo (23.000 cabeças), — Taboa (13:335 dictas) — Argavil (12:798 dictas), — Coimbra 8:994 dictas, — Monte-mor Velho (7:329) — Oliveira do Hospital (8:400 dictas). A nenhuma selecção dos individuos para casta, — a ignorancia do verdadeiro systema, que 'nesse crusamento só pôde dar a boa raça, — a ignorancia dos pastores ou descuido na alimentação e regimen adequado, etc. etc., eis-ahi as causas permanentes, por que este preciosissimo ramo de industria pecuaria não fornece lãs e carnes na *quantidade* e *qualidades* devidas, e corre sempre exposto a *frequentes epizootias*. E se em tudo isto vai perda de grande riqueza, não vai menor mal á saúde dos povos.

O gado caprino elevava-se, segundo os mapps officiaes, a 46:754 cabeças no anno de 1857. Tem diminuido 'nestes ultimos tempos, sobre tudo no concelho de Coimbra: e se a diminuição continuar, a boa agricultura

por toda a parte o applaudirá, sobre tudo no ramo *malus* e *florestas nascentes*.

O gado suíno, apesar de ser um objecto de criação, em geral, de todas as povoações, não é bastante para as necessidades do consumo. Em 1837 elevava-se este gado ao numero de 31:453 cabeças. Os concelhos mais productores são os — de Monte-mor-velho (6:400 cabeças). — o de Coimbra (7:002 dictas, — o da Figueira da Foz (3:762 dictas), e o de Soure (3:938 dictas); e, em geral, é uma observação, que são maus todos aquellos, em que não predomina a criação do gado caprino. E a este respeito, é muito para notar, que um concelho como o de Mira, creando só 15 cabras crie tambem 2:600 porcos (mappa official de 1837), e que o concelho de Penacova, creando 8:930 cabras, não possa crear senão 2:400 porcos, menos que o pobre concelho de Mira!

É a raça do *porco grande da Beira* a que é geralmente empregada pelos creadores, preciosa — pela sua admiravel fecundidade, — pela voracidade aproveitadora de toda a avaria e sobejo do casal e da familia, — e promptidão com que seus individuos são cevados, produzindo uma carne *muscular* ou *magra*, abundante e saborosa. Esta raça, em geral não tem degenerado, porque o interesse dos creadores os obriga á boa escôlha do varrão e da porca, e são as boas qualidades dos leitões, que no mercado se procuram e pagam bem. A *raça alentejana*, tão propria para a produção da *gordura* ou *toucinho*, não é empregada pelos creadores; importam-se, porém, muitos individuos d'ella para consumo. — Tambem não ha criação ou engordamento em ponto grande, isto é, feita por um só proprietario, como no Alentejo; nem o engordo é em montados, mas só em curraes ou cortêlhos. — O emprego do sal, aliás tão importante, é quasi desconhecido na alimentação d'estes animaes, sobre tudo na ceva.

## 2.º Prados.

O districto não tem prados artificiaes propriamente dictos ou permanentes, pois não merecem este nome alguns pequenos ensaios, e rarissimos, d'algumas plantas pratenses, como luzerna, sanfeno, etc. A *serradella* (*ornithopus sativus*, Brot) e a *herva de semente* ou *raygran* dos inglezes (*Lolium perenne*, Lin) constituem alguns prados; mas nem o numero, nem a extensão d'estes representam a immensa importancia, que têm estas plantas, indigenas e espontaneas, a primeira fornecendo bom pasto temporão na primavera em terrenos arenosos e aridos, e a segunda em terrenos com alguma frescura, ou arenosos de sub-solo argiloso, ou nos altos humidos e frios. A qualidade alimenticia d'esta ultima planta, alem d'outras qualidades, dá-lhe um merito, que talvez nenhuma outra graminea

exceda, para ceifar em verde, e sobre tudo para ser pastada, pullulando debaixo do calcar dos gados.

O *trevo dos prados* (*Trifolium pratense*, Lin.) conhecido pelo nome de trevo encarnado, vai-se introduzindo com reconhecida vantagem para todos os gados, e até para o suíno; e tanto mais, que, como é annual, a sua cultura presta-se á dos cereaes no mesmo anno.

Em geral, além das gramineas e mais hervas nascediças, como balanço (avena barbata, Brot.) etc., os pastos em verde são feitos de cevada, centeio, aveia e hervilhaca, cortados na primavera. — e pelos milhos que se arrancam nas mondas durante a cultura dos milheraes; e nos fins do outono, e durante o inverno são as palhas dos differentes cereaes, que fazem o alimento principal, ou exclusivo dos gados.

A palha do milho é quasi o exclusivo do gado vacum na ultima estação. — O emprego de raizes, como nabos, etc., para sustento dos gados, é desconhecido, e ainda mais o pasto arboreo, que tão util poderia ser, quando as terras estão afructadas, para o gado vacum e lanar. Os ramos e folhagem do choupo, salgueiro, etc. etc., seriam optimo recurso como o são na Italia e na Suecia; e a amoreira multicaule, sobretudo, ha poucos annos introduzida neste districto, pela facilidade com que se dá, e pela sua rapida e pomposa vegetação em folhagem desde março até fins de novembro, poderia ser, plantada á roda das propriedades, muito mais importante para isto, do que para a industria sericola, em que, segundo o introductor, não tem merecido practicamente os louvores, que se lhe apregoaram.

Finalmente nos muitos terrenos baldios tanto publicos como particulares, e mais ou menos extensos, que ha em todos os concelhos, os povos, não distinguindo os publicos dos particulares, pascem os seus gados indistinctamente. — Esta posse adquirida por muitos modos, que o direito não apoia, offende 'num caso o *direito de propriedade*, e em todos os casos os interesses publicos e particulares, oppondo-se á cultura dos baldios aproveitaveis, e á arborisação florestal dos outros.

Ha outro compasquo ainda mais intoleravel em terras particulares, e não baldias, mas sujeitas á cultura annual de cereaes; — são os pastos communs nos campos de Coimbra e Monte-mor-Velho. A respeito d'estes a Sociedade agricola adopta plenamente o pensamento da Camara Municipal de Coimbra, quando, representando a V. M. contra os mesmos pastos, disse: «E esse abuso é a *violação d'um direito* com todas suas perniciosas consequencias, — é o obstaculo ao pleno uso do direito de propriedade, e ao mesmo tempo a todo o possivel melhoramento agricola nos campos

de Coimbra. A sociedade, sem ainda levantar mão d'este ultimo objecto, reserva-se para mostrar, em occasião opportuna, o quanto os pastos communs nos campos de Coimbra se oppõem a todo o desenvolvimento da industria pecuaria.

*Continúa.*

## FEBRE PUERPERAL.

### 1.ª PARTE.

HAVERA DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL, A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

#### *Idéa geral de febre.*

Continuado de pag. 247

### II.

#### *Da existencia das febres essenciaes.*

A distincção entre febres essenciaes e symptomáticas achava-se estabelecida desde a mais remota antiguidade, quando Broussais appresentou doutrina opposta.

*Não existem febres essenciaes. Todos os movimentos febris, que observamos, são consequencia da inflamação, que é o facto inicial e característico.* Eis a base da doutrina chamada physiologica, proclamada por Broussais, seguiu-a por alguns pathologistas, e ainda hoje sustentada por outros, apesar da reacção, que contra ella se e- ta operando.

A existencia de febres tendo a sua séle unicamente no systema onde se manifestam os principaes symptoms, consistindo por conseguinte numa simples exaltação do systema vascular, independente d'uma affecção phlegmasica anterior ou concomitante, que a possa explicar, não se pode deixar d'admittir no estado actual da sciencia. Eis o que constitue as *febres essenciaes ou idiopathicas*.

Ninguém duvida que as phlegmasias, principalmente as agudas, occupam o primeiro logar na etiologia das febres; mas estas não são a causa unica e exclusiva.

Se muitas vezes a inflamação d'um órgão da origem a uma reacção do systema vascular, e a manifestação do movimento febril, que cessa ordinariamente quando termina o estado phlegmasico local, nem sempre se dão circumstancias tão favoraveis á admissão exclusiva do principio proclamado por Broussais.

Existem estados febris, que de modo algum se podem ligar a lesões phlegmasicas existentes no systema onde se dão os phenomenos morbidos, ou diversos.

A ausencia completa de lesão phlegmasica local, o seu desenvolvimento simultaneo ou consecutivo em relação aos symptoms geraes, e ás vezes em tão pequeno grao, que de modo

algum pode explicar a extensão das alterações funcioneaes, são razões que nos fazem estabelecer uma distincção entre o estado febril, que assim se nos manifesta, e o que acompanha ou segue a inflamação d'um ou mais órgãos. Phenomenos percussores abrem a marcha das febres primitivas, constituindo os *prodromos*. O desenvolvimento por epidemia, a transmissão por infecção ou contagio, e finalmente as alterações hematologicas formam um verdadeiro contraste com as febres *secundarias* ou *symptomaticas*.

A anatomia dos fluidos tem sido summamente vantajosa ao estudo da pathologia; e o conhecimento da constituição anatomica e physiologica do sangue tem servido de base para uma verdadeira distincção entre as duas classes de febres, de que nos estamos occupando.

As analyses d'Andral e Gavarret e outros dão o seguinte resultado para 1000 partes de sangue:

	Dumas.	Becq. e Rodier.
Agoa . . . . .	790	779
Fibrina . . . . .	3	2,2
Albumina . . . . .	68	69,4
Globulos rubros . . . . .	127	141,1
Materiaes solidas do soro etc. . . . .	12	8,3
	1:000	1:000 1:000,0

Logo que qualquer d'estes principios constituintes augmente ou diminua proporcionalmente aos outros, dão-se phenomenos pathologicos, que diversificam muito segundo a alteração se dá num ou outro principio. O augmento absoluto da fibrina, que pode elevar-se ate 10,5, e phenomeno constante das phlegmasias, assim como a diminuição de globulos rubros. A persistencia da fibrina na cifra normal, ou a sua diminuição absoluta até 0,9 characterisa as febres *primitivas* ou *essenciaes*.

Tal e a lei a que nós podemos chegar em consequencia das exactas e rigorosas observações d'Andral e Gavarret.

As idéas modernas tendem para um humorismo racional, não fundado em alterações das propriedades physicas dos humores, como o dos antigos, mas baseado nas modificações dos elementos anatomicos, que entram na sua composição. « Je ne comprends, diz Andral, pas plus la possibilité de quelque notion pré-cise et véritablement utile sur les modifications du sang, sans l'intervention de l'analyse, que je ne comprends la possibilité de le reconnaître, sans les dissections, les modifications des organes. »

Mas não é só nas alterações hematologicas que devemos ir buscar os elementos para uma verdadeira distincção entre as febres *symptomaticas* e *idiopathicas*. Durante as pyrexias

costumam muitas vezes desenvolver-se inflamações locais, que chamamos *secundarias*, porque a febre forma a alteração primitiva, e representa mais particularmente a molestia.

Estas inflamações secundarias distinguem-se das primitivas, que produzem as febres symptomaticas. A mais notavel d'estas differenças é a sua obscuridade a tal ponto, que inflamações multiplas, e disseminadas se formam muitas vezes sem conhecimento dos doentes, e sem se revelarem aos medicos pelos symptomas d'inflamação, mas unicamente pelos productos morbidos.

Porém, se ellas adquirem tal intensidade, que o doente, e o medico vêm no seu conhecimento, então já o estado morbido local está por extremo adiantado. É necessario que a inflamação tenha excitado reacção da parte da economia, e o doente sinta a lesão local; ou que esta, tendo terminado pela suppuração, dê sahida ao pus.

As inflamações primitivas, que dão origem ás febres symptomaticas, comportam-se d'uma maneira inteiramente diversa. Os symptomas locais patenteiam-se com toda a evidencia, e as perturbações funcioneas se seguem immediata e facilmente.

Esta obscuridade de symptomas inflammatorios 'num caso, e a sua excitabilidade, e facil desenvolvimento no outro, comprehendem-se facilmente. Nas inflamações primitivas a parte ameaçada achava-se no estado normal; gozava de toda a sua sensibilidade e força de reacção, quando o estimulo morbido a impressionou. Perturbadas as suas funções, excitada sua sensibilidade, e sympathias, resultam vivos soffrimentos para o doente; e para o observador mudanças exteriores immediatas, que indicam a sede e intensidade do mal. Pelo contrario, quando se formam as inflamações secundarias, todos os tecidos estão já 'num estado morbido, que modificou as suas propriedades. Ás febres é que melhor cabe a expressão de *morbi totius substantiae*. Os vasos capillares, que hão de ser a sede da inflamação, participam da molestia geral. Quando passam ao estado inflammatorio não se patentêam sensações dolorosas, nem algum dos outros symptomas, que indiquem inflamação. As outras partes não reagem, e as sympathias morbidas, que poderiam ser provocadas pelas phlegmasias nascentes, perdem-se nos phenomenos geraes da molestia. As inflamações secundarias têm muita tendencia a disseminar-se, a apparecerem em pontos multiplicados, e isto não acontece ás phlegmasias primitivas.

Nas febres symptomaticas é evidente o modo como se gera o movimento febril geral. A irritação dos capillares sanguineos transmite-se mui facilmente a todo o apparelho circulatorio. A intima ligação dos dois ap-

parelhos explica a intima ligação da inflamação e da febre.

Nas febres essenciaes ou idiopathicas o processo ainda é muito obscuro. A physiologia pathologica das pyrexias está até certo ponto involvida com o denso véu do mysterio. Em todo o apparelho circulatorio é que se passam os phenomenos variados, que caracterizam as pyrexias. Mas a sua causa immediata não existe em phlegmasia, ou alteração organica das paredes do coração, e dos vasos. Difficilmente se conceberia que uma febre ephemera, ou um simples accesso de febre intermitente dependesse de lesão grave d'organos tão importantes.

Onde existe a causa real, a sede primitiva da pyrexia? Ao systema nervoso recorreram Albrecht Thaer, Robert Reid, Dugès, Robert Latour, Pew, Clutterbuck. É este systema que primeiramente soffreu a impressão morbida, primeiro termo de toda a fórmula etiologica. Mas qual o ponto sobre que actuarão de preferencia? Será nas divisões do grande sympathico destinadas a acompanhar as arterias até ás redes capillares? (Duges). Será no systema nervoso gauglionar? (Robert Latour). Será no proprio cerebro como o julga Pew, Clutterbuck, etc. e como o parece indicar a dor e peso de cabeça quasi constantes, e a difficuldade no exercicio das funções cerebraes?

A pyrexia é uma molestia geral, posto que todos os seus principaes symptomas tenham logar no apparelho circulatorio. É um acto de todo o organismo; pertence a todos os systemas, recebe de todos impulsão simultanea. Uma desordem da innervação se deve admitir como o primeiro anel da serie de phenomenos, cuja reunião e encadeamento constitue a pyrexia.

Esta perturbação produz uma excitação anormal na actividade do systema nervoso, e por conseguinte em todos os que com elle se acham intimamente ligados, contando-se em primeiro logar o systema vascular sanguineo. Reconhecemos muitas vezes causas debilitantes, que, obrando sobre o systema nervoso, o tornaram mais excitavel. Esta nota é mui importante para a therapeutica. Galeno não andou bem quando disse: «febris, ut «febris est, curatio est humectare et refrigerare.»

Mas não se julgue que as causas debilitantes são as unicas capazes de produzir as pyrexias. Causas excitantes podem obrar sobre o systema nervoso, e produzir directamente a excitação das funções d'este systema. Com muita razão diz Hildenbrand: «Hallucinantur «illi, qui disponens ad omnes febres momen- «tum: quæruni in debilitate.»

O sangue, como estimulo directo dos organos circulatorios, deve representar um importante papel nas theorias pyretologicas. Recebendo moleculas prejudiciaes e provocado-

ras de phenomenos morbidos nada custa a conceber, que elle se torne o agente immediato da excitação vascular. Mas qual é a alteração, que dá ao sangue estas propriedades? Será constante e sempre identica? Até hoje apenas se podem formar conjecturas, crear supposições. Graveau, levado por estas considerações, estabeleceu um grupo de molestias intermedio ás phlegmaticas, e pyrexias, a que chama *intoricações*.

Ha pois duas classes de febres, opinião esta admittida ja no tempo de Galeno. « Distingue autem oportet in singulis aegrotantibus; primum quidem, si sine loci affectu sit febris, vel ex humorum putritudine, velque solus spiritus sit alteratus; deinde si membrum affectum febris sit causa, et quatenus sit ejus affectio. (Galenus liber 2.<sup>o</sup> cap. 3.) »

N'umas o movimento febril resulta da lesão phlegmastica local. Assim o attestam os symptomas durante a vida, e as lesões depois da morte. N'outras o movimento febril não é directamente subordinado a nenhuma outra doença; tem uma existencia distincta; percorre os seus diferentes periodos, manifesta signaes e symptomata, que lhe são proprios. Assim é que concebemos a *essencialidade* das febres, e não como os antigos, que as faziam neste caso depender d'alterações nas propriedades vitaes. Pode existir lesão local, mas esta pela sua pouca intensidade, e pela ordem de desenvolvimento não estar ligada á etiologia do movimento febril; antes se pode considerar como sua consequência.

*Continúa.*

F. A. ALVES.

## BIBLIOGRAPHIAS.

*Almanack da Instrução Pública em Portugal. Segundo anno — por José Maria de Abreu, lente cathedrativo da faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra.*

Publicou-se, ha poucos dias, o segundo anno do excellente Almanack do sr. dr. Jose Maria de Abreu.

Este segundo volume, complemento indispensavel do primeiro, contém muitas e mui interessantes noticias acerca dos nossos estabelecimentos d'instrução pública; os mappas dos exames no bimestre passado, e das matriculas no presente anno, tanto na Universidade, como nas academias e escholas d'instrução superior e secundaria; um repertorio ou indice da legislação novissima sobre instrução pública; a relação dos socios das mais importantes sociedades scientificas e litterarias de Portugal; os necrologios dos membros do magisterio, fallecidos durante o anno de 1857, etc., etc.

O sr. J. M. de Abreu, entendeu, e a nosso

vêr com razão, que seria inutil repetir no Almanack d'este anno algumas das noticias appresentadas no do anno passado; porém esta supressão foi de sobejo compensada com as importantes addições que encontramos neste 2.<sup>o</sup> volume.

O plano da exposição das materias foi tambem este anno um pouco modificado; tracta-se primeiro do pessoal de cada um dos estabelecimentos d'instrução pública; depois da parte litteraria, e finalmente da economica. Esta distribuição parece-nos mais acertada do que a do Almanack de 1857, e seria perfeita se infelizmente o indice alphabetico do Almanack não fosse um pouco resumido; não é facil achar immediatamente, com os dados que elle nos fornece, qualquer materia que queiramos examinar; assim se quizermos saber o movimento dos exames no lyceu de Coimbra, teremos de procurar a palavra *lyceu* e folhear todas as paginas consagradas a este estabelecimento, até darmos com os mappas dos exames; parece-nos que se houvesse no indice a palavra *exames* ou *estadistica d'exames*, seguida do nome dos estabelecimentos em que estes exames foram feitos, parece-nos, dizemos, que as indagações seriam muito mais facéis e curtas.

Por esta occasião tomaremos a liberdade de lembrar ao sr. José M. de Abreu, que o seu Almanack ganharia muito se comprehendesse tambem os mais importantes e acreditados estabelecimentos particulares d'instrução e educação, a respeito dos quaes pouco ou nada se sabe fora dos logares onde elles existem. Não ignoramos a immensa difficuldade que tem a realisação d'esta idéa; affigura-se-nos, porém, que não será insuperavel, se, como é d'esperar, os chefes de cada um d'aquelles estabelecimentos ministrarem as necessarias indicações.

Sentimos tambem não encontrar no Almanack de instrução pública a estadistica dos estudantes da Universidade e Lyceu de Coimbra, classificados por districtos administrativos do reino e demais paizes de sua naturalidade. Na relação official dos estudantes do anno de 1853 para 1854 encontra-se esta estadistica; porem, de então por diante deixou ella de publicar-se, por motivos que ignoramos. O sr. J. M. de Abreu faria, a nosso ver, um importante serviço se no seu Almanack continuasse aquella publicação. Apesar de julgarmos exagerada a opinião d'aquelles que dão á estadistica uma importancia demasiada, que ella, por ora, não pôde ter, parece-nos que seria util o trabalho que lembramos, e que poderia fornecer á commissão d'estadistica ultimamente creada alguns dados importantes.

Perdê-nos o illustre auctor do Almanack de instrução pública estas curtas reflexões, suggeridas pelo vivo empenho que nós tambem,



como sua ex.<sup>a</sup>, professamos pelo adiantamento da nossa instrução pública, e pelo derramamento da educação.

Felicitações sincera e cordealmente o sr. J. M. de Abreu, pela perseverança com que progride na sua laboriosa e improba tarefa, já tão habilmente encetada o anno passado. O serviço que o seu Almanack pôde prestar á causa da instrução pública em Portugal, é grande e valioso. Até ha pouco, forçoso e confessional-o, ainda que nos peje dizel-o, até ha pouco tínhamos mais cabaes informações acerca da instrução pública de outro qualquer paiz, da França, por exemplo, do que acerca da nossa. Desappareceu agora esta vergonha, e graças ao excellente Almanack do sr. José Maria d'Abreu, podemos hoje perfeitamente conhecer todo o organismo da nossa instrução, os seus vícios e as emendas de que carece. S. H.

Folgámos de vêr, ha pouco, as composições latinas, em prosa e verso, publicadas pelo sr. Francisco de Paula Sancta Clara, estudante do 3.<sup>o</sup> anno de direito: são ellas — uma *Ode Saphica*; e em separado — *Poemata Adlocutionesque duae*. — Por estes escriptos, manifesta o ingenho e o estimavel moço, não só o cabedal de latinidade que ja possui, senão que lhe são favoráveis as musas latinas. Já desd'o tempo em que elle nos ouvira, com gosto vimos madruguar n'elle a generosa inclinação para o bello, a viveza d'imaginação, e um coração sensível aos incantos da poesia. E, se antes quizeramos ver agora aquellos opusculos na lingua, com que fomos creados, tão rica! tão suave! tão louça! todavia, como é, ainda hoje, estimada prenda o bem latinizar, grande louvor cabe ao sr. Sancta Clara, pela publicação dos mesmos escriptos. Emb'ora não tivesse elle o tempo necessario para lhes dar a ultima lima; embora so depois dos annos verdes possa o gosto transluzir bem puro e bem fino; muito ha que louvar n'aquelles ensaios. Prosiga o auctor a proveitosa lição dos bons exemplares; que, assim, nos dará, por certo, lucubrações cada dia mais aprimoradas, *linenda cedro et laevi servanda cupresso*. C. B.

## NOTICIARIO.

**Telegraphos electricos.**—Não contando as linhas maritimas, a Europa tem actualmente 38:703 milhas de fios telegraphicos para transmitir noticias por terra. A Grã-Bretanha possui 10:000. Alemanha e Austria, 10:000. A França, 8:009. A Russia 5:000. A Italia, 2:500. A Suissa, 1:503.

Paizes baixos, 600. Espanha e Portugal, 600<sup>1</sup>.

Nos estados Unidos contam-se 33:000 milhas de linhas terrestres. Na America do Sul, 1:500. Na India 50:000. A Australia, que ha dois annos, tinha já 2:000 milhas, acaba d'estabelecer mais 600 de Melbourne a Sydney, 220 de Melbourne a Bondigo, e 108 de Melbourne a Bellarat.

Podem hoje calcular-se portanto, em 79:563 as milhas de fios telegraphicos terrestres, por meio dos quaes as diversas partes do mundo podem instantaneamente comunicar as suas noticias.

**Os polypos calcareos.**—No oceano equinoxial, e principalmente no estreito de Torres, entre a nova Hollanda e a Papoasia, os polypos calcareos crescem com tal intensidade, que se o seu desinvolvimento seguir sempre a mesma lei, este estreito, dentro de 20 annos, ficará interceptado em toda a sua largura, que em certos pontos e apenas de 5 kilometros. Quando este estreito fôr descoberto, em 1603, não se contavam em todo o seu comprimento, de 150 kilometros, senão 26 ilhetas, havendo hoje já 150.

**Applicações do vidro.**—Custa a comprehender, como o vidro, esta materia tão fragil, se presta como a seda, excedendo-a até em cor e brilho, a todos os caprichos de fição e tecelagem. São bem conhecidas as formas artisticas, graciosas e elegantes, de que é susceptível esta substancia; é bem sabido, como as mãos habeis do artista manipulam o vidro, e o reduzem a fios 16 vezes mais delgados, que um cabelo; me-mo no rosso paiz tem apparecido as mais bellas exposições d'objectos de vidro, que encantam e fascinam o expectador.

Admira-se actualmente em Bruxellas uma d'estas prestigiosas exposições, onde entre muitas cousas maravilhosas, apparecem fructos, flores, aves, que por seu tamanho, fei-to, poupa e cauda lembram os mais bellos e raros beija-flores, magnificos navios em que não falta a mais pequena corda, e enfim, lindos e delicados chapéus para senhoras, que a mais habil modista não poderia imitar. Tudo isto produz o maior enlevo e assombro, e tudo e de preço modico.

**Longevidade.**—Em cada milhão d'habitantes, contam-se na França, 101:495 indi-

<sup>1</sup> Estes calculos estatísticos, que os jornaes francezes reproduzem, são do *Rathieul Mechanic's Journal*. A respeito do nosso paiz, não ha exactidão, no estado actual das communicações telegraphicas, porque desde que se completou toda a linha, d'Elvas até Valença, e contando as ramificações secundarias, os fios dos telegraphos electricos, só em Portugal, occupam maior extensão, do que a arbitrada para toda a peninsula, pelo mencionado jornal.

viduos com a idade de 60 annos — na Belgica, 88:132 — na Dinamarca, 87:657 — na Suecia, 78:187 — nos paizes baixos, 76:982 — na Grã-Bretanha, 72:910 — na Sardenha, 71:602.

Em quanto a idade secular, observa-se, em geral, que as mulheres, são as que offerecem mais exemplos. O clima de Inglaterra parece ser o mais propicio para a longevidade secular. Contam-se neste paiz 13 centenarios em um milhão d'habitantes, em quanto que a proporção é apenas de 7,3 na França, 7 na Belgica, 2,6 na Suecia, e 1,3 nos paizes baixos.

**Descobertas do seculo 19.** — Na *Illustrated London News* lê-se o seguinte:

Desde o principio do mundo, ainda não houve meio seculo mais fertil em invenções importantes, do que a primeira metade do seculo 19.

Antes de 1800, não se tinha ainda feito applicação do vapor á mecanica. Foi em 1807 que appareceu o primeiro barco a vapor, lançado por Fulton; e hoje, só nas aguas da America ha 3:000. Em quasi todos os paizes do mundo os rios são navegados por barcos a vapor.

Em 1800, não havia caminhos de ferro, e só nos Estados Unidos ha actualmente 8:797 milhas de ferro-carris, que custaram 286 milhões de dollars. Na Inglaterra e America contam-se 22:000 milhas de vias ferreas. A locomotiva transpõe agora em algumas horas distancias, que outrora exigiam muitos dias para se percorrerem.

Em 1800, gastavam-se duas semanas para transmittir uma noticia de Philadelphia a Nova Orleans; hoje, basta um segundo, graças á telegraphia electrica.

O galvanismo foi descoberto em março de 1800, e o electro-magnetismo em 1821.

Em 1800, não se conhecia a luz do gaz; hoje qualquer cidade d'alguma importancia é illuminada por este meio.

Em 1839, teve logar a admiravel invenção de Daguerre. A descoberta do algodão-polvora e do chloroformio verificou-se alguns annos depois.

Finalmente, a chimica agricola e applicação das machinas á agricultura têm sido a origem fecunda d'immensos progressos para a producção da terra.

#### **Degeneração adiposa do coração.** —

M. Aran tractou um homem, muito habituado a bebidas espirituosas, que succumbiu rapidamente sem causa apreciavel de morte tão prompta. Procedendo á autopsia, o habil medico reconheceu, que o coração apresentava apenas traços de fibras musculares, estando a maior parte do órgão reduzido a materia adiposa.

**Nova planta textil.** — M. Lafond de Cau-daval propõe uma nova planta textil, destinada a substituir o trapo na fabricação do papel.

O canamo bravo, *arundo festucoides*, é uma planta vivaz, que cresce abundantemente sem cultura em vastos terrenos de Argel. Em trinta milhões d'hectares, vinte estão cobertos d'esta planta. O trapo vale 270 a 300 francos a tonellada, e a massa preparada com o canamo bravo pôde ser vendida pelo terço, tirando o agricultor ainda grandes beneficios.

Parece, que os antigos já fizeram uso d'esta planta textil, mas reccia-se que o papel fabricado com ella, não tenha a necessaria consistencia. Contudo, M. Lafond responde a esta objecção, apresentando já papel muito resistente, fabricado com o canamo bravo.

### RELAÇÃO

*Das indicções nomeadas para os seguintes logares de instrução pública desde o dia 1 até ao fim de janeiro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrução pública, e decretos do governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

#### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

João José da Silva, para professor temporario da cadeira de S. Sebastião da Serra d'El-Rei, no districto de Leiria.

José Antonio Corrêa Felgueiras, para dicto de São Paio d'Antas, no de Braga.

Lino Alberto de Sancta Clara, para dicto do Paião, no de Coimbra.

Manuel Martins Gesteira, para dicto da Povoa de Varzim, no do Porto.

Francisco Lopes Pereira, para dicto de Salamonde, no de Braga.

Francisco Marques Perdigão, para dicto do Freixo, no de Coimbra.

João Duarte d'Oliveira, para dicto de Cebolões de Cima, no de Castello Branco.

José Joaquim Pereira d'Abranches, para dicto d'Aldea da Dez, no de Coimbra.

Manuel Pinto de Paiva Madureira, para dicto d'Arouca, no d'Aveiro.

Luiz Lopes da Cunha Junior, para professor vitalicio da cadeira da villa de Manteigas, no da Guarda. (Decreto de 30 de dezembro ultimo).

Leopoldo de Jesus Monteiro, para professor temporario da cadeira d'Avelloso, no districto de Vizeu.

Manuel Augusto da Fonseca, para dicto da villa de Moura, no de Beja.

Francisco de França Tavares e Cunha, para dicto das Varzeas, no de Vizeu.

Honorio Anselmo de Pinho, para dicto de Bellasima do Chão, no d'Aveiro.

José Rodrigues d'Assumpção, para dicto da villa do Coruche, no de Santarem.

#### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Guilherme José Faure, para professor vitalicio das cadeiras de lingua franceza e mgleza do lyceu nacional de Leiria. (Decreto de 26 de janeiro ultimo).

Roberto Augusto da Costa Campos, para o logar de Amannense do Real Archivo da Torre do Tombo. (Decreto de 27 dicto).

João José da Fonseca e Costa, para professor vitalicio da 5.ª cadeira do lyceu nacional d'Evora. (Decreto de 26 dicto).

**Observações feitas em 1857 no Observatorio de Coimbra  
para a determinação da sua longitude. (a)**

Mez	Dia	Astro	Intervallo das passagens do astro e do bordo da lua		$t - t' = \varphi$	Longitude de Coim- bra ao oc- cidente de Greenwich
			Observada em Coimbra $= t$	Calculada em Greenwich $= t'$		
Outubro	27	$\gamma$ de Capric.	+ 19'48"44	+ 18'36"50	+ 71"84	33'21"3
	27	$\delta$ de Capric.	+ 12 49,50	+ 11 37,81	+ 71,69	33 17,2
	27	$\delta$ de Aquar.	— 32 8,06	— 33 20,04	71,98	33 25,3
	29	$\lambda'$ de Aquario	+ 36 46,69	+ 33 34,32	+ 72,37	33 40,5
	29	$\varphi$ de Aquario	+ 27 34,00	+ 26 21,85	+ 72,15	33 34,3
	30	21 dos Peixes	+ 44 43,88	+ 43 29,54	+ 74,34	33 22,8
	30	$\epsilon$ dos Peixes	— 28 39,00	— 29 53,88	+ 74,88	33 37,3

(a) Continuação da pag. 252.

**REFLEXÕES ACERCA DA PASSAGEM DAS EQUAÇÕES DO MOVIMENTO ELLIPTICO  
PARA AS DOS MOVIMENTOS HYPERBOLICO E PARABOLICO.**

Laplace no liv. 2.º, n.º 22 da Mecanica Celeste achou, para a determinação do movimento de um astro em uma secção conica, as trez equações seguintes,

$$\frac{t\sqrt{a}}{a\sqrt{a}} = u - e \sin u, \quad r = a(1 - e \cos u), \quad t\sqrt{\frac{1}{2}}v = \sqrt{\frac{1+e}{1-e}} t\sqrt{\frac{1}{2}}u \dots \dots (1)$$

o angulo auxiliar  $u$  é o que os Geometras chamam anomalia excentrica; e tanto este, como os angulos  $\frac{t\sqrt{a}}{a\sqrt{a}}$  e  $v$  são contados do perihelio.

No caso do movimento elliptico a 2.ª equação (1) dá  $\cos u = \frac{a-r}{ae}$ ; mas o maior valor positivo de  $a-r$  é  $ae$ , e o seu maior valor negativo é  $-ae$ ; será pois  $\cos u < 1$ , ou  $u$  real no movimento elliptico.

No caso do movimento hyperbolico  $a$  é negativo, e  $e > 1$ ; e a 2.ª equação (1) dá  $\cos u = \frac{a+r}{ae}$ ; mas o menor valor de  $a+r$  é  $ae$ ; será pois  $\cos u > 1$ , ou  $u$  imaginario no movimento hyperbolico.

No caso do movimento parabolico  $a$  é infinito e  $e=1$ ; chamando pois  $D$  a distancia perihelia ou  $a = \frac{D}{1-e}$ ; a 2.ª equação (1) muda-se em  $r = \frac{D}{1-e}(1-e \cos u)$ , donde se tira  $\cos u = \frac{D - (1-e)r}{De}$ , que, por ser  $e=1$ , dá  $\cos u = 1$ , ou  $u$  nullo no movimento parabolico.

De tudo isto, e da simples inspecção da 1.ª equação (1) concluiremos tambem que a anomalia media  $\frac{t\sqrt{a}}{a\sqrt{a}}$  é real no movimento elliptico, imaginaria no hyperbolico, e nulla no parabolico: o que podiamos concluir immediatamente do valor de  $a^{\frac{1}{2}}$ , que no 1.º caso é real, no 2.º imaginario, e no 3.º infinito.

Laplace transformou as equações (1), relativas ao movimento elliptico, nas do movimento hyperbolico fazendo  $a$  negativo,  $e > 1$ , u e  $\frac{tV\mu}{aV\mu}$  imaginarios; e transformou as mesmas equações nas do movimento parabolico fazendo-lhes mudanças que equivalem a fazer  $a$  infinito,  $e=1$ , u e  $\frac{tV\mu}{aV\mu}$  nulos. Entre tanto as equações dos movimentos hyperbolico e parabolico podem achar-se directamente, accommodando a estes dois casos as equações differenciaes, e integrando-as; é isto o que vamos fazer.

As equações differenciaes, cuja integração deu as equações (1), são as seguintes,

$$dv = \frac{\sqrt{a(1-e^2)} \cdot dr}{r \sqrt{2r - \frac{r^2}{a} - a(1-e^2)}}, \quad dtV\mu = \frac{r dr}{\sqrt{2r - \frac{r^2}{a} - a(1-e^2)}} \dots\dots (2)$$

que as hypotheses de  $a$  negativo, e  $e > 1$  tornam em

$$dv = \frac{\sqrt{a(e^2-1)} \cdot dr}{r \sqrt{2r + \frac{r^2}{a} - a(e^2-1)}}, \quad dtV\mu = \frac{r dr}{\sqrt{2r + \frac{r^2}{a} - a(e^2-1)}} \dots\dots (3)$$

a 1.ª pôde mudar-se em

$$dv = - \frac{d\left(\frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e}\right)}{\sqrt{1-\left(\frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e}\right)}}, \text{ cujo integral é } v = \text{arc.} \left( \cos = \frac{a(e^2-1)\frac{1}{r}-1}{e} \right),$$

$$\text{ou} \quad r = \frac{a(e^2-1)}{1+e \cos v} \dots\dots\dots (4)$$

que é a equação da hyperbole, sendo o angulo  $v$  contado do perihelio; e por isso se não juntou ao integral a constante arbitraria.

$$\text{A 2.ª equação (3) muda-se em } \frac{dtV\mu}{Va} = \frac{r dr}{\sqrt{r^2 + 2ar - a^2(e^2-1)}},$$

$$\text{para a integrar façamos} \quad r = s - a \dots\dots\dots (5)$$

$$\begin{aligned} \frac{dtV\mu}{Va} &= \frac{s ds}{\sqrt{s^2 - a^2 e^2}} - \frac{a ds}{\sqrt{s^2 - a^2 e^2}} = \frac{s ds}{\sqrt{s^2 - a^2 e^2}} - \frac{a \frac{ds}{\sqrt{s^2 - a^2 e^2}} (s + \sqrt{s^2 - a^2 e^2})}{s + \sqrt{s^2 - a^2 e^2}} = \\ &= d \cdot \sqrt{s^2 - a^2 e^2} - a \cdot \frac{d(s + \sqrt{s^2 - a^2 e^2})}{s + \sqrt{s^2 - a^2 e^2}}; \text{ cujo integral é} \end{aligned}$$

$$\frac{tV\mu}{aVa} = \sqrt{s^2 - a^2 e^2} - a \log. (s + \sqrt{s^2 - a^2 e^2}) + c \dots\dots\dots (6)$$

$$\text{Façamos } \sqrt{s^2 - a^2 e^2} = a e t g \omega, \text{ e virá } s = \frac{ae}{\cos \omega} \dots\dots\dots (7)$$

$$\text{e substituindo na equação (6), virá } \frac{tV\mu}{Va} = a e t g \omega - a \log. \left( \frac{ae}{\cos \omega} + a e t g \omega \right) + c, \quad \text{ou}$$

$$\frac{tV\mu}{aVa} = e t g. \omega - \log. \left( \frac{1 + \text{sen } \omega}{\cos \omega} \right) + c' \dots\dots\dots (8)$$

sendo porém

$$\frac{1 + \sin \omega}{\cos \omega} = \frac{\left( \cos \frac{1}{2} \omega + \sin \frac{1}{2} \omega \right)^2}{\left( \cos \frac{1}{2} \omega + \sin \frac{1}{2} \omega \right) \left( \cos \frac{1}{2} \omega - \sin \frac{1}{2} \omega \right)} = \frac{1 + \operatorname{tg} \frac{1}{2} \omega}{1 - \operatorname{tg} \frac{1}{2} \omega} =$$

$$= \frac{\operatorname{tg} \frac{\pi}{4} + \operatorname{tg} \frac{1}{2} \omega}{1 - \operatorname{tg} \frac{\pi}{4} \operatorname{tg} \frac{1}{2} \omega} = \operatorname{tg} \left( \frac{\pi}{4} + \frac{1}{2} \omega \right),$$

a equação (8) se mudará em

$$\frac{tV^\mu}{a^\mu} = e \operatorname{tg} \omega - \log. \operatorname{tg} \left( \frac{\pi}{4} + \frac{1}{2} \omega \right) + c';$$

mas é  $t=0$  quando  $r=a(e-1)$ , ou  $s=ae$ , isto é, quando  $\omega=0$ ; logo  $c' = \operatorname{tg} \frac{\pi}{4} = 0$ ;

fica portanto

$$\frac{tV^\mu}{a^\mu} = e \operatorname{tg} \omega - \log. \operatorname{tg} \left( \frac{\pi}{4} + \frac{1}{2} \omega \right) \dots \dots \dots (9)$$

substituindo em (5) o valor (7) de  $s$ , virá

$$r = a \left( \frac{e}{\cos \omega} - 1 \right) \dots \dots \dots (10)$$

e igualando este valor com (4), será

$$\frac{e^2 - 1}{1 - e \cos v} = \frac{e}{\cos \omega} - 1, \text{ ou } \cos v = \frac{e \cos \omega - 1}{e - \cos \omega},$$

donde se tira

$$1 - \cos v = \frac{(e+1)(1 - \cos \omega)}{e - \cos \omega}, \quad 1 + \cos v = \frac{(e-1)(1 + \cos \omega)}{e - \cos \omega}; \text{ será por-}$$

tanto

$$\frac{1 - \cos v}{1 + \cos v} = \frac{e+1}{e-1} \frac{1 - \cos \omega}{1 + \cos \omega}, \text{ ou } \frac{\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} v}{\cos^2 \frac{1}{2} v} = \frac{e+1}{e-1} \frac{\operatorname{sen}^2 \frac{1}{2} \omega}{\cos^2 \frac{1}{2} \omega}, \text{ isto é}$$

$$\operatorname{tg} \frac{1}{2} v = \sqrt{\frac{e+1}{e-1}} \operatorname{tg} \frac{1}{2} \omega \dots \dots \dots (11)$$

As equações (9), (10), (11) são as mesmas que achou Laplace, a 1.<sup>a</sup> dá  $\omega$  em função de  $t$ , e depois as outras duas determinam  $r$  e  $v$ .

Façamos agora  $a(1-e)=D$  nas equações (2), e teremos

$$dv = \frac{V D (1-e) dr}{r \sqrt{2r - \frac{r^2}{a} - (1+e)D}}; \quad dt V^\mu = \frac{r dr}{\sqrt{2r - \frac{r^2}{a} - (1+e)D}}; \text{ fazendo depois } e=1,$$

e  $a=\infty$ , virá

$$dv = \frac{V D dr}{r \sqrt{r-D}}, \quad dt V^\mu = \frac{r dr}{V 2 \sqrt{r-D}} \dots \dots \dots (12)$$

3

A primeira póde tomar a fórma

$$dv = \frac{d \left( \frac{2D}{r} - 1 \right)}{\sqrt{1 - \left( \frac{2D}{r} - 1 \right)^2}}, \text{ cujo integral é}$$

$$v = \operatorname{arc} \cos \left( \frac{2D-r}{r} \right), \text{ ou } r = \frac{D}{\cos^2 \frac{1}{2} v} \dots \dots \dots (13)$$

que é a equação da parábola, sendo o angulo  $v$  contado do perihelio; e por isso se não juntou ao integral a constante arbitrária.

Substituamos o ultimo valor de  $r$  na 2.ª equação (12), e teremos

$$\frac{dtt' \frac{1}{2} \mu}{D \frac{1}{2} D} = \frac{dv \cdot \sin \frac{1}{2} v}{\cos^2 \frac{1}{2} v \sqrt{1 - \cos^2 \frac{1}{2} v}} = \frac{dv}{\cos^2 \frac{1}{2} v} = \frac{dv \left( \sin^2 \frac{1}{2} v + \cos^2 \frac{1}{2} v \right)}{\cos^2 \frac{1}{2} v}, \text{ donde se tira}$$

$$\frac{dtt' \frac{1}{2} \mu}{D \frac{1}{2} D} = \frac{d \left( \frac{1}{2} v \right)}{\cos^2 \frac{1}{2} v} + 2tg^2 \frac{1}{2} v \cdot \frac{d \left( \frac{1}{2} v \right)}{\cos^2 \frac{1}{2} v},$$

cujo integral é 
$$\frac{tt' \frac{1}{2} \mu}{D \frac{1}{2} D} = tg \frac{1}{2} v + \frac{1}{3} tg^3 \frac{1}{2} v \dots \quad (14)$$

contando-se o tempo desde o perihelio, onde  $v=0$ .

As equações (13) e (14) são as mesmas que achou Laplace; a 2.ª dá  $v$  em função de  $t$ , e a 1.ª determina depois o valor de  $r$ .

Mostremos agora que a 1.ª equação (1) dá um unico valor real de  $u$  para cada valor de  $t$ : seja  $y = u - e \sin u - \frac{tt' \frac{1}{2} \mu}{a \frac{1}{2} a}$ , e será  $\frac{dy}{du} = 1 - e \cos u$ , quantidade positiva, por ser na ellipse  $e < 1$ ; logo  $y$  cresce positivamente com  $u$  desde  $u=0$  até  $u=\infty$ ; e é uma função continua por serem finitas todas as suas derivadas em ordem a  $u$ : sendo porém  $y$  negativo quando  $u=0$ , e  $y$  positivo quando  $u=\infty$ , haverá um valor real de  $u$  que torne  $y=0$ ; e este valor será unico, por ser, como vimos,  $y$  uma função sempre crescente.

O mesmo podemos mostrar a respeito da equação (9); para isso façamos

$\log. tg \left( \frac{\pi}{4} + \frac{1}{2} \omega \right) = x$ ; e chamando  $c$  a base dos logarithmos hyperbolicos, virá

$$c^x = tg \left( \frac{\pi}{4} + \frac{1}{2} \omega \right) = \frac{1 + tg \frac{1}{2} \omega}{1 - tg \frac{1}{2} \omega}; \text{ donde se tira } tg \frac{1}{2} \omega = \frac{c^x - 1}{c^x + 1}; \text{ mas } tg \omega = \frac{2tg \frac{1}{2} \omega}{1 - tg^2 \frac{1}{2} \omega};$$

será pois  $tg \omega = \frac{c^{2x} - 1}{2c^x}$ ; e a equação (9) tornar-se-ha em  $\frac{tt' \frac{1}{2} \mu}{a \frac{1}{2} a} = \frac{e}{2} \cdot \frac{c^{2x} - 1}{c^x} - x$ ;

seja  $y = \frac{e}{2} \cdot \frac{c^{2x} - 1}{c^x} - x - \frac{tt' \frac{1}{2} \mu}{a \frac{1}{2} a}$ ; como  $\frac{dy}{dx} = \frac{e}{2} \cdot \frac{c^{2x}}{c^x} - 1$  é positivo por ser na hyper-

bole  $e > 1$ , a função  $y$  cresce positivamente com  $x$  desde  $x=0$  até  $x=\infty$ , e é continua por serem finitas todas as suas derivadas em ordem a  $x$ ; mas é  $y$  negativo quando  $x=0$ , e  $y$  positivo quando  $x=\infty$ ; haverá pois um valor real de  $x$  que torne  $y=0$ ; e este será unico por ser  $y$  uma função sempre crescente.

Finalmente a equação (14) dá tambem um unico valor real de  $v$  para cada valor de  $t$ : para o mostrarmos façamos  $tg \frac{1}{2} v = z$ ,  $\frac{dtt' \frac{1}{2} \mu}{D \frac{1}{2} D} = k$ , e a equação (14) mudar-se-ha em  $z^3 + 3z - k = 0$ ; que tem uma raiz real positiva por ser de grau impar, e negativo o seu ultimo termo: seja  $a$  esta raiz, e dividindo o seu 1.º membro por  $z - a$ , virá  $z^3 + 3z + a^2 + 3 + \frac{a^3 + 3a - k}{z - a} = 0$ ; mas  $a^3 + 3a - k = 0$  por ser  $a$  raiz da equação; fica pois  $z^3 + 3z + a^2 + 3 = 0$ ; e esta equação deve dar as outras duas raizes, que são  $z = \frac{-a \pm \sqrt{-3(a^2 + 4)}}{2}$ , ambas imaginarias: assim a equação (14) dá um unico valor real de  $v$  para cada valor de  $t$ .

De tudo isto concluímos, que tanto no caso do movimento elliptico, como nos dos movimentos hyperbolico e parabolico, a cada valor de  $t$  corresponde um systema unico de valores de  $r$  e  $v$ .

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## PRELEÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO LECTIVO DE 1795 A 1796.

### PARTE 1.<sup>a</sup>

#### Da forma e constituição do Imperio Portuguez.

Continuado de pag. 260.

#### CAPITULO IV.

*Responde-se aos argumentos com que se intenta  
provar a sujeição de Portugal, ainda depois  
da morte de D. Afonso VI.*

Os hespanhoes impugnã a independencia do nosso reino, e trazem varias razões para mostrar que, não só o conde Henrique, mas ainda seus successores, foram sujeitos à Hespanha.

Elles dizem:

1.º Que o conde D. Henrique reconheceria sempre vassalagem à corôa de Castella emquanto vivera. E o provam com o logar do arcebispo de Toledo, D. Rodrigo, *de reb. Hespan.* L. VII, cap. 5: « *Comes Henricus coepit aliquantulum rebellare, non tamen subtraxit dominium toto tempore vitæ suæ.* »

Mas a isto se responde, que este escriptor, allucinado pela paixão, erra aqui contra a verdade da historia; pois é constante d'ella, e attestado pelos mesmos escriptores hespanhoes, quaes são Marianna e outros, que o conde Henrique esteve em guerra com a rainha D. Urraca por todo o tempo, que sobreviveu a D. Afonso VI.

Fr. Antonio Brandão, na P. III da *Mon. Lusit.* L. VIII, cap. 9 e 14, quer mostrar que esta guerra fôra para sustentar os direitos, que a rainha D. Thereza tinha a herança dos reinos de Leão e Castella, como filha mais velha d'el-rei D. Afonso VI; de maneira que o conde Henrique não sómente não reconhecia vassalagem a Castella, mas até queria ser ahi senhor.

Porém, sem entrarmos 'nesta averiguação, basta, para o nosso intento, ser certo, que

VOL. VI.

MARÇO 1.º — 1858.

elle fez guerra a sua cunhada e que lhe tomou varias terras em Leão e Galiza, (as quaes ficaram unidas, por sua morte, à corôa de Portugal), e por conseguinte, que em sua vida se mostrou independente da Hespanha, e *subtraxit dominium* contra o que affirma o arcebispo de Toledo.

Dizem:

2.º Que os reis de Hespanha pretenderam de D. Afonso Henrique, que em signal de sujeição lhes pagasse tributo, e assistisse às côrtes de Leão, como feudatario d'esta corôa; e que D. Afonso Henrique, supposto repugnasse ao principio, contudo, depois de vencido por força d'armas, promettera fazel-o, e reconheceria por sua propria confissão o direito dos reis leonezes.

Emquanto a primeira parte, é certo que el-rei de Castella pretendeu que D. Afonso Henrique lhe pagasse o tributo, depois que este foi aclamado rei no campo de Ourique. Isto se prova de uma carta escripta pelo mesmo D. Afonso Henrique a S. Bernardo que traz Brito, na Chron. de Cister<sup>1</sup>, na qual diz que tendo tomado o titulo de rei, el-rei de Castella se queixara d'isto ao papa, o qual, pelo seu legado, lhe intimou que ou largasse o dicto titulo, ou ao menos pagasse tributo ao rei de Castella.

Porém, reflectindo-se attentamente na substancia da referida carta, conhece-se bem que ella serve mais para provar a independencia de Portugal do que para a combater.

a) Porque mostra que el-rei de Castella só então quizera obrigar D. Afonso Henrique a pagar-lhe tributo, e por consequencia que nunca antes o tinha pago, nem se lhe havia pedido.

b) Porque se vê que a causa d'elle pretender o dicto tributo era só por haver D. Afonso tomado então o titulo de rei; de maneira que a queixa, feita por el-rei de Castella ao papa, fundava-se em ter D. Afonso Henrique tomado o referido titulo, e o papa, deferindo a esta queixa, dava-lhe a escolha ou de largar aquelle titulo, ou de, ao menos, pagar tributo aos castelhanos.

Logo, é manifesto que a pretensão do tributo não era absoluta, e que D. Afonso Hen-

<sup>1</sup> L. III. c. 4, D. José Barbo. Catal. das rainh. p. 53.

riques, ainda mesmo segundo o requerimento d'el-rei de Castella<sup>1</sup> podia exemptar-se de a pagar, abdicando o titulo de rei, que havia tomado.

e Por que a mesma carta prova que D. Afonso Henriques repugnou pagar o tributo pretendido, rezou a obrigação, e pediu ao papa, que assum o declarasse; e, ou por devoção, ou por temer que o papa se deixasse mover do poder d'el-rei de Castella, offereceu-se a fazer o reino tributario a Se Apostolica.

E, que toda a disputa fosse acerca do titulo de rei, que o nosso soberano então havia tomado, parece colligir-se (além das razões já referi as de uma carta de Innocencio III a D. Sancho I: « *caeterum, quum idem pater tuus, usque ad tempora Alexandri papae praedecessoris nostri ducis esset nomine appellatus, ab eodem meruit obtinere, ut tam ipse, quam ejus haeredes regio nomine vocarentur* »).

Em uma palavra, el-rei de Hespanha levava a mal que D. Afonso houvesse tomado o titulo de rei; recorreu ao papa, a quem os principes, em aquelles tempos, chamavam de ordinario para arbitro de suas controversias; e D. Afonso nesta carta pede a S. Bernardo, que lhe faça ver a sua justiça para que elle não insista em favorecer el-rei de Castella.

Mas que razão haveria para el-rei de Castella se oppôr a que D. Afonso Henriques tomasse o titulo de rei? Com que direito o pretendia elle obrigar a abdicar o dicto titulo? E por que razão queria o papa, que D. Afonso Henriques com effeito largasse o nome de rei, ou pagasse tributo ao de Castella? Não são todos estes factos um argumento forte, de que Portugal era sujeito a Hespanha, e dependente dos soberanos d'este imperio? Eis-aqui uma reflexão, que naturalmente deve excitar a pretensão do rei de Hespanha, que deu occasião a carta de que temos fallado.

Julgo, porém, que não será difficultoso responder a este argumento, se bem advertirmos nos costumes e modo de pensar d'aquelle tempo.

Consta da historia, que D. Afonso VII de Hespanha havia tomado o titulo de imperador nas côrtes de Leão em 1134. Era, pois, natural que elle, segundo as preoccupações do seu seculo, se persuadissem, que nenhum dos principes da Hespanha, aos quaes se julgava superior, não só em poder, mas em auctoridade, podia tomar novo titulo de dignidade sem seu consentimento; e por consequencia, que levasse a mal o nome de rei, de que D. Afonso Henriques principiava a usar.

Os imperadores tiveram nos seculos de ignorancia pretensões d'esta natureza, e se consideravam superiores aos reis. Sigismundo,

imperador de Allemanha, vindo a Paris no tempo de Carlos VI (1415), tomou no parlamento o primeiro logar, como se fosse rei de França, e creou um cavalleiro; e até quiz, estando em Leão de França, erigir em duado o condado de Saboia, o que se lhe não consentiu<sup>1</sup>.

Em quanto a segunda parte, affirmam, que D. Afonso Henriques, sendo captivado por D. Fernando, rei de Leão, em Badajoz numa batalha em que teve a infelicidade de quebrar uma perna, alcançara a liberdade debaixo da condição de ir ás côrtes de Leão, assim que podesse montar a cavallo; e que, para salvar a palavra, que dera, nunca mais se pozera a cavallo, querendo com este pretexto fraudar a sua promessa.

Mas este argumento pouca força tem, porque a promessa de D. Afonso Henriques, em que elle se funda, não se prova; antes ha graves razões para assentar que o facto foi muito diverso do que se representa.

O primeiro auctor, que fez menção de tal promessa, foi Lucio Marinho, siculo, cujos escriptos mostram que sabia pouco das cousas de Hespanha, em que se engana a cada passo, e nas de Portugal estava tão hospede, que fallando de D. Afonso Henriques, e tendo referido, que elle tomara Lisboa, vencera os mouros na batalha do Campo de Ourique, e prendera sua mãe, conclue assim: *de quo nihil ultra legimus, neque quis fuerit finis ejus, compertum habemus*<sup>2</sup>.

Temos, além d'isso, a nosso favor o testemunho de D. Rodrigo de Toledo, e de Lucas Tudense<sup>3</sup>, os quaes contando a historia da prisão de D. Afonso Henriques na occasião, em que quebrou a perna em Badajoz, accrescentam que ficara tão mal tractado d'ella, que nunca mais se pôde pôr a cavallo, sem dizerem uma só palavra do supposto pacto<sup>4</sup>.

Nem a causa d'esta guerra foi outra mais do que haver D. Afonso Henriques sitiado Badajoz, que apezar de ser dos Mouros, reconhecia a el-rei de Leão com tributo: e por isso as condições da paz consistiram na restituição das terras, que os portuguezes haviam tomado, ficando D. Afonso pacifico senhor de seus Estados, como já dissemos<sup>5</sup>.

Dizem:

3.º — Que a sujeição de Portugal no tempo de D. Afonso Henriques se prova pela celebre promessa de Egas Moniz.

Eis como referem este caso.

D. Afonso VII, fazendo guerra a Portugal,

<sup>1</sup> Millot Elém. de l'hist. de France, t. II, p. 187. Os nossos auctores, preoccupados d'estas idéas, contam como privilegio do nosso reino o não dever vassalagem ao imperador. Vid. Cabedo, P. II, dec. 7, n. 4.

<sup>2</sup> Vej. Fr. Ant. Brand. *Mon. Lus. P. III, L. 11, c. 14*.

<sup>3</sup> Com elles concorda Rogerio de Hovader, escriptor inglez contemporaneo de D. Afonso Henriques, de que faz menção Brand. *Mon. Lus. P. III, L. 8, cap. 9*.

<sup>4</sup> Cit. Brand.

<sup>5</sup> Mon. Lus. P. III, L. 10, c. 10. Baron. IV. 12 ad ann. 1179, n. 16.



por este se querer subtrahir da obediencia, que lhe devia, poz sitio a Guimarães. Estando a villa em grande aperto, Egas Moniz foi ao campo hespanhol, e alcançou do mesmo D. Affonso, que levantasse o sitio, prometendo-lhe que el-rei de Portugal iria ás côrtes de Leão. E, não querendo D. Affonso Henriques ratificar o pacto, appresentou-se Egas Moniz em Toledo, entregando-se com sua mulher e filhos nas mãos de D. Affonso VII, e offerecendo a vida de todos a trôco da palavra mal cumprida, da qual o houve este principe por quite, admirado da sua honra e lealdade.

Alguns de nossos escriptores reprovam esta historia, e negam a ida de Egas Moniz a Castella; porém, Fr. Antonio Brandão<sup>1</sup> os nota de atrevidos, porque rejeitam uma tradição antiga, e recebida. sem haver monumentos authenticos, que a contradigam.

Porém, o mesmo Brandão julga, que a causa por que D. Affonso VII entrara em Portugal 'nesta occasião, e pozera cerco a Guimarães, fôra para se vingar da perda que havia soffrido na batalha de Val de Vez, em que D. Affonso Henriques o derrotara.

Elle se persuade que el-rei de Castella na occasião em que perdeu a dicta batalha, isto é, em 1128, viera em soccorro de sua thia, a rainha D. Thereza, que estava cercada no castello de Lanhoso por seu filho, o infante D. Affonso Henriques; e diz que os portuguezes se temiam que elle, com sombra de dar favor á rainha, tractasse de sujeitar a terra de Portugal, e fazer-se senhor d'ella; offerta que, segundo alguns escrevem, lhe fizera a mesma rainha, para o obrigar a vir em sua ajuda<sup>2</sup>.

Posto isto, podemos dizer — 1.º que, se esta offerta foi verdadeira, D. Affonso VII em virtude d'ella pretendia que seu primo D. Affonso Henriques lhe ficasse sujeito; e que este foi o motivo d'elle entrar então em similhante pretensão, de que seus antecessores se não haviam lembrado. 2.º que ainda suppondo, que tal offerta não houve, sempre é certo que esta segunda entrada de D. Affonso VII em 1129, quando poz cerco a Guimarães, foi para se vingar da rota de Val de Vez; e portanto era natural, que, sendo-lhe favoravel a sorte das armas, quizesse pôr condições duras aos vencidos, podendo-se d'ahi concluir, que, se elle com effeito exigia que D. Affonso Henriques fosse ás côrtes leonezas, fundava esta pretensão na superioridade de suas forças, e não em algum direito antecedente, como acontece geralmente nas capitulações, em que os vencedores dictam a lei a seu arbitrio. — 3.º que D. Affonso Henriques não estava obrigado a fazer boa a capitulação, que Egas Moniz concluia sem auctoridade sua. E com effeito os que referem

esta historia, dizem que elle recusou fazel-o, e dão este motivo á ida de Egas Moniz a Toledo, aonde, como dissemos, se foi apresentar ao rei de Castella com sua familia, para se offerecerem como victimas da falta de observancia do pacto a que se obrigára.

Accresce a isto, que, supposto haja toda a razão para assentar que Egas Moniz fizera esta jornada a fim de se entregar nas mãos de el-rei de Castella, em satisfação de uma promessa, que lhe havia feito em nome de seu principe, e não podera desempenhar; contudo, Fr. Antonio Brandão<sup>1</sup> julga que esta promessa não fôra de fazer que D. Affonso Henriques fosse ás suas côrtes, porque não consta que os reis d'aquelle reino intentassem soberania em Portugal. Persuade-se, pois, que talvez houvesse promessa de restituição de algumas terras de Galiza, que D. Affonso VII pretendia, e o infante havia em seu poder.

São estes os principaes argumentos com que se combate a primeira proposição, que estabelecemos, para provar o tempo da independencia de Portugal.

Se, pois, é verdade, que o nosso reino era independente de Hespanha ao tempo da morte de D. Affonso VI, é necessario procurarmos, d'ahi para traz, uma epocha, em que com maior probabilidade se possa fixar esta independencia.

*Continúa.*

## CHIMICA ORGANICA.

### FERMENTAÇÃO.

Na sessão de 21 de dezembro de 1837 da Academia das Sciencias de Paris foram lidas diferentes memorias sobre varios pontos scientificos de grande importancia, e que, em extracto encontramos nos *Comptes-rendus* das sessões da mesma Academia. Uma das mais interessantes é de Mr. Pasteur sobre a fermentação alcoolica.

Todos sabem que os phenomenos da fermentação têm sido explicados por diferentes modos, figurando hoje na sciencia a tal respeito duas theorias principaes: uma que considera o fermento como uma especie de ser organizado, de cujo desenvolvimento resulta a destruição da força, que une as moleculas do corpo fermentavel, e d'ahi, na fermentação alcoolica, o desdobramento do assucar em alcool e acido carbonico; outra, devida a Liebig, que admite que o fermento em decomposição pela acção do oxigeneo produz um movimento, que se transmite de molecula a molecula até á completa decomposição da materia saccharina.

<sup>1</sup> Brand. cit. L. 11, cap. 14.

<sup>2</sup> Mon. Lus., P. III, L. 9, cap. 19.

<sup>1</sup> Mon. Lus., P. III, L. 9, cap. 16.

É igualmente sabido que para a fermentação ter lugar é indispensável um certo grau de temperatura, e a presença do ar atmosphérico. Segundo a primeira hypothese, o oxigénio do ar é necessário para o desenvolvimento do ser organizado que constitue o fermento; na segunda theoria, o mesmo oxigénio serve para determinar a decomposição da levadura, dando assim o primeiro impulso ao movimento, a acção chimico-dynamica, a que se reduz, nesta hypothese, a fermentação.

A memoria de Mr. Pasteur, a que nos referimos, tem por fim mostrar que a theoria da organização do fermento nem é absurda, como pretende Liebig, nem destituida de fundamento. Na fermentação alcoolica ha dois casos a considerar, conforme a levadura obra sobre a agua assucarada pura, ou na presença de materias albuminoides. No primeiro caso esgota-se o fermento, e se torna improprio para de novo promover a fermentação; no segundo o fermento conserva-se activo, e, o que mais é, no fim da operação apparece maior quantidade do que a que se tinha empregado.—o que prova que o fermento se regenera, isto é, que se forma novamente uma quantidade maior do que a que se consome na operação. A decomposição do fermento, quando se gasta ao contacto da agua pura com assucar, é um dos factos, que mais importam á theoria de Liebig. « Se a fermentação, diz este auctor, fosse uma consequencia do desenvolvimento e multiplicação dos globulos, estes não a excitariam na agua assucarada pura, que carece das condições essenciaes á manifestação da actividade vital, —faltando 'nella a materia azotada necessaria á produção da parte azotada dos globulos. » Se é certo que o fermento bem lavado, lançado na agua pura com assucar, apenas se altera e destroe, é impossivel que a fermentação alcoolica seja um acto correlativo ao desenvolvimento de globulos. É isto porém o que Mr. Pasteur nega afoutamente, pretendendo, contra a opinião de Liebig, que na fermentação com agua e assucar puros ha ainda, como sempre, um acto de organização vital, e que, todas as vezes que esta organização dos globulos se effectuar por qualquer modo, é sempre tambem acompanhada do desdobramento do assucar em alcool e acido carbonico. Vejamos as experiencias, em que se funda Mr. Pasteur.

Tomem-se, diz elle, duas quantidades eguaes de fermento recente, bem lavado, e ponha-se uma d'ellas em fermentação com agua pura e assucar. Depois de ter extrahido da outra toda a sua parte solúvel, fazendo-a ferver em muita agua, filtre-se para separar os globulos. Ajunte-se depois ao liquido uma porção de assucar igual á que se empregou na primeira fermentação, e uma pequenissima quantidade de fermento, que não pôde

alterar, em quanto ao pezo, os resultados da experiencia. Estes globulos assim sementeados, para logo começam a germinar, o liquido perturba-se, e um deposito de fermento se forma pouco a pouco; —parallelamente effectua-se o desdobramento do assucar, já sensivel depois d'algumas horas. Este resultado era facil de prever; mas, o que principalmente importa notar, é que, determinando por este modo a organização em globulos da parte solúvel da segunda porção de fermento, desdobra-se um pezo consideravel d'assucar. 'Numa das experiencias de Mr. Pasteur, 5 grammas de fermento fizeram fermentar em seis dias 12,9 grammas d'assucar. A parte solúvel d'uma igual porção da mesma levadura determinou a fermentação de 10,0 grammas d'assucar em nove dias, —esgotando-se tanto o fermento empregado no primeiro caso, como o que se desenvolveu da semente no segundo.

Em resumo, diz Mr. Pasteur, quando se provoca a organização em globulos da parte azotada solúvel da levadura da cerveja, desdobra-se uma quantidade d'assucar, que se approxima ao pezo total do assucar, que pode fazer-se fermentar com uma porção de fermento bruto igual a que serviu á extração d'esta parte solúvel. A pequena differença entre os dois resultados parece, aliás, facil de comprehender. Com effeito, o desenvolvimento dos globulos deve ser difficil na agua de fermento muito diluida, e, por outra parte, a ebullição na agua tambem com difficuldade tira ao fermento toda a sua parte solúvel, provavelmente encarcerada no interior dos globulos.

Prende directamente 'nestes resultados, continua Mr. Pasteur, a explicação d'alguns phenomenos que têm sempre parecido extraordinarios na historia da fermentação. Observa-se já de ha muito Mr. Thenard, que o fermento de cerveja podia ser desseccado a 100 graos, ou levado á ebullição sem perder sensivelmente a sua energia. 'Nestas circumstancias só passado mais tempo se declara a fermentação e esta marcha mais vagarosamente. Estes factos curiosos são ainda invocados pelos chimicos que partilham as idéas de Liebig, e desprezam a influencia da organização na causa dos phenomenos, que nos occupam. Uma temperatura de 100 graos deve com effeito destruir todo o principio de vida no fermento de cerveja, e todavia este obra depois de ter soffrido tão elevada temperatura, seguida ou não d'uma dessecação prolongada. A explicação d'estes phenomenos parece a Mr. Pasteur naturalissima. Segundo elle, não são os globulos que no fermento de cerveja representam o papel principal, mas sim a organização em globulos da sua parte solúvel. Das experiencias, que acabamos de referir, resulta com effeito, que a suppressão

dos globulos formados não altera sensivelmente o effeito total sobre o assucar. Ora, seguramente, tanto importa separar-os da sua parte solúvel pela filtração, como serem mortos a uma temperatura de 100 graus, deixando-os misturados com essa parte solúvel. Por outro lado, pondo o fermento em ebulição, os globulos, separados pelo filtro, ficarão quasi completamente inertes pela ausencia da sua parte solúvel.

Mas, dir-se-ha, como se pôde estabelecer a fermentação do assucar, se é somente devida à organização da parte solúvel dos globulos, quando estes têm sido paralyzados pela temperatura de 100 graus? A esta objecção responde cabalmente Mr. Pasteur. A fermentação, diz elle, estabelece-se 'neste caso espontaneamente, como 'num liquido saccharino natural, no sumo das uvas, da canna d'assucar, etc. D'esta maneira se explica a demora e maior duração da acção do fermento, que acima notamos, quando este é dessecado previamente a temperatura de 100 graus.

Vê-se pois, que em todos os casos, ainda os menos proprios apparentemente para nos fazer crer na influencia da organização nos phenomenos de fermentação, o acto chimico que os characteriza é sempre correlativo d'uma formação de globulos lenta e progressiva como esse acto chimico.

Outra observação de Mr. Pasteur, não menos interessante pela nova phase por que vae fazer passar as theorias da fermentação, vem confirmar por outra parte as precedentes illações. Era principio assentado, que o fermento nada cede, e nada toma á materia fermentavel. Mr. Pasteur estabelece, pelo contrario, que o fermento recebe alguma coisa do assucar; que este é um alimento d'aquelle; que não ha equação, enfim, entre as quantidades d'alcool e de acido carbonico, e o peso total do assucar, que se torna incristalizavel. Se tomarmos com effeito duas quantidades eguaes de fermento recente e lavado, e pesarmos uma d'ellas depois de dessecada a 100 graus, o seu peso é sempre inferior, segundo Mr. Pasteur, ao da outra porção igualmente dessecada a 100 gr., mas depois de se ter empregado na fermentação d'uma quantidade d'assucar em excesso. Se este facto, bem como os de mais que deixamos consignados, são inteiramente exactos, não poderemos deixar de concluir com Mr. Pasteur, que a fermentação alcoolica é um acto dependente d'um phenomeno vital, d'uma organização de globulos, na qual o assucar toma uma parte directa, fornecendo uma porção dos elementos da substancia d'estes globulos. Importa pois averiguar os factos, repetindo as experiencias de Mr. Pasteur. Faceis são ellas; nem exigem muito tempo, nem appparelhos complicados, nem grandes despesas. Não seja tudo applicação e utilidade material. Dê-se

algum tempo tambem ao estudo das questões theoricis.

A base, o ponto de partida de todas as applicações uteis, tem sido, quasi sempre, a theoria, e hoje não ha uma descoberta d'utilidade, que não prenda mais ou menos directamente 'nalguma idéa theorica. Por isso e que no seguinte n.º do Instituto daremos um extracto d'uma nota de Mr. T.L. Phipson, acerca da putrefacção a 35.º abaixo de zero, que o A. explica pela condensação do oxigeno, e pela estabilidade provavel do ozone a esta temperatura.

Esta explicação liga-se com effeito ao objecto de que nos temos occupado, por tender a modificar as idéas theoricis geralmente recebidas acerca da putrefacção, e, por consequencia, de todos os phenomenos da mesma natureza.

A. G.

## A TUTELA DO GOVERNO NA INDUSTRIA.

A sociedade não é um facto voluntario e contingente: é um facto necessario e legitimo, que não depende da vontade do homem. O homem, disse profundamente Trebutien, pertence á sociedade mesmo a seu pesar.

A doutrina, que assenta na falsa supposição d'um estado natural, — e que vogou, principalmente, no fim do seculo passado, em que se pretendeu freneticamente derrubar o magestoso edificio das leis providenciaes, que originam a harmonia social, não tem hoje, felizmente, um unico admirador illustrado.

Que a sociabilidade é uma das leis providenciaes, impostas pelo creador ao mundo moral, e uma condição essencial da conservação, vida e progresso da humanidade, demonstram-no evidentemente a natureza physica e moral do homem, e a historia de todos os povos. A sociedade não é um producto da imaginação humana. A sua base é mais solida. O poder, que a dictou, tinha mais sabedoria, do que todas as intelligencias humanas reunidas.

Eu rejeito todas as organizações da sociedade, filhas da intelligencia humana. Creio firmemente na harmonia e progresso, que resultam da livre acção das leis providenciaes, a que Deus confiou o desenvolvimento successivo da humanidade. Se o cimento da organização social fosse invenção do homem, então — sancto Deus! — cada um dos modernos reformadores dos vicios da sociedade appareceria pela manhã, a porta do seu gabinete, pallido, e com todas as feições characteristics, que distinguem o innovador ousado, appareceria, digo, com um plano de reforma na mão. Cada um, julgando, que a entrada no templo das sciencias, era um privilegio seu, exaltaria heroicamente as transcenden-

tes vantagens, que a sociedade receberia da adopção do seu projecto d'organisação artificial.

Uma organisação social, producto da intelligencia d'um sabio, seria acerba e violentamente guerreada por aquelles que desejassem ardentemente a ovação dos resultados de suas vigílias. As revoluções seriam infinitas, e o progresso da humanidade impossivel.

Os reformadores modernos desconhecem a natureza humana. Querem aniquilar o homem. Pretendem sopear-o, suppondo que todos os males d'elle resultam, não attendendo a que elle tambem faz e practica o bem. Querem a destruição da liberdade: fulminam o livre arbitrio do homem. Aspiram ao dominio da sociedade. Desejam, que esta seja inteiramente governada pela sua intelligencia. 'Numa palavra promovem o despotismo.

Loucos!! A actividade intellectual existirá apenas em seu cerebro? Estarão todos os outros homens sujeitos, em corpo e alma, á vontade caprichosa e perversa d'estes suppostos philantropos modernos, que, com a doçura nos labios, aspiram ao mais immediato, ao mais universal, ao mais feroz dos despotismos? Não, mil vezes não.

A sociedade tem leis vitais, que o seu supremo fundador lhe prescreveu. O mechanismo social revella, como o mechanismo celeste, e o mechanismo do corpo humano, a alta sabedoria do Creador, e ostenta sua gloria. Quem dominou a materia pela acção de certas leis, estabeleceu tambem a harmonia do mundo moral, curvando, em seu desenvolvimento, a ordem social ao imperio de certos principios. A altissima intelligencia do Creador derramou a harmonia, não só entre as moleculas inertes, mas tambem entre os agentes livres. E até a mechanica social, que mais vivamente annuncia a intelligencia infinita de Deus, pois que o mundo, que Newton admirava, obedece a leis de que não tem consciencia, em quanto que no mundo moral cada atomo é um sêr animado, pensante, dotado d'esta energia maravilhosa, d'este principio de toda a moralidade, de toda a dignidade, de todo o progresso, attributo exclusivo do homem — a liberdade.

Não é, felizmente, verdadeira a doutrina d'aquelles escriptores, que acreditam, que a humanidade marcha a passos de gigante para uma ruina fatal. Fora impiedade suppor-o. De mais, era preciso desconhecer a acção, por extremo benefica, quando é livre, das leis, que a dirigem. As leis do valor não conduzem á injustiça; as da renda á desigualdade; as da população á miseria; as da herança á esterilidade, como infundadamente se tem pretendido. Os interesses humanos são harmonicos, quando as leis providenciaes, a cuja acção Deus entregou o progresso da humanidade, se realisam livremente; quando

lhes não são oppostos pela mão do homem ruinosos obstaculos. Sim, as leis, que o Todo-Poderoso destinou á direcção suprema da sociedade, não a perdem; melhoram-na physica, intellectual e moralmente. Não é, pois, preciso encadeal-as, restringil-as, modificá-las, regulá-las, nem substituí-las por outras, filhas da intelligencia humana, que é apenas pallido e debil reflexo da augusta intelligencia do Creador.

Os sectarios ardentes do communismo, do socialismo, do systema prohibitivo e protector (que todos intentam fazer triumphar a mesma idéa, manifestando-a contudo mais ou menos claramente), vêem apenas a epidemie da sociedade. Condemnam o mechanismo social, antes d'estudado em seus mysteriosos arcanos. Vêem o mal, mas não lhe averiguum as causas. Decidem logo *ex cathedra*, que todos os males, que definham a sociedade trazem origem das leis providenciaes, que a regulam.

Acham mais efficazes os productos vacillantes e imperfeitissimos da sua escandecida imaginação do que os productos da intelligencia suprema... Impios e ignorantes!... Não vêem que os males, que aleivosamente imputam aos effeitos das leis providenciaes, resultam das modificações, das alterações, das perturbações, que elles proprios têm causado 'nessas leis! Não attendem a que a maior parte das calamidades e misérias sociaes, que, verdadeira ou ficticiamente, os entristecem, são effeitos da doutrina, que propagam, isto é, do despotismo, do constrangimento, da injustiça e roubo legal, que deificam, e nunca da liberdade, da justiça, da propriedade, que fulminam! As doutrinas communistas não restauram a sociedade; porque anihilam o homem; porque o vergam ao peso do mais duro despotismo; porque lhe arrebatam a liberdade; porque lhe extinguem o amor do trabalho; porque lhe contestam a propriedade dos productos de suas faculdades (um dos principios mais sanctos e universaes); 'numa palavra, porque legitimam o roubo, admitindo o fatal axioma — *tirar a uns para dar a outros* (causa de quasi todas as desgraças sociaes).

Com as doutrinas socialistas acontece o mesmo. O fim, que os socialistas têm em vista é o mesmo, que se propõem obter os communistas, — é o despotismo, — o imperio cruel do homem sobre o homem: os meios é que são apparentemente differentes.

O socialismo nega, como o communismo, a propriedade, que tem sido, e será sempre, uma condição essencial do progresso physico e moral da humanidade. E pois, sob este systema, nullo o incentivo para o trabalho. Querem tambem os socialistas, que todos os homens sejam heroes, desconhecendo cabalmente a natureza humana.

Os systemas, prohibitivo e protector, são

tambem manifestações, mais ou menos claras, do despotismo, da destruição da liberdade, do trabalho individual, da ponderação e equilibrio das riquezas por meio do roubo legal, por meio ainda do odiosissimo principio, tirar a uns para dar a outros, e produzir assim a egualdade!! A sociedade melhora-se, mas é pela troca, pela concurrencia, e pelo estabelecimento d'um governo com attribuições racionais.

A troca é a sociedade, disse profundamente F. Bastiat. É realmente impossivel conceber a vida e desenvolvimento, physico, intellectual e moral da sociedade sem a troca. As necessidades do homem são infinitas, e suas forças limitadissimas. Separado de seus semelhantes não poderia provêr, mesmo ás mais urgentes de suas necessidades. Para o homem a soledade é a morte inevitavel. Nem Daniel de Foë pôde arrebatár ás garras da morte o seu Robinson, senão fazendo-o aproveitar alguns resultados do estado social.

Pôde dizer-se, que, na solidão, as necessidades do homem excedem o numero e actividade de suas faculdades: pelo contrario na sociedade. Se o homem, em suas relações com o Creador, se distingue, de todos os outros animaes, pelo sentimento religioso, em suas relações com seus semelhantes, pela equidade, e, no que lhe diz respeito, pela moralidade, distingue-se ainda, com relação aos meios de vida e desenvolvimento, por um phenomeno notavel, isto é, pela troca. A troca é a mais poderosa alavanca do progresso da humanidade. Mas onde está o poder civilizador da troca? Em seus effectos. A troca importa a união de forças e a separação das occupações. Occasiona a divisão do trabalho, tanto individual, como territorial, que tantas maravilhas ha operado. Os innumeros beneficios com que a troca tem enriquecido a sociedade, explicam-se pela vantajosissima influencia, que ella exerce sobre o trabalho, sobre os agentes naturaes da produção, sobre as faculdades do homem, e finalmente sobre os capitais. A troca, operando no trabalho, divide-o, por assim dizer, ao infinito, e a quantidade e qualidade dos productos augmentam.

Mas não são menores as vantagens da troca, quando se considera com referencia aos agentes naturaes da produção, porque faz, quando é livre (condição essencial), com que as forças productivas da natureza, desegualmente distribuidas sobre a face do globo, sejam aproveitadas por toda a humanidade, sem necessidade de remuneração, porque são dadas de Deus, e consequentemente para todos.

Se referimos a troca ás faculdades do homem, ainda mais nos deslumbra os prodigios, que ella produz. As sciencias não teriam

chegado ao gráu de desenvolvimento, que hoje têm, se os homens não communicassem reciprocamente seus pensamentos, suas descobertas. A troca considerada sob este ponto de vista é que vem reparar o effecto da desigualdade na energia das faculdades humanas.

Mas a troca não opera todos estes beneficios effectos, senão quando se manifesta sob o dominio da liberdade. Se a troca é livre, o homem attende ás suas aptidões especiaes: consulta as vantagens naturaes com que a natureza o enriqueceu, e applica-se a uma produção especial. Presta serviços, e recebe em troca serviços, ou o representante d'elles; assim é que satisfaz as suas necessidades. Os agentes naturaes da produção são utilizados em larga escala.

Uma grande porção de trabalho, que, em condições differentes, teria de ficar opprimido o homem, é posta a cargo da natureza: assim é que uma dada quantidade de trabalho realisa uma serie, cada vez mais ampla, de satisfações: assim é que vai sendo diminuido o trabalho, que é o unico que merece retribuição, e augmentando a quantidade das satisfações: 'numa palavra assim é, que os homens se approximam invencivelmente d'um nivel commum, physico, intellectual e moral, nivel que se eleva cada vez mais. Eu quero a troca livre, porque creio na harmonia dos interesses humanos. Quero a liberdade para todas as transacções humanas, porque a troca tem seus limites naturaes. Ella não se verifica com effecto, senão em quanto occasiona vantagens ás pessoas, que 'nella figuram. A intervenção do Estado nas trocas não pôde, pois, ser senão prejudicialissima ou inutil. Se a troca encerra vantagens para as pessoas, entre as quaes se verifica, prohibi-a é o maior dos absurdos, o mais duro despotismo; é inhibir o homem de gozar os beneficios, que o creador lhe prodigalisou.

Dir-se-ha, que o homem pôde enganar-se, errar. Sem dúvida, pois que elle tem o livre arbitrio. Mas o erro é bem assim o mal, têm sua missão civilisadora. O erro e o mal importam o soffrimento, ou para aquelle que se lhes entrega, ou para seus semelhantes. No primeiro caso, é coarctado o homem no caminho do mal pela grande lei da reponsabilidade, no segundo pela solidariedade.

E demais, não é tambem o Estado composto d'homens? Têm acaso os governantes uma natureza privilegiada? São por ventura infalíveis? Não os cegam as paixões?

Ora, desde que a troca deixa d'offerecer beneficios, detem-se naturalmente. Não é mister que o Estado venha prohibi-la: e não pôde ordenal-a, nesta hypothese, sem offender o principio sancto da propriedade, sem a admissão do qual, disse M. Thiers, o mundo teria ficado barbaro.

Eu disse tambem, que a concurrencia era

um activo agente do melhoramento physico, intellectual, e moral da sociedade. Com effeito, a liberdade do trabalho e a condição mais essencial do desenvolvimento da sociedade.

*Continúa.*

ANTONIO FRANCISCO TAVARES.

## UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

*Resumo das relações das faltas que deram os Estudantes de Direito nos mezes de outubro, novembro, dezembro e janeiro, com as qualificações que têm tido nas Congregações competentes.*

### 1.º Anno Juridico.

<i>N.º das Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
1	uma	por abonar
2	uma	idem
3	uma	idem
4	dezesete	14 abon. 3 por abon.
5	duas	por abonar
7	uma	abonada
8	quatro	por abonar
11	quatro	idem
12	sete	6 abon. 1 por abon.
13	trez (1)	2 abon. 1 por abon.
15	trez	por abonar
17	uma	idem
18	duas	idem
19	cinco (2)	3 abon. 2 por abon.
20	onze	10 abon. 1 por abon.
21	trez (2)	3 abonadas
25	uma	por abonar
26	duas	1 abon. 1 por abon.
27	trez	abonadas
30	sete	por abonar
31	vinte e sete (3)	16 abon. 11 por ab.
34	dez	abonadas
36	trez	idem
38	duas	por abonar
39	duas	idem
40	nove	6 abon. 3 por abon.
41	uma	por abonar
42	uma	idem
44	uma	idem
45	dezenove	abonadas
46	doze	9 abon. 3 por abon.
47	duas	por abonar
48	quatro	abonadas
49	duas	por abonar
50	duas	abonadas
51	(4)	
52	duas	por abonar
53	duas	idem
58	duas	abonadas
59	sete	3 abon. 4 por abon.

<i>N.º das Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
60	quinze	7 abon. 8 por abon.
61	uma	por abonar
62	trez	idem
63	sete	5 abon. 2 por abon.
64	duas (2)	por abonar
65	nove	3 abon. 6 por abon.
66	trez	2 abon. 1 por abon.
67	uma	por abonar
69	cinco	1 abon. 4 por abon.
70	duas	por abonar
71	uma	idem
72	quatro	3 abon. 1 por abon.
73	duas	por abonar
75	treze (3)	abonadas
76	uma	por abonar
77	uma	idem
78	cinco	2 abon. 3 por abon.
79	uma	por abonar
80	cinco	3 abon. 2 por abon.
82	quatorze	10 abon. 4 por abon.
83	quatro	2 abon. 2 por abon.
84	duas	por abonar
86	uma	idem
87	duas	idem
88	nove	5 abon. 4 por abon.

(1) A falta que deu este estudante em 3 de novembro, foi abonada pela congregação em virtude de reclamação do lente de Encyclopaedia Juridica, mas como a falta comprehendia tambem a aula de Dir. Rom., duvidamos se deverá reputar-se plenamente abonada, e, na dúvida, a mencionamos como não abonada.

(2) Os estudantes, a que se refere esta nota, além das faltas indicadas, têm uma de Dissertação por abonar que equivale a trez faltas.

(3) Os estudantes, a que se refere esta nota, obtiveram licença para entregarem mais tarde a Dissertação, que por molestia prolongada não puderam entregar nos prazos marcados.

(4) Este estudante já tem o anno perdido por mais de 39 faltas.

### 2.º Anno Juridico.

<i>N.º das Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
3	seis	3 abon. 3 por abon.
5	uma	por abonar
6	vinte e oito (1)	abonadas
7	seis	5 abon. 1 por abon.
8	seis	3 abon. 3 por abon.
11	uma	por abonar
12	seis	4 abon. 2 por abon.
13	cinco	3 abon. 2 por abon.
16	quatorze (1)	por abon.
17	uma	idem
18	trez (2)	idem
22	uma	abonada
24	quatro	por abonar

<i>N.º dos Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
25	cinco	3 abon. 2 por abon.
26	uma	por abonar
27	onze	abonadas
28	nove	idem
29	trez (2)	2 abon. 1 por abon.
31	uma	por abonar
32	seis	3 abon. 3 por abon.
33	trez	por abonar
34	duas	idem
35	quatro (2)	2 abon. 2 por abon.
36	trez	por abonar
37	seis	1 abon. 5 por abon.
38	vinte	15 abon. 5 por abon.
39	quatro	por abonar
41	trez	idem
42	seis	2 abon. 4 por abon.
43	uma	por abonar
44	vinte e duas	abonadas
45	seis	3 abon. 3 por abon.
46	sete	5 abon. 2 por abon.
47	duas	por abonar
48	seis	5 abon. 1 por abon.
49	uma	por abonar
50	trez	idem
51	trez	idem
52	seis	2 abon. 4 por abon.
53	cinco (3)	por abonar
54	trez	idem
55	seis	3 abon. 3 por abon.
56	cinco	1 abon. 4 por abon.
57	trez	abonadas
58	uma	por abonar
59	duas	idem
60	trez	idem
61	trez	idem
62	quatro	3 abon. 1 por abon.
63	quatorze	4 abon. 10 por abon.
64	cinco	abonadas
65	trinta e trez (1)	idem

(1) Os estudantes, a que se refere esta nota, têm, além das faltas indicadas, algumas de Dissertação, sobre as quaes têm requerimentos pendentes da congregação.

(2) Uma das faltas, não abonadas, dos estudantes, a que se refere esta nota, é de sabbatina.

(3) O n.º 53, além das faltas indicadas, uma das quaes é de sabbatina, têm outra de Dissertação por abonar.

### 3.º Anno Juridico.

<i>N.º dos Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
1	uma (1)	por abonar
4	uma	idem
5	quatorze	10 abon. 4 por abon.
7	quatro	1 abon. 3 por abon.
10	sete	6 abon. 1 por abon.

<i>N.º dos Estud.</i>	<i>Total das faltas desde outubro inclusive até janeiro inclusive</i>	<i>Qualificações</i>
11	uma	por abonar
12	uma	idem
13	uma	idem
14	uma	idem
15	quatorze	8 abon. 6 por abon.
16	uma	por abonar
17	doze	abonadas
18	trez	por abonar
19	trez	idem
20	duas	idem
21	dez	6 abon. 4 por abon.
22	duas	por abonar
24	uma	idem
25	dezenove	15 abon. 4 por abon.
26	uma	por abonar
27	dez	5 abon. 5 por abon.
28	duas	por abonar
29	trez	idem
30	duas	idem
31	quatro	2 abon. 2 por abon.
32	dezesete	16 abon. 1 por abon.
33	cinco (2)	3 abon. 2 por abon.
35	trez	por abonar
36	duas (3)	idem
38	trez	idem
39	uma	idem
41	duas	1 abon. 1 por abon.
42	uma	abonadas
43	(4)	
44	uma	abonada
46	duas	idem
47	duas	por abonar
48	duas	abonadas
49	uma	por abonar
50	duas	idem
52	dezeses	7 abon. 9 por abon.
53	duas	por abonar
54	seis	1 abon. 5 por abon.
55	trez	2 abon. 1 por abon.
56	duas	por abonar
57	uma	idem
58	seis	abonadas
59	duas	por abonar
60	quinze	3 abon. 12 por abon.
61	oito	7 abon. 1 por abon.
62	cinco	1 abon. 4 por abon.
63	quatro	3 abon. 1 por abon.
64	cinco	2 abon. 3 por abon.
65	trez	por abonar
66	duas	idem
67	duas	abonadas
68	quatro	idem
70	onze	9 abon. 2 por abon.
71	doze	11 abon. 1 por abon.
73	duas	por abonar
74	uma	idem
76	uma	abonada
77	quatro	3 abon. 1 por abon.
78	quatro	por abonar

N. <sup>o</sup> da Estd.	Total das faltas des- de outubro inclusive até janeiro inclusive	Qualificações
80	uma	idem
82	cinco	abonadas
83	duas	por abonar
84	oito (5)	3 abon. 5 por abon.
85	sete	6 abon. 1 por abon.
86	dezesete	3 abon. 14 por abon.

(1) Esta falta é de sabbatina.

(2) Além das faltas mencionadas tem uma de Diser-  
tação por abonar.

(3) Uma d'estas faltas é de sabbatina.

(4) Tem o anno perdido por mais de 39 faltas.

(5) Além das faltas indicadas tem uma de Disertação,  
e duas, das que estão por abonar, são de sabbatina.

*Continúa.*

## FEBRE PUERPERAL.

### 1.<sup>a</sup> PARTE.

HAVERÁ DIFFERENÇA ENTRE A FEBRE PUERPERAL,  
A METRO-PERITONITE, E PHLEBITE UTERINA?

Continuado de pag. 270.

### III.

#### *Da febre puerperal.*

A doutrina de Broussais predominando nas sciencias medicas, e procurando localisar todas as affecções, fez com que muitas vezes se tomasse o effeito pela causa, e se julgasse como molestia aquillo que não era senão o seu resultado.

A febre puerperal, (childbed fever, puerperal fever, dos inglezes; Kindbett fiebers, dos allemães, febre pyogenica das mulheres puerperas, de Voillimier) soffreu egual sorte. Admittida desde remotas eras como entidade pathologica, foi mais tarde riscada do quadro nosographico, e substituida por metro-peritonites e phlebites uterinas, complicando o estado de puerperio. Hoje, porém, a febre puerperal voltou a occupar novamente o logar, que lhe pertencia, e a ser considerada como um estado pathologico distincto da metro-peritonite, e phlebite uterina.

A febre puerperal é uma molestia geral, aguda, febril, que ataca as mulheres puerperas, dando logar a lesões anatomicas variaveis, e ás vezes nullas. Eis a definição que d'esta molestia dá Valleix, e com a qual nos conformamos.

As lesões anatomicas, que se dão na febre puerperal, são diversas, como differentes são as formas, que ella nos apresenta. Ha algumas comtudo que se podem considerar como constantes: taes são as alterações hematologicas,

e a presença de pus em diversos pontos da economia, quando a molestia tem tido alguma duração.

A fluidez do sangue, a ausencia de coagulos é phenomeno mui frequente, que tambem se patentêa quando o sangue é tirado da veia mesmo durante a vida. Bouchut observou a redução do elemento fibrinoso á cifra de  $\frac{1}{100}$  ou  $\frac{1}{200}$ , molleza e facilidade de dilaceração no coagulo sanguineo. Ha casos em que a cifra da fibrina augmenta no principio da molestia, como foi observado por Botrel nas epidemias de Rennes em 1842 e 1844. Nem com tal nos devemos admirar, se considerarmos que a fibrina costuma augmentar nos ultimos mezes da gravidez, e elevar-se á cifra de 4,8 o maximo (Recquerel, Rodier, Andral); e que a epidemia observada por Botrel tinha por symptoma característico e principal a inflamação dos vasos lymphaticos do utero; e em quaesquer circumstancias, que sobrevenha uma inflamação, o augmento de fibrina é phenomeno constante.

Bouchut menciona uma alteração do sangue, que achou desacompanhada d'outra qualquer lesão: a existencia de globulos maiores, que os globulos rubros, incolores, franjados na sua circumferencia, e reunidos entre si. Serão globulos de pus? A formação espontanea do pus poder-se-ha admittir? Julgamos mui provavel a opinião de Monneret, e Valleix: « Os globulos purulentos de Bouchut são globulos rubros alterados. »

O amolecimento do utero é phenomeno quasi constante. A sua superficie interna apparece coberta d'um detrito de espessura variavel, côr de borra de vinho ou negro, despegando-se facilmente, e com cheiro caracteristico. E mui frequente existir amolecimentos em outros órgãos; pulmões, baço, figado, rins etc. Taes são, em resumido quadro, as alterações, que se observam, quando a molestia corre com rapido progresso.

A existencia de pus, ou outro qualquer signal d'inflamação, jámais se encontra em parte alguma da economia: apenas uma serosidade escura, ou levemente sanguinea, se acha derramada na cavidade do peritoneo; mas sem que este apresente signaes alguns d'inflamação. Este liquido encontra-se tambem em outras serosas. As analyses chimicas destroem a idéa dos que suppunham, que este liquido era o resultado d'uma metastase leitosa. (Pujot, Levret, Bordeu). É alcalino, e dotado de propriedades irritantes, e as partes solidas, que 'nelle se encontram, são uma mistura de fibrina, e albumina.

O apparecimento do pus em pontos diversos tem logar somente quando a doença se prolonga. A cavidade peritoneal, a da pleura, os musculos, as articulações, os vasos venosos do utero, os seus lymphaticos, o proprio tecido uterino, as trompas, os ovarios, são as



multiplicadas sêdes dos derrames purulentos, resultado de diversas phlegmasias, que pelo decurso da molestia se podem desenvolver, e que terminam pela suppuração.

A peritonite e uma das affecções locais mais frequentes (Gardieu, Gasc, Tonnellé, Hugener). Geral ou limitada no peritoneo, que cobre o utero, e os órgãos da pequena bacia, é quasi sempre complicada com inflamação no utero, constituindo a metro-peritonite. Os signaes d'inflamação do peritoneo estendem-se desde a simples injeção d'este órgão, até a formação de novas membranas, e derrames purulentos. Bidault, e Arnould encontraram os ovarios volumosos, amollecidos, e infiltrados de pus.

Os signaes necroscopicos da inflamação podem estender-se a todo o tecido uterino, ou limitar-se simplesmente a alguns dos seus elementos anatomicos: as veias, e os lymphaticos acham-se frequentemente inflamados sem que o resto do tecido uterino esteja lesado. Cruveilhier cita casos de febre puerperal, em que somente os lymphaticos appareceram affectados. Botrel notou que na epidemia de Rennes em 1842 e 1844 esta modificação era mui frequente, em opposição com o que se havia observado na epidemia, que se desenvolvera na clinica de Paris no anno de 1838. Os lymphaticos inflamados, e em suppuração appresentam grande augmento de volume, e dilatações no seu trajecto; o collo e partes lateraes do utero, a superficie dos ligamentos largos e os ovarios, são os pontos mais frequentemente affectados. Porém, ás vezes estende-se aos ganglios, que circumdam o systema de Pecquet. Velpeau, Nodat, Tonnellé, Duplay dizem haver encontrado pus no canal thoracico.

Além d'estas alterações ha outras accessorias, e existentes em diversos pontos da economia. As mais frequentes são: derrames purulentos na cavidade das pleuras, e nas synovias articulares; abscessos pequenos, e multiplos na espessura dos musculos, nos seus involucros cellulosos, e nas articulações; pneumonias lobulares, abscessos do pulmão, do fígado, do baço, dos rins; infiltração de pus na pia mater, e na substancia cerebral, são phenomenos não mui raros na affecção de que nos occupamos, e que não são a consequencia da absorção de pus á superficie do utero, e seu deposito *directo* nos pontos onde se manifestam os abscessos, sem que préviamente ali houvesse um processo inflammatorio, e a formação da membrana pyogenica. Como consequencia d'um estado geral da economia, de condições, que fazem desenvolver inflammções suppurativas 'nestes diversos pontos, se devem elles considerar.

Para completarmos esta parte importante da febre puerperal, diremos, que ha casos em que não é possivel descobrir a mais pequena

alteração anatomica na parte solida da economia. Landouzy assim o observou.

O canal intestinal, e as materias 'nelle contidas, tambem algumas vezes se resentem. Os folliculos de Brunner acham-se mais desenvolvidos; as placas de Peyer com alguma inflamação; os contentos intestinaes corados de bile; o canal intestinal nimiamente distendido por gases.

Pela anatomia pathologica não se pôde dizer que a metro-peritonite, ou a phlebite uterina, sejam estados constantes da febre puerperal. Muitas vezes a necroscopia nada nos diz ácerca da existencia de phlegmasias.

O amollecimento do utero, de per si só não é indicio d'inflamação, se não houverem conjunctamente focos purulentos. A inflamação, antes do periodo da suppuração, produz o endurecimento, e não o amollecimento do órgão, em consequencia da coagulação da lymphá plastica, que se extravasa, e se derrama nos intersticios das fibras musculares do utero. O amollecimento é effeito de causas diversas. Não é só a inflamação, que o produz. Alterações hematologicas, modificando a nutrição do órgão, podem fazer-lhe experimentar modificações taes, que se siga o amollecimento. Isto succede muitas vezes na febre puerperal. O utero e outros órgãos encontram-se amollecidos sem que haja o menor indicio d'inflamação.

Como corollario do que havemos dicto, podemos estabelecer as seguintes leis:

1.<sup>a</sup> A inflamação do peritoneo, do utero, e dos seus vasos venosos não é lesão constante na febre puerperal. Quando existe, é ordinariamente acompanhada de focos purulentos 'noutros pontos da economia, os quaes tambem podem existir só.

2.<sup>a</sup> Lesões variadas acompanham a febre puerperal. São mais constantes a fluidez do sangue, e o amollecimento dos diversos órgãos.

3.<sup>a</sup> Ás vezes nota-se a ausencia completa de lesões na parte solida da economia.

4.<sup>a</sup> O amollecimento dos diversos órgãos nem sempre é devido a um estado phlegmasico.

*Continúa.*

F. A. ALVES.

## NOTICIARIO.

**Levadura artificial.** — M. Ludewig, húngaro, descobriu uma levadura artificial d'effeito constante, de facil emprego, e d'um preço muito menor, por consequencia muito preferivel a todos os respeito á levadura de cerveja, podendo substituir esta em todos os empregos, e libertando assim muitos paizes do tributo que 'neste genero pagam á Inglaterra e Hollanda.

O novo fermento é extraído da cevada, dos feijões e favas, depois de germinadas. O inventor foi a Paris, para confirmar e realizar as suas experiências; e a applicação do novo fermento ao fabrico do pão tem sido coroada de bons resultados.

**O jornalismo no mar.**— Ha pouco tempo annunciou-se, que um prelo devia funcionar diariamente a bordo do *Great-Eastern*, e que este colossal navio teria um jornal especial, vendido por 3 pences cada numero.

O *Great-Eastern-Chronicle* será portanto uma folha original; não circulará por todo o mundo, como os outros jornaes, mas viverá apenas dentro do navio, e em tão limitado espaço achará variado alimento para os seus artigos, para os seus folhetins, para as suas noticias diversas e para os seus annuncios.

**Agulha de fazer meia, encontrada no fígado.**— Fez-se esta observação em uma mulher, que morreu no hospital S. Jorge de Leipzig. O fragmento da agulha tinha trez pollegadas de comprimento, e appareceu muito enferrujada. Não se descobriram signaes alguns de ferida, nem nos tegumentos do abdomen, nem no estomago, nem no proprio fígado. A familia da doente não deu esclarecimentos. Presume-se, que o pedaço da agulha foi engolido pela mulher, e que percorreu tantos tecidos, sem provocar accidentes na sua passagem.

## EXPEDIENTE.

Dedicada ao Instituto, recebemos do nosso distincto consocio o sr. João de Lemos, a sua mimosa comedia original — *Um susto feliz* — publicada na collecção do THEATRO MODERNO.

Agradecendo a offerta, o Instituto balda-se a encomios, e não sem razão, por isso que já pelo público é gostado este trabalho do illustre poeta, para ter a esperança de ser colhida por novos sustos egualmente felizes.

## RELAÇÃO

*Das individuos nomeados para os seguintes logares de instrução publica desde o dia 1.º até ao fim de fevreiro ultimo, por despachos do Conselho Superior d'instrução publica, e decretos d'governo communicados ao mesmo conselho no indicado periodo.*

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

Guilherme d'Abreu Macedo, para Professor temporario da cadeira de Canhas, districto do Funchal.

Mariano Antonio de Carvalho, para dicto das Entradas, no de Beja.

Antonio Pereira Cortez, para dicto de Sernande, no do Porto.

Avelino José de Campos, para dicto de Ribeira de Soz, no de Braga.

Luiz da Cunha Coelho de Barbosa, para dicto de S. Vicente do Pinheiro, no do Porto.

Pedro Leite, para dicto de Muzellos, no d'Aveiro.

Antonio Lopes Ribeiro dos Santos, para dicto de Longa, Vizen.

Joaquim Antonio Saraiva Sampaio, para dicto de Bernellos, no da Guarda.

Antonio Caetano da Guerra, para dicto de S. João de Gafete, no de Portalegre.

Domingos Antonio Antunes, para dicto de Sobreposta, no de Braga.

João Antonio Soares, para dicto de Lebução, no de Villa Real.

José dos Santos Teixeira Botelho, para dicto da Villa do Redondo, no d'Eora.

Manuel José Soeiro Borges, para dicto de Sendim no de Vizen.

Manuel Marques Leite, para dicto de S. Vicente da Beira, no de Castello Branco.

Virginia do Carmo Trancoso, para mestra temporaria da cadeira de meninas da Villa de Vinhaes, no de Villa Real.

Bernardo José Rodrigues, para Professor vitalicio da cadeira da frequencia do Barreiro, por transferencia da de S. João do Monte, no de Vizen (Decreto de 10 de fevreiro ultimo).

Luiz Candido d'Araujo Guimarães, para Professor vitalicio da cadeira de Nave, no da Guarda. (Decreto dicto).

José Rodrigues Pereira Junior, para dicto de Sobreira Formosa, no de Castello Branco (Decreto dicto).

### INSTRUÇÃO SECUNDARIA.

Francisco Maria de Carvalho, para Professor vitalicio das cadeiras de Arithmetica e Geometria com applicação ás artes, e de Philosophia Racional e Moral, em curso biennal, da cidade de Lamego (Decreto de 17 dicto.)

Clemente Pereira Gomes de Carvalho, para Professor da 3.ª e 4.ª cadeiras do Lyceu Nacional d'Aveiro (Decreto dicto).

João Oliveira Casquilho, para Professor vitalicio da cadeira de Latim de Thomar (Decreto de 10 dicto).

### INSTRUÇÃO SUPERIOR.

João Mendes Arnaut, para o logar de Lente Proprietario da nova cadeira da Eschola Medica Cirurgica de Lisboa. (Decreto de 3 dicto).

## AVISO DA ADMINISTRAÇÃO.

*Com o seguinte numero termina o 6.º anno d'esta publicação.*

A Administração continuará a remetter o INSTITUTO aos srs. assignantes que em tempo competente não mandarem recogar suas assignaturas, rogando aos que estão em atraso, que satisfazam a importancia decidida, antes de começar o novo anno d'este jornal.

*Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á redacção do INSTITUTO.*

Preço da assignatura { por anno . . 1\$440  
                                  { por semestre 800

# Instituto,

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

## AGRICULTURA.

### RELATORIO DA SOCIEDADE AGRICOLA

DO

### DISTRICTO DE COIMBRA.

Continuado de pag. 268.

#### 2.<sup>a</sup> SECÇÃO.

#### *Mattas e florestas.*

Bem limitados esclarecimentos pôde offerecer esta secção, porque muito escasas foram as informações, que pôde colher sobre o estado de cultura florestal 'neste districto.

A cultura das mattas e florestas no districto de Coimbra, está hoje muito abandonada. A destruição dos arvoredos caminha a passos largos; todos cortam, e poucos ou ninguém planta. São taes os effeitos d'esta devastação, que já começa a sentir-se a escassez de combustivel, e de madeiras de construção, devendo temer-se as mais fataes consequências em um futuro bem proximo.

Por toda a parte se observam estes tristes resultados, concorrendo para isto, não só a grande extensão, que se tem dado á cultura dos cereaes, das vinhas e oliveas, mas tambem o bom preço das lenhas, e o avultado consummo das madeiras, que annualmente se empregam nas construcções civis e navaes, o que tudo convida o lavrador a arrotear novos terrenos, e a sacrificar a cultura florestal aos interesses do commercio e d'outros ramos da industria agricola.

Na Figueira da Foz todos os annos se constroem muitos navios; e as madeiras empregadas, são pela maior parte fornecidas pelo districto de Coimbra, sendo tambem avultada a exportação de madeiras, que pela barra do Mondego se faz para portos nacionaes e estrangeiros.

As noticias, que esta secção pôde colher do estado de cultura das mattas e florestas nos respectivos concelhos, são as seguintes:

No concelho de Mira ha uma grande matta pública, tendo talvez trez leguas de circumferencia, consistindo a sua vegetação, quasi na totalidade, em pinheiros e camarinheiras ou urzes de camarinhas. Este ultimo fructo

é aproveitado na distillação para o fabrico d'agua ardente.

Ha muitos terrenos incultos, que se podiam aproveitar para plantação florestal, abundando principalmente os terrenos arenosos, que se torna urgente semear de pinhaes, para obstar á invasão das dunas, que ameaçam submergir tão populoso concelho, situado no littoral.

No concelho de Cantanhede, a excepção do pinhal da Tocha, que é matta publica e de dominio municipal, a cultura florestal pertence quasi na generalidade a particulares, constando pela maior parte de pinheiros bravos, e poucas vezes dos mansos.

A sementeira dos pinheiros faz-se, lavrando o terreno, semeando a granel, e cobrindo com a grade. Depois de crescidos os pinheiros, derramam-se e desbastam-se, a fim de melhor e em mais curto espaço de tempo se desenvolverem, e crescerem bem direitos.

No littoral d'este concelho existem terrenos públicos incultos, que muito convêm aproveitar com sementeiras de pinhaes, com o fim de impedir a invasão e destruição, pelas dunas, de terrenos particulares, que lhe ficam contiguos, e já destinados á cultura de cereaes.

Existem tambem varios pantanos, e terras alagadiças, que podem esgotar-se com a plantação d'arvoredos appropriados.

Alem do consummo dentro do concelho, é limitado o commercio das lenhas e madeiras. Não ha outros productos de cultura florestal; não ha medronheiros, nem cortiça.

No concelho de Montemor o Velho existem pequenas mattas e trez montados ou charnecas de logradouro commum, de grande extensão, nas freguezias de Pereira, Tentugal e Arazede. e cujo sólo é muito appropriado para a plantação de mattas e florestas.

O pinheiro é a arvore que pela maior parte povoa as mattas d'este concelho, estando esta cultura em estado lastimoso, havendo a maior devastação para aproveitar lenhas, e sendo de pouco valor o commercio de madeiras para construção.

Existem tambem dois grandes paúes, um em Sancto Varão, e outro em Pereira, tendo o primeiro mais de 150 geiras de extensão, e que podiam aproveitar-se com a plantação d'arvoredos.

No concelho da Figueira da Foz ha duas mattas, a nacional de Fôja, e a de Ceija; e alem d'estas o pinhal do povo no limite de Quiaios; as duas primeiras estão debaixo da vigilancia do administrador das mattas do reino; acham-se em bom estado de conservação, tendo grande valor principalmente a de Fôja; não obstante os grandes cortes, que em diversas occasiões ali se tem feito, e designadamente com applicação para as obras da foz do Mondego, assim no tempo em que a empresa fez as suas obras, como pela actual direcção das mesmas.

O pinhal do povo, que em 1846 foi completamente destruido, tem sido em parte agri-cultado. Era, porém, muito vantajoso, que alli se renovasse uma sementeira florestal em grande escala.

Equalmente ha 'neste concelho terrenos baldios, que poderiam, com grande vantagem, servir para sementeiras de pinheiros, principalmente no monte Cabo-Mondego, onde já 'noutro tempo existiu um bom pinhal. E em Lavos, perto do litoral, ha tambem bons terrenos que sementeados de pinhal, poderiam de futuro ser de grande utilidade nacional, e livrariam as povoações proximas da progressiva marcha das dunas, que de dia para dia vão cobrindo os terrenos cultivaveis.

No concelho de Condeixa ha algumas mattas e montados publicos e particulares, em regular estado de cultura e conservação. Os pinheiros e carvalhos são as arvores, que geralmente as povoam.

Alem dos mattos para estrumes, e lenhas, as mattas d'este concelho produzem muitas madeiras proprias para construcções, algumas das quaes são empregadas na Figueira da Foz para construcções navaes. Não se notam 'neste concelho pantanos e terras alagadiças.

No concelho de Soure contam-se algumas mattas publicas e particulares, soffrendo as primeiras grande estado de ruina, e as segundas sendo bem conservadas. Os carvalhos, sobreiros, e pinheiros são as arvores, que pela maior parte as povoam.

Ha tambem muitos terrenos publicos, ou municipaes incultos, e alguns pantanos particulares.

No concelho de Miranda do Corvo ha duas mattas particulares, uma no sitio de Tremoa, e outra no local de Fraldeu, mas muito deterioradas, porque o povo as devasta para cortar mattos e lenhas. A arborisação consta de carvalhos, sobreiros, medronheiros e castanheiros, sendo somente estas ultimas arvores as que são cultivadas, fazendo-se de dois em dois annos o necessario desbaste.

Estas mattas produzem, além das lenhas e madeiras, muita cortiça, castanha, e medronhos que são destillados para o fabrico d'agua ardente.

Os montados publicos são do dominio da camara, e servem para os povos 'nelles apascentarem os gados, e roçarem mattos para estrumes.

Ha muitos terrenos publicos e particulares incultos; mas não existem pantanos, ou terras alagadiças, a não ser uma pequena porção de terreno junto ao Vidual.

No concelho da Louzã ha extensos baldios, que ainda ha 24 annos eram povoados de espessas mattas de carvalhos, castanheiros, medronheiros e pinheiros. Hoje todos estes terrenos estão despovoados d'arvores, sentindo-se grande escassez de madeiras e lenhas. A causa d'este grande mal provém do pouco respeito, que ha á propriedade, porque o povo tem devastado as mattas das serras, e invadido e destruido os pinhaes particulares. Cumpre pois promover com efficacia as sementeiras e plantações, e executar com rigor as leis, que reprimem a devastação das arvores.

No concelho da Pampilhosa existem duas mattas publicas na freguezia de Cabril, uma denominada a do Bateco, e outra a do Cabril, a primeira composta de castanheiros, sobreiras, azinheiras, e medronheiros a que tambem chamam erva-deiros, e a segunda constando somente de azinheiras. Tambem na freguezia de Fajão ha uma matta publica, de pouca importancia, povoada principalmente de medronheiros e sobreiros. Além d'estas mattas ha alguns pinhaes, em geral insignificantes, do dominio particular.

'Neste concelho não ha pantanos, nem terras alagadiças, mas muitas serras incultas, que todas se podem aproveitar, arborisando-se.

Houve tempo em que 'neste concelho havia abundancia de madeira de castanho, sendo hoje muito rara. De lenhas ha abundancia.

No concelho d'Oliveira d'Hospital ha abundancia de mattas particulares, mas poucas publicas, e ambas em pessimo estado de conservação. Os pinheiros, carvalhos, castanheiros e medronheiros, são as arvores, que geralmente as povoam.

Em outro tempo havia grande exportação de madeiras d'este concelho, não só de pinheiro, mas de carvalho e castanheiro, mas hoje é muito limitada. Os medronhos vão sendo aproveitados para o fabrico d'agua ardente; mas esta industria é por ora em pequena escala, porque o povo derrota os medronheiros, para lenhas, e para arrotear os terrenos para a cultura dos cereaes.

Sente-se grande falta de lenha, porque pertencendo os pinhaes, pela maior parte a grandes proprietarios, estes têm grande cuidado na conservação dos pinheiros, que reservam para madeiras, vendendo somente os que o vento lança por terra.

Não ha 'neste concelho terrenos paludosos; mas ha grande porção de terra inculta, que

podia aproveitar-se para plantação de mattas e arvoredos.

No concelho de Taboa existem, uma bem cultivada matta particular, em Mouronho, pertencente a Luiz Antonio, outra que faz parte do passal do prior da freguezia de Taboa, e algumas outras menos importantes. As arvores, que mais as povoam, são os pinheiros, sobreiros, carvalhos e castanheiros.

D'este concelho, principalmente da freguezia de Mouronho, faz-se todos os annos grande exportação de madeiras e cortiça. Sente-se em geral falta de lenha.

Não ha pantanos, nem terras alagadiças; mas muitos terrenos incultos, publicos e particulares, que são aproveitados em pasto de gados, e rôço de mattos para estrumes, quando alias podiam arborisar-se.

No concelho de Penacova ha grandes porções de terrenos particulares arborisados pelos pinheiros, e tambem souts de castanheiros, de corte de 4 em 4 annos. A serra que se estende desde a cerca da matta do Bussaco até Penacova, está despovoada d'arvoredos, e serve para a pastagem de gados, convido muito arborisar a sua maior extensão, porque a isso se presta a natureza do terreno.

As lenhas e madeiras, tanto de pinheiros como de castanheiros são um producto importante d'este concelho.

Ha alguns medronheiros; mas só agora começa a ser aproveitado o seu fructo para agua ardente, porque de ordinario estas arvores são cortadas logo que servem para tapumes nas margens dos rios, e para empas de videiras.

Os sobreiros, carvalhos e outras arvores são em tão pequena quantidade, e tão pouco importantes, que não merecem especial menção. Não ha pantanos, nem terras alagadiças.

No concelho d'Arganil ha, na freguezia da Bemfeita, uma importante matta, chamada da Margaraça, pertencente á mitra de Coimbra, que tem pouco mais ou menos uma legua de circumferencia. Esta matta acha-se em máu estado de conservação, porque tem sido mal administrada.

Mattas particulares ha apenas duas dignas de se mencionar; uma na villa d'Arganil pertencente á casa de D. Maria Izabel de Mello, da quinta das Cannas em Coimbra, outra em Villa-Cova, na cerca do extincto convento, hoje pertencente a José Cupertino. Estes arvoredos estão em bom estado de conservação, porque têm sido constantemente vigiados por seus donos. As arvores, que mais povoam estas mattas, são carvalhos, sobreiros e castanheiros.

Existem muitos terrenos incultos tanto municipaes, como particulares, que muito convinha aproveitar com plantação de pinheiros, e outras arvores; porque apenas ha lenhas e madeiras sufficientes para o consumo dentro

do concelho, e não para exportar. Não ha terrenos pantanosos.

No concelho de Penella não ha mattas, nem montados publicos; mas só particulares, e em estado de decadencia. As arvores, que os povôam, são apenas carvalhos, sobreiros, medronheiros, havendo tambem alguns pinheiros, e souts de castanheiros. Existem algumas pequenas mattas de medronheiros, cujo fructo apenas no anno passado começou a aproveitar-se, e com bom resultado, para o fabrico d'agua ardente. Só a cortiça é que tem sido ha poucos annos exportada.

Ha tambem alguns terrenos publicos e particulares incultos, que poderiam uns arborisar-se, com carvalhos, sobreiros e castanheiros, e outros com pinheiros, porque vae escasseando a lenha e a madeira em algumas localidades do concelho. Não ha pantanos nem terras alagadiças.

No concelho de Coimbra os baldios de mais importancia estão situados nas freguezias de Botão e Souzellas, pertencendo ao dominio municipal.

Montados particulares ha muitos, em diferentes freguezias, constando a sua vegetação principalmente de tôjos e urzes de varias especies, e murta, que se criam expontaneamente.

De mattas particulares, abundam pinhaes, tanto de pinheiros bravos, como mansos; sendo as mattas de mais importancia, a d'Antanhol, pertencente ao Visconde de Maiorca, a de S. Jorge, dos herdeiros de José da Silva Carvalho, ambas compostas de pinheiros, carvalhos, sobreiros, folhados e medronheiros, situadas ao sul do Mondego; e ao norte, sobre o monte do Rol, a matta de Ferreira Pintos Bastos, composta quasi toda de pinheiros mansos, e nos aros de Coimbra a floresta, pertencente aos mesmos donos, composta de choupos, que se calculam no numero de 60 mil pés.

Ha uma importante, e rendosa matta nacional, administrada pelo director das obras publicas do districto, na margem direita do rio, proximo á cidade, composta de choupos, salgueiros, freixos e vimeiros.

Em geral o estado das mattas é máu, não só pelos máus systemas de cultura, porque a limpeza ou decote é feito nos mezes de agosto e setembro por empreitada, ou pelos mesmos compradores da rama, que pouco lhe importa poupar as arvores, mas pela devastação, que soffrem pelo daminho gado caprino, que abunda neste concelho, e pelo povo das aldeas.

Ha alguns pantanos e terras alagadiças de grande extensão, taes são o paúl da Arzila, ao sul do Mondego, e ao norte parte do campo da Siôga e Lavarrabos, que muito convinha arborisar, não só para interesse da agricultura, mas para beneficio da salubridade pública.

As lenhas e madeiras são pela maior parte consumidas dentro do concelho, vendendo-se para fora apenas algumas traves e outras madeiras de construção. A rama dos pinheiros tem grande consumo como combustível, e os matos para estumes.

À vista, portanto, de todas estas informações officiaes sobre o estado de cultura florestal no districto de Coimbra, esta secção propõe a necessidade de adoptar algumas medidas mais urgentes:

1.º Promover a plantação de pinhaes no littoral, para salvar da invasão das dunas ricos e férteis terrenos.

2.º Facilitar os aforamentos de terrenos areados e incultos, com a expressa condição de nelles se plantarem arvores.

3.º Sollicitar da direcção das obras publicas do districto a plantação de choupaes, e salgueiros nos areas dos campos do Mondego, no antigo alveo do rio, se por ventura não convier aproveitá-lo de novo para a navegação, e nos terrenos paludosos.

4.º Obrigar as camaras municipaes a ter viveiros d'arvores, e a promover annualmente as plantações dos baldios.

5.º Requerer ao governo a publicação do Codigo florestal, e todas as medidas, que assegurem a policia rural e mantenham o respeito á propriedade.

6.º Encarregar uma commissão de visitar os concelhos do districto, para examinar o estado de cultura das mattas e florestas, e colher dados mais certos, e imparciaes, do que os subministrados pelas auctoridades locais e comissões filiaes.

Com estas e outras providencias, julga esta secção, que pôde animar-se, como convem, a cultura florestal no districto de Coimbra, e tirar d'este ramo agricola os productos e riquezas de que é susceptivel esta parte da arboricultura.

*Continúa.*

## RELATORIO

**Da direcção da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, apresentado á assembleia geral dos accionistas no 1.º de janeiro de 1858.**

A Direcção da Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, seguindo, neste relatório, a ordem que adoptou no relatório antecedente, vai occupar-se em primeiro lugar do serviço dos banhos, tratando seguidamente da estatística medica, obras do Estabelecimento, e contas da Sociedade.

### *Serviço dos banhos.*

Um medico, director do estabelecimento, um banheiro com serventes, e um fogueiro

da machina de vapor, foram os empregados, que desempenharam o serviço dos banhos, na conformidade do ultimo regulamento adoptado pela assembleia geral dos accionistas, em sessão de 19 de maio de 1857.

Além das 6 banheiras, que já o anno passado forneciam banhos de temperatura artificial, estendeu-se a canalisação do vapor a mais 4 banheiras; e, d'este modo, acudiu-se com mais promptidão ao serviço dos banhos d'esta qualidade. A policia do estabelecimento correu com regularidade; e só em algumas semanas de maior affluencia de banhistas, principalmente no mez de julho, é que se notou alguma confusão no serviço dos banhos.

A sala do Estabelecimento destinada, no plano da obra, para casa de descanso, jogo e leitura, continuou servindo para reuniões de musica e dausa, á falta d'outras casas da povoação, que offerecessem mais commodidades a estas distrações. Mas nem a casa pôde prestar-se a um serviço regular de taes reuniões, porque não foi esse o seu destino quando se construiu, nem o actual quadro dos empregados pôde acumular o serviço dos banhos com um serviço regular e decente d'aquelles saraus. A direcção reconhece a benéfica influencia de taes divertimentos 'numa quadra de banhos, e já teve o pensamento de promover a construção d'outro andar no edificio, onde podessem arranjar-se casas de bilhar e loja de bebidas independentes das salas de baile e jogo; mas, em quanto a falta de meios não permitir estes melhoramentos, a direcção é de parecer que, a não se prohibirem aquelles saraus na casa actual, ao menos se faça conhecer que esta sala não têm aquelle destino, e que se os assignantes, por sua espontaneidade, alli se quizerem reunir, não deverão estranhar que lhes falem as commodidades e o serviço d'uma casa de baile.

Em todo o caso parece á direcção que, para se occorrer com alguma regularidade ao mais essencial de todo o serviço do Estabelecimento, conviria a nomeação d'outro empregado, que podesse substituir o banheiro e o fogueiro nos seus impedimentos, e que os podesse revezar nas epochas de maior aperto de trabalho, quando aos dois empregados, para se conservarem no seu posto, não lhes cresce o tempo indispensavel ao repouso diario.

Ao medico director, para que podesse permanecer no Estabelecimento com maior assiduidade, parece que devera dar-se melhor gratificação do que os 100\$000 réis que até aqui têm percebido.

A nova direcção, medindo as forças do Estabelecimento, fará a este respeito, as propostas que julgar acertadas.

### *Estatística medica.*

A escripturação do livro do registo, incumbida no ultimo regulamento ao medico dire-

ctor, fez-se este anno com mais regularidade, e pôde offerecer melhor base para a organização da estatística medica. Não podemos ainda felicitar-nos com uma estatística do Estabelecimento de Luso, como era para desejar; mas achamol-a mais aperfeiçoada do que a do anno passado, e é de crer que a prática dos annos seguintes lhe vá trazendo melhoramentos progressivos.

O medico director, como todos os directores dos Estabelecimentos d'esta ordem, encontra difficuldades em obter de alguns banhistas a confissão exacta dos seus padecimentos; e não pôde averiguar o resultado dos banhos em muitos individuos, que sahem de Luso sem que o director o presinta; sendo lhe ainda mais difficil colher estes dados, quando o effeito dos banhos se manifesta algum tempo depois de ter passado aquella epocha.

Na designação das molestias cutaneas, continuou a seguir-se a classificação do Ensaio Dermosgraphico do sr. Bernardino Antonio

Gomes; e, para as molestias internas, tambem se adoptou a classificação do compendio de pathologia interna da Universidade.

*Movimento dos banhistas.* — Matricularam-se no livro do registo 1361 banhistas sendo 623 do sexo masculino, e 738 do sexo feminino. Entraram neste numero 160 banhistas pobres, a quem se deram banhos gratuitos; sendo 49 do sexo masculino e 111 do sexo feminino. Dos 1361 banhistas, ficaram 8 sem observação, 304 tomaram banhos de limpeza e 1049 accusaram as molestias mencionadas na estatística.

Pondo de parte algumas senhas, que poderiam têr-se extraviado na mão dos banhistas; e, contando o numero de banhos pelo numero de senhas que se distribuiram, achamos que se tomaram 27459 banhos, os quaes, divididos pelos 1361 banhistas, dão 20 banhos a cada banhista. D'estes 27459 banhos foram 21403 de temperatura natural e 6056 de temperatura artificial.

#### Estatística medica dos banhos de Luso, em 1857.

MOLESTIAS	Total dos banhistas	SEXOS		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhorados	No mesmo estado	Resultado desconhecido
Papulas . . . . .	1	»	1	»	1	»	»
Fogagem . . . . .	61	30	31	6	26	29	»
Cocceia . . . . .	25	5	20	3	11	2	9
Lepra . . . . .	6	3	3	»	4	2	»
Psoríase ou erupção psorica . . . . .	51	19	32	»	17	11	23
Ragades anonimae ou psoríase palmaria . . . . .	7	»	7	»	1	1	5
Pityriase . . . . .	1	»	1	»	»	»	1
Caspa . . . . .	5	3	2	»	1	»	4
Ichtyose ou pelle de peixe . . . . .	5	1	4	»	4	1	»
Maculas . . . . .	14	5	9	»	4	5	5
Ephelides . . . . .	22	17	5	4	7	»	11
Sardas . . . . .	1	»	1	»	»	1	»
Morphea branca . . . . .	10	4	6	»	1	4	5
Bortoeja . . . . .	12	1	11	5	2	5	»
Tabardilho . . . . .	1	1	»	»	»	»	1
Erysipela . . . . .	21	6	15	5	8	2	6
Vesiculas . . . . .	2	2	»	»	2	»	»
Herpes . . . . .	265	127	138	6	127	11	121
Pustulas . . . . .	28	16	12	4	18	2	4
Empigens . . . . .	216	94	122	28	97	4	87
Ozagre . . . . .	9	5	4	»	8	»	1
Tinha . . . . .	3	2	1	»	1	1	1
Sarna . . . . .	4	1	3	»	2	1	1
Tuberculos . . . . .	8	4	4	»	6	1	1
Sarabulhos ou gotarrozada . . . . .	1	»	1	»	1	»	»
Sycose ou figos . . . . .	1	1	»	»	1	»	»
Elephantíase dos gregos . . . . .	24	13	11	»	3	9	12
Elephantíase dos arabes . . . . .	7	2	5	»	»	5	2
	811	362	449	61	353	97	300

MOLESTIAS	Total dos ba- nhistas	SEXOS		RESULTADO DA MOLESTIA DEPOIS DOS BANHOS			
		Masculino	Feminino	Curados	Melhora- dos	No mesmo estado	Resultado desconhe- cido
Transporte . . . . .	811	362	449	61	397	97	300
Gastrite chronica . . . . .	5	2	3	"	"	1	4
Enterite chronica . . . . .	16	3	13	"	6	"	10
Ophtalmia aguda . . . . .	2	1	1	2	"	"	"
Ophtalmia chronica . . . . .	52	16	36	6	31	6	9
Otite . . . . .	1	"	1	"	1	"	"
Rheumatismo articular agudo . . . . .	2	"	2	"	1	"	1
Rheumatismo articular chronico . . . . .	60	24	36	5	20	4	31
Rheumatismo articular chronico — herpes . . . . .	1	1	"	"	"	"	1
Rheumatismo articular chronico — empigens . . . . .	3	1	2	1	"	1	1
Rheumatismo articular chronico — surdez . . . . .	1	"	1	"	1	"	"
Rheumatismo articular chronico — hemorrhoidas . . . . .	3	2	1	"	1	"	2
Sciatica . . . . .	1	1	"	"	1	"	"
Bronchite chronica . . . . .	1	1	"	"	"	"	1
Nevroses . . . . .	1	"	1	"	"	"	1
Epilepsia . . . . .	3	2	1	"	"	"	3
Paralysis incompleta das extremi- dades inferiores . . . . .	5	4	1	"	"	"	5
Surdez . . . . .	1	"	1	"	"	"	1
Edemacia das extremidades inferiores	3	2	1	"	"	1	2
Hemorrhoidas . . . . .	32	25	7	"	13	7	12
Furunculo . . . . .	8	4	4	"	4	2	2
Ulcera . . . . .	28	20	8	"	9	10	9
Espinha ventosa . . . . .	2	2	"	"	"	1	1
Escrophulas . . . . .	5	1	2	"	"	"	3
Obstrucção do baco . . . . .	1	"	1	"	1	"	"
Callo da uretra . . . . .	1	1	"	"	"	"	1
Fistula do peito . . . . .	1	1	"	"	"	"	1
Varizes . . . . .	1	"	1	"	"	"	1
Pessoas que tomaram banhos com lins hygienicos . . . . .	304	146	158	"	"	"	304
Pessoas que tomaram banhos sem motivo averiguado . . . . .	8	1	7	"	"	"	8
	1361	623	738	75	442	130	714

## Obras.

Além da mencionada canalisação do vapor para quatro banheiras, não se fez em todo o anno mais nenhuma obra no Estabelecimento, que não possa considerar-se como simples reparos. O alcance de 1:203\$750 (703\$750 rs. de adiantamento da thesouraria e 500\$000 rs. de emprestimo), que appareceu, o anno passado, nas contas da sociedade; e o estado do Estabelecimento, que já permittia a regularidade precisa no que ha de mais essencial no serviço dos banhos, levaram a direcção a suspender as obras, contando que a emissão das acções, que ainda havia, e o futuro rendimento dos banhos iriam amortisando toda a divida, e dariam sobras com que se podesse

concluir o edificio em poucos annos. E com effeito, pelas contas, que a direcção hoje apresenta, vê-se-ha a possibilidade de se conseguir este resultado só com o rendimento da proxima quadra de banhos.

## Contas.

Do Relatorio do anno passado, vê-se que, até ao 1.º de janeiro de 1857, se tinha recebido das acções emitidas 4:632\$500 rs.; e, tendo-se recebido desde então até hoje 1:330\$000 rs., restam por cobrar 37\$500 rs. para se perfazer a conta dos 6:000\$000 rs., importancia das 600 acções, que se passaram, e cuja emissão se achava competentemente auctorizada.



Renderam os banhos .....	774\$040
As assignaturas da sala ... ..	152\$000
Os baralhos de cartas vendidos, incluindo 10\$820 rs. pertencen- tes ao anno de 1856, que não figuraram na conta d'a- quelle anno .....	39\$930
<b>Todo o Estabelecimento.... réis</b>	<b>965\$970</b>

A quantia de 774\$040 rs., rendimento dos banhos, compõe-se das seguintes parcelas.

Producto das taxas de 1:802 se- nhas para banhos de tempera- tura natural de $\frac{1}{2}$ hora, a 20 rs. cada uma .....	236\$040
Producto das taxas de 6057 se- nhas para banhos de tempera- tura natural de $\frac{1}{4}$ de hora, a 40 rs. cada uma .....	242\$280
Producto das taxas de 2212 se- nhas para banhos de tempera- tura artificial de - hora, a 40 rs cada um .....	88\$480
Producta das taxas de 3454 se- nhas para banhos de tempera- tura artificial de $\frac{1}{2}$ de hora, a 60 rs. cada um .....	207\$240
	<b>774\$040</b>

Além d'estas senhas para banhos pagos, que foram compradas por 1201 banhistas, distribuiram-se mais a 160 banhistas pobres 3934 senhas, sendo 3544 para banhos de temperatura natural, e 390 para banhos de temperatura artificial. D'onde se vê o numero de 1361 banhistas e de 27459 banhos mencionados no *movimento dos banhistas*.

Segue-se o resumo de contas relativas á gerencia do anno, que hoje findou.

#### *Resumo de contas do anno de 1857.*

A sociedade dos banhos de Luso em conta corrente com o seu thesoureiro Francisco José Gonçalves de Lemos.

	<b>Deve</b>
Pelo alcance do anno de 1856..	703\$750
Pagos aos empregados e serven- tes (documentos n.º 1 a 23)..	213\$780
Canalisação do vapor e reparos no edificio (docum. n.º 1 a 18) 152\$885	192\$280
Combustivel para a ma- china de vapor .... 39\$395	
Utensilios e illuminação (docu- mentos n.º 1 e 2) .....	57\$290
Varias despesas (documentos n.º 1 a 32) .....	115\$105
Juros de 363 acções .....	181\$500
Juros de empréstimos á socieda- de (documentos n.º 1 a 3) ..	70\$350
Pagos a Francisco da Silva e Oli- veira de emprestimo á socie- dade por uma letra .....	500\$000

Idem ao mesmo por ou- tra letra .....	450\$000
Juro abonado por ser paga antes do ven- cimento .....	1\$650
<b>Saldo a favor da sociedade ....</b>	<b>263\$563</b>
	<b>2:745\$970</b>

Recebido de acções, que se emit- tiram .....	<b>Haver</b> 1:330\$000
Producto dos banhos .....	774\$040
Idem das assignaturas da sala..	152\$000
Idem da venda de baralhos de cartas, incluindo 10\$820 rs. pertencentes ao anno de 1856 que não figuraram na conta d'aquelle anno .....	39\$930
Empréstimo feito á sociedade por Francisco da Silva e Oliveira..	450\$000
	<b>2:745\$970</b>

*N.B.* Fica em divida activa, por atraso de cobrança de acções emitidas, 37\$500 rs.; e de divida passiva, juros de acções que se acham por pagar relativos ao anno de 1856, — 30\$500 réis.

Coimbra 31 de janeiro de 1858. — O thesoureiro, Francisco José Gonçalves de Lemos.

Os abaixo assignados, nomeados pela assemblêa geral para examinar as contas da receita e despeza do rendimento dos banhos de Luso no anno proximo findo de 1857, e resumidos 'nesta conta pelo digno thesoureiro o Ill.º sr. Francisco José Gonçalves de Lemos, declaramos que procedemos ao exame competente, e em tudo as achámos conformes e na melhor ordem, sendo digno de especial menção o referido thesoureiro. Coimbra, 27 de fevereiro de 1858. — Francisco de Sousa Araújo — Manuel dos Santos Junior — Antonio Maria de Sousa Bastos.

Está conforme. — O Secretario da Direcção, Antonio Augusto da Costa Simões.

#### **PRELEÇÕES DE DIREITO PUBLICO INTERNO DE PORTUGAL**

QUE FEZ

Ricardo Raymundo Nogueira

NO ANNO ELECTIVO DE 1795 A 1796.

#### **PARTE 1.ª**

#### **Da fórma e constituição do Imperio Portuguez.**

Continuado de pag. 260.

#### **CAPITULO V.**

*Continua-se a demonstração principiada  
no capitulo III.*

II. *É verosimil que o supremo imperio de Portugal, que o conde D. Henrique possuia quando morreu D. Afonso VI, lhe fosse concedido logo na occasião de seu casamento.*

É esta a segunda proposição que, conforme

a divisão indicada, devemos provar. E para ella nos serve de base a primeira.

As provas terão sempre de conjectura, quaes se podem esperar em pontos tão antigos, e tão mal averiguados pelos contemporaneos.

Mas, como os argumentos dos contrarios são da mesma natureza, basta que a balança se incline a favor dos nossos, para julgarmos que elles devem ser preferidos aos que se lhes oppõe.

As provas, em que se funda a opinião que seguimos, são principalmente duas:

1.<sup>o</sup> Porque não se assigna outra alguma epocha em que houvesse tão forte motivo para se fazer a dicta doação, como na do casamento do conde D. Henrique.

2.<sup>o</sup> Porque não apparece monumento algum, que prove convenientemente, que o conde D. Henrique fôra sujeito a seu sogro depois do casamento.

### I. *Não ha epocha mais propria.*

Lembre-mos aqui outra vez do que já se tocou em outro lugar acerca da situação de Portugal por estes tempos.

Todo o terreno, que D. Afonso VI dava a seu genro (que era desde o Tejo até ao Minho, na opinião de alguns<sup>1</sup>, ou até dentro de Galiza, como outros querem), estava exposto ás invasões dos Mouros, com os quaes confinava pela maior parte de suas fronteiras, e para a sua conservação e defesa necessitava de ser governado por um capitão experimentado, capaz de conter os infieis, e de, 'nelles, fazer novas conquistas.

Portanto, é mui verosimil, por uma parte, que D. Afonso VI julgasse que convinha ao bem do Estado dar estas terras a um general, de cujo valor tinha tantas experiencias, para que elle as defendesse como suas proprias, e as procurasse ampliar, alargando os limites de seus Estados pelo terreno de que os Mouros ainda estavam senhores: e, pela outra, que o conde D. Henrique se não desse por satisfeito, se as terras, que lhe dava o sogro, sobre estarem expostas a uma guerra sangui-nolenta, e ser necessario defenderem-se dos Mouros com as armas na mão, ainda em cima ficassem sujeitas a Hespanha e se lhe não desse 'nellas o senhorio absoluto.

Além d'isto, D. Afonso VI havia recebido do conde serviços muito importantes, em cuja recompensa o casou com sua filha D. Thereza, e lhe deu em dote o reino de Portugal, seguindo 'nesta forma de divisão o exemplo de seu pae, D. Fernando o Grande, de que já fallámos.

Logo, é natural que lhe fizesse a doação ampla do mesmo modo que a havia feito D. Fernando: 1.<sup>o</sup> porque se verificava a mesma razão, pois que D. Afonso queria dotar sua

filha D. Thereza, assim como D. Fernando tinha querido acomodar seu filho D. Garcia, de cuja independencia pôde fazer-se argumento para a do nosso primeiro Soberano: 2.<sup>o</sup> por que no caso presente acrescisa o motivo de querer remunerar os serviços de D. Henrique.

### II. *Não ha monumento que prove a sujeição de Portugal depois d'esta epocha.*

Os que seguem a opinião contraria, allegam, a favor d'ella, duas escripturas antigas, das quaes contudo parece não se provar o que pretendem.

A primeira é uma carta que está no cartorio de Coimbra, na qual D. Afonso VI escreve a D. Henrique, dizendo que o bispo de Coimbra se lhe queixára de haver o conde dado a D. Cypriano certas terras que pertenciam ao seu mosteiro da Vacariça, e declara, que se effectivamente as deu, e pertencem ao dicto mosteiro, elle D. Afonso não auctorisa, nem auctorisará a doação, acabando por pedir ao conde, seu genro, que por seu amor ponha a direito e resolva a pretensão da Sé de Coimbra sobre o dicto mosteiro<sup>1</sup>.

D'aqui inferem que o conde D. Henrique reconhecia sujeição a D. Afonso VI; que os Portuguezes recorriam a este rei, como a seu soberano; e que elle dirigia ordens ao conde, como a seu inferior e dependente.

Mas, examinada bem a escriptura, vê-se que nada d'isto d'ella se prova.

Corria demanda entre o Bispo de Coimbra, e este D. Cypriano, acerca de um logar que o primeiro dizia pertencer á sua egreja, e o segundo pretendia, fosse seu, por lhe haver sido dado por D. Afonso VI.

Recorrem, pois, a este principe, não para que julgue a causa, mas para que declare, se com effeito fez a doação que se allega.

D. Afonso VI responde á supplica 'neste mesmo theor. Declara que não se lembra de ter feito semelhante doação, mas que, se effectivamente a fez, e a terra doada pertence ao bispo, a não auctorisa, nem auctorisará. i. é, não quer nem quererá nunca, que seja valiosa a doação, e se julga: legitima e autentica. E finalmente conclue pedindo ao conde, que tome conhecimento da causa e a decida.

Portanto, vê-se de todo o contexto da carta:

1.<sup>o</sup> que as partes recorreram a D. Afonso VI, não para que este sentenciasse a causa, mas para saberem, se existia a doação: 2.<sup>o</sup> que elle declarou o que havia 'neste ponto e qual fôra a sua intenção a respeito da dicta doação, se com effeito se provasse a sua existencia: 3.<sup>o</sup> que se absteve de passar a conhecer da causa, e reconheceu que a sua decisão

<sup>1</sup> Brandão copiou esta carta de um livro da Sé de Coimbra, e a traz na P. III da Mon. Lus., L. 8, cap. 9. Veja-se João Pinto Ribeiro *injust. succes. dos reis de Leão e Castella*. § 3, tom. II, p. 68.

<sup>1</sup> Brand., Mon. Lus., P. III, L. 8, cap. 19.

<sup>2</sup> Resend., Antiquit. Lus. IV, de *Orichiens. agro*.

pertencia ao conde D. Henrique, para quem remetteu os contendores.

Talvez a estas reflexões se possa acrescentar outra, a saber; 4.º que como 'nesta causa se tractava de apurar um facto, que tocava immediatamente com el-rei de Castella, e de julgar da justiça ou injustiça da doação, no caso que elle a tivesse feito, parece que o mesmo rei não cometteria nunca o conhecimento de similhante caso a outrem. se se persuadissemos que tinha auctoridade para o decidir por si mesmo.

Eis aqui a razão por que elle recommenda ao conde a decisão da dicta causa, pedindo-lhe, que, pelo amor que lhe tem, julgue e sentencie aquella controversia. *Vos quantum mihi bene quaeritis, causam de illa sede et de illis monasteriis indersentate illas*: expressão de que bem se infere que D. Afonso VI julgava a sua consciencia e justiça, interessadas, em certo modo, na sobredicta demanda.

O segundo documento, que se allega, é tirado do livro *fidei*, que se acha no cartorio da Sé de Braga e se refere á eleição de S. Giraldo, bispo d'aquella diocese. *Post cujus decessum* <sup>1</sup>, *clero et populo volentibus, nec non et archiepiscopo Toletano, et rege Aldephonso, comiteque Henrico simul concordantibus, Giraldu venerabilis monachus in episcopum praelectus est atque canonicè praelectus in Bracharensi cathedra solemniter est intronisatus* <sup>2</sup>.

D'aqui inferem que o nosso reino era sujeito á Hespanha, pois que o consentimento de D. Afonso fôra necessário para a eleição de S. Giraldo.

Responde Brandão <sup>3</sup>, que D. Afonso daria 'nesta occasião o seu consentimento, ou por estar então em Portugal <sup>4</sup> dando posse d'este reino ao conde D. Henrique (cujo casamento, na opinião do mesmo Brandão, foi em 1094), ou seria lanco de cortezia, de que usava o mesmo Conde, e mais, correndo entre elles amizade tão estreita, como se mostra da carta, de que acima fizemos menção.

Mas, de qualquer modo que isto fosse, sempre é evidente, que seria absurdo fazer argumento de um facto unico, e cujo verdadeiro motivo se ignora, para impugnar a independencia de Portugal na epocha, que lhe temos assignado.

A esta resposta, seja-me licito, acrescentar uma conjectura, fundada no que refere o mesmo Brandão <sup>5</sup>.

Diz elle, que, sendo instaurada a egreja de Braga por el-rei D. Sancho, filho de D. Fernando o Grande, depois que despojou seu irmão, D. Garcia, do senhorio de Portugal,

fôra eleito em bispo de Braga D. Pedro, o qual, cahindo depois na desgraça de D. Afonso VI, fôra excluido do bispado no anno de 1093, e constringido a recolher-se a um mosteiro, onde morrêra em 1095, tendo por successor a S. Giraldo.

Bem podia, pois, succeder, que D. Afonso VI, (a quem Portugal obedeceu até os fins do anno de 1094, ou principio de 1095 <sup>1</sup>), designasse S. Giraldo para bispo logo depois da deposição de seu antecessor, posto que ainda não estivesse canonicamente eleito; e que, verificando-se depois a eleição a tempo, que Portugal obedecia já ao Conde D. Henrique, dêsse isto occasião a declarar-se, no dicto livro, que ella fôra feita com unanime consentimento de ambos elles <sup>2</sup>.

De tudo o que fica dicto, parece estar demonstrado, que D. Afonso VI dera a soberania de Portugal ao conde D. Henrique na occasião, em que o casara com sua filha, pois que das provas, que havemos referido, consta: 1.º que Portugal já era independente ao tempo da morte de D. Afonso VI: 2.º que, discorrendo desde este tempo até o do casamento, se não descobre outra epocha, em que se possa assignar a independencia com tanta probabilidade, como na mesma occasião do casamento.

Estes mesmos argumentos nos servem para impugnar a opinião dos que fixam a epocha da soberania de nossos principes ou no nascimento de D. Afonso Henriques, ou na sua aclamação.

Mas, além d'isto, a opinião de Fr. Bernardo de Brito, que é o primeiro de nossos auctores, que estabelece a data da independencia no nascimento de D. Afonso Henriques, funda-se em duas escripturas, que ambas são anteriores ao dicto nascimento, em cujo tempo elle se enganou.

Persuadiu-se Brito, que D. Afonso Henriques nascera em 1094, e achando duas escripturas, uma de 1098, e outra de 1100, nas quaes se usa da expressão «*regnante Aldephonso rege in Tolet, in Colimbría comes Enricus*», entendeu que o nascimento d'aquelle principe dera principio á total separação de Portugal.

Porém, Fr. Antonio Brandão <sup>3</sup> prova com muitos monumentos antigos e combinações de chronologia, que o nascimento de D. Afonso Henriques fôra entre o anno de 1106, e o de 1110, e que no de 1094 apenas estava casado o Conde D. Henrique, pois se prova com argumentos de igual evidencia, que só pelo fim d'este anno se podia verificar o seu casamento.

<sup>1</sup> Isto é, depois da morte do bispo D. Pedro.

<sup>2</sup> Brand., Mon. Lus., P. III, L. 8, cap. 8.

<sup>3</sup> Loc. laud. cap. 9.

<sup>4</sup> Brand. refere esta carta aos fins do anno de 1095 ou principios de 1096, ibid. cap. 8 in fin.

<sup>5</sup> Mon. Lus., P. III, Liv. 8, cap. 5.

<sup>1</sup> Brand., Mon. Lus. P. III, Liv. 8, cap. 8.

<sup>2</sup> A razão por que no citado livro *fidei* se falla tambem da approvação do arcebispo de Toledo, é porque elle era legado apostolico; Brand. cit., L. 8, cap. 8 fin.

<sup>3</sup> Mon. Lus. P. III, L. 8, cap. 26.

São, pois, os referidos documentos anteriores á epocha do nascimento; e por conseguinte provam contra Brito, mostrando que Portugal já antes d'isso era independente, e favorecem a nossa opinião, levando a dicta independência aos primeiros annos do governo do Conde D. Henrique, i. e., ao de 1098.

*Continúa.*

## OS LUSIADAS.

**Tradução franceza**

DO

**DUQUE DE PALMELLA, D. PEDRO.**

*Continuado de pag. 187.*

*Episodio de Inez de Castro.*

*(Fragmento do Canto 3.º)*

1.º

Heureux et triomphant, chéri de la victoire,  
Alphonse de retour au sein de ses états,  
Se flatte que la paix assurera la gloire  
Dont il sut s'entourer au milieu des combats.  
Mais, hélas, en ce temps le brin de l'histoire,  
Par lequel les mortels survivent au trépas,  
A tracé les malheurs de cette infortunée  
Qui sortit du tombeau pour être couronnée.

2.

Toi seul, cruel Amour, tyran de notre sort,  
Arbitre des humains que ta puissance enchaîne,  
Toi seul et ta fureur l'ont livrée à la mort,  
Comme si sa faiblesse eût mérité ta haine!  
C'est en vain que nos pleurs coulent avec effort,  
Et rien ne peut suffire à ta soif inhumaine.  
Amour, cruel Amour, tu veux que tes autels  
Soient inondés du sang des malheureux mortels.

3.

Au sein d'un doux repos, brillante de jeunesse,  
Belle Inez, tu cueillais les fruits de ton printemps  
Dans cette erreur de l'âme, aveugle, enchanteresse,  
Que la fortune, hélas, n'épargne pas longtemps.  
Auprès du Mondégo, témoin de ta tendresse,  
Et dont tes pleurs encor grossissent les torrents,  
Tu répétas sans cesse aux monts, à la prairie,  
Le nom qui dans ton cœur fut gravé pour la vie.

4.

De ton prince en ce lieu le tendre souvenir  
À chaque instant du jour répondait à ta flamme;  
S'il s'éloigne de toi, son amoureux désir  
Lui rappelle en tous temps l'image qui l'enflamme;  
Les rêves de la nuit à ses yeux vont t'offrir;  
La clarté du soleil la retrace à son âme;  
Et ses pensers errants de la nuit et du jour  
Lui parlent de bonheur en lui parlant d'amour.

1. A numeração verdadeira d'estas oitavas, é outra; são ellas as 130 e seguintes do Canto 3.º O traductor, vertendo só este fragmento, adoptou outra numeração que nós conservámos por nos parecer que 'nisso não haveria inconveniente. (S. H.)

5.

Il rejette les vœux et le noble hyménée  
Des plus rares beautés et des filles des rois,  
Car, dès qu'un doux regard tient notre âme enchaînée,  
Amour, il n'est plus rien qui résiste à tes loix!  
Mais, hélas, au malheur sa vie est condamnée:  
Alphonse de son fils a repoussé le choix,  
Et la raison d'état et la voix populaire  
Confirment les dessins de ce vieillard sévère.

6.

Pour enlever le prince à l'objet de ses vœux  
À l'innocente Inez il veut ravir la vie.  
Le cruel dans son sang croit éteindre les feux  
De cet ardent amour dont leur âme est remplie.  
Quel transport a permis que le glaive fameux  
Qui repoussa toujours la puissante furie  
Des peuples du croissant puisse percer un cœur  
Qui n'a que sa faiblesse, hélas, pour défenseur?

7.

Déjà voyant Inez par ses bourreaux trainée  
Alphonse paraissait oublier sa fureur;  
Mais la foule du peuple aveugle et forcenée  
Par de lugubres cris l'excite à la rigueur.  
En ce instant fatal Inez infortunée  
Trouve encor des accents pour peindre sa douleur,  
Et, pleurant cet amant qui ne vit que pour elle  
Et les gages chéris de leur foi mutuelle,

8.

On la voit au milieu des bourreaux inhumains  
Élevant vers le ciel ses yeux baignés de larmes,  
Ses yeux.... (car les cruels par d'indignes liens  
Ont outragé déjà sa faiblesse et ses charmes);  
Rameur sur ses fils qu'elle voit orphelins,  
Des regards maternels, qui peignent ses alarmes,  
Et dans son désespoir étouffant ses sanglots  
À leur cruel aïeul elle adresse ces mots:

9.

« Si l'on a vu souvent ces animaux sauvages  
Dont l'instinct naturel est la férocité,  
Et les oiseaux cruels qui plongent des nuages  
Pour assouvir leur faim et leur rapacité,  
Oubliant leur fureur et leurs sanglants usages  
Secourir un enfant par leurs soins adonnés;  
S'ils ont de Romulus protégé la naissance  
Et si Sémiramis leur dut son existence,

10.

« Toi qui d'un être humain sembles avoir les traits  
Pourras-tu donc tuer une femme éperdue  
Dont le crime est d'avoir par d'innocents attrails  
Soumis à son amour celui qui l'a vaincue?  
Ah! respecte du moins la faiblesse et la paix  
De ces tristes enfants qui s'offrent à ta vue;  
Et puisse-je devoir à leur tendre douleur  
La pitié que n'a point inspiré mon malheur.

11.

« Et si ton bras vainqueur des guerriers d'Arabie  
Au milieu des combats sait répandre la mort,  
Que ta clémence aussi sache accorder la vie  
À celle dont l'amour sans doute est le seul tort.  
Si tu le veux, hélas, dans la froide Scythie  
Un éternel exil terminera mon sort;  
Ou j'irai jusqu'au fond de la Lybie ardente  
Achever dans les pleurs ma course languissante.

12.

« L'accent de mes douleurs pourra frapper les airs,  
 Au milieu des lions, des tigres de Lybie;  
 J'irai leur demander dans leurs affreux déserts  
 Cette douce pitié que ton âme a bannie;  
 Là j'irai consacrer à ces enfants si chers,  
 Fruits du plus tendre amour, les restes de ma vie.  
 Et je pourrai du moins libre dans mes soupirs  
 Garder à mon amour d'éternels souvenirs! »

13.

Le roi qu'elle attendrit, cédant à la clémence,  
 Veut en lui pardonnant la sauver du trépas,  
 Mais un destin fatal poursuivait l'innocente  
 Et le peuple en fureur ne lui pardonne pas.  
 Les cruels, qui d'Alphonse excitent la vengeance,  
 De glaives meurtriers arment déjà leurs bras.  
 Quelle féroce ardeur s'empare de votre âme  
 Indignes chevaliers, assassins d'une dame!

14.

C'est ainsi qu'immolant une jeune beauté,  
 Seul et dernier espoir de sa vicille mère,  
 L'implacable Pyrrhus par une atrocité,  
 Vengeait dans Ilion les mânes de son père.  
 La victime soumise au vainqueur irrité  
 S'avance en se livrant à son destin sévère.  
 Regarde Hécube encore qu'une extrême douleur  
 Prive du sentiment de ce dernier malheur.

15.

De même se livrant à leur féroce rage  
 Les meurtriers d'Inez déchirent en ce jour  
 Ce sein où les Amours, ivres de leur ouvrage,  
 Ont eux mêmes placé les chefs d'œuvres d'amour.  
 Ce ne sont plus des pleurs qui baignent le rivage,  
 Le sang rougit déjà les fleurs de ce séjour,  
 Et l'assassin ignore, en frappant la victime,  
 Que le jour n'est pas loin qui punira son crime.

16.

Soleil tu pourrais bien en ce jour de terreur  
 Refuser ta lumière à ce trépas funeste,  
 De même que jadis tu reculas d'horreur  
 À l'atroce festin du frère de Thyeste.  
 Solitaire témoin de cet affreux malheur,  
 L'écho de ses soupirs a recueilli le reste,  
 Et ces sombres vallons ont retenti longtemps  
 Du nom qu'elle invoquait en ses derniers instants.

17.

Comme une tendre fleur que l'avidie bergère  
 Arrache, à peine éclos, au souffle du Zéphyre,  
 Perd son parfum si doux, sa fraîcheur passagère,  
 Et périt sur le sein qu'elle dut embellir:  
 Telle de son printemps terminant la carrière,  
 On voit la jeune Inez à son dernier soupir,  
 Et déjà de son teint la rose s'est flétrie  
 Et son regard touchant s'éteint avec la vie.

18.

Aux bords du Mondégo, berceau de ses amours  
 Les naïades eu pleurs longtemps les célébrèrent;  
 Et près de ces rochers on voit couler toujours  
 La source qui naquit des pleurs qu'elles versèrent.  
 Un ruisseau transparent garde jusqu'à nos jours  
 Encore le nom d'Inez que leurs voix consacrèrent.  
 Vois ces bosquets touffus, ces rives, et ces fleurs,  
 Et sous le nom d'amour combien coulent de pleurs!

**Putrefacção.**— Transcrevemos aqui o extracto d'uma nota sobre a putrefacção a 25 graus abaixo de zero por Mr. F. L. Phipson.

« Estamos habituados a considerar a temperatura de 13 a 23 graus acima de zero como a mais favorável á manifestação das fermentações, da putrefacção, e outros phenomenos analogos. Mas estas alterações espontaneas dos corpos organicos, que parece não existem á temperatura zero, podem manifestar-se perfeitamente, segundo todas as apparencias, á temperatura de 20 graus centigrados, abaixo de zero, isto é, quando o frio é intensissimo. Foi isto comprovado na ultima viagem do Dr. Kame ao polo norte em procura de John Franklin durante os annos de 1833, 1834 e 1835. Parece que a carne de certos animaes, dos rennos por exemplo, não pôde servir d'alimento, depois d'uma curta exposição ao ar, cuja temperatura era—20 graus, por causa da rapida putrefacção que nella se estabeleceu. Os indigenas da Groenlandia consideram o frio extremo como muito favorável á putrefacção, e os Esquimaús têm por costume apenas acabam de matar os animaes tirar-lhes as visceras, substituindo-as por calhaus para preservarem a carne da decomposição.

Parece que estes factos podem depender, em parte, da condensação do ar, da sua riqueza em oxigenio a esta temperatura, extremamente baixa; e em parte de que o ozone pôde tornar-se estavel a um grão de frio consideravel. Com effeito 100 centimetros cubicos de ar a - 25 graus, e contendo 20 por 100 d'oxigenio em volume, reduzem-se a 84,5 centimetros cubicos á temperatura de—20 graus. Segue-se d'aqui, que sendo representada por 84,5 a quantidade d'oxigenio que 'num dado momento obra sobre a superficie d'um corpo qualquer a + 25 graus, a que obraria sobre a mesma superficie á temperatura de—20 graus pôde ser representada por 100. A acção do oxigenio a + 25 graus e a—10 graus está pois, relativamente á quantidade, na razão de 845:1000: razão que é ainda infinitamente grande, comparada com a que tem lugar, se o oxigenio estiver no estado d'ozone. Ora Mr. Phipson já mostrou 'noutra occasião' que quando o oxigenio reage sobre os corpos organicos, á temperatura ordinaria, está no estado d'ozone, e que a primeira phase de toda a alteração espontanea dos corpos organicos sob a influencia do ar, consiste na transformação em ozone do oxigenio da atmosphera. Ora o calor (75 a 200 graus), como é sabido, destroe o ozone, mas o frio, segundo as experiencias de Mr. Houzeau, parece favorável á sua existencia: assim é provavel que a 20 graus abaixo de zero o ozone seja estavel.»

<sup>1</sup> Comptes rendus — 3 de novembro 1856.

**Minas de prata do Mexico.**—Estas minas, que desde a conquista por Fernando Cortez até á expulsão dos espanhoes, em 1827, tinham produzido o valor total de 2:028:000:000 de dollars, têm continuado, depois d'esta ultima epocha, a dar productos cada vez mais consideraveis. Estas minas, cuja producção annual, era, termo medio, de 20 milhões de dollars, produziram em 1836 a somma de 40 milhões de dollars.

**Economia das sementeira das batatas.**—M. Meilheureux fez em França um ensaio, que produziu bom resultado; plantando apenas ou cascas da batata, obteve bons tuberculos, conservando porem completamente os olhos.

**Mulher com quatro mammas.**—Um exemplo d'este phenomeno foi recentemente observado no hospital da Caridade em Nova Orleans. Os peitos supplementares estão situados abaixo dos outros, duas pollegadas pouco mais ou menos. A mulher já teve sete filhos, e dá habitualmente de mamar em tres dos peitos, mas todos dão leite. M. Roberts já deu noticia de outros dous factos; duas mulheres, mãe e filha, possuindo cada uma tres peitos.

## ERRATAS

### AO N.º 8.

Depois de publicado o artigo começado na pag. 93 d'este volume do Instituto, reconheceu-se que a ommissão de um termo da 2.ª ordem no valor de  $\sin(v' - \alpha)$ , e outros erros commettidos do calculo do valor de  $z$  das pag. 94 e 95, tornaram errado o valor de  $z$ ; para o rectificar devem fazer-se as emendas seguintes:

Pag. Linh.

Emendas

94 21 Deve acrescentar-se o termo  

$$+ \frac{3}{4} e^{\omega} \sin 2(n\tau - \epsilon - \omega) \cos(n\tau + \epsilon - \omega).$$

» 24 Deve acrescentar-se  

$$+ \frac{3}{8} e^{\omega} \{ \sin(3n\tau + 3\epsilon - 2\omega - \alpha) + \sin(n\tau + \epsilon - 2\omega + \alpha) \}.$$

» 28 Deve omitir-se o 2.º termo dentro do parenthesis.

» 29 Deve omitir-se o coeficiente  $\frac{1}{4}$ .

95 4 O coeficiente do 1.º termo é  $-\frac{1}{2}$ ;  
 o do 2.º é  $+\frac{3}{8}$ ; e o do 3.º é  $-\frac{3}{8}$ .

» 5 Deve omitir-se o 1.º termo: o coeficiente do 2.º é  $-1$ .

Pag. Linh.

» 8 O coeficiente do 2.º termo é  $-1$ ;  
 e o do 3.º é  $-\frac{3}{4}$ .

» 9 O coeficiente do 1.º termo é  $-\frac{3}{4}$ ;  
 e o do 2.º é  $-2$ .

» 10 O coeficiente do 2.º termo é  $-1$ ;  
 e o do 2.º é  $+\frac{3}{4}$ .

» 11 O coeficiente do 1.º termo é  $-\frac{3}{4}$ ;  
 e o do 2.º é  $-2$ .

» 14 O signal fóra do parenthesis é  $+$ ; o  
 coeficiente do 1.º termo é  $\frac{3}{4}$ ; e o  
 do 2.º é  $-\frac{3}{4}$ ; deve omitir-se o  
 3.º termo.

» 15 O signal fóra do parenthesis é  $-$ ;  
 o coeficiente do 1.º termo é  $\frac{3}{4}$ ;  
 e o do 2.º é  $+\frac{3}{4}$ ; deve omitir-se o 3.º termo.

### AO N.º 22.

Pag.	Col.	Linh.	Erros	Emendas
207	1.ª	7	Graveau	Graveau
»	»	9	Phlegmaticas	Phlegmasias

### AO N.º 23.

Pag. Col. Linh.

287 1.ª 42 devem omitir-se as seguintes palavras: — As mais frequentes são:

## AVISO DA ADMINISTRAÇÃO.

Com este numero termina o 6.º anno d'esta publicação.

A Administração continuará a remetter o INSTITUTO aos srs. assignantes que em tempo competente não mandarem revogar suas assignaturas, rogando aos que estão em atrazo, que satisfaçam a importancia devida, antes de começar o novo anno d'este jornal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte á redacção do INSTITUTO.

Preço da assignatura { por anno . . 1\$440  
 { por semestre 800

